CHRONICA
DA
PROVINCIA
DA
PIEDADE,

PRIMEIRA CAPUCHA DE TODA
a Ordem, e Regular Obſervancia de noſſo
Serafico Padre S. Franciſco,

DEDICADA NA PRIMEIRA IMPRESSÃO
AO SERENISSIMO SENHOR
DOM JOÃO,
PRINCIPE DE PORTUGAL, E DUQUE
da Real Caſa de Bragança.

E NESTA SEGUNDA OFFERECIDA
A' MAGESTADE FIDELISSIMA DE
DOM JOSE' I.
NOSSO SENHOR,

COMPOSTA POR
FR. MANOEL DE MONFORTE,
PRE'GADOR, FILHO DA MESMA PROVINCIA.

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impreſſor do Santo Officio. Anno 1751.
Com as licenças neceſſarias.

RPJCB

SENHOR.

OS motivos, por que a Real clemencia do Augusto Pai de V. Magestade Fidelissima (sendo ainda

Principe) foi ſervida aceitar debaixo de ſeu ſoberano amparo a primeira impreſsão deſta Chronica da Provincia da Piedade, são os meſmos, ſe não maiores, para que V. Mageſtade Fideliſſima ſe digne por ſua Real benignidade proteger eſta reimpreſsão, que a meſma Provincia, ſegura nas heroicas, e inimitaveis virtudes de V. Mageſtade Fideliſſima, ſe anima humilde, e reverentemente dedicar-lhe. Expreſſar cada huma deſtas Regias virtudes, ou cada hum daquelles motivos ſeria tranſcender o ſagrado reſpeito, que ſe deve à ſua heroica moderação, e ao inſtituto da meſma Provincia, eſpecialmente ſendo humas, e outros tão notorias ao mundo. Conſerve Deos, e guarde muitos annos a Real Peſſoa de V. Mageſtade, como eſta ſua Provincia continuamente lhe pede, e eſte Reino, e toda a Chriſtandade neceſſita.

AO

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM JOÃO

PRINCIPE DE PORTUGAL,

E DUQUE DA REAL CASA DE BRAGANC,A, &c.

SERENISSIMO SENHOR.

NÃO terião confiança estes Escritos, assim pelo encolhido de seu Author, como pelo humilde de seu estylo, para voarem às mãos de V. Alteza, a não serem de huma Provincia, que logrou a dita de nascer em os braços dos Serenissimos Duques da sempre Real, e Augusta Casa de Bragança; mas esta dita, que a Provincia logra, lhes alenta a elles as encolhidas azas, para tão grande voo. Vemos em V. Alteza o titulo de Duque de Bragança unido ao de Principe de Portugal, que não he a primeira vez, que se vem germanados: [a] *e devendo a Provincia da Piedade todo o ser a esta Real Casa, sahir à luz a Chronica della, sem correr apôs este titulo, ou levar em a primeira folha inscripto outro nome, seria desdizer de seus principios, e accrescentar os erros da penna com o desacerto da Dedicatoria. Por onde caminhar esta limitada offerta em seguimento de tão excelsas Aras, quando a pudéra acovardar sua mesma pequenhez, mais he propensão natural, e divida precisa, que eleição livre, e obsequio voluntario. Repetidas memorias da grande piedade de seu Real Pai, e Serenissimos Avós poderá V. Alteza ler em esta Historia; e eu dizer o que em outra Dedicatoria Ovidio* [b] *ao seu Augusto:*

Sæpe tibi pater est, sæpe legendus avus.

[a] Infra lib. 2. c. 4. n. 1.

[b] Ovid. Fast. lib. 1.

Ape-

Apenas se achará folha neste Livro, onde se não leão os mimos, e favores, que aquelles Senhores nos fazião, e a grande devoção, com que nos amavão; pois todos com os estados herdavão esta de tal sorte, que veio a ficar como hereditaria. Teve ella principio no Excellentissimo Duque D. Jaime; porque entrando nossos primeiros Fundadores neste Reino em tempo, que este grande Principe governava os seus estados, como entendesse delles o fim, que os trazia a Portugal, que era fundarem huma Reforma, onde mais pobre, e austeramente vivessem, lhes prometteo seu favor, com estas affectuosas palavras: [c] Eu vos tomo à minha conta. *O que cumprio tão bem, que não só lhes deo Conventos, em que vivessem, e lhes estabeleceo Provincia, defendendo-os das muitas, e poderosas contradições, que tiverão; mas tambem os quiz acompanhar em a vida, que professavão, tomando entre elles o habito Capucho; resolução, que lhe estorvou ElRei D. Manoel seu tio, quando elle jà partia a polla* [d] *em effeito. Succedeo-lhe o Duque D. Theodosio primeiro do nome, que tambem o fora na devoção a esta Provincia, a poder exceder-se à do Duque seu pai: bem a mostrou em nos reparar huns Conventos, e fundar outros de novo: continuando-nos os favores, e mimos, com que tinha visto nos amparava seu estrenuo Progenitor, chegando a tanto o amor, com que nos venerava, que nos tomava os perdões* [e] *de joelhos. Mui parecido lhe foi o Duque D. João, tambem primeiro no nome, que sendo dado por hum voto feito a nosso Padre S. Francisco,* [f] *de tal sorte propendeo para a Provincia da Piedade, e tanto a estimou, que a numerava entre os seus bens. Assim o mostrou quando desposando-se com S. Alteza a Senhora Dona Catharina, e mandando-lhe hum papel, onde estavão por item todos os bens da Real Casa de Bragança, rematava em esta verba:* [g] Item he Padroeira esta Casa de Bragança da Provincia da Piedade. *Mas que direi daquelle exemplar de Principes, não menos no Catholico, que no politico, o Senhor D. Theodosio segundo, que nas balizas, onde chegou o amor, e devoção, com que nos tratava, puderamos escrever o que Hercules nas suas colunas:* Non plus ultra. *Assim olhava a Provincia da Piedade, que escrevendo em favor desta ao Geral da Ordem, dizia na carta, que quem lhe tocava em seus Frades,* [h] *lhe tocava em sua propria pessoa. Esta grande estimação mostrou tambem em a morte; porque outra nenhuma cousa encommendou tanto em seu testamento ao Duque seu filho, como a Provincia da Piedade. Nem sómente em testemunho do amor, que lhe tinha, quiz levar o seu habito à sepultura, senão tambem que pedio este ao Guardião do seu Convento* [i] *de Villa-Viçosa, com huma humildade verdadeiramente de Principe; sendo aquelle mesmo, que entrando*

[c] Lib. 1. c. 8. n. 3.

[d] Lib. 1. c. 10. n. 2.

[e] Lib. 3. c. 24. n. 4.

[f] Lib. 3. c. 25. n. 1.

[g] Chron. antig. na dedicat.

[h] Lib. 4. c. 21. n. 3.

[i] Lib. 4. c. 42. n. 11.

Filippe neste Reino, e convidando-o a que pedisse, se escusou de o fazer, achando que nem o Monarca tinha cousa, que lhe poder dar, nem a Real Casa de Bragança que pedir: huma, e outra cousa deo materia ao Author do Livro intitulado Lagrymas de Portugal, para este elegante epygramma: l

Sola Duci placuit centonibus horrida vestis,
 Hanc amat, hanc supplex, voce cadente, petit:
Hac jubet involvi gelidum post funera corpus,
 Moribus ut vestis concolor illa foret.
Dux pete, Rex inquit, cùm Lysia regna Philippus
 Ingreditur: gratum nil fuit ut peteret.
Nil à Rege petit, petit hanc à paupere vestem;
 Hanc aliquid, Reges credidit esse nihil.

[l Gaspar Pinto Correa l. 2. Poet. pag. 134.]

Este amor, que tinha a esta Provincia o obrigou a deixalla tão recommendada. Como se lhe encommendou, assim o cumprio o Duque D. João segundo seu filho, que depois foi o quarto dos Felicissimos Reis, que Portugal teve deste nome; cuja devoção foi tão grande, que nos não deixou palavras, com que a explicar; basta saber que quando fallava dos Religiosos da sua Provincia da Piedade, lhes chamava os seus Frades; m *e pelo nome de Frades delRei eramos conhecidos na Corte. Com o mesmo carinho, e affeição nos olha ao presente a Magestade delRei D. Pedro II. nosso Senhor, que Deos guarde, Pai de V. Alteza, pois estando o Convento de S. Vicente do Cabo tão apartado da Corte, là està, alèm de outros, sobre aquellas rochas, sendo pregoeiro de sua piedade.* n *Se pois he a Provincia da Piedade cousa tão propria da Real Casa de Bragança, a quem se havia de offerecer a Chronica della, senão a quem lhe renova a memoria daquella Real Casa? Sem duvida, ainda em caso, que a voz de toda a Provincia assim a não dedicára, ella por si mesma se offerecêra. V. Alteza a receba, e ampare; e eu lhe peço, concluindo com as palavras de Eneas ao Principe, e Menino Ascanio, que a exemplo de seus Serenissimos avôs, olhe a esta Provincia como a cousa sua:*

[m Lib. 5. c. 18. n. 3.]

[n Lib. 2. c. 21. n. 6.]

Tu facito mox, o cùm matura adoleverit ætas,
Sis memor, & te animo repetentem exempla tuorum,
Et Pater Æneas, & Avunculus excitet Hector.

[o Virgil. l. 12. Æneid.]

Guarde Deos a Serenissima Pessoa de V. Alteza como toda esta sua Provincia lhe pede, e o Reino ha de mister. Do Convento da Piedade de Villa-Viçosa, de Julho 23. de 1693.

Fr. Manoel de Monforte.

AO

AO LEITOR.

A Dous fins (benevolo Leitor) se ordenão os prologos em os livros: a pedir perdão de erros, e a dar razão da obra: e verdadeiramente te affirmo que a não me obrigar o segundo, não fizera prologo pelo primeiro. Não infiras daqui (que serás temerario no julgar) ser em mim presumpção este pensamento; e que o ter por escusado pedir perdão dos erros, nasça de os não imaginar em este livro: para o que deves advertir que por obediencia o escrevi; e quem escreve por obediencia, não estampa com presumpção; porque aonde a obediencia manda, como disse Chrysologo, [a] a presumpção não reina: *Præsumptio dicentis non est, ubi authoritas est jubentis.* Antes bem sei levará esta Chronica muitos erros, como parto de sujeito, qual o meu, tão limitado: assim o conheço, e com toda a humildade, e submissão assim to confesso. Com tudo julgo por escusado pedir-te delles perdão; antes não tenho visto cousa, em que peior se gaste o tempo; porque no de agora estão os leitores tão enfastiados de varia lição dos muitos livros, que já pela maior parte os não lem, senão por curiosidade, e divertimento; e assim se algum defeito nelles imaginão, o publicão nas ruas, e praças. E he isto cousa tão ordinaria, que já agora todos os que escrevem, na primeira folha costumão compor-se com os murmuradores, e tomar hum seguro delles, como quem pede salvo conduto para passar por terra de inimigos: e nem isso basta, porque lho não guardão, nem a humildade, que seu Author mostra no prologo, he poderosa para alcançar perdão do que talvez não he culpa. Pois se me não ha de valer confessar meu erro, para que he fazer prologo, em que me escuse? Faço-o porèm para te dar razão da obra.

[a] Chrysol. Serm. 70. in princ.

Primeiramente te advirto, que para ordenar esta Chronica, me vali de muitos Breves Apostolicos, Escrituras autenticas, instrumentos publicos, e varios Memoriaes da Provincia: huns guardados no arquivo della, outros dispersos pelos seus Conventos, que recolhi, ou trasladei, discorrendo por todos. Tambem me aproveitei em algumas cousas de testemunho de muitos Religiosos, a quem a idade, e a vida fazem dignos de todo o credito: em outras segui a tradição, que de huns a outros vai ficando; nem he esta de tão pouca authoridade, que se não valesse della o grande Basilio: [b] *Nos confitemur quod traditum accepimus.* E ainda S. João Chysostomo se dá com ella por tão satisfeito, que on-

[b] D. Basil. Magn. Ep. 37.

onde a tradição chega a exiſtir, nos não manda mais averiguar: [c] *Traditio eſt, nihil quæras amplius.* Valeo-me muito o que neſte particular havião jà trabalhado dous Religioſos deſta Provincia, Fr. Antonio de Sinde, e Fr. Manoel de Niza, aos quaes primeiramente foi entregue eſte cuidado, ainda que em nenhum delles chegou a ver a luz da eſtampa. Depois do primeiro livro, que ſómente trata dos muitos trabalhos, que padecêrão noſſos primitivos Padres em fundarem eſta Provincia, procedo de Provincial em Provincial, referindo em ſeu triennio as couſas mais notaveis, que nelles ſuccedêrão; fundações de Conventos; Religioſos, que acabárão com fama de ſantidade, individuando no que pude alcançar, o anno; e aqui eſteve o maior trabalho, que me tirou não poucas horas de ſono; porque encontrando em as mais noticias muitos deſcuidos, neſte particular achei maior falta; por onde em alguns ſucceſſos me não foi poſſivel apontar o anno fixo, antes me vi obrigado a valer-me de conjecturas, mas logo as eſcrevo por taes.

[c] D. Chryſ. Hom. 4 in 2 ad Theſſal.

No trabalho, que tive em averiguar antiguidades, me alentava muito para proſeguillo a conſideração de que a leitura deſta Chronica podia ſer de utilidade aos Religioſos da minha Provincia, todos os quaes deſejo tragão na memoria a muita virtude, e ſantidade de noſſos primitivos Padres, que à cuſta de tantos trabalhos a fundárão em tanta perfeição de vida, para que aſſim aſpirem à meſma; que eſta força tem o exemplo. De ſi dizia Themiſtocles, que o triunfo de Milciades o não deixava dormir, levando-lhe todo o cuidado para o imitar: *Milciadis trophæum non patitur me dormire, neque ceſſare.* E o Oraculo aconſelhou ao Filoſofo Zenon, [d] communicaſſe com os mortos, ſe queria ſer perfeito na vida. Bem vejo que a muita lição de livros ſantos, em que os Religioſos deſta Provincia ſe occupão, e os muitos exemplos de varões perfeitos, que nelles achão eſcritos, são meios efficazes, pelos quaes, mediante a Divina graça, procurão conſervar-ſe na obſervancia deſta eſtreita, e apertada vida, que profeſsão; mas differente abalo coſtumão fazer os exemplos de caſa: claro eſtá que mais me ha de mover o exemplo, que me deixárão os meus primitivos Padres, neſte meſmo Convento, onde vivo, que o que ſe me refere de Provincia, ou Reino eſtranho. Eſta conſideração, como jà te diſſe, benevolo Leitor, me alentou a proſeguir o trabalho, de que outros de mais cabedaes ſe eſcuſárão.

[d] Diogen. Laertius in vit. Zenon.

Soſpeito que repára o curioſo em ſerem tão poucos os Religioſos, de que eſcrevo, a reſpeito dos muitos, que ſe devião

esperar de huma Provincia tão santa. Eu te confesso que está reparado com fundamento; mas se isto he culpa, tiverão-a os nossos antigos, que do menos nos deixárão lembrança, cuidando mais de serem Santos, que Historiadores: com que posso dar satisfação ao teu reparo com aquella advertencia, que fez Bove-

Bover. in Annal. Præfat. ad lect. [e]

rio ao leitor em os seus Annaes Capuchinhos: [e] *Id te quoque, lector, admonitum volo, me non omnia clarissimorum virorum, quorum Capucinorum Religio à sui ortu, ad hæcusque tempora, ferax fuit, gesta, ac virtutes in hoc volumine perstrinxisse. Cum enim prior illa humillimorum Patrum nostrorum ætas, quibus maior humilitatis, ac propriæ despicientiæ sectandæ, quàm existimationis apud homines captandæ, cura erat .... Planè accidit, ut innumeri ferè sanctorum hominum actus, virtutes, miracula, silentio, ac vetustate deleta interierint.* O menos do que obrárão nossos primitivos Padres he o que se refere nesta Chronica; porque a mesma humildade, que occultava nos vivos o que era seu louvor, deixou tambem esquecer o que podia acreditar os mortos. Entre muitos, que te pudéra referir nesta materia, sómente te apontarei dous exemplos.

Lib. 2. c. 25. n. 4. e 5. [f]

Em a relação [f] do Convento de nossa Senhora do Paraiso na Cidade de Sylves lerás, que entrando huma inundação na Igreja, onde em hum nicho da Capella achou orando certo Religioso, posto de joelhos sobre hum pequeno tabernaculo, o tirárão as aguas daquelle lugar, sustentando-o sobre si, e andando elle como navegando em o mesmo tabernaculo por toda a Igreja, em quanto durou a inundação; e quando esta foi ao acabar, o restituio primeiro ao mesmo lugar, donde o havia tirado, conservando-se o Religioso em todo este tempo absorto na contemplação, em que estava, sem que depois désse razão alguma do que tinha succedido. Esta maravilha suppunha no sujeito muitas acções heroicas de virtude, e promettia de sua vida huma relação larga; mas foi tal o descuido (lastima grande!) que nem ainda lhe sabemos o nome. Seja o segundo do Convento da Abrançalha, junto da Villa de Abrantes, em cuja fundação assistindo hum perfeito Religioso, chamado Fr. Antonio de Toledo, como este em quanto durárão as obras, se recolhesse na Ermida de nossa Senhora da Ribeira, a continuação, com que orava, lhe deixou impressa a Ima-

Lib. 2. c. 41. n. 3. [g]

gem [g] em a parede de huma Capella, onde perseverou alguns annos, contra a diligencia, que procurou por vezes apagalla. Não menos promettia este prodigio, mas he tanto pelo contrario, que deste Religioso pouco mais sabemos que o seu nome. Por estes exemplos podes tirar outros, e alcançar a razão de não sahir mais

cheia

cheia a Chronica de huma Provincia, que sempre floreceo em grande perfeição, e santidade.

Resta ultimamente dar razão do estylo. Achallo-has humilde; assim havia de ser, porque tambem o he seu Author; e segundo o commum proloquio da Filosofia, todo o agente produz seu semelhante. Mas tem entendido que não puz tanto cuidado no enfeite das palavras, como na verdade da Historia; assim me ensina Santo Isidoro: [b] *Non verba, sed veritas est amanda; sæpe autem reperitur simplicitas veridica, & falsitas composita*; porque aquellas servem só para o apparato, e esta para o aproveitamento; e quem a este olha, daquelle não cuida tanto: *Verborum flosculos non quæramus.* [i] *Qui maturitatis fructum quærit, despicit amæna camporum: violæ, rosæ, lilia, narcisus, grati flores, sed gratior panis.* Nas mesmas arvores vemos, que em quanto estão ornadas de flores, perderá as diligencias quem lhe buscar os frutos; pois para se colherem estes, não ha de haver aquellas: [l] *Cum fructus apparent, flores disparent; fructus enim florum interitus est.* Demais que aquillo, que se obrou com singeleza, com a mesma he bem que se lea, e escreva; e se não gostares da lição, pódes deixalla, com o seguro que te não hão de levar por isso alguma pena. Em caso porèm que não queiras aceitar este partido, por seres talvez do genio daquelles, que tem por empreza censurar alheios trabalhos, huma de duas: ou jà escreveste, ou ainda não estampaste: se jà tens escrito, tambem jà terás pago; senão tens estampado, põe mão à penna, e está certo que não ficarás devendo nada; porèm se nem tens escrito, nem te resolves a escrever, ha muitos annos que falla jà comtigo este joguete de Marcial:

Ita tamen mala sunt (quasi non manifesta negemus.)
Hæc mala sunt, sed tu non meliora facis.

[b] D. Isidor. de Summo bono.

[i] Chysol. Serm. 18.

[l] Sylv. tom. 1. in Apoc. c. 2. q. 3. n. 102.

LICENÇAS.
DA ORDEM.

Approvação do muito amado Irmão Fr. Manoel de Tavira, Leitor de Prima em Theologia, e Qualificador do Santo Officio.

POr especial ordem do nosso muito amado Irmão Fr. Manoel de Castello de Vide, Ministro Provincial desta santa Provincia da Piedade, li com attenção devida esta *Chronica da mesma Provincia, primeira Capucha de toda a Ordem de nosso Serafico Padre S. Francisco*, composta pelo muito amado Irmão Frei Manoel de Monforte, Prégador; e por não ter cousa alguma contra a nossa Santa Fé Catholica, Decretos Apostolicos, e bons costumes, a julgo merecedora de que se estampe, e dignissima de que se lhe procure o premio deste seu merecimento com todas as ancias, e desvelos, assim, para que Deos seja glorificado em seus servos verdadeiramente Apostolicos, vendo nós as portentosas obras, que fizerão, e o admiravel espirito, com que estes o servírão, que sem duvida serão fiel desengano para muitos, certas balizas para os principiantes na virtude, e verdadeira emulação para os mais perfeitos; como tambem, porque o seu Author veja bem logradas as muitas diligencias, indubitavel trabalho, singular erudição, e fervoroso zelo, com que fez apparecer tão verdadeiras honras, renascer tão relevantes luzes, e resuscitar tão desejadas glorias, que de todo fizera o esquecimento (como em grande parte tinha jà d'antes feito o descuido) bem lastimosas perdas sem este seu zelo, erudição, trabalho, e diligencia, e o mais, que me não permitte dizer sua modestia, &c. Villa-Viçosa, 30. de Junho de 1693. annos, no Convento da Piedade.

Fr. Manoel de Tavira.

Approvação do muito amado Irmão Fr. João do Redondo, Lente de Prima em Theologia, e Qualificador do Santo Officio.

POr commissão do nosso carissimo Irmão Fr. Manoel de Castello de Vide, Ministro Provincial desta Provincia da Piedade, li com a attenção, que a Obra pede, e com o cuidado, que o Author da Obra por condiscipulo merece, esta *Chronica da mesma Provincia, primeira Capucha de toda a Ordem de nosso Serafico Padre S. Francisco*, composta pelo Irmão Fr. Manoel de Monforte, Prégador, e nella não achei cousa contra os dictames de nossa Santa Fé, disposições Apostolicas, e louvaveis costumes,

an-

antes em tudo tão conforme, como de proveito a toda a Christandade, pelas muitas virtudes de Varões Apostolicos, que em si encerra, e portentosos milagres, de que trata, para que admirados daquellas, as imitem, e venerando a estes, os conservem na memoria, como em espelho, onde vejão o que perdem os que assim não vivem, como tambem o que alcanção os que nesta fórma os imitão: huma, e outra cousa he tanto para Deos de gloria, como para a Provincia de honra, pois se glorifica nos seus Santos, como esta Mãi nos seus filhos. Ao Author tambem cabe de tudo grande parte, porque com singular estudo, e notavel cuidado tirou do sepulchro do esquecimento esta Obra, onde vivia sepultada; e por ser o Author da Chronica, seja a mesma por agora o seu Chronista, onde me não permitte a sua modestia passar a mais a minha penna na censura; por tanto, sem dizer mais em seu louvor, a julgo por digna que se dê à estampa. Assim o sinto, neste Convento da Piedade de Villa-Viçosa, aos 13. de Julho de 1693. annos. *Fr. João do Redondo.*

FR. Manoel de Castello de Vide, Prégador, Ministro Provincial, e servo da Provincia da Piedade, da Ordem dos Frades Menores, do Instituto dos Descalços, da Regular Observancia de nosso Padre São Francisco, &c. Ao muito amado Irmão Fr. Manoel de Monforte, Prégador, e Guardião do nosso Convento de Santo Antonio de Portalegre, saude, e paz em nosso Senhor Jesus Christo.

Por quanto vós nos haveis appresentado hum livro intitulado: *Chronica da Provincia da Piedade*, o qual por ordem de nossos antecessores com estudioso trabalho compuzestes; e sendo visto, e examinado por Religiosos de satisfação, a quem o nosso antecessor o commetteo: Nós pelas presentes vos damos licença, para que se possa imprimir a dita Chronica, guardando em sua impressão tudo o que àcerca desta materia ordena, e dispõe o Sagrado Concilio Tridentino, Leis do Reino, e Estatutos Geraes da nossa Ordem. Em fé do qual vos mandamos passar a presente, assinada do nosso nome, sellada com o sello maior de nosso officio, e refrendada pelo nosso Secretario em 25. de Julho de 1693. annos no nosso Convento da Piedade de Villa-Viçosa.

Fr. Manoel de Castello de Vide,
Ministro Provincial.

De mandado do nosso muito amado Irmão, Ministro Provincial,

Fr. Bernardino de Castello de Vide, Prégador,
e Secretario da Provincia.

Do

DO SANTO OFFICIO.

PO'de reimprimir-ſe a Chronica, de que ſe trata, e depois de reimpreſſa tornará conferida por qualquer Qualificador do Santo Officio, para ſe dar licença que corra, ſem a qual não correrá. Lisboa, 18. de Abril de 1749.

Fr. R. de Lancaſtre. Silva. Abreu. Almeida. Trigozo.

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe reimprimir o Livro, de que a petição trata, e depois de impreſſo torne conferido para ſe dar licença para correr. Lisboa, 23. de Abril de 1749.

Silva.

DO PAÇO.

QUe ſe poſſa tornar a imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario. Lisboa, 24. de Abril de 1749.

Almeida. Carvalho. Mourão.

EStá conforme com o ſeu original. S. Domingos de Lisboa aos 18. de Abril de 1752.

Fr. Joſé Malaquias.

Póde correr. Lisboa 18. de Abril de 1752.

Fr. R. de Lancaſtre. Silva. Abreu. Trigozo.

Póde correr. Lisboa 19. de Abril de 1752.

Silva.

Taixão para correr em mil e duzentos reis. Lisboa 21. de Abril de 1752.

Marquez P. Almeida. Carvalho. Mourão.

PRO-

PROTESTAÇÃO DO AUTHOR.

ANTES de dar principio a esta Chronica, obedecendo aos Decretos do Santissimo Padre Urbano VIII. expedidos na Sagrada Congregação da suprema, e Geral Inquisição de Roma em 13. dias do mez de Março de 1625. confirmados, e explicados por elle em 5. de Junho de 1631. e em 5. de Julho de 1634. em ordem aos que escreverem vidas, revelações, milagres, profecias, ou alguns outros celestiaes favores de pessoas, que morrêrão com fama de santidade, e a quem a Sé Apostolica não tem ainda canonizado, nem beatificado, protesto que nenhuma das revelações, milagres, &c. que se escrevem nesta Chronica, (exceptuando as dos sujeitos, que estão canonizados, ou beatificados) tem atè agora authoridade alguma da Santa Igreja Romana, senão só a veneração natural, e piedosa credulidade das relações, e Authores, que as referem. Na mesma conformidade protesto, que não he minha tenção qualificar o titulo de Santo, Martyr, ou Bemaventurado em alguma pessoa, que o não obtenha pela Santa Sé Apostolica; e se algumas vezes uso destes titulos, os recebo *lato modo*, e não em sua propria, e rigorosa significação, que suppõe approvação canonica, mas pelo modo vulgar, com que falla a piedade Christã daquelles servos de Deos, que vivêrão, e acabárão com opinião de virtude. Neste mesmo sentido quero tambem que os outros recebão o que refiro neste Livro, como se costuma receber, o que estriba só na fé humana, e não na Divina da Catholica, e Romana Igreja, a cujos Decretos, e doutrina me sujeito, como a regra infallivel, que he das verdades. Assim o obedeço, e ratifico

Fr. Manoel de Monforte.

CHRO-

CHRONICA
DA
PROVINCIA
DA
PIEDADE,
Primeira Capucha de toda a Ordem, e Regular Obſervancia de noſſo Serafico Padre S. Franciſco.

LIVRO PRIMEIRO.
Seus principios, e progreſſos, atè que foi erigida em Provincia.

CAPITULO I.
De ſeus primeiros Fundadores.

1 ESTANDO noſſo Serafico Padre S. Franciſco em oração naquelle ſeu ſantuario, o Convento de noſſa Senhora dos Anjos, *a* vio com os olhos corporaes ante ſi huma maravilhoſa Eſtatua, ſemelhante à que em ſonhos vio Nabuco, como Daniel *b* a deſcreve. Era ſua fabrica de differentes metaes: a cabeça de ouro, o peito, e braços de prata, o ventre, e joelhos de cobre, os pés parte de ferro, e a outra parte de barro. Ficou o Serafico Patriarca com eſta viſão ſuſpenſo; e quando mais penſativo, e admirado com a conſideração do que repreſentaria, lhe fallou hum Anjo, dizendo, que aquella Eſtatua era hieroglyfico da ſua Ordem, e que os differentes metaes, de que ſe compunha, erão ſymbolo das mudanças, que nella atè o fim do mundo haveria; porque da perfeição, e excellencia do ouro, em que por elle fora funda-

a Fr. Marc. 1. p. l. b. 2. cap. 29.

b D.n. 2. 31.

A da,

da, como por degráos, desceria aos outros metaes, atè que ultimamente viria tempo, em que se achasse com a fragilidade do barro. Porèm supposto (continúa o Anjo) que naquella tosca idade se apartarão tanto teus Frades da perfeição, em que os criaste, quanto vai do luzido ouro ao grosseiro barro, comtudo nunca o Senhor desampará a esta Religião de maneira, que não haja sempre nella muitos Varões justos, e perfeitos zeladores de sua Regra.

2 Em todo o tempo, que a Ordem sentio em si esta mudança, vio tambem cumprida esta Angelica promessa; porque quando dava mostras de descer de sua primeira perfeição Euangelica, então se levantava com mais alentos: quando parecia desfalecer nos rigores, então abraçava mais os apertos: no mesmo tempo, em que as mudanças ameaçavão ruína, sortia effeituada a melhor reforma; porque dos descuidos de alguns Religiosos tomava o zelo de outros motivo para viverem na pura observancia da Regra mais cuidadosos. Daqui nascêrão as muitas, e diversas reformações, que houve na Ordem, differentes nos estylos, e nos nomes, por razão dos Fundadores, ou dos lugares, onde tomárão assento: como foi a dos Cesarenos, Clarenos, Colectaneos, Amadeos, Caperolos, todas ramos da felicissima arvore da Religião Franciscana, que pelo cuidado, com que aspiravão à maior perfeição, e à mais rigorosa observancia da Regra, bem se podião chamar ramos de ouro. He verdade que algumas dellas expirárão brevemente ou à força de trabalhos, que tudo acabão, ou à continuação do tempo, que tudo consome; mas succedia-lhe sagradamente o que o Poeta escreveo da arvore, em que se criava o ramo de ouro, que cortado hum, logo nascia outro em tudo semelhante ao passado. *c* Assim se forão succedendo humas às outras as sobreditas reformações, nascidas todas do mesmo zelo, e espirito da mais pura guarda da Regra. *c* Virg. l. 6. Æneid.

3 Ultimamente appareceo em Hespanha a Congregação do Santo Euangelho, por outro nome do Capucho, plantada nas duas Estremaduras de Portugal, e Castella, e fonte donde dimanárão quasi todas as Provincias Capuchas da Ordem; sendo entre ellas a primeira, e mais antiga a nossa da Piedade, tão regular, e observante, como a todos he notorio neste Reino, e ainda fóra delle. Seu principal fundador foi o Veneravel servo de Deos Fr. João de Guadalupe, o qual,

co-

como em ſeu tempo viſſe na Ordem conſideravel mudança, zeloſo de ſua primeira perfeição Euangelica, determinou reformar com ſeu exemplo o que outros desfazião com ſeus deſcuidos. Qual outro Mathathias, que vendo como alguns do povo de Iſrael ſe apartavão da Lei, que Moiſés tinha recebido de Deos em o monte, zeloſo de ſua obſervancia, em vozes altas clamou no meio da Cidade, dizendo, *d* que todo aquelle, que zelava a guarda della, ſahiſſe fóra da Cidade, e o acompanhaſſe ao deſerto. Aſſim o fez o Apoſtolico Varão Fr. João de Guadalupe; porèm a eſte primeiro brado não achou quem o acompanhaſſe na reforma, que pertendia; porque ſupposto muitos Religioſos, a quem parecia bem ſeu intento, o deſejavão ajudar neſta tão ſanta obra, retardava-os a conſideração dos muitos trabalhos, e difficuldades, que qualquer novidade traz comſigo, e eſta, por grande, lhes ameaçava as maiores. Eſperavão tempo accommodado para darem à execução ſeus bons deſejos: eſte lhes offereceo Fr. João de Guadalupe, ſe bem que depois de padecer alguns trabalhos, como moſtraremos brevemente. Erão eſtes Religioſos Fr. Pedro de Melgar, Frade leigo, Fr. Anjo de Valhedolid, Fr. Miguel de Cordova, Fr. João de Aguila, e outros, cujos nomes, ſuppoſto que nos memoriaes dos homens não vivem lembrados, no livro da vida eſtão eſcritos.

d 1. Machab. 2. 27.

4 Eſtava neſte tempo a Ordem dividida em duas familias; a huma chamavão Conventuaes, a outra Obſervantes: e porque neſta Chronica havemos de fallar em huns, e outros muitas vezes, ſerá bem que, para mais clara intelligencia aos que não são tão viſtos em as Hiſtorias da noſſa Ordem, demos noticia do principio deſtas denominações, e appellidos. Para o que, ſuppondo com Waddingo *e* que eſte appellativo *Conventual*, e *Clauſtral* são ſynonimos, de ſorte que o meſmo ſignifica hum que outro, he certo que o pronome *Conventual* tomou ſeu principio de huma Bulla de Innocencio IV. onde concede aos Frades Menores, que as ſuas Igrejas ſe pudeſſem chamar Conventuaes. A cauſa, que para iſto houve, foi para que pudeſſemos ter nellas o Santiſſimo Sacramento do Altar, e gozarmos de outras immunidades, e iſenções, que os Prelados das Igrejas nos não querião conſentir, de que nos naſcião enfados, e moleſtias. Bem he verdade, que a denominação de *Conventual* não foi uſada na Ordem, ſenão depois de paſſarem largos annos, em

e Wading. tom. 2. ad ann. 1252. n. 23.

tempo, que já os Frades tinhão declinado muito da rigorosa observancia de sua Regra, e então começou a correr em sentido pouco airoso, conforme a opinião, que delles tinha o mundo. Accrescentou-se a isto a occasião, que tiverão de viverem com mais liberdade, por causa de huma geral peste, que pelos annos de 1348. se estendeo por todo o mundo, desde o Oriente atè às terras mais Occidentaes: porque como atemorizados da morte tratassem da saude do corpo, *f* descuidarão-se tanto da do espirito, que admittírão muitos abusos, e relaxações, nas quaes se forão conservando ainda depois de melhorados os tempos, de que vierão a alcançar dispensações; que as liberdades huma vez introduzidas tem mui difficultosa a emenda. Assim por estas, como pela grandeza dos Conventos, e claustros, que dalli em diante forão edificando, foi soando mais o pronome *Conventual*, e *Claustral* por ironia; appellando sobre os Frades relaxados o titulo, que antes concedido por Innocencio IV. sómente appellava sobre as Igrejas. *g*

f Daça 4. p. liv. 1. c. 1.

g Wadding. tom. 4. ad ann 1375. Cherub. Comput. Bul. tom. 1. Schol. p. 1. 30 Marchāt. fund. 11. §. 1.

5 Nesta calamitosa idade não faltavão Frades zelosos da pureza da Regra, que procuravão observalla em todo seu rigor: estes ajuntando a si outros do mesmo espirito, vivião em Heremitorios retirados, donde veio chamar-se no principio Frades das Hermidas, porque nellas vivião em estreitissima pobreza: como fizerão corpo, forão chamados Frades da Familia; e depois a respeito da pureza, com que guardavão a Regra, lhes derão nome da Regular Observancia, pelo qual são ainda hoje conhecidos. Foi-lhes estabelecido este titulo pelos annos de 1414. em o Concilio Constanciense, dando-lhes Prelados à parte, que os governassem; ainda que Claustraes, e Observantes, vivião todos dentro dos districtos, e limites das mesmas Provincias, chamando-se Ministro Provincial o Prelado da Claustra, e Vigario Provincial o da Observancia; este com a dependencia de pedir àquelle a confirmação em seu officio.

6 Desta vizinhança, e communicação se aproveitou o tempo, ajudado da fragilidade humana, para esfriar nos Religiosos Observantes aquelle fervor, e espirito, com que começárão; já declinavão de seu rigor primeiro, admittindo Conventos sumptuosos, ornamentos ricos, e outras cousas semelhantes, em que não reluzia tanto a pobreza, como na primeira instituição da Ordem. O que vendo o servo de Deos Fr. João de

de Guadalupe, filho da Custodia dos Anjos, hoje Provincia, então subjeita à de Castella, como era Varão muito regular, e perfeito, zeloso [b] da mais pura, e rigorosa guarda da Regra, determinou fundar huma Reformação, onde litteralmente se observasse, e mais pobre, e austeramente se vivesse. Grandes erão os impulsos, que a esta empreza o incitavão; porèm erão tantas as difficuldades, que se lhe representavão, e tão poderosas as contradições, que se lhe offerecião, que ficando com aquellas indeciso, com estas estava jà quasi de seu primeiro intento mui alheio; mas como a inspiração era do Ceo, tornava a sentir novos fervores, e mais vivos impulsos. Ainda que o Veneravel Religioso, receoso que nelles tivesse o demonio encuberto algum engano (como muitas vezes costuma) pedia a Deos com affectuosa instancia lhe ensinasse qual era sua vontade Divina, para conseguir o despacho de sua justificada petição, aproveitava-se para isto dos meios mais accommodados, como era o desvelo na oração, a continuação nos jejuns, a frequencia extraordinaria nas disciplinas, e outras differentes mortificações, que lhe ensinava o espirito.

[b] Chronol. Seraph. fol. 319.

7 Consultou estes seus desejos com Varões espirituaes, e devotos, não querendo em materia tão grave governar-se sómente por seu parecer; conhecendo que quem só guiado deste intenta semelhantes emprezas, quando menos, temerariamente se arrisca, se desgraçadamente se não despenha. Diversos, e encontrados forão os pareceres, como o são ordinariamente todos os dos homens, ainda em materias de pouco pezo; porque huns, sendo de contrario sentir, lhe punhão as difficuldades, que elle cuidadoso tinha jà muito antes previstas: outros, julgando que a obra, que inventava, era do Ceo, a approvavão, animando-o a proseguilla; porque supposto que aquelle seu intento estava promettendo muitas perseguições, e trabalhos, (dizião elles) e quasi insuperaveis à industria humana, com tudo que a Sabedoria Divina venceria estes facilmente com aquella suavidade, e brandura, com que dispõe, [i] e ordena todas as cousas.

[i] Sap. 8. 2.

CAPITULO II.

Com varias mortificações, e penitencias se ensaia Fr. João para a tolerancia dos trabalhos, que prudencialmente prevê lhe hão de succeder.

1 Fluctuava Fr. João de Guadalupe com aquelles encontrados pareceres, jà re-

resolvendo-se a dar à execução o que desejava, já determinando desistir do que pertendia; atè que finalmente depois de muitos, e porfiados debates, venceo o espirito ao receio. Primeiro porèm que sahisse a publico com seu designio, como prevía prudente os trabalhos, a que se expunha, quiz reduzir a experiencias o para quanto era, e que tal se mostraria nelles sua paciencia. Boa prova tinha já dado della em a sua Custodia dos Anjos; porque como foi dos primeiros noviços, que aceitou o Veneravel servo de Deos Fr. João de la Puebla, quando a fundava, coube-lhe grande parte das molestias, e perseguições, que o dito Fundador padeceo por esta causa. Mas não se dava ainda com esta por satisfeito, quiz para maior segurança examinalla no abatimento, e desprezo proprio, que he a melhor pedra de toque, que dá a conhecer a verdadeira paciencia, e virtude.

2 Para isto começou logo a executar grandes actos de abatimento, assim dentro, como fóra de casa, pertendendo nelles que todos o desprezassem, e tivessem em pouco: fruto, que procurava por amor de Deos, alèm do exame da paciencia. Algumas vezes tomava hum prégo de ferro *a* comprido, e grosso, e atando em cada huma das pontas hum cordel, mettia-o na boca, como freio, e mandava a hum Frade, que assim como por redeas, o levasse pelos lugares, onde havia maior concurso de gente. Outras vezes sahia com o rostro enlodado, cuberto de cinza, ou com outras singulares demonstrações de mortificação, e penitencia; e deste modo atravessava as ruas, passeava as praças, chegando aonde assistia mais gente, que admirada de ver tal espectaculo, ficava compungida: principalmente depois que o servo de Deos começava com fervoroso espirito a prégar a brevidade da vida, a certeza da morte, a conta depois della, e a importancia da mortificação dos desordenados appetites.

[a] Moles. c. 9.

3 Nestas exhortações espirituaes ao povo sobre tudo fazia seu fundamento na humildade, como virtude principal para o exercicio das outras, e sem a qual nenhuma cousa he a Deos agradavel. Não he possivel, dizia elle, *b* haver no mundo quem por amor de Deos soffra os trabalhos, salvo se de coração for humilde; porque só os que o são, soffrem tudo com aproveitamento. Estes são na terra os bemaventurados, porque elles a possuem, e gozão: nestes, como em valles baixos, se achão abundantes fru-

[b] Chron. antig. da P. liv. 1. c. 3.

frutos de boas obras: dos elementos a terra he o mais baixo; porèm o mais seguro: alto está o ar, e mais alto o fogo, porèm nenhum delles dá fruto: as fragosas serras, e outeiros altos não são de proveito, os humildes valles são os que se lavrão, e os que se estimão. Com isto dava o penitente, e mortificado Religioso fim às suas devotas praticas; e tornando a continuar com sua mortificação, discorria pelas mais ruas do povo, para que lhe visse o exemplo, quem lhe não ouvíra as palavras; depois do qual, com grande consolação de sua alma, se recolhia ao Convento. Outras vezes por variar, e sahir com disfarce novo, excogitava muitas, e diversas mortificações, succedendo não poucas vezes correr todas as ruas da Villa com a cabeça cuberta de cinza, qual nosso Padre São Francisco; sem dizer palavra, servindo então de Prégador mais efficaz o bom exemplo.

4 Ao tempo, que fazia estes exercicios, era actualmente Guardião do Convento de São Domingos, situado na Vera de Placencia, junto a Xarandilha, Villa dos Condes de Oropesa, por onde, sem que alguem lhos pudesse estorvar, os repetia, e continuava livremente. E supposto que erão raras, e nunca vistas as demonstrações de abatimento, e desprezo, que sua humildade excogitava, tão longe estavão de servirem ao ludibrio, e zombaria, que antes movião a compunção estranhamente: que como os moradores da sobredita Villa tivessem já muito conhecimento de sua virtude, edificados olhavão todas suas acções, como nascidas della. Alguns annos havia, que Fr. João morava naquelle Convento; porque logo recem professo *c* o mandou seu Prelado, e Custodio Fr. João de la Puebla entender na fundação delle; e supposto que em todos foi tão copioso o fruto, que fez com seus fervorosos Sermões, que muitas vezes succedia faltar-lhe o tempo para confessar aos que por elles se reduzião a melhor vida, com tudo não forão menores as conversões, que tirou destas suas acções de desprezo: tanta força tem o bom exemplo, que para a virtude; *d* como disse Seneca, he caminho abbreviado.

c Chron. P. S. Gab. liv. 1. c. 12.

d Seneca l. 1. Epist. 6.

5 No fim já de muitos dias, em que se tinha provado, e animado (como faz o Elefante na guerra, vendo sangue) para padecer quaesquer adversidades, que se lhe offerecessem, parecendo-lhe que estava já disposto, por ter sua paciencia criado grandes raizes

zes

zes naquelles ensaios, e que podia, ajudado da Divina graça, dizer com S. Paulo, *e* que nenhuma molestia, trabalho, ou creatura o poderia apartar daquella obra, em que pertendia servir a Jesus Christo, se resolveo a deixar a Custodia dos Anjos, e ir a Roma procurar, com benaplacito do Ministro Geral da Ordem, licença do Summo Pontifice para dar principio à reforma, que intentava.

Ad Rom. c. 8.

CAPITULO III.

Do primeiro Breve, que alcançou Fr. João de Guadalupe para fundar a nova reformação.

1 COmo Deos era o Autor dos fervorosos desejos, que Fr. João de Guadalupe em si sentia para instituir huma nova Reforma, e o que lhos fomentava no embaraço das contradições, que sua mesma consideração lhe offerecia, para que os puzesse em execução, lhe abrio porta o mesmo Senhor facilmente. Foi isto no anno de 1496. em que os Padres Observantes tinhão convocado a Capitulo Geral em Tolosa de França pela festa de Pentecostes. Havia de ir a elle, como Vogal que era, o Padre Fr. Francisco del Campo, que tinha succedido no Custodiato da Custodia dos Anjos, por morte de Fr. João de la Puebla, seu primeiro Fundador, e Prelado. A este pedio Fr. João de Guadalupe o levasse por companheiro, com tenção de partir de Tolosa para Roma a solicitar o que pertendia. Não só lhe admittio o Custodio a companhia, mas mostrou estimar muito a offerta, que della lhe fez; porque reconhecia em Fr. João hum sujeito de muitas prendas, douto na Theologia, fervoroso no espirito, zeloso da pura observancia da Regra, e circumspecto em quaesquer materias de Religião, que se pudessem tratar em Capitulo.

2 Chegárão a Tolosa, onde depois de expedido o Capitulo, fallou Fr. João a seu Custodio, e como a Prelado lhe pedio licença para ir a Roma, e como a amigo lhe manifestou a causa, que là o levava. Concedeo o Custodio a faculdade, approvando-lhe a resolução; e tornando-se para a sua Custodia dos Anjos, Fr. João de Guadalupe partio para Roma, não pouco contente de lhe ir succedendo, como desejava, e confiado que assim seria no restante; pois era obra de Deos, a que anhelava seu espirito. Antes de partir de Castella para Tolosa, tinha-se pre-

prevenido com algumas cartas de favor dos Reis Catholicos para o Beatissimo Padre Alexandre VI. que então governava a universal Igreja, e pode-as alcançar facilmente; porque como foi hum dos principaes discipulos do grande servo de Deos Fr. João de la Puebla na fundação da Custodia dos Anjos, e o que mais o acompanhava, sendo este mui estimado dos Reis Catholicos, não só por seu parente, mas muito mais pelo exemplo, que sua conversão deo ao mundo, que continuou com sua reformada vida, daqui nasceo terem conhecimento de Fr. João de Guadalupe, e estimarem-no tambem em muito. Primeiro porém que désse ao Summo Pontifice as sobreditas cartas de recommendação, communicou ao Cardeal Protector da Ordem, e ao Ministro Geral della, que então era o Reverendissimo Padre Fr. Francisco Sansão; que depois de lhe approvarem seu intento, lhe prometterão seu favor. Animado Fr. João com esta promessa, em que estribava grande parte do bom successo, ainda que muito mais em sua causa, deo ao Summo Pontifice as cartas, de quem alcançou hum Breve mui favoravel a seu intento; cuja data foi a sinco de Setembro do anno de nosso Senhor Jesus Christo 1496. Começa: *Sacrosanctæ militantis Ecclesiæ, &c.*

3 A resolução, com que o Veneravel Religioso tinha sahido de Hespanha, era não só fundar a nova reformação, mas tambem que fosse esta em o Reino de Granada, que como havia sido novamente conquistado aos Mouros pelos sobreditos Reis Catholicos, queria occupar-se, com os que o seguissem, na conversão daquella gente. Tudo isto narrava ao Summo Pontifice na supplica, que lhe fez, que a tudo deferio na fórma, que Fr. João desejava: nelle o exime da obediencia dos Padres Observantes, fazendo-o immediatamente sujeito ao Ministro Geral da Ordem. Concede-lhe que no Reino de Granada possa fundar hum Heremitorio, e nelle receber noviços, e admittillos à solemne profissão de nossa Regra, para effeito do qual o faz Prelado superior com authoridade, como de Provincial. Que para o acompanharem naquella santa empreza, pudesse escolher seis Frades professos de qualquer Provincia, ou Custodia da Observancia, sendo só para isto necessario pedirem elles a seus Prelados licença, ainda que lha negassem. Que o Heremitorio, ou casa, que fundasse, e os

Frades de ſua Congregação gozaſſem de todas, e quaeſquer graças, privilegios, indultos, eſtações, e indulgencias concedidas, e que ao diante ſe concederem aos Conventos, e Frades Obſervantes da meſma Ordem.

4 Aſſim meſmo o conſtitue Prégador Apoſtolico, e juntamente a dous, ou trez dos companheiros, que eſcolheſſe, com faculdade, para que em todo o mundo, aſſim entre Catholicos, como entre infieis, pudeſſem prégar a palavra de Deos, e ſeu Sagrado Euangelho. Conclue o Breve com grandes cenſuras a quem ouſaſſe a encontrallo, e vinha dirigido a trez Prelados de Heſpanha, para que o deſſem à execução, tanto que lhes foſſe requerido: ao Arcepiſpo de Granada, ao Biſpo Teanenſe, e ao Prior de noſſa Senhora de Guadalupe. Logo que Fr. João tirou o Breve, ſe apreſentou com elle ao Miniſtro Geral Fr. Franciſco Sansão, dando-lhe obediencia, e pedindo-lhe ſeu beneplacito, e licença para uſar delle. O Miniſtro Geral ſe lhe moſtrou benigno, e affavel, paſſando-lhe huma patente em teſtemunho de que ſó a elle ficava immediatamente ſujeito, e juntamente lhe concedia, quanto era da ſua parte, pudeſſe edificar Heremitorios, Oratorios, ou Conventos, aſſim em Granada, como em Heſpanha, ou outras quaeſquer terras, que ſe lhe offereceſſem, ſem que algum outro Prelado da Ordem o pudeſſe impedir.

5 Não ha de miſter muito tempo para ſe dar a conhecer, e grangear affeições a verdadeira virtude; porque como eſta com admiravel conſonancia concorda as acções exteriores com o interno, logo reluz nellas ſua noticia, após a qual ſe ſegue, levar tambem os affectos, pelo que tem de eſtimavel. Pouco conhecimento tinha o Veneravel Guadalupe em a Romana Curia, pois eſta foi a primeira vez, que entrou nella, mas a ſua humildade, compoſição, e modeſtia, não ſó o derão a conhecer ao Summo Pontifice, e ao Geral da Ordem, mas tambem lhe conciliárão o agrado de tal ſorte, que o favorecêrão na fórma, que o elle deſejava. Com Breve tão amplo, e Patente tão copioſa veio a Heſpanha, e apreſentando tudo aos Prelados, a quem o primeiro vinha dirigido, lhe pedio ſeu teſtemunho de como o reconhecião por verdadeiro. Com eſta diligencia ſe recolheo para o Convento de noſſa Senhora dos Anjos, onde moſtrou os papeis ao Cuſtodio, como a ſeu

Pre-

Prelado, pedindo-lhe ſua benção, e beneplacito para uſar das letras Apoſtolicas; e foi facil alcançar delle o conſentimento, porque pelo que conhecia de Fr. João, eſperava que foſſe muito do ſerviço de Deos a empreza.

CAPITULO IV.

Parte Fr. João para Granada, donde volta outra vez a Heſpanha, e da occaſião, que para iſſo teve.

1 DIvulgada pela Cuſtodia dos Anjos a jornada, que Fr. João intentava, favorecido com as letras do Pontifice, muitos Religioſos da dita Cuſtodia, levados do meſmo zelo, com que elle a emprendia, ſe lhe offerecêrão para o acompanharem no exercicio de tão ſanta obra. Delles eſcolheo os ſeis, que lhe concedia o Breve, cujos nomes ficárão ſepultados no ſilencio; porèm ainda que delles nos não ficou outra noticia mais clara que o ſerem neſta occaſião companheiros de Fr. João de Guadalupe, ſó iſto baſta, para que tenhamos grande opinião de ſua ſantidade; porque a não ſerem nella mui qualificados, e exercitados nos rigores, e aſperezas da vida Religioſa, não fora poſſivel achar-ſe nelles animo para ſe exporem a tantas difficuldades, quantas ſe offerecião na conſideração, ainda a huma prudencia mediana, quanto mais a elles, que tinhão a experiencia de caſa, na peſſoa de ſeu Veneravel Fundador Fr. João de la Puebla. Pelo que, poſto que na terra não achamos ſeus nomes eſcritos, bem podemos colligir piedoſamente que o eſtão no Ceo com letras de ouro no livro da eterna vida, onde os dos juſtos eſtão com todas ſuas obras.

2 Não falta quem diga *a* que forão ſómente trez os companheiros, que Fr. João levou comſigo, e ainda lhes eſcreve os nomes, o que ſe nos faz difficultoſo de crer; porque primeiramente entre elles nos nomeia jà a Fr. Pedro de Melgar; e a eſte tempo ainda elle eſtava na ſua Provincia de Sant-Iago, tão fóra de acompanhar ao Veneravel Guadalupe, que antes por ſi intentava fundar huma reforma, como ao diante diremos. Tambem não he crivel que concedendo-lhe o Summo Pontifice ſeis companheiros, e offerecendo-ſe-lhe muitos mais, elle ſe contentaſſe ſómente com trez, indo fundar hum Convento, e prégar o Santo Euangelho em hum Reino novamente conquiſtado aos Mouros, que para tão

a Chron. S. Gabr. c. 4.

grande meſſe erão mui poucos os operarios, e ainda eſſes divertidos com a fundação de hum Convento, como determinavão.

3 O Padre Moles, que foi mais vizinho àquelles tempos, no ſeu Memorial, que imprimio, *b* nem lhe dá por companheiro a Fr. Pedro de Melgar, nem achou nome aos outros; antes do que nos diz, quando falla do Veneravel Guadalupe na volta de Granada a Heſpanha, ſe collige erão ſeis; pois eſcreve que em Oropeza, e Placencia ſe acompanhava dos Religioſos, que pelo Breve Apoſtolico podia trazer comſigo, e eſte ſabida couſa he lhe concedia ſeis: com que tenho por mais provavel, que tantos, e não menos, o acompanhárão a Granada, e niſto convem os Memoriaes da noſſa Provincia *c* com a ſua Chronica antiga.

b Moles c.9. fol. 39.

c Memoriaes da Provinc. Chronic. da meſma liv. 1. c. 4

4 Com os ſobreditos companheiros ſahio Frei João de Guadalupe da ſua Cuſtodia dos Anjos, e entrou no Reino de Granada, veſtidos todos de ſaial aſpero, e groſſeiro, de que fizerão mantos curtos, habitos remendados, e tão eſtreitos, que mais que habitos, erão verdadeiras mortalhas. Os capellos pyramidaes, e agudos, na fórma, em que ſe diz havello trazido noſſo Padre S. Franciſco: os pés totalmente deſcalços, cingido cada hum delles com huma groſſa corda; e finalmente em tudo tão penitentes, que da meſma penitencia erão o mais vivo retrato. Antes de começarem a prégar naquelle Reino, fez Fr. João eſta breve pratica aos que o acompanhavão: Bem ſabeis amados, e cariſſimos irmãos, que diſſe Chriſto Senhor noſſo *d* a ſeus Diſcipulos, quando os mandou prégar pelo mundo, que não levaſſem calçado, nem alforjes, nem bordão; dandolhes niſto a entender que deſconfiaſſem das couſas da terra, e puzeſſem no Ceo ſua eſperança, que pois fazião aquella jornada por mandamento, e ordem ſua, por ſua conta corria o cuidado delles. Iſto meſmo *e* vos lembro a todos, e quero que vós ao diante mo lembreis, ſe virdes que como fraco desfaleço. Os trabalhos, a que nos ſujeitamos, e difficuldades, que commettemos, são emprezas, que tomamos puramente por amor de Deos; e pois o eſpirito deſte Senhor he o que nos move, ponhamos nelle noſſa confiança; e quando eſta não falte da noſſa parte, ſeguro temos o ſoccorro da ſua.

d Luc. c 10. num. 4.

e Chron. cit. num. 4.

5 Com eſtas razões, e outras, que Fr. João, como prudente, ſoube dizer-lhes, in-

incitou tanto o fervor daquelles Religiosos, que jà lhes parecia não poderia haver trabalho, ou difficuldade, por grande que fosse, que os apartasse do intento, com que sahírão de o acompanharem na instituição da nova reforma, e prégação do Euangelho naquelle Reino; antes lhes parecia dilatado o breve tempo, em que não punhão mão à obra. Começárão a discorrer por todo elle, prégando a palavra de Deos, sem terem habitação fixa, e permanente; porque jà se achavão em lugares grandes, jà em pequenos, prégando o Euangelho a toda a creatura, conforme o mandamento de Christo. Quasi todos os Mouros, que ficárão no conquistado Reino, estavão tão firmes, e constantes na rustica, e abominavel lei Mahometana, que antes perderião a vida, que perdella; e se no exterior, por não serem vexados, se vestião da pelle de ovelha, recebendo a agua do santo Baptismo, no interior estavão lobos damnados, mais finos Mouros, do que antes erão, augmentando-se-lhes o odio contra a verdadeira Lei de Christo, com o haverem perdido aquelle Reino. Com tudo foi grande o fruto, que os novos Capuchos fizerão com sua prégação; porque sempre move com mais efficacia, quem se conforma em a vida ao que préga. Hum habito aspero, vil, e remendado, huns pés descalços, hum desprezo dos bens mundanos, hum comer mendigado de porta em porta, hum desapego de todo o temporal, acompanhado de huma modestia religiosa, intíma mais sua doutrina, ainda em os corações barbaros, e grosseiros; e como tudo isto concorria em Fr João de Guadalupe, e seus companheiros, erão de muito effeito seus Sermões.

6 Hum anno, ou perto delle, segundo provaveis conjecturas, se detiverão em Granada, sem que em todo este tempo fundassem Convento, como determinavão: não deixavão porèm a prégação do Euangelho, porque o zelo da salvação das almas, lha fazia continuar com frequencia. Não sabemos certamente a causa, que lhes estorvou a fundação: he verdade que achamos escrito, *f* que os Padres Observantes com cartas dos Reis Catholicos procuravão que ou Fr. João, e seus companheiros lhes dessem obediencia, ou não fundassem em Granada; com que vendo-se elle impedido, deixou aquelle Reino, e voltou a Castella, para aquella parte que chamão Estremadura.

f Chron. P. S. Gab. liv. 1. c. 5.

7 Mas não me parece isto mui conforme ao que passou na

na realidade, porque a razão eſtá moſtrando, e não mui eſcondidamente, o contrario: pois ſe o Veneravel Guadalupe fora impedido na fundação em Granada pelos Padres Obſervantes, ſem nova diligencia, não havia de intentalla na Eſtremadura, onde os tinha mais perto: bem ſe vê que quem os impedia là em o diſtante, com mais facilidade os encontraria, quando mais vizinhos. Neſte caſo ſó ficava ao Veneravel Guadalupe o refugio de buſcar algum dos Juizes, a quem vinha commettido o Breve, para que lho fizeſſe guardar, e là tinha hum em Granada; pois o Arcebiſpo era hum dos nomeados nelle: ou quando deſconfiaſſe de poder ſer ſua ſupplica de effeito, por ſer hum Rei o oppoſto, iria a Roma corroborar com novas forças o Breve, e não vir à Eſtremadura metter-ſe nas mãos de ſeus contrarios. Iſto perſuadiria qualquer mediana prudencia, quanto mais que a do ſervo de Deos Fr. João de Guadalupe era igual à ſua ſantidade. O que os noſſos Memoriaes, e Chronica antiga dizem neſte ponto, *g* he que voltára Fr João para Caſtella, porque não achára commodidade para a fundação em Granada, o que he mais veroſimel; porque eſta acho em hum Breve foi a cauſa, que allegou para alcançar o ſegundo, que lhe paſſou Alexandre VI. que ainda que trilhado de todos os que eſcrevêrão neſta materia, de nenhum foi notado pelo que toca a eſte intento.

g Chron. antig. liv. 1. c. 5. Memorias da meſma.

8 He elle de Julio II. que pelo decurſo deſta hiſtoria nos ha de ſervir muitas vezes; começa: *Rationi congruit, & convenit honeſtati, &c.* E antes de confirmar os dous Breves do ſobredito Alexandre VI. narra a cauſa de não ter edificado em Granada, como lhe concedia o primeiro, dizendo que foi a falta de commodidade, por eſtas palavras: *Et deinde pro parte dicti Joannis, & ejus ſociorum prædictorum, eidem Alexandro prædeceſſori ſimiliter expoſitum fuerat, quòd forſan in Regno Granatæ locus idoneus pro conſtruenda dicta nova domo haberi non poterat, &c.* Donde ſe vê que a cauſa, que narrou de não fundar o Convento, foi falta de opportunidade, e não oppoſição, que tiveſſe; e quando aponta a cauſa o meſmo, que a paſſou, para que he buſcar outra? E eu accreſcentára, que não acharem commodidade para a fundação do Convento fora diſpoſição Divina; porque como tinha eſcolhido (pelas razões, que lhe erão preſentes) as duas Eſtremaduras de Portu-

tugal, e Castella, para nellas por meio destes Religiosos plantar a nova reforma, e dahi estendella para diversas partes, como hoje se vê, là moveo as cousas de sorte, que viessem buscar o sitio, que tinha destinado sua providencia, tirando da jornada, que a Granada fizerão, o fruto, que colhêrão com sua prégação fervorosa.

9 Voltando pois Fr. João para a Estremadura com tenção de executar nella a referida Patente do Geral, que lhe concedia faculdade para fundar Conventos em qualquer parte do mundo, visto não se poder aproveitar da que lhe dava o Breve, achou muitas pessoas illustres, que o estimavão; quaes forão o Bispo de Placencia, os Condes de Oropeza, e de Belvís, e outros muitos Senhores, que vendo nos primeiros sete Capuchos retratado muito ao vivo nosso Serafico Padre São Francisco de quem erão muito devotos, lhes offerecêrão lugares em suas terras, para edificarem Conventos, promettendo-lhes seu patrocinio, e amparo. Não lhes deo porèm tempo a que se pudessem aproveitar da liberal, e devota offerta, que lhes fazião aquelles Senhores, huma opposição que lhes fez, quem os não queria por vizinhos.

CAPITULO V.

Oppõem-se a Fr. João os Padres Observantes com hum Breve; alcança elle dous em seu favor.

1 POucos passos tinhão dado os Capuchos à obra, que pertendião, quando logo vírão sobre si huma grande, e terrivel contradição. Está a mui Religiosa Provincia de Sant-Iago situada nos Reinos de Leão, e Galiza, estendendo-se tambem à Estremadura: e como nesta intentavão os Capuchos fundar a sua reforma, igualmente sentião os Padres daquella Provincia a sua vizinhança, como o eximirem-se de sua obediencia. Por cuja causa com cartas solicitadas aos Reis Catholicos, recorrêrão ao Summo Pontifice Alexandre VI. supplicando-lhe em nome dos Vigarios, Geral, e Provinciaes Observantes Cismontanos, revogasse todos os Breves, e licenças, que Sua Santidade, e outros seus Antecessores tivessem dado a quaesquer Frades da observancia, para eximir-se della, ainda que fosse com pretexto de maior reforma, ou de vida mais estreita. Para mover a vontade do Summo Pontifice, allegavão algumas cousas, que suppos-

poſto ſe verificavão em outros, não em Fr. João de Guadalupe, nem em os Religioſos, que o acompanhavão. Expedio o Summo Pontifice o Breve, na fórma, que o procuravão; foi ſua data em Roma a ſete de Fevereiro de 1497. annos, e ſexto de ſeu Pontificado: são ſuas primeiras palavras: *In Apoſtolicæ dignitatis ſpecula, &c.*

2 Havia neſte tempo muitos Religioſos da Ordem, que vivião fóra da obediencia dos Prelados da meſma com Breves particulares, que tinhão impetrado dos Summos Pontifices, com pretexto de maior reforma; dos quaes huns eſtavão pelos campos em Hermidas, outros em habito de Clerigos, ſervindo beneficios nas Igrejas, [a] com tão pouco credito da Religião, que os povos ſe eſcandalizavão, murmurando do que vião. Contra eſtes fulminava o Breve grandes cenſuras, não ſe recolhendo logo aos ſeus Conventos, onde viveſſem debaixo da obediencia de ſeus Prelados; aos quaes dava authoridade (quando não foſſem baſtantes as cenſuras) para ſe poderem valer do braço ſecular. Derogava o Summo Pontifice todos os indultos, e privilegios àcerca deſta materia, que por algum Religioſo, e ainda por ſenhor ſecular, foſſem da Sé Apoſtolica impetrados. E ſuppoſto que nas clauſulas das não obſtancias ſe expreſſaſſe tambem Fr. João, com tudo da narrativa do Breve ſe colhia com evidencia não fallava com elle a diſpoſição; não lhe valeo porèm iſto, para que não foſſe o primeiro, com quem entendeſſem.

[a] Moles.c.9.

3 Bem deſcuidado eſtava o Veneravel Guadalupe do que contra elle ſe diligenciava (que como a innocencia a ninguem offende, tambem de nenhum ſe recea,) diſcorrendo por muitas Villas, e Cidades, em que como verdadeiro Prégador Euangelico prégava vicios, e virtudes; eſtas para ſe abraçarem, aquelles para ſe fugirem, com tão grande aproveitamento dos ouvintes, que ſe vião nos peccadores converſões maravilhoſas. Nem ſe contentava ſó com prégar nas Igrejas a ſeus tempos, ſenão que fazendo pulpito das primeiras pedras, que achava, ajuntando a ſi muita gente, lhe annunciava a Divina palavra; a qual levada da novidade, Prégador Apoſtolico, habito deſuſado, fama de virtude, concorrião para ouvillo grandes auditorios. Tal era o fruto de ſuas prégações, e tal o exemplo, que os ſete companheiros davão, que muitos ſenhores de povos, e lugares, por onde paſſavão, procu-

curavão que se detivessem em suas terras, parecendo-lhes que, se aquelles Anjos humanos as pizassem, darião abundantes frutos de boas obras. Junto de Oropesa se detiverão em hum devoto Oratorio muitos dias, e perto da Cidade de Placencia estiverão recolhidos em huma Ermida algum tempo, fazendo em qualquer dos lugares, em que se detinhão, vida de Anjos; porque de noite gastavão as horas com Deos, e os dias no aproveitamento do proximo.

4 Nestas piedosas occupações, e devotos exercicios achárão a Frei João as diligencias dos Padres Observantes tão cuidadosas, como elle estava de semelhante successo descuidado; que para que com mais força ferisse o golpe, havia de ser repentino. Intimárão-lhe o Breve, procurando com brandas palavras reduzillo à sua obediencia; o que não podendo acabar com elle, trocárão-se em perseguições as rogativas, de sorte que foi necessario aos pobres Frades viverem occultos, porque não fossem encarcerados. Ainda assim foi tal a perseguição, que não podendo os seis sustentar o pezo della, se tornárão a suas Provincias, deixando a Frei João só no campo. Armava-se elle de nova paciencia; e supposto que como experimentado já conhecia quanto custa andar a pé caminhos largos, sem outra cousa mais que o amor de Deos, por quem pedia aos fieis esmola, de que se sustentava, propoz levar adiante sua pertenção, e vencer todas as difficuldades; para o que o animava muito o lembrar-se nellas do sentir de seu santo Prelado, e Mestre Frei João de la Puebla, quando lhe approvou seu intento nos principios de sua resolução.

5 Deixou Hespanha, partio a Italia, e entrou em Roma com tanta confiança no bom successo, como se das principaes pessoas della fosse conhecido, e estivera certo que todas em sua pertenção lhe havião de ser favoraveis. Nenhuma cousa deve temer, quem tem posto em Deos sua esperança: e tudo deve recear, quem nos homens funda sua valia; tem esta tão pouco de segura, quanto aquella tem de bem fundada. Com esta deo Frei João principio ao que pertendia, e proseguio em Roma sua causa: apresentou a Sua Santidade o primeiro Breve, que lhe havia concedido, e depois o com que lhe fazião opposição os Padres Observantes, passado à instancia dos Vigarios Geral, e Provinciaes; supplicando-lhe humildemente o favorecesse com

o auxilio, de que neceſſitava, para o effeito daquella Reforma, que pertendia, dignandoſe declarar-lhe ſua vontade, porque entenderia era a de Deos. O Pontifice o recebeo com amor de pai dizendo que não fora ſua tenção com as graças, que aos Padres Obſervantes concedêra, prejudicar aos Reformados, que vivião na perfeita obſervancia de ſua Regra: mas que pois aſſim as entendião, obrigando a todos geralmente que tornaſſem a ſua obediencia, tal remedio ſe daria, que ficando em ſeu rigor aquelle Breve geral para os relaxados, os perfeitos, e zeloſos ſerião favorecidos. Com eſtas affaveis palavras deſpedio o Summo Pontifice a Fr. João; e dentro em poucos dias lhe mandou paſſar hum Breve, que começa: *Super Familiam Domûs Dei*, &c cuja data foi em Roma a 25. de Julho do anno do Senhor 1499. e ſetimo de ſeu Pontificado.

6 Nelle primeiramente approva, confirma, e concede de novo o primeiro Breve, que tinha antes dado a Fr. João, declarando que não fora ſua tenção incluillo, e comprehendello em aquelle dado à inſtancia dos Vigarios Geral, e Provinciaes da Obſervancia; antes quer que tenha inviolavel firmeza, e ſuppre todos, e quaeſquer defeitos, ſe os houve em ſua impetração. Concede aſſim meſmo a Fr. João de Guadalupe, que edificado o Eremitorio, ou Caſa, ſeja Cuſtodio della, e de todos os Frades de ſua Congregação, e que com authoridade Apoſtolica os governe. Que ſuccedendo morrer Fr. João, ou renunciar ſeu officio, ſeus Frades, capitularmente congregados, elejão outro Cuſtodio ſucceſſor, que ſeja dos meſmos Frades, o qual terá a meſma authoridade, e juriſdição: que eſtará obrigado dentro de dous mezes a pedir ſua confirmação ao Geral da Ordem; e que em quanto eſta não chegar, governe com authoridade Apoſtolica.

7 A licença, que lhe tinha dado para receber ſeis Frades profeſſos da Obſervancia, a ampliou, e extendeo ſem limitação alguma a quantos ſe lhe quizeſſem aggregar, e a elle lhe pareceſſe receber, aſſim de huma Familia, como da outra. Manda por ſanta obediencia, e pena de excommunhão maior, da qual nenhum poſſa ſer abſolto, ſenão pelo Pontifice, que nenhuma peſſoa debaixo de qualquer pretexto impida, ou moleſte a Fr. João de Guadalupe, ou a ſeus Frades; nem contrarîe eſtas letras Apoſtolicas. Por Juizes executores nomea aos Biſpos de Placencia,

o Te-

e Teanense, e a Alvaro Porcalho, Conego da Cathedral de Placencia.

8 Corroborado assim o primeiro Breve, e declarada a tenção do Pontifice àcerca do que deo a instancias dos Prelados da Observancia, obteve Fr. João outro do mesmo Pontifice, em que extende a faculdade, que lhe tinha dado, para fundar hum Eremitorio, ou Casa no Reino de Granada, e dá-lha geral para poder edificar Casas, e Eremitorios em qualquer Reino de Hespanha, com as mesmas graças, privilegios, e indultos concedidos ao primeiro. Deste ultimo Breve, que impetrou Fr. João, fez o tempo o que tem feito de muitos, que os sepulta, e consome; e este ficou tão sumido, e sepultado, que se não acha o original, nem copia sua autentica. Ficou-nos porèm sua noticia em humas letras do Cardeal Protector, que o referem, expedidas a Fr. João em o ultimo de Julho de 1499. e em huma Patente de Fr. Egidio de Amelia, que, por morte do Geral Fr. Francisco Sansão, era Vigario Geral da Ordem: foi sua data a dous de Junho em Roma no anno de 1500. testemunhas tão qualificadas, que bastão a fazer prova ao mais demaziado escrupulo. Com os dous Breves referidos se poz Fr. João a caminho para Hespanha, onde logo achou Religiosos, que o seguissem, e que nunca mais o deixárão.

CAPITULO VI.

Chega Fr. João de volta de Roma, aggrega-se-lhe Fr. Pedro de Melgar com outros Religiosos.

1 NO mesmo tempo que o Veneravel Guadalupe solicitava abrir os primeiros alicerces à sua nova Reformação, que os Padres Observantes da Provincia de Sant-Iago trabalhavão impedir, lhe preparava a Divina providencia, dentro da mesma Provincia, Religiosos do mesmo espirito, que não só lha ajudassem a plantar, mas tambem que a sustentassem depois de sua morte. Hum destes, e o principal, foi o grande servo de Deos Fr. Pedro de Valença, chamado commummente Fr. Pedro de Melgar, por ser este o appellido de sua linhagem *a* por parte da mãi, varão illustre por nobreza no mundo, mas muito mais illustre por santidade na Religião. Este servo de Deos viveo muitos annos em o Convento de nossa Senhora dos Anjos, não em aquelle da Custodia do mesmo nome, donde sahio Fr. João de Guadalupe, e de que já fallámos, mas em ou-

a Fr. Marc. 3. P. l. 9. c. 28.

outro do mesmo titulo, hoje da Provincia de S. Gabriel, então da de Sant-Iago, de quem Fr. Pedro de Melgar era filho.

2 He o Convento mui devoto, e solitario: nelle se dava continuamente Fr. Pedro à oração, de que tinha recebido do Senhor particular graça: ao passo que esta nelle crescia, se lhe augmentava a elle o sentimento de ver que a Ordem hia desfalecendo daquelle seu rigor primeiro; porque desejava vella crescer em austeridade, e perfeição, e que se guardasse nella a estreita pobreza, profunda humildade, e aspera penitencia, assim como quando nosso Serafico Padre S. Francisco a fundou. Isto pedia a Deos com grande affecto, e devoção: e o Senhor, ouvindo suas devotas, e fervorosas orações, houve por bem de seu serviço inspirar-lhe, que trabalhasse por dar principio a huma nova Reformação, com que se visse tornar a florecer a Ordem, como em seus principios. Com estes virtuosos desejos o hia dispondo para companheiro do Veneravel Guadalupe na instituição da Capucha, e para depois a sustentar em sua falta.

3 Communicava-se Fr. Pedro com hum Religioso Sacerdote morador no mesmo Convento, chamado Frei Anjo de Valhadolid, Prégador por officio, e seu particular amigo. E como ambos tratassem hum dia da necessidade, que a Ordem tinha de huma reformação, se houvesse nella quem se atrevesse a lhe dar principio, veio Fr. Pedro a declarar-se, dizendo como muitos dias havia o tinha determinado, e que se não estava jà posto em campo, era por hum natural temor de sua simplicidade, temendo não achasse quem o seguisse, por ser Frade leigo. Ao que Fr. Anjo respondeo, que elle seria o primeiro, não se desprezando, sendo Sacerdote, Letrado, e Prégador, seguir suas passadas: tal era a virtude de Fr. Pedro, e tal a humildade de Frei Anjo. As praticas, que dalli em diante tinhão hum com outro, erão àcerca dos meios, que havião de buscar para porem em execução seus desejos: e como Deos satisfaz sempre a estes, quando elles menos o esperavão, virão o caminho aberto. Forão hum dia ambos negociar à Cidade de Truxilho certas cousas, que a obediencia lhes mandava; e fallando nella com huns homens principaes, e devotos seus particulares (nasceria tal vez este conhecimento de militarem com Frei Pedro em a guerra; que esta seguio quando secular, como diremos tratando de sua vida) chamados

dos João de Chaves, Gomes Fernandes de Solis, Alvaro de Hinojoſa: derão-lhe conta do que determinavão fazer, tratárão com elles ſeus ſegredos: e como os nobres Cavalheiros pertendião com as obras peſſoaes realçar o ſangue limpo, que recebêrão de ſeus aſcendentes, prezavão-ſe tanto de ſerem virtuoſos, que por favorecerem as couſas de virtude, não eſtimavão os bens temporaes, repartindo-os liberalmente nos exercicios della. Por onde vendo a occaſião preſente, ſe offerecêrão para haverem hum Breve de Roma, por virtude do qual Fr. Pedro, e Fr. Anjo ficaſſem izentos da Obſervancia, com faculdade de poderem edificar hum Convento reformado, em que viveſſem com outros eſtreita, e apertadamente.

4 Com iſto ſe deſpedírão todos: nem foi vão o offerecimento, que os Cavalheiros fizerão, ſenão que, como bons Fidalgos, cumprírão bem ſua palavra, e impetrárão do Papa Alexandre VI. hum Breve, em que relata o Pontifice, como lhe foi expoſto por parte dos amados filhos Gomes Fernandez de Solis, João de Chaves, e Alvaro de Hinojoſa, da Dieceſe de Placencia, que elles pela muita devoção, que tinhão ao Bemaventurado S. Franciſco, e Frades de ſua Ordem, deſejando commutar as couſas terrenas pelas Celeſtiaes, as tranſitorias pelas eternas, em conhecimento dos beneficios recebidos da liberal mão do Senhor por merecimentos do meſmo Santo, querião em algum lugar accommodado junto à Cidade de Truxilho do Biſpado de Placencia, edificar à ſua cuſta huma Caſa, na qual alguns Religioſos viveſſem, guardando a Regra Euangelica, ſegundo a primeira Inſtituição do Serafico Padre: para effeito do qual pedião lhes concedeſſe ſua authoridade Apoſtolica.

5 Pelo que (diz Sua Santidade) dou licença aos ſobreditos Cavalheiros para edificarem a Caſa, que pedem, com ſua Igreja, clauſtro, dormitorio, e mais officinas neceſſarias: e que nella poſsão viver oito Frades dos que voluntariamente quizerem, ſem mais terem neceſſidade de licença alguma de ſeus Prelados. E os que alli ſe ajuntarem poſsão eleger de entre ſi hum com titulo de Cuſtodio, o qual ſerá ſujeito immediatamente ao Miniſtro Geral da Ordem, ou ao Vigario Geral da Obſervancia: e ſómente de qualquer deſtes (qual eſcolherem) ſerão viſitados os Religioſos da dita Caſa; cujo Cuſtodio terá ſobre el-

elles todo o poder, e authoridade, que tem os Ministros em suas Provincias, e gozará dos mesmos privilegios, e graças concedidas à Ordem. E assim poderá tambem, como os Ministros, receber noviços, que vierem do mundo, e recolher em sua companhia Frades de outras Provincias, sem que nenhum Prelado superior lhos possa tirar, nem metter alli outros contra a vontade, e consentimento delle Custodio.

6 Isto dizia o Summo Pontifice em suas letras Apostolicas, com muitas clausulas favoraveis, e grandes penas, e censuras a quem fosse contra ellas. Vinhão sinalados por Juizes Conservadores do Breve o Bispo de Placencia, e os Priores de Magazela, e de Guadalupe; para que todos trez, ou qualquer delles, o fizessem dar à execução. Foi sua data em 29. de Fevereiro do anno do Senhor 1497. delle faz menção Julio II. em outro, que passou à instancia de Fr. Pedro de Melgar em 26. de Novembro de 1503. annos, e primeiro de seu Pontificado, cujo original *b* se conserva no Archivo da Provincia, juntamente com huma copia sua, autenticada em a Cidade de Truxilho em 27. do mez de Setembro de 1504. pelo Notario Apostolico Juan Alonso de la Rua, Clerigo do habito de S. Pedro, em presença de Pedro de Villa-nova, Vigario Geral no Bispado de Placencia.

b Habetur in Archiv. Prov.

7 Chegou a Fr. Pedro o sobredito Breve a tempo, que os Padres Observantes se oppunhão a Fr. João de Guadalupe com outro do mesmo Pontifice, como deixámos referido, passado à instancia dos Vigarios, Geral, e Provinciaes da Observancia: e sendo Fr. Pedro impedido com o mesmo, deo lugar à tempestade, e suspendeo a execução para tempo mais opportuno. Este lhe trouxe Fr. João de Guadalupe com a declaração do Summo Pontifice, de que se não entendia a disposição do Breve, passado a favor da Observancia, com os que procuravão viver mais reformados, senão contra os que tomavão a Reformação por pretexto, para viverem mais em sua liberdade. Buscou Fr. Pedro a Fr. João, tratárão ambos a importancia da nova reforma, e o mesmo espirito, e zelo os coadunou de sorte, que assentárão entre si proseguirem a pertenção, ainda que fosse à custa dos maiores trabalhos, e das contradições mais importunas.

8 Do que temos dito se vê que na jornada que fez Fr. João de Guadalupe a Granada, com tenção de fundar naquel-

quelle Reino Convento, não teve nella por companheiro ao ſanto Fr. Pedro de Melgar, como alguem cuidou; *c* porque no meſmo tempo andava ſolicitando o Breve para a fundação em Truxilho; ſalvo ſe o reduplicarmos, pondo-o em o Reino de Caſtella, e no meſmo tempo em Granada; mas por hora não nos he neceſſario eſte tão grande milagre. De mais, que os companheiros, que levou comſigo o Veneravel Guadalupe, todos erão da Cuſtodia dos Anjos; e Fr. Pedro de Melgar era filho da Provincia de Sant-Iago, como eſcrevem os Hiſtoriadores *d* mais claſſicos da Ordem. Por onde havemos de dizer com os noſſos Memoriaes, que ſahio da Provincia de Sant-Iago, e ſe ajuntou a Fr. João pela maneira referida; e com iſto ſe conforma o Padre Moles *e* no ſeu Memorial impreſſo.

c Chron. P. S.Gab. l. 1. c. 4.

d Gonz. 3. p. fol. 941. Fr. Marc. . p. l. 9. c. 8. Vading. om. 8. Iurib. in oc.

e fol. c. 9. 10.

CAPITULO VII.

Fundão os Capuchos ſuas primeiras Caſas, e ordenão apertadas leis, por onde ſe governem.

1500 1 UNidos os dous ſervos de Deos Fr. João, e Fr. Pedro com o meſmo eſpirito, e zelo do Senhor, ſe reſolvêrão a dar principio à fundação dos Conventos, que ſe lhes offereceſſem: e para mais brevemente eſtenderem o Inſtituto, que pertendião, dividírão entre ſi os deſtrictos; Fr. João foi fundar hum Convento em Villa-nova del Freſno, e Fr. Pedro ficou em Truxilho, edificando em virtude do Breve, que a eſte fim impetrárão os trez Cavalheiros da meſma Cidade. Hum delles (foi João de Chaves) deo o ſitio, que era huma horta, e caſas que tinha nella, lugar accommodado para o que os ſantos Religioſos pertendião, por eſtar meia legua diſtante da Cidade, quaſi em hum deſerto ſolitario e contemplativo. Nelle começárão as obras em 24. do mez de Março do anno de 1500. veſpera da feſtividade da Annunciação do Anjo à Mãi de Deos, a quem dedicárão o Convento com titulo de Senhora da Luz. Duas couſas concorrêrão neſte edificio, que com brevidade o puzerão em perfeição: a diligencia dos ſobreditos Cavalheiros, com que adminiſtravão o neceſſario para as obras; e o terem eſtas por Meſtre de Architectura a ſanta pobreza; pois alèm de ſerem as paredes todas de taipa, traçou-ſe a Caſa tão pequena, que mais parecia cabana, que Convento; e como eſtas duas couſas ſe achárão juntas, fizerão-ſe as obras

tão

tão apreſſadamente , que em breve tempo ſe deo fim a todas, achando-ſe os Religioſos quietos em ſuas cellas, dando graças ao Pai das miſericordias por aquella particular, que delle tinhão recebido, pondo-os no lugar, que appetecião ſeus devotos corações.

2 Erão muitos os Religioſos, que concorrião à nova Reforma, particularmente da Provincia de Sant-Iago; e aſſim em virtude das letras Apoſtolicas, que trouxe o Veneravel Guadalupe, aceitou Fr. Pedro, depois da Caſa de Truxilho, mais trez Eremitorios, ou Oratorios: hum junto a Belvís em huma Ermida de noſſa Senhora do Barrocal, Biſpado de Placencia: outro meia legua deſta Cidade entre hum ſitio de vinhas, que chamão Valſoriano: e o terceiro junto de Oropeſa, Biſpado de Avila, em huma Ermida, que chamavão noſſa Senhora de Piñuelas. Neſtes retiros vivião os humildes Capuchos, de dia trabalhando corporalmente na fabrica daquelles pobres Oratorios, e de noite eſpiritualmente, vigiando, orando, e derramando ſeu ſangue com largas diſciplinas, offerecidas a Deos pelos peccados proprios, e alheios, que a tudo ſe eſtende a caridade. S. Paulo, eſcrevendo aos de Corintho, diz *f* que deſejava viver, e morrer por elles: da caridade lhe naſcia eſte deſejo ao Sagrado Apoſtolo. Eſtes Religioſos tudo fazião, vivião morrendo em aſperas mortificações, que vencidos da caridade offerecião a Deos pelos povos viſinhos, que tanta lhes fazião.

f 2. Ad Cor. c. 7. n. 3.

3 Suppoſto que eſtavão em deſerto, não lhes faltava o corporal ſuſtento; porque demais de ſe elles contentarem com pouco, alli os buſcava a devoção da gente com igual cuidado ao com que os taes ſe empregavão nos eſpirituaes exercicios. Outros concorrião àquelles lugares obrigados da fama de virtude; que ſe a Alma Santa dizia nos Cantares a ſeu Divino Eſpoſo, *g* que após a ſuavidade de ſeus unguentos havião de correr ella, e ſuas companheiras, entendendo nos unguentos ſuaves, e cheiroſos as virtudes, eſtas são de ſi tão amaveis, que levão após ſi ainda aos que ſe não prezão muito de virtuoſos. Tão grande foi a opinião de virtude, e ſantidade, que aquelles primeiros Capuchos grangeárão, eſtando em ſeu pequeno Convento, e limitados Oratorios recolhidos, e tanto ſe eſpalhou a fama de ſuas boas obras, que concorria muita gente a ver com ſeus olhos, o que eſta publicava, recolhendo-ſe

g Cant. c. 3. n. 3.

edificada, e compungida de sua vida.

4 No mesmo tempo, em que Fr. Pedro entendia nas obras do Convento, e Heremitorios, Fr João não corria fortuna menos favoravel em as fundações da parte, que tomou à sua conta. Em Villa-nova del Fresno, Bispado de Badajós, com favor do Marquez da dita Villa, que foi mui devoto desta nova reforma, edificou huma Casa, a que deo titulo do Santo Euangelho; tal vez para mostrar aos Religiosos nella moradores, que o Santo Euangelho havião de ter por vida: daqui tomou toda a Congregação o nome, intitulando-se do Santo Euangelho; ainda que juntamente se chamavão tambem do Capucho, em razão do capello pyramidal, e agudo, de que usavão. Aceitou sitios para outras, em Salvaleão, que chamou Monte Sião, em Moncarche com titulo de nossa Senhora da Luz, e huma Hermida da Mãi de Deos junto ao Arroio de Merida.

5 Não sabemos o dia certo, em que se aceitou, e começárão as obras do Convento de Villa-nova; sabemos porèm que foi no anno de 1500. mas não antes da fundação de Truxilho, como escreveo o Chronista da Santa Provincia de S. Gabriel, [b] dando sua fundação aos primeiros de Março: o que he não só contra todos os que escreverão nesta [i] materia, mas ainda contra o seu mesmo Memorial do Padre [l] Moles: e para que mais claramente se veja esta verdade, referirei aqui suas palavras formaes, traduzidas porèm do Castelhano em Portuguez, para que nos soem melhor. *Edificárão a primeira Casa junto à Truxilho, Cidade situada em Estremadura, tomando a vocação della em honra da Sacratissima Virgem Maria Mãi de Deos, e Senhora nossa, em dia sinalado da vespera de sua solemnissima festividade da Annunciação, vinte e quatro de Março do dito anno* 1500. *dando em aquelle dia principio a esta Provincia.* O mesmo repete mais adiante, [m] tambem com palavras expressas, e claras.

6 E que assim fosse, alèm dos Historiadores o dizerem, o persuade a razão; porque ficando Fr. Pedro em Truxilho com licença para edificar, quando delle se apartou o Veneravel Guadalupe, sitio offerecido por João de Chaves, e vontade neste, e nos mais Cavalheiros para a obra, em que se havia occupar Fr. Pedro, ou que o havia de deter, em quanto Fr. João chegava a Villa-nova, buscava sitio para o do Santo Euangelho. Salvo se quizermos dizer (nem temos outra occupação,

[b] Chron. P. S. Gabriel. l. 1. c. 6.

[i] Gonz. 3. p. fol. 949.

[l] Bapt. Mol. c. 1. fol. 13.

[m] Idem c. 9. fol. 40.

que lhe dar) que eſtava eſperando que Fr. João déſſe principio a eſte Convento, para que ficaſſe ſendo o primeiro, como aquelle Chroniſta queria; que no empenho, que niſto moſtra, nos dá a entender que foi o erro affectado, mas mui deſcuberto. Fundados eſtes primeiros Conventos, ficárão logo Cuſtodias; o de Truxilho com o titulo de noſſa Senhora da Luz, e Fr. Pedro por Cuſtodio della, por eleição dos Frades, que o habitavão, que huma, e outra couſa diſpunha o Breve; e o de Villa-nova ſe intitulou Cuſtodia do Santo Euangelho, ficando Fr. João o Cuſtodio por eleição na meſma fórma.

7 Ordenado aſſim o material dos Conventos, tratárão das leis, por onde as duas Cuſtodias ſe governaſſem, como meios mais neceſſarios, e importantes à vida Religioſa. Ordenárão primeiramente, que todos os Conventos de ſua Reformação foſſem pobres, pequenos, e recolhidos, ſituados longe das Villas, e Cidades, para que os Religioſos nelles moradores, não foſſem moleſtados com viſitas de peſſoas ſeculares, nem o povo por eſte reſpeito defraudado das orações, que os taes neſte tempo podião offerecer por elle. Que em ſua Reformação ſe guardaria a Regra litteralmente; e que para iſto não ſe admittiria eſmola pecuniaria, ainda que dos devotos foſſe com importunações offerecida: nem por Miſſas, e Sermões ſe recebería alguma couſa: que aquellas ſe diſſeſſem pela tenção, por que Chriſto Senhor noſſo ſe offereceo vivo ſacrificio em a Cruz; e eſtes ſe fizeſſem por ſó o ſerviço de Deos, e eſpiritual beneficio das almas.

8 Que nenhum traria ſandalias, ſalvo em caſo de neceſſidade manifeſta, de licença do Prelado; antes todos andarião com os pés deſcalços por terra, ſem admittirem algum genero de calçado. Que os habitos dos Religioſos foſſem de ſaial groſſeiro, eſtreitos, curtos, e remendados, com os capellos agudos, e pyramidaes, ſem luneta por diante, como ſe crê havello trazido noſſo S. Padre. Que a permiſsão, que dá a Regra para uſar, além do habito, de tunica, a renunciavão voluntariamente, e ſe contentavão para abrigo com o manto; o qual ſeria ſem prégas, nem mais comprido, que atè cubrir, eſtendido o braço, as pontas dos dedos das mãos. Que demais das ſextas feiras ſe jejuaſſe às quartas, e ſabbados de todo o anno, e a Quareſma, que chamão dos Benditos. Que a ſós os velhos, e neceſſitados ſe lhes déſſe carne, ou peixe, ſegundo o tem-

tempo, e que os mais ſe contentaſſem como pobres com hervas, e legumes: e a nenhum ſe daria vinho, não tendo para bebello neceſſidade manifeſta, examinada pelo Prelado ſuperior da Cuſtodia.

9 Que cada dia ſe tiveſſe de Communidade duas horas e meia de Oração mental: todos os dias de Advento, e Quareſma (excepto os Domingos) houveſſe diſciplina; e entre anno ſegundas, quartas, e ſextas feiras, e nas vigilias, ou veſperas das feſtas principaes. Que o Officio Divino ſe havia de dizer (rezando-ſe ſempre Matinas à meia noite) pauſado em a mediação, e fim do verſo, ſem ſentar-ſe, ſenão todos em pé; e quando ſe cantaſſe, foſſe em tom chão, e humilde. Que não ſe admittiſſem para a Sacriſtia caſulas, frontaes, ou outro algum ornamento de ſeda, ſenão de lã, ou de panno commum, ſem laços, nem guarnições, ou bordados. Que não ſe recebeſſem vaſos precioſos de ouro, ou prata para o ſerviço do Altar, ſenão ſómente huma caixa pequena de prata, para reſervar o Santiſſimo Sacramento no Sacrario, e dous, ou trez Calices tambem de prata.

10 Alèm deſtas ordenações fizerão outras pelo diſcurſo do tempo; com ellas, demais dos Eſtatutos geraes da Ordem, ſe governavão aquelles primitivos Padres ſantiſſimamente; deixando-nos para melhor obſervancia dellas ſeus eſtylos, e coſtumes, que hoje ſe conſervão entre nós como leis; que eſte vigor lhes tem dado a criação, e tempo; e ainda que são miudezas, ſervem porèm de reſguardo ao principal; porque são como os accidentes, que conſervão a ſubſtancia da virtude; como as folhas da arvore, que defendem a fruta; e a margem do livro, que reſguarda a letra.

CAPITULO VIII.

Como Fr. João de Guadalupe entrou em Portugal, e do que paſſou com D. Jaime Duque de Bragança.

1 SUccede muitas vezes ſer o coração preſago, prognoſticando interiormente o que ha de acontecer; donde naſce dizerem muitas peſſoas em caſos particulares, depois de ſuccedidos, que lhos adivinhava o coração. O do noſſo Fr. João de Guadalupe parece lhe vaticinava o bom recebimento, que em Portugal lhe havião de fazer o favor dos principaes, a devoção das gentes. Pelo que deixando de fundar mais Caſas em Caſtella, como pudera bem fazer, acompanhado de hum de ſeus Religioſos entrou neſte

Reino, e foi a Lisboa. Deixou a Cidade de Evora; passando por ella, e não quiz fazer detença antes de chegar à Corte, parecendo-lhe que com mais facilidade poderia alli achar patrocinio, e ventura a seu intento, onde muitos queixosos della vivem descontentes. Estava naquelle tempo a do felicissimo Rei D. Manoel em Lisboa, aonde os dous Capuchos entrárão, sem que de alguma pessoa fossem conhecidos; porèm Deos nosso Senhor, que encaminhava suas passadas a seu serviço, ordenou, que indo a primeira vez estes dous Religiosos pelo Terreiro do Paço, encontrassem a D. Jaime, Duque de Bragança. Vinha elle a cavallo com grande acompanhamenro de Fidalgos, e criados, que o seguião; e quando vio os dous Capuchos, como quem se maravilhava de ver tal novidade, fez deter a gente, e parou hum pouco, considerando a penitencia, que no exterior ambos mostravão. Pés descalços, habitos remendados, e curtos, capellos agudos, olhos no chão, braços recolhidos, tudo notava o piedoso Principe.

2 Tanto que chegárão junto delle, lhes perguntou que gente erão, e o que buscavão. Somos, respondeo Fr. João, Frades reformados da Ordem dos Menores, e por certos negocios de importancia viemos de Castella a esta Corte de Portugal. O Duque inspirado por Deos (ao que se presume) sem mais lhes perguntar outra cousa, lhes disse: *Padres, recebereis huma Casa neste Reino, se vo-la offerecerem, e fizerem de boa vontade?* Essa nos traz, Senhor, a elle, respondeo Fr. João de Guadalupe: e pois Deos assim ordena nossas cousas, sem duvida que a mesma deve de ser tambem a sua. Não ha tempo agora para mais, tornou o Duque, depois de jantar ireis a minha casa; e dizendo isto, despedio-se delles. Ficou Fr. João suspenso, vendo a repentina devoção, que lhe mostrára aquelle Principe; e sabendo dos criados ser o Duque de Bragança, deo a Deos muitas graças, por lhe mostrar no primeiro encontro, quem poderia livrallo facilmente de todos, os que tivesse depois em as contradições, e trabalhos.

3 Chegarão-se as horas sinaladas, e os dous Capuchos tambem para os Paços do Duque: fallárão com elle na Reformação, que tinhão principiado: no fim, que pertendião: nas contradições, que achavão: no animo, com que estavão para lhe resistirem: e finalmente na Casa de nossa Senhora da Luz, onde ficára Fr. Pedro por Custodio, e na Custodia do Santo Euangelho, que Fr. João fundá-

dára. Então disse o Duque: Pois Deos vos trouxe a Portugal em tempo, que para com perfeição o servires, heis mister amparo, estai certos, que achareis em mim sempre hum affectuoso patrocinio: *Eu vos tomo à minha conta.* E para que saibais quanto he assim, ponde-vos a caminho para Villa-Viçosa, terra, onde resido, e nella vos mandarei fazer hum Convento, onde vos mostrará a experiencia, que não são minhas obras differentes das palavras. Com as mais humildes, que pode, lhe agradeceo Fr. João a benevola promessa; e como da Corte não queria outra cousa, dando-se com esta por satisfeito, sem demora alguma se partio para Villa-Viçosa, desejando ver já effeituada esta obra. Vaticinava por ventura, que havia de ser aquella Casa para toda a Descalcez palestra de virtude, e o mais firme asilo em seus trabalhos.

CAPITULO IX.

Fundação da Casa da Piedade de Villa-Viçosa, e resolução, que o Duque teve de ser Frade.

1 PElo desejo, que o Duque tinha de favorecer aos novos Capuchos, se expedio tão brevemente de alguns negocios, que na Corte o detinhão, que supposto elles se puzerão logo a caminho para Villa Viçosa, o Duque chegou quasi ao mesmo tempo. Contente, e alegre se mostrava da occasião, que já tinha presente, accommodada para mostrar sua Real condição no amparo daquelles pobres. Nada differio este negocio, mandando logo a Fr. João que buscasse lugar, e sitio accommodado para a fundação do Convento: elle o escolheo em hum valle apertado entre dous serros, cercados pela maior parte de mattos, lugar solitario, e quasi meia legua da Villa. A eleição do sitio não foi segundo as regras de Vitruvio, [a] por ser mui prejudicial à saude, como ao diante mostrou a experiencia; porèm foi conforme às lições do espirito, por solitario para a contemplação accommodado, fim, para que Fr. João o escolheo; que como nesta Reformação, que intentava, queria por Mestre só a Deos, julgou que para tomar deste Divino Mestre a postilla, o deserto era a melhor aula. Foi o parecer bem fundado, pois fallando Deos em Oseas de huma alma, diz [b] que a levaria ao deserto, onde lhe fallaria ao coração.

[a] Vitruv. de Archit.

[b] Oseæ c. 2. n. 14.

2 Neste sitio pois, onde já acharão feita a Igreja, que era huma antiga Ermida dedicada a nos-

a nossa Senhora da Piedade começárão as obras do Convento, a quem deo invocação, e titulo a dita Ermida. Lançou-se nellas a primeira pedra em o anno de 1500. reinando em Portugal o felicissimo Rei D. Manoel, e sendo o Duque de vinte e hum annos, havendo jà seis, que governava seus Estados. E como Fr. João, que traçava as obras, não curava de muita semetria, e arquitectura, não foi necessario muito tempo para se acabarem, assim pela pressa, e diligencia, que se lhe deo, como porque não queria que fosse grande a fabrica, e conforme à magnificencia, e vontade do Duque, que a mandava fazer à sua custa; senão pequena, e humilde, e conforme a santa Pobreza, que nosso Serafico Padre tanto encommenda em sua Regra.

3 Ficou aquelle edificio hum verdadeiro retrato da Euangelica pobreza; as paredes de taipa, tão limitadas as officinas, e em tudo o mais tão apertado, quanto se póde colligir do gasto, que fez; porque depois de acabado, e perfeito, se achou que só tinha feito ao Duque sessenta mil reis de custo. Mandou logo Fr João a Castella buscar Frades da sua Custodia do Santo Euangelho, e ficou alli com elles naquella nova Porciuncula, fazendo vida de Anjos. Ordenou cada hum para si huma cabana dentro na cerca do Convento, na qual se recolhia para vacar à Oração todo o tempo, que dos exercicios ordinarios lhe ficava. Era grande a consolação espiritual, que o Duque D. Jaime tinha em ver, e communicar nesta casa aos seus Capuchos; tanto, que sem difficuldade mui grande os não podia deixar, nem apartar-se delles, como por palavras o significou algumas vezes, e o mostrou por obra, mandando fazer na cerca, entre as cabanas dos Religiosos, huma pequena cella; aqual, em quanto naquelle Convento morárão Frades, sempre se conservou em pé, e se chamou o Oratorio do Duque.

4 Não era o Oratorio de columnas Corinthias, ou obra Mosaica, qual convinha à grandeza de sua pessoa, senão secreto, e humilde, qual desejava a quietação de sua alma. Nelle gastava muitas horas em a Oração mental nos tempos, que se exercitavão nella os Religiosos, e juntamente se achava nas Communidades, que fazião, assim do Coro, e officios humildes, como outros exercicios Monachaes. Com elles comia no Refeitorio, não só as vezes, que os queria honrar com a presença de sua pessoa, e recreal-los com as iguarias da sua meza,

ſa, ſenão tambem outras muitas, que queria mortificar-ſe a ſi meſmo, contentando-ſe de comer dos manjares groſſeiros dos Frades, ou acompanhallos em os jejuns de pão, e agua mais ſecretamente do que o podia fazer no Paço, onde ſeu eſtado requeria outra couſa. Em tudo ſeguia a vida commua: não faltava pela meia noite às Matinas, fazia no Refeitorio as penitencias, dizia proſtrado por terra ſuas culpas, como ſe fora o mais humilde noviço. Edificavão-ſe grandemente os Frades de verem acção tão heroica de humildade; mas a quem não edificaria ver hum tão grande Principe em a flor de ſua idade, e primavera dos annos, quando eſtes eſtão influindo vaidades, e altivezas, arrojar por terra as ſedas, arraſtrar brocados, ajoelhando-ſe aos pés de huns pobres Frades deſcalços? Porèm então ſe moſtrava mais Principe o Duque, quando mais humilde ſe moſtrava; que a humildade he virtude altiſſima, e de peitos Reaes, e generoſos. Que jà por iſſo entre os muitos, e ſingulares louvores, que ſe dão no livro dos Cantares à Eſpoſa Santa, [c] quando ſe trata
[c] Cant. c. 7. n. 2.
de ſua humildade, ſignificada nos pés, que he a mais humilde, e infima parte do corpo, foi chamada filha de Principe; ou conforme a tranrlação de Simacho, [d] filha do Duque.
[d] Simach. ibi.

5 Mais Principe ſe moſtrava o Duque proſtrado aos pés daquelles humildes Religioſos, que em a pompa, e mageſtade, com que repreſentava ſeu grande eſtado. Na adminiſtração do qual, em que era expedientiſſimo, não faltava a ſeus tempos, como convinha. Mas como eſte cuidado o tiraſſe muitas vezes da quietação, e ſocego eſpiritual, que alli entre os Frades achava, veio a ter o eſtado em conta de penoſa carga: e como naquelle penitente retiro ſe exercitava na Oração mental, contemplando nella os bens, que ſe nos promettem no Ceo, veio a ter em pouco as maiores riquezas da terra; porque como diz S. Gregorio, [e] vileſcem em noſſo animo todas as couſas, que na terra ſe poſſuem, ſe ſe conſiderão as que no Ceo ſe promettem. Jà o Duque aborrecia as pompas, jà lhe não contentavão as vaidades; e aſſim ſe reſolveo a trocar a brandura pela aſpereza, o regalo pela mortificação, para ſervir a Deos em pobreza, e humildade, fazendo profiſsão em companhia daquelles pobres Frades.
[e] Div. Gregor. Hom. 37.

6 Reſolveo-ſe em fim a deixar o mundo, e ſer Frade; ſuppoſto que jà a eſte tempo eſtava deſpoſado com Dona Leonor de Guſmão, filha de D. João de Guſmão, terceiro Duque

que de Medina Sidonia. E porque parecia impossivel ter seu desejo effeito em Portugal, pois ElRei Dom Manoel seu tio o havia forçosamente impedir julgou que era mais acertado ir professar a Roma, onde o Papa dispensaria no anno da approvação, como com S. Luiz Bispo se tinha feito: e que vindo jà de là professo, poderia participar do repouso, e quietação, que gozavão os seus Capuchos na Piedade. Deliberado pois neste pensamento escreveo huma carta a ElRei D. Manoel, em que lhe dava conta da resolução que tomára, pedindo-lhe que não tivesse a mal sua mudança: na qual se perdia hum sobrinho, e vassallo, com melhoria podia cobrar outro, logrando os Estados de Bragança seu irmão D. Diniz, em quem, por suas prendas, ficavão bem empregados. Esta carta deo o Duque a hum Frade daquelles, com quem na Piedade mais familiarmente communicava, dizendo-lhe que depois delle partido para Roma huns tantos dias, que lhe finalou, a levasse a ElRei, para que por mais diligencias, que fizesse, não pudesse avisar ao Summo Pontifice antes de sua profissão; porque de outra sorte sem duvida lha impediria. Feita esta diligencia, partio-se o Duque huma noite com todo o segredo, que lhe foi possivel, levando comsigo hum só criado, sem que outra pessoa alguma soubesse delle.

CAPITULO X.

He o Duque buscado: achão-no no Reino de Aragão: torna para o de Portugal.

1 O Religioso, a quem ficou a carta, temendo o enojo de ElRei, se a dilatava o tempo, que lhe finalou o Duque, logo que elle se partio, foi à Cidade de Evora, onde o dito Rei então estava: deo-lha, e com ella conta do que em Villa-Viçosa tinha succedido. Não festejou ElRei as novas, nem aceitou bem aquella determinação, e mudança, como na carta encarecidamente lhe pedia o Duque. E assim determinando estorvallo, e impedillo, despachou Fidalgos por todas as partes, por onde se podia fazer caminho para Roma, com cartas para o Papa, e Duque: a hum rogando não permittisse effeituar-se aquella pertenção; e a outro persuadindo desistisse do seu intento, e tornasse ao governo de seus Estados.

2 Não sahio frustrada a diligencia; porque huns Fidalgos, que partírão em seguimento do Duque, chegando à Cidade de Calataud [a] no Reino de Aragão,

[a] Goes n. Chronic. de ElRei D. Manoel 1. p. c. 61.

gão, acharão novas certas que eſtava nella. Soube tambem o Duque, que andavão os Fidalgos Portuguezes em ſua buſca; e temendo ſer achado, fez a huma mulher, em cuja eſtalajem ſe apoſentára, mercê com mão liberal, para que o encubriſſe, e o negaſſe; mas ella que com grande alegria a recebeo, não menos alegremente o deſcubrio, por ganhar o que os Portuguezes promettião a quem diſſeſſe onde eſtava. Com iſto eſtorvou ao Duque ſeu ſanto intento, e privou à Provincia da Piedade de tão grande honra, como alcançaria, ſe fora nella o Duque Religioſo. O meio, que elle tomou para ſe encubrir, foi cauſa de mais cedo ſe achar; porque ſe quando, para mais ſegurança, fez mercê àquella mulher lhe não deſcubrira que elle era a quem buſcava a diligencia dos Portuguezes, pedindo-lhe que o negaſſe, tal vez ficaria livre, por não ſer della conhecido. Que ſuppoſto a regalia, e mageſtade, que nelle erão naturaes, o eſtavão inculcando por Principe, e ſenhor, o pouco acompanhamento de criados, (pois hum ſó levava) e o pouco fauſto, e pompa com que hia, pudérão encubrir eſtes indicios. Se o Duque quizera manifeſtar-ſe, não pudéra buſcar meio mais accommodado, que o que tomou para mais ſegurança, deſcubrindo em ſegredo à ſua hoſpeda quem era; pois he eſte tão difficultoſo de guardar, que Chilon Filoſofo antigo, como refere Laercio, [b] o avaliou pela mais ardua couſa do mundo: e aſſim diſſe Ariſtoteles, que ſó aquelle o poderia guardar, que na boca pudeſſe conſentir huma viva braza de fogo: por tal julgava o ſegredo. Mas ſendo eſta a qualidade do ſegredo para com todos, ainda nas mulheres mais periga: por cuja cauſa de trez couſas, de que Catão [c] ſe arrependeo em a vida, foi huma dellas deſcubrir ſegredo a mulher.

[b] Laert. de vit. Philoſoph.

Ariſt.

[c] Plut. in vit. Catonis Sen.

3 Não ſentio tanto Sanſão a entrega, que delle fez Dalila; nem Siſara [d] (a não perder a vida) pudéra ſentir mais a traição de Jahel, [e] como o Duque ſentio a falſidade da que o hoſpedava. Póde-ſe porèm attribuir a diſpoſição Divina eſte ſucceſſo; que ſuppoſto fora grande honra para a Provincia ter hum tão grande Principe por filho, tal vez que ſe o Duque fora Religioſo, não chegára elle a lograr eſte titulo, conforme as contradições, e obſtaculos, que ao diante teve, pois lhe faltára hum defenſor tão acerrimo, como foi o Duque, e tantos Principes Protectores, como forão os ſucceſſores da Real Caſa de Bragança; em cujo amparo, e protecção, como

[d] Judic. c. 16. n. 19.

[e] Ibid. c. 4. n. 21.

mo em fortaleza, vivêrão sempre acastellados. Com que mais commodidade foi para os Capuchos terem ao Duque nas perseguições por defensor, que se o tiverão nos trabalhos por companheiro. O qual depois de achado pelos Fidalgos Portuguezes, vendo que jà a falsidade não tinha remedio, nem seu desejo podia ter effeito, pelas cartas, que ElRei seu tio escrevia ao Pontifice, desistio de sua pertenção, tornando-se para Portugal, acompanhado dos mesmos, que forão em busca delle. Soube-se com tudo, antes de sua partida publicamente na Cidade, que estava o Duque nella: e foi tão grande o alvoroço, assim dos nobres, como dos mecanicos, que vierão muitos de ambas as sortes, vello à pousada. Alli lhe forão feitos grandes offerecimentos, aventajando-se nisto toda a Nobreza: a qual vendo que o Duque não aceitava algum delles, se resolveo de lhe fazer antes da partida muitas festas. Estas lhe soube agradecer o Duque com tão boas palavras, que com ellas, como com cadeas de ouro (que taes são as cortezes) confessavão os Aragonezes ficavão todos prezos. Finalmente partio-se o Duque para Portugal, sentido de se lhe malograrem seus desejos; mas não perderia delles o merecimento; que a boa vontade de quem os não póde effeituar, he estimada de Deos, [f] como a mesma obra. E supposto que ao Duque impedírão o ser Religioso na Provincia da Piedade, não lhe pudérão tirar a entranhavel affeição, com que sempre ficou amando aos seus Capuchos.

[f] De Pœnit. lit. 1. cap. Magna.

CAPITULO XI.

Confirma o Geral a erecção das duas Custodias, da Luz, e do Santo Euangelho.

1 FUndadas as primeiras Casas Capuchas, e erigidas as duas Custodias, de N. Senhora da Luz; e do Santo Euangelho, foi a Roma em o anno de 1501. Fr. Anjo de Valhedolid, escolhido para Procurador da nova Congregação. 1501
Brevemente mostrou que a eleição, que delle fizerão para aquelle ministerio, fora acertada, pois não foi inferior a satisfação, que deo de seu officio, à opinião, que delle tinhão, quando o elegêrão. Por muitas vezes no tempo, que residio na Curia Romana, que forão dezoito annos, impedio ao Summo Pontifice, qual outro Anjo [a] a Abrahão, os golpes que à instancia de muitos intentava descarregar sobre os pobres Capuchos, que humildes os esperavão, como outro manso

[a] Gen. c. 22. n. 12.

ſo Iſac. Fez preſente ao Geral da Ordem, que então era Fr. Egidio de Amelia, o eſtado da Congregação do Santo Euangelho, a erecção das duas Cuſtodias, e eleição de Fr. Pedro, e Fr. João em Prelados dellas: pedio-lhe quizeſſe confirmar tudo o que eſtava feito, conforme diſpunhão os meſmos Breves, com que ſe fundárão. Não pareceo ao Geral, que deſmerecião ſeu favor homens, que na regular obſervancia da Regra tanto ſe tinhão aventajado; e aſſim para animallos no trabalho do que eſtava para fazer, e confirmar o que ja eſtava feito paſſou duas Patentes, huma dirigida a Fr. João de Guadalupe em trez de Abril de 1502. outra a Fr. Pedro de Melgar em quinze do meſmo mez, e anno: ambas me pareceo conveniente, e ainda neceſſario, trasladallas aqui; e começando pela de Fr. João, traduzida do Latim em o noſſo idioma Portuguez, he em eſta fórma.

2 Em nome de Deos. A Fr. João de Guadalupe, Cuſtodio da Cuſtodia dos Frades Menores do Santo Euangelho, que na obſervancia mais apertada vivem: Fr Egidio de Amelia, profeſſor da Sagrada Theogia, e Miniſtro Geral de toda a Ordem dos Menores, envia ſaude em o Senhor, e paz ſempiterna. Como quer que os annos atràs o noſſo Santiſſimo Senhor Papa Alexandre por ſua benignidade, conſiderando àcerca da ſaude, e conſervação dos Frades Menores, que vivem em a devida obediencia, e ſimples obſervancia da Regra do Padre S. Franciſco, mandaſſe, com conſentimento do noſſo Reverendiſſimo Padre Vice-Protector, certos Eſtatutos Regulares, conforme nas Bullas Apoſtolicas a vós, e a voſſos companheiros concedidas, mais largamente ſe contém: Por tanto conſiderando eu a multidão dos Frades deſta Ordem, e a diverſidade de ſua vida: confiado em o Senhor, havido primeiro conſelho com alguns Miniſtros, e outros Frades de noſſa Ordem, Varões approvados, os quaes louvárão o mandamento de Sua Santidade, e derão conſentimento a eſte Eſtatuto. Pelo que para o bom governo, e regimento, firmeza, e augmento de todos, e de quaeſquer Frades Menores, preſentes, e futuros, que vivem em a perfeita obſervancia do Euangelho em qualquer das partes, que eſtejão: todas as couſas, e cada huma dellas, em as ſobreditas letras Apoſtolicas conteudas, as approvo, e confirmo em quanto poſſo, aſſim para vós, como para todos os ditos Frades, e lugares; e por mim, e meus ſucceſſores outra vez as inſtituo,

e eſtendo a todas as partes Ultramontanas, e Ciſmontanas. E tambem por eſte eſcrito, e pela authoridade, de que uſo, outra vez vos deputo, e deputado vos declaro por Cuſtodio de todos os ditos Frades, e lugares, que ao preſente tendes, e ao diante tereis, para que tenhais ſolicito cuidado de todos. E aſſim a vós, como a quaeſquer de voſſos ſucceſſores, pelo tempo, que ao diante lhes durar ſeu officio, ſubſtituo, e ſubſtituidos os declaro, e denuncio por meus Commiſſarios ſobre todos, e quaeſquer dos ditos Frades: commettendo aſſim a vós, como a elles plenariamente minhas vezes, e dando-vos tambem plenaria, e livre authoridade, poder, e toda minha faculdade ſobre elles, e ſobre ſeus lugares. E tambem pelo teor das preſentes, em quanto poſſo, concedo, que nos Reinos de Heſpanha, e em quaeſquer outros, poſſais receber com a benção de Deos, de N. Padre S. Franciſco, e minha, quaeſquer Eremitorios, Domicilios, Oratorios, e Caſas, para ſerem por vós, e pelos Frades preſentes, e futuros habitadas: ſendo-vos os taes lugares offerecidos, e promettidos para ſerviço de Deos, e effeito da ſalvação dos dantes. De mais diſto quaeſquer dos outros Frades, que ſe quizerem paſſar à voſſa eſtreita vida, no modo como hão de ſer recebidos, e encorporados, e ainda quanto aos lugares, e Frades da Obſervancia, guardem-ſe os Breves de Xyſto, e Alexandre: nem os Frades, que neſta vida eſtreita eſtiverem recebidos, poderão tornar para os Conventuaes, nem para os Obſervantes: nem elles os poderão receber, ainda que os taes Frades para là queirão tornar-ſe. Dou, e commetto aſſim a vós, como a voſſos ſucceſſores, plena, e livre authoridade, meu poder, e faculdade geral, e eſpecial, temporal, e eſpiritual ſobre todos os ditos Frades, e lugares, em que vivem, para que poſſais fazer, tratar, e exercitar, ordenar, diſpor, e determinar todas as couſas, que eu pudéra fazer, ſe peſſoalmente a ellas me achára preſente. Todas as quaes hei por expreſſas, e declaradas ſufficientemente aos preſentes. Além diſto encarrego muito a conſciencia, aſſim a voſſa, como a de voſſos ſucceſſores, àcerca das graças, e faculdades a vós, e a elles concedidas, ou parte das quaes a outros Frades, que vós julgardes por ſufficientes. Mando demais diſto a todos, e a quaeſquer dos ditos Frades em merito da Santa obediencia, e virtude do Eſpirito Santo (poſta de parte toda a appellação) que humilde, e firmemente obe-

bedeção assim a vós, como a vossos successores em tudo, e por tudo, assim como a minha propria pessoa: e que por nenhuma cousa possão fugir de vossa obediencia, por escaparem de vossa correcção, exame, e reformação. E se jà tiverem fugido, ou ao diante fugirem, sobpena de privação de officio, e de excommunhão *latæ sententiæ ipso facto incurrenda*, que nenhum de seus Ministros Provinciaes, Vigarios, Commissarios, Guardiães, Presidentes, ou quaesquer outros de qualquer gráo, ou dignidade, que sejão, por nenhuma maneira ousem recebellos; ou se acaso estiverem jà recebidos; ou (o que Deos não permitta) daqui por diante os quizerem reter contra vontade vossa, e de vossos successores, encorrão em as mesmas penas. Demais disto debaixo das mesmas penas, e sentenças referidas, mando que nenhum meu inferior, de qualquer authoridade que seja, em cousa nenhuma se entremetta, ou por algum modo por si, ou por outrem presuma inquietallos, nem molestallos. Orai por mim: e Christo vos guarde. Dada em Roma a trez de Abril de 1502.

3 Com esta Patente dirigida a Fr. João de Guadalupe, veio tambem outra a Fr Pedro de Melgar, confirmativa da sua Custodia de nossa Senhora da Luz, cujo teor he o seguinte.

Carissimo em Christo Frei Pedro de Valença, e por outro nome de Melgar, Custodio da Custodia dos Frades Menores de Santa Maria da Luz do Bispado de Placencia: Fr. Egidio de Amelia, professor da Sagrada Theologia, e de toda a dita Ordem Ministro Geral, saude em o Senhor, e paz sempiterna. Como quer que os annos atràs o nosso Santissimo Senhor Papa Alexandre VI. solicito da saude, e conservação dos Frades Menores, que vivem em a perfeita observancia da Regra, e pobreza Euangelica, assim como foi instituida pelos primeiros Padres, mandou sahir à luz certas graças, e concessões de consentimento de nosso Reverendissimo Padre Vice-Protector; conforme nas Bullas Apostolicas a vós, e a vossos companheiros concedidas, mais largamente se contém. Por tanto considerando eu a multidão dos Frades desta Ordem, e a diversidade de suas vidas, para o bom governo, firmeza, e augmento de todos, e de quaesquer outros presentes, e futuros, que vivem em a perfeita obediencia da dita Custodia, em qualquer parte, que estiverem, e para proveito de outros quaesquer dos mesmos Frades: todas as cousas, e quaesquer dellas conteudas nas mesmas letras Aposto-

li-

licas para vós, e para todos os ditos Frades, as approvo, e em quanto posso as confirmo. E essas mesmas por mim, e meus successores de novo as instituo, e estendo a todas as partes Ultramontanas, e Cismontanas. E por este presente escrito, e pela authoridade, de que uso, outra vez deputo a vós Fr. Pedro por Custodio de todos os ditos Frades, e lugares, que com elles ao presente tendes, e ao diante tereis; e assim por deputado em tal officio vos declaro, para que tenhais solicito cuidado de todos os ditos Frades, e lugares. E assim a vós, como a vossos successores pelos tempos, que em seus officios estiverem, vos substituo, e substituido vos denuncio meu Commissario sobre todos, e quaesquer dos sobreditos Frades: commettendo pelas presentes, assim a vós, como a vossos successores, plenariamente minhas vezes: dando assim a vós, como a elles plenaria authoridade, e poder, e toda a minha faculdade sobre esses, e todos os mais lugares, que tiverdes. Tambem pelo teor das presentes concedo a vós, e a vossos successores, em quanto posso, que nos Reinos de Hespanha, e em quaesquer outros, vós, e os ditos Frades, e quaesquer outros em seu nome possais receber quaesquer Domicilios, Eremitorios, Oratorios, Casas, ou lugares para serem habitados por vós, e por elles. Outrosim vos concedo com a benção de Deos, de nosso Padre São Francisco, e minha, que possais ter as taes Casas, e lugares, e aceitallos para uso perpetuo vosso, e de todos os Frades presentes, e futuros: sendo os taes lugares a vós, e a elles pelos Prelados, Clerigos, Senhores, Senhoras, Nobres, Povos, Gentes, para serviço de Deos, e effeito da devoção dos mesmos offerecidos. Commetto, e dou assim a vós, como a vossos successores, plena, e livre authoridade, meu poder, e faculdade especial, e geral, para que façais, disponhais, trateis, exerciteis, ordeneis, ministreis, instituais àcerca dos ditos Frades, e dos mesmos lugares, no espiritual, e temporal, todas, e quaesquer cousas, que eu pudéra fazer, se pessoalmente estivera presente. Todas as quaes quero que os presentes as tenhão por sufficientemente expressase, declaradas. Alèm disto hei por declarados todos os poderes, graças, e faculdades por mim a vós, e a vossos successores concedidas, ou parte das mesmas a outros Frades, que vós julgardes serem para isso idoneos, ou vossos successores os julgarem; sobre o qual encarrego a vossa, e a sua consci-

ſciencia. Mando de mais diſto a quaeſquer dos ſobreditos Frades, por merito de ſanta Obediencia, e em virtude do Eſpirito Santo (poſta de parte toda a appellação) que humilde, e firmemente obedeção a vós, e a voſſos ſucceſſores em todas as couſas, aſſim como à minha propria peſſoa: e por nenhum pretexto, ou cauſa, por evitarem a correcção, e examinação, poſsão os Frades fugir de voſſa obediencia, nem da de voſſos ſucceſſores, ou Commiſſarios. E ſe jà houverem fugido, ou daqui por diante acontecer fugirem, ſobpena de privação de officio, e dos actos legitimos, e de excommunhão *ipſo facto incurrenda*, que nenhuns Vigarios dos Miniſtros, nem Provinciaes, Cuſtodios, Commiſſarios, Guardiães, Preſidentes, nem quaeſquer outros Frades de qualquer condição, grão, ou dignidade que ſejão, ouſem recebellos, ou jà recebidos reter. E ſe acaſo daqui por diante (o que Deos não permitta) quizerem recebellos contra voſſa vontade, e de voſſos ſucceſſores, incorrão em as meſmas penas. De mais diſto debaixo das meſmas penas, e ſentenças referidas, incorrerá tambem todo o meu inferior, de qualquer authoridade, ou dignidade que ſeja, que por ſi, ou por outrem, preſumir entremetter-ſe no cuidado dos ditos voſſos Frades, ou de qualquer outro modo moleſtallos. Chriſto vos guarde, e orai por mim. Dada em Roma em São Salvador da Onda a 15. de Abril, anno do Senhor 1502.

Fr. Egidio Geral, que todas eſtas couſas referidas inſtitue, concede, e manda: regiſtada por ſua propria mão.

4 Chegárão eſtas letras enviadas por Fr. Anjo a tempo que elles eſtavão na Corte dos Reis Catholicos, perſeguidos de ſeus oppoſtos, como diremos ao diante. Foi eſte Geral varão de grandes prendas, mui douto aſſim em humanas, como Divinas letras, era de excellente expedição nas materias de governo, por cuja cauſa occupou, não ſó na Provincia de Aſſis, cujo filho era, os primeiros poſtos, mas tambem os grandes da Ordem, atè que ultimamente por morte de Fr. Franciſco Sansão, foi provído no Generalato: officio, que exercitou atè o Capitulo Generaliſſimo celebrado em Roma pela feſta do Eſpirito Santo do anno de 1506. em que eſpontaneamente o renunciou. Foi muito affeiçoado à Reformação, como ſe vio no cuidado, com que favoreceo as Congregações reformadas dos Clarenos, Colectaneos, Amadeos, e aos noſſos novos Capuchos, a cujas duas Cuſtodias, da Luz,

do Santo Euangelho, moſtrou tanto amor, que não ſe contentando com lhes paſſar Patentes tão amplas, como as aſſima referidas, pouco depois impetrou em ſeu nome de Alexandre VI. hum Breve, que lhes enviou com ellas, para que não ſó foſſem com ſuas letras geraes confirmadas, mas tambem com as Pontificias eſtabelecidas. Nelle concede o Summo Pontifice às duas Cuſtodias confirmação de todos os Breves, que antes deſte lhes tinha concedido. Expedio-ſe em Roma a trinta de Maio de 1502. começa: *Dudum tibi, &c.* Com que a Congregação teve algum ſoſſego, ainda que o logrou pouco tempo.

CAPITULO XII.

Moſtra-ſe que as duas Cuſtodias da Luz, e do Santo Euangelho erão não ſó diſtinctas, mas tambem independentes huma da outra em ſeu governo.

1 DAs Patentes referidas ſe vê que as duas Cuſtodias, a de noſſa Senhora da Luz, e do Santo Euangelho, erão entre ſi diſtinctas, e ſó tinhão a união, que ſeus Fundadores lhes derão, coadunandoſe ambos para defenderem a meſma cauſa. Eſta os fez tão huns, que parecia huma ſó Cuſtodia; porque em ambas ás leis, por onde ſe governavão, erão as meſmas, a fórma do habito, o modo de vida, os eſtylos, e ceremonias Religioſas; mas com iſto aſſim ſer, os Breves Apoſtolicos, e letras dos Geraes ſempre as tratárão, como diſtinctas em ſeu governo, e Prelado, atè que, como veremos ao diante, por morte do Veneravel Guadalupe ſe encorporárão ambas debaixo de huma ſó cabeça. Todas as vezes, que vinhão dirigidas algumas Letras do Summo Pontifice, ou Geral da Ordem a huma, vinhão outras, que continhão o meſmo, à outra; como ſe vê nas duas Patentes, que no Capitulo precedente deixamos eſcritas: o que aſſim ſe não fizera, a não haver nellas diſtinção. E ſuppoſto que deſta ninguem duvída, com tudo nem todos fallão neſta materia da meſma ſorte.

2 O Reverendo Padre Fr. João da Trindade na Chronica, que compoz da ſua Provincia de S. Gabriel, *a* diz que fundado o Convento de Truxilho, com os Oratorios vizinhos, recorrêra Fr. João de Guadalupe ao Geral Fr. Egidio de Amelia, que os levantaſſe em Cuſtodia com o titulo de noſſa Senhora da Luz, e nomeaſſe a Fr. Pedro de Melgar por Cuſtodio della: o que elle fizera por Patente ſua, em a qual ſubordina-

a Chron. Prov. S. Gab. l. 1 c. 9.

na-

nava o Custodio, e Custodia da Luz, ao Custodio, e Custodia do Santo Euangelho; determinando que estivessem sujeitos à sua disposição, e obediencia. A Patente, que cita o sobredito Padre, he a mesma, que deixámos trasladada no Capitulo antecedente, que começa: *Cùm pridem Sanctissimus Dominus noster, &c.* cuja data foi em Roma a quinze de Abril de 1502. della se conserva no Arquivo desta Provincia não só o original com o sello da Ordem pendente em huma caixa de latão, mas tambem huma copia autenticada na Cidade de Truxilho, em huma quarta feira quatorze dias do mez de Setembro do anno de 1502. pelo Notario Apostolico João Alonso, Clerigo do habito de São Pedro, a requerimento de Fr. João de Santa Maria, em nome de Fr. Pedro de Melgar: e assim o original, como a dita copia temos ao presente diante dos olhos.

a Habentur in Arch. Prov.

3 Nella se não acha palavra, donde se colha a tal subordinação, e obediencia; nem ainda nomea a Custodia do Santo Euangelho, ou a seu Prelado; com que aquella clausula de que a subordinava o Geral na fórma sobredita, he supposta, e mui contraria ao que se lê na Patente. Lemos nella, que depois de referir o Geral a faculdade, que Fr. Pedro de Melgar teve de Alexandre VI. para fundar o Convento de Truxilho, e eleger-se hum de seus moradores em Custodio, concede ao dito Fr. Pedro, jà eleito em o tal officio, sua plena, e livre authoridade, e potestade, e omnimoda faculdade sobre todos os Frades da Custodia da Luz: são palavras expressas da dita Patente [b]: *Dans tibi, & tuis successoribus plenam, & liberam auctoritatem, & potestatem, ac omnimodam facultatem meam, &c.* e huma authoridade plena, livre, e omnimoda he incompativel com a subordinação, e dependencia: nem se poderá dizer, que tinha Fr. Pedro omnimoda, plena, e livre authoridade, como lhe concedia o Geral, se ao Custodio do Santo Euangelho o deixasse subordinado. A mesma independencia mostra a ultima clausula da Patente, que he a allegada por aquelle Chronista; porque nella diz o Geral, que debaixo das mesmas penas postas no principio nenhum seu inferior se intrometta no governo de Fr. Pedro. Esta he a ultima determinação; e bem se vê, quão contraria seja àquella supposta: *Que a Custodia da Luz estivesse à do Santo Euangelho subordinada.*

b Habentur ib.

4 Tambem se enganou o sobredito Chronista em dizer, que pela referida Patente erigia o Geral o Convento de Truxi-

lho, com os Oratorios annexos, em Custodia, e a Fr. Pedro por Prelado della; porque a tal Patente não he erectiva, senão só confirmativa do que estava feito; e já a este tempo o Convento de Truxilho era Custodia, e Fr. Pedro Custodio della, fazendo-se eleição de Prelado pelos mesmos Frades moradores, como dispunha o Breve. Era este de Alexandre VI. como atràs deixámos dito; [c] dispunha elle, como se vê no tambem já citado de Julio II. *Rationi congruit*, &c. que, fundada a Casa de Truxilho, os Frades nella moradores fizessem eleição de hum de entre elles em Custodio, o qual pediria confirmação de seu officio ao Geral: esta fizerão na pessoa de Fr. Pedro, a quem Fr. Egidio de Amelia confirmou pela referida Patente. E assim o mostra o teor das letras do Geral; porque todas suas clausulas suppõem a Custodia da Luz erigida, e a Fr. Pedro de Melgar Custodio della, como na realidade assim era huma, e outra cousa. Não diz nellas o Geral, que faz de novo a eleição, mas que a confirma novamente, repetindo algumas vezes estas palavras: *Iterùm instituo, iterùm Custodem te deputo*, &c. termos, que mostrão bem o não instituia de novo, senão que o confirmava já eleito.

[c] Sup. c. 6.

5 Do que temos escrito se vê que as duas Custodias de N. Senhora da Luz, e do Santo Euangelho erão não só distintas, mas tambem independentes huma da outra em seu governo, sem que a da Luz estivesse à outra subordinada. Como porèm em ambas era o mesmo o modo de vida, e o zelo, com que aspiravão a fundar na Ordem huma nova Reformação, em que mais pobre, e austeramente se vivesse, isto as unio de sorte, como se forão huma só; e assim todos os Religiosos de huma, e outra se chamavão da Congregação *do capucho*, pelo que usavão no capello; *e do Santo Euangelho*, nome participado da primeira Casa de huma dellas; ou *dos Descalços*, por andarem por terra com os pés totalmente nús, sem genero algum de calçado. Unirão-se os dous Prelados para as opposições, que previão, e apartárão-se, tomando cada hum à sua conta distrito, em que fundar, para que mais brevemente se dilatasse o Instituto, que pertendião: e o successo mostrou fora acertado o dictame. Consta outrosim, que a Custodia de N. Senhora da Luz não foi erigida à instancia do Veneravel Guadalupe pela Patente referida do Geral, senão por ella confirmada com seu Prelado; como o foi tambem por outra do mesmo Geral em o mesmo tempo;

po, a do Santo Euangelho, ſem que huma das Patentes contenha alguma couſa de novo, demais que a outra, como ſe póde ver nos traslados, que fielmente tiramos de ſeus originaes, e demos no Capitulo precedente.

CAPITULO XIII.

Queixão-ſe os Padres da Provincia de Sant-Iago aos Reis Catholicos dos Capuchos, por cuja cauſa são moleſtados.

1 ENtramos com a hiſtoria na força dos trabalhos, e contradições, que padecêrão noſſos Fundadores ao plantarem eſta nova Reformação: não os referimos para a queixa como ſentidos, ſenão para inteireza da narração como Hiſtoriadores; e para que vejamos os preſentes, quanto cuſtou a noſſos primeiros Padres o ſocego, que hoje temos, e conſequentemente a obrigação, que com elle nos deixárão de aſpirarmos à mais pura, e perfeita obſervancia de noſſa Regra. Com os augmentos pois, e proſperos ſucceſſos da Congregação dos Capuchos ſe augmentava tambem em os Padres da Santa Provincia de Sant-Iago o cuidado: vião-a creſcer rompendo por contradições, procurárão esforçallas para a impedirem. Dizem alguns que naſcia eſta ancia do ſentimento, que tinhão do applauſo, com que a gente moſtrava ter em muita eſtimação aquelle modo de viver em tanta pobreza, e rigor de penitencia; e como hião creſcendo em numero, parecia-lhes que aquelles Irmãos mais novos, como Jacob a Eſaú, lhes furtavão a benção, e que pondo a gente ſua affeição nelles, ſe eſqueceria da antiga devoção à ſua Obſervancia.

2 Porèm eu digo que o que os Capuchos tinhão de virtuoſos, era a razão de ſerem perſeguidos: nunca para a virtude faltão contradições, e muitas vezes fundadas em o bom zelo, ſem haver culpa em quem a contraría. Nem he muito que entre os Religioſos haja ſemelhantes differenças, pois as houve jà entre Anjos, e entre Santos: não por odio, mas por cuidar cada hum que acertava, e procurava o que era mais conforme ao ſerviço, e louvor de Deos. No livro de Daniel [a] faz menção a ſagrada Eſcritura de huma deſtas differenças, e contradições de vontade entre dous Anjos, hum, que tinha cuidado da Provincia de Judéa, outro, que tinha a ſeu cargo o Reino de Perſia. O da Provincia de Judea, eſtando os Judeos cativos em Perſia, procurava que ſahiſ-

[a] Dan. c. 10. n. 13.

ſem daquelle Reino; porque fóra delle, e poſtos na ſua terra, melhor,e mais livremente ſerviſſem a Deos, e ceſſaſſe o damno, que a alguns reſultava da companhia dos Perſas. O Anjo, que da Perſia tinha cuidado, pelo contrario, procurava que os Judeos cativos não ſahiſſem do cativeiro, eſperando que os Perſas, deixando a idolatria, ſe converteſſem ao verdadeiro culto, pela doutrina, e exemplo dos Hebreos. E andárão os Anjos neſtes diverſos pareceres, atè que forão certificados da ultima, e determinada vontade do Senhor, cujo ſerviço hum, e outro, ainda que encontrados, procurava.

3 De S. Paulo lemos, que ſobre a companhia de S. Marcos teve outra differença ſemelhante com S. Barnabé; e chegou a tanto, que andando ambos juntos antes della, depois
[b] Act. c.13. n.15. ſe apartárão; b permittindo-o Deos aſſim, porque apartados fizerão mais fruto, do que farião juntos. Cada hum delles tinha bom zelo na ſua opinião. Da meſma maneira o terião todos eſtes Religioſos; porque huns entendião,que em cazinhas pobres, e apartadas dos povoados ſervirião melhor ao Senhor, que nos Conventos grandes, onde não reluzia tanto a Santa Pobreza, tão recommendada de noſſo Padre. A outros parecia que perdia muito ſua Provincia em ſe ſahirem della tão principaes Religioſos na virtude, e ſantidade; por iſſo os não querião deixar ſahir de ſua companhia, porque os taes ſempre fazem nas Communidades grande falta. E verdadeiramente eſte entendo foi o principio, que a oppoſição teve, o zelo de conſervar a Obſervancia unida, ſe depois não declinára a veſtir a natureza de opinião.

4 Como quer que foſſe, erão os pobres Capuchos perſeguidos: ainda antes de Fr. Anjo ir Procurador a Roma, tinha ſido prezo Fr. Pedro de Melgar. Hia elle pelos fins do anno de 1500. fallar ao Guardião do Convento de Santa Elena, junto a Therena, e alli o prendêrão, e tiverão no meſmo Convento a bom recado alguns dias, atè que chegou o Miniſtro Provincial Fr. João do Rio, que vendo ſuas licenças, Breve, e papeis, e como com juſta cauſa eſtava apartado com os companheiros em o ſeu Convento, e Cuſtodia, como era o Provincial varão bom, Religioſo, e exemplar, não querendo eſcandalizar mais a Cidade de Truxilho, a quem parecia mal aquella prizão, o mandou ſoltar, e deixou ir livre; mas nem por iſſo deixárão de lhes dar mil moleſtias aos novos reformados, dizendo delles que erão huns hypocri-

critas, e idiotas, e que não podia Fr. Pedro, a quem tinhão eleito por Custodio, ser Prelado, por ser Frade leigo: sendo assim que não sómente Custodio podia ser, senão Ministro Provincial, como consta claramente da Regra:[c] e assim foi julgado depois pelo Cardeal Protector, diante de quem se tratou a causa em Roma.

[c] Reg. c.

5 Não contentes aquelles Padres com assim desacreditarem a nova Congregação para com o povo, se forão ter com os Reis Catholicos, que erão devotissimos da nossa Religião Serafica, e os informárão a seu gosto, dizendo que aquelles Frades com seu modo de vida singular perturbavão a paz, e união da Ordem: nem convinhão taes divisões para o proveito, e conservação da Observancia, que suas Altezas tanto tinhão ajudado, e favorecido, dando-lhes as Casas, que se tomárão por ordem sua aos Conventuaes. Que se a Congregação, que à pressa dilatavão, se não extinguia de todo o ponto, forçosamente se havião de seguir na Ordem inquietações grandes, e escandalos nos seculares. Para induzirem, e moverem mais aos Reis Catholicos, acumulárão neste informe cousas mui dissonantes ao que na realidade era: e foi tão cega a paixão, que pondo de parte a modestia Religiosa, divulgou em papeis manuescritos, de que alguma parte chegou à impressão,[d] muitos opprobrios contra os Capuchos.

[d] Chron. S Gabr. c.10.

6 Os Reis, que não tinhão outra informação da causa, mais que aquella, que lhes davão os ditos Padres, passárão Provisões às suas Justiças para prenderem todos os Capuchos da nova Congregação, e os remetterem assim prezos à Provincia de Sant-Iago, donde a maior parte delles tinha sahido. Desta resolução tiverão noticia os dous Custodios Fr. João, e Fr. Pedro; e parecendo-lhes que era precisamente necessario darem satisfação de si aos mesmos Reis, que contra elles estavão, se partírão ambos apressadamente caminho da Corte, onde entrárão de noite, por não serem sentidos de seus emulos. Souberão estes que os Capuchos tinhão partido da Estremadura, com tenção de fallarem aos Reis Catholicos, e os informarem da verdade, fizerão muitas diligencias, para que sua pertenção não tivesse effeito, pondo espias, para que antes de chegarem à Corte fossem prezos.

7 Estava neste tempo em a Corte de Castella o Senhor D. Alvaro, filho do Duque D. Fernando primeiro do nome, e segundo da Real Casa de Bragança: o qual se tinha retirado de Portugal, ou de sentido,[e] ou de

[e] Duarte Nunes na sua Genealogia. Mastri Dial.4. c.10.

de receoſo da ſevera, e aſpera condição de ElRei D. João II. que logo no principio de ſeu governo moſtrou na principal Nobreza de ſeus Reinos. Tinha Fr. João de Guadalupe noticia deſte Senhor, participada, quando eſteve em Villa-Viçoſa, do Duque D. Jaime ſeu ſobrinho, e aſſim, tanto que entrou de noite na Corte, logo foi buſcar a ſua caſa. Nella eſtiverão alguns dias, como em ſagrado; e bem lhes foi neceſſario para não ſerem prezos, procurando varios meios, para que os Reis quizeſſem ouvillos, o que nunca alcançárão; que foi tão bem pintado o informe, que chegou a produzir eſte effeito.

8 Eſta he huma couſa, por que padecem muitos innocentes com grande injuſtiça, por lhes não darem ouvidos à ſua cauſa: e são murmurados os Principes da terra, que como ſe fora dar entrada no Sancta Sanctorum, não ſe deixão ver, nem fallar, ſenão dos privados, que trazem junto a ſi: e eſtes poucas vezes, como Summos Sacerdotes, intercedem, e fallão pelos pequenos; porque o ordinario he, que como ſummos ambicioſos ſó tratão de aproveitar-ſe a ſi meſmos: e como os pequenos não fallão, nem são ouvidos, não podem ter bom ſucceſſo em ſeus negocios. Não neceſſita de informes a Sabedoria Divina, porque tudo lhe he patente; mas ainda aſſim quando os peccados das Cidades infames clamavão ao Ceo pelo fogo, em que ſe abrazárão, diſſe Deos que deſceria *f* a ver ſe era aſſim o que ſoava: não por outra razão, que por enſinar, como diz a Gloſa, *g* aos Reis, Juizes, e Prelados, que não procedão em os negocios ſem legitimas informações, nem julguem as cauſas, ou dem ſentença ſem ouvirem as partes, a que toca.

f Gen. c. 18. n. 21.

g Gloſa ibi.

9 Se os Reis Catholicos obrárão com eſta advertencia na cauſa dos Capuchos, e os ouvirão, não padecêrão elles tantos trabalhos; porque ſouberão as juſtas licenças, que tinhão, conhecêrão o zelo, e virtude, com que principiárão aquella Reformação, e não derão tanto credito às queixas, e capitulos, que contra elles recebião. Mas como não erão ouvidos para allegarem de ſua cauſa, e direito, tinhão atalhado o caminho a todo o remedio. Neſte tempo, e aperto, em que ſe vião, chegárão de Roma as duas Patentes do Geral, com o Breve, que tinha impetrado, remettidas por Frei Anjo, *h* com que aſſim o Pontifice, como o Geral, confirmavão o que tinhão obrado os da Congregação do Santo Euangelho. Com ellas ſahírão os dous Cuſtodios da caſa do Senhor D. Alvaro tão eſcondidamente, como

h Chron. ant. da P. l. 1. c. 15.

mo

mo nella tinhão entrado, para a do Arcebiſpo de Toledo, (neſta Cidade eſtava então a Corte) apreſentárão-lhe os Breves, que tinhão, as duas Patentes, que novamente lhes vierão, pedindo-lhe humildemente, que, interpoſta ſua authoridade, lhes fizeſſe dar a execução devida. Fez preſente o Arcebiſpo as ſobreditas letras aos Catholicos Reis, arrazoando em favor dos Capuchos; o que foi de tanto effeito, que mandárão ſuſpender o Decreto, que tinhão paſſado às ſuas Juſtiças, e permittírão, que viveſſem em ſeus Conventos livremente. Como os dous Cuſtodios tiverão eſte deſpacho, e não procuravão outra couſa da Corte, ſe vierão pacificos a ſeus Conventos; mas não lhes durou muito o ſoſſego, como veremos logo.

CAPITULO XIV.

Dos novos trabalhos, que ſobrevierão aos Capuchos por occaſião de hum Breve, que à inſtancia dos Reis Catholicos ſe expedio em Roma contra elles.

1 MUito cuſtou aos noſſos Capuchos o ſeguro, que impetrárão dos Reis Catholicos, para viverem ſoſſegados em ſeus Conventos, como no fim do Capitulo precedente fica eſcrito, pois andavão os Padres da Provincia de Sant-Iago tão ſolicitos em lhes eſtorvarem todas as diligencias, que podião fazer em ſua cauſa, que para irem de caſa do Senhor D. Alvaro à do Arcebiſpo, foi neceſſario irem em habitos de Jeronymos disfarçados, por não ſerem conhecidos: aſſim lhes importava, por não ſerem prezos. Com tudo o que lhes cuſtou muito, durou-lhes pouco: porque o Padre Fr. João de Argumanes, Procurador da ſobredita Provincia neſte negocio, vendo como a pertenção dos Capuchos tinha feliz ſucceſſo, buſcava varios meios para impedilla. E como vio aos Reis embaraçados com as juſtas licenças, que o Arcebiſpo de Toledo por parte dos Capuchos lhes apreſentou, perſuadio-lhes procuraſſem do Summo Pontifice hum Breve derogatorio de todos os privilegios, e indultos, que aos Capuchos tinha a Sé Apoſtolica concedido. Allegava para iſto razões, que a outros menos affeiçoados da Obſervancia, do que erão os Catholicos Reis, poderião mover, e induzir.

2 Era a principal, e mais forçoſa, o que tinha determinado o Vigario Geral da Obſervancia Fr. Marçal Boulier, eleito no Capitulo Albinenſe, [a] pela feſta do Pentecoſtes do anno de 1502. o qual na Congre-

[a] Mon. Ord. tract. 2. fol. 248. 2. impreſ.

gregação, que celebrou com alguns Padres na Provincia de Caſtella, para impedir a nova Reformação dos Capuchos, determinou houveſſe Caſas Recoletas em todas as Provincias, onde viveſſem os que mais eſtreitamente quizeſſem obſervar a Regra, ſem ſe eximirem da obediencia da Obſervancia. Porèm eſtas Caſas Recoletas não tiverão effeito, ſenão que depois de paſſados alguns annos poz eſte Decreto em execução o Reverendiſſimo P. Fr. Franciſco dos Anjos, ſendo Miniſtro Geral de toda a Ordem: que como a ſobredita determinação não foi naſcida de verdadeiro zelo, ſenão de ardiloſa traça para impedir aos Capuchos, [b] por eſſa razão não teve logo ſeu effeito. Como quer que foſſe, eſta era a principal razão, que Frei João de Argumanes allegava, dizendo, que ſe os Capuchos querião vida mais eſtreita, nas Caſas Recoletas a podião ter, ſujeitos à Obſervancia, ſem que ſe viſſe na Ordem hum tão grande damno, como era aquella diviſão, que fazião. Moveo iſto tanto aos Reis Catholicos, que em breve tempo alcançárão de Alexandre VI. hum Breve à pertenção dos Padres tão favoravel, que o não pudéra fazer mais do caſo ſeu deſejo, nem pintar melhor ſua vontade.

[b] Chron. P. S. Cabr. l. 1. c. 10.

3 Não eſperárão porèm que chegaſſe o Breve pertendido, ſenão que o meſmo foi verem que o Rei tomava a ſupplica delle à ſua conta, que perſeguirem os Capuchos mais afincadamente, ou porque não duvidavão de ſua impetração, ou para que com aquelles preludios achaſſe menos que fazer o ultimo golpe. Os Capuchos de N. Senhora da Luz de Truxilho forão os que mais padecêrão, que como os ſobreditos Padres fundavão novamente Convento naquella Cidade, ficavão mais expoſtos a ſeus tiros com eſta vizinhança. Ordenavão-ſe elles principalmente a Fr. Pedro de Melgar, como Prelado da Cuſtodia, fazendo-ſe tão apertadas diligencias para prendello, que para ſe livrar não ſahia de ſeu pobre Convento, onde o não buſcavão, porque como na invaſão do Convento havia de ficar publico o eſcandalo, eſperavão o Breve para a moſtrarem juſta.

4 Com tudo nem aſſim retirado ſe deo Fr. Pedro alli por ſeguro; reſolveo-ſe a deixar aquelle Convento por algum tempo, e nelle pôr Prelado a Fr. João de Santa Maria, e paſſar ao da Piedade em Portugal, onde atè aquelle tempo não tinha entrado a oppoſição. Não lhe cuſtou pouco chegar ao aſilo, que buſcava; porque tendo

do noticia os Padres Obſervantes, que elle tinha partido para eſte Reino, forão em ſeu alcance: em Valença, ſua patria, terra, por onde entrou a Portugal, fizerão diligencias para prendello, para cujo effeito levavão hum homem de cavallo, que ſe fingia Alcaide da Corte; mas defenderão-no ſeus naturaes, e com o amparo deſtes chegou a Villa-Viçoſa. Alguns mezes ſe deteve no Convento da Piedade; e como o não deixava quietar o cuidado do que paſſarião ſeus Frades, que deixára no Convento de Truxilho, voltou a eſta Cidade, e foi a tempo, que chegou de Roma o Breve procurado pelos Padres Obſervantes.

5 Expedio-ſe eſte naquella Curia a dous de Setembro do anno de 1502. e undecimo de ſeu Pontificado: começa: *Pro parte chariſſimorum, &c.* [c] Nelle diz o Summo Pontifice, como lhe foi expoſto por parte de ElRei D. Fernando, e da Rainha D. Iſabel, que alguns Frades ſob color de viverem mais aſpera vida, e eſtreita pobreza, havião impetrado Letras Apoſtolicas, para viverem fóra de ſuas Provincias, e ſujeição dos Vigarios dellas, reconhecendo obediencia a ſó o Geral Miniſtro: a qual couſa reſultava em detrimento da Ordem, e ſe ſeguião dahi muitos inconvenientes, e eſcandalos, e maiores ſe levantarião ao diante, ſe Sua Santidade os não atalhára com opportuno remedio. Pelo que, inclinado aos rogos dos ditos Reis, manda ao Arcebiſpo de Toledo, e ao Biſpo de Palencia (Biſpado antigo, e àquelle Arcebiſpado ſuffraganeo) com authoridade Apoſtolica, que para eſſe effeito lhes commette, fação tornar aos Conventos da Provincia de Sant-Iago todos os Frades, que eſtiverem fóra delles, ſem expreſſas licenças de ſeus Vigarios Provinciaes; e particularmente a Fr. João de Guadalupe, e Frei Pedro de Melgar, com todos ſeus companheiros. E que os Conventos ſejão applicados para ſempre à dita Provincia (havendo com tudo para os que tiverem particulares Padroeiros, o conſentimento delles) não obſtantes todas as Letras Apoſtolicas graças, licenças, ou Breves, que para iſſo lhes haja concedido, ou a quaeſquer Nobres de Heſpanha; porque todas as revoga, e annulla, pondo muitas clauſulas de firmeza, e quer que ſejão a iſto conſtrangidos os ditos Religioſos com graves penas, e cenſuras.

[c] Mon. Ord. tract. 1. fol. 205. Vald. tom 8. ad ann 1502. n. 26.

6 Suppoſto que eſte Breve ſe expedio de Roma a dous de Setembro do anno de 1502. como temos dito, com tudo paſſárão oito mezes, e mais al-

guns dias, ſem que ſe déſſe à execução: dizem que foi a cauſa [d] o eſperarem que o Arcebiſpo de Toledo, principal Juiz dos nomeados, vieſſe à ſua Dieceſe, porque huma enfermidade o tinha della auſente. Melhorou o Arcebiſpo, e fulminou logo o Proceſſo em Alcalá a vinte e ſeis de Maio de 1503. Foi eſte breve notificado a Frei Pedro de Melgar em Truxilho; porèm elle, ainda que Frade leigo, e ſem letras humanas, teve acordo para naquella occaſião uſar do mais efficaz remedio, que em tal caſo convinha, que foi appellar para Roma, onde o Summo Pontifice foſſe melhor informado da verdade. Feita a diligencia, pedio lhe deſſem das ditas Letras hum traslado, e ſem mais eſperar couſa alguma, com hum companheiro ſe partio caminho da Curia Romana. Aviſou a Fr. João de tudo o ſuccedido, o qual ſem eſperar que lhe notificaſſem o Breve, ſe poz tambem a caminho para Roma, a ſeguir a appellação com Fr. Pedro. Não ſeguião ambos os Cuſtodios hum caminho, hião divididos, para aſſim ſe livrarem mais facilmente das eſpias, que, conforme ſe diz, os eſperavão; pois chegou a paixão a tal extremo, que atè a defenſa natural impedia; porèm como he cega, não he muito que obre contra as meſmas leis da natureza.

[d] Chron. P. S. Mich. l. 5. c. 5.

CAPITULO XV.

Varios ſucceſſos, que teve Fr. Pedro de Melgar atè chegar a Roma, e da morte de Fr. João de Guadalupe no caminho.

1 ENtre os muitos, e grandes trabalhos, que o Doutor das Gentes São Paulo pela honra de Deos, e ſalvação das almas padeceo, [a] como ſe refere nos Actos Apoſtolicos, e elle meſmo o conta na ſegunda Carta, que eſcreveo aos de Corintho, forão trez naufragios no mar, antes de chegar a Roma, depois que appellou para Ceſar. Não lhe ſuccedeo menos ao noſſo Fr. Pedro de Melgar na jornada, que para Roma fez depois de ter appellado para o Ceſar da Igreja, o Romano Pontifice: permittindo-o aſſim Deos, por ventura para lhe dar a entender, que a cauſa de ſua appellação era mui ſemelhante à do Apoſtolo S. Paulo; porque ſe eſte zelava a Lei de Deos, elle zelava a perfeição de huma Regra, que o meſmo Senhor inſpirára a ſeu fiel ſervo, N. Seráfico Padre S. Franciſco, e confirmára por ſua; e que pois a cauſa era tão ſemelhante, queria

[a] Act. Ap. cap. 27. 2. ad Cor. c. 11. n. 25.

ria que nos trabalhos de sua defensa não fossem elles differentes.

2 Não forão os naufragios do nosso Frei Pedro todos em o mar, mas nem por isso deixárão de ser enfadonhos, e perigosos, tanto, que para se livrar do primeiro, lhe foi necessario usar de huma ardilosa traça, e novo modo. Foi o caso, que sabendo os Padres Observantes, que Fr. Pedro tinha appellado para Roma, e que para ella se partíra, fizerão tal diligencia para o prenderem no caminho, antes que sahisse de Hespanha, (mais urbano se mostrou Festo *b* a S. Paulo, pois vendo que appellava para Cesar, livremente o deixou seguir a appellação) que tendo elle noticia do que passava, julgou não seria possivel deixar de cahir em suas mãos, salvo usando de alguma nova diligencia. E como em semelhantes occasiões não ha mestre melhor que a necessidade, esta lhe ensinou que vestisse ao Religioso seu companheiro em hum habito dos Irmãos da Terceira Ordem, para que assim não fosse conhecido: e elle buscou para si hum vestido de secular, que levava pelo caminho em huma trouxa, em quanto não sahio de Hespanha; e quando chegava onde lhe parecia que podia ser conhecido, vestia-se com elle, recolhendo o habito de Frade; e onde entendia que não havia razão de temer, vestia seu habito, e recolhia o vestido, proseguindo com este disfarce sua jornada: a esta diligencia ajuntava outra não menos acautelada, que necessaria, qual era desviar-se todo o possivel de povoado. Com estes temores chegou a Barcelona, onde se embarcou, e vio mais rodeado de perigos; porque o mar, tal vez para mostrar a inconstancia de suas ondas, e o perigo, a que se expõe quem as navega, (importante aviso para a ambição, que corta suas aguas tão sem reparo) alterou-se de sorte, e embraveceo-se de maneira, que por muitas vezes se vírão os navegantes a ponto de serem sumergidos. Todo o tempo, que durou a furia da tempestade, estava o nosso Fr. Pedro recolhido em hum camarote da não, não como Jonas *c* dormindo, quando embarcou para Tharsis, mas como S. Paulo orando, quando appellou para Roma.

b [A]ct. c. 25. [n.] 12.

c Jon. c. 1. n. 5.

3 Ouvio Deos a oração de seu servo, como no mar de Tiberiade *d* a de outro Pedro: porque com a luz da manhã appareceo o mar leite, e tão socegado, quanto pouco antes teve de furioso. Chegou a não a porto, sahio Fr. Pedro a terra, e continuando sua jornada, entrou em Roma no mez de Setem-

d Matt. c. 14. n. 31.

tembro do anno de 1503. e como poucos dias antes, a dezoito de Agosto houvesse falecido o Papa Alexandre VI. Hespanhol Valenciano, tão pouco aceito aos Romanos, que depois de sua morte, por mostrarem a pouca affeição que lhe tinhão, executavão nos Hespanhoes, que havia na Cidade, algumas crueldades, e andava tão amotinado o povo contra elles, que nenhum se livrava de ser injuriado, tanto que a publico sahia. Participou Fr. Pedro tambem destas injurias; e ao entrar pelas portas da Cidade, forão os dous companheiros prezos pelos Guardas, despirão-lhes os habitos, e tiverão-nos assim por largo espaço, fazendo-lhes opprobrios, sem que os servos de Deos em gestos, ou em palavras dessem a entender o menor sentimento, antes se mostravão naquellas injurias tão satisfeitos, e contentes, que confundidos, e admirados de sua paciencia os Guardas, os deixárão ir livremente.

4 Livres jà deste transe, para elles assàs penoso, buscárão a Fr. Anjo de Valhadolid, seu Procurador naquella Curia; e não sei se nas primeiras vistas houve mais jubilos, que lagrimas: que se bem a presença dos que grandemente se amavão pedia não pequeno gozo, as perseguições, em que se vião, requerião não menor sentimento. Passado algum pouco tempo, chegárão os companheiros de Fr. João de Guadalupe, de quem Fr. Pedro soube que era morto na jornada. O lugar, em que commutou a temporal pela eterna vida, dizem huns *e* que foi Civitela, em hum Convento, ou Hospicio dos Padres Observantes, que antes tinha sido dos Conventuaes da Provincia de Roma: outros, *f* fallando em geral, dizem que foi sua morte duas jornadas antes de chegar a esta nobre Cidade. Não se póde encarecer o muito que todos sentírão a perda de tão grande Religioso, que alèm de ser mui aventajado na virtude, era, entre todos elles o mais superior na sciencia. Renovárão-se as lagrymas daquelles, que se achárão presentes à sua morte, e entrou em todos huma tristeza profunda. Representava cada hum tudo o que se póde cuidar de sentimento, aventajando-se aos demais Fr. Pedro de Melgar, como quem melhor conhecia aquella perda. Morreo Fr. João no mez de Outubro do sobredito anno de 1503. quasi à vista de Roma, como outro Moysés, *g* antes de entrar na terra de promissão.

e Chron. P. S. Gabr. cap. 11.

f Memor. da Prov.

g Deuter. c. 34. n. 5.

CA-

CAPITULO XVI.

Dos grandes trabalhos, que padecêrão os Capuchos, que Fr. João, e Fr. Pedro deixárão em seus Conventos, quando se partírão de Roma.

1 DEpois que os Padres Observantes notificárão a Fr. Pedro o Breve, de que elle appellou para Roma, caminhárão para o Convento de nossa Senhora da Luz em Truxilho, para tomarem delle posse; o que prevendo os Religiosos nelle moradores, deixando a Casa, se forão todos ao Oratorio de Belvís, Villa do Conde de Deleitosa, que hoje anda encorporada na Casa de Oropesa, por casamento da Condeça D. Beatriz de Monroio com D. Fernando Alvres de Toledo, quarto Conde de Oropesa. Era o Senhor de Belvís naquelle tempo affeiçoado aos Capuchos, pela virtude, que nelles via, e muito amigo de Fr. Pedro seu Prelado, a quem tinha conversado antes de Religioso: por estas razões, tanto que em sua terra os vio, e soube a causa, que a ella os levava, desejou muito escondellos, e livrallos de quem os perseguia; mas vendo que não era possivel accommodallos em o tal lugar, e que não havia outro, em que pudessem estar secretamente mais seguros, deo-lhes ordem, para que em huns altos estebaes fizessem humas cabanas, onde lhes mandava levar de comer a suas horas, e soccorria com todo o necessario à humana vida.

2 Dalli se informavão do que passava; e sabendo como os mais Conventos, que tinhão em Castella, corrêrão a mesma fortuna que o da Luz, e ainda alguns delles chegárão a ser derribados, vendo que naquelle Reino não podião viver seguros, pois, alèm de seus contrarios, tinhão aos Reis contra si, se passárão ao de Portugal, que em fim sempre foi em seus trabalhos o melhor asilo. Chegárão à Piedade de Villa-Viçosa alguns delles, que por todos não passava o numero de quatorze: porque supposto erão mais os outros cançados jà de tantos trabalhos, e molestias, quantos na empreza tinhão padecido, se tornárão às Provincias, donde sahírão. Porèm os remanecentes determinárão levar por diante sua pertenção, atè perderem as vidas por aquella causa, como tinha succedido a Fr. João, e aconteceo depois a alguns delles.

3 Verdadeiramente que quem visse os duros combates, e porfiadas contradições, que os Capuchos nesta nova Reformação tiverão, julgaria que era

a Deos pouco aceita, pois permittia que assim fosse molestada; porèm enganar-se-hia, que antes foi o mais claro argumento de quão grata lhe havia de ser esta Congregação, purificando a seus Fundadores com os trabalhos. E Provincia tão perfeita, como a da Piedade, (sem jactancia o digo) que fundárão, havia de ser às marteladas, e à força de golpes de contradições. Como ao ouro ao fogo, diz o Sabio [a] que prova Deos seus escolhidos: e advertio o Incognito, que para dous effeitos costumão os Ourives metter o ouro no fogo: para examinar sua fineza, [b] e quilates, e para que saia bem lavrada a obra, que pertendem fazer. Para os mesmos effeitos diz o referido Expositor que mette o Soberano Artifice aos homens no fogo das tribulações, para dar a conhecer a fineza, e quilates de sua virtude, e tambem para os dispor pela paciencia, que saia perfeita a obra, que por elles procura fazer; que, segundo diz o Apostolo Sant-Iago, a paciencia [c] he que faz as obras perfeitas.

a Sap. c. 3. n. 6.
b Incogn. sup. Ps. 65.
c Jacob. c. 1. n. 4.

4 Que contradições passárão os Hebreos antes de entrarem na terra [d] de promissão? Que trabalhos padecêrão os Apostolos, antes que plantassem no mundo a Lei Euangelica, e nova reformação de costumes? Assim tambem para se conhecer, que era a Provincia da Piedade cousa muito de Deos, havia de ser plantada com tantos trabalhos, quantos seus Fundadores padecêrão. Os que chegárão a Villa-Viçosa (tornemos ao fio da historia, se bem que semelhantes digressões, são nella permittidas, e ainda importantes) forão recebidos do Duque Dom Jaime com tantas mostras de amor, como de sentimento, effeitos da grande devoção, que lhes tinha. Multiplicárão suas cabanas de ramos pela cerca do Convento, porque não era este capaz de receber em si tantos Frades: alli determinavão esperar o successo da appellação, cuidando que não poderia haver quem os molestasse, tendo elles tão grande amparo, como a sombra do Duque; porèm cedo virão o desengano, que a diligencia dos seus oppostos atè deste lugar os desterrou.

d Exod. plur. in loc.

CAPITULO XVII.

Como os Capuchos forão lançados de Villa-Viçosa, e estiverão na Serra Dossa escondidos.

1 Disse nosso Serafico Padre São Francisco em certa occasião a seus primeiros discipulos, que viria tem-

tempo na Ordem, em que os menos advertidos de ſua profiſsão moleſtarião tanto aos zeloſos da Regra, que os conſtrangerião a viver em os deſertos mais retirados, onde eſtiveſſem eſcondidos. *a* Eſta profecia do Santo Padre ſe vio cumprida nos noſſos Capuchos, pois atè do Convento, que elles tinhão por unico refugio em ſeus trabalhos, qual era o da Piedade, forão lançados fóra, e obrigados a viver em huma deſerta ſerra, ſómente de brutos povoada. Todas eſtas moleſtias lhes occaſionárão os Padres Obſervantes da Provincia de Sant-Iago em Caſtella; que nos de Portugal achamos ſempre boa vizinhança; porque ſabendo como os Capuchos expulſos daquelle Reino eſtavão recolhidos, como em fortaleza, na Piedade de Villa-Viçoſa, houverão cartas dos Reis de Caſtella para D. Manoel de Portugal, nas quaes lhe rogavão encarecidamente lançaſſe fóra do ſeu Reino aos Capuchos, para cujo effeito allegavão algumas razões, ſendo a principal dellas o Breve, em que o Summo Pontifice mandava extinguir a ſua Congregação.

a Marc. [illegible]. l. 2. [illegible]. 28.

2 Pouco foi baſtante para que o Rei mandaſſe logo aos Religioſos Obſervantes da Provincia de Portugal que foſſem a Villa-Viçoſa, onde tomando poſſe da Caſa de noſſa Senhora da Piedade, os Capuchos ſahiſſem fóra della, e de ſuas terras. Condeſcender o Rei tão facilmente à petição dos de Caſtella, foi pela reſolução, que o Duque teve de ſer Religioſo; porque cuidando elle que a iſto o tinhão induzido os Capuchos, ficou-lhes muito pouco affeiçoado; e ſe jà os não tinha deſpedido de ſeu Reino, era por não deſgoſtar ao Duque ſeu ſobrinho, que os defendia, e amparava. Mas vendo agora a petição dos Reis de Caſtella, e com ella a noticia da diſpoſição do Pontifice, com que dava ao ſobrinho ſatisfação, mandou expreſſamente ſe ſahiſſem logo. Enganou-ſe quem diſſe *b* que jà antes das cartas dos Reis de Caſtella tinha o de Portugal deſpedido de ſeu Reino aos Capuchos; porque eſtas forão a cauſa total, que achárão mais facil a pertenção na preſumpção, que o Rei teve dos Capuchos terem induzido ao Duque a ſer Religioſo. Motivou eſte Decreto do Rei ao Duque grande ſentimento, pelo muito que eſtimava a companhia dos Capuchos, que tinha em ſua terra: fez muitas diligencias, para que ſe revogaſſe, ainda que nenhuma dellas foi de effeito.

b Chron. P. S. Mich. l. 5. c. 15.

3 Havia neſte tempo, não mui longe de Villa-Viçoſa, huma aſpera, e deſerta ſerra, tão po-

povoada de brutos, e feros animaes, que pelos muitos Ussos, que havia nella, foi chamada a Serra Dossa, [c] vocabulo Castelhano, em cujo idioma os Ussos se chamão Ossos. E ja póde ser que no tempo das antigas guerras de Portugal, e Castella (se o nome não he mais antigo) vindo os Castelhanos a este Reino, e vendo nella tantos, e tão feros Ussos, lhe dessem este nome, e chamassem Serra de Ossos: onde entrando corrupção dos vocabulos, como acontece ordinariamente, lhe ficaria Serra Dossa. Como quer que fosse, foi em o tempo antigo por sua aspera grandeza tão conhecida, quanto no de agora o he pelo insigne, e famoso Convento, que nella tem os mui Religiosos Padres de São Paulo primeiro Hermitão: os quaes, por darem principio à sua vida Religiosa neste Convento, o tem ennobrecido com grandes edificios, e obras maravilhosas, dignas de serem vistas de todos, os que das melhores tem noticia.

[c] Moles c. 2.

4 Desta Serra tão deserta naquelle tempo tinhão noticia os novos Capuchos; e vendo como de Villa-Viçosa os lançavão, o mais secretamente que puderão, se forão metter nella; confiados que acharião mais piedade nos Ussos, e brutos animaes, do que tinhão achado em peitos humanos. Nem se enganárão em seu pensamento, porque recolhendo-se no mais alto, e aspero da Serra em huma Ermida, que alli estava, (seria tal vez a que hoje chamão de S. Gens, se por ventura he tão antiga) sustentando-se nella com pão de tribulações, lagrymas, e raizes de ervas, tinhão os Ussos por seus defensores. E parecendo-lhes que não seria possivel pudesse chegar à imaginação de quem os perseguia, que os homens mortaes vivessem em tanta aspereza, alli se consideravão seguros. Mas como não ha segredo, que não se revele, não foi possivel perseverarem alli muito tempo; porque alguns pastores, que os virão, derão noticia a outros de sua habitação, e assistencia. Pouco a pouco se divulgou o caso, de maneira que em breves dias chegou à Corte, barra, onde vão desembarcar todas as novas. Tornou logo ElRei Dom Manoel a mandar de novo, que nem alli estivessem, e que de todo se sahissem de seu Reino; que tal era o informe que dos Capuchos davão seus oppostos, que não chegou a produzir menos effeito em Reis Catholicos.

5 Dos Gentios lemos que degradavão aos Martyres para Ilhas despovoadas, e terras desertas; porèm aqui vemos que nem

nem eſſas são concedidas a Religioſos de perfeita vida por Reis Catholicos, em quem reconhecemos muito de piedade; parecia-lhes porèm pelos informes que obravão com juſtiça. Vendo-ſe os pobres Reformados perſeguidos, expulſos de Caſtella, e Portugal, e que nem os aſperos deſertos communs a brutos, lhes erão a elles concedidos, determinárão deixar ambos os Reinos. Tinhão noticia que entre as Villas de Cheles em Caſtella, e Monçarás de Portugal, eſtava huma pequena Ilha, que por não ſer de hum Reino, nem de outro, e haver pertenção de ambas as partes ſobre a juriſdicção della, ſe chamava a Ilha da Contenda, nome, pelo qual ainda hoje he nomeada, e conhecida. E parecendo-lhes que ſó alli podião viver ſeguros, pois nenhum poder humano governava nella, lançando a benção aos Uſſos, que encontravão, pelo bom agazalho, que lhes tinhão feito, deixárão a Serra, a Ermida, e aſpero deſerto, em que eſtavão, e forão-ſe recolher todos naquella Ilha.

CAPITULO XVIII.

Como os Capuchos eſtiverão na Ilha da Contenda.

1 GRande foi o fogo das tribulações, em que Deos deſta vez metteo aos Capuchos; porque os Reis de Caſtella, e Portugal tomárão à ſua conta o lançarem-nos fóra de ſuas terras, como nos Capitulos precedentes temos viſto. Sentírão muito expellirem-nos da Serra Doſſa, que pelo retirado, e deſerto para as commodidades do eſpirito bem ſe póde chamar Serra da Eſtrella. De tempo mui antigo ſe conheceo nella eſta excellencia; pois em todo buſcárão ſeu ſoſſegado retiro muitas peſſoas illuſtres deſte Reino, que deſenganadas jà do mundo, deixando as povoações, e Cidades, buſcavão a Deos neſte deſerto. Foi eſta ſempre huma nova Thebaida de Portugal, morada de Monjes deſde o anno de novecentos vinte e dous. [a] Deſte ſaudoſo ſitio expellidos offereceo a neceſſidade outro aos Capuchos, que tambem para as conveniencias do eſpirito pudéra ſer de ſua eleição digno emprego. Fica eſte entre dous braços, que faz o Guadiana; e como eſte rio divide aos dous Reinos, fica eſta terra, que he pouco mais de huma milha, em

[a] Dextro apud Agiol. Luſ. tom. 2. no Commẽt. a 22. de Marc. lit. E.

contenda, querendo hum, e outro Rei que ao seu pertença. Igual agazalho achárão os nossos Reformados no Guadiana, que na Serra Dossa; porque se a Serra os agazalhou sem damno algum dos Ussos, o rio se mostrou tão benigno, que os recolheo em seus braços.

2 Na cova, em que S. Paulo primeiro Ermitão entrou, quando fugindo do mundo, se foi ao deserto, diz S. Jeronymo, *b* achou tudo o que lhe era necessario para passar a humana vida. Alli lhe trazia o corvo meio pão todos os dias: alli estava a fonte, de cujas aguas se aproveitava para matar a sede, causada do excessivo calor, em que no Estio se abrazavão aquelles desertos: alli a palma, que lhe deo de comer trinta e sete annos, (antes que o corvo lhe trouxesse o sustento) de cujas folhas fazia vestidos de tanta estimação, que depois Santo Antonio Abbade em as festas principaes usava delles. Finalmente com o que na cova achou S. Paulo, passou a vida sessenta annos sem perturbações, nem sobresaltos, alegre em o Senhor, e mui conforme com sua vontade Divina.

b D. Hier. in vita Paul.

3 Não costuma Deos satisfazer as necessidades de seus servos com muitos regalos, diversas iguarias, ou saborosos manjares, pelos não pôr em perigo de perderem a virtude, que com estas cousas não pouco se arrisca; porèm nunca lhes falta com aquillo, que basta a sustentar a humana vida, principalmente quando elles, como o glorioso Paulo, só no Ceo tem posta a confiança. O mesmo succedeo aos nossos Capuchos, quando deixando a Serra Dossa, se forão recolher na Ilha da Contenda, onde Deos os proveo do necessario, se não tão milagrosamente, como a S. Paulo, pelo menos bem se deixa entender, que foi por ordem sua. Assim o tinha muito antes promettido *c* a nosso Serafico Padre S. Francisco, quando lhe revelou as perseguições, e desterros, que havião de experimentar os zeladores de sua Regra. Não achárão os pobres perseguidos em a Ilha covas, mas em lugar dellas fez cada hum para si huma cabana, em que de dia, e de noite estava recolhido. Não mandou Deos aos corvos que lhes trouxessem pão, porèm moveo os corações de alguns Pastores, que junto ao rio apascentavão seus gados, os quaes vendo a perfeição, que em todas suas acções aquelles Religiosos mostravão, e considerando que mais parecião Anjos, que homens, não tendo outro manná do Ceo, com que lhes acudir, offerecião liberalmente alguns pedaços de pão, es-

c Chronic. Ord. liv. 1 cap. 17.

eſtimando muito que lhos aceitaſſem. A eſtes ajuntavão os Veneraveis Religioſos algumas ervas cruas, que a meſma Ilha lhes dava, que o que tinhão de ruſticas, e deſabridas, erão para os mortificados Capuchos de melhor goſto.

4 Não vivêrão aqui ſeſſenta annos, como S. Paulo Hermitão viveo na cova; [d] porèm paſſárão a vida com muita consolação de ſuas almas ſeſſenta dias, occupando-ſe em todos elles na oração, e tal vez lhes ſuccedia o que a Santo Antonio Abbade, que morria, e naſcia o Sol, eſtando elles no meſmo lugar ajoelhados. Outras vezes começou, e feneceo o dia, achando-os immoveis: não tanto por ſe enſaiarem com aquelle rigor para o aſpero dos trabalhos, que lhes podião ſucceder, como fazia Socrates; [e] mas muito mais para aſſim ſem interrupção vacarem a Deos, fim mais excellente, e ſoberano. A eſte Senhor pedião fervoroſamente foſſe ſervido encaminhallos proſeguiſſem a vocação de ſeu eſpirito; e que ſe eſta era verdadeira, a guiaſſe venturoſamente a ſeu fim, ainda que foſſe por meio de muitos, e grandes trabalhos. E como aquelles, que em Deos confião, nunca lhes falta fortaleza, como diz o Profeta Rei, era tal a deſtes ſervos de Deos, pela muita confiança, que nelle tinhão poſto, que ſem os acovardarem as perſeguições, com que os moleſtavão, nem os deſterros, que ſoffrião, fazião de novo mil proteſtos de perſeverarem no começado. Occupados neſtes exercicios os deixaremos por hora na Ilha da Contenda, por vermos outra, que tinhão os aſſiſtentes em Roma com hum Procurador da Provincia de Sant-Iago, que foi ſeguir a demanda naquella Curia, com decisão da qual os tiraremos do lugar, onde agora os deixamos.

[d] ...D. Hier. in ...jus vita. ...Atha. ibid.

[e] ...Sabelico ... 2.

CAPITULO XIX.

De humas Letras, que os Capuchos alcançárão em ſeu favor.

1 DIzem que a diligencia he mãi da boa ſorte, e quem a quizer ter em ſuas couſas, ha de deſvelar-ſe: particularmente ſe vê iſto nos pleitos, e demandas, onde mais acaba hum ſolicitador diligente, que muitas vezes a juſtiça daquelles, que com ella ſeguem a cauſa Levado póde ſer deſta conſideração, e penſamento o Padre Vigario Provincial da Santa Provincia de Sant-Iago, vendo que Fr. Pedro de Melgar tinha appellado para Roma, mandou hum Religioſo ſeu com titulo de Procurador, e ſolicitador naquella cauſa. Chama-

va-ſe eſte Padre Fr. Antonio de Rincon, Varão de grandes letras, que tanto que a Provincia lhe deo eſte cuidado, o moſtrou logo em o negocio; porque procurou cartas de favor dos Reis Catholicos, e de outras peſſoas grandes de Heſpanha, aſſim para o Pontifice, como para os Cardeaes, como quem determinava negociar a poder de valias. Com eſtas armas, de que elle muito fiava, ſe partio para Roma, levando por companheiro outro Religioſo por nome Fr. João Sereio, Frade da meſma Obſervancia, e Provincia.

2 Antes de entrarem em Roma, cahírão em mãos de ladrões, e tão deshumanos, que ſem reſpeitarem as letras do Padre Fr. Antonio de Rincon, nem as cartas, que em ſeu favor levava, nem as muitas, e elegantes razões, com que ſe defendia, lhe derão tratos de corda, tão pouco cordiaes para o ſolicito Procurador, que dalli o levou ſeu companheiro com grande trabalho ao primeiro Lugar, que achou, onde ſem ſe poder menear eſteve muitos dias de cama. He o ſucceſſo digno de reparo, e póde-ſe attribuir a força da juſtiça, que indo dous companheiros, ſó Fr. Antonio foſſe dos ladrões maltratado. Sem que lhe deſſem tratos, lhe podião tomar alguma couſa, ſe a levaſſe; mas permittio-o aſſim a Divina Juſtiça, para que ſe guardaſſe a humana, e ſe fizeſſe aos pobres Capuchos. Se Fr. Antonio de Rincon, conforme os intentos, que levava, chegára proſpero a Roma, no tempo que convinha à ſua pertenção, ſem duvida nenhuma teria o deſejado ſucceſſo ſua cauſa; porque as cartas, que levava, erão mui poderoſas, e ſuas diligencias baſtantes a conſeguirem effeito em qualquer, ainda que difficultoſa, empreza; porèm como por impedimento dos tratos ficou muitos dias atràs, tiverão os noſſos Reformados tempo para darem ao Summo Pontifice ſeus memoriaes, e informarem a outras peſſoas de ſua juſtiça, que podião valerlhes naquella cauſa. O que lhes foi de não pouca importancia; pois he certo que ſempre fica aventajado no partido aquelle, que na cauſa informa ao Juiz primeiro.

3 Não ſe deſcuidava Fr. Anjo em ſeu officio: (que como temos dito era Procurador em Roma) jà quando Fr. Pedro, e os mais companheiros chegárão àquella Curia, tinha impetrado hum Breve de Alexandre VI. revogatorio do que à inſtancia dos Catholicos Reis tinha paſſado. Nelle revalidava o Pontifice todos os mais Breves concedidos em favor dos

Ca-

Capuchos: foi ſua data em Roma a ſeis de Maio do anno de 1503. duodecimo de ſeu Pontificado. Neſte revogava o Summo Pontifice todos os Breves, que tinha paſſado contra os Capuchos, individuando particularmente o ultimo delles: *Pro parte Chariſſimorum*, com que os Padres Obſervantes os tinhão lançado dos ſeus Conventos. Porèm como ſobreveio logo a morte do Pontifice, ſe não pode dar o Breve à execução. Succedeo no Pontificado a Alexandre VI. Pio III. que não durou mais que vinte e ſeis dias; cuja morte foi tão chorada, como a eleição tinha ſido applaudida, por ſer hum ſujeito, que promettião ſuas prendas grandes felicidades à Igreja. No breve tempo, que governou a barca de S. Pedro, o informárão os Capuchos de ſua cauſa. Jà eſtava inclinado à ſua ſupplica, e ſem duvida lhes outorgára o favor, que pedião, ſe a morte anticipadamente o não eſtorvára.

4 Entrárão os Cardeaes à eleição de novo Pontifice, e ſahio nella Juliano, Cardeal do titulo de S. Pedro, o qual ſe chamou Julio II. e foi eſte Pontifice devoto particular de noſſa Religião Serafica, por ter ſido ſeu Protector trinta e quatro annos; que ſuppoſto as dignidades mudão a vontade, e affeição, quando eſta vem de longe, pelas raizes, que tem creado, não ha dignidade, que a mude. Logo depois de eleito, ſe lhes forão apreſentar os Capuchos: moſtrarão-lhe os Breves, que de Alexandre VI. tinhão alcançado, com o revogatorio, que por parte dos Reis Catholicos tinha expedido, e relatando-lhe as moleſtias, que os vexavão, lhe pedírão humildemente os ſoccorreſſe. Moſtrou-ſe o Pontifice compaſſivo de ſeus trabalhos, propoz em ſeu animo favorecer as duas Cuſtodias; que em effeito logo poz por obra, paſſando dous Breves mui favoraveis: o primeiro dirigido a Fr. João de Guadalupe, pelo que tocava à Cuſtodia do Santo Euangelho: o ſegundo a Fr. Pedro de Melgar, pelo que pertencia à de noſſa Senhora da Luz, de quem elle era Prelado. Começão ambos: *Rationi congruit, & convenit honeſtati, &c.* Sua data foi em o dia de ſua coroação, vinte e ſeis de Novembro do anno de 1503. e primeiro de ſeu Pontificado.

5 Hum, e outro traz Waddingo,[a] ainda que o dirigido a Fr. Pedro põe hum anno depois de ſua data, ſinalando-lhe o de 1504. ſendo aſſim que não foi ſenão o de 1503. como ſe vê de hum traslado ſeu autenticado em Truxilho, que temos jà referido muitas vezes, e ſe con-

[a] Wadd. tom. 8. in Reg. Pont. ad ann. 1503. n. 1. & 1504. num. 15.

conſerva no Arquivo deſta Provincia. [b] Nelles revalidava o Summo Pontifice as graças, indultos, e privilegios, que ſeu mediato predeceſſor Alexandre VI. havia concedido por diverſos Breves aos dous Cuſtodios da Congregação dos Capuchos; eſpecialmente confirma o ultimo, dado a ſeis de Maio, declarando ſer ſua vontade, que eſte que ſe não deo à execução por cauſa da morte de ſeu Predeceſſor, valha, como ſe logo então tivera o devido effeito. Manda tambem ſob graves penas, que nenhum ſeu inferior ſe atreva pôr a eſte Breve impedimento, e que poſpoſta toda a appellação, ſe lhe dê o cumprimento devido. No meſmo dia alcançou Fr. Pedro de Melgar outro Breve, que começa: *Dudum felicis recordationis*, &c. Onde demais de conter [c] o que os dous primeiros, põe o Pontifice pena de excommunhão a quem diſſeſſe, ou publicaſſe que os Capuchos eſtavão incurſos em cenſuras, por não obedecerem aos Prelados da Obſervancia; que he o que publicavão ſeus contrarios, para aſſim moverem contra elles os Reis Catholicos, e povos.

[b] Habetur in Conv. Piet.

[c] Aſſervatur ibidem.

6 Suppoſto que a data de Letras tão favoraveis ſe deva attribuir à juſtiça, que os Capuchos tinhão de ſua parte, com tudo muito ſe deve às diligencias de George Biſpo Portuenſe, que nella intervierão, como dos meſmos Breves conſta: que iſto devem os noſſos Capuchos a Portugal, que em toda a parte, que pleitiárão ſua cauſa, achárão nos Portuguezes o melhor favor, e arrimo. Era eſte Prelado Vice-Protector da Ordem, que pelo favor, que nos deo, e por noſſo natural, eſtá pedindo o agradecimento façamos neſta Chronica alguma memoria delle, ainda que ſerá breve, e de paſſagem. Foi eſte celebre Varão natural de Alpedrinha, Villa no Biſpado da Guarda: chegou ao cume das ſuperiores dignidades [d] da Igreja: nem ha memoria nos Eſcritores, que faça menção de outro, que em bens, e rendas Eccleſiaſticas foſſe tão proſpero. A cauſa de ſe auſentar eſte Varão de Portugal para Italia, foi a privança, que teve com ElRei D. Affonſo V. pois invejando o Principe D. João os extraordinarios favores, que ſeu pai lhe fazia, eſteve D. George tão arriſcado por eſta cauſa, que lhe foi neceſſario auſentarſe. Suppoſto que mudou de lugar, não mudou de ventura; pois em Roma obteve as maiores dignidades: tanto aſſim, que eſteve igual em votos para ſer Papa com o Cardeal Borja, que no Pontificado ſe chamou

[d] Agiol. Luſit. Comment. tom. 2. a 9. de Març. lit. B. Sever. noticias de Portugal §. 11. p. 27. D. Rodr. da Cunha nos Biſpos do Porto, e Arcebiſpos de Braga.

mou Alexandre VI. a quem largou a pertenção, contentandose com ter o governo de Portugal, a fim de encontrar ao Principe D. João, como o fez, depois que este do Reino teve a Coroa. Entre as muitas cousas dignas de louvor, que teve este grande Prelado, foi huma dellas hum affecto tão particular a Santa Catharina Virgem Martyr, (cuja devoção nos he mui agradavel) que deixados os brazões, e timbres de seus avós, tomou por armas a sua roda de navalhas. Por meio pois deste Varão alcançárão os Capuchos as Letras de Julio II. tão favoraveis, que já com ellas estavão para partir a Hespanha, se lhes não sobrevierão novos impedimentos, e obstaculos.

CAPITULO XX.

Diligencias, que fez Fr. Antonio de Ricon por impedir os Breves dos Capuchos, e como por elles se deo sentença.

1 QUando os Religiosos, que acompanhavão a Fr. João de Guadalupe chegárão a Roma com as novas de sua morte, como deixamos escrito, [a] foi já a tempo, que Fr. Pedro de Melgar, e Fr. Anjo tinhão alcançado de Julio II. os trez Breves referidos. Como pois por morte de Fr. João ficasse a Custodia do Santo Euangelho sem Prelado, de consentimento do Commissario Geral da Ordem, a quem tinhão feito supplica para este effeito, em ausencia do Geral Fr. Egidio de Amelia, elegêrão a Fr. Pedro de Melgar uniformemente por Custodio, e Prelado daquella familia; e Congregação, unindo-se aqui as duas Custodias debaixo de huma só cabeça, sendo atè este tempo distintas; o que tudo confirmou o Commissario Geral. Estando já todos para se partirem a Hespanha, os deteve o Procurador da Provincia de Sant-Iago Fr. Antonio de Rincon; que o desejo, que tinha este Padre de impedir aos Capuchos, e dar satisfação de seu officio, lhe deo forças para se pôr a caminho a pleitiar sua causa. Maltratado estava ainda dos tratos, que os ladrões lhe derão; porèm considerando que a diligencia, se não he a que nos pleitos negocea o despacho, ao menos se dilatão sem esta, tirou forças da fraqueza, e foi tratar a Roma de seu negocio. Tanto que chegou a esta Curia, deo as cartas, que em seu favor levava, ajuntou-se com o Padre Fr. Diogo de Azevedo, Commissario da Familia Cismontana de Observantes; ambos, sabendo dos Breves, que já erão passados, excogitavão meios,

[a] pr. c. 15.

meios, para que se revogassem; para cujo effeito fizerão nova supplica ao Papa, allegando nella diffusamente todas as razões, que podião fazer por sua parte. Não se descuidavão neste tempo os Capuchos, que como tiverão noticia das diligencias de Fr. Antonio, e como o conhecião por sagaz, e astuto, sabião lhes era necessario todo o cuidado da sua parte. Apôs a supplica, que elle fez, fizerão tambem outra em sua defensa, e como a de Fr. Antonio se fundava em razões mui apparentes, embaraçou algum tempo a decisão naquella causa.

2 Mandou o Summo Pontifice, que de nenhuma das partes lhe fosse feita supplica de novo, mas que fossem com todos os papeis a Jeremias Bispo Assissinatense, seu Legado Apostolico, para que conforme ao que jà achasse allegado, e informação, que por outra via fizesse, como Juiz executor, segundo direito, e justiça, désse sentença. Bem pareceo logo a Fr. Antonio, como vio a resolução do Papa, que jà a sua pertenção não levava bom caminho, pois se lhe não querião admittir novas allegações, e supplicas, em que elle fundava suas esperanças. E como confiava pouco de seu direito, porque só erão apparentes as razões, que allegava, resolveo-se usar de sua sagacidade, e valias, pelas quaes alcançou do Juiz, que fosse differindo a causa muito tempo; por ver se com isto enfadados os Capuchos, deixavão Roma; parecendo-lhe que não estando presentes, se podia fazer com facilidade, que contra elles se désse a sentença, ou que molestados da demaziada dilação, e constrangidos das necessidades, que em Roma padecião, chegassem a pedir concerto, ou algum partido.

3 Não lhe succedeo porèm como cuidava, pois Deos nosso Senhor tantas forças espirituaes deo a seus servos, que com serem os trabalhos muitos, não affroxárão nelles: e na verdade foi obra de Deos, e maravilha grande perseverarem os Capuchos em sua pertenção, combatidos com tantos, e tão varios trabalhos; porque, se bem o consideramos, depois que N. Padre S. Francisco fez sua Regra, não houve Frades seus, que pela perfeição della tanto, como estes, padecessem; mas o Senhor, que lhes deo espirito para vencerem as contradições, que tiverão em Hespanha, lhes deo tambem valor para soffrerem as que se lhes offerecêrão em Roma. Agazalhavão-se elles neste tempo em huma pobre casa, na qual sobre a terra dura, e fria fazião suas ca-

camas: tão ricas na sua opinião, quão pobres das cousas necessarias para ellas, pois não constavão mais que de hum feixe de feno, sem outro resguardo, ou abrigo. Nem era este o maior trabalho, que maior o padecião na falta do sustento; e na verdade devia ser traça do Ceo, para que nos trabalhos se apurassem mais aquelles Religiosos.

4 Em tal extremo se virão, que huma sexta feira pela manhã se foi Fr. Pedro, levando comsigo os companheiros, que por todos erão quatorze, à porta do Cardeal Juiz da causa; e sahindo este para ir ao Sacro Palacio, se lhe ajoelhárão os Capuchos, pedindo-lhe com lagrymas quizesse dar a sentença pela parte, em que achasse a justiça. Representárão-lhe as grandes necessidades, que padecião; e como o aspecto macilento confirmava o que encarecião as palavras, enterneceo-se o Cardeal de maneira, que lhes prometteo não se poria o Sol naquelle dia, sem que a sentença se désse. Correspondeo o successo à promessa; porque de tarde mandou chamar a Fr. Antonio de Rincon, e estando presentes os Capuchos, se leo por elles a sentença, que ficárão tão alegres, como Fr. Antonio triste, lembrando-se dos tratos sem fruto, que no caminho os ladrões lhe derão.

5 Resolve primeiramente a sentença, que os Capuchos justa, e licitamente estavão separados dos Conventos, e obediencia dos Padres Observantes, e sujeitos immediatamente ao Prelado Geral de toda a Ordem, vivendo em sua Custodia, conforme as Letras de Alexandre VI. e a confirmação novamente feita por Julio II. Fulmina o Juiz executor hum terrivel processo, em que manda aos Vigarios, Geral, e Provinciaes, e mais Frades da Observancia sob pena de excommunhão *latæ sententiæ*, privação de seus officios, e outras graves penas, não molestem a Fr. Pedro de Melgar Custodio, antes lhe guardem tudo o que se contém nos Breves, e Apostolicas Letras. Dispõe tambem, que dentro em seis dias, termo sinalado, e peremptorio para as trez Canonicas admoestações, depois que forem requeridos, lhe entreguem a Casa de Santa Maria da Luz, com as mais Casas, e Oratorios, que lhe tinhão tomado.

6 Com as mesmas censuras, e *pœna suspensionis à Divinis, & ingressus Ecclesiæ* manda ao Arcebispo de Toledo, e ao Bispo de Placencia, que não consintão serem os Capuchos molestados, antes os defendão, e lhes fação guardar as sobreditas Letras. Aos Conventos, Collegios, ou Commu-

munidades, que contra isto forem, põe *ipso facto* sentença de interdicto Ecclesiastico, e suspensão *à Divinis*. Assim tambem manda sob a mesma pena de excommunhão ao Rei Dom Fernando, e Rainha D. Isabel, e a todos os Juizes, e Justiças de seus Reinos, guardem, e fação cumprir em todo esta determinação, e sentença. Expedio-se em Roma a vinte e quatro de Março de 1504. começa: *Jeremias Dei, & Apostolicæ Sedis gratia Episcopus Assissinatensis, &c.* Traz em si insertos os dous Breves, que de Julio II. impetrou Fr. Pedro; convem a saber, o *Rationi congruit*, e o *Dudum felicis*; não faz menção do Breve dirigido a Fr. João de Guadalupe, nem ainda nomea a este Veneravel Religioso; porque como já era morto, e as duas Custodias estavão unidas debaixo de hum só Prelado, que era Fr. Pedro de Melgar, como este fez o requerimento, a elle só expressava o favoravel da sentença.

7 Atè este tempo não sabia Frei Antonio de Rincon que era morto Fr. João de Guadalupe, nem que Fr. Pedro estava eleito em Prelado dos Frades da Congregação do Santo Euangelho; mas como ouvio ler a sentença, e soube que era Fr. Pedro cabeça delles, veio com novas objecções, dizendo, que não podia ser Prelado, por ser Frade leigo. Não admittio o Cardeal Juiz da causa a objecção, por ter pouca entidade, pois a Regra não prohibe as Prelazias aos Frades leigos, antes manifestamente lhas concede. [b] Alguns dias gastou Frei Pedro por tirar as Letras do plomo; porque como erão tão pobres, que lhes faltava o sustento, não tinhão com que satisfazer aos Officiaes, atè que finalmente as muitas supplicas forão o preço, com que se tirárão, offerecendo por paga o amor de Deos. Quando andavão occupados com esta diligencia, lhes sobreveio hum trabalho tão grande, que a anticipar-se poucos dias, nunca os Capuchos tiverão na sua pertenção tão feliz successo; porque sem duvida os mandarião logo sahir de Roma, pela vigilancia, que sobre elles trazião seus oppostos.

[b] Reg. c. 7.

8 Foi o caso, que se vírão tocados de peste, de que morrêrão dous, ou trez apressadamente; porèm não tanto, que não tivessem lugar de se prepararem com os Sacramentos para aquella hora. Este trabalho soffrêrão com grande paciencia, e bem necessaria lhes era, pois cahia já sobre tantos. Se os males, quando vem, não trouxerão companhia, nunca serião tão molestos, e enfadonhos; mas se enfadão tanto, he porque são co-

como goteiras mortas, que em cahindo huma, cahem muitas. Não ha mal, que comſigo não traga outros, razão, porque lhes chamão covardes, pois não vem ſenão acompanhados; mas como o mundo eſtá tão cheio delles, como poderão deixar de andarem juntos? Para os Capuchos experimentarem todo o genero de trabalhos, ſó as enfermidades lhes faltavão; mas ſobrevierão-lhes eſtas tão terriveis, que a huns matárão, e a outros gravemente ferírão. Expedirão-ſe de Roma o mais brevemente, que lhes foi poſſivel, e puzerão-ſe a caminho para Heſpanha.

CAPITULO XXI.

Em virtude da ſentença, que traz Fr. Pedro de Roma, procura recuperar as Caſas, que lhe tinhão tomado em Caſtella.

1 MAgoados eſtavão os Padres Fr. Diogo de Azevedo, e Fr. Antonio de Rincon, julgando que ficavão affrontadas ſuas boas letras, perdidas ſuas diligencias, em ſahirem huns homens, deſamparados de todo o favor humano, naquelle caſo de melhor partido. A dor, que os magoava, lhes offerecia novas objecções, com que os impedirem, ainda depois de dada a ſentença: não lhes forão porèm recebidas do Juiz, pela pouca juſtiça, que trazião, com que ficou aſſim a Fr. Pedro livre, e deſembaraçado o caminho para vir a Heſpanha procurar a execução da ſentença, e recuperação das caſas, que lhes tinhão tomado. O primeiro dia, que fez de jornada, veio dormir a hum Convento dos Padres Clauſtraes, que com muita caridade o agazalhárão: ao outro dia chegárão a hum Hoſpital de peregrinos, onde Fr. Pedro, e alguns de ſeus companheiros adoecêrão gravemente, de que huns morrêrão, e Fr. Pedro eſteve com poucas eſperanças de vida. Seis mezes gaſtou no caminho; porque ſahindo de Roma pelo mez de Março, ou principios de Abril, chegou a Truxilho pelo de Setembro, e mais gaſtára, ſe a convalecença fora conforme requeria o pezo da enfermidade; porèm o deſejo, que tinha de recuperar as ſuas caſas, lhe fazia apreſſar o paſſo, rompendo por todas as difficuldades, que ſe lhe offerecião.

2 Chegou à Cidade de Placencia, apreſentou os papeis, que trazia, a D. Guterre de Toledo, Biſpo da meſma Cidade, a quem pedio que lhes fizeſſe dar a devida execução, como de Roma vinha ordenado. Elle o fez aſſim, mandando a Fr.

Pedro que fosse a Truxilho com ordem, para que là o seu Vigario o ajudasse a metter de posse na Casa de nossa Senhora da Luz, que os Padres Observantes lhe havião tomado. A primeira diligencia, que fez Fr. Pedro nesta Cidade, foi pedir ao Vigario lhe mandasse passar alguns traslados dos Breves de Julio II. cujas forças ficão referidas, e da sentença do Juiz executor, receoso de que lhos furtassem, ou perdesse, ou de outro successo semelhante. Passarão-se os traslados a vinte e sete do mez de Setembro do anno de 1504. com os quaes levando comsigo os Ministros necessarios para esta diligencia, foi a nossa Senhora da Luz; e não achando no Convento mais de dous Frades Observantes, notificárão os Breves, aos quaes elles obedecêrão, deixando logo a Casa, de que tomou posse Fr. Pedro.

3 Os dous Padres, que dalli sahirão despedidos, tanto que derão noticia em o seu Convento da Cidade, do que tinha succedido no da Luz, não forão dos outros bem recebidos, e tendo aquelle successo por offensa, todos juntos forão a nossa Senhora da Luz, com tenção de prenderem a Fr. Pedro, e lhe tomarem o Convento. Achavão-se nelle a este tempo alguns Clerigos, que vinhão dar os parabens aos Capuchos da recuperação da sua Casa, devotos, e affeiçoados de Fr. Pedro: estes o defendêrão da violencia, que a não estarem presentes, sem duvida lhe seria feita, segundo a resolução, com que vinhão; mas como os sobreditos Clerigos lho não quizerão consentir, ficárão os Padres com a boa vontade. Recolhidos a seu Convento, tratavão de persuadir às Justiças, que lançassem a Fr. Pedro fóra, e os tornassem a metter de posse daquella Casa. Alguma resistencia fizerão no principio, escusando-se de tal execução, assim por verem a justiça, que os Capuchos tinhão naquella causa, como por desejarem a paz, e quietação entre todos. Ameaçavão os Padres Observantes aos Ministros com o Rei, de quem erão mui favorecidos, principalmente em a nova fundação, que fazião em a mesma Cidade de Truxilho: os ameaços fizerão temer a Justiça; jà conferião entre si o tempo, e o modo, em que porião por obra o que os Padres lhes pedião. Desta resolução teve logo noticia Fr. Pedro, e por evitar o perigo, que a elle, e a seus Frades ameaçava, se foi para hum Convento de Religiosos Dominicos. Foi acertado o retiro; porque quando de Verão repentinamente se encon-

contrão os ventos, o Ceo se escurece, as nuvens se engrossão, e os trovões soão, de prudentes he buscar lugar seguro, antes que desfeche a tempestade.

4 Em sagrado estava recolhido Fr. Pedro, como se fora criminoso: e não se dando seus oppostos por satisfeitos com a recuperação da Casa de nossa Senhora da Luz, que tanto anhelavão, sabendo como Fr. Pedro estava recolhido em o Convento de nosso Padre São Domingos, forão em busca delle, e pelo haverem às mãos, fizerão não poucas diligencias. Porèm elle, que não estava descuidado, escondidamente sahio do Convento Dominicano, de sorte, que quando, quem o vigiava, presumia que o tinha nelle mui seguro, estava elle jà junto de Medina, fallando com o Bispo de Placencia, a quem informou do que tinha succedido em sua causa. O Bispo, a quem vinha commettida a execução dos Breves, fulminou as censuras, que dispunhão; de que obrigados os Padres Observantes, restituìrão a Fr. Pedro não só a Casa de Truxilho, mas tambem todas as mais, que lhe havião tomado em Castella.

5 Os Religiosos, que Fr. Pedro tinha deixado na Estremadura, quando appellou para Roma, como jà fica dito, havia jà dous mezes no tempo, que se fazia esta restituição de casas, que estavão na Ilha da Contenda; que numerando o tempo, que nella estiverão, com o mais, que se gastou em os expellirem de Belviz, da Piedade de Villa-Viçosa, e da Serra Dossa, vem a ser quasi anno e meio, que tanto vai do fim de Maio do anno de 1503. em que foi notificado o Breve a Fr. Pedro, atè o de Setembro do subsequente anno, em que appareceo com as novas Letras em Truxilho. Da Ilha os chamou a si, e com elles povoou as Casas restituidas, aceitou outra de novo em Albuquerque, e hum sitio em Lobão, e finalmente começou a fundar a casa de Belviz em sima na Hermida.

CAPITULO XXII.

Chama outra vez o Duque Dom Jaime os Capuchos para Portugal, onde lhes procura Conventos, em que vivão.

1 Quando Fr. Pedro andava occupado nas diligencias, que fazia por sustentar as casas, que tinha fundado em Castella, a devoção do Duque Dom Jaime, que estava mui saudoso dos seus Capuchos, lhes diligenciava Conventos em Portugal, onde vivessem. Achava-se elle neste tempo em Guimarães, Vil-

Villa principal de ſeus eſtados, e huma das nobres, e notaveis do Reino; na qual ſoube os ſucceſſos, que por elles tinhão paſſado em Caſtella, e como eſtavão de preſente com as novas Letras, que de Roma em ſeu favor trazião. Para os metter outra vez em Portugal, fallou com Fr. João de Chaves, Meſtre em Santa Theologia, e Provincial da Santa Provincia de Portugal, que então era dos Conventuaes, homem de grande eſpirito, e religião, e como tal mui affeiçoado a gente recoleta. Propoz-lhe o Duque o grande goſto, que teria em os Capuchos tornarem para eſte Reino; o que ſe podia fazer facilmente, querendo elle dito Fr. João recebellos debaixo de ſua obediencia, dando-lhes alguns Conventos, em que moraſſem. Sem reparo condeſcendeo o Provincial ao deſejo, e petição do Duque, dizendo que no Capitulo, que na meſma Villa de Guimarães ſe havia de celebrar muito ſedo, trataria com os Padres da Provincia aquelle negocio, e faria que os Capuchos foſſem à ſua obediencia recebidos.

2 Celebrou-ſe o Capitulo no principio do anno de 1505. propoz o Provincial a pertenção do Duque, e achou a todos tão inclinados a ella, que logo alli lhes forão aſſignadas algumas Caſas da dita Provincia de Portugal, em que pudeſſem viver conforme os Eſtatutos de ſua Reformação: forão eſtas [a] a de S. Franciſco de Chaves, a de Santa Sita huma legua da Villa de Thomar, e a do Bom Jeſus de Barcellos. Aviſou logo o Duque a Fr. Pedro de Melgar do que no Capitulo de Guimarães à ſua inſtancia ſe tinha ordenado, rogando-lhe com palavras de encarecimento mandaſſe Frades a Portugal, e tornaſſe a proſeguir o que Fr. João de Guadalupe tinha começado. Não recuſou Fr. Pedro o concerto, ſujeitou-ſe à obediencia do Provincial, ſuppoſto que os Breves de Julio II. o fazião immediato ao Geral da Ordem; porque como ſe não promettia ſegurança em Caſtella, (aſſim lho tinha enſinado a experiencia) não reparou em aquella nova obediencia; prevendo talvez que as caſas de Portugal lhe havião de ſer amparo em as contradições, que tiveſſe, como brevemente vio em huma terrivel tempeſtade, que lhe ſobreveio em Caſtella.

[a] Chron. d Portug. 2. p. l. 1 r. c. 37. n. 1 e c. 41. n.

3 Jà alguem diſſe [b] que parecia monſtroſidade eſtar a Congregação do Santo Euangelho, de que era Prelado Fr. Pedro, ſujeita, quanto às caſas de Caſtella, immediatamente ao Miniſtro Geral, e quanto às de Portugal ao Provincial dos Con-

[b] Chron. P S. Mich. l. 5. c. 6.

Conventuaes, ficando assim Fr. Pedro por huma parte immediato ao Geral da Ordem, e por outra mediato ao mesmo. E supposto que aquelle Chronista não ousa a condenar a tenção de Fr. Pedro, pois diz que seria racionavel, e boa, accrescenta porèm que estava sujeita a discursos alheios. Se esta razão fora bastante a estorvar as tenções, que de si são boas, e racionaveis, muitas acções qualificadas se não porião em execução; pois não ha nenhuma, por mais ajustada que seja, que esteja livre de alheios discursos: e ninguem dirá que por fugir a semelhantes juizos, se deva deixar o que de si he bom, e racionavel. Que inconveniente era que huma das duas Custodias fosse immediata ao Geral, e a outra aos Provinciaes da Conventualidade, quando ambas ellas olhavão a huma só cabeça, que era o Ministro Geral da Ordem? Que em Castella se lhe sujeitasse Fr. Pedro Prelado de ambas por immediata sujeição, e em Portugal caminhasse pela obediencia dos Provinciaes, tudo era sujeição a huma suprema cabeça, que ninguem com razão póde chamar monstrosidade.

4 Achou Fr. Pedro que assim era conveniente para conservação daquella nova planta, que criava em rigor, e asperezа de vida; e maior inconveniente fora não seguir a vocação de seu espirito, que proseguilla sujeito a discursos alheios, principalmente quando nenhum, que estivesse livre de paixão, condenaria o que de si era justo, e racionavel. Se se não fez reparo em perseguir de tal sorte a huns pobres Frades, que aspiravão a vida mais estreita, e mais pura observancia de sua Regra, que se vírão obrigados a viver pelos desertos, como nos estevaes de Belviz, Serra Dossa, e Ilha da Contenda, sendo isto de si mais sujeito a discursos alheios, em huma cousa conveniente, racionavel, e boa, que razão havia para de semelhantes juizos fazer caso? O successo mostrou fora acertada a obediencia, e sujeição, que Fr. Pedro deo ao Provincial da Conventualidade em Portugal; pois por meio della teve Conventos, em que sempre se conservou, sem o lançarem fóra, nem lhos derribarem, como lhe fizerão em Castella.

5 Assentado por Fr. Pedro aceitar as casas em Portugal, na fórma, em que tinha ordenado o Duque, mandou Frades a este Reino, onde, tanto que chegárão, derão em nome de seu Prelado obediencia ao Provincial dos Conventuaes Fr. João de Chaves, e recebêrão as trez casas, que lhes forão as-

aſſinaladas no Capitulo de Guimarães; logo depois da qual recepção mandou o Duque edificar à ſua cuſta outro Convento em hum freſco, e aprazivel boſque, que tinha junto à ſua Villa de Borba, em lugar do da Piedade, em que eſtavão os Padres Obſervantes deſde o anno de 1503. quando ſahírão delle os Capuchos, nem o deixárão ſenão no de 1508. como diremos a ſeu tempo. Tudo iſto ſuccedeo em o anno de 1505. como conſta de hum Breve de Julio II. em confirmação da obediencia, que os Capuchos derão a Fr. João de Chaves, e da data das Caſas, que delle recebêrão.

6 Donde ſe infere que ſe enganou na computação dos tempos quem diſſe [c] que forão eſtas Caſas dadas aos Capuchos, depois que Fr. Anjo de Valhadolid impetrou hum Breve ampliſſimo para de ambas as Cuſtodias fazer huma Provincia: ſendo aſſim que o Breve de Fr. Anjo foi paſſado no anno de 1508. e o Capitulo de Guimarães celebrou-ſe em o de 1505. como fica dito. Aſſim tambem ſe enganou em dizer [d] que morrêra Fr. João de Guadalupe indo para Roma ao Capitulo Geral celebrado em o anno de 1506. e que Fr. Pedro de Melgar recuperára as caſas de Caſtella depois do dito Capitulo: o que he engano manifeſto, como conſta não ſó dos Memoriaes deſta Provincia, [e] ſenão tambem do da Ordem, que anda impreſſo no livro intitulado: *Monumenta Ordinis Minorum*, [f] onde o Author faz menção de Fr. João de Guadalupe, e diz delle que morreo indo para Roma buſcar recurſo do Breve de Alexandre VI. à inſtancia dos Reis Catholicos concedido. E que depois da morte de Fr. João, Fr. Pedro de Melgar, e Fr. Anjo de Valhadolid corrião com a demanda: os quaes por Breve de Julio II. eſtavão mettidos de poſſe das Caſas, que primeiro tinhão feito, tudo iſto antes do ſobredito Capitulo Geral; pois quando eſte em Roma ſe celebrava, eſtava eſte Author imprimindo em Salamanca, e ſahio com o livro, antes que os Vogaes vieſſem de Roma, por cuja cauſa, como elle diz, [g] não trata do que nelle ſuccedeo, pois lhe faltavão as noticias. E ſe o Author não ſabia ainda do Capitulo, e ſabia jà da morte de Fr. João, e das Caſas, que Fr. Pedro de Melgar tinha recuperado com tantos embaraços, e dilações de tempo, manifeſto fica que aſſim a recuperação das Caſas, como a morte de Fr. João, foi antes deſte Capitulo Generaliſſimo; que ſuppoſto que aquelle Author, fóra dos termos Reli-

[c] Moles c. 3.

[d] Idem c. 2. e 9. in fin. Chron. P. S. Gabr. l. 1. cap. 11.

[e] Chron. antig. da Prov. l. 1. cap. 28. Sinde Converſação Religioſa ſegundo dia cap. 9.

[f] Mon. Ord. trat. 3. fol. 228. e 229. 1 impreſſ.

[g] Ibi fol. 230 p. 2.

ligiosos, com demaziada mordacidade, e conhecida paixão, justamente reprehendida dos mais Historiadores da Ordem, fallou do Veneravel Guadalupe, com tudo na computação dos annos merece credito, porque escreveo naquelle tempo.

7 Tambem he conjectura evidente de que Frei João de Guadalupe morreo antes do tempo sinalado pelos ditos Authores, isto he, o anno de 1505. indo para Roma ao Capitulo Geral; o vermos que os Breves *Rationi congruit*, e *Dudum felicis*, que Julio II. passou em favor das duas Custodias no anno de 1503. forão processados no de 1504. por Jeremias Bispo Assissinatense, a requerimento de Fr. Pedro de Melgar, e a elle dirigido o favoravel da sentença, sem que faça menção alguma do Veneravel Guadalupe, o que não fora assim, a ser elle vivo, porque como era o principal daquella Familia, a elle tocava o requerimento para o processo, e depois o favoravel da sentença para a execução. Demais que, sendo a morte do Veneravel Guadalupe pelo mez de Setembro, como sentem huns, ou de Outubro, como dizem outros, do anno de 1505. duas jornadas antes de Roma, de caminho para o Capitulo Geral, como elles dizem, não he crivel se anticipassem tanto os dous Custodios, que fossem esperar em Roma oito, ou nove mezes a celebração do dito Capitulo, e que por só esta occasião deixassem tanto tempo as suas Custodias, quando ellas mais necessitavão de sua presença. De tudo o qual se colhe, que a morte do Veneravel Guadalupe foi no anno de 1503. como dizem uniformemente os nossos Memoriaes.

CAPITULO XXIII.

Varios successos, que passão os Capuchos em os Conventos de Castella.

1 JA' em Portugal logravão quietação os Capuchos do Santo Euangelho, porque vivião pacificamente nas trez Casas, que os Claustraes lhe havião dado, e intendião na fundação de outra no Bosque de Borba, sem haver quem os molestasse. Os que residião em Castella, corrião varia fortuna em seus successos, sem poderem ter nelles persistencia, por mais diligencias que para isso fazião; porque jà os lançavão fóra de seus Conventos, jà se restituião outra vez a elles em virtude das censuras, sem que as opposições, que de novo lhes urdião, os deixassem viver quietos. Re-

cuperadas as Casas a primeira vez, quando logo vierão de Roma, não lhes durou muito o socego nellas, porque dahi os lançárão logo os Padres Observantes; por se livrarem porèm estes das excommunhões, e censuras, que o Arcebispo de Toledo, e o Bispo de Placencia, executores da sentença, lhes intimavão, urdião a perseguição com rebuço, não se mostrando Authores della.

2 Persuadião ao Rei Catholico mandasse por suas Justiças tomar as Casas aos Capuchos, e os não consentisse em seus Reinos fóra da obediencia da Observancia. Representavão-lhe, que era grande aggravo o que os Capuchos lhe tinhão feito em buscarem revocatoria do seu Breve, que de Alexandre VI. tinha impetrado. Allegavão para este fim outras muitas cousas, que lhes dictava o sentimento de verem que os Capuchos encaminhavão sua Reformação de sorte, que a hião estabelecendo na isenção da obediencia à Observancia. Com isto movêrão tanto ao Rei contra os Capuchos, que logo se resolveo mandar por suas Justiças tomar-lhes as Casas, e remettellos prezos aos Conventos da Observancia. E sendo tudo isto tão contrario ao que dispunhão os Breves, e sentença dada em Roma em favor dos Capuchos, não faltou quem justificasse assim o proceder do Rei no que executou, como a diligencia dos Padres Observantes [a] no que lhe induzírão, dizendo, que aquelle o podia fazer licitamente em seu Reino, e que estes obedecendo, em quanto era de sua parte, aos mandatos Apostolicos, podião seguir sua pertenção, pois era fundada em justiça.

[a] Chron. P. S. Mich. l. 5. c. 6.

3 Boa pareceria esta acção àquelle Author; porèm com mais fundamento, e razão sujeita a discursos alheios, que à obediencia, que Fr. Pedro de Melgar deo em Portugal aos Conventuaes; porque primeiramente, quanto ao proceder do Rei, tinha tão pouco de justificado, que totalmente obrava contra as disposições do Pontifice, o que licitamente não podia fazer, ainda que fosse em seu Reino. Mandava o Pontifice (como se lê na sobredita sentença) ao Rei Catholico, e a todos seus vassallos, que exercitassem algum officio de governo, assim politico, como militar, com grandes censuras, dessem todo o adjutorio a Fr. Pedro para recuperar as Casas, e o fizessem viver pacificamente nellas. O Rei persuadido dos informantes obrava tanto em contrario, que em lugar de o favorecer, o perseguia; e sendo isto tanto contra as disposições

çoes Pontificias, não se póde chamar proceder justificado: bem he verdade, que persuadido o dito Rei de algumas razões apparentes, que lhe allegassem, julgaria que obrava com justiça, que assim me persuado de hum Rei tão Catholico, e pio, como elle era.

4 Quanto aos Padres Observantes da Provincia de Sant-Iago, não sei na verdade em que obedecião aos mandatos Apostolicos, pois obrigando-os estes com excommunhões, e censuras, que por nenhuma via molestassem aos Capuchos, elles os perseguião, ainda que com disfarce, induzindo ao Rei a que lhes tomasse as Casas: e ninguem dirá, que isto, quanto da sua parte, he obedecer aos mandatos Apostolicos, pois quanto podião da sua parte se lhe oppunhão; que o não os molestarem em publico, era porque os Prelados executores dos Breves de Julio II. lhes intimavão as penas nelles conteúdas, e por fugirem à intimação destas, urdião a perseguição daquella sorte. E ainda que a pertenção de reduzirem a si aos Capuchos, tomando-lhes suas Casas, fosse fundada em justiça, (ponto, cuja resolução deixo ao Leitor desta Historia) não a podião seguir ante o tribunal absoluto de hum Rei, mas ante o do Pontifice, de cuja authoridade estavão os Capuchos separados da Observancia naquellas pequenas Casas, em que vivião; que não podia resolver hum inferior, como era o Rei, contra o que o superior, qual era o Pontifice, tinha determinado; e solicitar esta resolução absoluta não he proceder justificado.

5 Teve porèm effeito a persuasão, pois hum Alcaide, de ordem especial do Rei, entrou huma noite em a Cidade de Truxilho, onde secretamente convocou as Justiças della, com as quaes foi a Santa Maria da Luz: chegárão a tempo que os Capuchos estavão rezando Matinas no Coro, donde os tirárão, e levárão prezos. Não parou só nisto seu bom zelo, com que dizião fazer estas cousas, senão que ao outro dia os levárão prezos com tanto alvoroço, como se forão facinorosos, e como se achárão em algum sacrilego furto aos que prendêrão louvando a Deos em o Coro. Entre os Frades, que alli prendêrão, dous delles erão de particular virtude, e mais assinalados entre todos, convém a saber, Fr. João de Avila actualmente Guardião, e dos primeiros companheiros de Fr. Pedro de Melgar, o outro era hum Prégador naquelle tempo de grande fama, tão zeloso da perfeição de sua Regra, que

muitas vezes antes de ſua morte lhe ouvírão dizer, que havia de morrer por ella. Aſſim ſuccedeo, pois eſtando mal diſpoſto, quando com os mais hia prezo caminho de Salamanca, e reſpeitando pouco a iſſo os Miniſtros da Juſtiça, que o levavão, com a preſſa, a que o obrigárão, e máo tratamento, que lhe derão, veio a morrer no caminho. [b] Levárão ſeu corpo a huma Aldea, que alli eſtava perto, pedírão ao Cura lhe déſſe ſepultura, o que elle fez com mais piedade, do que elles tinhão uſado com o defunto. Depois da morte deſte Religioſo, deo o Cura teſtemunho de ver muitas vezes de noite ſobre ſua ſepultura huma luz muito clara, e reſplandecente, indicio manifeſto, com que Deos quiz moſtrar (ao que podemos crer piamente) quão aceita lhe fora ſua vida; que de ſemelhantes demonſtrações uſa eſte Senhor para acreditar a morte de ſeus ſervos, como ſe vio nos Martyres do Japão, onde em colunas de admiravel reſplandor approvou ſeu martyrio, e manifeſtou ſua gloria, como diz o Author, [c] que eſcreve ſua vida.

[b] Chron. Antig. da Prov. l. 1. c. 29. Sinde cit.

[c] Daça 4. p. l. 2. c. 7.

6 Depois de prezos os Religioſos, que aſſiſtião no Convento de Truxilho, e entregues no Convento de noſſo Padre São Franciſco de Salamanca, ſe fez o meſmo aos da Caſa de Lobão, não ſem grande eſpanto da gente dos povos, que grandemente eſtavão edificados do proceder, e modo de vida deſtes Religioſos, entendendo que não ſe apartavão temerariamente, e contra a devida obediencia, como ſe dizia, ſenão com licença do Geral da Ordem, e Summo Pontifice Romano, nem para viverem em liberdade, e relaxadamente, ſenão com zelo de maior rigor, e perfeição de virtude. Eſtava neſte tempo Fr. Pedro de Melgar em Salvaterra, quando lhe chegárão as novas do que tinha paſſado em Truxilho, e Lobão; ſoube miudamente do ſucceſſo, e prizão de ſeus Frades, e ſendo as novas taes, que traſpaſſavão ſeu coração compaſſivo, não moſtrou mudança no ſemblante, antes repreſentava eſtremado ſocego. Tratou logo do remedio opportuno; partio-ſe caminho de Albuquerque, donde aviſou aos que eſtavão em noſſa Senhora da Luz de Alconchel, mandando-lhes, que, deixando aquella Caſa, paſſaſſem às de Portugal, porque os de Albuquerque fazião o meſmo.

7 Poſtos aſſim em ſalvo, ſe foi ter com o Biſpo de Placencia ſeu Conſervador, o qual lhe deo baſtante ordem, e mandamento para ſeu Proviſor, e juſtiças em Truxilho, que lhe fi-

fizessem restituir as Casas tomadas, e conservar a posse das outras. Veio Fr. Pedro a Truxilho; mas como neste tempo estivesse o Provisor ausente da Cidade, Fr. Pedro, e seu companheiro forão prezos, e mettidos no carcere atè à vinda do Provisor, o qual em chegando, mandou com graves penas, e censuras, que lhe entregassem os prezos; e o Bispo como o soube, inhibindo os Juizes, poz interdicto à Cidade, e mandou que abertas as portas do seu carcere, em que estavão, os deixassem ir livremente; mas elles, por não parecer que erão soltos por favor, não se quizerão sahir, senão por ordem juridica, citadas as partes, e dada sentença como sua prizão era injusta, e invalida.

8 Com esta sentença forão postos em sua liberdade; mas nunca pudérão effeituar que lhes fosse restituida a Casa de Truxilho, porque os Padres que nella estavão, dizião que a ella tinhão direito, por terem jà na Cidade Convento, e ser disposição do Rei Catholico que vivessem tambem naquelle Heremitorio, assegurando-os com sua palavra naquella manutenencia. Vendo pois Fr. Pedro que erão sem fruto as diligencias, que fazia, para recuperar a Casa de Truxilho, pela nova razão, que, para a não entregarem, allegavão, foi a entender na recuperação das outras. Todas lhe forão restituidas, excepto a de Alconchel, onde achou a mesma resistencia, que na de Truxilho.

CAPITULO XXIV.

Envia Fr. Anjo de Valhadolid de Roma huma Patente, em que o Geral confirma a Frei Pedro em Prelado da Familia do Santo Euangelho.

1 NO tempo, em que os Religiosos do Santo Euangelho, por morte do Veneravel Guadalupe fizerão eleição de Prelado em Fr. Pedro de Melgar, unindo-se assim as duas Custodias, como temos dito, não se achava o Geral da Ordem em Roma, por cuja causa a nova eleição, que fizerão, foi só confirmada pelo seu Commissario. E supposto que para a subsistencia della bastava esta confirmação, com tudo para maior firmeza, tanto que o Geral chegou àquella Curia, procurou Fr. Anjo estabelecesse novamente o que o seu Commissario tinha approvado. Passou o Geral huma Patente na fórma, em que se lhe pedia: esta se conserva no arquivo [a] da Provincia com o sello impresso em cera vermelha pendente em huma caixa de latão, cuja data foi em

[a] Habetur in Conventu Pietatis.

em S. Pedro de Montorio em 6. de Novembro do anno de 1505. começa: *Cùm felicis recordationis*, *&c.* e traduzida fielmente do ſeu original Latino, he na maneira ſeguinte.

2 Ao Cariſſimo Irmão em Chriſto Fr. Pedro de Melgar, profeſſor da Ordem dos Menores, que vive na obediencia della mais eſtreita, Fr. Egidio Delfim de Amelia, profeſſor da Sagrada Pagina, e de toda a meſma Ordem ſervo, e Geral Miniſtro, ſaude, e paz em o Senhor ſempiterna. Como quer que o Senhor Papa Alexandre VI. de felice memoria, ſolicito da ſaude, e conſervação dos Frades Menores, que vivem na dita obediencia, e ſimples obſervancia do Euangelho de noſſo Senhor, conforme a Regra, e modo de viver de S. Franciſco, com conſentimento do Reverendiſſimo Padre, e Senhor Cardeal de Portugal, então Vice-Protector, (eſte era D. Jorge da Coſta, de quem já fizemos menção [b]) e tambem de noſſo conſentimento, conſtituio, ou levantou duas Cuſtodias, convem a ſaber, a do Santo Euangelho, e a de Santa Maria da Luz, immediatas à noſſa obediencia; e como quer que tambem concedeſſe mais outras algumas graças, aſſim a vós, como a Fr. João de Guadalupe, e a todos voſſos companheiros, conforme nas Bullas Apoſtolicas mais largamente ſe contém, daqui he que conſiderando eu a multidão dos Frades da meſma Ordem, e a diverſidade de ſuas vidas, confiado em o Senhor, e tomado conſelho com alguns Miniſtros, e profeſſores da Sagrada Theologia, e com outros Frades da meſma Ordem, perfeitos, e approvados, os quaes louvárão aquillo, que Alexandre VI. tinha mandado nas ſuas Bullas para augmento, e bom governo dos Frades Menores preſentes, e futuros da Familia do Santo Euangelho das ditas Cuſtodias, em qualquer parte que eſtejão debaixo da obediencia mais eſtreita, as quaes couſas todas, e cada huma per ſi, conteúdas nas Letras Apoſtolicas para vós, para voſſos Frades, e Caſas da dita Familia, eu as confirmo, e approvo, e por mim, e meus ſucceſſores de novo as conſtituo.

[b] Supr. c. 19.

3 Tambem pelas preſentes a vós dito Fr. Pedro, de cuja vida louvavel, madureza de coſtumes, conſtante firmeza, e ſufficiencia de governo baſtantemente tenho noticia; de todos os ditos Frades, e lugares, que agora tendes, e ao diante tereis, de motu proprio, e de certa ſciencia, e com a authoridade, que tenho, vos deputo por meu Vigario, e Commiſſario, e aſſim deputado por tal

vos

vos declaro, para que tenhais cuidado de todos os ditos Frades, e lugares; e assim a vós, como a vossos successores, que forem pelo tempo adiante, vos instituo, e instituidos vos declaro por meus Vigarios, e Commissarios sobre todos os ditos Frades, dando-vos pelas presentes, assim a vós, como a elles, plenariamente todas minhas vezes, toda minha authoridade, e faculdade; e assim vós, como vossos successores, podereis confirmar a dous dos mesmos Frades em Custodios das ditas duas Custodias; e assim vós, como elles, (segundo he costume na Religião) podereis, e estareis obrigados a eleger de trez em trez annos hum de vossos companheiros em Vigario, e Commissario meu, e servo vosso. E o assim eleito estará obrigado dentro em hum anno desde o dia de sua eleição a pedir-me a mim, ou a meus successores a confirmação della, que apresentará nos Conventos de vossa Familia. Entretanto porèm que a não alcança, terá o mesmo poder, e a mesma superioridade, e authoridade, que houvera de ter depois de alcançada, e para isto revogo todos os poderes de quaesquer meus Commissarios, e successores, de qualquer dignidade que sejão, assim presentes, como futuros, e assim revogados os annullo, e por taes os julgo, e determino.

4 Pelo teor das presentes concedo tambem assim a vós, como a vossos successores, que nos Reinos de Hespanha, e em quaesquer outras partes, e senhorios possais por vós, e por outros Frades vossos em vosso nome receber quaesquer Heremitorios, Oratorios, Casas, e lugares para vossa habitação, e morada, e que os possais ter, e habitar em perpetuo uso vosso, e de todos vossos Frades, presentes, e futuros, com tal condição, que os taes lugares vos sejão dados, offerecidos, e permittidos pelos Bispos, e Prelados, pelos povos, e gentes, para nelles servires a Deos; com tanto que para o recebimento dos ditos lugares tenhais licença da Sé Apostolica. Demais de tudo isto dou licença, e faculdade a vós, e a vossos successores, para que possais receber quaesquer Frades, que a vós vierem dos Conventuaes, ou Observantes, e os possais encorporar em vossa vida mais estreita de tal maneira, que depois de encorporados entre vós não possão tornar para donde vierão, nem elles os poderão receber. Dou-vos tambem a vós, e a vossos successores minha plenaria authoridade, poder, e faculdade, em geral, e em particular, no espiritual, e

no

no temporal àcerca deſſes meſmos Frades, e lugares, para que poſſais fazer, tratar, ordenar, eſtatuir, diſpôr, miniſtrar, diſpenſar, e abſolver de quaeſquer caſos a mim reſervados, e iſto por vós, ou por outros quaeſquer Frades por vós deputados, da maneira que eu o fizera, ſe eſtivera preſente, todas as quaes couſas pelas preſentes Letras as hei por ſufficientemente declaradas.

5 Alèm diſto as meſmas faculdades, graças, e poderes por mim a vós, e a voſſos ſucceſſores em eſſas partes concedidas, as concedo, e quero que ſejão concedidas a outros Frades, que julgardes idoneos para iſſo, ſobre o qual encarrego a voſſa, e as ſuas conſciencias. E mando a todos, e a quaeſquer dos ditos Frades em virtude do Eſpirito Santo, e merito da ſanta obediencia, que poſta de parte qualquer appellação, humilde, e firmemente vos obedeção em todas as couſas, como a minha propria peſſoa. Tambem mando, que por nenhuma cauſa os ditos Frades, por ſe livrarem da voſſa correcção, ou caſtigo, fujão de voſſa obediencia; e ſe jà tiverem fugido, os Miniſtros Provinciaes, Vigarios, Guardiães, Cuſtodios, Preſidentes, onde quer que eſtiverem, ou quaeſquer outros Frades, de qualquer dignidade, que ſejão, tendo-os em ſeu poder, ſob pena de privação de ſeus officios, dos actos legitimos, e de excommunhão *latæ ſententiæ ipſo facto incurrenda*, vo-los entreguem; e debaixo das meſmas penas os não recebão. Ultimamente mando ſob as meſmas penas, que nenhum meu inferior ſe metta, nem pertenda inquietar-vos, nem eſtorvar-vos, nem entendão em voſſo governo, ainda que para aſſim o fazerem moſtrem Letras minhas, ſalvo nellas fizer das preſentes expreſſa, e declarada menção. Chriſto vos guarde, e rogai por mim. Dada em Roma em S. Pedro de Monte Aureo, anno do Senhor 1505. aos ſeis dias do mez de Novembro.

Fr. Egidio Geral, que eſtas couſas inſtitue, concede, e manda, em quanto ſua authoridade ſe extende. *Manu propria.*

6 Suppoſto que as Letras do Geral não podião accreſcentar forças aos Breves do Pontifice, e ſentença do Juiz executor, ſervírão com tudo de apagarem em parte a voz, que corria, que os ditos Breves erão ſubrepticios, e nullos, por onde com ellas acabou Fr. Pedro de recuperar a Caſa de Alconchel; não pode com tudo haver a de Truxilho, que eſtava occupada dos Padres Obſervantes, por ordem, e diſpoſição, co-

[c] Chron. P. Mich. 5. c. 6.

como nos dizem [c] do Rei Catholico, a quem allegavão, que por haver jà em Truxilho Convento da Ordem, não podião fundar outro os Capuchos. Convocava-se jà para o Capitulo Geral, que se havia de ter em Roma pelo mez de Junho da festa do Pentecoste do seguinte anno de 1506. Nelle esperavão os Padres Observantes se acabaria de huma vez a Congregação dos Capuchos, alcançando do Pontifice à instancia do sobredito Rei, para o que se prevenírão, hum Breve, que os encorporasse na Observancia. Esta esperança os fez dissimular com elles aquelle breve tempo, que correo do anno de 1505. atè à celebração do dito Capitulo. Neste viveo Fr. Pedro pacificamente nos seus Conventos: e de crer he procederia à eleição dos dous Custodios, como dispunha o Geral na sua Patente, ficando elle por superior a ambos, ainda que disso não temos certeza.

CAPITULO XXV.

Partem os nossos Capuchos a Capitulo Geral, e do que nelle se determina tocante à sua Congregação.

1 NO tempo, que os nossos Capuchos trazião com os Padres da Observancia os pleitos, que atràs ficão referidos, não faltavão outros na Ordem entre Observantes, e Conventuaes. Pelo que o Ministro Geral Fr. Egidio de Amelia, considerando o grande proveito, que na Religião resultaria, se em todos os Frades da Ordem houvesse huma uniformidade, determinou valer-se de muitos Principes Christãos, para que a procurassem com todas as suas forças. Para este effeito, depois que fallou com alguns delles em diversas partes, veio a Hespanha à Corte dos Reis Catholicos por duas vezes, [a] a primeira foi no anno de 1503. e a segunda no de 1504. sendo jà morta a Rainha. E tratando com o Rei àcerca do intento, que trazia, achou tantas contradicções, e taes impedimentos, que sem averiguar cousa alguma se tornou a Roma, onde fallando com o Summo Pontifice, tão bem lhe soube arrazoar naquella causa, que Julio II. que então era, mandou logo hum Breve passado a 29. de Junho do anno de 1505. e segundo de seu Pontificado, em que dispunha, que para o anno seguinte se ajuntassem todos os Vogaes da Ordem em Roma pela festa do Pentecoste, como dispõe a Regra, onde se tratasse a união.

[a] Mon. Ord. tract. 2. fol. 239. 2. impress.

2 Foi este Capitulo Geral em numero [b] o centesimo, e o sex-

[b] Chr. Ord. 3. p. l. 8. c. 24. Gonz. 1. p. fol. 26.

ſexto dos Generaliſſimos: nelle ſe ajuntarão em Ara Cœli, onde ſe celebrou, mais de quatro mil Religioſos dos Conventuaes, e Obſervantes Ciſmontanos, e Ultramontanos, e das Congregações reformadas dos Amadeos, Clarenos, Colectaneos, e dos noſſos Capuchos do Santo Euangelho, que forão a eſte Capitulo confiados no bom amparo, que ſempre no Geral acharão, o qual ſempre deſejou favorecellos: com ſeu favor eſperavão vir de là providos, de maneira que os Padres Obſervantes não pudeſſem mais contradizellos. O intento do Geral, como jà diſſe, era fazer na Ordem huma união, e reforma; mas não lhe ſuccedendo as couſas, ſegundo deſejava, renunciou o Generalato nas mãos dos Cardeaes, que preſidião. Foi logo feita a eleição pelos Conventuaes, ſegundo na Ordem era coſtume, e ſahio eleito em Miniſtro Geral o Padre Fr. Rainaldo Graciano de Cotinhola; não tendo effeito a união procurada.

3 Não foi o ſucceſſo dos noſſos Capuchos tão proſpero, como eſperavão, porque logo depois da eleição do novo Geral paſſou o Pontifice hum Breve a dezeſeis de Junho do meſmo anno, em que ſe mudava algum tanto a fórma de vida, que antes tinhão. Mandava primeiramente, [a] que para ſe tirar tanta diverſidade de nomes, como na Ordem havia, ſe reduziſſem todas as Congregações a duas tão ſómente; convem a ſaber, a Conventuaes, ditos Clauſtraes, e a Obſervantes, chamados da Familia. Ordenava depois diſto, que todas as mais Congregações de Frades dentro de hum anno deſſem obediencia a hum dos Prelados Geraes, qual melhor lhes pareceſſe, ou ao Miniſtro Geral dos Conventuaes, ou aos Vigarios da Obſervancia, para que não houveſſe na Ordem mais nomes que eſtes; de tal ſorte porèm, que os que eſcolheſſem a obediencia dos Conventuaes, viveſſem debaixo della, como de antes em ſuas caſas reformadamente, governando-ſe pelos Prelados de ſua reformação, e os que elegeſſem a obediencia dos Vigarios da Obſervancia, foſſem unidos, e incorporados nella.

[a] Mon. Ord. trat. 1. fol. 221. Wadd. tom. 8. ad ann. 1506. a 8.

4 Não ficárão ſatisfeitos os Padres da Provincia de Sant-Iago com eſta reſolução do Capitulo, e Breve Apoſtolico, pelo qual os Capuchos podião dar obediencia ao Miniſtro Geral, ou a qualquer dos Miniſtros Provinciaes da Conventualidade indeterminadamente; porque deſta maneira os que moraſſem nas Caſas, que tinhão em Portugal, ficarião como de antes eſtavão ſu-

ſujeitos aos Miniſtros daquella Provincia; o que os Padres Obſervantes não querião. Pelo que o Vigario Provincial daquella Santa Provincia, com alguns outros de ſeus Religioſos, fallou ao Summo Pontifice, pedindolhe da parte do Rei Catholico não conſentiſſe, que os Capuchos do Santo Euangelho ſahiſſem da obediencia da ſua Provincia, allegando para iſto que a maior parte dos Capuchos tinha ſahido della. Inclinado o Pontifice a ſeus rogos, lhe paſſou hum Breve [d] em vinte e quatro de Junho do meſmo anno; começa: *Nuper in Generaliſſimo, &c.* Nelle, entre outras, diz eſtas palavras: Por quanto ſomos informados que a maior parte dos Frades do Santo Euangelho, ou quaſi todos, tem ſahido da Provincia de Sant-Iago da Familia da Obſervancia, e que o numero delles não paſſa de trinta, pouco mais, ou menos: para que tenha effeito o que com tanta inſtancia nos mandou rogar o Catholico Rei D. Fernando (iſto he, que não conſentiſſemos que em ſeus Reinos, e Senhorios houveſſe nomes, e divisões de Frades Franciſcanos, mais que Conventuaes, e Obſervantes) mandamos que todos os ſobreditos Capuchos, dentro do termo de hum anno, que no Capitulo foi aſſinado, dem ordinaria, e immediata obediencia ao Miniſtro Provincial, ou Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago, donde ſahírão, unindo-ſe a elle, com todas as Caſas, e Eremitorios, que atè agora por authoridade Apoſtolica tem recebido. E aſſim mandamos ſob pena de excommunhão *latæ ſententiæ ipſo facto incurrenda*, que não poſſão de novo edificar Caſa alguma, ou recebella, nem ter Cuſtodia ſeparada, mas que eſcolhão viver debaixo de huma das duas obediencias, e regimento.

[d] ...on. Ord. ...ct. 1. ... 207.

5 Parece-me neceſſario advertir aqui, antes de paſſar mais adiante, huma couſa, que póde embaraçar aos que forem pouco verſados nas Hiſtorias de noſſa Religião Serafica. Diz o Summo Pontifice neſtas Letras, que ſerão os Capuchos obrigados a dar obediencia, ou ao Miniſtro Provincial da Provincia de Sant-Iago, ou ao Vigario Provincial da meſma; em que ſe inculca haverem dous Prelados maiores em huma meſma Provincia. E porque não faça duvida aos menos noticioſos, como temos dito, he de ſaber que os Catholicos Reis de Heſpanha D. Fernando, e D. Iſabel [e] impetrárão de Alexandre VI. hum Breve no anno de 1492. em que mandava que todos os Frades Conventuaes de ſeus Reinos ſe refor-

[e] Chr. Ord. 3. p. l. 7. c. 20.

maſſem, renunciando ſuas rendas, e privilegios, ou foſſem lançados fóra de ſeus Conventos, entregando-os aos Obſervantes, para que habitaſſem nelles. E ſuppoſto que eſte Breve ſe não deo à execução eſte anno; teve porèm effeito no de 1495. em que o Pontifice paſſou outro *f* à inſtancia dos meſmos Reis, dirigido a Fr. Franciſco Ximenes, Arcebiſpo de Toledo, para que o déſſe à execução. Elle o fez aſſim, reformando os Conventos da Provincia de Caſtella, e da Conceição, e da de Sant-Iago alguns, deixando outros; porque os Padres Obſervantes, a quem ſe entregavão, não tinhão copia de Frades para povoarem todos. Os Conventuaes, que ficárão em as Caſas, que lhes deixárão, ſe forão queixar a Roma ao Papa, allegando ſe havião com exceſſo na execução do Breve, o qual o mandou logo ſuſpender, com que ficárão os Padres Obſervantes com as Caſas, que jà tinhão tomadas, e os Conventuaes com as que ainda poſſuião, por cujo reſpeito o Prelado dos Conventuaes não quiz largar o titulo de Provincial da Provincia de Sant-Iago, e aſſim ſe chamava; e o Prelado dos Padres Obſervantes intitulava-ſe Vigario Provincial da meſma Provincia, ſegundo a fórma da Bulla do Concilio Conſtancienſe *g*: e conforme a iſto eſtavão os titulos de Prelado maior divididos em Provincial, que era dos Conventuaes, e em Vigario Provincial, que era dos Padres Obſervantes. Erão os Prelados divididos cada hum em ſeu governo, excepto que a eleição que os Padres Obſervantes fizeſſem de Vigario, havia de ſer pelo Miniſtro dos Conventuaes confirmada. E por quanto os Frades Capuchos do Euangelho erão quaſi todos filhos daquella Provincia, aſſim dos Conventuaes, como dos Obſervantes, deixou o Summo Pontifice em ſua eleição acoſtarem-ſe a qualquer das duas partes, que quizeſſem, ou ao Provincial, que era dos Conventuaes, ou ao Vigario Provincial, que era dos Obſervantes, pois aſſim huma couſa, como outra, era tornarem para a Provincia, donde tinhão ſahido. Com eſtas Letras ſe partírão os Padres Obſervantes de Roma, parecendo-lhes que tinhão concluido o que deſejavão, e ſem duvida aſſim ſuccedêra, a não determinar Deos outra couſa, contra cujas diſpoſições não podem nada as humanas diligencias.

f Idem c. 27.

g Mon. Ord tract. 1. fol 190. 2. imp Gonz. 1. p fol. 15.

CA-

CAPITULO XXVI.

Dá Fr. Pedro obediencia ao Geral, e alcança por seu meio hum Breve, derogativo do que contra a sua Congregação se tinha expedido.

1 EM cumprimento do Decreto de Julio II. que dispunha, que todas as Congregações, que havia na Ordem, se unissem a huma das duas, ou à da Conventualidade, ou à dos Observantes; deo Fr. Pedro de Melgar obediencia ao novo Geral Fr. Rainaldo Graciano de Cogtinola, passou-lhe elle huma Patente, em que dava testemunho havello recebido à sua obediencia, e à dos Ministros Provinciaes, mandando a estes por santa obediencia deixassem viver a Fr. Pedro, como antes, não lhe ordenando cousa alguma, que fosse contraria à sua Reformação, nem se entremettessem em lhe pôr Prelados em os seus Conventos; porque os taes havião de ser sempre escolhidos de entre os mesmos Reformados, conforme a disposição do Pontifice. Donde se vê que a obediencia, que deo Fr. Pedro ao Geral, não foi immediata, senão tambem com sujeição aos Provinciaes da Conventualidade. Assim o reza a dita Patente, que ainda hoje sã, e inteira com sello pendente em caixa de latão se conserva no arquivo da Provincia: nella se lem estas palavras, depois de referir as do sobredito Decreto do Pontifice: *Por este respeito Eu dito Geral, recebo a vós Fr. Pedro, e a todos vossos Frades, como filhos da obediencia sujeitos aos mandamentos Apostolicos, debaixo da minha, com todas as Casas da vossa Custodia: e declaro que vos haveis ajuntado, e unido a ella, e à dos Ministros Provinciaes.* São palavras expressas do Geral nas sobreditas Letras, traduzidas do Latim no Portuguez. Donde se vê que se enganou quem disse [a] que fora esta obediencia immediata, com que a argue de contraria ao que dispunha o Pontifice.

[a] Chron. P. S. Mich. l. 5. c. 7.

2 Com esta diligencia ficava Fr. Pedro dando satisfação ao Breve, que Julio II. expedio no sobredito Capitulo Geral; pois conforme elle dispunha, se unio a huma das Familias, que apontava: escolher antes a dos Conventuaes, foi, porque, como dizia o Decreto, que os que a estes se unissem, vivessem como antes em sua vida reformada, governando-se por Prelados da mesma Reformação, o que não havião de ter os que se ajuntassem à Familia dos Observantes, senão que havião de ficar totalmente en-

encorporados nelles, para Frei Pedro se conservar naquelle modo de vida, que tinha escolhido, na guarda litteral da Regra, achou lhe era conveniente unir-se à Conventualidade; por tanto lhe deo logo obediencia. Bem he verdade que dispunha o Pontifice no referido Decreto, que a eleição desta união se fizesse, tomados em cada Convento os votos da Communidade, e que depois se ajuntassem àquella Familia, em que a maior parte dos votos conviesse; e Fr. Pedro, sem que tomasse estes, se unio à Conventualidade, que como o principal, a que o Decreto tirava, era a que se unissem a huma das duas Familias, pondo-o elle em execução, quanto ao fim pertendido, importava pouco variar o modo, tomando, ou não os votos. De mais que nenhuma duvida havia, que esta houvera de ser a eleição de todos os Capuchos, se chegárão a votar na materia; porque para sua conservação era a conveniencia mui conhecida: pois nenhum podia ignorar lhes importava ficarem antes unidos aos Conventuaes, vivendo em sua Reformação, que encorporarem-se na Familia, que tanto procurava extinguillos.

3 Tudo confirmou o Geral pela Patente referida, em que faz a Fr. Pedro Custodio de todos elles, tirando-lhe o nome de Commissario, e Vigario seu, que antes tinha pelo Ministro Geral Fr. Egidio; porque na fórma do novo Decreto de Julio II. ficava sujeito tambem aos Ministros Provinciaes. Foi dada em S. Salvador das Ondas, em oito de Julho do mesmo anno de 1506. são suas primeiras palavras: [b] *Cùm sanctissimus, &c.* Feita esta diligencia, em conformidade do primeiro Breve expedido no Capitulo Geral, restava occorrer ao segundo, que à instancia da Provincia de Sant-Iago tinha passado o mesmo Pontifice em 24. de Junho do dito anno, e he o que jà referimos, que começa: *Nuper in Generalissimo.* Nelle não só mandava o Pontifice que os Capuchos dentro de hum anno se unissem a huma das duas partes, mas accrescentava, que havia de ser esta união de sorte, que não tivessem Custodia separada, nem dalli em diante pudessem mais receber Conventos, nem Frades de outras Provincias, ou noviços, que do mundo viessem. Executado este Breve, se vinha a extinguir a Congregação dos Capuchos, continuada à custa de tantos trabalhos; porque ainda que lhes ficavão todas as Casas, que ao presente tinhão, com authoridade que serião sempre dos mesmos Capuchos os Pre-

[b] Habetur i[n] Conventu Pietatis.

Prelados dellas; como lhe tiravão o Custodio, e a faculdade de receber mais Frades, mortos os que actualmente tinha, acabava a Congregação.

4 O que considerando Fr. Pedro de Melgar, recorreo ao Ministro Geral Fr. Rainaldo, pedindo-lhe o patrocinasse com o Pontifice, de quem pertendia alcançar hum Breve derogatorio dos que se tinhão expedido, e em que confirmasse as duas Custodias no mesmo estado, que tinhão antes. Não forão necessarias muitas instancias para se alcançar a derogação pertendida; porque logo se vio, que o Breve, que se tinha impetrado contra a Congregação dos Capuchos, fora tirado com a narrativa falsa, porque allegavão nella a Sua Santidade, que erão tão poucos os Frades, que subsistião em a dita Congregação, que apenas chegavão a trinta, e que atè àquelle tempo não havião tido fórma de Congregação: consta do teor do Breve, que esta foi a narrativa, como se póde ver em hum traslado seu, que traz o Author citado [c] à margem. Huma, e outra cousa não era assim, porque Frades tinha setenta, numero bastante a povoar os pequenos Conventos, que tinhão; Congregação jà a havia formada, pois subsistião duas Custodias, a de nossa Senhora da Luz, e a do Santo Euangelho.

[c] ...n. Ord. t. 1. 210.

5 Daqui veio que informado melhor Sua Santidade, passou hum Breve em favor dos Capuchos, em que lhes concedia pudessem viver em Custodia separada, confirmando em Custodio della a Fr. Pedro, com authoridade que poderia receber Frades, que lhe viessem, assim dos Conventuaes, como dos Observantes, e edificar de novo, ou receber as Casas, que lhe fossem offerecidas. Deixava finalmente aos Capuchos no mesmo estado, que tinhão antes do sobredito Capitulo Generalissimo. Foi a data a oito de Julho do mesmo anno de 1506. Deste Breve não vi nem ainda copia authentica; ficounos porèm sua noticia, não só em os Memoriaes [d] desta Provincia, mas tambem no que escreveo, e imprimio da sua de São Gabriel o Padre Fr. João Baptista Moles, [e] onde diz, que se conserva em o Convento de Salvaterra da mesma Provincia.

[d] Sinde cit. cap. 10. & Chron. antig. l. 1. cap. 33.

[e] Moles c. 2.

6 O que eu posso affirmar nesta materia, he que os Capuchos, logo depois do Capitulo Generalissimo, alcançárão do mesmo Julio II. hum Breve derogativo dos que se havião passado contra elles: fundamento bastante para presumirmos, he o de que fazem menção o Padre Moles, os Memoriaes da

da nossa Provincia, e a Chronica da de S. Gabriel. Fundo este parecer não menos que em hum Breve, que expedio o mesmo Pontifice a sete de Setembro de 1508. e quinto de seu Pontificado, à instancia do Padre Fr. João de Argumanes, Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago. Neste, referindo o Pontifice os Decretos repetidos no Capitulo Generalissimo àcerca dos Capuchos, accrescenta que logo impetrárão delle outras Letras em contrario, pelas quaes, entre outras graças, e indultos, lhes permittia Custodia separada: *Per quas* [f] (são palavras expressas do Breve) *eis conceditur, ut separatam Custodiam, & concessiones alias habeant.* Com que fica evidente, que se alcançou o Breve derogatorio, e não improvavel a conjectura, que foi o de que tratámos; pois não temos noticia, que pudesse ser outro. No mesmo dia, em que o Pontifice expedio o sobredito Breve, vendo o Geral que por elle ficava a Congregação do Santo Euangelho no mesmo estado, que antes tinha, alèm da Patente, que lhes passou, cujas forças deixamos referidas, approvou a Fr. Pedro a Patente, que seu antecessor Fr. Egidio tinha dado a Fr. João de Guadalupe, quando por ella o confirmou em Custodio da Custodia do Santo Euangelho: concedendo novamente a Fr. Pedro pudesse usar das graças, e indultos, que nella se continhão; com tanto porèm, que estivesse sujeito aos Ministros Provinciaes da Conventualidade. Com o Breve do Pontifice, e Patentes do Geral voltou Fr. Pedro a Hespanha, trazendo comsigo a Fr. Anjo, que atè àquelle tempo assistia em Roma por Procurador.

[f] Mon. Ord. trat. 1. fol. 210.

CAPITULO XXVII.

Estado, em que achou Fr. Pedro as Casas de Castella, quando voltou de Roma.

1 ANsiosos esperavão os Capuchos, que Fr. Pedro tinha deixado em Castellà, e Portugal, que fizesse volta de Roma para estes Reinos; porque como os Padres Observantes lhes intimárão logo os Breves, que contra elles tinhão alcançado, estavão perplexos na resolução, que tomarião, e assim esperavão a do seu Prelado, para se accommodarem com ella. Mas como não era menor a ansia, que tinhão seus oppostos, de os verem extintos, e encorporados na Provincia de Sant-Iago, não esperárão muito tempo para a execução; porque jà quando Fr. Pedro chegou, achou derribadas as Casas de

de Villa-Nova del Freſno, Salvaleão, e alguns Oratorios, reteudas pelos meſmos Padres Obſervantes, que vivião nellas, a de Alconchel, e de Truxilho, tendo-ſe retirado os Capuchos, que habitavão a de Alconchel; e as derribadas, huns para as de Portugal, e outros para alguns dos Oratorios, que tinhão deixado em pé. O tempo deſta demolição, e ruina foi no anno de 1507. mas não tanto no fim (como alguem diſſe [a] pela juſtificar) que ſe cumpriſſe o tempo deſtinado pelo Pontifice, em que os Capuchos podião eſcolher a obediencia de hum dos dous Prelados da Provincia de Sant-Iago, qual melhor lhes pareceſſe.

ron. P. Mich. c. 7.

2 Porque aſſim como Fr. Pedro conſeguio o Breve revocatorio, que foi em Julho de 1506. ſe poz logo a caminho para Heſpanha, jà quando chegou eſtavão as Caſas poſtas por terra: [b] e que não gaſtaſſe neſta jornada hum anno, que era o termo ſinalado pelo Papa para eleição da obediencia, nos perſuade a crer a preſſa, que trazia, para com o Breve ſoccorrer a ſeus Frades; e o não pedir a jornada, ainda que feita a pé, tanta dilação. Alèm de que nos conſta que no mez de Dezembro do meſmo anno de 1507. jà Fr. Anjo tinha alcançado em Roma huma Compulſoria contra os Padres Obſervantes, por lhes não quererem entregar a Caſa de Truxilho, e a de Alconchel, que lhes tinhão tomado, e deſtruido as outras. O que tudo bem computado, não he poſſivel, ao que ſe repreſenta, que deſde o dia, que na Eſtremadura intimárão os Decretos de Julio II. aos Capuchos (tempo, donde ſe havia de contar o praſo aſſignalado, atè à demolição das Caſas, paſſaſſe hum anno completo.

b ol. c. 2.

3 Demais que jà os Breves, que os Padres Obſervantes da Provincia de Sant-Iago tomavão por pretexto para aggregarem a ſi as Caſas, eſtavão revogados pelo outro, que no Capitulo precedente referimos: com que lhes não ficava juriſdicção nellas, ainda depois do anno cumprido; nem Capitulo algum, que os livraſſe da nota de violencia, na reſolução, que tomárão. Depois que Fr. Pedro vio as Caſas derribadas, e occupadas as de Truxilho, e Alconchel, para recuperar eſtas fez algumas diligencias com a revocatoria, que trazia; o que não foi de nenhum effeito, antes ſervio para que os Padres Obſervantes derribaſſem a de Truxilho, para aſſim cortarem a Fr. Pedro as eſperanças, que podia ter de outra vez a recuperar; que como tinhão de ſua parte a potencia ſecular, não po-

podia Fr. Pedro dar à execução as ſuas Letras. Mandou logo Fr. Anjo a Roma proceder contra a violencia, que lhes era feita.

4 Fez Fr. Anjo no caſo tão boa diligencia, que o Pontifice avocou a ſi a cauſa; e para que conheceſſe della, fez ſeu Juiz Commiſſario ao Cardeal Protector ſobre a Caſa de Alconchel, o qual logo mandou paſſar huma Compulſoria, em que, como Juiz Apoſtolico, cita, para conhecer da cauſa, a hum Fr. Alonſo de la Fuente, e a outros Frades complices na actual execução da violencia, que aos Capuchos fizerão, quando della os lançárão; e lhes manda, que peſſoalmente pareção em Roma ante elle. Foi paſſada eſta Compulſoria pelo dito Protector Domingos Grimano no anno do Senhor 1507. aos dezeſeis do mez de Dezembro. Logo alcançou Fr. Anjo do meſmo Pontifice outro Juiz Conſervador no tocante à Caſa de Truxilho: eſte foi o Auditor da Curia Romana, chamado Antonio de Monte Cæli, Arcebiſpo Sipontino; o qual paſſou huma Citatoria, em que manda a D. Martinho do Porto, Biſpo de Troia, a João Ozores, e a Franciſco de Salamanca ſeculares, e aos mais complices na expulsão, e violencia, pareção ou por ſi, ou por ſeus Procuradores em Roma. Foi paſſada eſta Citatoria no anno ſobredito aos vinte e quatro dias do mez de Dezembro; huma, e outra ſe conſervão no Arquivo [c] da Provincia.

[c] Habentur in Conventu Pietatis

5 Em quanto Fr. Anjo de Valhadolid diligenciava eſtas couſas em Roma, entendeo Fr. Pedro de Melgar em a edificação de alguns Conventos; o da Lapa legua e meia de Çafra, outro junto a Albuquerque, e o terceiro a Salvaterra, ainda que os dous ultimos jà deſde o anno de 1505. os tinha recebido; mas como naquelle tempo andavão os Capuchos tão perturbados com as oppoſições, que lhes fazião, neſtes pouco, ou nenhuma couſa ſe tinha obrado atè eſte preſente anno. Não foi eſta nova recepção ſó, porque os Senhores temporaes daquelles ſitios tiveſſem authoridade para fundar Conventos, e receberem nelles Frades, como alguem preſumio, [d] mas tambem pela faculdade, que o Breve revocatorio (alèm das duas Patentes) concedia aos Capuchos, para poderem receber quaeſquer Caſas, que lhes foſſem offerecidas. No tempo, que Fr. Pedro andava occupado na fundação deſtas Caſas, chegárão as Compulſorias de Roma; com que depois de alguns requerimentos de parte a parte, entregárão os Padres Obſer-

[d] Chron. P. S. Mich. ubi ſupr.

ſervantes a Caſa de Alconchel, que a de Truxilho jà eſtava poſta por terra. Na primeira, e nas que actualmente fundavão, vivião os que eſtavão em Caſtella; onde por ora os deixaremos, por ſabermos o que depois do Capitulo Generaliſſimo ſuccedeo aos de Portugal.

CAPITULO XXVIII.

A' inſtancia do Duque D. Jaime paſſa Julio II. hum Breve em confirmação da obediencia, que os Capuchos tinhão dado aos Conventuaes de Portugal.

1 MAis proſpero ſucceſſo tiverão os Capuchos, que em Portugal vivião, que os que aſſiſtião em Caſtella; porque em Portugal tinhão a devoção do Sereniſſimo Principe D. Jaime, que os amparava, e defendia contra qualquer injuſtiça, e violencia, o que faltava aos de Caſtella. Por onde quando Fr. Pedro chegou do Capitulo, não achou couſa alguma innovada; todas ſe conſervárão na fórma, em que as tinha deixado. Atràs fica referido, como no anno do Senhor 1505. em o Capitulo, que em Guimarães celebrárão os Padres Conventuaes da Provincia de Portugal, forão recebidos os Capuchos à ſua obediencia, com todas as Caſas, que tinhão em Portugal. E ſuppoſto que aquella obediencia foi então gratuita, e não de juſtiça, quiz agora confirmalla Fr. Pedro, porque ſempre tinha achado os Conventuaes favoraveis em ſua cauſa. Pelo qual pedio ao Duque lhe alcançaſſe do Summo Pontifice humas Letras em confirmação dos concertos, que com os Conventuaes tinha feito no Capitulo de Guimarães, e da obediencia, que lhes tinha dado; porque ſendo confirmado pelo Summo Pontifice o que naquelle Capitulo ſe tratou, nem os Padres da Provincia de Sant-Iago terião mais que arguir, nem os Capuchos mais de que ſe defender. Pareceo bem ao Duque a reſolução de Fr. Pedro, julgando que deſte modo ſe daria fim a tantas contradições, quantas havião experimentado; e elle ficaria logrando mais à ſua vontade a comnhia dos ſeus Capuchos, a quem por ſua devoção no coração trazia. Fez a ſupplica a Julio II. que deferio logo a ella com humas Letras, as quaes trasladadas do Latim [a] são do teor ſeguinte.

[a] Habentur in Conventu Pietatis.

2 Julio Papa II. A todos, e quaeſquer, que virem eſtas preſentes Letras, ſaude, e Apoſtolica benção. Pela obrigação do officio Paſtoral, por reſpeito do qual preſidimos ao governo da Regular Obſervancia, e

de todas ſuas Caſas, de boa vontade intendemos naquellas couſas, pelas quaes ſe attende ao proveito, e quietação das meſmas Caſas, e peſſoas, que nellas, debaixo do ſuave jugo da Religião, paſsão ſua vida. E aſſim, para que as couſas, que atè agora com maduro conſelho são paſſadas, fiquem para ſempre firmes, e eſtabelecidas, por nos ſer aſſim pedido, por authoridade Apoſtolica as confirmamos todas, e de novo as concedemos, conforme entendemos em o Senhor, que aſſim he neceſſario. Por parte do noſſo muito amado filho, e nobiliſſimo Varão Jaime, Duque de Bragança, e de Guimarães, nos foi feita huma petição, na qual dizia, como nos annos àtras de 1505. em Capitulo Provincial da Ordem dos Menores, chamados Conventuaes, celebrado na Villa de Guimarães, Arcebiſpado de Braga, e do dominio temporal do dito Duque, os Frades nelle congregados, deſejando para augmento, e reſplendor da Religião, para louvor, e honra de Deos, reformar louvavelmente algumas couſas: entre outras ordenárão, que os Frades da dita Ordem, chamados da Congregação, e Cuſtodia do Santo Euangelho, que vivem em a pureza da Regra, conforme S. Franciſco a inſtituio, no meſmo Capitulo foſſem recebidos à ſua obediencia e unidos, e aggregados aos meſmos Frades Conventuaes, e lhes foſſem aſſinadas algumas de ſuas Caſas, e Oratorios, para que os ditos Frades do Euangelho pudeſſem viver nellas, como realmente logo lhes aſſinárão, e concedêrão a Caſa de S. Franciſco de Chaves, para que a pudeſſem habitar, e ter em ſeu uſo perpetuo.

3 Pela qual razão, por parte do dito Duque D. Jaime, o qual affirma que os Frades da dita Congregação recebêrão a dita Caſa, e Oratorios a elles concedidos, e que deſde aquelle tempo atè agora bem, e louvavelmente com exemplo de vida, e cheiro de boa fama, tem morado, e vivido nella, e de preſente morão com eſpiritual conſolação de todos os fieis Chriſtãos, e grande devoção do ſobredito povo. E que os taes Frades, ſervos de Deos, em tempo delle dito Duque vierão morar a ſuas terras, não por merecimentos ſeus, ſenão por diſpoſição Divina, e inſpiração de Deos, que para iſſo tiverão: e que elle dito Duque deſejava, por ſua corporal, e eſpiritual conſolação, que os taes Frades nunca foſſem privados das taes Caſas. Pelo que, ſegundo jà temos dito, por parte do dito Duque D. Jaime nos foi humildemente pedido, quizeſſemos

por

por authoridade Apoſtolica confirmar o que naquelle Capitulo àcerca dos ditos Frades ſe tinha ordenado; e conceder-lhe de novo para perpetuo uſo, aſſim a dita Caſa de S. Franciſco de Chaves, como os demais Oratorios, que aſſinados lhes forão.

4 Por tanto Nós, que com deſejos intenſos attendemos ſempre ao proveito de todos, e mais principalmente das peſſoas Religioſas, inclinados a ſemelhantes petições, pelo teor das preſentes, e por authoridade Apoſtolica approvamos a ordenação do dito Capitulo, e a data da Caſa, e mais Oratorios aos Frades da ſobredita Congregação; dando porèm para iſto o Miniſtro Geral ſeu conſentimento, e com elle confirmamos, e determinamos, que ſe devem guardar inviolavelmente para ſempre todas as ditas couſas alli determinadas; e ſupprimos pelas preſentes todos os defeitos, ſe alli os houve. Para maior cautela, por authoridade Apoſtolica, de novo concedemos aos Frades da dita Congregação, aſſim a dita Caſa, como os Oratorios, que no Capitulo lhes forão concedidos, e queremos que uſem della, e delles, e que em quanto dos taes uſarem, gozem de todos, e quaeſquer privilegios, graças, favores, liberdades, indultos, e quaeſquer outros Decretos, jà concedidos, e que ao diante ſe concederem às Caſas da dita Congregação. E aſſim tambem queremos, e mandamos, que os ditos Frades do Euangelho não poſsão ſer privados da dita Caſa, e Oratorios pelos Frades Conventuaes, nem pelo Prelado, que de preſente he, ou ao diante for, nem por outros quaeſquer, de qualquer authoridade que tenhão. E para que tudo iſto aſſim ſe cumpra, mandamos aos amados Irmãos, Arcebiſpo Bracharenſe, e Biſpo Cathanenſe, que ambos, ou qualquer delles por ſi, ou por outrem, fação guardar as preſentes Letras, quando pelos Frades da dita Congregação lhes for requerido, e demandado; para effeito do qual poderão invocar o auxilio do braço ſecular, ſe neceſſario for: não obſtantes as Ordenações, e Conſtituições Apoſtolicas, nem as da dita Ordem pela Sé Apoſtolica confirmadas, nem outras quaeſquer Letras, e graças concedidas aos Provinciaes Miniſtros da Ordem, Vigarios, ou Frades chamados da Obſervancia: todas as quaes por eſtas preſentes derogamos. Dada em Roma *apud Sanctum Petrum*, *ſub annulo Piſcatoris*, aos ſete dias do mez de Janeiro de 1508. e de noſſo Pontificado anno quinto.

5 Hum

5 Hum reparo póde fazer o Leitor neſte Breve, e vem a ſer, nomear nelle o Summo Pontifice por ſeu Juiz executor ao Biſpo Cathanenſe, ſendo que em Portugal nunca houve Biſpado deſte nome, e ſó ſe acha no Reino de Sicilia, onde o Summo Pontifice não havia de dirigir o Breve, para que aquelle Prelado o vieſſe dar à execução em Portugal. O que eu neſta duvida ſinto, he que eſte Biſpo Cathanenſe ſeria então Nuncio Apoſtolico neſte Reino; e a eſte como a Prelado maior, juntamente com o Arcebiſpo Primaz, veio dirigido, para que o effeituaſſe.

6 Em huma clauſula deſte Breve, como ſe vê nelle, diſpunha o Pontifice, que para os Frades da Cuſtodia do Santo Euangelho uſarem das graças, que lhes concedia, havia de ſer procurando primeiro o conſentimento do Miniſtro Geral da Ordem. Pelo que Fr. Anjo de Valhadolid lhe fez ſupplica, a que o Geral reſpondeo com huma Patente, [b] paſſada em treze de Fevereiro do meſmo anno, começa: *Quoniam Sanctiſſimus &c.* Nella depois de confirmar, conceder de novo, e approvar a data das Caſas, e tudo o mais, que tocante aos Capuchos ſe tinha aſſentado no Capitulo de Guimarães, ordena algumas couſas, que ſe havião de guardar, aſſim da parte dos Capuchos, que davão a obediencia, como dos Conventuaes, que a recebião. Aos primeiros mandava obedeceſſem em tudo ao Provincial da Conventualidade, declarando, que elle era ſeu immediato ſuperior: e que eſtarião obrigados os Prelados das Caſas do Santo Euangelho a acharem-ſe preſentes nos Capitulos, que celebraſſe aquella Provincia, como Vogaes delles, onde levarião por eſcrito os nomes de todos os Frades da ſua Congregação, para que com os outros ſe leſſem na taboa Capitular, como he coſtume da Ordem. Aos Provinciaes da Conventualidade ordenava com preceito de obediencia não fizeſſem Cuſtodio, Guardião, Vigario, ou Prelado algum nas Caſas dos Capuchos, ſenão foſſe eſcolhido de entre os meſmos para o tal officio, nem delles pudeſſe mudar algum Frade para as outras Caſas dos Conventuaes; ſenão que havião de viver ſempre todos nas de ſua Reformação. Na meſma conformidade ordena, que nenhum Frade dos Conventuaes poderia viver nas Caſas, que erão dos Capuchos, ſalvo querendo morar para ſempre entre elles, ſegundo as leis, e eſtylos de ſua Congregação. Que o Provincial por ſi ſó os poderá viſitar; e em caſo, que peſſoalmente o não poſſa fazer, não poderá de-

[b] Habetur in Conventu Pietatis.

deputar outro algum, ſenão for eleito de entre os meſmos Capuchos para eſte miniſterio. Conclue finalmente o Geral com huma ſaudavel exhortação aos Capuchos, que continuaſſem naquella perfeição, exemplo de vida, e edificação do povo, como atè alli tinhão vivido. Eſta Patente, juntamente com o Breve referido de Julio II. enviou Fr. Anjo de Roma a Portugal, onde a anſia com que a eſperavão os Capuchos, a feſtejou, e igualmente a devoção do Duque a applaudio.

CAPITULO XXIX.

Em virtude de hum Breve de Julio II. elegem os Capuchos Provincial em o Convento de Chaves.

1 DA fruta de Sicomoro, diz S. Jeronymo, que he em verde por extremo agra, amadurece em hum ponto, [a] e logo apodrece, com que ſe não póde della aproveitar, quem naquelle ponto a não colher. A occaſião he mui ſemelhante a eſta fruta, pois chega com vagaroſos paſſos, e deſapparece com ligeiros voos: quem della ſe não aproveita quando vagaroſa chega, não a pode colher quando ligeira voa. Riſonha ſe moſtrava a fortuna aos Capuchos, na affeição, que o Pontifice no Breve referido lhes moſtrava; quizerão-ſe aproveitar deſta occaſião a tempo, que lhes não ficaſſe ſó para ſe arrependerem. Procurárão por ſolicitidão de Fr. Anjo outro novo Breve do Pontifice, para que das duas Cuſtodias, da Luz, e do Euangelho, pudeſſem levantar huma Provincia. Fez Fr. Anjo a ſupplica, e condeſcendeo o Pontifice a ſeus rogos, paſſando-lhe hum Breve conforme o deſejavão, referindo nelle todos os Breves, que atè àquelle tempo ſe tinhão paſſado, aſſim em favor, como contra a Congregação do Santo Euangelho: por onde deixada a relação, que faz deſtes Breves, ſómente referiremos o que ordena de novo. Começa [b] elle: *Sub ſuavi Religionis jugo, &c.* He dirigido a Fr. Pedro de Melgar Cuſtodio, e aos demais Frades da Cuſtodia, e Congregação do Santo Euangelho, e depois da ſobredita Relação dos Breves anteriores continúa neſta fórma.

2 Por cuja cauſa, noſſo amado filho Fr. Anjo de Valhadolid voſſo Procurador, em ſeu nome, e em o voſſo nos ſupplicou, que para maior firmeza, e corroboração, houveſſemos por bem de confirmar todas as Letras, e cada huma dellas, concedidas pelo dito Alexan-

[a] Hier. in Os c. 7.

[b] Habetur in Conventu Pietatis

xandre nosso predecessor, e que as estendessemos, ampliassemos, e prorogassemos às demais Casas, que em os tempos futuros fundardes, ou vos forem offerecidas, e que sobre tudo o sobredito provessemos opportunamente, conforme nos for visto convir. Por tanto Nós, que com amor paternal, e espiritual affecto favorecemos, e amparamos de boa vontade as novas plantas instituidas em a Igreja Militante, para louvor, honra, e gloria de Deos, e observancia da verdadeira Religião, a vossos rogos, e supplicas inclinados pelo teor das presentes Letras, e com authoridade Apostolica approvamos, confirmamos, e com perpetua firmeza corroboramos todas, e quaesquer Letras, que pelo dito Alexandre nosso predecessor vos forão concedidas, com todas as graças, e clausulas nellas conteudas: e supprimos todos, e quaesquer defeitos, se acaso os houve: e por maior cautela, e segurança vo-las concedemos de novo, e as estendemos a todas, e a quaesquer Casas, que ao diante receberdes; e a todos, e a cada hum dos Frades, que nellas residirem, para que possais usar dellas para sempre.

3 Demais disto, pelo teor das presentes, e com authoridade Apostolica, desde agora para sempre, erigimos, instituimos, e creamos de novo as sobreditas Casas, e as demais que são, e forem da Custodia do Santo Euangelho, juntamente com a de Santa Maria da Luz de Truxilho, e seus Oratorios, se ainda estão em pé (a qual Casa com seus Oratorios, por authoridade Apostolica foi erecta em Custodia) huma Provincia, com todos os privilegios, prerogativas, graças, concessões, isenções, e indultos, que pela Regra, e Letras Apostolicas são concedidas às outras Provincias, e aos Ministros Provinciaes da dita Ordem. A' qual dita Provincia, novamente erecta, desde logo applicamos, e encorporamos todas as Casas, e Oratorios das ditas duas Custodias. E queremos que nella se eleja Ministro Provincial de trez annos, conforme o estabelecido em a dita Ordem; pelo qual haveis de ser visitados, e castigados, e a elle estareis obrigados obedecer depois do Ministro Geral, a quem haveis de recorrer pela confirmação do que pelos Vogaes da Provincia for eleito. E em quanto se não procede à primeira eleição de Ministro Provincial, vós Fr. Pedro de Melgar, Custodio moderno da dita Custodia, tereis nella a omnimoda potestade, e jurisdicção de Ministro Provincial, e em a dita primeira eleição com authorida-

dade nossa presidireis. E para que isto tenha o devido effeito, prohibimos estreitamente a todos os Prelados, e Frades da dita Ordem, ainda que sejão da Familia da Observancia, em virtude de santa Obediencia, e pena de excommunhão maior, de suspensão, privação de seus officios, e dos actos legitimos, em que *ipso facto* incorrão os que fizerem o contrario, e das quaes penas não possão ser absoltos senão pelo Romano Pontifice, (salvo em o artigo da morte) que nenhum em as cousas sobreditas de alguma maneira vos molestem, inquietem, ou perturbem; e aos que fizerem o contrario, desde logo por este nosso Decreto os declaramos por incursos em as ditas penas. E para execução destas nossas, commettemos, e mandamos a todas, e a cada huma das pessoas constituidas em dignidade Ecclesiastica, e aos Conegos das Igrejas Cathedraes, que sendo por vossa parte, ou por algum de vós-outros requeridos, vos amparem, e defendão em tudo o conteudo em estas, e em outras quaesquer Letras Apostolicas a vós-outros concedidas, e fação com effeito gozeis de pacifica possessão em tudo o sobredito, não permittindo que em alguma maneira sejais molestados àcerca disto pelos professores da dita Ordem, e Observancia, nem por outras quaesquer pessoas, refreando aos contradictores, e rebeldes por censuras Ecclesiasticas, e outros remedios de direito, posposta toda a appellação, e declarando haver incorrido nas ditas censuras, e penas reservadas a nós, e a nossos successores, invocando, se necessario for, o auxilio do braço secular, tudo o qual he nossa firme, e perpetua vontade se cumpra, não obstantes outros indultos, e constituições Apostolicas, especialmente a de Bonifacio Papa VIII. nosso predecessor, em a qual, entre outras cousas, manda que nenhum fóra de sua Cidade, e Diocese seja levado a juizo, senão em certos casos, e então não seja a distancia mais de huma dieta, que se ha de contar do fim de sua Diocese: e que os Juizes e Conservadores deputados pela Sé Apostolica não presumão proceder contra alguem, fóra de sua Cidade, e Diecese, donde forem deputados, nem commetter a outros suas vezes. E sem embargo da constituição das duas dietas em o Concilio Geral, e de outras quaesquer Letras Apostolicas, que prohibem a erecção de nova Provincia em a dita Ordem, e de quaesquer estatutos, e costumes da mesma, ainda que estejão com juramento, ou confirmação Apostolica, ou outra

firmeza corroborados E assim mesmo sem embargo de outros quaesquer privilegios, indultos, e Letras Apostolicas, expedidas em fórma de Breve, ou sejão as do dito Alexandre nosso predecessor, que começão: *Pro parte charissimorum*, dadas a dous de Setembro em o anno undecimo de seu Pontificado; ou sejão as nossas, que começão: *Cùm multæ subdant*, dadas a seis de Junho em o anno terceiro de nosso Pontificado; e as outras, que começão: *Exponi nobis*, que démos ao primeiro de Julho em o mesmo anno; e as dadas pouco ha em o Capitulo Generalissimo a 27. do mesmo mez, e anno sobreditos; e ainda que tenhão fórma de palavras, e clausulas, ou derogatorias de derogatorias mais fortes, e efficazes; e ainda que se hajão concedido à instancia de nosso mui amado filho em Christo D. Fernando Rei de Aragão, e de Sicilia, e de Dona Isabel, de clara memoria, Rainha de Hespanha, ou a rogos dos Vigarios Geraes, e Provinciaes, Commissarios, ou Frades da Ordem, ou de outras quaesquer pessoas de qualquer grão, estado, ordem, condição, e dignidade, ainda que seja Archiepiscopal, Episcopal, ou Magistral das Ordens Militares; e ainda que estejão concedidas motu proprio, e de certa sciencia, e com Decretos irritantes, ou se para sua derogação, e revocação se requeira que se faça das taes Letras especial, especifica, expressa, e individual menção, ou expressão de *verbo ad verbum*. Todas as quaes, e teor de todas ellas, como se as tiveramos presentes, e expressadas, por esta vez, especial, e expressamente, e de certa sciencia as derogamos, e quanto for, e he necessario, as cassamos, e annullamos, para que a estas não obstem outras quaesquer que sejão dadas em contrario. E porque fora mui difficultoso levar estas Letras originaes a todos os lugares, e partes, que convenha, queremos, e com authoridade Apostolica determinamos, que a seus transumptos, e traslados, firmados por mão de algum Notario publico, e sellados como sello de alguma pessoa constituida em dignidade Ecclesiastica, se lhes dê tanto credito, e fé, assim em juizo, como fóra delle em todas as partes, quanto se dera a estas nossas Letras originaes, se forão exhibidas. Dadas em Roma em o Sacro Palacio de São Pedro *sub annulo Piscatoris* a dezesete de Março do anno do Senhor 1508. e quinto do nosso Pontificado.

4 Por virtude deste Breve tomou logo Fr. Pedro de Melgar posse da Casa da Piedade de

de Villa-Viçosa, que desde o anno de 1503. atè o presente de 1508. a habitavão os Padres Observantes da Provincia de Portugal, para que desta, e das mais, que tinhão as duas Custodias, se erigisse huma Provincia, como lhe concedia o Breve. Convocou os Frades a Capitulo, mandando aos Vogaes se ajuntassem todos em o nosso Convento de S. Francisco de Chaves, onde entrando à eleição, nella sahio eleito por Ministro Provincial o mesmo Fr. Pedro de Melgar, que no Capitulo presidia. Festejou-se a eleição com algumas lagrymas de alegria, que, quando esta he grande, equivoca-se nos effeitos com o sentimento. Nella se quiz achar presente o Duque D. Jaime, por honrar àquelles humildes Religiosos, a quem a primeira vez, que os vio, tomou logo à sua conta, e coube-lhe muita parte desta alegria pelo muito que desejava de os ver jà socegados. Mas permittio Deos se perturbasse a tarde daquelle dia tão sereno, e alegre para os Capuchos com humas novas Letras, que de Roma vierão, para mostrar ao mundo quão pouco durão nelle os contentamentos.

CAPITULO XXX.

De como no mesmo dia, em que os Capuchos fizerão eleição de Provincial, lhes notificárão hum Breve, com que se desfez o que tinhão obrado.

2 TEm os Contemplativos por cousa muito certa, que os contentamentos, e gostos do mundo por muito que durem, não passa sua duração de hum dia, porque logo, quando nascem, vem a toda a permanencia oppostos; nem faltão provas desta verdade nas Divinas Letras. Aquelle maná do Ceo gostoso, que Deos deo a seu povo no deserto, corrompia-se, tanto que ficava de hum dia [a] para o outro: só por espaço de hum dia natural conservava o sabor, condição dos gostos, e contentamentos do mundo, que em passando por elles hum dia, logo acabão. Por isso Josué, quando se vio na batalha victorioso, mandou parar ao Sol; [b] querendo que se não acabasse tão depressa aquelle dia, por gozar nelle, como advertio S. Basilio, [c] o gosto da victoria, a qual se daquelle se reservára para o outro, ficava duvidosa, por não haver gosto, que de hum dia passe: e dado caso que mais persevere, ha de ser com pensão de fim lacrymoso, pois, como diz o Espirito

[a] Exod. c.16. n.20.

[b] Job c. 10. num. 12.

[c] D. Basil. orat. 31.

Santo nos Proverbios, [d] o fim dos gostos, e contentamentos da vida são principio de tristezas, porque todo o prazer se termina em desgosto, razão, por que Filippe Rei de Macedonia, recebendo em hum dia duas novas de gosto, logo se preparou para receber alguma de pezar, rogando, como Gentio, à fortuna, que o tocasse com mão piedosa, [e] e branda, a cujo exemplo Paulo Emilio, Capitão Romano, fez a mesma supplica em occasião semelhante. A experiencia tinha ensinado a estes Gentios, que os gostos, e contentamentos do mundo não só erão pouco duraveis, mas que tambem trazião apensionado o serem vigilias de tristezas, começando estas quando aquelles acabão.

d Prov. c. 1. num. 13.

e Plutarc. in ejus vita.

2 Huma, e outra cousa, e condição dos gostos, e contentamentos desta vida experimentárão em si os nossos Capuchos; em hum mesmo dia se vírão por extremo contentes, e summamente penosos. Quem os visse em S. Francisco de Chaves o mesmo dia, em que Fr. Pedro de Melgar sahio eleito em Provincial Ministro, andarem todos contentes, e alegres, celebrando a nova eleição com jubilos de prazer, não presumiria desandasse tão de pressa a roda da fortuna, para que deixasse de ir por diante hum gosto assentado sobre taes fundamentos, como era o Breve de Julio II. expedido com tantas clausulas de perpetua firmeza. Porèm como os prazeres da vida em não serem constantes tem sua estabelidade, por não mudarem o curso natural, que he não passarem de hum dia, no mesmo da eleição, como fumo, desapparecêrão, e os pobres Capuchos, que tão alegres estavão, antes que se puzesse o Sol, se vírão igualmente tristes; quando mais contentes, então mais penosos; que a fortuna, como disse o outro, [f] he de vidro, quando mais resplandece, então se quebra.

f Solorz. Embl. 5

3 Foi pois o caso, que mandando ElRei D. Fernando, depois da Rainha sua mulher jà defunta, hum Embaixador a Roma, de quem o Summo Pontifice fazia muito caso, este rogado dos Padres Observantes da Provincia de Sant-Iago, tomou com empenho à sua conta defender sua causa contra os Capuchos. Pelo que, tanto que chegou a Roma, que foi no mesmo tempo, em que Julio II. tinha passado aquelle Breve tão favoravel a Frei Anjo, sabendo tudo o succedido, e como o Pontifice estava à parte dos Capuchos inclinado, pozse em campo para contradizellos. Fez supplica ao Papa por parte do Rei Catholico, e depois

pois fallando com elle pessoalmente nesta materia, tambem soube arrazoar em favor dos Padres Observantes, que o Summo Pontifice, inclinado à sua petição, passou hum Breve, que anda trasladado no livro, *Monumenta Ordinis*, no qual diz S. Santidade, que por ser informado, que os Capuchos do Santo Euangelho, por virtude de humas Letras Apostolicas a elles concedidas (são as de que fallamos no Capitulo 26. deste livro [g]) depois do Capitulo Geral, trazião aos Padres da Provincia de Sant-Iago em demanda, e a outras pessoas Ecclesiasticas em juizo, procurando divisões, e separações em a Ordem, contra vontade de ElRei D. Fernando, o qual por seus Embaixadores lhe tinha significado, que taes divisões não havia de consentir em seus Reinos, havia por nullas as ditas Letras impetradas pelos ditos Frades, e juntamente todas as mais atè aquella hora em seu favor concedidas. Mandava, que os que jà tinhão dado obediencia ao Ministro, ou Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago, como elle dispunha no seu Breve expedido no Capitulo Generalissimo, e no outro impetrado à instancia do Vigario Provincial da mesma Provincia, estivessem debaixo della ordinaria, pura, e immediatamente; e se alguns ainda lha não tivessem dado, dentro do termo de hum mez fossem obrigados a dalla, para cujo effeito fulminava no Breve muitas censuras. Foi a data delle a sete de Setembro do anno do Senhor 1508. e quinto de seu Pontificado: são suas primeiras [h] palavras: *Celebrato Capitulo Generalissimo, &c.*

[g] ...pr. c. 26. ...5. e 6.

[h] Mon. Ord. tract. 1. fol. 211.

4 Com Breve tão amplo, e tão conforme a seu desejo não se deo o Embaixador, que o solicitou, por satisfeito, antes receando que em quanto Frei Anjo estivesse em Roma não teria o seu Breve effeito, pois logo conseguiria outro revocatorio de tudo o que este determinava, como muitas vezes jà tinha feito, queixou-se delle ao Summo Pontifice, dizendo, que aquelle Frade era o que perturbava tudo, por cuja causa devia Sua Santidade mandallo sahir de Roma. Com estes informes, e queixas, que deo o Embaixador contra Fr. Anjo, moveo tanto o animo do Pontifice, que supposto estava Fr. Anjo patrocinado do Cardeal Protector, e mui estimado delle por sua grande virtude, e capacidade, lhe mandou que sahisse logo de Roma, nem procurasse mais Letras algumas em favor dos Capuchos. Sahio elle daquella Curia bem desconsolado em ver que se desfazia em

em hum inſtante huma Reformação, que lhe havia cuſtado muitos annos de trabalhos, e ainda a tempo que cuidava tinha vencido todos com o Breve, que havia remettido para ſe levantar em Provincia, obedeceo ao mandamento do Pontifice, e tomou o caminho para Heſpanha.

5 Ninguem ſe admire de em tão breve tempo paſſar o Summo Pontifice hum Breve revocatorio do que pouco antes tinha expedido em favor dos Capuchos com tantas clauſulas de firmeza, porque como era eſcandaloſa a narrativa, foi rigoroſo o proceſſo. Informavão a Julio II. que os Capuchos em virtude das Letras Apoſtolicas que tinhão alcançado, não ſó cauſavão divisões, e ſeparações na Ordem, mas tambem que com pretexto das meſmas Letras trazião em demandas, e pleitos aos Padres Obſervantes da Provincia de Sant-Igo, e a outras peſſoas, aſſim Eccleſiaſticas, como ſeculares; accreſcentando, que por eſtas divisões, de que ſe moſtravão eſcandalizados os póvos, o eſtava tambem tanto ElRei D. Fernando, que determinava não as conſentir em ſeus Reinos. Do teor do Breve conſta, que eſte foi o informe, e tão alheio do que paſſava na realidade, que não o podia fingir mais a paixão, e empenho; porque, ainda que os Capuchos pleiteavão ſua cauſa com os Padres Obſervantes da Provincia de Sant-Iago ſobre recuperarem as Caſas, que lhes havião tomado, e conſervarem-ſe em Congregação à parte, onde ſeguiſſem mais livremente a vocação de ſeus eſpiritos, iſto era obrar conforme diverſos Breves dos Pontifices, que lhes concedêrão as ditas Caſas, e diſpunhão lhes foſſem reſtituidas. Se achavão reſiſtencia naquelles, a quem tocava obedecer aos Breves, como era poſſivel chegaſſem a ter execução, ſem que houveſſe pleitos? Para eſtes ſe dão logo Juizes Conſervadores.

6 Em ninguem he culpavel o defender-ſe, quando por meios licitos o procura; nem ſe póde chamar author de pleitos quem ſe defende por ſe conſervar na poſſe das graças, e iſenções, que lhes tinhão concedido os Pontifices; e mais conduzindo eſtas para maior perfeição de vida. Nem os póvos ſe eſcandalizavão pelas ſeparações tão exaggeradas da narrativa do Breve; que no exemplo dos Capuchos eſtavão vendo, que o partarem-ſe, era para maior reforma: eſcandalizar-ſe-hião de verem perſeguidos, e deſterrados aos que tinhão por virtuoſos. Em fim que com eſte informe veio o Breve, como ſe deſejava: com elle partio

tio de Castella a este Reino o Padre Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago Fr. João de Argumanes, e chegou tanto a ponto, (que nesta materia não se descuidava sua vigilancia) que entrou pelo Convento de Chaves no mesmo dia, em que os Capuchos tinhão feito eleição de Provincial: notificou-lhes o Breve, e desfez-se tudo.

7 Com pouca occasião tomou por sua conta o Chronista da Provincia de S. Miguel em Castella [i] resumir os successos dos Capuchos atè fundarem as duas Provincias da Piedade, e de S. Gabriel; e chegando a tratar desta diligencia do Padre Argumanes, quando entrou em Chaves, o carrega de tantos Breves, para mostrar que obrava com justiça, que a não ser tão grande a carga, que trazia, sem duvida chegára o dito Padre antes de terem feito os Capuchos eleição de Provincial; pois ainda com tanto pezo chegou no mesmo dia de eleito. Sinco amontoa em seu favor, que ainda que só hum o favorecia, porque hum só fallava nos Capuchos, e em sua Congregação, e he o que deixamos referido, impetrado à instancia do Embaixador de Castella, os outros não fazião pouco para o estrondo, que não foi a primeira vez, que este servio de principal agente nestes pleitos. Por outra parte, diz, que apresentára Fr. Pedro de Melgar Letras, que de seu principio erão subrepticias, e nullas, ainda que não attribue à singeleza dos Capuchos estas subrepções (faz-nos esta cortezia sua modestia) senão à industria dos Conventuaes.

[i] ...ron. P. Mich. à ...4. do l. 5.

8 Supponho com os nossos Memoriaes, [l] que neste encontro de Chaves não foi o debate, que aquelle Chronista diz, da manifestação dos papeis, que cada huma das partes tinha em seu favor, senão mais adiante em Evora, como diremos no Capitulo seguinte; antes logo que aos Capuchos notificárão o sobredito Breve, estiverão pelo que dispunha, dando obediencia ao dito Vigario Provincial Fr. João de Argumanes, ainda que o Breve deixava em sua liberdade poderem escolher ou esta, ou a do Provincial da Conventualidade da mesma Provincia; e em caso que houvera manifestação de Letras de parte a parte, a dos Capuchos, se se guardára justiça, havia de ficar de melhor partido; que supposto que aquelle Chronista nos diz erão de seus principios subrepticias, e nullas as que estes mostrárão, não nos aponta quaes fossem as subrepções, e nullidades: sabemos que legitimamente, e sem dolo foi im-

[l] Sinde cit. cap. 11. Chron. antig. l. 1. cap. 39.

impetrado por Fr. Anjo, Procurador da Congregação, o ultimo Breve, com que procedêrão à eleição de Provincial, como lhes concedia, revalidando com muitas clausulas de firmeza todos os mais, que em seu favor tinhão alcançado, e derogando os que contra elles se havião expedido. Só contra si tinhão este ultimo Breve, tirado à instancia do Embaixador de Castella (não fallo dos outros quatro, que aponta o sobredito Author, porque nenhum delles militava contra os Capuchos do Santo Euangelho, nem ainda os nomeava, como se póde ver nos mesmos lugares, aonde nos remette com as citas) e este tão cheio de nullidades, e subrepções por causa da narrativa falsa, que não podia desfazer cousa alguma do que estava obrado, em virtude do que legitimamente tinhão alcançado os Capuchos para erigirem a sua Congregação em Provincia. Mas como sua singeleza era mais vista nos exercicios da Religião, e virtude, que no exame das nullidades, que podião ter os Breves, sem pôrem ao presente as duvidas, que tinha, bastou ouvirem o teor do que relatava, para darem por desfeito o que tinhão obrado, sujeitando-se à obediencia immediata de Fr João de Argumanes. Com isto ficou desfeito o Capitulo, com que se voltou o Padre Argumanes para a sua Provincia, e os Capuchos para os seus Conventos de Portugal, e Castella, onde havião de viver na sobredita immediata obediencia, guardado porèm o seu modo reformado, como antes.

CAPITULO XXXI.

Dos concertos, que fez ElRei D. Manoel entre o Vigario Provincial da Provincia de Santiago, e os Capuchos.

1 DEpois que os Capuchos derão em Chaves obediencia ao Padre Fr. João de Argumanes na maneira, que fica dito, recolhidos a seus Conventos, os que com Fr. Pedro ficárão em Portugal lográrão mais quietação, e socego. Este faltava aos de Castella, porque o dito Vigario Provincial interpretava com todo o rigor a obediencia, que mandava dar o Breve: queria que de tal sorte se encorporassem na sua Provincia, que não ficassem vivendo em os Conventos, que havião recebido, e fundado, senão em os que lhes elle assinasse a cada hum, como succedesse, com que ficavão perdendo aquelle modo de vida, e reformação, que antes tinhão, o que era contra o decre-

cretado em o Capitulo Geral de Roma, que mandava, que encorporados na parte, que escolhessem, vivessem em seus Conventos, segundo as leis de sua Reforma; e nesta conformidade dispunha o presente Breve a encorporação, e obediencia, e só com a restricção, que havia de ser a hum dos Prelados da Provincia de Sant-Iago, que o Decreto deixava esta eleição mais livre. Assim como o interpretava o Padre Argumanes, o executou tão bem; tirou aos Capuchos de Castella dos seus Conventos; derribárão-se alguns delles, como foi o de Alconchel, sobre que tinha havido mais pleitos, por assim lhe tirarem a occasião, e esperança de o tornarem a recuperar.

2 O mesmo desejava fazer aos que vivião em Portugal; mas como estavão em differente Reino, e nelle favorecidos do Duque, não o podia executar tão livremente. Por onde foi à Corte de ElRei D. Fernando, representou-lhe que se seguia pouco effeito do Breve, que lhe tinha impetrado, se os Capuchos, que estavão em Portugal, não tornavão para a sua Provincia; e que elle dito Vigario não tinha meios para os reduzir, por estarem favorecidos, e amparados do Duque de Bragança. Pelo que pedia a S. Alteza que lhe désse cartas para ElRei de Portugal, e para o Duque, em que lhes rogasse, o deixássem executar o Breve, que tinha para reduzir aos Capuchos à sua obediencia, e Provincia. Deo-lhas o Rei, como lhas pedia: com ellas veio a Evora, onde o de Portugal estava, e com elle o Duque; e de tal sorte diligenciava seu negocio, que a não estar o Duque presente, sem duvida nenhuma ElRei fizera quanto o Vigario Provincial desejava. Mas como alli estava aquelle devoto Principe, tiverão os Capuchos quem os defendesse. Mandou chamar a Fr. Pedro, que assistia na Piedade de Villa-Viçosa, para conferirem entre si a resolução, que se havia de tomar naquelle caso.

3 Tanto que Fr. Pedro de Melgar chegou em Evora à presença de ElRei, e do Duque, estando já ahi o Padre Argumanes, começárão a tratar ambos os Religiosos sobre a disposição do Breve. Dizia Fr. Pedro que não tinha obrigação de fazer mais do que atè àquelle tempo havia feito, que era dar obediencia a hum dos Prelados da Provincia de Sant-Iago; e que pois a tinha já dado a elle dito Vigario, não havia razão para que innovasse outra cousa. O Padre Argumanes pelo contrario allegava, que segundo o

O Bre-

Breve, se havião de encorporar todos em sua Provincia; e que isto se não podia bem fazer, tendo elles Casas em Reino estranho: pelo que era necessario deixarem as que tinhão em Portugal, e passarem-se a Castella. Sobre este ponto era todo o debate, allegando cada hum suas razões; as de Fr. Pedro erão forçosas, as do Padre Argumanes só apparentes; porque em caso, que prescindamos das nullidades, que tinha o Breve, em que o Padre Argumanes fundava sua justiça, estando ainda por elle, jà Fr. Pedro tinha dado satisfação ao que dispunha.

4 Mandava o sobredito Breve, que os Capuchos do Santo Euangelho, que ainda não tivessem dado a obediencia na fórma, que dispunha o repetido Decreto do Capitulo Geral, a dessem dentro de hum mez a hum dos dous Prelados da Provincia de Sant-Iago, ou ao Provincial, ou ao Vigario. Supposto que o Decreto os mandava encorporar, não os confundia de sorte, que ficassem totalmente perdendo a fórma de viverem de algum modo à parte, como o Padre Argumanes queria, antes lhes permittia que vivessem em seus Conventos, segundo as leis de sua Reforma, e governando-se por Prelados de entre si escolhidos. Para Fr. Pedro dar esta obediencia, que dispunha o Breve, não era impedimento ter Casas em Portugal, porque neste Reino podião estar sujeitas as que tivesse à Provincia de Sant-Iago, o que jà se tinha visto na mesma Provincia antes de se dividir della a de Portugal. Sobre isto assentava o individual das razões de Fr. Pedro, e quem duvída que forçosas, como fundadas em justiça; e as do Padre Argumanes só apparentes, assentadas só em sua interpretação, e amparadas das cartas, que trazia do Rei Catholico. Entre tanto não cessava o Duque de pedir a ElRei seu tio, quizesse buscar algum meio conveniente, para que os Capuchos não sahissem de Portugal. Propoz ElRei de assim o fazer, obrigado dos rogos do Duque, e da affeição, que jà aos Capuchos mostrava, compadecido dos trabalhos, que tinhão passado; e presente o Padre Fr. João de Argumanes, e Fr. Pedro de Melgar, lhes propoz hum concerto, que admittido de ambas as partes uniformemente, passou hum Alvará, que se guarda no Arquivo da Provincia, cujo teor he o seguinte. [a]

[a] Habentur in Conventu Pietatis.

5 Nós ElRei fazemos saber a quantos este Alvará virem, que por sermos informados

dos de algumas differenças, que havia entre os Frades da Obſervancia, em eſpecial da Provincia de Sant-Iago em Caſtella, e Fr. Pedro de Melgar, e ſeus companheiros, que erão da Cuſtodia do Santo Euangelho, das quaes procedião alguns eſcandalos, e couſas de pouco ſerviço de noſſo Senhor, e aſſim por Nos ſer requerido pelo Provincial da Provincia de Sant-Iago, nos prouve de entender em o concerto de entre elles, os quaes por ſerviço de noſſo Senhor, e noſſo, preſente Nós, ſe concertárão em a maneira ſeguinte. O Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago, Fr. João de Argumanes, que preſente eſtava, por ſua parte, e da dita Provincia diſſe que ceſſaria dos procedimentos, autos, e cenſuras, que tocavão à Revocatoria, que agora pouco ha houverão contra o dito Fr. Pedro de Melgar, e ſeus companheiros, que eſtiveſſem neſte Reino de Portugal, e não requererião contra elles couſa alguma *directè*, ou *indirectè*, atè que ſejão confirmados pelo Padre Santo, e Vigario Geral os Capitulos ſeguintes. Porèm que depois de confirmados, poderá proceder contra aquelles, que não vierem em eſte concerto; e contra aquelles, que em elle vierem não poderá proceder em nenhum tempo. E o dito Fr. Pedro de Melgar diſſe em ſeu nome, e de ſeus companheiros, que por eſte concerto quizerem eſtar; que havendo-ſe licença do Santo Padre, para elles darem obediencia ao Vigario Geral: e aſſim para ſe fazer das Caſas, que agora tem em eſtes Reinos, e ao diante terão, huma Cuſtodia, immediata ao Vigario Geral perpetuamente, para que do dito Vigario Geral ſeja viſitada, caſtigada, e governada immediatamente por ſua peſſoa, e não por outro Commiſſario algum, e aſſim meſmo lhe não poſſa o dito Vigario tirar de entre elles Frade, nem metter, ſem conſentimento do Cuſtodio da dita Cuſtodia; e o dito Cuſtodio ſeja elegido pelos meſmos Frades da dita Cuſtodia, e de entre elles, cada trez annos; e confirmado pelo dito Vigario Geral: o qual dito Cuſtodio, e Frades della tenhão alèm diſto as graças, privilegios, e poderes, que agora tem a Cuſtodia, e Cuſtodio dos Anjos em os Reinos de Caſtella. Ao dito Fr. Pedro, e ſeus companheiros lhe apraz de dar obediencia ao dito Vigario Geral com as condições ſobreditas, e mais que as Ordenações, que em Capitulo fizerem, que as confirme o dito Geral, e as faça guardar. O dito Provincial ſe obrigou a receber as Caſas, que

Erecção da Cuſtodia da Piedade.

O ii eſ-

eſtão em Caſtella, que forão dos ditos Padres da Cuſtodia do Santo Euangelho, que são as ſeguintes: a de Salvaterra, a de Albuquerque, a de Belvís, ſe ſe edificar apar da horta abaixo, com vontade dos Padroeiros. O dito Fr. Pedro de Melgar diſſe que daria as Bullas, que pertenceſſem às ditas Caſas, aos ditos Padroeiros; e procurará com elles fielmente que dem as ditas Bullas ao dito Vigario Provincial, e as Caſas dellas, para que eſtém debaixo de ſua obediencia, encorporadas em a dita Provincia; e o dito Provincial ſe obrigou de as fazer povoar de Frades, e não conſentir derriballas. O dito Fr. Pedro diſſe, que havendo-ſe as ditas graças do Santo Padre, que elle promettia, e jurava diante de Nós de em nenhuma maneira *directè*, nem *indirectè*, em publico, nem em ſecreto conſentir, dar favor, nem ajuda, nem conſelho contra o ſobredito: nem em nenhuma maneira moleſtar, nem em quanto nelle for, dar lugar, que ſeja moleſtada a Provincia de Sant-Iago, pertendendo direito por nenhuma de quantas Bullas, e faculdades, que atè hoje em ſeu favor, e de ſeus companheiros são concedidas, ou ſe concederem, ainda que da conceſsão dellas, o dito Provincial, e Fr. Pedro, e ſeus companheiros não ſejão ſabedores. Em eſpecial, que não receberá Frade algum da Obſervancia, ſem licença em eſcrito de ſeus Vigarios Geraes, ou Provinciaes, nem Caſa nenhuma em Caſtella. E ſe Fr. Anjo ainda requerer algumas Bullas, pelo poder que do dito Frei Pedro tem, que morrendo, ou vindo para ſua companhia o dito Fr. Anjo, o dito Fr. Pedro as porá todas nas noſſas mãos, ſalvo as que tocão à Caſa de Truxilho, que quer paſſar a huma Caſa deſtes Reinos. E aſſim meſmo o Padre Fr. João de Argumanes, Vigario Provincial, jurou, e prometteo diante de Nós de nenhuma maneira *directè*, nem *indirectè*, em publico, nem em ſecreto, por ſi, nem por outrem, ir, nem vir, nem dar favor, nem ajuda, nem conſelho contra o ſobredito, em parte, ou em todo, antes trabalhar, para que por ElRei, com ſeu Procurador, ſe deſpache qualquer couſa, que a eſte negocio cumprir, em Roma: aſſim como de cà for aſſentado, e aſſinado por elle, e pelo dito Fr. Pedro. A iſto tudo ſe obrigárão os ſobreditos Padres, havendo effeito o que em eſte concerto ſe contém, atè Santa Maria de Agoſto. O dito Provincial procurará de haver o conſentimento, e approvação do Vigario Geral de tudo o aqui conteudo; e em

em tanto não procurará alguma cousa contra isto, pelo juramento dito. E a Nós praz de supplicar ao Santo Padre, que lhes queira conceder, e dar as graças aqui conteudas, e assim mesmo fazer guardar tudo o sobredito em nossos Reinos, e fóra delles procurar que se cumpra, e guarde. E não consentiremos que em isto haja innovação alguma de huma parte, nem de outra em os ditos nossos Reinos. E se o dito Fr. Pedro, ou cada hum de seus companheiros for contra este concerto, não consentiremos estar em nossos Reinos aquelle, ou aquelles, que em isto forem culpados. E por firmeza de tudo isto assinamos este Alvará, que do dito concerto mandámos fazer, em o qual elles tambem assinárão ao pé do nosso final. Feito em Evora a 21. dias de Janeiro de 1509.

R E I.

Fr. João de Argumanes,
Vigario Provincial.

Fr. Pedro de Melgar,
Custodio.

CAPITULO XXXII.

De como a sobredita concordia teve effeito, e foi confirmada.

1 Vierão os Capuchos nestes concertos mais por respeitos, que por vontade; porque lhes era cousa mui pezada largarem as Casas, que tantos trabalhos lhes tinhão custado em Castella. Largarão-as porèm como o que arroja ao mar a fazenda na tempestade: consideravão para assim o fazerem o presente desfavor, que sentião no Papa Julio II. de quem não esperavão jà graça alguma, conforme de Roma lhe tinha escrito Fr. Anjo, a quem jà esperavão despedido daquella Curia. Dado jà seu consentimento na maneira, que temos referido, e feitos os concertos de que as Casas de Castella se encorporassem na Provincia de Sant-Iago, e das de Portugal, se fizesse huma Custodia com o titulo da Piedade, tomando-o da primeira Casa, que tivemos neste Reino; na qual Fr. Pedro de Melgar, com os mais de sua parcialidade, ficassem sujeitos sómente ao Vigario Geral da Observancia; tornou-se o Padre Argumanes a Castella a tratar, como tinha promettido, com o Vigario Geral quanto havia feito, e pedir-lhe quizesse

zesse confirmallo. Depois que o dito Padre Argumanes se partio, mandou o Duque a Chaves, e a Barcellos saber dos Frades daquellas Casas, se querião ficar em Portugal com Fr. Pedro, ou passarem-se a Castella. Todos uniformemente escolhêrão ficar em Portugal, de que se tirou, e fez publico instrumento, que os Guardiães daquellas Casas trouxerão, sendo chamados a Villa-Viçosa.

2 Passados trez mezes depois destes concertos, se celebrou em Valhadolid Congregação Geral a treze dias do mez de Abril, na qual a diligencias do Padre Argumanes se estabeleceo o que em Evora se tinha ordenado. Acabada a Congregação, mandou o Padre Frei Marçal Boulier, Vigario Geral então segunda vez da Observancia a Fr. Francisco Pacheco, Religioso de authoridade, com huma Patente, na qual dizia, que por elle dito Vigario Geral não poder vir pessoalmente a este Reino, impedido de muitos negocios da Ordem, lhe dava plenario poder, para que em seu nome recebesse à sua obediencia, e à de seus successores aos Capuchos, que quizessem ficar em Portugal com Fr. Pedro, deixando-os em a liberdade de sua Custodia, e com o mais que em Evora se tinha tratado. Accrescentava mais nesta sua Patente muitas palavras significativas de amor, e affeição, dizendo, que todos seus desejos erão conservallos em sua vida regular, e reformada, e assim lho promettia; e mandava a seus inferiores, não ousassem molestallos, nem dar-lhes pena em cousa alguma. Com esta Patente veio Fr. Francisco Pacheco de Valhadolid a Villa Viçosa em tempo, que jà nella estava Fr. João de Avila, Guardião do Convento de S. Francisco de Chaves, com o instrumento dos Frades de sua Casa, e o Guardião de Barcellos com o da sua. Forão logo chamados alguns Frades do Bosque de Borba estando todos juntos na Piedade, presente o Serenissimo Principe D. Jaime, que a tudo assistia, chamando hum Notario Apostolico, derão obediencia ao Vigario Geral, fazendo-se de tudo hum publico instrumento nesta fórma.

3 Em nome de Deos. Amen. Saibão quantos este instrumento de concordia, ou amizade virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de 1509. a quinze dias do mez de Junho da dita era, em o Termo de Villa-Viçosa, Diecese de Evora, em o Mosteiro da Piedade, da Ordem de S. Francisco, em a claustra do dito Mosteiro, em presença de mim Notario Apostolico, e das tes-

testemunhas ao diante nomeadas, estando ahi o mui excellente Principe, o Senhor D. Jaime Duque de Bragança, e Guimarães, Marquez da dita Villa-Viçosa; e estando ahi outro sim os Veneraveis Padres Religiosos Fr. Francisco Pacheco da Observancia de S. Francisco, Commissario do Vigario Geral, e outro sim o Padre Fr. Pedro de Melgar, Custodio da Custodia do Santo Euangelho, e outros Padres moradores em a dita Casa de Santa Maria da Piedade, logo o dito Padre Fr. Francisco Pacheco, diante de mim o dito Notario, presentou huma commissão, escrita em papel, assinada ao pé com o sinal do Reverendo Padre Frei Marçal Boulier, Vigario Geral sobre os Frades Menores da Observancia Cismontana, e sellada com hum sello, que parecia ser da Ordem, sem vicio algum, nem suspeita, o teor da qual he o seguinte. Ao muito amado Irmão em Christo o Veneravel Padre Fr. Francisco Pacheco, &c. Aqui trasladou o Notario a Patente, que Fr. Francisco Pacheco trazia do Vigario Geral, para que em seu nome tomasse a obediencia aos Capuchos. Acabada ella, presentou Fr. Pedro de Melgar os concertos, que ElRei, e o Duque tinhão feito, os quaes o dito Notario Apostolico escreveo no instrumento, que fazia, e depois de trasladados todos, tornou a proseguir nesta maneira.

4 E logo pelo dito Senhor Duque de Bragança, e pelo dito Fr. Pedro de Melgar foi feita pergunta ao dito Padre Fr. Francisco Pacheco Commissario, depois de lido, e ouvido por elle todo o sobredito concerto, se o havia por bom, e se queria estar por elle, guardallo, assim como nelle se continha. E pelo dito Fr. Francisco Pacheco Commissario foi dito, que em nome do dito Vigario Geral, elle, pelo poder, que lhe era outorgado, approvava o dito concerto, e estatuto, e composição, e que a havia por boa, santa, e louvavel, e que elle promettia, como em effeito logo prometteo, de em todo o modo, e por todo, ter, e guardar o dito concerto, e concordia, e de nunca ir contra ella, nem contradizella em parte, nem em todo, jurando-o assim em fórma de sua Ordem, e Religião, pelo poder, e commissão, que para isso tinha. E logo pelo dito Fr. Francisco Pacheco Commissario lhes foi feita aos Capuchos esta pergunta: se elles ditos Padres erão contentes de dar obediencia ao Vigario Geral Cismontano com as condições daquelle concerto, que diante de ElRei foi feito. E pelo dito Fr. Pedro de

Mel-

Melgar foi dito que era contente de tudo, e queria eſtar por tudo, aſſim como o dito Rei, e Duque ordenado tinhão: o meſmo diſſerão os mais Frades, que preſentes eſtavão; os quaes ſe paſſárão logo à obediencia do dito Vigario Geral Ciſmontano, com todas as Caſas, e Heremitorios, que atè o dia de hoje por authoridade Apoſtolica, ou por outra qualquer authoridade, lhes são concedidas. E logo em preſença de mim Notario Apoſtolico derão obediencia ao dito Vigario Geral Ciſmontano, ou ao dito Commiſſario em ſeu nome. Teſtemunhas, que preſentes eſtavão, que forão chamadas, e rogadas, os mui honrados Senhores Fernão Rodrigues, Camareiro Mór do dito Senhor Duque: João Fernandes ſeu Deſembargador: e eu Vicente Martins, Abbade da Igreja Paroquial de S Pedro.

5 Jà a eſte tempo tinha ElRei Dom Manoel feito ſupplica ao Summo Pontifice, na qual lhe pedia quizeſſe por authoridade Apoſtolica confirmar os concertos, que os Padres Obſervantes de Caſtella, e os Capuchos de ſeu Reino tinhão feito. Conforme o intento, paſſou Julio II. humas Letras, que ſe conſervão no Arquivo deſta Provincia; [a] cujo traslado anda no Livro *Monumenta Ordinis*, [b] por cuja cauſa julgo eſcuſado o eſcrevellas. Nellas com palavras mui favoraveis confirma tudo, quanto na dita concordia fora ordenado. Concede perpetua firmeza à nova Cuſtodia da Piedade, que eſte nome tomou o dia, em que os Capuchos derão obediencia ao Vigario Geral da Obſervancia nas mãos de Fr. Franciſco Pacheco, ſeu Commiſſario, que foi a quinze de Junho de 1509. tomando-o da Caſa de noſſa Senhora da Piedade, onde ſe effeituárão de todo os concertos. Diſpunha o Breve, que de trez em trez annos procederião à eleição de novo Cuſtodio, do qual pedirião confirmação ao Vigario Geral da Obſervancia. Aqui deixou a Congregação Capucha o primeiro nome, que teve do Santo Euangelho; pois as Caſas, que tinha em Portugal, forão erigidas em nova Cuſtodia da Piedade; e as de Caſtella (que erão ſó trez, como conſta do Alvará de ElRei Dom Manoel, que as nomea) ficárão encorporadas na Provincia de Sant-Iago. Foi a data deſte ultimo Breve de Julio II. em Roma, no anno de 1509. a quatro do mez de Maio; começa: *Pro parte chariſſimi in Chriſto filii noſtri Emmanuelis, &c.* Com elle ficárão os noſſos Capuchos em perpetua quietação, logrando nella o fruto de ſeus grandes trabalhos.

[a] Habetur in Conv. Pietatis.

[b] Mon. Ord. tract. 1. fol. 229.

C A-

CAPITULO XXXIII.

Como dos Capuchos, que ficárão em Castella, se fez outra Custodia chamada da Estremadura, que hoje he a Santa Provincia de S. Gabriel.

1 EM o Capitulo trigesimo deste Livro deixamos a Fr. Anjo de caminho para Hespanha: chegou a ella em tempo que os sobreditos concertos estavão jà feitos, inteirou-se nelles, mas ficou tão pouco satisfeito do que Fr. Pedro tinha concertado, que não quiz ficar em Portugal, por não deixar as Casas, que tanto lhe havião custado em Castella. Trez erão as que neste Reino tinhão ainda em pé, que expressamente nomea o Alvará de ElRei D. Manoel assima escrito, encorporadas na Provincia de Sant-Iago, debaixo da obediencia do Vigario Provincial dos Observantes, e assim se conservárão quasi trez mezes, que tanto vai de vinte e hum de Janeiro de 1509. quando se fizerão os concertos, atè treze de Abril da mesma era, em que se celebrou huma Congregação Geral, onde Fr. Anjo solicitou outra cousa. Considerava elle que nunca aquellas Casas Capuchas terião augmento, em quanto estivessem sujeitas immediatamente ao Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago, pois tão oppostos se lhe tinhão mostrado os Padres Observantes da mesma Provincia; e vendo em fim que o viverem nella encorporados era pararem alli, e não passarem mais adiante, pois não tinhão authoridade para fundarem outras de novo, procurou meios para se eximir de sua obediencia, e sujeitar-se à Conventualidade, com cujo amparo se promettia na sua Reforma algum progresso.

2 Publicou neste tempo o Ministro Geral Fr. Rainaldo Graciano de Cotignola em Valhadolid a Congregação sobredita, onde se confirmárão os concertos de Evora, como fica relatado. Nesta se achou Fr. Anjo, e com o desejo de sustentar sua Recoleição à parte, recorreo com esta pertenção ao Geral, a quem achou tão favoravel, que entre alguns Decretos, que firmou com o Vigario Geral Cismontano, foi hum delles o seguinte. [a] *Item em o que toca aos Padres do Capucho, se lhes dará espaço de seis semanas desde o dia que forem requeridos, em o qual espaço devão de novo declarar debaixo de qual obediencia querem estar, e permanecer, ou dos Ministros, ou dos Vigarios. E se elegerem a obediencia dos Ministros, devão, e possão tornar às Casas, que tinhão*

[a] Moles c. 3. Chron. P. S. Gabr. l. 1. c. 14. Et Chron. S. Mich. l. 5. c. 7.

nhão por authoridade Apostolica em a Provincia de Sant-Iago, as quaes Casas lhes devão ser restituidas, e poderão morar nellas livremente. E se elegerem a obediencia dos Vigarios, se passarão a elles com todas as Casas, que tinhão, e agora tem pela dita authoridade Apostolica, e especialmente com o Convento de São Francisco de Chaves da Provincia de Portugal: juntando-se porèm o assenso do Illustrissimo Duque de Bragança, isto he, seu consentimento, quanto ao passar da dita Casa de Chaves tão sómente, entendendo da restituição, que se lhes ha de fazer das Casas, conforme a disposição do Breve, que emanou em o Capitulo Generalissimo.

3 Esta, e outras clausulas de concordia, que na dita Congregação se estabelecêrão entre os Padres Conventuaes, e Observantes, fim, por que o Geral a celebrou, forão confirmadas pelo Pontifice Julio II. por hum Breve expedido em Roma [b] em vinte e sinco de Maio de 1509. dando por derogado tudo o que a estes concertos se oppuzesse. Conforme o sobredito Decreto forão requeridos os Capuchos sobre a eleição da obediencia: Fr. Pedro de Melgar revalidou a que jà tinha dado ao Vigario Geral da Observancia, como quem jà esperava do Pontifice confirmação dos concertos, que em Evora tinha feito; porèm Fr. Anjo escolheo viver sujeito à Conventualidade, pedindo, pois assim fora determinado na dita Congregação, lhe fossem restituidas as Casas, que a Provincia de Sant-Iago lhe tinha occupadas em Castella Recebeo o Geral à sua obediencia a Fr. Anjo, e aos mais, que o seguírão; e supposto que procurou muito metellos de posse das Casas, que pedião, achou nisto tanta contradição, e resistencia, que não pode effeituallo. Pelo que pertendendo que ficasse Fr. Anjo accommodado de tal sorte, que sua Reformação fosse adiante, concedeo-lhe trez Conventos antigos para sua habitação, que os Conventuaes tinhão em a Estremadura, e erão Vigairarias entre elles. Estava hum no Valle de Xeres, e chamava-se Santa Margarida; outro S Francisco dos Majaretes, huma legua de Valença de Alcantara; e o terceiro chamado S. Marcos, na Serra de Altamira, todas Casas pequenas, e devotas, mui accommodadas ao espirito, e devoção daquelles primittivos Padres.

[b] Mon. Ord. trat. 1. fol. 214.

4 Nellas se recolhêrão os poucos companheiros, que então erão, mas não com a quietação, e repouso, de que gozavão os que ficárão em Portugal; porque estes, ainda que estavão em sua propria terra, de novo tor-

tornárão a ſer perſeguidos de tal ſorte, que Fr. Anjo tornou a Roma, e nella, por muitas vezes, fez ſupplica ao Papa lhe mandaſſe reſtituir ſuas antigas Caſas. Neſtes requerimentos ſe deteve atè que o dito Geral Fr. Rainaldo foi promovido à dignidade de Arcebiſpo de Raguſia; e ſuccedendo-lhe no officio o Padre Fr. Filippe de Bagnacavallo, confirmou a Fr. Anjo o direito, que tinha às ditas Caſas, para que ſeus requerimentos tiveſſem mais força; mas nem com tudo iſto pode Fr. Anjo conſeguir a reſtituição, que pertendia, atè que morreo eſte Geral em breve tempo, pois ſó governou a Ordem hum anno, e trez mezes. O novo Geral, que ſuccedeo chamado Fr. Bernardino do Prado, viſta a pertenção das Caſas, que Fr. Anjo trazia, lha corroborou, concedendo-lhe mais outra de novo, chamada noſſa Senhora de Rocamador em o Condado de Feria.

5 Não pode Fr. Anjo com todas ſuas diligencias, ainda que fez muitas, alcançar outra couſa, indo a Roma diverſas vezes; pelo que eſtando jà quieto em eſtas quatro Caſas, que pelos Geraes da Ordem lhe havião ſido concedidas, no anno do Senhor de 1514. o ſobredito Geral Fr. Bernardino do Prado dellas inſtituio huma Cuſtodia chamada da Eſtremadura, ſendo o ſeu primeiro Cuſtodio Fr. Franciſco de Frexenal, Varão de grande eſpirito, e auſteridade, de que tudo paſſou huma Patente a oito de Dezembro do meſmo anno. Authorizou logo o Papa Leão X. que jà governava a Igreja Catholica, o que o Geral neſte particular tinha feito, com hum Breve copioſo, expedido em vinte e trez de Março de 1515. no qual depois de a confirmar Cuſtodia, e lhe conceder authoridade para poderem receber mais Caſas, e Noviços, os encheo de outras muitas graças, e favores. Com eſtes teve aquella pobre Familia mais quietação, vivendo ſem perturbações, nem ſobreſaltos na obſervancia de ſua Cuſtodia, atè que ao diante, na era do Senhor 1519. a vinte e dous de Julho, em a Villa de Benavente; pelo Commiſſario Geral Fr. Gabriel Ave Maria foi a Cuſtodia levantada Provincia com titulo de S. Gabriel. Nella ficárão aquelles Santos Varões fazendo muitos ſerviços a Deos noſſo Senhor, como ſe póde ver na Chronica da ſobredita Provincia, que a ella remetto o Leitor.

ecção Custo- da Ef- madura Caſtel-

6 Eſte foi o ſucceſſo da Congregação do Santo Euangelho: de ſorte, que ſendo no principio dividida em duas Cuſtodias, huma inſtituida por Fr.

 Pe-

Pedro de Melgar em Santa Maria da Luz de Truxilho, outra por Fr. João de Guadalupe com o mesmo titulo do Santo Euangelho, cuja primeira Casa era a de nossa Senhora de Villa-Nova del Fresno, depois se vierão a ajuntar ambas, convertendo-se em huma só a que os Breves, e escrituras, que della fallão, chamão ora Custodia, ora Congregação, ora Familia do Santo Euangelho, ou do Capucho, cujo Prelado, depois de unida, foi só Fr. Pedro de Melgar. Esta Congregação, ou Familia do Santo Euangelho se tornou a partir em duas Custodias de differentes nomes, convem a saber: a nossa Custodia da Piedade neste Reino, que foi a primogenita daquella Congregação; e a Custodia da Estremadura em Castella, que foi filha segunda. Com que, segundo isto, se póde dizer, que aquella Familia foi semelhante àquella serpente, de que diz Eliano, [c] que se a partem em duas ametades, cada huma dellas vive por si, e se depois as tornão a ajuntar, se pegão, e soldão, e vivem em hum só corpo, como se nunca forão divididas. E sendo isto assim, (demos por ora credito a Eliano) se a tornarem a partir outra vez, tornará a viver em duas partes distinctas. Assim esta Reformação Capucha: no principio se dividio em duas partes, isto he, em duas Custodias, e vivia cada huma por si: depois se tornárão a ajuntar, e soldárão de maneira, que vivião ambas em hum corpo, e regimento; e ultimamente veio outro golpe, que as tornou a partir nessas duas separadas Custodias, da Piedade, e da Estremadura. Para darmos noticia de como, e quando esta foi levantada em Provincia, adiantamos o tempo, por se não confundir a historia de huma com a da outra: tornemos agora hum pouco atràs a historiar os successos da nossa Custodia da Piedade.

[c] Elian. lib. Histor. animal. cap. 23.

CAPITULO XXXIV.

De como o Custodio da Piedade foi ao Capitulo Generalissimo, convocado por Leão X. e o que nelle succedeo tocante à dita Custodia.

1 JA' deixamos escrito, como em o anno de 1509. foi instituida a Custodia da Piedade, immediatamente sujeita ao Vigario Geral da Observancia Cismontana: depois em o Capitulo Geral da mesma Familia do anno de 1511. se nomeou em o Catalogo das Custodias com authoridade Apostolica, por mais solemnidade, e firmeza, não por necessidade de nova instituição, ou

ou diſpenſação, como parece quiz dar a entender o noſſo Analiſta; [a] pois jà, como referimos, eſtava inſtituida, e confirmada por hum Breve de Julio II. Deſde eſte tempo atè o anno de 1517. não nos ficou em memoria couſa alguma do que ſuccedeo em a dita Cuſtodia. Para eſte anno tinha jà o Papa Leão X. [b] convocado a Capitulo Generaliſſimo, que queria celebrar em Roma pela feſta do Pentecoſtes, por hum Breve ſeu expedido na meſma Curia a dous de Julho de 1516. e quarto de ſeu Pontificado. Convocou o Pontifice a eſte Capitulo todos os Vogaes de ambas as Familias, da Conventualidade, e da Obſervancia, a fim de os concordar; porque entre elles havia algumas differenças, e competencias continuas deſde o Concilio Conſtanciense. Forão tambem os noſſos Capuchos citados: partio a ſeu tempo para Roma, em nome de todos, o Cuſtodio Fr. Pedro de Monte Molim, em numero terceiro Prelado, que a Piedade, em quanto foi Cuſtodia, teve; que ſe bem em ſeus Memoriaes ſe acha eſcrito: fora o ſegundo, com tudo repugna iſto à boa computação dos tempos; porque quando no anno de 1509. a confirmou Julio II. diſpoz no Breve, que o Cuſtodio ſó duraria trez annos em ſeu officio, no fim dos quaes ſe procederia à eleição do novo Cuſtodio; e tendo jà paſſado deſde o anno de 1509. atè o de dezeſete, alèm dos dous triennios, mais dous annos, claramente ſe vê, que o Cuſtodio, que foi a Roma, era o terceiro, e não o ſegundo. Naſceria talvez eſte erro por ſe ignorar quem foſſe o ſegundo Cuſtodio, pois por mais diligencias que fizemos, não nos foi poſſivel deſcubrillo; mas que muito nos faltem niſto as noticias, quando em materias de mais pezo (laſtima grande) choramos ſem remedio a meſma falta? Hum dos mais principaes effeitos da vida contemplativa he o eſquecimento de todo o temporal, ſómente occupada na contemplação do Celeſte, gozando jà de Deos, como a Magdalena, [c] no modo poſſivel cà na terra. Aſſim os noſſos primeiros Fundadores vivião tão entregues à contemplação, que de tudo o mais ſe eſquecião: cà na terra vivião, porèm là no Ceo converſavão, como de ſi dizia S. Paulo; [d] com que não he muito não fazerem memoria do que lhes ſuccedia.

2 Congregados em Roma o dia ſinalado todos os Vogaes, tratou logo o Summo Pontifice de unir ambas as Familias, Conventuaes, e Obſervantes, para cujo effeito perguntou àquel-

[a] ...d. ...8. ad. 1511. ...1. 9.

[b] ...12 1. p. ...28. ...onol. ...ph. 218.

[c] Luc. c. 10. num. 39.

[d] Ad Philipp. 1. p. c. 3. n. 20.

quelles se querião dimittir os privilegios, que dos Pontifices tinhão impetrado, pelos quaes lhes era concedido poderem ter propriedades, e rendas, como de facto as tinhão. Porèm vendo que não querião fazer deixação dos taes indultos, passou o sello da Ordem para a Observancia, dispondo que o Geral, que se elegesse, fosse sempre desta Familia, a quem declarou por legitimo successor de nosso Padre S. Francisco. Entrárão os Vogaes da Observancia à eleição do Geral Ministro (que os Conventuaes não só estavão privados de voz passiva pelo Pontifice para esta eleição, mas tambem de voz activa) sahio eleito o Padre Fr. Christovão de Forlivio da Provincia de Bolonha; e porque era da Familia Ultramontana, elegêrão por Commissario Geral da Cismontana ao Padre Fr. Gilberto Nicoláo. Aqui se passou o nome de Ministros aos Observantes, que antes se chamavão Vigarios, ficando os Conventuaes, em quem andava, com o titulo de Mestres, sujeitos ao Ministro Geral da Observancia, o qual havia de confirmar suas eleições, e podia visitallos quando quizesse, ainda que alguns annos depois forão despensados [e] nesta sujeição, e obediencia pelo Papa Clemente VII como diz o Illustrissimo Gonzaga.

[e] Gonz. 1. p. fol. 44.

3 Dispoz tambem para maior união o Summo Pontifice, que as Congregações Reformadas dos Clarenos, Colectaneos, Amadeos, e do Santo Euangelho, ou Capucho, ficassem immediatamente sujeitas aos Ministros Provinciaes da Observancia respectivamente, segundo as Provincias, em que morassem. Nesta clausula podia haver algum embaraço tocante à nossa Custodia; porque, conforme ella, poderião algum tempo procurar que estivesse a algum Ministro sujeita, donde era mui contingente nascerem novos trabalhos aos Capuchos. Para se obviarem estes, declarárão os Padres em o Diffinitorio do dito Capitulo não ser a Custodia da Piedade comprehendida na dita clausula, visto haver já sete annos, que por authoridade, e confirmação Apostolica estava immediata ao Vigario Geral da Observancia; com que de todas as Congregações Reformadas foi a unica, que no dito Capitulo ficou isenta da sujeição aos Provinciaes: e para mais firmeza desta declaração, a requerimento do nosso Custodio Fr. Pedro de Monte Molim, passou o Ministro Geral huma Patente nesta fórma. [f]

[f] Habetur. in Conv. Pietatis.

4 Ao Charissimo em Christo, e Veneravel Padre Fr. Pedro de Monte Molim Custodio,

e a

e a todos os Frades da Custodia da Piedade da Ordem dos Menores da Regular Observancia no Reino de Portugal. Fr. Christovão de Forlivio, Ministro Geral de toda a dita Ordem, saude em o Senhor Jesu Christo, e Maria Santissima sua Mãi. Convem aos cultivadores da paz, e aos professores da verdade, paz perpetua; e assim passamos as presentes, pelas quaes a paz, e caridade na Ordem inteiramente se conserve. Como quer que para maior união de nossa Ordem, e para quietação, e tranquilidade de todos os Frades della, em o nosso proximo passado Capitulo Generalissimo fossem pelo Romano Pontifice ordenados alguns Decretos, e mandamentos, pelos quaes (não se entendendo propriamente) podia resultar à vossa Custodia alguma turbação, que vos apartasse da estreita Observancia, que professais, o que Deos não permitta, e o que se succedesse, não carecia de culpa quem por officio tem acudir, e obviar todos os males, daqui he que as cousas conteudas na Bulla da união, passadas antes do nosso Capitulo Generalissimo, convem a saber, que daqui em diante todas, e quaesquer Congregações dos Amadeos, dos Clarenos, dos Colectaneos, e dos Capuchos do Santo Euangelho devão obedecer, e estar sujeitas cada huma dellas a quaesquer Ministros Provinciaes, em cujas Provincias estiverem. Por tanto declaramos, e pelo testemunho das presentes Letras affirmamos, ser assim por todo o Definitorio do dito Capitulo Generalissimo declarado, que as ditas cousas assim ordenadas pella Bulla da união se hão de entender das Congregações, que actualmente vivem, e sempre viverão debaixo da obediencia, e governo dos Ministros Provinciaes, e Prelados da Ordem, e não de vós, nem de vossa Congregação, pois jà ha muitos annos viveis immediatos à Familia, e obediencia dos Prelados da Observancia; e assim como Frades de Congregação particular não deveis ser por respeito do tal Decreto molestados. Em testemunho do qual passamos as presentes, assinadas por nossa propria mão, e selladas com o sello maior da Ordem, aos doze dias do mez de Julho do anno de 1517.

Fr. Christovão de Forlivio.

5 Mandava tambem o Summo Pontifice na Bulla da união, que para mais conformidade, e quietação da Ordem, todos os Frades deixassem os appellidos, e nomes particulares, por que erão nomeados, e se reduzissem a dous sómente, convem a saber, a Observantes, e Conven-

ventuaes, nem houveſſe mais nomes genericos de Frades. Por reſpeito deſte Decreto ſe tratou no Definitorio do dito Capitulo, ſer couſa conveniente para a paz, e quietação da Obſervancia Regular, que os do Santo Euangelho deixaſſem o Capucho, que trazião, e ſe conformaſſem na fórma do veſtir com os mais Frades. Virão-ſe obrigados a deixarem o Capucho, não ſem grande ſentimento, por aquella fórma lhes trazer à memoria o eſtado da primitiva Ordem, em que ſe uſava; com tudo nem por iſto deixárão a vileza, e pobreza dos habitos, que trazião, pois ainda hoje em os noſſos ſe conſerva; que alèm de ſerem de burel toſco, e groſſeiro, são eſtreitos, curtos, e ordinariamente remendados. Eſtas forão as couſas tocantes à Cuſtodia da Piedade, que ſe tratárão naquelle Capitulo, que foi dos Geraes em numero o centeſimo terceiro, e ſetimo dos Generaliſſimos. *g*

g Chr. Ord. 3. p. l 8. c. 47.

CAPITULO XXXV.

De como a Cuſtodia da Piedade foi levantada em Provincia.

1 VEndo Fr. Pedro de Monte Molim como todos os Padres do Capitulo favorecêrão a ſua Cuſtodia, declarando-a iſenta da obediencia dos Miniſtros Provinciaes, couſa, que a nenhuma das outras Congregações ſe concedeo, eſtes novos favores o incitárão a procurar-lhe outros maiores, pelo que antes de ſe partir de Roma tratou de que eſta Cuſtodia ſe fizeſſe Provincia; e favoreceo Deos tanto ſua boa diligencia, que dentro em poucos dias alcançou o fim, que elle, e todos ſeus Religioſos deſejavão. Fez ſupplica ao Summo Pontifice Leão X. pedindolhe quizeſſe levantar em Provincia a Cuſtodia da Piedade, viſto haver jà ſete annos, que eſtava dos Provinciaes iſenta, e novamente confirmada neſta iſenção em o Capitulo Generaliſſimo. Conduzio muito para o effeito deſta pertenção o abono, que os Padres Obſervantes davão dos Capuchos; que ſe dantes os moleſtavão tanto, como por todo o diſcurſo deſte primeiro Livro temos viſto, ninguem neſta occaſião nos louvava mais, nem eſtimava tanto, como elles. Tal era a fama, que os meſmos Padres Obſervantes eſpalhárão em Roma da virtude, recolhimento, pobreza, e perfeição Euangelica, em que os Frades da Cuſtodia da Piedade em Portugal vivião; e tal noticia, e boa opinião tinha delles o Papa Leão X. que logo

a betur Conv. tatis.

logo deferio à ſupplica, que Fr. Pedro de Monte Molim lhe tinha feito. Paſſou hum Breve, que começa: [a] *Exponi nobis nuper feciſtis*, &c. no qual lhe dá todas as liberdades, iſenções, e indultos de Provincia, e a faz immediata ao Geral, como as outras. O teor das Letras he o ſeguinte.

2 Leão Papa X. Amados filhos, ſaude, e Apoſtolica benção. Muito pouco ha nos foi por voſſa parte expoſto, como a voſſa Cuſtodia de Santa Maria da Piedade, da Ordem dos Frades Menores da Regular Obſervancia, juntamente com o ſeu Cuſtodio, eſtava immediatamente ſujeita ao Vigario Geral da dita Ordem; e que ſuppoſto em a Regra do Bemaventurado S. Franciſco, entre outras couſas, ſe mande expreſſamente, que os Frades obedeção a ſeus Miniſtros, o qual ſe coſtuma interpretar do Miniſtro Geral, e Provincial, a voſſa Cuſtodia, e ſeu Cuſtodio tenhão as meſmas faculdades, que qualquer dos Miniſtros Provinciaes, e qualquer Provincia da meſma Ordem em ſuas Provincias tem; e que ſómente carecem do nome de Miniſtro Provincial, e de Provincia. Pelo qual humildemente nos pediſtes, que vos quizeſſemos conceder por authoridade Apoſtolica, que a dita voſſa Cuſtodia de Santa Maria da Piedade daqui por diante ſe chame Provincia, e que o ſeu Cuſtodio, que he de preſente, e ao diante for, ſe chame Miniſtro Provincial. Aſſim que Nós inclinados a ſemelhantes petições, para que poſſais guardar com perfeição a Regra do Bemaventurado S. Franciſco, pelo teor das preſentes, *auctoritate Apoſtolica*, e por dom de graça eſpecial, concedemos a vós, e a todos os Frades da voſſa Cuſtodia, que ao diante forem, que a dita Cuſtodia por todos os tempos perpetuos, e futuros ſe poſſa chamar Provincia; e que o Cuſtodio della, que actualmente he, e ao diante for, ſe chame Miniſtro Provincial. E aſſim tambem concedemos, e queremos que a dita Provincia, e ſeu Provincial em todo o tempo gozem, e uſem dos privilegios, prerogativas, iſenções, graças, e indultos, de que agora uſão, e gozão, conforme as Letras, que pouco ha paſſámos, que começão: *Ite & vos in vineam meam*. Para cumprimento do qual mandamos aos Veneraveis Irmãos Biſpos, de Evora, de Ceuta, e Aſculanenſe, que cada hum, ou todos juntos, por ſi, ou por outrem, vos ſirvão de efficaz preſidio, e fação por noſſa authoridade que tomeis poſſe pacifica dos taes nomes, e que gozeis de

todas essas cousas em nossas Letras concedidas, não consentindo que contra o teor das presentes sejais molestados pelo Ministro Geral, nem pelo seu Commissario, ou por outras quaesquer pessoas de qualquer authoridade que sejão. Assim tambem lhes concedemos, que possão pôr censuras Ecclesiasticas, e com quaesquer outros remedios de direito refrear aos que vos contradisserem, e se mostrarem contrarios a estes nossos mandamentos, accrescentando-lhes estas mesmas censuras, e invocando o braço secular, quando seja para isso necessario. E dado caso que não possão haver às mãos aos taes molestadores, e perturbadores, nem tenhão noticia do lugar certo donde habitão, contra elles poderão proceder por edictos publicos, fechados em lugares publicos, vizinhos àquelles, em que lhes pareça que tem sua habitação, ou póde vir à sua noticia; e para assim o fazerem lhes concedemos plena, e livre authoridade Apostolica, não obstantes as Letras do Papa Bonifacio VIII. de feliz memoria, nosso antecessor, nas quaes se manda, que nenhum Prelado fóra de sua Cidade, e Diocese, salvo em certos, e determinados casos, e ainda nelles fóra de huma dieta alèm do fim de seu Bispado, não possa trazer ninguem a seu Juizo. Nem obstante o que no Concilio Geral se manda àcerca das duas dietas; nem obstantes outras quaesquer Constituições, e Ordenações Apostolicas, ou Estatutos da dita Ordem, ou costumes, ainda que nos Capitulos Generalissimos se tenhão feito com juramento, e confirmado pela Sé Apostolica, ou por qualquer outra via roboradas por privilegios, indultos, e Letras Apostolicas, ou por quaesquer outras clausulas nellas postas, o teor das quaes, como se de *verbo ad verbum* aqui as nomeassemos, e exprimissemos, por esta vez tão sómente, *especialiter*, *& expressè* as derogamos. Dadas em Roma *apud Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris* em vinte e sete de Julho do anno do Senhor de 1517. e quinto de nosso Pontificado.

3 Esta foi a ultima mão, que se deo ao edificio da nossa Provincia; pois com este Breve ficou tão segura, e quieta, que nunca mais sentio abalo. Pela data delle se vê bem claramente que se enganou o Author da quarta parte das Chronicas da nossa Ordem, o qual expressamente diz, [b] que a Custodia da Piedade foi erigida em Provincia no anno de 1565. no Capitulo celebrado em Valhadolid. Se o tempo da erecção da nos-

[b] Daça 4. [...] l. 5. c. 5[...]

noſſa Provincia ſó conſtára das Letras referidas de Leão X. fora menos culpavel eſte erro, porque em fim era hum Breve particular, e não eſtava aquelle Chroniſta obrigado a ter noticia delle; porèm conſtando de muitas eſcrituras commuas à Ordem, cuja Chronica elle eſcrevia, não tem eſcuſa alguma em a fazer tão moderna. Não lhe tirára quarenta e oito annos de ſua antiguidade, ſe lêra o que neſta materia eſcreve o Chroniſta Geral da Ordem Fr. Marcos de Liſboa, Biſpo que foi do Porto, ainda que elle não conta ſua erecção do anno, que diſſemos foi feita Provincia por Breve Apoſtolico, mas do de 1520. em que a primeira vez foi lida em taboa de Capitulo Geral. O Reverendiſſimo, e Illuſtriſſimo Gonzaga, [c] e o Memorial da Provincia de São Gabriel, com a Chronica da meſma, declarão o anno, e dia proprio, em que foi inſtituida, que he o que deixamos individuado. E ſendo iſto tão patente, não póde deixar de cauſar admiração dizer Varão tão douto o contrario; mas em fim, como dizem, às vezes dormita o bom Homero: e bem ſe vê que foi inadvertencia; pois fallando muito antes de Fr. João de Albuquerque, Arcebiſpo de Goa, diz, que quando o promovêra D. João III. àquella dignidade, tinha jà ſido Provincial da Provincia da Piedade; e morrendo eſte Catholico Rei no anno de 1557. [d] ſegue-ſe que jà antes do anno de 1565. eſtava a Provincia da Piedade inſtituida.

[c] ...z. 3.p. ...941. ...c.4. ...on. ...eſma ...cap.15.

[d] Mariz Dialog. 5. c. 3.

CAPITULO XXXVI.

Vem Fr. Pedro de Monte Molim de Roma, e dá à execução as Letras ſem algum eſtorvo.

1 PAſſadas as Letras referidas, recolheo-as a ſi o noſſo Cuſtodio, jà feito Provincial; e deſejoſo de ſer o primeiro, que trouxeſſe à Provincia tão boas novas, deixou Roma, e chegou mais depreſſa a Portugal do que pedia tão largo caminho, e os vagares de quem vinha a pé pedindo eſmola. Chegado pois ao Reino, apreſentou o Breve aos Prelados, a quem vinha dirigido, que teve na execução mais feliz ſucceſſo que outro ſemelhante [a] em Chaves. Tomou logo o pacifico governo da Provincia, ſendo o primeiro Miniſtro Provincial della: Fr. Pedro de Melgar a fez Cuſtodia, Fr. Pedro de Monte Molim a fez Provincia, que ſe là no Thabor foi necedade querer hum ſó Pedro fazer trez tabernaculos, [b] para fundarem o edificio da Provincia da Piedade, primeira de

[a] Supr. c. 30.

[b] Matt. c. 17. n. 4.

todas as Capuchas, concorreo o valor de dous Pedros. E foi bem neceſſario para vencer tantas oppoſições, quantas referimos neſte primeiro Livro, alèm de outras muitas, que calamos; nem relatamos aquellas de queixoſos, porque nos perſuadimos que permittillas Deos foi mais para exame, que por trabalho; pois fundadores de huma Provincia tão Santa, e Religioſa era bem que primeiro na tolerancia dos trabalhos moſtraſſem ſua virtude.

2 No felice remate, e venturoſo fim, em que veio a parar eſta Reformação, ſe dá bem a entender, como era obra inſpirada por Deos, e não leviandade de animo de ſeus fundadores, por mais que alguns contrarios a quizeſſem a iſſo attribuir; nem nos he neceſſaria mais prova deſta verdade que o ſabermos que toda a couſa, que tem adverſarios potentiſſimos, e com tudo prevalece, e dura, de neceſſidade ſe ha de dizer que tem alguma virtude Divina, que a ſuſtenta; que, como diſſe [c] o Douto Gamaliel, as obras, e conſelhos, que não procedem do eſpirito de Deos, por ſi meſmas depreſſa ſe diſſolvem, e tornão em nada; porèm as que são por eſte Senhor ordenadas, por mais reſiſtencia, que achem, hão de ter effeito. Quem vio eſta Congregação do Santo Euangelho ter tantos contrarios tão poderoſos, Prelados, Principes, Reis, Cardeaes, e a tempos o meſmo Summo Pontifice, e conſiderar como huns pobres Fradinhos, os quaes deſcalços, e mortificados, não com forças, e poder, combatião contra elles, ſenão com ſoffrimento, paciencia, humildade, pobreza, conſtancia, e zelo, e que com eſtas armas prevalecêrão, e alcançárão o fim de ſeus deſejos, não poderá deixar de conhecer, como erão por Deos guiados, e que foi obra da Providencia Divina.

[c] Act. c. 5. n. 34.

3 Maiormente que quando os trabalhos fazem aos que os padecem eſtar alegres no meio delles, e creſcer em fervor de caridade, he manifeſto argumento que são aceitos a Deos, de quem procede eſſa alegria; porque, como ſe diz em o livro de Job, he propriedade do Senhor dar muſica a huma alma em a noite eſcura, [d] iſto he, como declara S. Gregorio, [e] dar alegria no meio da tribulação, o que não tem os trabalhos padecidos pelo mundo, e por outros reſpeitos humanos, que, ainda que aconteça haver quem os ſoffra com ſobeja vontade, com tudo he ſempre com falta de alegria, e ſe continuão muito, enfadão, e causão tibieza. Iſto não tinhão eſtes ſervos de Deos, que na ma-

[d] Job c. 35.

[e] D. Greg. ibi.

maior força de ſuas perſeguições, e trabalhos vivião mais contentes, e ſe moſtravão mais alegres em o Senhor; que o ſeu fervor de eſpirito, o qual em o dia claro da proſperidade ſe não podia tambem conhecer, ſe manifeſtava em a noite eſcura da adverſidade, como o das aguas daquella fonte de Sicilia, de que diz Pomponio Mella, que eſtando quietas ſem mover-ſe todo o dia, fervem com ardente calor à meia noite.

4 Donde venho a advertir a particular obrigação, que temos mais de imitar as virtudes de noſſos primeiros fundadores, que não de prezar-nos muito dos taes terem ſido virtuoſos. Ha muitos homens no mundo, que prezando-ſe do ſangue, que herdárão dos ſeus antepaſſados, não fazem caſo da virtude, em que os taes reſplandecêrão; ſendo aſſim que nas virtudes ſe hão de pôr os olhos, para por ellas ſe fazerem ſemelhantes; e não em a honra tão ſómente, que os taes por ſuas virtudes alcançárão; pois jatar-ſe hum que procede de bons, não o ſendo elle, he como gloriar-ſe que vem fugindo dos bons, de quem procede. Pouco poderá aproveitar a nenhum Religioſo deſta Provincia o prezar-ſe que ſeus fundadores forão Santos, ſe elle não procurar de ſer tal, quaes elles forão. Se ſois filhos de Abrahão, e diſſo muito vos prezais, fazei o que Abrahão fazia, diſſe o Redemptor do Mundo *f* aos Hebreos, vendo que ſe gloriavão muito de ter ſua geração principio, e origem naquelle Santo, e virtuoſo Patriarca. E na verdade, ainda que o dito foi breve, e as palavras poucas, são compendioſas, e querem dizer muito. Que maior deſordem póde haver, nem que maior argumento de leviandade, que prezar-ſe o homem das virtudes alheias, e não aborrecer ſeus vicios proprios? Pois quem louva muito a illuſtre geração de ſeus antepaſſados, diſſe Seneca, e as virtudes particulares, em que reſplandecêrão, não ſendo tal, que pelo exercicio de todas poſſa entrar em o numero delles, louva couſas alheias, e não ſuas; e das alheias ninguem ſe póde gloriar. O que importa he, ſegundo diz São Paulo, que prove cada hum quem he por ſuas obras, e terá gloria em ſi meſmo, e não em outros: ſeja eſclarecido por ſuas virtudes proprias, e não terá neceſſidade de mendigar as alheias de ſeus antepaſſados: a virtude, que cada hum por ſi grangea, o faz perfeito, e não o terem ſido perfeitos ſeus progenitores.

f Joan. c. 8. n. 39.

5 Nem he couſa certa ſerem todos Santos os que profeſsão Inſtitutos ſantos, e rece-

cebem o habito em Provincias mui Regulares, e perfeitas: muitos homens eſtudárão em Athenas, e ficárão ignorantes: muitos ſeguírão a milicia em Roma, e ficárão fracos: finalmente ſendo noſſo pai Adão criado no Campo Damaſceno, e noſſa mãi Eva no Paraiſo, ella foi muito peior que elle; para que vejamos claramente, que nem todos os que ſe crião em Provincias ſantas, são perfeitos: ſello-hão com tudo os que imitarem a perfeição de ſeus virtuoſos fundadores. Taes forão os noſſos da Piedade; dos quaes nos não havemos de lembrar tanto para louvallos, quanto para imitar ſua virtude. Queira Deos que aſſim os preſentes, que agora ſomos, como os vindouros, que ſuccederem depois, nos ſaibamos bem aproveitar do fruto de tantos trabalhos, quantos padecêrão noſſos primitivos Padres por nós deixarem a Provincia bem fundada, neſta paz, e quietação em que a gozamos.

CAPITULO XXXVII.

Excellencias da Provincia da Piedade.

1 TEve a noſſa Religião Serafica a felicidade de naſcer, e ſe criar à ſombra da Senhora Mãi de Deos, fundando a primeira Caſa junto de huma pequena Hermida ſua em Aſſís, [a] a quem noſſo Padre S. Franciſco por eſte reſpeito chamou Porciuncula. Acoſtou-a ſeu Serafico Fundador a tão grande ſombra, para que della lhe vieſſe o eſpirito, e perfeição de vida, que deſejava ver em todos os Religioſos da Ordem, que fundava. A meſma dita teve tambem a Provincia da Piedade, pois a ſua primeira Caſa em dignidade, e tempo foi edificada junto a huma pequena Hermida de noſſa Senhora da Piedade, quaſi meia legua diſtante de Villa-Viçoſa, para a parte do Oriente, como temos dito: [b] e não duvido eu que noſſos primitivos Padres na eleição, que fizerão, tiveſſem a meſma attenção, que ſeu chagado Patriarca; que como o ſeu intento era renovar, e reſuſcitar o primitivo eſtado da Ordem, acoſtárão-na à ſombra de outra nova Porciuncula, para que recebeſſem do amparo, e protecção da Senhora o eſpirito, e virtude, de que neceſſitavão para eſta nova Reformação, que pertendião. A meſma Senhora, que lhe deo a primeira Caſa, lhe deo tambem o nome, e juntamente com elle as excellencias, de que ſe adorna: entre ellas não he pequena a de ſer a primeira, e mais antiga na Ordem. Não he meu in-

[a] Chr. Ord. 1. p. c. 15

[b] Supr. c. 9 n. 1.

intento para engrandecer esta acanhar as outras, e por primeira inculcalla unica entre todas, como disse Santo Ambrosio [c] do primeiro dia da criação do mundo a respeito dos mais, que lhes succedêrão: a todas reconheço por pedras preciosas engastadas no formoso diadema, de que a Religião Franciscana lustrosamente se coroa; só pertendo que as mais lhe dem os parabens de primeira. Para mostrarmos que o he será necessario vermos quando começárão as demais Provincias Capuchas, que a nossa pouco ha acabámos de dizer se levantou com este titulo em o anno de 1517. em vinte e sete dias do mez de Julho.

[c] ...br. ...xa- ...c. 1.

2 A Santa Provincia de S. Gabriel, ainda que nasceo juntamente com esta, pois de huma, e outra os fundadores forão os mesmos, com tudo a da Piedade adiantou-se àquella, assim em o titulo de Custodia, como em dignidade de Provincia; porque a Congregação do Santo Euangelho constando de Casas em Castella, e em Portugal, as de Portugal forão feitas Custodia, chamada da Piedade, em o anno de 1509. e as de Castella ficárão algum tempo incorporadas em a Provincia de Sant-Iago, e dellas no anno de 1514. se levantou outra Custodia com titulo da Estremadura: depois forão ambas instituidas Provincias, a da Piedade no referido anno de 1517. e a de S. Gabriel, tomando este nome, e deixando o de Estremadura, no de 1519. [d] com que assim em Custodia, como em Provincia he a da Piedade mais antiga: ambas filhas da Custodia do Santo Euangelho, a da Piedade primogenita, a de São Gabriel a segunda.

[d] Mel. c. 4 & Chron. P. S. Gabr. l. 1. c. 16. & l. 2. c. 1.

3 A Provincia de S. José no mesmo Reino de Castella teve seus principios no anno de 1517. porque neste alcançou Fr. João Pascoal, seu principal fundador, hum Breve de Leão X. em cuja virtude, vindo de Roma, onde fora a Capitulo Geral, fundou huma Casa em Galiza, no lugar chamado Redondela; [e] depois pelo discurso do tempo, com authoridade do Papa Paulo VI. fundou outras trez, ou quatro, de que se levantou a Custodia de S. José, a qual no anno de 1561. veio a gozar o titulo, e privilegios de Provincia debaixo do mesmo nome, que tinha em Custodia.

[e] Chron. P. S. José l. 1. c. 9. Gonz. 3. p. f. 1132.

4 Hum anno antes que a de S. José subio à dignidade de Provincia a da Arrabida em Portugal; porque ainda que não começou tão cedo, como aquella, adiantou-se mais. Teve seus principios pelos annos do Senhor 1540. fundando neste tempo sua pri-

primeira Caſa hum ſanto Religioſo chamado Fr. Martinho de Santa Maria, filho da Provincia de Carthagena, tão illuſtre em ſangue, como tambem em ſantidade; foi eſta a Caſa da Arrabida, chamada aſſim por reſpeito da Serra deſte nome, em que foi fundada. A eſta primeira Caſa ſe forão ajuntando outras com o favor dos Duques de Aveiro, ſeus Padroeiros, atè que no anno de 1560. de todas erigio huma Provincia *f* o Reverendiſſimo Padre Fr. Franciſco Zamora, em hum Capitulo, que celebrou no Convento de S. Franciſco de Lisboa.

f Gonz. fol. 1124.

5 A Provincia de Santo Antonio teve ſeu fundamento nas Caſas Recoletas da Provincia de Portugal: porque quando veio a eſte Reino o Padre Geral Fr. Franciſco dos Anjos, em o anno do Senhor 1524. inſtituio na dita Provincia de Portugal algumas Caſas Recoletas, para que os Religioſos viveſſem nellas mais auſtera, e apertadamente, ſegundo os Eſtatutos, que para iſſo lhes deixou. Succedendo depois em o anno de 1532. dividir-ſe a dita Provincia de Portugal, lançando de ſi a Provincia dos Algarves; o Padre Fr. Vaſco Correa Miniſtro deſta accreſcentou aos Recoletos trez Caſas às que tinhão: e no anno de 1565. em hum Capitulo celebrado em S. Franciſco de Lisboa pelo Miniſtro Geral Fr. Luiz Puteo, ſe fez de todas as ditas Caſas Recoletas huma Cuſtodia do titulo de Santo Antonio; a qual no anno de 1568. por Breve *g* do Summo Pontifice Pio V. impetrado à inſtancia do Sereniſſimo Cardeal Infante D. Henrique, que depois veio a ſer Rei, foi levantada em Provincia.

g Gonz. fol. 115.

6 Todas as mais Provincias Capuchas, que tem a Ordem, aſſim nos Reinos de Portugal, e Caſtella, como em huma, e outra India, Oriental, e Occidental, procedem de alguma das ſobreditas, com que he eſcuſado para o intento referirmos ſuas erecções; pois viſto que he a Provincia da Piedade mais antiga, que aquellas, donde procedem, conſequentemente fica manifeſto o he tambem que as originadas. Suppoſta eſta verdade tão patente, que não admitte duvida alguma, fica evidente ſer a Provincia da Piedade entre todas as Capuchas a primeira: pois ſendo as erecções das outras depois do anno de 1517. em que a deſta foi confirmada pelo Pontifice, claro eſtá que fica ſendo a mais antiga.

7 Não ſó he a Provincia da Piedade mais antiga que as ſobreditas, mas tambem todas ellas (excepto a de Santo Anto-

tonio neste Reino) tiverão alguma origem, ou dependencia della; porque na sua primeira Casa vivêrão, e estiverão alguns annos os mais Religiosos, que fundárão, e ajudárão a fundar Provincias Capuchas, aprendendo alli, como em seminario, ou escola de virtudes, e exercitando as muitas, que depois plantavão. A Provincia de S. Gabriel em Castella jà temos dito que teve os mesmos Fundadores que a nossa; mas com tudo isto, como lançados daquelle Reino algumas vezes achárão neste, e em a Casa da Piedade recolhimento, donde sahírão a defender sua conservação, não lhe ficão pouco obrigados. Demais que daquelles Conventos, que a Congregação do Santo Euangelho tinha, quando foi dos concertos de Evora, que atràs
[b] c. 31. deixamos referidos, [b] se fizerão duas partes: huma, que erão sinco Casas em Portugal, a saber: a da Piedade de Villa-Viçosa, a do Bosque em Borba, S. Francisco de Chaves, o Bom Jesus de Barcellos, e Santa Sita de Thomar, ficárão fazendo corpo, instituindo-se Custodia; a outra, que constava sómente de trez em Castella, quaes erão a de Salvaterra, Albuquerque, Belvís, e esta ainda imperfeita, se encorporou na Provincia de Sant-Iago, e de cà lhe forão os Religiosos, que ao depois com Fr. Anjo a defendêrão, e melhorárão. Sendo isto, que temos dito, indubitavel, pois o tem assim todos os que escrevêrão nesta materia, he digno de reparo o termo, de que usa o Chronista de S. Gabriel tratando desta divisão. Não se atreve elle a dizer expressamente que a nossa Provincia sahio da sua, mas quello dar a entender; porque depois de referir a erecção da Custodia da Piedade, das Casas, que havia em Portugal, a que chama desmembradas das de Castella, com estas poucas, que là lhe ficárão, vai continuando o titulo de Congregação do Santo Euangelho na obediencia immediata do Ministro Geral, e calla a encorporação na Provincia de Sant-Iago: accrescentando que na concordia de Evora se assentára ficassem as Casas de Castella naquella immediata obediencia. [i] [i] Chron. P. S. Gabr. l. 1. c. 14.

8 Porèm o contrario consta não só do Alvará de ElRei D. Manoel, que passou dos ditos concertos, mas tambem do Breve de sua confirmação, que expedio Julio II. hum, e outro dizem que, levantada a Custodia da Piedade das Casas de Portugal, as de Castella ficassem encorporadas na Provincia de Sant-Iago: isto he o que se lê no Breve, e no Alvará, e não o que diz aquelle Chronista: mas não he esta a primeira

l Supr. c.22. num. 3.

m Wad. tom. 8. ad ann. 1508. num. 18.

n Fr. Marc. p. 3. l. 9. cap. 28. Chron. P. S. Mich. l. 5. cap. 7.

o Mol. c. 3. fol. 18.

vez, que ſuppoz clauſulas a ſeu arbitrio; jà lhe deixamos notada *l* outra ſemelhante em huma Patente do Miniſtro Geral Fr. Egidio. Com o que temos dito ſe conforma o noſſo Annaliſta Waddingo, *m* alèm de outros, *n* em que entra tambem o meſmo Memorial da Provincia de S. Gabriel, *o* que todos dizem ficárão as Caſas de Caſtella não à obediencia do Miniſtro Geral, mas ſujeitas, e encorporadas na Provincia de Sant-Iago; por cujo reſpeito Waddingo avinculou à Cuſtodia da Piedade o titulo do Santo Euangelho, como parte maior, que era daquella Congregação: que querer da menor parte fazer o todo, ſendo o todo maior que a parte, e à maior chamar deſmembrada da mais pequena, he huma mathematica nunca atè agora viſta. Em Portugal pelos concertos de Evora ficárão ſinco Caſas, e com ellas o Prelado, que actualmente era da Cuſtodia do Santo Euangelho, Fr. Pedro de Melgar; em Caſtella erão ſómente trez as que havia ao tempo deſta divisão; tudo conſta do referido Alvará, que as nomea: e jà ſe vê quão alheio ſeja da razão chamar parte deſmembrada à cabeça, unida com a maior parte do corpo. A verdade da hiſtoria he o que temos dito, a ſaber, que ambas eſtas Provincias são filhas da Congregação do Santo Euangelho, que ſe desfez, e perdeo o nome pelos concertos de Evora: a da Piedade, filha primogenita, porque foi primeira, aſſim no titulo de Cuſtodia, como de Provincia: a de São Gabriel, filha ſegunda; e quando alguma ſe haja de chamar deſmembrada da outra, com mais juſtiça a de S. Gabriel, pelas razões ditas.

9 A Provincia de S. Joſé reconhece por ſeu Fundador a Fr. João Paſcoal, como temos dito, e eſte Veneravel Religioſo entre Nós, e na Caſa da Piedade viveo alguns annos; della ſe foi com Fr. Anjo viver naquella pequena parte, que ficava em Caſtella, dos Conventos, que tinha a Cuſtodia do Santo Euangelho, quando ſe erigio a da Piedade, atè que no anno de 1517. alcançou em Roma o Breve para fundar Caſas Reformadas, com as quaes deo principio à ſobredita Provincia de S. Joſé, chamando da noſſa mais alguns Religioſos, que o ajudaſſem em tão ſanta obra. Hum delles foi Fr. Antonio da Conceição Portuguez, filho da Provincia da Piedade, e profeſſo nella, que lhe ſuccedeo no cuidado, e governo, ſendo o primeiro Cuſtodio, que aquella Provincia teve, antes de lograr eſte titulo, como diz a ſua meſma Chronica, e a do Reveren-

diſ-

diſſimo Gonzaga; *p* e que muito trabalhou em ſeu augmento, tirando-a da obediencia dos Conventuaes. Da Provincia de S. Joſé ſahírão pelo decurſo do tempo outras quatro, convem a ſaber, a de S. João Baptiſta, que ſe eſtende pelos Reinos de Murcia, e de Valença: a de S. Gregorio nas Philippinas: a de S. Simão, e Judas no Reino de Galiza: a de S. Paulo Apoſtolo, as quaes pela meſma razão, que ſahírão da de S. Joſé, tendo na fundação deſta tanta parte a da Piedade, não lhe dizem pequeno reſpeito.

p ...n. P. ...ſé l. 1. ...z. 3. p. 132.

10 O meſmo, e mais apertado lhe dizem tambem todas as Provincias Capuchas da nova Heſpanha, que tiverão por principal Fundador ao Santo Fr. Martinho de Valença, chamado commummente Apoſtolo do novo mundo, o qual foi hum dos principaes companheiros de noſſos Fundadores. Para o que he de ſaber, que como ſoaſſe a fama da perfeição de vida, e ſingular virtude, em que elles vivião nas Caſas, que a Cuſtodia do Santo Euangelho tinha em Portugal (em Caſtella não os deixavão viver quietos,) ſe paſſou a ellas o Santo Fr. Martinho, deixando a Provincia de Sant-Iago, onde fizera profiſsão; e por iſſo lhe chama a Chronica *q* Geral da Ordem, filho da Provincia da Piedade, fallando ſegundo o tempo preſente, em que eſcrevia, poſto que ainda então não era Provincia, ſenão Cuſtodia. Trabalhou muito em ſua fundação, e não menos depois em companhia de Fr. Anjo de Valhadolid, e Fr. João Paſcoal na de S. Gabriel, donde ſe paſſou às Indias Occidentaes, então novamente deſcubertas; e naquelle novo mundo foi a primeira pedra fundamental das muitas, e grandes Provincias, que ha nelle; porque dando principio em o anno do Senhor 1524. a huma Cuſtodia, a que deo o nome do Santo Euangelho, em memoria da noſſa antiga, em que vivêra. Eſta creſceo de maneira em numero de Conventos, que ſendo levantada em Provincia *r* no anno de 1535. em hum Capitulo Geral celebrado em Niza de França, lançou de ſi muitas Cuſtodias, que depois em o Capitulo Geral de Valhadolid *ſ* alcançárão honra, e titulo de Provincias.

q ...z. ...251.

r Idem fol. 1221.

ſ Idem fol. 1101.

11 Em o noſſo Convento da Piedade viveo tambem Fr. João de Aguila, hum daquelles primeiros Religioſos do Santo Euangelho, que acompanhou os que forão continuar com a Provincia de S. Gabriel: o qual, poſto que não foi o primeiro Fundador da Provincia da Arrabida, não deo pequena ajuda nella; porque depois de lhe haver

ver dado principio, como temos dito, o Veneravel Religioſo Fr. Martinho de Santa Maria, veio Fr. João da Provincia de S. Gabriel, onde eſtava, para Portugal a viver com o dito Fr. Martinho, e o ajudou com ſua virtude, e doutrina em a criação dos Religioſos daquella nova planta, que em grande rigor, e eſtreitiſſima pobreza inſtituírão.

12 Logo no principio exceptuamos a Provincia de Santo Antonio neſte Reino, a qual ſahio da de Portugal, ſem terem em ſeus principios aquelles Religioſos outros Meſtres, mais que os de ſua Recoleição, os quaes, por ſerem Varões de grande eſpirito, os forão criando em muitas virtudes. Da Provincia da Madre de Deos em a noſſa India, ſuppoſto não aceitamos ſermos ſeus unicos fundadores, como procurárão com inſtancia, [t] com tudo não lhe negamos o auxilio, de que neceſſitava para creſcer, povoando noſſos Religioſos o Convento de Malaca, como diremos a ſeu tempo. Sómente reſta a Provincia da Soledade neſte Reino: mas eſta jà ſe ſabe que ha dous dias ſahio immediatamente da noſſa. E porque debaixo da obediencia do Geral da Ordem não ha mais Capuchas que as referidas, fica claro, e manifeſto, não ſó que he a da Piedade a mais antiga, mas tambem que della tiverão todas as mais alguma origem, e dependencia em ſeus principios, em a maneira ſobredita.

[t] Chron. da Prov. da Madre Deos cap. 1. artig. 1.

CAPITULO XXXVIII.

Continua-ſe a meſma materia.

1 A Excellencia, que logra a Provincia da Piedade de ſer não ſó a primeira, e mais antiga entre as Capuchas da Ordem, mas tambem trazerem della todas as mais alguma origem, e dependencia, ajunta a prerogativa de ſe conſervar depois de tantos annos naquelles ſeus eſtylos, e coſtumes, em que a fundárão ſeus primittivos Padres. Iſto admirão todos neſta Provincia; [a] e com razão, que não he pequeno louvor ſeu haver-ſe conſervado nelles ha cento e noventa e trez annos, ſem que pudeſſe obrar àcerca della ſeu coſtumado effeito o tempo, a que o Poeta chamou tragador das couſas, nem moſtrar ſua força a antiguidade, a que deo o nome de invejoſa, dizendo que eſtes dous tem por officio deſtruirem tudo. Invejoſa a chama, para ſignificar que lhe peza do bem alheio, e quando de todo o não póde deſtruir, procura ao menos diminuillo.

[a] D. Rod. da Cunh Hiſt. Ecc de Liſb. p. 2. c. 2 num. 9. Agiolog tom. 3. o Cóme a 28. de Maio lit

2 Nas ſuas confiſsões diz San-

[b] ug. Conf. 10.

Santo Agostinho, [b] que todas as cousas crescem para chegarem à sua perfeição, e em sendo perfeitas, envelhecem, e acabão, e assim quanto mais se apressão para ser, tanto mais vão pela posta ao acabar. Pelo que não he pequena materia de admiração ver que em tantos annos, quantos hão passado desde o principio desta Provincia, não teve poder o tempo com toda sua voracidade, nem a antiguidade com toda sua inveja para fazer nella envelhecer suas leis, e costumes, de sorte que perdessem alguma parte de sua antiga força; antes cobrão tanta com o tempo, que muitas cousas, que nos deixárão nossos primeiros Padres, sómente por estylos, e costumes, a criação lhe tem dado tanto vigor, como se forão apertados mandamentos. Muitos exemplos desta verdade pudéra apontar ao Leitor desta Historia; porèm contento-me com hum só, porque todos o vem, e sabem, e callo os muitos, que temos de portas a dentro.

3 Julgárão nossos primittivos Padres por cousa necessaria à sua quietação não fundarem em Lisboa, Corte deste Reino, por fugirem a alguns inconvenientes, que à sua prudencia se representavão, e muitas Religiões agora chorão: disto nos não deixárão ordenação alguma, ou Estatuto, que nos obrigue, porèm assim se tem observado, como se ficára por lei mui estreita. O Cardeal Infante, depois de nos ter fundado o Convento de Valverde, e depois o de Evora, nos quiz fazer outro em Lisboa: o mesmo intentou o Cardeal Alberto, quando por Filippe governava este Reino; e ultimamente ElRei D. João IV. a quem esta Provincia deveo huma affeição em tudo singular, e em quem sempre achou hum amor de pai, não fez poucas instancias para o mesmo fim, porèm nunca se pode acabar com os Prelados da Provincia aceitassem a offerta, não reparando em os deixarem magoados, com tanto que se conservassem nos estylos, em que os havião criado seus maiores. Magoado se mostrou da tenacidade, com que observamos sempre este estylo, e criação, que nos deixárão, aquelle grande, e douto Prelado da Igreja Ulyssiponense, o qual depois de numerar os Conventos, que em seu tempo tinhamos neste Reino, diz estas palavras: [c] *Magoa temos não caber a boa sorte de os terem por moradores as Villas deste nosso Arcebispado, e esta grande Cidade de Lisboa. Guardárão de principio fugirem da Corte, e de seus arredores, e esta consideração os afastou tão longe della.*

[c] D. Rod. da Cunha cit. n. 10.

4 Assim intimárão nossos pri-

primitivos Padres a creação, que nos derão, que ainda o que só nos ficou por estylo, costume, e ceremonia, se observa ainda hoje como apertado mandamento. Bem he verdade que tem muita parte nesta obra o zelo dos Prelados; porque os Ministros Provinciaes, que vierão succedendo àquelles primeiros Fundadores, sempre tiverão mui solicito cuidado de as fazer guardar: e para que não pareça, nem haja falta na observancia dellas, a qualquer pequeno defeito, que vejão em hum Religioso, que ameace ruina, acodem com grave castigo, e penitencia. Todos, tanto que entrão no officio, trabalhão por renovar qualquer lei, ou estatuto, que pareça, que vai envelhecendo, e cada hum faz seus particulares apontamentos, que como postes, ou firmes columnas arrima, para sustentar firme o edificio, que não caia; antes o vão cada vez mais estabelecendo com outras leis modernas: e humas com outras fazem guardar inviolavelmente, como se fossem de direito natural, que sem variar, tem firmeza de immutabilidade, [d] que sempre permanece, sem admittir despensação; que não he menos a vigilancia, que nisso põem os Prelados, nem o rigor, com que castigão o quebrantamento de qualquer lei, costume nosso, ou apontamento de Provincial, do que tinhão os Lacedemonios em a conservação dos seus, que castigárão não menos que com degredo ao grande Musico Lipandro, porque faltou a elles; accrescentando em hum instrumento de musica mais huma corda, do que antes se usava.

[d] Cap. 1. distin. 5. §. Pœn.

5 O mesmo Senhor, que communica aos Prelados este zelo, parece tem tomado tambem à sua conta fazer que a Provincia se conserve naquella sua primeira instituição, acudindo a qualquer descuido que haja. Assim se vio em o nosso Convento de Thomar, quando ainda estavamos no primeiro, que alli fizemos; porque como huma noite, naquella hora, que se costuma ter em communidade de oração depois de Matinas, estivessem os Religiosos sonorentos nella, se derão na porta da Igreja trez estrondosos golpes, apôs os quaes se ouvírão distinctamente estas temerosas palavras *Mortos, vinde a juizo*, as quaes fizerão nos Religiosos tanto abalo, que dahi a muito tempo lhe soavão continuamente aos ouvidos, como ao penitente S. Jeronymo a trombeta daquelle terrivel, e espantoso dia. Tambem em o Convento novo de Chaves, que agora habitamos, despertou Deos a hum Religioso com semelhantes

tes golpes. Era elle neſte Convento Enfermeiro, e do trabalho, que como tal havia tido, em aſſiſtir a outro Religioſo, que alli faleceo, tomou occaſião para pedir licença a Matinas em a ſeguinte noite depois de ſua morte. O ſucceſſo moſtrou que não devia de ſer a cauſa mui baſtante, e legitima, porque ao tempo, que os mais Religioſos rezavão em o Coro, por trez vezes, e trez pancadas em cada huma dellas, lhe derão na porta da cella; o que elle tendo por aviſo de Deos, ficou tão inquieto, que não ſómente não pode mais naquella noite pegar no ſono, mas tambem proteſtava não havia outra vez de fingir neceſſidade.

6 Com eſta creação, e diſciplina aſſim conſervada foi a Provincia grangeando tanto credito, e opinião, que apenas havia Prelado, ou Senhor temporal, que não procuraſſe ter hum Convento noſſo em as ſuas terras. Daqui veio a eſtender-ſe tanto pelo Reino eſta Provincia, que chegou a ter trinta e nove Conventos, e ſeria muito maior o numero, ſe deferíra às inſtancias, que lhe fazião; porque os mais dos povos, onde ſe achava poſſibilidade para iſſo, com repetidos rogos o procurárão. Em todos eſtes florecêrão ſempre Varões de admiraveis virtudes, porque aſſim como foi dilatada em Conventos, aſſim foi tambem enriquecida com Religioſos perfeitos, como diſſe o Author [e] do Jardim de Portugal. Della, ſuppoſto que retirada da Corte, eſcolhêrão os Reis de Portugal em diverſos tempos Prelados, para com elles acreditarem as Cadeiras das Igrejas, como forão a de Ceuta, Braga, Goa, São Thomé, e outras: e ainda tambem o Sagrado Tribunal do Santo Officio o primeiro Inquiſidor Geral, que teve, foi filho da Provincia da Piedade. Sómente de Eſcritores de livros tem lançado poucos; porque como nella não havia eſtudo de letras adquiſitas, faltavão-lhe os meios para os ter, com tudo ainda aſſim paſsão de doze, como ſe póde ver na Biblioteca Luſitana; ſe bem que os mais deſtes por ſua humildade callárão ſeus nomes, quando derão à eſtampa. E por tudo o que agora diſſemos, ſeja louvada a Divina Bondade, como fonte, e origem, donde procede todo o bem.

[e] Vida 131. fol. 404.

CHRONICA
DA
PROVINCIA
DA
PIEDADE.

LIVRO SEGUNDO,

Trata-ſe dos Conventos, que teve neſte Reino no tempo, em que foi Cuſtodia: dos mais, que ſe recebêrão no dos primeiros quatro Provinciaes, e dos Padroeiros delles. Da-ſe noticia dos Religioſos de approvada vida, que em ſeus triennios florecêrão, e de outras couſas dignas de memoria.

CAPITULO I.

Deſcripção do ſitio da Provincia, titulo, e ſello, que tomou, quando foi inſtituida.

1 TEMOS dado noticia em o Capitulo trinta e ſinco do primeiro Livro, da erecção da Provincia da Piedade, reſtanos agora darmo-la do ſitio, e termos, por onde ſe eſtende; porèm antes de apontar ſua geografia advirto, como couſa neceſſaria, que a não deſcrevo na fórma, em que hoje eſtá depois que no anno de 1673. ſe dividio della a da Soledade, ſervindo o Tejo de raia à diviſão; deſta tratarei a ſeu tempo: por ora a deſcrevo, quando ainda unida, e encorporada. Eſtava

tão

tão diffuſa, e eſpalhada pelos dous Reinos de Portugal, e do Algarve, que não ſe lhe pode outro ſitio ſinalar, mais que dizer que os comprehendia ambos, abraçando-os de hum fim a outro fim; porque deſde o famoſo Cabo de S. Vicente, ultimo termino do Reino do Algarve, atè à Villa de Chaves, fim do Reino de Portugal, onde confina com Galiza, tinha Conventos em as mais das Cidades, e Lugares principaes (ſalvo em Lisboa, donde fugio ſempre eſta Provincia, pela razão, que deixamos dito) e aſſim os Religioſos della participão dos bens, e males, benignas influencias, ou injurias dos tempos, que a variação dos ares, e conjunções de Signos, ou Planetas causão em os moradores deſtes Reinos.

2 Pudéra ter muito maior numero de Conventos, do que tem, ſe deferíra a muitos rogos de Senhores, e peſſoas principaes, e condeſcendêra com as importunas petições de outras Cidades, e Villas, que com muita inſtancia, e devoção os pedião, offerecendo-ſe a edificallos. Mas muitos não quiz receber, que por eſſa occaſião ſe derão a outros Religioſos: e ainda alguns dos que tem, mais ſe aceitárão por obediencia dos Prelados Geraes (os quaes por rogos de peſſoas de qualidade ſe movião a mandallo,) que por vontade, e conſentimento dos Frades da Provincia, que temião a multiplicação dos Conventos, e Religioſos; porque não foſſe porta, por onde entraſſe alguma relaxação nella; que a multidão iſſo traz comſigo: e como diz Sanazaro, [a] he melhor a pouca terra cultivada, que a muita por máo governo inculta. Com tudo iſſo chegou a ter trinta e nove, numerando hum, que por mandado de ElRei Dom João IV. foi fundado em Cabo-Verde.

[a] Sanaz. in argum. ſuæ Arcadiæ.

3 Coſtumava ter cada hum deſtes Conventos quinze atè vinte Religioſos moradores, ſegundo a capacidade dos povos, para ſe poderem ſuſtentar, ſem que com diſcurſos ſaião fóra delles buſcar o neceſſario à vida. Como a Provincia eſtava tão diffuſa, que comprehendia os Reinos de Portugal de polo a polo, ſe dividio para o bom governo em quatro partes, ou Jerarquias (como lhe chama Gonzaga [b] e nós Commiſsões,) convem a ſaber, Alemtejo, Algarve, Beira, e Entre Douro, e Minho; para cada huma das quaes ſe inſtituia em Capitulo Provincial hum Commiſſario, que em auſencia do Miniſtro, quando a elle ſe não podia recorrer por cauſa da diſtancia, tinha ſuas vezes, e authoridade para acudir às neceſſidades

[b] Gonz. in Proœm. P. Pietatis.

urgentes, que ſe offereceſſem: e fóra de caſo de neceſſidade preciſa, em nenhuma couſa de regimento dos Conventos ſe podião entremetter, porque não erão Prelados, nem tinhão juriſdicção ordinaria, mas ſómente Delegados para certas, e determinadas cauſas, que lhes commettião. Hoje depois da divisão tem a Provincia vinte Conventos, quatorze em a Provincia de Alem-Tejo; e ſeis no Reino do Algarve, repartidos em duas Commiſsões.

4 Temos dado noticia do ſitio da Provincia, demo-la agora do ſello, que tomou, quando ſe erigio. Em conſequencia do titulo, que a Provincia tomou *da Piedade*, como temos dito, tomou tambem por brazão, e ſello, com que os Miniſtros della firmão as eſcrituras, eſte myſterio: iſto he, a Senhora Mãi de Deos ſentada ao pé da Cruz com ſeu filho morto em os braços: por orla ao redor o cordão de noſſo Serafico Padre S. Franciſco, e por fóra humas letras, que dizem em Latim, *Sello da Provincia da Piedade*. Inventárão-ſe os ſellos para eſtabelecer, e authorizar os Decretos, e deſpachos do Superior: e era bem que a Provincia puzeſſe por final de ſua authoridade a Imagem da Senhora, que tanto com o titulo a authoriza; e juntamente por orla o cordão, inſignia de noſſo Padre S. Franciſco, para mais expreſsão do Fundador da Religião.

5 O ſello desfaz a opinião de muitos, e do popular todo, que chamando-nos Frades de Santo Antonio, tem para ſi que o noſſo Fundador, e Patriarca foi eſte grande Santo, e não noſſo Padre S. Franciſco. De huma de trez cauſas julgo naſceria eſta popular opinião, a primeira, que como Santo Antonio foi o primeiro, a quem ſeguião muitos, que ſe oppoz à primeira relaxação, que houve na Ordem, cujo author foi Fr. Elias, querendo-a conſervar no ſeu antigo rigor, daqui procederia tal vez que aos Religioſos da noſſa Provincia, como a primeiros authores da Reforma Capuchez de toda a Serafica Familia, chamaſſem Frades de Santo Antonio, por imitadores do zelo deſte Santo. Ou ſeria, porque eſta Provincia em ſeus principios, como ao diante direi, foi dividida em duas Cuſtodias, huma dellas com titulo de Santo Antonio, e daqui ficaria a ſeus Religioſos eſte nome. Como tambem os mais dos Conventos da Provincia tem por Orago, e Titular a eſte noſſo inſigne Portuguez, pedem os Religioſos nelles moradores as eſmolas em ſeu nome: donde viria a preſumir o vulgo que inſ-

inſtituio o Santo Religião diſtincta da de noſſo Padre S. Franciſco, ſendo que foi ſeu filho, e não Patriarca. Com tudo bem ſe lhe podem applicar aquellas palavras, que hum Romano diſſe a outro, louvando-o de muito eloquente: Demoſthenes te tirou o não ſer o primeiro, e principal dos Oradores, e tu lhe tiras a elle o ſer ſó. Noſſo Padre S. Franciſco tirou a Santo Antonio o ſer o primeiro, e principal Padre deſta Ordem dos Menores, e Santo Antonio lhe tirou a elle o ſer ſó; porque quaſi tanto foi ſuſtentalla, para que não cahiſſe de ſua perfeição, e pureza, como inſtituilla de novo. Ainda porèm que o nome de Santo Antonio he engraçado neſte Reino, como alguem diſſe, não o uſurpamos para nós, nem deixaremos a noſſo Padre S. Franciſco por outro algum Santo, ainda que ſeja Santo Antonio: ſem intervenção noſſa nos dá o vulgo eſte titulo. Se ao curioſo não contentão as razões, que ſobre iſto temos dado, póde perguntar aos que aſſim nos chamão, a razão, que para iſſo tem, e eu me remetto à ſua reſpoſta.

CAPITULO II.

Da Caſa da Piedade em Villa-Viçoſa.

1 DEſcripto o aſſento da Provincia em commum, conſequentemente ſe ſegue a deſcripção do ſitio de cada hum dos Conventos em particular, onde tem o primeiro lugar a Caſa da Piedade em Villa-Viçoſa, não ſó por ſer a mais antiga da Provincia, mas tambem por ſer a cabeça della: e o direito Civil enſina, que quando ſe der noticia, e razão das couſas, ſe comece da cabeça, e principio. Em o primeiro Livro fica dito a occaſião de ſe fundar eſta Caſa, não a que hoje he dos Frades habitada, nem outra, cuja Igreja eſtá dentro na cerca, ſenão a que commummente ſe chama a Caſa velha: fica para a parte donde naſce o Sol, quaſi meia legua da Villa, e foi o primeiro Convento da primeira Provincia Capucha de toda a Ordem. Lançou-ſe nelle a primeira pedra, e teve ſeu principio no anno do Senhor de 1500. não podemos ſinalar o mez, e dia, pois noſſos primeiros Fundadores o não fizerão.

2 Eſteve eſta Caſa ſituada em a meia ladeira de hum outeiro, algum tanto fragoſo, em cuja contigua correſpondencia

está outro como elle, não menos aspero: por entre ambos dentro da cerca corre hum ribeiro de aguas claras todo o anno, o qual por vir de piçarra em piçarra, dividindo as extremidades daquelles cabeços, vem mais alegre, e gracioso. No brando, e continuo sussurro, com que ainda hoje todo o anno corre, parece vai mostrando a saudade, que os Religiosos lhe deixárão, quando pelo rigor, e inclemencias do sitio, o desampararão. Da outra parte defronte da Casa hum pouco mais assima, nasce huma fonte entre humas piçarras, cuja vista ainda que recrea, provoca a lagrymas: pois todas suas aguas são gotas, que sahem estiladas pelos póros, e veias daquellas pedras, por cujo respeito ainda hoje he chamada a fonte das lagrymas: e não duvido eu que fosse esta huma das circumstancias principaes, pela qual aquelles perfeitos Religiosos escolhêrão o sitio, e ficárão naquelle deserto: que como desejavão conservarem-se no exercicio, que tinhão de derramarem lagrymas pelos peccados do mundo, e pelos proprios, vendo a fonte, que a isto os incitava, escolhêrão o ficar junto della. Finalmente todo o sitio era solitario, mais cercado de matos, e brenhas, que cultivado de frutos, aspero, e com algumas penedias, que o fazião mais devoto, e saudoso, e para a contemplação mais accommodado. Para se darem a esta, fazia cada hum daquelles Religiosos, que alli assistião, huma cabana debaixo das arvores, e entre os penedos, que na cerca ficavão: de dia, e de noite gostavão neste retiro daquella suavidade, e doçura, de que os contemplativos se alimentão.

3 Não pareça enfadonho ao Leitor desta Historia a miudeza, com que descrevo o sitio deste Convento (o mesmo estylo observarei quando tratar dos mais) porque ordinario he entre os Historiadores, quando querem tratar de algum Reino, Cidade, Lugar, ou Provincia, começar pela cosmografia, e descripção do sitio della. E como quer que, segundo diz o Filosofo, o mais, e o menos não diffirão em especie; as leis, que guardão os que querem tratar de Reinos, Provincias, ou outras cousas maiores (como he tratar da Asia, Africa, e Europa) essas mesmas he bem que guardem os que hão de tratar de cousas menores, como nós havemos de fazer dos Conventos da Provincia: e nesta mesma especie temos exemplo de Varões sinalados, que imitar. Não teve S. Bernardo (ou o que copilou suas obras) por cousa impertinente pôr entre el-

las

las a descripção do sitio do Mosteiro de Claraval, que fundára, com tantas particularidades, que lhe não fica por dizer o que tinha de valle, de monte, de vinha, de pomar, de bosque para lenha, de horta, e quanto de circuito a cerca: como era de verão fresco, e ameno: como o campo se vestia de odoriferas flores: como hum ribeiro perenne o regava com suas aguas crystallinas: como era gosto ver andar nadando os peixinhos nellas, que encontrandose huns com outros, davão semelhança de dous exercitos contrarios: como o ribeiro não só regava as arvores de fruta do jardim, e a hortaliça, mas tambem entrando em o Mosteiro discorria por todas as officinas delle, onde era necessario: e depois de lhe ter dado estes, e outros proveitos, se sahia fóra da cerca, com só haver por paga, o deixarem-o ir livre: como havia mais huma fonte de agua muito boa: quaes, e quão fortes, ou sumptuosos erão os edificios, e outras particularidades descreve o Santo, que seria longo dizer.

4 Do mesmo estylo de pôr a descripção dos sitios de seus Mosteiros, com todas as particularidades delles, usárão outros muitos, e mui doutos Religiosos, como o fez o Mestre Fr. Anjo Manrique da Ordem de Cister, que descreveo o sitio do Mosteiro chamado da Horta, com só a occasião de haver de tratar da vida do Santo Fr. Martinho da Finojosa, que nelle fora Abbade, e ahi tinha sua sepultura. O mesmo fez com tanta miudeza, como elegancia, o Padre Siguença, Chronista da Ordem de S. Jeronymo, tratando de seus Conventos em Hespanha. Pelo que não se tenha por cousa nova fazer eu o mesmo, quando for tratando das Casas desta Provincia, como o fiz nesta primeira, da qual vemos ainda hoje no sitio, que fica referido, a Igreja, supposto que renovada, com tudo na fórma que antes era: tem vinte e sete palmos de comprido, e pouco mais de doze de largo: he ainda hoje frequentada de muita gente, e muitos annos depois que os Religiosos a deixárão, se sentia em certos dias hum particular cheiro, e huma extraordinaria suavidade. Esta, segundo dizem alguns vizinhos, se sente ainda hoje em o dia da Ascensão de nosso Senhor aos Ceos.

CAPITULO III.

De como se ampliou a Cerca da Piedade, e da occasião, que para isso teve.

1 AO sitio, que os nossos Capuchos escolhêrão para nelle fundarem a primeira Casa, tinha Deos guardado para palestra, em que se exercitassem os que havião de fundar a Reforma Capucha em toda a Hespanha, e assim de longe lhe preparou os alicerces, e lançou os fundamentos, porque muito antes que nelle entrassem, o tinha jà feito escola da virtude, preparando este lugar para os Piedosos por meio de hum Sacerdote, servo seu, por nome Alvaro Fernandes. Era este Santo Varão [a] natural de Villa-Viçosa: tinha huma pequena horta entre os dous cabeços, que estão onde se fundou a nossa primeira Casa, e como o lugar era tão apartado da communicação da gente, e accommodado como tal para a contemplação, e vida heremitica, inspirado por Deos, à imitação dos antigos Padres do Hermo, determinou naquella horta passar o restante de sua vida.

[a] Memor. da Prov. Agiol. Lusit. tom. 1. a 15. de Fev. lit. b.

2 Mandou logo fazer junto della hum devoto Oratorio, e perto delle humas pequenas Casas, nas quaes se recolheo, vacando continuamenre a espirituaes exercicios, sendo sua vida tão regular, e austéra, que a todos servia de exemplar perfeitissimo, principalmente aos Sacerdotes, em quem se requere mais virtude; pois, como diz S. João Chrysostomo, [b] grande confusão he sua acharem-se na Republica seculares mais perfeitos, e virtuosos que elles. Finalmente nestes santos exercicios, silencio perpetuo, oração continua, penitencia austéra, gastou os dias de sua vida, sem afrouxar hum ponto do rigor começado, atè que foi chamado por Deos ao Reino perduravel, onde goza o premio de seus santos trabalhos, e merecimentos. Em seu testamento vinculou em Capella aquella horta, com alguma mais fazenda, que tinha, a qual deixou a Sacerdotes, que naquelle sitio, à imitação sua, quizessem fazer vida heremitica, e solitaria. Morreo Alvaro Fernandes pelos annos do Senhor de 1400. não faltárão Clerigos virtuosos, que lhe succedessem no lugar, porque alèm de terem commodidade para se darem a Deos mais livremente, tinhão tambem o necessario para poderem passar a humana vida. Vivêrão alguns naquelle lugar atè quasi o tempo, que os nossos Frades entrárão neste Reino; mas como experimentassem a aspereza do sitio, e as muitas enfermida-

[b] Chrys. Hom. 40. in perfecto.

dades, que padecião, o tornárão a deixar: sahião huns, entravão outros, atè que chegou a tanto, que vierão a deixar as Casas, Oratorio, e horta, ficando tudo sem dono desamparado.

3 Considerando os Frades que naquellas casas, e fazenda se podião metter algumas pessoas seculares, cuja vizinhança lhes poderia servir de alguma molestia, por estarem mui contiguas ao Convento, e dellas se devaçar toda a cerca, o propuzerão ao Duque; o qual, por serem aquelles bens de Capella, e deixados para obra pia, e não se poderem haver comprados, fez supplica ao Papa Leão X. que então tinha a Cadeira de S. Pedro, relatando nella, como aquellas casas, e horta estavão desertas, por não haver Clerigos, que ahi quizessem morar, segundo a instituição do testador, e as poderião usurpar algumas pessoas seculares, que prejudicassem ao recolhimento dos Religiosos Frades Menores Reformados, que naquelle lugar tinhão hum Mosteiro contiguo. Pelo que pedia à S. Santidade quizesse commutar a vontade do testador, applicando aquellas casas, e horta vizinha ao Mosteiro dos ditos Frades, e outros bens, de que constava a Capella, ao Hospital do Espirito Santo de Villa Viçosa.

4 Deferio o Summo Pontifice à supplica, concedendo o que se lhe pedia, por hum Breve [c] dado em Roma a treze de Novembro do anno de 1514. e segundo de seu Pontificado: começa elle: *Cùm sicut nobis, &c.* veio dirigido a Antonio Puccio Subdecano da Igreja de Florença, e Nuncio neste Reino, o qual em quinze de Fevereiro do seguinte anno fez a encorporação da sobredita horta, e casas à cerca do nosso Convento, e applicou os mais bens da Capella ao Hospital do Espirito Santo, na fórma, em que se pertendia. O auto, que por esta occasião formou o Notario Apostolico Scipião Baccio, Secretario do sobredito Nuncio; escrito em pergaminho com sello pendente em caixa de latão, se conserva ainda hoje em o Arquivo da Provincia. [d] Mandou o Duque estender mais a cerca do Convento, de maneira que tudo ficasse dentro, como os Frades pedião, e desejavão para sua quietação, e espiritual socego; e com isto ficárão livres do receio, que tinhão de poderem aquellas casas em algum tempo prejudicar a seu recolhimento.

[c] Habetur in Conv. Pietatis.

[d] Asservatur ibid.

5 Varias mudanças experimentou este Convento da Piedade. Ainda não tinhão nossos Religiosos assistido nelle trez annos inteiros, quando lho fize-

zerão deixar, entregando-o aos Padres Obſervantes da Provincia de Portugal, que o habitaſſem, pela occaſião, que deixamos dito [e] no primeiro Livro. Em o anno de 1508. no-lo reſtituírão: nelle vivemos atè o de 1547 em que o Duque D. Theodoſio primeiro do nome, vendo que o ſitio era tão doentio, que raro era o Frade alli morador, que eſcapaſſe de mortal, ou prolongada doença, e por outra parte difficultoſos os remedios pela diſtancia, em que ficava da Villa, nos fez outro mais junto della. Sahio eſte ſegundo ſitio pouco melhorado ao primeiro; por cuja cauſa a Senhora D. Catharina, e ſeu filho o Duque D. Theodoſio, ſegundo do nome, o mudárão terceira vez para o lugar, onde agora eſtamos, como diremos com mais miudeza a ſeu tempo.

[e] Sup. l. 1. cap. 17.

CAPITULO IV.

Da-ſe noticia do Duque D. Jaime, Padroeiro da Caſa da Piedade, e de toda a Provincia.

1 O Fio da hiſtoria eſtá pedindo que demos noticia neſte lugar do Excellentiſſimo Senhor Duque D. Jaime; pois ſe não póde dar cabalmente dos Conventos, ſem que tambem ſe faça menção de ſeus Padroeiros, ou dar-ſe à razão, por cuja ordem ſe fundárão. E como eſte Principe deo à Provincia ſinco, ſerá neceſſario dizer quem foi neſte primeiro, deixando a razão, que teve de nos fazer caſas, e ſer noſſo Padroeiro, por ficar jà atràs relatado. Foi elle quarto Duque dos que teve a Auguſta Caſa de Bragança; e tão Real pelo ſangue de ſeus aſcendentes, que ſe pela parte do Pai D. Fernando, ſegundo do nome, a quem chamárão o Africano, trazia ſua deſcendencia de ElRei D. João o primeiro, e daquelle Marte Portuguez, o grande, e valeroſo D. Nuno Alvares Pereira, ſeus terceiros Avôs: pela parte da Mãi a Senhora D. Iſabel, era neto do Infante D. Fernando, Irmão de ElRei D. Affonſo quinto, e ſobrinho, filho de huma Irmã de ElRei D. Manoel, hum dos mais felices, e bem afortunados Reis, que houve no mundo. Finalmente em a noſſa Europa não houve em ſeu tempo Principe, que em ſangue ſe lhe aventajaſſe; porque com os melhores, que nella havia, eſtava eſte grande Duque aparentado. Foi jurado Principe herdeiro deſte Reino na occaſião, que ElRei D. Manoel ſeu tio, à inſtancia dos Catholicos Reis D. Fernando, e D. Iſabel, foi a Caſtella.

2 E ſe no ſangue Real, que her-

herdou de ſeus progenitores, ſe igualou aos mais aventajados Principes do mundo; nas virtudes peſſoaes ſe aventajou a muitos delles. Era eſte Sereniſſimo Principe naturalmente brando para todos, mui comedido nas palavras, e igualmente prudente nas obras: a ſeus vaſſallos tratava com tanta affabilidade, e benevolencia, que mais parecia pai, que ſenhor: merecia aquelle titulo, que todos davão geralmente a Tito em ſeu tempo, chamando-lhe regalo do genero humano, por ſe moſtrar a todos benevolo, e affavel. Não era menor a benevolencia do Duque, donde naſcia ſer amado geralmente de todos; couſa, que deve procurar todo o legitimo Principe, pois iſto o diſtingue do tyranno. Por iſſo dizia Veraldo, [a] que o primeiro dote de qualquer Principe, e Rei, era ſer benevolo, e benigno. A benevolencia, e affabilidade forão os feitiços, de que Abſalão uſou para attrahir a ſi, e roubar os corações dos filhos de Iſrael, de tal ſorte, que lhes fez tomar as armas [b] contra o melhor Rei, que teve o mundo. Tanto póde a affabilidade; e mais pudéra, ſe ſe ordenára a melhor fim.

3 Não foi tambem menor que ſua benevolencia a affeição, que o Duque teve às couſas da Religião, e aos virtuoſos: a eſtes amparava, e defendia, como fez aos noſſos primeiros Fundadores, que vendo-os neſte Reino neceſſitados de favor humano pelas perſeguições, que em Caſtella padecião, os amparou, e defendeo de ſeus emulos, de tal ſorte, que ſuppoſto forão muitas, e mui forçoſas as oppoſições, contra todas eſtas conſeguírão a Reforma, que intentárão. E não accreſcenta iſto pouca gloria à Real Caſa de Bragança: pois aſſim como o outro Conſtantino Magno, cavando os alicerces, e lançando os primeiros fundamentos do Templo dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, em Roma, foi cauſa de que a Santa Fé, que então andava perſeguida, e encantoada, ſahiſſe a publico, e ſe dilataſſe por todas as partes, edificando-ſe no mundo outras muitas Igrejas por ſeu exemplo, aſſim eſte grande Duque, lançando a primeira pedra no Convento da Piedade, que edificou aos noſſos Frades, foi cauſa de que eſta Reformação, que perſeguida, e encantoada andava, ſahiſſe com tão maravilhoſo effeito a publico, e ſe eſtendeſſe tanto, havendo quem por ſeu exemplo edificaſſe pelo mundo outros muitos Conventos deſte Inſtituto.

4 Que ſe com ſeu favor não ſahíra a luz em ſeu princi-

T pio,

[a] ...id. ...licit.

[b] ...eg. ...15.

pio, era mui contingente acabar esta Reformação no berço; porque Fr. Pedro de Melgar, suppofto que tinha a virtude, e espirito, para proseguir esta obra, sendo hum Frade pobre, sobre quem chovião nuvens de contradições mal pudéra vencer tantas difficuldades, como a cada passo se lhe offerecião, sem ajuda de tão forte braço. Com que se podem bem applicar a este Principe aquellas palavras de Isaias, que dizem: [c] *Foi feito fortaleza ao pobre, esforço ao mendigo em sua tribulação, esperança em o nevoeiro, sombra em o ardor do estio; porque o espirito dos robustos era como tempestade, que combate a parede.* Que taes erão as contradições, que esta Reformação sentia, procurando destruilla, e polla por terra; qual a tempestade, e impetuosa trovoada contra huma parede, que de fraca parece que está cahindo. Mas graças ao Duque, que foi feito fortaleza ao pobre, pondo seu hombro para sustentalla, juntamente com Fr. Pedro de Melgar. Que a traça, que Deos nosso Senhor ordenou, para ser firme qualquer edificio de honra sua, que se levante no mundo, he que o poder espiritual com o temporal, o Ecclesiastico com o secular, juntem seus hombros, [d] e forças em hum para sustentallo.

[c] Isai. c. 25. num. 4.

[d] Sophon. c. 3. n. 9.

5 Juntou-se em hum o grande poder do Duque, com o grande espirito de Fr. Pedro de Melgar, que forão os dous hombros, que sustentárão o edificio da Piedade: os dous pólos, sobre que foi fundada no principio, e estribou toda a maquina espiritual desta Reformação, que com tantas Provincias, à maneira de orbes Celestes, adornados de luzidos Planetas, de perfeitos Religiosos, allumeia a todo o mundo com seu exemplo. Que assim como o pólo Arctico, que chamamos Norte, he altissimo, e de singular luz, e claridade entre as estrellas (ainda que outras sejão maiores) e aquella constellação, que continuamente lhe anda diante, dita vulgarmente Busina, o descobre, e manifesta ao mundo, assim o Duque era altissimo, pela Real prosapia, e liança dos Sceptros, e Coroas de illustre, e claro sangue entre todos os Principes da Europa (ainda que outros fossem maiores em Reinos, e Senhorios,) e a leve fama com sua sonóra trombeta o dava bem a conhecer a todo o mundo. E assim como o pólo Antarctico, que resplandece em a parte inferior (quanto a nós) da fabrica Celeste com as estrellas, que o acompanhão, representa a figura, e imagem da Cruz, assim Fr. Pedro de Melgar com as virtudes, com que res-

reſplandecia ſua alma, acompanhadas da profunda humildade, e penitencia, bem repreſentava huma viva imagem do deſprezo, e mortificação da Cruz de Chriſto. E tambem como o ſobredito pólo Arctico nunca ſe perde de viſta no Emisferio deſta noſſa Europa, aſſim eſte generoſo Principe D. Jaime não ſe perde da memoria deſta noſſa Provincia, onde ainda hoje ſe offerecem por elle a noſſo Senhor orações, e ſacrificios: lembrança devida a bemfeitor tão grande.

6 No regimento de ſeus Eſtados, ainda que era benigno para todos, ſempre guardou inteiramente juſtiça, com que os conſervou em ſeu tempo florentes; que, como diz Macrobio, *e* ſem juſtiça não ha Republica, que ſe conſerve, nem caſa, que ſe não arruine. E ſe na adminiſtração do governo politico moſtrou bem ſua capacidade, e prudencia, não reluzio eſta menos no militar, como ſe vio naquella inſigne victoria, que alcançou da Cidade de Azamor *f* em Africa, que outros grandes Capitães de exercitos Portuguezes, havendo niſſo trabalhado, não pudérão alcançar. Que ſendo ella populoſa, e forte, e eſtando bem apercebida de gente bem verſada nas armas, que naquellas fronteiras ſe exercitavão continuamente, com ſó hum aſſalto, e ſem morte *g* de algum dos ſeus (que he o em que mais ſe moſtra a felicidade, e prudencia do Capitão) a tomou aos Mouros, que não ſe atrevendo a eſperar o ſegundo aſſalto, a deſampararão de noite ſecretamente. Pela manhã entrou nella o Duque triunfando, ainda que, ao que ſe póde crer, com o deſgoſto que Scipião em Numancia, por não achar reſiſtencia de inimigos, em que déſſe mais a conhecer o valor de ſeu braço. *h* Eſte foi o Excellentiſſimo Duque D. Jaime Protector, e Padroeiro noſſo: de quem ſeus Auguſtos ſucceſſores herdárão, juntamente com ſeus Eſtados, a ſingular devoção a eſta Provincia, como ſe irá vendo por todo o decurſo deſta Chronica.

e ...ob. ...nis ...nis.

f ...na ...D. de ...el ...c. 47.

g Maris Dialog. 4. cap. 19.

h Plutarch. in Scipion. vita.

CAPITULO V.

Do Santo Fr. João de Attaide, neſta Caſa da Piedade ſepultado.

1 SUppoſto que o Veneravel Religioſo Fr. João de Attaide não foi filho da noſſa Provincia da Piedade, com tudo, por viver em ſua primeira Caſa quaſi por tempo de ſinco annos, e ter nella ſua ſepultura, he bem que façamos delle memoria. Será porèm brevemente, e ſó quanto conduza

à noticia da Caſa da Piedade, de que vamos fallando, remettendo o Leitor à Chronica geral da Ordem, onde ſua vida anda relatada, [a] com os milagres, que Deos por elle obrou, ainda no eſtado ſecular. Foi pois o bemaventurado Fr. João de Attaíde filho de D. Martinho de Attaíde Conde de Atouguia, Caſa nobiliſſima neſte Reino, e de D. Filippa de Azevedo, ſua ſegunda mulher. Não teve outro; por cuja cauſa, e pelas boas partes, de que era dotado, era de ſeus pais muito eſtimado, e querido. Criavão-o com tão grande cuidado, como a filho unico, e ſucceſſor da Caſa; porèm o menino, ſuppoſto que não deſeſtimou aquelle grande amor, que o pai lhe tinha, eſtimava com tudo muito mais o grande, que Deos nos tem: e entendendo quanto maior era a obrigação de fazer a vontade ao Pai do Ceo, que ao da terra, determinou ſer Religioſo, e fugir aos enganos, e embaraços do mundo, deſprezando ſeus eſtados, e vaidades.

[a] Chronic. Ordin. 3 p. l. 9. cap. 19.

2 Para effeituar eſta generoſa reſolução, não eſperou mais tempo, que o que diſpõe o ſagrado Concilio Tridentino: [b] pois entrando em idade de dezeſeis annos, deixou a caſa de ſeu pai, e morgado, que lhe pertencia: foi a S. Franciſco de Alenquer, Convento da Provincia de Portugal, onde pedio, e recebeo o habito de noſſo Padre S. Franciſco. Não ſe póde encarecer o prazer, e alegria, que ſentio em ſeu coração, quando ſe vio veſtido em hum ſaial groſſeiro, couſa, que elle muito havia que deſejava: mas durou-lhe pouco o contentamento; porque como o Conde ſeu pai não tiveſſe outro filho, que lhe herdaſſe a Caſa, por força o tirou do Convento. Tratou logo o Conde de caſallo, pertendendo por eſta via divertillo de ſeu intento. Effeituou-ſe o caſamento com D. Beatriz da Sylva, filha de D. Affonſo de Vaſconcellos, Conde de Penella. Permettio Deos tal vez aquella violencia, para que ſeu ſervo foſſe perfeito exemplo a todo o eſtado; pois no conjugal fez tão ſanta vida, que o honrou Deos com milagres.

[b] Seſſ. 25. cap. 25.

3 Depois que enviuvou, eſſe pouco tempo, que viveo no mundo, nunca ſe deitou em cama, em lugar deſta uſava de huma dura taboa. Eſtava ainda nelle mui vivo aquelle ſeu primeiro deſejo de ſer Religioſo; e vendo-ſe jà livre do eſtado conjugal, reſolveo-ſe pollo em execução, e reſtituir à Ordem de noſſo Serafico Padre São Franciſco, o que ſeu pai por força lhe tirára; ſeguindo o conſelho de S. Paulo, [c] que diz

[c] 1. ad Cor. c. 7. n. 27

não

não deve nenhum homem celebrar segundas vodas. Alguns parentes seus lhe aconselhavão que pedisse a ElRei D. João II. a quem era mui aceito, mercê para seu filho, que lhe succedia na Casa: o que nunca pudérão acabar com elle; porque dizia que se elle a merecesse, ElRei lha faria, e que se a não merecesse, se perdia pouco.

4 Para deixar perfeitamente tudo, não quiz tomar o habito no Reino de Portugal, senão no de Castella, onde então florecia a Custodia, que hoje he a Santa Provincia dos Anjos, em muita aspereza, e observancia da Regra. Nesta lhe lançárão o habito, e professou a seu tempo, mas não esteve nella muito; porque ElRei de Portugal, como lhe era affeiçoado, fez com os Prelados da Ordem lho mandassem para o Reino. Veio Fr. João para a Provincia de Portugal, nella escolheo para sua vivenda os Conventos de Santa Catharina da Carnota, e de Santo Antonio da Castanheira, por mais retirados, onde todo seu exercicio era a oração, e com tanto fervor se dava a ella, que muitas vezes o vião em extase arrebatado.

5 Neste tempo andavão os nossos Capuchos edificando a Casa da Piedade em Villa-Viçosa; e succedendo mandallos ElRei D. Manoel sahir della, pela occasião, que temos dito, pedio o Duque D. Jaime aos Padres da Provincia de Portugal lha mandassem habitar de taes Frades, que lhe aliviassem as saudades, que os Capuchos lhe deixárão, quando della forão expulsos: particularmente pedio que viesse Fr. João de Ataíde, de cuja conversação queria gozar, pelo muito conceito, e noticia, que tinha de sua santidade. Nesta Casa viveo Fr. João quasi sinco annos, que tantos vão do de 1503. em que os nossos Capuchos se sahírão della, atè o fim de 1507. em que este servo de Deos foi lograr da Bemaventurança. Como era tão conhecida sua virtude, depois de sua morte tinha o povo nelle muita devoção: buscavão muitos a terra de sua sepultura para remedio de suas enfermidades: por este respeito se abrio nella hum buraco, por onde a tirassem, e achou-se que muitos lançando esta terra ao pescoço, recebêrão perfeita saude.

6 Nesta Casa da Piedade esteve sepultado, atè que nossos Frades se vierão para junto da Villa, que foi no anno de 1547. porque então trazendo os ossos de todos os Religiosos, que alli estavão sepultados, trouxerão tambem os deste servo de Deos; e separa-

dos

dos dos outros, os puzerão em huma ſepultura, em o Capitulo, à parte do Euangelho, deixando o meſmo buraco, que a primeira tinha, para que ſeus devotos pudeſſem participar da terra della. Alli eſtiverão muitos annos, atè que ultimamente D. Luiz de Attaíde, ſeu neto, e herdeiro da Caſa, os trasladou para o Moſteiro de S. Bernardino de Atouguia, por eſtar em a terra de ſeu Condado. Neſta trasladação quiz o Senhor moſtrar ainda a virtude, e ſantidade de ſeu ſervo, fazendo por elle o ſeguinte milagre. Eſtavão ſeus oſſos em caſa da mãi de D. Luiz; e achando-ſe ahi huma mulher, que havia muitos annos lançava ſangue pela boca, de que eſtava muito enferma, pedio com muita devoção de joelhos aos Frades, que levavão aquellas reliquias, lhas deixaſſem ver. Vendo-as, metteo huma na boca, e deſde aquella hora ficou sã, nem lançou mais ſangue por ella. Eſtão depoſitadas eſtas reliquias na Capella mór do ſobredito Convento em hum ſepulchro alto na parede, bem lavrado. Depois dos oſſos deſte Santo Religioſo ſerem levados do noſſo Convento da Piedade, não deixava a gente da Villa de pedir com a meſma devoção, e frequencia, que antes, a terra daquella ſepultura, em que eſteve, por meio da qual fazia o Senhor muitos milagres nos enfermos, atè o anno de 1610. que fazendo-ſe outra vez a Caſa de novo no ſitio mais alto, desfazendo-ſe juntamente com a antiga o Capitulo, ſe foi perdendo aquella devoção, e memoria.

CAPITULO VI.

Do Veneravel ſervo de Deos Fr. João de Guadalupe, Fundador da Caſa da Piedade.

1 EM o anno de 1503. era o proprio lugar de eſcrever a vida deſte Veneravel Religioſo, pois nelle morreo, indo para Roma, como fica dito; [a] mas como nelle andavamos occupados em hiſtoriar os varios ſucceſſos da nova Reformação, por não cortar o fio à Hiſtoria, a reſervei para eſte. Foi eſte grande ſervo de Deos Fr. João de Guadalupe natural da Villa de ſeu nome, bem conhecida em toda a Europa pela milagroſa Imagem de noſſa Senhora, que a illuſtra, e faz famoſa. Conſta que ſeus pais forão ricos; mas falta a noticia de ſua qualidade, e nomes. Cuidadoſos da boa educação deſte filho, o applicárão logo de tenra idade ao eſtudo das letras: aprendeo Grammatica no Se-

[a] Sup. l. 1. c. 15. n. 4.

Seminario, que naquella Villa tem o Convento do gloriofo S. Jeronymo. Depois de fer na Latinidade perito, foi a Salamanca eftudar Artes, e Theologia: fahio neftas ciencias mui douto; porque alèm de fer de engenho claro, era mui eftudiofo, e recolhido. Seu alivio erão os livros; eftes o recreavão, eftes o divertião: não fe deo às mocidades, e paffatempos, que nas Univerfidades são caufa de fe mallograrem mui aventajados engenhos.

2 Acabados feus eftudos em Salamanca, ordenou-fe de Ordens Sacras; e fe antes era irreprehenfivel fua vida, depois de Sacerdote procurou que foffe mais perfeita. Sua communicação fó era com Religiofos, e outras peffoas de virtude: com eftes gaftava algum tempo, o demais ou na oração mental, ou na lição da Sagrada Efcritura, e Santos Padres. Mortos feus pais, e ficando fenhor de confideravel fazenda, fazia quotidianas efmolas aos neceffitados; e fuppofto que dava com mão larga, fempre lhe pareceo pouco o muito, que com os pobres defpendia. Não fe defcuidava em mortificar a carne, antes fabendo, como diz S. Paulo, [b] que traz efta com o efpirito contínua guerra, com jejuns, cilicios, e difciplinas a mortificava, para que fahiffe vencedor o efpirito. Frequentava muito os Sacramentos, principalmente na Igreja da Mãi de Deos, a cuja fombra fe criára, de quem era por extremo devotiffimo: prezava-fe muito de exemplar, confiderando o efcandalo, que caufa no Sacerdote qualquer acção menos advertida.

[b] ...al. ...1.17.

3 Efta era fua vida, em quanto viveo no mundo, que forão quarenta annos, no fim dos quaes fuccedeo aquella maravilhofa conversão de Fr. João de Souto-Maior, ou de la Puebla, que fendo Conde de Belalcaçar, de la Puebla, e de Alcocer, movido com impulfos Divinos, renunciando feus Eftados, tomou o habito de S. Jeronymo no feu Convento de Guadalupe: pouco depois profeffou nas mãos do Pontifice Xyfto IV. a Regra de noffo Padre S. Francifco. Incitado Fr. João de Guadalupe com efta refolução, e exemplo, determinou confagrar-fe de todo a Deos em Religião, na mefma Cuftodia dos Anjos, a que o fobredito Fr. João de la Puebla dava em Caftella principio. Antes de receber o habito, cumprio o confelho, [c] que Chrifto deo ao outro mancebo, que diffe queria fer perfeito, que foi vender toda fua fazenda, e fem refervar para fi coufa alguma, a deo toda a pobres.

[c] Matth. c.19. n.21.

4 No tempo de feu novicia-

ciado moſtrou em todas ſuas acções tanto eſpirito, que vendo os Religioſos tão bons principios, eſperavão todos aventajados progreſſos, e relevantes fins. Nem ſe enganárão; porque depois de profeſſo, todo o ſeu cuidado era ir creſcendo de virtude em virtude. Poucos mezes tinha de profeſſo, quando ſeu Cuſtodio, e Prelado Fr. João de la Puebla lhe encommendou a edificação de hum Convento chamado S. Domingos, ſituado na Vera de Placencia, junto a Xarandilha. Neſta occupação deo o Veneravel Guadalupe tão boa conta, que ſem faltar ao edificio material daquelle Convento, edificou eſpiritualmente com ſua doutrina, e vida exemplar muitos templos vivos de Deos, arruinados pela culpa. Prégava por todos aquelles lugares da Vera, e valle de Placencia, onde ſeus Sermões fazião tão copioſo fruto, que lhes faltava tempo para confeſſar aos que por elles ſe convertião à melhor vida. E ſuppoſto attendia com tanto cuidado ao aproveitamento eſpiritual dos proximos, não ſe eſquecia do proprio: não faltava a ſeus exercicios eſpirituaes; que ſe em o activo gaſtava os dias, na contemplação paſſava a maior parte das noites. Era notavel o deſvelo, com que procurava o deſprezo de ſi meſmo; a eſte fim ſe encaminhavão os disfarces, com que ſahia aos povos, como jà referimos, [d] procurando ſer deſprezado, e abatido.

[d] Supr. l. 1. cap. 2.

5 Sómente ſeis annos eſteve Fr. João de Guadalupe na ſua Cuſtodia dos Anjos, que como Deos o guardava para Author de huma nova Reformação, no fim delles lhe deo vivos impulſos de a fundar, e renovar o primitivo da Serafica Ordem. Como a obra era difficultoſa, vio-ſe embaraçado nos principios; mas como foſſe approvada ſua empreza por Varões doutos, e virtuoſos, com quem a communicava, principalmente pelo ſervo de Deos Fr. João de la Puebla ſeu Prelado, ſe veio a perſuadir que era obra de Deos, e como tal, havia de ter o ſeu amparo. Confiado neſte foi a Roma, impetrou hum Breve de Alexandre VI. em que lhe concedia pudeſſe edificar hum Convento no Reino de Granada, pouco antes conquiſtado aos Mouros pelos Catholicos Reis de Caſtella, porèm não teve effeito. Depois por virtude de outros dous Breves do meſmo Pontifice fundou Caſas em Caſtella; e em Portugal a noſſa da Piedade em Villa-Viçoſa, de que ſe erigírão as duas Provincias da Piedade, e de S. Gabriel.

6 Os trabalhos, e oppoſições, que teve neſta empreza, ficão

ficão diffusamente referidos no primeiro Livro; em todos mostrou notavel tolerancia, atè que sendo Deos servido premiallos, o levou desta para melhor vida. Foi sua morte em Civitela em hum Convento da Observancia, indo para Roma em beneficio de sua Congregação. Ficou seu corpo sepultado naquelle Convento, vivendo por muitos annos naquelles Padres a memoria de tão perfeito Religioso, a quem venerão, como a verdadeiro filho de nosso Serafico Padre S. Francisco. O Martyrologio Franciscano põe sua morte em onze de Setembro, elogiando a este Veneravel Religioso com os titulos de Varão de fervoroso espirito, e de maravilhosas virtudes.

7 Não fora a relação da vida deste grande servo de Deos tão succinta, se os Padres daquelle tempo no-la deixárão escrita; mas como lhes faltou o cuidado de escrevella, ficou-nos a nós precisa a brevidade no relatallo: se bem que para presumirmos que foi o Veneravel Guadalupe aventajado na virtude, basta sabermos que foi o primeiro, que poz mão no edificio da Congregação Capucha; pois tendo-o Deos destinado para este ministerio tão grande, havemos de julgar que lhe deo a capacidade necessaria, adornando-o de virtudes, e de muitas graças sobrenaturaes, como aos outros Authores de particulares Congregações, quaes são os Amadeos, Colectaneos, Clarenos, e outros, com quem repartio daquelle espirito Serafico de nosso Padre, como já tinha feito aos setenta Anciãos, para coadjutores de Moysés. [e] E sendo o nosso Fr. João de Guadalupe Author de huma Congregação tão particular, como a Capucha, claro está que com particularidade havia de entrar nesta divisão de espirito: e suppra esta conjectura a falta de noticias, que temos.

[e] Num.c.11. num. 25.

CAPITULO VII.

Vida, e morte do grande servo de Deos Fr. Pedro de Melgar.

1 AO Veneravel Religioso Fr. Pedro de Melgar se deve o titulo de principal Fundador da nossa Provincia da Piedade; porque supposto Fr. João de Guadalupe foi o primeiro, que entrou em Portugal, e em Villa-Viçosa fundou a primeira Casa, com tudo, como morreo dahi a trez annos, e a Casa da Piedade, que fundado tinha, foi entregue aos Padres Observantes; tornando Fr. Pedro de novo a recuperalla, e fundar outras neste Reino, com que deo principio

pio a esta Provincia, podemos dizer que foi o principal Fundador della, e que a nenhum outro deve tanto. Este titulo lhe dá Fr. Artur, *a* Gonzaga, e a Chronica Geral do Bispo do Porto. Como tal he digna sua vida de memoria, ainda que não pedíra particular menção a virtude singular, em que floreceo.

a Martyrol. Minorit. die 3. April. Gonz. 3. p. fol. 943. Chronic. Ordin. l. 9. c. 28.

2 Foi Fr. Pedro natural de Valença, chamada de Alcantara, Villa dos Reinos de Castella, mettida huma legua da arraia para dentro, pela parte, em que Portugal della se divide. Chamou-se Fr. Pedro de Melgar, por ser appellido de sua geração por parte de sua mãi, que era dos Melgares, gente mui principal daquelle povo, que creio teve principio no illustre Conde Fernão Mentales de Melgar, bem celebrado nas historias de Hespanha. *b* E assim que por parte de sua mãi era Fr. Pedro muito nobre, e pela do pai não menos qualificado, pois por elle descendia dos Bobadilhas, conhecidos por mui illustres por todas as partes daquelles Reinos. Inclinou-se de sua tenra idade ao exercicio militar, e nelle se occupou alguns annos, mostrando em toda a occasião animo brioso, e singular valor, pelo qual era jà mui conhecido. Quando pelos annos do Senhor de 1474. succedêrão aquellas tão porfiadas guerras, que por morte de ElRei Henrique IV. houve entre ElRei D. Fernando de Aragão, e ElRei D. Affonso V. de Portugal sobre a herança do Reino de Castella, que ambos procuravão, servio nellas Fr. Pedro por parte dos Aragonezes, e por sua industria se ganhou a Villa de Alcochete, trez leguas de Lisboa. Mas como os successos da guerra são tão varios, que he hoje vencido, o que hontem foi vencedor, succedeo que em outra occasião, querendo mostrar seu esforço, commetteo os Portuguezes mais animoso, que acautellado, foi por elles prezo; e carregando-o de ferros, e grossas cadeas, o tiverão algum tempo em hum escuro carcere, atè que Deos milagrosamente o livrou delle, quasi pelos mesmos termos, com que de outro semelhante livrou a S. Pedro seu Apostolo. *c*

b Morales n. 17. c. 13

3 Foi o caso, que estando naquelle carcere obscuro, se vio huma noite cercado de claridade, e livre das cadeas, e assim mesmo abertas as portas: sahio do carcere sem algum impedimento, porque não houve pessoa alguma do exercito contrario, que o detivesse. Considerando depois Fr. Pedro attentamente este beneficio, e caso milagroso, propoz mudar a vida; e se antes militava debaixo da bandeira do Rei da terra, jà

c Act. c. 12 num. 7.

jà ſe reſolveo a aliſtar-ſe debaixo da bandeira da Cruz de Chriſto. Eſtava neſte tempo deſpoſado com huma nobre Senhora; e para a perſuadir entraſſe tambem em Religião, veio a Valença ſua patria. Admittio ella o conſelho, pondo-o com grande goſto em execução, e Fr. Pedro eſcolheo a de noſſo Padre S. Franciſco: tomou o habito no Convento de noſſa Senhora dos Anjos, na Serra da Gata, que então era da Provincia de Sant-Iago, da Familia da Obſervancia. No anno do noviciado forão muitas, e mui grandes as tentações, que teve; porque o demonio parece perſentido jà quão contrario lhe havia de ſer Fr. Pedro, ſe profeſſava, repetia muito amiudo as baterias, atè que rendido à ſua vehemencia, deixou o habito; e ſahio-ſe da Religião.

4 Tornou a ſeu antigo exercicio de Soldado em a conquiſta do Reino de Granada; porèm como forão poucos os que ſe ſahírão da Religião, que logo ſe não arrependeſſem, não paſſou muito tempo, que ſe não viſſe Fr. Pedro arrependido, e confeſſaſſe ſeu erro. E como Deos o tinha deſtinado para principal Fundador da Provincia da Piedade, e ſua pedra fundamental, aſſim como ao outro Pedro da ſua Igreja, poz tambem nelle ſeus olhos, movendo-o com outros novos impulſos, a que deixaſſe a milicia, em que eſtava, e foſſe buſcar a eſpiritual, que tinha deixado. Poucos impulſos forão neceſſarios para o renderem, porque ainda vivia nelle alguma faiſca daquelle ateado fogo do eſpirito, com que havia pedido o habito, e ardeo em ſua alma os poucos mezes, que o teve. Para moſtrar ſeu arrependimento àquelles Padres, de cuja companhia ſe ſahíra, e os obrigar a que o aceitaſſem de novo, deixando então o bemafortunado mancebo as gallas, e brios de Soldado, ſe ſujeitou a huma aſpera, e penitente vida, recolhendo-ſe em traje pobre, e deſprezivel em huma Hermida de Serra Morena, chamada Bella-Roſa, e muitos annos depois ſe chamava do Melgar, pela habitação, que eſte ſervo de Deos nella fez.

5 Alli ſe deteve algum tempo, fazendo vida contemplativa, e ſanta, atè que procurou lhe deſſem o habito na meſma Caſa de noſſa Senhora dos Anjos, onde antes o tinha tomado, para que aos meſmos, a quem com ſua inconſtancia eſcandalizára, edificaſſe com a perſeverança. Obrou tão fervoroſo no anno do noviciado, que bem moſtrava ſerem ſuas obras procedidas de hum perfeito deſengano do mundo. Tinha jà cabal

conhecimento delle, e quão pouco se podia esperar de suas cousas; e daqui lhe nascia entregar-se a Deos com tão extremado fervor, que supposto era aquelle religioso Convento mui regular, e observante, com tudo Fr. Pedro manifestamente já em noviço se aventajava a todos; mas assim obra, quem assim se desengana. Cumprido o anno do noviciado, professou na mesma Casa de nossa Senhora dos Anjos, onde tinha tomado segunda vez o habito, e não em outra do mesmo nome, que era da Custodia dos Anjos, como alguns disserão. Na profissão, por sua extremada humildade, se aggregou ao numero dos Frades leigos, sendo que tinha partes dignas do Coro, e Sacerdocio.

6 Era tanta sua mortificação corporal, que servia de admiração a seus companheiros: usava de perpetuos cilicios, disciplinas, e jejuns: a cama era o desabrido chão, ou huma taboa nua: a abstinencia, e descalcez continua, com outras penalidades deste genero, em tanto extremo, que julgando o Prelado excedião as forças humanas, muitas vezes lhe hia à mão, para as moderar. Buscava occasiões inventadas com sagacidade Christã, para ser desprezado, e julgado do mundo por ignorante, sabendo que o que para o mundo he mais simples, fica sendo para Deos [d] o mais prudente.

[d] 1. ad Cor. c. 1. n. 25.

7 A oração era o seu ordinario exercicio, onde recebia de Deos muitos favores: entre os quaes foi hum manifestar-lhe, que supposto havia de ter muitas, e mui grandes opposições na Reforma, que desejava, com tudo que perseverando em seu intento, todas venceria. [e] Foi em fim tão perfeito, que tratando Gonzaga de sua morte, lhe dá nome de Religiosissimo em gráo superlativo, [f] dizendo que foi dotado de mui singulares dons, e graças: nem menos elogia sua virtude o Martyrologio Minorita, pois diz delle, que na oração, abstinencia, paciencia, perfeição de vida, e no grande fervor de espirito, fora com singularidade assinalado. Como era tão perfeito, daqui lhe nascia hum ardente desejo, que tinha da Ordem se não relaxar, antes se augmentar em austeridade, e rigor. Communicou este seu celestial espirito com alguns Varões Apostolicos da sua Provincia; e achando-os preparados para o seguirem, deixou a dita Provincia, e com Breve de Alexandre VI. fundou a pobre Casinha de Truxilho, que foi o primeiro Convento Capucho da Ordem, ao qual ajuntou outros semelhantes.

[e] Moles cap. 10. Chronic. Provinc. S. Gabr. l. 1. c. 15.

[f] Gonzag. Fr. Artur supr. cit.

8 As

8 As contradições forão tantas, quantas deixamos jà referidas por todo o primeiro Livro; porèm todas venceo, como na oração lhe tinha o Senhor revelado. Chegou a ver a sua Reformação feita Custodia, logrando jà quietação, e sossego, fruto sem duvida alguma de seus grandes trabalhos. Vendo-a pois neste estado, e que não havia jà difficuldade alguma, que vencer, recolheo-se Fr. Pedro na Casa do Bosque; e como se em sua vida não tivesse feito a Deos algum serviço, desoccupado dos officios da Ordem, assim se entregou de novo às penitencias, vigilias, e orações, que se admiravão os Frades de ver que hum corpo humano jà tão debilitado pudesse soffrer tanto. Sendo jà de idade de setenta e quatro annos, conhecendo que Deos o chamava para si, supposto que toda sua vida tinha sido huma preparação para a morte, com tudo neste ultimo fim se preparou com hum novo, e extraordinario fervor para a jornada. Recebeo com muita devoção os Sacramentos, chamou os Religiosos, e exhortou-os, como bom Pastor, que havia sido, à perseverança do bem, que tinhão começado, encommendando-lhes muito sobre tudo, que se amassem huns aos outros, como verdadeiros discipulos de Christo.

9 Nestas praticas estava o Varão Santo, quando lhe chegou o ultimo instante de sua vida. Entregou a alma nas mãos do seu Creador, que desejosa daquella soberana dita, parece que não cabia jà no corpo. Foi seu felice transito no anno do Senhor de 1516. a vinte e oito de Maio, hum anno antes que a sua Custodia da Piedade fosse levantada em Provincia, e não no de 1522. em que o traz Waddingo. [g] Deixou tão grande opinião de Santo naquella Villa de Borba, que todos com muita devoção pedião por reliquias as pobres alfaias de seu uso, e os que tanto não alcançavão, levavão depois a terra de sua sepultura, com a qual dizião saravão de muitas, e diversas enfermidades. Foi seu santo corpo sepultado na claustra do Convento, onde esteve atè o anno do Senhor 1548. tempo, em que o dito Convento foi reedificado; então para que estas reliquias ficassem mais seguras, forão depositadas juntamente com as do Santo Fr. Francisco da Gatta, debaixo de huma escada, que sobe para a varanda, junto da porta da Capella, por onde hoje se entra na Igreja. Deste lugar faltárão humas, e outras; mas de que maneira, direi ao diante, quando escrever a vida do segundo.

[g] Wadding. tom. 8. ad ann. 1522. num. 7.

Do

Do Veneravel Melgar faz illustre memoria o Author do Agiologio Lusitano, [b] conformando-se no dia, e anno de seu transito com os Memoriaes desta Provincia.

[b] Agiol. Lusit. tom. 3. a 28. de Maio lit. a

CAPITULO VIII.

Do Convento de S. Francisco de Chaves, segunda Casa, que teve esta Provincia.

1 NA Comarca de Tras os montes, junto à Raia de Galiza está situada a Villa de Chaves, que he a antiga [a] *Aquas Flavias*, tomando o nome do Emperador Flavio Vespasiano, mui conhecida em tempo dos Romanos por sua abundancia de mantimentos. No dominio temporal he dos Duques de Bragança; no espiritual pertence à Diecese de Braga. Junto desta Villa, para a parte do meio dia, fica huma formosa, e espaçosa veiga, regada com a corrente do Tamaga, rio famoso, cujas aguas de mais de lhe fertilizarem as terras, lhe dão tambem abundancia de pescados. Passase este rio por huma ponte notavel em fortaleza; porèm não em o edificio, porque nem he muito grande, nem muito lustrosa, mas tão forte, que sendo feita no tempo dos Romanos, [b] atègora não houve enchente, que a movesse de seu lugar, ou lhe fizesse prejuizo.

[a] Marian. de reb. Hisp. l. 7. fol. 353.

[b] Britt Monarq. Lusit. 2. p. l. 5. cap. 11.

2 Da outra parte do Rio na dita veiga ficava o Convento de nosso Padre S. Francisco, tão antigo, que não ha poder descubrir quando se deitou nelle a primeira pedra, por mais que alguns sobre este ponto se tem desvelado. Na mão de hum Antonio Gonçalves, Cura de S. Domingos, termo da dita Villa se achou huma escritura feita por mão de Tabellião, a qual dizia: *Sendo Guardião deste Mosteiro Fr. Rodrigo de Moraes Conventual, contratou com o Mestre Joannes, Mestre dos muros da Villa, em a era do Senhor de 1446. o qual tomou a empreitada da abobada da Capella, com quebrar elle mesmo a pedra, em preço de vinte mil reis, e sincoenta alqueires de centeio.* Não diz a Escritura outra cousa, nem falla em outra pessoa: e assim entre os naturaes da terra, ainda que se tem por cousa certa, que no tempo do dito Fr. Rodrigo de Moraes se mandou fazer a Capella da Igreja de pedraria, com tudo he tradição ser o Convento mais antigo, e que os Cavalleiros chamados Templarios vivêrão nelle, antes que os Conventuaes alli fizessem sua habitação. Por parte desta vulgar opinião está o chamar-se aquel-

la

la Caſa S. João da Veiga, antes que foſſe chamada de São Franciſco; e eſta mudança de Titulares não favorece pouco àquella tradição.

3.p. 5. 22. c. v. 11. 3 Contra ella porèm eſtá Gonzaga, [c] e com elle o Chroniſta da Santa Provincia de Portugal, os quaes dizem que foi eſte Convento fundado pelos Conventuaes, ſendo que nenhum delles nos diz o anno de ſua fundação; ſómente o ſegundo lhe ſinala o anno de 1424. ſem mais razão que tello deſoccupado, e perdeo muito de antiguidade, a não ter o ſobredito Author livre outro anno anterior ao nomeado. O certo he, que ainda que ſabemos que o Convento de Chaves he mui antigo, não he poſſivel averiguar quanto o ſeja, porque he eſte hum ſegredo dos que o tempo tem ainda fechado a ſete chaves. Dos Conventuaes o recebêrão noſſos Frades à inſtancia do Duque de Bragança D. Jaime em hum Capitulo, que celebrárão aquelles Padres em Guimarães no anno de 1505.
.1. n. 2. como temos dito [d] no primeiro Livro. Era eſta Caſa de paredes fortes, como são todos os edificios antigos; e eſte o era tanto, que por entre a parede de huma parte levava huma eſcada de pedra, pela qual ſubião a ſima Dentro na clauſtra corria huma fonte de copioſas aguas, trazidas de longe por hum cano, que a gente da terra, attendendo à falta, que della tinhamos, depois de ſer a Caſa noſſa, no anno de 1529. fez à ſua cuſta, dando cada hum para iſſo ſuas eſmolas, conforme ſua poſſibilidade.

4 Nem lhe faltava aqui a cerca ordinaria, de que os Conventos, e principalmente os Capuchos tanto neceſſitão: e eſta era tão grande, e cheia de arvoredo, que das paredes para dentro tinha huma grande mata de carvalhos, que ſervia de dar lenha para o fogo, e hum pomar de fruta mui baſtante. Alèm diſto outra muita terra deſpejada para hortaliça, que como jejuamos a maior parte do anno, fica ſendo eſta entre nós a mais neceſſaria. Todas eſtas couſas fazião o ſitio alegre, e aprazivel, ſe não tivera huns contrapezos, que o deſmanchavão; porque como eſte Convento ficava em lugar baixo, e abafado, ſujeito aos vapores do rio, era doentio por extremo, mui calmoſo no Verão, e não menos frio no Inverno. E aſſim os Religioſos, que alli hião morar, raramente eſcapavão de enfermidades: e muitos jà deliberadamente ſe hião entregar nas mãos da morte, que recebem de boa vontade, lembrando-ſe do que diz o Apoſtolo:
[e] Se vivemos, vivemos para Deos; [e] Ad Rom. c. 14. n. 8.

Deos; e se morremos, para Deos morremos: pelo que vivos, e mortos de Deos somos.

5 He a gente desta Villa, e seu termo mui devota, e assim provê aos Frades com tanta abundancia, que morando nesta Casa quinze atè dezoito Religiosos de ordinario, mui poucas vezes se tem visto em falta. Acode-lhe tambem liberalmente com suas esmolas ordinarias a Real Casa de Bragança, como faz às outras, que temos em seus Estados. Na Capella deste Mosteiro, feita no tempo de Fr. Rodrigo de Moraes, como temos dito, para a parte do Euangelho, mettida na parede, ficava huma sepultura grandiosa, e de magestade, cuberta com huma vieira de pedra bem lavrada, e nella as Armas Reaes com hum breve letreiro pela orla, em que se declarava, como alli estava sepultado o primeiro Duque dos Serenissimos da Real Casa de Bragança D. Affonso, filho de ElRei D. João o I. Na outra parede, que lhe ficava defronte, à parte da Epistola, para melhor correspondencia, e perfeição da arquitectura, estava hum Anjo tambem de pedra, com hum escudo nas mãos, e nelle as mesmas Armas. Donde colligimos sem duvida nenhuma que o dito Duque mandára fazer esta Capella, ou fora a principal causa, para que aquelle Guardião a mandasse fazer: o que se vê mais claro por huma pedra, que estava por chave principal da abobada, na qual se via gravado hum escudo com as Quinas Reaes de Portugal, e huma Coroa. E como nos edificios se não ponhão outras Armas, senão as de quem os manda fazer, estando aqui em tantas partes as Armas Reaes, bem se collige que o dito Duque, por ser filho de Rei, e morador em o tal tempo na dita Villa, mandou fazer a Capella, onde poz suas Armas Reaes. Confirma-se esta conjectura com a trasladação de seus ossos, que para ella foi feita; porque quando o Duque morreo nesta Villa de Chaves, anno do Senhor 1461. foi enterrado na Igreja Matriz da Villa, porque a Capella não devia de estar de todo acabada, e como depois se acabou, se fez a trasladação dos ossos para ella: e não havia motivo, para que a tal trasladação se fizesse, se a Capella não fora sua. Por onde os Duques de Bragança, jà antes que D. Jaime nos houvesse aquella Casa, parece que erão Padroeiros della.

6 No chão desta Capella estava huma sepultura com hum letreiro em lingua Latina, que tornado em Portuguez dizia desta maneira: *De antigo fundamento poz esta campa Bradique*

Lo-

Lopes de Sousa para si, e seus parentes. E porque daqui póde alguem cuidar que o dito Fradique Lopes de Sousa, ou seus ascendentes erão Padroeiros desta Capella, por usar daquella palavra *De antigo fundamento*; para tirarmos toda a equivocação; he de notar, que Fradique Lopes de Sousa, sendo Abbade de Monforte de Rio Livre no Bispado de Miranda, no anno do Senhor de 1587. mandou lagear de cantaria esta Capella à sua custa, e tirar huns degraos, e tabernaculo de madeira, que estavão junto do altar, e em seu lugar mandou fazer outros degraos de pedra; e porque debaixo dos ditos degraos, e tabernaculo de madeira, estavão sepultados seu avô João de Sousa, e Diogo Lopes de Sousa seu pai, mandou abrir a sepultura; e tirando os ossos de ambos, os tornou a sepultar fóra dos degraos de pedra, que mandára fazer, sobre os quaes poz a campa com o letreiro referido: *De antigo fundamento*, por estarem alli já sepultados seu avô, e pai, e não por ser elle Padroeiro; pois, como temos visto, os Padroeiros da Casa, e da Capella erão os Duques de Bragança, depois que o primeiro Duque D. Affonso foi para a dita Capella trasladado.

CAPITULO IX.

De alguns milagres, que Deos obrou nesta Villa de Chaves pelos merecimentos de nosso Serafico Padre S. Francisco, e outros Santos de nossa Ordem.

1 OS segredos do Rei hão de encubrir-se, porèm as obras de Deos hão de manifestar-se, disse o Anjo [a] a Thobias. E a razão he; porque, se as obras maravilhosas de Deos não fossem publicas, que louvor resultaria dellas a sua Divina Magestade? Pois para que o louvor seja de Deos, he necessario que suas obras maravilhosas se publiquem. Nesta Villa de Chaves tem Deos feito alguns milagres por merecimentos dos Santos da nossa Ordem: e se conforme o conselho do Anjo, as obras maravilhosas de Deos hão de manifestar-se, razão será que os escrevamos, e demos delles noticia, para gloria deste Senhor, e honra de seus Santos.

[a] Tob. c. 12. num. 7.

2 No anno de 1550. houve huma grande invernada nesta Villa: choveo por muitos dias de maneira, que o rio Tamaga, que passa entre o nosso Convento, e a Villa, cresceo tanto, que nem por sima da ponte podia passar-se, porque nem esta apparecia; por cujo respeito estavão nossos Frades em casa re- Milagre de N. P. S. Francisco.

colhidos, nem podião sahir fóra a pedir esmola; e estando assim por alguns dias, porque não cessava a agua, considerando Jacome Teixeira, [b] homem dos principaes daquella terra, e mui devoto de nosso Padre S. Francisco, a falta de mantimento, que poderião ter, desejando acudir-lhes com algum remedio, de que jà tinhão bem necessidade, ajuntou-se com outros seus parentes, e andou pedindo esmola para os Frades. Resolveose a levar-lha, lançando-se ao rio: e supposto que procuravão dissuadillo deste caritativo intento, pelo perigo moralmente certo, a que se expunha, com tudo não forão bastantes as muitas aguas para extinguirem nelle [c] a caridade. Subio em hum cavallo, lançou-se ao rio, não sem grande trabalho, e igual risco de sua pessoa; mas foi Deos servido que passou sem algum damno.

b Gonz. 3. p. fol. 946. Conv. 22.

c Cantic. c. 8. n. 9.

3 Depois que aos Frades soccorreo com a esmola, que levava, pelos mesmos passos, não tendo ainda o Tamaga diminuido nada de sua furiosa corrente, o tornou a passar; e chegando a sua casa, subita, e milagrosamente se achou são de duas quebraduras, de que era enfermo havia muitos annos. Com lagrymas deo a Deos as graças; e attribuindo a saude recebida aos merecimentos de N. P. S. Francisco, dizia à gente de sua casa: Vedes quão bem paga S. Francisco a quem o serve? Bem he que o sirva toda minha vida; pois pelo perigo a que me expuz, por levar a seus Frades mantimento, me pagou logo tão bem, que me sarou perfeitamente de minhas enfermidades. Correo logo a fama deste milagre pela terra; e supposto que a gente della era mui devota de nosso Serafico Padre, com elle o ficou sendo mais, excitando-se-lhe novamente a devoção.

4 Ha tambem nesta terra geral devoção aos sinco Martyres de Marrocos, Santos da nossa Ordem, que pelos Mouros de Africa forão martyrizados: e não sem muita causa; porque as mercês, que Deos por intercessão destes gloriosos Martyres faz a seus devotos, são tantas, que huns incitão a outros a crescerem mais na devoção, com que os venerão. Havia hum homem nobre nesta Villa, chamado Leonardo Teixeira, o qual costumava dizer, que não havia medo de sezões. Perguntado pela causa, que para isso tinha, disse que a razão era, porque rezava cada dia sinco vezes a oração do Pater noster, e Ave Maria aos gloriosos Martyres; e que sendo antes quasi todos os annos doente desta enfermidade, haveria dez annos, que não

Milagre dos Martyres de Marrocos.

não tivera sezões, depois que lhe rezava esta devoção: e que hum dia, que por seu descuido deixára de a rezar, lhe viera logo huma muito grande; mas que continuando com a reza, se lhe fora logo, e nunca mais sentíra semelhante enfermidade. Dizia mais Leonardo Teixeira, que estando sua mulher Joanna de Castro doente desta enfermidade no anno de 1605. fez elle voto aos ditos sinco Martyres de lhes rezar aquella devoção dobrada, se sua mulher se visse livre daquella molestia: e que feito o voto, logo a deixárão as sezões, nem lhe tornárão mais. Perseverou o sobredito Leonardo Teixeira por toda sua vida em a devoção dos Santos Martyres, atè que em seu proprio dia dezeseis de Janeiro acabou esta vida temporal com grandes esperanças de sua salvação. Outras muitas pessoas desta Villa, que rezão a tal devoção, alcanção perfeita saude, como consta de testemunhas, e de huma autentica inquirição, tirada juridicamente por hum Vigario Geral daquella Comarca, e de outros papeis guardados no Arquivo desta Casa de Chaves.

5 He tambem em toda esta Comarca celebre o nome de S. Bernardino, Santo da nossa Ordem, por respeito de hum prolongado milagre, que Deos por merecimentos de seu servo fez àquella gente nesta fórma. Huma legua da Villa de Chaves para o Poente, está hum Lugar, que se chama Casas novas, cujos moradores em suas fazendas recebião, quasi todos os annos, grandes perdas das tempestades de pedra, e agua, a que o Lugar era mui sujeito. Todos de commum consentimento fizerão voto a S. Bernardino, que se os livrava de tão grandes perdas, e damnos, lhe edificarião naquella terra huma Hermida de sua vocação, na qual lhe farião festa todos os annos. Feito o voto, começárão logo a sentir o favor, e amparo do Santo. Pelo que lhe fizerão a Hermida, onde a 20. de Maio, que he o seu dia, o festejão: e mostra-se o Santo tão agradecido, que para o milagre ser mais manifesto, e mostrar o muito, que os tem tomado à sua conta, tem acontecido algumas vezes, depois do voto, e Hermida feita, que vindo sobre aquelle Lugar grandes tempestades, como costumavão vir antes que invocassem os merecimentos deste Santo, toda a pedra, que cahio das nuvens, cahio pelas estradas, e vallos das vinhas, onde se achava toda em montes, sem tocar em cousa, que pudesse fazer prejuizo: de que os naturaes ficárão tão agradecidos, que não perdem ponto em sua de-

Milagre de S. Bernardino.

voção; mas antes tem ſido cauſa, para que por outras partes daquella Villa, e Comarca em ſemelhantes neceſſidades invoquem todos a S. Bernardino; de tal maneira, que por aquella terra todos tem eſte Santo por advogado, e defenſor dos frutos, e novidades. E cada dia ſe vai eſtendendo mais ſua devoção, experimentando o intereſſe, que della lhes reſulta, que atè para com os Santos ſe moſtrão os homens tão intereſſeiros, que tem maior devoção àquelles, de quem recebem mais beneficios temporaes.

CAPITULO X.

De huma devota Imagem de Chriſto Senhor noſſo crucificado, que eſtá neſta Caſa de Chaves.

1 COm myſterioſo acordo, e por impulſo eſpecial do Divino Eſpirito ſe introduzio na Igreja o uſo das Imagens em ſeu tempo primitivo, e o mandou depois o Sagrado Concilio Tridentino. [a] He grande a tibieza dos homens; e para lhes excitar a devoção são eſtas mui neceſſarias, trazendo-lhes à memoria o prototypo, que repreſentão, a cuja veneração os movem, e excitão.

[a] Trid. ſeſſ. 23.

2 Huma Imagem de Chriſto Senhor noſſo crucificado eſtá neſte Convento de S. Franciſco de Chaves, tão devota, como as mais, que ſe tem viſto neſte Reino, e fóra delle; e tão venerada da gente daquellas terras circumvizinhas, que ordinariamente he de todos viſitada com frequentes romarias. He eſta ſanta Imagem de vulto: na grandeza, e proporção, como hum homem de grande eſtatura, cuja viſta eſtá infundindo temor, e provocando juntamente a devoção extraordinaria. A materia, de que he feita, he quaſi incorruptivel, por ſer compoſta de hum certo genero de paſta, ou papelão conglutinado. Daqui procede ſer tão leve, que ſendo da grandeza, que temos dito, com huma ſó mão ſe póde ſuſtentar, e trazer de huma a outra parte Foi feita em a Cidade de México em a nova Heſpanha, dizem que por hum Gentio; mas na arte tão experto que não moſtrou tanto Turiano a perfeição della na imagem, que fez do fabuloſo Jupiter, tão eſtimada dos Romanos, que a collocárão em ſeu Capitolio

3 Alguns annos eſteve eſta ſanta Imagem em hum Altar collateral à parte da Epiſtola; depois a collocárão no Altar maior debaixo de trez cortinas, mui venerada de todos, que por ſua muita devoção vem em romaria viſitalla: de preſente não ſa-

ſabemos que lugar tenha no Convento novo. Suppoſto que o Senhor por eſta ſua Imagem tem obrado algumas maravilhas, direi ſómente huma, que obrou, quando a trouxerão da Cidade de México para eſte Reino, que achamos mais autenticada; porque as outras a pouca curioſidade as deixou ou totalmente eſquecidas, ou com pouca expreſsão declaradas. Foi o caſo, que chegando a náo, em que eſta ſanta Imagem vinha, em companhia de outras muitas, à Bahia de Lagos no Reino do Algarve, e eſtando ancorada nella, chegárão de repente algumas náos dos Inglezes na volta, que fizerão na tomada de Cadis; e como vinhão ainda encarniçados nos males, que deixavão feitos, quando aqui chegárão, fizerão o meſmo. Não lhes ficou náo em o porto, que não roubaſſem, nem embarcação nenhuma, que não deſtruiſſem, e puzeſſem fogo.

4 Os navegantes, que hião em a náo, que levava ao ſanto Crucifixo, eſperavão jà a furia que nas outras vião: doião-ſe como Catholicos, não tanto do proprio damno, que os ameaçava, como de algum deſacato, que os barbaros Inglezes podião fazer à ſagrada Imagem de noſſo Redemptor Jeſus Chriſto. Com lagrymas, e ſuſpiros pedião a Deos não conſentiſſe, que aquella ſua ſanta Imagem foſſe daquelles hereges ultrajada. Maravilha grande! Não ficou náo, nem embarcação alguma, que não deſtruiſſem; ſó a em que vinha o Crucifixo, eſtando no meio de todas, ficou illeſa. Tapou Deos os olhos dos inimigos, como fez aos de Sodoma à porta do juſto Loth, [b] para que a não viſſem com ſeus olhos. Todos os que em a náo eſtavão, attribuírão o ſucceſſo, como a razão o pedia, a milagre do ſanto Crucifixo, a quem invocavão com grandes deprecações, em quanto os inimigos andavão deſtruindo as náos ſuas companheiras.

[b] Gen. c. 19. num. 10.

5 Eſta rica Peça, juntamente com hum calis, humas cortinas, e huns frontaes da India, lavrados de primavera, e outras couſas para a Sacriſtia, deo a eſte Convento de S. Franciſco de Chaves no anno de 1587. hum devoto homem, chamado Affonſo Domingues, natural de Villarinho, termo da Villa de Chaves, o qual pela devoção, que moſtrou a noſſo Padre S. Franciſco, em lhe trazer eſta ſanta Imagem a ſua Caſa, negando-a a outras muitas, que com inſtancia lha pedião, e grandemente deſejavão, alèm do premio, que Deos lhe daria, de tão piedoſa offerta por interceſsão do meſmo Santo, merece aqui eſta lembrança.

CA-

CAPITULO XI.

Reedificação do Convento de Chaves: casos memoraveis, que nelle acontecêrão.

1 CEnto e trinta e dous annos vivêrão nossos Frades em este Convento de Chaves, experimentando bem à sua custa o rigoroso do sitio: atè que no anno de 1637. sendo Ministro Provincial o Irmão Fr. Antonio do Seixo, a segunda vez, que foi eleito, se tratou de reedificallo em outro lugar mais accommodado, e sádio. Parecia jà mais temeridade, que paciencia, conservar huma Casa, onde era raro o Religioso, que hia por morador, que ou não adoecesse, ficando a bom livrar enfermo para toda a vida, ou não morresse logo, succedendo ordinariamente pelos Verões faltar quem assistisse no Coro, e aos mais exercicios da vida religiosa: o que não dava pequeno cuidado aos Prelados, que quando querião remediar esta falta, mandando outros de novo, acontecia adoecerem tambem estes a poucos dias, que tinhão do Convento; por estas razões o sobredito Ministro Provincial intentou mudar a Casa para outro sitio. Tratou esta materia com os moradores de Chaves, indo em sua primeira visita: achou todos conformes a seu parecer, porque a todos era manifesta a razão, que para isso havia.

2 Hum devoto dos principaes daquella Villa offereceo o sitio para a fundação do novo Convento, que fica junto della. Começárão-se as obras no sobredito anno de 1637. para as quaes concorreo com muita devoção o povo, cada hum segundo sua possibilidade. Com estas esmolas, e com as muitas, e consideraveis, que fez para as obras a Real Casa de Bragança, Padroeira do Convento antigo, se poz este moderno em poucos annos de todo perfeito, e acabado. Trasladárão-se para elle os ossos do Duque D. Affonso, que como jà dissemos, estavão na primeira Casa depositados, e collocárão-se na Capella mór à parte direita em hum tumulo magestoso. Ficou sendo a mesma Casa de Bragança Padroeira do novo Convento, assim como o era do antigo; e como tal, lhe consignou esmola ordinaria, com que lhe acode todos os annos, como faz a todos os mais, que estão em as terras de seus Estados.

3 O novo sitio alguma cousa sahio melhorado, mas não tanto como se esperava; porque não deixão os Religiosos nelle moradores de experimentarem ainda em alguns annos a condição do primeiro: não são tan-

tantas, nem tão graves as doenças, como naquelle erão; são porèm baſtantes para darem que fazer à paciencia. O Titular he noſſo Padre S. Franciſco: nelle vivêrão os noſſos Religioſos da Provincia da Piedade, antes que a da Soledade della ſe dividiſſe; hoje pertence a eſta, porque pela divisão lhe coube à ſua parte. Ainda quando eſtava encorporado em a noſſa, ſuccedêrão nelle dous caſos maravilhoſos: em o primeiro ſe manifeſta a grande providencia de Deos, e em o ſegundo ſua infinita miſericordia. Não nos dizem as memorias o anno, em que acontecêrão, e aſſim ſem lho ſinalarmos, os referiremos da ſorte, que os achamos eſcritos.

4 Hião dous Religioſos deſte Convento para o de Braga, anoiteceo-lhes em hum deſerto, ſem que tiveſſem onde ſe recolherem, e ampararem ao rigoroſo, e deſabrido do tempo, que era Inverno. Caminhárão alguma parte da noite com eſte cuidado, virão huma caſa perto do caminho, chegarão-ſe a ella; e como lhe não achaſſem gente, ſentárão-ſe à porta eſperando pelo morador, para lhe pedirem agazalho; mas como depois de hum grande eſpaço que eſperárão, não appareceſſe ninguem, entrárão para dentro: achárão fogo feito, e ao canto da caſa hum feixe de fetos, de que fizerão cama. Paſſárão alli aquella noite mui contentes, em amanhecendo puzerão-ſe a caminho para proſeguirem ſua jornada. Depois de andados poucos paſſos, olhárão atràs para notarem a caſa, que lhe poderia ſer neceſſaria em outra occaſião, ou para a inculcarem a outros, que fizeſſem caminho por aquelle deſerto, como muitas vezes fazem os noſſos Frades, indo de S. Fructuoſo para Chaves, ou deſta Villa para aquelle Convento; não ſómente a não vírão, mas nem ainda ſinal de que alli pudeſſe haver eſtado; com que ficárão entendendo, que para os recolher aquella noite, lhes preparára o Senhor no deſerto aquella caſa.

5 Mais prodigioſo, como menos vezes viſto, foi o ſeguinte caſo. Huma manhã chegou à portaria do ſobredito Convento huma mulher com hum ceſto de pão à cabeça, dizendo ſer eſmola, que trazia: ao entregalla ao Religioſo Porteiro, lhe pedio déſſe recado a hum Confeſſor vieſſe ouvir de confiſsão a huma mulher do outro mundo, que alli eſtava. Recolheo o Porteiro a eſmola, deo o recado na fórma, que lho derão; mas bem longe de perſuadir-ſe que na realidade ſeria aquella mulher do outro mundo, como ella

ella dizia. Defceo hum Religiofo à Capella da Igreja, para nas grades della ouvir de confifsão, a quem o chamava: achou na realidade que a penitente era huma alma, que depois de folta jà das prizões da carne, por difpenfação de Deos entrou no corpo daquella mulher, que era de hum Lugar vizinho de Chaves; e apoderando-fe de todos feus fentidos, de tal forte, que a viadora não dava razão de coufa alguma, das que fazia, vinha fujeitar ao Sacramento da Penitencia algumas culpas, de que na vida fe não tinha confeffado. Ouvio-a o Religiofo, e acabada a confifsão, em voz alta bradou a penitente: *Abfolva-me, Padre: Padre, abfolva-me.* Deo-lhe a abfolvição, e no mefmo tempo a mulher, que eftava de joelhos aos pés do Confeffor, cahio em terra, e ficou alli por algum efpaço, como amortecida. Depois de tornar em fi, olhava por toda a Igreja, como pafmada de fe ver naquelle lugar, perguntando onde eftava, e quem alli a trouxera? Então lhe perguntou o Confeffor donde era, e encaminhou para o lugar, donde diffe fer moradora, deixando-a na fufpensão em que eftava, fem lhe declarar alguma coufa, do que tinha fuccedido; nem a dita mulher foube em algum tempo dar razão do que por ella havia paffado.

6 Outros cafos femelhantes a efte lemos em as Hiftorias, em que Deos difpenfou com fua lei ordinaria, ufando de feu poder abfoluto para manifeftar mais fua Divina piedade, e mifericordia. Em Italia por intercefsão do noffo Padre S. Francifco tornou huma mulher à vida [a] para poder confeffar-fe de hum peccado, que o pejo lhe fazia calar, quando fendo viva chegava ao Sacramento da Penitencia. Em Ciudad-Rodrigo [b] vive ainda mui frefca a memoria de hum feu Bifpo D. Pedro Dias, que por merecimentos do mefmo Serafico Patriarca no quarto dia depois de fua morte tornou à vida com vinte de prazo para nelles fazer penitencia, e huma confifsão perfeita. Tambem em o noffo Reino de Portugal contão fuas Hiftorias, que ElRei D. Pedro, [c] fendo partido defta vida por bom efpaço tornou fua alma outra vez ao corpo para confeffar hum fó peccado, fem cuja penitencia não podia receber a Bemaventurança. Eftes, e outros femelhantes fucceffos, que as Hiftorias contão, hão de fervir para a devoção dos Santos, e não para a confiança vã; pois não fabemos com quem quererá Deos, que elles affim fe empenhem, nem com quem quererá obrem femelhantes prodigios:

[a] Wadding. tom. 1. ad ann. 122. num. 17.

[b] Conform. l. 3. fruct. 39. Chronic. Ordin. 2. p. l. 8. cap. 50. Gonz. 3. tit. P. S. Michael. Conv. 1. Chronic. ejufdem P. l. 2. c. 3.

[c] Azurara na Chron. de ElRei D. João I. p. 3. c. 43.

são

são favores extraordinarios, não se devem de justiça: qual he de ordinario o nosso final estado, por elle somos julgados com sentença definitiva, e certa, que nunca mais se revoga. Mostra-nos Deos em semelhantes casos, como o que referimos, do Convento de Chaves, a necessidade, e valor do Sacramento da Penitencia, para que nos aproveitemos delle o tempo, que sua misericordia nos concede de vida.

CAPITULO XII.

Do Convento do Bom Jesus de Barcellos, terceira Casa, que teve esta Provincia.

1 HE a antiquissima Villa de Barcellos hum dos principaes lugares da Provincia de entre Douro, e Minho: occupa huma planicie de algum modo eminente ao rio Cavado: he celebre, não só por sua muita antiguidade; mas tambem pelo titulo de Ducado, que logra nos primogenitos da Serenissima Casa de Bragança, por mercê de ElRei D. Manoel, em tempo do Duque D. Theodosio, primeiro do nome: e muito mais pela rara maravilha das Cruzes, que perto della apparecem em trez de Maio, e tem por testemunha todo este Reino. Nesta Villa, para a parte do mar, fica situado o nosso Convento do Bom Jesus, apartado espaço de meia legua, em hum outeiro fresco, pelas muitas arvores, de que está ornado. He o lugar saluberrimo pelos ares salutiferos, que nelle sempre correm, e aprazivel pela boa vista de mar, e terra, que dalli se descobre: alegre pelas copiosas aguas de huma perenne fonte, que o regão. Todas estas circumstancias fazem ao Convento agradavel, e aparelhado para o exercicio da contemplação; que pelo ser tanto, dous devotos casados, marido, e mulher, querendo fugir da Babylonia do mundo deixárão o povoado, e forão antigamente fazer sua habitação a este monte, dando principio a esta Casa. Chamavão-se estes Vincente o Pobre, e Catharina Affonso, naturaes da Cidade do Porto, ricos de bens da fortuna, e para se fazerem ricos de bens da graça, desejosos da sua salvação, seguindo o conselho de Jeremias Profeta, fugírão do meio da Babylonia, e vierão-se a este lugar solitario.

2 Distribuírão primeiro seus bens aos pobres, com que mostrárão que erão bem differentes seus intentos daquelles, com que hoje muitos casados se retirão ao campo; porque se a cubiça acaba com muitos

homens nobres, que fujão das Cidades, e deixem de authorizallas com ſuas Caſas, e Familias; o intento deſtes bons caſados não foi outro, mais que fazerem-ſe ricos de virtudes, e ſatisfazerem à Juſtiça Divina com o rigor de muita penitencia o que lhe devião por reſpeito das culpas, que tinhão commettido. Coſtumavão neſte feliciſſimo tempo muitos Chriſ-
[a] Chronic. Provinc. Portug. 2.p.l.11. c.31.n.5. tãos, [a] para ſeguirem a Chriſto pelo deſprezo do mundo, tomarem por vida guardar pobreza, intitulando-ſe *Pobres da vida pobre*: vivião em Oratorios, que erão como Conventos, ou ſeparados em Hermidas pelos montes: com tudo não tinhão Regra approvada, ſenão ſó os Compromiſſos, Regimentos, e fórma de viver, que elles meſmos fazião conforme a ſeu eſpirito.

3 Para ſeguirem eſta vida ſahírão da Cidade do Porto os dous caſados referidos: achárão em o monte de Barcellos para eſte effeito lugar accommodado, e nelle fundárão huma Hermida com humas caſas pobres, em que ſe recolhião junto della. Foi ſua fundação pelos annos do Senhor 1391. cento e doze, antes que os noſſos Frades vieſſem morar nella: por cujo reſpeito, quando alli chegárão os noſſos primitivos Religioſos, jà não achárão outra noticia deſtes Fundadores, mais que a que temos referida, e a que ſe póde colligir de huma pedra, debaixo da qual eſtavão os dous Hermitões ſepultados. Nem ha duvida alguma que foſſe aquella ſua ſepultura, pois o epitafio aſſim o declara: *Aqui jaz Vincente o Pobre, e ſua mulher Catharina Affonſo, que partírão da Cidade do Porto era de 429. e fundárão eſte lugar.*

4 Advirta o Leitor, que deſta conta, de que o letreiro faz menção, ſe hão de tirar trinta e oito annos, por ſer pela era de Ceſar, como ſe coſtumava ainda naquelle tempo: e durou depois em Portugal atè o anno do Senhor 1422. em que El-Rei D. João I. mandou contar pelo Naſcimento de Chriſto Senhor noſſo: [b] e aſſim tirados trinta e oito annos, em que depois foi o Naſcimento de noſſo Redemptor, ficão os annos de ſua fundação, que tenho referido. Deſte tempo em diante ſe veio ſempre conſervando em poder de devotos Hermitões aquella Hermida: que como o ſitio era tão accommodado para a contemplação, e vida heremitica, mortos os primeiros, nunca depois lhe faltárão ſucceſſores. Mas forão os naturaes daquella terra tão pouco curioſos, que podendo eternizar os nomes de tão illuſtres Varões, como alli vivêrão, com fazerem al-

[b] Conſtit. Ord. vel lib. 4. tit.

alguns memoriaes de ſuas obras, tudo ſepultárão na fonte do eſquecimento; porque depois de fazerem noſſos Frades muitas diligencias, nenhuma outra couſa alcançárão, mais que a noticía de virem depois de muitos annos os Padres Conventuaes de noſſo Padre São Franciſco fundar naquelle monte hum Recolhimento, com cuja vinda ſe extinguírão de todo os Hermitões.

5 A occaſião que para iſto houve, foi o terem hum Convento na Villa de Azurára, que fica dalli trez leguas, no qual ſe não podião ſuſtentar tão commodamente, como era neceſſario, por ſerem muitos; e aſſim determinárão fazer no termo de Barcellos hum Recolhimento, onde alguns delles habitaſſem, para que dalli ſahiſſem a pedir eſmola por aquellas terras, que são abundantes, e povoadas de gente caritativa. E como o ſitio, de que fallamos, era mui accommodado para ſeu intento, vierão a elle, e junto da Hermida antiga fizerão humas caſas, em que ſe recolhião de ordinario ſinco, ou ſeis Frades. Daquellas caſas ſahião a fazer ſeus peditorios, de que ſe ſuſtentavão, e ajudavão a ſuſtentar aos demais, que em Azurára vivião no Convento.

6 Deſta maneira paſſavão os Padres Conventuaes alli a vida, quando noſſos Frades a petição do Duque de Bragança, como diſſe no primeiro Livro, tornárão a eſte Reino, que foi no anno do Senhor de 1505. no qual tempo o Sereniſſimo Principe D. Jaime, querendo neſta ſua Villa de Barcellos darnos Convento, pedio aos Padres Conventuaes, a cuja obediencia eſtavamos, quizeſſem largar-nos eſtas Caſas: o que elles fizerão com huma doação, que foi confirmada por huma Patente do Miniſtro Geral, e por hum Breve de S. Santidade paſſado no anno de 1508. como conſta dos originaes, que ſe guardão neſta Provincia.

7 Alguns annos vivêrão noſſos Frades naquellas meſmas Caſas, ſem accreſcentarem, nem diminuirem nellas couſa alguma: atè que creſcendo mais ao diante o numero delles, foi neceſſario que creſceſſe tambem o edificio. E porque as paredes, por ſerem de taipa, e antigas, eſtavão mui arruinadas, pareceo bem ao Miniſtro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, que então era, fazer-ſe aquella Caſa de novo, como a fizerão hum pouco mais abaixo da Hermida antiga: para a qual trasladárão os oſſos dos primeiros Fundadores, dando-lhes no corpo da Igreja honrada ſepultura. E porque o tempo, e a gente, que entraſſe na Igreja, não gaſtaſ-

ſem as letras daquella pedra, que na Hermida velha os cubria, por cujo reſpeito ſe podia facilmente perder a memoria daquelles Hermitões primeiros Fundadores; quando o portado da Igreja ſe fazia, encaixárão aquella pedra na parede, de maneira que ficando as letras para fóra, pudeſſem ler-ſe. Da outra parte da porta principal, que he à mão direita, puzerão outra pedra com hum letreiro, que diz eſtas palavras: *Reedifi ou-ſe eſte Moſteiro do Bom Jeſus de Barcellos em o anno de 1567.*

8 Com o que temos dito ſe vê que padecêrão engano nos informes Waddingo com o Reverendiſſimo Gonzaga (o meſmo lemos tambem nos Memoriaes da Provincia da Soledade) quando tratando deſte Convento, dizem, [c] que foi edificado pelo Duque D. Jaime; pois não foi ſenão paſſado dos Conventuaes aos noſſos primeiros Fundadores, à inſtancia do ſobredito Duque, como conſta da Patente do Geral, e do Breve de Julio II. em confirmação da doação, que delle com os mais, os ditos Padres nos fizerão. Aſſim como no-lo derão, o habitamos, que erão, como temos dito, humas caſas mais em fórma de Oratorio, que de Convento, e nellas ſem mudança alguma vivemos ſeſſenta e dous annos, depois dos quaes ſe reedificou em fórma de Convento em o anno, que deixamos ſinalado, e diz a pedra; quando jà o Duque D. Jaime era morto havia muitos annos; com que não podia intervir na reedificação, quando della o queirão entender.

[c] Wadding. tom. 8. ad ann. 1505. num. 42. Gonzag. p. 946. Conv. 23. Mem. m. ſ. da Prov. da Soledade.

9 Ficou a Caſa depois de acabada tal, qual hoje eſtá: de paredes fortes, porèm tão pequena, e conforme à ſanta pobreza, que os Frades deſta Religião a Deos promettem, que parece huma das primeiras, que no principio da Ordem fundou o noſſo Serafico Padre S. Franciſco. Nella vivem ordinariamente treze Frades: he Caſa bem provida do neceſſario, aſſim por parte da Caſa de Bragança, que faz aqui a eſmola ordinaria, que nas demais, que eſtão em ſuas terras: como tambem por ſer toda a gente da terra, e Comarca tão devota, que ſem muita diligencia dos Frades, nem ſahirem mais que a pedirem eſmola de pão hum dia na ſemana, a gente acode com ſuas eſmolas de continuo, mandando-nos a Caſa as couſas neceſſarias para paſſar a humana vida, ſem nunca os Religioſos ſentirem falta notavel, ſalvo algumas poucas vezes, em que Deos quiz provar ſua fé, e moſtrar a devoção da gente, como veremos no ſeguinte Capitulo.

CA-

CAPITULO XIII.

Provê Deos milagrosamente os Religiosos deste Convento.

1 A Conselha o Santo Rei David, [a] que ponhamos todo nosso cuidado em Deos, e que Deos terá de nós cuidado. Com todos falla o Real Profeta, e a todos aconselhava o mesmo o Principe dos Apostolos S. Pedro: [b] com tudo supposto que he o conselho para todos commum, aos Religiosos toca mais em particular. Renuncião estes os bens do mundo por amor de Deos; de tal sorte se hão de entregar a elle, que não os divirta o cuidado do sustento para o outro dia, como dizia Christo [c] Senhor nosso a seus Apostolos. Só Deos ha de ser o objecto de seu cuidado; e quando desta maneira procurarem servillo, bem podem firmemente esperar que lhes ha de acudir no tempo da maior necessidade.

2 Nesta Casa do Bom Jesus de Barcellos temos visto algumas vezes esta verdade; pois descuidando-se nella os Religiosos de si, entregues a este Senhor, mostrou elle o cuidado em sustentallos, como tinha promettido pelo Profeta. Foi o successo, que sendo Guardião neste Convento Fr. Francisco de Guimarães, e Porteiro Fr. Baptista de Moura, Frade leigo; por ser Sabbado, fim da semana, achou-se o Porteiro sem ter pão para o jantar dos Frades. Estava a Villa longe, e as horas de tomarem a moderada refeição vinhão chegando, por cujo respeito não era possivel poderem ser della soccorridos. Anciava-se o Porteiro, e por não anciar tambem ao Guardião com a nova daquella falta, não ousava dar-lhe conta della; calava tudo, mas quanto se chegava mais a hora do Refeitorio, mais se affligia. Bem he verdade (segundo elle depois disse) que sempre teve confiança em Deos, que lhe havia de acudir em tal necessidade: porèm vendo que o tempo de tomarem a refeição vinha chegando, e que nem hum só pão tinha, que repartir no Refeitorio, entrou na Capella, e posto de joelhos diante do Santissimo Sacramento, com lagrymas nos olhos disse estas palavras: *Bem sabeis vós, meu Deos, que he meu officio pôr no Refeitorio alguma cousa para comerem estes Religiosos servos vossos, depois que se occupão em vossos louvores: eu a não tenho agora, nem sei donde me venha, vós os provei por vossa misericordia.*

3 Ditas estas palavras, e feita esta breve oração, naquelle Pão Divino, sustento das almas, achou o afflicto Religioso

ſo o corporal ſuſtento; porque ainda eſtava na Capella, quando ouvio que lhe tangiāo a campainha. Foi depreſſa abrir a porta, e achou a ella hum homem de Rio Tinto lavrador, irmāo dos Frades. Diſſe-lhe o Porteiro ainda com as lagrymas nos olhos: *Quem, irmāo, vos trouxe agora cà?* O devoto lavrador, vendo ao Porteiro chorar, e ſentindo jà o milagre, acompanhando-o nas lagrymas, reſpondeo: *Nāo ſei, Padre, que agora me cà trouxe; eu andava no campo ſemeando milho (e ainda me ficāo os bois tomados no arado,) e cà me deo huma pancada no coraçāo, que eſtavāo os Padres em neceſſidade. Parti-me logo para caſa, e nāo achando outra couſa, que trazer, trago aqui trez pāes, e huma boroa.* Aceitou-os o Porteiro como couſa dada por Deos; foi logo repartillos pelos Frades, que com ſerem doze, os que entāo alli moravāo, ficárāo todos ſatisfeitos: e o que mais he de maravilhar, e que certamente faz o caſo milagroſo, foi haver, depois da refeiçāo dos Frades, ſobejos do meſmo pāo, para o Porteiro dar aos pobres, que nāo erāo poucos, e de jantar ao meſmo lavrador, que por impulſo Divino o tinha trazido.

4 Naquelle grande milagre, que Chriſto Senhor noſſo fez, quando com ſinco pāes, e dous peixes deo de comer a ſinco mil homens em abundancia, [d] diz Santo Agoſtinho, [e] que começou o pāo a creſcer em ſuas māos: S. Joāo Chryſoſtomo [f] he de parecer, que tambem nas dos Apoſtolos, quando o repartiāo, foi o pāo creſcendo: e ainda Santo Ambroſio, [g] com Santo Hilario [h] accreſcentāo, que nas māos dos convidados. Veriſimel he que o meſmo ſuccederia em o noſſo caſo, pois era pouco o pāo, e muita a gente, que ſatisfez. Com que ſe vio no Convento do Bom Jeſus huma verdadeira ſemelhança daquelle grande milagre do deſerto.

[d] Joan. c. 6.
[e] Auguſtin. liv. 2. de Conſenſu. cap. 46.
[f] Chryſoſt. Hom. 50. in Matth.
[g] Ambr. l. 6 in Lucam.
[h] Hilar. l. de Trinit.

5 Outro caſo, quaſi a eſte ſemelhante, aconteceo na meſma Caſa, ſendo nella Guardiāo Fr. Vicente de Abrantes, e Porteiro Fr. Miguel de Lagos, Frade leigo: e foi, que huma quarta feira de Cinza pela manhā achou o Porteiro que nāo tinha pāo para aquelle dia comerem os Frades. Deo conta ao Guardiāo daquella falta, dizendo ſua culpa da negligencia, que tivera em nāo prover as couſas a ſeu tempo, de que o Guardiāo ſentido o reprehendeo aſperamente. Eſtá a Villa de Barcellos, como jà diſſe, meia legua do noſſo Convento: o dia, por ſer quarta feira de Cinza, era occupado, aſſim para os Religioſos, que era neceſſario irem

à Villa a pedir eſmola, como para as meſmas peſſoas, que là poderião provellos: o tempo pouco em reſpeito do muito, que os Frades havião de gaſtar em a ida, e vinda, e pedir a eſmola de porta em porta. Todas eſtas circumſtancias conſiderava o Guardião, ſem ſaber determinar-ſe no que faria; porèm Deos noſſo Senhor, que, como diz David, tem tomado o pobre à ſua conta; [i] vendo eſtes ſeus pobres em neceſſidade, acudio-lhes, mandando-lhes à porta huma eſmola de pão, e vinho, baſtante não ſó para aquelle, mas para mais dias, e foi o caſo deſta ſorte.

6 Entre a Cidade de Braga, e a Villa de Barcellos, huma legua deſta, e duas daquella, eſtá ſituado o Convento do Salvador de Villar de Frades; hum dos ſumptuoſos, e inſignes do Reino, o qual antigamente foi da Ordem do Glorioſo Patriarca S. Bento, onde aconteceo aquelle celebre milagre da Ave, que hum Abbade Santo eſteve ouvindo por tempo de ſetenta annos, [l] abſorto na contemplação da muſica da Gloria. Reinando em Portugal ElRei D. João o I. no anno do Senhor 1425. foi dado eſte Convento aos Padres da Congregação de S. George de Alga, cuja Reformação trouxerão de Italia o Padre Meſtre João, que foi Biſpo de Lamego, e depois de Viſeu, e Affonſo Nogueiro, filho de hum Alcaide Mór de Lisboa, que foi Biſpo de Coimbra, e depois Arcebiſpo de Liſboa: neſte Convento, e em outros de ſua Religião florecem os Padres deſta Congregação em muita virtude, e obſervancia regular, com titulo de S. João Euangeliſta, a quem vulgarmente chamão Loios de Santo Eloi, que foi de ſua ſagrada Religião. Eſtes Padres pois, por reſpeito da communicação, que com elles temos, agazalhando-nos muitas vezes neſte Convento, quando caminhamos, nos tem muita devoção, e fazem tanta caridade, que bem nos tem moſtrado terem em ſi impreſſa a condição daquella grande Aguia da Igreja, debaixo de cujas azas vivem, que toda foi caridade, e amor.

7 Neſte Convento de Villar houve hum Reitor, que por ſe ſinalar entre os mais na devoção, que nos tinha, alèm das eſmolas particulares, nos quiz dar huma todas as ſemanas da Quareſma. Mandou encher hum grande ceſto de pão, e huma cabaça de vinho, enviando iſto de eſmola ao Convento do Bom Jeſus de Barcellos, e numa carta, que ao Guardião eſcreveo, lhe fazia a ſaber, que ſua tenção era fazer-lhe aquella caridade por todo o tempo da Qua-

reſ-

resma, em cada semana hum dia, qual elle lhe nomeasse. Chegou a esmola em tempo, que o Porteiro, e Guardião andavão solicitos da provisão dos Frades, vacilando no meio, que terião para soccorrellos, e quando nenhum achavão, foi Deos servido chegasse o mensageiro com o soccorro. Respondeo o Guardião à carta do Reitor, dando-lhe as graças da esmola, e que quanto à consignação, que pedia do dia, em que intentava fazer aquella esmola por todo o tempo da Quaresma, não havia duvida, pois Deos o finalára, querendo prover as necessidades de seus servos aquella quarta feira. Desta sorte proveo Deos a necessidade daquelles Religiosos. Mas que muito, se erão pobres, e estes, como diz o Ecclesiastico, obrigão a Deos a que ponha nelles os olhos, e os remedee? [m] Raro he o Convento da nossa Provincia da Piedade, de que seus Memoriaes não contem semelhantes maravilhas, como de muitos delles verá o Leitor desta Historia.

[m] Eccl. c. 11. num. 13.

CAPITULO XIV.

Fundação do Convento de nossa Senhora da Consolação do Bosque junto da Villa de Borba.

1 DEpois que o Duque D. Jaime chamou segunda vez nossos Frades a este Reino, como a devoção, que lhes tinha, era grande, queria tellos em todas as terras de seus Estados. Jà os tinha em Villa-Viçosa, Chaves, e Barcellos, que, como jà dissemos, erão estas duas ultimas Casas de Conventuaes, de tempos antiquissimos alli fundadas; e querendo-os tambem ter na sua Villa de Borba, determinou fundarlhes alli Convento. He esta Villa huma das melhores da Real Casa de Bragança, assim por respeito de ser a terra muito fresca, amena, e deleitosa, como tambem por ser povoada de muita gente nobre. Em o anno de 1505. ordenou que dentro de hum espesso bosque, que tinha hum pouco assima da Villa, onde se recreava, se fundasse o Convento, privando-se deste alivio, só para o dar aos seus Capuchos. Com brevidade se acabou o Convento, não como o animo Real do Principe queria, mas como aquelles santos Religiosos o desejavão: as paredes de taipa, a claustra pe-

pequena, e limitada, os dormitorios no chão, as cellas dos Frades pouco maiores que huma sepultura, Casa finalmente de penitencia.

2 He em numero a quinta, das que teve esta Provincia; porque alèm das trez jà nomeadas, teve tambem outra huma legua de Thomar, chamada Santa Sita, que recebeo juntamente com a de Chaves, e Barcellos, e ao depois deixou por alguns respeitos, a qual he hoje habitada dos Padres Recoletos da Provincia de Portugal. Deo-se-lhe por titulo nossa Senhora da Consolação, em memoria da muita, que teve a Senhora, quando vio a seu Bento Filho, e nosso Redemptor resuscitado; e este mysterio se representa na pintura do retabolo do Altar maior.

3 A cerca deste Convento he mui grande; porque logo, quando se fundava, mandou o Duque ficar dentro todo aquelle bosque, tão povoado de diversas, e antigas arvores, que se não he por algumas ruas, ou caminhos, que os Religiosos por entre elles tem feito, não ha poder rompello. A maior parte do mato he folhado, freixos, medronhos, mosqueiros, e carvalhos, criados onde nascem sem outro beneficio, nem alguma ordem. Muitas destas arvores se vem abraçadas com formosas parreiras, que arrimadas a seus troncos, e estendidas por seus ramos, crescem tanto, que depois sustentão as mesmas arvores, a que se encostárão, pagando-lhes na mesma moeda, como as pinta Alciato, [a] o arrimo, que quando tenras plantas, nellas tiverão, e tornando-lhes assim agradecidas o que recebêrão necessitadas. Supposto que são agrestes, he seu fruto tão saboroso, que serve de conhecida affronta às cultivadas, ainda que em algumas dellas não se aproveita, porque só das aves do Ceo póde ser colhido.

[a] Alciat embl. 1508.

4 Huma cousa tem este bosque digna de reparo, e he, que com ser mui denso, e sombrio, não se cria dentro nelle animal algum venenoso, ou bicho peçonhento, sendo que na criação dos coelhos foi copioso. Hoje nem estes se vem, effeito, segundo dizem, de hum Santo Religioso leigo, que pelo grande estrago, que lhe fazião na horta, lhes mandou não criassem mais naquelle sitio: com que mortos aquelles, não se virão outros, obedecendo ao mandamento daquelle santo leigo, como jà antigamente a S. Diogo reprehendidos pela mesma causa. [b] Parte, onde a espessura das arvores não he tanta, que impida de todo a entrada aos raios do Sol, a terra feri-

[b] Chronic. Ordin. 3.p.l.5.c.1.

da, e viſitada delles, por ſi meſma, ſem algum beneficio de agricultura ſe reveſte de odoriferas, e engraçadas flores, entre as quaes achão o ſitio mais accommodado as violetas, porque dellas ha maior copia. Outra parte eſtá plantada de pomar, e arvores frutiferas, deixando huma competente quantidade de campo deſcuberto, e ſem arvoredo, em que ſe faz a horta neceſſaria ao Convento.

5 He grande a variedade, e infinito o numero dos paſſarinhos, que com ſua natural muſica, e ſuave melodia a todo o tempo convidão, e particularmente em as manhans deſpertão aos Religioſos aos louvores Divinos. Por fóra da cerca eſtá tudo rodeado de formoſas hortas, ſombrios ſoutos, e algumas vinhas, que tudo faz ſer eſte ſitio mui freſco, e ameno. E porque o medronho, e folhado são de tal natureza, que nunca perdem a verde folha, ainda no meio da força do Inverno, quando geralmente coſtumão as arvores eſtar feas, e triſtes, conſerva o boſque grande parte de ſua formoſura, e ainda outras muitas arvores, que o Inverno deſpe, ſe vem veſtidas de verde em todo o tempo, por eſtarem com a era enlaçadas, a qual remoça em ſeus envelhecidos troncos huma primavera; mas com iſto eſtá que depois as ſeccão: figura bem propria do liſongeiro, que no meſmo tempo, em que com afagos vos abraça, vos urde o damno, com que vos deſtroe.

6 Fica o Convento quaſi em o meio do boſque, em parte algum tanto levantada, deixando em hum lado para o Poente entrada livre, acompanhada por huma, e outra parte de paredes, e de arvores, pela qual o vem buſcar. Acha-ſe o boſque com quatro fontes; a de Santo Antonio, que he a mais copioſa, a de S. Franciſco, a do Sacramento, a de S. Pedro: as duas primeiras correm da parte ſuperior ao Convento, as ultimas na inferior, onde eſtá principalmente o pomar, e horta. A de Santo Antonio vem de fóra buſcar-nos, e com tanta força, que para chegar a nós ſe deſpenha: logo no principio de ſua entrada na cerca, ſe divide em duas partes: a primeira, que he huma boa telha de agua, ſahe por cano de pedra ao caminho, por onde ſe vem da Villa ao boſque, ſervindo alli aos paſſageiros de divertimento com ſua corrente, e aos ſequioſos de regalo com ſua freſcura. Arrependida porèm de ter deixado o paraiſo terreal em o boſque, com preſſa, pois deſce como por huma meia ladeira, ſe torna a recolher na parte

te

te inferior da cerca, onde desaguando em hum formoso tanque, passa a dar vigor às plantas, e alento à horta. A segunda parte, que he hum bem copioso anel, correndo sempre em canos de tijolo por dentro do bosque, vem a diversas officinas do Convento, onde he necessaria, com que livra aos Religiosos de não pequeno trabalho; tal vez para que o tempo, que havião de gastar em a buscarem na fonte, empreguem na contemplação dos Divinos mysterios. Daqui sahe alegre, pela deixarem ir livre, a encorporar-se com a primeira, de quem se apartou no principio, em cuja companhia demanda o mesmo tanque, que não menos contente a huma, e outra recebe.

7 A de S. Francisco nasce na mesma cerca, em boa distancia da de Santo Antonio: na quantidade he muito bastante, na qualidade he a mais fresca, e excellente. A muita quantidade de agua, que lança a primeira fonte, teve por muito tempo escondida esta debaixo de huns silvados, atè que não ha muitos annos, em hum de grande seccura obrigou a necessidade a fazermos della mais caso: reduzio-se com curiosidade, e alinho a fórma de fonte, porque antes estava à maneira de poço com seu bocal, por cujo respeito era chamada a bomba: agora por huma Imagem de nosso Serafico Padre, que em hum nicho está sobre ella, se chama a fonte de S. Francisco. Para se ir ajuntar com as mais, atravessa a mesma estrada da Villa, escondida porèm em hum profundo cano, este a guia à do Sacramento, e dahi com a de Santo Antonio entra no mesmo tanque. A de S. Pedro, onde se vê a Imagem penitente do Santo, e juntamente outra da Magdalena, vai desaguar no segundo tanque, que fica jà dentro da horta, com que todas formão hum troço de agua tão copioso, que depois de beneficiarem o dilatado do bosque, sahem fóra ajudar os pomares vizinhos, que em alguns annos a esperão sequiosos, e sempre a recebem contentes.

8 A devoção nos está jà convidando a visitar as Hermidas do bosque. São ellas quatro, todas se vem situadas na parte eminente ao Convento, que aos Religiosos servem nas tardes de retiro, ornando-as a seus tempos com diversas boninas, e flores, e aos seculares de recreação; e ainda que alguns entrão a visitallas só por curiosidade, ou divertimento, todos sahem devotos, e compungidos. A primeira, que encontramos, he a da Senhora da

Conceição: tem em ſeu Altar huma pequena Imagem da meſma Senhora em vulto: o aſſeio da Hermida, a lindeza da Imagem fazem naquelle lugar ſentir a alma huma devoção, e ſaudade do Ceo: ſe jà não he huma como participação da bemaventurança cà na terra. Daqui ſe caminha para outra, que no meio de ſeu Altar tem o Menino Deos à mão direita ſua Mãi Santiſſima, e à eſquerda ſeu mimoſo Aio S. Joſé, todos trez voltando do Egypto peregrinos, enſinando naquelle habito aos que entrão, que nos não tenhamos no mundo por naturaes. A terceira he a do Calvario, chamada aſſim, por ſe ver ornada com hum quadro, que nos repreſenta a Chriſto Senhor noſſo em a Cruz, e com os braços abertos eſpera alli os que entrão: he pintura mui devota, e perfeita; do Altar maior, onde eſtava, antes de ſe fazer a eſte o retabolo novo, que hoje tem, a trasladárão para eſta Hermida. Ultimamente, como deſcendo para o Convento, entre arvores tão antigas, que parece tiverão principio com o mundo, e tão altas, que dão moſtras aſpirão preſumptuoſas tocar as nuvens, eſtá eſcondida a Hermida do Doutor Maximo S. Jeronymo: a Imagem penitente do Santo com huma pedra ferindo o peito; a ſolidão do ſitio, que he o mais ſombrio, o embrenhado do boſque, eſtão fazendo eſtalar de ſentimento o coração, ainda que ſeja o mais duro, e desfazer os olhos em agua, poſto que ſejão os mais ſeccos.

9 Tudo iſto faz ao boſque tão perfeito, que difficultoſamente ſe achará outro, que o iguale: e ſe jà algum diſſe, [c] tratando de outro neſte Reino, que era o mais aprazivel, que havia nelle, e não faltou logo quem accreſcentaſſe, [d] que por ventura era o melhor de Europa, perſuado-me que não vírão eſte, pois querer aventajar-lhe outro algum he conhecidamente roubar-lhe a juſtiça. Por todas eſtas razões, e por ſua quieta ſoledade, he hum dos mais devotos lugares, e accommodado para a contemplação, que em muitas partes ſe poderá achar em a Ordem: e bem ſe vê quão apto ſeja para eſte fim, pela multidão de ſantos Religioſos, que nelle eſtão ſepultados, os quaes para conſolação de ſuas almas procuravão vir a eſta Caſa acabar ſeus dias: com que ficou ſendo hum Reliquiario de toda a Provincia; por cuja cauſa foi ſempre eſte Convento mui eſtimado dos Duques; e tanto cuidado moſtravão na proviſão delle, que tinhão dado cargo a hum homem dos principaes da Villa, para que acudiſſe às neceſ-

[c] Relaç. de Alanq. imp. ann. 1620.

[d] Agiol. Luſit. tom. I. Januar. II. lit. b.

cessidades do Convento, e constando-lhe que o fazia com diligencia, se davão delle por muito bem servidos. A gente do povo assistem com suas esmolas, bastantes a sustentarem dezeseis, atè dezoito Frades, que ordinariamente alli morão; que elles bem pagão em orações, e disciplinas.

CAPITULO XV.

Reedifica-se o Convento do Bosque: referem-se maravilhosos casos nelle succedidos.

1 COmo nossos primitivos Padres nas Casas, que edificavão de novo, só attendião a que fossem pobres, erão todas ordinariamente de pouca dura. E como nesta do Bosque, que fundárão, reluzisse tanto a pobreza, como deixamos escrito, foi tambem a que durou menos, pois só quarenta e trez annos se conservou naquella primeira fórma. No de 1548. ameaçando ruina, a reedificou no mesmo sitio o Duque D. Theodosio, primeiro do nome, mandando-a fazer de pedra, e cal, porque antes era toda de taipa. Não ficou da mesma sorte, em que fora fundada; porque sendo antes toda terrea com as cellas em os panos do claustro, fez levantar os dormitorios ao alto, compadecido das muitas enfermidades, que grangeavão os Frades, por causa de ser o sitio muito humido, e ficarem as cellas terreas, e no baixo. Havia poucos dias que tinha mudado a da Piedade para outro sitio, e entendia actualmente em a fundação do Convento de Portel, quando reedificava este de Borba: e muitos mais fizera, como procurou, se os Frades lho permittírão, que não se limitava a devoção deste Principe a hum só lugar, a todos queria que alcançasse; porque assim como tinha herdado do Duque D. Jaime seu pai os Estados, herdou tambem a devoção. Porèm supposto não ficou o Bosque na mesma fórma, ficou com tudo tão pequeno, e Capucho, e conforme à santa pobreza, como huma das primeiras Casas, que no principio de sua Religião fundou nosso Padre S. Francisco. Agora em nossos tempos, ameaçando segunda vez ruina, foi reedificado outra vez de novo, como em seu lugar diremos.

2 Em a primeira reedificação mostrou o Senhor quanto lhe agradava o ser nesta Casa louvado, e servido, supprindo pelos Anjos hum descuido, que nos Frades houve. Era nella Guardião Fr. João Castanho, que depois foi Provincial; succedeo que na noite da primeira Oitava da Pascoa da Resurrei-

reição, parou o relogio: e como o curſo deſte deſperta a hum Religioſo, a cujo cuidado eſtá chamar os mais a Matinas, por eſta cauſa os não chamou aquella noite a ſeu tempo. Sendo jà quaſi huma hora depois das doze, acordando hum devoto Religioſo, e achando-ſe do ſono ſatisfeito, logo entendeo pelo habito, que tinha de ſe levantar à meia noite, que paſſava jà das horas ordinarias. Preſumio que os Frades terião jà rezado, ou eſtarião rezando as Matinas, levantou-ſe, e foi caminhando para o Capitulo, (ſervia eſte então de Coro, por não eſtar acabado o da Igreja) chegando ao clauſtro, vio que pelas portas do Capitulo ſahia huma claridade extraordinaria, e hum reſplandor maravilhoſo: ouvio tambem que dentro nelle mui ſuavemente ſe rezava. O reſplandor, que via, a ſuavidade das vozes, que ſoavão, o tinhão interiormente tão conſolado, que lhe parecia eſtar no Paraiſo. Cuidando com tudo que os Frades da Caſa erão aquelles, foi para entrar onde eſtavão; mas como os não conheceſſe, tornou atràs, foi chamar outro Religioſo para o fazer tambem participante daquella maravilha. Vierão ambos; e ſuppoſto que ainda vírão o reſplandor, e ouvírão as vozes dos que rezavão, tanto que chegárão às portas do Capitulo, deſappareceo a viſão, e ficou a Caſa às eſcuras. Forão logo deſpertar aos Religioſos para rezarem as Matinas, que recompenſárão bem o deſcuido cauſado do relogio com huma nova devoção, e eſpirito, que para os Divinos louvores lhes cauſou o ſucceſſo, que os dous lhes referírão. Aſſim ſupprio Deos Senhor noſſo aquella breve falta ou com Anjos em habito de Frades, que por taes os julgárão os dous Religioſos, teſtemunhas deſta maravilha, ou Frades alli ſepultados. Serião Anjos ſem duvida; porque como aquella Caſa he dedicada a noſſa Senhora dos Prazeres, e o tempo, em que iſto aconteceo, era o da Reſurreição de Chriſto Senhor noſſo, quando a Senhora teve o maior prazer, que neſte mundo logrou, vierão os Anjos do Ceo celebrar eſte à terra.

3 Quaſi pelo meſmo tempo ſuccedeo neſta meſma Caſa, que morando nella hum Religioſo muito eſpiritual, devoto, e contemplativo, andava elle muito deſconſolado, por não ſentir dentro de ſi nenhuma ſuavidade em os exercicios da virtude. Diſciplinava-ſe rigoroſamente, jejuava com auſteridade orava de continuo; mas tudo iſto com huma ſequidão de eſpirito tão grande, que era neceſſario fazer muita força à na-

natureza para se não apartar destes exercicios, o que antes sem alguma violencia, mas quasi com huma natural propensão, se chegava a elles. Dava-lhe pena ao bom Religioso cuidar, que o deixava Deos, e se apartava delle; não desistia porèm dos seus costumados exercicios, accrescentando outros de novo, mas todos com a mesma sequidão de espirito. Perseverou nesta fórma, atè que o Senhor (que se dilata as mercês a quem trabalha merecellas, he para depois as dar dobradas) o visitou com huma suavissima consolação nesta maneira. Veio elle huma noite de Matinas para a sua cella, e pondo-se à janella pensativo na desconsolação, que trazia, levantou os olhos ao Ceo, donde esperava que o remedio lhe viesse, e vio que pelo ar vinha descendo hum instrumento musico a modo de viola, (da mesma maneira que jà em outro tempo tinha visto outro semelhante nosso Serafico Padre S. Francisco.) [a] Não vio quem o tangia, mas vio o instrumento, e ouvio a melodia, e suavidade de sua musica, com a qual ficou seu espirito cheio de huma consolação tão estranha, e maravilhosa, que o coração lhe não cabia em o peito; e o que mais he de maravilhar, de tal maneira se lhe imprimio aquelle tanger em a alma, que todas as vezes, que dalli em diante se lembrava do que ouvíra, recebia a mesma consolação, e desterrava de si toda a tristeza. Dos Frades, que estas cousas vírão se não dizem os nomes proprios, porque nenhum delles por sua humildade se quiz dar por author, nem descubrir que taes cousas lhe havião acontecido; mas sómente o manifestárão, affirmando que sabião Religiosos, que tinhão visto em a Casa do bosque estes apparecimentos.

CAPITULO XVI.

Do Convento de S. Vicente do Cabo.

1 DEsde o anno de 1505. em que nossos Religiosos fundárão o Convento do Bosque, atè o de quinze, não recebêrão outro algum; mas como jà neste anno se augmentasse o numero dos Frades, aceitárão quatro, que lhes offerecião no Reino do Algarve. Entre estes foi primeiro habitado o de S. Vicente, por estar jà feito, e assim trataremos primeiro delle, começando pela descripção do sitio: e fique reservado para mais ao diante o darmos noticia de sua fundação, e de quem o recebêrão nossos Frades. He o lugar, onde está situado o Convento, huma

ma eſtreita ponta, ou lingua de terra firme, que sahindo quaſi duas leguas fóra do outro circuito do groſſo da terra, entra pelo mar Oceano, adelgaçando-ſe cada vez mais em modo pyramidal, atè dar em largura de hum tiro de pedra de mar a mar. Ambos os lados são de altos riſcos, e de viva rocha, que terá em partes mais de ſetenta braças de altura, e em algumas dellas tanto a pique como ſe foſſe feita a prumo. Paſſado eſte eſtreito, que fica a modo de collo, fortificado com hum muro, ſe dilata algum tanto mais o ſitio, em que eſtá huma fortaleza, e eſte noſſo Convento, como que faz alli cabeça àquella ponta da terra. Não ha em todo aquelle termo fonte de agua doce, ſenão dahi huma legua, e não mui boa, nem ainda a ſalgada do mar ſe póde haver para o ſerviço, ſenão he com engenhos de grande trabalho, perigo, e cuſto; mas vive-ſe de ciſternas de agua chovidiça, que os ares daquelle ſitio tornão tão boa, que lhe não faz ventagem a mais approvada das melhores fontes.

2 Nenhumas arvores eſtão por eſte Cabo, ſalvo alguns pequenos zimbros: nem ha hortaliça, ou freſcura alguma, mais que o deſerto ſemeado de algumas flores agreſtes, como são cravos, cravelinas, e outras deſta ſorte, que ſuſtentando-ſe de ſó o rocio do Ceo, excedem a todas as dos jardins cultivados em a ſuavidade do cheiro. Os ares neſte celebre Promontorio são os mais ſalubres, e temperados, de quantos no mundo os homens tem viſto; porque nunca de Verão ſe ſente a moleſtia da calma, nem de Inverno o rigor do frio: e ſe algum ſe ſente (que com tudo não chega a ſer penoſo) he de Verão, pelo muito refreſco, e viração do mar, que ſempre corre. Deſte bom temperamento, e da meſma natureza do clima ſer tal, que faz digirir o mantimento com muita facilidade, e appetecer novo alimento o calor natural, vem, que raramente aqui ſe adoece. E a não ſer aſſim, mal pudéra ſer habitado eſte Convento; porque o mais perto, e vizinho povo, que tem, he de duas leguas, e eſſe tão mal provido de Medico, e couſas neceſſarias para os enfermos, que ſe algum Religioſo adoece em S. Vicente, ſe vai curar ao noſſo Convento em Lagos, que eſtá em diſtancia de ſete leguas.

3 Tem neſte lugar os olhos em que exercitar ſua natural potencia, dilatando-ſe a huma, e outra parte pelas largas, e eſpaçoſas aguas do mar Oceano: nem faltão a cada paſſo novas occaſiões de goſto, em que occu-

cupalla, porque he muita a frequencia, e variedade de embarcações, que vem demandar este Cabo, assim das Armadas, e Frotas Reaes, como de todo o mais genero de Galés, Náos grandes, e pequenas, Navios, e Caravellas de diversas gentes, nações, e linguas, que se vem passar de huma parte a outra, tão vizinhas da rocha, que muitas vezes estão os navegantes com os Religiosos à falla. Acontece tambem outra vez, como de palanque (que a altura, e aspereza da penha talhada faz seguro) estar vendo naquelle capacissimo theatro (ainda que isto não sem dor pelo damno dos nossos) muitas navaes tragedias de batalhas, e combates, especialmente de ladrões, corsarios, e piratas, que como quem espera caça ao salto, vem alli esperar os navegantes passageiros, para lhes roubarem as fazendas, e miseravelmente cativarem as pessoas: aos quaes humas vezes vencem, outras tambem são vencidos, segundo costuma ser vario o successo da guerra.

4 Porèm o que he gosto sem contrapezo, he ver os exercitos de monstros marinhos, que a meudo apparecem no meio das aguas, como em claro espelho: ora os da mesma especie, como em danças festejando: ora os de contrarias naturezas huns com outros cruelmente combatendo com muitas mortes, e derramamento de sangue, soprando com colera, e lançando ao alto grandes golpes de agua, com grande furia, e notavel estrondo. Outros seguem a outros peixes mais fracos, e meudos, de que alli multiplica o mar infinita copia, porque vivem izentos das redes, e livres dos laços dos pescadores, que os inquiete, ou diminua: ainda que não seguros das aves de rapina, de que ha grande numero, e diversidade, as quaes deixando-se do alto cahir em o mar, como huma setta, ou seja por huma natural virtude, com que fazem ao peixe estar quedo, e de medo esperar passado, ou seja porque dentro da agua correm mais ligeiras, de dentro della o tirão de mergulho, e lhe fazem conhecer outro novo elemento, levando-os ainda vivos, e inteiros para pasto proprio, e de seus filhos. Todas estas cousas fazem aos olhos huma vista agradavel, e ao lugar aprazivel.

5 Alèm disto foi sempre este lugar famoso em o mundo, assim por ser ultimo fim, e termino Occidental da terra, e terem vindo a elle muitos Filosofos insignes a experimentar huma cousa, que tinhão por maravilha, que he ver pela manhã no Oriente sahir das aguas do

mar o Sol, quando naſce, e fazendo ſeu curſo ſempre por ſima dellas, tornar-ſe a eſconder à tarde nas meſmas aguas do mar em o Poente: como tambem pelo nome, que tinha de Sacro Promontorio, entre os Geografos aſsàs celebre, e conhecido. Eſte nome lhe derão os antigos, por ter ſido nelle ſepultado Tubal neto de Noé; [a] que ſendo o primeiro povoador deſta noſſa Heſpanha, depois do univerſal diluvio, o eſcolheo por ſua morte para ſepultura: e pelo famoſo templo, que Hercules Lybico edificou depois naquella parte, [b] onde ſe mandou enterrar: e vindo a cega gentilidade a adorallo por Deos, e de diverſas, e longinquas partes em romaria a offerecer-lhe ſacrificios, crendo mil ficções, como era perſuadiremſe que fazião os Deoſes alli de noite feſtas, [c] e jogos, e tinhão ſeus paſſatempos: tinhão aquelle lugar em tanta veneração, e reſpeito, que não ouſavão chegar a elle antes de amanhecer, nem depois do Sol poſto: e finalmente quando havião de chegar, era com muitas, e ſuperſticioſas ceremonias.

[a] Reſend. in Vincent. liv. 2.

[b] Idem l. 4. de antiq. fol. 185.

[c] Strab. l. 3. in initio.

6 Mas tudo iſto ſe acabou, e extinguio depois que Heſpanha deixou a gentilidade, e recebeo a Fé Catholica, principalmente depois que os Catholicos trouxerão de Valença o corpo de S. Vicente, e o ſepultárão neſte Cabo, em o qual lugar tem ſeu templo: por cuja cauſa eſquecendo-ſe o nome de Promontorio Sagrado, [d] conſervando-ſe a verdade das palavras, e o ſentido, (pois hoje he mais ſagrado do que o foi em nenhum tempo) ſe chama Cabo de S. Vicente: de cujo ſagrado corpo eſtá pedindo a obrigação diga neſte lugar o milagroſo modo, com que alli foi trazido, e tempo, que nelle foi ſepultado.

[d] D. Rodrig. da Cunha Hiſtor. da Igreja de Lisboa p. 2. c. 15. num. 6.

CAPITULO XVII.

De como o corpo do Martyr S. Vicente foi trazido ao Sacro Promontorio, e dahi traſladado a Lisboa.

1 DEpois que Daciano Preſidente em Heſpanha pelos Emperadores Diocleciano, e Maximiano, martyrizou ao Sagrado Levita, e inſigne Martyr S. Vicente, mandou lançar ſeu corpo em hum lugar immundo, onde as aves, e feras o comeſſem. Hum corvo [a] (cuja natureza he appetecer os corpos mortos, e ſuſtentar-ſe delles) com as unhas, e bico defendeo aquelle das outras aves, e animaes, e com tanta diligencia, que nem ainda hum lobo o tocou, ſuppoſto que feroz acudio. Vendo o cruel Da-

[a] Petr. à Natalib. in vita S. Vicent.

Daciano, como daquillo mesmo, que buscára, cuidando servisse ao Santo de affronta, lhe resultava maior gloria, determinou escurecer-lhe a gloria, jà que lhe não podia fazer affronta. Com huma pezada pedra ao pescoço o mandou lançar em o mar, bem afastado da terra, para que tirando-o dos olhos dos Christãos, lhe tirasse a elle a veneração, que seu inclyto martyrio tinha bem merecido. Mas como não ha traça dos homens, que impida o que o Ceo ordena, não aproveitou esta cousa alguma ao tyranno: pois sustentando-se aquelle sagrado corpo brandamente sobre as aguas, veio caminhando para a praia, onde appareceo, primeiro que a ella chegassem os que no mar o tinhão deixado. As ondas lhe abrírão na arêa sepultura, onde esteve atè que por revelação do mesmo Santo o trasladou huma devota Matrona para junto dos muros de Valença, e neste lugar, onde segunda vez foi sepultado, lhe edificárão depois hum Templo.

2 Sem duvida foi disposição Divina darem-lhe sepultura fóra da Cidade, como em profecia, que o esperavão outros Mausoléos mais gloriosos, do que lhe poderia dar sua patria, pois para estes estava jà destinado o Sacro Promontorio, e a nobre Cidade de Lisboa. Alli esteve o Santo corpo reverenciado de toda Hespanha atè a entrada, que nella fizerão os Mouros, pelo infeliz successo de ElRei D. Rodrigo, ultimo dos Godos. Estando Hespanha a elles sujeita, succedeo que Abderamen Rei de Cordova, pelos annos do Senhor 760. sentindo muito que os Christãos fossem de novo conquistando, [b] e libertando algumas terras, e a grande perda, que teve n'uma cruel batalha, onde foi vencido por ElRei D. Fruela, deo em perseguillos mui cruelmente, matando, destruindo, arrazando Templos, e Igrejas, e fazendo grandes injurias às cousas sagradas, e reliquias de Santos. Temendo alguns Christãos devotos do Martyr S. Vicente, que as suas corressem este risco, tirando seu sagrado corpo do lugar, onde estava, e mettendo-se com elle em huma pequena embarcação (segundo o tempo, em que vinha o Mouro contra Valença, e o temor, que tinhão o permittia) se entregárão às inconstantes ondas do mar: em cuja companhia hia tambem o corvo, que depois de haver guardado o corpo do Santo, nunca mais o desamparou, assistindo sempre à sua sepultura.

[b] Refend. in Vinc. Moral. l. 10. cap. 8.

3 Deixando-se aquelles Catholicos assim guiar por onde os levasse a providencia Divi-

na, ſahírão pelo eſtreito de Gibraltar ao mar Oceano, e vierão aportar a eſta ponta de terra, e famoſo Promontorio referido, onde no alto da rocha derão ao ſanto corpo ſepultura. Fizerão alli huma Hermida de pedras toſcas, e ramos de arvores, como melhor então puderão, e algumas pobres caſas do meſmo material, onde determinavão paſſar a vida, dando-ſe por ſeguros dos Mouros, que não chegavão àquella parte, por ſer deſerto inhabitado, e a mais terra a dentro matta eſpeſſa. Alli vivêrão muitos annos, ſuſtentando-ſe da peſcaria de cana, ou de linha, que he mui copioſa, e de grandes peixes, e nas praias cercans, e de algumas frutas, e pouco pão, que ſemeavão, e colhião, mettendo-ſe algum tanto pela terra dentro, onde tambem hião buſcar agua de beber mais de meia legua, não ſem grande trabalho. Succedeo que andando à caça hum nobre Mouro natural de Féz, chamado Haliboaces, em companhia de outros, foi a caſo dar àquella parte, e encontrando os Chriſtãos, conhecendo-os por taes, paſſárão todos à eſpada, reſervando ſó os meninos, que comſigo levárão para eſcravos.

4 Vivêrão eſtes em Féz atè ſerem jà homens, que pudeſſem ir à guerra, que neſte exercicio os devião de occupar ſeus ſenhores, porque quando ElRei de Portugal D. Affonſo Henriques venceo no Campo de Ourique ao Rei Iſmat, com mais quatro Reis Mouros, entre os muitos cativos, que ficárão do numeroſo exercito dos Mouros, ſe achárão alguns deſtes chamados Muçarabes, que he o meſmo que miſturados com os Arabes, ſegundo Vaſeo; [c] os quaes derão noticia de tudo, o que lhes tinha ſuccedido, e de como ſeus pais tinhão trazido de Valença o corpo do Martyr S. Vicente para aquelle Cabo do Algarve, onde ficára, quando a elles os levárão cativos para Féz. ElRei deſejoſo de achar as reliquias do Santo Martyr, fazendo treguas com os Mouros do Algarve, foi peſſoalmente buſcallas: mas não foi o Senhor ſervido que déſſe com ellas, porque tinha Deos ordenado (dizia o piedoſo Rei) que ganhaſſe primeiro a eſtes inimigos a Cidade de Lisboa, e na Sé della déſſe a eſte glorioſo Santo o Padroado, e ſepultura. Correndo depois as couſas de maneira, que tomou a Cidade de Lisboa, depois de eſtar vinte e ſeis annos de poſſe della, mandou de novo buſcallas: para o qual hia huma caravella bem aparelhada, com alguma gente mais devota, que deſembarcando em huma praia vizinha, ſe fo-

[c] Vaſæus tom. 1. ann. 717. §. 4.

forão ao lugar, que por relação ſe dizia ſer aquelle, onde fazendo a devida diligencia, e primeiro oração a Deos noſſo Senhor, que lhes deſcubriſſe o que buſcavão, achárão a ſepultura das ſantas reliquias, e com igual alegria que reverencia, as mettêrão na caravella, e levárão comſigo; não ſem milagres, que lhe derão certeza de ſerem aquellas.

5 Porque hum dos preſentes eſcondendo hum oſſo de hum dedo do Santo ao tempo, que o deſenterravão, ficou ſubitamente cego, atè que tornou a reſtituir o furto ao mais corpo, e então lhe foi reſtituida outra vez perfeitamente a viſta, como ſe nada lhe tivera acontecido. O mar tambem, que naquellas partes he ſempre inquieto, e alterado, ao embarcar eſtava como ſe fora hum manſo rio. Com eſte bom ſucceſſo, e clara prova de ſer aquelle o theſouro, que havião buſcado, ſe tornárão para Liſboa, vindo juntamente com elle dous corvos, hum na proa, outro na popa, que ſempre tinhão aſſiſtido na ſepultura do Santo. Deſembarcárão junto da Igreja de Santa Juſta, e Rufina, onde entrárão de noite, por evitar tumulto: correo logo pela Cidade a fama deſte feliz ſucceſſo, e ajuntando-ſe a maior parte da gente, huns erão de parecer, que o levaſſem a S. Vicente de Fóra, Convento de Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, que o dito Rei D. Affonſo Henriques tinha fundado, a fim de deſcubrir tão rico theſouro: outros que o depoſitaſſem em a Sé, viſto ſer a Igreja mais principal de todas. Finalmente por induſtria de D. Ruperto, Deão da Sé, forão as ſagradas reliquias na Cathedral honorificamente collocadas, em quinze de Setembro de 1173. ſem que deſta determinação foſſe ſabedor o Rei, porèm depois a approvou; o qual por memoria deſta trasladação deo à Cidade por Armas [d] huma Náo, e dous Corvos, hum na proa, outro na popa: e quiz que o Cabo dalli em diante ſe chamaſſe de S. Vicente: que ſe Liſboa tomou poſſe venturoſa de ſuas reliquias, era bem que ao Promontorio, pelo jazigo, que lhe deo tantos annos, lhe ficaſſe ao menos o nome.

[d] Eſtaço nas ſuas antig. cap. 27.

CAPITULO XVIII.

Moſtra-ſe que o corpo do Martyr S. Vicente foi trazido de Valença ao Cabo do Algarve, hoje de ſeu nome.

1 GRande gloria reſultou ao Reino de Portugal alcançar as reliquias de hum tão inſigne Martyr, como

mo S. Vicente: e tal vez que ſó por conhecerem eſta os Caſtelhanos, negaſſem ſua trasladação de Valença para o Sacro Promontorio, que he jà mui antigo em ſeus Hiſtoriadores opporem-ſe tanto de véras a tudo o que póde ſer glorioſo ao noſſo Reino, como ſe ſó neſta oppoſição eſtivera toda a gloria de ſua patria: ou ſe ſe pudérão vingar com os raſgos da penna os golpes da eſpada. Dizem pois que reinando em França Carolo Calvo, filho de Luiz primeiro Emperador, florecêra em França na Provincia de Aquitania certo Monje de vida inculpavel, por nome Hildeberto, e que eſte eſtando dormindo ouvíra huma voz, que o mandava peregrinar a Valença, Cidade em Heſpanha, e buſcar nella fóra de ſeus muros o corpo do glorioſo Martyr S. Vicente, e trasladallo a parte, onde foſſe venerado. Communicou Hildeberto o ſonho a outro Religioſo de ſeu Convento, chamado Audaldo, o qual approvando-lho por revelação, ſe offereceo a acompanhallo naquella jornada. A poucos dias della adoecendo Hildeberto, acabou o curſo mortal, e a jornada, que emprendêra; Audaldo porèm foi continuando ſeu caminho, achou o corpo do glorioſo Martyr, voltou, depois de paſſar no caſo varios tranſes, e experimentar muitas, e diverſas contradicções, a França ſua patria, e o collocou em o ſeu Moſteiro de Caſtris. Os varios ſucceſſos deſta peregrinação de Audaldo andão eſcritos em huma relação, ou tratado, que ſe attribue a Aimoino [a] Chroniſta de França, porèm tão chea de contrariedades, que qualquer mediano juizo a avalia logo por couſa de ſonho. Mas não obſtante iſto, contentou tanto eſta opinião aos Caſtelhanos, que ſem mais exame a abraçárão muitos por boa: e ainda diſſe Beuter, [b] que o amor, que os Portuguezes tinhão à patria, os não deixava ver a juſtiça dos Francezes, como ſe a noſſa opinião ſe eſtribára nos impoſſiveis da ſua.

2 Eſtes moſtrárão jà mui doutamente alguns Authores Portuguezes, e neſte lugar nos corre a nós obrigação particular fazer o meſmo: pois temos a ſepultura do inſigne Martyr neſte noſſo Convento, de que vamos fallando, ſó por eſte reſpeito fundado: e jà que Lisboa nos tirou ſeu ſagrado corpo, não nos queira o Moſteiro de Caſtris (hoje Cathedral) em França tirar tambem a ſepultura. Deixadas as manifeſtas contradicções, que em ſi involve a ſobredita relação attribuida a Aimoino, pois não falta quem com grande fundamento [c] a não tenha

[a] Aim. liv. 5. cap. 2.

[b] Beuter in Chron. de Arag. li. cap. 25.

[c] D. Rodrig. citad. c. 15. num. 5. citans Bellarm. de Script. Eccleſ. ann. 873.

nha por sua; não he de crer que os Valencianos se descuidassem tanto do seu glorioso Martyr, que fosse necessario vir de França Audaldo resgatallo da mão dos Mouros. Todos os povos, que tinhão semelhantes reliquias, fugião com ellas para onde lhes parecia mais seguro: assim o fizerão os Eborenses com o corpo de S. Manços, seu Patrono: [d] os Emeritenses com o de Santa Eulalia: [e] os Toledanos com o de Santa Leocadia, e outras reliquias: [f] pois tendo este cuidado os mais povos, só os Valentinos havião de deixar em poder de infieis o sagrado corpo de seu Protector S. Vicente? Faltaria em toda aquella Cidade hum homem zeloso, e devoto, que procurasse livrar aquellas sagradas reliquias do tyranno? Não he de crer faltasse, salvo quizermos dar lugar à presumpção de Diogenes, que de dia com huma candeia entre muitos, que estavão na praça de Athenas, não achava hum, que na sua opinião fosse homem.

3 Demais que se não funda a nossa opinião de o termos em Portugal em conjecturas piedosas, mas em testemunho expresso dos Christãos, que fugírão com o santo corpo para o Sacro Promontorio, como temos referido, e consta dos Annaes publicos deste Reino. He tambem fundamento mui grande em prova desta verdade ver que os corvos, que huma vez tomárão a seu cargo a guarda do corpo deste Santo Martyr, nunca mais o desampárárão atè o dia de hoje, de tal maneira, que se morrem huns, logo vem outros. Quando foi lançado no lugar immundo, hum corvo defendeo seu corpo das mais aves; depois o acompanhárão sempre dous no Templo, que lhe edificárão os Christãos junto aos muros de Valença: mas não se lê que depois que o Santo Martyr foi trasladado daquella Cidade, apparecessem mais alli os corvos, nem em França onde os Castelhanos querem que esteja seu corpo: sendo assim que sempre assistírão dous no Sacro Promontorio, depois que em si teve este grande thesouro: e em Lisboa desde o tempo, que a ella foi trasladado. E podendo dizer, em algum modo, de si o Santo Martyr a respeito dos corvos, o que Christo Senhor nosso das aguias, a saber, que onde seu corpo estivesse, ahi se ajuntarião estas: [g] assistindo os corvos em Portugal, e não em França, claramente mostrão que não em França, mas em Portugal está seu sagrado corpo.

[g] Matt. c. 24. num. 28.

4 Desta assistencia são irrefragaveis testemunhos não só todo este Reino, mas tambem todos os estrangeiros, que

ao

ao Sacro Promontorio , ou a Lisboa aportárão, onde os vem andar continuamente: e no nosso Convento se mostrão tão domesticos, que chegão a tomar o sustento da mão a alguns Religiosos. E o que mais he, que indo os Religiosos hum dia na semana dahi duas leguas pedir esmola, muitos me affirmárão, os hião buscar os corvos ao meio do caminho, esperando lhes trouxessem alguma cousa, que depois de recebida, como em agradecimento, os acompanhavão atè o Convento, voando de sorte pelo caminho, que chegavão todos ao mesmo tempo. Não consentem naquelle sitio outro algum corvo, nem ainda aos proprios filhos: pois tanto que podem voar, com os bicos os obrigão a apartarem-se dalli; porèm succedendo morrer algum dos dous, no mesmo instante se vem naquelle lugar muitos, que voando em gyro, como fazendo eleição do que ha de ficar, deixão alli hum, indo-se os demais. Isto tudo estamos vendo, que he prova evidente de termos alli, alèm da sepultura, huma reliquia do Santo Martyr, como direi no Capitulo seguinte. Porèm deixando os argumentos da razão, vamos aos de authoridade, e demos o primeiro lugar ao Mouro Rasis, Chronista de ElRei de Cordova, que por ser tudo o que disse em odio de nossa Santa Fé, e dos Christãos, faz livre de toda a suspeita seu testemunho.

5 No anno [b] dos Arabes 138. (escreve Rasis) veio a Hespanha Abderamen filho de Moaba, e vencido, e morto por elle Josè, se fez senhor do Reino de Hespanha, &c. Este Abderamen sujeitou todas as Cidades, que em Hespanha tinhão os Mouros: fazia tambem guerra aos Christãos; e partindo-se a Sevilha, tomou a Beja, Evora, Santarem, e Lisboa, e todo o Algarve, e affligio notavelmente aos Christãos de Hespanha, que não houve Cidade, ou Villa murada, que de suas armas se pudesse defender. Pelo que seus moradores desamparando as Cidades se acolhião às serras das Asturias. Este mesmo destruio todas as Igrejas de Hespanha, que ainda achou em pé, das quaes se conservavão muitas, e mui bem fabricadas, assim do tempo dos Gregos, como dos Romanos. Fazia outrosim queimar os corpos de todos aquelles, em quem os Christãos crião, e veneravão, chamando-lhes Santos: o que vendo os Christãos, assim como cada hum podia, fugião com todas estas cousas aos desertos, e lugares apartados, e desta maneira tudo o que havia de veneração, e santidade entre os mesmos Christãos,

[b] Resend. Epist. ad Cheb.

tãos, se passou às Asturias. Chegando a Valença, os Christãos, que nella moravão, tinhão em grande estima o corpo de hum homem defunto, a quem chamavão Vicente, adorando-o como a Deos: e os que o tinhão em seu poder, fazião crer aos demais, que este homem dava vista a cegos, falla a mudos, pés a coxos, enganando desta maneira ao povo cego. Porèm como souberão da vinda de Abderamen, temendo que este engano se descubrisse, fugírão, levando comsigo o corpo daquelle homem. E costumava contar Aliboaces, aquelle bom Cavalleiro de Féz, que andando elle hum dia com a sua gente à caça por junto do mar, no Algarve, no cabo do monte, que nelle entra, achára alli o corpo deste homem, e os que comsigo o trouxerão de Valença, os quaes tinhão alli feitas casinhas, em que moravão; e matando-os a todos, levára os meninos cativos, não tocando no corpo, &c.

6 Não pudéra Rasis fallar com palavras mais expressas, que sendo proferidas pela boca de hum inimigo, como mostrão nas blasfemias, que contém, fica seu testemunho indubitavel. Se as lêra Beuter, não dissera temerariamente que o demaziado amor da patria cerrava os olhos aos Portuguezes, para não verem a verdade: não sei o que dissera de muitos Authores Castelhanos, que seguem esta nossa opinião, pois nelles não milita, o que a nós impõem. Da nossa parte temos a Morales na Chronica geral de Hespanha; [i] Vaseu; [l] o Padre João de Mariana na sua Historia de Hespanha: [m] Garibai no seu Compendio Historial: [n] Luitprando, e Heleca, ambos Bispos, este de C,aragoça, e aquelle de Cremona; o Cardeal Baronio, [o] o qual escreve, que sendo Valença, Cidade da Provincia Tarraconense destruida pelos Mouros, os Christãos tirárão della os ossos do sagrado Martyr S. Vicente, e os levárão à ultima parte da Lusitania, lugar, que depois foi chamado Cabo de S. Vicente.

[i] Mor. l. 10. cap. 8.
[l] Vas. tom 1. ann. 757.
[m] Mar. l. 4. cap. 12. & liv. 7. c. 6. & l. 11. c. 6.
[n] Gar. l. 34. cap. 14.
[o] Baron. tom. 9. an. Christ. 761. in fine.

7 Nascêrão estas opiniões de ter S. Valerio dous Levitas no mesmo tempo, da mesma idade, e nome: Francez hum, natural de Aagen; Hespanhol outro, natural de Huesca. Ao primeiro mandou o Santo Bispo prégar à sua patria, onde padeceo martyrio; e depois pelo muito cuidado, que nisso poz Morila, Bispo de Valença, forão trazidas àquella Cidade suas reliquias, onde estiverão atè que as restituio a França o Monje Audaldo. O Hespanhol natural de Huesca, foi trasladado ao Sacro Promontorio, e

dahi a Lisboa, na fórma, que temos referido. Com que o S. Vicente, que está em França na Cidade de Castris, não he o nosso Hespanhol, como dizem os Castelhanos, he o Francez trasladado pelo Monje Audaldo; mas não da maneira, que conta Aimoino, se acaso foi author daquella relação. Tudo isto diz o jà nomeado Heleca Bispo de Ç,aragoça, e o mostrou evidentemente, como se póde ver em a Historia Ecclesiastica de Lisboa, onde seu Illustrissimo Author trata esta materia, e tão doutamente [p] como costuma em todas as materias, de que trata: ahi o póde ver o curioso, que nós bastantemente nos temos detido, para a brevidade, que professamos. E pois deixamos manifesto aos Castelhanos que o insigne Martyr S. Vicente esteve muitos annos no lugar, onde hoje temos Convento, passemos agora a tratar de sua fundação.

[p] D. Rodrig. cit. cap. 16.

CAPITULO XIX.

Fundação do Convento de S. Vicente, e de huma reliquia sua, que nelle temos.

1 DEpois que no Cabo de S. Vicente foi achado o santo corpo do insigne Martyr, ficou aquelle Promontorio venerado verdadeiramente por Sacro entre os Christãos, se jà superticiosamente o tinha sido entre os gentios. Logo que os Mouros forão lançados daquellas terras, começárão com romarias a frequentar a sepultura, onde estivera o Santo: por cuja causa, e pela devoção, que lhes tinha o Infante D. Pedro, filho de ElRei D. João o I. de Portugal, mandou sobre o lugar da sepultura fazer huma Hermida muito lustrosa, porque as paredes ficárão cubertas de curiosos azulejos, e o tecto de madeira, com tanta variedade pintado, que causava alegre vista a quem entrava nella. Ficava a porta principal da Hermida para a parte do mar, fazendo rosto ao meio dia, e entrando por ella à mão esquerda, debaixo de hum arco de boa fabrica, mettido na parede, e fechado com grades, a sepultura do insigne Martyr.

2 Assim esteve muitos annos, atè que D. Fernando Coutinho foi por Bispo para aquelle Reino do Algarve: o qual pela grande devoção, que ao Santo tinha, não muito longe da Hermida fundou humas casas, em que estava grande parte do anno: mandou tambem fazer alli huma torre de farol, compadecido da muita necessidade, que della tinhão os navegantes, a qual servia de dar luz,

luz, e aviſo em tempo de tempeſtade, e noite eſcura, para fugirem da coſta, e ſe fazerem ao largo, deſviando-ſe do perigo. Nem com iſto ſe deo por ſatisfeito aquelle bom Prelado, ſenão que mandou fazer à ſua cuſta na meſma Hermida hum Convento de muito boa fabrica, e grandeza, para onde levou os mui Religioſos Padres da Ordem de S. Jeronymo, que alguns annos o habitárão, atè que o deixárão pelas razões, que lhes ſerião preſentes. Mudando porèm mais adiante o parecer, tornárão outra vez a morar nelle, atè que ultimamente o largárão de todo: e foi no tempo, que neſte Reino começava a florecer a nova Provincia da Piedade, com titulo ainda de Cuſtodia: e como a fama da virtude, e ſantidade de ſeus Religioſos jà de todos foſſe conhecida, deſejando o Biſpo que ſuas ovelhas lograſſem ſeu bom exemplo, mandou-lhes offerecer eſte Convento, que no Cabo de S. Vicente tinha feito, e que ſe quizeſſem aceitallo, lhes mandaria fazer mais outros trez em diverſas terras daquelle Reino: convem a ſaber, em as Cidades de Sylves, Lagos, e Faro.

3 Eſta offerta do Biſpo do Algarve chegou a Borba, a tempo que em o noſſo Convento do Boſque ſe celebrava Capitulo Cuſtodial, no qual foi a Caſa de S. Vicente do Cabo recebida, e juntamente a promeſſa, que o dito Biſpo fazia dos trez Conventos mais naquellas terras. Forão logo Frades para S. Vicente, e no anno de 1516. entrárão no Convento: outros forão a Faro eſcolher ſitio, onde eſtiverão quaſi hum anno, em huma Hermida de S. Sebaſtião, e por alguns reſpeitos, que ſe mettêrão de permeio, largárão a pertenção da Caſa, que determinavão fazer. Quando entrárão noſſos Frades no Convento de S. Vicente, achárão ahi huma reliquia do Santo, que parece ſer hum oſſo de huma das mãos: eſtava mettida em huma pequena redoma de cryſtal, atè que D. João de Mello Biſpo do Algarve, que depois veio por Arcebiſpo de Evora, lhe mandou fazer huma Cuſtodia de prata, em que eſtá agora de preſente guardada no Sacrario.

4 Não ſabemos como, nem donde eſta reliquia veio a eſta Caſa; ſeria trazida tal vez por ordem do Infante D. Pedro, quando fundou a Igreja, ou do Biſpo D. Fernando Coutinho, quando o Convento. He venerada com grande devoção de todo aquelle Reino, que em todo o tempo com frequencia a viſitão: e no dia do Santo he notavel o concurſo, que acode,

pela indulgencia plenaria, que ganha quem confessado, e commungado visita a Igreja: o que se deve à diligencia de hum devoto Clerigo natural de Sylves, chamado Antonio Martins, Doutor *utriusque juris*, que a impetrou em fórma de Jubileo, como consta de hum Breve do Summo Pontifice Pio IV. expedido em Roma em vinte de Novembro do anno de 1562. e terceiro de seu Pontificado. E supposto que o Santo Martyr agradecido à muita devoção, com que todos o buscão, faz muitos milagres, assim nos navegantes, que nas tormentas do mar, e nos perigos de piratas chamão por elle, e lhe fazem votos, como tambem nos da terra, que por se verem livres de qualquer enfermidade, ou achaque, principalmente de quebraduras, se lhes vem offerecer: com tudo huma das maiores maravilhas, que alli obra Deos pelos merecimentos de seu Santo; he não faltar nunca terra de sua sepultura, levando-a della continuamente. Está a sepultura feita ao picão em rocha viva, onde não ha outra terra, que a que se deitou nella, quando S. Vicente foi alli sepultado: e depois que os nossos Frades para alli forão, que ha cento e sessenta e sete annos, sendo assim, que estão os Romeiros levando de continuo dalli terra, nem ella falta na sepultura, nem se acha menos: caso verdadeiramente notavel, e milagre continuo, em que Deos quer mostrar os grandes merecimentos de seu Santo.

CAPITULO XX.

Varios successos do Convento de S. Vicente.

1 COmo este Convento de S. Vicente está em hum deserto, e em parte, por onde cada dia passão inimigos, tem-se visto os Religiosos nelle moradores algumas vezes em perigo; porque desembarcando em praias apartadas, vem por terra a fazer-lhes damno. Destes forão huma vez os Herejes Lutheranos, os quaes com intento de profanarem as cousas Divinas, derão sobre o Convento de repente; mas não tanto, que os Religiosos não tivessem tempo de commungar o Santissimo Sacramento, e porem em salvo a Custodia com a reliquia do Santo, com a qual se recolhêrão todos, e fizerão fortes em a pequena torre de farol, onde escapárão da furia dos inimigos; que contentes de saquearem a Sacristia, e levarem della os vasos, e ornamentos sagrados, e alguma mais pobreza, que achárão pela Casa, pondo primeiro fogo aos reta-

tabolos da Igreja, e deſtruindo outras muitas couſas, ſe tornárão. Por eſta cauſa mandou logo ElRei D. João III. que então reinava em Portugal, fazer naquelle lugar outra torre [a] muito mais aventajada na altura que aquella, e mais forte, para reſguardo do Convento, e dos Religioſos. Mandou tambem atraveſſar hum muro, que toma de mar a mar, em a eſtreita paſſagem, que eſtá da terra para aquella ponta: com o qual baſtão poucos para ſe poderem com facilidade defender de muitos inimigos: como ſe vio noutro encontro, que depois diſto noſſos Frades tiverão com os Turcos.

2 Foi o caſo, que ſendo Vigario daquella Caſa Fr. Diogo de Villa-Viçoſa, Religioſo dos mais approvados na vida dos de ſeu tempo, chegárão à coſta do Algarve ſete, ou oito galés de Turcos, apoſtados a fazerem em terra alguma preza; e porque nas Villas, e Cidades mais vizinhas ao mar achárão eſtorvo, determinárão entrar em S. Vicente, e deſcarregarem ſobre os Frades ſua ira. Com eſte intento lançárão de noite em terra ſoldadeſca, a qual emboſcada por entre as arvores, e mato, que pouco eſpaço dalli havia pela terra dentro (depois ſe lhe poz o fogo, por ſe tirarem eſtes inconvenientes,) eſteve eſperando tempo accommodado: e como lhe pareceo jà que o era, ſahírão diſfarçados, e em magotes, a modo de Romeiros, com as armas eſcondidas, e alguns renegados, que ſervião de lingua, fingindo que toda aquella gente vinha em romaria ao Santo Martyr: e chegando ao muro com eſta diſſimulação, pedião lhes abriſſem a porta para viſitallo. Foi Deos ſervido que indo jà para lhes abrirem as portas, entendêrão os Frades o engano, e conhecêrão aos lobos cubertos, e disfarçados em pelles de ovelhas, com que ſe puzerão com alguns arcabuzes, que tinhão, e outras armas, que lhes adminiſtrava a neceſſidade, em defenſa, de tal maneira, que ainda que dos Mouros acudírão muitos, que eſtavão na cilada, e pertendêrão minar o muro, e pôr fogo à porta, não o pudérão fazer: antes ſendo alguns mortos, e muitos mal feridos, ſe tornárão, por terem aviſo de ſuas eſpias, que vinha gente de cavallo daquellas Aldeas, como em effeito não tardou muito depois delles partidos.

3 Soube ElRei D. João do que em S. Vicente tinha ſuccedido aos Frades: e para que dalli por diante tiveſſem dentro quem os defendeſſe, mandou para aquella fortaleza hum Capitão com alguns Soldados, e ti-

e tiros de artelharia, aſſim para o mar, como para a terra, de maneira que ficaſſem para todas as partes varejando: e a experiencia tem moſtrado que são de muito proveito, pois pela parte do mar defendem aos navegantes, que dos piratas vem fugindo; e pela da terra não he poſſivel chegarem inimigos aos muros, ſem primeiro receberem muito damno dos tiros, que ficão ſobre as portas delle. Aconteceo pouco depois diſto, que vindo huma galé de Turcos por aquellas partes, e não ſe atrevendo a accommetter o que as outras tinhão intentado, lançou em terra alguns Soldados: aos quaes aviſou o Capitão não chegaſſem à fortaleza, mas que ſe eſcondeſſem pelos matos perto do caminho, atè que vendo paſſar a gente, que vai em romaria, fizeſſem nella preza.

4 Eſtando aſſim em cilada, ſuccedeo ſahirem o Vigario do Convento, e o Capitão da fortaleza a peſcar à cana dos muros para fóra (exercicio, que aqui fazem os Religioſos muitas vezes, não tanto por recreação, como por neceſſidade: pois do que peſcando tomão, ſe ſuſtenta a Communidade em alguns tempos,) cativárão-os os Mouros, e mettendo-os na galé, caminhavão mui contentes com a preza; tanto, que querendo hum daquelles Turcos feſtejar aos outros, deſpio ao Vigario o habito, que tinha, e veſtindo-ſe nelle, andava fazendo entremezes, fingindo-ſe Frade, com zombarias tão diſſolutas, que magoavão eſtas mais aos prizioneiros, que o proprio cativeiro, em que jà ſe vião poſtos ao remo. Quando aſſim zombava, pedia o Vigario affectuoſamente em ſeu coração a noſſo Padre S. Franciſco acudiſſe pela honra de ſeu habito, e ao glorioſo S. Vicente, que ſe lembraſſe levavão os Turcos cativos ao Capitão de ſua fortaleza, e ao Vigario de ſeu Convento. Foi ſua oração ouvida pelos Santos, e quando os Turcos mais alegres, e feſtivaes eſtavão, apparecêrão quatro galés de Portugal não muito longe delles: ao principio temêrão pouco, confiados na muita ligeireza da ſua; porèm brevemente conhecêrão, quão falſa era ſua confiança, porque os noſſos muito mais cedo do que elles cuidavão, lhe derão alcance, tomando-os a todos, e ficando em triſte cativeiro, os que de contentes pouco antes fazião entremezes.

CAPITULO XXI.

Desamparão nossos Frades a Casa de S. Vicente, e a occasião, que para isto tiverão.

1 COmo por morte de Maria, Rainha de Castella, mulher de Filippe segundo do nome, e primeiro dos intrusos em Portugal, viesse o Reino de Inglaterra à sua irmã Isabel; vendo-se esta com o absoluto governo, mostrou quão pouco affeiçoada era ao cunhado, fazendo-lhe por meio de hum grande Corsario, chamado Francisco Draque, todo o damno, que podia. A furia deste experimentou por vezes o nosso Reino como cousa de Castella, a quem jà estava violentamente aggregado por morte de ElRei D. Sebastião de saudosa, e lamentavel memoria. Não coube tambem pequena parte destes damnos ao nosso Convento de S. Vicente; pois foi tão destruido pelos Inglezes, que o desampararão os Frades. Foi o successo, que no anno de 1587. a vinte e sinco do mez de Maio, em cujo dia cahio a vespera do Espirito Santo, sendo Ministro desta nossa Provincia Fr. Pedro de Guimarães, e reinando em Portugal o jà nomeado Filippe; Francisco Draque andando em o mar com huma grossa Armada, e querendo saquear, e destruir a Cidade de Lagos no Reino do Algarve, lançou em terra hum copioso exercito, que chegando jà perto dos muros da Cidade, como visse a boa ordem, e disposição, que tinhão os moradores della para se defenderem, por industria do Governador Rui Telles de Menezes, temendo o combate, sem mais diligencia se retirou, e foi descarregar o impeto, e furia nas fortalezas de Sagres, e S. Vicente. Aquella foi tomada, depois de mal ferido o Capitão; e esta entrárão, entregando-a o Capitão della, que falto de gente, e de outras cousas necessarias não se atreveo a defendella, vendo a outra, que melhor guarnecida estava, ser jà perdida. Tambem se disse, que para a entregar foi enganado com hum falso escrito do Governador, em que fingião o avisava, que não esperasse delle soccorro.

2 Os Frades, que alli estavão moradores, tanto que tiverão noticia, que estava em terra o exercito dos inimigos, tomando a reliquia do Santo Martyr (primeira diligencia, que fazião depois de commungarem a Sagrada Eucaristia, quando os inimigos erão Mouros, ou Hereges) os Calices, e algumas cousas de mais estimação, sahírão-se do Convento, e caminhárão muito à pressa para

ra o de Lagos. O ſucceſſo moſtrou logo quão acertada fora a preſſa, com que tinhão ſahido; porque a haver qualquer breve demora, não chegarião a Lagos tanto a ſeu ſalvo, como forão: pois a penas ſe puzerão em ſeguro, quando os inimigos entrárão na fortaleza de S. Vicente: puzerão fogo ao Convento, e de tal maneira ardeo tudo o que nelle eſtava, que não ficou pedra ſobre pedra, ſalvo a ſepultura do inſigne Martyr, a qual debaixo do arco de azulejos, aſſim como eſtava na parede, ficou ſem o fogo chegar a ella: moſtrando àquelles Hereges o reſpeito, que devião ter a Deos, e aos ſeus Santos.

3 Pouco atràs diſſemos, como o Biſpo D. Fernando Coutinho fundára alli humas caſas, onde hia eſtar grande parte do anno; eſtas ampliou depois ElRei D. Sebaſtião, e ennobreceo com hum ſoberbo eirado, e famoſo miradouro, onde hia eſtar algumas vezes, affeiçoado ao lugar, e ſitio: alli converſava com tanta familiaridade, e benevolencia com os Religioſos, como ſe fora hum delles. Nem eſtas eſcapárão da furia, que experimentou o Convento, pois com elle juntamente forão arrazadas, e deſtruidas. Por ficar então o Convento tão deſtruido, e não ſer facil o reedificar-ſe com a preſſa neceſſaria, deixárão os noſſos Frades de habitallo dezoito annos: ſuppoſto que no de 1590. ſendo Miniſtro Provincial deſta Provincia Fr. João de Evora, ſe começou a entender na reedificação delle, por ordem do jà nomeado Rei Filippe.

4 Não foi a obra por diante, e dizem que foi a cauſa, o julgar o Provincial por inconveniente grande, viverem dentro na fortaleza Soldados Caſtelhanos com ſuas mulheres; porque ſuppoſto nas caſas fóra do Convento fazião ſua habitação os taes Soldados, e os Religioſos no Moſteiro ficavão fóra de ſua communicação: era neceſſario com tudo ao ſahir do muro para fóra, ſervirem-ſe todos por huma porta, couſa que avaliavão por grande inconveniente. Bem he verdade que no reinado de ElRei D. João III. e de D. Sebaſtião ſeu neto, vivião naquella fortaleza Soldados Portuguezes caſados; porèm tinhão as mulheres nas Aldeas vizinhas; porque nunca noſſos Frades quizerão conſentir que dentro na fortaleza eſtiveſſem; que como eſtes Sereniſſimos Reis erão naturaes, e não intruſos, facilmente condeſcendião às juſtificadas petições dos Religioſos. Por eſta cauſa o deixárão de povoar os annos, que tenho referido; mas final-

finalmente obrigados de muitas instancias, e muito mais movidos da saudade, que tinhão àquella solidão, e lembrança dos serviços, que fazião a Deos, louvando-o onde o seu Santo Martyr tinha sepultura, sendo Ministro Provincial Fr. Simão de Aveiro, na Congregação, que em seu tempo se fez em S. Francisco de Elvas, se determinou que tornassem para S. Vicente. Poz-se este Decreto em execução no anno de 1606. reedificando o Convento ElRei Filippe: e com tanta perfeição, que ficou muito mais aventajado do que estava dantes.

5 Nesta reedificação alguma cousa se variou a disposição do Convento, porque a porta da Igreja, que antes ficava para a parte do mar, fazendo rostro ao meio dia, ficou depois para a parte da terra; e a sepultura do glorioso Martyr das grades para dentro, à mão direita dos que entrão na Igreja, mettida na parede do Altar collateral, que para aquella parte fica. Tem por diante humas grades de pao bem fabricadas, que D. Fernando de Menezes, Alcaide Mór, e Commendador de Castello-branco, indo alli por sua devoção, mandou pôr no anno de 1626. e supposto que queria fossem de mais custo, não consentio o Provincial, que então era Fr. André de S. Pedro do Sul, nem quiz dar licença para ellas; porque ainda que ao Santo Martyr erão devidas, em casa de Frades, que professão a estreita pobreza, não parecião bem obras magnificas, e de muito preço. Renovou tambem o sobredito Rei as Casas Reaes, (hoje aposento dos Capitães daquella fortaleza) e ao redor do muro mandou fazer huma funda cava, com a qual aquelle lugar, havendo fiel guarda, fica seguro de entrarem inimigos nelle: porque só com dous tiros acestados na torre para a estreita entrada, que tem pela terra, podem ser destruidos. Como os Inglezes, quando entrárão na fortaleza, puzerão o fogo ao Convento, e ardessem todas as pobres alfaias, que nelle havia, proveo ElRei Filippe a petição dos Religiosos tudo o necessario liberalmente. Quando elles vierão de S. Vicente para Lagos, antes dos sobreditos inimigos darem no Convento, trouxerão comsigo, como temos dito, a reliquia do Santo Martyr: acompanhárão-a os dous corvos, que là lhe assistião; e por espaço de dezoito annos, que a sagrada reliquia esteve no Sacrario da Igreja de Lagos, andárão elles pela dita Igreja, e Convento, atè que restituindo-a ao Sagrado Promontorio, quando o forão segunda vez habitar, voltárão

tambem os corvos: e nunca mais atè o presente desampararão aquelle sitio. Que dirão os Castelhanos (se ainda ha alguns da opinião, que faz a S. Vicente Hespanhol em França) à vista de hum tal exemplo patente a todo hum Reino? Verdadeiramente que só este bastava para tapar a boca às ironías, com que Beuter fallou nesta materia dos Portuguezes.

6 Antes, e depois de ser destruido o Convento, sempre foi Vigairaria, onde residem nove, ou dez Frades, quando muito: nem he capaz de sustentar mais, por estar em deserto, e despovoado; e ainda estes não tem outra cousa mais para seu sustento, que a esmola de pão, que vão pedir aos Domingos pelas Aldeas, e algumas, que os navegantes lhes fazem com o peixe, que à cana pescão. Verdade he que sabendo a Senhora D. Catharina, mulher do Duque D. João primeiro do nome, e sexto da Real Casa de Bragança, a estreita pobreza, em que vivião os Frades alli moradores, pois raras vezes comião carne, rogou com muita instancia ao Ministro Provincial, quizesse aceitar huma esmola para aquella Casa, desorte que os Frades a pudessem comer dous, ou trez dias na semana. Esta esmola nunca faltou, em quanto foi viva Sua Alteza: e depois que faleceo, mandou El-Rei dar a mesma; hoje a continua novamente a piedade de ElRei D. Pedro, que Deos guarde; com que, ainda que a abundancia não he muita, sempre os Religiosos tem com que passar a vida. Admirou-se hum grande de Castella, que a lugar tão apartado do Alentejo, onde residia a Senhora D. Catharina, chegassem suas esmolas: não se admirára, se conhecêra o grande affecto, e devoção, que nos tinha; que supposto para todos tinha sua Real liberalidade a mão larga, para os Conventos desta sua Provincia da Piedade sempre teve o braço mais comprido.

CAPITULO XXII.

Fundação do Convento de S. Francisco de Lagos.

1 TUdo o que neste segundo Livro temos referido, tinha seu proprio lugar no primeiro, seguindo a ordem dos annos, que levamos; mas como o tratar então miudamente dos Conventos, e dos pleitos, que erão continuos, fora confundir a historia, julgámos por mais accommodado (a fim de evitar qualquer confusão) este lugar, que lhe démos. Daqui por diante iremos continuando o fio da historia, como 1518

mo o fizemos deſde o anno de 1496. atè o de 1517. onde ficámos. Neſte vimos a noſſa Cuſtodia da Piedade erigida em Provincia, e por primeiro Provincial della a Frei Pedro de Monte Molim, vindo de Roma, que depois de apreſentar as Letras da erecção aos Prelados, a quem vinhão dirigidas, a primeira couſa, em que entendeo, foi mandar Frades às Cidades de Lagos, e Sylves, para nellas fundarem Conventos; que ſuppoſto quando D. Fernando Coutinho, Biſpo do Algarve, pedio à Provincia, ſendo ainda Cuſtodia, quizeſſe aceitar a Caſa de S. Vicente, offereceſſe mais trez, com tudo ſó a Faro enviou o Cuſtodio Frades a fundar (ainda que por então não teve effeito) e não a Lagos, nem a Sylves. Não ſabemos certamente a cauſa; porèm preſumo que, por ſerem eſtas mais populoſas, pois numa aſſiſtia o Governador daquelle Reino, na outra o Biſpo: e ſempre noſſos Frades fugírão do tumulto, e eſcolhendo o mais retirado; e Faro ainda era Villa, e não Cidade, como agora, depois que a Cathedral a ampliou, e ennobreceo.

2 Como quer que foſſe, em Lagos entrárão a fundar no anno de 1518. aſſinando-lhe o dito Biſpo o ſitio, hum tanto baixo, junto de hum pequeno rio, que por aquella parte entra no mar, por cuja cauſa ſobem as aguas da maré por elle aſſima: com que vinha a ficar por humido tão doentio, que em quanto alli morárão Frades, poucos eſcapárão de muitas enfermidades, e mãos da morte. Acabou-ſe o Convento com muita brevidade; porque alèm de ſer pequeno, como erão todos os que ſe fundárão por ordem dos noſſos Frades, erão as paredes de taipa, e a fabrica não de muito cuſto. Quiz o Biſpo que ficaſſe aquella Caſa com a vocação de noſſa Senhora do Loreto, pela razão, que elle deo em huma doação, que nos fez, como a ſeu tempo diremos, onde põe eſtas palavras formaes: [a] *E bem aſſim lhe damos a Caſa, e Moſteiro de Lagos, que Nós fabricámos com todos os chãos, e herdamentos comarcãos, que Nós comprámos para ella, a que demos por invocação noſſa Senhora de Loreto; porquanto em huma doença graviſſima, que tivemos, ſendo eſcolar em Florença, lhe encommendámos noſſa alma, e ſaude; e pela miſericordia de noſſo Senhor, e ſua intercesſão recebemos ſaude, e temos particular devoção à dita Caſa, e a coſtumavamos viſitar cada anno, em quanto em as ditas terras eſtivemos: e em noſſos Divinos Officios fazemos della particu-*

[a] Hab. in Conv. S. Vincent. Brandão 5. p. da Monarq. Luſit. l. 17. c. 12. Padilha Torſelino Iſt. Lauret.

ticu-

ticular commemoração , &c.

3 Neste Convento edificado pelo Bispo , vivêrão nossos Frades quarenta annos , atè que obrigados das muitas mortes, e largas enfermidades, que alli tinhão , e tambem pela Casa toda ameaçar ruina , a mudárão para hum pouco mais assima donde estava. Com haver tão pouca distancia de hum sitio ao outro, que ficou servindo a mesma horta, e cerca antiga, he comtudo tão differente este segundo do primeiro, que se não tem por enfermo, e he muito mais aprazivel, pela boa vista, que tem de mar, e terra. Ficou o novo Convento tão aventajado na fortaleza do edificio, e grandeza da Igreja , que não tinha a Provincia Casa ; que o fosse tanto. Começárão-se as obras no anno do Senhor de 1560. sendo Ministro Provincial Fr. Christovão de Abrantes, e acabárão-se com muita brevidade, com a boa diligencia dos Religiosos , e esmolas dos moradores da Cidade, que todos concorrião conforme suas posses. Pedírão ao Provincial, quando a nova Igreja se fazia, que respeitando ao grande concurso da gente, que por não haver alli outro Convento , hia ao nosso , o mandasse fazer capaz de receber a todos ; e esta he a causa de exceder na grandeza às mais da Provincia. Não ficou o novo Convento com o titulo de nossa Senhora de Loreto , como tinha o antigo , por deixarem là ainda huma Capella com esse nome , da qual não ha jà hoje nem ainda vestigios. O titulo da Casa, e invocação, que lhe derão, foi de nosso Padre S. Francisco. Passa por dentro da cerca desta Casa, hum cano de agua para a Cidade, e com ella não ter outra , sempre permittírão aos Frades que tomassem, a que havião de mister para regarem a horta, e hum pequeno pomar, que dentro fica.

CAPITULO XXIII.

Cresce em Lagos a devoção de nosso Padre S. Francisco com os milagres, que em seus devotos obra.

1 TEm os moradores de Lagos huma particular devoção a nosso Serafico Padre S. Francisco; e tem o Santo cuidado de lha fomentar com os muitos milagres, que obra em beneficio dos que o invocão em suas necessidades, de que referiremos aqui alguns delles. Houve nesta terra hum homem carreteiro , o qual mandou a hum moço , filho seu, buscar huma carreta de pedra, da outra parte alèm do rio: vindo este jà com a carga , em tem-

tempo, que a maré tinha crescido, cuidando poderião passar os bois facilmente, os metteo ao rio: os quaes tomando por parte, onde não pudérão tomar fundo, e andando assim às voltas no meio da agua, se começavão a afogar. Tinha chegado o pobre homem da outra parte a esperar o filho; e vendo com seus olhos tudo o que passava, virando-se para o nosso Convento, que lhe ficava pouco assima, em altas vozes pedio ajuda, e favor a nosso Padre, dizendo: *Valei-me S. Francisco, tende piedade de mim, olhai que sou pobre: livrai-me os meus bois, que se afogão, que eu prometto de vos servir com elles em vossa Casa, quando for necessario.* A estas vozes, que o afflicto homem dava, sahírão alguns Frades às janellas das cellas, e outros à da enfermaria; e vendo todos que os bois, e a carreta jà não apparecião, pois tudo estava debaixo da agua, começárão a rezar aquella Antifona de nosso Padre, que começa: *Salve Sancte Pater, &c.* não deixando neste tempo o pobre homem de chamar pelo Santo, que lhe acudisse. Ouvio nosso Serafico Padre as vozes de quem o chamava: e quando jà todos cuidavão que os bois estavão afogados, (caso maravilhoso!) eis que soltos, e livres do jugo a que vinhão prezos, sahírão ambos de debaixo da agua, e vierão nadando a terra, sem padecerem lesão, nem detrimento. Desta sorte soccorreo nosso Padre àquelle seu devoto. Refiramos agora outro caso, em que soccorreo aos seus Frades.

2 Por serem as terras do Algarve maritimas, he commum em seus moradores o exercicio da pesca. Vindo pois deste certos pescadores naturaes de Lagos, jà a deshoras da noite, em o alpendre de S. Roque, Hermida, que fica na praia da mesma Cidade defronte do nosso Convento, repartião entre si huma copiosa pescaria, que tinhão feito. Nesta occupação estavão, quando ouvírão huma voz, que dizia: Esmola aos Frades de S. Francisco pelo amor de Deos. A deshora da noite, e tal vez a mesma voz, que ouvírão, incitou aos pescadores a fazerem diligencia por saberem donde sahia. Derão volta à Hermida; mas não achando ninguem, continuavão as partilhas. Ouvírão segunda vez brados, que repetião o mesmo; e fazendo com algum cuidado mais segundas diligencias, nada vírão, com que ficárão tão confusos como admirados. Cresceo esta admiração, em ouvirem terceira vez aquella voz, e jà mais perto, pois soava dentro do mesmo alpendre, onde elles

elles eſtavão repartindo. Entendêrão que eſtavão os Frades em alguma neceſſidade, e que aquella voz fora articulada pelo Serafico Padre S. Franciſco, que os quiz aſſim ſoccorrer: ou por algum Religioſo de trez, que eſtavão enterrados no meſmo alpendre de S. Roque, por morrerem feridos de peſte, em que miniſtrárão. Divulgou-ſe o ſucceſſo pela Cidade, e fez tanta impreſsão entre os peſcadores, que ainda hoje todas as vezes que ſahem a peſcar, principalmente os deſcendentes daquelles, que ouvírão a voz junto a S. Roque, levão, ou mandão ſua eſmola ao Convento, ſem que ſeja neceſſario o pedirem-lha. Eſte ſucceſſo autenticou o Prior de S. Sebaſtião, Freguezia da meſma Cidade, dando juramento aos peſcadores, que referírão o que aqui temos contado.

3 Na meſma Cidade havia huma virtuoſa mulher, chamada Joanna Fernandes Duróa, muito devota de noſſo Padre. Enfermou-lhe huma irmã, que tinha, e chegou a ponto que os Medicos deſconfiárão de ſua vida: por cuja cauſa lhe mandou buſcar ao noſſo Convento o habito, em que foſſe amortalhada, pois ſegundo parecer dos Medicos não podia durar muito tempo. Lançou o habito ſobre a cama da enferma, começou eſta a melhorar, e livrou de perigo: o que vendo a dita Joanna Fernandes Duróa, por não andar o habito naquelle lugar tanto tempo, o tirou delle, e dobrado, o poz em outro mais decente. Não nos diz o teſtemunho, que ſobre iſto deo, ſe a melhoria fora natural, ou milagroſa; e aſſim não affirmando huma, nem outra couſa, o deixamos no meſmo eſtado: onde eſteve conhecidamente o milagre, foi, que pelo meſmo tempo como ſe achaſſe huma noite ſem azeite para ſe alumiar, nem dinheiro algum, com que o compraſſe, por ſer muito pobre, acaſo, e ſem que fim algum natural a moveſſe a eſta acção, foi pôr a mão ſobre o habito, onde o tinha guardado, e achou ſobre elle eſtendidas ſete moedas de cobre, como ſe muito de propoſito foſſem alli poſtas: ſobre o que ella fez muitas diligencias, mas não achou indicio algum, donde pudeſſem vir, ſenão por milagre, que ella attribuio a noſſo Padre, dizendo, que pela devoção, que lhe tinha, a quizera remediar naquella falta.

4 Em outra neceſſidade mais apertada experimentou o meſmo favor de noſſo Serafico Patriarca Gregorio Rodrigues mareante, natural da meſma Cidade. Vinha elle recolhendo-ſe da peſcaria, ſeguião-o os

Mou-

Mouros para o cativarem com os mais que o acompanhavão. Chegavão jà os inimigos tão perto, que totalmente desconfiárão os Christãos de lhe poderem fugir, por estar o mar em calmaria, e lhe faltar o vento, com que se davão jà por cativos. Neste aperto se lembrou o Mestre do navio do cordão de nosso Padre, que comsigo levava, lançou-o ao mar; e o mesmo foi tocar aquella sagrada insignia em suas aguas, que puxar pelo vento, e acabar-se a calmaria, com que tiverão lugar de se livrarem dos inimigos, quando jà se consideravão em suas mãos. No mesmo navio vinha em outra occasião o dito Gregorio Rodrigues: vio-se entrado de huma tempestade tão grande, que alijárão ao mar a maior parte do que trazião: crescia a furia do vento de tal sorte, que nem a arte, nem o trabalho lhe podião resistir, com que por momentos esperavão a morte. O aperto, em que se vião, lhes trouxe à memoria o mesmo cordão: tocão com elle as aguas, invocando o favor de S. Francisco: cousa maravilhosa! tornou-se o mar leite tão repentinamente, como se só estivera esperando, que o cordão de nosso Padre o tocasse. Com estes favores, que o Santo faz aos que por elle chamão, grangea nesta Cidade os muitos affeiçoados, que o venerão.

CAPITULO XXIV.

Fundamos Convento em Sylves com titulo, e vocação de nossa Senhora do Paraiso.

1 FOi Sylves a mais nobre, e rica Cidade do Algarve, cabeça delle, e assento da Cadeira Episcopal; 1518
porèm sem algum acontecimento contrario de guerra, terremoto de tempo, mudança de Senhorio, ou outra occasião alguma das com que se perdem as Cidades, e Imperios, se foi consumindo, e acabando de maneira, que hoje entre muitas ruinas velhas, não se achão mais que humas poucas, e deslustrosas casas, e jà fora de todo inhabitada, e destruida, senão fora obrigar ElRei aos Officiaes de sua Justiça a morarem nella: com cuja assistencia se conserva huma memoria naquella Cidade do Tribunal, e secular jurisdição antiga; porque a Ecclesiastica, e Cadeira Episcopal à instancia de ElRei D. Sebastião no anno de 1577. por authoridade Apostolica se passou à Cidade de Faro, onde hoje tem seu assento, e Igreja Cathedral, ficando em a de Sylves huns poucos Beneficiados, conservando assim a memoria do

do que antes foi. Experimentou Sylves (ainda que em mais breve tempo) a forte, que em fi vio a famofa Cidade de Offonoba: [a] (hoje Eftoe) pois affim como as ruinas de Offonoba ennobrecêrão a Sylves, affim tambem as ruinas de Sylves illuftrárão a Faro.

[a] Refend. l. 4. de antiq. f. 181.

2 A caufa de fe confumir efta Cidade tão brevemente, foi a maldição, que lhe lançou hum Santo Bifpo, chamado D. Fr. Alvaro Paes, Religiofo de noffa Serafica Ordem, pelos defacatos, e irreverencias, com que os moradores della o tratárão, como elle refere em huma carta fua, em que fe queixa ao Summo Pontifice Clemente VI. que ouvio tambem o Ceo, como hoje laftimofamente moftra Sylves. Perto defta Cidade, no tempo, em que ella ainda confervava alguma parte de feu antigo luftre, ao longo de hum rio, onde a maré chega, havendo fubido duas leguas por elle affima, foi edificado o noffo Convento pelo Bifpo D. Fernando Coutinho, quando procurou levar-nos para aquelle Reino. Intitula-fe o Convento noffa Senhora do Paraifo, por fe chamar affim huma Hermida, que o Bifpo tinha feito: e como elle diz na doação, que ao diante referiremos, não quiz que lhe mudaffem o nome. Ficou a Cafa pobre, pequena, e mui Capucha, com fua competente cerca para horta, e pomar, que tudo havia nella, com huma fonte de copiofas aguas, e tão boas, que alli vem muitas embarcações fazer aguada no lugar, onde fua corrente fahe da cerca para fóra: e a caufa de fer tão bufcada, he o confervar-fe melhor que todas em o mar; porque nenhuma conferva nelle tanto tempo o fabor nativo.

3 He o fitio tão enfermo, que não deve de haver em Hefpanha outro, que mais o feja: tanto, que foi raro o Religiofo, que morando alli hum anno, não enfermaffe gravemente. Por efta caufa, e pela pouca commodidade, que alli havia para fe curarem, pois hião a Villa-Nova de Portimão, mettendo-fe pelo rio abaixo em huns barcos, que algumas vezes lhes faltavão, e quando os tinhão, tal vez lhes fuccedia embarcarem alli, e defembarcarem na outra vida, antes que ao porto de Villa-Nova chegaffem, tratárão em alguns Capitulos noffos Frades de deixarem efte Convento. No de Evora celebrado no anno de 1592. em que foi eleito Fr. Pedro de Setuval em Miniftro Provincial, fe ordenou, que fe largaffe: por efta caufa não fizerão Prelado delle, mas fómente lhe nomeárão hum Prefidente, que

o go-

o governaſſe atè o deixarem. Deſta reſolução teve alguma noticia a gente da Cidade, que por ſe não ver deſamparada de todo fez muitas diligencias com o Provincial, para que os Frades ſe não foſſem. Acudírão tambem as Aldeas vizinhas ao meſmo fim, com cujas piedoſas ſupplicas ſe movêrão os Religioſos a compaixão: e deixando de a ter de ſi, ſe reſolvêrão a povoar o Convento, como de antes.

4 Na ſegunda Congregação, que ſe fez no anno de 1594. lhe elegêrão outra vez Prelado, e a fizerão Vigairaria, como ſempre havia ſido. Aſſim eſtiverão noſſos Frades nelle alguns annos mais; porèm como as enfermidades hião em augmento, e as mortes erão muitas, tornárão todos a clamar, pedindo nos Capitulos à Provincia quizeſſe pôr remedio a tanto damno, deixando de todo aquella Caſa, viſto tambem por eſta meſma cauſa ter-ſe a Cidade deſpovoado, e não haver nella ſenão alguns poucos Officiaes de juſtiça, que no verão tambem a deſpovoavão, ficando o Convento como em deſerto, e padecendo por iſſo os Frades nelle moradores algumas neceſſidades muito grandes. Eſtas, e outras urgentes razões forão baſtantes, para que no anno de 1618. a quatro dias do mez de Junho, o Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral Fr. João Venido, em hum Capitulo Geral, que ſe celebrou em Salamanca, mandaſſe que, parecendo aſſim conveniente ao Provincial, e Definidores da Provincia, o Convento de Sylves ſe deixaſſe. Não houve entre os noſſos Frades duvida alguma; mas antes ſendo todos uniformemente deſſe parecer, mandou o Miniſtro Provincial, que então era Fr. Gonſalo de Guimarães, a Fr. Jeronymo de Eſtremoz o Sande, que indo a Sylves, deſpejaſſe a Caſa, mandando aos Frades, que alli eſtavão moradores, para outros Conventos da Provincia, o que tudo ſe cumprio com pontualidade, e no principio do mez de Julho, do anno referido, deixámos de todo o Convento. De preſente eſtão nelle os mui Religioſos Padres da Terceira Ordem de noſſo Padre S. Franciſco, os quaes, depois que nós o deixámos, a petição de hum Rui da Sylva forão morar nelle, com grande exemplo, e edificação da gente, como fazem em todas as terras, em que tem Caſas neſte Reino.

CAPITULO XXV.

De alguns casos milagrosos, que succedêrão nesta Casa de Sylves em tempo, que estavão nella nossos Frades.

1 CEm annos habitárão nossos Frades o Convento de nossa Senhora do Paraiso de Sylves; pelo decurso delles mostrou Deos em alguns casos milagrosos o cuidado, que delles tinha: entre os muitos, que alli se vírão, referiremos sómente dous, de que nos ficou noticia mais certa. Sendo Vigario desta Casa o Santo Fr. Antonio de Nebrixa (de cuja estremada virtude, e admiravel santidade tratarei mais ao diante) aconteceo hum dia não haver nella pão algum, com que os Frades pudessem satisfazer sua necessidade. Chegárão-se as horas de comer, e vendo o Porteiro, a cuja conta estava pôr alguma cousa no Refeitorio, que nem hum pedaço de pão tinha que pôr na meza, foi dar conta ao Vigario da presente falta, em que se via: *Não será isso bastante*, respondeo elle, *para que deixemos de ir ao Refeitorio; em sendo horas mandai tanger à Communidade, e iremos dar graças a Deos, pois por todas as vias lhe são devidas.*

2 Obedeceo o Porteiro a seu bom Prelado: juntárão-se os Frades às horas costumadas no Refeitorio, e começando o leitor a ler sua lição espiritual, como he costume, eis-que com huma pressa extraordinaria tangêrão à portaria. Foi o Porteiro ver quem era, e abrindo a porta, achou junto della dez guardanapos, (tantos erão os Religiosos, que estavão no Convento) e dez pães de grandeza, e formosura notavel: estava juntamente huma panella, onde vinhão outras tantas rações de carneiro cozido, quente, e bem acezoado, tudo cuberto com huma toalha encrespada, e branca como a mesma neve. Olhou o Porteiro, e não vio por alli pessoa alguma, nem quem lhe pudesse dar razão de quem tangia: sahio fóra da porta por ver se parecia alguem pelo caminho, ou ao redor da Casa, mas foi em balde sua diligencia. Recolheo logo tudo assim como estava, levou-o ao Refeitorio, deo conta ao Prelado do que tinha succedido, o qual para mais confirmação do caso milagroso, mandou muito à pressa dous Frades, que fossem ao redor da cerca, e por aquelles caminhos vissem se achavão alguem, que lhes pudesse dar noticia de quem alli trouxera aquella esmola. Forão elles, e depois de fazerem cuidadosas diligencias, se tornárão sem acharem alguma.

3 Co-

3 Comêrão todos aquelle dia da ração, que Deos milagroſamente lhes tinha mandado, dando-lhe muitas graças por ella: mandárão depois dizer do pulpito, que quem enviára aquella eſmola ao Convento o diſſeſſe, e ſe nomeaſſe, para lhe tornarem o ceſto, e a toalha, e o meſmo mandárão tambem perguntar pelas Aldeas vizinhas; mas como por ordem do Ceo tinha vindo tudo, não houve na terra dono, que lhe ſahiſſe. Eſtas diligencias mandou, a meu ver, fazer o Prelado, não porque duvidaſſe ſer a eſmola milagroſa, ſenão para que moſtrando evidentemente o milagre, moveſſe aſſim mais a ſeus ſubditos a ſe entregarem totalmente a Deos, pois eſte Senhor moſtrava que tinha delles particular cuidado: porque de crer he que Varão tão ſanto, como o Veneravel Nebrixa, teria recebido de Deos revelação do que havia de ſucceder: o que ſe póde preſumir da confiança, com que entrou com os Frades no Refeitorio, ſabendo muito bem que não havia nelle nada, ainda que iſto podia tambem ſer acto heroico da grande fé, que tinha. Como quer que foſſe o ſucceſſo, foi por todas as circumſtancias milagroſo, e por tal julgado em toda a Cidade, onde andou hum daquelles dez pães, que o Porteiro mandou a hum dos Conegos da Sé (que ainda naquelle tempo alli eſtavão) particular devoto, e bemfeitor do Convento: eſte o mandou moſtrar a outros, andando de mão em mão com o nome de milagroſo.

4 Outra vez ſuccedeo neſta meſma Caſa de noſſa Senhora do Paraiſo hum caſo não menos maravilhoſo, que o referido. Coſtumão os mais de noſſos Frades, depois de eſtarem àquellas horas de oração, e mais exercicios, a que são obrigados aſſiſtir em Communidade, deixarem-ſe ficar algumas vezes no Coro, ou na Igreja, tratando com Deos Senhor noſſo os negocios de ſuas almas. Em huma occaſião ficou de noite neſta Caſa de Sylves no corpo da Igreja orando certo Religioſo (cujo nome nos occultou o tempo) ſobre hum pequeno tabernaculo de madeira, que alli eſtava; afervorou-ſe tanto ſeu eſpirito, que ficou em extaſe, privado totalmente dos ſentidos, porèm ſempre de joelhos, como eſtava. Levantou-ſe neſte tempo huma tormenta, e foi tanta a agua, que choveo, que ſó a dos outeiros vizinhos, que veio correndo para noſſa Caſa, e entrou pelas portas da Igreja, foi baſtante para que os Frades ſe viſſem em perigo; porque a Igreja, clauſtro, e officinas inferiores todas ſe enchêrão de a-

gua, e alagárão de maneira, que não era possivel entrar alguem nellas. Temêrão os Frades, que as aguas chegassem ao Sacrario, por cuja causa, antes que mais crescessem, forão ao Altar mór para tirarem o Santissimo Sacramento, e ao tempo, que entrárão na Capella, vírão ao Frade, que estava orando sobre o tabernaculo, que como outro innocente Noé, mettido em a Arca, andava sobre as aguas navegando. Era muito para ver tal espectaculo: porque estava o contemplativo Religioso com as mãos, e olhos levantados ao Ceo, e tão devoto, que causava grande devoção a quem o via.

5 Quanto as aguas mais crescião, mais se hia o tabernaculo sobre ellas levantando, e nem por isso o Santo Frade sentia cousa alguma: pelo que vendo os outros que o tinha Deos tomado à sua conta, acudindo a outras cousas necessarias, o deixárão ficar naquelle rapto. Nelle perseverou, sem que fosse bastante inundação tão grande a despertallo. Hum dos singulares elogios da Esposa Santa he dizer-se della, que as muitas aguas não pudérão apagar o amor [a] de Deos, em que se abrazava: o mesmo podemos tambem applicar ao nosso contemplativo, pois em quanto a enchente não vasou, sempre andou na mesma fórma, e postura sobre as aguas, de huma parte da Igreja para a outra, atè que ultimamente acabárão as aguas de vasar, e voltando outra vez do corpo da Igreja com o tabernaculo, e Santo Religioso, o deixárão no mesmo lugar, donde o havião tirado. Cousa maravilhosa! Despertou elle então daquelle suave sono, e sem dar fé das cousas, que tinhão acontecido, e por elle passado, com muito repouso, e quietação se foi para a sua cella, e recolhimento: de quem se póde muito bem dizer, que esteve não em a Arca de Noé, senão em o Paraiso, em quanto passárão as aguas do diluvio.

[a] Cant. c. 8. num. 9.

CAPITULO XXVI.

Doação, que o Bispo do Algarve fez a ElRei D. Manoel dos trez Conventos, S. Vicente, Lagos, e Sylves, e da que ElRei fez dos mesmos aos nossos Religiosos.

1 ACabados, ou quasi acabados os Conventos de Lagos, e de Sylves, em o anno de 1520. fez o Bispo D. Fernando Coutinho seu Fundador doação delles, e do de S. Vicente a ElRei D. Manoel de gloriosa memoria, para que elle os désse de sua mão

aos Frades deſta Provincia, que ſem alguma contradicção para ſempre os habitaſſem. Uſou o devotiſſimo Biſpo deſte termo, e rodeio da dita doação, para aſſim aos parentes, como aos Biſpos ſeus ſucceſſores tirar toda a occaſião de pertenderem algum ſenhorio, ou Padroado dos ditos Conventos, com que pelo tempo ao diante ſe déſſe alguma turbação, ou moleſtia aos Frades, ou foſſem delles expellidos, porque ſeu intento era, que nunca pudeſſem ſer dados a outros Religioſos. Aceitando ElRei eſta doação na fórma, em que lhe fora feita, logo, como de couſa ſua, fez outra doação, e liberal mercê dos ditos Conventos a eſta noſſa Provincia para ſempre. E para que mais clara fique a verdade, e certeza do relatado, e de outras couſas tocantes a noſſo intento, referirei aqui formalmente as ditas doações, aſſim a do Biſpo, como a do Rei, que autenticas ſe guardão no Convento [a] de S. Vicente, e ſe pódem ver tambem na Torre do Tombo. [b]

do
de
ent.
de
a
ſ.

2 ,, D. Manoel por graça
,, de Deos Rei de Portugal,
,, e dos Algarves d'aquèm, e
,, d'alèm mar, em Africa Senhor
,, de Guiné, e da Conquiſta,
,, navegação, e commercio de
,, Ethiopia, Arabia, Perſia, e
,, da India: A quantos eſta noſſa
,, Carta virem, fazemos ſaber,
,, que por parte de D. Fernan-
,, do Coutinho, Biſpo do Algar-
,, ve, e do noſſo Conſelho nos
,, foi apreſentada huma Car-
,, ta ſua, de que o teor de *ver-*
,, *bo ad verbum* he o ſeguinte.
,, D. Fernando Coutinho, por
,, mercê de Deos, e da Santa
,, Igreja de Roma, Biſpo do
,, Algarve, e do Conſelho de
,, ElRei meu Senhor, &c. Fa-
,, zemos ſaber a quantos eſta
,, noſſa Carta de doação virem,
,, que pelo Miniſtro Provincial,
,, e Religioſos da Cuſtodia de
,, Santa Maria da Piedade nos
,, foi dito, que era verdade
,, que Nós outorgamos à dita
,, Cuſtodia, e Ordem quatro
,, Caſas para Moſteiros neſte
,, Reino do Algarve: convem
,, a ſaber, S. Vicente do Cabo,
,, Santa Maria de Loreto em
,, Lagos, e noſſa Senhora do
,, Paraiſo em Sylves, outra em
,, Faro: das quaes Caſas elles
,, logo forão entregues, e tem
,, com authoridade do Santo Pa-
,, dre, que para iſſo tinhão, pa-
,, ra receberem algumas Caſas
,, das mãos dos Prelados, para
,, ſerviço de noſſo Senhor, ſal-
,, vo a de Faro, que por alguns
,, juſtos reſpeitos a largárão. E
,, ora nos pedírão, que para
,, mais conſolação dos Frades,
,, e da Ordem, nos aprouveſſe
,, fazer das ditas Caſas ſerviço
,, a ElRei noſſo Senhor, para
da

,, da mão de S. Alteza as havere͂m, por terem para isso poder de nosso mui Santo Padre Leão, ora Presidente na Santa Igreja de Roma: e isto, porque algum tempo pelos Bispos nossos successores lhes não ser posto algum pejo nas ditas Casas. E Nós considerando que sempre a nossa vontade foi firme, e fixa em os ditos Religiosos terem, e manterem as ditas Casas, como se contém na outra nossa doação, por atalhar demandas, e embrulhadas, com que o inimigo torva as obras espirituaes, e piedosas, havemos por bem, e nos apraz, com ajuda de nosso Senhor, fazer das ditas Casas serviço ao muito poderoso, e Christianissimo Senhor ElRei D. Manoel meu Senhor: convem a saber, o Mosteiro de S. Vicente do Cabo, com todo seu circuito, atè à cerca, que Nós temos por Alvará de S. Alteza: salvo as casas com a torre de Farol, e muro, que apartadas são do dito Mosteiro: e bem assim lhe damos humas terras nos Telheiros, com seu circuito para horta, de que tem necessidade. Aos quaes Padres Nós pedimos por amor de nosso Senhor, que queirão allumiar o dito farol, que ahi temos ordenado para salvação, e guia daquelles, que ao dito Cabo de S. Vicente vem ter, e temos achado por experiencia, pelo ahi não haver, se perderem muitos navios, e pessoas, que em elles navegavão: o qual Nós mudaremos a huma torre pegada com o Coro, de maneira que o Sacristão não tenha fadiga em de noite o allumiar. E assim lhe aprazerá de em a dita Casa aposentar o nosso corpo, quando nosso Senhor o apartar de sua alma, e dizer sobre elle aquellas Missas, commemorações, e orações, que em nosso testamento lhe pedimos, para o qual deixamos dotado, e apropriado ao dito Senhor, como executor, todo o rendimento necessario para sustentação do dito farol, e casa. E bem assim lhe damos a Casa, e Mosteiro de Lagos, que Nós fabricámos, com todos os chãos, e herdamentos comarcãos, que Nós comprámos para ella, à qual Casa damos por invocação nossa Senhora de Loreto: por quanto em huma doença gravissima, que tivemos, sendo escolar em Florença, lhe encommendámos nossa alma, e saude à dita Senhora, e pela misericordia de nosso Senhor, e sua intercessão, recebemos saude, e temos particular de-

,, voção à dita Caſa, e a coſ-
,, tumavamos viſitar cada anno,
,, em quanto em as ditas ter-
,, ras eſtivemos, e em noſſos
,, Divinos Officios fazemos del-
,, la particular commemoração.
,, E aſſim fazemos ao dito Se-
,, nhor ſerviço da Caſa, e Moſ-
,, teiro de Santa Maria do Pa-
,, raiſo, que Nós tambem fun-
,, dámos, e fabricámos, e não
,, mudamos ſua invocação por
,, ter jà nome glorioſo: a qual
,, Caſa, e Moſteiro terá por
,, circuito, aſſim como eſtá cer-
,, cado de parede, e rio, atè
,, a fonte, que he alèm da vi-
,, nha, que comprámos a Ai-
,, res da Sylva, Cavalleiro,
,, morador em Sylves, e aſſim
,, meſmo ficão dentro com a
,, meſma fonte. E bem aſſim
,, lhe damos os eſteiros, que
,, eſtão na dita horta, e naſcem
,, das fontes della, as quaes Nós
,, comprámos de Eſtevão Bei-
,, ço, morador em Sylves; e
,, temos pedido à Senhora Rai-
,, nha D. Leonor, que lhos con-
,, firme, e faça eſmola do foro,
,, porque são proveitoſos para
,, conſolação dos Religioſos,
,, para tomarem às vezes algum
,, peixinho. Dos quaes lugares,
,, e terras, chãos, e herdamen-
,, tos, aſſim da dita Caſa, co-
,, mo das outras, daremos as
,, eſcrituras, e titulos das confir-
,, mações, e limites aos ditos
,, Religioſos, por em eſta eſ-
,, cuſarmos prolixidades, e te-
,, rem em ſeu Cartorio para cla-
,, reza de ſua juſtiça, em algum
,, tempo lhes não ſer poſto pe-
,, jo por algumas peſſoas. E não
,, fação duvida a eſta noſſa do-
,, ação os Biſpos de Sylves, que
,, apôs Nós vierem, por acha-
,, rem que a Hermida de S. Vi-
,, cente pagava à fabrica da Sé
,, ſeiscentos reis, ou huma arro-
,, ba de cera de foro, por quanto
,, Nós deixamos à obra hum fo-
,, ro por via de eſcaimbo de ſe-
,, tecentos reis em Faro, que
,, Nós comprámos a D. João de
,, Menezes, que Deos haja. Nem
,, embarga dizer-ſe, que tinha-
,, mos dada a dita Caſa de S.
,, Vicente aos Jeronymos; por-
,, que elles por duas vezes no-
,, la largárão, e ſe forão volun-
,, tariamente, e ainda com li-
,, cença de ſeu Maior, ſem noſ-
,, ſo prazer, e contra noſſa von-
,, tade. E aſſim o affirmamos
,, em noſſa conſciencia ſer ver-
,, dade, dando tempo aos Re-
,, ligioſos, que ahi erão, que
,, cuidaſſem, e viſſem bem o
,, que fazião: com tudo ſe qui-
,, zerão ir, e aleixárão, ſobre
,, eu ter gaſtado nella hum con-
,, to e meio de dinheiro: e pa-
,, ra juſtificação de noſſa con-
,, ſciencia, achámos que o In-
,, fante D. Pedro, que a dita
,, Igreja mandou fazer, a do-
,, tou à Ordem de S. Franciſ-
,, co, e não achámos fundamen-
,, to,

,, to, como haja de ſer foreira
,, a dita obra, porèm por mais
,, abaſtança lhe damos o dito
,, foro por eſcaimbo. As mais
,, terras, que eſtão nos telhei-
,, ros, que não são neceſſarias
,, para a dita horta, deixamos
,, para a dita fabrica da Sé,
,, como as tinha, e he conteú-
,, do em hum tombo da demar-
,, cação, que fizemos em Sa-
,, gres, por mandado do dito
,, Senhor. E bem aſſim lhe da-
,, mos ao dito Moſteiro, e Ca-
,, ſa de S. Vicente, huma Her-
,, mida, que ſe chama Val San-
,, to: (ficava meia legua do
,, Convento para a Villa do Biſ-
,, po, hoje jà nem as ruinas ap-
,, parecem, conſerva-ſe porèm
,, no ſitio o nome) a qual o
,, Senhor Infante D. Henrique
,, de boa memoria tirou a hum
,, Pero Lourenço, que a tinha
,, feita caſa de lavrador, e por
,, ſeu falecimento a tornárão a
,, uſurpar, como bens profanos.
,, A qual Hermida aſſim damos,
,, para que os Padres tenhão
,, cargo della: por quanto os
,, romeiros, que à dita Caſa
,, de S. Vicente vem, tanto que
,, partião da Igreja da Aldea
,, do Biſpo, vinhão alli fazer
,, repouſo, e ganhar ſuas In-
,, dulgencias. As quaes ſobre-
,, ditas Caſas, e Moſteiros, e
,, terras Nós damos, e faze-
,, mos ſerviço ao dito Senhor,
,, que elle as dote, e dellas fa-
,, ça mercê, e eſmola aos Fra-
,, des da dita Cuſtodia da Pie-
,, dade, aſſim como Nós a ti-
,, nhamos feito: por quanto
,, Nós entre os outros Religio-
,, ſos eſcolhemos eſtes para noſ-
,, ſa conſolação, e remedio das
,, conſciencias, e almas de noſ-
,, ſos freguezes, para que te-
,, nhão Padres eſpirituaes, a
,, que bem, e verdadeiramen-
,, te ſe confeſſem, e apurem
,, ſuas almas, e confeſſem ſeus
,, peccados: porque por expe-
,, riencia temos ſabido, que
,, muitas peſſoas, aſſim homens,
,, como mulheres, não alimpa-
,, vão ſuas almas, por não te-
,, rem ſenão vizinhos Clerigos
,, ſeus compadres, a que tinhão
,, pejo de dar conta de ſeus er-
,, ros, e males, e algumas peſ-
,, ſoas por eſta cauſa repartião
,, ſuas confiſsões em diverſos
,, lugares, e Confeſſores. Por
,, tanto rogamos ao Provincial
,, da dita Cuſtodia, que quei-
,, ra ter provídos de Confeſſo-
,, res os ditos Moſteiros, e al-
,, guns Padres pela ſobredita
,, neceſſidade. E por tanto bei-
,, jaremos as mãos de S. Alte-
,, za, e lhe pedimos muito por
,, mercê, e com eſte entender
,, lhe fazemos ſerviço das ditas
,, Caſas, e gaſto, que nellas
,, temos feito, e eſperamos de
,, fazer, que as dê, aſſim co-
,, mo Nós as tinhamos dadas
,, a eſta Cuſtodia da Piedade:

„ e não queira paſſar eſtas Caſas a outros eſtudos de Religioſos; poſto que todos ſejão bons, e ſantos. Nem menos a outros Franciſcanos Clauſtraes, ou Obſervantes; nem a Moſteiros de Freiras, poſto que ſejão da meſma Ordem, e Regra, por quanto Nós temos aſſentado em noſſa conſciencia, que eſtes Padres conſervão ſua pobreza Apoſtolica, e não tem ſeus votos ſubſtanciaes em prejuizo do eſtado Eccleſiaſtico de S. Pedro, e ſuas rendas, antes são bons ajudadores noſſos, e não eſcandalizão o povo com vans glorias, e outros modos, e guardão noſſas Conſtituições, e Regimentos dos Prelados: e aſſim pedimos a ſeus Superiores, que encommendem aos Confeſſores, por elles ordenados, e por noſſos Vigarios authorizados em cada hum anno para confeſſarem, ſegundo de direito he coſtume. E bem aſſim pedimos ao dito Senhor, que ſe em algum tempo eſta dita Cuſtodia ſe vier a perder, ou houver nella taes mudanças, que as Caſas não poſsão ſer habitadas pelos ditos Religioſos deſta Cuſtodia, não mude para ellas de nenhumas outras Ordens, nem para iſſo haja remedio, nem recurſo do Santo Padre; porque não he noſſa vontade metter em noſſo Biſpado Religioſos, que com a Igreja andem em diſcordia, e ſejão eſquecidos de ſua pobreza, porque aſsàs eſcandalizados fomos muitas vezes dos deſmanchos, que os Clauſtraes de S. Franciſco de Tavira commettião com os Clerigos daquella Cidade, e outras couſas, que vergonhoſas ſerão de ſe eſcreverem em doação. E ſe por ventura acontecer (o que noſſo Senhor não queira) haver a ſobredita mudança, pedimos a S. Real Alteza, e ſeus ſucceſſores, a quem eſta doação fazemos, que tornem as ſobreditas Caſas aos Biſpos de Sylves, e a ſeus ſucceſſores, no ponto, e eſtado, em que eſtiverem, porque eſta he a ultima, e derradeira noſſa vontade, com a qual affirmamos, e outorgamos eſta noſſa doação para ſempre valedoura, a ſerviço de noſſo Senhor Jeſus Chriſto. E pedimos muito por caridade aos Biſpos, noſſos ſucceſſores, que em eſte amor, e paz conſervem, e mantenhão os ditos Religioſos, porque os hão de achar frutuoſos para ſuas conſciencias, e de ſeus ſubditos. E aſſim pedimos a S. Alteza, que nos mande paſſar duas Cartas aſſinadas

 „ por

„ por elle, e ſelladas, que ha
„ por bem eſta noſſa doação,
„ para que huma eſteja no Car-
„ torio dos ditos Padres, e a
„ outra nos Biſpos, e Cabido,
„ para em todo tempo ſer ſa-
„ bido o fundamento, que ti-
„ vemos a edificar as ſobredi-
„ tas Caſas, e a mercê, que
„ recebemos em S. Alteza as
„ conſervar neſta fórma, e con-
„ ſolação de noſſa alma. E os
„ ditos noſſos ſucceſſores de-
„ vem aſſim haver por bem
„ conſervar a dita noſſa doa-
„ ção em todo tempo, porque
„ os hão de achar proveitoſos
„ a ſeu Biſpado, alèm do ſer-
„ viço de Deos, que temos di-
„ to. A qual doação Nós man-
„ damos aſſim fazer, e a fir-
„ mamos de noſſo ſinal, e ſel-
„ lo, preſente Thomaz Duarão,
„ Meſtre em Sacra Theologia,
„ e o Bacharel João Vaz, noſ-
„ ſo Vigario Geral, e Arcedi-
„ ago de Tavira, e o Doutor
„ Simão Gomes, e o Deão de
„ noſſa Sé, e Theſoureiro, com
„ outras Dignidades, e Bene-
„ ficiados em ella, que a tudo
„ forão preſentes, e derão ſeu
„ parecer *ad perpetuam rei me-*
„ *moriam*, e gloria, e louvor
„ de noſſo Senhor. Feita em a
„ povoação de Sylves o Novo,
„ aos vinte e hum dias de Ju-
„ lho de mil quinhentos e vin-
„ te annos. Franciſco Jorge a
„ fez, que ora ſerve de Eſcri-
„ vão da Camara do dito Se-
„ nhor.

3 „ E pedindo-nos o dito
„ Biſpo por mercê que quizeſ-
„ ſemos aceitar as ditas Caſas,
„ e doação, que Nos aſſim del-
„ las fazia, pela maneira decla-
„ rada na dita ſua Carta, e cum-
„ prir tudo nella conteúdo. E
„ viſto por Nós ſeu requeri-
„ mento, e aſſim ſeu bom pro-
„ poſito, e virtuoſa tenção, lha
„ louvamos, e recebemos em
„ Nós, e aceitamos a dita do-
„ ação das ditas Caſas na dita
„ Carta nomeadas com todas
„ ſuas terras, hortas, cercas,
„ e outras couſas, que o dito
„ Biſpo para ellas houve, e a
„ ellas annexou, para as con-
„ frontações, e com as obriga-
„ ções, e condições na dita
„ Carta declaradas. E logo por
„ eſta noſſa Carta de noſſa li-
„ vre vontade, poder Real, e
„ abſoluto fazemos eſmola, e
„ doação aos Padres, e Reli-
„ gioſos da dita Cuſtodia da Pi-
„ edade da dita Ordem de São
„ Franciſco deſte dia para to-
„ do ſempre de todo o uſo, e
„ logramento das ditas Caſas,
„ terras, heranças, hortas, e
„ de todas as ditas couſas, que
„ na dita doação, que Nos o
„ dito Biſpo fez, e que a elles
„ annexou, são conteúdas: e
„ com todas as obrigações, e
„ declarações, com que o dito
„ Biſpo no-las deo, e Nós a
„ re-

,, recebemos, e aceitamos, ſem ,, nunca em nenhum tempo o ,, dito uſo, e logro das ditas ,, Caſas ſer tirado da ſobredita Cuſtodia, ſalvo pela maneira, que o dito Biſpo na ,, dita Carta declara. A qual ,, queremos, e Nos praz que ,, em todo, e por todo ſe cumpra, e guarde, aſſim, e tão ,, inteiramente, como ſe nella ,, contém; porque Nós por eſta, alèm de aceitarmos a dita doação, approvamos, e ,, confirmamos a dita Carta, ,, aſſim como nella he conteúdo. E ſe para a dita doação, que Nos a iſſo o Biſpo fez, e aſſim eſta noſſa feita aos ditos Padres ſer mais ,, firme, e valioſa, falecer, ou ,, ſe requerer outra alguma ſolemnidade de feito, ou de ,, Direito, ou alguma clauſula, ,, ou clauſulas, Nós de noſſo ,, poder abſoluto havemos aqui ,, todo por ſupprido, expreſſo, ,, e declarado, como ſe foſſe, ,, ſem embargo de todas as ,, Leis, e Direitos, que em contrario ſejão. E logo por eſta, ,, ſem mais outra authoridade ,, de juſtiça, damos, e havemos por dada a poſſe do dito ,, uſo, e logro das ditas Caſas ,, aos ditos Padres, e Religioſos da dita Cuſtodia: e mandamos a todas as noſſas Juſtiças, Officiaes, e peſſoas, ,, a que for requerido, que os ,, tenhão, e mantenhão na dita ,, poſſe agora, e para ſempre: ,, e não conſintão que por alguma peſſoa na dita poſſe lhes ,, ſeja poſta duvida, embargo, ,, nem outra alguma contradicção, por quanto Nós, por ,, aſſim o havermos por ſerviço ,, de noſſo Senhor, o havemos ,, aſſim todo por bem, e lhes ,, mandámos paſſar eſta noſſa ,, Carta, aſſignada por Nós, e ,, ſellada com o noſſo ſello pendente, para que os ditos Padres a tenhão para ſua guarda. Dada em a noſſa Cidade de Evora aos ſeis dias de ,, Agoſto. Coſme Rodrigues a ,, fez anno do Naſcimento de ,, noſſo Senhor Jeſus Chriſto ,, de mil e quinhentos e vinte ,, annos. ,,

4 No teor, e clauſulas da doação referida ſe moſtra bem, quanto aquelle devoto Prelado era zeloſo do bem eſpiritual de ſuas ovelhas, e para aproveitamento dellas quanto deſejava que não faltaſſem nunca em ſeu Biſpado Religioſos deſta Provincia, de quem tinha grande opinião, e conceito. E note-ſe que, ſuppoſto a nomeava por Cuſtodia, foi inadvertencia, porque jà havia trez annos que era Provincia, pois foi eregida em tal no anno de 1517. e a doação foi feita no de 1520. mas como quando o Biſpo offereceo as Caſas, era ainda Cuſtodia,

todia, como fica dito, quando ao depois lhe fez doação dellas, inadvertidamente a nomeou pelo que era no tempo, que lhas offerecêra: o que se mostra claramente, pois chama a seu Prelado maior Provincial; e se jà não fora Provincia, chamaralhe Custodio. Tambem poderá duvidar algum leitor escrupuloso aceitarmos esta doação de propriedades, sendo pela Regra incapazes dellas; e as doações, assim a de ElRei, como a do Bispo, parece que em todo nos dão o senhorio, e propriedade das ditas Casas. Ao que respondo que todas as cousas, que são dotadas, ou offerecidas aos Frades Menores, e os Mosteiros, que se lhes edificão, cahem em o dominio, e propriedade da Igreja, e Summo Pontifice Romano (ficando só o uso dos taes aos Frades) debaixo de qualquer fórma de palavras, que sejão dados, ou offerecidos, se o Fundador, ou dante desses Mosteiros, ou cousas não reservou para si o tal dominio; porque sendo outorgadas por amor de Deos sem declaração alguma, de crer he (como diz o Papa Nicoláo III.) que a tenção do dante foi tirar logo de si o dominio dellas, e que perfeitamente se traspassasse em outrem por amor de Deos. E como os Frades Menores sejão incapazes por sua profissão de adquirir dominio de alguma cousa temporal, e não haja pessoa alguma, em quem em lugar de Deos passe o senhorio das taes cousas mais convenientemente, que à dita Sé Apostolica, e Pontifice Romano, Vigario de Christo em as terras; para que o tal dominio não pareça incerto, e sem dono (pois jà não he do que dando a cousa, a tirou de si,) o recebem os Summos Pontifices por authoridade Apostolica em si, e na Igreja Romana. Assim foi declarado por Innocencio IV. Nicoláo III. Clemente V. e por outros Summos Pontifices, e Concilios está determinado em Direito. [c] Com que as doações referidas, sem attendermos às palavras, se hão de entender conforme a explicação dos Pontifices nomeados. Tambem se deve advertir, que os chãos, herdamentos, e terras, de que fallão assim a doação do Bispo, como a do Rei, não erão propriedades algumas, que annexassem aos Conventos de tal sorte, que os Religiosos tirassem dellas algum emolumento, pois bem se sabe que assim não as pudérão receber; mas erão sómente huns pedaços de terra, para delles se fazerem as cercas dos taes Conventos; que quando o Bispo no-los deo, ainda as não tinhão; e a isto chama chãos, herdamentos, e terras.

[c] Cap. E de ver gnif. i Clem. vi cod

CA-

CAPITULO XXVII.
Fundação do Convento de S. Francisco de Elvas.

1 EM Elvas, Cidade das nobres, e principaes do Reino, para a parte do Poente, edificárão nossos Frades hum Convento não longe dos muros da mesma Cidade, cuja occasião foi desta maneira. Morrendo na India, ou vindo della, da Fortaleza de Anquediva, de que foi Capitão, Manoel Paçanha, Fidalgo principal em a dita Cidade de Elvas, deixou em seu testamento que, vendendo-se algumas drogas, e outras cousas, que tinha, certa quantidade daquelle preço se mandasse dizer em Missas. Neste tempo florecia em Portugal a nova Custodia da Piedade com particular nome, e grande fama de virtude de seus Religiosos, por cuja causa os povos principaes desejavão recolhellos a si, e fazer-lhes Casas. Henrique de Mello, que ficou por testamenteiro do dito defunto, querendo que a Cidade de Elvas gozasse do bem, que outras muitas terras desejavão, e algumas com muito aproveitamento espiritual de seus moradores já possuião, pedio a nossos Religiosos procurassem haver de Roma hum Breve, em que o Summo Pontifice commutasse a vontade do testador, mandando que a esmola consignada para as Missas se gastasse na fabrica de hum seu Convento.

2 Aceitárão nossos Frades a offerta, e logo por ordem do Senhor D. Jaime, seu Protector, impetrárão do Summo Pontifice Leão X. que naquelle tempo tinha a Cadeira de S. Pedro, humas Letras dirigidas ao Arcediago de Guimarães, expedidas em o anno do Senhor de 1514. nas quaes lhe concedia poder, e dava authoridade para commutar, e applicar aquelle legado, e esmola de Missas pera a fabrica do Convento de S. Francisco, que se lhe pedia em a Cidade de Elvas. Tudo fez logo o Arcediago, como tudo consta das sobreditas Letras para isso dadas, e de hum instrumento da execução dellas, guardado no Arquivo do mesmo Convento. Porèm supposto as diligencias forão muitas, e apressa, que a gente da Cidade dava, era grande, por algumas causas, que se mettêrão de permeio, não foi possivel começar-se a obra, senão em o anno de 1518. sendo já a Custodia Provincia. Buscou-se hum sitio, hum pouco afastado da Cidade, parte do qual deo huma nobre matrona, por nome Genebra da Rosa, e o mais, que era necessario, se comprou de esmolas.

3 O Convento ſe acabou com muita perfeição em breve tempo pelas muitas, e boas ajudas, que houve nelle; porque não baſtando a eſmola das Miſſas para tudo, com as do Duque D. Jaime, e da gente da Cidade ſe deo fim à obra em pouco mais de hum anno. Antes de acabada o ſobredito Henrique de Mello teſtamenteiro pedio ao Miniſtro, e Definidores juntos em Capitulo em N. Senhora da Conſolação do Boſque de Borba no anno de 1519. aos 8. dias do mez de Setembro, que quizeſſem dar o titulo de Padroado, e ſepultura da Capella Mór a Ambroſio Paçanha, filho mais velho do teſtador defunto, para ſi, e ſeus deſcendentes. O Miniſtro, e Definidores moſtrando-ſe gratos à devoção, e boa vontade, que nelle, e no novo herdeiro vião, concedêrão-lhe a petição, e derão de tudo huma Patente. Acabou-ſe a Caſa, nella vivêrão os noſſos Frades pouco mais de ſetenta annos, no fim dos quaes a mudárão para outro ſitio por algumas cauſas, que referirei no Capitulo ſeguinte.

4 Nos primeiros tempos, que para eſta Caſa vierão os noſſos Frades, pouco depois de acabada ſuccedeo nella hum caſo milagroſo neſta fórma. Levantou-ſe hum dia pela manhã huma tão grande tempeſtade de agua, trovões, pedra, e ventos, que o mundo parecia ſegunda vez havia de alagar-ſe. Durou todo aquelle dia, ou a maior parte delle; e como aquelles noſſos primitivos, e Euangelicos Religioſos nem ainda procuravão o ſuſtento de hum para outro dia, ſeguindo niſto o conſelho de Chriſto a ſeus Apoſtolos, [a] achárão-ſe nó da tempeſtade, ſem que tiveſſem nem ainda hum ſó pão em caſa. O Porteiro, por cuja conta corre miniſtrar o ſuſtento aos Religioſos, entrou na Igreja, e poſto de joelhos diante do Santiſſimo Sacramento, repreſentou-lhe a falta, pedindo-lhe remedio a ella. Caſo maravilhoſo! Em ſe levantando da oração, vio que ſobre hum Altar pequeno, que fica fóra da Capella, eſtava huma boa quantidade de pães freſcos; e como aquelle dia ſe não tiveſſe aberto a Igreja, por não ſer poſſivel ſahir de caſa com tal tormenta peſſoa alguma, vio-ſe evidentemente ſer milagre; e que o Senhor, cujo conſelho aquelles Religioſos ſeguião, em não cuidarem do ſuſtento para o dia ſubſequente, cuidava delles, como, quando deo o conſelho a ſeus Apoſtolos, lhes promettêra.

[a] Matth.c. ... num. 34.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Mudança do Convento de São Francisco de Elvas para outro sitio; duvidas, que houve sobre o Padroado delle.

1 EM setenta annos, que os nossos Frades vivêrão neste Convento, experimentárão bem à custa propria a pouca razão, que tinhão os antigos para fundarem em valles, sendo-o este tanto, que por todas as partes está cercado de oiteiros; por cuja causa, e pela vizinhança de hum ribeiro, que pouco abaixo por entre elles corre, era tão doentio o Convento, que raramente os seus moradores escapavão de enfermidades muito grandes, succedendo algumas vezes adoecerem todos a hum mesmo tempo, e ser necessario virem de outras Casas Religiosos a curarem delles, de que muitos pagavão o mesmo tributo, e alguns achavão alli a sepultura. Por estes inconvenientes tão grandes determinárão mudarem o Convento para outro lugar mais accommodado, e sitio mais sadio; e supposto que jà havia alguns annos, que nisto se fallava, não teve effeito senão no de 1591. sendo Ministro Provincial desta Provincia Fr. João de Evora. Deo-se principio ao Convento novo, onde agora o vemos, não muito longe do antigo, mas muito melhorado em sitio, por ser mais alto, lavado dos ventos, e alegre pela dilatada vista, que descobre.

2 Está junto aos reaes, e soberbos canos de agua, que por altissimos arcos vem à Cidade, a quem não só remedeão copiosamente da falta, que sem elles tivera, mas tambem com sua sumptuosidade a enobrecem, por ser o mais celebre aqueduto da Europa. Em parte servem estes de muro, e cerca do pomar, e horta, que não he pequena, para cujo beneficio lhe deixão hum anel de agua bastante não só a regar as arvores, e hortaliça, mas tambem a discorrer por algumas officinas do Convento. Ajunta-se esta em hum formoso tanque, donde se reparte commodamente para todas as partes necessarias, servindo este não só de ornato, e lustre ao Convento, mas tambem de recreação nas tardes a alguns nobres Cidadãos pela variedade de peixes, que em si conserva.

3 Vendo Ambrosio Paçanha, neto do outro do mesmo nome, a que foi concedido o titulo de Padroeiro do Convento antigo, que se começava a obra, pedio ao Ministro Frei João de Evora, e mais Frades congregados em Capitulo, que lhe

lhe deſſem tambem o Padroado do que edificavão de novo. Foi-lhe reſpondido, que os Frades não podião conceder-lhe Padroado do Moſteiro, que ſe edificava com eſmolas do povo; mas que em reconhecimento de ſua devoção, e de ſeus aſcendentes, e por tirar toda a occaſião de duvida, e demanda, lhe concederião o Padroado, e ſepultura da Capella Mór para ſi, e ſeus deſcendentes, ainda que não tinhão obrigação de o fazer, ſem elle a edificar à ſua cuſta. Não quiz aceitar eſte partido, antes inſiſtindo que o havião de fazer Padroeiro de todo o Convento novo, ou deixarem-lhe o velho, ſem desfazerem couſa alguma delle, porque o pudeſſe dar a quem foſſe ſua vontade, armou ſobre iſſo demanda, não ſem grande ſentimento de noſſos Frades, por ſe verem trazidos a Juizo, pedindo-lhes couſa, que não podião conceder, conforme a Direito, e boa conſciencia.

4 Para eſte effeito impetrou Letras do Patriarca de Jeruſalem Fabio Biondo, Vice-Legado neſte Reino do Cardeal Legado Alberto, Archiduque de Auſtria, que então o governava, pelas quaes avocando a ſi a cauſa, commetteo o conhecimento della ao Doutor Pedro de Olivença, ſeu Auditor da Legacia. Diante deſte correo algum tempo em Lisboa, paſſada Provisão, que não ſe desfizeſſe por entretanto alguma couſa do Convento antigo, mas não impedia continuar-ſe a obra do novo. Continuou o pleito, atè que Ambroſio Paçanha, pelas razões, que por noſſa parte ſe allegavão, entendendo que não tinha juſtiça, juntamente com adoecer gravemente, entendendo ſer caſtigo, que o Senhor lhe deo, por aſſim trazer a ſeus ſervos em Juizos do mundo, deſiſtio em todo da demanda. Dahi por diante ſem nenhum impedimento ſe desfez o Moſteiro velho para ſervirem ſeus materiaes no novo, que em poucos annos ſe veio a acabar do modo, que hoje eſtá. Ficou por memoria daquelle a Igreja em pé debaixo do titulo de N. Senhora da Cabeça, e hoje ſó eſte conſerva aquelle ſitio, porque a Igreja eſtá jà totalmente arruinada.

5 Do Convento novo deo o Provincial com os Definidores o Padroado, e ſepultura da Capella Mór com toda a frontaria della atè às grades da Igreja a D. Fernando da Silva, e a Dona Beatriz de Brito ſua mulher, que não ſómente a fundárão à ſua cuſta, mas muita parte do corpo da Igreja, e tinhão tambem dado o campo, e horta, que tem o Moſteiro.

A Ca-

A Capella collateral, que eftá à parte do Euangelho, fe deo a Rui Gomes de Azevedo, e a fua mulher Dona Margarida da Gama, que a fabricárão. A terceira Capella foi concedida a André Lopes Garro, homem nobre, e principal, que tambem pagou a fabrica della; e morrendo, quando jà a dita Capella fe acabava, deixou encommendado, que fe lhe puzeffe bom retabolo, e a proveffem de ornamentos, o que tudo fe fez por ordem do Provedor da Mifericordia da mefma Cidade, que então era o Bifpo D. Antonio de Matos; porque àquella Santa Cafa juntamente com a principal herança do dito André Lopes fe paffou o direito do Padroado, e cuidado de adminiftrar, e prover de ornamentos a Capella. Affim lhe foi julgado depois de algumas duvidas, e demandas, que lhe puzerão outros herdeiros legatarios.

6 O Convento fe edificou maior, que nenhum dos outros da Provincia, porque eftando naquella parte, por onde communmente coftumão entrar nefte Reino os Reverendiffimos Padres Geraes da Ordem, fe pudeffe nelle commodamente celebrar Capitulos, como jà fe tem feito por algumas vezes: e ainda dizem, que o fahir o Convento tão grande fora erro do que affiftia às obras; porque não fendo mui deftro nefta materia, accrefcentou dous pés à traça. Quando os Religiofos do antigo para efte fe mudárão, trouxerão comfigo os offos dos que nelle tinhão falecido, e os puzerão em huma fepultura à porta do Capitulo com epitafio, que o declara. Entre eftes vierão os de hum Fr. Rodrigo de Marvão, Fr. Braz de Braga, e Fr. Domingos de Fezes, dos primeiros dous fó nos ficou noticia de morrerem com grande opinião de fantidade, fem nos particularizarem coufa alguma, defcuido commum de noffos primeiros Padres. Do ultimo trataremos em feu lugar.

CAPITULO XXIX.

Da Cafa de noffa Senhora dos Anjos de Azurára.

1 DEfejava muito o Duque D. Jaime ver a 1518.
fua Provincia da Piedade dilatada, e eftendida por todo o Reino, para cujo effeito lhe diligenciava em todas as partes delle Conventos para moradia de feus Frades. Depois que nos alcançou dos Conventuaes os Conventos de S. Francifco de Chaves, e o do Bom Jefus de Barcellos, procurou que nos fizeffem deixação de hum, que ti-

tinhão em Azurára, Villa pequena, e maritima, entre Douro, e Minho, quatro leguas da Cidade do Porto, a cujo Biſpado pertence. Era neſte tempo ſegunda vez Provincial dos Conventuaes da Provincia de Portugal o Meſtre Fr. João de Chaves, que por ſer muito affeiçoado a noſſos Frades, [a] não forão neceſſarias muitas inſtancias do Duque, para que nos largaſſe aquella Caſa.

[a] Gonz. tit. Provinc. Pietat. Conv. 24. Wadding. tom. 8. ad ann. 1518. num. 30.

2 De ſua fundação, e antiguidade não temos memoria certa, porque não ha eſcritura alguma, ou livro antigo, que della falle: e verdadeiramente que pudéra eſte Convento eſtar queixoſo de ſeus Fundadores, e os que lhes ſuccedêrão, deixarem ſeus principios tão eſquecidos, que não ha nem ainda raſtejallos: póde-ſe porèm conſolar com o de Chaves, que lhe não fica mui diſtante, e correo tambem a meſma fortuna. Deſta incerteza naſcêrão os varios pareceres, que ha de ſua fundação: huns a pōem logo naquelles primitivos tempos, que a noſſa Ordem entrou neſte Reino, accreſcentando, que alguns annos depois de fundado, fora reedificado [b] pelos Clauſtraes. Outros pelo contrario o fazem tão moderno, que o tem por obra do dito Fr. João de Chaves: [c] a que não achámos probabilidade alguma, antes ſe vê manifeſtamente o contrario; porque quando o recebemos de ſua mão, eſtava jà tão gaſtado, que arguia não pequena antiguidade. Quanta eſta foſſe difficultoſamente ſe poderá averiguar em algum tempo, pois nem os noſſos Memoriaes, fazendo ſeus Authores baſtantes diligencias, lha puderão achar: nem a Chronica da Provincia de Portugal lha pode deſcubrir [d] por mais que para iſſo inveſtigou: e aſſim deixando a ſua fundação no eſtado, em que a achamos, ſó daremos razão do que nos toca, depois que entrámos neſte Convento.

[b] Chronic. antig. l. 2. cap. 59.

[c] Barros nas ſuas antiguidades.

[d] Chron. Provin. Portug. 2. p. l. cap. 4.

3 Da mão do ſobredito Fr. João de Chaves o recebemos: entrárão nelle noſſos Frades pelos annos do Senhor 1518. e neſta fórma, em que no-lo derão, o conſervámos atè o de 1591. em que ſendo Miniſtro Provincial Fr. João de Evora, como as paredes jà ameaçaſſem ruina, o reedificou ſegunda vez, eſtreitando-o mais, e reduzindo-o a noſſo modo. Todas as obras ſe fizerão de eſmolas, que aquelle povo offerecia, que não he pequeno louvor ſeu; antes manifeſto indicio de ſua muita devoção, pois não ſendo grande, antes limitado, nem rico, mas pobre, com liberalidade fez os gaſtos do Convento. Eſtá eſte ſituado no mais bello, e ameno ſitio, que por ventura

tem

tem outro a Provincia de entre Douro, e Minho; porque alèm de gozar dos bons ares, que são communs a toda aquella terra, fica sobre hum mediano outeiro descuberto, donde ha graciosa vista, assim para a parte da terra, como para o mar largo, do qual está pouco distante.

4 Tem formosa cerca de pomar, e horta, e outra parte bosque, e arvoredo, e fontes de agua perennes, que o regão. He mui accommodado para a contemplação, por estar desviado do povo, em lugar deserto, e solitario. A invocação delle he nossa Senhora dos Anjos, ou da Assumpção, e jà tinha este titulo, quando foi entregue a nossos Frades. Nelle morava o Santo Fr. Diogo Hitta (de quem em seu lugar trataremos,) quando em huma noite, que estava posto em oração na Capella, vírão alguns seculares, que apparecia sobre ella fogo; e vindo de pressa ao Convento, dizendo que vinhão acudir ao fogo, que andava sobre a Igreja, entrando nella o Porteiro, a ver que fogo era aquelle, não vio outro, senão ao Santo Fr. Diogo, posto de joelhos diante do Santissimo Sacramento.

5 No mesmo anno, em que recebemos dos Padres Claustraes este Convento, lhe entregámos outro, que os mesmos nos havião tambem dado, depois de o habitarmos dezoito annos. He este o de Santa Sita, huma legua de Thomar, que no anno de 1505. com o de Chaves, e o do Monte de Barcellos nos deo o mesmo Mestre Fr. João de Chaves, como atràs deixamos dito. A razão, que tiverão nossos Frades para deixarem este Convento, não achamos escrita, porèm presumo que por algumas inconveniencias, que nelle havia forçosamente de haver, ao nosso modo, e estylo de vida. Estava elle huma legua de Thomar, com que adoecendo algum Religioso, necessariamente se havia de ir curar à Villa, e nunca a Provincia se accommodou a que seus enfermos se curassem fóra dos Conventos, para remediar nesta materia ao de Valverde, fundou Convento em Evora. Como tambem o de Santa Sita está em hum deserto entre Aldeas pobres, para se sustentarem os poucos Religiosos, que tinha, necessariamente havia de ser com discursos, por occasião de pedirem as esmolas: e pelo mesmo algumas vezes podia succeder, pois erão poucos os Frades, haver alguma falta no Coro: e hum, e outro inconveniente tem por muito consideravel a criação desta Provincia. Por estas razões, ou

outras, que serião presentes a nossos primitivos Padres, se resolvêrão a deixarem o Convento de Santa Sita, com que no anno de 1518. deixou os trajes Capuchos, e tornou aos dos Claustraes.

CAPITULO XXX.

Eleição do segundo Ministro Provincial; e do Convento de S. Fructuoso, que se recebeo em seu tempo.

1520 1 CElebrou o nosso primeiro Ministro Provincial Fr. Pedro de Monte Molim seu Capitulo intermedio a nove de Setembro de 1519. em o Convento do Bosque; acabado o seu triennio, para celebração do triennal, e eleição do novo Prelado a seu tempo convocou os Vogaes para o mesmo Convento. Nelle procedendo-se a eleição, sahio eleito no anno de 1520. em Ministro Provincial Fr. Francisco de Alconchel Prégador, Religioso de muitos merecimentos, mui dado à oração, e mui rigoroso para comsigo: notavelmente zeloso dos santos, e louvaveis costumes da Provincia, guardando-os com muita perfeição, e fazendo com que os demais os guardassem. Não se costumava neste tempo (ainda que jà se tinha usado) mandar Visitadores às Provincias antes da celebração dos Capitulos, senão sómente Presidentes para as eleições Capitulares: quem neste presidisse não sabemos, como tambem nem de cousa alguma, que nelle se tratasse; só temos noticia receberem-se no tempo do segundo Provincial dous Conventos: hum em Braga, outro em Portalegre; daquelle, por ser o primeiro, he bem que primeiro tratemos.

Fr. Francisco de Alconchel Ministro Provincial. 2.

2 Em a nobre, e antiga Cidade de Braga, quasi para a parte do Norte, fica o nosso Convento da invocação de S. Fructuoso, por ser por elle fundado. He hum dos mais recolhidos, e devotos, que ha na Provincia: porque està em competente distancia apartado do tumulto da Cidade, e commercio do povo, e em sitio mui accommodado à vida espiritual, e contemplativa. Tem boa cerca de pomar, regado com copiosa fonte de agua, que vindo por canos, primeiro à claustra, e depois discorrendo por algumas officinas do Convento, se vai communicando à horta, e frutifero arvoredo, ao qual se segue hum espesso bosque de formosos carvalhos, e castanheiros, divididos em ruas. Ao longo deste discorre hum perenne ribeiro, que com o brando sussurro de suas aguas provoca muito a devoção: e tudo o mais 1522

deste

deste Convento está convidando a ella. Para darmos noticia de sua fundação, e antiguidade, he necessario que primeiro a demos de seu illustre Fundador o Bemaventurado S. Fructuoso: será porèm com a brevidade possivel, e quanto conduza para clareza desta Historia.

3 Foi S. Fructuoso Hespanhol de nação, filho de hum Duque, ou Capitão General do sangue, e Casa Real dos Godos: foi mui affeiçoado às cousas da Religião, e virtude desde sua tenra idade, na qual lhe faltárão seus pais, deixando-o tão rico de bens temporaes, como falto de annos. Com tudo nesses poucos, que tinha Fructuoso, alcançou o muito, que ganha com Deos, quem por seu amor sabe deixar tudo. Desprezou toda a riqueza, que possuia, para mais perfeitamente se dedicar a Deos no estado de Religioso. Tritemio sente, [a] e Juliano, [b] que foi da Ordem do Patriarca S. Bento: outros sem especificarem que fosse de alguma Ordem, dizem, que recebeo o habito de Monje, da mão de Tonancio, Bispo de Palencia, e em huma herdade de seu patrimonio, junto a Astorga, [c] fundou o famoso Convento de Compluto para sua habitação, e de outros muitos, que se lhe aggregavão. Daqui nasceo o debate, que ha entre as duas sagradas Religiões Benedictina, [d] e Augustiniana, [e] procurando cada huma dellas (qual as duas mulheres diante de Salamão) ter a S. Fructuoso por filho. Mas a meu ver (ainda que me não toque dar a sentença) não foi Monje Bento, e menos Heremita Agostinho; nem de outra antiga Ordem, mas novo Fundador, e Patriarca. Isto parece se collige de huma memoria, que está no Arquivo da Igreja Collegiada da Villa de Guimarães, feita em o anno de 957. onde em hum Catalogo, que faz menção dos livros, que os Fundadores derão àquella Igreja, com titulo de Mosteiro de Freiras Bentas, diz estas palavras, traduzidas do Latim em nosso idioma: *E assim lhe damos outro livro pequeno, que contém as Regras de S. Bento, de Santo Isidoro, e de S. Fructuoso.*

4 Donde parece que lhe chama Regras distinctas: e assim como de Santo Isidoro nos não diz S. Braulio Arcebispo de Çaragoça, seu discipulo, e outros, que escrevêrão sua vida, que fosse Monje da Ordem de S. Bento, senão que edificou muitos Conventos, e Collegios, em os quaes dandose ao estudo das letras, e santa oração, criou muitos discipulos, que a elle concorrião: assim

[a] ...in ...us.
[b] ...in ...10.
[c] ...35.
[d] Benedict. Lusitan. tract. 2. p. 4. cap. 1.
[e] Chronic. Augustin. fol. 236.
Memoria Ecclesiæ de Guimarães.

aſſim parece ſe deve dizer do Bemaventurado S. Fructuoſo, ſem de neceſſidade o fazermos Frade Bento, ou de alguma outra Religião. Naquelle tempo os varões ſantos edificavão com authoridade dos Biſpos, onde vivião, com os que ſe lhes ajuntavão na fórma, e modo, que lhes parecia. Como de João Abbade de Val Clara (a quem o meſmo Tritemio quer fazer Monge de S. Bento) teſtifica Santo Iſidoro, [f] que edificou Moſteiro, e fez Regra para os que ſe aggregárão em ſua companhia; o que ſuppoſto, o meſmo faria tambem São Fructuoſo. Porèm de qualquer maneira que foſſe, o que ſabemos de certo, he que S. Fructuoſo, havendo muitos, que querião imitar ſua vida, e exemplo, fundou em diverſas partes de Heſpanha tantos Moſteiros, e o ſeguião tantos diſcipulos, que a ElRei Recceſvindo, que então tinha o Imperio dos Godos, e Senhorios de Heſpanha, lhe foi propoſto em ſeu Conſelho [g] puzeſſe a iſto algum eſtorvo, ſe não queria lhe faltaſſe gente para a guerra, quando della neceſſitaſſe.

[f] Iſid. de Viris illuſtr. cap. 31.

[g] Moral. ubi ſuprà.

5 Procedendo o Santo deſta maneira, e reſplandecendo com muitos, e mui notaveis milagres, o meſmo Rei o proveo na Cadeira do Biſpado de Dume, huma milha da Cidade de Braga. O qual Biſpado deſde ſua creação, que foi no tempo de Theodomiro Rei dos Suevos, que dominárão aquella parte de Portugal, e Galiza, era mui principal, e eſtimado, aſſim pela boa memoria de ſeu primeiro Biſpo o Bemaventurado S. Martinho, por eſte reſpeito chamado Dumienſe, à differença do outro de Turonia, como tambem, porque ainda que tiveſſe pequeno diſtrito, e Dieceſe, com tudo o Biſpo delle era Prelado da Caſa Real, e Corte, e a ſeguia por onde quer que o Rei, e Cortezãos ſuas ovelhas hião. Promovido pois S. Fructuoſo a eſta dignidade, a governou ſantiſſimamente alguns annos, atè que no de 658. reinando o meſmo Recceſvindo, e fazendo celebrar Concilio na Cidade de Toledo, o qual ſe conta decimo, ſendo nelle privado do Arcebiſpado de Braga Potamio por huma culpa ſecreta, que denunciou de ſi meſmo, e a confeſſou diante do Concilio, [h] foi pelos meſmos Padres delle eleito S. Fructuoſo de Biſpo Dumienſe em Arcebiſpo de Braga. Occupado no cargo daquella Metropolitana Igreja, não ſe eſqueceo de ſeu antigo zelo de fundar Moſteiros, edificou eſte noſſo, de que fallamos, entre o de Dume de Religioſos Ben-

[h] Summ. Concil. Concil. Toleta[n]

Bentos, fundado pelo ſeu primeiro Biſpo S. Martinho, e a Cidade de Braga em hum outeiro, onde agora o vemos, e ſe chamava então Montelios. Prova-ſe eſta fundação do Breviario Bracarenſe, e huma lenda publica deſte glorioſo Santo, feita ha mais de trezentos annos, eſcrita em pergaminho, que ſe guarda no Arquivo deſte ſeu Moſteiro, e outra no Arquivo da Sé, na qual fallando do Santo, ſe dizem eſtas palavras, traduzidas do Latino em noſſo idioma: *Entre a Cidade de Braga, e Convento Dumienſe no alto de hum monte pequeno edificou hum principal Moſteiro, onde foi ſepultado ſeu ſanto corpo.*

6 O titulo, que deo ao Moſteiro, foi do Salvador do mundo; e como andando occupado na fabrica delle lhe foſſe revelado por Deos o tempo de ſua morte, deo-ſe tanta preſſa ao acabar, que de dia, e de noite trabalhava na obra. Sendo concluida, eſtando jà enfermo, ſe mandou levar à Igreja, onde elegeo por Prelado, e Abbade delle hum Monge de ſeus antigos companheiros chamado Dicencio, a quem conhecia por varão de grande eſpirito, e capaz de lhe ficar encommendada a criação, e regimento dos outros. Depois do qual com a preparação, e eſpiritual alegria, que convinha a tão grande Santo, paſſou ſua alma glorioſa deſta vida ao Senhor em 16. de Abril do anno de Chriſto 659. havendo pouco mais de trez annos, que fora eleito em Arcebiſpo de Braga. Foi ſepultado na meſma Caſa, e ſepultura, que para ſi fizera de pedra toſcamente lavrada, mettida toda na Capellinha, que ſerve de principal, à parte do Euangelho, onde pela groſſura das paredes coube facilmente, ſem lhe deixar para fóra algum relevo. Começou logo São Fructuoſo a reſplandecer com milagres, e todos os que entravão na Igreja ſentião huma tão grande fragrancia, e extraordinaria ſuavidade de cheiro, que ſummamente os recreava, e fazia creſcer mais ſua devoção.

7 Eſte lugar de ſeu ſepulcro tem hoje os noſſos Frades cercado de grades, porque não haja quem chegue a elle com pouca reverencia, e reſpeito. No alto dellas eſtá hum rotulo moderno, que declara o tempo, que o ſeu ſanto corpo alli eſteve, como ao diante direi. Prova-ſe tambem ſer S. Fructuoſo o fundador deſta Caſa por algumas eſcrituras, que eſtão no Tombo da Sé de Sant-Iago, e privilegios concedidos pelos Reis antigos de Aſturias, ou Leão, e partes de Galiza, e Por-

e Portugal, conquiſtadas do poder de Mouros, que occupavão o mais de Heſpanha. Eſpecialmente ſe moſtra iſto de huma doação, que ElRei D. Affonſo Magno no anno de Chriſto, ſegundo noſſa conta, 883. a dezeſete de Agoſto, fez a Siſinando Biſpo daquella Igreja de Sant-Iago, na qual diz eſtas palavras à letra traduzidas: *Damos-vos, Siſinando Biſpo, o Moſteiro de S. Salvador na quinta de Montelios, o qual Moſteiro S. Fructuoſo edificou entre o Moſteiro Dumienſe, e os arrabaldes de Braga, &c.* Com iſto conforma hum letreiro de lingua Latina, eſculpido em huma pedra bem lavrada, mettida em huma das paredes da meſma Igreja junto à porta principal à mão eſquerda dos que entrão, poſta alli quando foi reedificado o Convento, para ſe dar a eſta Provincia pelo Arcebiſpo D. Diogo de Souſa. O letreiro da pedra tem eſte ſentido: *D. Diogo de Souſa Arcebiſpo no anno de 1522. a 12. de Setembro com edificios, que fez, reduzio a fórma de Moſteiro eſta Igreja feita por S. Fructuoſo, antes que Heſpanha foſſe conquiſtada pelos Mouros.*

CAPITULO XXXI.

Antiguidade da Igreja deſte Convento de S. Fructuoſo.

1 SUpposto ſeja commua, e antiquiſſima tradição, que S. Fructuoſo, quando edificou eſte Convento, edificaſſe tambem a Igreja delle; com tudo João de Barros [a] he de parecer, que eſta Igreja he muito mais antiga que o meſmo Santo. Não duvída eſte Author que S. Fructuoſo fizeſſe alli ſua ſepultura, e Convento junto della; porèm diz que quando edificou o Convento, jà alli eſtava a Igreja, obra antiga de Romanos, que havia ſido Templo, ou Fano dos gentios, e que S. Fructuoſo vindo por Arcebiſpo de Braga, a alimpou das immundicias dos Idolos, e conſagrando-a ao Divino culto, lavrou em a Capella ſua ſepultura, e fabricou alli o dito Convento. Não tem eſta opinião por ſua parte Author algum antigo, ou eſcritura, que o diga: porèm tem razões, e conjecturas forçoſas, que o perſuadem; eſtas me obrigão a tella por mais provavel, que a tradição. Seja a primeira, não haver em toda a Heſpanha alguma Igreja fabricada pela traça deſta, ſenão o Bom Jeſus de Valverde, junto à Cidade de Evora, que o Cardeal Dom Henrique man-

[a] Barros Coſmo

mandou fazer quasi pelo mesmo modo, depois que em Braga tinha visto esta: e como a fabrica della seja semelhante aos Templos, que os antigos Romanos fazião para seus idolos, não se achando outra em Hespanha, bem parece que ficou esta daquelle tempo antigo.

2 A semelhança, que tem esta Igreja com os fanos, vê-se claramente; porque a fabrica dos Templos, que os antigos Romanos fazião a seus deoses, constava de muitas invenções de columnas em diversas maneiras proporcionadas, como se póde ver em Vitruvio *b* no seu livro de Arquitectura, onde põem diversas fórmas, e generos de Templos, huns de columnas Doricas, outros Jonicas, Corinthias, Toscanas, ou Compositas: em huns mais espessas com breves intercolumnios, em outras mais distantes, e afastadas. As Aras, ou Altares lhes fazião pequenos, para que em cada hum delles estivesse só hum idolo, que essa era a lei dos Gentios (segundo parece de hum Emblema de Alciato, *c* ou para melhor dizer, fosse dedicado a hum idolo, nem se adorasse nelle outro. Além disto diz Daniel *d* Barbaro, colligindo-o de Vitruvio, que os simulacros dos idolos não estavão nunca em os Altares, senão em lugar mais levantado, deixando-os desoccupados, para se fazerem nelles os sacrificios, e sendo assim, não havião mister Altares grandes. Todas estas cousas se achão na Igreja de S. Fructuoso: sua fórma he em Cruz para todas as partes igual, cujas pontas fazem quatro Capellas, que as paredes fechão em meio circulo. Huma das Capellas, que podemos chamar o pé da Cruz, serve de entrada, onde está a porta; outra, que direitamente responde a esta, como cabeça das hastes da Cruz, serve de Capella principal, onde está o Altar maior; nas outras duas, que ficão como braços, estão os dous Altares collateraes, e tendo cada huma só dezesete palmos, e meio de largo, neste tão pequeno espaço tem a Igreja vinte e quatro columnas: quatro naquella primeira entrada da porta, seis em cada Capella collateral, e oito na principal de todas; as quaes por ficarem tão espessas, e com tão estreitos intercolumnios, que alguns não passão de trez palmos, parece se póde dizer este genero de Templo dos que Vitruvio chama Picnostylos, ou, quando muito, Sistilos: o que se conhecerá claramente considerando-se o diametro das columnas.

3 Daqui nasce serem os Altarem destas trez Capellas tão pequenos, que não tem mais de

trez palmos de vão, onde apenas se póde revolver o Sacerdote, nem cabe no Altar estante para o livro, nem menos se põem nelles castiçaes para as candeas, por não haver lugar accommodado. E assim por esta invenção de arquitectura com a multiplicação de columnas, como pelo pouco espaço de seus Altares, que entre duas dellas ficão mettidos, segundo o uso dos Idolos, parece que foi fabricado este Templo para elles: porque não he possivel que S. Fructuoso mandasse fazer Altares tão limitados, onde com tanta difficuldade se póde dizer Missa. Tambem da grandeza da Igreja podemos tirar argumento em prova desta opinião: porque he mui pequena, e occupada com tantas columnas, o fica sendo mais: e não vem em boa razão de arquitectura, que para hum Convento, a que as memorias chamão precipuo, palavra, que denota ser cousa notavel, e principalissimo, se lavrasse Templo tão pouco capaz. E havendo nelle por outra parte tanto artificio, não se póde presumir de quem o fez tal erro, ou inconsideração, mas que por achallo jà assim feito, edificou junto a elle o Convento: ou por ventura fabricou outro maior Templo para o concurso da gente, e este ficaria servindo, como de Capella, ou Oratorio aos Religiosos.

4 E vindo a outras particulares conjecturas, parece haver sido o Templo dedicado a Esculapio, que tinhão os gentios por Deos da Medicina. Colhe-se isto da fórma das columnas desta Igreja: porque ainda que Vitruvio, ou outro Author, que eu visse, não diga claramente de que genero havião de ser as columnas, e medidas do Templo deste idolo, com tudo depois de haver dito, de que invenção se havião de fazer as de Jupiter, Marte, Hercules, de Minerva, Venus, Flora, e das Nynfas, diz que a Juno, Diana, Bacho, e aos outros deoses, se lhes fizessem Templos Jonicos, se teria conta com a mediocridade, que não fossem grandes: e seu edificio seria temperado com a instituição daquellas propriedades, e com o severo costume do Dorico, e com a delicadeza do Corinthio. E logo fez menção de outras propriedades, que se havião de buscar para os Templos de Esculapio, como que suppunha, que da invenção, que acabava de dizer, lhe havião de ser fabricados. No prologo do livro setimo, fazendo menção de hum Templo, que a este deos se fizera em Italia, diz, que era de medidas Jonicas, e Corinthias: de ambos estes generos de columnas he com-

composto o Templo de S. Fructuoso: humas Compositas, e outras puras Corinthias, a que corresponde o lavor da cornija da Igreja toda, com que parece sem duvida que a Esculapio foi este Templo dedicado.

5 Outro argumento mais forçoso temos em abono desta conjectura, que he vermos na columna mais proxima do Altar da Capella principal, à parte direita dos que entrão, que a nós he à da Epistola, estava enxerida huma cobra de bronze, da qual hoje se vê o encaixe gravado na pedra. E cousa sabida he ser esta serpente insignia de Esculapio, adorado dos Gentios debaixo dessa figura, segundo Boccacio; [e] e como diz Pierio, [f] era cousa ordinaria ser pintado, ou esculpido em marmores, e columnas na mesma fórma de serpente. Outras vezes o pintavão em fórma de varão, com hum páo na mão, como que lhe servia de encosto; mas sempre se pintava a cobra enroscada nelle: por esta insignia era conhecido. Não he prova menos efficaz o titulo, que tinha este Templo de São Fructuoso, que era do Salvador, como consta da doação, que no Capitulo precedente referimos, de D. Affonso o Magno, feita a Sisinando. Trez Salvadores do mundo, como diz Clemente Alexandrino, [g] imaginárão, ou fingírão os antigos entre outros erros gentilicos: Castor, e Pollux, que se representavão por hum só: Hercules o valente, e Esculapio Medico. Deste terceiro tomaria o nosso Templo, de que fallamos, o titulo, que tinha do Salvador do mundo: e achando-o S. Fructuoso com elle, não lho quereria tirar, pois bem lhe podia servir christianando-o: e assim alimpando o Templo das mais profanidades Gentilicas, lhe deixou o mesmo titulo, dedicando-o ao verdadeiro Salvador do mundo, Christo Redemptor nosso, como foi muito tempo chamado dos Christãos, Igreja do Salvador, e lhe chama claramente a doação Real, que allegámos.

6 Do sitio da Igreja se póde tambem conjecturar; porque dando o mesmo Vitruvio regras, e modos de fabricar Templos, diz, que devem escolher-se sitios, e Regiões de bons ares, e onde haja fontes de aguas saudaveis, e principalmente para os Templos de Esculapio, com a medicina do qual elles crião serem muitos enfermos curados. E dá huma razão, que bem convence a cegueira dos Gentios, que he dizer; porque quando os corpos enfermos forem mudados de sitios poucos sadios, achando o Templo do idolo, que

vão bufcar, em territorio aprazivel, bons ares, e falutiferas aguas, alcançaffem faude com facilidade: de maneira que recebendo-a elles naturalmente, pudeffe ficar o idolo mais acreditado. Todos eftes requifitos, que Vitruvio bufcava para os Templos de Efculapio, fe achão nefte de S. Fructuofo; porque goza fitio affim de boas aguas, como de bons ares, por onde parece que foi dedicado a efte idolo.

7 Nem ajuda pouco a prefumir que foffe obra dos antigos Romanos huma figura de bronze dos peitos para fima, vã por dentro, e no fummo da cabeça huma argola para fe pendurar della, que moftrava o Arcebifpo de Braga D. Agoftinho de Caftro. Dava efta a entender que era do deos Bacho: porque tinha lavrada a cabeça ao redor com ramos de parra, e uvas do mefmo metal: pezaria oito, ou dez arrateis. Affirmava o Arcebifpo que fora achado junto aos alicerces defta Igreja de S. Fructuofo, cavando-fe alli profundamente, ou foffe em a renovação do Convento, ou para abrir alguma fepultura. E poderia fer que eftiveffe efte idolo em alguma das Capellas collateraes, fendo a principal do Templo do affima referido. Por todas eftas razões, e conjecturas parece fem duvida haver fido efte Templo fabrica antiga dos Romanos, que no tempo, que fenhoreárão Hefpanha, edificárão muitos a feus idolos: e affim que São Fructuofo o não fez de novo, mas fómente edificou alli o Convento, e lavrou no modo, que fica dito, fua fepultura.

8 Alguns demaziadamente efcrupulofos tem por inconveniente deixar S. Fructuofo hum templo de Gentios em pé, e confagrallo em Igreja, como fe o haver antes fido de idolos foffe algum menofcabo feu. Desfaz efte efcrupulo o Templo de Santa Ignez, que eftá fóra dos muros de Roma, mui rico de lavores, com belleza de diverfas pedras, e Mofaico, que tambem fervio primeiro a Bacho, para quem foi feito, e ainda eftá inteiro na mefma fórma, como diz Sebaftiano Serlio. [b] Nem he tambem menofcabo do famofo Pantheon, tão celebrado de todos, que efcrevêrão Arquitectura, que eftá dentro da mefma Cidade, e hoje fe chama Santa Maria a Maior, ou a Redonda, haver fido feito, e dedicado por Marco Agryppa, infigne Cidadão Romano, à deofa Cybelles, e a todos os mais deofes, dos quaes os Gentios a tinhão por mãi. O qual Templo, confagrando-o depois pelos annos do Senhor feifcentos e oito o Summo

[b] Sebaft. Serl. l. 3. Arquit. f. 50.

mo

mo Pontifice Bonifacio VIII. converteo a invocação de mãi dos deoses, que tinha, em outra melhor, e quasi semelhante, dedicando-o à Sacratissima Virgem Senhora nossa, espiritual Mãi dos Santos, e a todos elles. Nisto de se aproveitar do titulo, e invocação gentilica, accommodando-a ao Catholico, se parece com este o nosso Templo, de que fallamos, conforme a conjectura, de que se lhe deo o titulo do Salvador verdadeiro em lugar do que falsamente tinha em razão do idolo de Esculapio.

9 As escrituras, que no Capitulo precedente alleguei, bem podem concordar com esta opinião, ainda que pareça dizerem o contrario; porque se bem he verdade, que (commummente fallando) debaixo deste nome Convento seja comprehendida sua Igreja, com tudo tambem acontece o contrario, que muitas vezes se fundão Conventos em Igrejas antigas, e depois se diz absolutamente, que fulano fundou tal Convento. Assim se podem entender as sobreditas escrituras: onde nas mais antigas se não faz menção alguma particular da fundação da Igreja, mas com palavras geraes se diz que S. Fructuoso fundou este Convento. E supposto que esta generalidade das escrituras se possa na intelligencia extender à fundação da Igreja, tambem se póde entender no modo, que tenho explicado. Só o letreiro em Latim, que em sua reedificação fez esculpir D. Diogo de Sousa (o qual em respeito da fundação he moderno) parece dizer que o Santo fez a Igreja. Estas são suas palavras: *Didacus Sousa, Archiepiscopus Bracharensis, hanc Ecclesiam à Divo Fructuoso, antequam Hispania à Mauris expugnaretur, conditam, cum edificiis adjacentibus, à se constructis, in Monasterium redegit, anno Christi 1522. die 12. mensis Decembris.* Mas tambem se pódem entender que a pedra falla conforme a tradição commua que havia, pela generalidade, com que as escrituras lhe chamão Fundador do Mosteiro, em as quaes palavras se podia incluir tudo: quanto mais que nem ainda a pedra diz que São Fructuoso fundou a Igreja, usando da palavra *fundatam*, mas usa do termo *conditam*, que segundo Calepino, [i] não só se póde interpretar que diga foi fundada, mas tambem quer dizer, foi constituida; o que se póde entender da dedicação, na qual huma casa he constituida por Igreja consagrada ao Divino culto, a que antes o não era melhor, que quando se fundão as paredes: as quaes antes da dedicação não são propriamente Igre-

[i] Calepin. verb. *Condo.*

Igreja, ainda que ſe fação para iſſo. Aſſim que ſem derogarmos às eſcrituras ſua authoridade, dizemos que he a Igreja muito mais antiga, do que divulga a tradição.

10 De qualquer modo, que foſſe a fundação deſte Templo, ſe collige claramente ſua muita antiguidade; porque, ſe a fundou de principio o Bemaventurado S. Fructuoſo, ha jà mais de mil e vinte annos, porque o Santo morreo no anno de ſeiscentos e ſincoenta e nove: e muito poucos Templos ha neſte Reino mais antigos, que ſaibamos por eſcrituras; e eſſes, ainda que primeiro tiveſſem principio, por ventura que nenhum eſteja em ſua primeira fórma, em que foi fundado, ſem padecer damno, em as muitas guerras, que houve, e entradas de diverſas gentes barbaras, que tudo arraſavão, e quando menos, os deixavão em eſtado de terem neceſſidade de ſerem reedificados; não aconteceo iſto no de S. Fructuoſo, que ainda hoje ſe conſerva na ſua antiga, e primeira fórma. E ſe he verdade, como creio, que foi antes de idolos, he de tempo immemorial ſua fundação: e como diz João de Barros, não ſe acha em noſſos tempos Igreja alguma em Heſpanha, que ficaſſe dos Romanos, ſenão eſta.

CAPITULO XXXII.

Das mudanças, que houve no Convento de S. Fructuoſo, e como foi dado à Provincia.

1 SUppoſto que eſte Templo do Convento de S. Fructuoſo perſeverou ſempre naquella fórma, em que foi fundado, não correo a meſma fortuna o demais reſtante do Convento, antes cedendo à variedade do tempo, experimentou em ſi tantas mudanças, quantas referirei neſte Capitulo. Depois da morte do Santo Arcebiſpo Fructuoſo eſtiverão neſte ſeu Convento os Religioſos, que nelle deixára, conſervando-ſe ſempre em a boa doutrina de ſeu Fundador, e vivendo em grande perfeição, e rigor de penitencia atè o anno de ſetecentos e dezeſeis, que foi o da entrada dos Mouros, e deſtruição da Cidade de Braga, quando depois da lamentavel victoria, que dous annos antes alcançárão de ElRei D. Rodrigo, ultimo dos Godos, junto ao rio Guadalette, occupárão Heſpanha. Então foi o Convento deſamparado dos Monjes, que deſtruida a Cidade, mal podião ficar entre tão crueis inimigos; os quaes ou foſſe que nos edificios delle executaſſem ſua barbara crueldade, ou que eſtando deſpovoado, o tem-

tempo, que tem por officio consumir tudo, o desbaratasse, ou huma cousa, e outra: em fim foi pela maior parte destruido. Entre ruinas lastimosas, e estragos tão vizinhos se conservou illesa a Igreja, permittindo o Senhor, que nem desta vez, nem de outras, que muito tempo depois, sendo jà outra vez esta terra de Christãos, tornou a ser tomada, e destruida dos mesmos inimigos, se fizesse nella algum damno, guardando-a Deos por merecimentos do Santo, que alli tinha sua sepultura.

2 Neste estado estava, quando ElRei D. Affonso o Magno, conquistando aquella Provincia de Entre Douro, e Minho, povoando nella muitas terras, que tirava aos Barbaros, entre as quaes foi a Cidade de Braga, fez doação do Convento de S. Fructuoso, assim damnificado, como estava, com sua Igreja, e herdades vizinhas a Sisinando Bispo de Sant-Iago de Galiza, cuja Igreja então de fundamento renovava, e pertendia engrandecer pelas muitas mercês, que sentia haver recebido deste sagrado Apostolo. Por virtude desta doação, que jà atràs apontei, feita no anno de oitocentos e oitenta e trez, foi esta nossa Igreja de S. Fructuoso da Diecese Compostellana, e como outras, que do mesmo modo lhe forão dotadas, sujeita à jurisdicção dos Bispos de Sant-Iago, quasi cento e vinte annos, que foi atè o tempo, em que governou o Conde D. Henrique, pai de Dom Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal. No fim deste tempo D. Diogo Bispo de Sant-Iago veio com pretexto de visitar aquellas suas Igrejas, por ventura presentindo jà que tratavão os Arcebispos de as recuperarem, e sem ser entendido seu intento, agazalhando-se nellas, sendo Arcebispo de Braga S. Giraldo, tirou de noite secretamente muitos corpos de Santos, que alli estavão sepultados, convem a saber, o de S. Victor, S. Cucufate, S. Sylvestre, e Santa Susana, e abrindo o sepulcro do nosso S. Fructuoso, tirou tambem seu corpo, depois de haver estado alli sepultado quatrocentos e quarenta e trez annos; que supposto hum moderno [a] doutissimo (a quem deve muito este Reino pela diligencia, que fez em averiguar suas antiguidades) escrevendo a vida deste Santo, os extenda a 561. consta que ou foi inadvertencia, ou erro da impressão, pois elle mesmo confessa que morreo o Santo no anno de 659. e que foi levado seu corpo para Sant-Iago no de mil cento e dous, como na verdade passou tudo: e no meio deste tempo não se mettem

[a] Bernard. de Brito 2. p. Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 23.

tem mais que os quatrocentos e quarenta e trez annos, que tenho dito.

3 Com todos estes thesouros de Reliquias, de que despojou as Igrejas, enriqueceo o dito Bispo a sua de Compostella, onde com muita decencia, e veneração estão guardadas. Deixou com tudo no sepulchro de S. Fructuoso huma grande Reliquia, que he hum osso do joelho do Santo, e outras Reliquias das vestiduras Pontificaes, com que fora enterrado. Não muito depois desta translação, junto dos annos mil da nossa Redempção, sendo Senhor de Portugal o Conde D. Henrique, à instancia sua passou o Pontifice Pascoal II. deste nome huma Bulla Apostolica, em que mandava ao Bispo de Sant-Iago, D. Diogo Gilmirez, que juntamente com outras Igrejas, cuja restituição se pedia pelo direito de postliminio, restituisse esta de S. Fructuoso com tudo o que lhe pertencia à Igreja Metropolitana, e Arcebispos de Braga, seus direitos Senhores. Daquelle tempo em diante a possuírão outra vez os Senhores Arcebispos Primazes. Os redditos das terras estavão applicados à sua Camera, a Igreja servia de Paroquia.

4 Nas ruinas do Convento antigo estavão feitas humas casas, que aos Arcebispos servião de recreação, e gazalhado de campo. Nesta fórma se conservou, atè que vindo a ser Arcebispo D. Diogo de Sousa no anno de 1517. metteo nas ditas casas duas irmans suas, com outras algumas companheiras, Freiras todas professas no Mosteiro de Villa do Conde, donde se sahírão no tempo, que se mandava reformar o Mosteiro, com liberdade de se sahirem as que quizessem. Teve tenção o Arcebispo de lhes fazer naquelle sitio Convento, mas falecendo as duas irmans, mudou o parecer, tomando outro de novo, que foi edificallo para os Frades desta Provincia. Accommodando as ditas casas, e ruinas do Convento antigo ao modo, que os Capuchos havião mister, fabricou este novo, e lhes fez livre doação delle, para que ahi servissem a nosso Senhor, e a sepultura, e Reliquias do Bemaventurado S. Fructuoso fossem com a continuação do Officio Divino com mais decencia acompanhadas. Dentro na Cidade edificou outra Igreja, a que trasladou o direito Paroquial, que havia na de S. Fructuoso, para que os Religiosos ficassem mais desembaraçados nella. Entrámos neste novo Convento a quatorze de Dezembro de 1522. sendo os primeiros Religiosos, que tiverão Convento em Braga depois da en-

entrada dos Mouros em Hespanha. E porque tudo consta da doação, que nos fez o sobredito Dom Diogo de Sousa, a referirei aqui de *verbo ad verbum.*

5 ,, D. Diogo de Sousa, ,, por mercê de Deos, e da ,, Santa Igreja de Roma Arcebispo, e Senhor de Braga, ,, Primaz das Hespanhas: A ,, quantos esta nossa Carta vi- ,, rem fazemos saber, que entendendo Nós ser serviço de ,, Deos, e bem, e saude das ,, almas do povo desta nossa ,, Cidade, entre outras cousas ,, nos pareceo bem, que em el- ,, la houvesse hum Mosteiro da ,, Ordem dos Mendicantes, pa- ,, ra se poder dahi seguir mui- ,, to proveito, e utilidade, as- ,, sim por suas orações, e sacrificios, como pelas confissões, ,, prégações, e boas obras, que ,, procedem dos taes Religiosos, e pessoas de vida regu- ,, lar. Seguindo tambem nisto ,, o exemplo de todas as Cida- ,, des de Hespanha, e de ou- ,, tros Reinos de Christãos, que ,, de maravilha se achará huma, ,, em que não haja Mosteiro ,, para edificação do povo. E ,, caso, que nesta Cidade o não ,, houve depois da destruição ,, de Hespanha, assim pelos ,, povos moradores della não ,, poderem assim inteiramente ,, manter os Religiosos, como ,, agora podem, pela multipli- ,, cação dos vizinhos, que cres- ,, cêrão: principalmente depois ,, que em ella temos a Sede ,, Arcebispal, movendo-nos com ,, zelo do culto Divino, bem, ,, e proveito espiritual; e havi- ,, da sobre isso madura consi- ,, deração, e acordo, ordena- ,, mos de fazer o dito Mostei- ,, ro Mendicante da Ordem de ,, S. Francisco, e Congregação ,, de nossa Senhora da Pieda- ,, de, por sentirmos, que os Re- ,, ligiosos della vivem a serviço ,, de Deos, e na pureza da Re- ,, gra. E olhando donde lhe ,, dariamos conveniente lugar, ,, o não achamos melhor, que ,, a nossa Camera de S. Fru- ,, ctuoso fóra dos muros desta ,, Cidade, que está em tal dis- ,, tancia della, para que elles ,, não sejão estorvados de sua ,, contemplação, e apartamen- ,, to de vida, nem muito tra- ,, balho às pessoas, que desta ,, Cidade lá quizerem ir. E por ,, a dita Igreja, e Camera de ,, S. Fructuoso ser Curado, e ,, leixarmos os ditos Religiosos ,, mais livres, mandámos edifi- ,, car huma Igreja, e mudamos, ,, trasladámos, e transferimos ,, nella o dito Paroquial, e que ,, ahi se celebrassem os Officios ,, Divinos, e ministrassem os Sa- ,, cramentos Ecclesiasticos aos ,, freguezes, como ora se faz. E ,, mandamos ornamentar a dita

,, Igreja de insignias Paroqui-
,, aes: convem a saber, sinos,
,, pia de baptizar, cemeterio,
,, vestimentas, calices, Cruz, e
,, outras cousas necessarias com
,, todo o comprimento, que
,, convinha, e a fizemos da in-
,, vocação de S Jeronymo. E
,, querendo Nós fazer a dita
,, concessão à dita Ordem, fo-
,, mos pessoalmente à dita Igre-
,, ja de S. Fructuoso; e sendo
,, hi presentes Fr. Bartholomeu
,, de Albuquerque, Ministro na
,, dita Ordem, na Provincia
,, deste Reino de Portugal, e
,, Fr. Diogo de Santo Antonio
,, Guardião de Borba, e Frei
,, Diogo de Borba Guardião
,, de Chaves, e dentro em as
,, casas della, Nós em a me-
,, lhor maneira, que podemos,
,, por serviço de Deos, e cou-
,, sas assima declaradas fazemos
,, a Deos, e à dita Ordem,
,, Ministro, e Frades della do-
,, ação, concessão, e traspas-
,, sação perpetua do uso, e ha-
,, bitação da dita Igreja de S.
,, Fructuoso, com suas crastas,
,, e cousas, que nella fizemos
,, de novo. E assim de sua hor-
,, ta, e deveza, como está cer-
,, cado tudo sobre si de parede,
,, e lho applicamos para sem-
,, pre, para servir a Deos na
,, dita Religião, e Regra de
,, S. Francisco, pela maneira,
,, que se faz na dita Congre-
,, gação de nossa Senhora da
,, Piedade. E por sentirmos ser
,, assim tudo proveito da nossa
,, Igreja de Braga, e seu povo,
,, e muito serviço de Deos;
,, lhe démos, e pela presente
,, damos nossa authoridade or-
,, dinaria, com interposição do
,, Direito: e mandamos que
,, valha, e se cumpra para to-
,, do sempre, como aqui se con-
,, tém. E o dito Ministro, e
,, Frades, em nome da dita
,, Ordem, recebêrão humildo-
,, samente a dita applicação,
,, concessão, doação, e traspas-
,, sação, pedindo-nos, que lhe
,, mandassemos dar a posse. E
,, Nós lha demos real, e actual-
,, mente estando na Igreja, e
,, crastas, e casas assima ditas: e
,, lhes outorgamos as chaves de
,, tudo por nua tradição, e re-
,, cepção Nós os houvemos por
,, empossados: e na dita posse fi-
,, cárão, e a recebêrão da nossa
,, mão. E disto esperamos que
,, Deos nosso Senhor o retri-
,, buirá a Nós, e nossos suc-
,, cessores. A qual doação, ap-
,, plicação, e tradição de pos-
,, se foi assim, como dito he,
,, por Nós feita à dita Ordem,
,, Ministro, e Frades, a qua-
,, torze dias de Dezembro do
,, anno de nosso Senhor Jesus
,, Christo de 1522. sendo a tu-
,, do testemunhas o Doutor
,, João de Coimbra nosso Pro-
,, visor, e o Bacharel Sebastião
,, Gonçalves nosso Desembar-

,, gador, e o Licenciado An-
,, tonio Correa Corregedor,
,, com alçada por ElRei noſſo
,, Senhor neſta Comarca de en-
,, tre Douro, e Minho, e Pero
,, Freire noſſo Capellão, e ou-
,, tros. E em teſtemunho de
,, tudo mandámos fazer a pre-
,, ſente por Nós aſſinada, e ſel-
,, lada do noſſo ſello. Dada o
,, ultimo dia de Fevereiro. O
,, Licenciado Fernão Figueira
,, Notario Apoſtolico, que a
,, tudo foi preſente, de noſſo
,, mandado a fez, anno de mil
,, e quinhentos e vinte e quatro.
,, O Arcebiſpo Primaz.

6 Da doação referida ſe vê que o Arcebiſpo D. Diogo de Souſa livre, e liberalmente concedeo aquelle Convento a noſſos Frades, ſem que reſervaſſe para ſi, nem para ſeus ſucceſſores algum dominio, ou direito de Padroado, ſatisfazendo por outra parte algum prejuizo, ou detrimento, que ſe podia allegar ſer cauſado à Camera primacial, a que a Igreja de S. Fructuoſo pertencia, com edificar, e dotar outra de São Jeronymo. Com tudo os Senhores Arcebiſpos de Braga, que por tempo vierão ſuccedendo em aquella dignidade, não menos lhe ſuccedêrão em a devoção da Caſa, e Religioſos de S. Fructuoſo, pois como Padroeiros com amor verdadeiramente paternal os coſtumão prover com eſmolas ordinarias. Com eſtas, e com as quotidianas da Cidade, cujo povo tem maravilhoſa devoção ao Bemaventurado S. Fructuoſo, e Religioſos de ſeu Convento, ſe ſuſtentão vinte moradores entre profeſſos, e noviços. E paga o Santo mui bem a ſeus devotos tudo o que por ſeu amor fazem, com frequentes milagres, que alli obra nos que ſe encommendão a elle, e devotamente viſitão ſua ſepultura. Com ſingularidade ſe experimenta eſta virtude contra os obſeſſos, que de todas as partes, ainda que remotas, são alli trazidos, e lançados de ſeus corpos os demonios, que antes os atormentavão, e ſe tornão livres para ſuas caſas.

7 Atè o anno de 1590. ſe guardou em o Sacrario a reliquia de S. Fructuoſo, que, como temos dito, alli ficou, depois que foi trasladado ſeu corpo para Galiza; porèm neſte anno, tendo a Cadeira de Braga D. Agoſtinho de Jeſus, Religioſo da Ordem dos Hermitães do Bemaventurado Santo Agoſtinho, mandou fazer huma cuſtodia de metal ſobredourado, na qual eſtá poſta a ſobredita reliquia, com outras mais, que deo o meſmo Arcebiſpo: que são, hum pequeno do Santo Lenho, huma reliquia de noſſo Padre S. Franciſco,

outras de Santo Antonio, de S. Boaventura, e de Santa Clara: tudo isto declarão os titulos, que tem. Outra Custodia está tambem nesta Casa, em que se guardão as reliquias trazidas a ella por via de restituição, por haverem sido tomadas de outros Conventos da Ordem. A primeira he hum osso de S. Christovão tirado de hum Reliquiario, que está no Convento de S. Francisco de Viterbo, Cidade do Papa em Italia. Outra he huma costa de Santa Margarida, que foi furtada de hum Convento de nosso Padre São Francisco da Observancia nas Empurias, Villa de Catalunha. E como quem tinha commettido estes furtos, se sentisse inhabilitado para os restituir aos proprios Conventos, donde os tirára, por descarregar sua consciencia, no modo, que podia, as trouxe a este, por ser da mesma Ordem.

CAPITULO XXXIII.

Casos milagrosos, que succedêrão neste nosso Convento de São Fructuoso.

1 ENtre muitos casos maravilhosos, que neste Convento de S. Fructuoso acontecêrão, se vírão trez notaveis, que referirei aqui, para animar os fervorosos, e despertar os tibios. Havia em a Cidade de Tui hum homem fidalgo, e muito rico: tinha hum filho unico, e herdeiro de trez morgados. Era moço, em quem parece se quiz esmerar a natureza, dotando-o de todas as perfeições de gentileza, e formosura, que se podem pintar em hum corpo humano: não lhe faltavão com estas, juntamente as da Divina graça, porque era hum retrato das virtudes todas, no que permittia sua tenra idade. Os pais cuidadosos da boa educação deste filho, mandárão-o estudar a Braga, mais com intento de o fazerem Cortezão, que Letrado: nesta Cidade gastou alguns annos com muito aproveitamento no estudo, e muito mais nos costumes, servindo de exemplar aos de sua idade, e de admiração aos mais crescidos. Frequentava o Convento de S. Fructuoso, e affeiçoou-se tanto à vida, que os Religiosos delle professavão, que se antes lhe não contentavão as cousas do mundo, jà se resolvia de todo a deixallas, e servir a Deos nesta Provincia. Communicou este seu intento aos Frades: estes dando-lhe primeiro noticia das asperezas da vida, a que se queria sujeitar, lhe derão tempo para considerar bem no que fazia. Perseverou sempre o virtuoso moço na sua primeira vocação, com que no

no Convento de S. Fructuoſo lhe lançárão o habito de noviço.

2 Não ſe póde encarecer o grande ſentimento, que os pais tiverão, quando recebêrão a nova, que foi em breve tempo: davão ſuſpiros, derramavão lagrymas, e aſſim o choravão, como ſe lhe diſſerão, que ficava morto. Não perdêrão com tudo as eſperanças de o tornarem a recuperar, e para iſſo, em quanto não chegava o tempo da profiſsão, combatêrão a fortaleza do noviço por varios modos. Mandárão ſecretamente alguns Frades de outras Provincias, que fingindo que paſſavão de caminho, fallaſſem com o noviço; e que procurando diſſuadillo de ſeu intento, lhe repreſentaſſem que era tão grande a pena de ſeus pais, que a não ſe reſolver a ſahir-ſe do Convento, e deixar o habito, ſem duvida alguma, antes que profeſſaſſe, receberia novas da morte de ambos. Não foi iſto baſtante para que o Soldado de Chriſto enfraqueceſſe, antes mais ſe confirmava na perſeverança da vida, que tinha eſcolhido. O que vendo a mãi, tentou outro meio tanto mais terrivel, e efficaz, que o paſſado; que bem foi neceſſario toda a conſtancia do noviço, para que a mãi o não venceſſe. Veio de Galiza a S. Fructuoſo; e tantos gritos deo em a Igreja, pedindo aos Frades lhe deſſem ſeu filho, que o noviço, ſem ſaber couſa alguma de ſua vinda, là, onde eſtava recolhido, pelos gritos ſoube que era ſua mãi a que os dava. Iſto, que ainda aos firmes pudéra fazer vacillar no começado, não cauſou no noviço algum abalo.

3 Perſuadio-ſe a nobre matrona, que o deſprezar o filho as lagrymas da mãi naſcia de o conſtrangerem os Frades a perſeverar em ſeu primeiro intento. Com que parecendo-lhe que em quanto não tiraſſe eſte obſtaculo ſerião ſuas lagrymas ſem fruto, impetrou hum Breve do Summo Pontifice, para que poſto o noviço em ſua liberdade diante do Vigario Geral do Arcebiſpo, em algum lugar publico, onde não eſtiveſſem Frades, lhe fizeſſem perguntas, ſe queria profeſſar, ou largar o habito. Tudo ſe fez aſſim na meſma Igreja de São Fructuoſo, onde o noviço veio; e antes que algum lhe fallaſſe, diſſe eſtas palavras: *Eſcuſadas erão todas eſtas diligencias, porque eu, ſem que alguem me violente, prometto a Deos, e a meu Padre S. Franciſco de ſer Frade neſta Provincia, e não faltarei neſte voto, e promeſſa, ainda que me fizeſſem ſenhor de todo o mundo.* Não temos aqui mais que fazer, diſſe a todos o Vigario

gario Geral, e ao noviço recolha-ſe para o ſeu Convento, e noſſo Senhor o faça ſanto. Ficárão maravilhados os circumſtantes, vendo tanta perſeverança em tão poucos annos, e a efficacia, e eſpirito, com que pronunciava aquellas palavras, com que ſe ratificava de novo em ſeu primeiro intento. Profeſſou o noviço a ſeu tempo, achando-ſe o pai à ſua profiſsão, jà tão mudado do propoſito, que tinha de impedillo, que o vírão derramar lagrymas de prazer, e contentamento, vendo ao filho profeſſo. Não viveo o Coriſta muito tempo, porque mudado de Braga para o Boſque de Borba, nelle paſſou em breve tempo da preſente vida, certificando-ſe em ſua vida o que no livro da Sabedoria [a] ſe eſcreve: *Conſummado em breve, encheo o numero de muitos annos:* apreſſou-ſe Deos de o tirar do meio das maldades, pelo muito, que lhe era aceita ſua alma. Era ſentença de Platão, como refere Clemente Alexandrino, [b] que a quem os deoſes amão muito, a eſſes levão mais depreſſa deſta vida. Amava Deos tanto a alma deſte noſſo Coriſta, que a não quiz deixar viver mais tempo em eſte mundo.

[a] Sap. c. 4. n. 13. & 14.

[b] Clem. l. 6.

4 Outro caſo bem contrario a eſte ſuccedeo a outro noviço, o qual eſcrevo, para que ſe veja que, ſe Deos uſa de ſua miſericordia, favorecendo os ſantos intentos de quem procura ſervillo, tambem moſtra ſua juſtiça algumas vezes, caſtigando rigoroſamente aos que poſtos jà no caminho da terra de promiſsão, ſuſpirão pelas cebollas do Egypto. Neſta meſma Caſa de S. Fructuoſo pedio, e recebeo o habito de noviço hum mancebo, com deſejo de ſervir a Deos, e fazer penitencia de ſuas culpas, de que deo muito boas moſtras por todo o anno de noviciado, e eſperanças de que aproveitaria muito na virtude. Chegando porèm o tempo, em que havia de profeſſar, entrou nelle huma tão grande tentação de ſe querer tornar ao mundo, ſahindo-ſe da Religião, que por muitas razões, que lhe derão os Frades, doendo-ſe da ſua alma, advertindo-lhe o manifeſto perigo, em que a punha, ſe outra vez a levava a Babylonia: nunca o pudérão perſuadir a que ficaſſe. Derão-lhe ſeus veſtidos, ſahio do Convento, encaminhando para a Cidade; e indo ſem nenhum achaque, nem enfermidade, mas perfeitamenre são, antes de chegar a ella cahio ſubitamente morto em terra, donde o levárão à ſepultura: dando-nos em iſto o Senhor a conhecer por experiencia aquella ſentença, que diſſe em o ſagrado Euangelho, [c] que o que lan-

[c] Luc. ... 62.

lança mão ao arado, e olha atràs não he conveniente ao Reino de Deos.

5 Neste mesmo Convento andava huma tarde o Mestre dos noviços exercitando-os na cerca em o trabalho corporal: reprehendeo a hum delles ou por algum defeito, ou para exercicio da paciencia: prostrouse o noviço por terra a dizer sua culpa, e ouvir a reprehensão, que o Mestre lhe dava, o qual deixando-o ficar assim prostrado, se divertio daquelle lugar com os mais a outra cousa. Acabado o exercicio manual, em que andavão, se recolhêrão os noviços, só o reprehendido ficou toda a noite dizendo a culpa por esquecimento do Mestre, que achando-o menos a Matinas, se lembrou então de como o tinha deixado. De manhã cedo foi buscallo, achou-o no mesmo sitio, e fórma, em que ficára no dia de antes: e mostrou Deos agradar-se tanto desta sua paciencia: que supposto naquella noite tinha chovido, nem huma gota de agua cahio sobre elle.

6 Não he menos digno de memoria outro maravilhoso successo, que neste Convento aconteceo, em que o demonio confessou a guerra, que os Religiosos delle lhe fazião. Tem os Religiosos Padres Heremitas de Santo Agostinho na Cidade de Braga hum Collegio chamado do Populo: neste começárão huma noite [d] dous Religiosos delle, Mestres em sagrada Theologia, a praticar em alguns lugares da Divina Escritura, de sorte que passando de pratica a porfia escolastica, debatendo sobre a intelligencia delles, se descuidárão tanto das horas, que chegárão com a disputa à meia noite. Neste tempo começavão em o nosso Convento de S. Fructuoso a tanger o sino a Matinas, com que os dous Religiosos se recolhêrão: ao entrar hum delles em a cella, sentio em si a mão pezada do demonio, que depois de lhe dar huma pancada nas costas, disse estas palavras: *Mais guerra me fazem aquelles com as suas Matinas, do que vós com as vossas disputas.* Ao estrondo da pancada, e vozes do demonio acudio o outro, que ainda achou o primeiro esmorecido. Do pulpito publicou hum delles este successo, prégando no sobredito Convento em dia de nosso Serafico Padre S. Francisco do anno de 1632. achando-se presente o Illustrissimo Prelado da Igreja de Braga D. Rodrigo da Cunha, que depois se informou miudamente delle.

[d] Arquiv. de Convent. de S. Fructuoso. Chronic. Prov. de Portug. l. 1. c. 52. part. 1.

CAPITULO XXXIV.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Portalegre : mudança, que nelle houve para o ſitio, onde agora eſtá.

1522. 1 NO tempo, em que era Miniſtro Provincial o jà nomeado Fr. Franciſco de Alconchel, pedio a Cidade de Portalegre (então Villa do Biſpado da Guarda) uniformemente a noſſos Frades, fazendo no caſo muitas diligencias, quizeſſem aceitar hum Convento naquella terra, e que no particular do ſitio, eſcolheſſem elles à ſua vontade; porque onde quer que ſinalaſſem, lho farião. Condeſcendêrão à muita devoção, e bons deſejos, que neſta petição moſtravão: forão a Portalegre buſcar ſitio dous Religioſos deſtinados pelo Provincial para eſte effeito; e como a experiencia lhes não tinha ainda enſinado os inconvenientes, que tem Caſas de Religioſos pobres, que ſe edificão longe dos povoados, e em lugares doentios, levados ſó do eſpirito, que trazião de mais recolhimento, e retiro, querendo fugir à communicação da gente, o que mais lhe contentou, e eſcolhêrão, foi huma boa meia legua de Portalegre para aquella parte, que ſe chama a Serra.

2 He o lugar muito humido pela ſuperabundancia das aguas, que nelle ſe ajuntão; e vizinhança de huma ribeira, que por alli corre: e jà iſto não fizera tanto mal aos moradores do Convento, ſe não houvera outro mais prejudicial e de maior damno; porque alèm de ſer a Caſa pelas muitas aguas tão humida, raras vezes a viſitava o Sol com ſeus raios, por haver quem os recebeſſe primeiro que a ella chegaſſem. Ficava-lhe fazendo ſombra hum outeiro, cuberto de formoſos, e altiſſimos caſtanheiros, de que toda aquella ſerra he fertil, e abundante, e por eſte reſpeito, ſuppoſto que a Caſa era ſolitaria, devota, e contemplativa, era juntamente tão enferma, que mui poucos Religioſos tinhão alli ſaude. Eſte ſitio deo Gaſpar de Souſa, homem fidalgo daquella Cidade, puramente pelo amor de Deos, ſem algum intereſſe de ſepultura, ou Padroado. A Capella mór mandou fazer à ſua cuſta João da Silva, Commendador que era de Alpalhão: toda a mais obra ſe fez de eſmolas ordinarias, que os moradores de Portalegre, e lugares vizinhos offerecião: e como a devoção de todos era muita, em pouco tempo ſe aperfeiçoou a Caſa.

3 Poucos annos depois de noſſos Frades habitarem eſte Convento, ſuccedeo nelle hum caſo

caso maravilhoso. Achárão-se hum dia sem terem alguma cousa para comer, que supposto era grande o cuidado, que a Cidade delles tinha, com tudo, como estavão tão apartados do commercio da gente, alèm de ser aquelle anno de muita esterilidade, virão-se em necessidade aquelle dia. Erão jà horas de Refeitorio, quando ouvírão tocar à campainha da portaria, onde acudindo o Porteiro, achou hum mancebo com huma formosa canastra de pão, ainda quente, dizendo, que huma irmã de Alegrete (Villa dahi duas leguas e meia) mandava aquella esmola, sabendo a necessidade, em que os Frades estavão. Destas ultimas palavras do mancebo presumio logo o Porteiro ser aquelle provimento mandado do Ceo, pois só neste se podia saber a necessidade, que elles padecião no seu Convento, presumpção, em que se confirmou, achando que vinha o pão ainda quente, dizendo o mensageiro que o trazia de huma Villa, que ficava duas leguas e meia distante. Recolheo a esmola, e tornando à porta para fallar, e despedir o mancebo, alèm de o não achar onde o deixára, não houve quem désse noticia de que o visse por todo aquelle caminho: como tambem se não soube quem do dito lugar de Alegrete mandasse aquella esmola, supposto que a este fim se fizerão muitas diligencias, por onde se teve por certo, que a Sacratissima Virgem Senhora nossa, verdadeira irmã dos servos de Deos, que por amor de seu Filho deixárão todas as cousas, de Alegrete, isto he, do Ceo, onde só se achão verdadeiras alegrias, proveo a estes em sua necessidade por ministerio dos Anjos.

4 Quarenta e oito annos vivêrão nossos Frades neste Convento: neste largo tempo lhes foi a experiencia mostrando claramente o quanto custa a Frades pobres viverem muito longe de povoado, e em lugares contrarios à saude; porque nem o Medico quer fazer as visitas necessarias aos enfermos, nem o Barbeiro sangrallos a seu tempo, de que muitas vezes resulta perigo. Estes, e outros muitos inconvenientes se propuzerão em hum Capitulo Provincial, celebrado em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa no anno de 1569. onde sahio por Ministro Fr. Maseu de Elvas, e com parecer de todos os Vogaes foi determinado que a Casa de Portalegre se mudasse para mais perto da Cidade. Esta determinação teve effeito no anno seguinte, em que se deo principio à Casa nova para aquella parte, onde a outra estava, porèm muito mais perto à

vista da Cidade, na meia ladeira de huma alta, e fragosa serra, que pela boa vista, que dalli se descobre, fica mui aprazivel o sitio. Daqui, como de lugar mais levantado, fica a Cidade apparecendo toda tão alegre, como o proprio nome inculca, e este nosso Convento muito mais, por ficar mais alto, e com melhor vista.

5 Está assentado em hum plano, que aquella serra faz, pequeno, porèm bastante para horta, e pomar copioso de frutas, especialmente de espinho, de que alli ha muita, e diversa abundancia. Dahi para o alto da serra sóbe a cerca larga, e espaçosa, deixando dentro hum bosque, que se compõe de differentes arvores, e no meio delle ficão duas Hermidas tão solitarias, que verdadeiramente estão convidando a contemplação, e infundindo espirito; nem lhes fazem ventagem aquellas dos antigos hermitães. Tem esta cerca duas perennes fontes, huma, que chamamos da Magdalena, por huma Imagem de vulto desta Santa, que sobre ella está em hum nicho: outra de Santo Antonio pelo mesmo respeito. As aguas da primeira se ajuntão em hum cano com outras, que de fóra da cerca vem, e cahindo em hum formoso tanque, dahi se repartem para regar a horta, e para algumas officinas do Convento. As da segunda destilla em lagrymas huma pequena penha; e supposto na quantidade são menos, na qualidade são melhores. He esta fonte muito mais aprazivel que a outra, não só porque está cuberta por hum grande espaço de artificiosas, e tão espessas laçadas de murta, que impedem ao Sol os raios, mas tambem por se fazer caminho para ella por huma plana rua ornada de curiosas figuras da mesma materia, recompensando assim o defeito de ser mais escassa que a outra, com o que tem de mais agradavel, e aprazivel.

6 O sitio para o Convento, e toda a cerca comprou D. André de Noronha Bispo daquella Cidade; e não contente só com dar o sitio, alèm das esmolas ordinarias, que dava para a obra, fez toda a Capella mór à sua custa, sem querer para si titulo, ou direito algum de Padroado, e deo nisso hum assinado, que se guarda no Arquivo do mesmo Convento, querendo com isto atalhar que nenhum de seus parentes pudesse allegar direito algum de Padroado, ou sepultura. Só pedia aos Frades quizessem dar lugar na Capella a seu corpo: e assim foi; porque sendo o dito Bispo por ElRei D. Filippe, segundo de Castella, e primeiro de

Por-

Portugal, promovido ao Biſpado de Placencia naquelle Reino, de là foi trazido ſeu corpo a Portalegre, onde na Capella mór deſta Caſa lhe derão jazigo. Todas as mais obras do Convento ſe fizerão das eſmolas, que a gente da terra dava, com as quaes ſe acabou a Caſa em breve tempo com titulo, e invocação de Santo Antonio, tão perfeita, que parece hum ramalhete entre todas as da Provincia. Foi eſta eſcolhida para criação de noviços, aſſim por ſer mui recolhida, e accommodada para elles, como tambem pelas couſas neceſſarias, que nella ha para paſſar a vida, pela muita devoção da gente.

7 Na Caſa antiga ſe conſerva hoje a Igreja na meſma fórma; he Freguezia, e das melhores daquelle termo, com titulo de noſſa Senhora da Eſperança Nas officinas, jà quaſi todas arruinadas, ſe eſtá vendo, como eſte Convento foi mui Capucho, com que ainda hoje nos faz não poucas ſaudades. No moderno eſtão enterrados, alèm de outros dous Religioſos, que deixárão fama de ſantidade, e de mui grandes contemplativos. Hum delle ſe chamava Fr. Thomé, natural da meſma Cidade de Portalegre, de quem ao diante fallaremos: outro Fr. Pedro de Souto, a quem o Senhor, alèm da graça de continua contemplação, deo tambem a de lagrymas, em tanta abundancia, que a quantos o vião deixava grandemente compungidos. Sendo neſta Caſa Guardião Fr. Antonio de Lamego, ſe abrio huma ſepultura para nella enterrarem hum Religioſo, e achou-ſe dentro o corpo de outro inteiro, veſtido em ſeu habito, ſem que lhe faltaſſe alguma couſa delle: mandou o Guardião que o tornaſſem a cubrir de terra, e ſem averiguarem ſe por ventura era algum dos Religioſos referidos, o tornárão a ſepultar, como eſtava de antes.

8 He digno de memoria o que pelos annos de 1640. ſuccedeo huma noite neſte ſegundo Convento, que agora habitamos, ſendo nelle Guardião Fr. Luiz de Villa-Viçoſa, chamado o Guerra, Religioſo mui devoto, eſpiritual, e contemplativo. Eſtava elle com os ſeus ſubditos no Coro em o quarto de oração, que ſe coſtuma ter depois de Matinas, no meio delle mandou aos Religioſos que ſe foſſem recolher para as cellas, e que não ficaſſe nenhum em o Coro, ſem que lhes déſſe a entender a cauſa, que tinha para aquella novidade. Sahírão todos, como lhes mandára, e para o devoto Prelado ſaber ſe tinha ficado algum, accendeo hum rolo, entrou no

Coro; mas como achasse que todos se tinhão recolhido, fez elle tambem o mesmo. Apenas tinha entrado na cella, quando pelo buraco da corda do sino cahio no Coro hum raio, que a achar os Religiosos ainda nelle, fizera não pequeno estrago. Conhecêrão então o fim, por que os mandára recolher ante tempo, e que na oração lhe revelára Deos aquelle perigo, de que por seu meio os livrára, ficando com isto mais confirmados na opinião, que tinhão de sua virtude.

CAPITULO XXXV.

Eleição do terceiro Ministro Provincial.

1522 1 Concluido louvavelmente o triennio do Provincialato de Fr. Francisco de Alconchel, convocou para eleição do novo Ministro, e sahio eleito Fr. Bartholomeu de Albuquerque, Prégador, de nação Castelhano, em o anno de 1522. já no fim delle. Quão digno, e merecedor fosse deste officio, se póde bem colligir, em que havendo tão grandes Religiosos, como naquelle seu primitivo tempo tinha a Provincia, nelle votárão uniformemente os Vogaes todos. Presidio no Capitulo o Padre Commissario Geral Fr. Francisco dos Anjos, para cujo effeito o dilatou alguns dias. Achava-se occupado com o da Provincia de São Gabriel em dezoito de Outubro do mesmo anno; porque supposto tinhão já os Padres desta Provincia feito Capitulo a quatorze de Agosto, deo o Reverendissimo por nullas todas as eleições, pelo novo modo de eleger, que tiverão.

Fr. Bartholomeu de Albuquerque, Provincial 3.

2 Foi o caso, a que hum Fr. Antonio do Rincon, da Provincia de Sant-Iago, imprimio, e divulgou hum Tratado, onde inventou hum modo de eleger por sortes; e pode tanto em sua Provincia, que em hum Capitulo, que celebrou, se fizerão todas as eleições como elle no seu Tratado ensinava. Poucos mezes depois vindo presidir por commissão do sobredito Padre Commissario Geral no de S. Gabriel, introduzio o mesmo modo de eleger por sortes; de que tendo noticia o Commissario Geral por queixa, que já alguns Padres da Provincia de Sant-Iago lhe tinhão feito, deo por nullos os dous Capitulos, convocando novamente a outros, em que se elegesse conforme dispõe o Direito. Para presidir primeiro no de S. Gabriel dilatou o nosso, como temos dito; com que alèm de seu triennio durou Fr. Francisco de Alconchel alguns mezes mais em seu officio.

a Chron. da Prov. de S. Gabriel liv. 2. c. 3

3 No

3 No ſeguinte anno da eleição de Fr. Bartholomeu de Albuquerque ſe celebrou Capitulo Geral pela Feſta de Pentecoſtes na Cidade de Burgos, em que ſahio eleito em Miniſtro Geral o jà nomeado Fr. Franciſco dos Anjos, que acabava de ſer Commiſſario Geral deſta Familia Ciſmontana. Aſſiſtio neſte Capitulo o noſſo Provincial, onde com o Reverendiſſimo tratou algumas duvidas, que havia entre a noſſa Provincia, e a de Portugal àcerca dos peditorios, edificação de Conventos, e tranſmigração dos Frades de huma Provincia para a outra. Por huma Patente ſua, [b] que mandou ler em todos os Conventos de cada huma das duas Provincias, proveo o Padre Geral no que ſe havia de fazer. Mandou primeiramente, que nenhum Provincial recebeſſe Frade algum da outra Provincia, ſalvo ſe do ſeu Provincial, e Diſcretos trouxeſſe licença em eſcrito. Iſto ordenou por queixa do Provincial da Provincia de Portugal pelos muitos Religioſos, que ſe paſſavão da ſua para a noſſa Provincia da Piedade, como de alguns, que ſe finalárão em virtude, eſcreveremos a ſeu tempo. Depois teve o meſmo pleito aquella Provincia com a de S Joſé em Caſtella, ſobre o que impetrou hum Breve do Papa Paulo III. expedido no anno de 1548. em que o Pontifice prohibia ſemelhantes mudanças. Quanto ao edificar Conventos de novo, diſpoz, que nenhuma das duas Provincias edificaſſe por termo de ſinco leguas, onde a outra tiveſſe Convento Os peditorios deixou livres; mandando porèm, que antes de os fazerem pediſſem primeiro licença ao Prelado daquelle deſtricto.

4 Expedido o noſſo Provincial daquelle Capitulo, ſe recolheo à ſua Provincia, entendendo no bom governo della. Nelle ſe moſtrou grande zelador da ſanta pobreza, e Varão verdadeiramente cheio de caridade. Celebrou ſua Congregação na terceira Dominga de Julho, dia oitavo de S. Boaventura, do anno de 1524. no Convento de N. Padre S. Franciſco da Cidade de Elvas, em que preſidio o ſobredito Padre Geral, como em todas as mais de Heſpanha, por cuja cauſa antepoz humas, e poſpoz outras. Confirmou as Ordenações, que tinhamos, accreſcentando algumas couſas de novo, no Prologo das quaes moſtra bem quão affeiçoado era a eſta noſſa Provincia da Piedade; que como era tão amigo da reforma, que em todas as Provincias da Ordem inſtituio Caſas Recoletas, vendo a eſta tão radicada na pobreza, (como elle meſ-

mesmo diz no sobredito Prologo) a estimava muito. Deputou Conventos para a creação dos Noviços, que naquelle tempo se recebião indifferentemente em todas as Casas, conforme aos Provinciaes parecia. Novamente dispoz se guardasse o que na sua Patente tinha mandado àcerca da edificação dos Conventos, e que nenhum se edificasse de novo, sem que houvesse para cada hum delles ao menos oito Frades, exceptuando quatro Casas, em que limitou mais o numero, concedendo a duas dellas seis, e às outras duas quatro. Quaes ellas fossem não ha memoria, donde nos conste. As Ordenações, que neste Capitulo intermedio nos deixou, abraçou tanto a Provincia, que são as por onde ainda hoje se governa.

CAPITULO XXXVI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Aveiro.

1524 1 EM o Bispado de Coimbra fica a mui nobre Villa de Aveiro, cabeça dos Estados dos Duques da Illustre Casa, a quem dá o nome. Nesta em pouca distancia da Villa para a parte do Meio dia temos hum Convento dedicado ao nosso Portuguez Santo Antonio. Aceitou-o a Provincia no anno de 1524. sendo Provincial della Fr. Bartholomeu de Albuquerque. Derão liberalmente o assento para a Casa, e cerca hum nobre varão chamado João Nunes, que então era Juiz da terra, e sua mulher Isabel da Costa. As obras todas se fizerão de esmolas, que deo o povo, e brevemente se acabárão. Depois em o anno do Senhor 1564. sendo Ministro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, foi o Convento reedificado pela maior parte. A Capella Mór tomou à sua conta o Senhor de Angeija (Villa distante duas leguas de Aveiro) da geração dos Monizes, descendentes de Egas Moniz, bem celebrado na Chronica delRei D. Affonso Henriques. Desta ficou sendo Padroeiro, e nella foi sepultado. O mais da reedificação fez o povo. Mais ao diante no anno de 1580. Paulo Pinheiro, homem principal naquella Villa, deo hum pedaço de terra, que se accrescentou à cerca, pela necessidade, que della tinha. Ultimamente ameaçando a Igreja ruina, se fez de novo no anno de 1653. sendo Provincial Fr. Paulo de Evora.

2 A cerca, ainda que pequena, he mui copada de arvoredo, e por isso mui accommodada para a contemplação. Corre por ella huma ribeira, que a fertiliza, a qual à vista do Con-

Convento desagoa por entre salinas no Oceano, em cuja agradavel, e prateada corrente tem seus moradores bastante materia para engrandecer ao Creador. Deputou-se esta Casa para educação dos Noviços, por ser mui accommodada para este effeito pelo retiro, e solidão, e bem provída de tudo o necessario, sem que custe muitas diligencias o procurallo, porque a grande devoção do povo não dá lugar a estas: particularmente mostrou esta no anno de 1580. Era bem calamitosa para Portugal, por ser a do fim da vida delRei D. Henrique, donde nascêrão as alterações, que houve neste Reino; porque sendo neste anno a Villa duas vezes saqueada, e opprimida de huma tão cruel peste, que quasi todos seus moradores a deixárão, espalhando-se por diversas partes da Comarca, não se lembrando neste aperto nem ainda os filhos dos pays, como nem tambem estes dos filhos, se não esquecia a gente de Aveiro, assim desterrada, dos Religiosos, que no Convento ficavão. Seis mezes estiverão sem que sahissem a procurar esmola, porque estava a Villa despovoada; mas em nenhum tempo se vírão em alguma necessidade notavel, porque era tal a lembrança, que a gente delles tinha, que de là, donde vivia miseravelmente espalhada, liberalmente os provia.

3 Entre mui grandes devotos, que nesta Villa tivemos, foi mais particular Henrique de Sousa, Conde de Miranda, cuja Casa se vê hoje accrescentada com o Marquezado de Arronches. Este depois que veio de Castella, para onde foi chamado por ElRei Filippe para o Conselho de Estado, em que mostrou o particular, e grande talento, que Deos lhe dera para o governo, tornando-se a recolher para esta Villa de Aveiro, mostrou tanta devoção a esta Provincia, quanta se não póde encarecer facilmente. De mais das continuas esmolas, que fazia, procurava saber dos Religiosos, que desta Provincia falecião, e por cada hum delles mandava dizer sinco Missas, obrigação, que tem aquelles Senhores, a quem damos carta de Confraternidade. Não tinha esta o Conde, nem ousava a pedilla pela difficuldade, com que se concedia naquelle tempo; porèm mandava dizer as sinco Missas, procurando alcançalla por este caminho. Não se enganou em seu pensamento, porque no anno do Senhor de 1623. sendo Ministro Provincial Fr. André de S. Pedro do Sul, em huma Congregação, que celebrou em Villa-Viçosa o pri-

o primeiro dia de Janeiro, lhe passou carta de Confraternidade. Esta lhe remetteo por hum Definidor, que hia morador para Aveiro: e quanta estimação fizesse della o sobredito Conde, consta de huma carta sua para o mesmo Ministro, que porei aqui, onde tambem se verá a muita devoção, que tinha à Provincia.

4 ,, O Padre Definidor ,, Fr. Antonio de Pinhel me ,, trouxe a carta de Vossa Pa- ,, ternidade, que me achou a- ,, inda na cama obrigado da im- ,, portuna gota; e posto que ,, quebrantado, e fraco, as boas ,, novas, que me deo de Vossa ,, Paternidade, e a mercê, que ,, me fazia na sua carta, e a ,, Patente da Irmandade me de- ,, rão novas forças, e animo ,, para por tudo louvar a Deos, ,, e lhe dar muitas graças. E ,, posto que nesta idade tenho ,, servido a sinco Reis deste ,, Reino, com o que hoje nos ,, governa, e hum tempo a sin- ,, co Governadores, que succe- ,, dêrão a ElRei D. Henrique ,, (em cujo serviço fiz tudo o ,, que pude) todos elles juntos ,, me não fizerão mercê, que ,, eu tanto estimasse, como a ,, que Vossa Paternidade, e a ,, Santa Provincia me fizerão ,, da Carta de Irmandade, que ,, o Padre Definidor queria que ,, eu tivesse muito em segredo: ,, mas logo o convenci nesta sua ,, opinião, com lhe dizer que ,, meu coração andava arreben- ,, tando por dar esta tão boa ,, nova minha ao genero huma- ,, no. E ainda a fez de maior ,, alegria, conhecer eu quanto ,, incapaz sou della, e nunca ,, prestei para servir à Santa ,, Provincia da Piedade, nem ,, ao menor Irmão della, como ,, conheço era razão se faça, e ,, eu particularmente devo. Pe- ,, lo que Vossa Paternidade nes- ,, ta mercê, e graça, que me fez, ,, foi hum tanto prodigo, e ,, lho lembro, para que faça al- ,, guma restituição à Provincia, ,, no melhor modo, que possa ,, ser. O nosso Santo Fr. Chris- ,, tovão de Vousela se foi des- ,, cançar ao Ceo dos trabalhos, ,, que teve, e dos que pas- ,, sava no Convento de Azurára ,, com sua muita idade, e pou- ,, ca saude. E posto que creio ,, bem, e verdadeiramente que ,, está gozando de Deos nosso ,, Senhor, confesso a Vossa Pa- ,, ternidade que me enterne- ,, ceo, e faz saudades a sua au- ,, sencia, que tambem ajudou ,, a do nosso Padre Fr. Diogo ,, de Braga, que fez o mesmo ,, caminho. Estes dous servos ,, de nosso Senhor estarão pe- ,, dindo a saude, e vida de V. ,, P. que guarde Deos muitos ,, annos. Grande inveja tenho ,, ao Padre Fr. Manoel de Bra-

,, ga,

,, ga, portador deſta carta, por-
,, que aos pés de V. P. irá to-
,, mar a benção : queira Deos
,, que o poſſa eu fazer, quan-
,, do V. P. vier por eſtes Con-
,, ventos conſolallos, como ver-
,, dadeiro pai noſſo, e de to-
,, dos. Aveiro 17. de Feverei-
,, ro de 1628.

,, Henrique de Souſa.

5 A grande devoção, que nos teve ſempre o ſobredito Conde, nos mereceo bem eſta memoria. Vivem ordinariamente neſte Convento dezeſete atè dezoito Religioſos, que agradecidos à devoção, que o povo lhes tem, o ſervírão todas as vezes, que lidárão com o mal de peſte, atè perderem alguns delles a vida neſte piedoſo, e caritativo miniſterio, como veremos ao diante na que houve no anno de 1599. Waddingo [a] em os ſeus Annaes diz, que edificárão os de Aveiro eſte Convento a Santo Antonio, para por meio de ſua interceſsão ſe verem livres de huma cruel peſte, que os affligia : o meſmo eſcreve Gonzaga [b] na ſua Chronica geral : mas que foſſe eſta a occaſião de ſe edificar o Convento não conſta dos noſſos Memoriaes.

CAPITULO XXXVII.

Eleição de Fr. João de Albuquerque, quarto Miniſtro Provincial.

1 HAvendo Frei Bartholomeu de Albuquerque exercitado ſeu officio com ſatisfação univerſal da Provincia dous mezes, pouco mais, alèm de ſeu triennio, que tanto vai do fim do anno de 1522. em que ſahio eleito, atè o principio de 1526. em que acabou, ſe congregárão capitularmente os Vogaes da Provincia pelo mez de Janeiro : não temos porèm noticia em que Convento della. Elegêrão concordemente todos a Fr João de Albuquerque, Prégador, Religioſo de tanta prudencia, e virtude, que depois de haver governado eſta Provincia alguns annos, ſendo nella duas vezes Miniſtro Provincial, o Duque D. Jaime o tomou por ſeu Confeſſor : e pelas boas partes, que nelle achou de letras, e ſantidade, o deo a ElRei D. João III. de Portugal, para que no meſmo officio o ſerviſſe. ElRei o eſtimou notavelmente ; e achando nelle as prendas, que convinhão para hum bom Prelado, qual o havia de miſter a India no principio de ſeu deſcubrimento, depois de ſe haver ſervido delle alguns annos, o

1526.

Fr. João de Albuquerque Provincial 4.

proveo no Bispado de Goa, e foi o primeiro Bispo, que tomou posse desta dignidade por morte de D. Fr. Fernando Vaqueiro, Religioso tambem desta Provincia, que com titulo de administrador havia governado aquelle Bispado alguns annos: como de hum, e outro escreveremos em seu lugar mais diffusamente.

2 No Capitulo, em que sahio eleito o dito Frei João de Albuquerque, presidio o Padre Fr. Francisco de la Hinojosa, Padre da Provincia dos Anjos; porque partindo-se o Geral Fr. Francisco dos Anjos para Italia visitar aquella Familia Ultramontana, nomeou [a] ao dito Padre por seu Commissario Geral sobre todas as Provincias de Hespanha. Depois de sua eleição não teve o nosso Provincial tempo para mais, que porse logo a caminho, por se achar em huma Congregação geral, que havia de celebrar o Reverendissimo com authoridade Apostolica no Convento de nossa Senhora dos Anjos em Assis pela festa de Pentecostes do mesmo anno de 1526. para cujo effeito tinha o anno antecedente convocado os Vogaes de huma, e outra Familia: nesta se achou o sobredito Provincial Frei João de Albuquerque.

[a] Wadding. tom. 8. ad ann. 1525. num. 10.

3 Atràs deixamos escrito, [b] como em huma Congregação, que se celebrou em o Convento de nosso Padre S. Francisco da Cidade de Elvas, dia oitavo de S. Boaventura, dispuzera o Padre Geral Fr. Francisco dos Anjos, que se não edificasse Convento de novo, sem que para o habitarem houvesse ao menos oito Frades; o mesmo tinha jà antes mandado por Patente sua. Levantou-se depois disto huma duvida entre nossos Frades àcerca da intelligencia deste mandamento, a saber, se havião de ser todos professos, ou se poderião entrar os noviços em o dito numero. Expedida aquella Congregação geral de Assis, fez o nosso Provincial presente ao Reverendissimo o escrupulo, e duvida, que entre os seus Frades se tinha levantado, a que elle respondeo por huma Patente sua nesta fórma.

[b] Supra l. c. 35. n.4

4 „ A todos, e a quaesquer Padres, e Frades da Ordem dos Menores da Regular Observancia da Piedade do Reino de Portugal, saude, e paternal benção. Chegou à minha presença a duvida, que entre vós se levantou, àcerca do que tenho mandado, que não recebais Casa, salvo tiverdes oito Frades nella. Duvidais agora se em o numero destes oito hão de entrar os noviços. Que-

„ ren-

,, rendo eu pois com affecto de ,, pai apartar de voſſos cora- ,, çoẽs toda a dúvida, inter- ,, pretando meu preceito mais ,, commodamente, declaro, e ,, quero, que os noviços poſ- ,, são entrar no dito numero, ,, de tal maneira, que delles, ,, e dos profeſſos ſe faça o nu- ,, mero de oito, como tenho ,, dito. Em cujo teſtemunho dei ,, as preſentes letras ſubſcriptas ,, por minha propria mão, e ,, ſelladas com o ſello maior de ,, meu officio. Dada em o noſ- ,, ſo lugar do Sagrado Monte ,, Alverne o ultimo dia do mez ,, de Maio de 1526. ,,

5 Com eſta Patente, e declaração, que da Congregação trouxe o noſſo Provincial, ficárão ſocegados os eſcrupulos, que ſe tinhão levantado neſte ponto; e por ſe achar com baſtantes Frades, entendeo na edificação de hum Convento, que jà de antes ſe tinha recebido, e de outro, que depois diſto aceitou.

CAPITULO XXXVIII.

Memoria do Convento de N. Senhora do Seixo junto ao Fundão.

1 O Primeiro Convento, que tivemos na Provincia da Beira, he o de N. Senhora do Seixo, cuja antiga dedicação foi a ſua Natividade; e depois ſe lhe mudou em a da Aſſumpção, que agora tem. Eſtá ſituado entre o Lugar do Fundão, e a Aldea de Joanne, termo da Villa de Covilhã, diſtante quaſi trez leguas da Serra da Eſtrella no Biſpado da Guarda. Fazia celebre a eſte Lugar huma Hermida pequena, e antiquiſſima, chamada N. Senhora do Seixo, que foi alli fundada (diz a commum tradição) por apparecer naquelle ſitio entre huns ſeixos brancos huma Imagem da Senhora, que por eſte reſpeito ſe chamava do Seixo, nome, que ainda hoje conſerva a dita Imagem, e o dá a todo o Convento. Por ſer a Imagem mui devota, e pelos muitos milagres, que alli obrava, de diverſas, e remotas partes acudia em romagem tão grande concurſo de gente, que mui poucas vezes ſe achava ſem ella a Hermida. Eſtiverão ſempre alli Hermitães, providos naquelle lugar (tão celebre era) por Proviſão dos Reis, como ſe collige de huma Carta de ElRei D. João III. que logo referirei, atè que noſſos Religioſos fundárão o Convento.

2 A occaſião, que para iſſo houve, foi, que Diogo da Silva, Deſembargador do Paço, e depois Frade da noſſa Provincia, donde o tirou para ſeu Con-

feſſor o ſobredito Rei D. João III. e pouco depois o promoveo ao Biſpado de Ceuta, Inquiſidor Geral, e ultimamente ao Arcebiſpado de Braga, como era natural deſta terra, deſejando que huma Hermida tão celebre foſſe melhor aſſiſtida, e a devota Imagem mais venerada, alcançou do meſmo Rei, ſendo ainda ſeu Deſembargador, huma Provisão, para que os noſſos Religioſos pudeſſem edificar alli Convento. Deſta ſorte ſe ha de entender o Illuſtriſſimo Gonzaga [a] com os noſſos Memoriaes, que lhe participárão a noticia, iſto he, que ſolicitaſſe Diogo da Silva a edificação do Convento de Seixo ainda quando Deſembargador, e não jà depois de Religioſo, e Arcebiſpo de Braga, como elles dizem. Iſto ſe vê claramente em que ſendo Diogo da Silva Deſembargador de ElRei D. João, como diz o meſmo Gonzaga, ſendo o dito Rei jurado [b] por tal em dezenove de Dezembro de 1521. e paſſando a Provisão (que logo porei) para podermos edificar o Convento a vinte e trez de Outubro do ſeguinte anno, não podia haver em Diogo da Silva tanta mudança de eſtados, que em tão pouco tempo, como são dez mezes, poucos dias mais, foſſe Deſembargador, Religioſo na Provincia, Confeſſor de ElRei, Biſpo de Ceuta, e Arcebiſpo de Braga; podia, quando muito, ſer noviço. E querendo entender eſta intervenção, e diligencia de Diogo da Silva não da licença para a fundação do Convento, ſenão das obras delle, que ſe começárão no anno de 1526. tem a meſma contradição, porque ainda neſte anno não era Arcebiſpo de Braga, o que jà raſtejou Wadingo, [c] duvidando do que Gonzaga eſcreveo neſta materia. A Provisão do ſobredito Rei para edificarmos era huma carta para o Juiz de Fóra da Covilhã do teor ſeguinte. [d]

[a] Gonzag. in P. Pietat. Conv. 15.

[b] Andrada, Chron. de ElRei D. Joaõ III. 1.p. cap. 9.

[c] Wading. ad an. 1[...] tom. 8. num. 4[...]

[d] Habet[...] Conv[...] Pietat.

3 ,, Nós ElRei fazemos ,, ſaber a vós Juiz de Fóra por ,, Nós com alçada na noſſa Villa da Covilhã, que a Nós ,, praz, pelo aſſim ſentirmos ,, por ſerviço de Deos, e noſſo, que entregueis aos Frades, que vos trouxerem certo recado do Miniſtro da Provincia da Piedade, huma ,, Hermida, que ſe chama Santa Maria do Seixo, que eſtá ,, na Aldea de Joanne, termo ,, deſſa Villa, com todas as couſas, que a ella pertencem, ,, e são da dita Hermida, para a elles acudirem com tudo ,, aquillo, que a dita Hermida ,, tem, para os ditos Frades ,, nella eſtarem. E ſe alguma ,, peſſoa por noſſa Provisão nella eſtá, a deſpedireis, por

,, quan-

,, quanto havemos por mais ſer-
,, viço de Deos, e noſſo eſta-
,, rem nella os ditos Frades, e
,, não leigos, que queremos que
,, della ſaião, ſem mais nella
,, eſtarem. Mandamos-vos que
,, aſſim o cumprais. Feita em
,, Lisboa a vinte e trez de Ou-
,, tubro. Antonio Paes a fez
,, anno 1522.

,, REI.

4 Suppoſto que eſta licença foi paſſada no anno de 1522. não ſe deo principio à obra do Convento ſenão no de 1526. ſendo Miniſtro Provincial Fr. João de Albuquerque. A cauſa de tanta dilação depois da licença não conſta de noſſos Memoriaes: o que eu neſta materia preſumo he, que como pouco antes de paſſada a licença ordenou o Padre Geral Fr. Franciſco dos Anjos no Capitulo celebrado em Elvas no dia oitavo de S. Boaventura, como fica dito, que não aceitaſſemos Convento, ſem que para elle tiveſſemos ao menos oito Frades, talvez por falta deſte numero ſe não déſſe principio àquella Caſa. Confirma-nos neſte parecer a dúvida, cuja decisão trouxe o noſſo Provincial da Congregação Geral de Aſsís, a ſaber, ſe havião de entrar no dito numero os noviços: donde parece, que para as Caſas, que tinhão recebido, não erão muitos os profeſſos. Nem ajuda pouco eſta noſſa conjectura dar Fr. João de Albuquerque principio ao Convento no anno de 1526. pouco depois que trouxe a declaração de que tambem os noviços ſe comprehendião debaixo do numero, que o Padre Geral tinha ſinalado. Como quer que foſſe, deo-ſe principio à fundação deſte Convento do Seixo no meſmo lugar, onde eſtava a Hermida, quaſi no fim do ſobredito anno.

5 Para as obras deo huma grande eſmola o meſmo Rei, que paſſou a licença, e o Sereniſſimo Principe D. Jaime fez outra não menor. Com eſtas, e com outras mais, que a gente daquellas Aldeas fazia, ſe acabárão as obras do Convento, que não devião durar muito, por ſer a Caſa mui pequena, toda de pedra, e barro; e como as couſas, que de preſſa ſobem, tambem de preſſa baixão, em pouco tempo ſe veio a damnificar de maneira, que foi neceſſario renovalla. Para iſto, ſervindo-ſe os Frades dos meſmos materiaes, ajuntando outros de novo, ſendo Miniſtro Provincial Fr. Miguel de Eſtremoz no anno de 1577. mudárão a Caſa para outro aſſento alli perto mais accommodado, aproveitando-ſe da cerca antiga. Fez a Capella Miguel Antunes da Coſta, e ſua mulher Dona Maria, peſſoas mui

mui principaes naquellas terras. Todas as mais obras se fizerão com esmolas, que a gente daquella Comarca offerecia.

6 Ficou o novo Convento em hum cabeço alto, que fica ao pé de huma serra: he sitio salubre, e mui alegre, pelos espaçosos campos, que dalli descobre, povoada muita parte delles de pomares, e soutos, de que aquella Região he fertil, e abundante, cuja fresquissima verdura faz em o Verão huma tão agradavel vista, que está representando outro Paraiso na terra. Muito de tudo isto ha na nossa cerca; porque depois do campo, que fica descuberto para a horta, tudo o mais está povoado de diverso, e frutifero arvoredo. Junto da Hermida, onde está o Seixo, sobre que a Senhora appareceo, nasce huma fonte, que por canos de pedra vem por dentro da cerca atè a Casa nova, onde antes de entrar se reparte para hum formoso tanque, de que se rega a horta. A outra parte da agua vai fazendo seu curso atè sahir no claustro em huma fonte de pedra, que está no meio, que lhe não serve pouco de ornato. No lugar, onde estava a antiga Hermida, deixárão nossos Frades outra novamente feita, quando mudárão o Convento, ficando alli por memoria a mesma Imagem da Senhora sobre a pedra, onde, segundo tradição, havia apparecido. Depois se ampliou mais esta Hermida no anno de 1667. sendo Provincial o Irmão Frei Alexandre de Portel, e Guardião da Casa Fr. Bernardino da Pisqueira: a parede da cerca serve de huma parte de parede à Hermida, onde tem duas grades, por onde os passageiros, e os mais, que a isso vem, possão ver, e fazer oração à Senhora.

CAPITULO XXXIX.

De alguns milagres, que a Senhora obrou nesta sua Casa do Seixo.

1 SEndo morador neste Convento do Seixo hum Fr. Sebastião das Alcacevas, Prégador, Religioso devoto, e espiritual, aconteceo que huma mulher casada, que desde menina vivêra amancebada com hum seu irmão, sem nunca confessar aquelle peccado, induzida do demonio, que lho fizera commetter, veio a desesperar de todo de sua salvação, e a estar obstinada em sua culpa. Tanto poder sobre si deo ao inimigo, que entrou nella; e a que antes encubria sua culpa na confissão, já publicamente diante de todos a confessava. Descubria tambem se-

ſegredos, e culpas não ſabidas de outras peſſoas, pelo que ninguem ouſava apparecer diante della. Só o dito Prégador, compadecido de tanta miſeria, a viſitava muitas vezes, admoeſtando-a que ſe quizeſſe arrepender, e confeſſar ſacramentalmente com dor, e contrição, o que ſem proveito confeſſava em publico; porque não havia peccado tão grande no mundo, ou numero delles tão infinito, que o Senhor não pudeſſe perdoar, a quem verdadeiramente ſe confeſſava arrependido. Nunca pode acabar com ella que ſe confeſſaſſe; todas as razões erão perdidas, porque reſpondia, que jà não havia que tratar de ſeu remedio, porque era demonio, e andava em companhia de outros demonios, como ella condenada. No meio deſta tão grande enfermidade da alma ſobreveio-lhe outra do corpo, porque pelo muito trabalho, e afflicção, com que lidava, veio a cahir gravemente enferma. Chegou a eſtado tão miſeravel, que a deſamparavão todos, e fugião della aſſombrados do que lhe ouvião dizer por ſua boca.

2 Continuava o devoto Religioſo mais a miudo as viſitas depois que a vio doente, doendo-ſe do perigo, em que eſtava, de morrer com a final impenitencia; mas cada vez a experimentava mais obſtinada, e endurecida. Vendo finalmente que erão ſem fruto ſuas diligencias, recorreo a outra tanto mais efficaz, quanto a experiencia moſtrou ao depois. Veio o dia da feſta da Aſſumpção da Senhora, que he o Orago daquella Caſa, prégando o dito Fr. Sebaſtião, preſente grande auditorio dos lugares vizinhos, no diſcurſo do Sermão tratou do caſo daquella mulher, que era notorio a todos os preſentes, perſuadindo ao auditorio, que com muita devoção, e efficacia pediſſem à Senhora livraſſe aquella miſeravel mulher de tão grande mal, e manifeſto perigo, em que eſtava de ſua ſalvação. Fizerão eſtas palavras notavel abalo nos ouvintes, que como aſſentavão ſobre o que tinhão viſto com os olhos, movêrão tanto a devoção, que ſe ouvio hum extraordinario pranto na Igreja: pedião todos com repetidas lagrymas à Senhora remedio para aquella mulher obſtinada. Eſtranho caſo! rara maravilha! No meſmo ponto, em que iſto ſe fazia na Igreja, deixou o demonio a mulher là onde eſtava, e logo mandou chamar ao dito Prégador, o qual a achou jà mui contrita, e arrependida, pedindo com muitas lagrymas a ouviſſe de confiſsão. Depois de ſe confeſſar eſta primeira vez, ſuccedeo dahi a poucos dias publicar-ſe na terra hum

Ju-

Jubileo, que vinha de Roma, para o qual se tornou outra vez a confessar, e com as mesmas mostras de sentimento pedio perdão a todos os que tinha offendido: fez restituição da honra, que tinha tirado a muitas pessoas, dizendo, que o demonio dissera por sua boca aquellas falsidades, e infamias, de que ella não sabia cousa alguma. Finalmente acabada a semana do Jubileo, e feitas todas as cousas necessarias para ganhallo, recebido o Sacramento da Santa Unção, passou aquella penitente da presente vida com grandes mostras de sentimento, e não menor consolação de todos os que o caso virão, que não cessavão de dar graças à Senhora pela grande maravilha, que obrára.

3 Outro milagre fez nesta Casa a Sacratissima Virgem, tanto mais de maravilhar, quanto mais moderno, porque succedeo no anno de 1608. no qual tempo andava nestas Aldeas hum homem pobre, que se sustentava de esmolas, mudo de seu nascimento, e que tinha a lingua muito grossa, e tão curta, que não lhe chegava aos dentes, e assim não podia engulir o comer sem ajuda dos dedos, que para esse effeito mettia na boca, quando comia, chegando com elles o mantimento para dentro. Era bom Christão, ao que parecia, e mostrava devoção à Senhora, indo visitar esta sua Casa, que muitas vezes varria, e alimpava. Succedeo pois que acabando huma vespera de Natal de varrer a Igreja, alpendre, e terreiro, que fica de fóra, se foi, por ser jà tarde, recolher a hum forno de pão, onde dormia sobre a lenha, na Aldea nova do Cabo, que fica perto do Convento. A' meia noite, no ponto, que os Frades tangião à Missa, que chamão do Gallo, começou a fallar clara, e desembaraçadamente, chamando pela Virgem Senhora nossa. A lingua se lhe estendeo, e poz em sua perfeita proporção, de modo que dahi em diante ficou fallando sem algum impedimento. Perguntado da novidade, que nelle se via, disse, que vindo do Convento depois de varrer a Igreja, passando pelo penedo, (de que fica dito ser tradição haver a Senhora alli apparecido, e ser achada sua Imagem) lhe apparecêra a Virgem sobre elle, e lhe dissera, que se alegrasse, porque na mesma noite lhe havia de dar falla, como em effeito lha dera. Visto por todos tão grande, e manifesto milagre, o Guardião, que então era desta Casa, Fr. Francisco da Guarda, Religioso devoto, e prudente, avisou ao Cabido da Sé da Guarda, que

que então eſtava vacante por morte do Biſpo D. Nuno de Noronha, pedindo-lhe que para honra, e louvor da Virgem Senhora noſſa mandaſſe tirar informação juridica deſte milagre. Fez aquelle Cabido a diligencia, que por parte dos Religioſos ſe lhe pedia, e depois de bem examinadas as teſtemunhas, que no proceſſo vinhão, pronunciou ſentença neſta fórma.

4 ,, O Deão, e Cabido, ,, e Sé Vacante. A quem eſta ,, noſſa Carta de ſentença, tirada dos autos, e proceſſos, ,, for apreſentada, e o conhecimento della com direito deva, e haja de pertencer, ſaude, e paz em Jeſus Chriſto ,, noſſo Salvador, que de todos he verdadeiro remedio, ,, ſaude, e ſalvação.[a] Fazemos ,, a ſaber, que por parte do Reverendo Padre Fr. Franciſco ,, da Guarda, Guardião, e dos ,, mais Religioſos de N. Senhora do Seixo, da Provincia da Piedade, da Ordem ,, dos Menores, junto ao Lugar do Fundão, deſte noſſo ,, Biſpado da Guarda, nos foi ,, apreſentada huma petição, ,, dizendo nella, que o anno ,, paſſado de 1608. em veſpera de Natal foi Deos ſervido ,, por meio da glorioſa Virgem ,, N. Senhora dar falla a hum ,, mudo, apparecendo-lhe em ,, hum penedo, ou ſeixo junto ,, ao dito Convento, pegado ,, na cerca delle, no qual aſſim ,, os Religioſos, como os moradores da terra circumvizinhos tinhão por antiga tradição haver jà outra vez apparecido a Virgem noſſa Senhora, e dahi haver tomado ,, o dito Convento o nome, ,, chamado N. Senhora do Seixo; pedindo-nos, que por ,, honra da Virgem, e augmento da Fé Catholica, e devoção dos fieis Chriſtãos mandaſſemos tirar informação do ,, dito milagre na fórma devida, e coſtumada, para que ,, ſendo, ou paſſando na verdade o que neſte caſo ſe publíca, ſe poſſa manifeſtar a ,, todos, como he razão, no ,, que receberião caridade, e ,, mercê. Segundo que tudo iſto na dita petição melhor, e ,, mais compridamente ſe contém, e he conteúdo nella, ,, que ſendo por Nós viſta, nella pelo Reverendo noſſo Vigario Geral foi poſto o deſpacho ſeguinte: Commetto ,, ao Senhor Viſitador do deſtricto da Covilhã, conforme ,, a qualidade deſte caſo, mande vir diante de ſi teſtemunhas fidedignas, e as pergunte pelo conteúdo neſta petição, declarando a razão de ,, ſeus ditos, donde o mudo he ,, natural, e cujo filho, e ſe

,, naſceo mudo, e o tempo de ,, reſidencia neſſas partes, com ,, as mais circumſtancias, que ,, convem para negocio de tan- ,, ta importancia; e depois de ,, feito mo enviará cerrado, e ,, ſellado, para o examinar na ,, verdade. Por bem do que ,, paſſou Carta requiſitoria pa- ,, ra o Reverendo Vigario Ge- ,, ral da Cidade de Coimbra, ,, na qual lhe foi deprecado fi- ,, zeſſe ſummario de teſtemu- ,, nhas na fórma de Direito, ,, como a tal caſo convinha. E ,, feito o dito ſummario, nos ,, foi apreſentado com outro, ,, que tambem fez o noſſo Vi- ,, ſitador; e ſendo-nos aſſim tu- ,, do apreſentado, cerrado, e ,, ſellado na fórma coſtumada, ,, e viſto e examinado por Nós, ,, em final pronunciámos o ſe- ,, guinte.

5 ,, *Chriſti nomine invocato.* ,, Viſta a petição do P. Guar- ,, dião, e mais Religioſos do ,, Convento de N. Senhora do ,, Seixo deſte Biſpado, e noti- ,, ficação, e mais diligencias ,, ſobre eſte caſo feitas: Moſ- ,, tra-ſe pelos ſummarios, e in- ,, formações juntas, que nos lu- ,, gares circumvizinhos ao dito ,, Convento reſide de oito, ou ,, nove annos a eſta parte hum ,, homem pobre, que ſe ſuſten- ,, ta por eſmolas, bom Chriſ- ,, tão, virtuoſo, e devoto de ,, N. Senhora, como conſta dos ,, ſummarios feitos, e de teſte- ,, munhas nobres, e qualifica- ,, das, que he coſtumado a vi- ,, ſitar, e varrer a dita Caſa, ,, e em todo o dito tempo não ,, foi viſto fallar, e eſtava tido ,, por mudo, como de verdade ,, o era de naſcimento, e tinha ,, a lingua muito groſſa, e tão ,, curta, que lhe não chegava ,, aos dentes, e tanto, que não ,, podia engulir o que mettia ,, na boca ſem ajuda dos de- ,, dos, que para eſſe effeito ,, mettia na boca, quando co- ,, mia. Moſtra-ſe que na noite ,, do Natal proximo paſſado, ,, em que acabou a era de 1608. ,, vindo o dito homem de var- ,, rer a dita Caſa de N. Senho- ,, ra, ſe recolheo de noite no ,, lugar da Aldea Nova em hum ,, forno, e jazendo ſobre hu- ,, ma pouca de lenha, à hora, ,, que os Frades tangião à Miſ- ,, ſa do Gallo, começou a fal- ,, lar, chamando pela Virgem ,, N. Senhora do Seixo, e a ,, lingua ſe lhe eſtendeo, e poz ,, em ſua perfeição, de modo ,, que dahi em diante fallou ,, ſempre, e falla ſem algum ,, impedimento. Segundo o di- ,, to homem confeſſa, e tem ,, declarado em ſeu depoimen- ,, to, alcançou aſſim a falla ,, por meio da Virgem N. Se- ,, nhora, que aquella tarde lhe ,, tinha apparecido ſobre o ſei- ,, xo, que eſtá na ſerra, não

,, mui-

,, muito longe do dito Convento, e lhe promettêra que naquella noite elle fallaria. Mostra-se que o dito homem era mudo de nascimento, do Lugar da Rapada, termo da Villa de Cea, Bispado de Coimbra, filho de Vasco Martins, e de sua mulher Domingas Pires. E hora sendo levado pelos Religiosos ao dito Lugar da Rapada, foi conhecido por seus naturaes, e parentes ser o proprio, que dantes era, mudo de nascimento. O que tudo visto, com o mais dos autos, considerado, e examinado bem este caso com suas circumstancias, como o dito homem conteúdo na petição era mudo de sua natureza, e alcançou falla por intercessão da Virgem, sendo de idade de quarenta e seis annos; como outro si os Religiosos, e homens doutos, e todos os que sabem neste caso, e successo, o tem, e affirmão, e julgão por milagre, Nós *auctoritate*, que usamos Sé Vacante, o tal approvamos, e autenticamos, para gloria, e honra de nosso Senhor, e louvor da Virgem; e para devoção, e consolação dos fieis Christãos havemos por bem que o dito milagre se publique ao povo nas Igrejas, e Mosteiros deste Bispado, tudo na fórma segundo o teor desta nossa Carta, e sentença. Por virtude da qual mandamos por santa obediencia aos Reverendos Padres Priores Reitores, Vigarios, e Curas deste Bispado, a quem esta for mostrada, a leão, e notifiquem, estando o povo junto em suas Igrejas à estação da Missa do dia, para gloria, e honra de Deos, e louvor da Santissima Virgem sua Mãi, e Senhora nossa, e para assim se manifestar o milagre, e consolarem com elle os fieis Christãos. Dada em esta Cidade da Guarda sob sello de nossa Meza Capitular, e sinaes dos Deputados della, e governo deste Bispado aos 27. dias do mez de Julho de 1609. ,,

6 Depois de publicado este milagre, foi notavelmente frequentada aquella Hermida, onde a Senhora appareceo, e fallou ao mudo; de muita gente, que veio em romaria; porque, como diz S. João Chrysostomo, *b* ainda que os milagres não são necessarios aos fortes, com tudo confortão, confirmão, e attrahem docemente aos fracos.

b D. Chrys. Hom. 71. in Joann.

CAPITULO XL.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Abrantes.

1526 1 NO mesmo tempo, em que Fr. João de Albuquerque, vindo da Congregação Geral de Assís, como fica dito, mandou Frades fundar o Convento do Seixo, enviou tambem dar principio a outro com titulo de Santo Antonio em a Villa de Abrantes, no mesmo Bispado da Guarda. O sitio, que escolhêrão, estava apartado da Villa huma legua; porque nossos Frades naquelle tempo, como se nenhuma cousa dependesse seu remedio do soccorro, e esmolas dos povos, assim os fugião, e edificavão longe delles. Ficava o Convento junto de huma ribeira chamada Abrançaida, ou (como agora alguns lhe chamão, corrompendo o vocabulo) Abrançalha, em hum lugar fresco, e tão abundante de hortas, e pomares, quanto ao depois se vio sello de febres. A maior parte das obras fez à sua custa D. Lopo de Almeida, terceiro Conde de Abrantes, devotissimo bemfeitor desta Provincia, e na Capella da Igreja foi depois sepultado. Em quanto estas durárão, recolhião-se nossos Frades na Hermida de N. Senhora da Ribeira, que fica mais perto da Villa, onde o servo de Deos Fr. Antonio de Toledo na parede da Capella, como diremos, pela continuação de orar deixou sua sombra impressa.

2 Trinta e sete annos vivêrão os Religiosos neste Convento, em cujo tempo mostrou a experiencia cahirem os que alli moravão em continuas, e graves enfermidades, o remedio das quaes, estando tão longe do povo, era difficultoso, pelo que havia frequentes, e algumas vezes extraordinarias mortes. Tendo os Frades respeito a estes inconvenientes, e outros, que não faltavão, sendo Ministro Provincial Fr. Maseu de Elvas, o anno do Senhor 1571. o mudárão para mais perto da Villa, fazendo outro em hum lugar baixo, chamado Val de Rãs, ao longo de outra ribeira pequena, que discorre ao pé do outeiro, em cujo alto está a Villa. Bem se póde dizer delles nesta mudança, que derão nos baixos de Scylla, querendo evitar Caribdes; porque se o sitio primeiro sahio enfermo, ainda foi peior este segundo. O que fez ainda a esta eleição mais culpavel (se nella houve culpa) foi a instancia, com que o povo pedia a nossos Frades, que jà que mudavão o Convento, o fizessem na fonte do Ouro, lugar mais perto da Villa,

lá, mais accommodado, e ſadio do que aquelle, que tinhão eſcolhido. Empenhou-ſe tambem para o meſmo effeito o Biſpo da Guarda, que então era D. João de Portugal, offerecendo-ſe a edificallo todo à ſua cuſta. Nem iſto foi baſtante para mudarem de parecer; porque como Fr. Maſeu tinha muito preſente o eſpirito de noſſos primeiros Fundadores, procurava quanto lhe era poſſivel que os Conventos não ficaſſem mui perto do povoado. Foi feita eſta ſegunda Caſa com eſmolas do povo, que, como tão devoto, não faltava com ellas, ainda que ſe não fazia onde elle deſejava. E porque D. João de Almeida, filho, e ſucceſſor do morgado do dito Conde, deo licença, para que ſe pudeſſe vender para eſta obra nova o aſſento, e horta da Caſa velha, como ſe vendeo aos Religioſiſſimos Padres do inſigne Convento da Ordem de Chriſto da Villa de Thomar, em reconhecimento deſte beneficio lhe derão noſſos Frades a Capella Mór da Igreja deſta ſegunda Caſa com titulo de Padroeiro della.

3 Vinte e oito annos povoárão eſta ſegunda Caſa, atè que ultimamente deixando jà os baixos, e humidos lugares, conhecidamente doentios, ſendo Miniſtro Provincial Fr. Jorge de Goa, no anno de 1599. a mudárão ſegunda vez para hum alto ſitio junto à Villa, deſcuberto, e lavado dos ventos, onde eſtá huma fonte chamada do Ouro, que he o lugar, que antes o povo aſſinalava. Logra a fonte eſte nome, porque aſſim como daquelle metal ha mais pouco, e menos quantidade ſua val mais, que muita dos outros, aſſim ella, ainda que da quantidade de agua pouco copioſa, (porque não he mais que meio anel) na qualidade he excellentiſſima. E não havendo em todo o circuito da Villa outra fonte boa de beber, ſenão eſta, que era o regalo de todos, he tanto o amor, e devoção do povo aos noſſos Frades, que ſe quiz privar de tanto bem por dar-lho a elles, para que livremente a metteſſem dentro da cerca do Convento, como hoje eſtá. Não menos amor ſe deo a conhecer em as ajudas, que derão para a fabrica das obras deſta terceira Caſa, de que a principal parte ſe fez com eſmolas ſuas. Fez tambem ElRei D. Filippe o I. que tomou poſſe deſte Reino, grandes mercês para a meſma obra. E D. Antonio de Almeida, neto do meſmo Conde, deo humas moradias, que ElRei lhe devia, que dizem importárão em ſeſſenta mil reis. E aſſim por eſta cauſa, como pela devoção de ſeus antepaſſados, e por outras cari-

ridades ordinarias, que costumava fazer para sustento dos Religiosos, no Capitulo Provincial, celebrado em Santo Antonio de Coimbra, a quatorze de Agosto de 1607. em que sahio Ministro Fr. Pedro de Penalva, lhe concedêrão o titulo de Padroeiro desta Casa nova, no modo, que os Frades costumão, e podem licitamente dallo, a quem não he realmente Fundador, que faça a Casa à sua custa: convem a saber, que não se lhes dá, nem elles adquirem algum dominio, ou propriedade no Convento, que não edificárão: mas sómente o titulo honorifico de Padroeiro, e uso de melhor lugar, e mais honrado assento na Capella, assistindo aos Divinos Officios: a principal sepultura para enterrar-se, ou (se assim se declara) todas as sepulturas, e lugar subterraneo, que se inclue na Capella, com obrigação de não deixarem os Frades enterrar alli alguem, senão quando o consentir, o que assim foi aceitado por Padroeiro. Finalmente o Convento se acabou com toda a perfeição, e foi Deos servido que sahisse o sitio mui acertado, e proveitoso à saude, tanto, que se tem por hum dos melhores da Provincia.

4 Poderá quem ler esta Historia attribuir a curiosidade, ou inconstancia tanta mudança de Conventos. Livra-nos porèm desta nota aquella notavel sentença de Innocencio III. em hum Concilio universal, onde assim diz: ,, Não se deve [a] julgar ,, por cousa reprehensivel, se ,, segundo a variedade dos tem- ,, pos, se varião tambem, e mu- ,, dão os propositos humanos: ,, maiormente quando a urgen- ,, te necessidade, ou evidente ,, proveito assim o requerem; ,, porque o mesmo Deos (em ,, quem não pode cahir nota de ,, inconstancia) das cousas, que ,, tinha ordenadas no Testa- ,, mento velho, muitas mudou ,, no Testamento novo. ,, São palavras de Innocencio. E assim, que se no fundar destes nossos Conventos houve erro na eleição de hum sitio, maior erro seria perseverar muito nelles; porque se o errar he desgraça, a que o homem está sujeito, perseverar no erro he dobrado damno. Demais que Deos nosso Sehor parece teve cuidado de nos defender desta censura com os prodigios, que se vírão na edificação deste ultimo Convento, sobre o qual poderia principalmente cahir a nota.

[a] Cap. debet. consl. affin.

5 Foi o primeiro, que tendo jà feito os Religiosos neste Convento novo hum recolhimento, onde se agazalhassem, em quanto se não acabava de todo, vierão quatro, ou sinco delles do Convento velho huma noi-

noite com tenção de ao outro dia dizerem Missa em huma casa, que jà naquelle lugar tinhão para esse effeito paramentada. Entre estes vinha o Guardião, que era Fr. Affonso de Lisboa; e estando jà todos repousando entre as onze, e as doze da noite, se levantou hum grande ruido de rafeiros, dando cada hum delles terriveis, e espantosos uivos, e maiores que todos, hum, que apparecia de estranha grandeza, e mostrava maior sentimento, que os outros. Durou o alarido hum grande espaço, discorrendo por todo o sitio do Convento, atemorizando tanto aos Frades, que não sabião o que fizessem, senão pedir cada hum a Deos que o livrasse. Passou aquella tormenta: pela manhã fallárão no que de noite vírão, e assentárão comsigo, que como aquelle lugar foi sempre profano, e de muitas offensas, que nelle se fazião a Deos, e serviços ao demonio: pois era huma fonte commua do povo, que tinha junto de si muitos retiros; e outro si tinha muitas vezes acontecido serem trazidos alguns homens pelos demonios em breve tempo de mui remotas partes àquelle sitio, que chamavão Barreiros, que mostravão os demonios sentimento de semelhante mudança, em se dedicar ao culto Divino o que antes servia ao profano.

6 Outro prodigio mostra mais claramente quão grata fosse a Deos esta nova edificação: foi elle, que como faltasse a pedra para se proseguir a obra, concertou-se o Guardião do Convento por certo preço com hum cabouqueiro, para que lha arrancasse de huma rocha viva, que não estava dalli mui longe. Faltou este ao concerto, pedindo mais por seu trabalho, por cuja causa o Guardião o despedio, resolvendo-se a parar na obra, por não haver esmola bastante por então para a proseguir. Na noite seguinte, estando o tempo mui quieto, (era de entre Pascoas) e a noite toda mui serena, a rocha, que era mui espessa, se veio toda abaixo, fazendo-se de maneira, que não só em carros, como dantes a trazião, mas ainda homens, mulheres, e meninos a acarretavão toda; porque este milagre esporeou mais a devoção da gente. E se Deos em desfazer a torre de Babylonia mostrou que lhe não agradava aquella obra, em desfazer a viva rocha para se continuar a do Convento, claramente mostrou que era de seu agrado.

CAPITULO XLI.

De alguns Religioſos dignos de memoria, que florecêrão neſte tempo.

1 PArece-me neceſſario advertir ao leitor, que para conhecimento que foi muita a perfeição de algum Religioſo, baſta ſómente o dizer-ſe, que foi perfeito, ſem que delle ſe refirão grandes couſas; porque em Communidade, onde ſe profeſſa tanto a perfeição, como na Provincia da Piedade, aſſinalar-ſe entre os mais, não ſó he baſtante, mas qualificada prova de mui grande virtude. He iſto prevenir ao que ſe nos póde oppor em hiſtoriarmos a vida de alguns Religioſos, ſem que delles ponhamos na relação, que fazemos, copia de ſucceſſos, antes pelo contrario muita preciſão, e brevidade. Eſta culpa, ſe o he, tem noſſos antigos Frades; (de quem juſtamente nos queixamos, ainda que ſem remedio) pois igual cuidado tinhão em ſerem Santos, como em occultarem a ſantidade: e não ſó occultavão a propria virtude, mas tambem encubrião a alheia, contentando-ſe ſómente no teſtemunho, que davão de algum Religioſo, com dizerem que fora perfeito, ſem individuarem eſta, ou aquella virtude, em que ſe ſinalaſſe: que como, por ſer de caſa, cedia, em algum modo em abono proprio, a todo eſte fugião. Bem he verdade que pela razão, que temos dito, baſtava aquelle teſtemunho, para entendermos que foi mui perfeito o Religioſo, de quem ſe dava. Neſte Capitulo, e em alguns mais deſta Hiſtoria, eſcreverei de Religioſos, dos quaes ſómente acho eſcrito, pouco mais da acclamação commua de terem ſido adornados de muitas virtudes, eſpecificando-ſe quando muito ſó eſtas, ſem que ſe individuem os heroicos actos dellas. Seja o primeiro hum Fr. Antonio de Toledo, Frade leigo, a quem o Author do Agiologio Luſitano, [a] chama Fr. Pedro de Nazareth, não ſei com que fundamento.

[a] Tom. Jan. lit. F.

2 Foi Fr. Antonio de Toledo natural da Cidade deſte nome em Caſtella: veio tomar o habito de noviço para Frade leigo em eſta noſſa Provincia, ſendo ainda Cuſtodia, deixando o proprio Reino, para buſcar mais perfeitamente a Deos. Logo no principio de ſeu noviciado moſtrou bem que não era vulgar o fervor, que à Religião o trazia; porque aſſiſtia em todos os exercicios religioſos com huma attenção extraordinaria, moſtrando huma doçura de eſpirito, não de noviço principiante, mas como ſe já fora conſum-

Fr. Antonio de Toledo.

ſum-

summado naquelles espirituaes exercicios. Era sua humildade rara, suas penitencias rigorosas, nas vigilias mui continuo, e sobre tudo tão dado à oração mental, que com difficuldade se apartava della. Perseverou nestes santos exercicios atè o anno de 1525. em que havendo de mandar o Ministro Fr. Bartholomeu de Albuquerque Religiosos à Villa de Abrantes fundar hum Convento, foi Fr. Antonio hum dos Fundadores.

3 Antes de se fundar o Convento, recolhião-se os Religiosos em huma Hermida de nossa Senhora da Ribeira; e supposto foi pouco o tempo, que este servo de Deos nella esteve, continuava tanto a santa oração, que a sua sombra de tal maneira ficou impressa na parede da Capella vizinha ao lugar, onde orava, que por mais que pertendêrão apagalla com hum pincel, nunca pudérão, antes perseverou viva, e expressa por muitos annos. Não foi este só o indicio, que deixou de sua santidade; porque morrendo naquella Hermida, em que o sepultárão, obrou Deos muitos milagres por meio da terra de sua sepultura, principalmente na importuna enfermidade das cezões. Alli ficou seu corpo em poder das Religiosas da Esperança, que alli morárão algum tempo; e mudadas depois para o sitio, onde hoje estão, dentro da Villa, levárão comsigo os ossos. E como faltasse a cabeça, sonhou a Abbadessa que fossem ao lugar, onde jazião de antes, que Deos a manifestaria. Assim se vio; e aggregando-a aos mais ossos, mettidos em caixa, e guardados entre o tecto, e forro da nova Igreja, para não serem furtados, foi tanta a negligencia das Religiosas, que cahindo a abobada, com grande magoa de todos se perdêrão.

4 Na mesma Hermida de nossa Senhora da Ribeira, onde faleceo Fr. Antonio, e no mesmo anno, trocou a temporal pela eterna vida outro Religioso seu companheiro naquella nova fundação, e do mesmo estado de leigo, chamado Fr. Affonso de Viana. Floreceo com grande fama de santidade, e particularmente era tido por hum vivo retrato da pobreza. O seu habito era o mais pobre, e remendado, e com huma santa emulação procurava ser entre todos o mais mendigo. Trazia escritas na memoria, e repetia muitas vezes aos Frades aquellas palavras de N. Padre S. Francisco em sua Regra: *A pobreza, e humildade de nosso Senhor Jesus Christo guardemos, a qual firmemente promettemos guardar.* Com estas exhortava aos outros ao amor desta virtude, e muito mais com seu exemplo. Fr. Affons. de Viana.

Na humildade era estremado, tendo-se por mais pequeno, e vil de todos: tão modesto, e composto, que quem o via, conhecia logo no exterior o espirito, que dentro morava. Na oração era contínuo, donde, como de fonte, lhe nascião estas perfeições todas, em que perseverou atè o fim.

5 Pouco depois que em Abrantes morrêrão estes dous Religiosos, acabou seus dias em o Bosque de Borba Fr. Bartholomeu do Canhaveral, de nação Castelhano, Religioso daquelles, que ficárão com Fr. Pedro de Melgar. Foi tão notavel em perfeição de vida, que de todos era tido em seu tempo por hum raro exemplo de santidade. Recebeo do Senhor dom de copiosas lagrymas, e assim chorava este servo de Deos como se fora o maior peccador do mundo. E supposto que ordinariamente andava neste exercicio, com especialidade quando orava, ou dizia Missa, derramava tantas lagrymas, e com tanta devoção, que causava espanto aos circumstantes, e ficava compungido quem o via. O fervor, com que orava, era grande: foi achado muitas vezes em extase, tão absorto, e elevado em Deos, que perdia o uso dos sentidos. Outras vezes se vio andar como homem alienado, e fóra de seu juizo, fallando com Deos; e era tal o impulso do espirito, que o incitava, que em vozes altas repetia muitos lugares da Escritura, de maneira que os percebia bem quem o escutava. Foi grande zelador da perfeita observancia da sua Regra, e mais particularmente da estreitissima pobreza, procurando ser tão pobre, à imitação de Jesus Christo, que pudesse conhecello por filho seu o Pai dos pobres nosso Padre S. Francisco. Zelava tambem muito os santos costumes, em que elle com seus companheiros fundárão esta Provincia, querendo estampar no coração de todos o mesmo fervor de seu grande espirito. Viveo atè idade jà decrepita, na qual louvavelmente acabou o curso da vida pelos fins do anno de 1525. no Convento de Borba, donde caminhou, como se deve crer, a gozar do premio, que Deos tem apparelhado a quem tão bem o serve.

Fr. Bartholomeu do Canhaveral.

CHRONICA DA PROVINCIA DA PIEDADE.

LIVRO TERCEIRO.

Comprehende o tempo de quinze Miniſtros Provinciaes : fundações de Conventos : Religioſos de approvada vida : e varios ſucceſſos dignos de memoria.

CAPITULO I.

Eleição do quinto Miniſtro Provincial, e fundação do Convento de Santo Antonio de Faro.

1 NO fim do Provincialato de Frei João de Albuquerque congregou o Vigario Geral da Ordem, que então era Fr. Antonio de Calcena, por creação do Miniſtro Geral Fr. Franciſco dos Anjos em Cardeal do titulo de Santa Cruz, a todos os Vogaes de Heſpanha em o Convento de Guadalaxara da Provincia de Caſtella, para celebrar huma Congregação Geral [a] pela feſta de noſſo Padre S. Franciſco do anno 1528. Neſta ſe achou o noſſo Provincial, e della trouxe licença para a celebração de ſeu Capitulo, porque no principio do anno ſeguinte acabava o triennio. Naquelle tempo uſava-ſe na Ordem, que os Miniſtros Provinciaes nas ſuas Provincias, depois de cumprido o triennio, procedião à eleição do novo Miniſtro, não ordenando outra couſa o Prelado Geral, a quem aviſavão primeiro. Eſte aviſo

[a] Wading. tom. 8. ad an. 1528 num. 6.

deo là na Congregação Geral Fr. João de Albuquerque, trazendo licença para presidir no seu Capitulo, como temos dito, o qual celebrou pelo mez de Janeiro de 1529. Nelle sahio eleito Fr. Diogo de Borba, e foi o quinto Provincial, que a Provincia teve. Foi este Religioso mui perfeito em todas as virtudes, tão austéro, rigoroso, e penitente para comsigo mesmo, que sendo trez vezes Provincial, sempre visitou a Provincia totalmente descalço, sem admittir sandalias pelos caminhos.

Fr. Diogo de Borba, Provinc 5.

2 Na Congregação Geral celebrada pelo Padre Calcena se citárão logo os Vogaes Cismontanos, que nella assistírão, para a eleição do Ministro Geral de toda a Ordem, que se havia de fazer o seguinte anno de 1529. pela Festa de Pentecostes em o Convento da Annunciada da Cidade de Parma, em que sahio eleito em Ministro Geral [b] Fr. Paulo de Parma Pisotto, e em Commissario Geral da Familia Cismontana Fr. Mathias Wensen. E supposto que na sobredita Congregação Geral do Padre Calcena se leo hum Breve do Summo Pontifice Clemente VII. em que dispensava com os Vogaes Cismontanos, para que se quizessem não ir ao Capitulo de Parma, bastasse comprometterem-se nos votos dos Ultramontanos, com tudo elles não aceitárão este favor, pelo preceito da Regra, que manda, que todos os Ministros, e Custodios sejão obrigados a convirem para a eleição do Ministro Geral. Segundo isto, poucos dias esteve o nosso Provincial na Provincia depois de sua eleição, porque logo lhe foi necessario pôr-se a caminho para o sobredito Capitulo Geral. Depois de vir delle entendeo em a fundação de dous Conventos, hum em Faro, outro em Thomar. Daquelle, por ser primeiro, trataremos em primeiro lugar.

[b] Idem ad ann. 1529. num. 18.

3 Jà deixamos escrito, [c] que no mesmo anno de 1516. em que nossos Frades forão para o Convento de S. Vicente, que lhe deo o Bispo do Algarve D. Fernando Coutinho, forão tambem dous para Faro dar principio a outro, cuja fundação por algumas razões não tivera effeito. E como em doze annos depois que deixárão aquella terra, vivendo nella hum na Hermida de São Sebastião, se não apagasse a devoção, que aquella gente lhes tinha, nem tão pouco as saudades de sua santa, e exemplar conversação, lembrados no fim destes do bem, que perdêrão em se lhe irem de sua terra, procuravão vellos nella outra vez. Escrevêrão os Vereadores juntos em Camera ao Pro-

[c] Supr. cap. 1 num.

Provincial, pedindo-lhe quizesse mandar Frades a Faro, porquanto ao presente se sentião seus moradores em disposição conveniente, e tinhão a vontade, que nunca lhes faltára, para edificar o Convento, que da primeira vez se não puzera em effeito. Foi a carta feita aos vinte e oito de Julho de 1528. o teor da qual era nesta fórma.

4 ,, Devoto Padre Provin-
,, cial. O Juiz, e Vereadores,
,, e Procurador, homens bons,
,, e povo desta Villa de Santa
,, Maria de Faro, que para isso
,, forão chamados, lhe fazemos
,, saber, que ha doze annos,
,, pouco mais, ou menos, que
,, por nosso requerimento ao
,, vosso Capitulo vierão a esta
,, Villa certos Frades da vossa
,, Ordem, aos quaes requere-
,, mos quizessem aceitar nesta
,, Villa huma Casa, na qual ser-
,, vissem a nosso Senhor Deos;
,, e os ditos Padres, pela au-
,, thoridade, que trazião do
,, Capitulo, a aceitárão, e es-
,, tiverão em huma Hermida,
,, que se diz S. Sebastião, pas-
,, sante de hum anno, atè se
,, fazer a Casa, onde estives-
,, sem. E porque àquelle tem-
,, po não houve tanta disposi-
,, ção para se a Casa fazer, se
,, forão os ditos Padres, fican-
,, do que quando quer que elles
,, tornassem, estivesse por sua.
,, E porque agora, Padre, (nos-
,, so Senhor seja louvado) não
,, falta disposição, nem vonta-
,, de para se fazer, vos pedi-
,, mos, e rogamos, que por
,, amor de nosso Senhor vos ve-
,, nhais tomar posse desta Ca-
,, sa outra vez, e ponhais em
,, obra o que da vossa parte se
,, requere, para que leve, e
,, haja effeito, por quanto cre-
,, mos, e temos ser muito ser-
,, viço de Deos, e a Villa ser
,, apta para isso. E por bem de
,, vos termos dada a dita Ca-
,, sa não aceitamos o requeri-
,, mento de outros Padres, que
,, aqui vierão a isso. Escrita em
,, Faro aos 28. do mez de Ju-
,, lho. Diogo Vaz Tabellião a
,, fez, anno de 1528. ,,

5 Foi esta carta lida em Capitulo, e os Vogaes todos forão de parecer se aceitasse o offerecimento daquelle povo, pela boa vontade, e devoção, que mostrava; e assim tanto que o Ministro Fr. Diogo de Borba veio do Capitulo Geral de Parma, mandou Frades a Faro, para que se désse principio ao Convento, que foi no anno de 1529. Começárão-se as obras, dando o sitio em huma herdade sua, que junto à Villa estava, para a parte do mar, Dona Branca de Vilhena, mulher que fora de Rui Barreto, Alcaide Mór, e Capitão Mór de Faro, e de Loulé, Fidalgos illustrissimos por antiga linhagem

gem neste Reino. Correo com a despeza da obra, como Padroeiro, seu filho Nuno Rodrigues Barreto, que succedeo na Casa, e Alcaidarias, como consta da relação de hum Breve do Summo Pontifice Paulo III. de que se fará menção, tratando do Convento de Loulé. Não deixou com tudo o povo da Villa (ainda então não era Cidade) de mostrar a muita devoção, que tinha, nas continuas esmolas, que offerecia para as obras.

6 No tempo, que os nossos Frades edificavão nesta Villa o Convento, fundou tambem outro a Rainha Dona Catharina, mulher de ElRei D. João III. para Religiosas Capuchas de Santa Clara, e desejava muito que os Religiosos da nossa Provincia tomassem à sua conta o cargo, e governo dellas. Para este effeito mandou chamar ao Provincial Fr. Diogo de Borba, e rogárão-lhe assim ElRei, como a Rainha, que quizesse tomar sobre si aquelle cuidado. Escusou-se elle, dizendo, que não podia fazer cousa, que era contra os costumes da sua Provincia, e pouco conveniente à quietação, e conservação do rigor della. Por mais instancias, que Suas Altezas lhe fizerão, nunca se pode acabar com elle que aceitasse o tal governo. O mesmo intentou o Padre Frei João Calvo, Commissario Geral deste Reino, persuadido dos Reis; mas por via de rogo tão pouco acabárão com elle as palavras do Commissario Geral, como a dos Reis. Exemplo por certo de singular zelo, que devião sempre trazer os Prelados na memoria, para não admittirem rogos de pessoas, por mais illustres que sejão, se encontrão os santos, e louvaveis costumes da Religião; pois ainda estas dando-lhe as razões, por que se lhes nega o que pedem, não se aggravão, antes se edificão. Assim se vio nos Serenissimos Reis, que admirando o zelo, e inteireza do Ministro, ainda que não contentes, ficárão edificados; e nossos Frades por então quietos, vivendo em a Casa de Faro com muita consolação sua, e do povo, onde os deixaremos nesta quietação atè o tempo de Fr. João de Faro Ministro Provincial, em que se passárão para Villa-nova de Portimão, que está no mesmo Reino do Algarve.

CAPITULO II.

Fundação do Convento da Annunciada na Villa de Thomar.

1 EM distancia de meia legua da mui nobre, e notavel Villa de Thomar, Cabeça do Mestrado da Ordem, e Mi-

e Milicia de Christo, tivemos para a parte do Occidente hum Convento do titulo da Annunciação do Anjo à Sacratissima Virgem Senhora nossa, chamado commummente da Annunciada. O sitio sahio calmoso, e enfermo de Verão, por ser baixo, e junto a hum pequeno ribeiro, que ficando-lhe ao Oriente, quando em as manhans o vento espirava daquella parte, infundia nos corpos dos que alli habitavão perniciosos vapores; porèm não lhe faltava frescura de arvores, horta, e pomar de varias frutas, fonte notavel em quantidade de agua, com que tudo se regava. Havia neste lugar antigamente huma formosa quinta com Igreja, ou Capella, grandes, e boas casas, pomar, horta, vinhas, olivaes, com muitas terras de pão, e huma mata de sovereiros, pinhos, e outras arvores silvestres, para lenha. Tudo isto possuia, como senhora que era, huma nobre Dona viuva chamada Isabel Teixeira, mulher que fora de Antão de Figueiredo, Fidalgo da Casa de ElRei. Esta, sendo Ministro Provincial Fr. João de Albuquerque, no anno do Senhor 1526. dotou liberalmente este sitio para nelle fundarmos Convento. E querendo que isto tivesse maior firmeza, e os Frades nunca dalli pudessem ser lançados contra sua vontade, buscou outro meio mais seguro: e foi huma doação, que fez a ElRei D. João III. na qual diz, que ella faz doação ao dito Rei da Igreja, casas, horta, e fonte da sua quinta de Carzedo, termo da Villa de Thomar, com tal entendimento, e condição, que o dito Rei, e Senhor dê as sobreditas cousas aos Padres Capuchos da Provincia da Piedade, para ahi edificarem hum Convento.

2 Aceitou ElRei a doação, que lhe era feita, e logo mandou por huma Carta, ou Alvará de procuração sua à mesma Isabel Teixeira, que em nome de ElRei, com poder, e authoridade, que para isso lhe dava, mettesse aos Frades de posse do dito sitio. Assim se fez, como ElRei mandava, aos quatro dias do mez de Outubro do anno de 1528. do que tudo se fizerão escrituras, as quaes se guardão no Arquivo do mesmo Convento. A fabrica delle se começou pelos fins do sobredito anno, ou principios do seguinte, nas mesmas casas da quinta, desfazendo-se nellas o que foi necessario para ficarem accommodadas a nosso modo, de dormitorios, claustro, e mais officinas costumadas. O que tudo se fez com muita brevidade com as esmolas do povo, que liberalmente acudia.

3 Pou-

3 Pouco depois formárão os Frades efcrupulo, que affim de morarem nefta Cafa, como em outras, que ElRei D. Manoel lhes tinha dado, parecendo-lhes que pelas doações, que eftavão feitas, lhes ficava a elles alguma propriedade. Para evitarem o efcrupulo, que nefta parte tinhão, efcrevêrão huma carta a ElRei D. João III. em que miudamente lhe reprefentavão tudo, para que elle o remediaffe da maneira, que melhor lhe pareceffe. Foi efta Carta efcrita no anno de 1532. eftando os Vogaes juntos em Capitulo, que então fe celebrava: à qual ElRei refpondeo por huma carta fua, enviada ao Miniftro, Definidores, e mais Padres da Provincia, na qual entre outras dizia eftas formaes palavras: ,, Quanto ao pejo, e ,, inconveniente, que vos parece, e dizeis que ha para a ,, Ordem, nem os Frades poderem ter as ditas Cafas da ,, maneira, que as tem, por ,, fer outra a Ordem da pobreza, parece-me bem o que àcerca diffo me dizeis. Porèm ,, por as Cafas eftarem jà affentadas em a Ordem, e Religião, como eftão, e fe fazerem nellas muitos ferviços ,, a noffo Senhor, como fe faz, ,, e fe não fazer niffo mudança, ,, me parece que deve baftar ,, para fuas confciencias, fazerem os Frades a mim outra ,, renunciação de todo o direito, dominio, ufo, e fruto, ,, que ElRei meu Senhor, e ,, Eu pelas ditas doações lhe ,, démos; e querendo eftar nellas, como em coufa alheia, ,, e não fua, em quanto for minha vontade; porque defta ,, maneira, parece que eftarão ,, fem pejo, e conforme a Regra: pois affim não terão propriedade, nem ufo de coufa ,, fua. ,, E ainda que Eu não achei a renunciação, que aqui pedia aos Frades, (porque fe devia guardar em os Cartorios Reaes, e não em os noffos) fem duvida nenhuma parece que elles lha fizerão; porque dahi em diante fem o efcrupulo, que tinhão, ficárão vivendo fempre quieta, e feguramente em todas aquellas Cafas.

4 Nefta da Annunciada eftiverão cento e dezefete annos pouco mais, ou menos: procurou neftes por muitas vezes o povo levallos dalli para mais perto, affim pelos livrarem daquelle fitio, onde ordinariamente eftavão doentes, como tambem para com mais facilidade fe aproveitarem delles na adminiftração do Sacramento da Penitencia, e palavra de Deos. Porèm, fuppofto que com menos rogos fe podia deixar o Convento, fem que caufaffe fauda-

des

des o deixallo, por ſer por extremo doentio, e por diſtante difficultoſos os remedios, nunca foi poſſivel acabar-ſe com elles deixarem aquella Caſa; que como era ſolitaria, agradava-lhes tanto a ſolidão, que eſcolhião antes viverem neſta enfermos que perto de povoado em melhor ſitio. Vendo o povo que erão ſem fruto as diligencias, que fazia, em tirar a noſſos Frades daquelle lugar, e trazellos para mais perto da Villa, chamárão Religioſos da Santa Provincia de Portugal, e no ſitio, que nos offerecião, e não quizemos aceitar, lhes fundárão hum Convento

5 Paſſados alguns annos, como jà o noſſo da Annunciada, por ſerem as paredes fracas, como o erão todas, que noſſos primeiros Fundadores edificavão, ameaçaſſe ruina, e tiveſſe neceſſidade de ſer todo reedificado de novo, reſolvêrão-ſe os Frades, viſto ſer forçoſa aquella obra, fazerem-a em lugar mais accommodado. Eſte nos derão perto da Villa os Religioſos Padres do inſigne, e Real Convento de Thomar, cabeça, e primaz da Ordem de Chriſto, tomando em ſatisfação delle poſſe do ſitio, que deixavamos, que hoje lhes ſerve de quinta. Começárão-ſe as obras no anno de 1645. pouco depois de ſe celebrar o Capitulo, em que ſahio eleito em Miniſtro Provincial Fr. Pedro de Celorico, e acabárão-ſe todas com eſmolas do povo: o Padroado da Capella mór derão ao Conde Capitão, para onde ſe mandou levar, morrendo em Lisboa. Fica o Convento para o Poente em hum cabeço alto, lavado dos ventos, com competente cerca, horta, e pomar de varias frutas: tem dentro duas fontes, huma ahi nativa, outra copioſa, que por canos vem de fóra ajuntar-ſe em hum tanque, donde ſe reparte a fertilizar a cerca. Ficou eſta Caſa com o meſmo titulo da Annunciada, que a primeira tinha.

6 No Convento antigo, eſtando ainda nelle noſſos Frades, ſuccedeo hum caſo digno de memoria. Eſtava na Igreja enterrado hum Clerigo, natural daquella Villa: tinha eſte por ſua morte inſtituido humas Capellas, ſobre que dahi a alguns annos ſe levantárão duvidas entre os herdeiros àcerca da vontade do teſtador. Corria o pleito ante o Provedor, e com tanto embaraço, que não ſabia determinar-ſe no que faria. Neſte tempo, eſtando noſſos Frades huma noite rezando Matinas em o Coro, ſoou là debaixo da Igreja huma voz, que chamava ao Guardião; e perguntando elle quem era o

que o chamava, disse a voz: *Sou o Clerigo fulano, vinde cà abaixo.* Desceo o Guardião à Igreja, fallou com o defunto; e declarando-lhe este a sua ultima vontade na instituição das Capellas, lhe pedio fosse logo de manhã ao Provedor, dizendo-lhe o que naquelle caso havia de obrar, sem attender ao que seus parentes querião. Accrescentou mais, que naquella mesma noite elle tambem lhe fallaria. De manhã foi logo o Guardião cumprir o que lhe pedíra o defunto; e supposto foi algum tanto cedo, jà o Provedor se levantava com tenção de ir ao Convento, porque naquella mesma noite lhe tinha o Clerigo tambem apparecido, como promettêra, e declarado em sua casa o que ao Guardião lá na Igreja. Acabárão-se os pleitos, porque o Provedor obrou conforme o defunto tinha declarado.

CAPITULO III.

Do Veneravel Religioso Fr. Anjo de Valhadolid.

1530 Fr. Anjo de Valhadolid.

1 SUpposto que Fr. Anjo de Valhadolid, quando veio de Roma, não quiz ficar em Portugal na Custodia da Piedade, como temos dito no primeiro Livro, nem por isso desmerece a memoria, que aqui se deve fazer delle, pois tanto à sua custa ajudou a seu augmento. Nasceo este Veneravel Religioso em Valhadolid, Cidade em Castella: della tomou o nome: de pais nobres, e ricos, que logo desde menino, reconhecendo nelle agudeza, o inclinárão ao estudo. Estudou Direito Civil, e Canonico, em que sahio muito douto, ajuntando a isto o exemplo da vida, cuja falta costuma desdourar muito as letras. Acabados seus estudos, quando os pais discursavão sobre o estado, que havião de dar a este filho, sentia elle superiores impulsos, que o guiavão a deixar o mundo, e servir a Deos em Religião. Resolveo-se a tomar este estado, e pedia a Deos em frequente oração lhe ensinasse, e declarasse em qual dellas melhor o serviria.

2 Neste cuidado, em que andava, quando via Religiosos de nosso Padre São Francisco, mais a estes, que a outros se inclinava; e julgando por Divina resposta esta particular affeição, determinou deixar o mundo, e receber o habito de nosso Padre S. Francisco: este lhe lançárão na Provincia de Sant-Iago. Depois de professo estudou Artes, e Theologia por mandamento de seus Prelados, que vendo nelle a capacidade do engenho, de que era dotado,

do, esperavão hum Varão eminente naquellas sciencias, como em effeito o foi, assim como jà o era em Leis, e Canones. Nem tanto se applicava às letras, como ao exercicio da virtude; porque assim como naquellas se igualava aos mais famosos de seu tempo, nesta se aventajava a muitos. Sua assistencia nos actos de Communidade era a mais pontual, reluzindo em qualquer obra sua tanto fervor, que bem mostrava a grandeza do espirito, de que procedia. Não se contentava com as penalidades, mortificações, e mais exercicios que o commum da Provincia tinha deputado, a estas accrescentava outras de novo, tanto mais asperas, e rigorosas, quanto mais singular era seu espirito. Amou tão grandemente a pobreza, que ninguem desejou tanto ser rico, como este Religioso o ser pobre. Na humildade o admiravão todos, vendo que assentava sobre tantas letras virtudes todas nascidas da oração, em que gastava a maior parte dos dias, e das noites. Nestes exercicios perseverou na sua Provincia de Sant-Iago, donde sahio com Fr. Pedro de Melgar, quando ambos, e outros se juntárão com Fr. João de Guadalupe pela maneira, que deixamos escrito no primeiro Livro.

3 Esta resolução de Fr. Anjo, ainda que nelle foi desejo de mais perfeição, a meu ver foi obra especial da Providencia Divina; porque como a nossa Capuchez em seus principios havia de ter oppositores tão contrarios, que procurassem totalmente extinguilla, deo-lhe Deos este Anjo da guarda para a defender, e amparar; que verdadeiramente bem merece este titulo, pois com suas diligencias a defendeo de emulos, que se representavão insuperaveis, como erão Reis, e toda a Familia da Observancia. Assistio em Roma por ordem de Fr. João de Guadalupe, e depois de sua morte pela de Fr. Pedro de Melgar. Em seus negocios foi, e veio de Roma dezenove vezes, em cujo caminho, pelos grandes frios, e elle caminhar descalço, e pobremente vestido, se lhe arrancárão as unhas dos pés [a] quatro, ou sinco vezes. E na verdade que quando a Capucha não tivera de si lançado tantos Religiosos Santos, como criou, para conhecermos que sua instituição foi obra de Deos, bastava vermos que hum Religioso só de tão grande espirito, como Fr. Anjo, deixasse o retiro, e socego de sua cella, sujeitando-se a tantos trabalhos, e vencesse contrarios tão fortes, como teve, só pela ver augmentada.

[a] Mol. c. 11.

4 Não entibiava seu arden-

te eſpirito com o pezo deſtas moleſtias, antes mais ſe inflammava no deſejo deſta Reforma, em cujo favor impetrou os Breves, de que jà diffuſamente fizemos menção por todo o primeiro Livro. Foi mui aceito aos Cardeaes, e Summos Pontifices Alexandre VI. e Julio II. que governavão a Igreja, quando elle procurava eſtabelecer a ſua Reformação, ainda que eſtes mal informados de ſeus emulos, algumas vezes o moleſtárão. Tudo venceo Fr. Anjo, aſſiſtindo ſempre em Roma, donde vindo à Piedade de Villa-Viçoſa, quando Fr Pedro de Melgar por ordem delRei D. Manoel, e do Duque D. Jaime tinha feito concerto com o Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago, em que lhe largava as Caſas, que tinha em Caſtella, para ſerem encorporadas naquella Provincia, e das de Portugal fez a Cuſtodia da Piedade, não quiz ficar neſta Cuſtodia, por não ver acabar em Caſtella aquellas Caſas, que lhe havião cuſtado tanto.

5 Nellas viveo algum tempo, atè que vindo a Heſpanha o Miniſtro Geral Fr. Rainaldo, lhe deo trez pequenas, e recoletas, que eſtavão ſitas em Eſtremadura. Deſtas trez Caſas, que o Geral lhe deo, e outra, que edificou de novo, levantou huma Cuſtodia da Eſtremadura no anno de 1514. e della mais ao diante no de 1519. erigio huma Provincia com titulo de S. Gabriel, como hoje ſe chama, em que padeceo novos trabalhos. Em todos eſtes teve por companheiro a Fr. João Paſcoal, que em ſua companhia levou da Piedade. Na ſua Provincia de São Gabriel foi duas vezes Provincial, e procurou tanto ſeu augmento, que neſtas diligencias acabou a vida no Convento de *Ara-Cœli* em Roma, donde carregado jà de annos, e muito mais de merecimentos, no de 1530. havendo primeiro recebido com muita devoção os Sacramentos, partio a lograr o premio de ſeus trabalhos.

CAPITULO IV.

Do ſexto Miniſtro Provincial, e memoria de hum Veneravel Religioſo.

1 Concluido o triennio do Provincialato de 15
Fr. Diogo de Borba com admiravel ſatisfação, e exemplo, convocou a Capitulo para eleição de novo Prelado. Nelle ſahio eleito pelo fim de Dezembro de 1532. Fr. João de Albuquerque, que jà o havia ſido trez annos antes deſta ſegunda eleição, que delle fizerão. Não havia ainda neſte tempo, nem a hou-

Fr. J Albu que, vinci

a houve alguns annos depois, a Conſtituição Apoſtolica, nem o Eſtatuto Geral da Ordem, em que ſe manda corrão ſeis annos intermedios deſde que o Miniſtro Provincial acaba ſeu officio, atè outra eleição do meſmo em Provincial: e aſſim podia ſer eleito, interpoſta alguma vagante. Exercitou Frei João de Albuquerque eſta ſegunda vez ſeu officio com tanta aceitação de todos, como da primeira vez o tinha exercitado.

2 Pouco depois de ſua eleição, conforme a melhor conjectura, ſahio deſta noſſa Provincia da Piedade hum Religioſo para os Capuchinhos de Italia, donde tambem ſahindo, padeceo pela Fé de Chriſto glorioſo martyrio: e ſuppoſto que não foi filho da Provincia da Piedade de profiſsão, o tempo, que nella teve domicilio, lho faz pertencente, e aſſim eſcreveremos neſte lugar a breve noticia, que temos de ſua vida. Chamava-ſe elle Frei João de Zuazo na ſua Provincia da Conceição, onde tomou o habito, *a* e profeſſou, e depois em a noſſa da Piedade, conforme ſeu antigo eſtylo, chamou-ſe de Medina do Campo, por ſer natural daquella terra. Não muito depois de fazer profiſsão em o Convento de noſſo Padre S. Franciſco de Valhadolid, ſe paſſou às Caſas Recoletas da meſma Provincia da Conceição; reſidio nellas ſeis annos, e em todo eſte tempo não comeo carne, nem bebeo vinho. Seu ordinario comer era hum pouco de pão, e huma tigela de caldo, e nas ſextas feiras, deixando eſta, que tinha por regalo, molhava o pão em agua quente, da que eſtava para lavar a louça. Depois que ſe acabavão de rezar Matinas, ficava elle em oração atè a hora de Prima; em que aproveitou tanto, que muitas vezes o achárão inſenſivel por extatico.

a ...g. in ...c. ...pt. ...1.

3 Foi notavelmente zeloſo da ſanta pobreza. Aſpirou tanto à perfeição, que propoz em ſeu animo diſcorrer pelas Provincias mais reformadas da Ordem, e viver nellas alguns annos, para aſſim eſcolher o que mais perfeito lhe parecia. Na de S. Gabriel eſteve quatro annos, daqui ſe paſſou à noſſa da Piedade, onde reſidio ſete annos, aproveitando nella em mil primores de virtude. Deſta finalmente no principio do governo de Fr. João de Albuquerque, conforme a mais ajuſtada conjectura, ſahio para os Padres Capuchinhos de Italia, onde depois de ſeis annos, que entre elles eſteve, ſe retirou a huma cova fazer vida ſolitaria, dando-ſe tanto à oração, que recebeo nella muitas revelações

Di-

Divinas. Daqui, com licença de seus Prelados, foi visitar os lugares santos de Jerusalem com outro Religioso da Provincia de S. Gabriel, que se lhe aggregou no caminho. Chegou à Cidade Santa de Jerusalem, visitou com affectuosa devoção aquelles santos lugares, que Christo nosso Senhor tinha consagrado com sua presença em carne mortal. Estes sagrados lugares, onde Christo Senhor nosso padeceo tanto, e com tão excessivo amor por amor dos homens, inflammárão tanto o espirito deste Santo Religioso, que para recompensar, no que lhe era possivel, tão grande divida, procurou dar a vida por amor delle, prégando sua Euangelica Lei aos Mouros.

4 Para este effeito passou de Jerusalem à Cidade de Alexandria de Egypto, e dahi ao Cairo, Cidade do mesmo Reino, onde achou hum Judeo de Italia, que com benevolencia o tratou. Era este mui privado do Baxá, Governador da Cidade; pedio-lhe Fr. João lhe alcançasse licença do Baxá para lhe fallar, porque trazia muitas cousas de importancia, que communicar-lhe. Presumindo o Judeo com isto agradaria mais ao Baxá, lhe deo noticia do que Fr. João lhe tinha dito, e alcançou-lhe licença para que lhe fallasse. Como o servo de Deos se vio em presença do barbaro, começou a prégar com fervoroso espirito a Lei de Christo, dizendo, que só nella se achava a salvação, e que todos os que seguião a falsa lei de Mafoma se condenavão. Irritado, e indignado o Baxá de ouvir isto, e vendo ao Santo tão macilento por penitente, cuidando que de fome perdêra o juizo, o entregou a hum Ministro, para que o puzesse em o carcere, e alli oito dias lhe désse mui bem de comer, e remediasse assim sua loucura. Passados os oito dias, foi apresentado ao Juiz, que examinando-o, como o achasse constante em a Fé, e tão inimigo da lei de Mafoma, que com palavras de desprezo protestava della, procedeo ao castigo, mandando aprizionallo em hum escuro, e penoso aljube, onde lhe derão pão por onças, e sem conto crueis açoutes cada dia

5 Deste modo foi atormentado o servo de Deos algumas semanas, atè que inopinadamente, sem saberem os Mouros como pode ser, o vírão fóra do carcere, prégando a altas vozes a Fé pelas ruas. Tornou-o o Juiz ao aljube, com intento de concluir de pressa sua causa, sentenciando-o à morte. Pouco depois o tirárão delle, e o pregárão em hum páo, donde, como de pulpito, esteve prégan-

gando dous dias inteiros a altas vozes, dizendo aos Mouros: *Baptizai-vos em o ſangue de Chriſto, ſe vos quereis ſalvar.* Cortárão-lhe os Mouros a cabeça, e apartada de ſeu corpo ſanto, eſteve prégando todo hum dia, perſuadindo-lhes recebeſſem o Baptiſmo. Não fez nenhum abalo em os Mouros tão grande prodigio, antes mais pertinazes, e cegos, attribuindo aquella maravilha a arte magica, lançárão ſeu corpo em hum lugar immundo. Daqui o tirárão brevemente os meſmos Mouros, pela ſuaviſſima fragrancia, que de ſi deſpedia, e vendêrão a ſanta cabeça por grande preço a huns mercadores Venezianos, os quaes a collocárão em a Igreja de S. Marcos de Veneza, onde tem feito Deos por ella muitos milagres.

CAPITULO V.

Vida do Santo Frei Martinho de Valença, Apoſtolo do novo mundo; e primeiramente de ſeus principios em a Religião.

1 DA noſſa Caſa da Piedade, que eſcolheo para ſeu domicilio por oito annos, ſahio como Sol o Apoſtolico Varão Fr. Martinho de Valença, como diz hum diligente Antiquario, [a] a alumear o novo mundo, não porque della fizeſſe logo caminho para aquelle orbe, pois della ſahio a ajudar a fundação da Provincia de S. Gabriel, onde eſteve deſde o anno de 1509. atè 24. em que foi para a nova Heſpanha, mas porque na Piedade ſe adornou das virtudes neceſſarias a hum ſujeito, que havia de commetter, e ditoſamente acabar tão grande empreza. Por eſta razão, ainda que ſua vida anda diffuſamente eſcrita por varios Authores, faremos aqui memoria della, pois temos tanta parte neſte Veneravel Religioſo. Foi elle natural de Valença de D. João, Villa em terra de Campos do Biſpado de Leão. Jà em menino ſe via nelle inclinação à virtude: foi eſta creſcendo com a idade; e tendo-a jà competente para ſer Religioſo, acabados os eſtudos de Filoſofia, e Theologia, em que ſahio mui douto, tomou o habito de noſſo Padre S. Franciſco em o Convento de Maiorga da Provincia de Sant-Iago da Familia da Obſervancia, tendo nella por Meſtre ao Padre Fr. João de Argumanes, Religioſo não menos devoto, que douto.

2 Forão grandes as tentações, que padeceo no anno do noviciado; porque vendo o demonio nos exercicios de noviço preludios de ſua futura ſantidade,

Lu- .3. Ma- om. ria v. .die c. .2.

de, e preſumindo talvez a guerra, que ao depois lhe havia de fazer, importunamente o perſeguia, perſuadindo-lhe que deixaſſe o habito, e ſe tornaſſe ao mundo. Forçoſas erão as tentações, mas muito mais poderoſa a Divina graça, a que o noviço recorria no meio dellas. Com eſta venceo glorioſamente ao inimigo; e cumprido o tempo do noviciado, fez profiſsão. No anno da approvação, e em recem-profeſſo leo o livro das conformidades de noſſo Padre S. Franciſco, cuja leitura lhe alumiou o eſpirito em o conhecimento das aſperezas da Regra, e juntamente o incendeo com o deſejo de ſua pura obſervancia. Neſte tempo, como tiveſſe noticia da muita perfeição de vida de Fr. João de Guadalupe, e da auſtéra, e regular obſervancia da Cuſtodia do Santo Euangelho, que então começava a florecer, com deſejo de mais perfeição deixou a ſua Provincia de Sant-Iago, e veio a Portugal encorporar-ſe na Caſa da Piedade.

3 Não foi erro em Gonzaga [b] (como alguem diſſe que o fora [c]) dizer que ouvindo Fr. Martinho louvar a Provincia da Piedade, ſe paſsára a ella, onde vivêra alguns annos; porque ſuppoſto que ainda então não era Provincia, ſenão Cuſtodia do Santo Euangelho, não a nomeou pelo nome, que tinha, quando Fr. Martinho ſe paſſou a ella, mas pelo que era, quando elle eſtas couſas eſcrevia: demais que não foi ſó, porque Wadingo, [d] e Daça [e] diſſerão o meſmo, o que bem podião fazer ſem algum erro pela razão, que temos dado. E ainda o fazerem mais eſpecial menção das Caſas, que eſta Cuſtodia tinha em Portugal, ſem alguma memoria das de Caſtella, ainda que em hum, e outro Reino as tinha, foi porque no tempo, que a ella veio o Santo Fr. Martinho, ſó ſe conſervava a dita Cuſtodia em as Caſas de Portugal, ſem que tiveſſe Caſa alguma habitada por elles em Caſtella, por ſerem dellas expellidos pelos Reis Catholicos. Na Piedade eſteve alguns annos aperfeiçoando-ſe nas virtudes, como diz Gonzaga, debaixo do magiſterio do Santo Fr. João de Guadalupe, e por morte deſte, debaixo da diſciplina do Veneravel Fr. Pedro de Melgar, a quem acompanhou em todos ſeus trabalhos, atè que ElRei D. Manoel fez os concertos, que no primeiro Livro deixamos referidos, em que ſe erigio a Cuſtodia da Piedade das Caſas, que havia em Portugal, ficando as de Caſtella encorporadas na Provincia de Sant-Iago; porque como a eſtes concertos aſſiſtiſſe o Vigario

[b] Quarta p. Provinc. S. Euang. fol. 1251.

[c] Mol. c. 12. Chron. P. S. Gabriel. l. 2. à cap. 5.

[d] Wad tom. ann. num.

[e] Liv. 2

rio Provincial daquella Provincia Fr. João de Argumanes, que tinha ſido ſeu Meſtre no anno do noviciado, pedio-lhe quizeſſe deixar Portugal, e tornar-ſe para Caſtella, onde lhe aſſinaria para ſua morada huma daquellas Caſas dos Capuchos, que então pelos concertos ſe encorporavão na ſua Provincia de Sant-Iago.

4 Condeſcendeo Fr. Martinho de Valença aos rogos de ſeu Meſtre, e aceitando-lhe a offerta da Caſa, que lhe fazia, eſcolheo para ſua habitação o Convento de Belvis, que reedificou de novo, por eſtar totalmente arruinado o que naquella terra fundára Fr. Pedro de Melgar em ſeus principios. Como eſte Convento, onde viveo Fr. Martinho, e os mais, em que eſtavão os Frades, que tinhão ſido da Cuſtodia do Santo Euangelho, vivião encorporados na Provincia de Sant-Iago, como Caſas ſuas, daqui veio dizer Daça, *f* e antes delle Gonzaga, que da Piedade ſe tornára para a ſua Provincia. Neſta Caſa de Belvis viveo Fr. Martinho alguns annos, atè que elle, e Fr. Anjo, com outros, que lhe concedeo o Geral Fr. Rainaldo, levantárão no anno de 1514. a Cuſtodia da Eſtremadura, e deſta ao depois a Provincia de S. Gabriel, de que foi ſegundo Provincial, e onde eſteve atè o anno de 1524. em que paſſou à nova Heſpanha.

tat.

CAPITULO VI.

Da humildade, e menosprezo do mundo, que reſplandecia no ſervo de Deos Fr. Martinho de Valença.

1 COmo a humildade he fundamento, *a* ſobre que aſſenta a virtude, tanto tem eſta de mais levantada, quanto aquella he mais profunda; nem póde ter muita duração a virtude, que ſe não radica na humildade. Deſde que o Santo Fr. Martinho tomou o habito de Religioſo, com grande cuidado aſpirou logo a ſer perfeito, para cujo fim com igual diſvelo procurava o ſer humilde, conhecendo bem a correſpondencia, que guardão entre ſi eſtes termos. Era de natural colerico, e altivo; mas venceo tão perfeitamente eſta condição, que parecia a meſma humildade, e brandura. Antes de conſeguir eſta victoria, teve comſigo meſmo huma contínua guerra, como com contrario tão domeſtico. Prevaleceo com tudo contra a natural inclinação a graça Divina, de tal ſorte, que veio a ficar nelle como nativa a humildade, com que ſe foi aperfeiçoando nas virtudes; porque ſe ao ſoberbo reſiſte Deos, aos humildes *b* dá graça.

a Joan. Chryſoſt. tom. 1. in cap. 14. Geneſ. Homil. 35.

b Jacob. c. 4.

2 Os officios de Prelazia, pelo que tem de ſuperioridade, ſempre lhe forão penoſos, como quem ſó deſejava obedecer, e não mandar. Quando a obediencia o obrigava a ſer Prelado, na ſua opinião não era ſuperior, mas ſervo de ſeus ſubditos, e aſſim os ſervia, fazendo pelo menor delles os officios mais humildes do Convento. Sendo Provincial, quando, viſitando os Conventos, tinha capitulo de culpas a ſeus Frades, proſtrava-ſe por terra, e dizia primeiro as ſuas, recebendo em penitencia dellas huma aſpera, e rigoroſa diſciplina. Grandemente ſe affligia ſe em alguma parte o tinhão por mais ſanto que os outros Frades. Para que o deſprezaſſem, e desfazer o conceito, que delle tinhão, ſahia muitas vezes pelas ruas mais publicas ſem habito, com corda ao peſcoço, cuberta a cabeça de cinza, como peccador penitente, o que fez não poucas vezes em Belvis, a fim de que os Senhores daquella Villa, que muito o reverenciavão, imaginaſſem que era outro do que elles preſumião; e ſendo tudo iſto actos heroicos de ſua humildade, accreſcentava eſta com ſe não ter ainda por humilde; porque fallando huma vez com hum Religioſo ſeu companheiro, que era de notavel manſidão, e humildade, lhe diſſe: *Oh irmão, quem fora tal, como vós ſois!*

3 Teſtemunhava delle eſte meſmo Religioſo, que lhe víra fazer actos de tão profunda humildade, e fallar tão altamente deſta virtude, tratando couſas tão prodigioſas deſte genero do Archanjo S. Miguel, que veio a colligir, e ter por certo, que eſte Archanjo, de que era devotiſſimo, e lhe tinha apparecido algumas vezes, lhe havia revelado myſterios ſoberanos da verdadeira, e profunda humildade. Repetia muitas vezes, e trazia ſempre na memoria aquellas palavras de Chriſto Senhor noſſo por São Mattheus: *e Se vos não tornardes como meninos, não entrareis no Reino dos Ceos.* Daqui veio ſer toda a ſua vida hum contínuo acto de humildade. e Matth.

4 Suppoſto que paſſou à nova Heſpanha com authoridade Apoſtolica, como Legado do Papa, e com muitos privilegios aſſim Apoſtolicos, como Imperiaes, ſendo reconhecido pelos Caſtelhanos, e Indios por ſuperior, e Prelado daquella nova Igreja, e novo mundo, e Commiſſario Geral da Santa Inquiſição por Bullas particulares do Pontifice, tomando muitos occaſião de menores dignidades para ſe endeoſarem, todas eſtas juntas não forão baſtantes para o Santo Fr. Martinho

nho mudar de ſeu humilde trato, antes diſcorrendo a pé, e deſcalço de Provincia em Provincia, e de Reino em Reino ſem companheiro (por ſerem poucos os Frades) a prégar o Euangelho aos gentios, nunca conſentio que Indio, ou outra alguma peſſoa lhe levaſſe o Breviario, e outros alguns livrinhos de ſeu uſo, elle meſmo os levava, que ſuppoſto erão poucos, e pequenos, não deixavão de ſer carga para hum corpo jà de muita idade, e debilitado pela muita penitencia. Só nas dignidades ſentia pezo: para ſe aliviar deſte em parte renunciou o officio de Commiſſario Geral da Santa Inquiſição, que adminiſtrava havia annos, por Bulla de Adriano VI. em hum Religioſo de S. Domingos, tendo-ſe por indigno de tão grande dignidade.

5 Eſtando ainda na Provincia de S Gabriel, foi à ſua patria, obrigado dos importunos rogos de ſeus parentes. Depois de ter andado oitenta leguas a pé, e deſcalço, chegando à viſta da Villa, poz-ſe a conſiderar o motivo, por que tomára aquelle tão grande trabalho; e vendo que ſó por reſpeitos humanos, determinou tomar de ſi hum rigoroſo, e exemplar caſtigo, com que juntamente o deſprezaſſem ſeus parentes, e elle pagaſſe aquella, em ſeu parecer, tão grande culpa. A' entrada da Villa deſpio o habito, ficando em panos menores: lançou a corda ao peſcoço, mandando ao companheiro, que puxando-lhe della, como a malfeitor, o levaſſe pela Villa. Neſta fórma entrou em a Igreja ou para offerecer a Deos eſte ſacrificio, ou porque lhe não ficaſſe lugar publico, que daquella ſorte não diſcorreſſe. Sahio dalli pelas ruas mais publicas, e por todas, onde moravão ſeus parentes, que tendo tanta humildade, e menoſprezo do mundo por affronta, elles meſmos o eſcarnecião; mas como o ſervo de Deos ſó iſto procurava, ſem que fallaſſe a algum dos parentes poz-ſe a caminho para o ſeu Convento. Aſſim eſtimava o menoſprezo do mundo o verdadeiro amador da Cruz de Chriſto.

CAPITULO VII.

Das penitencias, e mortificações do Santo Fr. Martinho, e como o demonio procurava perturballo.

1 ANdão em continua guerra o eſpirito, e o corpo: para que aquelle reine he neceſſario que eſte ſe debilite; que como são tão contrarios, as forças de hum prejudicão muito às do outro. Deſ-

de que o Santo Fr. Martinho tomou o habito de noſſa Religião Serafica procurou ſempre atè à morte tirar as forças ao corpo, para aſſim augmentar as do eſpirito. Para eſte fim erão bem extraordinarias as penitencias, que fazia, que para ſua tolerancia parece não baſtavão forças humanas, nem hum corpo de carne, mas de bronze. O habito de ſeu uſo era do ſaial mais groſſeiro, que ſe achava, curto, e remendado. Nunca jà mais uſou de tunica, por maiores frios que fizeſſem, e como ſe não baſtára por aſpereza trazer hum habito intratavel ao carão da carne, ajuntava a eſte hum aſpero, e continuo cilicio. A cama foi ſempre huma cortiça ſómente, ou huma eſteira; nem diſpenſava com eſta mortificação, ainda que eſtiveſſe gravemente enfermo. No comer foi tão abſtinente, que bem puderamos dizer, que foi hum perpetuo jejum ſua vida. Sua ordinaria comida era pão, e legumes, ou huma tigella de caldo: ſó conſentia, ſendo Prelado, que em as feſtas mui ſolemnes lhe lançaſſem na tigella humas migalhas de carne. E para que eſſe pouco, que comia, lhe ſerviſſe mais de mortificação, que de ſuſtento, à imitação de noſſo Serafico Padre, o tornava deſabrido com cinza; e para eſte effeito a trazia ſempre comſigo em hum ſaleiro.

2 Nunca bebeo vinho, ainda que eſtiveſſe fraco, e mui enfermo. Nas diſciplinas foi ſobre maneira rigoroſo, como quem tinha por mimo eſtar-ſe açoutando grande parte da noite, e aſſim vinha a fazer regalo do que os outros tomão por penitencia. Nas enfermidades nunca quiz admittir remedio corporal, como nem tambem outro Medico mais que a Jeſus Chriſto crucificado, e ſua Paixão Sagrada, que ſempre trazia na memoria. Em os caminhos, por compridos, e fragoſos que foſſem, andava ſempre a pé, e deſcalço. Nunca afroxou deſtas penalidades, nem ainda na velhice, antes neſta idade às antigas mortificações accreſcentou outras de novo, como era o ajoelhar-ſe muitas vezes a meudo por hum quarto de hora, de que ſe levantava mui quebrantado. Com tanta pontualidade cumpria eſtas penitencias, como ſe por algum voto eſtivera ao cumprimento dellas obrigado; e ſe alguma vez por ſuas occupações ſuccedia não as cumprir naquellas horas, que para iſſo tinha deputado, coſtumava dizer: *Não tenho hoje cumprido com o que devo.*

3 Não podia ſoffrer o demonio tanta ſantidade, e penitencia; procurava por todos os me-

meios inquietallo, permittindo-o Deos, para que a virtude deste seu servo no fogo das tribulações se acrysolasse. Tomou por motivo para o tentar a capa da virtude, para que com esta rebuçado fosse menos conhecido. Concorrião muitos penitentes a confessar-se com o Santo Fr. Martinho: obrigavãono tambem seus Prelados a prégar frequentemente ao povo, pelo muito, que aproveitava com seus Sermões; mas vendo elle o muito tempo, que gastava com estes exercicios, e o pouco, que lhe ficava, conforme seu desejo, para se dar à oração, e contemplação, vierão-lhe a desagradar tanto aquelles exercicios, que para os evitar determinou deixar o habito de nosso Padre, e tomar o da Cartuxa. Movia-o tambem a isto o fugir a todo o applauso, que não podia evitar, sendo-lhe forçoso tratar com os seculares. Alcançou licença de seus Prelados, despedio-se de seus Frades, e Convento, e poz-se a caminho para a Cartuxa; mas como Deos não só queria que fosse para si, mas tambem para os proximos, e o tinha jà escolhido para a conversão da nova Hespanha, a poucos passos lhe mostrou não ser aquella resolução de seu agrado. Sem occasião alguma lhe começou a doer hum pé tão grandemente, que sem poder dar nem hum só passo, cahio em terra com a força da dor; e entendendo, allumiado de Deos, o que aquillo era, prometteo perseverar em sua Religião, e desistir daquelle caminho. Feita esta promessa, ao mesmo ponto se lhe tirou aquella dor do pé, e se tornou para o seu Convento.

4 Morando no de N. Senhora de Monte Cœli del Hoyo, donde, por ser o Convento solitario, vivia com grande consolação de seu espirito, aqui procurou recolher-se mui de véras, e entregar-se todo a Deos. Vio-se mui perseguido do demonio, que procurava perturballo: achava-se na oração sempre mui tibio, mas ainda assim não faltava a ella, supposto lhe faltasse aquella suavidade, e doçura, que antes sentia. Clamava a Deos com Christo na Cruz, dizendo: *Deos meu, porque me haveis desamparado?* Aborrecia-lhe notavelmente o deserto, sendo que de antes nenhuma outra cousa na vida mais lhe agradava. Todos os Religiosos lhe erão penosos, e causavão molestia, nem sentia em si aquelle amor, e caridade, que de antes lhes tinha. Nenhuma cousa espiritual lhe dava gosto, nem alivio, o que antes tinha posto nestes exercicios todo o seu regalo. A estas ten-

tações se lhe ajuntou a maior de todas, por ser em materias de Fé, e não a podia deitar de si, ainda que fazia muito por despedir-se della.

5 Parecia-lhe que não consagrava, quando dizia Missa; pelo que, quando chegava a commungar, em o fim della fazia-se a si mesmo muito grande força, e com muita difficuldade recebia o Divino Sacramento. Apertou tanto com elle esta imaginação, que se retirava de dizer Missa: desta sorte o inquietava o demonio, deixando-o grandemente perturbado, mas não vencido. De outra sorte o combateo não com menor força: persuadia-o a extraordinarias abstinencias, e vigilias continuas, com que se enfraqueceo, e debilitou de maneira, que parecia seu corpo huma estatua de ossos. Não quiz hum dia comer cousa alguma, e parecendo-lhe ao seguinte que se achava com mais forças, esteve assim mais quatro dias. Rogavão-lhe os Frades comesse alguma cousa, porque estava perecendo; mas elle respondia, que nunca se sentíra com tantas forças: mas era isto engano do inimigo, que vendo neste servo de Deos tanta perfeição, tentava-o com a abstinencia, assim como a pessoas de vida ordinaria tenta com a gula. Nesta afflicção estava, e trabalho, quando Deos, que nos maiores acode, o livrou deste por meio de huma simples mulher nesta maneira

6 Mandou-o huma vez o Guardião pedir esmola a hum lugar distante do Convento quatro leguas, e chegando a casa da Irman, que hospedava aos Frades, vendo-o que hia a pedir esmola, estando tão fraco, e debilitado lhe disse: *Ai, Padre, que tem Vossa Reverencia, que parece querer espirar, e estar morrendo de fraqueza?* Ao pronunciar estas palavras alumeou Deos o entendimento de seu servo, e reparando nellas, como se lhas houvera dito algum Anjo, tornou em si, como quem desperta de hum profundo sono, e conheceo que era tentação do inimigo aquella abstinencia, que fazia. Ao mesmo ponto sentio tal fraqueza, e desmaio, que não podia sustentar-se em pé: teve logo fome, comeo, e ficou confortado Livre desta tentação, permittio Deos o ficasse tambem de todas as outras, e assim tornou à sua quietação, e repouso, celebrando com muita devoção, e sentindo na oração aquella suavidade, e doçura, que antes achava, e maior ainda, em premio do trabalho, por ser costume de Deos (como disse Sára mulher de Tobias) depois das lagrymas, e

tri-

tribulação encher o coração de contentamento, e alegria.

CAPITULO VIII.

Da oração, e maravilhosos extases do Santo Fr. Martinho de Valença.

1 FOi o Santo Fr. Martinho tão grande contemplativo, que nas occupações da vida activa, que ainda aos perfeitos divertem algumas vezes, andava com huma viva consideração da presença de Deos. Trazia tão impressa na memoria a Cruz de Christo, e o que este Senhor padeceo em carne mortal, que padecia mais interiormente em o espirito com a meditação destas penas, que exteriormente em o corpo com as muitas penitencias, que fazia. Esta pena, que no interior padecia, como era tão vehemente, no exterior muitas vezes se manifestava, por mais que elle procurava encubrilla. Particularmente lhe succedia isto na Quaresma desde o Domingo da Paixão atè o primeiro dia da Pascoa; porque nestes dias andava tão macilento, e fraco, como se se tivera levantado de alguma grave, e comprida doença, fazendo mais vehemente apprehensão na Paixão, e Cruz de Christo naquelle tempo, que a Igreja representa estes mysterios. No primeiro dia da Pascoa tornava a suas forças, e natural cor, como se não tivera nada padecido.

2 Tanta doçura, e suavidade de espirito achava na oração, que tinha por regalo o tempo, que gastava neste exercicio. Para se dar a elle com mais socego, fugia quanto lhe era possivel à communicação de seculares, e ainda nos Conventos solitarios, onde morava, se retirava às Hermidas da cerca, se as tinha; ou se estas faltavão, fazia humas como choças de ramos de arvores, onde em mais soledade vacava a Deos. Desconsolava-se tanto, quando nestes retiros o buscava a devoção dos povos, que por esta occasião quiz, como jà dissemos, entrar na Sagrada Religião da Cartuxa. Quando vivia em a nova Hespanha, retirava-se por tempos a huma serra, que está doze leguas da Cidade de Mexico para a parte do Oriente, onde a natureza em huma penha tinha feito huma Hermida, que ainda hoje conserva o nome deste servo de Deos pela muita assistencia, que alli fazia. Nesta lhe fez Deos favores soberanos: hum delles foi, que lhe apparecêrão N. P. S. Francisco, e Santo Antonio, e o certificárão de sua salvação.

3 Tão grande fervor na oração está promettendo maravi-

vilhosos extases: não faltárão estes ao Santo Fr. Martinho, de que referiremos aqui alguns. Na Hermida sobredita o virão muitas vezes extatico, e diversos generos de aves cantando docemente sobre elle, como que o festejavão, e acompanhavão em os louvores Divinos. Hum Religioso ouvindo fallar hum dia de seus continuos raptos, sobreveio-lhe hum desejo de ser testemunha daquella maravilha: para este effeito ficou huma noite escondido em o Coro depois de Matinas, e a pouco espaço, que alli esteve, vio em o mesmo lugar, onde o servo de Deos estava, huma claridade tão grande, que cego com tanto resplandor, não pode ver nenhuma cousa, nem ainda ao Santo Fr. Martinho, que alli estava. Turbado, e com medo do que interior, e exteriormente sentia, se sahio do Coro a toda a pressa, sem que ousasse esperar outra alguma cousa.

4 Estando hospede em o Convento de nosso Padre São Francisco de Salamanca, hum Irmão, que hospedava os Frades em sua casa, andava vendo o Convento; e chegando à hospedaria, onde o Santo Fr. Martinho estava orando, abrindo a porta, vio que estava levantado em o ar, e que todo o corpo lhe tremia, com cuja vista ficou tão edificado, e devoto dos Frades, que quantos passavão pela terra, onde vivia, hospedava com singular caridade. Prégando huma vez em Belvis na semana Santa da Paixão de Christo, quando chegou a tratar de como o Senhor fora crucificado, sentio tão grande compaixão, e dor em sua alma, que levantou a voz, e deo mui grandes gritos, dizendo: *Cravo, cravo.* Dito isto, ficou em extase, sem poder fallar outra alguma palavra. Acompanhava-o hum Religioso espiritual, e simples, que vendo a postura, em que o Santo Fr. Martinho estava, com huma santa inveja lhe disse a vozes altas: *Martinho, Martinho, deixa-te là estar, não tornes cà.* Alguns ouvintes, por se certificarem daquelle rapto, lhe puxavão pelo habito com força: outros demasiadamente curiosos, ou incredulos o punçavão com alfinetes atè lhe tirarem sangue; mas a todas estas curiosas diligencias estava immovel o Santo Religioso. Descêrão-no do pulpito, e rodeado de muita gente o levárão a casa de hum Fidalgo, onde depois de muitas horas, tornando a seus sentidos, deo hum grande suspiro, dizendo: *Porque razão me molestastes tanto, privando-me de tão grande consolação, como a em que estava?* Outras algumas vezes

zes lhe ſuccedeo o meſmo, prégando tambem a Paixão; e em huma dellas, que tornou em ſi mais cedo do que coſtumava, querendo proſeguir o Sermão, não tinha ouvintes, porque ſe tinhão ido da Igreja. Finalmente forão tantos os extaſes deſte ſervo de Deos, que não ſó na oração, mas nas praticas, que tinha com os Religioſos, ficava ordinariamente abſorto, e alienado dos ſentidos; e fora materia prolixa querellos referir todos.

CAPITULO IX.

Revelações, que teve o Santo Fr. Martinho da conversão dos Gentios da nova Heſpanha, e como paſſou a ella.

1 AO meſmo paſſo, que hia creſcendo no Santo Fr. Martinho o amor de Deos, creſcia tambem de tal ſorte o dos proximos, que nenhuma outra couſa trazia tanto diante dos olhos, como a ſalvação das almas, e conversão dos infieis à Fé de Chriſto. Deſejava padecer martyrio, e dar a propria vida a troco de que ſe ſalvaſſem muitas almas, para cujo effeito fazia de continuo oração a Deos, exercitando-ſe em muitos jejuns, diſciplinas, e outros louvaveis exercicios. Rogava aos Religioſos encommendaſſem a Deos certa petição, que com elle trazia, para que ſendo conforme a ſua Divina vontade, lha deſpachaſſe. Punha tambem alguma induſtria, e diligencia humana para eſte fim, porque deliberado jà de ir prégar aos Mouros, pedio licença a ſeus Prelados para paſſar a Africa. Por duas vezes lha negárão; e querendo elle terceira vez pedilla, ſe partio com eſta deliberação em buſca do Prelado. Ao paſſar de hum rio ſe vio em grande aperto, que para ſe ſalvar deixou ir pela agua abaixo huma Biblia, e outros livros eſpirituaes, que para ſua conſolação trazia comſigo. Ficou aſsàs deſconſolado com a perda dos livros: encommendou-os a Deos, e à Virgem Santiſſima com tanta efficacia, que em ſahindo fóra ſe foi o rio abaixo apôs elles, e foi Deos ſervido de lhos tornar, ſem que padeceſſem damno algum, ou detrimento. Neſte tempo huma peſſoa eſpiritual, e devota teve revelação de que a ſeu tempo o Senhor lançaria mão de ſeu ſervo: eſta lhe mandou dizer, que ſocegaſſe, e deixaſſe a jornada, que intentava, por não ſer eſſa para a que Deos o queria, e que eſtiveſſe certo, que, quando chegaſſe a hora, o Senhor, que cuidava delle, o chamaria.

2 Neſtas eſperanças paſſava o Santo, atè que Deos quiz ſatisfazello em algum modo. Antes de o chamar corporalmente, o chamou em visão, moſtrando-lhe as muitas almas, que o eſperavão. Foi o caſo, que eſtando huma noite com os mais Frades em Matinas, em a quarta feira da ſegunda Dominga do Advento, ao principio dellas começou a ſentir huma devoção interior em ſua alma, acompanhada da memoria da conversão dos infieis, que tanto deſejava. Arrebatado ſeu eſpirito neſta conſideração, achava ſentido a ſeu propoſito em muitos verſos dos Pſalmos, que hia rezando, de que ſua alma ſe gozava muito. Augmentou-ſe-lhe mais o goſto em o Pſalm. 58. que começa: *Eripe me de inimicis meis Deus meus*, onde duas vezes ſe repete eſte verſo: *Convertentur ad veſperam, & famem patientur, ut canes*: Pela tarde virão a converter-ſe, e buſcar o pão, como cães famintos. Reparou o ſervo de Deos neſtas, e dizia em ſeu coração: *Quando, Senhor, ſe cumprirá eſta profecia? Quando ſerá eſta tarde? Se a verei eu? Se ſerá neſte tempo? Não ſerei eu digno de ver tal conversão, pois jà eſtamos nas veſperas de noſſos dias, e em a ultima idade do mundo.* Eſtas, e outras couſas dizia comſigo interiormente o ſervo de Deos, feito hum fogo de caridade.

3 Acabados os Pſalmos de Matinas, ſuccedeo por Divina diſpoſição que ſem ſer Hebdomadario, nem Cantor, lhe mandou o Prelado dizer as Lições, (erão ellas tomadas do Capitulo 16. de Iſaias) e lendo-as, achou que tambem fazião a ſeu intento, com que mais ſe inflammou no amor de Deos, e dos proximos. Eſtando-as aſſim lendo à eſtante do Coro, lhe moſtrou Deos em eſpirito grande multidão de almas de infieis, que ſe convertião à Fé, e com muita preſſa vinhão receber o Baptiſmo. Não ſe póde encarecer o grande contentamento, que recebeo com eſta visão; não pode deixar de o manifeſtar, porque rompeo neſtas palavras, que repetio trez vezes: *Louvado ſeja Jeſus Chriſto.* A iſto ſe ſeguio não poder paſſar adiante com as Lições, por ficar abſorto em o que via, e naquella grande miſericordia, que uſava Deos com os homens. Os Religioſos ignorantes do myſterio, vendo o que paſſava, e entendendo que perdia o juizo, o levárão à cella, e para o aſſegurarem, temendo alguma deſgraça, lhe cravárão a janella, e fechárão a porta, tornando-ſe para o Coro a proſeguir as Matinas. Toda aquella noite,

te, e ao outro dia, atè que se dizia a Missa maior do Convento, esteve naquelle rapto maravilhoso, que forão quasi dez horas. Neste tempo tornando em si, e indo para abrir a janella, como a achasse pregada, entendeo a causa; e sorrindo-se do temor, que os Frades tinhão, tornou a contemplar na mysteriosa visão, que tinha visto, pedindo encarecidamente a Deos lhe mostrasse diante dos olhos corporaes o que víra com os da alma.

4 Não só teve revelação o Santo Fr. Martinho dos gentios, em cuja conversão elle foi instrumento, mas tambem de outros, que se havião de converter; porque mais de vinte annos antes de se descubrir a China, nem que por via de Portugal, ou Castella houvesse noticia daquelles Reinos, teve revelação de sua conversão à Fé. Estando em oração, vio huns homens de bem proporcionada estatura, diante dos quaes estavão humas aves batendo com as azas, como que querião voar; e era de tal sorte, que com as pontas das azas chegavão aos beiços daquelles varões, causando-lhes tão fresca viração, que os deixava summamente recreados, e contentes. Não podia entender o que aquella visão representava: revelou-lhe o Senhor, que aquelles homens erão outros gentios, que se havião de converter à nossa Santa Fé, de melhor entendimento, e capazes para os exercicios da oração, e contemplação; e que a viração, com que aquellas aves os recreavão, era a suavidade da Fé, e doutrina Euangelica, que havião de receber.

5 Segunda vez lhe revelou Deos o mesmo, ainda que de differente modo. Parecia-lhe que estava junto a hum rio, e da outra parte duas mulheres cada huma com seu menino em os braços: huma dellas era fea, e seu filho tambem feio, e doente dos olhos; a outra era formosa, e o menino formoso por extremo. Querendo passar o rio a mulher fea, não se atrevia; com tudo entrou nelle, com muito temor o começou a vadear, e como desvanecida, porque as ondas a turbavão, tropeçavão a cada passo; mas ainda que com perigo, e trabalho, passou o rio sem cahir. A mulher formosa, antes que entrasse no rio com o seu menino, que tinha em os braços, olhava attentamente ao Santo Fr. Martinho, rindo-se para elle com o rostro alegre, e o menino estendia o braço, como pedindo ao Santo lhe désse a mão, e o passasse onde elle estava. Logo com o menino entrou a mãi em o rio; e ainda

que era grande, e caudelofo, fem que lhe foffem impedimento as ondas, ou outra alguma coufa, o paffou ligeiramente, e com muita facilidade. Foi-lhe declarado ao fanto varão, que aquella mulher fea com feu filho era a Igreja da nova Hefpanha, cujos filhos tem os olhos enfermos pela pouca luz de feu entendimento, porque pafsão pelos Myfterios da Fé, como às efcuras, turbados, e alienados, fem faberem dar conta de fi; e que a outra mulher formofa era outra nova terra, que fe havia de defcubrir, e nova Igreja, que nella fe havia de fundar, cujos filhos ferião formofos, ifto he, bons Chriftãos, e efpirituaes, convertidos de fua vontade, fem alguma violencia, e affim ferião fervorofos em a Fé, e conftantes em a Lei de Deos.

6 Eftas ultimas duas revelações, a das aves, e das duas mulheres, teve o Santo Frei Martinho, eftando actualmente occupado em a conversão dos gentios da nova Hefpanha, depois de ter convertido nella muita infinidade de almas. Com eftas revelações lhe crefceo tanto o defejo de ir prégar àquella dilatada Provincia da China, que efcolheo logo companheiro para aquella jornada. Chegou ao porto, onde fe havia de embarcar; mas foi Deos fervido (por feus occultos juizos) que tão fanta obra não tivefle effeito, porque ao tempo de fe embarcar achárão os navios perdidos, fuppofto que novos, feitos para aquella jornada. Grande foi o fentimento, e defconfolação do Santo Fr. Martinho: dizia com ardente zelo da falvação daquellas almas: *Deixai-me ir em huma cabaça, que eu efpero que Deos me ha de guiar, e levar aonde defejo*; moftrando neftas palavras a dor, que feu coração fentia, por não poder ir dar a mão àquelle menino, que tinha vifto, e o chamava. Tornou-fe a Mexico cançado de andar a pé, e defcalço trezentas leguas, que por remediar aquellas almas tinha caminhado. Intentou fegunda vez aquella jornada, mas tambem não teve effeito por outros inconvenientes.

7 Doze annos depois daquella primeira revelação, que diffemos teve o Santo Fr. Martinho em o Convento de noffa Senhora de Monte Cœli, lhe cumprio Deos o defejo, que tinha de paffar à nova Hefpanha. Em huma Congregação, que celebrou a Provincia de São Gabriel no feu Convento de Belvis a 24. de Outubro de 1523. nomeou o Miniftro Geral Fr. Francifco dos Anjos, que nella prefidio, treze Religio-

gioſos, e por Prelado delles ao Santo Fr. Martinho de Valença, com titulo de Cuſtodia do Santo Euangelho, que havião de fundar, como depois fundárão naquellas partes. Deolhe Carlos V. cartas para os Governadores daquelle Reino, que lhe deſſem o adjutorio neceſſario para ſeu miniſterio, e juntamente humas Letras Apoſtolicas de Adriano VI. cuja data [a] foi a 10. de Maio de 1522.
p. 10. nas quaes o Summo Pontifice lhe concedia toda a ſua omnimoda poteſtade, aſſim em o foro interior, como exterior, para tudo aquillo, cujo exercicio não pede neceſſariamente Ordem Epiſcopal. Por virtude deſtas Letras Apoſtolicas foi conſtituido o Santo Fr. Martinho de Valença por Vigario Apoſtolico, e Legado do Papa em aquelle novo mundo, e cabeça daquella Igreja, e Chriſtandade. Depois por outra Bulla do meſmo Pontifice ſe lhe deo titulo, e officio de Commiſſario Geral da Santa Inquiſição, com authoridade de poder ſubſtituir eſte officio em outro qualquer, que lhe pareceſſe, como em effeito ſubſtituio em hum Veneravel Religioſo da Ordem de noſſo Padre S. Domingos.

CAPITULO X.

Do copioſo fruto, que fez o Santo Fr. Martinho na nova Heſpanha.

1 PArtio de Heſpanha o Santo Fr. Martinho com ſeus doze companheiros dia da Converſão de São Paulo do anno de 1524. chegou com proſpera viagem a Mexico na Vigilia de Pentecoſtes a 15. de Maio do meſmo anno. Forão os primeiros, que prégárão naquellas barbaras terras o Santo Euangelho, pelo qual muitos Authores chamão Apoſtolos do novo mundo. A primeira couſa, em que entendeo o ſervo de Deos, foi deſterrar a idolatria, para que aquelles barbaros mais facilmente ſe converteſſem a Deos. Derribárão todos os templos, que naquella terra achárão, levantando Igrejas, onde arvorárão o ſoberano eſtandarte da Cruz. Nos primeiros dias puzerão por terra mais de quinhentos templos, onde o demonio era adorado, e mais de vinte mil idolos; e houve dia, em que ſó hum daquelles Religioſos queimou mil idolos por ſua mão.

2 Não foi eſte meio pouco efficaz para aquelles Indios ſe converterem com mais facilidade à noſſa Santa Fé; porque

que como lhe tirárão diante dos olhos os idolos, que adoravão, e deſtruírão os templos, recorrião aos dos Chriſtãos, por ſerem de ſua natureza inclinados a couſas de Religião. Deſappareceo logo o demonio, que naquelles idolos fallava cada hora aos Indios, dando-lhes reſpoſtas ao que lhe perguntavão, com cujos enganos andavão tão cegos, que no principio ſentírão grandemente a deſtruição dos templos. Foi innumeravel a gente, que o ſervo de Deos converteo; tanto, que diz Bocio, [a] que he couſa incrivel dizer o que o Santo Fr. Martinho trabalhou neſta conversão. Em hum tratado impreſſo, que daquellas partes ſe enviou a Filippe III. de Caſtella, ſe diz, que ſó em a Cidade de Xuchmelco, e em ſua Comarca [b] tinhão baptizado dezeſeis milhões de Indios; e daqui ſe póde inferir os que baptizarião em todo aquelle novo mundo.

[a] De Signis Eccl. l. 12. cap. 21.

[b] Daça citat. cap. 11.

3 Havia naquellas partes, quando o Santo Fr. Martinho paſſou a ellas, hum abominavel coſtume entre aquelles Indios, e era, que ſacrificavão homens ao demonio, eſtando niſto tão cegos, que cada anno paſſavão de vinte mil [c] os que em a Cidade de Mexico ſacrificavão, que pela maior parte erão meninos, e lhe tiravão os corações, que offerecião aos ſeus deoſes. Eſte erro lhes tirou logo o Santo Fr. Martinho, e com elle outros muitos vicios, que tinhão. Grandes forão as contradições, que padeceo na conversão daquelles gentios, não só do demonio, que ſentia ver-ſe deſpojado do que havia tantos annos poſſuia, mas tambem ainda alguns Capitães Catholicos, que governavão Cidades, ſe lhe oppuzerão, moleſtando-o algumas vezes, porque detinha aos Indios, catequizando-os, e inſtruindo-os na Fé, não querendo elles ſenão occupallos tão ſómente em o trabalho das minas, antepondo a inſaciavel cobiça, que tinhão de ouro, e prata, à honra de Deos, e ſalvação daquellas almas. Todas eſtas oppoſições, ajudado da Divina graça, venceo o Santo Religioſo, diſcorrendo com huma infatigavel diligencia por todo aquelle novo mundo; o que conſiderando o douto, e piedoſo Varão Fr. Lourenço Surio, [d] diz, que foi providencia Divina, que em o tempo, em que hum Martinho (que foi Luthero) pervertia com os abominaveis dogmas de ſuas hereſias multidão de almas em Alemanha, neſſe meſmo outro Martinho (que foi o noſſo Santo) convertia outra maior multidão à noſſa Santa Fé em as Indias Occidentaes com ſua ſanta vida, e obras milagroſas.

[c] Idem ibid.

[d] Surio Com rerum Orbe tar. a 1558.

4 Hum

4 Hum dos meios importantes, que o Santo Fr. Martinho tomou para a converſão daquelle novo mundo, foi fundar Seminarios, onde criava meninos, para que eſtes inſtruidos na doutrina Catholica, enſinaſſem a ſeus pais, e naturaes. Hum dos mais celebres foi o Seminario de Haxcala, donde havia mais de quinhentos meninos, e muitos delles filhos de grandes ſenhores, e principaes daquella terra, e todos erão diſcipulos do Santo Fr. Martinho. Dous deſtes derão a tenra vida por amor de Jeſus Chriſto, que por ſer couſa tão particular, e fruto dos trabalhos do Santo Padre he bem que os eſcrevamos para gloria de Deos. No anno de 1526. chegárão àquellas Indias doze Religioſos de noſſo Padre S. Domingos, [e] que trabalhavão na converſão dos gentios com o Santo Fr. Martinho de Valença. Hum delles chamado Fr. Bernardino, querendo entrar a terra a dentro a prégar aos Indios, pedio ao Santo Fr. Martinho lhe déſſe alguns daquelles meninos, que ſoubeſſem ajudar à Miſſa, e alguma couſa das ceremonias Eccleſiaſticas, e da doutrina Chriſtam, para que lhe ajudaſſem em a adminiſtração dos Sacramentos. Chamou o Santo aos meninos ſeus diſcipulos, e declarou-lhes o intento do Padre Fr. Bernardino. Tanto que ouvírão iſto, quando hum delles, que ſe chamava Antonio, filho de hum nobre Indio, e neto do ſenhor de Haxcala, diſſe: *Padre meu, eu folgarei muito de ir ſervindo ao Padre, e ſer ſeu companheiro em tão ſanta jornada.* Ao meſmo ſe offereceo outro menino principal chamado Diogo. Ao menino Antonio ſervia hum pagemzinho, chamado João, que quiz acompanhar a ſeu amo, e ſervir a Deos em tão ſanta obra.

5 Preparados os trez meninos para a jornada, quizerão receber a benção de ſeu Santo Meſtre, que com eſpirito de profecia lha deo com mui amoroſos abraços; e derramando ſobre elles muitas lagrymas, lhes diſſe: *Filhos meus, olhai que ides fóra de voſſa terra a padecer trabalhos entre infieis: ſinto muito, por ver-vos de tão tenra idade, a falta do regalo de voſſas caſas, e o apartareis-vos de voſſos pais, que vos gerárão. E ſe quereis que vos diga o que ſinto, ſabei que vos hão de matar os inimigos do Euangelho; e pelo muito, que vos amo, filhos, em o Senhor, vos digo deſde logo, que ides, como cordeiros entre lobos, a morrer por ſeu Santo nome.* O menino Diogo diſſe: *Se nos enſinas, que Deos morreo por nós, que muito que façamos o meſmo por elle?* Accreſ-

crescentou Antonio: *Padre, se no caminho nos tirarem a vida por amor de Jesus Christo nosso Senhor, de boa vontade desde logo lha offerecemos; pois tu nos prégaste a semana passada, que crucificárão a S. Pedro, e degollárão a S. Paulo: e hontem nos disseste que S. Bartholomeu morreo esfolado por amor de Deos: nós-outros, Padre, desejamos padecer por seu amor estes martyrios, e outros maiores: por tanto não nos dilates, senão dános tua benção, e licença.* Desfazia-se em lagrymas de ternura o Santo Fr. Martinho com ver tanta fortaleza em tão pouca idade, e dando-lhes a benção, os entregou ao Padre Fr. Bernardino, a quem havião de acompanhar.

6 Chegou com elles a Tapeaca, e desejando reduzir os moradores desta grande povoação à nossa Santa Fé, de que os mais delles, sendo convertidos, tinhão apostatado, mandou aos trez meninos, que lhe trouxessem quantos idolos achassem, e elles o fizerão com tanto zelo, e valor, que dentro em trez, ou quatro dias, não deixárão idolo algum em templo, ou em casa particular. Não achando mais neste lugar, passárão dahi huma legua a outro, onde Deos tinha guardado aos dous a coroa de martyrio. Entrou o menino Antonio em huma sala a buscar os idolos, não achou nella pessoa alguma, senão só outro menino, como elle, à porta, com quem se ficou o pagemzinho João. Neste tempo chegárão dous Indios principaes, e aggravados dos meninos, porque lhe tiravão os seus deoses, com huns grossos bastões derão tão fortes golpes em o menino João, que aos primeiros lhe abrírão a cabeça, e tirárão a vida. Sahio ao estrondo Antonio, e vendo a crueldade dos barbaros idolatras, se lembrou das palavras, que lhe disse seu bemdito Padre, e Mestre o Santo Fr. Martinho, e confortado em o Senhor, os reprehendeo, dizendo: *Que he isto crueis? Porque matais este Anjo? Eu sou o que vós-outros buscais, e o que tem destruido vossos idolos, que ainda que os adorais por deoses, não o são, senão demonios, que por vosso bem vo-los tiro: eu, eu mesmo, e não este pobrezinho, deixai-o, que aqui estou eu.* A estas razões se embravecêrão mais os idolatras, e com desejo de vingarem a injuria de seus idolos, começárão a dar golpes em o menino Antonio, o qual o pouco tempo, que durou a vida, chamava a Deos, e lhe dizia: *Senhor meu, levai-me aonde estais, pois morro por vossa causa. Ah Senhor meu Jesus Christo, enviai por minha alma. Senhor*

nhor meu Jesus Christo, favorecei-me. Com estas palavras espirou.

7 Outro menino, discipulo tambem do Santo Fr. Martinho, e criado no mesmo Seminario, padeceo martyrio a mãos de seu proprio pai. Chamava-se elle Christovão, de idade de doze annos, tão zeloso da honra, e culto de Deos, que quando hia alguma vez do Seminario a casa de seu pai, lhe prégava a Fé, lançava por terra, e quebrava quantos idolos achava por casa. Levava o pai mui pezadamente estas cousas, mas dissimulava-as, porque lhe queria muito, e era o que lhe havia de succeder em o morgado; mas como o Santo menino insistisse neste seu zelo, embraveceo-se o pai de maneira, que determinou por suas proprias mãos tirar-lhe a vida. Para este effeito pedio ao Santo Frei Martinho que lho désse, e outros trez filhos seus, que estavão no Seminario, porque queria fazer em sua casa huma festa, e desejava que se achassem nella seus filhos. Quando os teve em casa juntos, disse aos trez, que o deixassem só com Christovão. Hum delles, chamado Luiz, entrou logo em alguma suspeita, e assim procurou com alguma diligencia ver o que o pai fazia. A pouco tempo ouvio queixar a Christovão seu irmão; e olhando por huma janella, vio que seu pai o arrastava pelos cabellos, e o tinha a seus pés, dando-lhe tantos couces, que bastárão a tirar a vida ao homem mais robusto, quanto mais a hum menino. Depois deste tormento lhe deo outro mais rigoroso, que foi quebrar-lhe o corpo tenro com hum grosso bastão. Desde que aquelle cruel começou a tratar desta sorte ao filho, dizia o menino: *Senhor Deos meu, tende misericordia de mim. Senhor, se quereis que eu morra por vós, isso mesmo quero eu; e se outra he vossa vontade, livrai-me da crueldade de meu pai.* Não se enterneceo este, ainda que vio tão mal tratado ao filho, antes mais embravecido pelo ouvir chamar por Deos, mandou accender huma grande fogueira, e nella lançou ao menino. Tirárão-o della, cuidando que estava jà abrazado; porèm ainda sahio della com vida, que durou toda aquella noite seguinte. Na manhã mandou chamar o pai, e lhe disse: *Não estou comigo enojado, nem tenho, pai, porque; antes me tens feito o maior bem, que jà mais pai algum fez a seu filho.* Acabando de dizer isto, e chamando por Deos mui de véras, e pela Virgem nossa Senhora, e nosso Padre S. Francisco, em cuja Casa se tinha criado, deo a alma a Deos.

Eſtes forão os frutos da prégação do Santo Fr. Martinho: a infinidade de almas, que a Deos converteo, não houve quem as pudeſſe numerar, e aſſim paſſaremos a hiſtoriar ſua morte.

CAPITULO XI.

Da morte do Santo Fr. Martinho de Valença.

1 HUm dos doze Religioſos, que paſſárão com o Santo Fr. Martinho às Indias Occidentaes, chamava-ſe Fr. Antonio Ortiz. A eſte deſcubrio o Santo ſua morte, eſtando ainda em Heſpanha. Onze, ou doze annos antes della lhe diſſe: *Irmão Fr. Antonio, eu ſei hum Frade, que da outra parte do mar ha de morrer em voſſos braços: não morrerá em cama, ſenão em campo.* Aſſim o tinha Deos revelado a ſeu ſervo; mas como lhe não foi declarado ſe aquella morte no campo havia de ſer violenta por martyrio, ou natural por enfermidade, perſuadio-ſe que ſeria por martyrio, pelo muito, que o deſejava, e tinha pedido a Deos com muita inſtancia em ſuas orações; mas como Deos lhe tinha ordenado outra morte, não conſeguio o Santo Frei Martinho o que tanto anhelava. Coſtumava elle a tempos, à imitação de noſſo Padre S. Franciſco em o Monte Alverne, recolher-ſe em huma Hermida, obra da natureza entre hum penhaſco, ſituada na meia ladeira de huma alta, e devota ſerra, onde ſe dava à contemplação das couſas do Ceo.

2 Neſte lugar o viſitou Deos com a ultima enfermidade dia do Archanjo S. Miguel do anno de 1534. Conheceo o Santo que era a derradeira, e aſſim diſſe a ſeu companheiro: *Jà ſe acaba.* Não entendeo elle o que o Santo queria dizer naquellas breves palavras, e aſſim lhe perguntou: *O que, Padre?* A que elle não deferio. Da Hermida foi levado ao Convento de Talmanalco, onde recebeo os Sacramentos com grande alegria de eſpirito, e ſumma devoção. Os Frades cuidadoſos daquella enfermidade, determinárão levallo a curar a Mexico, e para eſte effeito o embarcárão; porèm apenas entrou na barca, conhecendo que a ſua ultima hora era chegada, diſſe aos companheiros, que logo o tornaſſem a pôr em terra. Fizerão-o aſſim; e olhando elle a Fr. Antonio Ortiz, que era hum dos que o acompanhavão, lhe diſſe: *Irmão Frei Antonio, Fraudatus ſum à deſiderio meo;* que foi dizer: *Não ſe ha cumprido o meu deſejo de padecer martyrio por amor de Chriſto.*

Poz-

Poz-ſe de joelhos em terra, as mãos poſtas, e olhos levantados ao Ceo, encommendando-ſe muito a ſeu Creador, deixou a vida temporal reclinado em os braços de Fr. Antonio Ortiz. Então ſe lembrou elle do que o Santo lhe tinha dito, eſtando ainda em Heſpanha, àcerca de ſua morte.

3 Morto o Santo Fr. Martinho, o tornárão a levar os companheiros para o Convento de Talmanalco, e no meio da Capella lhe derão ſepultura. Poucos dias depois ſoube o Cuſtodio daquella Cuſtodia do Santo Euangelho (jà Provincia) da morte, veio ao ſobredito Convento, fez deſenterrar o corpo, e pollo em hum ataúde de madeira, e em ſima da ſepultura huma pedra grande com o ſeu nome. O meſmo Cuſtodio diſſe pelo defunto aquelle dia Miſſa de S. Miguel, por ſaber havia ſido eſpecial devoto daquelle Anjo; e no tempo, que a Miſſa ſe dizia, eſtava huma peſſoa devota na Igreja, a qual vio ao Santo deſde que ſe começou o Gloria atè o fim da Miſſa eſtar ſobre a ſepultura em pé, veſtido em ſeu habito, com as mãos enfronhadas em as mangas, e os olhos inclinados para a terra, como ſe lê de S. Luiz Biſpo. Tanto amor teve o Santo Fr. Martinho em vida à humildade, e ſanta pobreza, que ainda depois de morto quiz que eſtas virtudes o acompanhaſſem na ſepultura. Tirárão huma vez os Frades a pedra de ſua ſepultura, e deſcubrírão ſeu corpo para o venerarem, e louvarem a Deos em ſeu ſervo; e achando-o tão inteiro, como quando eſtava vivo, e que lançava de ſi huma ſuaviſſima fragrancia, lhe tirárão por devoção huma taboa do ataúde, e em ſeu lugar puzerão outra nova, curioſa, e pintada, e tornárão a cubrir o corpo. Pouco depois ſe ouvírão dentro da ſepultura muitos golpes, os quaes durárão, atè que os Frades preſumindo o que podia ſer, tirárão a taboa nova, e curioſa, tornando a pôr a que antes tinha.

4 Neſte lugar eſteve ſepultado ſeu ſanto corpo por mais de trinta annos, e neſte tempo foi aberta ſua ſepultura muitas vezes, e viſto inteiro, e incorrupto, atè que no anno de 1567. ſem ſe ſaber como, nem de que maneira, deſappareceo, nem atè agora ſe tem deſcuberto raſto delle. Achou-ſe menos no ſobredito anno, porque vindo o Provincial daquella Provincia do Santo Euangelho ao Convento de Talmanalco, mandou abrir a ſepultura do ſervo de Deos, para moſtrar aquella precioſa reliquia a ſeu companheiro, que a deſejava ver, ſuppoſto que jà no anno anteceden-

te a tinha viſto. Tirárão a pedra da ſepultura, e ainda que cavárão muito fundo, não achárão o ſanto corpo. Fizerão diligente inquirição por todas as partes, aſſim entre Frades, como entre Indios, e nunca ſe pode achar o menor indicio, ainda que ſe fizerão muitas diligencias. No anno de 1580. ſe publicárão para eſte fim muitas excommunhões, mas nada aproveitárão. Muitos attribuírão iſto a milagre, e ſegredo de Deos, parecendo-lhes ſer impoſſivel furtarem o corpo, ſem que os Frades tiveſſem diſto noticia alguma, ou pelo menos, por eſtar na Capella mór da Igreja ſua ſepultura, ficar algum indicio de terem levantado a pedra, mas nem eſte final ſe achou; com que não vai fóra da razão aquelle penſamento.

5 Alguns milagres obrou Deos noſſo Senhor pelos merecimentos de ſeu ſervo depois de ſua morte: foi o primeiro, que como huma vez abriſſem ſua ſepultura, achou-ſe preſente hum Religioſo, que totalmente tinha perdido o ſentido de cheirar, e apenas ſe abrio a dita ſepultura, ſentio aquelle Religioſo huma grande ſuavidade, e fragrancia, que o ſanto corpo de ſi lançava, e foi logo são, tanto, que nunca jà mais padeceo defeito, ou achaque naquelle ſentido. Tambem ſe diz que o Santo Fr. Martinho ſarou huma mulher muito enferma, que ſe encommendou em ſuas orações. Encommendando-ſe aſſim meſmo ao ſervo de Deos hum Religioſo múi perſeguido, e moleſtado de tentações, foi livre de todas ellas. Pelo muito que os Indios veneravão a ſantidade do Santo Fr. Martinho, recolhêrão depois de ſua morte as couſas, que pudérão haver de ſeu uſo, como forão hum cilicio, huma tunica, e duas caſulas, com que dizia Miſſa. Experimentárão a virtude daquellas reliquias em muitas enfermidades, principalmente em humas pragas peſtiferas, com que ſe vio opprimida a nova Heſpanha. Muitos mais puderamos eſcrever deſte Veneravel Religioſo, que omittimos, por andar eſcrito por varios Authores, antes nos eſtendemos muito, ainda que aſſim o pedia a obrigação; porque alèm de ſer companheiro nos trabalhos dos noſſos primeiros Fundadores, quando logo ſahio da ſua Provincia de Sant-Iago, veio para as Caſas, que a Cuſtodia do Santo Euangelho tinha em Portugal, onde morou oito annos, deſde o de 1501. atè o de nove, em que ſe foi para as de Caſtella; nem fizera eſta mudança, ſenão fora obrigado dos rogos de Fr.

João

João de Argumanes seu Mestre; se bem que foi providencia Divina, porque as de Castella tinhão necessidade de seu favor, e as de Portugal logravão jà pacifico socego; bastalhe a estas para sua gloria sahir de huma dellas, que foi a Piedade, como Sol a illustrar o novo mundo.

CAPITULO XII.

Memoria do Veneravel Religioso Fr. João da Veiga.

1 ALguns annos depois que o Santo Fr. Martinho entrou em as Indias Occidentaes de Castella, fez tambem a mesma missão hum Religioso, filho desta Provincia; a occasião que para isto houve foi a seguinte. No anno de 1532. escreveo a Emperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos V. e filha de ElRei D. Manoel de Portugal, huma carta ao Capitulo Geral de Tolosa, [a] celebrado no mesmo anno, em que pedia aos Padres nelle congregados, escolhessem de todas as Provincias de Hespanha alguns Religiosos de approvada vida para irem prégar o Euangelho às Indias Occidentaes; que supposto tinhão jà passado muitos Religiosos àquellas partes, erão com tudo poucos a respeito das muitas terras, que de novo se descubrião. Em cumprimento desta carta mandou o Commissario Geral Fr. Nicoláo Herbonio, eleito naquelle Capitulo, huma Patente sua por todas as Provincias de Hespanha, em que depois de incitar àquella santa missão, apontava aos Provinciaes os requisitos, que havião de ter aquelles, que destinassem para este ministerio. Chegou esta Patente à nossa Provincia da Piedade, sendo Provincial della Fr. João de Albuquerque, offereceo-se hum Veneravel Religioso chamado Frei João da Veiga, que sendo professo, e criado nesta Provincia, foi tal o descuido de nossos antigos, que nos deixárão sepultadas suas acções, e patria, a noticia que delle temos devemos aos estrangeiros. [b] Levou comsigo por companheiro a outro Religioso, aquem as Historias chamão Fr. João Gomes. Costume he mui antigo em a Provincia da Piedade tomarem os filhos della os appellidos das terras, onde nascêrão; nem estes dous Religiosos o deixárão, senão depois que se encorporárão nas Provincias das Indias Occidentaes, por se conformarem ao estylo dellas.

2 Foi Fr. João da Veiga hum dos mais insignes Prégadores de seu tempo; seguia-o innumeravel povo, porque alèm da

[a] g. ad ... 2.

[b] Cordova na Chron. Francisc. do Perù l. 3. cap. 11. Agiol. Lusit. tom. 3. Junho 4. lit. C.

da particular graça, que tinha para apredica, era maior o fervor de espirito, com que reprehendia os vicios, e exhortava às virtudes. Maravilhoso foi o fruto, que com seus Sermões fez naquelle novo mundo, porque os acompanhava com hum raro exemplo de perfeição, aspereza de vida, e pobreza Euangelica. A abstinencia foi notavel: nunca comeo cousa alguma fóra da Communidade, obrando nisto tão indispensavelmente, que sendo Confessor do Marquez de Canhete, Vice-Rei nas Indias, jà mais pode acabar com elle que jantasse fóra, ou lhe mandasse regalo algum de sua meza. Assinalou-se entre todos em tanta perfeição, e virtude, que erigindo-se a Custodia de Chile em Provincia, com titulo da Santissima Trindade, o escolhêrão a elle por primeiro [c] Provincial.

[c] Gonzag. pag. 1347.

3 No governo se mostrou manso, e pacifico, com grande inteireza, e efficacia no que emprendia, sendo mui pontual na observancia religiosa, com cujo exemplo vivia na mesma fórma todo o corpo da Provincia. Sua caridade foi estremada: obrigado desta visitava inquitavelmente todos os dias manhã, e tarde os enfermos, sem que fosse bastante nenhuma, ainda que grande occupação, para o divertir deste seu cuidado. Reprehendia com aspereza qualquer falta, que se tivesse com elles, como tambem com os velhos, e anciões; mandava que a estes se fizesse todo o bom tratamento, dando por razão que bem o merecião, pois tinhão servido à santa Religião. Sendo para todos tão brando, e piedoso, para comsigo era tão rigoroso, e austéro, que ainda depois de quebrantado dos muitos annos era sua vida hum vivo retrato da mortificação, e penitencia. A virtude da santa humildade teve em gráo superior, fazendo-se desestimar, e conhecer pelo mais vil de todos: desta lhe nascia não obrar cousa alguma; sem que primeiro tomasse conselho: exemplo, que se muitos Prelados seguírão, não evitarião poucos erros. Exhortava nos Capitulos, que tomassem sempre parecer, ainda que fosse dos pequenos, porque desta sorte melhor se acertava.

4 Para o apurar na paciencia permittio Deos que fosse perseguido dos Prelados; e supposto o foi sobre maneira, ninguem jà mais lhe ouvio de sua boca palavra, que soasse a menor queixa; antes fallando certo dia com hum amigo seu particular, lhe disse, que nunca se acordára do mal, que se lhe fizera, nem do bem lhe ficá-

cára memoria alguma. Foi isto grande parte, para ser ajustado seu governo, sendo Prelado: pois não menos o perverte a lembrança do beneficio, que a memoria do aggravo. Nunca jà mais se lhe ouvio dizer mal de alguem, nem consentio que em sua presença se dissesse palavra descomposta, ou menos honesta: sempre fallava de Deos com espirito, e das cousas proveitosas à alma com fervor. Nos ineffaveis mysterios da vida de Christo meditava de dia, e de noite com tanta doçura, e suavidade, que de quantas cousas olhava, tinha presente, e tomava nas mãos, tirava mel divino de contemplação. Em sua boca erão frequentes os louvores Divinos, e amorosas jaculatorias, que como settas de fogo despedia seu abrazado coração, mostrando nestas exteriormente o incendio, que em seu peito ardia. O corpo trazia tão mortificado, que de fraqueza apenas se podia sustentar; mas tão rendido à razão, que para aceitar as muitas, e rigorosas penitencias, com que o macerava, não era necessario lhe fizesse muita violencia, antes costumava dizer muitas vezes com Jeremias fallando [c] com
16. Deos: *Senhor, não senti trabalho em seguir-vos, porque não ha dor em Jacob, nem cansasso em Israel.*

5 Ninguem foi tão ambicioso da propria estimação, como este Santo Religioso do menosprezo de si mesmo. Sendo Provincial da Provincia da Santissima Trindade de Chile, andando na visita della, antes de chegar aos Conventos dizia com grande sentimento, e lagrymas a seu companheiro Fr. João Gomes: *Oh irmão, se quando chegarmos, e tangermos à campainha, sahir o Porteiro mui desabrido, e nos disser palavras injuriosas, e passando a obras, nos der com humas disciplinas, e responder não conheço Fr. João, e com estes, e outros vilipendios nos fechar a porta, e deixar de fóra às inclemencias do tempo, que grande gosto, e alegria teria minha alma!* Deste alto sentimento, e luz superior lhe procedia estimar grandemente as injurias, que lhe fazião, como se nellas lhe fizessem as maiores honras. Acabado o triennio de seu Provincialato na Provincia de Chile, voltou para a dos doze Apostolos, onde estava encorporado; nella foi Vigario Provincial, e duas vezes Guardião. Desta o tirárão outra vez para Provincial da Provincia de Charcas, andando assim com seu exemplo illustrando como Sol todas aquellas Provincias do novo orbe.

6 Andando na visita desta, lhe deo huma tão apertada dor de

de coſtas, que o reduzio ao ultimo termo da vida; e eſtando jà agonizando, ſem alguma eſperança della, invocárão ſeus companheiros o favor da Rainha dos Anjos, promettendo que ſe lhe alcançaſſe de ſeu precioſo Filho a deſejada ſaude, irião viſitar ſua Caſa de Copa Cavana, milagroſo Santuario do novo mundo. Feita a promeſſa, ſe achou o enfermo cercado de huma candida nuvem, bordada de cambiantes luzes, e ſemeada de tantas eſtrellas, e por extremo tão luzidas, como ſe forão muitos Soes juntos. No mais alto da nuvem deſcubria-ſe huma matrona de veneravel mageſtade, veſtida de roupas roçagantes, com coroa na cabeça, e ſceptro na mão, tão bella, e tão formoſa, como a meſma belleza, e formoſura. Reconheceo o enfermo ſer a Rainha do Ceo, e da terra a que lhe apparecia, com cuja celeſtial preſença ſentio o que ſe não póde explicar, nem comprehender humanamente. Olhou a Senhora como Mãi de miſericordia para elle; e chegando-ſe à cama, com todo o affecto lhe diſſe: *Levanta-te, filho, que jà eſtás bom.* Pronunciadas eſtas palavras amoroſas, deſappareceo eſta celeſtial visão, confirmando a verdade della o milagroſo effeito, porque no meſmo inſtante ſe achou perfeitamente são o que jà por momentos eſperava a morte. Ficou cheio de extraordinaria alegria, e gozo incomparavel, que lhe deixou por muito tempo aquella ſoberana viſita.

7 Os companheiros, que com lagrymas em ſeus olhos da funeſta hora, que eſperavão, ficárão adormecidos de cançados, vendo-o jà são, e ſabendo o meio, por onde alcançára tão repentinamente ſaude, choravão de contentamento com maior abũndancia, que pouco antes de triſteza. Tanto que amanheceo, forão logo viſitar a Santa Imagem, e dar-lhe as graças daquella tão aſſinalada mercê, e beneficio, indo o ſervo de Deos duas leguas antes a pé totalmente deſcalço com muita devoção, onde teve huma novena, e ficou pintado na Igreja o milagroſo apparecimento para perpetua memoria.

8 Trez annos eſteve na Provincia de Charcas; acabados elles, voltou a Lima, cabeça da mui reformada Provincia dos doze Apoſtolos, onde obrigado da obediencia aceitou a Guardianía daquelle Convento. Neſte alentado com os auxilios da Divina graça ſe eſmerou mais na ſantidade, e creſceo na virtude, cantando, como Ciſne propinquo à morte, mais ſuavemente ſuas jaculatorias, como prognoſticando aſ-

ſim

ſim a deſpedida; e aſſim foi, porque em breve occupado neſtes ſantos exercicios o achou a ultima enfermidade. Nella recebeo os Sacramentos com perfeito juizo veſtido no habito, como andava em ſaude, coſtume inviolavel da Provincia da Piedade, onde ſe tinha criado, e de quem era filho. Chegado o tempo da partida, abrio os olhos, que tão fechados teve ſempre para o mundo, e levantados agora para o Ceo, entoou com grande eſpirito o Cantico, que o Santo Velho Simeão diſſe, tendo o Salvador em ſeus braços: *Nunc dimittis ſervum tuum, Domine, ſecundùm verbum tuum in pace*; e não dizendo mais outra alguma palavra, partio ſua alma a receber o premio dos muitos trabalhos, que tinha neſta vida padecido. Foi ſeu tranſito no ſobredito Convento da Conceição de Lima no anno de 1596. jà em idade decrepita.

CAPITULO XIII.

Do ſetimo Miniſtro Provincial, e da Caſa de Eſtremoz, que ſe recebeo em ſeu tempo.

35 1 NO fim do triennio do noſſo Miniſtro Provincial Fr. João de Albuquerque celebrou-ſe Capitulo Geral em o Convento da Santa Cruz da Cidade de Niza, onde ſahio por Miniſtro Geral o Padre Fr. Vicente Lunel. Neſte aſſiſtio o noſſo Provincial; e como déſſe conta ao Miniſtro Geral que hia jà no fim o ſeu triennio, elle lhe commetteo a Preſidencia do Capitulo futuro, e de todas as acções capitulares; que ſupposto havia jà alguns annos, que ſe coſtumava na Ordem mandarem-ſe Viſitadores às Provincias para reſidenciarem do governo dos Provinciaes, e preſidirem aos Capitulos, com tudo não eſtava tanto em uſo que foſſe iſto indiſpenſavel. Por virtude da commiſsão, que trouxe, hum, ou dous mezes antes que acabaſſe o ſeu officio congregou Fr. João de Albuquerque os Vogaes todos para eleição de novo Miniſtro. Sahio eleito pelo fim do anno de 1535. o Irmão Fr. Diogo de Borba, que jà o tinha ſido, e moſtrado bem quão merecedor era deſte miniſterio. Na ſua Congregação ſe aceitou a Caſa de Eſtremoz a petição do povo.

Fr. Diogo de Borba, Provinc. 7.

2 He Eſtremoz entre todas as Villas de Alentejo a mais fertil, e aprazivel, cujos ares são tão benevolos para a conſervação humana, que nem o rigor do Eſtio alli he nocivo, nem o Inverno moleſto. Fica em diſtancia de ſeis leguas da Cidade de Evora para o Oriente,

aſsàs conhecida pelas varias invenções de vaſos de barro, que della ſahem, tão celebres no mundo, como tambem pelos marmores, e jaſpes finiſſimos, que recebem tal luſtre, e polimento, como eſpelhos, que lhe não levão ventagem os mais finos alabaſtros, e pórfidos de outras regiões, pelo que della ſe levão para os mais nobres edificios, e mauſoleos do Reino, e ainda fóra delle. Neſta nobre Villa em pouca diſtancia para o Oriente fica o noſſo Convento, vizinho da Igreja de N. Senhora dos Martyres, obra do famoſo Heroe D. Nuno Alvares Pereira, e celebre Santuario daquelle povo, frequentado em romagem dos circumvizinhos pela devota Imagem, que em ſi tem da Senhora, que lhe dá o nome, cuja devoção ſe conſerva ainda hoje mui viva em noſſo peito, como impreſſa na tenra idade. He notavel a devoção, que a gente deſta populoſa, e rica Villa tem ao glorioſo Santo Antonio, que elle bem paga com os ſeus coſtumados milagres: por eſta razão, ſuppoſto que jà havia muitos annos tinha hum Convento de noſſo Padre São Franciſco, com tudo deſejavão ter outro deſta noſſa Provincia, que tiveſſe por Orago a Santo Antonio.

3 Para eſte effeito eſcrevêrão a muitos Capitulos, que celebrámos, offerecendo-ſe fazello à ſua cuſta onde quer que melhor nos pareceſſe. Eſte ſeu piedoſo deſejo teve effeito na Congregação do Irmão Frei Diogo de Borba; porque vendo os Padres nella congregados a inſtancia, com que aquelle devoto povo o procurava, derão-ſe por obrigados a condeſcenderem a tão devotos rogos. Mandárão Frades a eſcolher o ſitio, e fundar a Caſa, e começárão ſeus edificios no anno de 1537. A Capella Mór mandou fazer à ſua cuſta o Almirante deſte Reino, [a] ſenhor de Jurumenha, cujo nome não declarão os Memoriaes, de que ſe tira eſta Hiſtoria, nem eu o pude alcançar; ſabemos porèm que foi huma das Caſas mais illuſtres deſte Reino, que paſſou depois à de Obidos por caſamento de huma Senhora, deſcendente deſte Almirante, com D. João de Portugal, onde acabou, por morrerem ſem ſucceſsão. Toda a mais obra ſe fez com eſmolas, que o povo liberalmente offereceo, acudindo tambem ElRei D. João III. com as ſuas, como fazia para todos os mais Conventos, que a Provincia edificou em ſeu tempo.

4 Acabou-ſe a Caſa perfeitamente, conforme a fabrica, e traça, que aquelles primeiros Fun-

Gon
P. Pi
pag.
Wad
ad an
num

Fundadores procuravão: Convento pequeno, em lugar baixo, ſitio calmoſo, e pouco alegre, circumſtancias, que o fazião algum tanto doentio. Nelle vivêrão noſſos Frades cento e vinte e ſinco annos, no fim dos quaes ſe paſsárão para o novo, que hoje temos. Foi eſte tranſito no anno de 1662. ſendo Provincial o Irmão Fr. Franciſco de Serpa. Fica o novo Convento mais adiante, em pouca diſtancia do primeiro, para a Villa, em hum ſitio plano, mais deſafogado que o outro, e por eſta razão mais ſadio. Lançou-ſe nelle a primeira pedra em 26. de Novembro de 1654. ſendo Provincial o Irmão Fr. Paulo de Evora; e ſuppoſto que he hum dos maiores Conventos da Provincia, ou o maior de todos, e mais forte em os edificios, acabou-ſe perfeitamente de todo em oito annos. Fez-ſe com eſmolas do povo, em que teve grande parte a gente de guerra, que então reſidia naquella Praça, a melhor, e mais luſtroſa. Do antigo ficou por memoria a Igreja, reduzida hoje a huma pequena Hermida, que nas tardes ſerve de retiro aos Religioſos, porque os eſtá convidando às couſas do Ceo, por ſolitaria. Ficou ſervindo a meſma cerca do antigo, cujo territorio he hum tanto aſpero, pouco accommodado para arvoredo, por ficar naquelle cordão de terra, donde ſe tira a pedra, que naquella Villa ſe lavra.

5 Tem com tudo dentro de ſi trez fontes, que ajuntando-ſe em hum tanque, ſervem de recrear a viſta, e regar a horta. A ultima dellas eſtá quaſi pegada aos aliccrſes do Convento, tão boa na qualidade, que de trezentas, que tem o termo daquella freſca Villa de delgadas, e ſalutiferas aguas, eſta corre na opinião de todos por mais excellente. Antes de edificarmos o Convento novo era eſta fonte o regalo, e mimo do povo: privou-ſe deſte pela dar aos noſſos Frades. Noſſos Memoriaes fazem menção de hum cofre de reliquias de diverſos Santos, que mandou a Condeſſa da Vidigueira Dona Guimar de Vilhena, quando ainda eſtavamos no Convento antigo, por cujo meio obrou Deos muitas maravilhas nos enfermos, que com devoção as tocavão: eſtas he certo que não eſtão no moderno, nem ſe ſabe o caminho, que levárão. Vivem aqui commummente dezeſeis atè dezoito Religioſos, que o povo liberalmente ſuſtenta, ao que ajuda muito a Santa Caſa da Miſericordia, que tem notavel cuidado de nos fazer grandes, e ordinarias eſmolas, em reconhecimento do qual tem to-

mado o Convento por ſua conta acudir-lhe com Prégador em as quartas feiras da Quareſma, e em alguns dias mais do anno.

CAPITULO XIV.

Do oitavo Miniſtro Provincial, e de algumas couſas, que ſuccedêrão no Capitulo, em que foi eleito.

1538 1 AVíſou Fr. Diogo de Borba no fim de ſeu triennio ao Miniſtro Geral da Ordem, que então era o Reverendiſſimo Padre Frei Vicente Lunel, como ſe chegava o tempo da celebração do Capitulo, para que ou vieſſe, ou mandaſſe preſidir nelle. De ordem ſua ſe convocárão os Vogaes para o Convento de Borba no anno de 1538. onde ſahio eleito em Provincial Fr. Antonio de Benavente, aſſiſtindo no Capitulo o ſobredito Miniſtro Geral. Era Fr. Antonio de Benavente Religioſo mui perfeito, e de particulares virtudes, em que ſempre reſplandeceo com grande exemplo de quem o conhecia, e converſava. Dava-ſe de continuo a Deos, gaſtando o mais do tempo em oração mental, em que ſempre foi fervoroſo, ſem que foſſem baſtantes para divertillo deſte ſanto exercicio as occupações de ſeu officio, à expedição das quaes não faltava. Foi mui auſtéro, e penitente, zelando em ſi, e nos outros a ſanta pobreza, de maneira que nenhuma couſa lhe agradava tanto, como ver aos Frades mui pobres, e elle o procurava ſer mais que todos.

Fr. Antonio de Benavente, Provinc. 8.

2 Achou-ſe neſte Capitulo o Duque Dom Theodoſio, primeiro do nome, e quinto da Real Caſa de Bragança: nelle deo algum enfado a noſſos Frades, ſe bem que naſcido da muita devoção, que lhes tinha. Havia fundado eſte Principe em o anno de 1527. junto a ſeus Paços hum Convento para Religioſas por Breve de Clemente VII. impetrado à inſtancia da Duqueza Dona Joanna de Mendonça, ſegunda mulher do Duque D. Jaime; e ſuppoſto que no principio o habitárão Religioſas Agoſtinhas [a] por dous annos, no fim deſtes o deixárão por algumas dúvidas, que ſobre iſſo houve, de que naſceo o Convento de Santa Cruz, que ha em a meſma Villa-Viçoſa. Trouxe o Duque em virtude do meſmo Breve para habitadoras do Convento oito Religioſas de Santa Clara do Convento da Conceição de Béja, donde vinha por Prelada dellas, e do novo Convento com titulo das Chagas huma irmam da ſobredita Duqueza. Tomárão poſſe delle quarta feira de Cinza do anno de 1530. e no

[a] Purifi tom.2 tit.6.

e no mesmo dia tomou o habito a Senhora Dona Maria, e depois a Senhora Dona Vicencia, filhas da mesma Duqueza, e irmans do Duque. Como pois o Senhor D. Theodosio, alèm de ser o Fundador, e Padroeiro do sobredito Convento das Chagas, tivesse nelle duas irmans, desejou muito que os nossos Frades tomassem a seu cargo o cuidado daquellas Religiosas.

3 No Capitulo do Bosque, em que se achou, como temos dito, pedio com muita instancia a todos, e em particular ao Provincial, e Definidores, quizessem aceitallas à sua obediencia. Porèm supposto que forão muitas as diligencias, que fez para este effeito, não houve Vogal algum, que nisto consentisse, e assim o Provincial se escusou, dizendo que não era conveniente à nossa quietação, recolhimento, e modo de viver semelhante cuidado, que não podia ser sem muita distracção dos Religiosos: com que seria dar lugar àquella antiga queixa da Alma Santa, que diz, que pondo-a por guarda nas vinhas alheias, [b] não guardára bem a sua. E que por S. Excellencia ser Padroeiro da Provincia da Piedade, havia de procurar mais que esta se conservasse em seu recolhimento, e antigos costumes, que de remediar o Convento das Chagas, cujo regimento podião ter quaesquer outros Religiosos com muita satisfação.

4 Com isto ficou o Duque quieto, mas não satisfeito: o que conhecendo nelle o Ministro Geral, e vendo por outra parte as muitas obrigações, que tem esta Provincia à Serenissima Casa de Bragança, mandou por obediencia ao nosso Provincial, que aceitasse o governo das sobreditas Religiosas. Não pudérão nossos Frades fazer outra cousa: tomárão sobre si aquelle cuidado, mas tiverão-o pouco tempo, pela occasião, que logo descubrírão para se escusarem. Tinha a Duqueza Dona Joanna feito hum passadiço de sua casa para o Convento das Religiosas, por causa de sua recreação espiritual, pois por alli mais facilmente podia ir visitar suas filhas, e conversar as Freiras muitas vezes. Veio o sobredito Provincial Fr. Antonio de Benavente a Villa-Viçosa, e apenas deo razão do passadiço, não lhe parecendo conveniente à quietação, e recolhimento das Religiosas, pedio à Duqueza o quizesse mandar derribar, e escusallo; mas não podendo acabar isto com aquella Senhora, pedio ao Duque que o desobrigasse com o Geral daquelle cuidado. Assim o fez, alcançando do

do Geral nos levantaſſe a obediencia, que tinha poſto; que o amor, e devoção, que eſtes Sereniſſimos Duques tiverão ſempre à ſua Provincia da Piedade, era tão grande, que cortavão pelo ſeu goſto, por não faltarem ao dos Religioſos della. Trouxe para alli os Religioſos Padres Obſervantes da ſanta Provincia dos Algarves, que deixárão eſtar o paſſadiço em quanto a Duqueza viveo, e depois de ſua morte o tirárão de todo.

CAPITULO XV.

Da mui religioſa, e devota Caſa de Santo Antonio dos Olivaes em Coimbra.

1 EM diſtancia de hum quarto de legua da mui nobre, e antiga Cidade de Coimbra, rico emporio de letras Divinas, e humanas, por cauſa da inſigne Univerſidade, que ElRei D. João III. paſſou para ella, em lugar deſerto, e ſolitario fica hum Convento noſſo dedicado ao inſigne Portuguez Santo Antonio. Em cujo ſitio não ha muito, que louvar para a ſaude, mas he muito accommodado para o eſpirito. Tem por huma coſta abaixo eſpaçoſa cerca, e matta de pinheiros, que ſubindo direitos ao alto, parece que levão os animos dos que alli morão a contemplarem as couſas do Ceo, de maneira que fazem ſaudades dellas. Em o fundo do valle ha hum pequeno taboleiro de terra plana, e campo para alguma pouca de hortaliça, e plantas de fruto, fonte de boa agua, cuja corrente parece couſa de myſterio, porque não ſendo de mais groſſura de huma pena, de Verão, e de Inverno ſempre eſtá em hum meſmo ſer, ſem que nella ſe conheça notavel diminuição, ou melhoria.

2 A primeira fundação deſte Convento foi em vida de noſſo Serafico Padre S. Franciſco, e he a primeira Caſa, e habitação de Frades Menores, que houve neſte Reino de Portugal; porque no anno de 1216. em que o meſmo Patriarca celebrou o primeiro Capitulo Geral de Aſſis, e enviou Miſſionarios por diverſas partes do mundo, conforme as mais ajuſtadas contas de Wadingo, [a] a Chronologia [b] Serafica, e outros, [c] contra Fr. [d] Marcos, e Gonzaga, [e] e reinando D. Affonſo, o ſegundo deſte nome, e a Rainha Dona Urraca ſua mulher, que então reſidião em a Cidade de Coimbra, vierão a ella os Santos Fr. Zacharias, Fr. Gualter, e outros Frades enviados por noſſo Serafico Padre: pedírão aos Reis lhes deſ-
ſem

Ad a 1216.
Tom pag.
Mari c.12.
Part. cap. 4
In Pr Provi Portu

ſem alguns lugares, ou pobres Hermidas, onde moraſſem. E mandando ElRei fazer exame da vida, Inſtituto, e Regra, que dizião profeſſar, porque ſe temia ſerem alguns hereges, de que então havia muitos em Italia, e podião vir cà inficionar a terra, achada ſer a Regra ſanta, e Euangelica, e conhecidos por verdadeiros ſervos de Chriſto, os mandou agazalhar em o lugar, onde agora vemos eſte Convento, e então era huma Hermida, com titulo de Santo Antão Abbade. E ainda que tambem lhe deo licença para edificarem em Lisboa, e Guimarães, ninguem póde tirar a eſte Convento ſer o primeiro de todos.

3 Nelle, junto à Hermida, fizerão ſuas cellas, e outras pobres officinas, e de pouca fabrica, ſem outros edificios de clauſtro, que os primitivos Religioſos Menores não coſtumavão naquelle tempo fazer. A- os qui vierão ter, *f* e ſe agazalhá- 3. rão os glorioſos ſinco Martyres de noſſa Ordem, quando hião caminho de Africa prégar aos Mouros a Fé de Chriſto, pela qual morrêrão glorioſamente em Marrocos. Depois com a preſença de ſuas veneraveis reliquias, que forão trazidas ao mui Religioſo, e inſigne Convento de Santa Cruz de Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, o bemaventurado Santo Antonio, que então era Religioſo nelle, ardendo em hum vivo deſejo de levar o caminho dos Santos Martyres, padecendo como elles pela Fé de Chriſto, ſe reſolveo em pedir o habito entre aquelles pobreſinhos Frades de Santo Antão. Recebido delles, foi noviço, e fez profiſsão neſte Convento, e delle tomou o nome de Antonio, ſendo aſſim que antes diſto o ſeu nome do Baptiſmo era Fernando. Aqui morou, atè que por padecer martyrio, como deſejava, com licença dos Prelados, ſe embarcou para Africa, donde o Senhor o deſviou, levando-o a Italia.

4 Não permittio o Senhor que ſendo eſte lugar tão ſanto, e principio, donde ſahio tão grande exemplo, e reſplandor de ſantidade, como o bemaventurado Santo Antonio careceſſe de Religioſos para ſempre, e eſtiveſſe em poder de gente eſtranha, antes ordenou que vieſſe a ſer habitado por Frades deſta Provincia, não ſem myſterio, e moſtras de ſer eſta a ſua vontade Divina; porque ſendo Miniſtro Provincial Fr. Antonio de Benavente, e eſtando com outros Religioſos principaes da Provincia, para fazer Caſa neſta Cidade, que lha offerecia, buſcando para eſſe effeito muitos ſitios, dos quaes eſ-

escolhessem o que lhes parecesse mais accommodado, hum só Frade dava seu parecer, que se fizesse neste lugar, e Hermida, onde antigamente estivera, contra o voto de todos os outros, que o tinhão por frio, ventoso, e desabrido, e lhe achavão outros inconvenientes. Estando perplexos na eleição, que havião de fazer, mandou o Provincial que se differisse para o outro dia, e que todos encommendassem o negocio a nosso Senhor aquella noite, para que lhes declarasse qual era sua Divina vontade, e mais para seu serviço. No seguinte dia foi cousa maravilhosa, que tomando-se os votos aos Frades, todos derão seu parecer uniformemente, que o Convento se edificasse neste lugar: sendo os que mais approvavão isto, os que de antes havião tido opinião contraria, mudando-lhes naquella noite as vontades o Senhor, em cuja mão está o coração dos grandes, e pequenos para os inclinar à parte, que quizer.

5 Com tão bons pressagios se começou a obra com grande gosto, assim dos Frades, como dos moradores da Cidade no anno do Senhor 1538. duzentos e noventa e hum annos depois daquelle sitio estar inhabitado; e constando o anno de sua fundação uniformemente dos Memoriaes do Convento, e da Provincia, não sabemos com que fundamento o Reverendissimo Gonzaga [g] a quem seguio o Annalista [h] lhe tirou dous annos de antiguidade, pondo-a no anno de 1540. A maior parte do Convento fez à sua custa D. Alvaro da Costa, Fidalgo nobilissimo neste Reino, excepto a Igreja, que he a mesma Hermida antiga, que derão para isso os Reverendos Conegos, e Cabido, a quem ella pertencia. Fabricou-se o Convento na fórma, em que ainda agora está, pequeno, pobre, e Capucho, como a santidade do lugar requeria. Onde estava a cella de Santo Antonio se fez a Capella do Capitulo, que hoje he tido em grande veneração, pela memoria do Santo, que nelle morou, e deo o titulo, e invocação nova a esta Casa, que deixando por seu respeito de se chamar de Santo Antão Abbade, se chama Santo Antonio dos Olivaes, por ficar entre elles. Assistem nelle commummente dezoito atè vinte Religiosos, entre professos, e noviços, aos quaes o povo da Cidade, e lugares daquelle campo ao redor provê bastantemente de todo o necessario.

[g] In P… Pieta… Con…
[h] Tom… ann. num…

CA-

CAPITULO XVI.

Mostra-se que o Convento de Santo Antonio de Coimbra foi o primeiro, que a nossa Religião Serafica fundou em Portugal.

1 Contra a preeminencia, que logra este Convento de Coimbra de ser o primeiro, que em Portugal teve a nossa Religião Serafica, está o mui douto, e Religioso Chronista da Santa Provincia de Portugal; e como se fora culpa sua o haverem-o deixado, e passar depois este sitio a outra Provincia, lhe dá quatro mais antigos, a saber, Bragança, Alanquer, Guimarães, e Lisboa, contentando-se com dar o quinto lugar a Coimbra; porèm nem Coimbra lhe aceitará o partido, nem nós estaremos por elle. Quanto ao Convento de Bragança, diz, que passando nosso Padre S. Francisco por esta Cidade, então Villa, de volta de Sant-Iago de Galiza, aonde tinha ido de Italia visitar o Sagrado Apostolo, aceitára nella, [a] alguns mezes entrados do anno de 1214. a fundação de hum Convento, deixando alli hum companheiro, que lhe désse principio, e a proseguisse. Em favor desta sua opinião allega a Gonzaga, e a commua tradição dos moradores de Bragança, sem mais alguma outra escritura, que o diga.

[a] ...l.1. n.3.

2 E supposto que não duvidamos da vinda de nosso Padre S. Francisco a Compostella, e entrada, que nesta jornada fez em este Reino, não achamos razão, que nos obrigue a confessar a fundação em Bragança, antes muitas para duvidar della. Seja a primeira o estylo inviolavel de nosso Padre São Francisco, que nunca consentio andar hum Frade só entre seculares; e no primeiro Capitulo Geral de Assís, donde os espalhou pelo mundo Missionarios, a primeira cousa, que lhes encommendou na instrucção, que lhes deo, foi que havião de ir de dous em dous em nome do Altissimo. [b] E sendo este o estylo do Santo Padre, como deixaria hum só em Bragança fundando Convento? Não tem esta razão tão pouca força, que se não valesse della aquelle Chronista; porque escrevendo dos Religiosos, que enviados por nosso Padre chegárão a Coimbra, fallando em supposição de que por todos serião quatro, pelos levar de dous em dous a fundar em Guimarães, e Lisboa, em cumprimento da instrucção do Serafico Patriarca, se deo por desobrigado de deixar hum fundando em Coimbra; com que o mesmo

[b] Wadding. ad an. 1216 num. 5.

reparo eſtava obrigado a fazer em Bragança.

3 Seja a ſegunda razão formarmos argumento do que ſuccedeo aos Santos Fr. Zacarias, e Gualter, quando em o anno de 1216. entrando em Coimbra, pelos ver o Rei em o traje deſconhecido em Portugal, temendo-ſe que foſſem hereges dos muitos, que então havia em Italia, os examinou de ſua vida, e Regra; e achando ſer Euangelica, e Santa, lhes deo então licença para fundarem Conventos; e ſe jà deſde alguns mezes andados do anno de 1214. como diz aquelle Chroniſta, fundavão os Franciſcanos em Bragança, baſtante tempo era atè o fim do de 1216. para chegar ſua noticia a Coimbra, onde o Rei eſtava, com que lhe não ficaria tão eſtranho o traje dos ſegundos, que entrárão em Portugal, que pela novidade delle os examinaſſe, ſe erão Catholicos, pois jà tinha hum Convento do meſmo Inſtituto em ſeu Reino. E ſendo certo que fez o exame, como todos dizem, e o meſmo confeſſa, bem ſe vê que eſtes forão os primeiros, e que não havia ainda Convento em Bragança, quando chegárão a Coimbra.

4 Ao Reverendiſſimo Gonzaga reſpondo, que eſcreveo aquella noticia como lha derão; que occupado no governo da noſſa Religião, não pode examinar a verdade della. Não deſagradará eſta ſolução ao dito Chroniſta, pois ſe aproveita della muitas vezes; e ſem nos apartarmos de Coimbra, temos exemplo no Convento da Ponte. Da ſagração de ſua Igreja eſcreve Gonzaga, [c] que foi no anno de 1004. ſendo que não foi ſagrada ſenão em a era de 1400. e a iſto reſponde, [d] que eſcreveo como o tinhão informado, ſem poder examinar a noticia pela razão ſobredita. O meſmo paſſaria tambem em o que toca à fundação de Bragança, o que ſe confirma com que ſeguindo-o tanto Waddingo [e] no tocante às fundações dos Conventos, como ſe vê na margem de ſeus eſcritos, na de Bragança ſe apartou totalmente delle, negando a fundação naquelle tempo. Nem obſta a tradição, que ſe allega daquella Cidade, porque muitas correm por tradições, e não são mais que hum rumor de particulares affeiçoados à patria. Se baſtára qualquer voz, que corre por tradição, ver-nos-hiamos obrigados a dizer, que o primeiro Convento, que tivemos em a Villa de Chaves, chamado S. João da Veiga, antes de ſer habitado dos Religioſos Clauſtraes o fora de Cavalleiros Templarios, que eſta voz corre entre os moradores daquella terra com titulo

[c] In P. Conv

[d] Cit. li c. 29.

[e] Ad a 1214 1394

tulo de tradição, pela qual não quer estar o sobredito *f* Chronista; por onde nos não estranhará que nós façamos o mesmo com a de Bragança: nem o Padre Gonzaga está tanto pela tal tradição, como o Author nos diz; perplexo, *g* e duvidoso se mostra.

5 Temos excluido com bastantes fundamentos o Convento de Bragança de ser o primeiro, que a nossa Religião Sagrada fundou em Portugal, entremos com os de Alanquer, Lisboa, e Guimarães, de que nos expediremos facilmente, porque está mais clara a pouca justiça, que tem para lograrem a preeminencia de serem primeiros, que o de Coimbra. Escreve o sobredito Padre, que chegados a Coimbra os Santos Fr. Zacharias, e Fr. Gualter, não fundárão logo nesta Cidade, mas passárão a Lisboa, e Guimarães, onde edificárão dous Conventos, e primeiro que estes hum em Alanquer a instancias da Serenissima Infante Dona Sancha, que tendo noticia delles, os mandára chamar ao caminho, e obrigára fazer Convento naquella sua Villa, onde então estava. O fundamento, que tem para dizer que não fundárão primeiro em Coimbra, he que na licença, que deo o Rei a Fr. Zacharias, e Fr. Gualter para as fundações, não nomea, como se vê nas Chronicas antigas, mais que a Lisboa, e Guimarães, e daqui infere que lhes não deo licença para fundarem em Coimbra, pois não he expressa, como as outras, e que para isto haveria da parte dos Religiosos fundamento, porque já trazião encommendada por nosso Padre S. Francisco a Casa de Guimarães; e que por ventura não quererião ficar entre o trafego, e reboliços da Corte. Estas são as razões, em que se funda; mas bem se vê que não são bastantes para tirarem ao Convento de Coimbra a preeminencia, que tem de primeiro; porque não fazer menção de seu sitio a licença, que passou o Rei para as fundações, foi sem duvida, que como elle assistia então nesta Cidade, bastava apontar-lhes, ou mandar-lhes escolher sitio, onde fizessem Convento, sem que alguem os impedisse, ou puzesse duvida; o que não bastava para Guimarães, e Lisboa, das quaes estava ausente, e sempre era necessario apresentarem a licença, em cuja virtude fundavão, principalmente sendo ainda tão desconhecidos no Reino, que sem a tal licença, que os désse a conhecer aos povos, não escaparião de outro exame, como tiverão em Coimbra.

6 Nem o fundamento, que presume terião da sua parte os Santos Religiosos, isto he, fugirem ao trafego, e reboliço da Corte, conclue; porque se assim fora, como lhe esqueceo tão depressa, que em menos de hum anno tinhão jà nella Convento, como com todos diz [b] o sobredito Chronista. E se porque trazião encommendada a Casa de Guimarães, deixárão Coimbra, como se divertírão a Alanquer, de tal sorte que fundárão nesta Villa primeiro, acabando là os rogos de huma Infante, o que em Coimbra não pode a devoção de huma Rainha? A verdade da Historia he, que assim como os Religiosos chegárão a Coimbra; e forão examinados pelo Rei, sabendo o intento, a que vinhão, os mandou agazalhar na Hermida de Santo Antão, onde começárão logo a fazer huma pobre casinha, em que vivessem, e della sahírão Fr. Zacharias, e Fr. Gualter para Guimarães, e Lisboa; com que primeiro fundárão em Coimbra os companheiros, que nella deixárão. Assim o dá a entender Fr. Marcos [i] na sua Chronica, Waddingo [l] pondo primeiro a fundação deste Convento que outro algum da nossa Religião neste Reino, e o tem com palavras expressas as Chronicas [m] modernas.

[b] Part. 1. l. 2. cap. 28.

[i] Part. 1. l. 1. c. 48 & l. 6. cap. 27.

[l] Ad ann. 1217. n. 22.

[m] Fr. Dam. Cornejo p. 1. l. 2. cap. 58.

CAPITULO XVII.

Provê Deos milagrosamente esta Casa: obra Santo Antonio prodigios em favor de seus devotos.

1 POr muitas vezes vírão manifestamente os Religiosos moradores neste Convento o cuidado, que delles tinha a Divina Providencia, quando totalmente lhes faltava o soccorro humano. Hum dia se achárão sem terem pão, nem outra alguma cousa, com que tomarem a refeição ordinaria; e como se chegassem as horas de comer, indo dar a Deos as graças ao Refeitorio, como he costume, por aquella falta, antes de as acabarem de dar tangêrão à porta, onde acudindo o Porteiro, achou hum formoso cesto de pão, e hum jantar de carne cozido, posto junto à porta, sem que alli estivesse pessoa alguma, nem se saber quem o trouxera. Fizerão-se diligencias sobre o caso, para lhe darem as toalhas, que erão duas, e mui alvas, com que o pão vinha cuberto; mas forão todas sem proveito. Outra vez, em hum anno de tanta esterilidade, que valia o pão a quinhentos reis o alqueire, se achárão os Frades na mesma fórma. Tomou daqui motivo o Guardião da Casa para fazer huma pra-

pratica, e exhortação aos Religiosos da muita obrigação, que tinhão de encommendarem a Deos nosso Senhor as necessidades commuas do povo, pois o maior argumento de as haver nelles grandes era ver que faltava aos Frades o sustento. Foi cousa de maravilhar, que estando nesta pratica, trouxerão huma formosa esmola de pão, que vinha dahi duas leguas, ou trez, donde menos se podia esperar: mandou-a huma pessoa honrada; e supposto que era esmoler, não costumava fazer esmolas ao Convento em razão da distancia. Estava esta em oração, e nella, conforme depois disse, lhe foi inspirado a necessidade, em que estavão os Frades, que lhe acudisse.

2 Outras muitas vezes forão soccorridos os moradores deste Convento por modos diversos, e tão extraordinarios, que claramente se vio serem effeitos maravilhosos da Divina Providencia. Bastem os referidos, por passarmos a contar alguns beneficios, que aqui fez tambem Santo Antonio a seus devotos. No tempo das alterações, que houve neste Reino pela morte de ElRei D. Henrique, entrando os Castelhanos em a Cidade de Coimbra, fizerão algumas insolencias. Entre muitos Cidadãos, a quem maltratárão, perseguírão tanto a hum dos principaes, depois de o roubarem, que, por não perder a vida com a fazenda, fugio escondidamente para Santo Antonio. Esteve alguns dias no Convento esperando que a furia dos soldados se aquietasse: e como em todo este tempo considerasse no estado, em que se via, na perda da fazenda, que tinha recebido, no perigo da vida, a que se punha, se entrasse na Cidade, em quanto nella estivessem Castelhanos, foi tão grande a melancolia, que huma noite lhe deo, que cahindo em desesperação, lançou huma corda à trave do sobrado da hospedaria, onde estava, e nella se enforcou.

3 No mesmo ponto, em que lançou o laço ao pescoço, tangêrão rijamente a campainha, onde logo acudio o Porteiro com outro Frade, como he costume acudir a semelhantes horas: e como nem à porta, nem por todo o terreiro visse pessoa alguma, presumindo que algum ocioso lhe fizera aquella travessura, e se fora logo, se vinha elle tambem recolhendo. Vindo jà em o claustro tornárão a tocar mais fortemente. Voltárão os Frades com muita brevidade; e fazendo as mesmas diligencias, que de primeiro, sahindo fóra da porta, ninguem vírão. Admirados grandemente entrárão na hospedaria,

ria, para ſaberem do hoſpede ſe acaſo tangêra por algum reſpeito. Achárão-o pendurado em o meio da caſa, ſem tocar com os pés no chão; porque poſto o laço ao peſcoço em ſima do leito, ſe deitára delle abaixo. Cortando-lhe então a corda com a maior preſſa, que pudérão, o livrárão de tão infame, e deſaſtrada morte: que não quiz o Senhor, nem conſentio o bemaventurado Santo Antonio, que ſua Caſa foſſe contaminada com tão abominavel morte, e ſacrilegio; mas para o evitar, vierão os Anjos, ou o meſmo Santo tanger à campainha. O triſte homem conſolado com as palavras de esforço, e confiança em Deos, com que o animárão os Frades, cahio na conta de ſeu erro. Depois tendo remedio muita parte de ſeus males, e trabalhos, viveo muitos annos, e acabou como Catholico, e bom Chriſtão que era.

4 Na meſma Cidade de Coimbra hum homem nobre, particular devoto de Santo Antonio, tinha por coſtume viſitar todos os dias de madrugada eſta noſſa Caſa, onde ſe encommendava aos merecimentos do Santo. Eſpertou huma noite às onze horas, acordando-o aquelle Senhor, que o eſcolhia por inſtrumento de huma obra de ſua miſericordia. Era a noite clara, com cujo luar enganado ſem ſaber que horas erão, imaginando que vinha jà amanhecendo, ſahio de caſa a fazer ſua coſtumada romaria. Nos olivaes ouvio dar as onze, ficando aſsàs perplexo de ver como ſe enganára com o luar, cuidando que rompia a Alva. Com tudo reſolveo-ſe em acabar ſeu caminho, e devoção, que jà baſtava para cumprir com o ſeguinte dia. Chegando junto ao Convento, vio huma mulher, que àquella hora ſe enforcava do ramo de huma oliveira. Ficou aſſombrado à primeira viſta; mas cahindo logo na conta do fim, para que Deos alli o trouxera, por tal modo, e tal tempo, arremetteo a ella mui depreſſa, e tirando-a do laço livre da morte, achou ſer peſſoa mui nobre, e conhecida da meſma Cidade, que por certo enfado, e occaſião deſeſperada ſe enforcou daquella maneira; e conſolando-a o melhor que pode, a levou em paz a ſua caſa. Aſſim que por meio da devoção, que aquelle homem tinha a Santo Antonio, quiz o Senhor dar remedio àquella alma, que ſe perdia.

5 Outro caſo milagroſo, pelas circumſtancias muito mais notavel, que os referidos, ſuccedeo neſta meſma Caſa jà em noſſos tempos. Havia neſta Cidade de Coimbra huma nobre

bre mulher muito devota de Santo Antonio, a quem o marido molestava grandemente, tratando-a com desabrimento, e aspereza. Soffria ella com paciencia este máo trato, atè que hum dia, vendo-se mais afflicta, veio ao nosso Convento com muitas lagrymas pedir remedio a Santo Antonio neste trabalho. Feita sua oração, sahio da Igreja, e a poucos passos lhe appareceo o demonio visivelmente, persuadindo-lhe, como doendo-se della, que se enforcasse, pois lhe seria melhor acabar brevemente, que viver huma vida tão trabalhosa, como o marido lhe dava. Pode tanto com aquella miseravel esta persuasão do demonio, que não conhecendo o engano, sem mais reparo se resolveo a fazer o que lhe aconselhava. De seus proprios cabellos fez o laço, pelo qual se pendurou de huma daquellas oliveiras, ajudando-a a isto o mesmo, que lhe tinha dado o conselho. Santo Antonio, que tinha recebido as lagrymas desta sua devota, lhe veio acudir em tão apertado transe, a cuja presença desappareceo o demonio, que atè àquelle ponto a acompanhára. Livrou-a da morte, cortando-lhe os cabellos, como para sinal, e testemunho do milagre, e exhortando-a brandamente à paciencia, a mandou livre para sua casa, jà tão arrependida do que tinha feito, como confortada com as palavras de hum tão grande Santo.

6 Por estes continuos milagres, que o Santo aqui obra, he mui visitado de diversas partes, e algumas pessoas, que ou não podem, ou se não lembrão de vir ao Convento pedirem-lhe remedio em seus trabalhos, lho manda o Santo a suas proprias casas, como se verá no caso seguinte. Sahírão deste Convento dous Religiosos, a hum lugar do campo distante duas leguas, chamado Monte Redondo, onde entrando em huma casa achárão nella huma mulher com a candea na mão espirando, por causa de huma criança morta, que tinha atravessada no ventre, sem a poder lançar por mais remedios, que fizerão, atè a terem por vezes muito tempo pendurada pelos braços em alto de huma trave: e finalmente vendo que não lhe aproveitava cousa alguma, a deixárão entregue à morte, com que estava lidando. O qual sabido pelos Frades, tirou hum a corda, que trazia, e disse a huma das mulheres que assistião à moribunda, que lha cingisse, advertindo-lhe que com muita fé, e devoção se encommendasse a nosso Padre S. Francisco, cuja era a corda, e ao bemaventurado Santo Antonio, de

de cuja Caſa elles erão. Foi couſa maravilhoſa, que no meſmo inſtante, que lhe cingírão a corda, ſem nenhuma pena lançou a criança, e ficou livre daquelle mortal aperto, dando muitas graças a noſſo Senhor, e a ſeus Santos, por mercê tanto de eſtimar, como aquella. Muitos outros milagres obra aqui o Santo, que deixo, por julgar eſcuſados para o acreditar de milagroſo, pois em toda a parte ſão tão ordinarios, que como diſſe hum douto, então faria Santo Antonio o maior milagre, quando deixaſſe de obrar prodigios. He tambem mui viſitada neſte Convento huma Imagem de vulto, que nella eſtá, de S. Ivo da Terceira Ordem de noſſo Padre S. Franciſco, a quem não ſó a gente da Cidade, mas tambem da Comarca tem por Advogado dos ouvidos, pelos muitos milagres, que nelles tem obrado.

7 Muitas vezes ſe tem ſervido a piedade Divina para alumiar aos peccadores cegos em ſeus appetites, não ſó das vozes dos Religioſos rezando Matinas, mas tambem das do ſino, chamando-os a ellas: jà referimos em Braga, que o meſmo demonio confeſſou magoado eſta guerra, que em taes horas lhe faziamos; agora nos offerece o Convento dos Olivaes neſta materia outro ſucceſſo digno de memoria. Junto delle eſtavão duas creaturas actualmente peccando a tempo, que o relogio deo meia noite; e como reparaſſem que o Religioſo deſpertador à pancada tocou logo a Matinas, como ſe o ſino lhes tocára a alma, diſſerão entre ſi, compungidos de ſua culpa: *Aquelles tão diligentes para louvarem a Deos, e nós para o offendermos? Não ſeja aſſim, vamo-nos, não o aggravemos mais.* Com eſta reſolução ſahírão do lugar, onde eſtavão, demandando a Cidade, e a poucos paſſos, que tinhão dado, ſe levantou huma tempeſtade de improviſo, e cahio à ſua viſta hum coriſco no meſmo lugar da culpa, que deixando-os atemorizados, os confirmou mais no propoſito de emenda, que levavão, moſtrando Deos neſte ſucceſſo o que nos diz por Ezequiel, [a] que não quer a morte do peccador, ſenão que ſe converta, e viva. Ezec. c. 33

CAPITULO XVIII.

Do novo Miniſtro Provincial, e fundação do Convento da Eſperança em Villa-nova.

1 ACabou Fr. Antonio de Benavente louvavelmente ſeu officio, e de ordem do Reverendiſſimo Padre Fr. João Calvo, Commiſſa-

ſario da Curia Romana, que então eſtava por Commiſſario Geral neſte Reino, congregou os Vogaes para o Convento da Annunciada junto da Villa de Thomar no anno de 1540. pela feſta de noſſo Padre S. Franciſco. Sahio nelle eleito o Irmão Fr. João de Faro, que foi em numero o nono Provincial, dos que a Provincia teve, preſidindo à ſua eleição o ſobredito Commiſſario Geral do Reino. Neſte Capitulo ſe fizerão algumas ordenações, e as mais dellas ſe obſervão ainda hoje na Provincia, não por ordenações, mas por antigo coſtume. Deo o novo Provincial tão boas moſtras de ſeu talento, e governou a Provincia com tanto acerto, igualdade, e juſtiça, que ficárão os Frades tão ſatiſfeitos, que pelos tempos ao diante o tornárão a fazer Miniſtro, e aſſim o foi duas vezes, como em ſeu lugar diremos. Pouco depois deſta ſua primeira eleição tornou a intentar ElRei D. João III. que noſſos Frades tomaſſem o governo das Freiras Capuchas, que eſtavão em Faro, parecendo-lhe que pelo Provincial ſer natural daquella Cidade, viria mais facilmente no que ElRei, e a Rainha pertendião; porèm elle moſtrando o zelo, e conſtancia de ſeus predeceſſores, nunca jà mais, ſuppoſto forão muitas as inſtancias, quiz admittir ſemelhante cuidado. Vendo porèm o quanto deſejava o Rei que aquellas Religioſas tiveſſem quem as governaſſe, veio com elle a concerto, dizendo, que deixaria a Caſa, que tinhamos em Faro, aos Padres Obſervantes da Provincia dos Algarves, para que tiveſſem o governo daquellas Freiras, ficando nós livres deſte cuidado; com condição, que elles nos largaſſem huma, que ſe começava a edificar em Villa-Nova de Portimão no meſmo Reino do Algarve. Agradou a ElRei eſte concerto, viſto o Provincial não querer outro, pelo que no anno do Senhor 1541. havida primeiro licença do Geral da Ordem, deixárão noſſos Frades a Caſa de Faro, não ſem grande ſentimento da gente daquella Cidade, e paſſárão para a de Villa-Nova, cuja fundação foi pela maneira ſeguinte.

2 Simão Correa natural de Taboas da Rainha, o qual foi Capitão de Azamor em Africa, e por caſar com Dona Joanna de Faria, Fidalga principal, o fez ElRei D. Manoel Aio da Infante Dona Beatriz ſua filha, que caſou em Saboia, onde elle a levou. Depois de vir de là, no anno de 1530. deo humas caſas, que tinha em Villa-Nova de Portimão, junto ao rio, pouco aſſima donde a- Fundação do Convento de Villa-Nova. 1541

Tt go-

gora eſtá o Convento, aos Padres Obſervantes da Provincia de Portugal. Nellas eſtiverão os ditos Padres deſde o anno de 1530. atè o de 33. em que as deixárão aos Padres da Provincia dos Algarves, que então ſe dividio da de Portugal. Da mão deſtes as recebemos no anno de 1541. pela troca, que fizemos por ordem de ElRei D. João, que não reparou a Provincia em dar huma Caſa jà feita por outra, que ainda não tinha mais que o ſitio, ſó a fim de ſe conſervar em ſua criação, e eſtylos. E como nas caſas não havia fórma de Convento, nem eſtavão a noſſo modo, a primeira couſa, que nellas ſe fez, foi pollas por terra, e reedificar de novo hum Convento, na fórma, em que hoje o vemos, Capucho, e bem ordenado. Só na Igreja não houve mudança, ficando como antes eſtava, com huma pedra de jaſpe em o portado principal, na qual eſtá gravado hum eſcudo com brazão de armas do dito Simão Correa, que, ſegundo dizem, tambem ajudou à fabrica no principio della.

3 A Capella mór mandárão fazer Balthazar de Mello da Cunha, Cavalleiro do habito de Chriſto, natural da Cidade de Tavira, e ſua mulher Dona Beatriz, natural da Cidade de Sylves. No alto do Cruzeiro da Capella eſtá hum eſcudo com ſuas armas, e nella a principal ſepultura he ſua, onde ſe lê hum letreiro, que o declara. No anno de 1585. morreo a dita Dona Beatriz de Almada, e mandando-ſe enterrar neſta ſepultura, em que jà eſtava ſeu marido, deixou em ſeu teſtamento, que alli não foſſe ſepultada peſſoa alguma, ſalvo hum ſeu ſobrinho com ſeus deſcendentes, ou alguma peſſoa tão notavel, que mereceſſe aquelle lugar; mas iſto ſe faria com parecer do Guardião, e mais Frades do Convento.

4 Mandou aſſim mais, que ſeus herdeiros tiveſſem cuidado de aſſiſtir com o que foſſe neceſſario para a fabrica da Capella, e deſſem vinho para as Miſſas, e azeite para a alampada, que diante do Santiſſimo Sacramento arde de continuo, para o que lhe deixou bens inſtituidos em morgado com eſta obrigação, que muitos annos ſe não ſatisfez, por andarem os bens em litigio, e não haver delles certo poſſuidor. Hoje a cumpre Gaſpar de Faria Sarrea, morador na dita Villa, e dos principaes della, que por ſentença alcançou o Padroado da dita Capella. O Capitulo, que agora ſerve, fez Antonio da Palma Velho, e nelle tem ſua ſepultura elle, e ſeus herdeiros, que o primeiro Capitulo ſerve

ago-

agora de Via-Sacra, e nelle dizem que eſtavão ſepultados o primeiro Fundador Simão Correa, e hum ſeu irmão chamado João Mendes Correa, mas não ha letreiro, nem certeza, donde iſto conſte. E por quanto deſte primeiro Fundador faltárão os herdeiros, e deſcendencia, deo a Provincia o Padroado do Convento aos Illuſtriſſimos Condes de Villa-Nova, que com grande devoção acodem todos os annos com eſmola ordinaria. Do que temos dito ſe vê claramente que ſe equivocou o Reverendiſſimo Padre Gonzaga, [a] e com elle o Annaliſta, [b] tratando da fundação deſte Convento, onde diz, que os moradores de Villa-Nova no anno de 1530. o fundárão para os Frades da noſſa Provincia, ſendo que a ſua primeira eleição foi para os Padres da Provincia de Portugal, e depois ſe paſſou a nós, pela troca, e maneira, que diſſemos.

[a] …iet. 4.
[b] …ing. 1530. …28.

5 O ſitio, em que eſtá eſte Convento, he o mais alegre, e aprazivel de quantos ſe puderão buſcar naquelle povo. Eſtá junto de hum largo, e fundo rio do mar, cujas aguas não ceſſando nunca de ſua varia, e perpetua mudança de enchentes, e minguantes, chegão a bater ao pé da cerca; e por terem algum tempo a mais excellente barra, que havia naquella coſta, (que hoje ſe vê perdida) entrava nelle todo o genero de embarcações, ancorando eſtas pela maior parte à viſta das janellas do Convento, e em pouca diſtancia delle, que por ficar em lugar eminente, eſtava dominando tudo. Com iſto, e com a muita frequencia de navios de diverſas gentes, de differentes trajes, nações, e linguas, e outra variedade de bateis, e barcos grandes, e pequenos, que de huma parte a outra diſcorrião, aſſim de navegantes paſſageiros, como de peſcadores, huns, que ſahião ao largo, outros, que alli meſmo defronte das janellas eſtendião ſuas redes, ſe fazia mais alegre, e aprazivel à viſta aquella morada. Hoje de tudo iſto tem perdido grande parte, porque eſtão a barra, e rio tão areados, que não dão entrada mais que a algumas pequenas caravellas; baſta porèm a vizinhança do rio para fazer deleitavel o ſitio do Convento.

6 Accreſcenta-ſe a iſto eſtar perto a mais bella praia de quantas faz o mar naquellas partes, a qual por ſer mui ſolitaria, e ſaudoſa (com que parece ajuda a devoção) tem os Religioſos por grande alivio mandallos alli o Prelado em as tardes do Verão dos dias principaes de feſta a recrear-ſe, colhendo pedras de olhos, con-

chinhas de mil invenções, que o mar alli lança, e que a natureza parece que tambem por passatempo esteve de proposito formando, matizadas de varias cores, e pinturas. Mas a troco destes bens do Convento lhe não faltão em contrapezo alguns defeitos, que pela mesma razão da mesma praia fica mui exposto aos incursos dos inimigos, e em perigo de ser salteado delles antes de ser soccorrido da gente da Villa, que fica mais afastada do mar pelo rio assima espaço quasi huma milha da barra, estando o Convento em meio de huma, e outra. O segundo defeito he o de agua, pois a não tem mais que para o serviço em duas cisternas, huma em o claustro, outra na cozinha; e não só lhe falta para fazer a horta, e regar algumas poucas de arvores de fruto, que tem a cerca, mas tambem a de beber, a qual se vai buscar em barcos ao nosso Convento do Paraiso de Silves, que está duas leguas pelo rio assima.

7 Em o anno de 1618. acabou venturosamente seus dias neste Convento de Villa-Nova hum perfeito Religioso, chamado Fr. Nicoláo Pobreza, [c] filho da Terceira Ordem Regular de nosso Padre S. Francisco em a Provincia deste Reino. Servia elle de Capellão na Armada Real, em que todos pregoavão sua estremada caridade, acompanhada de muitas, e admiraveis virtudes, com que o enriqueceo a liberal mão do Altissimo. No sobredito anno, andando a Armada à vista de Villa-Nova, adoeceo este Religioso da ultima enfermidade. Recolheo-se à enfermaria do nosso Convento, onde depois de fazer notaveis actos de contrição, e receber com grande espirito os Sacramentos, nos braços dos Religiosos, que o rodeavão, não sem inveja delles, com huma placida morte terminou a vida. Foi sepultado na Capella mór da Igreja do dito Convento, onde tem letreiro, que o declara, e vivirá sempre entre nós sua memoria. Dos Religiosos da nossa Provincia, que aqui acabárão com opinião de virtude, trataremos quando chegarmos ao anno de seu transito, segundo o estylo, que levamos.

[c] Agiolog. Lusitan. tom. 2. 12. Març. liter. D.

8 Entre muitos milagres, que nosso Padre S. Francisco tem feito nesta Villa em favor de seus devotos, foi memoravel, o que obrou em vinte e sinco de Novembro do anno de 1604. Vivia em Villa-nova, donde era natural, huma devota matrona chamada Catharina Gomes, pessoa virtuosa, e mui affeiçoada ao Serafico Patriarca. Tinha esta hum meni-

nino afilhado ſeu de idade de ſinco annos, aleijado de tal ſorte, que não podia andar ſenão de gatinhas, arrojando-ſe, e ainda com grande trabalho de huma a outra parte. Dia de Santa Catharina de Alexandria do referido anno, eſtando a madrinha encommendando-ſe a Deos em hum ſeu Oratorio, onde tinha a Imagem de noſſo Padre, diſſe ao menino que ſe encommendaſſe ao Santo, e pediſſe a ſaude. Poz-ſe elle de joelhos como pode, e depois de fazer ſua oração como ſoube, perguntou à madrinha, ſe queria que andaſſe, e como eſta lhe diſſeſſe que ſim, andou o menino, como ſe antes não tivera nada, e ficou são de todo, nem mais padeceo ſemelhante achaque. Aſſim ouvio noſſo Padre aquella innocencia, e deferio aos rogos daquella ſua devota.

CAPITULO XIX.

Da maravilhoſa converſão de D. Fr. Diogo da Silva.

41 1 NO tempo do Miniſtro Provincial Fr. João de Faro paſſou dos trabalhos deſta vida às felicidades da eterna hum Religioſo filho da noſſa Provincia, a quem Deos aſſentou na Cadeira de Braga, chamado D. Fr. Diogo da Silva. Naſceo eſte inſigne Varão na era de 1485. em hum lugar da Beira, chamado Aldea nova do Cabo, termo da Villa da Covilhã, trez leguas da Serra da Eſtrella, do Biſpado da Guarda. Teve por pai a João Gomes da Silva Commendador da Ordem de Chriſto, que era irmão de Rui Gomes da Silva, o primeiro Senhor da Chamuſca, Ulme, Familia das mais antigas, e illuſtres neſte Reino; pois ſegundo diz o Conde D. Pedro, [a] em Titul. 58.
Guterre Alderete, e ſeu filho Paio Guterres o da Silva, teve principio a illuſtre geração dos Silvas, no tempo do Conde D. Henrique. Salvo ſe queremos paſſar mais a diante, e dizer com Garivai [b], que procedêrão Compend. Hiſtorial.
de Sylvio Aſcanio, que de Troia veio a Italia. Sua mãi ſe chamava Beatriz Barreiros de Oliveira, peſſoa nobre, como o são os Barreiros, e Oliveiras daquelle lugar. O Arcebiſpo de Braga D. Rodrigo da Cunha, [c] na Hiſtoria, que eſcreveo dos P. 2. c. 76. num. 1.
Prelados daquella Igreja, concordando comnoſco, quanto ao pai de D. Fr. Diogo da Silva, duvida quanto à mãi, e patria; porèm o que temos dito ſe ha de ter por certo, pois conſta dos Memoriaes da noſſa Provincia, e de huma inquirição, que ſobre iſto ſe fez no meſmo lugar da Aldea Nova do Ca-

Cabo, onde teſtemunhárão algumas peſſoas, que ainda o conhecêrão viver com ſeus pais, em humas caſas, que tinhão para aquella parte, que chamão Outeiro do Biſpo; contando mais algumas particularidades daquelle tempo.

2 Pelo cuidado, que tinhão os pais de dar eſtado a eſte filho, o puzerão em o eſtudo das letras, aonde depois que aprendeo a Latinidade, eſcolheo a faculdade dos ſagrados Canones, habilitando-ſe neſta fórma para ſeguir o eſtado, que melhor lhe pareceſſe. Com eſte intento ſe graduou *in utroque*, e ſubio tanto pela via ſecular, que eſcolheo, que em breve tempo, depois que acabou os eſtudos, foi por ElRei D. João III. creado ſeu Deſembargador dos Aggravos, e ſeu Conſelheiro. Eſte officio exercitou com grande juſtiça, inteireza, contentamento delRei, e ſatisfação de todos, couſa, que raras vezes ſe acha no mundo. Favorecido delRei, a quem era mui aceito, vivia Diogo da Silva naquella inquieta occupação de ſeu officio; mas como noſſo Senhor tiveſſe ordenado de lhe dar outra melhor vida, e pollo em eſtado de alta perfeição, quando elle mais mettido eſtava nos negocios daquelle cargo, e tratos mundanos, o chamou Deos à Religião por meio de hum caſo maravilhoſo, e ſucceſſo eſtranho.

3 Eſtava huma noite em ſeu eſtudo occupado na expedição de muitos negocios, que aquelle cargo traz comſigo, quando de repente, ſem elle ſaber como, e de que maneira alli fora poſto, vio diante de ſeus olhos corporaes, clara, e diſtintamente hum grande prato cheio de cabeças, mãos, pernas, braços, e orelhas de homens juſtiçados: poz a viſta nelles, e vio que lhos chegavão, e offerecião, dizendo huma voz, que elle ouvio bem clara: *Vês ahi, Diogo, qual he tua vida.* Admirado ficou, e como fóra de ſi em ver huma couſa tão notavel, e eſtranha; e ſuppoſto que entendia quão aceito era a Deos o caſtigo de malfeitores, como moſtrou Moyſés ao Tribu de Levi, [d] depois da matança, que tinhão feito no povo em caſtigo da Idolatria, dizendo que então tinhão conſagrado ſuas mãos a Deos; com tudo lhe deo noſſo Senhor a entender, como ſe não queria ſervir de ſeu talento, em dar a morte a malfeitores, mas em dar a vida eſpiritual aos que pelo peccado a tinhão perdida.

[d] Exod num. [illegible]

4 Pelo que conſiderando na viſão, que teve, e cahindo na conta de ſua vida, todo cheio de compunção, com intento já de

de mudar de estado, disse, fallando comsigo: *Se taes são as iguarias dos Desembargadores, daqui me dou por despedido del-Rei, da Corte, do Senado, e de tudo, quanto póde dar o mundo.* E porque as palavras importão pouco, quando se não acompanhão de boas obras, remettendo tudo a ellas, deixou as palavras. Renunciou o officio de Desembargador nas mãos do proprio Rei, que o provesse,
.20. e assim deo a Cesar *e* o que era
25. de Cesar, para dar a Deos o que seu era. Tinha noticia da estreita pobreza, e perfeição de vida, que se guardava na Provincia da Piedade; da aspereza, e rigor, com que se tratavão seus Religiosos; e achando que conformava tudo com o fervor, e espirito, que o incitava a fazer de suas culpas penitencia, pedio o habito de Religioso nesta Provincia, onde os annos, que nella viveo, fez admiravel vida.

CAPITULO XX.

Dos procedimentos de Fr. Diogo na Religião, dignidades, que obteve, e de algumas cousas, que lhe acontecêrão dignas de memoria.

1 TAõ extraordinaria mudança, como foi a de Diogo da Silva pelas circumstancias, que teve, tambem promettia na Religião extraordinarios progressos. Assim foi, pois se deo tão de véras aos santos exercicios da Religião, que em breve tempo, o que muitos alcanção em dilatados annos, veio a ser varão perfeitamente mortificado. Era mui devoto, contemplativo, e abstinente, tratando-se com muito rigor, e aspereza; o que não podendo soffrer o demonio, pertendeo por todas as vias fazello tornar atràs, ou ao menos divertillo da oração, que continuava com grande frequencia, perseguindo-o, e maltratando-o de continuo. Hum dia estava Fr. Diogo orando na sua cella, entrou o demonio em figura de hum façanhoso rafeiro, com medonhos latidos se arremeçou a elle; e tomando-lhe a cabeça em a boca, o teve assim atormentado grandemente, não menos do máo espirito, que do mal, que lhe fazia, atè que largou a preza depois de hum grande espaço.

2 Outra vez indo com Fr. Diogo da Beira, Frade leigo, Religioso de fervoroso espirito, e approvada humildade, antes de chegarem a hum monte, onde hião pedir agazalho, caminhando por entre huns valles, ouvírão hum pouco afastado delles huma voz mui sentida, e lastimosa, que por trez vezes repe-

repetio: *Que farei, trifte de mim?* e na terceira acabando de pronunciar eftas palavras a tempo, que jà emparelhava com os dous companheiros, e fe chegava perto, accrefcentou: *Que caminho hei de fazer? Malaventurado o que dá teftemunho falfo*; e fazendo grande eftrondo pelo ar, defappareceo. Admirado Fr. Diogo da Silva affim da voz, que ouvíra, como do eftrondo, que fizera, perguntou ao companheiro que podia fer aquillo. He, refpondeo elle, huma alma, que nefte ponto fahio da vida, e no Tribunal Divino, por aquelle crime, que confeffa, foi fentenciada ao Inferno. Outras muitas visões dizem noffos Memoriaes que teve Frei Diogo; mas como não as individuão, paffallas-hemos em filencio. Entre eftas batalhas, affim interiores, como exteriores, lhe dava Deos tanto esforço, e taes victorias, que em breve tempo veio a ter em pouco as porfiadas importunações, com que o demonio o perfeguia.

3 Pouco depois de profeffo foi ordenado Sacerdote, e promovido ao officio de Prégador, o qual exercitava com tanto efpirito, e recebeo do Senhor tal graça para efte minifterio, que alcançou entre os Prégadores de feu tempo o nome de grande. Agradou tanto a ElRei D. João a mudança, e perfeição de vida de Fr. Diogo, que o tomou por feu Confeffor, aproveitando-fe delle para o proveito efpiritual de fua alma, o que o tinha perdido em o fecular. Depois de o ter fervido nefta occupação, lhe deo outra de maior pezo, provendo nelle o Bifpado de Ceuta, Primaz de Africa. Com efta dignidade não perdeo Fr. Diogo a humildade de Capucho, antes com ella fe humilhou de maneira, que entre os pequenos fe tinha pelo menor de todos. He baftante prova defta verdade huma coufa, que lhe aconteceo em a noffa Cafa do Bofque de Borba. Veio elle a efta, fendo jà Bifpo, por caufa de fua efpiritual recreação a ver os Frades; e eftando fallando no clauftro do Convento com Fr. Bartholomeu do Canhaveral, Religiofo tambem de affinalada virtude, vendo-os o Guardião, que então era Fr. Diogo de Borba, os reprehendeo de quebrarem o filencio, e mandou que em penitencia levaffe cada hum ao outro dia no Refeitorio feu páo na boca. Ao outro dia entrou o humilde Bifpo no Refeitorio com a penitencia, diffe fua culpa, e recebeo do Prelado a reprehensão com tanta humildade, como fe fora o mais novo Corifta, ou Noviço. Nem fei qual deftas duas acções feja

mais

mais edificativa, e digna de espanto, se a humildade do Bispo, se o zelo do Prelado, acompanhado de huma simplicidade santa: ambas forão grandes, huma para confusão de subditos, outra para exemplo de Prelados.

4 Sendo Bispo de Ceuta, o nomeou o sobredito Rei por Inquisidor Geral deste Reino, e foi o primeiro, que nelle houve em o estado presente. Chegárão as Letras, estando em Evora, [a] em sinco dias de Outubro do anno de 1536. e foi a Bulla passada pelo Papa Paulo III. em vinte e trez de Maio do mesmo anno. E se Pedro Mariz [b] chama ao primeiro Inquisidor Geral deste Reino Fr. Henrique, errou o nome, e enganou-se manifestamente; porque Fr. Henrique, ainda que foi Inquisidor, não o foi Geral, nem o primeiro, mas simples, e ordinario: com tudo tem alguma desculpa este seu engano, por serem Fr. Henrique, e Fr. Diogo da mesma Familia, ambos Bispos de Ceuta, e quasi do mesmo tempo, com que ficava facil confundirse o nome de hum com o do outro. Com mais razão nos puderamos queixar da pouca, que teve o Reverendo Padre Frei Antonio de Sousa em o Catalogo, que fez dos Inquisidores no principio dos seus Aforismos, para dizer que fora D. Fr. Diogo da Silva, Religioso de S. Francisco de Paula, tirando à Ordem, e a esta nossa Provincia aquella honra. E não foi bastante (que he onde fundamos mais nossa queixa) o ser advertido antes de imprimir, para o emendar, fundado talvez na palavra do Breve, que em lugar de dizer: *Ordinis Sancti Francisci Provinciæ Pietatis*, diz: *Ordinis Sancti Francisci de Paula*, o que podia ser por inadvertencia do Notario, que o escreveo.

5 No mesmo erro, nascido sem duvida do mesmo principio, cahio tambem Paramo no livro, que compoz da origem, e progresso do officio da Santa Inquisição, livro segundo, titulo segundo, capitulo quinze, numero terceiro; porèm logo conhecendo a verdade, se retractou em o numero oitavo com estas formaes palavras, traduzidas do Latim, em que escreveo, no nosso idioma. *O primeiro* (falla dos Inquisidores deste Reino) *foi Fr. Diogo da Silva, Frade descalço da Ordem de S. Francisco de Assis, Confessor de ElRei D. João III. e Bispo de Ceuta em Africa. Foi creado Inquisidor Geral no anno de nossa Redempção 1536. pelo mez de Outubro, o qual officio teve perto de trez annos, que renunciou, e foi promovido ao Ar-*

cebiſpo de Braga. As palavras referidas de Paramo pudéra ver o Padre Souſa, e não deixar a verdade duvidoſa, quando não foſſe baſtante para emendar o erro o ſer delle antes advertido. E que alèm de ſer Fr. Diogo Religioſo de noſſo Padre S. Franciſco foſſe tambem filho da Provincia da Piedade não ſó repete muitas vezes o Illuſtriſſimo Prelado D. Rodrigo

[c] Supr. cit. da Cunha, [c] mas tambem o defende, e com elle todos, excepto o ſobredito Padre.

6 Trez annos eſteve no Biſpado de Ceuta, poucos mezes menos, que tanto vai de ſinco de Outubro de 1536. atè trinta e nove, em que a trez de Julho renunciou o officio de Inquiſidor Geral no Cardeal D. Henrique, que depois foi Rei, e o Cardeal nelle o Arcebiſpado de Braga, onde então eſtava. Quando D. Fr. Diogo da Silva houve de ir tomar poſſe da Igreja de Braga, moſtrou ElRei D. João III. a eſtimação, que delle fazia: eſcreveo aos Vereadores, e Fidalgos daquella Cidade, dizendo, que pedíra ao Santo Padre quizeſſe prover a D. Diogo da Silva neſte Arcebiſpado, por ſuas grandes virtudes; e encommenda muito que ſeja de todos obedecido, e acatado, como era razão, porque em ſeu cargo faria o que devia a bom Paſtor. Accreſcenta ElRei, que teria diſto muito contentamento, e do contrario, que não eſperava, muito deſprazer, e deſerviço. Foi a carta eſcrita em Lisboa pelo Secretario Pero de Alcovaça Carneiro a ſeis de Novembro de 1540. guarda-ſe no Cartorio da Camera daquella Cidade, e nenhuma outra ha, (diz a Hiſtoria de Braga) em que os Reis encommendaſſem os Arcebiſpos, ſenão eſta, e outra, que eſcreveo o meſmo Rei em favor do Cardeal D. Henrique ſeu irmão, em dezenove do mez de Janeiro do anno de 1534.

7 Exercitou ſeu officio naquella Igreja Primacial tão bem, como o tinha feito em Ceuta, e com igual ſatisfação à confiança, que ElRei moſtrou, que tinha delle, na carta, em que tanto o recommendava. Não lhe faltou mais para hum perfeito, e bom Prelado, que o durar-lhe mais tempo a vida; porque como entraſſe no Arcebiſpado cortado das enfermidades, naſcidas da muita penitencia, que ſempre fizera, depois de Religioſo, acceſo em deſejos de ver a Deos, e apparelhando-ſe com todo o cuidado para a ultima hora, aſſiſtindo-lhe os noſſos Religioſos de S. Fructuoſo, deo a alma a ſeu Creador em o mez de Dezembro do anno de 1541. havendo quatorze mezes que tinha o Arce-

ce-

cebiſpado, dos quaes reſidio em Braga nove, ſendo de idade de ſincoenta e ſeis annos. Foi ſepultado naquella Sé defronte da porta da Capella mór, donde depois foi trasladado para a Capella de S. Giraldo, em que agora eſtá, pelo Arcebiſpo D. Agoſtinho de Caſtro, em cuja ſepultura poz eſta inſcripção: *D. Fr. Didaco à Silva Archiep. Primati, D. Fr. Aug. M. P.* quer dizer: *A D. Fr. Diogo da Silva Arcebiſpo Primaz, D. Fr. Agoſtinho poz eſta ſepultura.* Depois deſta piedoſa diligencia, que com D. Fr. Diogo da Silva, e com os mais de ſeus anteceſſores fez o ſobredito Arcebiſpo D. Agoſtinho de Caſtro, buſcou tambem D. Agoſtinho de Jeſus as ſepulturas de todos para ſaber como, e aonde eſtavão ſepultados. Achou facilmente os corpos de todos, ſó o do noſſo Arcebiſpo não podia ſer achado, ainda que ſe fazião muitas diligencias. Enfadados jà de buſcarem, e com alguma deſconfiança, e o Arcebiſpo ſentido, metteo a mão o Conego Franciſco da Coſta (de quem ao diante fallaremos) no vão da ſepultura, e cerrando-a, que a levava aberta, prendeo com ella o cordão, com que o Santo Prelado eſtava cingido. Todos os preſentes julgárão, que reſervára o Ceo, por mercê, e favor, para o dito Conego aquelle achado, por ſer por extremo devoto de noſſo Padre S. Franciſco, e venerar tanto aquella ſagrada inſignia de ſua ſagrada Religião, que podendo eſculpir na ſua ſepultura, que jà tinha poſto na Igreja, as Armas de ſeus aſcendentes, o não quiz fazer, eſcolhendo o cordão de noſſo Padre, para o redor do letreiro della, por rica orla, e dourada bordadura.

CAPITULO XXI.

Do decimo Miniſtro Provincial, e da Caſa de Val-verde, que ſe recebeo em ſeu tempo.

1 NO fim do anno de 1543. em que acabava ſeu officio Fr. João de Faro, por commiſſão do Miniſtro Geral, que então era Fr. João Calvo, eleito no Capitulo de Mantua, congregou os Vogaes para a eleição do novo Miniſtro, aſſinando para a celebração do Capitulo o Convento do Boſque em Borba. Nelle foi eleito Fr. Diogo de Borba a terceira vez em Miniſtro Provincial, porque jà o tinha ſido duas vezes: de ſorte que foi em numero o quinto, e o ſetimo, e o decimo dos que teve a Provincia. Repetião tanto as eleições em eſte ſujeito, porque o achavão grandemente zeloſo da guarda da diſciplina re-

1543

Fr. Diogo de Borba Provincial 10.

religioſa, e coſtumes louvaveis da Provincia, como ſe póde colligir do que lhe ſuccedeo, ſendo Guardião na meſma Caſa do Boſque, com o Biſpo D. Fr. Diogo da Silva, como referimos no Capitulo antecedente. Pouco depois de ſua eleição recebeo o Convento de Valverde, cuja recepção foi deſta maneira.

2 Sendo Arcebiſpo de Evora o Sereniſſimo Infante, e Cardeal D. Henrique, (que depois veio a ſer Rei, ajuntando, qual outro Melchiſedech, o Sacerdocio com o ſceptro) tão particularmente devoto, e affeiçoado a eſta Provincia, que os Frades della o tinhão em conta de pai, tendo feito hum curioſo jardim, caſa de campo, e recreação, legua e meia diſtante da meſma Cidade de Evora, em hum ſitio chamado Valverde, onde vinha muitas vezes tomar alivio dos trabalhos, e cuidados, que comſigo traz a obrigação de ſemelhantes eſtados, e dignidades, determinou edificar-nos alli hum Convento, para nos ter comſigo todo o tempo, que ahi reſidiſſe. Aſſim o poz logo em effeito, mandando-o fundar junto às caſas, que alli tinha. He pequeno e Capucho, mas mui perfeito, com ſua fonte perenne, trazida por canos ao meio do clauſtro, e fóra da Caſa huma formoſa ciſterna, onde ſe recolhe a agua para regar a horta, e pomar. Começou-ſe a obra em o anno de 1544. A Igreja aſſim pequena como he tem muito artificio; eſtá em fórma redonda, compoſta de ſinco meias laranjas, as quaes eſtribão ſobre trinta e duas columnas pequenas, conforme a Igreja, mas de tão boa pedra, e tão bem lavradas, que parecem jaſpes em o reſplandor, com gracioſa ordem, e proporção divididas, com ſeu zimborio na meia laranja do meio, e hum curucheo com janellas ao redor de vidraças para luz, e claridade: a juizo de todos que a vem, e ſabem da Arquitectura, he a mais linda, e artificioſa fabrica, que ſe póde achar de ſeu tamanho.

3 Como a tal, quiz ver Filippe II. de Caſtella, porque depois de tomar poſſe deſte Reino, e eſtar nelle dous annos, vindo no de 1583. de Lisboa para Evora, fez caminho por Val-verde, e moſtrou que lhe agradava tanto, não ſó o artificio da Igreja, mas tambem de todo o Convento, que o mandou traçar, e tirar a planta. Feito eſte, ou quaſi acabado, ſó por ordem de Sua Alteza, houve huma Patente do Geral da Ordem Fr. João Calvo, para os Frades deſta noſſa Provincia o aceitarem, e morarem nelle.

le. Alli vinha efte grande Principe muitas vezes eftar com elles, entrando ſó pela porta, que tinha em ſua camera junto ao Convento, pelo não inquietar com ſua gente; e quando entrava pela da portaria, ſó mettia dentro ſeus principaes Fidalgos, os quaes não deixava entrar no clauſtro, ou corpo do Convento, mas fazia-lhe ſinal, que dando volta ao redor, paſſeaſſem pela horta. Pela meſma razão muitas vezes, que comia na Communidade do Refeitorio, nenhum criado levava, que o ſerviſſe, nem entraſſe dentro, mas chegavão atè à porta do Convento, onde davão as iguarias, que trazião, aos Frades, e eſtes as levavão à meza. Outras vezes chamava ao Guardião, e alguns dos que mais goſtava, que foſſem comer com elle a ſeu Paço. Em quanto viveo, ſempre ſuſtentou, e proveo de todo o neceſſario a eſte Convento, que então era Guardianía de doze Religioſos. Por ſua morte aſſim o Convento, como o jardim (que muito perdeo depois de formoſura, e curioſidades, que então tinha) ficárão com todas as couſas adherentes à Meza Archiepiſcopal.

4 Sempre deſde aquelle tempo os Senhores Arcebiſpos, que ſuccedêrão, ſeguindo o exemplo do Cardeal Infante, primeiro Fundador, e eſtimando muito ſerem Padroeiros deſta Caſa, com muita devoção, e cuidado provêrão os Frades de todo o neceſſario; porque como eſtão naquelle deſerto, não tem onde pedir. A gente da Cidade de Evora lhe tem muita devoção, indo muitas vezes em romaria ao Bom Jeſus, cujo Santiſſimo nome a Igreja tem por titulo, e são muitas as mercês, que do Senhor nella tem recebido. Por eſtas razões, e por eſtar em lugar ſolitario he mui accommodada para vivenda de Religioſos, ainda que todos eſtes bens lhe afea algum tanto o ſer doentia notavelmente de Verão, de tal maneira, que algumas vezes ſe tem viſto dos Frades, que alli são moradores, não eſcaparem dous em a hebdomada, que não adoeceſſem, e muitos de enfermidades malignas, que ou morrião, ou ficavão com achaques muito tempo. Pelo qual, ſendo Arcebiſpo o Senhor D. Alexandre, como tão devoto noſſo por filho do Duque D. João, e da Senhora Dona Catharina, (a qual lançou a barra alèm de tudo o que parece pode chegar a devoção de huma Senhora, e amor de Religião, ou Provincia alguma) vendo que os Religioſos ordinariamente eſtavão doentes, eſcreveo a hum Capitulo, que ſe celebrou em Santo

to Antonio de Coimbra pelos annos de 1607. pedindo quizessem deixar aquella Casa de Valverde, tirando della os Religiosos. Admittírão os Frades o conselho, que logo se poz em effeito, largando no mesmo anno a Casa. Sentio isto grandemente a Cidade de Evora, e supposto que outros alguns Religiosos por vezes a procurárão, nunca jà mais quiz consentir que morassem nella senão os que a tinhão deixado; importunando por isto ao nosso Provincial.

5 Accrescentou mais esta súpplica da Cidade hum repetido prodigio, que os Pastores daquelle sitio contavão. Dizião estes, que muitas vezes ouvírão tocar a Matinas o sino, e rezarem-se no Coro pela meia noite, ao mesmo tempo, que os Frades as rezavão, quando alli moravão. Huma noite ajuntando-se huns poucos quizerão examinar este prodigio; e supposto que quando chegárão à porta do Convento, ouvírão que se rezava no Coro, subindo assima, parou a reza, e ninguem vírão. Quasi trez annos esteve o Convento desamparado, atè que aos continuos rogos, e súpplicas da Cidade se ajuntou huma carta do Bispo de Miranda D. Diogo de Sousa, primeiro do nome, eleito jà Arcebispo de Evora por morte do Senhor D. Alexandre, que succedeo em breve, depois de largarmos o Convento, o qual pedia ao Provincial, que então era, Fr. Pedro de Penalva quizesse outra vez povoallo de Frades, porque não era bem se esquecesse huma devoção tão particular, como o Cardeal Dom Henrique nelle tinha, como tambem deixar-se de continuar tanto serviço de Deos, quanto se lhe fazia naquelle ermo. Por todas estas razões em hum Capitulo, que se fez em Evora no anno de 1610. o tornámos a aceitar com titulo de Vigairaria, como tinha antes de ser deixado.

6 Depois de fundar este Convento o Cardeal Infante, os Arcebispos, que teve por Padroeiros, forão successivamente os seguintes: Dom João de Mello, em quem elle renunciou o Arcebispado, que morrendo brevemente, tornou a ser Arcebispo o mesmo Cardeal; e ultimamente succedendo na herança deste Reino por morte delRei D. Sebastião, de triste, e saudosa memoria, deo o Arcebispado ao Senhor Dom Theodosio de Bragança, filho do inclyto Duque D. Jaime, Fundador, e primeiro Padroeiro desta Provincia. E como jà a devoção lhe viesse por herança, não sómente em prover este Convento das cousas necessarias, e na fabrica de Santo An-

Antonio de Evora, (como em seu lugar diremos) senão tambem em todas as mais cousas se mostrou mui zeloso, e fidelissimo Protector da Provincia. Succedeo-lhe o Senhor D. Alexandre, em quem havia a mesma razão, mas durou-lhe pouco tempo a vida. Logo o Arcebispo D. Diogo de Sousa, primeiro do nome, o qual nesse pouco tempo, que possuio a Cadeira, que foi quasi hum anno, mostrou ser muita sua devoção; porque sendo nessa conjunção tornada a receber a Casa, (como fica dito) elle a proveo liberalmente de tudo o necessario, assim para o Coro, e Sacristia, como para a enfermaria, e uso dos Religiosos, que sempre forão delle bem tratados, e providos. E ainda que a morte os deixou saudosos de sua presença, não sentírão depois della alguma falta; porque succedendo-lhe D. José de Mello, filho do Marquez de Ferreira, poz todo o cuidado em os prover de todo o necessario.

7 Era este Illustrissimo Prelado mui affeiçoado a Val-verde, e assim procurou que este Convento fosse tornado a estado, e titulo de Guardianía, como o era no tempo do Cardeal Infante, o que conseguio em hum Capitulo celebrado em Evora em dezenove de Janeiro de 1614. Intentou tambem renovar o jardim destruido, e tornallo à sua antiga fórma: teve effeito este seu desejo em muita parte, mas depois de sua morte durou pouco tempo o que tinha renovado. Succedeo-lhe D. João Coutinho, que vindo de Madrid para este Reino jà depois da feliz acclamação de ElRei Dom João IV. como de mandado seu se detivesse em a Cidade de Elvas, adoeceo em o nosso Convento, onde morreo, e lhe deixou peças de grande preço para o Divino culto, entre as quaes a mais assinalada era huma Cruz esmaltada de pedras preciosas, e nella engastada huma grande Reliquia do Sagrado Lenho. Esta, e tudo o mais, que no Convento havia, levárão os Castelhanos, quando em o anno de 1658. sitiárão, mas não rendêrão aquella Cidade. Neste tempo ficou o Arcebispado vago, e o esteve em quanto durárão as guerras em Castella; teve porèm por Governador a hum Religioso chamado Fr. Luiz de Sousa, que querendo reduzir a ordinaria, com que os Senhores Arcebispos provião o Convento, a huma certa esmola de cada semana, e estando jà para o pôr em effeito, morreo vespera de nosso Padre S. Francisco, (de que alguns de fóra fizerão mysterio) e ficou o provimento dos Frades correndo

por

por conta do Reverendo Cabido, que com muita pontualidade o fazia.

8 Acabadas as guerras, e feitas as pazes entre os dous Reinos, proverão a Igreja de Evora em D. Diogo de Sousa, segundo do nome, e hum dos grandes Prelados do seu tempo, que com a mesma ordinaria, que seus predecessores, assistia ao Convento. Depois possuio esta Cadeira o Illustrissimo Senhor D. Domingos de Gusmão: foi particular o amor, e benevolencia, com que tratava aos Religiosos da Provincia, e notavel o cuidado, com que provía de tudo o necessario os moradores de Val-verde, assim sãos, como enfermos, sem reparar em dispendios. A quinta não só a restituio a seu antigo ser em grande parte, mas tambem a accrescentou com algumas obras notaveis, como são espaçosa tapada povoada de gado sylvestre, sumptuosas casas, formoso lago, vistosos arcos, que de competente distancia trazem em abundancia agua para fertilizar a quinta, que passando pela nossa cerca, nos deixão nella huma boa quantidade, e da melhor, que se recolhe em hum tanque para beneficio da horta. Com estas, e outras muitas obras, que o dito Prelado alli fez, fica hoje aquelle sitio muito mais alegre, e aprazivel à vista.

CAPITULO XXII.

Fundação do Convento de N. Senhora da Assumpção da Vidigueira.

1 NAõ longe da Villa da Vidigueira, e mais perto de Villa de Frades, que dista muito pouco huma da outra, em o Arcebispado de Evora, havia antigamente huma hermida do Patriarca S. Bento, de cujo principio, e fundação não pude achar memoria. E como os mais dos Grandes deste Reino procuravão ter os Frades da nossa Provincia em suas terras, e serem Padroeiros de alguma Casa della, hum destes foi aquelle illustre, e piedoso Heroe D. Francisco da Gama, filho do grande Vasco da Gama, primeiro Conde, e Almirante do mar da India, que elle descubrio não com menos gloria sua, que exaltação do nome Portuguez, que deo bem a conhecer com suas armas em partes tão remotas, e incognitas. Offereceo pois o Conde Dom Francisco, e a Condessa Dona Guiomar de Vilhena, sua mulher, a nossos Frades hum Convento naquella sua terra; e aceitando estes a offerta, escolhêrão para a fundação, por mais accommodado, o lugar, onde estava a sobredita hermida de S. Bento. 154[illegible]

2 O

2 O ſitio (tirado o ſer enfermo) he agradavel, porque fica em hum campo deſcuberto, cercado de olivaes, e vinhas, de que he bem frutificada aquella terra: tem boa horta, e baſtante pomar, regado com fontes de agua perenne, trazida de fóra por canos. Começárão os ditos Condes a fazer o Convento no anno de 1545. e brevemente o acabárão. He Guardianía de treze, ou quatorze Religioſos, que ſempre os Senhores da Caſa da Vidigueira provêrão com grande devoção, e pontualidade de todo o neceſſario, que nos he licito receber, ſem quebrantar a obrigação de mendigar, conforme a noſſo eſtado, para cujo effeito tiverão ſempre officiaes deputados, que acodem com tanto cuidado, e diligencia, que não he menos eſtando ſeus Senhores auſentes, que em preſença delles. O meſmo experimentamos hoje em o Senhor D. Franciſco da Gama, ſexto Conde da Vidigueira, e ſegundo Marquez de Niza, que alèm de herdar a devoção com a Caſa, parece que tem feito empenho de exceder na devoção a todos os Senhores, que tem havido nella.

3 Quando ſe fez a Igreja, a que ſe deo por titulo a Aſſumpção da glorioſa Virgem Senhora noſſa, porque não pareceſſe que o Patriarca S. Bento era de todo lançado de ſua caſa, lhe fizerão hum altar fóra da grade da meſma Igreja, onde eſtá poſta ſua Imagem de vulto, e ſe conſerva a devoção antiga. Ha neſte Convento muitas Reliquias notaveis; e não menos he de notar a invenção milagroſa, e myſterioſo modo, com que o Senhor quiz dallas a conhecer, para que como taes foſſem veneradas por verdadeiras. São as ſeguintes, conforme declarão os titulos, que tem. Do Santo Lenho; da Sagrada Tunica de Chriſto, e da Veſtidura, que lhe veſtírão em caſa de Pilatos; da Corda, com que o atárão; do Santo Sudario; do Berço, em que foi criado; do Páo da meza da Cea; da pedra, ſobre que o Senhor chorou ſobre Jeruſalem; da pedra da Sagrada Columna; da pedra do Sepulchro; e da porta Aurea. Da beatilha da Virgem Sacratiſſima Senhora noſſa; de ſua veſtidura; da cera offerecida no Templo em ſua Purificação; da pedra de ſua ſepultura. Da pedra da caſa, em que S. João Euangeliſta dizia Miſſa; huma reliquia de S. João Baptiſta; de S. Pedro, e de S. Paulo; de Santo André; de S. Lucas Euangeliſta; de S. Simão, e São Judas; de hum dos Innocentes; do Protomartyr Santo Eſtevão, e de ſua

Dealmatica; de Zacharias Profeta; de Santa Maria Cleofe; de Santa Anna; dos trez Reis Magos; do pano, em que envolvêrão os Anjos o corpo da inclyta Virgem, e Martyr Santa Catharina; de Santa Maria Salomé; de S. Sebaſtião; de Santo Agapito, e S. Calliſto Martyres; de S. Chriſtovão; de S. Braz; de S. Roque; de Santo Aleixo; do Conde Santo; de noſſo Padre S. Domingos. Das Santas Agueda, Luzia, Cecilia, Natalia, Felicitas, Urſula, Dorothea. Hum cabello de noſſo Serafico Padre S. Franciſco; reliquias de ſeu habito, e tunica; do ſendal, com que alimpava os olhos, e de ſua corda. Hum oſſo do glorioſo Santo Antonio de Padua, e reliquia de ſeu habito, e cordão. Dos ſinco Martyres de Marrocos; e dos ſete de Ceuta. Do habito de Santa Clara, e de S. Gualter; e outras muitas Reliquias, que, por não terem letreiros, não ſe ſabem cujas são. A ordem, com que ſe deſcubrio tão grande theſouro, e veio a eſta Caſa da Aſſumpção, he deſta maneira.

4 No anno do Senhor de 1555. havia hum Lavrador chamado Gonſalo Anes Cubeiro, que vivia em hum ſitio de Pumar, (que por ſeu reſpeito ainda agora retem o nome de Cubeiro) fóra do lugar da Vidigueira, em o caminho, que vai deſta Villa para a de Portel. Eſte tinha em caſa prezo, por ſer falto de juizo, ou lunatico, hum filho ſeu de idade de dezoito annos, que ſe chamava Manoel Gonſalves Cubeiro, o qual eſtando hum dia o pai fóra, importunou a huma ſua irmã, que o ſoltaſſe, o que ella fez, movida de ſeus rogos. O moço, como ſe vio livre, ſahio-ſe de caſa, e foi dar em huma Hermida velha, e antiga, quaſi toda arruinada do tempo, que eſtava no caminho, que vem da Vidigueira para o noſſo Convento: chamava-ſe a Hermida de Santa Clara, e conforme antiga tradição, tinha ſido Igreja Matriz, em tempo, que a povoação da Vidigueira alli eſtava, e não em o lugar, onde agora a vemos. Chegando alli o louco, ſe deitou todo o dia, e ficou dormindo toda a noite. No mais alto ſilencio della acordou, ouvindo hum grande eſtrepito de gente, que entrava na Hermida. Levantando-ſe, vio hum veneravel velho, o qual ſaudando-o, lhe diſſe, que foſſe ao Altar, e levantando a meza de pedra, com que eſtava todo cuberto, tiraſſe o que achaſſe dentro. Reſpondeo o mancebo, que mal poderia revolver pedra tão grande. Dito iſto, vio que eſtava jà levantada,

da, sem saber por quem, e debaixo appareceo outra arca de pedra, da qual lhe disse o velho, que tirasse o que dentro estava. O moço com este intento lançou a mão a huma argamaça, com que a arca estava tapada, e posto que parecia dura, e forte, em a tocando, foi como cousa de milagre, que se desfez, como se fosse cinza, e se apartou, dando lugar, com que appareceo huma boceta de páo, que tomando-a em suas mãos, cobrou logo perfeito juizo.

5 Entendendo o que era, a levou à Vidigueira, onde entrando na Igreja Matriz, a poz sobre o Altar de huma Capella de Nuno Pereira, Alcaide Mór que fora da Villa de Portel. Contou ao Prior, e mais gente o que lhe havia acontecido, de como achára aquellas Reliquias, que para lhe darem facilmente credito, bastava a prova tão clara de que havendo-o conhecido por louco, o vião jà mui sezudo. Abrio o Prior a boceta, e examinando tudo muito bem, achou, como na verdade erão, Reliquias mui notaveis, como constava dos mesmos rotulos dellas. Ordenou então que se tornassem à dita Hermida de Santa Clara, em quanto se ordenava huma Procissão para as hirem buscar solemnemente, como logo forão, e as trouxerão com muita festa, e collocárão com a devida reverencia em a Igreja Matriz da dita Villa. O sobredito Conde, e Condessa mandárão então reedificar a Hermida antiga de Santa Clara, prover de ornamentos, e fazer hnma Confraria nella.

6 O Manoel Gonsalves conhecendo a grande mercê, que Deos lhe fizera em lhe dar perfeito juizo, o quiz aproveitar tão bem, que foi estudar a Salamanca, (não havia ainda estudos em Evora) e aprendeo a Sagrada Theologia, sahio assinalado Prégador, e viveo com grande sizo, e prudencia atè o anno de 1568. em o qual falecendo, se mandou enterrar em a dita Hermida de Santa Clara, onde tambem seu pai jà se tinha enterrado, mandando esculpir sobre a pedra de sua sepultura hum arado, como insignia do officio de lavrador, que tinha. Derão testemunho de vista de todas estas cousas Gonsalo Anes, Sacerdote mui antigo, morador em a Vidigueira, que se achou presente, quando o Manoel Gonsalves trouxe as Reliquias, e com ellas o juizo, que lhe faltava, e ao mais, que ao depois succedeo; e assim tambem Lourenço Anes Cubeiro, primo segundo do mesmo Manoel Gonsalves, affirmando mais, que trazendo hu-

ma mulher hum ſeu filho mui doente, e todo tolhido, dando-lhe a beber agua, que lançára em a caixa de pedra, dentro da qual eſtivera a boceta das Reliquias, cobrou perfeita ſaude. E o Licenciado João Gonſalves, Medico, natural da meſma Villa, affirmava que conhecêra ao dito Manoel Gonſalves Cubeiro, quando carecia de juizo, e depois que o cobrára, e ſe fizera Theologo, o qual lhe contára por vezes o proceſſo de tudo o que fica dito.

7 Deſcuberto neſta fórma tão grande theſouro de Reliquias, e tão approvadas de verdadeiras, não ſó com o milagre do modo de ſua invenção, ſenão tambem com muitos outros; ſabendo diſto a Rainha D Catharina, mulher de ElRei D João III. deſejando vellas, mandou que lhes foſſem levadas. E tomando para ſi hum ſó cabello da bemaventurada Santa Maria Magdalena, que eſtava entre as que jà nomeei, fez metter as outras todas em retabolo pequeno em fórma de almario, com ſuas portas, e fechadura com chave, forrado de veludo carmeſi, poſtas em ordem com ſeus letreiros, que declarão de que Santo he cada huma, cuberto tudo de vidraças. Aſſim concertadas as tornou a mandar à dita Condeſſa Dona Guiomar de Vilhena, que com muita inſtancia lhas pedia. A Condeſſa as poz neſta ſua Caſa, onde eſtão decentemente, e com muita veneração collocadas em o Sacrario do Altar maior da Igreja, e tem feito Deos noſſo Senhor mui ſingulares milagres por meio dellas.

CAPITULO XXIII.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Loulé.

1 DO Convento, que fundámos em Faro, e que largámos aos Padres Obſervantes da Provincia de Portugal pelo de Villa-Nova por ordem delRei D. João III. como fica dito, [a] era Padroeiro Nuno Rodrigues Barreto. [b] Por eſta troca, que fizemos, ficou eſte Fidalgo aſsàs deſgoſtoſo; e não podendo ſoffrer muito tempo a auſencia dos noſſos Religioſos pela ſingular devoção, e amor, que lhes tinha, quatro annos, pouco mais, depois que deixárão o Convento de Faro, fez ſúpplica ao Summo Pontifice, expondo como tendo elle feito edificar com deſpezas ſuas na Cidade de Faro em huma poſſeſsão, que fora de ſeu pai, hum Moſteiro aos Frades da Provincia da Piedade, chamados commummente os Deſcalços, da vida, e exem- 154

[a] Supr.l c. 18.
[b] Ibid. c. num.

exemplo dos quaes assim elle, como sua mulher Dona Leonor de Milão, e a mais familia se gozava muito em o Senhor com obra, e consolação espiritual, o Ministro Geral da Ordem lançára aos ditos Frades Descalços do dito Convento contra vontade delle Padroeiro, e puzera ahi outros Frades da Observancia. Pelo que vendo-se elle com sua familia em falta, frustrados de seu intento, e espiritual consolação, desejava muito pelo accrescentamento do culto, e honra Divina edificar aos ditos Frades da Piedade em huma herdade de seu morgado, chamada Quarteira, ou em outro lugar, que melhor parecesse, junto à Villa de Loulé, hum Heremitorio, ou Oratorio, à maneira de Convento, em que pudessem estar quatro, ou sinco Religiosos, e viver de maneira, que nas outras Casas costumão, aos quaes queria dar os ornamentos, e cousas necessarias para o culto Divino, e sustentallos de sua propria fazenda de tudo o que houvessem mister, conforme seu costume, e Regra.

2 Mas porque temia que os Ministros da Ordem de São Francisco da Observancia, ou dos Claustraes estorvassem este seu louvavel proposito, sob color, e achaque, que tinhão Convento da dita Ordem na Cidade de Faro, e que na Villa de Loulé se não podia fundar outro da mesma Ordem, por não estar esta Villa daquella Cidade em quatro leguas de distancia, como era necessario por huma concordata, que se tinha feito; e pela mesma causa, por se livrarem de contendas os Ministros da Provincia da Piedade, não quererião enviar Frades ao dito Heremitorio, ou Casa, que pertendia fazer: pedia humildemente a S. Santidade lhe désse licença, para com authoridade Apostolica edificar o tal Heremitorio, e Casa; e depois que estivesse feita, os Superiores da dita Provincia da Piedade pudessem, e devessem mandar quatro, ou sinco Religiosos para morarem nella, onde servissem ao mui alto Deos.

3 O Summo Pontifice, que então era Paulo III. lhe passou Breve, expedido em Roma a oito de Julho do anno undecimo de seu Pontificado, que foi o do Senhor 1544. no qual diz, que visto o piedoso desejo, e louvavel proposito de Nuno Rodrigues Barreto, e attendendo que se hão de favorecer as pessoas, que honrão, e aproveitão à Religião, para que assim se incitem outros a fazer o mesmo, lhe concede tudo o que pedia, e dá licença, para que possa levantar o dito Oratorio com sua Igreja, claustro, dormi-

mitorio, e mais officinas neceſſarias, com ſua horta, e cerca; e o dito Miniſtro da Piedade eſtaria obrigado a mandallo povoar de Religioſos. Ainda lhe concedeo outro ſingular favor, dizendo, que todas as vezes, que morreſſem alguns dos moradores naquella Caſa, pudeſſem vir para ella quaesquer Religioſos de outros Conventos da Provincia da Piedade, (ſendo chamados, e ſe eſſa foſſe ſua vontade) ſem terem neceſſidade de pedirem para iſſo licença ao Miniſtro, nem a algum outro Prelado, com tanto que viveſſem alli debaixo da obediencia dos Superiores da dita Provincia da Piedade, e conforme ſuas Ordenações, e coſtumes, ſem innovarem alguma couſa. Conclue o Breve com mui notaveis clauſulas de firmeza. Por virtude do qual ſe começou a obra no anno de 1546. e ſe povoou de Religioſos.

4 Não obſtante as clauſulas do dito Breve, ainda aſſim o arguírão de defeituoſo os Padres da Provincia dos Algarves da Obſervancia, dizendo, que não fazia expreſſa, e clara menção a ſúpplica de hum concerto, que havia entre eſtas duas Provincias do Algarve, e da Piedade, de que não receberia huma Convento quatro leguas de qualquer Convento da outra. Foi o pleito ao Capitulo Geral da Ordem celebrado no Convento de N. Senhora dos Anjos em Aſsís no anno de 1547. onde ſe deo ſentença a ſeis de Junho, que os Frades da Provincia da Piedade ſahiſſem logo, e deixaſſem o Oratorio, por quanto julgava o Capitulo que o Breve era ſurrepticio por falta de inteira informação. Porèm tanto que Nuno Rodrigues Barreto teve noticia do que no Capitulo Geral tinha ſuccedido, recorreo ao Nuncio Apoſtolico, Legado *à latere* de S. Santidade neſte Reino, chamado João Ricio de Monte Policiano, Arcebiſpo Sipontino, o qual, viſto o Breve, e examinada a cauſa, julgou que fora legitimamente impetrado, e que tinha ſufficientiſſimas clauſulas, derogatorias de quaesquer eſtatutos, ou concertos em contrario, e aſſim mandava que ſe cumpriſſe, e que nenhum Prelado pudeſſe obrigar aos Frades deſta Provincia a deixarem o dito Oratorio. O Breve Apoſtolico, e a ſentença do Nuncio eſtão guardados no Arquivo daquelle Convento. Com iſto ficárão os noſſos Frades quietos naquella Caſa, a que derão titulo, e invocação de Santo Antonio, a qual creſcendo, e renovando-ſe por tempos, he hoje Guardianía, que tem commummente quatorze atè quinze Frades morado-

dores. Eſtá pouco diſtante da Villa, em hum plaino quaſi a meia ladeira, donde deſcobre a viſta alguma parte do mar, que fica dahi duas leguas.

5 O ſitio he freſco, a cerca eſpaçoſa, com muito arvoredo de pomar, abundante de varias frutas, horta regada com as aguas de huma fonte perenne. O povo devoto, e de boa vontade ajuda aos Religioſos com as eſmolas, que póde. Em quanto vivêrão ſeus primeiros Fundadores Nuno Rodrigues Barreto, e Dona Leonor de Milão, que depois de morto o marido viveo ainda muitos annos, tiverão ſempre cuidado, como legitimos Padroeiros, de prover eſta ſua Caſa não só das couſas pertencentes ao culto Divino, vaſos, ou ornamentos da Sacriſtia, e à cura dos enfermos, ſenão tambem das couſas neceſſarias aos Religioſos para a vida humana, a que as eſmolas da terra não baſtaſſem. Com a meſma devoção continuárão ſeus deſcendentes, que acabárão em Dona Beatriz de Mendoça Barreto, neta do dito Fundador, a qual com extrema ſolicitidão, e extraordinaria liberalidade tinha cuidado de prover de todo o neceſſario a eſte ſeu Convento, ſem que foſſe baſtante para haver alguma falta o viver tão apartada delle, quanto vai da Villa de Loulé, de que era Alcaideça Mór, a Madrid, onde ſe tinha criado no Paço de Filippe III. por Dama da Rainha, e ficou depois da feliz acclamação delRei D. João IV. vivendo com grande exemplo de honeſtidade em celibato, ſuppoſto que lhe ſahírão muitos, e mui illuſtres caſamentos.

6 Deixou Dona Leonor de Milão, mulher do primeiro Fundador, eſte Convento de Santo Antonio com inſignes Reliquias, e mui approvadas, que lhe mandou Dona Franciſca de Aragão, caſada com Dom João de Borja, Conde de Mahalde, e do Ficalho, filho do Duque de Gandia, as quaes trouxe de Alemanha, quando foi àquellas partes com a Emperatriz Dona Maria, filha do Emperador Carlos V. de Caſtella. Ella as mandou engaſtar em huma curioſa Cruz de páo preto, accommodando-ſe ao modo dos Capuchos, poſtas ordenadamente, e em proporção ſobre cada Reliquia huma vidraça, e letreiro ao redor, que declara de que Santo ſeja. Ha entre ellas huma boa parte do Lenho da Sagrada Cruz, huma Reliquia de Santa Catharina Virgem, e Martyr, de S. João Baptiſta, do Protomartyr Santo Eſtevão, de São Mattheus Apoſtolo, de S. Bento Abbade, de S. Braz Biſpo, e finalmente

te de outros Santos, e Santas, por cuja intercefsão, e meio de fuas Reliquias tem alcançado de Deos muitas mercês as peffoas, que fe encommendão a elles, e com devoção as honrão, e venerão. Nefte Convento, fem que houveffe mudança alguma em fua primeira fórma, vivemos atè o anno de 1692. em que pafsámos para outro, que reedificámos de novo, por efte ameaçar jà ruina: fica pouco mais affima do primeiro, como diremos a feu tempo.

CAPITULO XXIV.

Elege-fe o undecimo Miniftro Provincial: reedifica-fe a Cafa da Piedade a primeira vez em feu tempo.

1546 1 AO noffo Provincial Fr. Diogo de Borba commetteo o Miniftro Geral da Ordem Fr. João Calvo, que então eftava no Sagrado Concilio Tridentino, a celebração do Capitulo, tanto que acabaffe o tempo de feu governo. Convocou a elle em o anno de 1546. para o Convento de noffo Padre S. Francifco de Elvas, onde fahio eleito em Miniftro Provincial o Irmão Frei Simão da Vermiofa, e foi o undecimo em numero dos que atè feu tempo teve a Provincia. O conceito, que todos tinhão defte Religiofo, promettia grandes progreffos em feu governo; atalhárão porèm a eftes os moleftos achaques, que depois de fua eleição lhe fobrevierão. Effe pouco tempo, que governou, foi com muita prudencia, e acerto, com que deixou a toda a Provincia tão fatisfeita de feu proceder, como fentida da renuncia, que fez de feu officio, pouco mais de anno e meio depois de fer eleito.

Fr. Simão da Vermiofa, Provincial 11.

2 No tempo, que teve o fello, fe celebrou Capitulo Geral em noffa Senhora dos Anjos em Afsís pela fefta de Pentecoftes do anno de 1547. para eleição de Miniftro Geral por morte de Fr. João Calvo, que tinha falecido em a Cidade de Trento. Fizerão eleição em o Padre Fr. André da Infua, noffo Ulisbonenfe, e Cuftodio actual da Provincia dos Algarves. Nefte Capitulo fe não achou o noffo Provincial, por lhe não darem jà lugar os achaques para poder fazer a pé jornada tão comprida; achoufe porèm nelle o Cuftodio, que por parte do Provincial da Provincia dos Algarves foi citado para refponder às razões, que allegava aquella Provincia, para que deixaffemos o Convento, que então fundavamos em Loulé. E fuppofto que as razões da parte do Cuftodio moftra-

travão bem a juſtiça, que tinhamos, como fundadas em hum Breve, em que o Summo Pontifice não ſó nos concedia aquelle Convento, mas tambem obrigava ao Provincial a povoallo de Frades, não obſtante iſto, deo-ſe contra nós a ſentença, ou por ſer o pleito de huma Provincia, de quem o Miniſtro Geral era filho, ou (o que ſerá mais certo) pelo entenderem aſſim. O mais, que depois ſuccedeo neſta cauſa, deixo eſcrito no Capitulo antecedente. Durando ainda o governo do Miniſtro Provincial Fr. Simão da Vermioſa, ſe mudou a primeira Caſa da Piedade de Villa-Viçoſa para mais perto da Villa, e foi pela cauſa seguinte.

7 3 Ao Duque D. Jaime ſuccedeo não menos em o eſtado, e caſa, que na devoção, e amor deſta Provincia, ſeu filho o Duque Dom Theodoſio. Vendo eſte Principe o muito, que padecião os Religioſos na Caſa da Piedade, por ſer o ſitio tão enfermo, que de Verão era neceſſario deſpovoallo, pela experiencia, que havia de adoecerem quaſi todos de graves enfermidades, de que ou morrião, ou ficavão enfermos toda a vida: e por outra parte o pouco commodo, que havia para a cura delles, por eſtar longe do povo; a que ſe accreſcentava tambem o deſejo de ter os Religioſos mais perto de ſeu Paço, para com mais facilidade os communicar, ſe reſolveo trazellos para outro ſitio mais perto da Villa. Fica eſte para a meſma parte do Naſcente, onde eſtava o antigo, junto a hum ribeiro, que corre das fontes da Villa, e com outras muitas hortas rega tambem a do Convento. Para eſte ſe paſſárão os Frades em o anno de 1547. deixando a Caſa antiga, e primeira, que a Provincia teve, onde vivêrão quarenta e ſete annos: e porque ſe não perdeſſe a memoria de tão grande Santuario, da Capella da Igreja deixárão alli feita huma Hermida.

4 Neſte ſegundo Convento, como no antigo, e mais vezes, pelo ter mais vizinho, vinha o Duque aſſiſtir aos Officios Divinos, e rezar com os Frades no Coro: ajudava-os a cantar as Miſſas, e Veſperas; depois eſtava na Oração mental da Communidade, e fazia como qualquer delles outras ceremonias, e exercicios da Religião. Tratava-os com moſtras de mui eſpecial devoção, e amor, com tanta humildade, que de joelhos lhes tomava os perdões, e com muita familiaridade os levava nos braços, como ſe forão ſeus iguaes. Nem iſto era muito nelle, porque

naturalmente foi Principe amorosissimo, e sem perder nada da gravidade, que resplandecia em todas suas obras, guardando em tudo o decoro de sua pessoa: tinha muita brandura, e affabilidade para com todos (singularmente porèm para nossos Frades) assim estranhos, e desconhecidos como seus vassallos, e domesticos. Tomava para si o conselho, que dava Claudiano a outro Theodosio Emperador, que se houvesse com seus vassallos não tanto como Senhor, quanto como Pai, e Cidadão. Com isto era a todos mui aceito, e de seus vassallos tão amado, que o servião com summo gosto. No tempo, em que mudou a Piedade, deo tambem principio à Casa de Portel, como logo diremos, e reedificou a do Bosque em Borba. Foi grande a devoção, e piedade, com que despendeo seus thesouros em fundar Casas de oração, e Conventos de Religiosos. Em seu Paço instituio, e fundou huma Capella illustre, e rica: applicou rendas para haver em Villa-Viçosa hum estudo de Grammatica, que hoje se lê nella em o Convento dos mui Religiosos Padres Agostinhos. Edificou o insigne Convento das Chagas de Religiosas de Santa Clara, onde se recolhêrão a Senhora D. Maria, e D. Vicencia suas irmans.

5 Nestas, e outras obras de piedade gastou a vida atè o anno de 1573. em que lhe deo a ultima enfermidade. Estavão neste tempo os seus Capuchos celebrando Capitulo Provincial em Santo Antonio dos Olivaes de Coimbra; e vendo o Duque que sua enfermidade era mortal, mandou chamar os Presidentes das Casas da Piedade, e do Bosque, que o acompanhassem. Depois de recebidos devotamente os Sacramentos da Igreja, pedio-lhes que lhe vestissem o habito de nosso Padre S. Francisco, em que fosse enterrado. Feita esta diligencia, mandou que lhe trouxessem huma devota Imagem do mesmo Santo; e tomando-a nas mãos, postos nella os olhos, disse estas formaes palavras: *Padre meu Serafico S. Francisco, jà que me levastes a Capitulo os meus Guardiães, que não tenho presentes nesta hora, vós me acompanhai nella: sede guia, e Guardião de minha alma: e assim como na vida experimentei vosso favor, assim o sinta na morte: ajudai-me, e apresentai minha alma diante de seu Creador.* Ditas estas, e outras palavras, que não movião a pouca devoção, e lagrymas a quem as ouvia, beijando a Imagem do Santo, e abraçado com ella, com grandes sinaes de contrição verdadeira, e mostras de santidade, deo

deo ſua alma a Deos noſſo Senhor; tanto, que ſe affirmou, ſegundo achei eſcrito, que a terra de ſua ſepultura dera ſaude a enfermos, moſtrando o Senhor depois da morte de quanto merecimento fora ſua vida, que ordinariamente qual foi huma, tal coſtuma ſer a outra.

CAPITULO XXV.

Fundação do Convento de noſſo Padre S. Franciſco de Portel.

7 1 NO meſmo anno, em que o Duque D. Theodoſio mudou a Caſa da Piedade para outro ſitio, deo tambem principio a outra Caſa em a Villa de Portel, dedicada a noſſo Padre S. Franciſco. He Portel Villa dos Eſtados de Bragança no Arcebiſpado de Evora, e ſeis leguas deſta Cidade para a parte do Sul. A occaſião, que houve para o Duque nos fundar alli Convento, foi eſta. Sendo eſte Principe caſado com a Duqueza Dona Joanna de Alencaſtre ſua prima, viveo com ella alguns annos ſem haver filho, ou filha alguma, por cuja cauſa vivião com algum deſgoſto; e dizem que os Medicos, conſiderando a natureza deſta Senhora, não lhe davão eſperanças de poder havellos. O Duque buſcando o remedio por melhor caminho, como devotiſſimo que era de noſſo Padre S. Franciſco, valeo-ſe de ſeus merecimentos, fazendo voto, que ſe por ſeu meio, e interceſsão lhe déſſe o Senhor hum filho para herdeiro de ſua Caſa, edificaria hum Convento a eſta Provincia, da invocação do meſmo Santo. Feita eſta promeſſa, ouvio o Senhor a petição, e ſatisfez o deſejo a eſtes Principes, dando-lhes, como por milagre, filho ſucceſſor, que veio a ſer o Duque D. João, primeiro deſte nome. Para cumprimento do dito voto pedio ao Provincial enviaſſe Frades a Portel, que eſta Villa eſcolheo para a fundação do Convento, por ſer povo, que commodamente podia ſuſtentar os Religioſos.

2 Muito antes tinha o Duque offerecido, e ainda procurado com inſtancia, quizeſſemos aceitar Conventos em todas as terras de ſeus Eſtados, que elle no-los daria feitos, o que a Provincia não aceitou, por não querer que creſceſſe muito o numero delles; porèm neſte de Portel não pudérão deixar de condeſcender à vontade do Duque, porque para ſeu effeito allegava, que era obrigação pelo voto, que a noſſo Padre São Franciſco tinha feito. Aceitou-ſe ainda em tempo do Miniſtro Provincial Fr. Diogo de Borba em ſeu terceiro Mi-

niſtrado ; porèm não ſe começou a obra ſenão em o anno de 1547. ſendo Provincial Fr. Simão da Vermioſa. Acabou-ſe brevemente : he Capucho , e mui reformado , e ainda hoje perſevera no meſmo lugar , e primeira fórma , em que foi fundado. Fica não muito longe do povo , em ſitio ſadio : tem baſtante cerca , excellente horta , e hum pequeno pomar , regado tudo com copioſa agua de huma nora , e fonte , que tem dentro , là no baixo da cerca , donde (por não haver outra) com trabalho a trazem para o ſerviço do Convento.

3 Neſte Convento em o anno de 1678. eſperava a Divina Miſericordia a hum foraſteiro , tão deſcuidado de ſua ſalvação , que havia quantidade de annos não chegava ao Sacramento da Penitencia. Paſſava elle por eſta Villa de Portel , onde o tocou o Eſpirito Santo de ſua graça , que , como diſſe Chriſto Senhor noſſo a Nicodemos , onde quer inſpira ; [a] e foi tão efficaz o impulſo , que logo ſe poz a caminho para o noſſo Convento a buſcar o remedio para ſua ſalvação o que muito tempo tinha reſiſtido às Divinas inſpirações. Sentia o demonio eſta mudança , e aſſim procurou que não tiveſſe effeito , o que não pode conſeguir , por ſer mais poderoſa a Divina graça. Trez vezes lhe appareceo viſivelmente no caminho em habito de Frade , fingindo que vinha do Convento ; e perguntando ao foraſteiro para onde hia , como elle lhe reſpondeſſe , que ſe hia confeſſar a S. Franciſco , tratou diſſuadillo deſte intento , dizendo , que erão perdidos os paſſos , que là o levavão , porque elle de là vinha , e não ficára no Convento quem o pudeſſe ouvir de confiſsão , por eſtarem todos doentes. A eſte primeiro combate , que interiormente era maior , ficou o foraſteiro algum tanto perplexo , perſuadindo-ſe que aſſim poderia ſer ; com tudo não deſiſtio do caminho , que levava. No meio delle lhe appareceo ſegunda vez o tentador no meſmo habito , e fórma , fazendo muito mais diligencia ; porèm o homem ajudado de Deos , e ſuſpeitando jà alguma couſa , reſolutivamente diſſe ao demonio , que não havia de tornar atràs , e quando jà eſtava tão perto do Convento. Finalmente chegando ao alpendre da Igreja a tempo , que os Frades rezavão Veſperas , lhe appareceo terceira vez , accreſcentando , que para confirmação do que lhe tinha dito , não havia mais que quatro Frades no Coro ; porque os outros eſtavão doentes na enfermaria ; e aſſim era , entre tantas mentiras

[a] Joann. c. 3. num. 8.

tiras disse huma verdade, o que muitas vezes costuma para enganar mais facilmente. Vendo porèm que não podia sahir com o que intentava, desappareceo. Esperou o forasteiro que os Frades acabassem de rezar Vesperas, e tanto que sahírão do Coro, tocou a campainha da portaria, pedio Confessor, que logo lhe foi buscar o Porteiro. Estando-se confessando no Capitulo, e relatando o que no caminho lhe succedêra, sobresaltado em grande maneira, disse em altas vozes, apontando com a mão para huma parte do Capitulo: *Eis alli o Frade, que trez vezes me appareceo em o caminho.* Na varanda sobre o claustro estava hum Religioso, que tinha visto entrar aquelle homem no Convento; e como este no carregado do semblante désse logo mostras da carga, que na consciencia trazia, tanto que ouvio os brádos, e estrondo no Capitulo, suspeitando daqui que seria alguma violencia, que o penitente fizesse ao Confessor, para que lhe désse a absolvição, como algumas vezes succede, correo depressa a elle, e da porta lhe perguntou se queria alguma cousa. Achou jà tudo socegado, e ouvio que lhe dizia o Confessor, que não tinha nada, que se recolhesse para a cella, o que elle logo fez. Acabada a confissão, que durou algumas horas, como de tantos annos, ficou o penitente toda aquella noite, e tarde em o Convento, pedindo perdão a Deos com grandes mostras de arrependimento, preparandose para a Communhão do outro dia, e contou por vezes aos Frades o que lhe tinha succedido, assim como nós o temos relatado de boa vontade, para que se veja o pouco, que póde o demonio, e que, como diz Santo Agostinho, póde persuadir, mas não póde fazer damno, senão a quem para este lhe dá consentimento. Mostrou o demonio ficar sentido em se lhe ir das mãos aquella preza, porque logo em a seguinte noite com estrondos, que fez pelo Convento, e particularmente na cella do Confessor, inquietou os Religiosos.

CAPITULO XXVI.

De como Fr. Simão da Vermiosa renunciou seu officio, e da eleição do novo Ministro.

1 COm os trabalhos, e pensões do officio se aggravárão cada vez mais os achaques, e enfermidades a Fr. Simão da Vermiosa, Ministro Provincial. Por muitas vezes procurou renunciar, o que os Frades divertião, pela muita satisfação, que todos tinhão

nhão de ſeu governo. Durou neſte pouco mais de anno e meio, como temos dito, no fim do qual pedio com mais inſtancia lhe aceitaſſem a renuncia, allegando que ſe achava impoſſibilitado para poder viſitar a Provincia a pé, como os Provinciaes coſtumão. Não pudérão fazer outra couſa os Frades, e aſſim condeſcendêrão a ſeus rogos, ainda que com grande ſentimento de todos. Fizerão aviſo ao Reverendiſſimo, e de ſua ordem congregárão os Vogaes para o noſſo Convento do Bom Jeſus de Val-verde para eleição de novo Miniſtro, onde elle promettia ſe havia de achar. Dia de noſſo Padre São Franciſco do anno de 1548. ſe procedeo à eleição de Miniſtro, preſidindo nella, como tinha aviſado, o Reverendiſſimo Padre Geral Fr. André da Inſua. Sahio eleito o Irmão Frei João de Faro, havendo-o jà ſido outra vez, e com eſta foi o duodecimo Provincial, que teve eſta Provincia. Foi Varão prudente, e zeloſo, pelo qual o Reverendiſſimo, ſendo actualmente Provincial deſta ſegunda vez, o mandou por Viſitador da Santa Provincia de S. Gabriel, onde preſidio em ſeu Capitulo, celebrado em o Convento de S. Miguel de Placencia no Domingo ſegundo depois da Paſcoa da Reſurreição do anno de 1551.

Fr. João de Faro, Provincial 12.

2 Para o ſeguinte Capitulo tornou por Viſitador da meſma Provincia, mandando-lhe o ſobredito Padre Fr. André da Inſua que com ella viſitaſſe juntamente a de S. Miguel. Expedido jà da Viſita deſta, e caminhando para o Convento de S. Franciſco dos Majaretes, huma legua de Valença de Alcantara, que tinha aſſinalado para a celebração do Capitulo daquella Provincia, antes de chegar a elle, cançado de viſitar a pé duas Provincias, huma grave enfermidade lhe poz brevemente termo à vida no anno de 1554. Neſte Capitulo de Valverde ſe ordenou, conſiderando o muito trabalho, que os Provinciaes tem em correr a Provincia a pé, que ſe dividiſſe a Provincia em duas Cuſtodias, para que dividido o governo, não tiveſſem os Miniſtros occaſião de torcer caminhos para acudirem a caſos particulares. O modo da diviſão conſta das Ordenações, que naquelle Capitulo ſahírão; começão deſta maneira: „ Eſta he „ a ordenação, que ſe ha de „ ter neſta Provincia da Pieda- „ de ſobre as Cuſtodias, que „ ſe fizerão, preſidindo o Re- „ verendiſſimo Padre Fr. An- „ dré da Inſua, Miniſtro Geral „ de toda a Ordem, neſte Ca- „ pitulo Provincial do Conven- „ to do Bom Jeſus de Val-ver- „ de

„ de por dia de noſſo Padre „ S. Franciſco do anno do Senhor 1548.

3 „ Primeiramente ordena „ o dito Padre com conſentimento da maior parte dos Vogaes, que pela difficuldade, „ que eſta Provincia tem em o „ regimento, por ſer mui grande, e tomar todo eſte Reino, que de hoje em diante „ haja duas Cuſtodias, huma „ ſerá do Tejo atè o Algarve, „ a qual ſe chamará Cuſtodia „ de Jeſus; a outra ſerá do Tejo atè entre Douro, e Minho, e Chaves, e chamar-ſe-ha Cuſtodia de Santo Antonio, nas quaes Cuſtodias „ ſe guardará eſta ordem. Os „ Cuſtodios terão em a ſua Cuſtodia toda a authoridade, que „ os Miniſtros tem em toda a „ Provincia, convem a ſaber, „ de viſitar a Cuſtodia cada anno, e de concertar as Caſas, „ mudar Frades, privallos dos „ officios, e finalmente fazer „ tudo, como ſe foſſem Miniſtros, tirando que hão de ſer „ ſujeitos a toda a correcção „ do Miniſtro Provincial, como ſeu verdadeiro Prelado, „ o qual Miniſtro a ſeus tempos ordenados fará ſuas viſitas, ſegundo melhor lhe parecer. Item os Cuſtodios não „ poderão dar licença para a „ outra Cuſtodia, ſenão que „ mandarão ſó em a ſua, para „ que haja paz, e quietação „ entre os Cuſtodios e nenhum „ poderá receber Frades da outra Cuſtodia, ſe não tiver licença do Miniſtro Provincial, „ o qual ſómente terá licença „ para receber Frades de outras „ Provincias, e dar licença aos „ Frades para ſe poderem paſſar de huma Cuſtodia à outra; porèm encarregamos muito a conſciencia, e rogamos „ aos Padres Miniſtros, que „ não mudem de huma Cuſtodia à outra, ſenão por mui „ juſta cauſa, e com neceſſidade evidente, pelo deſaſocego, que reſulta de andarem „ os Frades provando terras, „ e Caſas. Encommendamos „ muito aos Irmãos Religioſos „ deſta Provincia que ſe coſtumem eſtar em ſuas Cuſtodias, „ pois tem Caſas nellas para „ poderem ſer conſolados, evitando com iſſo os demais diſcurſos, pois he tão conforme „ à noſſa Regra.

4 „ Item não haverá mais „ que hum Capitulo Provincial, „ o qual ſe fará de trez em trez „ annos, tirando quando ſucceder morrer o Miniſtro, ou „ ſer privado de ſeu officio, „ porque então ſe fará para iſſo „ Capitulo, em que outro ſeja „ eleito. Neſte Capitulo Provincial não ſe farão mais eleições, que de Miniſtro, e quatro Definidores; e para que

„ as

,, as cousas se tratem com paz,
,, e amor, e em favor de ambas as Custodias, se terá a mesma maneira na eleição dos Definidores, que se tem em o Capitulo Generalissimo, onde a Familia Cismontana por si só elege seis, e a outra Ultramontana outros seis; e assim juntas ambas as Custodias, cada huma elegerá dous Definidores, de maneira que fiquem na Provincia quatro; e isto acabado, entre à eleição de Ministro o corpo do Capitulo, convem a saber, os Vogaes de ambas as Custodias com seus Custodios, e de toda a Provincia podem eleger Ministro, supposto que não seja Vogal, ou esteja ausente. Acabada a eleição, ficarão no Definitorio o Ministro, que entrou, e o que sahe, e os dous Custodios, com os quatro Definidores, no qual Definitorio não se tratará de se fazerem Guardiães, senão sómente das cousas, que tocão a ambas as Custodias, e das leis, que podem aproveitar a todos, porque o particular ficará para o Capitulo, que em cada Custodia se hão de ter particulares.

5 ,, Os Custodios serão triennaes, e no meio de seu tempo se fará Capitulo Custodial intermedio, em o qual presidirá sempre o Ministro Provincial, sem o qual de nenhuma maneira se chamará a Capitulo, nem se farão actos Capitulares, convem a saber, Discretos para o Capitulo pelas Casas, salvo quando outra cousa ordenar o Ministro, o qual terá cuidado de visitar primeiro toda a Custodia por sua propria pessoa, e fazer os Discretos. No Capitulo Custodial se farão os Guardiães da Custodia pela maneira, que antes se fazia. E porque póde algum Custodio acabar seu triennio em algum tempo, que concorra com a eleição do Ministro, ou do outro Custodio, assim como he agora, que todos entrão em hum tempo, e hão de acabar juntamente, para isto o Ministro Provincial terá liberdade, e poder para encurtar algum tempo, e alongar outro, conforme aos tempos, e as necessidades, que podem occorrer, com tanto que seja a proveito das ditas Custodias; e isto mesmo farão todos os outros Ministros, que pelo tempo forem, ao qual os Custodios guardarão toda a obediencia, como a verdadeiro, e legitimo Prelado.

6 ,, Nenhum Custodio poderá receber Frades de outra Provincia, posto que tragão ,, li-

„ licença do Miniſtro da ſua „ Provincia, ou do Padre Ge- „ ral, ou do Commiſſario Ge- „ ral, ſem ſe apreſentar ao Pa- „ dre Miniſtro para o prover „ em iſto, como lhe parecer; „ tirando ſe o Padre Geral o „ mandaſſe determinadamente „ a alguma Cuſtodia; e iſto „ com preceito, que então ſe- „ rá obrigado o Cuſtodio a obe- „ decer. *In foro conſcientiæ*, pa- „ ra ſós os ſubditos Frades da „ dita Cuſtodia, os Cuſtodios „ terão os caſos, que tem os „ Miniſtros Provinciaes em ſuas „ Provincias, tirando quando o „ Padre Miniſtro por algumas „ cauſas juſtas quizeſſe reſtrin- „ gir alguma couſa diſto; por- „ que querendo, o poderá li- „ vremente fazer. O ſexennio „ do Miniſtro ſe guarde, para „ não poder ſer Miniſtro; mas „ para poder ſer Cuſtodio baſ- „ te hum triennio. Os meſmos „ Cuſtodios não poderão ſer „ eleitos em Miniſtros, ſenão „ paſſado outro triennio; e o „ meſmo ſerá para tornarem a „ ſer Cuſtodios. Os Cuſtodios „ de ſeu officio, conforme a „ Regra, não poderão receber „ noviços, ſalvo lhes for com- „ mettido pelo Miniſtro; po- „ derão porèm dar profiſsão, „ ou mandalla dar, conforme „ as Conſtituições geraes, a „ ſaber, de licença do Miniſ- „ tro. Não poderão edificar, „ nem deſtruir nenhuns edifi- „ cios ſem licença do meſmo. „ Não innovarão couſa alguma „ em o modo da Provincia, por „ evitar differenças, mas em „ tudo ſe guardará a ordem „ que atè aqui ſe teve. „ Eſte novo modo de governo, e deſ-uſado em a Ordem, que o Padre Miniſtro Geral introduzio em a Provincia, durou pouco tempo, como cheio de tantos inconvenientes; porque em hum Capitulo, que ſe celebrou em o noſſo Convento da Aſſumpção da Vidigueira no anno de 1557. ſe extinguio de todo o ponto, como ao diante diremos.

CAPITULO XXVII.

Vida do Santo Fr. Franciſco da Serra da Gatta, e primeiramente de ſua entrada na Religião, e penitencias.

1 EM o anno de 1510. quando eſta Provincia da Piedade, então Cuſtodia, florecia em ſeus principios, lhe trouxe Deos para a honrar o Veneravel Religioſo Fr. Franciſco da Gatta, hum dos Varões mais penitentes, que em ſeu tempo teve a Ordem. Foi elle de nação Caſtelhano, natural de huma Villa chamada Gatta, de quem tomou o appellido, que fica na Eſtrema-

Memor. da Prov. Chronic. Ord 3. p. l. 9. cap. 29. 4. p. l. 1. cap. 41. Gonzag. pag. 943. Wadding. tom. 8. ad ann. 1538. num. 6. Chronic. Provinc. S. Gab. l. 1. cap. 15. Rapin. Hiftor. Hen. Orig. Recol Decad. 8. p. 1. § 7. Botius de fignis Eccl. l. 12 c. 21. Gravina in voce turturis 2. p. cap. 24. D. Rod. da Cunha Hift. de Braga 2. p. c. 73. Fr. Artur Martyrolog. Minorita Fever. 16. Agiol. Lufit. Fev. 24. liter. D.

dura de Caftella, e confins de Portugal, em o Bifpado de Coria, da jurifdição do Meftrado de Alcantara, bem nomeada, e conhecida por diverfas partes, pela Serra, que junto de fi tem, a quem dá o nome. Nefta Villa nafceo de pais ordinarios, gente trabalhadora, como ordinariamente he toda a daquella terra: por cujo refpeito não teve outro officio, mais que occupar-fe no concerto das vinhas, e cavar a terra, de cujo exercicio o tirou Deos noffo Senhor depois de alguns annos, para que cultivaffe a fua vinha. Andava elle huma vez trabalhando em fua ordinaria occupação, quando de repente vem huma grande tempeftade, que desfazendo-fe brevemente em agua, o obrigou a recolher-fe em huma lapa, ou cova, que alli perto eftava debaixo da terra, para fugir à furia, com que cahia. Eftando affim recolhido, ouvio huma voz mui clara, que lhe diffe: *Francifco, fahe da lapa, Francifco, fahe da lapa.* Ao mefmo tempo, que ouvio a repetida voz, fahio da cova, onde eftava recolhido, por ver quem o chamava: não achou ninguem; mas vio que de repente cahio aquella lapa, com hum monte de terra mui grande, que em fima tinha, de tal forte, que fe Fr. Francifco dentro eftivera, alli ficára vivo fepultado.

2 Não lhe pareceo ao prudente mancebo que foi aquillo acafo, fenão ordem do Ceo, donde fe move tudo: e affim vendo tão manifefta mercê, como o Senhor por tão eftranho modo lhe havia feito, e confiderando em a voz, que o chamára, entendeo que era de Deos, o qual queria que fe dedicaffe todo a feu ferviço. Logo em o mefmo lugar do fucceffo fe refolveo a tomar o habito de noffo Padre S. Francifco: e para que mais perfeitamente correfpondeffe à voz, que o chamava, não fó fahio da lapa, mas tambem propoz de fahir de fua terra, e Reino, deixando amigos, e parentes, que no total cuidado, com que intentava dar-fe todo a Deos, lhe podião fer de algum divertimento. Tinha elle noticia da muita perfeição, com que a Provincia da Piedade começava em Portugal, das abftinencias della, e dos rigores, com que fe exercitavão os que nella vivião; e parecendo-lhe que era tudo conforme ao que feu efpirito defejava, deixando por amor de Deos fua terra, aonde nunca mais foi, veio a efte Reino, e da mão de Fr. Pedro de Melgar tomou nella o habito. Não fe póde encarecer o grande fervor de efpirito, com que Fr. Francifco começou a fervir a Deos logo em noviço, porque

que ſe bem o conſideramos, ſuas penitencias, rigores continuados por eſpaço de quarenta annos, ſem nunca afrouxar hum ponto nelles, não são para imitar tão facilmente, e são para que todos nos maravilhemos delles.

3 Em noviço começou, e deſde aquella hora, em que recebeo neſta Provincia o habito, atè o dia, em que morreo, vivendo entre nós quarenta annos, nunca comeo carne, ou peixe, nem bebeo vinho. Seu ordinario comer era ſó pão, e huma tigela de caldo, na qual lançava agua fria, para que lhe não achaſſe nenhum goſto. Outras vezes no meſmo caldo miſturava loſna feita em ſellada, que por ſer por extremo amargoſa, o meſmo era chegar-ſe ao Refeitorio, que fazer hum acto notavel de mortificação, e penitencia. He tal o ſabor da loſna, que em muitos lugares faz menção della a Eſcritura [a] Sagrada por ſymbolo, e encarecimento de ſumma amargura. Por Jeremias ameaçava Deos a
c.3. ſeu povo, [b] que em pena de idolatrar em Baal, lhe havia de dar a comer loſna; e iſto que Deos promettia dar a ſeu povo por caſtigo da idolatria, tomava o ſanto Fr. Franciſco ordinariamente por regalo. E ſe eſta alguma vez lhe faltava para lançar no caldo, em lugar della lhe deitava cinza: pelo que de huma maneira, ou de outra, ſempre o comia neſta fórma pela penitencia temperado. Nunca jà mais ceou, contentando-ſe ſó com a deſabrida refeição, que ao jantar tomava. Nos tempos da Quareſma, Advento, e nas Vigilias dos Santos, que vem pelo decurſo do anno, não miſturava com o pão couſa alguma, e eſte havia de ſer ſempre dos pedaços, que da meza ficavão, como verdadeiro pobre de Jeſus Chriſto. Em toda huma Quareſma não quiz beber agua, ou outra alguma couſa, com que mitigaſſe a ſede; e quando eſta muito o apertava, fallava com ſeu corpo, e lhe dizia: *Conſola-te irmão corpo, e tem por entretanto paciencia, que como a Paſcoa vier, eu te ſatisfarei de agua.* Aſſim o enganou toda huma Quareſma.

4 Velava muito, e dormia pouco, porque ſe levantava às dez horas da noite infallivelmente todos os dias; e aquella primeira hora das dez atè as onze gaſtava em caſtigar ſeu corpo com huma aſpera diſciplina, rezando vocalmente com muita devoção a Paixão de Chriſto, eſcrita pelo Euangeliſta S. João, de quem era mui devoto; e ſuppoſto que era Frade leigo, de tão poucas letras humanas, que nem ainda ſabia

ler, ſabia com tudo toda a Paixão de memoria. A outra hora das onze atè à meia noite gaſtava em devota oração mental, ou tornava a fazer outra diſciplina. Trazia de ordinario huns panos menores, e huma jaqueta, ou jubão ſem mangas de aſpero cilicio junto à carne, com que a mortificava cruelmente. A jaqueta, ou jubão ſe guarda ainda hoje, envolto em panos de ſeda, por grande reliquia no inſigne Convento das Chagas em Villa-Viçoſa, e as Religioſas o coſtumão mandar aos enfermos, que com devoção, e fé, que tem em os merecimentos deſte grande ſervo de Deos, o pedem, de que ſe tem viſto grandes maravilhas. Do ſobredito Convento o mandárão huma vez ao noſſo da Piedade a petição de hum Religioſo morador neſte, a quem havia muito tempo importunavão humas cezões, e apenas o tomou nas mãos, logo ſe deſpedírão: affirmava elle depois, que quando o vio, lhe mettêra horror, e cauſára eſpanto ſua aſpereza.

5 Nem ainda com eſtes dous aſperos cilicios ſe dava o Santo Fr. Franciſco por ſatiſfeito, inventou hum que lhe tomaſſe todo o corpo, ſe bem que os dous pouco lhe deixavão livre. Accreſcentou ſobre eſtes huma tunica, que tambem ainda hoje ſe conſerva em o noſſo Convento do Boſque junto da Villa de Borba: de cujo aſpero, e intractavel eu ſou teſtemunha de viſta, e não ſei como hum fraco corpo humano podia ſuſtentar em ſi tanto rigor; mas a Divina graça o fazia como de bronze para a penitencia. Singular foi eſte ſanto Varão em a mortificação propria, e aſſim dizião os Frades em ſeu tempo, que depois de noſſo Padre S. Franciſco, não tivera a Ordem, quem a eſte Franciſco em penitencia ſe lhe aventajaſſe. Trez horas, que ſó tomava da noite para repouſar o cançado corpo, o reclinava ſobre huma taboa nua, ou as paſſava ao cantinho de ſua cella, e aſſim dormia ſem outro abrigo mais, que o do ſeu pobre manto, que nos hombros tinha, ſobre velho, mui remendado. Finalmente aſſim fugia de todo o regalo, e conſolação humana, como de ſerpente peçonhenta, e mortifera: todo ſeu eſtudo era mortificar-ſe, e aniquilar-ſe diante de todos com hum ſingulariſſimo deſprezo de ſi meſmo: e com ſer para ſi tão rigoroſo, e auſtero, era para com os outros mui piedoſo, e compaſſivo, tratando a todos igualmente com maravilhoſa caridade, e brandura. Huma das couſas, que mais ſentia, e por que derramava muitas lagrymas,

mas, era ſaber que alguma peſſoa tinha a Deos offendido mortalmente; e pelo grande deſejo, que tinha da ſalvação das almas, fazia por ellas muitas orações, e penitencias: que donde vive o fogo do amor de Deos, logo ſahe a chamma da caridade do proximo.

CAPITULO XXVIII.

Da oração do ſervo de Deos Fr. Franciſco: e como o demonio procurava inquietallo neſte ſanto exercicio.

1 AInda que o ſervo de Deos Fr. Franciſco da Gatta, conforme a ſeu eſtado de Frade leigo, fizeſſe muito caſo dos exercicios da vida activa, occupando-ſe, como outra Martha, em as couſas de humildade, e ſerviço dos Religioſos, da Caſa, e do lavor da horta, com tudo não deixava de pôr ſeu principal cuidado, como outra Maria, em os exercicios da vida contemplativa. Para eſta furtava às occupações todo o tempo, que podia, aſſim do dia, como da noite: e o que mais he, que a eſſas meſmas occupações acompanhava com a contemplação, ſem que foſſe baſtante o trabalho corporal a eſtorvallo; e aſſim ainda no meio deſte andava tratando com Deos, e unido a elle por amor, effeito principal deſte ſoberano exercicio, como diſſe S. João [a] Climaco. Apud Bibl. PP. tom. 5. de Orat. Por eſta cauſa não ſe podem certamente apontar as horas, que tinha de oração, mais que dizer que orava todo o dia: das que gaſtava neſte ſanto exercicio de noite podemos fallar com mais alguma eſpecialidade: às oito horas ſe recolhia à ſua cella a deſcançar; levantava-ſe às dez, e deſtas atè as quatro de madrugada aſſiſtia no Coro, ou na Capella orando: eſte era ſeu exercicio indiſpenſavel, e aſſim ſempre ſervia de deſpertador nas Caſas, onde morava; e ſupposto que, como temos dito, todo o dia orava, com tudo procurava gaſtar algumas horas em o boſque, buſcando os lugares delle mais ſolitarios, e apartados, onde de ninguem pudeſſe ſer viſto. Depois de ſer jà velho, eſte era o ſeu oratorio mais frequentado; o que podia fazer commodamente, por eſtar jà então livre do trabalho corporal; porque os Prelados o deſoccupárão deſte, aſſim pela ſua idade, como tambem pela alta contemplação, em que andava ſempre occupado, dando-lhe aſſim mais tempo, para que deſimpedido de tudo ſeguiſſe a força de ſeu eſpirito.

2 Neſte boſque recebeo de Deos em a oração muitos fa-

favores ; e ſuppoſto que elle, como verdadeiro humilde trabalhava muito por encubrillos, não deixavão os outros Religioſos algumas vezes de alcançallos, por manifeſtos ſinaes, que nelle vião. Por couſa certa contavão muitos, que quando eſtava poſto em oração entre as eſpeſſas arvores do boſque, vinhão os paſſarinhos porſe-lhe ſobre a cabeça, hombros, e braços, e alli com ſuas doces melodias o ajudavão a louvar a Deos, e a levantar ſeu eſpirito de maneira, que a força deſte o deixava todo arrebatado, e levantava no ar ſem algum ſentido, como muitas vezes o virão. Sendo morador em o noſſo Convento de S. Fructuoſo de Braga, e andando hum dia cavando em a horta, em tão alta contemplação andava mettido, que encoſtandoſe à enxada, ficou em extaſe abſorto, e immovel. Andava tambem cavando com elle hum noviço chamado Fr. Aleixo de Braga: (que como diſcipulo ſeu foi depois neſta Provincia hum grande ſervo de Deos) eſte pois, vendo eſtar ao ſanto Fr. Franciſco em tal poſtura, chegando-ſe a elle, o chamou; mas vendo que não reſpondia, nem dava de ſi algum acordo, ainda que o meneava, e fazia diligencias para deſpertallo, cuidando que eſtava morto, foi muito à preſſa chamar aos Frades, dizendo que acudiſſem a Fr. Franciſco, que eſtava morto em a horta. Acudírão logo os Frades ſobreſaltados, e achando que eſtava rapto, como muitas vezes o tinhão viſto, não o querendo deſpertar de tão ſuave ſono, o deixárão ficar naquella fórma.

3 Andando tambem outra vez em a horta no meſmo exercicio, e ſentindo que o eſpirito do Senhor vinha viſitallo com as coſtumadas conſolações, e mimos ordinarios, para mais quietamente recebellos, largou a enxada, que jà em o ar levantada tinha, a qual por virtude Divina ficou pendurada em o ar, como ſe foſſe no ramo de huma arvore; com que não ſó elle ficou levantado da terra, mas tambem a enxada, com que a cavava. Maravilha ſingular, que de nenhum outro ſervo de Deos tenho lido, e que moſtra bem quão rendido trazia eſte Veneravel Religioſo o corpo ao eſpirito; porque ſe como diz a Gloſſa, [b] o ſuſtentar-ſe o ferro ſobre as aguas do Jordão, por milagre de Eliſeu, foi indicio, que obedecia o corpo ao eſpirito: quanto maior milagre he ſuſtentar-ſe o ferro em o ar, que na agua? Em o Convento de Aveiro, eſtando tambem na horta, lhe appareceo noſſo Padre S. Franciſ-

[b] Gloſ. in 4. R cap. 6.

ciſco, e lhe fallou: o que o Santo Padre lhe diſſe nunca ſe ſoube, porque elle quanto podia occultava ſemelhantes favores. Os maiores recebeo andando em a horta, onde Deos frequentemente deſcia a viſitallo: felicidade, que deſeja a Alma[c] Santa, e o noſſo Fr. Franciſco conſeguio.

4 A huns Religioſos amigos ſeus particulares diſſe hum dia: *Eu ſei huma peſſoa, que tinha huma conta benta, cujo regimento dizia, que ſe tirava com ella almas do Purgatorio; e deſejando eſta peſſoa ſaber, ſe era a dita conta verdadeira, fez oração a Deos por muitas vezes, atè que huma noite ouvio huma voz clara, a qual lhe dizia: A conta benta he, mas poucos são os que tirão almas por ella.* Entendêrão os Frades, a quem iſto contou, que de ſi meſmo fallava, aſſim por ſaberem que tinha huma daquellas contas, como pelo muito, que Deos ſe lhe communicava na oração. Finalmente ſeria negocio prolongado querer referir as continuas mercês, que eſte ſanto Varão recebia de Deos orando, por tanto baſtem as referidas. Não podia o demonio ſoffrer tanta ſantidade, por eſte reſpeito o perſeguia grandemente, procurava inquietallo, e divertillo aſſim da oração, como dos mais exercicios da virtude, porque alèm das tentações interiores, com que com todas ſuas forças o combatia, tambem exteriormente o moleſtava, humas vezes entrando em ſua cella, e deitando-ſe com elle em a dura cama; outras lhe furtava o manto, com que ſe cubria, no tempo do Inverno, e de grandes frios, e com outras invenções, e zombarias tentava ſua paciencia varias vezes; porèm moſtrou-ſe em todas ellas o Varão de Deos tão conſtante, que os porfiados combates do demonio ſervião, não para o vencer, mas para lhe accreſcentar o merecimento, e aſſim veio a deixallo, dando-ſe por vencido.

3 Em o Convento de Borba, quando ainda o demonio o perſeguia, huma das couſas, com que mais o perſeguia, e moleſtava, era, como temos dito, furtar-lhe o manto, quando eſtava em oração, e ainda na ſua cella recolhido. Sentia muito o ſervo de Deos iſto, que o demonio lhe fazia; porque como o ſeu habito era ſempre o mais pobre de todos, e o Convento he hum tanto frio, faltando-lhe o manto, lhe faltava totalmente o abrigo. Sabendo diſto o Guardião, diſſe a Fr. Franciſco, que de ſua parte mandaſſe aos demonios por ſanta obediencia, que não lhe tomaſ-

ſem

ſem mais o manto, nem lhe entraſſem mais na cella. Vierão elles a ſeguinte noite fazer o que coſtumavão, e o ſervo de Deos com huma ſanta ſimplicidade lhes intimou a obediencia do Guardião, e foi couſa notavel, que nunca mais alli tornárão. Ficou aſſim com mais quietação, e liberdade para orar de noite, em qualquer parte, que quizeſſe, lançando deſta maneira os inimigos. Tanto podia com elles a ſimplicidade, e pureza de fé, e ſingella obediencia, com que eſte ſervo de Deos dava credito às palavras de ſeu Prelado, que a fé perfeita aos demonios lança, e póde lançar montes de huma, [d] a outra parte.

[d] Matth. 21. num. 21.

CAPITULO XXIX.

Do eſpirito de profecia, que o Santo Fr. Francisco teve.

1 EM a Bulla da Canonização de Santa Brizida diz o Papa Bonifacio IX. deſte nome, que deſde o principio do mundo atè o tempo de Jeſus Chriſto, e ſeus Apoſtolos, e dalli atè o fim do mundo, ſempre houve, e ha de haver Varões profeticos: iſto he, homens ſantos, e virtuoſos, os quaes por virtude Divina alcanção, e ſabem muitas vezes aquillo, que outros homens naturalmente não podem ſaber, nem alcançar; porque como diz o Apoſtolo S. Paulo, as graças do Eſpirito Santo são diverſas, [a] e de tal maneira por elle repartidas, que ſe huns tem graça de fazer milagres, e curar enfermos, outros a tem de revelações e profecias. O meſmo enſina Santo Thomaz, [b] fundado naquillo, que ſe eſcreve nos Proverbios [c]: *Como faltar a profecia, ſerá diſſipado o povo.* Eſta graça, ou luz de profecia teve mui eſpecialmente o ſervo de Deos Fr. Franciſco, como ſe vio em muitos caſos dignos de memoria. Sendo morador em S. Fructuoſo de Braga em tempo, que naquella Cidade era Arcebiſpo D. Diogo de Souſa, grande devoto ſeu, e irmão dos Frades, aconteceo que veio hum dia o Arcebiſpo a viſitallo. Fallou-lhe de parte, e deo-lhe conta de ſua vida mui familiarmente, dizendo que, por ſer jà velho, e querer aparelhar-ſe melhor para a morte, determinava renunciar o Arcebiſpado; no que queria ſaber por ſeu meio a vontade Divina. Prometteo-lhe Fr. Franciſco de fazer oração pelo que lhe pedia, e que ſe Deos foſſe ſervido de ouvillo, elle o aviſaria do que paſſava. Paſſados dous dias, tornou o Arcebiſpo ao Convento de S. Fructuo-

[a] 1. ad ... cap. ...
[b] D. T... 2. 2. ... art. ...
[c] Prov... num...

ctuoso buscar ao servo de Deos, a quem elle disse: *Senhor Arcebispo, desde esta hora se apparelhe para a morte:* [d] *ordene suas cousas, conforme lhe he necessario para sua salvação, porque não lhe ficão mais que quatro dias de vida.* Deo credito o Arcebispo às palavras do Santo pelo grande conceito, que delle tinha, entendendo o muito, que Deos se lhe communicava; e supposto ficou sobresaltado com tal aviso, como era bom Christão, e solicito da salvação de sua alma, tratou della naquelles poucos dias com muito cuidado, e dispostas todas suas cousas, dando-lhe o ar, morreo ao quarto dia, como lhe tinha profetizado, de hum accidente de parlesia em dezoito de Junho de 1532.

2 Pouco depois da morte do Arcebispo, pedindo hum criado seu ao mesmo servo de Deos, que se não esquecesse em suas orações da alma de seu Senhor, e se lembrasse da boa amizade, que com elle tivera em vida, a isto respondeo elle, que se consolasse, porque o Arcebispo, ainda que tivera trabalho, estava com tudo pela misericordia de Deos em bom lugar. Desta revelação, e profecia teve noticia a Duqueza Dona Joanna de Mendoça, que então estava jà viuva do Duque D. Jaime, e desejando ter mais perto as orações deste servo de Deos, pedio ao Provincial, que então era, Fr. Diogo de Borba, quizesse mandar-lhe a Fr. Francisco da Gatta morador para o Convento do Bosque, ou para Villa-Viçosa, onde ella estava de assento. Condescendeo o Provincial ao que aquella Senhora desejava, mandou ao santo Fr. Francisco viesse morador para o Bosque de Borba. Era jà neste tempo o servo de Deos muito velho, e achacado, e como tal impedido para poder andar a pé, por cujo respeito mandou a Duqueza hum moço, que o trouxesse a cavallo. Partio de Braga no anno de 1533. nem he para deixar de escrever huma revelação, que no caminho teve.

3 Tinha elle por costume fallar ao mancebo, que o trazia, só duas vezes em o dia: huma, quando o punha na cavalgadura, outra quando o tirava; todo o demais tempo vinha occupado em seu ordinario exercicio de contemplação, e meditação, sem fallar, nem dizer palavra alguma. Huma vez pondo-o aquelle moço a cavallo, lhe perguntou o servo de Deos, se tinha ainda pai, e mãi, ou se erão jà falecidos: a que o mancebo respondeo com grande sentimento, que ambos erão jà defuntos. Calou-se o Santo,

e depois de terem caminhado hum espaço tornou a dizer-lhe: *Consolai-vos, meu irmão, e companheiro; porque vosso pai, e mãi ambos são salvos: dai por isso muitas graças a Deos, e estai alegre.* Isto contava depois o mancebo muitas vezes, e dizia que nenhuma cousa disto duvidava; porque alèm da opinião, que tinha do santo Fr. Francisco, infundírão-lhe suas palavras huma certeza, que não dava lugar a alguma duvida. Chegando jà finalmente à portaria do Convento do Bosque, vendo-o o Porteiro jà tão velho, disse-lhe, recebendo-o em os braços: *Que mudança he esta, Irmão Fr. Francisco, de tão longe, e em tal idade?* Ao que elle respondeo com sua costumada brandura: *Dez annos ha, Irmão Porteiro, que o Senhor me revelou que havia de vir morrer a esta Casa.*

e Wadding. cit. n. 8.

4 Logo ao outro dia depois de chegar, lhe mandou o Guardião que fosse a Villa-Viçosa visitar a Duqueza: foi elle a seu Paço, e depois da primeira saudação, em que a Duqueza lhe fez muita honra, e gazalhado, como quem não podia dissimular o fim, para que o chamára, lhe disse: *Padre Fr. Francisco, sabei-me de Deos como passa a alma do Duque meu marido, que segundo sois ao Senhor aceito, bem entendo que volo não negará, se lho pedirdes.* Não se póde encarecer o sentimento, que recebeo Fr. Francisco destas palavras, que como era verdadeiramente humilde, sentia muito a opinião, que delle tinhão; e assim com a que a Duqueza mostrava ter na petição, que lhe fazia, ficou tão turbado, que sem reparar com quem fallava se levantou, dizendo: *Eu sou huma besta, não sei nada, e não havia para que me mandar chamar para tal demanda.* Sem dizer outras palavras à Duqueza, quiz sahir-se; porèm replicando ella, elle se despedio, dizendo, que encommendaria a Deos a alma do Duque. Como depois soubesse o Guardião que o santo Fr. Francisco fallára assim desabrido à Duqueza, o reprehendeo, dizendo que lhe houvera de fallar com mais brandura, e alivialla em sua tristeza, tratando-lhe de Deos, e das cousas do espirito, como elle fazia a outras pessoas de menos qualidade. Passarão-se alguns dias, ainda que não muitos, em que encommendou a Deos a alma do Duque, como promettêra, atè que teve revelação do que passára: pelo que tornando outra vez a fallar com a Duqueza, lhe disse como estava em bom lugar, e que lhe aproveitára muito o fazer esmolas, e guardar justiça. Não de-

declarou se estava no Purgatorio, se na Gloria: nem a Duqueza ousou a perguntar-lho, por lhe evitar a molestia, que sabia certamente lhe havia de dar semelhante pergunta, como já lhe tinha mostrado a experiencia.

5 Pouco depois deste tempo, pelos annos do Senhor 1535. determinava o Emperador Carlos V. passar a Africa, e pôr cerco à Cidade de Tunes; para cujo effeito se preparava com grossas Armadas. A Emperatriz sua mulher Dona Isabel, filha de ElRei D. Manoel de gloriosa memoria, tendo noticia da santidade, e espirito profetico deste santo Varão, mandou de Castella a Portugal hum Fidalgo seu, que viesse fallar ao santo Fr. Francisco, e lhe pedisse de sua parte quizesse encommendar a Deos aquelle negocio de tanta importancia; mandando-lhe dizer, se era Deos servido que o Emperador passasse a Africa, ou se alcançaria victoria, se là fosse: porque se a vontade de Deos estivesse em contrario, e não houvesse de ser aquella jornada para bem da Christandade, procuraria divertilla. Chegado o mensageiro ao bosque, disse ao Porteiro que queria fallar a Fr. Francisco: levou elle recado ao Guardião, e havida delle licença, tornou a dizer ao Cortezão, como Fr. Francisco andava mettido em o bosque, onde difficultosamente darião com elle: porque se escondia no mais espesso a fazer oração atè o Sol posto: que o mais acertado seria esperallo junto a huma fonte, que alli perto estava, onde à dita hora costumava vir a beber daquella agua fria em lugar de cea, que não tomava outra. Foi o Cortezão esperallo à fonte, que he a de S. Pedro, e quando o servo de Deos veio, primeiro que elle lhe fallasse palavra alguma, nem dissesse quem era, ou a que vinha, lhe disse o Varão santo: *Ide, dizei à Emperatriz, que he vontade de Deos que o Emperador và sobre Tunes, e que o espere triunfante.* Admirado ficou aquelle homem de ver que lhe conhecêra o pensamento, entendendo daqui sahiria certa a promessa, que lhe fazia da victoria. Com esta resposta se tornou à Corte de Castella relatar à Emperatriz, assàs contente, o que passára com o Santo Frei Francisco: depois o successo de Tunes mostrou a verdade da profecia.

6 Chegou a ser tão illustrado, que conhecia os pensamentos dos homens, como pouco ha vimos; e tinha luz do estado interior, em que cada hum andava, como agora

veremos, favor ſingular do Altiſſimo concedido a poucos. Neſta meſma Caſa do Boſque eſtando Fr. Franciſco orando em a Capella diante do Santiſſimo Sacramento, chegou às grades da Igreja hum ſecular, e lhe pedio que lhe diſſeſſe por ſua tenção huma Ave Maria. Negou-lha elle, deſpedindo-o com eſtas palavras: *Ide embora, que vos não ha de aproveitar, porque não eſtais em graça de Deos.* Confundido o homem com eſta reſpoſta, e todo compungido, pedio logo confiſsão, e depois com muita inſtancia o habito de Religioſo neſta Provincia, onde viveo, e acabou ſantamente.

7 Teve eſte ſervo de Deos grande amizade com hum Religioſo de Santo Agoſtinho, chamado Fr. João Soares, que depois foi Biſpo de Coimbra, e hum dos que ſe achárão no ſagrado Concilio Tridentino, inſigne Prégador, e Confeſſor de ElRei D. João o III. Vinha-o muitas vezes viſitar ao boſque, ou a outro qualquer Convento, onde eſtava morador; e andando hum dia o ſanto velho cavando em a horta do meſmo boſque, fallando com o Porteiro, lhe diſſe: *Irmão Porteiro, em eſte meſmo dia, em que eſtamos, ha de vir a eſta Caſa viſitar-me o meu grande amigo Fr. João Soares.* Não ſe ſabia então onde o dito Fr. João Soares eſtava, e havia jà tempo, que não viſitava ao ſanto Fr. Franciſco: porèm ſuccedeo aſſim, como elle o tinha profetizado, porque dahi a pouco eſpaço tangeo à porta. Eſtes, e ſemelhantes ſucceſſos divulgárão tanto a fama deſte grande ſervo de Deos, que de diverſas partes o vinhão conſultar como a Oraculo. Daqui tomou motivo o demonio para o tentar com a vangloria, viſto não o poder vencer por outra parte, mas foi conhecido ſeu engano, e ficou vencido. Foi o caſo, que emprendendo ElRei D. João III. algumas couſas arduas, quiz primeiro ſaber deſte ſervo de Deos o ſucceſſo dellas. Para eſte effeito mandou ao Provincial, que lhe enviaſſe a Evora, onde então eſtava, ao Santo Fr. Franciſco. Procurou elle divertir eſta jornada, mas houve de a fazer obrigado dos Prelados; e ſuppoſto que fallou com ElRei, nunca lhe ſoltou palavra de mais conſideração, que dizer-lhe que de peſſoas grandes era fazerem grandes couſas. Depois que veio, diſſe aos Frades, que aquella ſua ida fora traçada pelo demonio. Outros muitos caſos ſuccedêrão, em que eſte grande ſervo do Senhor moſtrou o dom de profecia, que o Divino Eſpirito lhe ti-

tinha communicado, de que pela pouca curiosidade dos Religiosos não ha memoria certa, e assim os deixaremos, por não escrevermos cousa em duvida.

CAPITULO XXX.

De hum milagre, que o santo Fr. Francisco fez em vida, e de sua morte, e sepultura.

1 CHama S. João Chrysostomo aos milagres leite [a] de principiantes; porque assim como o leite cria com mais facilidade aos que de novo entrão em este mundo, assim os milagres mais facilmente confirmão em a Fé os que de novo a tem recebido, e a professão. Por esta causa ordinariamente os Santos, que vivem entre infieis, ou em partes, onde nossa santa Fé não he tão recebida, são mais miraculosos. Bem claramente o vimos em o nosso glorioso Santo Antonio, pois em quanto esteve neste nosso Reino, como está nelle a Fé tão radicada, não lemos que obrasse algum milagre; sendo que depois que Deos o levou a França, e Italia, fez infinitos. Nem eu duvido que succedêra o mesmo ao santo Fr. Francisco da Gatta, se vivêra em outro Reino, que assim o estava promettendo sua grande santidade. Hum só milagre lemos que fizesse em vida, dando saude repentina a huma enferma, nesta fórma.

2 Era elle morador em a Casa de Borbà, e indo huma vez à Villa pedir esmola, veio huma mulher à porta dar-lhe o pão, chamada Maria Lopes; era esta aleijada de hum braço em tal maneira, que nem levemente o podia menear. Tanto que vio ao servo de Deos, pedio-lhe com muita efficacia, que a encommendasse a nosso Senhor, e fizesse particular oração pela saude daquelle seu braço, de que tanta necessidade tinha, e por ser pobre lhe faltava com que pagar a quem lhe fizesse em casa o serviço a ella necessario. Compadeceo-se Fr. Francisco da lastima, que aquella pobre mulher lhe representava: e sem levantar os olhos, ou olhar para ella, nem ainda lhe dizer palavra alguma, baixando a cabeça, lhe deo a entender, que assim o faria. Acabando de pedir a esmola, tanto que entrou em casa, sem mais detença fez oração por aquella sua encommenda; e observado o tempo, achou-se que quando isto passava no Convento, a mulher, que em sua casa estava, começou repentinamente a menear o braço, ficando sã de todo, sem que nelle sentisse mais algum impedimento;

de

de que começou a dar a Deos as graças, e publicar, como agradecida, a maravilha, que tinha obrado por intercessão de seu servo.

3 O recato, e cautela, que teve em a vista o Santo Fr. Francisco, quando fallou com esta enferma, teve sempre quando lhe foi forçoso fallar com alguma mulher; e assim foi tão puro, que o Frade, que lhe lavava o habito, por elle ser jà mui velho, dava testemunho, que em se começando a enxugar, despedia de si hum cheiro suavissimo, manifesto sinal de sua Angelica pureza. Finalmente sendo este santo Religioso jà mui velho, consumido da muita penitencia, que fazia, e aspero tratamento, que a seu corpo dava, sem que afroxasse nem ainda hum ponto de seu começado rigor, sabendo que o misericordioso Senhor, a quem servia, o chamava, para lhe dar o premio de suas boas obras, se dispoz para o caminho com hum notavel fervor de espirito. E supposto que dez annos antes de vir morador para Borba, como elle disse ao Porteiro, lhe tinha o Senhor revelado que havia de morrer naquella Casa, não soube porèm o dia, atè que chegando o da festa do glorioso Apostolo S. Mattheus, dous dias antes disse que nelle havia de morrer. Divulgou-se a fama desta profecia por toda a Villa de Borba, onde era sua santidade bem conhecida: e a gente della, não por verem se sahia verdadeira, porque a experiencia lha fazia certa, mas por se achar presente às exequias do santo Varão, dia do Apostolo foi tanta na Casa do Bosque, que parecia naquella occasião despovoar-se a Villa toda. Cumprio o servo de Deos sua palavra, e dia de S. Mattheus vinte e hum de Setembro de 1550. com grande repouso, e quietação passou desta vida mortal aos gozos, e prazeres da eterna.

4 Seu corpo depois de sua morte ficou tão formoso, e tractavel; que parecia vivo, e todos os assistentes affirmavão que sentião sahir delle cheiro suavissimo, indicios certos da gloria, que gozava. Todos o acclamavão por santo, e bemaventurado, e quem podia haver alguma reliquia, ou cousa sua, a levava em grande estima, contentando-se os que tanto não podião alcançar, com tocarem nelle Rosarios, e Medalhas. Seu habito, e manto forão pedidos com muita instancia, e devoção da Infante Dona Isabel, filha do Duque D. Jaime, e mulher do Infante D. Duarte, filho de ElRei D. Manoel, e da Duqueza Dona Joanna, desejosa de ser por sua mor-

morte naquelle habito enterrada. Foi ſepultado ſeu ſanto corpo em o clauſtro junto à porta da Capella, por onde entrão para a Igreja; e ſendo depois renovado eſte Convento (como jà diſſe) havendo-ſe de fazer naquelle lugar da ſepultura os alicerces de huma eſcada, por onde agora ſe ſobe para a varanda, forão ſeus oſſos tirados donde eſtavão, e juntamente com os de Fr. Pedro de Melgar, poſtos cada hum em ſua caixa, os tornárão a metter debaixo do alicerce da dita eſcada para os terem alli mais ſeguros. Deixárão porèm em o pano do clauſtro deſcuberta huma pequena parte da ſepultura, em que eſteve o corpo do ſanto Fr. Franciſco, e nella huma arca de pedra, com ſua portazinha, que ſe levanta por huma argola de ferro, de tal maneira, que mettendo-ſe por ella huma mão, ſe póde facilmente tirar terra da ſepultura. E he tão grande a devoção da gente, e fé, que tem nos merecimentos deſte ſanto Religioſo, que continuamente eſtão pedindo deſta terra para enfermos, remedio, com que muitos delles em diverſos males alcanção a deſejada ſaude.

5 Não foi baſtante a cautela, que os Frades tiverão com os oſſos deſtes dous ſervos de Deos, pois dos alicerces da eſcada, onde cuidavão eſtarião mais bem guardados, os tirárão furtivamente. Fez-ſe o furto com tanto ſegredo, que muitos annos depois de feito vivião os Frades na boa fé de que alli eſtavão; e ainda hoje os mais delles tem para ſi o meſmo, ou ao menos eſtão neſta materia duvidoſos, porque ſupposto que hum Fr. Domingos de Caſtello de Vide, Religioſo daquelle tempo, dizem que affirmou havellos viſto ſobre o altar do Capitulo da meſma Caſa em hum taboleiro, donde deſapparecêrão em tempo, que nelle eſtava hum Prelado Geral, com ſoſpeitas de que elle os mandaſſe para fóra, com tudo preſumem que ſe enganaria eſte Religioſo, fundados em que parece impoſſivel o deſenterrarem em hum Convento huns oſſos, ſem que toda huma Communidade achaſſe ao depois ao menos algum ſinal de que ſe tinha feito o furto. Fundamento baſtante para aſſim o crer; e eu obrigado deſte, tive para mim o meſmo, atè que mudei de parecer lendo hum breve memorial, [b] compoſto por hum Religioſo chamado Fr. João de Alcarapinha. Diz elle, que ſendo Guardião do Convento do Boſque Fr. Paulo de Elvas, como hum dia ſe fallaſſe ſobre eſta materia, porque jà então ſe ſuſpeitava, e ha-

[b] Alcarap. fol. 57.

havia algum rumor de não estarem alli os ossos, quiz elle averiguar esta suspeita; para cujo effeito mandou cavar naquelle lugar, onde dizião estarem, atè o firme da terra; e não achando nada, corrêrão naquella altura atè à Capella, mas tudo sem proveito. Abrírão então o vão da escada, para ver se quando alli o fizerão de novo, que foi quando levantárão a casa, e lhe fizerão varanda alta, que antes não tinha, se por ventura os mettêrão alli; porèm nem com tudo isto forão achados. Depois em o principio do triennio do Provincialato de Fr. Manoel de Alter, foi pelos annos do Senhor 1674. havendo-se de desfazer parte daquella escada, fizerão a mesma diligencia, mas tambem sem fruto, como a primeira. Donde se vê que foi verdadeiro o testemunho de Fr. Domingos de Castello de Vide, e que aquellas Reliquias forão dalli levadas: lastimosa negligencia dos Religiosos!

6 Por remate do que temos escrito da vida deste grande servo de Deos Fr. Francisco da Gatta me pareceo advertir o pouco fundamento, que teve hum Chronista, [c] para dizer que o Santo Fr. Francisco tomára o habito na sua Provincia, então Custodia com a nossa, e que depois, quando a da Piedade se erigio, ficára nella: assim, e como a seu, historea sua vida, mais succintamente porèm do que nós o fizemos. Diz elle que assim o affirma a tradição em a sua Provincia; he o unico fundamento, que para isto traz, e fora bastante, pois esta tem o primeiro lugar na averiguação das antiguidades, se não houvera fundamento, e tantas razões para crermos que foi mais sonho de algum particular, que tradição commua; porque se o fora, he certo que o Padre Fr. João Baptista Moles, Author do Memorial da sua Provincia, de quem se elle aproveitou para escrever a Chronica della, como mais antigo, melhor havia de estar naquella tradição; e se a houvera, não a deixára passar sem della fazer menção. De mais que todos os Authores, que deixamos citados à margem do Capitulo vinte e sete deste livro, onde começamos a descrever deste Religioso, dizem que na nossa Provincia tomou o habito, advertencia, que elle mesmo faz. Ultimamente se vê com evidencia ser falsa aquella tradição; (se a houve) porque dizendo todos, que o santo Fr. Francisco teve quarenta annos de Religioso, e morrendo elle no de 1550. como fica dito, e o diz tambem o Agiologio Lusitano, segue-se con-

[c] Chronic. Prov. de S. Gabriel liv. 1. c. 15.

conforme o computo dos tempos, que no de 1510. tomou o habito, quando jà a Custodia da Piedade havia hum anno que tinha sido erigida em Custodia, como diz elle tambem que o foi no anno de 1509. e assim não podia ficar nella em sua erecção, pois não era ainda Frade. Com que, segundo isto, fica manifesto que o servo de Deos Fr. Francisco tomou o habito, e fez Profissão em a Custodia da Piedade, por mais que diga aquella tradição sonhada.

CAPITULO XXXI.

Alguns dos milagres, que Deos obrou pelos merecimentos do Santo Fr. Francisco depois de sua morte.

1 PRomessa he de Deos, que todo aquelle, que o glorificar, [a] será elle glorificado. Glorificão a Deos em este mundo, diz S. Cyrillo Alexandrino, [b] aquelles, que limpos de toda a macula de peccado resplandecem por exemplo de boas obras. São glorificados por Deos, diz Damasceno, [c] aquelles, cujos corpos em as sepulturas resplandecem por milagres. Paga Deos tão bem os serviços, que seus servos lhe fazem em este mundo, que alèm dos premios, que lhes dá no Ceo, ainda cà na terra quer honrallos. Isto temos visto muitas vezes, e o vemos ainda hoje em a sepultura do servo de Deos Fr. Francisco, cuja terra faz milagres por virtude Divina, com que Deos N. Senhor glorifica neste mundo a este seu servo. E porque seria cousa larga escrever todos os que tem feito, não porei aqui dos antigos, senão os mais authenticos.

2 Heitor de Miranda, Alcaide Mór que foi da Villa de Borba, estando mui enfermo de doença bem perigosa, mandou pedir ao Convento, que lhe mandassem huma pequena de terra do Santo Fr. Francisco da Gatta; e levando-lha, a deitou com confiança, e devoção ao pescoço, encommendando-se em seus merecimentos; em a tomando, foi logo livre, e são de todo seu mal, e enfermidade. Outro homem chamado Francisco Lopes, Escrivão da Camera da mesma Villa, tendo sua mulher, e alguns de seus filhos enfermos de febres, mandou ao Bosque buscar a terra da sepultura do Santo Fr. Francisco; e em lha lançando, no mesmo instante recebêrão saude huns, e outros. Na mesma Villa houve huma mulher chamada Margarida Fernandes, a qual estando de febres muito enferma, rogou a huma sua

filha, que fosse ao Convento, e pedisse huma pequena de terra daquella sepultura; e trazendo-lha, recebeo-a com tanta devoção, que logo ficou livre de sua enfermidade. Outra mulher por nome Joanna Froes, estando huma sobrinha sua em cama muito enferma, deitou-lhe a terra desta sepultura; com a qual recebeo a saude desejada. Finalmente forão tantos os milagres desta qualidade, que Deos pelos merecimentos deste seu servo obrava com a terra de sua sepultura, sem que os Frades fizessem caso de escrevellos, que vindo hum Religioso devoto do santo Frei Francisco morar a esta Casa de Borba, poz em sua vontade saber os milagres, que só em aquelle anno o santo fazia, e para isso disse ao Porteiro, que tomasse o nome a todas as pessoas, que ahi viessem pedir terra, para depois lhe perguntar o effeito, que della se seguíra. Feita esta diligencia, affirmou depois este Religioso, e deo seu testemunho, que achára por dito de pessoas dignas de fé, de credito, e de virtude, que só em aquelle anno, que se fizera a dita diligencia, se achou huma grande quantidade de milagres; e porque não he possivel escrevellos todos, porei alguns, pelos quaes se veja a qualidade dos outros.

3 Hum homem natural de Monforte, Villa distante quatro leguas da de Borba, chamado Manoel Sutil, veio a esta Villa visitar a hum seu amigo, ao qual disse que vivia desgostoso, porque tinha mui doente, e attribulada huma filha, a quem muito amava, sem valerem remedios da medicina, tendo-lhe applicado todos os possiveis, para lhe tirarem humas grandes febres, que havia muitos annos a molestavão. O amigo lhe disse, que naquelle Convento do Bosque estava enterrado hum Frade santo, e que a terra de sua sepultura fazia muitos milagres em os enfermos, que lha levasse, que por ventura lhe faria Deos mercê de dar saude, como desejava, a sua filha, como continuamente a dava a muitos. Fez o Manoel Sutil o que lhe aconselhou o amigo; e levando a terra, tanto que a lançou ao pescoço da enferma, logo esta ficou sã. Em gratificação deste beneficio, vierão depois o pai, e mãi com a filha à Igreja do Bosque dar graças a nosso Senhor, que por merecimentos deste seu servo lhe fizera mercê tão desejada. Huma mulher do termo de Borba pedio ao Porteiro do Bosque, que lhe désse huma pequena de terra do Padre S. Francisco, porque havia muito tempo que andava mui doente de fe-

febres, ſem poder haver melhoria, e tão fraca, que com muito trabalho pudéra alli chegar em romaria ao ſanto. Reſpondeo-lhe o Porteiro: *Irmã, nós aqui não damos terra do Padre S. Franciſco, ſenão a de huma ſepultura de hum Religioſo, que tambem ſe chamava Fr. Franciſco. Seja, Padre, cuja for*, (tornou a doente) *dê-me aquella terra, com que tantas peſſoas alcanção ſaude, que poſſivel he fazer-me Deos a mercê, que faz a tantos por merecimentos deſſe ſeu ſervo.* Recebeo a terra, deitou-a logo ao peſcoço, e encommendando-ſe em os merecimentos do ſanto Fr. Franciſco, no meſmo inſtante começou a ſentir em ſi notavel melhoria; e foi de tal maneira, que quando chegou a ſua caſa, eſtava sã de todo, como ella meſmo confeſſou, tornando depois a dar as graças ao ſervo de Deos pela mercê, que lhe tinha feito.

4 Outra mulher chamada Catharina Pires, moradora no termo de Villa-Viçoſa, veio buſcar terra para huma ſua filha, que tinha mui enferma; e tanto que lha deitou ao peſcoço, ſarou logo. Com a meſma terra hum ſeu genro ſarou de outra enfermidade ſemelhante, os quaes contavão depois eſte beneficio, que Deos lhes fez, para gloria ſua, e de ſeu ſervo. Maria Monteza, mulher de Martim Gomes, eſtando enferma, havia mais de hum anno em a meſma Villa de Borba, pedio com devoção a terra deſta ſepultura, e logo teve ſaude, como deſejava. João da Silveira, filho do Licenciado Franciſco da Silveira, Juiz de Fóra que foi na Villa de Barcellos, eſtando jà deſconfiado dos Medicos em huma grande enfermidade, alcançou ſaude, depois que ao peſcoço lhe lançárão huma pequena deſta terra. Finalmente com ella, por merecimentos deſte ſanto Religioſo, alcançárão perfeita ſaude de enfermidades diverſas Affonſo Mendes, filho de Antonio Mendes, Margarida Fernandes, mulher de Pero Fernandes, Margarida Pinta, mulher de Diogo Fernandes, Catharina Affonſo, mulher de Fernando Affonſo, Margarida Alvares, mulher de Jorge Dias, e algumas outras crianças pequenas, todas da Villa de Borba, em tão grande numero, que ſeria proceſſo largo referillos.

5 E ſe tantos forão os que obrou em o anno de 1600. que foi o tempo, em que a curioſidade, e devoção daquelle Religioſo ſe poz a eſcrevellos, quantos ſerião os que obrou antes, e depois? Sómente digo, que ſendo aſſim que a devo-

ção dos Santos pela maior parte (assim como a caridade) se vai resfriando com os tempos, e com isso tambem elles apertando a mão em o fazer dos milagres, o santo Fr. Francisco, depois de tantos annos, ainda nelles continúa. Não ha muito tempo que veio huma mulher do termo de Borba à Igreja do Bosque, e dando hum coração de cera, que trazia, ao Porteiro, lhe pedio o puzesse no Altar mór, em sinal de hum beneficio, que do santo Fr. Francisco tinha recebido. Inquirio então o Religioso como isto fora, a quem a mulher disse, que vendo-se afflicta com humas dores, que lhe commettião o coração, se encommendára neste aperto em os merecimentos do santo Fr. Francisco, promettendo-lhe que se a livrava dellas, em sinal de agradecimento lhe levaria ao Convento hum coração de cera; e que logo se achára sã, nem sentíra mais aquellas dores, e assim vinha cumprir sua promessa. Deos, que tão glorioso tem ainda hoje a este seu servo em a terra, por tantas maravilhas, que por elle obra, mais glorificado o terá no Ceo.

CAPITULO XXXII.

Eleição do tercio-decimo Ministro Provincial: memoria de dous Religiosos, que com fama de virtude acabárão em seu triennio.

1 EM o Capitulo vinte e seis deste terceiro Livro dissemos, que sendo actualmente Provincial Fr. João de Faro, o mandára o Ministro Geral Fr. André da Insua por Visitador da santa Provincia de S. Gabriel, cujo Capitulo celebrou, e presidio em a segunda Dominga depois da Pascoa da Resurreição. Dalli veio logo fazendo a ultima visita, que lhe faltava, para complemento do seu triennio, que governou com grande prudencia, e acerto. Acabado seu ministerio, deo ordem, como no Bom Jesus de Val-verde se celebrasse Capitulo para eleição de Provincial. Convocárão-se os Vogaes para dezoito dias do mez de Outubro de 1551. sahio eleito em Ministro Fr. Miguel de Abrantes, cujo governo mostrou bem ao depois, quão acertada fora a eleição, que nelle fizerão. Neste Capitulo só se elegêrão Provincial, e os quatro Definidores; porque a eleição dos Guardiães ficava reservada para os dous Custodios, cada hum em sua Custodia, que assim o tinha

15

Fr. Mi[...] de Ab[...] tes Pr[...] vincial

nha diſpoſto o Padre Inſua naquelle novo modo de governo, que introduzio na Provincia, como fica dito.

2 Pouco depois da eleição deſte Miniſtro, ou quaſi neſte tempo, paſſou dos trabalhos deſta vida a lograr os premios da eterna hum Religioſo, de cujas virtuoſas acções, ſuppoſto que nos não ficou mais memoria, pouco mais que a commum acclamação de ſanto, eſſas poucas couſas, de que temos noticia, pedem aqui eſta lembrança, porque ſe não ſepulte de todo no eſquecimento a deſte ſervo de Deos. Chamava-ſe elle Fr. Manoel de Eſtremoz, por ſer natural deſta Villa: era Frade leigo de profiſsão, e tão dado às couſas de Deos, que ſó o tempo, que nellas gaſtava, tinha por alivio. Foi ſingular na paciencia: [a] pois como ſe fora aquella pedra chamada Galacia, [b] de quem ſe diz que ſempre eſtá fria, nem jà mais aquece mettida em o fogo: aſſim tambem a Fr. Manoel nunca reprehensão, por aſpera que foſſe, nem adverſidade por grande, ou injuria alguma era baſtante para provocallo a colera, ou vencer ſua conſtancia. Com iſto juntamente era ornado de muitas, e mui raras virtudes, em que ſe conſervou toda a vida, que deſde mancebo paſſou neſta Provincia, atè que veio morar ao Convento do Bom Jeſus de Valverde, onde lhe deo a ultima enfermidade: por reſpeito da qual foi levado a curar ao Convento de noſſo Padre S. Franciſco de Evora, onde tem ſua ſepultura.

3 A cauſa diſto foi, que como em Evora não tiveſſemos ainda Convento, os que adoecião em Val-verde, trazendo comſigo hum Frade para enfermeiro, ſe vinhão curar ao ſobredito Convento da Provincia dos Algarves, onde havia huma Caſa deputada para eſte effeito, com todo o neceſſario, por ordem do Cardeal D. Henrique. Vindo Fr. Manoel curar-ſe ao dito Convento, no caminho teve revelação de ſua morte, que prediſſe a dous Religioſos, que de Val-verde o acompanhavão: dizendo-lhes que era eſcuſado fazerem-lhe cura alguma, porque ſabia de certo ſer o Senhor ſervido, que elle morreſſe daquella enfermidade. Chegou ao Convento de noſſo Padre, e huma quarta feira, eſtando preſentes muitos Religioſos moradores delle, diſſe que ao ſabbado ſeguinte, às quatro horas da tarde deixaria ſua alma eſte deſterro. Para eſta jornada ſe apparelhou devotamente com todos os Sacramentos da Igreja, e hum novo fervor, que o incitava ao

amor

amor de ſeu Deos, a quem deſejava ver ſobre todas as couſas. Chegado o dia do ſabbado, na meſma hora, que tinha predito, preſentes todos os Frades do Convento, pedio a Regra de noſſo Serafico Patriarca; e tendo-a nas mãos disſe com grande ſentimento eſtas devotas palavras: *Senhor meu Jeſus Chriſto, ſe neſta Regra eſtá alguma couſa, que eu por deſcuido não cumpriſſe, vós por voſſa Divina miſericordia me perdoai: e o meſmo peço a meu glorioſo Padre S. Franciſco, e a todos os Irmãos, que eſtais preſentes.* Ditas ellas com profunda humildade, pedio a todos, que naquella hora o não deſamparaſſem, e que lhe rezaſſem a *Magnificat* a noſſa Senhora, de quem era devoto por extremo. No meſmo ponto, que os Religioſos a acabárão, elle rematou o curſo da vida, com eſtranha edificação dos preſentes, que com inſtancia procurárão alcançar alguma couſa de ſeu uſo, para a trazerem comſigo por reliquia.

4 Quaſi pelo meſmo tempo acabou tambem os dias de ſua peregrinação em o meſmo Convento de S. Franciſco de Evora outro Religioſo do meſmo eſtado de leigo. Foi dos principaes da Cidade de Coimbra, chamava-ſe Fr. Pedro: de pouca idade paſſou a militar na India, donde vindo depois de alguns annos, e trazendo fazenda, com que pudéra viver honradamente, a deixou a duas irmans, que tinha, por ſe aliſtar em a milicia de Chriſto neſta noſſa Provincia da Piedade, onde viveo ſanta, e virtuoſamente. Era ſobre maneira auſtero, [c] e tão zeloſo dos louvaveis coſtumes, e ceremonias da Religião, em que o tinhão criado, que por eſte reſpeito padeceo depois da morte algum trabalho, como logo diremos. Vigiava tanto ſobre a pureza da alma, que fugia, quanto lhe era poſſivel, a toda a pratica de mulheres; e quando preciſamente havia de fallar com alguma, pelo não poder eſcuſar, era ſempre com os olhos poſtos em terra, de tal ſorte que lhe não via o roſtro. Com tudo, ſendo Porteiro em o Convento de Abrançálha, primeiro ſitio, que tivemos junto de Abrantes, havia naquella Villa huma beata de muita fama de virtude, chamada Ignez Fernandes, por alcunha a Maçaniqua: era eſta continua em as eſmolas, que fazia ao Convento; e como Fr. Pedro era Porteiro, forçoſamente lhe havia de fallar algumas vezes. De ſuas palavras foi entendendo ſua virtude, e o amor, que a Deos tinha, de que naſceo praticalla familiarmente; ſempre porèm com

Fr. Pedro de Coimbra Frade leigo.

c Fr. Ar[...] Marty[...] Min.[...] 18. Agiol[...] Luſit[...] Fever[...] liter. [...]

com aquelle recato, que coſtumão os Varões ſantos, e de que os fracos, neceſſitando mais, tratão menos.

5 Não era menor o conceito, que a Beata tinha de Fr. Pedro, e com eſta opinião; que hum do outro formava, ſe perſuadírão, que Deos teria por bem de ouvir ſua oração, que a algum delles podia ſer proveitoſa, e ſoccorro em alguma neceſſidade eſpiritual. Fizerão entre ſi pacto, e concerto, que ſuppoſta a vontade de Deos, o que morreſſe primeiro, viria fazer a ſaber ao outro do eſtado, em que eſtava, para que ſe tiveſſe neceſſidade de ſoccorro, e favor para com Deos, lho procuraſſe. Pouco depois deſte concerto, e pacto eſpiritual veio Fr. Pedro morador para o Convento de Valverde, onde adoecendo ſe foi curar, como hião os mais, ao de S. Franciſco de Evora. Soube logo a Condeſſa do Vimioſo de ſua enfermidade; e como lhe foſſe mui affeiçoada, e devota, pela grande virtude, que nelle conhecia, lhe mandou pedir quizeſſe conſentir, que lhe foſſe todos os dias o comer de ſua caſa. Condeſcendeo Fr. Pedro à petição deſta devota ſenhora; e depois de alguns dias, tendo revelação de ſua morte, a profetizou com eſtas palavras, que diſſe ao paje, que lhe levava o comer: *Ide, e dizei à Senhora Condeſſa, que noſſo Senhor lhe pague eſta caridade, que me tem feito; mas que me não mande mais couſa alguma, porque jà me não ha de ſer neceſſaria.* Aſſim ſuccedeo, como Fr. Pedro tinha dito, porque naquella noite ſeguinte deſatado dos laços do corpo, acabou a peregrinação deſta vida.

6 Na meſma noite, em que morreo, eſtando a ſobredita Beata em oração no ſeu Oratorio, lhe appareceo na fórma corporal de maneira, que nada duvidou ſer elle, e aſſim com a devoção coſtumada lhe diſſe: *Padre Fr. Pedro, venha Voſſa Reverencia muito embora*; e indo-ſe lançando a ſeus pés para lhos beijar, lhe diſſe elle aquellas palavras de Chriſto à Magdalena [d]: *Não me toques; mas encommenda-me a Deos, que neceſſito de tuas orações*, e dizendo iſto deſappareceo. Lembrou-ſe então a Beata do concerto, que com Fr. Pedro tinha feito, e perſuadindo-ſe, pelas horas, que lhe apparecêra, que era morto, e que padecia no Purgatorio algum trabalho, com grande fervor, e caridade o ficou encommendando a Deos. Não ſe paſſárão muitos dias, que outra vez lhe não appareceſſe jà em fórma mais clara, eſtando ella tambem em oração, e lhe

[d] Joann. c. 20. n. 17.

lhe encommendou, que perseveraſſe em encommendar, e rogar a Deos por elle; com cujo ſegundo apparecimento accreſcentou a devota mulher o fervor de ſuas ſupplicas. Finalmente depois de hum breve intervallo de tempo, lhe appareceo terceira vez jà mui reſplandecente ſobre maneira, dando-lhe as graças da pontualidade, com que cumpríra o concerto, que com elle fizera; accreſcentando mais que pela aſpereza, com que reprehendia aos Religioſos, quando nelles via algum deſcuido, ainda que leve, fora condenado ao Purgatorio, onde eſteve detido aquelles dias; mas que purificado jà com aquellas chammas, hia para o Ceo gozar da Divina Eſſencia.

7 De tudo iſto deo teſtemunho aquella devota mulher de Abrantes, que o exemplar da ſua vida deixa ſem ſuſpeita, e muito mais a morte, que teve; porque poucos annos depois da morte de Fr. Pedro a viſitou Deos com a ultima enfermidade, acompanhada de humas tão grandes dores, que diſſe, fallando com Deos: *Senhor, ajudai-me, que jà não poſſo mais.* Ouvio logo huma voz, que quaſi indignada lhe diſſe: *De que te anguſtias, e queixas? Sabe certo, que quem houver de entrar em minha Gloria, não he iſſo nada para o que deve padecer.* A eſta voz reſpondeo a Beata: *Pois, Senhor, jà que aſſim he, venhão mais dores, e faça-ſe voſſa Divina vontade.* Neſte ponto deſceo ſobre a enferma huma luz tão clara, que alumiou a caſa de maneira, que aos que eſtavão nella, lhes parecia ſer de dia, ſendo huma hora depois da meia noite. Poucos dias depois, reſignada na vontade Divina, paſſou aquella mulher das dores, que padecia, aos prazeres da Gloria; com que Deos a premiaría, como devemos piedoſamente crer, e que o teſtemunho, que deo de Fr. Pedro foi verdadeiro.

CAPITULO XXXIII.

Vida, e morte de Fr. João Paſcoal, hum dos primeiros moradores da Piedade de Villa-Viçoſa.

1 EM a fundação de trez Provincias trabalhou incanſavelmente o Veneravel Religioſo Fr. João Paſcoal; e como eſtas eſcrevêrão, e notárão ſuas acções, naſceo daqui referirem-ſe com alguma variedade. O Chroniſta da mui ſanta Provincia de S. Joſé, eſcrevendo a vida deſte ſanto Varão, diz [a] que fora natural de Andaluzia, e de huma Cidade cha-

[a] Chro[nica da] Prov[incia de] S. Jo[sé] l. 1. c[...]

chamada Xerês de la Frontera, e que aprendêra no principio de sua vida o officio de Carpinteiro, e que depois inspirado por Deos recebêra o habito de nosso Padre S. Francisco em hum Convento chamado nossa Senhora de *Monte-Cæli*, por outro nome del Hoio, Casa Recoleta da santa Provincia de Sant-Iago. Diz que nesta Provincia fora ordenado Prégador, e sem especificar mais alguma cousa, que lhe succedesse em sua mocidade, depois que entrou em a Religião; metteo-o em hum Capitulo Geral [b] celebrado em Roma no anno de 1517. por companheiro de Fr. Angelo de Valhadolid, e dalli o tira para Fundador da sua Provincia. Com alguma differença refere a Chronica da santa Provincia de S. Gabriel os principios deste servo de Deos em a Religião, [c] ainda que concorde em o mais com a de S. José. Esta variedade nos dá motivo para termos aos nossos Memoriaes por mais certos, ainda que não houvesse, como ha, alguns Chronistas [d] dos mesmos Castelhanos, que os não confessassem por mais verdadeiros: e assim segundo elles escreveremos a vida deste santo Religioso.

2 Foi o servo de Deos Fr. João Pascoal de nação Portuguez, e de huma Villa, que chamão a Arrifana de Santa [e] Maria, onde está sepultado. Logo depois de Fr. João de Guadalupe fundar em Villa-Viçosa o Convento da Piedade, tomou nelle o habito de noviço, donde sahio já professo de dous, ou trez annos por companheiro de Frei Anjo de Valhadolid, que passava para as casas, que estavão em Castella. Que fosse noviço em a Custodia do Santo Euangelho, e não em a Provincia de Sant-Iago, refere por opinião de alguns, a que se mostra inclinar o [f] Chronista de S. Gabriel, ainda que não individue a Casa, onde tomou o habito, tal vez por se não ver obrigado a confessar que fora Portuguez. Porèm que o fosse, ainda que os nossos Memoriaes o não disserão, tinhamos muita razão para assim o suspeitar; porque o primeiro Prelado, que teve a Provincia de São José, quando ainda Custodia, foi Fr. Antonio da Conceição, de nação Portuguez, professo em a Provincia da Piedade, como diz a Chronica daquella Provincia; [g] e assim parece que ambos sahírão da Casa da Piedade para Castella, e que ambos erão de nação Portuguezes, pois acompanhando os mais, que desta Casa sahírão a Fr. Anjo em a sua Custodia da Estremadura, só Frei Antonio da

[e] Sinde Conversação Religiosa 4. dia c. 5. Chronic. antig. liv. 2. cap. 9.

[f] Idem ibid.

[g] Supra cit. cap. 6.

Conceição, como a natural do mesmo Reino, acompanhou a Fr. João Pascoal, quando foi dar principio à Provincia de S. José. E segundo isto, forçosamente havemos de tirar da Casa Recoleta, onde o Padre Fr. João de Santa Maria diz que tomou o habito para companheiro de nossos primeiros Fundadores. E pois elle confessa que depois de instituirem a Fr. João Pascoal Prégador, não sabe cousa nenhuma delle atè o Capitulo Geral de Roma celebrado no anno de 1517. bem consentirá que eu lhe diga, o que fez este Religioso, e por onde andou, atè lho tornar a dar são, e salvo no mesmo Capitulo, donde elle o tira para Fundador da sua Provincia.

3 Primeiramente os nossos Memoriaes dizem todos, que quando Fr. Anjo de Valhadolid veio de Roma, e achou os concertos feitos por ElRei D. Manoel, de que das Casas, que estavão em Portugal, se erigisse huma Custodia da Piedade, e as que estavão em Castella se encorporassem em a Provincia de Sant-Iago, não querendo Fr. Anjo ficar em Portugal, por não ver acabar aquellas Casas, levou comsigo a Fr. João Pascoal; porque pelo conhecimento, que delle tinha, esperava que lhe fosse grande ajuda naquella obra. E nisto, que he serem estes dous Religiosos companheiros na fundação da Provincia de S. Gabriel, concordão comnosco o Padre Fr. João Baptista Moles, *b* em o Memorial, que faz desta sua Provincia; e o Padre Fr. João de Santa Maria. Verdade he que nenhum destes dous Padres diz o tempo, e lugar, em que Fr. João Pascoal se ajuntou por companheiro a Fr. Anjo, ou seja por não quererem levar de Portugal os Fundadores de suas Provincias, ou porque totalmente ignorão o lugar, e tempo, em que estes dous Religiosos se ajuntárão para companheiros de tão santa obra. De qualquer maneira que seja, faz a nosso intento; porque se o calárão por ir de Portugal fundar suas Provincias, a isso dizemos que de Portugal sahio darlhe principio; e se por não saberem mais de sua vida, o não dissérão, bem consentirão que demos credito a nossos Memoriaes, nos quaes está escrito, que sahio da Piedade de Villa-Viçosa, quando foi por companheiro de Frei Anjo.

b Mol.

4 E sendo isto assim, como a razão mostra, a vida de Fr. João Pascoal, depois que o Padre Santa Maria diz que não sabe delle, foi acompanhar a Fr. Pedro de Melgar em todos os trabalhos, que os primeiros Pa-

Padres desta Provincia padecêrão na fundação della, segundo ficão referidos em o primeiro Livro. Foi hum daquelles quatorze, ou quinze Religiosos, que lançados fóra da Piedade por ElRei D. Manoel, forão para a Serra Dossa, e dalli para a Ilha da Contenda, e della para Roma, donde depois de sahir por elles a sentença tornou para Hespanha, e ultimamente para a Piedade de Villa-Viçosa, onde estava, quando Fr. Anjo pedio a Fr. Pedro de Melgar lho deixasse levar para Castella com alguns outros mais Religiosos, que livremente se quizerão ir com elle, como foi Fr João de Avila, e Fr. Francisco de Frexinal, ambos daquelles primeiros Frades do Santo Euangelho. Com Fr. Anjo de Valhadolid trabalhou Fr. João Pascoal em a erecção da Custodia da Estremadura, de que ao depois no anno de 1519. se levantou a mui Religiosa Provincia de S. Gabriel. Com elle andou atè o anno de 1517. em que se celebrou o Capitulo Geral da União em Roma por Leão X. onde se-achárão todos os Vogaes da Ordem, e entre elles Fr. João Pascoal por companheiro de Fr. Anjo. Dividio-se então a Ordem em duas Familias de Observantes, e Conventuaes; e foi cousa mui de notar, que sendo os dous servos de Deos Fr. Anjo, e Fr. João Pascoal ambos de hum mesmo espirito, chegado o tempo, em que se havia de resolver a qual dos dous Prelados darião obediencia, sendo tão conformes, se dividírão; porque Fr. Anjo a deo ao Ministro Geral da Observancia, e Fr. João Pascoal ao Mestre Geral da Conventualidade; ordenando-o assim Deos, para que a reformação, em que trabalhavão, mais facilmente se estendesse. Recebeo o Mestre Geral dos Conventuaes com muito agrado a Fr. João Pascoal, e deo-lhe sua Patente, e ampla commissão com sua authoridade toda, para poder fundar Conventos em Hespanha, receber noviços, e Frades de sua obediencia, e Familia, instituir Prégadores, e Confessores, e fazer tudo o mais, que elle pudéra fazer por sua pessoa. Para mais firmeza pedio logo confirmação desta Patente, e commissão ao Papa Leão X. que elle passou em o anno de 1517. quinto de seu Pontificado.

5 Com estas Letras tão favoraveis fez caminho para Hespanha. Guiou-o o Espirito Divino para huma pequena Ilha do Reino de Galiza, junto da Villa de Redondela, onde havia huma Hermida dedicada ao glorioso Apostolo São Simão,

de quem a Ilha conſerva ainda hoje o nome, que tomou. Neſta Ilha, e Hermida de S. Simão da Redondela fundou o ſervo de Deos hum pobre, e pequeno Convento, [i] dedicado ao meſmo Santo, e foi o primeiro, que teve a ſanta Provincia de S. Joſé. Aqui neſte deſerto eſteve fazendo vida ſolitaria alguns annos, acompanhado de ſeu inſeparavel companheiro, que o tinha ajudado na fundação do Convento, Fr. Antonio da Conceição, filho da noſſa Provincia da Piedade. Dalli ſahio para Roma para impetrar hum Breve do Summo Pontifice Paulo III. por virtude do qual pudeſſe receber Frades da Familia da Obſervancia. Paſſou o Pontifice eſte Breve, conforme o que lhe pedia Fr. João; foi ſua data em treze de Maio de 1541. e ſetimo de ſeu Pontificado.

[i] Chronic. Provinc. S. Joſé l. 1. c. 6.

6 O mais, que eſte ſervo de Deos fez em augmento da Provincia de S. Joſé, ſe póde ver em a Chronica daquella Provincia, que a ella remettemos ao leitor, por não tocar à noſſa, e por paſſarmos a dizer alguma couſa das virtudes deſte ſanto Religioſo, e de ſua ditoſa morte. Comecemos pela Oração, como fonte das mais virtudes: neſta o ſublimou Deos a mui alto grão, como ſe colige claramente da aſſiſtencia, que fez por doze annos em a Ilha de S. Simão, apartado do trato, e commercio da gente; que a não ſer aſſim, parece moralmente impoſſivel poder perſeverar tantos annos continuos naquella ſoledade, e deſerto. Alli fallava Deos ao coração deſte ſolitario, como ſe diz em Oſeas, [l] e daquelle ermo ſubia elle com a conſideração ao Ceo, acompanhado [m] de boas obras, e afervorados deſejos, qual a Alma Santa dos Cantares. Foi grandemente devoto do Santiſſimo Sacramento, e em ſua preſença, eſtando em o Coro, ou em a Igreja, ſempre era de joelhos, ou em pé. Em toda a Igreja, em que entrava, feita primeiro oração, ſe occupava em a limpar, e varrer, compondo cuidadoſamente os Altares, atè que os deixava com o devido aſſeio. Na virtude da humildade reſplandeceo tanto, como ſe puzera todo o ſeu cuidado em ſer humilde. A primeira viſita, que fazia, quando por alguma juſta cauſa vinha aos povos, era aos Hoſpitaes, onde conſolava aos enfermos, fazia-lhes as camas, lavava-lhes a roupa, remendava-lhes os veſtidos, ſem que lhe impediſſe o tratar a todos mui familiarmente o ſerem alguns mui aſqueroſos, porque a eſtes, ſem muita contradição da natureza, mais aſſiſtia, que ſegundo São Pau-

[l] Oſeæ num...
[m] Cant. num...

Paulo, ⁿ a caridade tudo vence, e soffre. Não sómente aos maiores obedecia, mas tambem aos menores se sujeitava, e nos officios mais baixos, e humildes do Convento sempre era o primeiro, tendo-se pela mais vil de todas as creaturas.

7 Do rigor, com que começou em noviço na nossa Casa da Piedade, nunca afrouxou, nem ainda depois de muito velho; porque nesta idade trouxe sempre hum aspero cilicio, sem que dispensasse com este rigor, nem ainda por causa de enfermidade. O seu habito era de saial mais grosseiro: a cama era huma taboa, e por cabeceira hum madeiro; nunca usou de sandalias, sempre caminhou com os pés totalmente descalços, e por terra tão aspera, como são as serras de Galiza. Esse pouco tempo, que dormia, não tinha sobre si outro abrigo, por grandes frios que fizessem, mais que o pobre habito, que trazia vestido, e curto manto, com que se amparava. Quando alguns o querião persuadir que mitigasse o rigoroso de suas penitencias, respondia com muita humildade, e alegria: *Deixai-me, senhores, com o meu corpo, que eu o conheço bem, e sei o que lhe importa.* Foi pacientissimo em os trabalhos, e opposições, e com summa tranquillidade de animo soffria as afrontas, e perdoava as injurias; e como se nisto fizera ainda pouco, passava a mais, que se não havia de apartar de quem o injuriava, sem lhe beijar os pés primeiro.

8 Aconteceo-lhe huma vez visitar a hum Prelado maior dos daquelle Reino de Galiza, a quem admoestou com o devido respeito, e santa liberdade de huma certa cousa, que delle se dizia, o que elle soffreo tão pezadamente, que colerico em demazia, deo ao santo Religioso huma bofetada em o rostro à vista de alguns de sua casa, que supposto não ouvirão o que o servo de Deos lhe disse, virão o que depois fez, e a face córada. O verdadeiro imitador de Christo, sem que recebesse alguma turbação, com muita humildade se ajoelhou a beijar-lhe os pés, e lhe offereceo a outra face para nella receber outra bofetada. Com este tão grande acto de humildade, e paciencia ficou o Prelado tão confuso, e edificado, que lançando-lhe os braços, lhe beijou a face, onde o tinha ferido, pedindo-lhe perdão daquella injuria. Amou grandemente a virtude da castidade, e assim vivia com extraordinario recato, e notavel vigilancia nesta materia. Estando hum dia dormindo em huma casa secular,

lar, porque hia de caminho, a ſenhora della, inſtigada do demonio, entrou em o apoſento, onde elle eſtava, chegou-ſe a elle, pondo-lhe a boca em a face. Deſpertou o ſanto Religioſo ao primeiro toque, fazendo Cruzes como ſobreſaltado; e poſto em pé, vendo-a diante de ſi, diſſe: *Que he iſto? Queres-me roubar o meu theſouro?* Ella, ouvindo iſto, mui temeroſa, e compungida, conhecendo a virtude do ſanto, e ſeu proprio peccado, ſe lançou a ſeus pés, pedindo-lhe perdão; elle a reprehendeo, e admoeſtou em poucas palavras, e logo ſem aguardar mais, ſahio daquella caſa; que a eſte contrario mais glorioſamente vence quem mais depreſſa lhe foge. Neſtas ſantas obras ſe conſervou o ſanto Fr. João Paſcoal, atè que Deos o chamou para lhas premiar.

9 Veio elle a Badajós tomar poſſe, e regimento de hum Convento, que alli perto em huma Aldea havião fundado certos Religioſos; e tornando-ſe para Galiza, fazendo ſeu caminho por Portugal, como neſte lhe ficava a Arriſana de Santa Maria ſua patria, quiz ir a ella, e conceder hum breve alivio a ſeus parentes, aos quaes depois de Religioſo não tinha mais viſto, ainda que elles com muitas importunações o procuravão. Aqui lhe deo a ultima enfermidade, era iſto mui perto da feſta do Natal, e à veſpera do dia diſſe elle a ſeu companheiro: *Depois que tomei Ordens de Miſſa, pela miſericordia de Deos nunca deixei de dizer todas trez dia do Naſcimento de noſſo Senhor Jeſus Chriſto: tambem as hei de dizer à manhã, e logo partir-me.* Entendeo o companheiro que fallava da jornada, que ambos fazião: e aſſim lhe diſſe: *Grande mercê nos fará Deos, ſe depois da feſta vos achardes, Irmão, com forças para caminhardes.* *Não digo iſſo*, replicou o ſanto velho, *ſenão que me hei de partir deſta vida.* Diſpoz-ſe para celebrar aquella feſta com muita devoção, rezou o Officio Divino, confeſſou-ſe com o companheiro, diſſe as trez Miſſas, como quem fazia provisão para o caminho. Recolhido à caſa, onde o hoſpedavão, ſentou-ſe ſobre a cama, e pedio a ſeu companheiro lhe trouxeſſe huma vela acceza, e depois de eſtar com ella em a mão por algum tempo, e na outra huma Cruz, que ordinariamente trazia ao peſcoço ſobre o habito, com eſta poſtura, com os olhos cerrados, ſem fallar mais, que mentalmente com Deos, ſem que lhe ſobrevieſſe algum accidente, entregou a alma a ſeu Creador. Foi ſe-

ſepultado na Capella mór da Igreja daquella Villa, que então ſe acabava de lavrar, nem ſe tinha nella alguem enterrado, onde o Senhor por ſeus merecimentos tem obrado muitas maravilhas, e a gente daquelle povo o tem por ſanto.

CAPITULO XXXIV.

Fundação do Convento de Santo Antonio da Covilhã.

1 EM o Biſpado da Guarda, na Serra da Eſtrella, tão celebrada, e conhecida, aſſim por ſua grande altura, com que a pezar dos ardores do calmoſo eſtio, ſe moſtra ſempre coroada da branca neve, e duas notaveis alagôas, que tem no alto cume, como pelos fertiliſſimos paſtos de ſeus valles, com que no verão apaſcenta infinito numero de gados, copioſas fontes, e caudaloſos rios, que produz: da parte, donde o Sol naſcendo a fere com ſeus raios, temos huma Caſa do titulo, e dedicação do bemaventurado Santo Antonio, poſta em meia ladeira, em hum ſitio, com quem a meſma ſerra acabou de repartir liberalmente todo o bem de freſcura, e fertilidade, que em ſuas abas tinha; porque ſendo os valles, e campos, que aos pés lhe ficão eſtendidos, os mais freſcos, e amenos, que póde imaginar-ſe; huns, pelos ſombrios ſoutos de ſoberbos caſtanhos, de que eſtão cubertos; outros, pelos fecundos pomares de muitas, e excellentes frutas, com que eſtão enriquecidos, e todos regados com mil fontes, e ribeiros de cryſtallinas aguas, que por entre elles naſcem, todas eſtas couſas ſe acabão no ſitio do Convento, em cuja Caſa ha ſouto competente, duas perennes fontes, formoſo pomar, e baſtante horta.

2 Eſtá o Convento com gracioſa viſta dominando todo o ameno daquelles verdes campos, valles, e outeiros, que lhe ficão mais baixos: e dalli para ſima jà não ha couſa frutifera, ſenão aſpereza, rochedo, e penedía. Em igual altura da Caſa, e na meſma coſta da ſerra, eſtá a Villa da Covilhã, dividindo-as hum fundo valle, o qual he cauſa de que ainda que à viſta dos olhos eſtão em pouca diſtancia vizinhas, e fronteiras, ao caminho dos pés ficão bom eſpaço diſtantes, com trabalhoſa, e agra ſerventia, havendo-ſe de deſcer, e outra vez ſubir para ir de huma a outra. Para a edificação deſte Convento concorrêrão tantos milagres, que bem ſe póde chamar milagroſo: o primeiro foi a occaſião, por que ſe ordenou que alli ſe fundaſſe; porque

que succedendo no anno de 1553. haver tão grande secca, [a] que se perdião todas as novidades nesta terra, ordenou o povo, e toda a Clerisia desta Villa da Covilhã fazer huma solemne Procissão em romaria a nossa Senhora do Seixo, Convento nosso, que está dalli trez leguas, em hum lugar chamado o Fundão. Poz-se esta em effeito, implorando da Sacratissima Senhora remedio para tão grande necessidade; nem ficárão frustrados de suas esperanças (como não tem ficado nenhum, que as fundasse nesta Senhora,) porque foi o Senhor servido, por honrar sua Santissima Mãi, de que tanto que là chegárão com a Procissão, choveo tanta agua, que se tornárão todos bem molhados, e contentes para suas casas.

a Gonzag. pag. 945.

3 A gente, que parte daquelle beneficio milagroso attribuía aos merecimentos das orações, que os Religiosos desta santa Casa do Seixo fizerão pela mesma necessidade, cobrando-lhes nova devoção, pedírão logo à Provincia quizesse aceitar huma Casa na dita Villa, offerecendo-se liberalmente a edificalla. Era Provincial o Irmão Fr. Miguel de Abrantes, que vendo a instancia, com que aquella Villa lhe pedia mandasse Frades para darem principio à fundação do Convento, os enviou logo no mesmo anno de 1553. Neste se lançou a primeira pedra, e foi tanto o fervor, e devoção, com que acudírão com suas ajudas, e esmolas para a fabrica, que em breve tempo foi acabada, como agora está, pequena, recolhida, e Capucha, mas com bastante firmeza, e capaz de doze Religiosos, que a habitão. A Capella mór fez hum nobre Cavalleiro chamado o Licenciado Mendo Cão, e nella tem sua sepultura. Algumas cousas notaveis succedêrão nesta Casa, em quanto durárão as obras, em que claramente se vio continuar o milagroso de seu principio: a primeira foi, que no maior fervor dellas passou hum carro carregado de pedra por sima de hum homem, que o guiava, chamado Francisco Giraldes; e sendo tão grande o pezo, não recebeo damno algum ou lesão: o que mostrou, levantando-se logo, aos que presentes se achárão, que de admirados o não crião. A outro chamado Pero Fernandes, andando trabalhando nas mesmas obras, lhe cahio hum penedo sobre huma perna, sem que lhe fizesse prejuizo, sendo que era muito grande.

4 Outro caso aconteceo mais maravilhoso [b] que todos, e foi, que trazendo duas juntas de bois huma grande, e gros-

b Gon

groſſa trave ; para ſuſtentar o Coro na Igreja , chegando ao pé da ladeira , em que eſtá ſituada a Caſa , por ſer tanto a pique , e difficultoſa a ſubida, não puderão os bois levar a trave aſſima, por mais diligencias que ſe fizerão ; e deſeſperados os carreiros de poderem ir por diante, ſe forão, e a deixárão alli. Não paſſou muito tempo, nem muitas horas, que a trave não foſſe onde era neceſſaria; porque andando muitos meninos por aquelles ſoutos jogando à choca, e vendo o que tinha ſuccedido aos carreiros, movidos daquelle Senhor, que he poderoſo para tudo, e que queria moſtrar quão aceita lhe era a fundação daquelle Convento, acudírão todos ao lugar da trave, diſſerão huns aos outros : *Tomemos eſta trave, e com ajuda de Santo Antonio levemo-la para o Convento.* E atraveſſando-lhe por baixo os cajados, que nas mãos trazião, foi couſa maravilhoſa, que faciliſſimamente a levárão em o ar pelo monte aſſima, atè a porem no lugar da obra. Depois de varões creſcidos contavão alguns delles por muitas vezes eſte milagre, affirmando que a trave lhes parecia tão leve, como ſe fora huma cortiça.

5 He a gente deſta Villa da Covilhã devota, e caritativa ; pois tendo outro Convento de Padres Obſervantes da Provincia de Portugal, tem tanto cuidado no de Santo Antonio, como ſe ſó a eſte ſuſtentára. E no que mais tem moſtrado ſua devoção, he, que acontecendo algumas vezes, como ainda hoje ſuccede, nevar tão grandemente, que não podião os Religioſos ſahir de Caſa dez, doze, e quinze dias, pela muita, e groſſa neve, que cubria a terra toda, e cegava os caminhos, tanto, que ainda dentro na Villa era neceſſario com rodos, e enxadas alimpar as ruas para ſe poder andar por ellas, todo eſte tempo, que eſtavão recluſos no Convento, ſem poderem ſahir a buſcar eſmola, erão tão bem, ou melhor providos, que no outro tempo; porque havia gente principal, que mandava criados valentes, e curtidos naquelles trabalhos, ou a cavallo, ou a pé, bem forrados, e guarnecidos, que com toda a preſſa, e diligencia lhe trazião o mantimento. Neſte tempo he couſa formoſa (ainda que bem à cuſta dos moradores, pelo rigor do frio, que então faz) eſtender os olhos por tantos campos, valles, e outeiros, onde ſe não vê outra couſa, ſenão aquella alvura perfeitiſſima ; porque atè as mais altas arvores parecem pura neve, por eſtarem della reveſtidas. Não fica então menos

alegre a gente do campo, porque dizem que o anno de muitas neves he para a terra favoravel: experiencia tão antiga, que tem por si a Plinio. [c]

[c] In Natural. Hist. l. 17. c. 2.

CAPITULO XXXV.

Passão por este tempo Religiosos da Piedade à India Oriental.

1 FUndou nosso Serafico Padre S. Francisco a sua sagrada Religião, e Ordem dos Menores não tanto para si, como para a conversão das almas: a este fim encaminhava o Santo as acções de sua vida, o cuidar que alguma se podia perder o entristecia tanto, que o obrigava a gemer, e suspirar noites, e dias inteiros. E para ensinar a seus filhos que esta occupação havia de ser seu objecto, e que os criára para Missionarios, no mesmo ponto, que teve dous companheiros, logo sahio com elles a prégar em differentes lugares; e chegando a oito, partidos de dous em dous, forão seguindo as quatro partes do mundo à semelhança de Cruz, para que em todas dessem o pregão do Euangelho. O mesmo Santo Patriarca, não o deixando quietar seu zelo, depois de discorrer por diversas partes da Christandade, pertendeo passar a Africa: embarcou-se para a Siria, chegou ao Egypto, onde converteo ao Soldão, e muitos de seus vassallos. Outras semelhantes jornadas lhe embargou a Divina Magestade, pela necessidade, que delle tinha a sua Ordem, que se achava ainda em seus principios.

2 Este zelo tão grato a Deos imitárão os Religiosos da Piedade, como legitimos filhos do abrazado Serafim; porque depois que vírão em paz, e estabelecida sua Provincia, em o que gastárão muitos annos, que tantos lhes forão necessarios para vencerem os trabalhos, e contradições, que se lhes offerecêrão, passárão logo a solicitar a conversão dos infieis, e salvação das almas. Ao Reino de Congo foi em tempo de ElRei Dom João o III. Fr. João de Sevilha, dotado de muita virtude, e letras: acompanhou-o Fr. Antonio de Coimbra Sacerdote, com outros Frades desta Provincia, que depois de padecerem muitos trabalhos por ganharem almas para Deos, nesta santa occupação acabárão ditosamente seus dias. A' Ilha de S. Thomé passárão acompanhando ao Bispo daquella Igreja D. Fr. Francisco de Villa-nova, outros Religiosos infatigaveis obreiros do Euangelho. Ultimamente na Ilha de Cabo-Verde fundárão Convento, não só para reformarem a Christanda-

dade daquella Ilha, mas tambem para cultivarem o vasto campo de Guiné; para o que fizerão hum Hospicio em Cacheu, donde sahião discorrendo atè a Serra Leoa, como diremos diffusamente, tratando das primeiras duas Missões, que fizerão. Este ministerio continuão hoje os Religiosos da Soledade; porque como dividindo-se a sua Provincia da nossa, na repartição dos Conventos lhe coubesse este de Cabo-Verde, ficou tambem a seu cuidado a Missão de Guiné. Ao presente ainda a Provincia da Piedade tem quatro filhos seus Missionarios em os Estados do Brazil, que discorrendo por todo o Certão, onde a Christandade vive com mais descuidos, espalhão hum temeroso pregão dos tormentos eternos, com que Deos castiga aos peccadores.

3 Mas primeiro que todos os sobreditos passárão à India em diversos tempos outros Religiosos da mesma Provincia; jornada, que continuárão muitos annos, com tanto fervor, e zelo, que mandando certo Prelado Geral huma Patente pelo Reino, que a India necessitava de Missionarios, se lhe forão offerecer trinta a Lisboa, dos quaes escolhendo dez, os mais mandou recolher aos seus Conventos invejosos da sorte, que aos primeiros coube. Do que là obrárão tiveramos muito, que escrever, se houvera quem o notasse; mas como todo o cuidado dos Chronistas daquelle tempo, como notou Maffeu, [a] foi escrever das batalhas, e feitos das armas, conquistas de Cidades, descubrimentos de mares, e terras, fazendo memoria dos Capitães, e Governadores, que nisso mais se assinalárão, não se lembrárão do principal, que era escrever da conversão das almas, prégação do Santo Euangelho, e Religiosos, ou Varões espirituaes, que nisso mais parte tiverão: e quando alguma vez tratavão estas cousas, era incidentemente, e de passagem.

4 Dos nossos sabemos que alèm de dilatarem a Christandade naquelles Estados, ajudárão grandemente a plantar nelles a mui religiosa Provincia de São Thomé, fundando-lhe alguns Conventos. Depois de plantada tambem a ajudárão a crescer, mandando-lhe muitas vezes Prelados, que a governassem; como se póde ver em huma Memoria, que delles faz o Chronista da Provincia da Madre de Deos [b] na mesma India, em o seu Vergel de plantas, e flores. Com este cuidado de a prover de Prelados, e mais alguns Religiosos continuou a Provincia da Piedade

[a] De reb. Ind. l. 10. ante finem.

[b] Chron. da Prov. da Madre de Deos p. 22. & 23.

com a de S. Thomé, atè que ſe eximio delle em reſpeito de que por eſtar no Certão, lhe ficava o provimento difficil; com que de todo a deixou aos Padres Obſervantes da Provincia de Portugal, que com mais commodidade lhe podião acudir com o neceſſario. Não dizemos porèm, que os primeiros Religioſos, que abrírão àquella Provincia os alicerces, erão da noſſa da Piedade, como diz o ſobredito Chroniſta, [c] allegando por ſua parte, e noſſo favor, a commum tradição da ſua, e antigos papeis della, que fazem a Fr. Henrique de Coimbra, e a ſeus companheiros filhos deſta; porque como eſtes primeiros operarios da India paſſárão a ella no anno de 1500. pelo mez de Março, ainda neſte tempo não tinhão noſſos Fundadores entrado neſte Reino. Andavão elles fundando em Caſtella, onde em vinte e ſinco do meſmo mez do ſobredito anno de 1500. lançárão a primeira pedra em o Convento de Truxilho; dahi poucos dias depois paſſárão a edificar o do Santo Euangelho de Villa-Nova del Freſno, onde deixando Fr. João de Guadalupe ſeus companheiros entendendo com as obras, elle com hum ſómente (que naquelles principios não erão muitos,) veio a Portugal, e fundou a Caſa da Piedade de Villa-Viçoſa pelos fins do anno de 1500. do qual ſe vê evidentemente, que ainda não erão entrados neſte Reino, quando Fr. Henrique com ſeus ſete companheiros tinhão partido para a India.

[c] Idem p. 21.

5 Não fora pequena gloria deſta Provincia ter por filhos os primeiros Miſſionarios, que teve a India depois de deſcuberta pelos Portuguezes; e os primeiros tambem, que com ſeu ſangue a regárão; mas não o permitte a verdade, alma da Hiſtoria, nem he bem tiremos eſte credito à Provincia de Portugal, de quem forão illuſtres alumnos, para o darmos à noſſa: que ſe ſeus filhos forão tão cuidadoſos de eſcrever, aſſim como forão vigilantes no obrar, não ſó tinha com que ſe acreditar a ſi, mas tambem para empreſtar a outras. Porèm ſe lhe não deo o principio, foi a que mais a ajudou a creſcer: para o que devemos notar, que como no maior fervor das Miſſões dos Religioſos Franciſcanos àquelles Eſtados, e principios da Provincia de S. Thomé, não houveſſem em o Reino mais que as duas, de Portugal, e da Piedade, deſtas lhe hião os ſujeitos, que a fomentavão; aſſinalando-ſe tanto a da Piedade no augmento daquella, que hum filho ſeu (era elle Fr. Franciſco de Chaves) gover-

vernando-a com titulo de Custodio, foi o primeiro, que para perpetuar as Missões, intro-
.23. duzio *d* os estudos de Filosofia, e Theologia.

6 Outros muitos Religiosos passárão à India em diversos tempos, de cujas acções, e obras virtuosas não he muito tenhamos pouca noticia, pois ainda de muitos, que acabárão na Provincia com opinião de santos, se contentárão os que puzerão em memoria por escrito as cousas daquelles tempos, ou perguntados derão seu testemunho, com dizer delles, que se finalárão muito em virtudes, e resplandecêrão em santidade, sem dizerem mais de sua vida, como se as obras que fizerão, sem serem escritas, houvessem de ser manifestas, e sabidas dos futuros, como o erão dos que nelles então fallavão, por havellos tratado, e conhecido, ou a memoria delles estar ainda em fresco, por haver pouco, que morrêrão. Entre elles merece mais particular memoria, pela dignidade que teve, D. Fr. Fernando Vaqueiro, Bispo Aurense, Peninsula na India, filho tambem da Piedade, segundo nos diz o
.21. Chronista *e* da Piedade da Madre de Deos, e o Author do
og. Agiologio Lusitano, *f* pondo
t.2. de sua memoria a quatorze de
o Março; sendo assim, que o dia de seu transito foi a vinte e seis de Abril do anno de 1535.

7 Passou elle à India em o de 1531. A occasião, que para isso houve, foi, que como o piedoso Rei Dom João III. supplicasse à Santidade de Clemente VII. a erecção do Bispado de Goa, provendo em a nova Prelasia D. Francisco de Mello; morrendo este estando para embarcar-se, não havendo jà tempo para recorrer a Roma antes da monção das náos, mandou o sobredito Rei a Fr. Francisco Vaqueiro governar aquella Igreja com authoridade delegada do Arcebispo da Ilha da Madeira, a quem o novo Bispado ficava suffraganeo. Com a Armada de D. Estevão, e de D. Paulo, filhos de D. Vasco da Gama, chegou a Goa o Apostolico Varão: começou logo a entender no governo do Estado Ecclesiastico, com grande zelo, fervor, e augmento daquella Christandade, applicando-se com muito cuidado à reformação dos Portuguezes, administração dos Sacramentos da Confirmação, e Sagradas Ordens aos naturaes, conversão dos idolatras, e reducção dos scismaticos, trazendo muitas almas ao premio da Igreja. Deose o Rei por tão bem servido da prudencia, e exemplo de santidade, com que governou, que não quiz mandar Bispo de

pro-

propriedade à India, em quanto elle viveo: durou-lhe porèm pouco a vida, porque em Ormuz, visitando as suas ovelhas, o achou a morte em 26. de Abril de 1535. havendo só quatro, que tinha passado à India. Foi sepultado em magnifico tumulo de marmore na Capella mór da Matriz à parte da Epistola. Succedeo-lhe no cuidado D. Fr. João de Albuquerque: deste, e de mais outros Religiosos nossos, de quem nos ficou mais alguma memoria do que na India obrárão, fallaremos nos Capitulos seguintes, ainda que para isto cortemos algum pouco o fio à Ordem dos annos, que atè aqui seguimos, por não sahirmos daquelles Estados, onde agora estamos, e darmos logo toda a noticia, que temos nesta materia.

CAPITULO XXXVI.

Memoria do Apostolico Varão D. Fr. João de Albuquerque, primeiro Bispo de propriedade, que passou a Goa.

1 DOm Fr. João de Albuquerque, que foi natural da Villa de seu nome na Estremadura de Castella, illustre em sangue, mas muito mais em virtude, e letras, acompanhou a nossos primitivos Padres na tolerancia de muitos trabalhos, com que fundárão esta Provincia. Quando a Familia, e Congregação do Santo Euangelho se dividio em duas partes, em os concertos de Evora, como jà deixamos referido, ficando a principal, e maior com o titulo de Custodia da Piedade neste Reino, e a outra encorporada na Provincia de Sant-Iago do de Castella, entre os principaes Religiosos, que cà nos ficárão, foi hum delles Fr. João de Albuquerque. Depois feita Provincia a sobredita Custodia, foi eleito Provincial della duas vezes, no anno de 1526. a primeira vez, e no de 32. a segunda, governando-a em ambos os triennios com grande satisfação, e prudencia. Acabado seu primeiro Provincialato, o tomou por seu Confessor o Duque D. Jaime, e no fim do segundo o inculcou para o mesmo ministerio a El-Rei D. João o III. dous annos, pouco mais, lhe servio nesta occupação; porque vendo nelle a virtude, letras, e zelo grande de Fr. João, o nomeou Bispo para a India, que como era nos principios de sua conquista, necessitava de hum Prelado, ornado dos requisitos, que elle tinha.

2 Commummente lhe chamão os Escritores primeiro Bispo de Goa, mas deve-se enten-

tender do primeiro, que de propriedade passou àquella Cidade; porque antes de sua nomeação tinha sido eleito Dom Fr. Francisco de Mello, que, estando para embarcar-se, a morte lhe embargou a jornada; donde nasceo, sendo D. Fr. João de Albuquerque o segundo, terse por primeiro. As letras de sua promoção ao dito Bispado passou o Summo Pontifice Paulo III. em dous de Abril de 1537. e no seguinte de 38. partio para Goa na Armada do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, onde chegou a onze de Setembro do mesmo anno. Não pode logo entender nas cousas pertencentes a seu officio, como queria, porque achou aquelle Estado tão revolto com os apercebimentos, que se fazião para o soccorro de Dio, que todo o Inverno havia sustentado o espantoso, e porfiado cerco dos Rumes, que para nenhuma outra cousa dava lugar aquella occupação. Depois que voltou para Goa o Vice-Rei, que foi pelo mez de Maio do seguinte de trinta e nove, lhe apresentou o Bispo dia da Encarnação, depois de prégar, huma Patente de Sua Magestade, pela qual o provia neste cargo, e fazia a Goa cabeça do Bispado novamente erecto, que se havia de estender desde o Cabo da Boa Esperança atè toda a India.

3 Constituío logo o Bispo com as ceremonias costumadas em Sé a Igreja de Santa Catharina, provendo-a de ornamentos para o culto Divino, elegendo Dignidades, Conegos, Capellães, e mais Ministros necessarios à Cathedral. Applicou-se com todo o cuidado à reforma dos Portuguezes, que naquelle tempo com a licença da guerra, largueza, e delicias do territorio, conversação, e trato de tantos infieis, cobiça de adquirir, e ausencia de Prelado, passavão huma vida mui alheia da obrigação de Christãos. Para melhor effeito deste seu pio intento, repartio a Cidade de Goa em quatro Freguezias, que de novo proveo de Vigarios, e Beneficiados, com que em pouco tempo veio a fazer copioso fruto naquelle Estado. Administrava os Sacramentos com frequencia, prégava com incansavel fervor, sendo seus Sermões tão cheios de zelo, e espirito, que por meio delles se convertêrão muitos Gentios [a] idolatras à verdade de nossa santa Fé. Nesta occupação o ajudou muito aquella grande tocha do Oriente o Mestre Diogo de Borba, que criando-se de sua infancia [b] com os nossos Religiosos da Piedade no Convento, que temos na Villa de seu nome, alli aprendeo o exercicio das virtudes,

[a] Wadding. tom. 8. ad ann. 1537. num. 23.

[b] Agiolog. Lusitan. tom. 1. Fever. 14. Côment. liter. G.

des, e pobreza Euangelica, com que sempre viveo, e depois quando o Bispo passou a Goa, partio tambem em sua companhia. Com a boa diligencia de ambos em breve se recolheo a maior parte da Ilha de Goa, e suas Aldeas ao gremio da Igreja Catholica: e para que pudessem seus moradores serem doutrinados por seus proprios naturaes, deo o Mestre Diogo principio ao Collegio de Santa Fé na mesma Cidade de Goa, para nelle se ensinarem meninos dos naturaes da terra, que ordenados Sacerdotes, lhes administrassem a Divina palavra, e Sacramentos.

4 Teve tambem o Bispo a fortuna de em seu tempo entrar na India o segundo Apostolo della, e grande pregoeiro do Euangelho, o Santo Xavier; que a primeira acção, que fez desembarcando em Goa, foi ir buscar ao Bispo, lançou-se-lhe aos pés de joelhos, e não tanto lhe apresentou, como lhe entregou as Letras Apostolicas, pelas quaes o Summo Pontifice Paulo III. o fazia seu Nuncio Apostolico, affirmando que não usaria dellas, senão como, e quando parecesse ao dito Bispo: e isto dizia com tão profunda humildade, como quem estava cheio da verdadeira. O Bispo, que não perdêra com a Prelazia (para que usemos das mesmas [c] palavras do Padre Lucena, que o refere) a luz, e espirito Religioso, em que se criára na Provincia da Piedade, quando descubrio tanto das mesmas virtudes no Padre Francisco, não menos rendido dellas, que da confiança, que o Papa, e ElRei delle tinhão, levando-o nos braços, não se fartava com nenhumas mostras de verdadeiro prazer, que de sua vinda recebia: e lidas, e reconhecidas com o devido respeito as Bullas Apostolicas, lhas tornou, pedindo-lhe usasse livremente dos poderes, que trazia de Sua Santidade. Tão affeiçoados ficárão estes dous Apostolicos Varões destas primeiras vistas (que a semelhança facilita muito a amizade,) que não tanto parecião dous, senão hum, pela união das vontades, que lhes durou toda a vida, e de que resultou a Deos não pequena gloria, e proveito às almas, quanto do contrario em semelhantes sujeitos costuma vir de damno. Os dous vivêrão tão unidos, que vindo do Japão, o primeiro, que daquelles Reinos abraçou a nossa Santa Fé, a Malaca buscar ao Santo Xavier que o baptizasse, elle depois de o cathequizar, e instruir na doutrina, lhe dilatou o Baptismo, só a fim de o trazer comsigo a Goa, onde o apresentasse [d] ao Bispo, que

[c] Luc. Xav. cap. 1
[d] Idem cap. 1

que de sua mão lho désse, e como Prelado de toda a India offerecesse a Deos aquella nova fruta, e primicias do Japão. Com a mesma affeição tratou sempre o Bispo aos mais Religiosos da Companhia, e a todos os outros Missionarios, em quem via o mesmo zelo, que assim lhe fazia estimar o que elle tinha da salvação das almas, e o muito, que desejava ver a todos, como outro [e] Paulo, nas entranhas de Jesus Christo.

lip. 8.

5 Nem o grande cuidado, com que se applicava a fomentar as Missões o fazia descuidar dos que residião em Goa, porque a todos provía como vigilantissimo Prelado; por onde vindo-lhe à noticia que hum Medico Christão novo, Portuguez de nação, praticava em colloquios particulares, que tinha com seus amigos, algumas cousas do Judaismo, para se certificar da verdade mandou hum Sacerdote, de cuja sciencia tinha bastante satisfação, que tratasse com o denunciado dissimuladamente, e notasse bem o que lhe ouvisse. Teve o Sacerdote com o Medico algumas praticas; e depois de tratar com elle algumas questões, veio a entender claramente que tinha erros na Fé, de que logo avisou ao Bispo, que o mandou prender, e proceder contra elle, tomando testemunhas, com que sem muito trabalho se provou ser verdadeiro Judeo, e o mesmo ainda na prizão punha em praticas algumas cousas do Testamento velho. Feitos os autos conclusos, ajuntou o Bispo alguns Theologos da Religião de nossos Padres S. Domingos, e São Francisco com o Mestre Diogo de Borba; e em as casas do Governador, que então era Martim Affonso de Sousa, forão vistos de todos, e examinados, depois do qual fizerão trazer o delinquente para lhe tomarem sua confissão, que elle fez de plano, sem negar cousa alguma das que as testemunhas contra elle tinhão deposto. O que vendo o Bispo, deo sentença com os mais Deputados, que vista a sua propria confissão dos erros, que tinha, e sustentava contra a nossa Santa Fé, o davão por Judeo herege, e como a tal o relaxavão à justiça secular, que lhe désse o castigo, que merecesse.

6 Tomou logo delle entrega o Ouvidor Geral, que com o Governador, e alguns Fidalgos da India, e Letrados puzerão ao pé da do Bispo a sua sentença assinada por todos, em que o condenavão, vista a sua contumacia, a que com baraço pregão fosse queimado vivo; e em caso que se desdissesse de seus erros, o af-

fogaſſem primeiro. Sentia o zeloſo Prelado a perda daquella alma, pelo que, em quanto ſe não executava a ſentença do ſecular, mandou ao Meſtre Diogo trabalhaſſe pela allumiar naquella cegueira, o que elle fez com tão bom ſucceſſo, ajudado da Divina graça, que convencido de ſuas razões morreo o Medico, retractando-ſe de ſeus erros, e com moſtras de arrependimento verdadeiro. Logo no ſeguinte dia prégou o Biſpo ao povo, publicou o Edital da Santa Inquiſição contra o Judaiſmo, e heretica pravidade; e dalli em diante com muito calor, e diligencia tratou com ElRei D. João III. a inſtituição do Santo Tribunal naquella Cidade, o que por então não teve effeito.

7 Aſſim vigiava pela pureza da Fé, e bem do rebanho, que lhe fora entregue, nem lhe faltárão moleſtias com alguns Governadores, que ſe entremettião na ſua juriſdicção, como ſe foſſe temporal, de que elle ſe queixou ao ſobredito Rei, que tudo proveo com aquella piedade Catholica, que lhe foi como nativa, aſſim fora a execução daquelles, a quem tocava; mas em partes tão remotas a propria paixão, ou intereſſe ſuſpende as ordens Reaes muitas vezes, e não poucas com capa de maior ſerviço do meſmo Rei, e bem dos Eſtados. Finalmente o tempo, que D. Fr. João de Albuquerque eſteve naquelle Biſpado, que forão quatorze annos, viveo com grande exemplo, e univerſal ſatisfação, do qual o Chroniſta Andrade nos deixou eſte teſtemunho: f *Foi tambem neſta Armada* (falla da em que partio do Reino para a India o Vice-Rei Dom Garcia de Noronha) *hum Biſpo chamado D. João de Albuquerque, de nação Caſtelhano, homem virtuoſo, de muito bom exemplo, e muito deſintereſſado, que ſervio ſempre ſeu cargo com muita ſatisfação de todos, aſſim Eccleſiaſticos, como ſeculares.* Mandou-lhe ElRei licença para ſe embarcar para o Reino; porèm o bom Paſtor não quiz uſar della, eſcolhendo antes acabar a vida entre ſuas ovelhas, que vir morrer em Portugal, como em breve ſe vio. Carregado de annos, e achaques, inſeparaveis companheiros, mas muito mais de merecimentos, o achou em Goa a morte, que foi no ultimo de Fevereiro de 1553. como conſta do Epitafio de ſua ſepultura, que eſtá na Capella Mór da Cathedral, onde ſe lê o ſeguinte: *Aqui jaz D. João de Albuquerque, primeiro Biſpo de toda a India, que faleceo o derradeiro de Fevereiro de 1553.*

f Chron delRei João I 3. p. c

Faz

Faz delle honorifica memoria, como Varão de assinalada virtude, o Author do Agiologio g Lusitano.

CAPITULO XXXVII.

Parte Fr. Vicente de Lagos para a India; reduz em o Reino de Cranganor à obediencia da Igreja Romana os Christãos de S. Thomé.

1 QUando desta Provincia passou à India o Bispo D. Fr. João de Albuquerque, levou em sua companhia, entre outros Religiosos da mesma, de que adiante fallaremos, hum chamado Fr. Vicente de Lagos, Cidade principal no Reino do Algarve. Todo o tempo, que viveo entre nós, foi sempre com grande opinião de virtude, porque era Religioso mui espiritual, grande contemplativo, e entregue à oração mental, em que recebia do Senhor muitos sentimentos, favores, e mimos. Passou à India com o Bispo, não tanto pela boa amizade, que com elle tinha, que por sua virtude o estimava, como pelo zelo, que Deos na oração lhe communicava da conversão das almas: este o fez deter pouco em Goa, pois entrando nella no fim do anno de 1538. já no de quarenta o achamos em Cranganor fundando hum Seminario. He Cranganor huma Cidade, cabeça de hum Reino, a quem dá o nome na Provincia do Malabar, cujos moradores erão chamados Christãos de S. Thomé; sendo que de taes sómente tinhão o nome, que nos ritos, e estylos pouca differença fazião aos Gentios.

2 Para o que he de saber, que na repartição, que do mundo fizerão os Apostolos [a] para denunciarem por todo elle a sagrada Fé, coube a S. Thomé a sorte de ficar a seu cuidado a India; a primeira terra, que nella tomou, crê-se ser o Reino de Cranganor, onde fez muita Christandade; daqui discorreo por diversas Provincias, e Reinos da India, edificando muitas Igrejas, e reduzindo muitos à Fé; atè que em Meliapor na Provincia de Choromandel, onde mais a tinha radicado, regou com seu sangue a seára do Euangelho, padecendo glorioso martyrio. Pouco antes delle deixou o sagrado Apostolo em Meliapor huma profecia, e foi, que edificando huma Igreja na mesma Cidade, que naquelle tempo estava doze leguas mettida pelo Certão, e levantando huma formosa Cruz de pedra, disse, que quando o mar chegasse com suas ondas junto àquella casa,

[a] Lucen. in Vit. Xav. l. 1. c. 3.

e Cruz, viria da parte do Poente huma gente branca a reſuſcitar na India a Fé, e Religião do verdadeiro Deos, que elle prégava. Pouco, ou nenhum credito ſe deo por então ao Santo; porque tão impoſſivel parecia àquella gente, que o mar chegaſſe alguma hora àquelle ſitio, como verem no ſeu Reino, quem habitava delle tão diſtante, como lhe ficava o Poente. O tempo moſtrou a verdade da profecia; porque no decurſo delle foi pouco, e pouco comendo o mar tanto da terra, que não eſtava jà hum tiro de pedra do lugar aſſinalado pelo Santo, quando os Portuguezes entrárão na India. Eſtava jà a ſementeira da Fé, que tinha plantado o Apoſtolo, afogada, e morta por falta de verdadeiros agricultores; e ſó vivia em o nome, que conſervavão de Chriſtãos de S. Thomé, com o deſejo de quem os enſinaſſe.

3 Ao Almeirante D. Vaſco da Gama mandárão ſeus Embaixadores, principalmente os de Cranganor, pedindo-lhe enviaſſe quem os inſtruiſſe na Fé, que o Apoſtolo lhes tinha prégado. Por diverſas vezes entrárão no Malabar Religioſos de noſſo Padre S. Franciſco, prégando o Sagrado Euangelho, ſendo unicos operarios na India os primeiros quarenta e dous annos depois de ſeu deſcubrimento; mas ainda que forão bem recebidos dos Chriſtãos de S. Thomé, não eſtabelecêrão com firmeza nelles os ritos, e ceremonias da Igreja Latina; porque como os Religioſos não podião aſſiſtir ſempre com eſtes Chriſtãos, por acudirem a outras Provincias daquella vaſta ſeára, [b] apenas ſahião, quando logo entravão os Biſpos Armenios, enviados pelo Patriarca Caldeo, que deſfazião tudo, quanto os Frades tinhão feito, tornando-os novamente a ſeus antigos erros. Eſta variedade, e fortuna corria a Chriſtandade do Malabar ao tempo que o noſſo Fr. Vicente de Lagos entrou em Goa; e vendo o zeloſo ſervo de Deos que o melhor remedio para o eſtabelecimento era a aſſiſtencia naquella Provincia, pedida licença ao Biſpo, e Cuſtodio, partio para Cranganor. Neſta Cidade edificou o jà referido Collegio, dedicado a Sant-Iago, onde criava oitenta meninos, filhos de Gentios, e Chriſtãos da terra, aos quaes enſinava a doutrina Chriſtã, bons coſtumes, latinidade, e ritos da Igreja Latina, para o que teve particular graça, e talento. Daqui ſahia muitas vezes o Veneravel Religioſo tão cheio de caridade, como cuberto de cans; e diſcorrendo por todos

[b] Daça l. 1. c

os

os lugares daquella Comarca, annunciava nos caminhos, ruas, e praças a toda a ſorte de gente a Fé de Jeſus Chriſto, administrando incançavelmente os Sacramentos aos convertidos, e cathecumenos o do ſanto Baptiſmo, aos Chriſtãos o da Penitencia, e Sagrada Eucariſtia, e os mais, de que neceſſitavão.

4 Chegados à perfeita idade os naturaes da terra, que criava, e ſahindo bem induſtriados em as couſas Eccleſiaſticas, muitos delles ſe ordenárão, e feitos Sacerdotes ajudárão a ſeu bom Meſtre tão bem, que o anno de 1550. em que o Senhor o levou deſta vida, deixou de todo o ponto tão ſujeitos, e reduzidos eſtes Chriſtãos à obediencia da Igreja Romana, que ainda que tornárão duas vezes depois em diverſos tempos os ſobreditos Biſpos Armenios, os novos Sacerdotes os lançárão tão brioſamente da ſua terra, que nunca mais tornárão a ella. Neſte Collegio reſidio algumas vezes S. Franciſco Xavier, pela intima amizade, que tinha com Fr. Vicente, como moſtrou em huma carta, que eſcreveo de Goa em 20. de Janeiro de 1549. ao Meſtre Simão, Provincial da Companhia neſte Reino; onde aſſim de Fr. Vicente, como do Collegio, que fundou, dá eſte teſtemunho. *Sinco leguas de Cochim, em huma fortaleza de ElRei, que ſe chama Cranganor, eſtá hum Collegio famoſo, que fez Fr. Vicente, companheiro do Biſpo de Goa; no qual Collegio ha perto de cem eſtudantes, filhos de Chriſtãos, que deſcendem dos que fez S. Thomé; e ha ſeſſenta lugares de Chriſtãos, e perto deſtes lugares eſtá eſte Collegio, couſa muito para ver, aſſim o ſitio delle, como onde eſtão os Chriſtãos. O Padre Frei Vicente tem feito muito ſerviço a Deos neſtas partes, e he grande amigo meu, e de todos os da Companhia.* Na meſma carta pedia o Santo Xavier ao ſobredito Provincial lhe houveſſe algumas Indulgencias de Roma para o tal Collegio, pelos deſejos, que tinha diſto Fr. Vicente. Outra carta ſe refere, que eſcreveo o meſmo Santo a ElRei D. João III. em favor, e abono de Fr. Vicente, donde bem ſe vê a amizade, com que eſtes dous Apoſtolicos Varões ſe tratavão.

5 Memoravel, e aprazivel, e como tal, referido pela maior parte dos Eſcritores da India, [c] foi o que ſuccedeo a Fr. Vicente neſte Collegio com os meninos, que enſinava: caſtigou hum dia alguns delles, ou por não eſtarem attentos, ou por algum deſcuido na lição, puxando-lhe pelas orelhas. Souberão-o os pais ou por queixa dos proprios filhos, ou por ou-

[c] Hiſtor. Orient. 1. p. l. 4. cap. 20. Maffeu l. 11. f. 256. Guſmão l. 1. cap. 5. Daça 4. p. l. 1. c. 17. Lucen. cit. l. 1. c. 14. & alii.

outra alguma via ; e como entre elles foſſe grande affronta aquelle genero de caſtigo , ſegundo ſeus antigos, e ſuperſticioſos eſtylos , acceſos em colera , tomão as armas para vingarem a affronta dos filhos com a morte do Meſtre , que não ſe dava ſeu barbaro furor com menos por ſatisfeito. Entendêrão os meninos a reſolução, com que vinhão os pais , e ainda que magoados do caſtigo, tão longe eſtiverão de os ajudarem em ſeu intento, que antes fazendo roda , e cercando com ella ao Meſtre, às pedradas fizerão fugir os proprios pais. Paſſada aquella furia , cahírão elles na conta de ſeu erro , corridos, e envorgonhados da acção dos filhos , buſcão outra vez ao ſanto velho jà com outro intento bem differente , e proſtrados a ſeus pés pedem-lhe perdão , que elle concedeo facilmente.

CAPITULO XXXVIII.

Conversão do Rei , e a Rainha de Tanor por Fr. Vicente.

1 BAſtantemente tinha em que ſe occupar em os lugares de Cranganor outra idade de mais forças , que a de Fr. Vicente ; porèm elle ſupprindo com as do eſpirito a falta das do corpo, não ſó entendia na conversão, e augmento deſtes , ſenão que tambem a tempos paſſava a outros Reinos do meſmo Malabar , annunciando a Divina palavra. No de Tanor converteo , e deo o Baptiſmo ao Rei , que em attenção ao noſſo de Portugal, ſe quiz chamar João ; [a] pouco depois baptizou tambem a Rainha, e a dous Fidalgos principaes daquelle Reino , ainda que tudo iſto ſe obrava em ſegredo , por temer o Rei que ſe o ſoubeſſem ſeus vaſſallos , ſe rebelarião contra elle , lançando-o do Reino , com que de todo fecharião nelle a porta à prégação do Santo Euangelho. Para deſmentir as ſuſpeitas , que alguns dos ſeus tinhão de ſe ter feito Chriſtão , pelo trato , e familiaridade que o vião ter com Fr. Vicente , trazião ao peſcoço hum cordão de trez fios , rematados em hum nó , em que conſiſtia a Religião dos Brachmenes , que os do ſeu Reino profeſſavão ; mas para que em alguma maneira concordaſſe a nova vida com o que de neceſſidade era forçoſo por então occultar , lhe deo o meſmo Fr. Vicente hum Crucifixo de bronze , para que em fé de ſer Chriſtão o trouxeſſe ao peſcoço occulto , como elle o fez ; e ainda tirára os fios , ſenão fora eſperar para eſte effeito tempo mais accommodado.

[a] Wad. tom. ann. num.

4 Pou-

2 Pouco depois de baptizado, ſe reſolveo ir a Goa, para que o Biſpo lhe déſſe o Sacramento da Confirmação, pelo qual eſcreveo primeiro aſſim a eſte, como ao Governador, pedindo-lhe ſeu beneplacito, e licença. Grandemente forão feſtejadas eſtas cartas em Goa; porque com a vinda deſte Rei davão os noſſos Portuguezes por confederados, e ſujeitos à Coroa de Portugal todos os Principes Malabares, e com o exemplo de ſua fé, e baptiſmo ſe promettião vellos convertidos, e baptizados. Duvidou-ſe porèm do modo, com que ſe havia de receber o neofito, ſe como Rei Chriſtão, pois o era pelo baptiſmo, ou como a Gentio, pois no cordão dos Brachmenes em o publico, e exterior o parecia. Chamou-ſe a Conſelho, onde ſe achou o mais, e melhor da Nobreza da India, e os Letrados, e Theologos, que havia nella: forão os pareceres differentes, entre os quaes ſe inclinou o Biſpo D. Fr. João de Albuquerque ao favor do Rei, allegando por elle, que tambem Joſé de
38. Arimathea [b] atè a morte de Chriſto, e Gamaliel [c] ainda depois de ſua Aſcenſão, forão diſcipulos eſcondidos; e que
a. Nicodemos [d] ſó as noites lhe dava: e que quando para o preſente caſo faltárão eſtes exemplos, baſtava o do Martyr S. Sebaſtião, para ſe não poder eſcandalizar alguem do que El-Rei de Tanor fazia, ſenão quem reprovaſſe o que fez aquelle valeroſo Capitão da Igreja, quando para melhor a defender, e poder com mais liberdade viſitar aos fieis nos carceres, e animallos nos tormentos, corria em tudo por Soldado do Emperador Diocleciano, ſendo-o tão verdadeiramente de Jeſus Chriſto, como bem moſtrou em dar a vida pela ſua Fé. Pois porque não ſeria licito ao Rei novamente Chriſtão eſconder por algum tempo a ſua dentro da alma, para a metter depois na dos ſeus? Que melhor era, paſſando por aquella diſſimulação do Rei, ganhar a Chriſto o Reino todo, que amotinando o meſmo Reino, arriſcar o fruto, que ſe eſperava colher delle. Que aſſim como às ſementes lhes não era menos neceſſario, para virem com o fruto deſejado, o tempo, em que eſtavão eſcondidas debaixo da terra, que o em que ſahião, e ſe moſtravão em herva, ou em flor, aſſim podia cumprir mais à Fé eſtar como encuberta, e ſemeada no coração, atè lançar profundas, e ſeguras raizes, que reſpondeſſem depois a cada grão com milhares, que não ſahir, e apparecer logo florida, para a queimar,

mar, e levar a primeira geada de qualquer perseguição.

3 Estas, e outras muitas razões allegava o Bispo em favor do Rei de Tanor, dictadas mais pelo zelo conhecidamente santo, que pela attenção à differença, que vai do habito da nação à insignia da Religião, que se professa. Seguírão todos este parecer, porque o mesmo zelo, e esperanças, que o fizerão dictar a huns, o fizerão tambem seguir aos outros: sahio da mesma Junta, que o Capitão João Lopes partisse logo com oito fustas bem esquipadas, e bom acompanhamento de gente nobre, e luzida buscar a Tanor o Rei Christão. Não se escondeo aos vassallos a resolução do seu Rei, tanto que vírão no seu porto as fustas, ajuntando-se os Brachmenes, e Naires com hum Senhor de muitos vassallos principal do Reino, e todos os chegados em sangue à Casa Real, representando ao Rei o perigo, em que punha seu Estado, e vida, jà davão por levantados os povos, se os deixava: fazião gente sem fé, e lealdade aos Portuguezes, a quem se entregava: e finalmente tentavão todos os meios para lhe impedirem a jornada. Mas vendo que com nenhuma das razões, que lhe propunhão, desistia da resolução primeira, conjurados entre si, o puzerão com boa guarda em huma fortaleza murada com trez cercas, com que se davão por seguros.

4 Nem com esta diligencia, que a outro qualquer fora bastante a fazello mudar de opinião, pela muita difficuldade, que havia em vencer as trez cercas da fortaleza, affrouxou o Rei em seus desejos; antes receando que a nova de sua prizão chegasse ao Capitão das fustas, e assim se voltasse sem o levar, logo na seguinte noite tomou o Crucifixo, que lhe tinha dado Fr. Vicente, e era a unica companhia, com que se achava na prizão, e posto de joelhos, lhe pedio favor naquella necessidade. Depois disto, atou a mesma Imagem nos cabellos assima da cabeça por maior reverencia, e tomando o Senhor por sua Coroa, e amparo, por huma corda se lançou pelos trez muros, sem que lhe succedesse desgraça alguma, salvo em o ultimo, que por ser mais alto, e não lhe chegar a corda, ainda que a tinha accrescentado, atando nella a touca, se escalavrou em a cabeça, e em huma perna. Vencido este perigo, se vio em outro, senão maior, igual; porque como alli a terra he toda alagadiça, e e retalhada de esteiros largos, e fundos; ao passar de hum destes para ir tomar as fustas,

ſe vio o Rei afogado, valendo-lhe ſómente o Santo Crucifixo: em fim alcançou hum barco, que o levou à Capitania, em que com feliz ſucceſſo chegou a Goa.

5 Dez dias, que eſteve neſta Cidade foi feſtejado com todas as demonſtrações de alegria, e logo na primeira tarde, em que entrou, tratou com o Governador, e Biſpo o principal negocio, a que vinha, propondo os perigos, que temia, ſe logo ſe manifeſtaſſe por Chriſtão; os deſejos, que tinha de reduzir à Fé todo o ſeu Reino, e Reis vizinhos do Malabar; as eſperanças, que havia de lhe ſucceder bem eſta empreza, detendo-ſe hum pouco da maneira que andava, atè ſe fazer mais ſenhor dos animos dos ſeus, e ganhar os alheios. E para que Deos noſſo Senhor partiſſe com elle mais copioſamente de ſua Divina graça, e fortaleza, pedia humildemente o Sacramento da Confirmação, promettendo que dentro em poucos dias, o que agora occultava profeſſaria publicamente com muito animo, e inteireza. Deo-ſe-lhe tambem ſecretamente, pelas meſmas razões, que ſe allegárão para o Baptiſmo. Foi eſta conversão mui feſtejada em o Reino por ElRei D. João III. a quem o de Tanor eſcreveo de Goa, dando-lhe conta della, e juntamente das eſperanças, que tinha abraçaſſe a meſma Fé a maior parte do Malabar.

6 Deſpedio-ſe o Rei para as ſuas terras, onde paſſado algum pouco tempo, notificou a todos os Grandes de ſeu Reino, que era feito Chriſtão, e por todas as partes delle mandou lançar pregões ao ſom de bacias de arame, ſegundo ſeu eſtylo, que todos ſeus povos ſe fizeſſem Chriſtãos, [e] pois elle já o era, com ſua mulher, e filhos, e todos os que aſſim o não fizeſſem, ſe ſahiſſem das ſuas terras dentro em vinte dias, ſob pena de morte. O effeito, que ſe ſeguio, referem os Hiſtoriadores com variedade: huns dizem, que a conversão do Rei, e tudo o mais fora fingimento, para grangear a amizade dos Portuguezes: outros, que fora verdadeiramente Catholico, e mui devoto da Paixão de Chriſto, [f] em cuja memoria trouxe ſempre ao peſcoço, deſde que ſe baptizou atè ſua morte o Crucifixo, que lhe deo Fr. Vicente; e ainda dizem o Reverendiſſimo Gonzaga, [g] e o Padre Daça, [h] que na hora della com grande humildade, e lagrymas ſe confeſſára a hum Religioſo de noſſo Padre S. Franciſco. O que eu tenho por mais veriſimil, pois os extremos, que fez o Rei para

[e] Chron. de ElRei D. João III. 4. p. c. 58.

[f] Agiol. Luſ. t. 1. Fev. 2. liter. C.

[g] 4. part. pag. 1217.

[h] 4. p. liv. 1. cap. 49.

ra vir a Goa, as difficuldades, que venceo, os perigos, a que ſe expoz, e livrallo Deos de todos elles, cujo patrocinio implorava, acompanhado da Imagem do Crucifixo, nos perſuadem ſer realidade, e não fingimento; porque a ſello, nem eſte tem valor para tanto, nem coſtuma Deos favorecello.

7 Por todos os dez dias, que o Rei eſteve em Goa, o acompanhou Fr. Vicente, como principal inſtrumento de ſua conversão: deſta Cidade voltou outra vez para o ſeu Collegio de Cranganor, onde no anno de 1550. o achou a morte carregado de annos, e muito mais de merecimentos. Deſte Apoſtolico Varão fazem honorifica memoria os Authores do Martyrologio Minoríta,[i] e do Agiologio Luſitano;[l] eſte a dous de Fevereiro, aquelle a onze de Junho; alèm de outros muitos, que celebrão em ſeus eſcritos a fama de ſua ſantidade.

[i] Fr. Artur Junho 11.
[l] Citatus.

CAPITULO XXXIX.

Do copioſo fruto, que Fr. Antonio do Porto com quatro companheiros colheo em diverſas partes da India.

1 FOi mui particular a devoção, que ElRei D. João III. teve à Provincia da Piedade; que ſuppoſto eſta ſe apartou ſempre da Corte (deſignio, que ainda hoje conſerva,) trazia-a o grande Rei tão preſente, que cà neſte retiro a buſcava para a favorecer, e honrar. Teſtemunhão os favores, que nos fez, o Convento de noſſa Senhora do Seixo no Fundão; para o qual concorreo com a maior parte dos gaſtos: ao de Eſtremoz ajudou com huma bem groſſa eſmola: favoreceo o de Thomar, e Loulé: ao de S. Vicente no Reino do Algarve, ſuppoſto que o achou jà feito, mandou-o cercar com hum bem forte lanço de muro, com que ſeus moradores ficaſſem ſeguros dos incurſos dos Mouros, a que antes eſtavão expoſtos. Das honras podem ſer pregoeiros o ſagrado Tribunal do Santo Officio, pois da Provincia tomou o ſobredito Rei a D. Fr. Diogo da Silva para primeiro Inquiſidor Geral; as Igrejas de Ceuta, e Braga, provídas ſucceſſivamente no meſmo ſujeito; a de Goa na peſſoa de D. Fr. João de Albuquerque, havendo antes exercitado ambos o officio honorifico de ſeus Confeſſores. Eſta eſtimação, em que a tinha, lhe naſcia do conceito, que de ſua virtude, e ſantidade tinha formado: por onde para as Miſsões de ſuas Conquiſtas ſe aproveitava muito dos

dos filhos da Piedade, muitos dos quaes por ordem ſua ſervírão em diverſas partes neſte miniſterio; agora daremos noticia dos que forão enviados às Ilhas de Baçaim, e Salcete na India Oriental.

2 Conquiſtada pelos Portuguezes a Ilha, e Cidade de Baçaim pelos annos de 1532. paſſou a ella com mais quatro
g. Religioſos [a] Frei Antonio do
14. Porto, filho deſta Provincia da Piedade, inſigne Prégador, e Varão mui perfeito. Dos companheiros não ſabemos mais, que acompanharem-o neſta Miſsão, padecendo com elle muitos trabalhos, moleſtias, e perſeguições, atè derramamento de ſangue, que com grande conſtancia ſoffrêrão pela prégação do Santo Euangelho aos Gentios, e Mouros; colhêrão porèm delles copioſo fruto, com que chegárão a deſtruir os idolos, e deſterrar as ſuperſtições daquellas gentes, conſagrando muitos de ſeus templos em caſas de Oração, levantando de novo outras Igrejas em honra, e louvor do verdadeiro Deos. Fundou Fr. Antonio do Porto na meſma Cidade de Baçaim de mais de hum Convento da Ordem hum Seminario de qua-
ib. renta meninos, [b] filhos de pais Gentios, e outro mui ſemelhante em o lugar de Agaçaim, duas leguas diſtante de Baçaim, onde tinha convertido, e baptizado duas mil almas.

3 Com o Convento, e os dous Seminarios julgou Fr. Antonio que deixava as couſas da Fé naquella Ilha em bom eſtado, por onde entregando a adminiſtração delles ao Padre Fr. Antonio Laureto da Cuſtodia de S. Thomé, para que adminiſtraſſe os Sacramentos aos novos Chriſtãos, elle com os quatro companheiros paſſou à Ilha de Salcete; e forão os primeiros, que nella cortárão os abrolhos da Gentilidade, e lançárão a ſemente de odoriferas Roſas da Fé de noſſo Redemptor. He Salcete huma Ilha ſinco leguas de Goa ao Sul mui fertil, e abundante, e mais povoada de gente, que outra alguma da India; porque dentro em ſeis leguas, que ſómente tem de comprido, ſe achão ſetenta Aldeas, as quaes, para melhor governo, ſe reduzem a doze principaes, que ficão ſendo como cabeças de Comarca. Aſſim como abundava de gente, aſſim tambem erão muitas ſuas ſuperſtições, e idolos: tinhão duzentos templos dedicados ao demonio, aſſiſtidos de muitos Jogues, que são os ſeus ſacerdotes, e miniſtros, que neſta terra erão mais poderoſos, que em outra alguma da India, por eſtar nelles o governo, e mando della.

4 Entre estes Pagodes o mais celebrado era o que chamavão do Canarim, cujas ruínas ainda hoje testemunhão sua grandeza: nelle assistia hum Jogue de mais authoridade, como cabeça, e principal entre os outros, respeitado, e reverenciado de todos por superior. Com este começou o nosso Fr. Antonio a disputar; e tratando-o muito a meudo, como quem bem sabia, quão necessario era vencer primeiro o Capitão, para render mais facilmente os Soldados, o favoreceo tanto nesste particular o Espirito Santo, e tiverão tanta força suas palavras, que o Jogue, depois de algumas disputas, veio a receber a Fé de Jesus Christo: com seu exemplo o mesmo fizerão outros muitos, tanto, que logo no principio forão baptizados [c] dous mil. Tinha este Jogue, quando recebeo o Baptismo, cento e sinco annos de idade, e viveo depois mais de quarenta e sinco.

[c] Chron. da Prov. da Madre de Deos p. 8.

5 O celebrado Pagode do Canarim purificou Fr. Antonio, e consagrou ao Arcanjo S. Miguel: o que notificando a fama a ElRei D. João III. lhe mandou dar trez mil cruzados, e vinte e quatro Aldeas, para que em seu nome os désse aos novamente convertidos. Com este bom successo se animava o Santo Religioso para os trabalhos: chegou a outro Pagode chamado Manapacer, de igual grandeza, e adoração: nelle converteo sincoenta Jogues; e feito Collegio para creação de cem meninos, o dedicou a nossa Senhora [d] da Piedade, em memoria da Provincia, em que se creára, de quem a Senhora, debaixo deste titulo, he Padroeira. Discorreo por toda a Ilha, em que edificou onze Igrejas, para nellas ser adorado o verdadeiro Deos com verdadeiro culto, e sacrificio: destruio, e poz por terra duzentos Pagodes: converteo, e baptizou dez mil cento e sincoenta e seis pessoas. Deixou nestas Igrejas Sacerdotes, que administrassem o Baptismo aos Gentios, e Mouros, que o vinhão procurar, e os mais Sacramentos aos Christãos: os quaes a certos tempos, por causa de devoção acudião em romaria à Igreja de nossa Senhora da Piedade, como a principal, e Matriz de todas as daquella terra. Sita na mesma Ilha está a povoação de Taná, e junto dellas huns formosos banhos, e hum grande tanque, onde se banhavão os Gentios, e Mouros, conforme os ritos de suas purificações, e ao redor delle doze Pagodes, em que os Jogues, à maneira de hermitães, fingião penitencia, e religião: todos estes Pagodes derribou, e poz por terra Fr. Anto-

[d] Chron. Pag. 9.

tonio, convertendo muitos dos infieis.

4.p. 113. 4. p. 54. 6 Huma visão notavel teve neste tanque hum Mouro: vinha elle purificar-se, quando ao querer-se lançar na agua, vê no profundo della a nosso Padre S. Francisco com huma Cruz, com a qual peleijava com muitos homens com tal esforço, e valentia, que atemorizado o Mouro, se retirou, sem ousar chegar ao tanque. Corre com pressa à Villa dar noticia do que tinha visto, acompanhado de muitos torna ao mesmo tanque, cujas aguas achárão convertidas em sangue, de que ficárão suspensos, e o Mouro cahio em terra desmaiado. Nos braços o recolhêrão para a Villa, onde entrando em si segunda vez, referio o que víra, e com a ultima palavra lançou miseravelmente o espirito. Junto deste lugar, e banhos se vê hoje hum Convento da Ordem, dedicado ao nosso Portuguez Santo Antonio, que no anno de 1582. fundou a Provincia da Madre de Deos, a quem pertence. Depois que Fr. Antonio derribou os Pagodes, que rodeavão o tanque, com seus quatro companheiros, que nunca o deixárão, passou à Ilha do Caraniá, onde para conservação dos muitos, que converteo, fundou hum Seminario de meninos. Finalmente cheio Fr. Antonio de boas obras, e rico de merecimentos acabou naquellas partes a vida temporal, e passou a gozar da perduravel, e eterna. No mesmo ministerio morrêrão tambem seus quatro companheiros; mas a pouca curiosidade, ajudada da muita distancia, nos deixou de todos elles sómente esta breve memoria.

CAPITULO XL.

Acções virtuosas, e santa simplicidade do Irmão Fr. Gregorio de Viseu.

1 HE a singeleza ajudada da Divina graça meio caminho andado para a perfeição da vida, porque em hum natural candido, e singelo, como em bem disposta cera, estampa Deos os sellos de primorosas virtudes. Bom exemplo temos desta verdade em o Irmão Fr. Gregorio de Viseu, Frade leigo, em quem a natural singeleza, e simplicidade columbina, servio de alicerce para o formoso edificio de virtudes, que nelle levantou a liberal mão de Deos. Foi elle natural da Cidade de Viseu: levou-o, sendo moço, a Castella ou a necessidade, ou a ignorancia: là andou largo tempo; e pode tanto com elle a creação, que fez propria a lin-

gua eſtranha, pois ſendo Portuguez fallava o idioma Caſtelhano. Voltou para Portugal, e tomou o habito em a noſſa Provincia [a] da Piedade, onde viveo depois de profeſſo alguns annos, procedendo em todos elles exemplarmente, atè que no anno de 1572. em companhia de outro Frade Sacerdote da meſma Provincia (cujo nome nos encubrio o tempo) o mandou a Rainha Dona Catharina fundar Convento na Ilha de Santa Elena, para que as noſſas Náos, que buſcavão nella refreſco, achaſſem tambem o exercicio dos Sacramentos. Faleceo o Sacerdote na viagem antes de tomar porto na Ilha: queria ficar nella Fr. Gregorio, como lho ordenava a letra da obediencia, ſem advertir que por ſer Frade leigo, ſe não effeituava com elle a tenção de Sua Mageſtade; os mareantes lho não conſentírão, obrigando-o, que atè à India continuaſſe com elles a jornada.

[a] Agiolog. Luſitan. tom. 2. Abril 5. liter. C.

2 Chegou a Goa, buſcou ao Arcebiſpo, que então era D. Gaſpar de Santa Maria, a quem em poucas palavras deo noticia de ſi, e de ſua jornada: e conhecendo o Arcebiſpo a poucos lanços ſeu eſpirito, e ſimplicidade, fez que o recebeſſem em o Convento, que naquella Cidade tem a Provincia Capucha da Madre de Deos. Nella floreceo em muitas virtudes, campeando com ventagens a da humildade, com que ſendo ſimples, ſoube deſprezar as vaidades, e honras do mundo. Acabou neſta Provincia hum ſeu natural; e dizendo eſte, preſentes outros Religioſos, ou por liſonja, ou por cortezia, que conhecia aos pais do Irmão Fr. Gregorio, homens muito honrados, e eſtimados em Viſeu, acudio logo o verdadeiro humilde: *Hermano, es ſeñal que no has conocido mis padres, menos a mi, ſi la honra entiendes por la nobleza: porque mi padre fue remendon, y yo con un aſnillo llevava el eſtercol a unas huertas, con que ayudava a ſu ſuſtento.* Acompanhou eſta humildade com huma penitencia tão extremada, que nos lugares, por onde paſſava, deixava regos de ſangue, que lhe corria das continuas, e aſperas diſciplinas, com que ſe macerava.

3 Teve hum Guardião, a quem deſagradavão ſuas ſimplicidades, e por ellas o tratava com muita aſpereza; derão a eſte noticia que Fr. Gregorio ſe açoutava todos os dias com huma cadea de ferro, em que eſtavão quatro roſetas: e indo hum dia para a diſciplina, lhe mandou o Guardião moſtraſſe as ſuas: deo-lhas elle; e o di-

dito Guardião lhas tomou; e entendendo Fr. Gregorio o fim, por que lhas pedíra, disse com sua costumada singeleza: *Hermano, son quatro, deme dòs, y quede-se con las otras.* Não quiz o Guardião aceitar o partido, que lhe offerecia a santa simplicidade, antes asperamente o reprehendeo pela singularidade de sua disciplina, tomando da mesma virtude motivos para o mortificar, o que elle soffria com admiravel paciencia. Sobre a pureza de sua consciencia vigiava tanto, que das venialidades fugia, como de graves culpas, por onde não sahia de sua boca palavra ociosa, nem que cheirasse a leve mentira. Foi galante o que nesta materia lhe succedeo no Convento de Damão. Era elle Porteiro; e achando-se o Guardião hum dia occupado, por estorvar visitas, que o impedissem, disse a Fr. Gregorio, que se alguem viesse perguntar por elle, dissesse que não estava em casa: veio o Reitor do Collegio da Companhia, e queria ver, e fallar ao Guardião, perguntou por elle: Fr. Gregorio por não faltar à verdade, nem ao que se lhe tinha ordenado, repetio o mesmo, que o Guardião lhe dissera: *Dize el hermano Guardian, que no está en casa: assi me lo ha ordenado dixesse a los que por su charidad perguntassen, porque tiene una ocupacion, de que no quiere que le divirtan.* O Reitor, que jà o conhecia, rindo-se, entrou, e foi andando pelos claustros: contou ao Guardião o que lhe tinha succedido com Fr. Gregorio, edificado de tanta simplicidade, acompanhada de muita virtude, pois por não dizer, nem ainda huma mentira leve, referio as mesmas palavras do Guardião.

5 Esta graça communicou Deos à sua simplicidade, que como era santa, não servia para o escarneo, e zombaria, senão para a edificação; porque se movia a riso, pelo que tinha de galante, tambem obrigava a lagrymas, pelo que trazia de devota. Foi-lhe tão affeiçoado o Vice-Rei da India Mathias de Albuquerque, que nunca sahia de seus paços para a barra, ou outras partes, em que pernoitava, que o não levasse comsigo: sobre meza lhe perguntou hum dia se sabia cantar. Sim, lhe respondeo Fr. Gregorio, e começou a cantar: *Llamò Dios al pecador, y dixo el vil, con el mundo me tengo de ir, &c.* com tanta simplicidade, e força de espirito, que ao Vice-Rei foi de muita devoção, e aos circumstantes de credito de sua santidade. Entre outros casos de admiravel simplicidade, que lhe succedêrão com o dito Vi-

ce-

ce-Rei, referiremos fómente hum. Hia mudado de Goa para Chaul, foi-se despedir do Vice-Rei, que tinha humas cartas de importancia para os Capitães de Cidades, e fortalezas, por onde Fr. Gregorio havia de passar: entregou-as a Frei Gregorio, repetindo-lhe muitas vezes o cuidado, que as não perdesse, porque erão de importancia, que lhe prometteo de o ter mui grande. Fez sua jornada: não chegavão respostas ao Vice-Rei, que andava bem cuidadoso: passou-se tempo, atè que a mesma obediencia, que o levára a Chaul, o voltou a Goa: foi ver o Vice-Rei, que lhe disse: *Que fizestes, Fr. Gregorio, às minhas cartas, apostarei que as perdestes? No hermano, aun las tengo aqui, pues me las encommendaste tanto*; e tirou-as da manga, e lhas deo, que como lhe recommendou tanto, que as não perdesse, pareceo-lhe que as não devia de tirar de si, nem as podia guardar melhor, que restituir-lhas outra vez. Quando estava fóra de Goa, escrevia muitas vezes ao mesmo Vice-Rei, e assim nos sobre-escritos, como dentro das cartas, dizia tantas simplicidades, que por recreação as mostrava a todos seus amigos.

5 Não lhe dava lugar sua simplicidade às cuidadosas attenções do mundo, a todos tratava, e fallava igualmente sem differença de pessoas, porque a pequenos, e grandes chamava irmãos, e aos que mais attentamente ponderavão sua singeleza, soava-lhe melhor esta voz, que os mais honrosos titulos, que lhe podião dar. Estimavão, e folgavão conversar com elle, tal vez por aliviar-se hum pouco das pezadas lisonjas, com que outros enfastião. A tempos deixava os negocios da Mitra o Santo Arcebispo D. Gaspar, para com mais commodidade tratar os de sua alma com Deos: recolhia-se ao Convento Capucho de Goa, que elle havia fundado, e muitas vezes fallava, e conversava com o Irmão Fr. Gregorio.

6 Com toda esta simplicidade, que temos contado, não deixava de entender com superioridade os a pices de seu estado, e obrigações de sua Regra, que guardava exactissimamente, a que o conduzia sua limpa consciencia, e pureza da alma, que conservava no exercicio da santa oração, a que era mui dado, e onde recebia muitos mimos do Senhor. No sobredito Convento de Damão quiz provar hum Guardião sua obediencia, para o que lhe disse em a noite de Natal: *Irmão Fr. Gregorio, toma hum pandeiro, vai ao Cruzeiro, baila, e*

can-

canta ao Menino Deos em o seu presepio. Fr. Gregorio, parecendo-lhe a acção de rosas, sem replicar, sahio ao presepio, occupada a Igreja de muita gente de ambos os sexos, bailou, e cantou tantas endechas ao Menino nascido, que bem se conheceo que lhas ensinára o amor Divino. Em outro pudéra a acção mover a riso; em Fr. Gregorio causou devoção, e lagrymas, colligindo della os circumstantes sua muita santidade, e Deos dispondo estes meios para o fazer conhecido. Assim foi passando huma exemplar, e innocente vida acompanhada de muita abstinencia, e jejuns, com que macerou a carne, atè que voltando para o Convento da Madre de Deos de Goa, onde tinha principiado naquella Provincia, partio a gozar o premio de suas virtuosas obras, como podemos crer piamente.

7 Divulgada sua morte na Cidade, acudio grande concurso do povo, que o veneravão por santo: achárão-se presentes a seu enterro o Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes da Ordem do grande Padre Santo Agostinho, e o Vice-Rei Mathias de Albuquerque, que prostrados por terra com grande veneração lhe beijárão os pés. O Chronista da Provincia da Madre de Deos, tratando deste santo Religioso, depois de assentar que professára em huma das Provincias Capuchas do Reino, sem affirmar qual fosse, accrescenta que os indicios dizião que era a da Arrabida. Porèm que fosse da nossa da Piedade testemunha o appellido de *Viseu*, que Fr. Gregorio tinha, pois tomarem os nomes das terras os Religiosos, foi sempre nesta, e não naquella, estylo inviolavel observado: de mais que por filho da Piedade o traz expressamente o Agiologio Lusitano, a quem se deve mais credito, que a leves indicios, que muitas vezes não sahem ajustados.

CAPITULO XLI.

Povoão nossos Frades o Convento de Malaca.

1 EM o anno de 1518. deo principio ao Convento da Madre de Deos em Malaca Fr. João Baptista de Pezaro, Religioso da Custodia de S. Gregorio nas Filippinas; e assim para povoarem a este Convento, como ao de Macáo, a cuja fundação elle tinha assistido com outros Frades da mesma Custodia, procurou Religiosos das Provincias Capuchas de Castella. Tratava o Reverendissimo Gonzaga, então Ministro de toda a nossa Or-

Ordem, de lhos enviar na fórma, em que Fr. João Baptiſta os deſejava; mas como o ſoubeſſe ElRei Filippe II. de Caſtella, e primeiro dos intruſos neſte Reino, eſcreveo ao Reverendiſſimo, que pois os ditos Conventos ficavão na Coroa de Portugal, os occupaſſe com Frades da meſma Coroa. Para cumprimento da carta do Rei paſſou o ſobredito Geral peſſoalmente a Portugal, entregou os dous Conventos com titulo de Cuſtodia de Malaca à Cuſtodia de S. Thomé, e para a prover de Religioſos enviou ſua Patente pelas Provincias Capuchas do Reino. Dos que ſe lhe offerecêrão, eſcolheo dez da noſſa Provincia da Piedade, e outros tantos da Arrabida; e mandando-lhes que em ſua preſença eſcolheſſem de entre ſi hum em Cuſtodio, convierão todos em Fr. Diogo da Conceição da ſobredita Provincia da Arrabida.

2 Partírão do Reino em o anno de 1584. mas não em 13. de Janeiro, como o achamos eſcrito; porque ainda em 13. de Março encontramos ao Cuſtodio delles recebendo da mão do Geral a Patente de ſua Prelazia, e da creação da nova Cuſtodia, como teſtemunha o meſmo Reverendiſſimo, que a deo, por onde nos fica mais provavel pormos a ſua partida pelo meſmo mez de Março, que aſſim nos accommodamos mais com a ſobredita Patente, e tempo da monção. Dos vinte Religioſos ſete forão em as náos de Goa; e os treze, em que entrava o Cuſtodio, em huma Urca, demandárão a Malaca, onde chegárão com proſpero ſucceſſo a 5. de Outubro no meſmo anno. Forão recebidos do Biſpo, Capitão, e povo com grandes feſtas, e alegrias: moſtrárão a Patente, que do Geral levavão, aos Religioſos Caſtelhanos, que habitavão o Convento, que com prompta obediencia o deixárão, recolhendo-ſe à ſua Cuſtodia de S. Gregorio nas Filippinas. Repartírão-ſe os vinte Religioſos pelos dous Conventos, e julgamos que a maior parte dos noſſos da Piedade ficou em o de Malaca: dá-nos fundamento para formarmos eſte juizo o Padre João de Lucena, que fallando do ſeu Collegio em Malaca, aſſenta eſte teſtemunho: *a Muito depois fizerão os da Piedade huma Caſa das ſuas, como hum tiro de bombarda fóra da meſma Malaca.* a In Vit. Xaver. n. 6. c

3 Com elles eſtavão alguns da Arrabida com o Cuſtodio Fr. Diogo da Conceição; mas como a maior parte da Communidade ſe formava dos da Piedade, a eſtes ſómente nomeou o ſobredito Author. E ain-

ainda que lhe attribue a fundação do Convento, ſendo aſſim que quem a traçou, e lançou a primeira pedra, foi Fr. João Baptiſta Pezaro da Cuſtodia de S. Gregorio, bem poderia ſer que ficaſſe o Convento muito em ſeus principios, e imperfeito, e que achando-o aſſim noſſos Frades, quando o forão povoar, o acabaſſem, dando-lhe perfeito complemento; e como lhe puzerão a ultima mão, forão tidos por ſeus Fundadores. Faz-ſe iſto mais veriſimel, attendendo ao pouco tempo, que correo deſde que ſe lançou ſua primeira pedra, atè que os noſſos Religioſos da Piedade entrárão nelle, que foi deſde o anno de 1581. atè o de 84. e em trez annos não ſe acaba hum Convento, por pequeno que ſeja, principalmente ſe ſe faz de eſmolas, como eſte.

4 Do que temos dito ſe vê, que o Chroniſta da Madre de Deos na India [b] cahio em dous conſideraveis erros, e ambos contrarios à meſma fonte, donde bebeo as noticias, que he a Chronica Geral do Reverendiſſimo Gonzaga. Foi o primeiro dizer-nos, que creados os dous Conventos de Macáo, e Malaca em Cuſtodia, que tomou deſte ultimo o nome, a entregára o Reverendiſſimo Gonzaga ao cuidado da Provincia da Arrabida, para que proveſſe de ſujeitos: ſendo aſſim que o meſmo Geral, que a erigio, nos diz em o ſeu livro, [c] que a ſujeitára à Cuſtodia de São Thomé com os mais Conventos, que pelo tempo ao diante ſe lhe aggregaſſem; accreſcentando que para aſſim o decretar, fora grande parte entender da carta, que o Rei lhe eſcrevêra, que a ſua vontade propendia muito a que a ſujeição aſſim ſe effeituaſſe. O ſegundo erro foi eſcrever que os vinte Frades, que forão do Reino povoar os ſobreditos Conventos, erão todos da Provincia da Arrabida, dizendo-nos o meſmo Gonzaga que os eſcolhêra, não daquella Provincia ſómente, mas das Deſcalças [d] do Reino; razão, por que quando quiz nomear o Cuſtodio Fr. Diogo da Conceição, que os Miſſionarios por ſecreto eſcrutinio de entre ſi eſcolhêrão, advertio que era da Provincia da Arrabida, o que não fora neceſſario, a ſerem todos da meſma Provincia, pois vinha a ſer a eſpecificação ſuperfluidade; e iſto baſtava para termos o contrario, ainda em caſo, que elle não fallára com tanta clareza.

[c] Gonz. 4. p. pag. 1358.

[d] Ibidem.

5 Trez Provincias Capuchas havia naquelle tempo em Portugal; a noſſa da Piedade, a da Arrabida, e a de Santo Antonio: de todas trez enviou

o Reverendiſſimo Gonzaga Religioſos: das duas primeiras tomou os vinte para povoarem os dous ſobreditos Conventos nos Eſtados da India, como temos dito; e da ultima eſcolheo ſeis para fundarem huma Cuſtodia e nos do Brazil: como ſe vê nas Letras, que lhes paſſou em Lisboa no meſmo dia, mez, e anno, que aos primeiros. Aſſim dividio pelas trez Provincias eſtas Miſsões, porque de huma ſó não podia tirar tantos Frades, ſem que lhe fizeſſem conſideravel falta, pois as Capuchas apenas tem os que lhes são neceſſarios para a habitação, e ſerviço dos Conventos, quanto mais tantos ſupranumerarios. Que os noſſos povoaſſem o Convento de Malaca, prova não ſó o teſtemunho do Padre Lucena, que aſſima puzemos, mas tambem o que refere o meſmo Chroniſta da Madre de Deos.

e Idem pag. 1459.

6 Quando vai a eſcrever o que obrárão alguns dos ſobreditos vinte Religioſos nas Miſsões, que fizerão, nomeaos com eſta differença; f a huns com os appellidos das terras, onde naſcêrão; a outros com os de Santos: e couſa ſabida he, que ſendo eſtylo nas duas Provincias Capuchas tomarem os nomes dos Santos, a quem tem mais devoção, ſó na da Piedade (e hoje na da Soledade, que ſahio della) ſe dão a conhecer pelo ſobre-nome das terras. Eſta differença, que lhe foi bem patente, pudéra ao menos fazer-lhe alguma duvida, para aſſim inquirir com mais cuidado a verdade, antes de aſſentar huma propoſição abſoluta: que ſe a fidelidade, que devemos à Hiſtoria, nos obrigou a não aceitar-lhe os que em outra occaſião nos dava, a meſma nos compellio agora a defendermos os que nos tira, como moſtrámos com evidencia.

f Chron. cit. c. 6. art. 2.

CAPITULO XLII.

Sahem do Convento de Malaca os Religioſos da Piedade Miſſionarios a diverſas partes, e do que là obrão.

1 Viſto pois que os Miſſionarios não ſó erão da Provincia da Arrabida, mas tambem da noſſa, reſta-nos referirmos o que de ſuas Miſsões alcançamos. De quatro nos ficou mais expreſſa noticia; chamavão-ſe elles Fr. Bernardino de Marvão, Fr. Jorge de Viſeu, Fr. Pedro de Arouca, e Fr. Manoel de Elvas. Fr. Bernardino de Marvão com outros trez companheiros da Provincia da Arrabida, Fr. Antonio dos Reis, Fr. Coſme da Annunciação, e hum Irmão leigo anonymo, ſahírão do Conven-

Fr. Bernardino de Marvão

vento de Malaca a dar o pregão do Euangelho na Ilha de Macaſſá, ainda que foi pouco o lucro de ſeu trabalho, por cahir o grão do Euangelho ſobre pedra dura. Eſtava a Ilha inficionada do peccado infame, que clamou pelo fogo do Ceo ſobre Sodoma, e Gomorra, e ſeus moradores tão barbaramente deſenfreados, que os moços, que ſervião a eſte execrando vicio, para ſerem conhecidos andavão ſem armas, e rapadas as cabeças. Por eſta cauſa, como os Frades não uſavão de armas, e trazião a barba, e parte da cabeça rapada, erão mal ouvidos, e ainda convidados para o meſmo vicio, com que lhes foi neceſſario mudar os trajes com barba creſcida, e eſpada na cinta. Neſta fórma começárão primeiro a reprehender eſte vicio, com o exemplo das ſinco Cidades conſumidas, ameaçando-os com o fogo do Ceo; mas tinha-os o demonio tão cegos, que nenhum abalo lhes fazião os repetidos brados; o que vendo os Religioſos, lhes pareceo conveniente deixallos por outros, onde melhor ſe lograſſe ſua doutrina.

2 Melhor fortuna correo Fr. Manoel de Elvas nas Miſsões, que fez, porque foi muito o fruto, que dellas tirou: coube-lhe por ſorte a grande Ilha da Jaôa, foi a ella com mais trez companheiros todos da ſua meſma Provincia da Piedade; Fr. Pedro de Arouca, Fr. Jorge de Viſeu, Fr. Jeronymo leigo. Tanto que aportárão à Ilha, dividírão-ſe [a] em duas partes; Fr. Pedro de Arouca com Fr. Jorge de Viſeu forão à Cidade de Panaruca; Fr. Manoel de Elvas com o Irmão leigo à de Bolamboão, que dava o nome ao Reino, e era a Corte de ſeu Rei. Forão bem recebidos do Rei, permittio-lhes que pudeſſem prégar o Euangelho em ſuas terras livremente, e fundarem Igrejas para os novamente convertidos. O que mais abrio a porta à converſão de muitos, foi o deſintereſſe, com que os Religioſos ſe portavão; porque ſendo-lhes offerecidos muitos dons, tudo engeitavão contentes com a eſmola de alforje, que pedião, e ainda deſta repartião com os pobres, e encarcerados, acção, que admiravão muito aquelles Gentios, como tão contraria à natural ancia, e propenſão, com que todos vivem por adquirir.

[a] Chron. cit.

3 A Rainha Mãi lhes cobrou tanta affeição, edificada do deſprezo, com que lançavão de ſi ouro, e prata, e da piedade, com que acudião aos pobres, e de modo os favoreceo, que por ella todo o Reino ſe re-

reduzíra à nossa Santa Fé, se o demonio, presentindo jà o damno, que se lhe preparava, não movêra ao Rei, a que a fizesse matar com veneno, temendo-se que ella, a quem o Reino pertencia, o privasse do governo por suas tyrannias. Quatro annos se deteve Frei Manoel de Elvas com Fr. Jeronymo na Cidade, e Corte de Bolamboão, onde dos que por sua prégação se convertião, baptizou seiscentos com o Principe filho do Rei, que se chamou D. Francisco, e pouco depois faleceo de bexigas. Tambem baptizou a dous Principes, pai, e filho, sobrinhos do mesmo Rei: ao pai poz nome D. Antonio; e ao filho D. Pascoal; e a sua mulher, a quem o tempo, ou descuido sepultou o nome. Em D. Pascoal poz lascivamente os olhos huma filha de ElRei, e prima sua; e porque o casto mancebo, como verdadeiro Catholico, não quiz cooperar com ella em seu appetite, qual outra mulher de Putifar ao innocente José, o perseguio gravemente, e com falsidades lhe maquinou a morte, arguindo-o com ElRei seu pai, que sem querer ouvir de suas defezas, o condenou a ella. Tudo soffreo mui conforme com a Divina vontade, segundo a doutrina, que recebêra de Fr. Manoel de Elvas; e chegando ao supplicio, disse para os algozes, que morria Christão, e era innocente na causa, porque o condenárão; mas jà que aquella havia de ser a ultima hora, quizessem esperar hum pouco com a execução, que se queria encommendar a Deos. Pelo respeito à sua qualidade lhe concedêrão o que pedia: tirando elle então do pescoço o Rosario, de joelhos o rezou com muita devoção, e sossego, e depois que o offereceo à Senhora Mãi de Deos, pedindo-lhe que se lembrasse de sua alma, com a mesma quietação, e serenidade disse aos algozes fizessem o que lhes aprouvesse. A's crizadas lhe tirárão logo a vida, segundo o decreto Real: e piedosamente podemos crer foi sua alma lograr o laurel de Martyr, pois morreo pela honestidade, não querendo consentir com o appetite desordenado da Princeza sua prima.

4 Depositou Fr. Manoel de Elvas o corpo defunto na Igreja, que em Bolamboão tinha feito, donde depois o trouxe para Malaca, e com funeral magestoso, assistido de todo o povo, e Clero, se collocou na Capella Mór do Convento da Madre de Deos dos Capuchos. Em quanto Fr. Manoel de Elvas se occupava em Bolamboão, nestas, e semelhantes conversões, não se descuida-

davão em Panaruca Fr. Pedro de Arouca, e Fr. Jorge de Viseu, de lavar a muitos das fezes da Gentilidade com a agua do Sagrado Baptismo. Edificárão tambem Igreja naquella Cidade, e entre as mais assinaladas conversões, que fez, foi a de hum sobrinho de ElRei, que era o principal ministro de seus idolos, de que os mais de sua profissão se mostrárão tão escandalizados, e sentidos, que o perseguírão por varios modos; o que o dito Principe tudo soffreo, atè que deo a vida pela confissão da Fé Catholica, e com a palma de martyrio entrou triunfante ao logro da eterna Gloria. Daqui se levantou grande tormenta contra os quatro Religiosos; quatro annos estiverão prezos, padecendo muitos trabalhos, e sem duvida lhes derão a morte, se Deos os não guardára para Euangelizarem a Divina palavra a outros povos. Acabada sua prizão, voltárão para Malaca, donde tinhão sahido, e dahi depois de outras varias Missões, que fizerão, acabárão louvavelmente suas vidas.

CAPITULO XLIII.

Eleições de dous Ministros Provinciaes, e breve memoria de Fr. Thomé de Portalegre.

1 POr darmos logo junta a noticia, que alcançámos do que os nossos Frades obrárão na India, corremos com a Historia alguns annos adiante; agora pegaremos outra vez no fio della, tornando outros poucos atràs. Ficámos no triennio do Provincialato de Fr. Miguel de Abrantes, que chegou atè o anno de 1554. nelle acabou seu Ministrado com satisfação, e agrado de todos; porque alèm de se haver em seu governo com grande prudencia em tudo o que dispunha, não era menor o exemplo, que de si dava: trez vezes que visitou a Provincia, foi totalmente descalço. Os Estatutos, e Ordenações della fez guardar com nimiedade, sem que em algum caso dispensasse, nem ainda em o menor delles; o que levavão bem os subditos, vendo o rigor, com que a si mesmo se tratava. Convocou os Vogaes para eleição do novo Ministro, destinando para a celebração do Capitulo o Convento de Santo Antonio de Estremoz, onde o Commissario Geral Fr. André da Insua se promettia achar. E assim foi, por- 1554

porque depois de preſidir em o Capitulo da Provincia de S. Gabriel, [a] em o Convento de S. Franciſco dos Majaretes da Villa de Valença de Alcantara, fez logo dalli caminho por Portalegre para Eſtremoz, lugar aſſinalado por eſta cauſa para o Capitulo. Fez-ſe a eleição pelo mez de Outubro de 1554. e nella ſahio eleito em Miniſtro Provincial Fr. Pedro Tovinho, natural da meſma Villa de Eſtremoz, Religioſo mui perfeito, uniformemente com o voto de todos, que a nenhum ſe eſcondia quão digno foſſe deſte officio. Publicada, como ſe coſtuma, ſua eleição, ſe levantou logo o eleito do lugar onde eſtava, e proſtrado diante do Commiſſario Geral, renunciou o officio, pedindo-lhe com lagrymas, e encarecidas palavras lhe aceitaſſe a renuncia, e procedeſſe a nova eleição, pois qualquer dos Vogaes, que alli eſtavão, erão mais benemeritos que elle. Inſiſtião os Vogaes com ſeu parecer, pedindo ao Commiſſario Geral, que o confirmaſſe; mas pudérão tanto as diligencias, que fazia Fr. Pedro, allegando que não eſtava capaz para viſitar a pé trez vezes a Provincia, que não podendo o Commiſſario reſiſtir a ſeus rogos, houve de lhe aceitar a renuncia.

[a] Chronic. Provinc. S. Gabr. l. 2. c. 41.

2 Entrou-ſe a nova eleição, e ſahio eleito Fr. Peregrino das Sarzedas, Religioſo de tanta perfeição, que foi baſtante a mitigar a mágoa, com que os Vogaes ficárão pela renuncia de Fr. Pedro. Foi o decimo-quarto Miniſtro Provincial, que teve a Provincia; governou-a com muito acerto, edificação, e geral applauſo, por ſer grandemente zeloſo da obſervancia de ſeus coſtumes, e ſantas ceremonias. Não temos porèm noticia de couſa alguma de ſeu triennio, mais que no fim delle por commiſsão do Prelado Geral convocar a Capitulo em a noſſa Caſa da Aſſumpção da Vidigueira, onde ſe celebrou no fim do anno de 1557. Fizerão os gaſtos do Capitulo o Conde da Vidigueira D. Franciſco da Gama, e ſua mulher Dona Guiomar de Vilhena, como Padroeiros deſta Caſa; em que moſtrárão que era igual ſua liberalidade à ſingular devoção, que nos tinhão. Sahio eleito em Miniſtro Provincial Fr. João Caſtanho, natural de Eſtremoz, e foi decimo-quinto em numero. Em ſeu tempo, no anno de 1559. ſe celebrou Capitulo Geral em Italia no Convento de S. Bernardino da Cidade de Aquila pela feſta de Pentecoſtes, onde foi eleito em Miniſtro Geral de toda a noſſa Ordem o Padre Fr. Franciſco de Zamora da Provincia de Carta-

Fr. Peregrino das Sarzedas Provinc. 14.

1557 Fr. João Caſtanho Provinc. 15.

tagena. Para ſe achar neſte partio o noſſo Provincial Fr. João Caſtanho deſte Reino; porèm voltou brevemente, como o fizerão os mais dos Vogaes de Heſpanha, por lhes faltar embarcação.

3 No fim de ſeu triennio, em o anno de 1560. pelo mez de Outubro, deixou a terra, por ir reinar em o Ceo, hum perfeito Religioſo, chamado Fr. Thomé de Portalegre. Era elle Prégador por officio: eſtudava o mais util, e acompanhando ao eſtudo com ſeu fervoroſo eſpirito, rogava, e reprehendia, com que chegou a alcançar glorioſas victorias em a converſão de muitos. Deſterrou vicios, plantou virtudes com notavel aproveitamento dos povos, onde morava. Foi muitas vezes Meſtre de noviços; officio, que exercitou tão bem, como ſe vio nos ſujeitos, que por elle forão creados: alcançou tanto da oração, a que ſe dava de continuo, que o Padre Fr. Luiz de Granada, ainda que o não nomea, diz delle em o ſeu livro de Oração, que hum Frade da Provincia da Piedade, perguntando-lhe, o enſinára. Neſta recebeo de Deos muitos favores; mas como era nas materias de eſpirito tão grande Meſtre, ſabia tão bem occultallos, que ſe lhe não conhecião. Muitas vezes ſe vião nelle ſinaes de favorecido do Ceo, porque ſahia ao exterior a grandeza dos goſtos, que na alma ſentia; mas não ſe alcançava mais que eſtes indicios, por onde não podemos individuar os favores. Outras vezes o trazião para a cella ſem ſentido, e ſuccedia-lhe iſto mais ordinariamente, quando acompanhava aos noviços em os officios de humildade: alli ficava entre elles abſorto, ſendo neceſſario trazerem-o os meſmos em os braços.

4 O rigor, com que ſe tratava, lhe tirava a ſaude, mas não lhe diminuía, antes lhe augmentava o eſpirito: e ſuppoſto que ordinariamente andava enfermo, em o ultimo de ſeus dias o viſitou Deos com huma moleſta enfermidade, para que a paciencia coroaſſe ſuas virtudes. A conſelho dos Medicos o mandárão os Prelados para Portalegre ſua patria; mas como o Senhor tinha jà determinado dar-lhe o premio de ſuas ſantas obras, della o chamou para a dos viventes. Morreo em o ſobredito mez, e anno, ainda com poucos de idade, mas de tanta perfeição, que dizião os Religioſos de ſeu tempo, que parecia ter chegado ao cume della. Alguns annos depois de ſua morte, ſendo Guardião naquella Caſa de Portalegre Fr. Antonio de Lamego,

ſe abrio huma ſepultura, para enterrarem nella hum Religioſo, e achou-ſe dentro hum corpo inteiro, veſtido em ſeu habito, ſem lhe faltar couſa alguma, e ſem averiguarem ſe era deſte ſervo de Deos, (o que podião fazer facilmente) mandou o Guardião que o tornaſſem a cubrir de terra, onde ficou como eſtava de antes. Deſta negligencia póde o Leitor inferir outras, e eu ficarei deſculpado em ſer tão ſuccinto no hiſtoriar a vida deſte, e de outros Religioſos de virtude.

CAPITULO XLIV.

Do decimo-ſexto Provincial, e de algumas couſas, que ſe ordenárão no Capitulo, em que foi eleito.

1 NOmeou por Viſitador deſtaProvincia o Padre Geral Fr. Franciſco de Zamora a hum Religioſo grave, chamado Fr. Manoel Cuchila, Caſtelhano de nação; não ſabemos porèm, de que Provincia. Depois da Viſita della convocou a Capitulo em o noſſo Convento da Aſſumpção da Vidigueira por petição dos Condes deſta Villa, que querião fazer os gaſtos delle, como tinhão feito os do paſſado. Congregárão-ſe os Vogaes no dito Convento por dia de todos os Santos do anno de 1560. e entrando à eleição, ſahio eleito em Miniſtro Provincial Fr. Chriſtovão de Abrantes. O Commiſſario Viſitador, que por auſencia do Miniſtro Geral preſidia em o Capitulo, confirmou logo ao novamente eleito, que foi o decimo-ſexto, que teve a noſſa Provincia daPiedade. Neſte Capitulo ſe inſtituírão muitas couſas concernentes ao bom governo da Provincia, e a primeira foi extinguir-ſe de todo o ponto, o que o Padre Inſulano introduzio, quando em o Capitulo de Val-verde dividio a Provincia em duas Cuſtodias, como fica dito. Doze annos havia, que ſe tinha obſervado a ordem de governar introduzida pelo dito Padre, ainda que os noſſos Frades procurárão logo no principio atalhalla; pois não era neceſſario muito para ſe ſaber as inconveniencias, que trazia comſigo ſemelhante modo de governo. E a não ſer na Provincia da Piedade, onde os Religioſos procurão mais obedecer, que mandar, tal vez moſtrára a experiencia, quão pouco acertada fora a inſtituição de dous Prelados ſuperiores, demais do Provincial. Vio-ſe o que podia ſucceder, mas não ſe experimentou o damno.

Fr. Chriſtovão de Abrantes Provincial 16.

2 O durar tanto aquelle modo de governo, ſendo violento, foi porque como o Padre

dre Fr. André da Insua governou a Ordem doze annos, seis de Ministro Geral, e outros seis de Commissario Geral, foi forçoso durar o mesmo tempo aquella sua disposição, ainda que os Padres reclamavão em contrario. Por isso logo que acabou seu governo, que foi em o anno de 1559. no Capitulo Geral de Aquila, em o primeiro Capitulo, que a Provincia teve, que foi este da Vidigueira, se extinguio aquelle modo de governar. Para remedio do inconveniente, que o Padre Insulano dizia, se podia seguir de estar o Provincial ausente em alguns casos repentinos, que succedessem; por cuja causa instituio dous Custodios; determinou o Capitulo, que em lugar delles houvesse quatro Commissarios, a quem o Provincial commettesse toda sua authoridade; restringida porèm só para aquelles casos, que no mais erão subditos dos Guardiães dos Conventos, onde moravão. Instituírão-se quatro Commissarios, por respeito de quatro Provincias, por onde os nossos Conventos estão espalhados, que são, Alentejo, Algarve, Beira, e entre Douro, e Minho. Este governo dura ainda hoje, porque alèm de ser mais facil, não tem nenhum inconveniente.

3 Tambem se fizerão neste Capitulo novos Estatutos, dos quaes ainda hoje se guardão a maior parte delles, deixando alguns, que pela variedade dos tempos, tambem se variárão. Encommendárão os Vogaes ao Ministro Provincial Frei Christovão de Abrantes, que fizesse hum Ceremonial, ou Ordinario, por onde os Frades se governassem em a celebração do Officio Divino, o que elle logo poz em effeito: região-se por elle os Frades, atè que sahio o Breviario Romano reformado. Mandou o Provincial (o que tambem se poz por Estatuto) que nenhum Religioso, salvo algum enfermo, de licença sua, pudesse usar de sandalias, nem trazer outra alguma cousa em os pés, ainda quando andassem pelos caminhos. Pelo que todos os Vogaes, concluidas as acções Capitulares, sahírão da Vidigueira para os seus Conventos totalmente descalços, deixando a hum canto todas as sandalias, que tinhão levado, que não foi de pequena edificação para quem pelos caminhos encontrava Frades velhos com os pés cheios de sangue, e retalhados do caminho. Foi este Provincial muito prudente em seu governo, e hum dos mais celebres, que teve a Provincia; porque alèm de seu grande talento, era igual o zelo, que tinha da Religião; por huma cousa, e outra foi mui aceito

ao Cardeal D. Henrique, e por ſua ordem Commiſſario Geral em eſte Reino.

4 Viſitou tambem, antes que foſſe Commiſſario Geral, a Santa Provincia de S. Gabriel, [a] onde por auſencia do Padre Fr. André da Inſua, então Commiſſario Geral da Familia Ciſmontana, preſidio a ſeu Capitulo. Nelle privou de voto ao Provincial, que acabava, que era Fr. João de Eſpinoſa, de que o Author do Memorial daquella Santa Provincia, e o Chroniſta della ſe dão por ſentidos, dizendo que não procedêra naquella acção juſtificado. Dizem porèm que não obrára aqui o Viſitador por proprio dictame, ſenão como Miniſtro do Prelado Geral, que não goſtou da eleição, que os Vogaes fizerão em Fr. João de Eſpinoſa. O cargo, que lhe deo, quando o privou de voto, foi, dizem elles, conſentir que uſaſſe o Bemaventurado S. Pedro de Alcantara de hum Breve Apoſtolico, que tinha, para retirar-ſe da vida Conventual a fazer vida ſolitaria, e heremitica, fóra da clauſura dos Conventos. Iſto diz o Author do Memorial, e a Chronica da Santa Provincia de S. Gabriel, e he forçoſo dar ſatisfação a quem os ler.

[a] Mol. c. 88. fol. 145. Chronic. l. 2. c. 41.

5 Primeiramente he de ſaber, ſegundo dizem os Authores citados, que quando ſahio eleito em Provincial Fr. João de Eſpinoſa, o Commiſſario Geral Fr. André da Inſua, que preſidio em ſua eleição, não a levando a bem, perſuadio aos Vogaes, que votaſſem em outro, e ao novamente eleito que renunciaſſe. Porèm como os Vogaes não quizeſſem proceder a nova eleição, antes pedião que confirmaſſe ao eleito, foi forçoſo ao Commiſſario Geral o confirmallo, porque não achou cauſa para annullar a eleição. De ſorte, que ſegundo eſtes Authores, ao meſmo Provincial, cuja eleição hum Prelado ſuperior, e tal qual foi o Inſulano, não pode impedir, por não achar cauſa, ainda que com diligencia procurou fazella, depois privou de voto hum ſeu Delegado, dando-lhe por culpa, o conſentir uſaſſe o Santo Frei Pedro de hum Breve Apoſtolico. Difficultoſa couſa de crer. Quem ſe perſuadirá, que podendo tão pouco hum Prelado Geral, pudeſſe acabar tanto hum ſeu inferior, que privaſſe de voto a hum Provincial ſem cauſa, e que tão facilmente ſe vieſſe niſto, havendo tão grande reſiſtencia no primeiro encontro, ſendo maior a força? Nem ſe póde preſumir da religião de Fr. Chriſtovão de Abrantes, que por fazer as partes ao Commiſſario Ge-

Geral, castigasse tanto sem causa, e tão gravemente, como foi privar de voto a hum Provincial: como nem tambem de seu grande talento dar semelhante cargo, pois lhe podia vir muito damno de castigar o consentir-se que se désse à execução hum Breve do Pontifice, quando não reparára em outra cousa, não era necessario muito discurso para prever o perigo, a que se expunha. Estas razões nos fazem suspeitar, que não foi a causa, a que aquelles Authores apontão, outra devia de ser mais bem fundada; que supposto aquelle Prelado era santo, não he só a santidade a que precisamente basta para o governo: bem póde ser boa a tenção, e não corresponder a ella o successo. O que eu sei he, que o Santo Fr.
3. Pedro de Alcantara, como [b] diz o Author da quarta parte da Chronica Geral da Ordem, teve em seu governo muitos contrarios, pelo julgarem demaziadamente rigoroso, e tal vez que aquelle seu retiro fosse diligenciado por estes: não digo isto assertivamente, ainda que sem que fosse temeridade o podia dizer, porque não falta quem diga, que por desejo de mais quietação, e sossego fizera o Santo Fr. Pedro aquellà mudança. Nem he minha tenção dizer, que em o numero dos oppostos ao Santo Fr. Pedro entrasse o Provincial, a quem o Commissario Visitador privou de voto, porque bem sei que foi Varão mui regular, e perfeito; porèm como foi mui brando, e hum bemdito, [c] como lhe chama o Padre Moles, causa, por que o Insulano não gostou de sua eleição, facil cousa era deixar-se levar do que lhe persuadissem, presumindo que acertava, e esta tal vez seria a causa de o privarem do voto. Com mais razão nos puderamos nós queixar, e mostrar sentidos, de se pôr esta nota em o proceder de hum Religioso tão perfeito como foi Fr. Christovão de Abrantes, que se diga delle, que por fazer as partes ao Commissario obrasse tanto contra a razão por hum cargo, que só o podia ser de quem o désse.

[c] Mol. ubi sup.

6 Continuou Fr. Christovão de Abrantes em seu officio, e no acerto, com que o começára a administrar. Em seu tempo se mudou o Convento de Lagos para outro sitio, por ameaçar ruina o primeiro, ficando nelle huma Hermida conservando o titulo de nossa Senhora do Loreto, que o Convento tinha, e dedicando-se o novo a nosso Padre S. Francisco, como hoje se chama.

CA-

CAPITULO XLV.

Do servo de Deos Fr. Bartholomeu de Bragança.

1 CUidárão mais nossos antigos Padres de serem Santos, que Historiadores, e assim nos vemos faltos de noticia, havendo tanta santidade: não causava esta admiração, por ser quasi em todos ordinaria, e assim a não punhão em escritura; só sabemos o pouco, que por maior ficou na memoria aos que immediatamente lhe succedêrão por relação. Digo isto, porque o pouco, que acho escrito do servo de Deos Fr. Bartholomeu de Bragança, mostra bem o muito, que delle haveria que escrever, se nos ficára mais alguma lembrança daquelle antigo, e ditoso tempo; porèm do que referirmos infra o Leitor o mais, que huma cousa suppõe evidentemente a outra.

2 Foi este servo de Deos natural de Bragança, como mostra seu appellido, segundo antigo costume desta Provincia. Do mundo o tirou Deos para a Religião de nosso Padre S. Francisco, onde tomou o habito entre os Conventuaes, com os quaes viveo muitos annos; não temos porèm noticia de cousa particular, que nelles lhe succedesse. Sendo jà provecto na idade deixou a Conventualidade, havida primeiro licença de seus Prelados, e passou-se a esta Provincia, na qual servio a nosso Senhor com tanto fervor de espirito, e mortificação da propria vontade, que chegou a ser perfeitissimo Varão, [a] e Religioso de grande exemplo. Desorte abraçou os rigores, e louvaveis ceremonias da Provincia, que supposto veio jà a esta de idade crescido, parecia ter-se creado nella. Dotou-o Deos de huma columbina, e santa simplicidade, de modo que nunca julgava, nem presumia mal do proximo, ainda que visse claras demonstrações, ou indicios vehementes: a todos tinha por virtuosos, e santos, e a si proprio por inutil, e imperfeito. Todo seu estudo era vacar à oração mental, em que gastava a maior parte da noite: levantava-se sempre às dez horas, e posto em oração, esperava que os Frades viessem a Matinas, com os quaes devotissimamente as rezava: assistia com elles no quarto de oração, tomava disciplina nos dias assinalados, e depois de tudo isto ficava vigiando atè dadas as cinco de manhã, no qual tempo se recolhia hum breve espaço para a cella, atè tornar a Prima.

[a] Agiol. L[usitano] Junho [...] lite r. D. Alvaro Lobo T[ra]tado das Religiões

3 Nem se contentava só em gastar as noites com Deos, tam-

tambem lhe dava a maior parte dos dias; foi viſto muitas vezes em extaſe, privado de ſeus ſentidos corporaes, porque os tinha em Deos todos occupados. Huma vez ſuccedeo, eſtando doente na enfermaria, ſoltar tão grandes brados, que acudindo a elles o Religioſo enfermeiro, por ver ſe queria alguma couſa, o achou levantado no ar com os braços abertos tranſportado no Ceo: o que conhecendo, por não eſtorvallo, ſahio para fóra, deixando-o naquella meſma fórma, em que o achára. Por eſta virtude de andar ſempre orando, e por ſer ſobre tudo muito humilde, foi mui perſeguido do principe das trévas, o qual lhe apparecia muitas vezes em fórma humana: outras em diverſos, e horrendos animaes: fazia-lhe muitas traveſſuras, e zombarias, a fim de o tirar deſta união com Deos. Ao principio dava grande turbação ao ſervo de Deos ver diante dos ſeus olhos o demonio, e em figuras tão medonhas, como lhe apparecia; porèm depois veio a fazer delle tão pouco caſo, esforçado, e confiado na Mageſtade Divina, que achando-o muitas vezes, quando ſe recolhia para a cella, deitado em ſua propria cama lhe dizia: *Demonio, chega-te para, là dá-me lugar*; e obedecendo-lhe o demonio, ſe deitava juntamente com elle.

5 Em reſolução, vendo-ſe o inimigo deſprezado, couſa que grandemente ſentia, chegou a fugir do ſanto velho como da Cruz; mas nem por iſſo deixava de buſcar traças para o divertir da oração, como ſuccedeo morando no Bom Jeſus de Val-verde. Foi o caſo, que eſtando Fr. Bartholomeu em a oração em companhia dos mais Religioſos, vio o demonio da maneira, que jà antigamente o tinha viſto Santo Antão, ſegundo o eſcreve Santo Athanaſio,[b] em fórma de hum nigrinho muito feio, pequeno, e deſprezivel. Andava o demonio mui ſolicito ao redor de hum Frade mancebo, que eſtava orando de joelhos: chegava-ſe a elle com muita brandura, e à maneira de huma mãi, quando no berço acalanta o filho para tomar o ſomno, lhe fazia muitas caricias, e afagos, atè que o fez aſſentar, e dormir. Fr. Bartholomeu, que eſtava vendo tudo, de tal ſorte foi provocado a riſo, que os Frades ſe admirárão; e cahindo logo na traça, pois com aquelles momos não ſó perturbava o demonio a outrem, mas tambem a elle, tornou ſobre ſi tão compungido, que levantando em continente o eſpirito a Deos, chorou muitas lagrymas, ficando advertido

[b] In vit. PP. l. 1. vit. S. Anton. Abbat.

do para outro dia. Sahidos dalli, manifeſtou aos Religioſos o que víra, e em particular ao vencido do ſomno, dizendo-lhes fizeſſem muito por deſterrar de ſi o ſomno na oração, ſe não querião cahir em tentação do inimigo. Finalmente depois que viveo neſta Provincia o reſtante da vida em perpetua oração, e penitencia, morando em o Convento do Boſque, pelos annos do Senhor 1560. ſe foi ao deſcanço eterno, deixando mui ſaudoſos a todos, que ſe achárão preſentes a ſeu glorioſo tranſito.

5 Quaſi pelo meſmo tempo, e na meſma Caſa do Boſque trocou a preſente pela melhor vida outro perfeito Religioſo, que deixou de ſi grande memoria, por ſerem grandes as virtudes, em que reſplandeceo, antes, e depois que viveo neſta Provincia. Chamava-ſe elle Fr. Gil de Alvito: recebeo tambem o habito entre os Conventuaes, e entre elles viveo alguns annos, ſem querer aceitar nenhum officio da Ordem, ſuppoſto o querião fazer Prelado algumas vezes. Deſejava dar-ſe tanto ao Senhor, que por não gaſtar o tempo em outra couſa, nem ainda quiz ſer Confeſſor de ſeculares, parecendo-lhe que tambem eſte officio podia eſtorvallo, e divertillo. Não havia gloria neſte mundo para elle, como eſtar recolhido, e ſolitario, communicando com Deos, unica eſperança de todos ſeus deſejos. Por eſta cauſa, deixando os Conventuaes, ſe paſſou a eſta Provincia, pela noticia, que tinha do recolhimento, oração, e obſervancia de ſeus Religioſos, e procedeo ſempre nella com tanta mortificação, e penitencias, que quando em eſta Caſa do Boſque morreo, deixou nome de grande ſervo de Deos.

CAPITULO XLVI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Caſtello-Branco.

1 HUm dos principaes Conventos, que eſta noſſa Provincia tem no Biſpado da Guarda, he hum dedicado a Santo Antonio, junto à Villa de Caſtello-Branco. Eſtá ſituado pouco diſtante deſta nobre Villa, mettendo-ſe em meio ſómente hum formoſo campo, que nas tardes de Verão faz a ſahida para o Convento bem aſſombrada, e aprazivel. Tem competente cerca, pomar, e horta, agua de fontes perennes, huma, que na meſma cerca naſce, outra, que por canos de fóra vem ſahir ao Convento em huma fonte de pedra, baſtantemente lavrada, don-

donde derivando-se para tanques, onde se recolhe, serve de regarem tudo o que convem com ella. He o sitio da Casa algum tanto enfermo assim pelas aguas não serem muito boas, como por ficar jà fora da Região da Beira, sujeito a grandes calmas de Verão, com poucos defensivos para ellas; porèm não o he tanto, que se tenha pela mais enferma, outras ha neste particular, que se lhe aventajão.

2 A fundação deste Convento foi, que vindo de Roma, onde tinha ido dar obediencia ao Summo Pontifice Pio IV. novamente eleito por mandado de ElRei D. João III. D. Fernando de Menezes, [a] Commendador, e Alcaide Mór da mesma Villa, pedio à Provincia o quizesse aceitar, obrigando-se a lho dar à sua custa todo acabado. Aceitou o Provincial, que então era Fr. Christovão de Abrantes, a offerta: lançou-se a primeira pedra segunda feira depois da Dominga *in Albis*: começárão-se as obras em o anno de 1562. que com brevidade, pela muita diligencia, que lhe derão, se acabárão. Na Capella maior da Igreja tem o dito Fundador sepultura, e sua mulher Dona Filippa de Mendoça, com letreiro, que o declara. Forão toda a sua vida devotissimos da Provincia, acudindo com extraordinaria liberalidade ao necessario do Convento; hoje se conserva o Padroado em a Casa de Atouguia por casamento de Dona Maria de Mendoça, segunda neta dos Fundadores, com o Conde daquella Villa.

3 A devoção da gente de Castello-Branco, e seus derredores he muito grande, a todo o tempo acodem liberalmente com suas esmolas, achando a troco dellas em este Convento grandes riquezas espirituaes para suas almas; porque alèm das muitas Indulgencias, que ha em todas nossas Igrejas pelo decurso do anno, como em as festas da nossa Ordem, e outras semelhantes, temos em esta duas em fórma de Jubileo, com liberdade para se eleger Confessor, o qual póde absolver de casos reservados, e commutar votos (poucos exceptos.) As mesmas Indulgencias se concedem aos que contritos entrarem na Igreja: posto que se não confessem, mas só tenhão tenção de o fazer, quando os obriga o preceito da Igreja, rogando a Deos pelo augmento della, conversão dos hereges, e união dos Principes Christãos. Foi isto concedido para sempre por huma Bulla do Summo Pontifice Pio IV. expedida a dous de Setembro de 1565. e quinto de seu Pontificado, cujo original se guarda em o Arquivo

do meſmo Convento. Hum dos Jubileos he na feſta de Santo Antonio, outro no dia da Invenção da Santa Cruz, da qual eſtá em o Altar Mór huma inſigne reliquia, engaſtada em huma Cruz de prata, e veneravelmente collocada em hum Sacrario feito para eſte fim, à parte do Euangelho.

4 E porque no dia deſta feſta, e no da Exaltação em Setembro ſe moſtra a Reliquia ao povo, coſtuma nelles haver grande concurſo de gente, que vem adoralla. O meſmo acontece tambem na feſta das onze mil Virgens, porque no meſmo Altar à parte da Epiſtola, em outro Sacrario, eſtá a cabeça de huma dellas com letras teſtemunhaes de Otho Turches de Velarbuch, Biſpo Salienſe, Cardeal de Auguſta, em que faz certo que eſta cabeça foi tirada da Aurea Camera de Santa Cecilia de Colonia, e ſer de huma das ditas Virgens, das quaes eſtá alli a maior parte. Trouxe-a de Roma o dito D. Fernando de Menezes, primeiro Padroeiro deſta Caſa: e porque na Villa havia huma antiga Hermida dedicada a Santo Antonio de Padua; para que a devoção della não impediſſe, a que ſe podia ter ao noſſo Convento, houve tambem hum Breve do Summo Pontifice dado em Roma a quinze de Dezembro do ſobredito anno, em que Sua Santidade mandou que ſe não chamaſſe mais aquella Hermida de Santo Antonio; mas que entregando todos os ornamentos, e couſas pertencentes a ella aos noſſos Religioſos, ſe chamaſſe dahi em diante de Sant-Iago, porque elle a dedicava a eſte glorioſo Apoſtolo.

CAPITULO XLVII.

Do decimo-ſetimo Miniſtro Provincial: e de hum Religioſo de approvada vida, que acabou em ſeu tempo.

1 O Exercicio ordinario, que tinha Fr. 156
Chriſtovão de Abrantes, quanda o buſcárão para Provincial, era a oração, e contemplação, a que não ſó ſe dava continuamente, mas tambem tinha eſcola della, como diremos quando hiſtoriarmos de ſua vida. E como a viſita, e mais pensões dos negocios, a que forçoſamente havia de acudir pelo officio, que tinha, lhe levaſſem muito tempo, que elle não avaliava por bem gaſtado, ſenão era naquelle ſeu antigo, e ſanto exercicio, ſaudoſo deſte ſe reſolveo a renunciar o Provincialato, e recolher-ſe em huma Caſa, onde em contemplação do Ceo paſſaſſe o reſtante da vida. Eſtava neſte tempo o Reve-

verendiſſimo Padre Geral Fr. Franciſco Zamora em o Concilio Tridentino; tinha deixado por ſeu Commiſſario ſobre todas as Provincias de Heſpanha a hum Religioſo chamado Fr. Affonſo Ferrer. A eſte deo noticia de ſua reſolução, pedindo-lhe aceitaſſe a renuncia, e vieſſe, ou mandaſſe preſidir na eleição do novo Miniſtro. Reſpondeo o dito Commiſſario conforme ao deſejo do noſſo Provincial Fr. Chriſtovão, dando-lhe eſperanças de fazer brevemente o que lhe pedia, aſſiſtindo peſſoalmente em a nova eleição; porèm retardou-a tanto, que ſuppoſto o Provincial lhe fez eſte aviſo aos dous annos andados de ſeu officio, elle não entrou na Provincia, ſenão hum mez antes de acabado o triennio; com que foi forçoſo a Fr. Chriſtovão ter o governo della todo aquelle tempo.

2 Chegou finalmente o Padre Commiſſario, convocou os Vogaes para o noſſo Convento de Santo Antonio de Coimbra, onde pela feſta de noſſo Padre do anno de 1563. procedendo à eleição, ſahio eleito em Miniſtro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda; e foi o decimo-ſetimo em numero, dos que teve a Provincia. Era elle actualmente Guardião daquelle Convento, onde ſe celebrou o Capitulo: foi dotado de muita prudencia, e virtude, pela qual a Infante Dona Iſabel, mulher do Infante D. Duarte, filho de ElRei D. Manoel, o eſcolheo por ſeu Confeſſor, e depois de ſua morte o foi tambem da Senhora Dona Catharina, ſua filha, mulher do Duque D. João, primeiro do nome na Sereniſſima Caſa de Bragança. A primeira couſa, em que entendeo o Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, depois de concluidas as acções Capitulares, foi no reparo da Caſa do Bom Jeſus de Barcellos, que tinhamos recebido dos Padres Conventuaes, que alèm de ſer demaziadamente pequena, e capaz de poucos Frades, ameaçava tambem ruina. Reedificou-ſe toda de novo em hum lugar pouco mais abaixo da antiga Hermida, onde os dous Hermitães, ſeus Fundadores, como temos dito, [a] eſtavão enterrados. Forão trazidos ſeus oſſos para a nova Igreja, acabando-ſe tudo perfeitamente em o anno de 1567. No meſmo tempo, que continuavão as obras deſte Convento, deo tambem o meſmo Miniſtro principio à reedificação do de Santo Antonio de Aveiro; que ſuppoſto não havia mais que quarenta annos que fora fundado, pois tantos vão do de 1524. atè o de 64. com tudo jà tinha

[a] Supr. l. 2. c. 12. n. 7.

necessidade de reparo, por ser, como os mais daquelle tempo, por extremo pobre.

3 No seguinte anno depois do da eleição do Ministro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, passou desta vida caduca, e temporal aos gostos da eterna, e perduravel hum dos perfeitos Religiosos, que em seu tempo teve a Provincia. Chamava-se elle Fr. Affonso de Portalegre, Sacerdote dignissimo, tratando, e celebrando os Divinos Mysterios com huma Angelica [b] pureza, para effeito do qual trazia ordinariamente mortificados todos os sentidos. A vista trazia sempre na terra, especialmente fallando com mulheres, a quem nunca levantou os olhos, nem vio o rostro, seguindo o conselho de Deos por Ezequiel, [c] que manda que apartemos da vista tudo aquillo, que póde offendella. De todas as pessoas seculares fugia, evitando sua conversação, quanto lhe era possivel; e se não podia deixar de fallar-lhes, era com tão poucas palavras, e tal exemplo, que a todos deixava edificados, e com grande opinião de sua virtude.

Fr. Affonso de Portalegre.

[b] Daça 4. p. l. 3. c. 75. Alvaro Lobo Tratad. das Religiões. pag 102. Fr. Artur Julho 8. Agiolog. tom. 2. Març. 27. liter. D.

[c] Ezech. c. 20. n. 7.

4 Foi na abstinencia singular, porque não comia mais que huma vez no dia, e essa com tanta temperança, que não dava a seu corpo mais que huma limitada refeição, que bastasse sómente para não cahir com a pezada carga das penitencias, que lhe punha. O seu recolhimento era tão particular, que raramente sahia da cella fóra daquelle tempo, que o chamava a obrigação de assistir em as Communidades com outros, a que acudia com estremada promptidão. Todo o mais, que desta lhe ficava, gastava orando em seu recolhimento, com tanto sossego, e quietação, como quem das cousas do mundo vivia totalmente esquecido, representando em seu modo de vida outro São Paulo, [d] que vivendo na terra, sua conversação era no Ceo. Affirmava hum Religioso, que morou com elle, que todas as vezes que o buscava, o achava em a cella com a porta, e janella fechadas, posto a hum canto em contemplação: assim orava ao Eterno Padre, como aconselha o Euangelho. [e] Como era tão continuo na oração, muitas vezes se arrobava com subidos extases.

[d] Ad Phil. c. 3. n.

[e] Matth. c. 6. n.

5 Estando morador em o nosso Convento de S. Francisco de Lagos, Cidade no Reino do Algarve, enfermou de huma perigosa postema, de que o curava hum devoto Cirurgião, chamado Antonio Cordovil: visitava-o este muitas vezes, pela devoção que lhe tinha. Succedeo huma vez que vin-

vindo eſte Cirurgião curallo, abrindo a porta da cella, onde eſtava o enfermo, o vio com as mãos, e olhos erguidos ao Ceo, o roſtro cheio de formoſura, e reſplandor, o corpo levantado no ar, poſto em fórma de quem eſtá de joelhos. Eſteve aſſim ſuſpenſo por hum eſpaço no que via; e vendo que eſtava todo abſorto, ſem dar fé de nada, ſe ſahio fóra, deixando-o lograr aquellas dulciſſimas affluencias. Dalli a duas horas tornou outra vez ao Convento, e perguntando-lhe o enfermo como o não tinha viſitado mais cedo, reſpondeo o Cirurgião, que ſim viſitára, e víra muito bem como eſtava. Entendeo Fr. Affonſo o que tinha paſſado, pedio com muito encarecimento ao Cirurgião que não manifeſtaſſe o que tinha viſto, em quanto elle viveſſe, imitando aſſim a humildade do Filho de Deos, que deſcendo do monte encommendou [f] a ſeus Apoſtolos não deſcubriſſem antes de ſua morte que o tinhão viſto nelle transfigurado. Prometteo-lhe o Cirurgião de aſſim o fazer, e aſſim o cumprio; pois para dar eſte teſtemunho, inquirio primeiro ſe o ſervo de Deos era morto. Outras muitas vezes foi viſto em extaſe mental, porque depois que huma vez goſtou, e vio quão ſuave he o Senhor, como diz o Profeta [g] Rei, não ſe podia apartar daquelle nectar Divino, com que eſte Senhor ſuſtenta na contemplação a ſeus mimoſos. E aſſim teſtemunha aquelle Religioſo, que aſſima diſſemos, que ſempre o achava na cella recolhido, que as mais das vezes, que nella entrou, o achava abſorto, e totalmente alienado dos ſentidos.

[g] Pſalm. 33. verſ. 9.

6 Neſtas occupações, e ſantos exercicios de muita penitencia correo eſte Santo Religioſo por eſta vida mortal ſua carreira, atè que ultimamente foi morador para a noſſa Caſa de S. Franciſco de Chaves, aonde claro por virtudes, e cheio de grandes merecimentos, paſſou ao Senhor a receber o premio delles. Tanto que entrou em artigo de morte, a quem a ſua vida Angelica tirou as agonias, que outros ſentem neſta hora, continuamente repetia aquella oração de Completas: *Viſita, quæſumus Domine, habitationem iſtam.* Pedio ao Guardião com profunda humildade, que para ſua conſolação o mandaſſe tirar da cama, onde eſtava, e lançar na terra nua, onde como pobre acabaſſe, à imitação de noſſo Padre S. Franciſco, de quem lemos [h] o meſmo. Concedeo-ſe-lhe a petição, e apenas o puzerão em terra, repetida aquella

[h] Chron. Ord. 1. p. l. 2. c. 70.

la oração, que fica referida, foi gozar de ſeu Creador. Seu corpo foi ſepultado em o clauſtro defronte do Capitulo. Pouco depois da morte de Fr. Affonſo de Portalegre em Chaves paſſou tambem em Borba à melhor vida outro perfeito Religioſo chamado Fr. Baſilio do Redondo. Era elle leigo de profiſsão, por extremo tão humilde, que lhe chamavão os Frades de ſeu tempo raro exemplo de humildade. Igualmente ſe aſſinalou tambem em a propria mortificação, pois de tal ſorte trazia mortificados os ſentidos aſſim interiores, como exteriores, que de todo parecia eſtar morto ao mundo. Neſtas virtudes, tão principaes a hum Religioſo, perſeverou Fr. Baſilio por todo o decurſo de ſua vida, atè que foi tomar poſſe da eterna.

CAPITULO XLVIII.

Virtuoſa vida de Fr. Franciſco de Thomar.

1 FOi Fr. Franciſco de Thomar natural da Villa, que nos inculca ſeu proprio nome: não nos ficou noticia de quem foſſem ſeus pais; mas ſe pelo fruto ſe conhece a arvore, bem podemos preſumir ſerião bons Chriſtãos, e virtuoſos, pois tiverão hum filho tão Religioſo, e perfeito. Em o anno de 1550. tomou elle o habito de noſſo Padre S. Franciſco em eſta Provincia, no Convento antigo de Elvas, para Frade leigo. Com elle trouxerão os demonios toda a vida guerra deſcuberta, apparecendo-lhe viſivelmente em varias fórmas, e horriveis figuras, chegando algumas vezes a lhe porem as mãos, e darem tormentos. Tão de véras logo depois que tomou o habito, ſe começou a dar a Deos, e com tanto fervor a exercitar a virtude, que entre Varões perfeitos era jà o exemplar, ſendo noviço. Invejoſo o demonio de tanto aproveitamento, e tendo aquelles ſinaes por preſagio de ſua futura ſantidade, logo o começou a perſeguir, permittindo-o Deos noſſo Senhor, e dando-lhe licença para iſſo, como deo contra o Santo Job, para que aſſim ſe apuraſſe, e deſcubriſſe ao mundo ſua virtude.

2 O primeiro combate dos que ſabemos deo o inimigo a Fr. Franciſco, foi, que neſte meſmo anno do noviciado, ſendo elle deſpertador, e indo huma noite, depois de ter deſpertado os Frades a Matinas, buſcar à Capella luz para o Coro, ouvio que à porta da Igreja eſtavão batendo rijamente, e perguntando quem era o que ba-

batia, reſpondeo o demonio: *Se era elle o noviço de Thomar, que havia pouco tempo recebêra o habito.* E como o noviço diſſeſſe que elle era, tornou o demonio: *Pois ſabe, que eu ſou hum homem de tua terra, manda-me cà tua mãi dizer-te que lhe acudas a ſuas neceſſidades, que eſtá em grande trabalho, e afflicção; porque teu pai he morto, e ella ſe vê pobre viuva, e deſamparada. Morreo tambem tua tia fulana, a qual te deixou toda ſua fazenda, ſe ſahires da Religião: por onde na tua mão eſtá o remedio de tua mãi, ſe queres acudir-lhe, o que deves fazer como filho.* Com iſto lhe fingio tantas laſtimas, e diſſe tantas palavras, e razões, como elle ſabe pintar muito bem, que a qualquer peito, por duro que foſſe, abrandaria de compaixão, e faria deſiſtir ſeu bom propoſito a não ſer tão conſtante, como o de Fr. Franciſco. Conſiderando o ſervo de Deos hum pouco no que ouvia, alumeado deſte Senhor entendeo que o menſageiro era o demonio, e com grande fé, e eſpirito lhe diſſe: *Da parte de Deos todo poderoſo te mando enganador inimigo, que não te bulas dahi, e fiques prezo, atè o Guardião deſta Caſa te mandar o contrario.*

3 Dito iſto, ſe foi com a luz para o Coro, e aquelle, que com voz humana, e intelligivel tinha dado a embaixada, ſe tornou em hum feroz rafeiro, e ficou alli como prezo com fortes cadeas, dando repetidos, e temeroſos uivos. Começárão os Frades a rezar Matinas, e como o demonio não deſiſtiſſe de ladrar tão fortemente; que dava turbação aos Religioſos, que rezavão, o Guardião diſſe a Fr. Franciſco: *Ide, Irmão, là abaixo, e lançai dalli aquelle rafeiro.* Reſpondeo elle com huma ſanta ſimplicidade: *Irmão, não he rafeiro, mas he o demonio, que cuidou de me enganar, e agora eſtá alli prezo, e ſujeito a voſſo mandamento.* Não advertio bem o Guardião no que lhe diſſe o noviço, e aſſim tornou: *Seja o que for, lançai-o dalli fóra.* Então Fr. Franciſco ſe chegou da parte de dentro à porta da Igreja, e diſſe ao demonio, que o Guardião lhe dava licença, para que ſe foſſe dalli; o qual obedecendo ſe foi logo com grande eſtrondo, e alarido.

4 Suppoſto que o demonio não ſahio bem deſte primeiro encontro, não deſiſtio porèm de o combater, antes avivou mais a força, offerecendo pouco depois ſegundo combate, tanto mais perigoſo, que o paſſado, quanto mais de perto ſe chegou a elle. Andava eſte ſervo de Deos huma noite depois de

de sahir de Matinas, preparando na cozinha o que ao outro dia havia de dar aos Religiosos, quando sem elle saber como alli entrára, vio diante dos olhos huma donzella, que fingia entrar alli escondidamente, e o provocava com palavras brandas, e lascivas. Conheceo Fr. Francisco que era o demonio, e tratou-o com o desprezo, que elle merecia; o qual não podendo soffrer tanta virtude, vendo que varonilmente lhe resistia, andou com elle a braços para o lançar em o fogo. Durou a luta por algum espaço de tempo, atè que faltando as forças corporaes a Fr. Francisco, veio a cahir em terra junto do fogo, onde o demonio procurava lançallo. Assim esteve como morto privado dos sentidos atè pela manhã, que veio o Porteiro da Casa, que então era hum Fr. Antonio de Coimbra, o qual vendo ao servo de Deos naquelle estado, chamou outros alguns Frades, que tambem o vírão na mesma maneira. Levárão-o nos braços para a cella, e depois de tornar em si, foi constrangido a dizer todo o processo daquella tentação.

5 Estava dahi a alguns annos depois disto este Santo Religioso huma vez pelas dez horas da noite na Capella da Igreja em fervente oração ante o Santissimo Sacramento; e no mesmo tempo outro Frade estava tambem encommendando-se a Deos em a mesma Capella, quando vê este que pela corda da alampada baixava, e subia hum tão grande rato, e disforme, que logo parecia não ser cousa natural. Ficou o Religioso tão cheio de medo, que levantando-se donde estava, se foi correndo, e fugindo para o servo de Deos Fr. Francisco. Elle o animou, e confortou, e dalli atè que tocárão a Matinas estiverão ambos espiritualmente praticando, dizendo-lhe o santo Fr. Francisco, quão grandes erão as astucias do demonio, e que todas aquellas invenções, e traças buscava para divertir do serviço de Deos aos que nelle erão principiantes; portanto que convinha não fazer caso delle, e desprezallo. Nestas, e semelhantes praticas gastárão o tempo, atè que forão para Matinas; depois dellas acabadas, recolhendo-se Frei Francisco para a cella, achou nella o demonio, o qual lhe disse mui contente: *Agora te enganei eu Fr. Francisco, porque se te não pude inquietar na oração, fiz que outrem te inquietasse, e tirasse della.* Teve o demonio por grande victoria divertir a este santo Religioso da alta contemplação, em que estava, ainda que fosse para fazer huma

obra

obra tão boa, como era animar aquelle fraco, e temeroſo em o caminho da virtude, e esforçallo para as tentações do inimigo. Contenta-ſe o demonio com mui pouco, quando vê que não póde alcançar muito; porque como em o ſerviço de Deos qualquer deſcuido he falta grande, com qualquer, quando mais não póde, ſe dá por ſatisfeito. Bem moſtrou nas palavras, que diſſe ao ſervo de Deos Fr. Franciſco, o pouco que com elle podia, pois confeſſava não o poder divertir da oração, a que continuamente ſe dava: com eſta lhe quebrantava a elle os brios, e accreſcentava a ſi as forças. Vendo o inimigo o pouco, que aproveitava com ſeus enganos, e palavras, ajudava-ſe das obras, ora apparecendo-lhe em fórmas horriveis, e eſpantoſas, ora tratando-o mal de pancadas, o que o amigo de Deos ſoffria com grande paciencia, e animo invencivel.

6 Ouvindo hum Religioſo contar eſtas couſas, querendo por ſi meſmo tomar experiencia dellas, huma noite ſe lhe foi metter na cella eſcondidamente: e entendendo que quando elle ſe recolheſſe, ſe poria em oração, como tinha de coſtume, e não em a cama, ſe lançou nella ao longo da parede, por não ſer ſentido. Não ſe enganou em ſeu penſamento, porque aſſim foi; mas depreſſa ſe arrependeo da curioſidade, com que quiz tomar tal experiencia: porque às onze horas da noite ſentio entrar na cella, não hum tropel ſómente de demonios, ſenão que a ſeu parecer vinhão quantos havia no Inferno. Chegando eſtes à cama onde o dito Religioſo eſtava, o começárão a tratar de tal maneira com pancadas, e açoutes, que totalmente não ficára com vida, ſe Fr. Franciſco levantando-ſe do canto, onde eſtava orando, lhe não acudíra. Levou-o em os braços para a ſua cella eſmorecido, onde o confortou com efficazes, e eſpirituaes palavras, declarando-lhe como erão illusões dos demonios, com que pertendião inquietar os ſervos de Deos; e que não temeſſe, porque elle tambem em o principio os temêra muito, mas que confortado, e confiado em Deos, jà os eſtimava em pouco. Outros muitos caſos acontecêrão, pelos quaes ſe póde dizer por Fr. Franciſco, que a boa guerra faz a boa paz; porque havendo-ſe ſempre naquelles combates como valeroſo Soldado de Chriſto, com grandes moſtras, e fama de ſantidade acabou em paz ſua vida. Foi ſeu tranſito em o Convento de Lagos no ſobredito anno de 1564. e quatorze ſó de habito; porèm neſtes pou-

cos annos encheo o numeio de muitos tempos.

CAPITULO XLIX.

De outros dous Religiosos deste tempo.

Fr. Balthazar de Alcacere Sacerdote.

1 FOi o servo de Deos Fr. Balthezar de Alcacere natural da Villa deste nome. Antes que viesse à nossa Provincia da Piedade, viveo alguns annos na de Portugal, onde recebeo o habito, e de quem era filho. Feito nella Sacerdote, officio, que sempre exercitou muito devotamente, anhelando a mais perfeição, e desejando viver com o rigor, e recolhimento, que seu espirito lhe pedia, havida primeiro licença de seus superiores, se passou a esta nossa Provincia da Piedade. Nesta viveo perto de sincoenta annos com grande exemplo de virtude: nunca em sua vida, depois que viveo entre nós, bebeo vinho, nem ainda depois de muito velho; sua vida era hum perpetuo, e rigoroso jejum, com que macerava sua carne, e a sujeitava ao espirito. Todas as noites se disciplinava huma hora inteira com extraordinario rigor: nunca trouxe sandalias, ou chocolos, nem outra cousa alguma em os pés, andando em casa, ou fóra della, supposto que fizesse jornadas muito largas, e andasse caminhos mui compridos. Desta sorte foi trez, ou quatro vezes a Capitulo Geral com muita edificação dos que o vião tratar-se com tanto rigor naquella idade.

2 Era mui continuo em a oração mental, para a qual se levantava sempre duas horas antes que despertassem a Matinas; acabadas ellas, e a oração da Communidade, ficava ainda orando atè a madrugada. E o que mais he de maravilhar, que o custume de se levantar a este tempo nunca o perdeo, nem o deixou, assim estivesse em casa, ou caminhasse, por cançado que fosse, como testemunhárão seus companheiros: pelas estradas guardava o mesmo estylo de vida, que cà tinha no Convento. Em a oração tinha particular graça de lagrymas, com muitos suspiros, e soluços: nella foi muitas vezes achado por outros Religiosos em extase mental, ora na Igreja, ora na cella. Depois que tornava em si daquella doce suspensão de sentidos, como quem despertava de algum profundo somno, era tanta a devoção, e força de espirito, que sentia que não se podia ter sem rebentar em vozes, e gritos, com que acordava aos que de noite dormião. Não he possivel dizeremse os mimos, que orando recebeo do Ceo; para sabermos que

erão

erão mui repetidos, basta-nos saber hum testemunho, que àcerca disto deo hum seu discipulo. Morando este servo de Deos em o Convento do Bosque, hum seu discipulo, que tinha vindo para alli de novo, desejando de experimentar o que lhe dizião de seu Mestre, o espreitava muitas vezes; algumas destas lhe ouvio dizer naquelles actos, que tinha com Deos: *Senhor, para que me dais tanta consolação, que a não mereço?* Procurava o demonio com todas as suas forças divertillo deste santo exercicio, e fazello perder a união, em que andava com Deos.

3 Trinta annos continuos o importunou com hum pensamento torpe, sem que em todo este tempo pudesse vencer sua maravilhosa constancia, como elle mesmo confessou pela occasião seguinte. Foi o caso, que hum Religioso, tambem de approvada vida, companheiro, e particular amigo deste servo de Deos, conhecendo hum dia nelle manifestos finaes de nova, e desacostumada alegria, suspeitando daqui teria recebido algum favor singular do Ceo, pedio-lhe quizesse descubrir-lhe a causa della. Como verdadeiro humilde procurou Fr. Balthazar escusar-se da petição, que aquelle Religioso lhe fazia; mas foi tanta a instancia, e tão grande a porfia, que lhe não pode resistir. E assim pedido primeiro segredo, lhe veio a dizer (como elle depois affirmou com juramento) que havia trinta annos, que o demonio o molestava com huma importuna tentação da carne; e que pedindo elle sempre a Deos lhe désse graça, e forças para vencella, naquella hora lhe concedêra victoria perfeita S. Magestade Divina; e que por se ver livre de hum tão grande inimigo, estava tão alegre, e contente. Accrescentou mais, que em todo aquelle tempo de trinta annos, nunca sentíra escrupulo de peccado mortal, pela bondade do misericordioso Deos, senão hum trabalho continuo, que tinha em lhe resistir. Servio-lhe aquelle estimulo da carne, não para o vencer, ainda que o molestava, como a outro S. Paulo, mas para lhe accrescentar a graça, e merecimento.

4 Teve tambem Fr. Balthazar espirito de profecia, como deo testemunho o mesmo Religioso, que como seu intimo amigo, e Varão espiritual, sabia melhor suas cousas; porque estando hum dia ambos em colloquios santos, e vindo a fallar em outro Religioso, disse delle Fr. Balthazar, que não havia de estar muito tempo na Provincia, e que havia de aca-

bar cedo fóra della. Não havia atè àquelle tempo indicio, ou presumpção alguma de semelhante cousa, porèm depois o successo mostrou a verdade da profecia. Profetizou tambem muito antes de sua morte o dia assinalado, em que havia de ser; porque adoecendo no Convento de Val-verde hum mez antes da gloriosa Assumpção da Senhora; da qual era estremadamente devoto, disse logo que havia de morrer em o proprio dia desta festa. Vindo o Medico visitallo; (porque se não levavão a Evora, senão quando a enfermidade mostrava perigo, e havia de mister muitas vezes a presença do Medico) disse Fr. Balthazar, que se não cançassem com elle, que não queria, nem tinha necessidade de cura, porque nosso Senhor era servido de o levar para si em o sobredito dia da Senhora; e que esta mercê jà havia muito lhe era concedida. Quando veio a vespera da festa, elle estava tão bom, que parecia são, fallando com os Frades com grandes mostras de alegria, de modo, que a todos parecia que daquella vez não havia de morrer, e que não acabaria aquelle anno, se era certo que havia de ser em o tal dia da Senhora.

5 Assim esteve atè à primeira vez, que se tocou o sino para as Vesperas, tempo, em que lhe deo hum tão intenso frio, que lhe durou atè à meia noite. Vendo o Guardião que se começava a cumprir sua profecia como verdadeira, o acompanhou com os mais Religiosos; e mandando, quando tangêrão a Matinas, alguns delles, que fossem ao Coro, elle ficou com outros rezando-as junto do santo velho, e dizendo no fim dellas: *Fidelium animæ per misericordiam Dei requiescant in pace*; que quer dizer: *Pela misericordia de Deos descancem em paz as almas dos fieis*, tempo, em que no Coro começavão os Religiosos *Te Deum laudamus*, deo Fr. Balthazar a alma a Deos, passando desta vida com tanta quietação, como quem se deitava a dormir em repousado somno. Em que parece ordenou a Divina providencia, que ambas as Igrejas, Militante, e Triunfante, com cantico de louvores celebrassem a gloria deste santo Religioso, e o estado beatifico, a que morto o corpo, nascia espiritualmente sua bemdita alma. Foi sua morte revelada a hum sobrinho seu, Frade tambem desta Provincia, chamado Fr. João de Alcacere, o qual estando actualmente doente na enfermaria de Estremoz, donde ha oito leguas de distancia a Val-verde, vindo, acabadas

as

as Matinas, do Coro o Enfermeiro a viſitallo, e ver como eſtava, elle lhe diſſe: *Neſta hora faleceo meu tio em Val-verde.* Notando o Enfermeiro o tempo, em que aquillo lhe dizia, e depois fazendo diligencia, e inquirindo da hora, em que o ſervo de Deos Fr. Balthazar morrêra, achou-ſe ſer verdade o que Fr. João diſſera, que por via humana não era poſſivel ſaber-ſe. Morto finalmente o ſanto Religioſo Fr. Balthazar com grandes moſtras, e fama de ſantidade, foi ſepultado na clauſtra de Val-verde.

6 Pouco depois, e dentro do meſmo triennio de Fr. Jeronymo da Guarda, morreo tambem em o Convento do Boſque o meſmo Fr. João de Alcacere, ſobrinho do ſobredito Fr. Balthazar. Tomou elle neſta Provincia, quando mancebo, o habito para Sacerdote, officio, que exercitou com mamaravilhoſa pureza. Foi algumas vezes Prelado, e muitas Meſtre de noviços, porque na creação deſtes o occupavão ordinariamente os Prelados, pelo grande talento, e particular graça, que nelle vião para eſte miniſterio. Deſde que tomou o habito, frequentou com tanto fervor o ſanto exercicio da oração, como ſe fora jà comſummado na vida regular, e não noviço, e principiante. Tinha nellas grandes ſentimentos de Deos, e recebia muito a meudo conſolações Divinas. Neſta ſuave occupação eſtava eſte ſanto Religioſo em o noſſo primeiro Convento de Santo Antonio de Eſtremoz, quando teve revelação da morte de ſeu tio Fr. Balthazar pela maneira, que diſſemos.

7 Entre todas as feſtas do Senhor teve eſpecial devoção à de ſeu Sagrado Naſcimento: a conſideração deſte ſoberano myſterio o alienava totalmente dos ſentidos. Aconteceo-lhe huma vez em o Convento do Boſque junto a Borba, eſtando lendo a lição à ſegunda meza no dia deſta feſta, viſitallo Deos com tanta doçura de eſpirito, que não podendo ſoffrer a força deſte, ſahio correndo com eſtranha velocidade pela porta do Refeitorio, dando gritos. E como Cervo, que ſequioſo, e ferido vai buſcar a agua, aſſim eſte Religioſo não parou naquelle impeto, e impulſo, ſenão em a horta, onde cahio junto ao tanque della. Alli eſteve hum grande eſpaço privado dos ſentidos, como morto, atè que Deos foi ſervido de lhe acabar de fazer aquella mercê da viſitação Divina, com que tornou em ſi, e ſe recolheo para a cella. Neſtes mimos do Ceo, e exercicio da oração, e mais virtudes ſe conſer-

fervou Fr. João de Alcacere, atè que Deos noſſo Senhor deſte Convento do Boſque, onde lhe tinha communicado tantas conſolações, o levou à poſſe das que ſe logrão ſem receio de ſe perderem.

CAPITULO L.

Eleição do decimo-oitavo Miniſtro Provincial: memoria de dous Religioſos de aſſinalada virtude.

1566 1 LOuvavelmente governou Fr. Jeronymo da Guarda por todo ſeu triennio, no fim do qual fez juntar a Capitulo em a noſſa Caſa de Santo Antonio de Aveiro, onde pela feſta do Sagrado Naſcimento de Chriſto noſſo Redemptor do anno de 1566. ſahio eleito em Miniſtro Provincial decimo-oitavo o Irmão Fr. Alvaro de Olivença. Foi Varão dotado de muitas virtudes, em eſpecial de hum eſpirito grande, e zelo de reformação, de que moſtrava claros exemplos em ſi meſmo. Introduzio em a Provincia ſantiſſimos coſtumes em favor da vida Religioſa, aſſim no Capitulo, em que ſahio eleito, como no intermedio, que celebrou em Santo Antonio de Coimbra, pelos annos do Senhor 1568. em que preſidio Fr. Chriſtovão de Abrantes, que era então Commiſſario Geral neſte Reino. A maior parte deſtes ſe conſerva ainda hoje; erão todos concernentes à pobreza, ſilencio, e recolhimento dos Frades. A fim deſte mandava que nenhum Religioſo pudeſſe ir à Corte ſem eſpecial licença do Miniſtro *in ſcriptis*; encommendando a eſte a não déſſe, ſem preceder primeiro diligente exame do negocio, que obrigava a pedilla. Quando os Frades foſſem às ſuas terras por conſolação de ſeus pais, ou outra alguma occaſião, diſpunha, que havendo nellas Conventos noſſos, aſſiſtiſſem pouco em caſa dos pais, nem poderião comer nella, ſalvo hum ſó dia de licença do Prelado, vindo de longe. Os ornamentos, e mais couſas pertencentes ao culto Divino, que foſſem limpos, mas não cuſtoſos: prohibia para eſtes tudo o que foſſe ſeda, para que atè nos Altares reluziſſe a ſanta pobreza, que profeſſamos.

Fr. Alvaro de Olivença, Provincial 18.

2 Teve particular cuidado de que ſe obſervaſſe inviolavelmente, o que jà era Eſtatuto da Provincia, a ſaber, que ſe guardaſſe ſilencio perpetuo, de tal ſorte que nenhum Religioſo pudeſſe fallar, nem ainda com outro, ſem eſpecial licença do Guardião. Entre os Eſtatutos, que ſahírão em o ſeu Capitulo intermedio, dizia hum aſſim:

aſſim: „ Pois he coſtume ſanto
„ daProvincia não ſe fazer com-
„ mummente collação em os
„ dias de jejum, esforcem-ſe
„ a paſſar ſem ella, maiormen-
„ te os mancebos, e sãos, e
„ os velhos, e neceſſitados, ou
„ aquelles, que alguma vez ti-
„ verem particular neceſſidade:
„ tangida a primeira de Com-
„ pletas, acudão ao Refeito-
„ rio, e fação collação com ſi-
„ lencio, e fóra deſte tempo
„ não ſe dará collação ſem li-
„ cença do Guardião. „ Finalmente ficou tão bem aceito por ſeu grande zelo, que paſſados ſeis annos depois que acabou ſeu officio, o tornárão a eleger, como veremos a ſeu tempo.

3 Quando ainda eſtavão os Vogaes juntos em eſte Capitulo de Aveiro, onde ſahio eleito Fr. Alvaro de Olivença, acabou os dias de ſua peregrinação na meſma Caſa hum perfeito Religioſo daquelle tempo. Chamava-ſe na Religião Fr. Simão de Aveiro, por ſer natural deſta Villa, onde naſceo pelos annos do Senhor 1484. e no mundo Simão de Tavares, cabeça de morgado dos Tavares, [a] que tem ſeu ſolar no Conſelho deſte nome em a Comarca de Lamego, cujo Caſtello ſe vê hoje de todo arruinado. Era filho de Gonſalo de Tavares, e de Dona Catharina de Caſtro, e neto daquelle celebre Pedro de Tavares, que na Cidade de Evora embargou temerario a ElRei D. João II. (e não III. como diſſe o Padre Vaſconcellos) [b] receber o Sacramento da Euchariſtia, por lhe haver tirado com falſa informação as Alcaidarias móres da Villa de Portalegre, Aſſumar, e Alegrete, e pertenças Reaes, que havião poſſuido ſeus antepaſſados. A quem ElRei com animo tranquillo prometteo dar inteira ſatisfação antes de commungar, como depois ſe vio, dando-lhe em lugar daquellas o ſenhorio de Mira com ſua juriſdição, e os dizimos do peſcado da Villa de Aveiro, as quaes couſas logrou o dito Fr. Simão ſeu neto, em quanto não entrou Religioſo. Foi Eſtribeiro Mór do Cardeal D. Affonſo, filho de ElRei D. Manoel, e tendo perto de ſeſſenta annos de idade, e mais de doze mil cruzados de renda, deixou tudo por Chriſto, fazendo-ſe pobre voluntariamente.

4 Tomou o habito em o Convento de Aveiro pelos annos do Senhor de 1544. poucos mezes depois de viuvo de huma nobre Senhora, com quem eſteve caſado; que tão depreſſa como iſto, vendo-ſe deſimpedido, ſe reſolveo a deixar o mundo, para entre os precei-

tos,

[a] Luſ. 3. 6. E.

[b] Anaceph. 19.

tos, e rigores da Religião, esperar o golpe da morte, que a ninguem perdoa. Escolheo o estado de Frade leigo, porque o espirito, que levava o santo velho era tão afervorado, que não quiz ser do Coro, por mais que os parentes batalhárão. Não havia para elle consolação tão grande como ver-se mettido nos exercicios daquelle humilde estado: todas as cousas de humildade, ainda que fossem trabalhosas, e incompativeis com a idade tomava à sua conta: cavava na horta, e servia a Casa, não mostrando ser velho na perfeição, e diligencia, com que obrava tudo. De tal sorte se abraçou com os exercicios da Religião, como se de menino se tivera creado nella, e não em o seculo com tantos regalos. Debilitava seu avelhentado corpo com asperos jejuns, disciplinas, cilicios, e outras muitas penitencias, que tomava com tanto rigor, como se fora robusto mancebo. Entregava-se todo à oração, e contemplação, onde lembrado dos defeitos da mocidade, e vida passada regava as veneraveis cans de seu rostro com as copiosas enchentes de lagrymas, que continuamente corrião de seus olhos. Aproveitou tanto na Casa do Senhor, que parecia na Religião homem mais do Ceo, que da terra; mais Angelico que humano; com que vindo a ella ao pôr do Sol, como se viera ao romper da Aurora, se igualou na paga [c] aos primeiros jornaleiros. Só hum cuidado tinha, e era o do seu aproveitamento na virtude, que do demais estava tão desapegado, e esquecido, que para fallar com seus filhos, era necessario que os Prelados o obrigassem. Quando estes lhe tocavão em negocios temporaes àcerca de seu testamento, respondia, que os mortos não davão razão de nada, que Letrados havia no Reino, com quem se pudessem aconselhar. Tão morto como isto se considerava jà ao mundo.

5 Ordinariamente servio no officio de Porteiro em este Convento de Aveiro, onde sempre esteve, com muita satisfação dos Frades, e exemplo do povo. Finalmente conservando-se sempre naquella aspereza de vida, e primeiro fervor de espirito, tendo vivido na Provincia quasi vinte e trez annos, que lhe restárão, chegando aos oitenta e trez de idade, no de 1566. recebidos devotamente os Sacramentos, em o mesmo Convento de Aveiro poz Deos termo, e limite a suas penitencias, e mortificações. Foi sepultado na primeira sepultura, que està sahindo da Via-Sacra para a claustra à mão direita, on-

[c] Ma... c. 2...

onde depois ſeu filho Franciſco de Tavares, prezando-ſe mais da virtude de tão generoſo pai, que de ſeu nobre ſangue, lhe mandou pôr huma pedra junto à ſepultura, e nella com letras de ouro ſeu ditoſo nome; e aſſim eſtá hoje encaixada na parede, na qual ſe lê o ſeguinte: *Lembrança aqui poſta à petição de Franciſco de Tavares para ſeus deſcendentes, de como ſeu pai Simão de Tavares tomou o habito neſta Caſa depois de viuvo, e acabou religioſa, e virtuoſamente. Jaz aqui. Era de 1566.*

6 No anno ſeguinte de 1567. depois que em Aveiro paſſou ao Senhor Fr. Simão Tavares, fez o meſmo caminho do Convento de Eſtremoz outro Religioſo tambem leigo, chamado Fr. Diogo de Villa-Viçoſa, Varão de tanta virtude, e prudencia, que ElRei D. João III. o mandou à India ſobre negocios de muita importancia, e depois vindo della, o tornou a mandar a Africa. Fez elle tudo com a ſatiſfação, que pedia a muita confiança, que ElRei fazia delle; e concluido aquillo, em que o occupára, recolhendo-ſe à Provincia, paſſou o reſtante de ſua vida com muito rigor, e penitencia, como antes tinha feito. Foi mui dado à oração, e contemplação do Ceo, e nella paſſava muita parte da noite, porque tinha por exercicio infallivelmente levantar-ſe às dez horas da noite, e fazendo logo huma larga diſciplina atè às onze, dahi atè Matinas ſe punha em oração com os braços em Cruz, encoſtado à grade da Capella, onde por vezes foi achado em extaſe, tão abſorto em Deos, e tão enlevado na contemplação dos Divinos Myſterios, que carecia de todos os corporaes ſentidos: e o que mais he de maravilhar, que nem por eſtar privado dos ſentidos, deixava cahir os braços, antes perſeverava com elles na meſma fórma. Aſſim prevenido com eſte ſanto exercicio o achou a morte no ſobredito Convento.

7 Floreceo tambem por eſte tempo Fr. Rodrigo de Chaves, Frade leigo, de ſingular abſtinencia, [d] e devoção não vulgar. Era hum arquivo de virtudes, porque aſſim reſplandecia em todas ellas, e ſe exercitava em cada huma, como ſe na profiſsão promettêra ſer em todas com eminencia perfeito. Foi ſobre tudo por extremo humilde, fundamento ſobre que as mais aſſentão: daqui lhe procedia reſpeitar, e venerar tanto os Sacerdotes, que não ouſava abrir boca, e muito menos ſentar-ſe diante delles. Na oração era mui fervoroſo, empregava nella tempo

Fr. Rodrigo de Chaves leigo.

d Agiol. Luſ. Junho 10. liter. F. Cathalog. Sanctorum hujus Regni incerti Authoris.

consideravel, e nem por isso deixava de acudir com diligencia ao serviço da Communidade. No rigor da penitencia, com que macerava o corpo era continuo, applicado a todo o genero de aspereza, e da continuação das disciplinas, que tomava, andava sempre banhado em sangue. No fallar com seculares, e ainda com Religiosos andava mui apartado, e acautellado pela guarda, e observancia do silencio: na caridade para com os pobres, e necessitados mui pontual, e cuidadoso, grangeando-lhes a todo o tempo mimos, com que os regalar, e trazer contentes. Em resolução tão virtuoso, e santo, que o Duque D. Jaime na jornada, que emprendeo a Azamor o levou comsigo, entendendo que lhe não succederia à medida de seu dezejo, se lhe faltassem as orações deste servo de Deos, a quem depois attribuio o victorioso successo, que alcançou do Ceo nesta Africana Conquista. E com muito fundamento; porque se o Duque, como outro Josué, meneava a espada, Fr. Rodrigo, qual outro Moysés, [e] levantava ao Ceo os braços; e a experiencia tinha jà mostrado ser a oração a arma mais poderosa. Esta opinião, que delle tinha o estrenuo Duque, se confirmou depois que veio de là Fr. Rodrigo; porque achando o Reino apestado, se offereceo alegremente para curar dos feridos. Acompanhou-o Fr. Manoel de Aveiro; (de quem trataremos a seu tempo) e fazendo ambos, nesta tão gloriosa, como caritativa empreza, muitos serviços a nosso Senhor, hum curando as almas, mediante o Sacramento da Penitencia; outro dos corpos, mediante a saudavel medicina; Fr. Rodrigo rematou seus ditosos dias neste piedoso exercicio. Jaz sepultado em o claustro do nosso Convento de Azurára. Faz delle illustre memoria o Agiologio Lusitano.

[e] Exod. 17. num. 11.

CAPITULO LI.

Fundação do Convento de Santo Antonio do Porto.

1 NO Capitulo de Aveiro celebrado em o anno de 1566. em que sahio eleito Fr. Alvaro de Olivença, appareceo huma petição de Braz Pereira, natural do Porto, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Fidalgo da Casa de ElRei, em que elle, juntamente sua mulher Mecia da Paz, pedião aos Padres nelle congregados quizessem aceitar naquella Cidade hum Convento, que se obrigavão a dar-lho feito. Aceitárão os Padres a offerta, se bem que para dar principio à fun-

fundação do Convento, não entrárão Religioſos naquella Cidade, ſenão no fim do triennio de Fr. Alvaro de Olivença, ſem ſabermos a cauſa deſta dilação. Em o anno de 1569. pelos doze do mez de Agoſto, ſabemos eſtavão jà recolhidos em huma Hermida de Sant-Iago: porque neſte tempo fizerão os ſobreditos Fundadores doação de huma quinta ſua, para nella ſe edificar o Convento. Foi tudo de licença do Biſpo daquella Cidade, que então era D. Rodrigo Pinheiro, que conhecendo mui bem, como diſſe [a] hum ſeu ſucceſſor, a utilidade, e ſerviço de Deos, que ſe ſeguia de edificarmos no Porto, a deo de boa vontade. Começárão-ſe as obras logo no meſmo mez de Agoſto, que ſe acabárão brevemente, pela muita diligencia, com que as continuárão, vivendo em tanto os Religioſos Fundadores na ſobredita Hermida de Sant-Iago.

2 Derão por Orago do Convento a Santo Antonio: eſtá defronte da Cidade do Porto, da outra parte do rio Douro, hum pouco mais abaixo da Cidade, em ſitio medianamente levantado ſobre o rio, para aquella parte, que ſe mette no mar, e não muito longe delle, junto ao Lugar de Gaia, que com pouca corrupção conſerva a memoria do antigo Caſtello Calé, celebre pelo nome, que deo a eſte Reino, conforme a melhor opinião. Junto pois às ruinas deſte Caſtello eſtá edificado o noſſo Convento, em lugar ameno, e deleitoſo, aſſim pela vizinhança, e formoſa viſta do rio, pelo qual diſcorrem continuamente diverſas embarcações; como tambem por haver dentro da cerca copioſas, e perennes fontes de agua, das quaes huma vem por canos ſahir à clauſtra, donde ſe reparte, e vai regar a horta, e pomar, cheio de muitas arvores de diverſas frutas. Ha tambem outras plantas, como são murtas, carvalhos, e outras ſemelhantes, as quaes a falta, que commettem em não dar fruto, emendão, e recompensão, ora recreando aos encalmados com ſua freſca ſombra, ora alegrando os olhos com ſua aprazivel formoſura.

3 Tinha em ſi a quinta, de que Braz Pereira fez doação para nella ſe fundar o Convento, hum formoſo, e curioſo jardim, cujas curioſidades, por não convirem a noſſo modo: humas ſe deixárão deſtruir com o tempo; outras forão desfeitas, quando logo entrámos. Nem foi pouco de eſtimar a doação, que fez deſta ſua quinta, porque a tinha em grande preço. Deſte nobre Cavalleiro ſe póde dizer o que do famoſo Rei

[b] 2 Paralip. c. 19. n. 3.

Josafat diz a Escritura, [b] que se achárão nelle muitas boas obras, porque tirou os bosques, e jardins, que os Gentios costumavão fazer para nelles honrarem, e louvarem a seus idolos, dando-se nelles livremente ao vicio da sensualidade. O lugar, onde agora está o nosso Convento, chamava-se antigamente Val de Amores: foi-lhe posto este nome, porque era mui frequentado pelo fresco do arvoredo, e curioso do jardim, tomárão os ociosos motivo para offenderem a Deos neste trato, o que era occasião para o engrandecerem, e louvarem. Pela mesma causa era chamado dos zelosos Val de Inferno, atè que ultimamente trocou este nome, depois que nelle entrámos, em Val de Piedade, como agora se chama.

4 Com a doação, que fez aquelle Fidalgo, tirou a occasião a tantos males, e o lugar, que antes era totalmente profano, ficou sagrado, e Divino pelos Sacrificios, que nelle cada dia se celebrão. Desta esmola, que estes dous casados fizerão em darem o sitio, não quizerão outra satisfação, mais que huma sepultura na Capella Mór, onde ambos estão enterrados, renunciando todo o direito, que tinhão ao Padroado. A gente da Cidade, e lugares vizinhos acodem liberalmente com suas esmolas, bastantes a sustentarem dezoito atè vinte Religiosos, que ordinariamente neste Convento vivem. Hoje está ampliado com mais hum dormitorio, por ser escolhido para Casa Capitular da Provincia da Soledade, depois que se desmembrou da da Piedade. Ha nelle huma insigne Reliquia do Lenho da Santa Cruz, approvada pela experiencia de muitos milagres, a qual se guarda com muita veneração no Sacrario do Altar Mór, mettida em custodia de prata, com outras Reliquias de diversos Santos. Em todo o tempo, que esta Cidade se vio ferida de peste, experimentou em nossos Religiosos huma notavel caridade, que os levava a tratarem dos apestados; para cujo ministerio se offerecião tanto de vontade, que muitos ficavão grandemente desconsolados em lhes negarem os Prelados a licença, e preferirem a outros.

5 No anno de 1600. sahio Fr. Antonio de Figueiras, e Fr. Antonio de Aveiro, chamado o Cardoso, por differença de outros daquella terra; e depois de assistirem na cura algum tempo, Fr. Antonio de Aveiro foi ferido, e brevemente morreo: estava elle novamente eleito Guardião da mesma Casa de Santo Antonio do Porto, na Congregação, que o Provin-

vincial Fr. Jorge de Goa havia poucos dias tinha celebrado em Santo Antonio de Evora; mas o Senhor, que tinha já ordenado dar-lhe outra melhor Guardianía, o levou a gozar da Gloria, como ſe deve piamente crer, de quem rematou o exemplar de ſua vida com huma tão inſigne obra de caridade. Eſtá enterrado no lugar do Degredo, não muito longe do noſſo Convento, no alto da ladeira, que fica ſobre o rio. No anno ſeguinte de 1601. tornou a peſte a accender-ſe de novo com muito maior furia que a paſſada: para ſahir a ella ſe offereceo Fr. Manoel de Caſtello-Branco, e Fr. Manoel de Coimbra, o Calvo, o qual foi gravemente ferido, mas ſarando brevemente, perſeverárão ambos conſtantemente na Caſa da Saude, ſervindo, e adminiſtrando aos degradados mais de oito mezes, atè ſe acabar de todo aquelle trabalho.

CAPITULO LII.

Do decimo-nono Miniſtro Provincial, e vida exemplar de Fr. Marcos de Portalegre.

9 1 QUaſi quatro mezes antes de acabar ſeu triennio Frei Alvaro de Olivença convocou os Vogaes para eleição do novo Miniſtro em o Convento da Piedade de Villa-Viçoſa pelo mez de Setembro de 1569. Fez os gaſtos do Capitulo o Duque D. João primeiro do nome, e ſexto em numero na Sereniſſima Caſa de Bragança. Sahio eleito em Miniſtro Provincial decimo-nono Fr. Maſeu de Elvas. Foi Fr. Maſeu eſclarecido por virtudes, como prometFr. Maſeu de Elvas, Provincial 19.

tia a reſolução, com que no mundo deixou hum grande morgado, para ſervir a Deos na Religião em pobreza. Era mui humilde, e cheio de toda a caridade, e zelo da ſalvação das almas, por aproveitamento das quaes, não reparava em algum trabalho, eſpecialmente nas confiſsões, que a todo o tempo exercitava, e nellas tinha particular graça de mover a contrição os peccadores com ſuas devotas, e eſpirituaes palavras. Por eſta cauſa era buſcado de muitos, e ſuccedeo-lhe muitas vezes eſtar deſde pela manhã atè a noite no confeſſionario, ſem ter tomado refeição alguma. Para ſe exercitar em a humildade, e evitar a ocioſidade fazia os panos menores aos mais novos, e ainda depois de ter ſido Provincial. Foi aſpero, e rigoroſo para comſigo meſmo em jejuns, diſciplinas, e outras penitencias extraordinarias, do qual rigor não relaxou nenhuma couſa, ainda depois de velho,

lho, ou em tempo, que foi Miniſtro Provincial; porque o trabalho de correr tantas vezes huma Provincia tão grande a pé, não baſtou para lhe tirar o coſtume de ir ſempre a Matinas, por canſado que eſtiveſſe, e nas mais couſas ſeguir a Communidade.

2 Depois que acabou louvavelmente ſeu officio, ſe recolheo em o Convento de Thomar, onde acompanhado de muitas, e ſantas obras, o achou a morte. Em ſeu tempo ſe mudou a Caſa de Santo Antonio de Abrantes para o ſegundo ſitio, que cuidando ſe melhoraſſe, ſahio tanto, e mais enfermo que o primeiro. Fez eſte Miniſtro o ſeu Capitulo intermedio, em que preſidio, no Convento de Santo Antonio de Portalegre a vinte de Janeiro, dia de S. Sebaſtião de 1571. anticipou-o quaſi dous mezes, por reſpeito de ſe achar no Capitulo Geral, que ſe havia de celebrar em Roma pela feſta de Pentecoſtes do meſmo anno. Partio para eſte, tanto que ſe expedio daquelle; embarcou em Cartagena em huma náo Genoveza, onde hião quaſi todos os Vogaes de Heſpanha, e com elles o Commiſſario Geral deſta Familia. Tiverão neſta jornada o vento tão contrario, que de Cartagena atè o Porto de Pumblin junto a Toſcana gaſtárão hum mez, em que padecêrão muitos trabalhos; porque dando hum mal contagioſo em oitocentos Soldados, que na náo hião de Caſtella para o preſidio de Napoles, chegou tambem eſte aos Frades, e de quarenta que hião morrêrão [a] dezoito. Entre eſtes entrou o companheiro do noſſo Provincial, que era Fr. Antonio de S. Fructuoſo, e o do Cuſtodio, chamado Fr. Gonçalo de Amarante, e foi couſa de notar, que adoecendo os mais dos Frades daquelle contagio em o mar, nenhum morreo nelle, ſendo que a maior parte dos oitocentos Soldados tiverão alli ſua ſepultura: guardando Deos aos Frades para ſerem ſepultados em hum Convento da Ordem de Padres Conventuaes, que ha em Pumblin, onde os mais delles morrêrão. Chegou o noſſo Provincial, e Cuſtodio a Roma, ſuppoſto que muito enfermo, porque tambem experimentou o damno daquelle contagio: no Capitulo, que ſe celebrou em *Ara-Cæli* a vinte e ſinco de Maio, ſahio eleito em Miniſtro Geral de toda a Ordem o Padre Fr. Chriſtovão de *Capite fontium*, Cuſtodio que então era da Provincia de Bretanha em França.

3 Neſte Capitulo Geral ſe leo hum Breve [b] do Summo Pontifice, que então era o Santo

Pio

[a] Mo

[b] Daç l. 3.

Pio V. em que mandava Sua Santidade que o Miniſtro Geral duraſſe oito annos em ſeu officio, e o Commiſſario Geral, e Provinciaes quatro. Ordenou-ſe tambem pela Ordem, que não houveſſe Capitulos intermedios nas Provincias, ſenão Congregações, as quaes tiveſſem a meſma força; e que em cada Provincia houveſſe ao menos trez Conventos, onde ſe leſſe Grammatica, Artes, e Theologia. Não ſabemos ſe o noſſo Provincial alcançou revocatoria deſta ordenação; porèm ſabemos que na noſſa Provincia não teve effeito, pois ſe foi conſervando no ſeu antigo coſtume de não ter eſtudos, ſem que a ſujeitaſſem a outra Provincia, como a ordenação diſpunha. Recolheo-ſe o Provincial Fr. Maſeu para a Provincia, e entendeo no governo della; o qual alèm dos quatro annos, paſſou ainda quatro mezes, por tardança do Commiſſario Viſitador. Ao ſeu tempo pertence a memoria de Fr Marcos de Portalegre, irmão de outro grande ſervo de Deos.

4 Notou Santo [c] Ambroſio, fallando do Precurſor de Chriſto, e de ſeus Progenitores, que illuſtrava Deos com Santos a algumas Familias, parecendo como nativo em os ſujeitos dellas, o ſerem virtuoſos; como ſe a virtude, e propensão a ella ſe communicára com o ſangue. Diſto vimos muitos exemplos, e o temos agora em o grande ſervo de Deos Fr. Marcos de Portalegre, irmão de Fr. Affonſo, outro grande Religioſo, de quem jà tratámos. Foi elle Frade leigo, ſimples, e ſem letras humanas; mas tão illuſtrado, e ſcientifico nas couſas Divinas, que foi tido por hum dos maiores contemplativos [d] de ſeu tempo. Toda ſua vida foi hum rigoroſo acto de penitencia, porque continuamente trazia hum aſpero cilicio junto à carne de palmo e meio de largo, rigor, com que nunca diſpenſou, ainda que eſtiveſſe gravemente enfermo; tanto aſſim, que quando o quizerão amortalhar, lho achárão poſto. Só nas Quareſmas, e Adventos o tirava, mas era para em lugar delle veſtir huma jaqueta muito mais aſpera; a que aggregava aſperos jejuns, alèm dos da Communidade, frequentes diſciplinas, e outras ſeveras penitencias, que tomava tão rigoroſamente por ſuas mãos, que parecia que ſe tinha odio a ſi meſmo. A oração era o ſeu ſuſtento: nella foi muitas vezes achado de ſorte extatico ante o tabernaculo do Santiſſimo Sacramento, que levado em braços dos Religioſos à cella, nenhum acordo dava de ſi. Neſte ſoberano exercicio recebeo
mui

d Fr. Artur Março 27. Gonzag. 3. part. pag. 943. Barroſo l. 3. c. 50. Wadd. ad ann. 150. Purificação na Chronic. Monaſt. Luſ. l. 2. cap. 6. Cunha, Hiſtor. de Braga 2. p. c. 73. n. 8. Agiol. Luſ. Maio 7. liter. F.

mui ſingulares favores de noſſo Serafico Padre ; que como ſe tivera por alivio tratar, e converſar com eſte ſeu filho, o viſitava muitas vezes.

5 Morando eſte ſervo de Deos em o Convento de Santo Antonio de Aveiro, como tiveſſe a occupação, e officio de Porteiro, pensões, que lhe levavão algum tempo, que elle quizera gaſtar na oração, porque ſe não dava por contente, ſe nella o não empregava todo, vivia por eſta cauſa algum tanto deſconſolado. Com eſta pena entrou huma vez na Capella da Igreja, e derramando muitas lagrymas diante de huma Imagem de noſſo Padre, que no Altar eſtava, lhe fallou, dizendo : [e] *Ut jumentum factus ſum apud te* ; alludindo ao trabalho corporal, que lhe não deixava para a oração todo o tempo, que elle queria. Reſpondeo-lhe o Serafico Padre, continuando o verſo do meſmo Pſalmo : *Et ego ſemper tecum* ; dando-lhe niſto a entender, que tanto, como orando, lhe agradava fazendo o officio, que lhe tinha dado a obediencia. Outra vez em Braga no Convento de S. Fructuoſo, orando ante huma Imagem mui devota, que alli ha do meſmo Serafico Padre, deſceo ella do Altar, e chegando aonde eſtava Fr Marcos, lhe fez huma profunda inclinação, depois da qual ſe tornou a ſeu lugar. Eſtes, e outros muitos favores recebeo de Deos na oração, e de noſſo Serafico Padre S. Franciſco ; o que ouvindo contar hum Religioſo, morador com elle no Convento de Aveiro, chamado Fr. Belchior da Peſqueira, que então era Meſtre de noviços, Varão mui eſpiritual, e devoto, deſejando certificar-ſe dos mimos, que de Deos recebia Fr. Marcos, ou para ſer teſtemunha delles, o eſpreitava nos lugares, onde fazia oração.

[e] Pſalm. 72. verſ. 23.

6 Huma vez no alto ſilencio da noite, orando elle na Capella, lhe appareceo o meſmo Santo Patriarca ; e julgando-ſe o eximio amador da humildade por indigno deſte ſoberano favor, exclamou em vozes altas, dizendo : *Non mihi peccatori, non mihi, Pater Sanctiſſime.* Fr. Belchior, que o eſpreitava do Coro, ouvindo os brados, ſem que ſoubeſſe a cauſa, ficou tão atemorizado, que foi logo correndo chamar o Guardião, dizendo que foſſem acudir a Fr. Marcos, que eſtava gritando na Capella. Indo ambos ver o que era, achárão ao ſervo de Deos tranſportado no Ceo, logrando jà no eſtado de viador huma ſombra daquella dita, que logrão no Ceo os comprehenſores. Dalli o levárão à cella nos braços, e depois de tor-

tornar em si, mandou-lhe o Guardião que dissesse o que lhe tinha acontecido; elle obedecendo, e rogando aos dous, tomando-lhes juntamente a fé, e palavra, que o não descubririão, em quanto elle vivesse, disse que lhe apparecêra nosso Padre S. Francisco, e lhe fallára, consolando-o com muito doces, e amorosas palavras, despedindo das Sagradas Chagas maravilhosos resplandores; e que elle, assim por se ter por indigno de tão grande mercê, como por não poder supportar o gozo, que na alma sentíra, rompêra naquelles brados.

7 Era devotissimo da festa da gloriosa Ascensão de Christo Senhor nosso ao Ceo: muitos annos antes de morrer disse a alguns Frades, que no dia desta festa havia de ser sua morte. Tinha por costume trazer na boca, e repetir frequentemente aquella Antifona, que no Officio de Noa se canta, do ponto, e hora, que o Senhor subio ao Ceo: *Videntibus illis elevatus est, & nubes suscepit eum in Cœlo.* Perguntado porque razão repetia tantas vezes aquella Antifona, respondeo, que a causa era, porque havia de morrer, cantando-se ella no Coro. Teve-se por certo, que lhe havia sido revelado, porque assim se cumprio; pois no dito dia da Ascensão do Senhor, na hora de Noa, no mesmo tempo, que se cantava no Coro aquella Antifona, Fr. Marcos deo a alma a Deos na enfermaria, e se foi achar presente às festas, que naquelle proprio tempo celebravão na Gloria os bemaventurados em memoria do triunfo de seu Redemptor. Achou-se presente a seu transito D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora, o qual vendo a santidade, que Deos depositára neste humilde sujeito, não cessava de dar-lhe as graças: e assim levou comsigo parte de suas pobres sandalias, para as conservar por reliquias. Foi a morte deste servo de Deos em a Piedade de Villa-Viçosa, no segundo Convento, pelos annos do Senhor 1570. no sobredito dia, e hora da Ascensão.

CAPITULO LIII.

Do Convento de nossa Senhora da Caridade do Sardoal.

1 NO tempo, que a primeira, e mais antiga Casa de Santo Antonio de Abrantes estava na ribeira de Abrançalha, quasi meia legua do povo, ficava em igual distancia, pouco mais, ou menos, da Villa do Sardoal, que fica para a outra parte, por ser huma legua de huma a outra

Villa. Por esta causa participava tambem o Sardoal da communicação dos Frades daquelle Convento, ajudando-se delles nas prégações, confissões, e mais soccorros espirituaes. Mas como o Convento fosse mudado do lugar da Abrançalha para junto da Villa de Abrantes, sentindo os moradores do Sardoal a falta dos bens espirituaes, que padecião com aquella mudança, por lhe ficarem mais longe, e fóra de mão os Religiosos, pedírão-lhes quizessem aceitar outro Convento naquella sua Villa: offerecendo-se a fazello. Não foi isto facil de alcançar, porque como ficavão as Villas tão perto huma da outra, que só distavão huma legua, tinhão nossos Frades por grande inconveniente multiplicarem-se tanto as Casas, que viessem a ficar tão vizinhas. Mas finalmente aceitárão o offerecimento, não podendo mais resistir aos rogos, e importunações, com que o procurava aquelle devoto povo.

2 Para o Convento se fazer, deo logo a Villa huma Hermida de muita devoção, e celebre romagem, chamada nossa Senhora da Caridade, donde o Convento tomou o appellido, que hoje tem. Está mui perto da Villa, porque alèm de não haver em muita distancia della outro lugar tão accommodado, tinha jà a experiencia ensinado a nossos Frades os inconvenientes, que trazião comsigo os nossos Conventos fundados em desertos. Fica em sitio alto, sádio, e descuberto a todos os ventos, com boa vista para o Rio Tejo, e outras partes, ainda que secco, e falto de agua, porque a que se bebe vem de fóra, e se traz de longe: para o serviço da Casa se ajudão os Frades de huma cisterna, ultimo remedio em outras semelhantes. Ha com tudo hum pomar de diversas frutas, que não tem inveja aos que se regão com copiosas aguas. No fundo da cerca, que desce por hum recosto abaixo grande espaço, por chegar aonde alcance hum pequeno poço, que o mais do tempo não corre, se faz a horta, que se rega com agua, que com grande trabalho delle se tira à bomba, para a hortaliça necessaria.

3 No anno do Senhor 1571. sendo Ministro Provincial Fr. Maseu de Elvas, se começou a fabrica junto à dita Hermida, que nos fica servindo de bastante Igreja. Toda a gente do povo, conforme a possibilidade de cada hum, acudia liberalmente com suas esmolas para as obras. E como naquelle tempo residisse naquella Villa, onde se veio aposentar, D. Duarte de Almeida, filho de Dom

Lo-

Lopo de Almeida, terceiro Conde que foi de Abrantes, devotissimo de nossos Frades; não sómente contribuio no principio com grossas esmolas, mas tambem proseguio em as dar com grande liberalidade atè o fim da obra, tomando à sua conta vella posta em sua perfeição. Com a mesma vontade, e largueza soccorreo sempre, em quanto viveo, todas as necessidade, que sentio nos Religiosos alli moradores; dando-lhes o que não podião haver facilmente mendigando. Tratava-os como a irmãos, amava-os como a filhos, e respeitava-os como a Anjos, estimando em muito sua espiritual conversação, de que frequentemente se costumava aproveitar para saude de sua alma. Este amor, e devoção grande, que lhes tinha, foi causa de que tendo em pouco os antigos sepulcros de seus illustres pais, e avós, escolhesse ser sepultado entre os Frades seus irmãos: está sua sepultura em a Capella Mór [a] deste Convento, junto aos degráos do Altar Mór. O Padroado he da Igreja Romana, como todos os mais, que são edificados de diversas esmolas dos povos, sem particular Padroeiro, que reserve o tal direito para si.

4 Aqui obrou Deos nosso Senhor por merecimentos de sua Santissima Mãi hum notavel milagre; e digo que por merecimentos da Senhora, porque desta sua Casa sahírão os Religiosos a pedir esmola, quando aconteceo. Foi o caso desta maneira. Meia legua do Sardoal fica hum lugar, que chamão Velhascos, onde os Religiosos deste Convento hião de quinze em quinze dias pedir esmola de alforje. Em huma occasião chegando a pedir à porta de hum nosso irmão, devoto particular dos Frades, chamado João Gonsalves, mandou elle à mulher, que désse a esmola, que costumava dar todas as segundas feiras, que era o dia, em que pedião. Ella, por ser pouco devota, e por não ter pão para a semana; porque supposto que no sabbado precedente tinha amassado, havia tido tantos hospedes ao Domingo, que lhe não ficárão mais que dez pães de toda a amassadura, se escusava de dar-lha; com tudo o marido, sem respeitar as razões, que a mulher allegava para não dar a esmola, mandou que logo se lhes dessem seis pães, que tinha de costume. Não pode ella deixar de o fazer; e supposto que com pouca vontade, fez a esmola, ficando só com quatro pães em casa; porèm Deos, que estima sempre o que com seus pobres se despende, mostrando seu poder, foi servido

do que não faltaſſe o pão naquella caſa por toda a ſemana inteira, em que coſtumava durar a amaſſadura; e havendo naquella familia oito peſſoas, todas comêrão dos quatro pães os ſeis dias ſeguintes com muita abundancia; e deſtes ſe achárão ainda ao ſabbado dous inteiros: porque todas as vezes que a indevota mulher hia buſcar pão à arca, achava o que lhe era neceſſario para aquelle dia: de que ficou tão maravilhada, que mudando a condição, e conhecendo que não perde nada com Deos, quem por ſeu amor reparte com os pobres, foi devotiſſima dalli por diante, agazalhando mui eſpecialmente a noſſos Religioſos, e fazendo outras caridades a diverſas peſſoas. Deſte milagre derão o marido, e mulher ſeu teſtemunho.

CAPITULO LIV.

Da Caſa de Santo Antonio de Penamacor, e caſos notaveis nella acontecidos.

1571 1 HE Penamacor huma Villa nobre do Biſpado da Guarda, à viſta da Serra da Eſtrella, jà fóra da Beira, por aquella parte, que ſe chama o Campo. Eſtá ſituada no alto de huma pequena ſerra, cuja ſerventia por algumas partes he penoſa. Junto a eſta Villa para a parte do Poente fica eſte noſſo Convento em ſitio ſadio, alegre, e boa viſta, por ſe deſcubrir dalli muita terra. Porèm ha em toda ella tão pouca freſcura, que ſe não he a de algumas vinhas no tempo, que tem folhas, não ha outra verdura, em que pôr os olhos, ſalvo moutas de carvalho, e hervas do campo. Por eſta cauſa he aquella terra abundante de paſtos, bem neceſſarios para os muitos gados, que nella ha. He terra de muito pão, por ſer o trato da gente todo em lavouras: abundante de toda a caça, em que a gente daquella terra faz ſeu emprego, occupando-ſe em diverſas montarias. He muito falta de aguas, e as poucas, que tem, são fóra todas; e ſuppoſto que na noſſa cerca ha duas fontes, he tão pouca a agua, que corre dellas, que eſcaçamente baſta a regar alguma pouca hortaliça, que ſe põe na horta. Usão aqui os Frades de huma ciſterna para o ſerviço da Caſa, aſilo, a que ſe acolhem em em ſitios tão ſeccos como eſte.

2 No anno de 1571. ſabendo os deſta Villa que os noſſos Religioſos celebravão Capitulo em Portalegre, que era o intermedio de Frei Maſeu, mandárão a elle hum homem dos principaes entre elles, chama-

mado Gaſpar de Elvas, com carta para os Vogaes, em que lhes pedião quizeſſem aceitar naquella ſua terra hum Convento, que ſe obrigavão a edificallo. Jà alguns annos antes tinha pedido por vezes o Biſpo da Guarda, que então era D. João de Portugal, quizeſſemos ir para aquella terra; de que os Provinciaes ſe eſcuſavão, por ſer demaziadamente aſpera, e apartada do commum trato dos mais Conventos da Provincia. Do meſmo parecer eſtava ainda o Provincial Fr. Maſeu com o Definitorio, quando chegou a Portalegre a carta, que enviavão os de Penamacor; mas moverão tanto aos Vogaes as neceſſidades, que repreſentavão de terem alli hum Convento, que todos derão ſeu voto que ſe aceitaſſe. E na verdade que foi obra eſpecial de Deos; porque ſendo a terra grande, a gente muita, e pouca a frequencia de Miſſas, Officios Divinos, Prégações, e Sacramentos, por ſerem poucas as Igrejas, e Sacerdotes, nem haver dahi a muitas leguas Convento algum de Religioſos, padecião os moradores grande eſterilidade da palavra de Deos, e mantimento da alma. E aſſim havia peſſoas, que quanto mais gaſtavão o diſcurſo de ſua vida occupadas em o lavor, e exercicio dos campos, de que tiravão remedio temporal para os corpos, tanto maior neceſſidade tinhão de huma agricultura eſpiritual, que fizeſſe produzir em ſuas almas fruto de boas obras.

3 Por onde palpavelmente ſe conheceo, e ſe vê agora o grande ſerviço, que a Deos tem feito, e fazem naquella terra os Religioſos, e de quanto proveito eſpiritual são a todas aquellas gentes; pois ſendo aquelle povo, antes que alli tiveſſemos Caſa, hum como retrato dos da gentilidade, que aſſim lhe chamou o menſageiro, que, como jà diſſemos, enviárão os de Penamacor ao Capitulo, que celebravão noſſos Frades em Portalegre, jà hoje parece hum dos eſcolhidos de Deos pela frequencia dos Sacramentos. Forão tambem grande parte, para que ſe aceitaſſe eſte Convento os rogos do ſobredito Biſpo da Guarda D. João de Portugal, que ſabendo a reſolução, que os de Penamacor tomavão de mandarem a Portalegre, accreſcentou mais as inſtancias, que havia jà annos fazia, para que tiveſſemos Caſa naquella terra. Dentro nella havia huma Hermida de Santo Antonio, a quem o Biſpo tirou o nome, mandando que dalli em diante ſe chamaſſe S. João, e que Santo Antonio com o titulo da Caſa ſe paſſaſſe ao noſſo Convento.

4 E ſuppoſto que no principio D. Simão de Menezes, Fidalgo principal, e Commendador da Igreja de Sant-Iago da meſma Villa, foi mui contrario a edificar-ſe o Convento, tendo por opinião ſer mais acertado levar àquella terra Frades de outra Ordem, ou Provincia, que acompanhaſſem os defuntos à ſepultura, e lhe cantaſſem os Officios, Miſſas, e fizeſſem outras couſas, que nós não fazemos, com tudo não tardando muito, que o Senhor o viſitou com huma grave enfermidade, e outros trabalhos temporaes, que lhe vierão pela contradição, que a noſſos Frades fazia, cahindo na conta, veio a ſer tão devoto delles, que pedio o Capitulo do Convento para ſua ſepultura, e nella eſtá enterrado, por ſer então mudada a Capella Mór da Igreja a Eſtevão Tavares, nobre Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e ſua mulher D. Maria de Mendoça, moradores na Villa do Sabugal, que a mandárão fazer [a] à ſua cuſta. Todas as mais obras forão feitas pela Camera da Villa, dando para iſſo licença ElRei D. Sebaſtião, ajudando tambem o povo com ſuas eſmolas. De maneira que aperfeiçoando-ſe com ellas tudo, ficou a Caſa em conveniente proporção, de paredes fortes, e tudo conforme a ſanta pobreza.

[a] Gonz. 3.p. pag. 946.

5 Na fabrica deſte Convento obrou Deos noſſo Senhor por merecimentos de Santo Antonio hum notavel milagre, com que ſe accreſcentou grandemente a devoção da gente daquelle povo. E foi, que andando hum homem chamado Diogo Rodrigues trabalhando em huma canteira, e querendo com outros tombar huma grande pedra das que ſe tiravão para a Caſa, a pedra lhe cahiò por deſaſtre ſobre as mãos; e eſtando debaixo outra pedra, entre as duas ſe lhe fizerão ambas como huma paſta, todas pizadas, e moidos os oſſos dellas. O attribulado homem, cheio de grandes dores, não ceſſando de chamar devotamente por Santo Antonio, em cujo ſerviço alcançára aquelle trabalho, ſe foi para caſa, onde ſua mulher lhe poz humas ortigas pizadas, atè haverem outro remedio. Mas elle, que o principal eſperava do Bemaventurado Santo Antonio, e com inſtancia lho pedia, deitando-ſe na cama, adormeceo, e pela manhã ſem ſaber como, nem de que maneira, achou que tinha as mãos tão perfeitamente ſans, como ſe nunca tivera nellas couſa alguma. Vendo tão notorio, e manifeſto milagre, em que Deos moſtrou, quão aceita, e de ſeu ſerviço era a obra, que ſe fazia, não ceſſava de

de lhe dar as graças, e a ſeu Santo; e divulgando-ſe por toda a Villa aquelle beneficio, veio à noticia de todos.

6 Hum eſtranho caſo refere hum Memorial antigo deſta Provincia, que ſuppoſto não diz o tempo, nem lugar, em que ſuccedeo, conforme algumas conjecturas (porque não eſcrevamos por certo o duvidoſo) foi em eſta Villa de Penamacor, e aſſim o eſcreveremos aqui, onde fallamos do Convento, que nella temos. Houve neſta Provincia hum Religioſo chamado Fr. Marcos do Baſto, de ſanta vida, e ſimplicidade columbina, e na verdade homem de Deos, em que Adão parece não havia peccado. Eſte ſeguio muitos annos o Confeſſionario, morando em diverſas partes deſte Reino, onde temos Convento. Sendo jà velho, e parecendo-lhe que podia cedo morrer, quiz, aſſim por honra, e louvor de noſſo Padre S. Franciſco, como tambem por lhe parecer que em certo modo eſtava obrigado, deixar eſcrito de ſua letra, firmando-ſe ao pé, hum caſo notavel, que em a confiſsão tinha ouvido. Declara elle logo, que para o publicar pedíra licença à penitente, que ella deo de boa vontade: e paſſou tudo neſta fórma.

7 „ Houve, diz elle, em
„ certa Villa, ou Lugar deſte
„ Reino huma mulher nobre
„ por geração, ſuppoſto que
„ vil, e baixa nos coſtumes.
„ Eſta, ſendo menina, começou
„ a ſeguir deſenfreadamente o
„ appetite de ſua má inclina-
„ ção; e largando as redeas à
„ ſenſualidade, não tinha ou-
„ tro goſto maior que offender
„ a Deos. Não ſe depravou nun-
„ ca em o exterior, porque o
„ pejo, que tinha por ſer no-
„ bre, lho impedia, e refrea-
„ va; porèm occultamente, e
„ na vontade, era como aquel-
„ la mulher, que refere S. João
„ no Apocalypſe; não havia
„ homem, que lhe não pareceſ-
„ ſe bem, ainda que foſſem de
„ differentes eſtados, e aſſim
„ deſejava peccar com quantos
„ via. Trazia-lhe o demonio
„ muitos penſamentos torpes,
„ e em todos conſentia facil-
„ mente. Chegou a eſtado de
„ tanta miſeria, que deſprezan-
„ do a Deos, a Virgem, e a
„ ſeus Santos, não fazia caſo
„ dos Sacramentos; e ſe ſe con-
„ feſſava, ouvia Miſſa, e re-
„ cebia o Senhor, era por con-
„ temporizar com as gentes,
„ porque no interior de tudo
„ zombava. Ajuntou a eſta
„ deſventura outra não peque-
„ na, e foi entregar-ſe aos de-
„ monios, os quaes tomárão
„ tanta poſſe della, que a tra-
„ tavão, e communicavão co-
„ mo

,, mo sua : entravão nella em ,, figura de porcos pelas partes inferiores, sahindo-lhe pela boca na mesma figura, deixando a pobre mulher tão atormentada, que quasi não ,, ficava em si. As mais das noites a açoutavão cruelmente, ,, tanto que parecia ficar morta; e supposto que era jà casada em este tempo, e o marido ouvia estas cousas, pela continuação jà lhe não fazião algum abalo. Quando de noite estava dormindo, ,, davão-lhe os demonios a comer cobras: e dizia a miseravel mulher, que acordada achava na boca o sabor dellas. Quando de noite lhe apparecião, via humas sombras, ,, e o que mais distintamente se lhe mostrava, erão humas mãos com mangas largas, e ,, negras, e nellas huns gadanhos de ferro, a modo de fatexas. ,,

8 ,, Neste trato, e communicação chegou a estado, ,, que lhe sahia fumo pelos narizes: na boca trazia sempre ,, hum sabor, como de solas de ,, çapatos queimados, e dos olhos lhe cahião humas lagrymas, que escaldavão, como ,, se forão agua mui quente. ,, Com tudo isto vivia a pobre ,, mulher mui descançada, porque nem temia os demonios, ,, nem se lhe dava de cousa alguma de quantas lhe fazião; ,, atè que huma noite, estando ,, deitada, vio (sem saber como alli viera) junto da cama hum poço de agua mui ,, profundo, e junto delle huma mulher morta sem tripas, ,, nem as mais cousas interiores: disserão-lhe os demonios, ,, que se deitasse naquelle poço, e se afogasse nelle, que ,, logo lhe farião o mesmo, que ,, àquella mulher tinhão feito; ,, a qual por se ter dado aos ,, demonios, estando sentada a ,, huma janella na Villa do Sabugal, elles a levárão logo ,, ao rio Coa, que por alli passa, onde se afogou, e chegou ao estado, em que a via. ,, E isto (diz o Religioso, que ,, escreveo esta historia) foi assim; porque indo eu àquella terra, vi a janella, onde ,, a mulher estava, quando desappareceo, achando-se depois morta no rio. A pobre ,, da mulher, vendo estas cousas, julgando dellas não serem fantasticas, mas verdadeiras, pareceo-lhe que jà os ,, demonios davão com ella no ,, Inferno; e foi tão grande o ,, temor, que de tudo concebeo, ,, que lançando mão a huma ,, Imagem de nosso Padre São ,, Francisco, que junto à cama ,, tinha, se abraçou com ella, ,, dizendo: Glorioso S. Francisco, valei-me; e supposto que

,, eu

,, eu seja tão grande peccado-
,, ra, e vos tenha perdido o res-
,, peito tantas vezes, tenho por
,, certo que ninguem chamou
,, por vós em suas necessidades,
,, que vós lhe não acudisses: eu
,, vos prometto de haver em
,, mim de hoje em diante emen-
,, da, e de ser vossa especial
,, devota. Caso estranho! A-
,, penas acabou a afflicta mu-
,, lher de pronunciar estas pa-
,, lavras, quando o poço, a mu-
,, lher morta, e os espiritos in-
,, fernaes desapparecêrão. Com
,, isto ficou algum tanto quie-
,, ta aquella pobre peccadora,
,, e determinando ir-se confes-
,, sar o dia seguinte, gastou o
,, restante da noite em a pre-
,, paração, que para este ef-
,, feito lhe era necessaria.

9 ,, Tanto que amanhe-
,, ceo, e forão horas para sa-
,, hir de casa, acompanhada de
,, algumas pessoas foi ao nosso
,, Convento: no caminho lhe
,, apparecêrão muitos homens
,, vestidos de negro, e arma-
,, dos, correndo de huma para
,, outra parte, lançando raios
,, de fogo com pedras de co-
,, riscos; e supposto que a gen-
,, te de sua companhia não via
,, cousa alguma destas, ouvia
,, com tudo, e julgava que erão
,, trovões, e que o tempo que-
,, ria fazer alguma mudança.
,, Chegou com todos estes im-
,, pedimentos a nova peniten-
,, te aos pés do Confessor, on-
,, de os demonios quizerão afo-
,, galla, e a puzerão em esta-
,, do, que foi necessario dizer
,, elle aos espiritos infernaes
,, com grande fé, e espirito,
,, que da parte de Deos todo
,, poderoso lhes mandava que
,, se fossem, e deixassem aquel-
,, la alma livre, que o mesmo
,, Senhor criára para o Reino
,, de sua Bemaventurança. Com
,, isto ficou aquella mulher li-
,, vre, e desimpedida para po-
,, der confessar suas culpas, que
,, logo foi referindo com tan-
,, ta dor, e arrependimento de
,, as haver commettido, que
,, pelos actos exteriores, lagry-
,, mas, e soluços, se estava
,, mostrando huma contrição
,, perfeita. Dilatou-lhe com tu-
,, do o Confessor a absolvição,
,, por ser necessario haver-lhe
,, recurso de algumas cousas;
,, e assim lhe disse, que se fos-
,, se para sua casa, e que mais
,, devagar fizesse exame de sua
,, consciencia, porque para con-
,, fissão de tantos annos era
,, necessaria huma preparação
,, mais prolongada; que tornas-
,, se dahi a alguns dias, em que
,, elle tiria buscado tudo o que
,, convinha para sua confissão
,, ser perfeita; e que confiava
,, em Deos, pois aquella obra
,, era sua, lhe não faltaria com
,, a Divina graça. E que se
,, neste meio tempo ella mor-

Nnn ,, res-

,, resse, visto estar em lugar de ,, penitencia, elle daria a Deos ,, conta de sua alma. Foi-se com ,, isto a mulher, tornando os ,, demonios a apparecer-lhe no ,, caminho, porèm com menos ,, estrondo, e ameaças, e foi ,, a ultima vez, que os vio, por- ,, que nem em casa, nem fóra ,, della ousárão mais apparecer- ,, lhe. ,, Com isto rematou o Confessor o fim deste successo, sem tratar do que esta mulher teve, tal vez porque fosse ainda viva; mas bem se collige, que pois com tanto fervor, e lagrymas acudio ao lavatorio da penitencia, teria sempre a Deos da sua parte, e a intercessão de nosso Padre S. Francisco, de cujos merecimentos se valeo em o maior perigo, e com taes favores alcançaria perseverança atè o fim da vida. E supposto nos não diga tambem expressamente, que a dita penitente viesse outra vez depois daquelles dias, que lhe deo para maior exame, e recurso de algumas cousas, por cujo respeito lhe dilatou a absolvição, com tudo de seu mesmo testemunho se collige com evidencia; porque dizendo-nos nelle, que a ultima vez, que os demonios lhe apparecêrão, foi indo do Convento para sua casa, a primeira vez, que buscou a confissão, bem se vê, que tornou depois; que a não ser assim, não soubera elle que aquelle fora o ultimo apparecimento.

CAPITULO LV.

Vida exemplar de Fr. Christovão de Abrantes.

1 NO fim do triennio de Fr. Maseu de Elvas passou da presente vida em o Bosque de Borba hum Religioso chamado Fr. Christovão de Abrantes, entre os de seu tempo não de vulgar opinião de santidade. Tomou este Religioso o habito, e fez profissão em o Convento do Bosque, e logo no principio deo mostras do que ao depois havia de ser: em todo o genero de virtudes se exercitou: era por extremo pobre, humilde, e penitente; não se contentava com as mortificações ordinarias da Communidade, sempre accrescentava outras de novo seu fervoroso espirito. A gravidade Religiosa em suas palavras era tal, que nenhuma gastava ociosamente, todas se dirigião a louvores de Deos, ou doutrina, e edificação do proximo. Era notavel a pontualidade, com que acudia ao Coro em todo o tempo de sua vida, ainda depois de muito velho, porque por mais cançado que chegasse do caminho, sendo Provincial, nunca faltou a Matinas, nem a outro algum acto de Communidade, salvo as enfermidades o impedião

dião. A oração era ſeu total exercicio; não ſómente ſe dava a ella, mas diſto tinha eſcola para os outros ſe ſaberem dar a Deos: em todas as Caſas, onde viveo, aſſim ſubdito, como Prelado, praticava aos Frades o Eſchio, que então florecia, tratando ſuas mortificações, que he a ſua primeira via purgativa, com as outras duas, illuminativa, e unitiva, de que o meſmo Eſchio tratou altamente.

2 Praticou juntamente o Anriquerpe, que tambem fallou neſta materia grandemente; com iſto affeiçoou tanto os Frades à oração, que todos andavão furtando o tempo, para o darem a eſte doce exercicio, onde recebião grandes mercês, e ſentimentos de Deos. E para que do Eſchio ſe pudeſſem aproveitar todos, o traduzio do Latim no noſſo idioma Portuguez, que foi impreſſo, callando ſeu nome, em Evora a ſeis de Setembro de 1554. por ordem do Cardeal Infante, com quem eſte Religioſo teve eſtreita amizade. Nas advertencias que fez no Prologo ao Leitor, moſtra bem o quanto tinha alcançado de contemplativo. Na guarda dos ſentidos foi em ſeu tempo ſingular particularmente no da viſta, que mortificava de maneira, que mais parecia tella totalmente perdida, que mortificada. Conta-ſe delle, que tendo huma irmã Abbadeſſa no Convento da Madre de Deos em Lisboa, a quem nunca tinha viſto, porque naſceo depois de elle ſer Frade, entrando naquelle Convento, onde a irmã eſtava, por obrigação de ſeu officio, porque era então Commiſſario Geral deſte Reino, e andando por hum bom eſpaço paſſeando com ella em huma varanda, foi tão grande o recato, que teve, que lhe não vio o roſtro.

3 Tão deſapegado como iſto era de tudo o que foſſe da terra, ainda daquillo, a quem pelo ſangue eſtava tão eſtreitamente unido. A' Villa de Abrantes, ſua patria, nunca foi depois que neſta Provincia tomou o habito, ſenão ſendo Provincial della, por razão de viſitar hum Convento, que naquella Villa temos, onde por ſer ſua terra, gaſtou menos tempo, do que coſtumava gaſtar nos outros. Quão auſtero foſſe, moſtrou bem no Capitulo, em que foi eleito em Miniſtro Provincial no anno de 1566. mandando que nenhum Religioſo pudeſſe trazer ſandalias, ou outra alguma couſa nos pés, ainda que foſſe pelos caminhos; com que todos os Vogaes, deixando as ſandalias no Convento da Vidigueira, onde ſe celebrou o Capitulo de ſua eleição, fizerão as jornadas a pé totalmente deſcalços.

Efte rigor obfervou elle comfigo mefmo, pois vifitou todas as trez vezes toda a Provincia na mefma fórma. Em feu governo foi prudentiffimo, difpoz algumas coufas para o bom regimento da Provincia; e à inftancia dos Vogaes do Capitulo, em que foi eleito, ordenou hum Ceremonial, por onde efta fe governaffe no tocante ao Officio Divino, que durou atè virem os Breviarios reformados.

4 Acabado o tempo de feu minifterio, foi eleito em Commiffario Geral fobre todas as Provincias defte Reino, por ordem do Cardeal Infante, onde querendo feu zelo introduzir o rigor, que na fua fe obfervava, nafcêrão-lhe daqui alguns desgoftos, e acabou ante tempo feu officio. Recolheo-fe para o devoto Convento do Bofque, a fim de fe dar nelle todo a Deos, o que lhe reftaffe de vida, com aquella quietação, e focego, com que fe occupava no exercicio da fanta oração antes de fer promovido às Prelazias, que teve; que eftas quando não divirtão, tomão algum tempo. Mandou-lhe fazer a Infante Dona Ifabel, de quem era Confeffor, mulher do Infante Dom Duarte, e filha do Duque Dom Jaime, huma cella, onde moraffe, que ao depois fervio de Livraria. Poucos annos viveo nefte retiro, porque quiz Deos premiar tão fantas obras, como lhe tinha feito; e para que todas coroaffe com a paciencia, o vifitou em todo efte tempo com muitas, e trabalhofas enfermidades, que elle foffreo com tanta alegria de feu efpirito, como quem fabia que as enfermidades, e trabalhos são o fogo, em que fe purifica o ouro. Foi feu tranfito em o anno de mil e quinhentos e fetenta e quatro no fobredito Convento do Bofque, para que nafceffe para o Ceo no mefmo lugar, onde para a Religião tinha nafcido.

CHRO-

CHRONICA
DA
PROVINCIA
DA
PIEDADE.

LIVRO QUARTO.

Contém as eleições de vinte Ministros Provinciaes: fundações de Conventos: Religiosos de virtude: e varios successos dignos de memoria.

CAPITULO I.

Eleição do vigesimo Ministro Provincial: e breve memoria de dous Religiosos de seu triennio.

1 JA' deixamos escritos,[a] que no anno de de 1571. se intimou em o Capitulo Geral celebrado em *Ara-Cœli* hum Decreto do Summo Pontifice S. Pio V. em que mandava que os Ministros Geraes durassem em seu governo oito annos, e os Commissarios Geraes, e Provinciaes quatro. De mais dos quatro annos durou Fr. Maseu em o governo quatro mezes, com titulo porèm de Commissario Provincial, como consta de huma Patente do Ministro Geral da Ordem Fr. Christovão de *Capite fontium*, passada em vinte de Outubro de 1573. em o nosso Convento de Elvas, onde se achou por este tempo, indo embarcar-se em Lisboa para passar a França. Pelo mez de Janeiro do seguinte anno convocou Fr. Maseu os Vogaes para eleição de novo Ministro; sahio eleito vespera da Epifania o Ir-

Fr. Miguel de Estremoz Provincial 20.

o Irmão Fr. Miguel de Eſtremoz, Varão mui regular, e perfeito. Preſidio neſte Capitulo o Padre Fr. Damião da Torre, Religioſo da Santa Provincia da Arrabida, e Commiſſario Geral neſte Reino. Fez os gaſtos delle o Cardeal Infante, que ainda era Arcebiſpo de Evora; e tão devoto noſſo, como fica dito, quando tratámos do Convento de Val-verde, que nos fundou.

2 Foi eſte novo Prelado de mui ſanta, e ſingela converſação, zeloſo do augmento da Provincia, e de a ſuſtentar naquelle ſeu primeiro inſtituto, para cujo fim ordenou muitas couſas de novo, aſſim no Capitulo, em que ſahio eleito, como na ſua Congregação, que celebrou em Eſtremoz dia do Archanjo São Miguel vinte e nove de Setembro de 1575. e todas mui prudentemente diſpoſtas. Moſtrou tambem o zelo, que tinha, de que a Provincia ſe conſervaſſe em ſeus antigos, e louvaveis coſtumes, no que lhe ſuccedeo com a Infante Dona Maria, filha de ElRei D. Manoel. Tinha a eximia piedade deſta Infante fundado em Evora [b] hum mui recoleto Convento do Monte Calvario, Religioſas Capuchas da primeira Regra de Santa Clara; e trazendo pelo mez de Outubro de 1574. do Convento da Aſſumpção de Faro, e de Jeſus de Setuval Freiras, que o povoaſſem, quiz que a noſſa Provincia tiveſſe cargo dellas, para cujo effeito alcançou huma Patente do Miniſtro Geral; porèm elle ſe houve de tal ſorte com aquella Senhora, que lhe fez raſgar a Patente, e deſiſtir da pertenção. Com eſte zelo continuou todo o tempo de ſeu Provincialato, que foi alèm dos quatro annos oito mezes, por auſencia do Commiſſario Geral deſte Reino; no fim dos quaes, antes de acabar ſeu officio, acabou a preſente vida, com grandes moſtras de ſantidade, em o Convento de Santo Antonio de Evora que então fundava o Cardeal Infante, como logo diremos.

[b] Gonz. 3. p. p. 1014. Agiol. Luſ. tom. 2. Março 5. lit. C, in Comment.

3 No anno [c] de 1574. e não em o de 1601. como achamos eſcrito no Agiologio Luſitano, [d] paſſou da preſente vida a lograr os premios da eterna hum perfeito Religioſo, chamado Fr. Antonio de Aveiro. Foi natural da Villa de ſeu nome: tomou o habito, e fez profiſsão em a noſſa Provincia da Piedade, onde depois de poucos annos de profeſſo, foi inſtituido Prégador; porque no mundo aprendeo letras ſufficientes para eſte ſagrado miniſterio; e foi-o verdadeiramente Apoſtolico; porque primeiro uſava comſigo o que perſuadia ao au-

[c] Alc... nha.

[d] Tor... Abr... lit. I... Com...

Fr. ... de ... Sac...

auditorio; cousa, que devem fazer os Prégadores, para tirarem fruto de seu trabalho. Todos os dias infallivelmente castigava seu corpo com huma aspera disciplina, que lhe dava; e como se esta, sendo tão rigorosa, que o deixava banhado em sangue, não bastára para sujeitar a carne ao espirito, nunca jà mais se deitou em cama, nem se cubrio com roupa alguma, por grande frio que fizesse; o breve somno, que tomava, era sobre huma cortiça. Trazia de continuo ao redor da carne hum aspero cilicio: usava de muitas, e diversas mortificações, contrariando sempre sua propria vontade. Era mui caritativo para com os proximos, de rara, e profunda humildade: frequentava o exercicio da santa oração, e contemplação: estes erão os livros, por onde estudava, e nelles alcançou tanta graça de fallar em materias de espirito, que parece enfeitiçava os animos dos ouvintes, de tal sorte, que suas Praticas, e Sermões, por mais largos que fossem, sempre parecião breves.

4 Desta sublime lição dava aos Religiosos huma hora cada dia, buscando-o elles mesmos para este effeito: e com tanto fervor de espirito lhes fallava, que desterrava a tibieza, e froxidão de seus corações, accendendo nelles hum vivo fogo de devoção, e amor de Deos. Era tão affeiçoado às virtudes da caridade, e humildade, que quando era Prelado, (que o foi muitas vezes) para se exercitar naquellas virtudes, e fazer que seus subditos obrassem as mesmas, mandava muitas vezes tanger à Communidade, juntos os Frades, tomava cada hum o que entendia era necessario aos prezos das cadeas publicas, sendo muito para ver levarem huns lenha às costas, para se aquentarem, outros hortaliça; huns cestos de pão, e outros panelas de carne guizada; e deste modo exercitavão a caridade, os prezos ficavão consolados, e satisfeitos, e edificados os que os vião. No exercicio de tão boas obras foi o servo de Deos passando a vida atè chegar à velhice, trazendo continuamente diante dos olhos a lembrança da morte, despertador de sua salvação, repetindo todas as horas aquellas palavras do Rei Ezechias[e]: *De mane usque ad vesperam finies me*: que querem dizer: *De pela manhã atè à tarde, me acabareis, Senhor, e perderei a vida.* Bem poderia ser que o repetir elle estas palavras tão ameudo, fosse por alguma revelação, que tivesse da morte, que havia de ter; porque assim succedeo depois, como elle dizia antes: de pela manhã atè a tarde o levou o Senhor desta pre-

[e] Isaiæ c. 38. num. 12.

preſente vida para os goſtos da eterna.

5 Acabou elle de prégar no povo de Azurára huma Quareſma, onde com ſeus Sermões tinha feito muito fruto, e vindo do ultimo para caſa, que foi o dia da Reſurreição, diſſe ao Prelado: *Tratai, irmão, de buſcar outro Prégador, porque eu com eſte de hoje rematei meus Sermões.* Cuidou o Guardião que dizia aquillo por graça, pois não ſe via nelle couſa, que o obrigaſſe a fallar de ſiſo; porèm o dia ſeguinte moſtrou o fundamento, com que eſte ſervo de Deos fallára. Recolheoſe logo para a ſua cella, gaſtou com Deos aquelle dia; foi a Matinas, e Prima o ſeguinte; ſahindo della, lhe deo hum accidente de apoplexia tão notavel, que ſó teve tempo de encommendar a Miſſa do dia, porque tinha obrigação de dizella. Feita eſta diligencia, perdeo de todo a falla, ainda que não o juizo, ſegundo os actos exteriores, que moſtrava, fazendo ás Imagens de Chriſto noſſo Redemptor, e de ſua Mãi Santiſſima repetidas reverencias. Neſte eſtado recebeo o Sacramento da extrema Unção, e acabou no meſmo dia, primeira oitava da Paſcoa pelos annos do Senhor, que temos dito. Sentírão muito os Frades ſua morte, não por ſer tão apreſſada, e repentina, pois como diz o Eſpirito Santo, o juſto ainda, que na morte vá apreſſado, *f* nem por iſſo deixa de ir gozar de refrigerio, mas pela falta, e auſencia de tão celeſtial companhia. Concorreo o povo de Azurára a ſeu enterro; e aſſim como era reſpeitado na vida por ſanto, o foi muito mais na morte, lamentando-o tão deſentoadamente, que na Igreja ſe não entendia ninguem, em quanto ſe celebrou o funeral officio da ſepultura.

Sap nun

6 No meſmo tempo deſte Miniſtro Provincial Fr. Miguel de Eſtremoz, faleceo tambem outro Religioſo, chamado Fr. Diogo da Pederneira, Prégador dotado de muitas, e raras virtudes. Para ſegurança das quaes, e para que a alma as conſervaſſe, e o corpo as não impediſſe, regalava a alma com oração, e meditação continua, e caſtigava o corpo com aſperas penitencias, e diſciplinas. Era maravilhoſo o fruto, que fazia com ſeus Sermões, como acompanhados de tão ſantas obras, e exercicios. Nas horas, que tinha a Communidade de oração, aſſiſtia elle, ainda jà depois de muito velho, entre os noviços, ſempre de joelhos, como ſe foſſe qualquer delles. Seu recolhimento era tão notavel, que não ſó evitava a pratica dos ſeculares, mas ainda da

Fr. da nei cer

da converſação dos Religioſos fugia; e aſſim ſempre eſtava recolhido em ſua cella, gaſtando o tempo com Deos. Foi de ſingular pobreza, e fervoroſa caridade: no exercicio deſtas virtudes perſeverou atè a velhice com fama de ſantidade, que confirmou mais a morte com o placido, e outras circumſtancias, que teve.

CAPITULO II.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Evora.

6 1 EM pouca diſtancia da mui nobre, e antiga Cidade de Evora, para a parte do Norte, temos hum Convento dedicado a Santo Antonio, cujo ſitio he o melhor, e mais ſádio, que tem aquelles contornos, ſendo que fomos dos ultimos Religioſos, que naquella Cidade fundárão. Por ficar em hum alto deſcobre dalli a viſta eſpaçoſos campos, e tambem huma grande parte da Cidade, que faz boa perſpectiva, o que tudo torna aquelle ſitio notavelmente alegre. A cerca foi viçoſiſſima, maior na fertilidade, que na grandeza; abundante de fruta, na quantidade tanta, como na qualidade excellente; povoada de eſpeſſas, e differentes arvores, aſſim de eſpinho, como de caroço; alèm de outras muitas infrutiferas, que não davão menos ao Convento no ornato, que lhe davão. Neſta fórma ſe conſervou atè o anno de 1663. em que o exercito Caſtelhano, entrando neſta Cidade, e fortalecendo-ſe para defenſa della no ſitio, onde eſtá eſte noſſo Convento, por ficar algum tanto eminente, deſtruio a maior parte de ſeu arvoredo. Poucos dias depois, reſtaurada felizmente a Cidade pelos noſſos, não ſó ſentio a cerca o ultimo deſtroço, e eſtrago, mas ainda ficou impoſſibilitada da eſperança de poder algum dia tornar à ſua primeira fórma; porque a diſpoſição de hum bem viſtoſo forte, que neſte tempo alli fizerão, lhe impede o poder-ſe melhorar. Tem com tudo hum pequeno, mas baſtante jardim de arvores de eſpinho, e algumas poucas de caroço, poſtas, e criadas alli depois do ſobredito eſtrago. Rega-ſe aſſim eſte como a horta, de dous formoſos tanques, em que continuamente corre boa copia de agua da prata, por mercê dos Reis concedida para ſempre a eſte Convento, com chave da caſa, e arca de pedra, que eſtá no cano Real, que paſſa pela cerca para a Cidade. Vai tambem ſahir por occultos canos à clauſtra, em huma grande, e excellente ciſterna, que nella ha, e

em huma fonte pequena, mas de viſtoſa pedra, e em outras officinas do Convento, onde para o ſerviço he neceſſaria. Serve hoje a eſte de cerca o ſobredito forte, em cujo meio eſtá mettido, dando de ſi por hum bom eſpaço agradavel viſta.

2 O motivo, que houve para a fundação deſte Convento, foi o refugio dos Religioſos moradores no de Val-verde, para nelle mais commodamente ſe curarem, quando cahião enfermos; que ſuppoſto ſe hião curar ao Convento de noſſo Padre S. Franciſco da meſma Cidade, e os Religioſos Padres delle lhes aſſiſtião com grande caridade, e cuidado, era com tudo grande a oppreſsão, que ſe lhes dava, quando ſuccedia terem muitos enfermos, moradores de ſeu proprio Convento; que como he hum dos principaes de ſua Provincia, ſempre vivêrão nelle muitos Religioſos. Por eſta cauſa intentárão noſſos Frades fazer huma enfermaria em Evora: communicárão eſte ſeu intento ao Cardeal Infante no Capitulo de Val-verde, em que ſahio por Miniſtro Provincial Fr. Miguel de Eſtremoz, a que o devoto Principe reſpondeo: *Não ha de ſer, meus Padres, enfermaria, mas Convento.* Não achámos porèm que então ſe aceitaſſe; ſó nos conſta, que na Congregação, que celebrou o dito Miniſtro em Eſtremoz pela feſta do Arcanjo S. Miguel do anno de 1576. teve effeito eſta determinação. Seria talvez, porque fugirião noſſos Frades da multiplicação de Conventos, e mais havendo de ficar eſte tão perto de outro, como lhe eſtava o de Val-verde; e que na Congregação a neceſſidade, que delle tinhão, pela razão aſſima dita, os obrigaria a aceitallo.

3 Começárão-ſe as obras no ſobredito anno de 1576. por ordem, cuſta, e traça do Cardeal Infante, mais conforme à liberalidade, e animo Real, que tinha, que à vontade de noſſos Frades, que deſejavão não foſſe tão grande, nem tão cuſtoſo. E não querendo elle, por mais que o importunárão, mudar em todo o propoſito, que tinha, dizendo, que era ſeu goſto fazello daquella maneira, veio a mudallo em parte, condeſcendendo com os Religioſos em lhes fazer as cellas, e officinas, de que elles ſe ſervem, pequenas, e Capuchas, como na verdade o são, mais que nenhumas outras da Provincia; mas o clauſtro, e Igreja de fabrica grande, e ſumptuoſa. Com tanta vontade emprendeo eſte grande Principe as obras deſte Convento, que ſuccedendo no tempo, que o tinha principiado, tomar poſſe, e cargo do gover-

verno do Reino, que pouco depois herdou por falta de ElRei D. Sebaſtião de lamentavel memoria, unindo em ſi, qual outro Melchiſedech, o Sacerdocio com a Coroa, em tempo de tantas alterações, e negocios de tanto pezo, como então occorrião, tanto era o cuidado, que tinha de todo o neceſſario para a obra, e procurar que ſe concluiſſe eſte Convento, como ſe não tiveſſe outro negocio, em que occupar o penſamento, nem outra couſa, em que pôr o ſentido, deſejando muito de em ſua vida o deixar acabado de todo. Mas como a morte lhe abbreviaſſe mais o tempo della, do que ſe requeria para tanta fabrica, por muita diligencia, que niſſo ſe fez, ainda ficou em grande parte imperfeita.

4 Succedeo-lhe no Arcebiſpado D. Theotonio de Bragança, filho do Duque Dom Jaime, e da Duqueza Dona Joanna de Mendoça, que com igual devoção, e liberalidade tomou à ſua conta acabar o Convento de todo, ſem mudar nada da traça, e ordem, que eſtava dada pelo dito Rei ſeu tio. Pollo em a perfeição, que tem agora, reſervando em a Igreja a Capella do Altar maior para ſua ſepultura. Algumas das obras, que fez, expreſſa o Author da Relação ſummaria de ſua vida por eſtas palavras: *a Acabou, e aperfeiçoou o Moſteiro de Santo Antonio da Provincia da Piedade, Frades Deſcalços da Ordem de S. Franciſco, extra muros deſta Cidade de Evora, que o Cardeal ElRei D. Henrique, ſendo Prelado, tinha começado; e o aperfeiçoou na fórma, em que agora eſtá, accreſcentando-lhe mais ſuas cercas, fazendo-lhes ſeus tanques de agua, que tem, retabolos da Igreja, e outras officinas, em que gaſtou muitos mil cruzados.* Cap. 16. fol. 65. Donde ſe vê quão imperfeito ficou o Convento, quando ſuccedeo a morte do Cardeal Rei, e o muito, que nelle fez o Arcebiſpo D. Theotonio ſeu ſobrinho.

5 Teve eſte Principe tão entranhavel amor, e devoção aos Frades deſta Provincia, que ſe não póde dizer com palavras: aſſim zelava ſua reformação, e augmento, ainda em couſas minimas, como o mais zeloſo della: aſſim tratava com elles, como com irmãos, converſando-os particularmente neſta Caſa, e na de Val-verde, aſſiſtindo em ſua companhia, não ſó em o Coro, e tempos deputados à oração, em a Communidade, e Refeitorio, ſenão tambem em outros officios humildes: hia com elles à cozinha, lavava por ſuas mãos a louça, e fazia outras obras de deſprezo de ſi meſmo, como qualquer dos menores Re-

ligiosos da Casa. Desta familiaridade, e trato com os Frades da Piedade dá testemunho a Relação referida.[b] *Ordinariamente* (diz ella) *estando em Val-verde, ou em Santo Antonio Mosteiros dos Descalços da Provincia da Piedade junto desta Cidade, comia com elles no Refeitorio a seu modo sem toalhas, e com elles juntamente hia dar graças à Igreja. Na cozinha lavava com elles muitas vezes a louça, e algumas vezes os pés a elles. Aconteceo hum dia, sahindo deste Mosteiro de Santo Antonio, vindo para sua casa, era no Inverno, e chovia; em sahindo encontrou, que hião chegando ao Mosteiro quatro, ou sinco Frades, que vinhão para tomar Ordens, os quaes trazião os pés cheios de lama, e barro: em os vendo o Arcebispo, se tornou a recolher no mesmo Mosteiro, e mandou aquentar agua, e não se sahio delle, atè que lavou os pés a todos. Ajudava a cozer os habitos de burel aos mesmos Padres, e em todas as cousas de humildade se exercitava com elles.*

[b] Idem c. 14. fol. 57.

6 Para mais commodamente poder tratar assim com os Religiosos, fez (à imitação do que o Cardeal havia feito em Val-verde) hum pequeno aposento com algumas cellas junto à portaria, onde vinha estar com poucos criados; os quaes, tendo aquelle aposento porta, e serventia para o campo, em nenhuma maneira entravão no Convento, nem a gente, que vinha fallar com o Arcebispo, mas só sua pessoa por huma porta, que tinha em sua camera. Ainda hoje se conserva este aposento na mesma fórma, em que o mandou fazer o Arcebispo, tapando-se sómente a porta, que sahia para o campo, e serve de hospedaria em o Convento. Foi dotado de muitas, e excellentes virtudes este Principe, particularmente de huma singular caridade para com os pobres, com os quaes despendia tanto, que parecia não ser possivel poder sua renda chegar a tanto. O officio de Prelado exercitou com tanta perfeição, que foi hum raro exemplo, e deo bem que imitar a todos: zelosissimo da Fé, e em defensão de algumas cousas pertencentes a ella, e de grande serviço, e honra de Deos, passou a Valhadolid, onde estava a Corte de Castella, ainda que jà velho, e carregado de annos. Estando alli algum tempo, foi o Senhor servido de o levar de sua enfermidade, em vinte e nove do mez de Julho de 1602.

7 Seu corpo, por ordem do Illustrissimo Prelado Dom Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, que com o mesmo zelo o acompanhára àquella Corte,

te, e ficou por ſeu teſtamenteiro, foi trazido embalſamado à ſepultura, que para ſi neſte Convento tinha lavrada, junto aos degráos do Altar Mór, raza no chão, com huma pedra em ſima, ſem armas algumas, mais que com o ſeu nome, e cujo filho foi, e a quem ſuccedeo no Arcebiſpado. Nella foi poſto em dezeſeis de Agoſto do ſobredito anno de 1602. que ainda que em ſua Igreja Cathedral, e Capella dos Arcebiſpos podia eſcolher ſepultura, ou em o Convento dos Padres da Cartuxa, que elle (trazendo-os a eſte Reino) fundou junto à Cidade, de que fez grande parte em ſua vida, e o deixou bem dotado de rendas para poder acabar-ſe, e para ſuſtento dos Religioſos; comtudo não quiz ſer enterrado, ſenão entre os ſeus Frades da Piedade, moſtrando neſte ultimo favor, ainda em a morte, quanto os amára em a vida.

8 He a Guardianía deſte Convento commummente de dezoito atè vinte Religioſos com os noviços, que aqui ſe crião, por ſer mui accommodado para ſua criação, por recolhido, e devoto. A todos provê ſufficientemente a Cidade, tendo a eſte Convento em grande eſtimação. Do que àcerca de ſua fundação temos dito, conſta claramente ſe enganou o Reverendiſſimo Gonzaga, [c] quando tratando delle eſcreve que fora fundado pelo Cardeal Infante no anno de 1580. e que ficando imperfeito por ſua morte, deixára conſignadas eſmolas para ſe acabarem as obras: pois nem elle foi fundado no anno de 1580. ſenão no anno de 1576. nem o Cardeal Infante lhe conſignou eſmolas, com que ſe acabaſſe; antes o Arcebiſpo D. Theotonio de Bragança o aperfeiçoou, gaſtando niſſo muitos mil cruzados, como diz a Relação, que aſſima referimos, e com quem ſe conformão as memorias do Convento.

[c] Part. 3. pag. 944. Conv. 12.

CAPITULO III.

Alguns milagres, que Santo Antonio obrou neſta Cidade.

1 TÃo ſenhor ſe tem feito Santo Antonio do coração de todos com a continuação de ſeus milagres, que apenas ſe achará Catholico, diz Roberto Licio, [a] que não ſeja devoto deſte grande Santo; que como aſſiſte com ſeu favor a todos, que o invocão, faz aſſim geral ſua devoção. Por eſta cauſa dizia o meſmo Roberto que ſó aquelle tinha licença para calar ſeus louvores, que recorrendo a elle, não tiveſſe experimentado ſeus beneficios:

[a] Robert. Lic. Serm. de Santo Antonio.

ficios, dando-nos nifto a entender que erão geraes, e a todos chegavão. Muito a meudo os experimentão os moradores de Evora: são elles grandemente devotos do Santo, a elle recorrem mais ordinariamente em feus apertos; e paga bem efta devoção, com que o bufcão, com os milagres, que obra em feu favor. Dos muitos, que tem feito em efta Cidade, fómente referirei dous, por ferem modernos, e em noffo tempo.

2 No anno de 1682. houve em toda a Hefpanha huma notavel fecca, de que fe feguio huma grande efterilidade; e nefte noffo Reino, quem mais experimentou feu damno, foi Coimbra, e feus contornos, porque à falta de mantimento fobrevierão humas perniciofas malignas, a modo de contagio. Por huma, e outra coufa defpejárão aquella Univerfidade os que curfavão nella: entre eftes foi hum eftudante Canonifta, natural da Cidade de Evora, chamado Antonio Lopes Lobato; e fuppofto que chegou são, a poucos dias fe lhe defcubrio huma maligna de qualidade, que brevemente o poz no ultimo da vida. Eftava jà defconfiado do Medico, que o curava, choravão-o feus pais, como a morto; e vendo que jà não havia efperanças de poder por via humana cobrar o enfermo faude, recorrêrão a Santo Antonio, de quem elle era devoto. Mandárão bufcar ao Convento huma pequena, e devota Imagem fua, que na Sacriftia fe guarda, donde fahe em dias particulares à Igreja: foi-lhe levada, e vendo o enfermo em fua cafa a Imagem do Santo, fuppofto eftava com delirios, abraçou-fe com elle, dizendo, que não queria outro Medico em fua doença. Coufa maravilhofa! Repentinamente fe lhe defpedio a maligna, e ficou são o que jà choravão como a morto. Dahi a pouco efpaço veio o Medico vifitallo, a quem o enfermo defpedia, dizendo que jà não tinha neceffidade de cura, porque eftava livre da enfermidade. Tudo ifto attribuia o Medico a delirio, e ainda depois de lhe tomar o pulfo, como era pratico na cura das malignas, prefumindo que aquella fe tinha recolhido, como algumas vezes fuccede, para mais repentinamente matar, chegou a dizer que não tinha a bom final vello são tão de repente. Porèm o fucceffo moftrou com evidencia o milagre; porque não fobreveio mais coufa alguma ao doente, e em poucos dias convalefceo, e publicava a todos a mercê, que o Santo lhe fizera. Defte prodigio forão teftemunhas, não fó a gente de cafa, e outra alguma de fóra,

mas

mas tambem os noſſos Frades, que aſſiſtião havia jà alguns dias ao moribundo.

3 Na doença, que teve o ſobredito enfermo, lhe aſſiſtio huma ſua tia, que a poucos dias delle são cahio da meſma enfermidade, e chegou ainda a mais laſtimoſo eſtado, que o ſobrinho. E como tinha viſto o prodigio, que obrára Santo Antonio, valeo-ſe tambem delle neſte aperto: pedio-lhe levaſſem a meſma Imagem, e cobrou ſaude perfeita. Piedoſamente podemos crer foi tambem milagroſa, ainda que o não affirmamos, por não ſer tão repentina, e dilatar-ſe mais alguns dias a convalecença. Divulgárão-ſe eſtes dous caſos pela Cidade, e foi tal a fé, e devoção, que a gente della cobrou à Imagem do Santo, que naquelle anno foi mais o tempo, que aſſiſtio em caſa dos enfermos, que no ſeu Convento, alcançando muitos delles a ſaude deſejada.

4 Mais moderno he o ſegundo milagre, que o Santo obrou invocado por Maria dos Santos, mulher de Gregorio Prates, naturaes, e moradores da meſma Cidade. Tinha eſta hum menino filho ſeu de idade de trez annos, a quem no Baptiſmo fez chamar Antonio com attenção a eſte Santo, de quem ſempre havia ſido mui devota. Andava elle hum dia, que ſe contava ſinco de Setembro do anno de 1689. brincando com outros de ſua idade na rua das Alcaçarias, junto de hum poço, de que não ſabendo reſguardar-ſe ſua innocencia, cahio dentro delle. Levárão à mãi a nova, que ahi perto morava, e ferida do ſentimento, levantou os olhos a hum quadro de Santo Antonio, que em caſa tinha, pedindo-lhe favor naquelle aperto. Ouvio o Santo a petição de ſua devota, porque ſuppoſto o menino eſteve no poço hum quarto de hora, e neſte eſpaço foi duas vezes ao fundo, quando o tirárão delle ſahio como ſe nenhuma couſa lhe tivera ſuccedido; antes fazendo-ſe algumas diligencias para que lançaſſe a agua, que preſumião teria bebido, não lançou nem huma gota. Perguntado depois pela mãi, que paſſára dentro do poço, diſſe, (para que uſemos de ſuas palavras, a quem não dá pouca graça ſua innocencia) que em quanto nelle eſtivera, víra junto de ſi hum Fradinho mui bonito; e o meſmo diz ainda hoje de maior idade. Agradecidos os pais a eſte favor, mandárão pintar em hum quadro eſte ſucceſſo, que puzerão em a Igreja do noſſo Convento, onde hoje eſtá por teſtemunho de ſeu agradecimento, e do beneficio, que recebêrão do Santo.

5 Me-

5 Memoravel he tambem o que aconteceo a trez Coristas nossos, sahindo deste Convento de Santo Antonio de Evora para o da Villa do Redondo. Vinhão elles de tomarem Ordens, e chegando jà noite a huma ribeira, que está duas leguas antes desta Villa, a achárão mui crescida, com que se vírão postos em grande cuidado; porque como era jà noite, e não havia dalli perto onde se agazalhassem, se não resolvião tornar atràs. Neste tempo vírão chegar junto a si huma ave branca, que foi passando a ribeira, tocando com as azas na agua, não ao direito, senão em torcicólos, como quem lhes mostrava o caminho, por onde havião de passar. Disse então hum delles: *Vamos, Irmãos, seguindo aquella ave, que por ella nos mostra Deos o caminho*; e fazendo-o todos assim, passárão livremente, nem lhe chegou a dar a agua pelo joelho: de que ficou tão admirado hum lavrador irmão dos Frades, em cuja casa se agazalhárão os trez Coristas aquella noite, que ao outro dia pela manhã, antes de os despedir, quiz que o levassem à ribeira, e mostrassem a parte, por onde a havião passado; e vendo-a, cresceo mais sua admiração, affirmando que alli acravava huma lança.

CAPITULO IV.

Virtuosa vida de Fr. Antonio de Abrantes.

1 NO tempo deste Ministro floreceo Fr. Antonio de Abrantes Sacerdote, Religioso de inculpavel vida, e maravilhoso exemplo. Era actualmente Mestre de noviços, quando Deos o quiz fazer professo nos bens da eterna Bemaventurança, chamando-o a elles depois de o ter provado no exercicio de muitas virtudes. Sua vida foi hum perpetuo, e dissimulado jejum, conformando-se em os dias, que o não erão, com a Communidade, sem tomar do que lhe punhão mais que huma tigela de caldo, e algumas hervas, que com a carne no prato hião. Todas as quartas feiras jejuava a pão, e agua em reverencia, e devoção do Santissimo Sacramento: o mesmo fazia em as Vigilias dos Santos, obrigação da Igreja, da Regra, e costume da Provincia, tirando a Quaresma, e Advento, os quaes partia pelo meio, jejuando ametade a pão, e agua. Nos outros dias do anno nunca ceava, contentando-se com a refeição, que ao jantar tomava, tão moderada, como temos visto; e assim ficava jejuando continuamente.

2 Sempre foi ſingular em ſuas vigilias, velando a maior parte da noite em oração, em que recebia do Senhor conſolações muito grandes: e ſupposto que elle procurava muito occultallas, não eſtava tanto em ſua mão o encubrillas, que deixaſſem de alcançar os Frades algumas vezes as mercês, que Deos lhe fazia. Todos os dias à noite tomava com ſeus diſcipulos huma diſciplina, e na madrugada do ſeguinte dia elle ſe açoutava nas coſtas cruelissimamente: tal era o rigor, e aſpereza, com que ſe tratava, que veio a enfermar dos olhos, e das mãos, em que padecia terriveis dores, que elle ſoffria com maravilhoſa paciencia. Os dedos ſe lhe encolhêrão de maneira, que para dizer Miſſa, era neceſſario levarem-lhe brazas ao Altar, em que os aquentava para poder meneallos. Diſ-
03. ſe David, [a] que para Deos crear o Ceo, o eſtendêra como hu-
6. ma pelle: e no Apocalypſe [b] ſe diz em profecia, que para o renovar, o tornára a encolher como pergaminho de hum livro. Renovar queria Deos a ſeu ſervo Fr. Antonio de Abrantes em os meritos da paciencia naquelle encolhimento de dedos, que tão exceſſivas dores lhe cauſava. Não erão com tudo baſtantes os achaques, para que elle faltaſſe aos exercicios da penitencia, nem ainda afroxaſſe hum ponto em o rigor della.

3 Foi por extremo devoto da Senhora Mãi de Deos, e particularmente de ſua puriſſima, e immaculada Conceição, à qual fez hum continuo oitavario: porque todos os dias (fóra do Officio Divino da obrigação) rezava o deſte myſterio da Senhora com todas ſuas horas, começando como em o proprio dia, e proſeguindo os mais atè o oitavario, acabado o qual, tornava de novo a fazer o meſmo com huma revolução perpetua. A Senhora lhe pagou mui bem eſte ſerviço; porque ſe entendeo, e foi fama entre os Frades, o certificára do dia certo de ſua morte, animando-o, e confortando-o para ella: e ou foſſe por eſta via, ou por outra de revelação, elle a ſoube muito tempo primeiro; porque quaſi dous mezes antes do Naſcimento de noſſo Salvador, diſſe que havia de morrer no terceiro dia da Oitava do Natal, que he dia dos Innocentes. Andou todo aquelle tempo ſem enfermidade alguma, (fóra a dos achaques ordinarios) ſeguia a Communidade, e continuava com ſeus ſantos exercicios, a que a certeza do fim accreſcentava mais o eſpirito, porque nelle entoava mais ſuavemente os Divinos louvores.

4 Chegada a festa do Natal, adoeceo de hum catarro, com o qual se confessou logo geralmente, e aparelhou com todo o espirito, e fervor, como quem sabia quando havia de morrer. Aos Frades, que lhe parecia, e diziáo que seu mal era leve, e não mortal, respondia, que tinha pedido à Virgem Senhora nossa que o levasse naquella festa, e que esperava nella que lho havia de conceder. Naquelle breve tempo, e dias de sua enfermidade teve outra visão falsa do inimigo, que o quiz persuadir que não havia de morrer daquella vez; mas resistindo varonilmente com o que jà tinha sabido, prevaleceo contra o demonio, e de novo foi certificado que havia de ser sua morte dia dos Innocentes; no qual pedio lhe dessem a extrema Unção, e rezassem o Officio da agonia, a que elle sempre respondeo, e ajudou tão inteiramente, como se não tivesse enfermidade alguma, nem esperasse aquelle trago tão amargoso, que faz tremer a todos. Depois de tudo isto tomou hum devoto Crucifixo em suas mãos, e fixos os olhos nelle, qual generosa Aguia olhando o Sol, esteve hum grande espaço sem se mover, nem pestenear, tão contemplativo, que parecia estar todo arrebatado.

5 Logo pedio lhe lessem aquelle devoto Hymno, que canta a Igreja Catholica na festa da gloriosa Ascensão de Christo Senhor nosso, e começava então, como se vê nos Breviarios antigos: *Jesu nostra redemptio, amor, & desiderium, &c.* e hia juntamente dizendo com elles. Chegando àquelle verso, que diz: *Tu esto nostrum gaudium, qui es futurus præmium*, apenas acabou de pronunciar esta ultima palavra, sem algum tremor, ou sinal do divorcio, que aquella bemdita alma do corpo fazia, como quem se deixa vencer de algum suave somno, ficou Fr Antonio repousando em o Senhor. O corpo denegrido em a vida com o rigoroso das penitencias, que fazia, ficou depois da morte tão formoso, que os Frades se não fartavão de o abraçar, e beijar como de Santo, e nesta opinião o tinhão os seculares, pedindo lhe déssem alguma cousa sua por reliquia. Vinte e seis annos pouco mais, ou menos depois de sepultado, sendo Guardião Fr. Antonio de Lamego, em o Convento de Aveiro, onde o servo de Deos morreo no sobredito dia dos Innocentes do anno de 1577. morrendo na mesma Casa Fr. Francisco Foreiro, outro grande servo de Deos, de quem nos lembraremos a seu tempo, abrírão pa-

para o enterrarem a cova, em que foi ſepultado Fr. Antonio, e foi achado nella hum corpo inteiro: não ſe ſoube então cujo era, por não haver alli algum Religioſo, que ſe houveſſe achado preſente à ſua morte; mas tirando-ſe depois informação dos que noutro tempo alli havião morado, ſe achou ſer de Frei Antonio de Abrantes, porque depois delle ſe não enterrára alli outro.

CAPITULO V.

Vida maravilhoſa do Santo Frei Antonio de Nebrixa; e primeiramente de ſua entrada na Religião, e penitencias, que nella fazia.

1 O Soberano Deos, e Senhor noſſo Jeſus Chriſto, que como verdadeiro Summo Sacerdote do Templo univerſal da Igreja Catholica, tem a ſeu cargo accender nella ardentes tochas, e reſplandecentes luzes de ſantidade, para que ſempre ſeja alumeada de novos reſplandores, e particularmente tem ſingular cuidado de prover deſſa luz as Sagradas Religiões, como partes principaes, e Capellas mais viſtoſas da meſma Igreja, foi ſervido de pôr ſobre o caſtiçal deſta ſua Provincia da Piedade huma nova, e maravilhoſa luz de admiravel reſplandor de ſantidade, cujos formoſos raios de preclariſſimas virtudes ſe eſpalhárão, e derão a conhecer em diverſas partes. Eſta foi o Veneravel, e perfeitiſſimo Varão Fr. Antonio de Nebrixa, Sacerdote digniſſimo, e ferventiſſimo Prégador entre todos os que mais o forão em ſeu tempo. Naſceo eſte ſanto Religioſo de honeſtos parentes em hum Lugar de Andaluzia, chamado Nebrixa, donde tomou o appellido, e ſobrenome. Em a flor de ſua juventude, como começaſſe a conhecer as vaidades, e perigos do mundo, e quantos vicios ha nelle, determinou de o fugir, dedicando-ſe ao ſerviço de Deos toda a vida.

2 Para eſte effeito pedio, e recebeo o habito da Religião em a ſanta Provincia de Andaluzia, da Ordem de noſſo Serafico Padre S. Franciſco, e fez profiſsão nella, onde viveo algum tempo. Mas como guiado do Eſpirito de Deos, que nelle morava, aſpiraſſe ao ſupremo da perfeição Euangelica, entendendo que a vizinhança, e natural affeição da patria, o amor dos parentes, a preſença dos conhecidos, e a communicação dos amigos lhe ſeria não pequeno impedimento para ſubir a ella, como ſe o Senhor lhe diſſera, quaſi a outro Abrahão, [a] que não ſó dei-

[a] Gen. c. 12. num. 1.

xaſſe a caſa de ſeus pais, converſação dos amigos, e parentes, ſenão tambem a propria terra, e a exemplo do noſſo glorioſo Portuguez Santo Antonio de Padua, a quem foi mui parecido, aſſim na aſpereza da vida, como nos milagres, deixando todas eſtas couſas, e arrancando de ſeu coração todas as affeições terrenas, determinou de ir viver em terra eſtranha.

3 Tinha elle noticia do rigor, com que ſe vivia neſta Provincia da Piedade em Portugal, parecendo-lhe accommodada para ſeu intento, havidas as licenças neceſſarias, ſe veio a eſte Reino no anno de 1538. pedio ao Miniſtro Provincial, que então era Fr. Diogo de Borba, no fim de ſeu ſegundo Miniſtrado, o quizeſſe receber, e como a filho, e ſubdito ſeu criar nos ſantos coſtumes, e exercicios, que nella ſe guardão. Elle o aceitou com muita benignidade, como vaticinando jà quem Fr. Antonio ao diante havia de ſer; o qual deo bem a conhecer com ſuas obras pelo decurſo do tempo, que não procedêra de liviandade ſua mudança. Nem foi como a infeliz mulher de Loth, [b] que tornou a olhar atràs: porque de tal maneira poz em eſquecimento o pai, mãi, patria, e parentes, que não ſómente não quiz tornar a vellos, ſenão que em quarenta annos, que viveo neſta Provincia, não procurou novas ſuas, nem quiz ſaber ſe erão vivos, ſe mortos: todo o ſeu cuidado era agradar a Deos, aqui occupava todos ſeus ſentidos. E como ſua Divina Mageſtade nunca deſampara a quem deſeja ſervillo, tanto communicou de ſi meſmo a eſte ſeu ſervo, que foi hum dos mais perfeitos Varões de ſeu tempo; ſubindo a tão alto gráo de ſantidade, que a muitos deo materia de admiração, e a poucos lugar de poderem imitar o raro de ſuas obras.

[b] Gen. c. 19. num. 26.

4 Em os quarenta annos, que viveo na Provincia, nunca bebeo vinho, nem comeo peixe, ou carne, poſto que andaſſe caminhos, ou eſtiveſſe fraco, ou mal diſpoſto. Seu comer ordinario era pão, e laranjas, maçans, e quaeſquer outras frutas, quando as havia: hervas da horta cruas; e ſe algumas vezes as comia cozidas; (o que ſuccedia raras vezes, e por ſer importunado dos Frades) as temperava com cinza, emulando a mortificação do goſto de noſſo Serafico Patriarca, fazendo aſſim penitencia do meſmo manjar, que lhe era neceſſario para paſſar a vida. Outras muitas vezes o ſeu comer era pão molhado no vinagre: deſta ſorte andava ſeu eſpirito pro-

provando novos generos de mortificações, e sua abstinencia inventando traças, com que fizesse guerra ao gosto. Quando hia a prégar fóra do Convento atè huma, ou duas leguas, sempre tornava acabado o Sermão a jantar a casa, por não comer em a de seculares; ou para melhor dizer, por não fazer sua abstinencia onde dos homens pudesse ser visto. E se o Sermão havia de ser mais de duas leguas em distancia, e não podia tornar para o Convento àquelle tempo, levava huns pequenos pedaços de pão, como pobre, com huma cebola, e em falta desta, humas azeitonas, e depois do Sermão, e Missa, dizia ao companheiro, que fosse com os devotos, que os convidavão, e querião agazalhar; e elle em qualquer lugar apartado comia só do que levava na manga, fugindo às mezas abundantes de iguarias, por não ser importunado a comer dellas.

5 Estes erão os banquetes do Santo Fr. Antonio todo o tempo que não jejuava; (ou para melhor dizer, a que não chamava jejum, sendo que o era todo o anno na realidade) porque em o que elle tinha feito de obrigação, tratava-se de outro modo differente; porque como todo seu estudo era pintar-se com as tintas das virtudes huma expressa imagem, e retrato de nosso Padre S. Francisco, sempre jejuou as Quaresmas, que o Santo Patriarca jejuava, na fórma por elle repartidas: como he a que chamamos dos Bemditos, pela benção, que o Santo Padre lançou a todos os Frades, que a jejuassem, e começa da festa dos Reis quarenta dias continuos. Seguia a esta a Quaresma da Igreja, a que todos somos obrigados: entre Pascoas a Quaresma pequena dos dez dias antes de Pentecostes: depois outras grandes aos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo; e dahi à Assumpção da Sacratissima Virgem Senhora nossa, de quem era devotissimo. Logo outra aos Anjos, a quem tambem tinha grande devoção, atè dia do Arcanjo S. Miguel, cuja festa celebrava com grande fervor, e alegria. Os sabbados do anno (que em obsequio da Senhora se costuma jejuar por devoção nesta Provincia, jejuava elle com tanto rigor, e infallivelmente, como se fora obrigação precisa. A Quaresma da Igreja, Advento, com todas as sextas feiras do anno, a que obriga a Regra, nas vigilias dos Santos, como erão jejuns de obrigação, as mais das vezes não comia mais que pão, e agua, e disto ainda pouco; de outra maneira parecia-lhe que não jejuava.

6 Com

6 Com ſer para ſi tão rigoroſo, para os outros era mui brando, e compaſſivo: dizialhes que comeſſem, porque tinhão neceſſidade, e não tão forte eſtomago, como elle, para fazerem taes abſtinencias. Deſta ſua grande caridade deo manifeſta prova algumas vezes que neſta Provincia foi Prelado, ſendo para com os ſubditos benigno, e liberal, folgando que tiveſſem todo o neceſſario, que não excedeſſe os limites da ſanta pobreza, que promettemos. Particularmente exercitava eſta excellentiſſima virtude para com os enfermos; e com tanta ternura, e affectuoſa vontade ſe compadecia delles, que bem podia dizer com o Apoſtolo [e]: *Qual de vós enferma, que eu não eſteja enfermo?* Com tanta humildade os ſervia como quem ſervia a Chriſto, que nelles conſiderava atormentado, e afflicto por amor de nós. Trazia continuamente cruel cilicio, e de poucos uſado, porque era huma lamina de metal crivada a modo de ralo, com toda aquella aſpereza para a carne, que ſempre trazia ferida, e laſtimada; e como a cruel inimigo lhe negava todo o deſcanço, não lhe concedendo algumas tregoas, ou deixando lugar de poder tomar brio.

e 2. ad Cor. c. 11. n. 29.

7 Era tão pouco o ſomno, e limitado repouſo, que dava ao cançado corpo, que não tanto parecia dar-lhe refeição, quanto enganallo. O numero, e rigor de ſuas diſciplinas era extraordinario. O ineſtimavel theſouro da caſtidade guardava com tanto cuidado, que não ſó fugia o trato, e communicação de mulheres, (ainda que honeſtas, e virtuoſas) como de aſpide, cuja peçonha mata ſuavemente, ſenão tambem, como outro Job, [d] parece que tinha feito concerto com ſeus olhos, para que nem ainda as viſſe. Se alguma vez lhe era forçoſo fallar com alguma, era com os olhos baixos, e poſtos em terra, ſem nunca jà mais lhe olhar ao roſtro. Huma vez lhe aconteceo, ſahindo elle do noſſo Convento de Santo Antonio de Abrantes, querer huma nobre, e devota matrona fallar-lhe pela noticia, que tinha de ſua ſantidade, mas o ſervo de Deos ſe deſviou por fóra do caminho: o que vendo a virtuoſa mulher, lhe clamou, dizendo: *Ouça-me, meu Padre, huma ſó palavra.* A que elle reſpondeo ſem voltar o roſtro: *Não digo eu huma, mas nem meia*, e foi andando por diante ſem lhe querer fallar: que os Santos ſendo mui fortes, temem os perigos, em que temerariamente ſe mettem os mui fracos.

d Job nu...

CA-

CAPITULO VI.

Do amor, que este grande servo de Deos teve à pobreza; e como foi milagrosamente provido.

1 DA santa pobreza foi sempre amicissimo este servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa: de sorte que nenhum avarento podia haver tão cobiçoso de ouro, quanto elle cobiçava não ter cousa alguma neste mundo. Se algum Irmão via trazer mais pobre habito, ou manto que elle, rogava-lhe que quizesse trocar pelo seu, trabalhando sempre com huma santa inveja que este fosse mais vil, e desprezivel à imitação de nosso Serafico Padre. De qualidade estampou em si esta joia, que o Santo Patriarca nos deixou por herança, que quem via ao santo Fr. Antonio, via hum animado retrato da pobreza: tal se mostrava no vestuario, comer, e trato. Rarissima vez aceitava habito, ou tunica nova, senão o que os outros jà deixavão, que remendava para si. Do muito, que amava esta virtude, lhe vinha amar tambem entranhavelmente aos possuidores della: com os pobres tratava mui familiarmente, tanto assim, que quando caminhava, não fallando com pessoa alguma, nem ainda com seu companheiro, por se não divertir da contemplação, em que hia, se encontrava estes, com muita benignidade, e ternura os conversava.

2 Compadecia-se por extremo delles, e algumas vezes deo liberalmente o pobre manto, outras a tunica, que trazia, aos que via mal arroupados, despindo-se aquellas peças, para vestillos a elles, condenando assim a impiedade dos ricos, que não vestem a Christo em seus pobres: cargo, que lhes ha de dar este Senhor [a] no ultimo Juizo. Se lhe havião dado alguma esmola de cousas de comer, todas lhas repartia, e para este effeito as aceitava. Como verdadeiro, e perfeito pobre euangelico, quando partia de casa, e fazia alguma jornada, ainda que fosse comprida, não levava cousa alguma de comer comsigo; mas pondo todo o seu cuidado em Deos, o alforje, de que se provia, era da confiança da providencia Divina, que não receava lhe faltasse. Não se achou enganado nesse seu pensamento, porque algumas vezes, que se vio em necessidade, foi provido milagrosamente.

[a] Matt. c. 25. num. 43.

3 Vinha huma vez o Santo Fr. Antonio do Reino do Algarve para o Alentejo a hum Capitulo Provincial, que se fazia, acabando de ser Guardião de

de Santo Antonio de Loulé, adiantando-se muito outros Religiosos, que com elle vinhão, porque sempre caminhava apartado delles, por se dar mais quietamente à oração, aconteceo que na passagem daquella aspereza de montes, e serras inhabitadas, e solitarias daquelle Reino para esta Provincia, se sentio tão fraco, e necessitado, que quasi desfaleceo de todo. Nesta necessidade estava, quando subitamente vio junto de si, sem saber donde alli viera, huma mulher de aspecto grave, e venerando, que representava muita modestia, e honestidade, sentada em huma jumentinha, e trazia em seus braços hum formoso, e alegre menino. Olhou ella para o santo Religioso, e perguntou-lhe, dizendo: *Servo de Deos, comerieis agora alguma cousa, se vola derão? Por certo, irmã*, respondeo elle, *que bem necessidade levo disso.* Tirou ella então de huma toalha hum formoso pão, e humas azeitonas, como iguaria tão usada do pobre caminhante, e lho deo com sinaes de muita affabilidade. Recebeo elle aquella esmola, como vinda do Ceo, dando as graças ao Senhor pelo cuidado, que tinha de provello. E querendo tambem dar os agradecimentos àquella mulher, por mais que olhou ao perto, e ao longe, e por todas as partes ao redor, a não vio mais, nem ainda rasto da jumentinha. Pelo que dando de novo com maior fervor graças ao Senhor, pelo assim prover milagrosamente, tomou sua refeição daquillo, que lhe mandárão: e como outro Elias confortado, não com pão subcinericio[b] trazido pelos Anjos, mas com pão do Ceo ministrado pela Rainha de todos elles (ao que se presume) caminhou esforçadamente por aquelles montes, atè alcançar os companheiros, e chegarem a povoado. Bem se póde presumir que hiria naquelle tempo meditando em o mysterio da fugida, que fez a Sacratissima Virgem Senhora nossa para o Egypto com seu bemdito Filho Jesus em os braços, quando o buscava Herodes para lhe tirar a vida, pois foi o Senhor servido de prover sua necessidade naquella fórma, e figura.

b Reg. c. 1

4 De outro caso temos noticia, que obrou Deos nosso Senhor para acreditar a confiança, que este Santo Varão punha em sua Divina providencia. E foi, que sendo elle Vigario em o Convento de nossa Senhora do Paraiso de Sylves, aconteceo não haver em Casa pão para comer: fez-lhe o Porteiro disto aviso, o qual lhe mandou que não deixasse de tanger a comer a suas horas, por-

porque irião fazer as ceremonias costumadas. Chegado o tempo do jantar, e tangendo o sino à Communidade, dito o Psalmo, e orações, que he costume, sentados à meza, apenas o leitor começou a lição, tocárão rijamente a campainha. Acudio o Porteiro, e abrindo a porta, achou junto a ella hum açafate com dez guardanapos, (tantos erão os Frades, que alli moravão) e dez pães de grandeza, e formosura extraordinaria, e outras tantas reções de carneiro cozido, e quente, cuberto tudo com huma toalha encrespada. Não se vio alli pessoa alguma, que pudesse trazer aquella esmola, por mais diligencias que para este effeito fez logo o Porteiro, sahindo a olhar pelo caminho se via alguma pessoa; e parece foi Deos servido, que nem dalli muito longe se divisasse, para que não ficasse o milagre duvidoso. Com tudo ainda depois disto, para maior confirmação, mandou o santo Frei Antonio dizer do pulpito, que quem em tal dia mandára aquella esmola, o dissesse, para se lhe tornar o cesto, e toalha: o mesmo se perguntou nas Aldeas vizinhas, sem que disto se achasse alguma noticia. Não fazia o santo Prelado tanta diligencia, porque duvidasse do milagre, mas para mais manifestamente mostrar a seus Frades a confiança, que devião ter na providencia Divina. Assim proveo o Ceo muitas vezes suas necessidades, que quanto mais se descuidava de si para o temporal, tanto Deos tinha delle maior cuidado.

CAPITULO VII.

De alguns milagres, que Deos nosso Senhor obrou por este seu servo, ainda em sua vida.

1 IGual cuidado põem os servos de Deos em occultarem sua virtude, que em procuralla; que como só de Deos esperão o premio, não querem do mundo o applauso. Com tudo por mais que se elles retirem aos olhos humanos, nunca podem esconder tanto sua santidade, que não seja conhecida: pois esse mesmo Senhor, por cujo respeito a occultão, nas maravilhas, que por elles obra, a manifesta; que como paga tão bem a quem o serve, não só premêa no Ceo seus trabalhos, tambem cà na terra os acredita com milagres ainda em vida. Quanto o servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa procurasse encubrir suas virtuosas obras, se deixa bem ver, em que para a oração, em que era continuo, buscava da noite o

mais profundo ſilencio, e de dia o retiro de ſua cella, ou o mais ſolitario, e occulto da cerca. Porèm quanto elle mais ſe eſcondia, tanto Deos mais o manifeſtava por muitos milagres, que por elle obrou, vivendo ainda neſte deſterro: querendo-o honrar deſta maneira, para que ſua ſantidade foſſe mais conhecida, e venerada no mundo. Deſtes referiremos alguns, porque todos não fora poſſivel.

2 Indo huma vez a hum Lugar do Reino do Algarve, chamado Alcantarilha, diſtante ſinco leguas da Villa de Loulé, e entrando em caſa de hum mui honrado, e devoto Sacerdote, chamado Luiz Gonſalves, levava para ſeu jantar, porque o não obrigaſſem a comer outra couſa, humas maçans verdes, e azedas, que havia pedido. O bom Sacerdote, que as vio, e preſumio o intento, para que Fr. Antonio as trazia, pedio-lhe que por amor de Deos lhas quizeſſe dar, e aceitar a troco dellas outras maduras, e melhores, que elle tinha. Inſtou niſto tanto, que o veio a conſeguir: não pode eſte ſervo de Deos deixar de fazer o que eſte ſeu devoto lhe pedia, aceitou a troca. Eſtava na meſma caſa hum moço doente, e com mui grandes dores, cauſadas de huma cruel febre, que tinha havia muitos dias, ſem lhe aproveitarem muitos remedios, que para iſſo lhe forão applicados: eſte vendo as maçans verdes, que o ſanto Fr. Antonio trouxera, como tinha noticia de ſua ſantidade, pedio com muita devoção ao Sacerdote lhe quizeſſe dar huma dellas, porque eſperava em o Senhor, que com ella cobraria ſaude. Não ſe enganou o enfermo, nem foi ſua fé ſem proveito; porque em comendo a maçam, foi couſa maravilhoſa, que o pomo verde, e azedo, que naturalmente lhe houvera de ſer mui nocivo, tal virtude recebeo do ſoberano Creador, que dá, e muda quando quer a ſubſtancia às couſas, o deixou tão repentinamente são, que ſe levantou logo da cama. O que para aquella enfermidade he veneno, e peçonha, paſſado pelas mãos do ſervo de Deos, com a fé, que o moço nelle tinha, foi antidoto, e medicina. O prudente Sacerdote, vendo tal milagre, não quiz impedir as mercês do Senhor, obradas pelo ſeu ſervo; deo as outras, que lhe ficavão, a enfermos, que no Lugar havia, e com ellas ſarárão muitos de diverſas enfermidades.

3 Semelhante caſo aconteceo outra vez ao ſanto Fr. Antonio, indo caminhando de Loulé para a Cidade de Sylves, porque encontrando huma mulher

lher pobre, e enferma de mui grandes febres, ella lhe pedio eſmola, e que lhe rezaſſe hum Euangelho, para que o Senhor ſe lembraſſe de ſua grande neceſſidade, e miſeria. Rezou-lhe o Euangelho; e por não ter outra couſa, que lhe dar, deo-lhe huma maçã, que na manga trazia: comeo-a a mulher, e foi Deos ſervido que logo de repente tiveſſe ſaude, de que deo as graças ao Senhor, e a ſeu fiel ſervo. Com eſtes meios, não ſó deſproporcionados ao fim, mas ainda contrarios a elle, obrava a graça de Deos neſte ſeu ſervo, e a fé dos enfermos eſtas maravilhas, como notão os Expoſitores da maſſa de figos, que o Profeta Iſaias applicou [a] ao Rei Ezechias, tão contraria ao achaque, que padecia o Rei, que mais podia ſervir de veneno, que de mezinha, e com tudo ſurtio effeito a ſaude.

4 Sendo Prelado no Convento de noſſa Senhora do Paraiſo em Sylves, havia na Cidade huma mulher viuva, chamada Leonor da Sylva, honrada, mas mui pobre, e carregada de filhas. E como eſta lhe foſſe algumas vezes chorar ſuas neceſſidades, compadeceo-ſe della o Santo Varão, deo-lhe eſmola, e diſſe, que quando alli tornaſſe a vir, ou mandar, repartiria com ella da pobreza, que houveſſe em caſa, pois era tão neceſſitada de remedio. Fello ella aſſim, e continuando dahi por diante, levava de cada vez huma eſmola pequena, como de pobres: (que não dão de muito, que lhe ſobeje, como os ricos fazem, ſenão tirando-o do pouco, que tem para ſi) aquella quantidade pequena, que por ſi não baſtaria a ſuſtentar huma ſó peſſoa, repartida por mãos de hum verdadeiro diſcipulo de Chriſto, e profeſſor do Sagrado Euangelho, qual era eſte ſanto Religioſo, depois de a viuva a ter recebida, dentro em ſua arca, ou em as mãos, ſem ſaber como, lhe creſcia, e ſe multiplicava por virtude Divina de tal maneira, que toda aquella familia comia em abundancia; e o que mais faz o milagre manifeſto he, que aquillo meſmo, que tinha recebido do Santo Religioſo, lhe ſobejava, para poder dar a outros, como algumas vezes fazia. Do que admirada aquella mulher, deſcubrio eſte milagre, que lhe acontecia, a algumas peſſoas, encarecendo o muito merecimento, que tinha diante de Deos o ſanto Fr. Antonio, por quem obrava taes maravilhas. Veio à noticia do humilde Varão o que na Cidade ſe ſabia, ceſſou de lhe dar eſmola alguns dias; e quando lha tornou a dar, compadecido de ſua neceſſidade,

foi pedindo-lhe fé, e palavra de não descubrir mais os myſterios Divinos, nem attribuir a elle, o que ſó era obra da mão Divina.

5 Aconteceo tambem, que indo das partes do Alentejo para o Algarve ſem companheiro, foi hum dia em companhia de huns Almocreves, que como elle hiáo para Loulé. A' tarde chegárão a hum lugar chamado Boliqueime, duas leguas àquem da Villa de Loulé; e aſſentárão os Almocreves comſigo de ficarem alli todos aquella noite, porque não era poſſivel chegarem a Loulé, que era grande, e máo caminho, e nenhum outro povoado tinhão, onde ficarem, ſe dalli paſſavão. Fr. Antonio diſſe que havia de paſſar adiante, e que eſperava em Deos de ir dormir ao Convento. Quizerão os companheiros diſſuadillo de tal intento; mas perſiſtindo nelle o ſervo de Deos, tomou o caminho ſó, deixando-os admirados ſua reſolução. Ficárão elles alli repouſando aquella noite atè o outro dia, no qual chegando a Loulé, e paſſando pela porta do noſſo Convento, perguntárão ao Porteiro a que horas chegára Fr. Antonio. Reſpondeo elle, que às Ave Marias. A eſſas meſmas (diſſerão admirados os homens) partio elle hontem de Boliqueime, onde eſtivemos todos. Ficárão então entendendo huns, e outros, que ſem dúvida nenhuma fora trazido milagroſamente, e que por virtude Divina andára aquelle caminho com tanta brevidade, pois era impoſſivel de outro modo. Muitos outros milagres obrou Deos noſſo Senhor por eſte ſeu ſervo, dos quaes eſcreveremos alguns no Capitulo ſeguinte, tratando dos maravilhoſos effeitos de ſua oração.

CAPITULO VIII.

Da virtude, e maravilhoſos effeitos da oração do Santo Fr. Antonio de Nebrixa.

1 ERa o Santo Fr. Antonio tão fervente, e continuo na oração, que conforme ao conſelho de Chriſto Senhor noſſo, parece que ſempre orava, ſem nunca desfalecer. Ordinariamente andava com o penſamento tão recolhido, e occupado em Deos, que alienado de ſi meſmo, todas as vezes que os Religioſos o encontravão, lhe ouvião proferir palavras naſcidas do que là dentro da alma ſentia. As de que mais commummente uſava, erão eſtas, que muitas vezes repetia; *Bemdito ſeja Jeſus, bemdito ſeja Jeſus:* quando as deixava, pegava naquellas de Iſaías: *Quid ſunt plagæ iſtæ in medio ma-*

manuum tuarum; como que fallando com Deos, lhe perguntava efpantado de ver chagas em fuas mãos. Donde parece que o myfterio, em que mais frequentemente contemplava, era o da Sagrada Paixão de Chrifto noffo Redemptor.

2 Por efte refpeito, quando caminhava, ou hia prégar fóra, raras vezes, e mui pouco fallava com os companheiros, porque como Aguia generofa, remontada em celeftes penfamentos, hia enlevado em contemplação, de que fe feguia fufpender-fe a cada paffo com os olhos no Ceo. Muito menos fallava com os caminhantes, que encontrava, falvo com os pobres, em quem confiderava a Jefus Chrifto Senhor noffo, por nós em efte mundo. Efte mefmo eftylo de fugir à pratica dos feculares obfervava no Convento, quando nelle por caufa de devoção o bufcavão; porque fallando-lhe devotamente do efpirito, logo os defpedia. Sómente no Bofque de Borba, morando alli, fallava com hum virtuofo Fidalgo, chamado D. Diogo de Lima, que alèm de fer eftrangeiro, enviuvando naquelle tempo em Villa-Viçofa, com outros trabalhos, que lhe fobrevierão, vivia defgoftofo; a quem o fervo de Deos por efte refpeito fallava, confolando-o com fuas devotas, e fantas palavras. Quando eftava fóra do Convento, para mais evitar toda a occafião de fer impedido em fuas meditações, fugia quanto era poffivel de fe agazalhar à noite nas cafas dos feculares, procurando alguma Hermida, ou Igreja, em que fe recolheffe. Quando ifto não podia fazer, ditas poucas efpirituaes palavras aos moradores da pouzada, onde entrava, deixando com elles o companheiro em converfação, dizendo-lhe que tiveffe o cumprimento devido, fe apartava em alguma camera, quintal, ou outro lugar folitario, conforme a commodidade, que tinha.

3 Na Aldea, que chamão do Bifpo, (a mais vizinha, e duas leguas do noffo Convento de S. Vicente do Cabo) entrando huma vez em cafa de hum Alexandre Vaz, noffo efpecial devoto, recolheo-fe em huma camera, que eftava deputada para agazalho dos Frades, quando alli vinhão. Ficou Fr. Vicente de Alvor feu companheiro com o hofpede; depois de eftarem converfando huma parte do ferão, querendo ambos faber o que Fr. Antonio fazia, e abrindo a porta, que eftava cerrada, o vírão eftar de joelhos, com os braços eftendidos em fórma de Cruz, levantado em alto da terra, maravilhofamente fuftentado em

o ar, e ouvião que fallava, e calando hum pouco, tornava logo, como que respondia ao que lhe dizia outrem; mas não vião quem era o com quem fallava, nem lhe entendião o sentido das palavras. Admirados de tão estranho caso, cheios de pavor, e com intimo affecto de devoção, e respeito ao servo de Deos, se apartárão dalli, por lhe não impedirem aquellas Divinas affluencias.

4 Estando no Convento, raras vezes era visto fóra da cella, ou Igreja, assim de dia, como de noite, porque vigiava mais do que parece permitte a fraqueza humana. O pouco repouso, que tomava, era antes da meia noite, recolhendo-se para a cella mui pouco tempo antes de Matinas: quando tocavão a estas, acudia sempre ao Coro, e não faltava a ellas, ainda que estudasse para prégar, e ainda que estivesse fraco, ou cançado de longo caminho do dia de antes, nenhuma cousa bastava para o divertir deste santo exercicio. Muitas vezes no Coro era visto ficar suspenso, e tão fóra de si, que totalmente não dava razão do que se dizia; com que costumava pagar fóra do Coro o que lhe parecia que não dissera, nem ouvira. Em Santo Antonio de Loulé aconteceo que faltou huma vez no Coro à entrada das Matinas, e o despertador, como se costuma, o tornou a chamar, parecendo-lhe que não despertára, e entrando-lhe na cella, vio nella hum grande resplandor, e claridade e ao Santo Fr. Antonio de joelhos em oração, rapto em extase, sem dar fé de nada. Attonito o Frade da visão, se tornou louvando a Deos por tal santidade, e disse ao Guardião a causa, por que o Santo Fr. Antonio não espertára, e vinha ao Coro.

5 Depois de Matinas nunca se tornava para a cella; mas acabada a oração da Communidade, ou se ficava no Coro, ou descia abaixo à Capella, onde perseverava de joelhos, ou em pé diante do Santissimo Sacramento, contemplando nos Divinos Mysterios atè o nascer do Sol, apparelhando-se com grande espirito para receber em a Missa ao Filho de Deos debaixo das especies sacramentaes, que com summo respeito, e devoção venerava. Sendo Guardião no mesmo Convento de Loulé, como huma vez o Porteiro Fr. Manoel de Abrantes o buscasse por toda a Casa, para lhe dar certo recado, sem o poder descubrir, foi buscallo aos lugares mais encubertos da cerca, onde o achou detrás de huma mouta posto de joelhos com os olhos no Ceo, elevado em ex-

extaſe mental, ſem dar algum acordo de ſi; da meſma maneira foi achado outras muitas vezes nos taes lugares. Na Cidade de Sylves, andando elle à eſmola, e paſſando pela porta do Conego João Affonſo Proviſor, e Vigario Geral naquelle Biſpado pelo Biſpo D. Jeronymo Oſorio, que então eſtava em Roma: pedio-lhe o Conego que quizeſſe entrar em ſua caſa, como fazião os outros Religioſos, porque tinha licença geral para iſſo dos Prelados, por ſer muito devoto, e bemfeitor noſſo. Não obſtante iſto, Fr. Antonio ſe eſcuſou, e não quiz entrar: o que vendo o diſcreto Proviſor, lhe diſſe: *Ora entre, Padre, que lho mando por ſanta obediencia.* Não foi neceſſario mais para o ſervo de Deos obedecer: o Conego o levou a huma ſua camera, onde lhe moſtrou a cabeça de S. João Baptiſta, retratada tanto ao vivo, e natural, que pondo os olhos nella, ficou traſpaſſado, e fóra de ſi, de maneira que diz o Proviſor em ſeu teſtemunho, que ſe lhe não acudíra o companheiro, que junto delle eſtava, certamente cahíra no chão. Dalli por diante ficou Fr. Antonio mais affeiçoado ao devoto Conego, e por eſta occaſião lhe entrava em caſa, quando hia à eſmola.

6 De quanto merecimento foſſe a oração deſte ſervo de Deos, manifeſtou o Senhor ao mundo, em diverſos caſos dos quaes referiremos aqui ſómente dous. Em o noſſo Convento de S. Vicente do Cabo (como jà diſſemos [c] na diſcripção de ſeu ſitio) não ha fonte, nem ribeiro dalli a grande eſpaço, nem agua alguma para beber, nem para lavar, e mais ſerviço, ſenão a da chuva, que ſe recolhe em huma ciſterna. E como hum anno deixaſſe de chover muito tempo, pouco, e pouco ſe veio a agua, que havia, a gaſtar de todo. Vendo os Frades a ciſterna eſgotada, não ſabião que fazer em tal neceſſidade, ſenão deſamparar o Convento por algum tempo atè chover. Mas Fr. Antonio recorrendo à oração, onde ſempre achava certo o ſoccorro em todas as neceſſidades, ſe foi rogar ao Senhor com grande efficacia, por aquella preſente dos Religioſos. Não ſe achou enganado em ſua confiança, ou fruſtrado de ſeus deſejos; porque ſendo ouvido, foi couſa maravilhoſa, como o que aconteceo ao Profeta Elias, [d] que eſtando o Ceo no meſmo tempo ſereno, e claro, começou logo a deſcubrir humas pequenas nuvens, as quaes em breve ſe condenſárão: toldando-ſe finalmente o ar de todo, principiou a chover copioſamente, e tanto conti-

[c] Supr. l. 2. cap. 16. num. 1.

[d] 3. Regum cap. 18. num. 45.

tinuou a chuva ſem ceſſar, que totalmente ſe encheo a ciſterna, e creſceo a agua.

7 Em Eſtremoz andando o ſervo de Deos pedindo eſmola pela Villa, e vindo-lhe huma mulher dar o pão à porta, com moſtras de grande ſentimento, e com muita devoção lhe pedio lhe fizeſſe caridade encommendar a Deos ſeu marido, o qual eſtava doente à morte acabando, e que com tudo, por mais que lhe dizião, não havia remedio para ſe querer confeſſar, nem diſpor para morrer. O ſervo de Deos a conſolou, dizendo que não ſe affligiſſe, que elle tomava à ſua conta encommendallo a noſſo Senhor. Recolheo-ſe, pedida a eſmola, para caſa, fez oração por elle aquella noite; e foi tal a virtude, e efficacia de ſua oração, que o endurecido enfermo, tocado por Deos, mudou a vontade, e logo pela manhã mandou chamar Confeſſor, e ſe confeſſou com grandes moſtras de contrição, e arrependimento de ſuas culpas; e recebidos com devoção os Sacramentos da Igreja, feitos os mais actos de bom Chriſtão, repouſou em o Senhor.

8 Morando em Loulé, entre muitas, foi huma vez prégar a hum pequeno Lugar chamado Alte, diſtante daquella Villa trez leguas. Acabado o Sermão, poz-ſe logo a caminho para o Convento: em a Nave, que he huma herdade à quem de Alte huma legua, lhe perſuadião huns ſeus devotos, que não paſſaſſe adiante, porque hia huma ribeira caudeloſa, que no caminho lhe ficava, chamada Algiva, ou Ator, tão fóra da mãi, que de nenhuma maneira a poderia paſſar, por ter chovido toda aquella noite, e parte do dia. Não quiz o ſervo de Deos vir no que ſeus devotos lhe aconſelhavão, porque puxava por elle o retiro da ſua cella, e continuando a jornada, chegou à ribeira, que hia tão impetuoſa, e arrebatada, como ſe fora caudeloſo rio. Fez elle breve oração a Deos, e no meſmo tempo ſe achou por virtude Divina à porta do Convento, tocando à campainha. Não entendêrão por então os Frades o maravilhoſo modo, com que alli fora trazido, ſe bem o ſuſpeitárão logo, não ſó pela brevidade, com que veio, pois chegou ainda com muito Sol a caſa, tendo prégado dahi trez leguas no meſmo dia; mas tambem porque pela experiencia ſabião já, qual iria a ribeira, chovendo grandemente toda a noite antecedente: quando menos baſtava para não dar paſſagem. Dahi a poucos dias vierão ao Convento os devotos, que em a Nave perſuadião ao

ſan-

Santo Fr. Antonio ſe ficaſſe com elles, e deſejando ſaber o que tinha paſſado, inquirírão o tempo, em que chegára, e vierão a entender pela reſpoſta, que no meſmo, em que ſe poderia chegar à Ribeira, e não paſſar humanamente na fórma, em que hia. Muitos outros caſos lhe acontecêrão, que por brevidade não referimos.

CAPITULO IX.

De como o ſervo de Deos Fr. Antonio teve eſpirito de profecia.

1 ENtre as graças, que o Eſpirito Santo communicou a eſte ſeu ſervo, que
r. como diz S. Paulo [a] reparte-as
11. por todos, como quer, lhe deo tambem o eſpirito de profecia, como ſe vio em algumas couſas, que lhe acontecêrão. Sendo Guardião em o Convento
le de noſſa Senhora do Seixo, [b]
p. junto ao Fundão em a Beira, em hum anno, que por ſer mui ſecco ameaçava eſterilidade, e as novidades por falta de agua ſe hião já perdendo, ordenou o povo fazer huma Procisſão à noſſa Caſa, pedindo à Sacratiſſima Senhora noſſa ſoccorro para aquella commua neceſſidade, e a elle rogárão quizesſe prégar no dia da Procisſão, que havia de ſer o meſmo da feſta da Annunciação da Senhora em vinte e ſinco de Março. Neſte meio tempo, todas as vezes que o Porteiro do Convento entrava na ſua cella, lhe encommendava que tiveſſe particular cuidado pedir a Deos remedio à neceſſidade daquelle povo, que em tanto temor de fome, e oppreſsão ſe via. Tantas vezes lhe fez eſta lembrança, atè que o Santo Prelado lhe diſſe: *Sabei, Irmão, que no dia de noſſa Senhora choverá tanta agua, que por eſſa cauſa não haverá Sermão.* Aſſim aconteceo; porque eſtando todos aquelles dias o tempo mui ſereno, e quieto, na madrugada do dia da feſta ſe começou a turvar o Ceo, e cubrir de nuvens de modo, que em amanhecendo foi tanta a agua, que não pode a gente ſahir de caſa; e aſſim não houve Sermão, ſuccedendo tudo como o ſervo de Deos tinha profetizado. Ficou toda aquella gente conhecendo no ſanto Fr. Antonio, não ſó o eſpirito de profecia, mas tambem atribuião à efficacia de ſua oração aquelle bom ſucceſſo, que os tinha tão contentes, como de antes eſtavão ſolicitos, e penoſos.

2 Outra vez, ſendo elle Preſidente do Bom Jeſus de Barcellos, eſtando na Capella em oração, e ſendo o Vigario Fr. Diogo de Villa-Viçoſa fóra de caſa, o pai de hum Re-

ligioso, chamado Fr. Ambrosio de Vieira, de sua terra, veio ver este filho ao Convento, ao qual achou nelle servindo de Porteiro. E como Fr. Ambrosio visse seu pai, foi à Capella dar recado do que passava ao Presidente; mas elle antes do Porteiro lhe fallar palavra, o prevenio, dizendo: *Ide, Irmão, e agazalhai muito bem a vosso pai.* Do que ficou admirado Fr. Ambrosio, porque nenhuma noticia havia de tal vinda, nem o servo de Deos tinha visto alguma vez seu pai, nem o podia saber por via humana, senão por via daquelle Senhor, em cuja conversação estava. Em São Vicente do Cabo, sahindo para pescar com huma cana na mão Fr. Manoel da Vidigueira Frade leigo, acaso encontrou com este santo Varão, que ahi tambem era morador, o qual lhe disse: *Ide, Irmão, Fr. Manoel, e trazei-me hum pargo ruivo como vós. Encommendai-me vós a Deos* (disse Fr. Manoel) *que mo póde dar.* Chegando ao lugar da pescaria, lançou a cana ao mar, tirou do primeiro lanço hum pargo ruivo mui grande, do tamanho de hum covado, e em todo o dia, nem elle, nem seu companheiro, por mais diligencias, que puzerão, tomárão algum outro peixe, senão aquelle, que lhe fora profetizado.

3 Sahindo o mesmo servo de Deos deste Convento a pedir esmola na Aldea do Bispo, que como fica dito, he dahi duas leguas, em o deserto, e matos do caminho encontrou os moradores daquellas Aldeas vizinhas, que com armas andavão todos em montaria à caça de hum lobo, que fazia muito damno em suas criações, e gado; andavão jà mui desgostosos, e affligidos, porque se cançavão, e perdião o tempo, sem poderem achallo. Elle compadecendo-se da perda, e trabalho destes homens, feita breve oração, apontando-lhe com a mão para huma mouta, que estava dahi hum bom espaço à parte contraria ao caminho, por onde viera, lhes disse: *Irmãos, ide àquella mouta, que alèm está, e achareis esse lobo, que vos faz tanto damno, e matai-o.* Fizerão elles o que lhe disse Fr. Antonio, chegárão à mouta sinalada, achárão o lobo, e com facilidade lhe tirárão a vida.

4 Quando ElRei D. Sebastião de lamentavel memoria apparelhava o exercito para passar a Africa contra Muley Maluco, em favor de Muley Mahamet Xarife, seu sobrinho, profetizou este servo de Deos sua ruina, dizendo com grande sentimento muitas vezes aos Frades, que no campo de Alcazarquibir havia de ficar a flor

de

de todo eſte Reino. De muitos outros ſervos de Deos ſe diz, que profetizárão o meſmo, e ainda ao meſmo Rei; o que não foi baſtante para impedir o dia mais funeſto, que vio Portugal, em quatro de Agoſto de 1570. O Illuſtriſſimo Gonzaga [c] em ſua Chronica geral diz, que eſte ſervo de Deos profetizou o feliciſſimo ſucceſſo da batalha naval, e victoria, que o Emperador Carlos V. alcançou do famoſo Pirata Ariadeno Barbaroxa em a Goleta, e tomada de Tunes: ſuppoſto que eſta profecia foſſe do Santo Fr. Franciſco da Gatta, como deixamos eſcrito em ſua vida, bem poderia ſer que o profetizaſſe tambem o Santo Fr. Antonio, ainda que diſto não ha mais noticia, que a que nos dá o ſobredito Author.

CAPITULO X.

Da morte, e ſepultura do Santo Fr. Antonio de Nebrixa.

1 QUando o ſervo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, por ſer jà mui velho, parece devia moderar o rigor, e aſpereza, com que ſe tratava, eſteve tão longe de afrouxar nelle, que antes o accreſcentava; qual movimento natural, que, ſegundo os Filoſofos, he mais veloz no fim, que no principio. Frequentava mais o ſanto exercicio da oração, e contemplação: nos ultimos tempos inventou ſeu eſpirito huma nova traça, para que a muita fraqueza, em que ſe via, (que era tanta, que apenas ſe podia ſuſtentar em pé) cauſada da muita penitencia, que tinha feito, lhe não eſtorvaſſe tão ſanto exercicio, e foi, atar huma corda em duas groſſas eſcapolas, que na cella tinha, e arrimado a eſta, alli eſtava em oração todo o dia, e a maior parte da noite, ſuſtentando deſta ſorte o debilitado corpo, que não desfaleceſſe. Ainda neſte eſtado, pelo grande zelo que tinha de aproveitar aos proximos, não deixava de hir prégar ao povo: exhortava com grande fervor à virtude, e a fugir do vicio, acabando ſempre ſeus Sermões com eſtas palavras: *Não direis que vo-lo não diſſe Fr. Antonio.* E fazião tanta impreſsão nos ouvintes, que muitos annos depois da morte deſte ſervo de Deos as trazião na memoria, repetindo-as frequentemente.

2 Aſſima diſſemos, que tinha por inviolavel coſtume, quando hia prégar fóra, huma atè duas leguas de diſtancia, vir jantar ao Convento, por não ſer conſtrangido a comer nas mezas dos ſeculares; e não poden-

dendo jà nos ſeus ultimos tempos obſervar eſte ſeu eſtylo, porque de fraco não podia com jornada tão prolongada para tão breve tempo, levava ſempre hum ſaleiro de cinza, que fazia de figueira, e com ella temperava o pouco, que comia. Ainda neſta idade era tão vigilante em refrear a viſta de mulheres, que morando em Elvas, e indo hum dia à Cidade pedir eſmola, ſuccedeo entrar com ſeu companheiro em caſa de huma nobre, e devota matrona chamada Brites Cizoa, que actualmente tinha hum filho Religioſo neſta Provincia, e como eſta o viſſe tão mortificado, lhe diſſe, que bem a podia olhar, pois era mãi de hum Frade da ſua Provincia, a que o ſervo de Deos deo ſemelhante reſpoſta à que ſe lê de São Luiz Biſpo, dizendo, que a não queria olhar por ſer mulher.

3 Sendo jà finalmente de muita idade, conſumido das muitas abſtinencias, vigilias, e mortificações, em que gaſtára toda a vida, enfermou no Convento de Loulé, onde era morador. Veio a enfermidade acompanhada de terriveis dores, que elle ſoffria com animo tão placido, e quieto, como quem ſabia que queria Deos coroaſſe com a paciencia o remate de tão ſanta, e louvavel carreira. Tanto que cahio enfermo, logo diſſe a ſemana, dia, e hora, em que havia de paſſar deſte mundo: e moſtrando hum grande deſejo de ſe ver jà naquella patria, pela qual ſuſpirava havia tantos annos, com tanta alegria eſpiritual ſe começou a apparelhar para aquella jornada, que nem a grandeza das dores da enfermidade, nem o temor daquelle paſſo tão terrivel lhe davão turbação, para que ſeu fervoroſo eſpirito deixaſſe de eſtar ſempre com o penſamento em Deos occupado; antes com tanta alegria ſe animava a ſi meſmo, que não parecia homem, que eſperava a morte, ſenão que corria às vodas da eterna vida. Admiravão-ſe os Frades de vello, e notavão o pontual cuidado, com que o perfeito imitador de noſſo Serafico Padre S. Franciſco ſe não eſquecia de ſeguir ſeu exemplo, lançando-ſe deſpido fóra da cama, pondo-ſe aſſim fraco, como eſtava de joelhos no chão, arrimado a ella, ou deitando-ſe proſtrado em a dura terra, para que naquella ultima hora não tiveſſe do mundo alguma couſa.

4 Daquella maneira deſejava acabar, e o pedia ao Guardião lho permittiſſe; mas como chegado eſſe tempo eſtiveſſe ſempre acompanhado do Guardião, a quem fazia eſta ſúpplica, não teve effeito ſeu deſejo; por-

porque vendo este que corria perigo bulirem naquella hora com elle, e risco de apressarem mais a morte a quem desejavão tanto a vida, lhe disse, que se contentasse em ter feito da sua parte o que podia para aquelle fim. Conformou o servo de Deos sua vontade à de seu Prelado, nem insistio mais em sua súpplica; vendo que mais que daquella obra, ainda que santa, se contentaria Deos desta obediencia. Assim esteve alguns dias padecendo, e acrysolando-se em o fogo das penalidades, como o ouro, dando graças a Deos nosso Senhor, porque o chegára àquelle estado; e recebidos devotissimamente todos os Sacramentos, claro por virtudes, e cheio de merecimentos, passou desta vida, segundo tinha profetizado, huma sexta feira à hora de Noa, em sete dias de Fevereiro da era de 1578. Ficou depois de morto tão formoso, que jà parecia outro, e seu corpo com os membros tão tractaveis, que a todos causava devoção sua vista. Era de todos os que o conhecião tido em conta de santo, e venerado como tal, pelos milagres, e excellentes obras de virtude, que nelle vião. O Reverendissimo, e doutissimo Bispo do Algarve D. Francisco Canno, que tratava com elle algumas vezes, publicamente dizia, que a Fr. Antonio de Nebrixa o podião venerar como santo, e que elle nessa conta o tinha.

5 Tanto que na Villa de Loulé foi sabida a morte do servo de Deos, acudio logo ao Convento tanto concurso de gente, que não cabia na Igreja; porque atè os officiaes deixavão seu trabalho, e fechavão suas tendas, por irem ver depois de morto, a quem tanto veneravão em a vida. E o que mais encarece a muita devoção de todos, e não pouco a opinião, que tinhão da santidade de Fr. Antonio, he que levava cada hum de sua casa faca, ou tizoura, para que se pudesse cortar-lhe o habito, ou alguma cousa sua, a recolhesse por reliquia. Era grande o tumulto, e vozes do povo, que o acclamavão por santo, e pedião que lho chegassem junto à grade da Capella, para poderem tocallo. Como alli foi posto, o cubrírão de reliquiarios, contas, nominas, cordões, e outras cousas, que com grande instancia querião tocar nelle. Cada hum cortava por onde podia de seus cabellos, habito, e corda para Reliquias, com tanta cobiça, que foi necessario o Juiz de Fóra Alvaro Tristão de Abreu, que ahi se achou presente, defender o corpo do excesso da gente, para que não

cor-

cortassem tanto, que o deixassem despido. Testemunhárão muitas pessoas que sahia delle huma tão grande suavidade de cheiro, que mais parecia Divino, que humano. Huma destas foi o sobredito Juiz, o qual vindo de fóra para a Villa, o sentio meia legua antes de chegar a ella, tão suave, e extraordinario, que jurou em huma Inquirição, de que ao diante faremos memoria, o não tivera por de cousa natural, senão Divina: e ainda a cavallo, e gozando do dito cheiro, dentro em si compungido, sem saber o que era, veio a dar no Convento, onde sabendo da morte do servo de Deos, ficou crendo que procedia de seu corpo, e contou aos Frades o que lhe havia acontecido. A mulher, que lavava a roupa da enfermaria, disse tambem, que na que se tirava da cama de Fr. Antonio, quando estava doente, sentia a mesma fragrancia de cheiro extraordinario.

6 Celebradas finalmente suas exequias, mais com lagrymas de devoção, que com musicas suaves, lhe derão sepultura em o pano da claustra, que vai do Capitulo para o Refeitorio. Alli se tornou a renovar o tumulto da gente, e inquietação do povo, querendo cada hum chegar à sepultura, por levar a terra della, visto não poderem todos alcançar do habito. Nem com esta só se dava por satisfeita a devoção da gente; pedião ao Guardião, que lhes désse de alguma cousa, que tivesse sido do uso do servo de Deos Fr. Antonio, para cuja satisfação repartio elle pelas pessoas, a que pode alcançar, huma tunica, e outras cousas, que tinhão servido ao uso do Varão de Deos. A Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte, neta de El-Rei D. Manoel, e mulher do Duque D. João, primeiro do nome, e sexto em ordem da Serenissima Casa de Bragança, pedio o manto deste Santo Religioso; e sendo-lhe dado envolto em panos de seda, o mandou guardar entre outras Reliquias de muita estima, que sempre teve aquella Real Casa. Deste lugar, onde o servo de Deos foi sepultado, o trasladárão depois no anno de 1602. para outro, como diremos a seu tempo, com os milagres, que em sua translação obrou: refiramos agora os que fez logo depois de sua morte.

CA-

CAPITULO XI.

Dos milagres, que Deos nosso Senhor obrou por merecimentos de seu servo depois de sua morte.

1 COmeçou o Santo Fr. Antonio de Nebrixa logo depois de sua morte a resplandecer com tantos, e tão grandes milagres, que difficultosamente se poderia acertar com o numero delles. E porque não pareça que andamos por caminho incerto, e duvidoso, advirta o leitor, que mandando o Reverendissimo Padre Fr. Francisco Gonzaga, sendo Geral da Ordem, a todas as Provincias, que lhe enviassem a relação dos Religiosos, que tinhão acabado com fama de santidade, e outras cousas notaveis, que nellas houvesse, foi occasião de se tirarem a limpo alguns milagres, que a pouca curiosidade de nossos Frades não fazia caso de pôr em memoria. Pela sobredita causa, no anno de 1583. pouco depois da morte do servo de Deos, foi tirada huma authentica, e juridica Inquirição de seus milagres, pelo Licenciado João Martins de Lemos, Provisor, e Vigario Geral no Reino do Algarve pelo Bispo D. Affonso de Castello-branco, que depois o foi tambem de Coimbra. A qual informação se tirou na Villa de Loulé, nas Cidades de Sylves, e de Lagos, e em Villa-Nova de Portimão: e do que disserão as testemunhas se fez instrumento público, e authentico, sellado com o sello Episcopal.

2 E como andando o tempo, se fossem cada vez mais multiplicando os milagres, e divulgando a fama delles, no anno de 1606. à instancia de Fr. Simão de Aveiro, Ministro Provincial: por mandado, e authoridade do Bispo do Algarve, que então era D. Fernão Martins Mascarenhas, foi tirada outra segunda Inquirição, por Fr. Gaspar de Lisboa Prégador, Guardião em o nosso Convento de S. Francisco de Lagos, e Commissario daquellas Casas do Algarve, a quem o dito Bispo deo poder, e commissão, para que pudesse dar juramento, e tirar testemunhas, conforme a direito: e passou Patente, e Monitorio, em que mandava a todas as pessoas, assim Ecclesiasticas, como seculares de seu Bispado, viessem dar testemunho de tudo o que soubessem, e lhes fosse perguntado àcerca da vida, morte, e milagres do santo Fr. Antonio de Nebrixa. Os quaes testemunhos, tirados pelo dito Fr. Gaspar, e Fr. Antonio do Pinhel, que lhe servia de Escrivão, forão reconheci-

cidos depois pelo meſmo Biſpo, e approvados por bons, e verdadeiros, interpondo ſua authoridade, e ſello em Tavira aos dezoito dias do mez de Fevereiro do ſobredito anno de 1606. como conſta da meſma authentica, e original eſcritura, que ſe guarda no Arquivo deſta Provincia juntamente com a primeira [a] inquirição, que fica dito. Neſtas duas inquirições ſe tirárão mais de cento e vinte teſtemunhas, jurados todos aos Santos Euangelhos, aſſim Eccleſiaſticos, como ſeculares, de mais dos Religioſos deſta Provincia, que tambem por mandado do dito Miniſtro forão perguntados com juramento, e por obediencia. E porque ſeria couſa mui prolixa referir tantos teſtemunhos, maiormente que muitos dizem as meſmas virtudes, e milagres, que outros tem jà dito, ſó referirei alguns dos muitos, que as teſtemunhas diſſerão.

[a] Habentur in Conv. Pietatis.

4 O primeiro milagre, que Deos por merecimentos deſte ſeu fiel ſervo obrou depois de ſua morte, foi em hum João Affonſo, por alcunha, Bom viver, nome, que parece myſterioſo para promulgação dos milagres do ſanto Religioſo, juntando-ſe o ſeu bom viver com o nome daquelle, em quem fazia o primeiro milagre. Eſte homem pois ouvindo dizer que o ſervo de Deos era morto, ſe foi o melhor que pode ao Convento, havendo jà hum anno inteiro que era enfermo, ſem lhe aproveitarem medicinas algumas, deſconfiado de remedio humano; e chegando ao lugar, onde o eſtavão ſepultando, diſſe em altas vozes: *Dem-me da terra deſſa ſepultura, porque entendo que com ella cobrarei logo ſaude, porque a tenho por ſanta reliquia.* Derão-lha os Frades, e com ella hum pequeno do habito do ſervo de Deos; e ſegundo a fé, e confiança, que o enfermo tinha em ſeus merecimentos, foi o Senhor ſervido que logo de repente alcançaſſe ſaude perfeita. Com a viſta deſte milagre, todos os circumſtantes com dobrada devoção, e fervor importunavão os Frades lhes deſſem alguma couſa das que forão do uſo do Santo Fr. Antonio, e levavão da meſma terra para ſe valerem della em ſemelhantes neceſſidades. Após eſte começárão logo outros muitos milagres. Manoel Mendes Caeiro deo hum pequeno do habito a huma ſua irmã, que tinha hum menino muito doente de hum inchaço em huma perna, de que eſtava aleijado, e os Medicos lhe não davão algum remedio. Tanto que lhe foi poſta a ſanta Reliquia ſobre a poſtema, logo miraculoſamente foi ſão. Tendo o meſ-

o mesmo Manoel Mendes huma menina filha sua doente, em artigo de morte com a candea na mão, lançando-lhe ao pescoço a mesma Reliquia, no mesmo ponto alcançou perfeita saude, e viveo muitos annos.

5 O Licenciado Domingos Guterres, Prior da mesma Villa de Loulé, estando mui doente de febres, e pedindo lhe déssem alguma cousa do santo Fr. Antonio de Nebrixa; dando-lhe huns cabellos de seu cercilio, que com devoção recebeo, sentio logo despedir-se-lhe a febre, que actualmente tinha, e naquella enfermidade lhe não tornou mais. Guiomar Vaz de Sousa, que por estar doente em cama de graves febres, não pode ir às exequias, e enterramento, tomou hum cordão seu, que costumava trazer cingido, e deo-o a quem lho fosse tocar no corpo do santo, e lho tornasse logo a trazer; em lho trazendo, foi cousa maravilhosa, que tanto que o cingio, com grande fé, e devoção, no mesmo instante foi sã. Huma filha da mesma Guiomar Vaz de Sousa havia dez annos que tinha quartans dobres, sem haver remedio para ellas, de muitos, que em todo aquelle tempo lhe tinhão applicado; e vendo a mãi o milagre, que Deos nosso Senhor nella tinha obrado por merecimentos de seu servo, lançou-lhe huma pequena Reliquia de seu habito ao pescoço, e logo a deixárão, ficando de todo livre. Catharina Luiz Loba tinha hum moço de hum seu cunhado doente de humas febres em sua casa havia dous mezes, sem haver remedio para se lhe despedirem, tendo-lhe applicado muitos; e como neste tempo corresse a fama dos milagres do santo Frei Antonio, ella com muita devoção lançou ao pescoço do enfermo hum pequeno do habito do servo de Deos, e logo no mesmo dia ficou livre das febres, e alcançou saude. Huma menina chamada Francisca, filha de João Dias Ribeiro, havia trez, ou quatro mezes que estava enferma, com mui pouca esperança de poder naturalmente cobrar saude, e deitando-lhe ao pescoço hum pequeno do habito do santo Fr. Antonio, logo a teve perfeita. Diogo Fernandes, Mercador, havia seis, ou sete mezes tinha humas cezões, que o molestavão muito; e queixando-se a Catharina Luiz Loba (em que o servo de Deos tinha jà obrado o milagre, que assima referimos) do trabalho, em que se via nesta enfermidade, por lhe não aproveitarem os muitos remedios, de que tinha usado, ella lhe deo a Reliquia, que à sua enfermidade fora medicina; e lançando-a

do-a ao pefcoço, logo alcançou a faude, que defejava.

5 Francifco do Valle, natural, e morador na mefma Villa de Loulé, tinha hum menino feu, havia jà dous annos, em huma cama, fem que pudeffe della levantar-fe, porque tinha huma perna quafi tolhida, fem que lhe aproveitaffe remedio algum de medicina, e tanto que lhe puzerão do habito do fanto Fr. Antonio, logo cobrou faude perfeita. Huma moça de João Ribeiro havia quatro annos e meio que eftava entrevada, e tão tolhida, que com difficuldade a podião revolver, recebeo huma Reliquia do habito do fervo de Deos, e logo cobrou a defejada faude. Hum irmão defta moça, eftando enfermo de outra enfermidade mais perigofa, tanto que por momentos efperava a morte, alcançou faude perfeita, tanto que lhe lançárão ao pefcoço a mefma Reliquia. Na mefma Villa de Loulé eftava hum homem chamado Mattheus Rodrigues, doente de humas quartans tão importunas, que havia dous annos lhe duravão, e ouvindo dizer os milagres, que Deos obrava por merecimentos do fanto Fr. Antonio, procurou haver huma Reliquia fua; e achando quem lhe déffe hum pequeno de feu habito, e huma pequena de trança, com que apertava a tunica, deitou-as ao pefcoço, e logo as quartans fe lhe forão. Efte Mattheus Rodrigues empreftou as mefmas Reliquias a hum homem natural da Cidade de Faro, chamado Diogo Simão, mui doente de huma ciatica, e tanto que as recebeo, ficou livre della. Com as mefmas Reliquias farou huma menina do Juiz de Fóra de Loulé, por nome Triftão de Abreu, de hum inchaço, que tinha na garganta, que lhe impedia o levar coufa alguma para baixo. A mulher do mefmo Mattheus Rodrigues, eftando enferma de febres, deitando ao pefcoço as Reliquias, logo teve faude.

6 Huma menina filha de Genebra Fernandes, doente de febres, eftando com frenefis, propinqua à morte, no mefmo ponto, e hora, que hum Sacerdote chamado Gafpar Lopes, Cura de huma Freguezia da Villa de Loulé, lhe lançou hum pequeno do habito do fanto Fr. Antonio, ficou sã de todo o mal, e perigo. Manoel Vaz Salem, natural, e morador na mefma Villa de Loulé, adoeceo de huma colica, de que padecia grandes dores; e lembrando-fe que fe havia achado prefente ao enterro do fanto Fr. Antonio, e havia trazido humas Reliquias do habito, e tunica, que os Frades lhe derão

rão, as lançou ao pescoço, e logo as dores se lhe forão, ficando perfeitamente são daquella enfermidade. Disse mais, quando deo este testemunho, que adoecendo-lhe depois em casa alguns escravos, e outras pessoas de varias enfermidades, todas alcançárão saude com as mesmas Reliquias, com que se lhe accrescentou a devoção, que ao Santo Fr. Antonio com especialidade tivera em vida. Huma mulher do Termo de Loulé chamada Beatriz Gonsalves, moradora no Monte Seco, estando comendo, levou hum alfinete em hum bocado, o qual se lhe atravessou na garganta, de maneira que se affogava, e estava em ponto de perder a vida. Trouxerão-lhe nesta occasião hum pequeno do habito do Santo Fr. Antonio, e tanto que lho puzerão ao pescoço, lançou fóra o alfinete, e ficou livre de todo o perigo, dando graças ao Senhor, que tal mercê lhe fizera por merecimentos de seu servo. Beatriz da Rosa, natural, e moradora em a Villa de Loulé, em o testemunho, que deo, affirma com generalidade, dizendo que seu marido fora ao enterro do servo de Deos, donde trouxera huma panella de terra de sua sepultura, da qual dera a muitas pessoas enfermas de diversas enfermidades, as quaes recebendo-a com devoção, ficavão perfeitamente sans.

7 Huma menina de quatro, ou sinco annos, neta de Simão Soeiro, natural, e morador da mesma Villa, havia seis mezes que estava enferma de tão graves febres, que os Medicos tinhão desconfiado de sua vida, e saude: com admiração delles a alcançou logo perfeita, como lhe lançárão ao pescoço huma pequena Reliquia do servo de Deos. Do mesmo modo a hum homem, chamado Antonio Inglez, se forão logo humas cezões, que tinha havia dous mezes. Grimaneza Mendes, que padecia frequentemente grandes dores do estomago, ou colica, mandou tocar hum cordão em o corpo do santo Fr. Antonio, o dia de sua sepultura, e tanto que o cingio, ficou logo sã, e livre daquelle achaque. Huma irmã sua, chamada Leonor Luiz, estando fóra da Villa em huma quinta, se lhe hia muito o vinho de huma pipa; e como por mais diligencias, que fez, não pudesse remediar aquelle damno, recorreo aos merecimentos do Santo Fr. Antonio, de quem era mui devota, pedindo ao Senhor, que por elles a livrasse daquella perda, promettendo jejuar trez sextas feiras, que era o dia, em que elle morrêra. Tanto que fez esta promessa, sem mais outro artificio humano, vedou a pi-

pipa por si. Domingas de Atouguia, mulher principal em a Villa de Loulé, havia muito tempo que estava enferma de cezões, e com huma Reliquia do santo Fr. Antonio, que lançou ao pescoço, se lhe forão logo, sem que lhe tornasse mais alguma. Pela mesma ordem, e da mesma enfermidade, sarou huma criança, filha de Francisco Gomes, e sua mulher Maria Fernandes.

8 Outra mulher chamada tambem Maria Fernandes, tendo hum filho, por nome Francisco, mui doente de tinha, e que havendo-lhe feito muitos remedios, cada vez se achava peior: acudindo ao mais certo, e seguro, pedio huma pouca de terra da sepultura do Santo Fr. Antonio, e lançando-a sobre a cabeça do filho, subitamente ficou de todo são. Com a mesma terra, que Mecia Vaz poz sobre hum nascido, que tinha em huma face, se achou com perfeita saude. Gonsalo Vaz, andando muito tempo doente de cezões, e lançando ao pescoço huma pouca da mesma terra, logo se lhe forão; e como passados alguns dias perdesse por descuido aquella terra (parece que em pena da negligencia, com que a guardou) lhe tornárão logo outra vez; mas buscando-a com cuidado, e tornando-a a achar, lançada novamente ao pescoço, se lhe forão, e não vierão mais. Não menos se teve por castigo, e por mysterio, o que aconteceo a hum nobre Varão, chamado Gonsalo Vaz Mascarenhas, com huma sua cunhada enferma de febres, havia muito tempo; porque querendo-lhe elle lançar ao pescoço huma Reliquia do habito deste servo de Deos, ella de enfadada jà da enfermidade, mostrando pouca fé, e devoção disse: *Tenho jà recebido Reliquias de tantos Santos, que ametade bastava; mas parece que não he nosso Senhor servido de que eu tenha saude.* O cunhado, não obstante o dito da enferma, lhe lançou a Reliquia ao pescoço; e sendo isto à noite, quando veio à manhã, não aproveitando à doente o remedio, que aproveitava a tantos, em castigo de sua dureza de coração, e pouca fé, nem tinha a Reliquia, nem pode jà mais ser achada: querendo o Senhor nisto mostrar, que não era digna de ter tal Reliquia, pois puzera nella tão pouca fé, e confiança, e a tivera em tão pouca estima.

9 João Nunes com terra da mesma sepultura sarou tambem de cezões; e perdendo duas, ou trez vezes a bolsinha, em que a trazia, logo lhe tornavão: achada, e posta outra vez ao pescoço, logo se lhe hião: acre-

di-

ditando Deos a ſeu ſervo deſta maneira, para que ſuas couſas tidas por Reliquias, não ſe deixaſſem perder por negligencia, antes ſe guardaſſem com cuidado. O Meſtre Ricardo, morador na meſma Villa de Loulé, affirma em ſeu teſtemunho, que com a terra da ſepultura do Santo Fr. Antonio, ſarára por quatro, ou ſinco vezes de cezões, e que com eſte remedio ſe curava todas as vezes que as tinha. Franciſco do Valle, tendo hum filho ſeu do meſmo nome, mui doente de huma perna, que tinha encolhida, e andava em cura, houve hum pequeno do habito deſte ſervo de Deos, que lhe lançou ao peſcoço à noite, e na ſeguinte manhã, acordando o moço, não ſem admiração, ſe achou com ſaude; chamou com alvoroço o pai, dizendo que o vieſſe ver, que eſtava são. A quem o pai declarou donde lhe viera aquelle bem, dizendo-lhe: *Ao ſanto Fr. Antonio de Nebrixa deves eſſa ſaude; que elle te alcançou de Deos, pelas ſuas Reliquias, que tens ao peſcoço.* Catharina Vaz de Oliveira, eſtando jà no ultimo, deſconfiada dos Medicos, de huma terrivel enfermidade de febres. Diogo de Affonſeca eſtando muito mal de huma perna. Leonor da Eſtrada, mulher do jà referido João Affonſo Bomviver, eſtando doente de cezões, e com grande opilação, todos, recebendo devotamente Reliquias deſte ſanto Religioſo, alcançárão com ellas ſaude milagroſa na Villa de Loulé.

10 Não foi menor prodigio, que os referidos, o que aconteceo a Manoel Caeiro, homem fidalgo, pouco depois da morte do Santo Fr. Antonio: tinha-lhe elle particular devoção: notou o anno, dia, e hora de ſeu feliz tranſito; e como depois foſſe ler o memorial, onde iſto eſtava eſcrito, achou ſemelhante prodigio ao que ſe vio no epitafio da ſepultura de Beda, donde lhe veio o nome de Veneravel: porque tendo eſcrito no memorial, que em tal anno, dia, e hora morrêra Fr. Antonio de Nebrixa, achou de mais naquella eſcritura o titulo de Santo, que elle não tinha poſto, porque dizia: *O ſanto Fr. Antonio de Nebrixa:* acreditando Deos com eſte prodigio a virtude de ſeu ſervo, para que foſſe mais venerada. E dizia o ſobredito Manoel Caeiro, contando iſto aos Frades, e a outras peſſoas, que eſtava bem lembrado, não ter poſto no memorial o titulo de Santo, que ao depois miraculoſamente achára. Fora couſa mui prolixa referirmos todos os milagres, que Deos N. Senhor tem obrado, e obra ainda hoje por merecimentos deſte ſeu fiel ſervo na Vil-

Villa de Loulé : os que temos relatado forão, com outros muitos, que aqui não pomos, pelo Ordinario em fórma do Direito authenticados : a relação dos mais remettemos aos moradores daquelle povo, que os tem bem na memoria; assim como se remetteo S. Boaventura aos de Padua, fallando dos milagres do nosso Portuguez Santo Antonio. Passemos a contar os que tem feito por diversas partes deste Reino.

CAPITULO XII.

De outros milagres do Santo Fr. Antonio em diversos tempos, e lugares.

[a] Divus Gregor Dialog. liv. 3. cap. ult.

1 DIz S. Gregorio [a] que por quanto os fracos em a fé podião duvidar, se por ventura estão os Santos tão presentes para ouvir a quem os chama, nos lugares, onde não jazem seus corpos, como naquelles, onde tem a sepultura: por tanto convem à honra delles, que resplandeção com sinaes, e fação milagres, e beneficios a quem os invoca naquellas partes, onde os entendimentos fracos podião duvidar de sua presença. Desta maneira quiz Deos nosso Senhor honrar ao Santo Fr. Antonio de Nebrixa por mui diversas partes; porque ninguem possa duvidar do muito, que elle póde com sua Divina Magestade, e quanto se estendeo o merecimento de sua virtude. Correo pois tanto a fama das maravilhas, que Deos obrava na Villa de Loulé por este seu servo, e mercês, que fazia por seus merecimentos aos que se valião delle; que de diversas partes deste Reino, remotas do lugar de sua sepultura, mandavão pedir terra della por grande Reliquia, e certo remedio de suas enfermidades, de que com ella saravão : e de todas as Cidades, Villas, e lugares do Algarve acudião com grande devoção visitar seu sepulchro.

2 Em a Cidade de Sylves, tendo Luiz Vieira de Affonseca, Cavalleiro fidalgo, huma escrava, por nome Magdalena, em artigo de morte, por trazer duas crianças mortas em o ventre, jà de tempo devido ao parto, para o qual nenhum remedio se lhe sentia, senão fosse o Divino, ordenou que lhe dessem a beber huma pequena da terra, que lançou em hum copo de agua. Tanto que a bebeo, na mesma hora lançou as duas crianças com muita facilidade, ficando sem perigo, e tão sã, como se não houvera tido algum mal, ou trabalho. Manoel Varella, filho de Nuno Varella, e de Constança Carvalha, sendo aleijado totalmen-

mente de huma mão, e ouvindo os muitos milagres, que o santo Fr. Antonio fazia no Convento de Loulé, se foi là com sua mãi; e pondo o braço aleijado sobre o sepulchro do servo de Deos, invocando seu favor, ficou logo tão são, como se nunca fora aleijado. Para manifestação do milagre, com grande contentamento abria, e cerrava a mão muitas vezes, fazendo outras experiencias de força diante de todos, que louvavão a Deos, vendo tão repentina maravilha. Na mesma Cidade Beatriz Fea, mulher viuva, tendo dous meninos filhos seus enfermos de cezões, havendo huma Reliquia do habito do servo de Deos, e lançando-lha ao pescoço se lhe forão logo. O mesmo aconteceo com outro seu filho a huma ama do Beneficiado Nuno Cordeiro, chamada Maria Botelha.

3 Em Villa-nova de Portimão, em casa de Luiz Alvares Landeiro, nobre Cavalleiro da Ordem de Christo, Capitão da mesma Villa, forão applicadas as Reliquias deste santo Religioso a quatro, ou sinco pessoas enfermas de cezões de muito tempo, e todos sarárão logo, sem lhes tornar cezão alguma. Estando o mesmo Luiz Alvares doente de febres, e muito mal; depois de não achar remedio dos Medicos da terra, acudio sua devota mulher Constança Carvalha aos do Ceo, trazendo-lhe estas Reliquias, que tinha, e subitamente ficou com ellas são. Ultimamente as poz ao pescoço a hum seu sobrinho, enfermo de cezões antigas, e dalli por diante lhe não tornárão mais a vir. Desta mesma enfermidade disse Constança Fernandes, mulher de João Luiz, que em sua casa sarárão, hum seu filho, dous moços, e duas moças, por meio de hum dente, que houvera do santo Fr. Antonio. Domingas Vicente, estando mui angustiada, e em perigo, com grandes dores de parto, em lhe trazendo sua mãi Leonor Pires huma Reliquia do habito, com tanta pressa, e facilidade foi livre daquelle perigo, e alumeada com feliz parto, que se deixou bem conhecer que foi milagre de Deos. Beatriz Serveira, tendo hum menino, neto seu, de sete, ou oito mezes em casa; como seja proprio daquella idade levar quanto achão à boca, levou hum pedaço de casca de amendoa, a qual se lhe atravessou na garganta: e afogando-se com ella, começou a chorar, e affligir-se de tal maneira, que parecia acabar, e se fazia jà negro, como morto, com admiração dos que o vião, que não entendendo a causa da-

quelle mal, perguntavão huns aos outros: *De que morre este menino?* O que vendo huma das vizinhas, que acudio àquelle trabalho, e lembrando-se de huma Reliquia, que tinha, do habito do santo Fr. Antonio, lha lançou ao pescoço; com o qual o menino despertou logo, como de profundo sono; e lançando a casca, que lhe fazia o mal todo, ficou são, e quieto, sem mais se queixar. Fr. Jeronymo de Villa-nova, sendo mancebo ainda secular, lhe deo repentinamente huma grande dor em hum olho, que o affligia muito: e como se queixasse disto a huma sua tia, chamada Catharina Fernandes Rebolla, ella lhe tocou o olho com hum cabello da cabeça do santo Fr. Antonio, em quem tinha muita fé, e o trazia guardado em grande estimação: e subitamente se lhe tirou a dor, e começou a clamar que o santo Fr. Antonio fizera nelle milagre.

4 Na Cidade de Lagos, tendo Isabel Fernandes huma sua filha, chamada Guiomar Fernandes, doente à morte, sem lhe valerem medicinas, tanto que o Medico a desamparára, despedindo-se de a curar, por ver que nada lhe aproveitava, nem sabia mais que lhe mandar fazer: houve humas Reliquias deste servo de Deos, as quaes lançou à filha ao pescoço, rezando sinco vezes o Pater noster, e Ave Maria; e logo foi sã a doente, nem lhe tornou febre, ou dor alguma. Isabel Vieira, que muitas vezes era tocada do mal de colica, que com grandes dores a affligia; sobrevindo-lhe huma vez hum grande accidente della, e não querendo abrandar as dores, por mais remedios, que lhe applicava; estando nesta molestia, e desconsolação, lançou Beatriz Lourenço irmã sua hum dente do santo Fr. Antonio em hum pucaro de agua; e dando-a a beber à enferma, não sómente ficou sã milagrosamente daquelle accidente, mas tambem não tornou mais a sentir aquelle mal de colica em toda sua vida. Na mesma Cidade derão outras Reliquias do Santo Fr. Antonio saude a Violante Neta, que estando quatro, ou sinco mezes doente de cezões, e deixando-a os Medicos à natureza, por não obrar nella a medicina, como as recebeo, não teve mais cezão alguma. O mesmo effeito fizerão em Maria de Sintra, mulher viuva, e em outras duas irmans suas doentes. E em Maria Delgada filha de Gregorio Rodrigues, e de Isabel Delgada: a qual, estando doente de quartans perto de hum anno, e havendo tomado Reliquias de diversos Santos, encommendan-

do-ſe em ſeus merecimentos, não foi o Senhor ſervido de lhe dar ſaude; mas tomando as do Santo Fr. Antonio de Nebrixa, lhe não veio mais quartans daquella hora por diante; porque quiz o Senhor guardar aquella honra para eſte ſeu ſervo, que novamente dava a conhecer ao mundo. Hum homem mareante, indo em ſeu barco, junto a huma ponta da terra, que ha junto da Torralta, ſe levantou no mar tão grande tormenta, que ſe vio quaſi perdido; e lembrando-ſe que trazia comſigo humas Reliquias do Santo Fr. Antonio, encommendando-ſe a elle, as lançou ao mar, o qual logo ficou quieto, como ſe não houvera nelle tempeſtade.

5 Na Aldea do Biſpo, eſtando huma mulher, chamada Vicente de Airez, de todo cega, e ſurda de huma enfermidade de ar, que lhe dera na cabeça, e a deixára daquella maneira; vindo alli dous Frades noſſos do Convento de S. Vicente (como he coſtume) lhe deitárão ao peſcoço Reliquias dos cabellos, e habito do Santo Fr. Antonio, com as quaes ſubitamente cobrou ſaude, e ficou com a viſta, e ouvir tão perfeitos, como antes tinha. Pelo que dando graças a noſſo Senhor, e guardando as Reliquias com grande reverencia, e devoção, as empreſtava a muitas peſſoas enfermas, quando eſtavão em algum trabalho, e affirmou que ſaravão todas com ellas. No lugar chamado Rapoſeira tinhão huns irmãos noſſos, chamados André Lonrenço, e Maria Alvares, huma eſcrava doente de febres, e hum eſcravinho tolhido de pés, e mãos, e quaſi cego de bexigas; e aſſim huma, como o outro, em lhe applicando outras Reliquias, como as paſſadas, alcançárão ſaude. O meſmo aconteceo no lugar de Alcantarilha do meſmo Biſpado do Algarve a hum moço do Padre Domingos Gonſalves, Beneficiado na Sé de Silves, que eſtava doente de graviſſimas febres, e com eſte unico remedio ſe lhe forão logo.

6 Na Cidade de Faro, hum Diogo Limão era mui ſujeito à enfermidade de ciatica, que por vezes o atormentava grandemente; e vendo-ſe huma vez mais apertado de hum accidente della, mandou pedir a hum ſeu conhecido, morador na Villa de Loulé, que lhe mandaſſe algumas Reliquias daquelle Santo Frade, cujos milagres alli erão tão ordinarios. Mandou-lhe o amigo huma Nomina, que tinha dellas, e tanto que as applicou com aquella fé, e devoção, com que as pedíra, logo cobrou ſaude perfeita do mal,

que o moleſtava. Aſſim meſmo ſarou de febres, com as quaes eſtava muitas vezes ſangrada, Maria Alvares, de cuja vida ſe temia muito, por eſtar tambem pejada de ſeis mezes; mas por merecimento deſte ſervo de Deos ſe vio livre de todo o temor, e perigo. Outro homem da meſma Cidade de Faro, que havia perto de hum anno lhe tinha ſobrevindo huma enfermidade de tremor de todo o corpo, que muito o affligia, indo ter a huma horta de Mem Rodrigues, morador da Villa de Loulé, elle compadecido de ſeu mal, lhe deo huma pequena de terra, que houve da ſepultura do Santo Fr. Antonio, e como lha puzeſſe ao peſcoço, e o enfermo a recebeſſe com devoção, ceſſou de todo aquelle tremor, e enfermidade. Com terra da meſma ſepultura recebida tambem para eſſe effeito, ſarou de huma enfermidade em Tavira Luiz de Aragão de Souſa; e affirmou que com ella houverão por vezes ſaude alguns enfermos de ſua caſa. Mas deixando o Reino do Algarve, onde eſtas couſas são mui ordinarias, e jà não causão admiração, não iremos a terra notavel deſte Reino de Portugal, onde não encontremos com milagres deſte ſervo de Deos, porque a todas as partes ſe eſtendeo eſta benção.

7 Na Cidade de Beja indo huma vez hum Religioſo noſſo, chamado Fr. Diogo, natural da meſma Cidade, viſitar ſeus parentes, achou em caſa de ſeu pai huma mulher mui enferma de febres; e tirando huma Reliquia, que levava comſigo, que era o oſſo de hum dedo do Santo Fr. Antonio, tocando com elle a enferma, cobrou logo a deſejada ſaude. Na Vidigueira eſtando doentes duas Senhoras filhas dos Illuſtriſſimos Condes D. Vaſco da Gama, e Dona Maria de Attaide, huma de terçans, e outra de quartans, vindo acaſo por alli do Algarve hum Religioſo, por nome Fr. Manoel de Aveiro, lhe deo hum pequeno do habito deſte ſervo de Deos, e huns cabellos da cabeça, e recebendo-os com devoção, daquella hora tiverão perfeita ſaude, ſem mais tornar a vir febre a alguma dellas. Sarou tambem com as meſmas Reliquias huma mulher de caſa, que tinha em hum olho hum inchaço, de que ſentia crueis dores. Na Villa de Portel duas mulheres mettidas em grande preſſura de parto, e deſconfiadas de ſahirem daquelle perigo humanamente, miſturando em a agua huma pouca da terra da dita ſepultura, e bebendo-a, forão logo alumeadas, e ficárão ſans perfeitamente. Na Cidade de Evo-

ra

ra indo hum Fr. Simão de Alvito, Religioso da nossa Provincia, pedir a hum Livreiro, que lhe quizesse encadernar hum cartapacio, elle se escusou de o poder fazer com a brevidade, que lhe pedião, por estar doente de humas febres, e prolixas quartans, havia perto de dous annos, tendo-as hora dobres, hora singellas. Fr. Simão movido de caridade lhe deo hum pequeno do habito deste servo de Deos, o qual lhe foi tão bom remedio, que tornando o dito Fr. Simão dahi a huns dias buscar o livro, e perguntando ao official como estava, affirmou que daquelle ponto, em que recebêra as Reliquias, e as puzera ao pescoço, não sentíra mais febre, nem cezão alguma.

8 O mesmo succedeo em Castello-branco a hum moço, que andava trabalhando em o nosso Convento em huma obra, que então se fazia; porque tendo a mesma enfermidade de quartans, e deitando-lhe hum Religioso outra semelhante Reliquia ao pescoço, se lhe despedírão logo de todo, sem tornarem mais. Na Villa do Sardoal tinha huma mulher huma empola junto ao lagrymal do olho, a qual lhe querião furar com huma lanceta, por não ter outro remedio; mas como temesse aquella cura, e procurasse haver remedio de Deos, houve huma Reliquia do habito deste seu servo, e a lançou ao pescoço com a maior fé, e devoção que pode, e a empola, sem outra alguma medicina, se lhe resolveo de tal maneira, que ficou tão sã, como se nunca a tivera. Na Cidade de Elvas huma mulher do Alcaide das Saccas, estando doente de febres, e na Villa do Crato Leonor de Carvalhaes, mulher do Ouvidor da mesma Villa, tendo quartans de mais de dous annos, com o habito deste Santo Religioso sarárão milagrosamente. Na Cidade de Coimbra, sendo Guardião de nossa Casa de Santo Antonio dos Olivães Fr. Manoel de Guimarães, deo-lhe huma perigosa enfermidade de herisipéla, de que não sómente lhe inchou muito o rostro, mas descendolhe à garganta, de tal maneira o affogava, que não podia respirar. Hia desconfiado da vida por via humana, disse para hum dos outros: *Irmão, lançaime, por amor de Deos, hum pequeno do habito do Santo Fr. Antonio de Nebrixa, nosso Irmão, nesta garganta, posto junto à carne, sem outra cousa em meio.* O Frade o fez assim; então disse o enfermo: *Deixai-me vos rogo repousar hum pouco, e ide-vos todos embora.* Obedecêrão os subditos, e dahi a pouco espaço, que lhes pareceo bastante para el-

elle repouſar, tornárão a ver como eſtava. E o que tão pouco tempo havia que eſtivera às portas da morte, eſtava perfeitamente são; de que todos derão as graças ao Senhor, que tantas mercês fazia aos homens pelas Reliquias de ſeu ſervo, e manifeſtava claramente ao mundo ſeus grandes merecimentos.

9 Fr. Eſtevão de Campo maior, que foi Miniſtro Provincial deſta Provincia, affirmou que confeſſava hum Religioſo della no artigo da morte, (que he o tempo, em que ſe não dizem ſenão as verdades) o qual moſtrando eſtar naquelle paſſo com grande animo, e mui conſolado, perguntando-lhe pela cauſa de tanto animo, e esforço em tempo, que outros temem tanto, reſpondeo que a cauſa era, porque naquella hora lhe apparecêra o ſanto Fr. Antonio de Nebrixa, e o animára, e conſolára muito, dizendo-lhe que não temeſſe. E como eſte Religioſo foſſe de boa vida, e conheceſſe que eſtava jà no ultimo della, porque logo eſpirou, e diſſe iſto eſtando em ſeu juizo perfeito, parece que não fica lugar em pôr dúvida na verdade deſte apparecimento. Outros muitos Religioſos alcançárão tambem por diverſas vezes ſaude de varias enfermidades pelos merecimentos deſte grande ſervo de Deos: mas tenho por eſcuſado amontoar milagres, baſtem por hora os ditos, confirmados todos com o juridico teſtemunho de peſſoas ſeculares: ſalvo eſtes dez ultimos, que ſómente conſtão de teſtemunhos dos Religioſos, que os vírão; e adminiſtrárão as Reliquias, com cujo contacto ſe obrárão; porque em as partes, onde forão feitos, não ſe tirou alguma inquirição de ſeculares.

CAPITULO XIII.

Do vigeſimo primo Miniſtro Provincial: e vida exemplar do ſervo de Deos Fr. Franciſco da Villa de Conde.

1 QUando jà Fr. Miguel de Eſtremoz tinha aviſado ao Miniſtro Geral Fr. Chriſtovão de *Capite fontium* ter acabado jà os quatro annos de ſeu Miniſtrado, pedindo-lhe licença para a celebração do Capitulo futuro, e eſperando eſta no Convento de Santo Antonio de Evora, que então o Cardeal Infante fundava de novo, foi Deos noſſo Senhor ſervido chamallo a ſi no fim daquelle ſeu trabalho, em que tinha bem moſtrado ſeu grande zelo. Por ſua morte ſe congregárão os Definidores, e Padres da Provincia em o Convento de Santo Anto-

tonio de Eſtremoz para eleição do Commiſſario Provincial atè o Capitulo ſeguinte, e ſahio eleito Fr. Alvaro de Olivença. Pouco depois ſe celebrou logo Capitulo Provincial em Santo Antonio de Caſtello-branco; fazendo os gaſtos delle D. Fernando de Menezes, e ſua mulher Dona Filippa de Mendoça Padroeiros daquella Caſa. Por auſencia do ſobredito Miniſtro Geral preſidio no Capitulo o Reverendo Padre Fr. Damião da Torre, filho da ſanta Provincia da Arrabida, e Commiſſario Geral ſobre as Provincias deſte Reino. Foi feita a eleição na peſſoa do meſmo Fr. Alvaro de Olivença pelas Stigmatas de noſſo Padre São Franciſco, anno do Senhor 1578. e ſendo eſta a ſegunda vez que foi eleito em Miniſtro Provincial, o ficou ſendo em numero o vigeſimo primo.

2 Governou a Provincia com aquella prudencia, e zelo, que tinha moſtrado no tempo de ſeu primeiro Provincialato; não acabou porèm todo o tempo deſte ſegundo, porque pouco mais de dous annos de ſua eleição paſſou da preſente vida em o Convento de Santo Antonio dos Olivaes em Coimbra no anno de 1580. que foi o dos catarros, e peſte geral neſte Reino.

3 No meſmo anno da morte do Miniſtro Provincial Frei Alvaro de Olivença em Coimbra paſſou tambem deſta para melhor vida hum perfeito Religioſo deſta Provincia chamado Fr. Franciſco de Villa do Conde. Tomou nella o habito, ſendo jà Sacerdote, deixando por ſeguir a Chriſto hum grande beneficio, que nelle renunciavão, com tudo o mais, que podia eſperar o mundo. Logo no principio moſtrou que a mudança de eſtado, que fizera, não procedêra de leviandade; porque de tal maneira procurou ſer perfeito, depois que ſe vio Religioſo, que jà ſendo noviço ſervia de exemplo aos mais. Não ſó empregava todo o ſeu eſtudo na pura obſervancia da Regra, e Eſtatutos particulares da Provincia, mas ainda a menor ceremonia della guardava perfeitamente. Na abſtinencia foi tão eſtremado, que nunca em todo o tempo de Religioſo, nem ainda de agua ſatisfez a ſede, como elle meſmo confeſſou em ſua morte nas devotas palavras, que referiremos. O officio de prégar exercitava com tanto fervor, e deſejo da ſalvação das almas, que tudo o que não era converter a Deos todo o mundo, lhe parecia pouco.

Fr. Franciſco da Villa do Conde Sacerdote.

4 Foi amiciſſimo do ſanto exercicio da Oração; tanto aſſim, que todo o tempo, que po-

podia furtar às demais occupações, gastava nesta. Teve particular devoção à Virgem Senhora nossa, a quem, sendo ainda secular, fizera voto de rezar cada dia huma Coroa, o que cumpria devotamente, e com muito espirito, juntamente com humas Antifonas, e Orações applicadas à sua immaculada pureza; e supposto que quando professou lhe commutárão alguns votos, que havia feito, não quiz que lhe commutassem este de rezar a Coroa da Senhora, dizendo que não queria absolvição de promessa, que com tanto gosto satisfazia, e desejava cumprir para sempre. Pagou-lhe bem a clementissima Senhora esta devoção, concedendo-lhe a principal mercê, que se lhe pede na Oração da Ave Maria, que foi lembrar-se tanto delle na hora de sua morte, que a teve maravilhosa em tudo; porque depois de se exercitar por muitos annos em continuos actos de mortificação, e penitencia, e outros louvaveis exercicios, que constituem hum perfeito Religioso, sendo morador na Casa de nossa Senhora do Paraiso em Sylves, indo por hospede ao Convento de Santo Antonio de Loulé, lhe deo nelle a ultima enfermidade de hum catarro, que andava pela terra, e ainda por todo o Reino.

5 Pareceo aos Frades cousa leve, e o mesmo dizia o Medico, fazendo pouco caso da doença, não a tendo por perigosa; só Fr. Francisco fez muito caso della, como quem sabia ser chamado do Senhor naquella occasião. Logo disse que havia de morrer, e se apparelhou para isso com grande espirito, e fervor; e confessando-se geralmente, pedio lhe dessem o Santissimo Sacramento, como Viatico para aquella jornada. Isto fez andando ainda em pé, e o foi receber à Capella. Ao Guardião, que então era hum Fr. Diogo de Guimarães, disse que folgava muito de nosso Senhor o trazer a morrer naquella Casa, onde estava enterrado o santo Fr. Antonio de Nebrixa. Recebido o Sacramento da Sagrada Eucaristia, protestou pelo da Santa Unção, dizendo que a pediria, quando fosse tempo. Passado isto, se foi à enfermaria, onde esteve sinco dias, nos quaes lhe sobrevierão grandes dores de colica, e de pedra, e outros achaques, que a morte traz comsigo, que elle soffria com estremada paciencia. E como já os Frades fossem conhecendo a verdade do que o santo Religioso tinha profetizado, e que o mal era de morte, lhe perguntárão se queria que o ungissem: ao que elle respondeo que

era cedo, que quando foſſe tempo, teria cuidado de pedir aquelle Sacramento. No fim dos ſinco dias pedio ao Guardião, que lhe leſſe hum pouco por hum livro devoto; no meio da lição lhe rogou foſſe mais devagar, para que pudeſſe ir rumiando aquellas couſas, que ouvia. Acabada a lição, que durou hum largo eſpaço, fez huma eſpiritual pratica aos Religioſos, que eſtavão preſentes, com que lhes accreſcentou mais a ſaudade, que lhe deixava ſua deſpedida: o que bem teſtemunhavão as lagrymas, que derramavão, ouvindo ſuas devotas, e fervoroſas palavras.

6 Em concluſão deſtas, pedio que lhe deſſem o Sacramento da Santa Unção, e que todos o ajudaſſem com ſuas orações naquella hora. Ao Enfermeiro encommendou, que tiveſſe regiſtado no Breviario aquelle Pſalmo, que começa:
1. *Voce mea ad Dominum clamavi:* o qual noſſo Padre S. Franciſco rezou na hora de ſua morte, para tambem o rezar elle em ſua deſpedida. Depois de ungido, pedio que lhe deſſem huma pouca de agua para beber; dando-lha, e não a podendo levar para baixo, diſſe: *O Senhor ſeja muito louvado: muitos annos ha, que me não fartei de agua, deixando-a toda para eſta hora, e jà não quer ir para baixo.* Então chamou o Enfermeiro, e começou a rezar alternativamente com elle o Pſalmo, que mandára regiſtar, eſtando todos os Religioſos preſentes.

7 Sentia grandemente o demonio eſtas preparações, que fazia para a morte Fr. Franciſco, metteo todas as velas ſua malicia, para ver ſe o podia vencer naquella hora. Dito o Pſalmo, foi viſto tão alterado, e inquieto em os meneios, que fazia, que parecia ver alguma couſa, ou ter alguma terrivel tentação, contra a qual repetia muitas vezes: *Credo, Credo.* Depois de eſtar neſta contradicção algum eſpaço com admiração grande dos Religioſos, que o acompanhavão, quietando hum pouco, virou o roſtro jà alegre, e ſereno para outra parte. E como neſte tempo os Religioſos, que lhe aſſiſtião, lhe repetiſſem as palavras, que elle pouco antes tinha dito: *Credo, Credo*, reſpondeo o fiel ſervo do Senhor: *Jam non credo, ſed agnoſco unum Deum.* Donde parece que eſtando ainda em a carne mortal, ſe lhe quiz Deos manifeſtar. E continuando com as palavras, como quem reſpondia a outrem, que lhe fallava, e repetia o meſmo que ouvia, e lhe mandavão dizer, levantando a mão com o dedo direito para o Ceo, diſſe as ſeguin-

guintes: *Fr. Franciſco da Villa do Conde, por quanto profeſſaſte, e guardaſte o Santo Euangelho, te he prometiido a vida eterna: e jà a tenho, e jà a poſſuo.* Dito iſto, deo ſua alma ao Senhor, deixando a todos mui conſolados, e confirmados na opinião, que delle tinhão, porque a bemaventurada ſahida foi prova da boa vida paſſada. Foi ſeu ditoſo tranſito no Convento de Loulé, no anno de 1580. dous annos depois de ſepultado no meſmo Convento o ſanto Fr. Antonio de Nebrixa.

CAPITULO XIV.

De outros perfeitos Religioſos deſte tempo.

2 GRandes forão os ſerviços, que fizerão a Deos, e ao Reino os Religioſos da noſſa Provincia da Piedade nas occaſiões das peſtes, que nelle em diverſos tempos houve; como jà de alguns deixamos eſcrito, e eſcreveremos de muitos daqui em diante. Merecem bem que façamos aqui delles memoria, os que acabárão a vida miniſtrando a ſeus proximos, e ſervindo-os no horrivel, e contagioſo mal da peſte; porque ſe a caridade he a que aperfeiçoa a virtude, e ſem ella nenhuma he perfeita por teſtemunho de São Paulo,[a] não a póde haver maior, que dar a vida por ſeus irmãos, como diſſe Chriſto por S. João.[b] E aſſim que quando os Religioſos, de quem neſte Capitulo eſcreveremos, não merecêrão por ſua exemplar vida particular relação entre os que pomos por de aſſinalada virtude; o acabarem em tão ſanto, e caritativo exercicio era baſtante para os acclamarmos por ſantos; porque ſendo tão peſſima a qualidade deſta tão perniciosa enfermidade, que obriga a apartarem-ſe os ſãos dos enfermos, não ſómente os eſtranhos, mas atè os pais dos filhos, os irmãos dos irmãos, a mulher do marido, deixando aos miſeros apeſtados quaſi ao deſamparo, faltos aſſim das corporaes, como das eſpirituaes medicinas; daqui vem ſer a maior prova da caridade, e virtude aſſiſtirem neſte miniſterio os eſtranhos. E ainda a Igreja Catholica, tão acertada em todos ſeus decretos, como a que com infallivel aſſiſtencia he allumeada pelo Eſpirito Santo, dá titulo de Martyres aos fieis, que movidos de caridade ardente, deſprezando a propria vida por amor daquelle Senhor, que deo a ſua por nós, acabárão neſte piedoſo miniſterio. Aſſim o faz no Martyrologio[c] Romano a vinte e oito de Fevereiro, intitulando Martyres a huns Presby-

a 1. ... b Jo... c Marty. Rom. de Fev.

byteros, Diaconos, e feculares de Alexandria, que em huma cruel pefte, que houve naquella Cidade pelos annos do Senhor de 255. acudírão a curar os enfermos, offerecendo-fe por efte refpeito voluntariamente à morte. E o Concilio Mediolanenfe, celebrado no anno de 1579. exortando aos Sacerdotes que acudão aos apeftados, diz que morrer em femelhante empreza he hum como genero de martyrio. [d] Não quer dizer a Igreja que morrer fervindo aos que eftão enfermos de pefte, feja martyrio, rigorofamente fallando; porèm que he martyrio por huma femelhança, ou lato modo, pois fe offerecem victimas de caridade.

2 No anno de 1580. que efte Reino foi geralmente affligido com grandes males de pefte, fentio a Cidade de Evora particularmente fobre fi a rigorofa mão do Senhor com efte caftigo, porque durou nella muito tempo, e morreo infinita gente. Para remediar as neceffidades dos enfermos, affim efpirituaes, adminiftrando-lhes os Sacramentos, como temporaes, fervindo-os em a cura, e diftribuição dos mantimentos, fahírão a ella dous Religiofos defta Provincia; affim como outros, em outras partes, onde o mefmo mal lavrava. Hum deftes fe chamava Fr. Jeronymo de Villa-Viçofa, Varão de tantas virtudes, que não fe poderá bem fallar de humas, fem fe fazer aggravo às outras. Nafceo na Villa de feu nome em o anno de 1544. e no de 62. tendo dezoito de idade, tomou o habito defta Provincia, em o devoto Convento do Bofque junto a Borba. Sendo ainda noviço, tanta era a mortificação, que nelle fe via, tanta a penitencia, com que feu corpo caftigava, tanta a humildade, com que a todos fervia, e defprezava a fi mefmo, que bem parecia haver deixado de todo o homem velho, e haver-fe veftido hum novo homem em Jefus Chrifto. Em a obediencia era mui prompto: ao rigor da mui eftreita pobreza affeiçoado: no filencio parecia eftremo, porque raramente fe lhe ouvia palavra, fenão conftrangido da neceffidade. Foi raro exemplo da paciencia, a que o ajudava muito o bom natural, que tinha, porque era dotado de huma natural brandura, e fanta fimplicidade. Neftas, e outras virtudes perfeverou [e] toda a vida, e com ellas adquirio tanto efpirito, e fubio a tão perfeito, e alto gráo de contemplação, que efte era feu ordinario exercicio, em que recebia fingulares mercês, e Divinos favores.

Fr. Jeronymo de Villa-Viçofa Sacerdote.

[e] Gonz. 3. p. tit. Prov. Pietat. Conv. 12. Fr. Artur Dezẽb. 12. fol. 605. Chronol. Monaft. Lufit. f. 42. Agiol. Luf. tom 2. Março 21. liter. H.

3 Antes de haver a peſte, em que miniſtrou, lhe ouvírão dizer alguns Religioſos, que a morte, que mais receára ſobre todas deſta vida, era a de mal de peſte; mas que pela graça, e mercê de Deos tinha jà do Senhor alcançado perfeita mortificação deſta paixão, e temor, e que antes de muito tempo havia de morrer andando nella. Succedeo depois dar eſte mal em Evora, ſendo elle actualmente morador, e Preſidente em o Convento de S. Franciſco de Portel: houve licença dos Prelados para ſer hum dos que vieſſem acudir àquelle trabalho. Partindo-ſe de caſa, deſpedio-ſe de ſeus irmãos, pedindo-lhes o encommendaſſem a noſſo Senhor, accreſcentando aquellas palavras, que diſſe S. Paulo à deſpedida dos de Mileto: f *Amplius non videbitis faciem meam.* Depois de chegado à noſſa Caſa de Evora, ſahio logo della com Fr. Diogo de Lisboa ao ſerviço dos enfermos, que eſtavão na Caſa da Saude, onde moſtrou tanto fervor de eſpirito, deſejando aproveitar às almas, e acudir à ſaude dos corpos, que parecia incançavel. O tempo, que lhe reſtava de confeſſar, ſacramentar, e outras occupações corporaes, em que andava mettido, gaſtava em ferventes orações, e altas contemplações, affligindo-ſe, derramando muitas lagrymas, e rogando a Deos pelas neceſſidades daquelle povo, e que foſſe ſervido levantar a mão de tão rigoroſo caſtigo. Andando neſtas occupações, e exercicios, foi ferido daquelle mal; e como jà ſabia que era de morte, tratou de prepararſe para ella. Sinco dias, que teve de vida, depois de ferido, gaſtou em actos de contrição, e colloquios, que tinha com Deos. Via-ſe nelle em todo eſte tempo huma alegria eſpiritual, nem repreſentava aquella natural melancolia dos que eſtão tão perto de dar conta. Neſta fórma abraçado com huma Imagem de Jeſus crucificado paſſou da preſente vida aos goſtos da perduravel, e eterna aos vinte e hum de Março do ſobredito anno 1580. com dezoito de habito, e trinta e ſeis de idade. Seu corpo foi ſepultado no Alpendre da Igreja de S. Franciſco da meſma Cidade, junto dos degráos da porta principal.

f Act. c. 20. num. 25.

4 Foi eſte Veneravel Religioſo noviço em o Boſque de Borba com outro grande ſervo de Deos, de quem trataremos a ſeu tempo, chamado Fr. Diogo de Hitta; e como ambos erão homens eſpirituaes, e conformes na vida, tiverão particular amizade. Logo na entrada da Religião houve alguma fa-

fama, que fizerão ambos hum concerto, de que ſe Deos o permittiſſe, o primeiro que delles morreſſe, appareceria ao outro, e lhe daria conta de ſeu eſtado. Se foi verdade, ou não, não ha diſſo outra certeza mais que a fama; porèm o que depois ſuccedeo a confirma: porque morando Fr. Diogo de Hitta na Piedade de Villa-Viçoſa, depois de Fr. Jeronymo falecer, diſſe hum dia a outro Religioſo, ſeu particular amigo, fallando da morte de Frei Jeronymo: *Tão certo he, Irmão, eſtar Fr. Jeronymo em o Ceo, como ter eu iſto em a mão*, e moſtrou huma couſa, que nella tinha. E querendo aquelle Religioſo inquirir em particular ſe lhe apparecêra, ou do modo, como aquillo ſabia, Frei Diogo, que como verdadeiro humilde trabalhava por encubrir os favores Divinos, que recebia, lhe reſpondeo: *Baſtevos, Irmão, ſaber que eſtá na Bemaventurança.* Donde ſe ficou entendendo, e havido por certo, que lhe apparecêra, e o certificára de ſua gloria.

5 No meſmo tempo acabou tambem em Villa-Nova de Portimão, no Reino do Algarve, Fr. Antonio de Sylves Sacerdote, Religioſo mui eſſencial, de ſublime perfeição, e Angelica pureza, a quem Deos por ſua infinita bondade fez hum aggregado de todas as virtudes, entre as quaes reluzio ſempre o ouro de ſua finiſſima caridade. Obrigado deſta ſe offereceo a curar, e ſacramentar na dita Villa, e na de Alvor, diſtante della huma legua, aos feridos de peſte, reſultando ao ſervo de Deos de tão glorioſa acção grande cumulo de merecimentos. Era infatigavel o cuidado, com que acudia aos apeſtados, aſſim com os ſoccorros eſpirituaes, como temporaes: pois não ſó lhes acudia a toda a hora com as viandas neceſſarias, mas tambem com os ſagrados antidotos da Igreja mais neceſſarios em ſemelhantes tranſes. Neſte ſanto exercicio andava, atè que ferido do meſmo mal, depois de haver curſado neſta Univerſidade do amor do proximo largo tempo, rendeo a humanidade nas mãos da morte, feito amoroſa victima da caridade. Foi ſepultado no Alpendre da Igreja do noſſo Convento de Villa-Nova junto ao canto da portaria com hum letreiro em a campa, que declara cuja he a ſepultura, e a enfermidade, de que morreo. Seu ditoſo tranſito põe o Agiologio Luſitano *g* a 8. de Maio.

g Agiol. Luſ. tom. 3. Maio 8. liter. G.

6 Foi tão geral a peſte do ſobredito anno de 1580. que nem a freſquiſſima Villa de Eſtremoz eſcapou a ſeu eſtrago,

antes paſſou a meſma, e igual fortuna com as mais Villas, e Cidades deſte Reino. Eſtava então morador no Convento de Santo Antonio, que temos naquella Villa, hum Religioſo chamado Fr. Luiz do Torrão, cheio de muitas virtudes, às quaes poz o ſello a caridade ardente, com que voluntariamente ſe offereceo à morte pelo amor dos proximos; porque apenas entrou a peſte em Eſtremoz, pedio logo que o deixaſſem ſahir a ella, para ajudar aos enfermos com ſantos conſelhos a ſalvar as almas, e ſervillos em as couſas neceſſarias ao corpo. Exercitando-ſe em eſte miniſterio com grande fervor de caridade, e eſpirito juntamente com Fr. Affonſo de Lisboa, ſeu companheiro, Sacerdote, eſtando na Caſa da Saude, foi ferido do mal Fr. Luiz, com grande contentamento de ver que acabava a vida em exercicio tão ſanto. Por ſua morte ſahio, para fazer companhia a Fr. Affonſo, Fr. João de Alcarapinha, Sacerdote, e Preſidente em o noſſo Convento da Vidigueira; o qual ouvindo dizer que andava aquelle fogo mais ateado em Villa-Viçoſa, e Eſtremoz, que em outra alguma parte do Alentejo, veio primeiro àquella, depois a eſta terra ſervir aos apeſtados; depois de gaſtar quatro mezes neſte exercicio, ſe ferio do contagio, e eſteve trez dias deſconfiado da vida; mas foi Deos ſervido darlhe ſaude, com que pode continuar naquelle trabalho, ajudando ao ſobredito Fr. Affonſo: o que elle attribuia a humas Reliquias, que comſigo tinha do Santo Fr. Antonio de Nebrixa, affirmando que repartindo-as por alguns dos apeſtados, livrárão da morte os que com fé, e devoção as aceitárão. Foi eſte Religioſo tão illuſtre em o ſangue no mundo, por ſer dos aſcendentes dos Condes de Villa-Flor, como por bons procedimentos na Religião, onde ſempre viveo com grande exemplo. Pagamos com eſta breve memoria a curioſidade, que teve de fazer hum Memorial, que não pouco nos ſervio para ordenar eſta Chronica pelo computo dos annos. Tornando pois a Fr. Luiz do Torrão, depois que naquelle exercicio acabou a vida, foi enterrado na primeira ſepultura do clauſtro do Convento antigo, entrando da Portaria para a Igreja à mão eſquerda. A qual cova elle pedio ſignaladamente ao Guardião, quando ſahio à peſte, para ſer enterrado nella. Donde parece que teve revelação de ſua morte, antes de ſahir àquelle miniſterio: alcançaria tal vez eſte favor de Deos

Fr. Luiz do Torrão, Frade leigo.

Deos

Deos na oração, em que era mui continuo, e tinha muitos ſentimentos do meſmo Senhor.

CAPITULO XV.

Virtuoſa vida de Frei Manoel de Aveiro.

1 EM o meſmo anno, que acabárão a vida, ſervindo aos apeſtados, os Religioſos, que no Capitulo antecedente deixamos referidos, poz tambem termo à ſua outro de não menor virtude, occupado em Coimbra no meſmo miniſterio. Foi eſte Frei Manoel de Aveiro, não ſó tido por ſanto em a morte, mas tambem julgado por tal em toda a vida, porque era mui contemplativo; tinha muitos ſentimentos de Deos na oração, em que gaſtava o mais do tempo: mas ſabia ſua humildade occultar de ſorte os favores, que Deos neſte ſoberano exercicio lhe communicava, que não erão entendidos dos outros Religioſos, ainda que muitas vezes o ſuſpeitavão. Para ſi (ſendo mui compaſſivo para os outros) era mui auſtero, e rigoroſiſſimo em diſciplinas, e mortificações extraordinarias, e jejuns de devoção a pão, e agua. Muito tempo, ainda por caminhos compridos, não trouxe ſandalias, ou outra alguma couſa em os pés, mas andavão nús totalmente por terra. Foi muitas vezes Prelado neſta Provincia, e Meſtre de Noviços outras muitas, por ter para iſſo particular talento; que alèm de ſua vida ſer tão exemplar, como importa para aquelle officio, onde move mais o exemplo da obra, que a doutrina da palavra, era dotado de huma ſingular caridade, que tambem nos Meſtres ſe requere. Deſta virtude lhe procedia ſer ſempre o primeiro em ſe offerecer nas occaſiões, que havia de ſervir aos proximos em ſeus trabalhos, e enfermidades, ainda que foſſe com perigo, e à cuſta da vida.

2 Eſta o levou a ſervir em diverſas peſtes: primeiro em Azurára no anno de 1566. onde (como jà em ſeu lugar diſſemos) morreo Fr. Rodrigo de Chaves, e eſcapou elle com vida para fazer mais ſerviços a noſſo Senhor. Depois no anno de oitenta, tocando o mal em hum Lugar do Campo, chamado Aſſafarja, ſabendo da muita gente, que alli morria, e neceſſidade, que padecião os proximos, procurou logo licença para ir a ſoccorrellos. Alcançada eſta dos Prelados, foi com outro companheiro; mas por então não teve effeito o que pertendia, porque achou dous Religioſos de noſſo Padre

São

S. Domingos, que jà là estavão, os quaes lhe disserão, que bastavão ambos para aquelle ministerio, nem erão necessarios quatro em hum lugar tão pequeno. E assim se tornou o servo de Deos com o pezar de lhe fugir de entre as mãos huma occasião, como aquella, de exercitar sua caridade, e offerecer sua vida ao Senhor em sacrificio. De caminho entrando em casa de humas nossas Irmans devotas, que o estimavão por sua virtude, como o recebessem com grandes sinaes de contentamento, dizendo que se alegravão muito de se elle tornar para casa, respondeo o santo Religioso: *Se vós folgais com isso, eu venho muito triste, e desconsolado.* Não tardou muito que se vierão a cumprir seus desejos; porque dando tambem a mesma peste na Cidade, elle sahio logo com outro companheiro, para administrar os Sacramentos, e acudir às mais necessidades dos feridos da Casa da saude.

3 Quizerão o Guardião, e outros Religiosos divertillo daquelle intento, e que fossem outros Frades mancebos, que para isso se offerecião, por não perder a Provincia hum Religioso de tanta substancia; mas elle respondeo que o deixassem ir, que era Deos servido de que acabasse naquella obra. Despedindo-se jà dos Frades, levantando as mãos ao Ceo, disse: *Louvado sejais, Senhor, que em outra peste comecei a exercitar o officio das confissões*, (na que fica dito de Azurára) *e nesta o acabarei:* e aos Frades affirmou tambem logo que o não verião mais na presente vida. Assim foi, porque depois de se haver exercitado naquella tão santa obra algum tempo com grande espirito, acabou ferido do mesmo mal com tão grande exemplo, e mostras de santidade, que a todos causou maravilhosa devoção, sentindo-se edificados do que nelle havião visto. Ficou seu corpo tão bem assombrado, que mais parecia dormido, que morto: e a formosura, que nelle se via, testemunhava a gloria, que sua alma jà lograva. Nem faltou o Ceo com sinaes, com que acreditasse a seu servo, e mostrasse aos homens quão aceita lhe fora sua caridade, porque da cabana, onde morreo, e depois de sua sepultura, sahia huma fragrancia de cheiro tão grande, e extraordinaria, que os feridos, que estavão espalhados por aquellas cabanas, maravilhados delle, perguntavão que cousa aquillo era, porque não lhes parecia cheiro natural, mas Divino. Os que podião, vinhão onde o servo de Deos estava, publicando-o todos por santo.

Esta

Esta suavidade de cheiro, como affirmárão alguns dos que estavão na Casa da Saude, durou depois por muitos dias, em a cabana, onde morreo, e no lugar de sua sepultura.

4 Chegou logo a noticia desta maravilha à Cidade; o que sabendo huma mulher della, que havia jà tempo padecia a importuna molestia de humas quartans, que a tinhão posto em muita fraqueza, determinou vir buscar o remedio neste servo de Deos. Perguntou a hum homem pela sepultura do Frade santo: elle lhe mostrou outra, que alli perto estava: e como a boa mulher, chegando a ella, não sentisse o cheiro, que lhe dizião, duvidando do que lhe dissera aquelle homem, andou correndo as outras sepulturas, atè chegar à de Fr. Manoel, onde sentio o cheiro, que dizião todos; virando-se então para o homem, disse: *Ah como me enganaveis, que esta he, e não aquella a sepultura do santo.* E com a fé, e devoção, que tinha em o servo de Deos, inclinando-se, e beijando a terra com reverencia, lhe pedia rogasse a nosso Senhor a livrasse daquellas importunas quartans, que padecia. Ouvio Deos sua petição, e por merecimentos de seu servo, nunca mais aquella mulher teve cezão, mas alcançou perfeita saude. Muitas outras pessoas, dizem, que levavão terra desta sepultura, com que saravão de suas enfermidades. Os do governo da Cidade mandárão pôr sobre ella huma pedra com seu letreiro, que diz, como este servo de Deos morreo naquelle exercicio no dito anno, e mez de Agosto. Està à porta de S. Sebastião, que he em pouca distancia da cova.

CAPITULO XVI.

Eleição do vigesimo-segundo Ministro Provincial: e memoria de alguns perfeitos Religiosos de seu tempo.

1 LOgo depois da morte do Ministro Provincial Fr. Alvaro de Olivença, que foi, como jà dissemos, em o nosso Convento de Coimbra, aos dous annos, pouco mais, de seu governo, convocou o Commissario geral da Familia Fr. Antonio de Aguilar os Vogaes desta Provincia, para eleição do novo Ministro, em o nosso Convento de nossa Senhora do Sardoal, em que presidio o mesmo Padre. Sahio eleito hum, que entre os mais grandemente se assinalava nas prendas, e requisitos necessarios para o officio de Prelado: foi este Frei Pedro de Abrantes, em numero o vigesi- *Fr. Pedro Abrantes Provincial 22.*

ſimo-ſegundo Provincial, que teve a Provincia. Celebrou-ſe o Capitulo de ſua eleição em dezeſeis de Janeiro de 1581. os gaſtos delle correrão por conta do povo, que como he tão devoto, e caritativo, acudio com muita abundancia a todo o neceſſario. Moſtrou logo o novo Provincial ſeu zelo em muitas couſas, que no Capitulo, em que ſahio eleito, inſtituio novamente: do modo de proceder em ſeu governo daremos mais clara noticia, quando hiſtoriarmos ſua vida, pois eſtá pedindo eſta que façamos della memoria, como fazemos dos mais, que acabárão com fama de virtude.

2 No tempo deſte Miniſtro florecêrão alguns Religioſos de approvada vida: e ainda que he mui pouco o que delles achamos eſcrito, de mais da acclamação commua, com que acabárão, poremos com tudo eſſe pouco, de que temos noticia, para que de todo ſe não perca ſua memoria. Foi o primeiro delles Fr. Bartholomeu de Setuval, Prégador Euangelico, e Religioſo de tantas perfeições, que parece as ajuntou todas nelle a Divina graça. Era mui frequente, e fervoroſo em a oração mental, na qual aprendia mais o que havia de prégar, do que pelos livros. Por eſta cauſa antes do dia do Sermão ſe levantava às onze horas da noite, e atè que ao outro dia ſubia ao pulpito eſtava em oração, tratando com Deos o que havia de dizer nelle. Deſte ſeu eſtudo lhe veio a eſpecial graça, que teve, de aproveitar aos proximos, fazendo nos peccadores maravilhoſas converſões a Divina potencia por meio de ſua doutrina. Particularmente lhe concedeo o Senhor graça de compor inimizades, abrandando com ſuas eſpirituaes, e devotas palavras os corações mais duros. Coſtumava pedir a Deos em ſuas orações, que quando o levaſſe, lhe déſſe huma morte ſubita, indicio grande de que andava ſempre bem aparelhado para eſta hora.

Fr. Bartholomeu de Setuval, Prégador.

3 Não fazia eſta ſúpplica por alguma preſumpção, que o moveſſe, nem pelo fim, que a deſejava Auguſto Ceſar, [a] que era por fugir às moleſtias, que a ultima enfermidade traz comſigo, ſenão porque todas as vezes que era doente, o tentava o demonio grandemente com muitos eſcrupulos, e duvidas na fé: pelo que pedia ao Senhor morte repentina, para que não tiveſſe o demonio tempo, nem lugar de o tentar daquella maneira. Ouvio Deos ſua petição, e deo-lhe hum repentino accidente de apoplexia, ſendo actual Definidor da Pro-

[a] Sue... in vi... guſt...

Provincia, e morador em o Convento de Santo Antonio de Eſtremoz, com que em poucas horas, como piedoſamente cremos de ſua vida, paſſou à eterna Bemaventurança, tendo todos por particular mercê do Senhor aquelle genero de morte, que lhe foi dado. Não diminue, nem deſacredita a ſantidade o genero de morte; por qualquer caminho ſabe Deos levar aos ſeus às felicidades perduraveis. O ter vivido bem, e conſervar em a morte a graça da boa vida, dão a ultima victoria. He certo que a morte não tomou deſcuidado a Fr. Bartholomeu de Setuval, mas com huma dilatada preparação de toda a vida. A Igreja nas Ladainhas não pede em nome dos fieis, que os livre Deos da morte repentina, ou apreſſada, ſenão quando ella he improviſa, e ſem apparelho, pois a grandes Santos, e ſervos ſeus levou o Senhor para ſi, não ſó com morte repentina, mas deſaſtrada. De hum raio o Eſtilita, e de outras ſemelhantes mortes a varios Santos, que ſeria largo numerar, as quaes lhes não tirão a grandeza de ſua virtude, e ſantidade: como tambem a não tirou a Fr. Bartholomeu a morte, que teve; porque alèm de não ſer improviſa, foi dada por deſpacho da petição, que ſempre a Deos fazia.

4 Quaſi pelo meſmo tempo, em que no Convento de Santo Antonio de Eſtremoz deixou a temporal pela eterna vida Fr. Bartholomeu de Setuval, fez tambem o meſmo caminho do de Santo Antonio dos Olivaes, onde era morador, Fr. Gaſpar de Braga, Sacerdote. Foi elle Religioſo de mui alta contemplação, na qual recebia do Senhor continuas viſitações, e mercês grandes. Teve dom de mui copioſas lagrymas: foi mui auſtero, e rigoroſo em todo o genero de penitencia, jejuns, diſciplinas, cilicios, e outras mortificações extraordinarias, com que ſujeitava a carne, e a fazia ſervir ao eſpirito. Admiravão os Frades ſuas vigilias, pois erão tantas, que parecião exceder as forças da humana natureza; porque da prima noite atè Matinas, eſtava orando em a cella; depois de Matinas atè o pelde ficava no meſmo exercicio em o Coro: então ſe recolhia a dar breve repouſo ao corpo, atè que tocavão a Prima. Toda a vida obſervou indiſpenſavelmente eſte ſeu eſtylo, donde veio a alçançar do Senhor tanto eſpirito, que a grandeza deſte o fazia romper em continuos gritos, e ſuſpiros, porque não podia ſupportar ſua força. Na Miſſa ſentia tanta doçura, e ſuavidade, que com

Fr. Gaſpar de Braga Sacerdote.

muita difficuldade a podia acabar : e quando eſta era cantada, e elle aſſiſtia em o Coro, rara vez eſtava atè o fim della, porque ſe afervorava de ſorte, que ſahia do Coro correndo, e dando repetidos gritos. Neſtas virtudes perſeverou toda a vida, e acabou no ſobredito Convento com fama de ſantidade.

5 Foi tambem do meſmo tempo outro Religioſo de conhecida virtude, por nome Fr. Agoſtinho de Lisboa, Sacerdote de maravilhoſa pureza, e tão perfeito na vida regular, como ſe na profiſsão promettêra poſſuir em grão ſubido todas as perfeições deſte eſtado. Principalmente ſe eſmerou na caridade, obrigado da qual, ſendo morador em o noſſo Convento de Santo Antonio de Abrantes, ſahio a curar aos apeſtados, que naquella Villa, como nas mais deſte Reino, havia. Aſſiſtio na Caſa da ſaude muitos mezes, atè que de todo ceſſou aquelle açoute da Divina Juſtiça, e em todos eſtes foi notavel o cuidado, com que aſſiſtia aos enfermos, miniſtrando-lhes aſſim o remedio temporal para os corpos, como a eſpiritual medicina para as almas. Recolheo-ſe depois diſto para o Convento, onde paſſados alguns dias, adoeceo gravemente, não ſem ſuſpeita de ſer de peſte, e em breve tempo, no fim de Janeiro de 1581. o levou Deos da preſente vida, para lhe dar na outra o premio de ſeu trabalho.

Fr. Agoſtinho de Liſboa, Sacerdote.

6 No ſeguinte anno de 1582. acabou tambem ſantamente o curſo temporal da vida em o Convento de Aveiro Fr. Diogo da Beira, Varão perfeitiſſimo, pois reſplandeceo em todas as virtudes com maravilhoſa [b] excellencia, eſpecialmente na contemplação (fonte, donde dimanão todas) que era ſeu mais ordinario exercicio. Nelle ſentia muitas contradições dos demonios, que preſentidos de ſeus virtuoſos progreſſos, por eſtorvallo de ſeu intento, e occupação eſpiritual, o perſeguírão de diverſas maneiras, apparecendo-lhe por vezes com terriveis figuras, e outras fazendo-lhe eſcarneos, e máos tratamentos; mas tudo eſtimava em pouco ſeu frequente eſpirito, confortado em Deos, de quem em premio do valor, com que lhe reſiſtia, recebia ſingulares favores, e conſolações eſpirituaes, que ſobrepujavão toda a moleſtia daquellas perſeguições. Foi devotiſſimo da Paixão de Chriſto; e quando nella conſiderava, derramava abundancia de lagrymas, com eſtranho ſentimento, acompanhadas de enternecidos ſuſpiros. Muitas ve-

zes

Fr. D... da Be... Frade leigo.

b Agiol. tom. ... Mai... liter. ... Alvar... Lobo... das R... fol. 1...

zes foi visto arrebatado todo em Deos, e elevado no ar, com admiração dos circumstantes. Teve muitas revelações Divinas, que as memorias, que delle ha escritas, não especificão, mais que com esta generalidade, dizendo que forão muitas; salvo huma, que declarão, por descubrilla quem foi della testemunha: e foi, que indo huma vez este servo de Deos em companhia de outro perfeito Religioso Fr. Diogo da Silva, de quem jà nos lembrámos, caminhando por hum sombrio, e deserto valle, subindo para hum monte, a que hião pedir agazalho, por ser jà tarde, antes de chegarem ao monte, passou por elles huma voz tão sentida, e dolorosa, que o ouvilla cortava a alma. Dizia esta: *Que farei, triste de mim, que caminho hei de levar agora?* E repetindo isto trez vezes, fazendo estrondo por esses ares, passou adiante, e não se ouvio mais. Da qual cousa admirado Fr. Diogo da Silva, perguntou a Fr. Diogo da Beira, que seria aquillo; ao que elle respondeo ser huma alma, que naquelle ponto sahíra do corpo, e miseravelmente hia caminho do Inferno, por hum juramento falso que dera. Finalmente em o rigor, e perfeição de vida, em que desde sua entrada na Religião se exercitou, o achou a morte vigilante no sobredito Convento de Aveiro.

CAPITULO XVII.

Do vigesimo-tercio Ministro Provincial: e do servo de Deos Fr. Aleixo de Braga.

1 DEz mezes antes de acabar o tempo, que havia de durar seu officio, conforme a disposição do Papa Pio V. intimada à Ordem no Capitulo Geral de Roma do anno de 1571. como fica dito, convocou o Provincial aos Vogaes para eleição de futuro Ministro. A causa de se anticipar tanto o Capitulo, foi porque neste tempo veio o Reverendissimo Padre Geral, que então era, Fr. Francisco Gonzaga, a este Reino, e por se achar presente a todos os Capitulos das sinco Provincias, anticipou o da Piedade, que celebrou depois de feitos os quatro, vindo-se recolhendo de Lisboa para Madrid. Fez os gastos do Capitulo com Real magnificencia a Senhora Dona Catharina, Duqueza de Bragança, que naquelle tempo por morte do Duque D. João seu marido governava os Estados desta Real Casa. Nelle sahio eleito em Ministro Provincial Fr. Pedro de Guimarães, e foi em numero o Ministro vi- 1584.

Fr Pedro de Guimarães, Provincial 23.

geſimo-terceiro, que eſta Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Franciſco de Chaves, Fr. João de Barcellos, Fr João de Aveiro: do quarto Definidor não achamos noticia certa: em Cuſtodio foi eleito Fr. Lopo do Sardoal. Fez-ſe eſte Capitulo em a Piedade de Villa-Viçoſa pela Quareſma *Dominica in Paſſione*, dezenove de Março de 1584. nelle confirmou o Padre Geral as Ordenações, por onde eſta Provincia deſde o anno de 1522. atè o preſente ſe governa. Ordenou tambem algumas couſas de novo, como foi mandar que ao menos houveſſe quatro Caſas em cada commiſsão, deputadas para nellas ſe ler Theologia Moral, o que logo ſe deo à execução, ainda que durou iſto pouco tempo.

2 Entendeo o novo Miniſtro no governo da Provincia, em que moſtrou bem a ſingular prudencia, e ſanto zelo, de que era dotado. Depois que a viſitou ſegunda vez, fez a ſua Congregação em Santo Antonio de Evora, pelos annos do Senhor 1586. Tinha jà neſte tempo convocado o Reverendiſſimo Gonzaga a todos os Vogaes da Ordem para o Capitulo Geral, que ſe havia de ter o ſeguinte anno de 1587. em Roma pela feſta do Pentecoſtes: para eſte ſe partio o noſſo Provincial no principio do ſobredito anno, fazendo eſta jornada a pé, como fazem todos os mais deſta Provincia, e ſem mais viatico, que o amor de Deos Por ſer homem de grande eſtatura, e roſtro macilento, repreſentava peſſoa de muita authoridade; e aſſim no dito Capitulo Geral, onde ſe achou, levou hum voto para Geral, que lhe deo certo Provincial eſtrangeiro, dizendo, tanto que o vio, que aquelle Frade o merecia entre os outros todos. Depois que veio, e acabou ſeu officio, foi Viſitador da Santa Provincia da Arrabida, e concluindo louvavelmente eſte miniſterio, ſe recolheo a eſperar a morte no Convento de Azurára, onde eſta o achou com larga preparação; porque depois de ſeu Provincialato ainda viveo mais de vinte annos, gaſtando eſtes em ſe preparar para a ultima hora.

3 No ſeguinte anno depois da eleição do Miniſtro Provincial Fr. Pedro de Guimarães, que foi o de 1585. paſſou da preſente vida para os gozos da eterna Fr. Aleixo de Braga, Frade leigo, de mui ſanta vida. Foi diſcipulo do grande ſervo de Deos Fr. Franciſco da Gatta, e imitador ao vivo de ſuas preclaras virtudes. Sendo noviço em Braga, como viſ- Fr. Aleixo de Braga Frade leigo.

viſſe a eſte ſeu Meſtre, com quem andava cavando em a horta, que para eſperar huma viſitação do Senhor, ſe encoſtára à enxada, onde ficou em extaſe tão abſorto, e privado dos ſentidos, que julgando-o por morto, foi chamar os Frades, ſe affeiçoou tanto à oração, que veio pelo tempo adiante a ſer ſeu quotidiano ſuſtento. Muito nos deixára que eſcrever, ſenão encubríra com grande cuidado os particulares favores, que neſte ſanto exercicio recebia da liberalidade Divina. Mas tratou tanto de os occultar, como verdadeiro humilde, jà com o ſilencio da noite, jà com o occulto do lugar, que eſcolhia para a oração, que não podião ſer entendidos dos Frades, por mais que o procuraſſem. Era devotiſſimo de ajudar às Miſſas, e ainda que eſtiveſſe indiſpoſto, e foſſem muitas, a todas acudia, e aſſiſtia com grande eſpirito, e fervor, contemplando os Divinos Myſterios. Nas veſperas de Communhão orava toda a noite, e era tão grande o cuidado, com que ſe preparava para chegar à ſacroſanta Meza, que não podia pegar no ſono. Em eſte exercicio coſtumava dizer, fallando comſigo: *Se os Anjos, e bemaventurados, coſtumados, Senhor, a ver-vos, e ſervir-vos, não ouſão no Ceo levantar os olhos, pelo reſpeito, que ſe vos deve, e eſtão todos tremendo em voſſa preſença, que atrevimento ha de ſer o meu, ſendo tão inferior a elles, aſſim em natureza, como em perfeição, para vos receber em minha alma?* Neſtas pias conſiderações, e devotas praticas paſſava a noite o vigilante ſervo de Deos, atè que no dia ſeguinte recebia a Sagrada Eucariſtia, com admiravel humildade, e compoſtura exterior, demonſtrativa da interior paz de ſua alma.

4 Quaſi trinta annos morou em São Vicente do Cabo no Algarve, achando grande conſolação eſpiritual naquellas rochas vivas, e ſolitarios penhaſcos, onde lhe ſuccedia muitas vezes, recitando a Paixão de Chriſto, eſcrita por São João, que ſabia de cór, e aprendêra de ſeu Meſtre Frei Franciſco da Gatta, ſoltar taes gemidos, e ſuſpiros com os olhos em o Ceo, que o ecco delles podia enternecer aos mais duros, e empedernidos corações; e depois invocando muitas vezes o dulciſſimo nome de Jeſus, deſpia o habito, e açoutava-ſe com tanto rigor, que corrião de ſeu corpo ribeiros de ſangue. Aqui ſuſtentava aos Frades com o peixe, que peſcava de ordinario à cana, e pouco antes de falecer diſſe, que

que nunca o mar lhe molhára os pés, nem ſe víra em perigo, por maiores que foſſem as ondas, porque antes que deitaſſe na agua a cana, repetia a Paixão de Chriſto. Soffreo com notavel paciencia algumas enfermidades trabalhoſas, particularmente a de gotta, que delle ſe tinha apoderado com exceſſo; e ſentindo dores intenſas, nunca ſe queixou dellas, admirando a todos o valor, e animo, com que as ſupportava. Gaſtados finalmente neſtas, e outras virtudes os dilatados annos de ſua vida, que forão mais de oitenta, veio a render os ultimos alentos nos braços da Mãi, que o criou, porque permudado à devota Caſa de S. Fructuoſo de Braga, onde havia tomado o habito, lhe bateo a morte à porta. Ao tempo de eſpirar começou a tremer tão notavelmente, que lhe perguntou hum dos circumſtantes: *Irmão, que tremores são eſſes neſta hora?* Reſpondeo o agonizante: *Tremo da conta, que hei de dar no Tribunal Divino.* Santo era Hilarião, e com ſetenta annos de deſerto em ſerviço de Deos, com tudo tremia, e temia naquella hora, e apertado tranſe. E aſſim não era muito que ſuccedeſſe o meſmo ao noſſo Fr. Aleixo, conſiderando o rigor do Juiz, e a eſtreita conta, que em ſeu Tribunal ſe pede. Paſſados os tremores, chegou a morte, a quem com grande quietação, e ſocego deo entrada, deixando ao defunto tão riſonho, e bem eſtreado, que pedírão os Religioſos ao Guardião, que o deixaſſe ir com o roſtro deſcuberto à Igreja, para que ſua Angelica formoſura foſſe motivo ao grande concurſo do povo, que tinha vindo a ſeu enterro, e officio da ſepultura, de engrandecerem, e louvarem as maravilhas do Senhor. Foi ſeu ditoſo tranſito no anno de 1585. a dezoito de Maio.

CAPITULO XVIII.

Do vigeſimo-quarto Miniſtro Provincial, e do Capitulo, em que foi eleito.

1 NO Capitulo Geral de Roma do anno de 1587 em que ſahio eleito em Miniſtro Geral de toda a Ordem Fr. Narciſo de Toloſa da Provincia de Cantabria de Biſcaia, advertio logo Sua Reverendiſſima aos Vogaes de Heſpanha, que ainda que ſe houveſſe cumprido o tempo de ſeus officios, não havia de fazer ſeus Capitulos, mandando-lhes, que os dilataſſem atè ſua vinda, porque queria acharſe preſente a elles. Por eſta cauſa teve o noſſo Miniſtro Provin-

vincial Fr. Pedro de Guimarães o governo da Provincia sinco annos e nove mezes; no fim dos quaes por mandado do Padre Geral convocou os Vogaes para eleição do novo Ministro em o nosso Convento de Santo Antonio de Evora, o primeiro de Janeiro de 1590. Fez os gastos do Capitulo o Arcebispo D. Theotonio, que como era tão devoto, todos os queria tomar à sua conta, e se não fez todos os de seu tempo, (pelos pedirem outras pessoas de qualidade) fez alguns com muita abundancia das cousas necessarias para elles. Neste presidio o sobredito Padre Geral, e sahio eleito em Ministro Provincial Fr. João de Evora, Prégador, e foi em numero o Ministro vinte e quatro, que esta Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Marcos de Villa de Frades, Fr. Francisco de Chaves, Fr. Pedro de Setuval, e Fr. Martinho de Chaves. Renovou o Padre Geral o que no Capitulo precedente de Villa-Viçosa o Padre Gonzaga tinha mandado, que ao menos houvesse quatro Casas na Provincia, em que se lesse Theologia Moral; de mais mandou que houvesse tambem estudo de Artes, e de Theologia Escolastica, e para isso se ordenou logo hum Curso de doze Religiosos em o Convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde tiverão por Mestre o Guardião delle Fr. Simão de Aveiro, hum dos mais famosos Theologos que teve a Universidade de Coimbra em seu tempo.

2 Fez este Provincial sua Congregação em S. Francisco de Elvas aos dez dias de Julho do anno de 1591. nella se ordenou, que os estudos, que estavão em Coimbra, se passassem a Portalegre, por respeito de ser aquella Casa de noviços. Alli tiverão os Estudantes por Mestre, que lhe acabou de ler Theologia, hum Religioso escolhido para esse effeito, da Santa Provincia de Portugal, e supposto que deste Curso sahírão Prégadores mui insignes, que ao depois governárão, e honrárão muito a Provincia, com tudo como outros Religiosos antigos della forão de parecer contrario a haver estudos, zelando mais a quietação, recolhimento, e silencio costumado em todas as Casas, que as letras, e pulpito, extinguírão-se os estudos de todo; e supposto que o Ministro Fr. João de Evora com alguns outros Religiosos, que erão de seu parecer, pertendião sustentallos, e fazer que sempre os houvesse, não foi isto bastante para que na Congregação do seguinte triennio se não extinguissem.

3 Go-

3 Governou este Ministro o tempo de seu ministerio com muita prudencia, e satisfação; porque alèm de ser mui grande Religioso, e observante, assim da nossa Regra, como dos santos, e louvaveis costumes da Provincia, era pelo sangue de sua geração hum dos principaes Fidalgos deste Reino. Logo no principio mostrou a fineza de bom Prelado; porque como o Capitulo, em que foi eleito, se fez em a força do Inverno, vindo os Frades de diversas partes, e com trabalho, succedeo morrerem alguns em o Convento de Santo Antonio de Evora, donde elle não tinha ainda sahido, e andar esta Casa quasi contaminada; e pedindo-lhe por muitas vezes os Frades que se sahisse della, elle o não quiz fazer, atè todos ficarem com saude. Foi particular o zelo, que teve para as cousas tocantes ao Culto Divino. A primeira cousa, em que entendeo, depois de sua eleição, foi no concerto, e limpeza das Sacristias, provendo-as de ornamentos conformes a nosso modo, tirando o superfluo de humas Casas, com que suppria as necessidades das outras. Reluzia com tudo nellas a santa pobreza, porque não queria se fizessem, ou aceitassem ornamentos de seda, o que mandou por estatuto particular, que logo fez no Capitulo, em que foi eleito.

4 Acabado o tempo de seu ministerio, foi feito Commissario Geral do Reino pelo sobredito Padre Geral Fr. Francisco de Tolosa em o mez de Fevereiro de 1593. o qual officio renunciou logo no seguinte anno a dezesete de Agosto nas mãos do Commissario Geral da Familia Frei Mattheus de Burgos em Lisboa no Convento de S. Francisco da Cidade. Foi algumas vezes consultado para Bispo, o que a morte atalhou; porque adoecendo de huma grave enfermidade, e indo curar-se a Lisboa em casa de seu irmão o Conde Meirinho Mór, della faleceo, depois de haver recebidos os Sacramentos da Igreja, e feitos muitos actos de bom Religioso, que sempre foi em a vida. Seu corpo foi trazido ao Convento de Santo Antonio de Evora, para alli entre seus Irmãos ser sepultado, onde chegou hum dia jà de noite com grande acompanhamento; e querendo ao outro dia os Frades dar-lhe sepultura na claustra, como aos mais Religiosos, mandou o Arcebispo Dom Theotonio de Bragança retardar os funeraes, porque queria fosse enterrado na sua Capella, e que assistissem todas as Religiões, que havia na Cidade,

de, e Cabido da Sé. Aſſim ſe fez, e acabado o officio, que foi feito com muita ſolemnidade, derão ao corpo ſepultura na meſma Capella, não mui longe da que o Arcebiſpo tinha jà para ſi ordenado, junto ao Altar, que fica à parte da Epiſtola, onde ſe vê huma pedra, que tem eſcrito o ſeu nome.

CAPITULO XIX.

De dous perfeitos Religioſos deſte tempo.

1 NO triennio do Miniſtro Provincial Fr. João de Evora, acabárão o curſo temporal da preſente vida, muitos, e mui perfeitos Religioſos: de alguns delles trataremos, e no preſente Capitulo de dous; uniremos neſta Hiſtoria aquelles, a quem huma ſanta amizade unio em a vida, e não apartou na morte. Foi o primeiro Fr. Pedro de Abrantes, cujas virtudes nos penhoramos dizer, [a] tratando do Capitulo, em que foi eleito Miniſtro Provincial. Era eſte perfeito Religioſo dotado de toda a virtude, em eſpecial reſplandeceo nelle a da humildade, que lançou por firme, e ſeguro fundamento para as mais. Ainda depois de ter ſido Provincial, e na ultima velhice, não conſentia que o ſerviſſem em couſa alguma, como he lavar-lhe o habito, ou panos, e couſas ſemelhantes, antes ſervia aos outros, eſpecialmente aos enfermos, o que fazia com tanta diligencia, como ſe fora Frade mancebo, e não velho, e achacado, como era. Exercitava-ſe em os officios mais humildes, que na Religião eſtão à conta dos Coriſtas: por onde ſuccedia muitas vezes, quando eſtes os hião fazer, acharem que tinha jà o ſanto velho andado primeiro. Com paſſar a velhice cheia de achaques, em a oração, em que era continuo, eſtava ſempre de joelhos, ou quando muito cançava, punha-ſe em pé, e neſte exercicio vigiava ordinariamente de Matinas atè pela manhã.

[a] ...ro ...tes, ...ote. ... 4. ... 1.

2 Foi notavel ſua abſtinencia, tanto, que com a moderada refeição, que tomava, mais parecia enganar o corpo, que alimentallo, ſó de diſciplinas, e outros rigores era liberal para com elle, com que o trazia tão ſujeito ao eſpirito, como ſe com eſte tivera aſſentado paz, ſendo tão contrarios hum do outro. Tão grande amador foi da ſanta pobreza, que quando morreo, lhe não achárão couſa alguma, fóra do habito, panos menores, e Breviario. Hum caſo lhe ſuccedeo, ſendo Provincial, verdadeiramente milagroſo, pelo

qual moſtrou noſſo Senhor o cuidado, que delle tinha, e quão aceito lhes erão os trabalhos das continuas jornadas, que fazia. Viſitava elle a Provincia, levando por companheiro Fr. Paulo do Porto, Religioſo de vida exemplar, e ſanta ſimplicidade: e caminhando ambos hum dia da Covilhã para Chaves, lhes anoiteceo em hum deſerto. Era o tempo muito frio, por ſer na força do Inverno, e parecendo-lhes que não poderião chegar onde commodamente paſſaſſem a noite, amparados do rigor do tempo, hião fallando neſta materia, quando olhando de huma a outra parte, deſcubrírão huma caſa em hum pequeno oiteiro, não muito longe de ſeu caminho. Forão a ella para pedirem ao morador os agazalhaſſe: achárão que tinha pela parte de fóra corrido o ferrolho, ſem verem algum ſinal, de que eſtiveſſe nella algum vivente. Eſperárão hum pouco, e vendo que ninguem apparecia, abrírão a porta; eſtava a caſa mui bem varrida, e a hum canto della huns molhos de linho, e aſſim determinárão paſſar alli a noite. Ferírão fogo, eſtendêrão o linho, e delle fizerão ſuas pobres camas, em que repouſárão. Ao outro dia, pondo-ſe a caminho, e fallando na pouſada daquella noite, dizendo cada hum de ſi, que nella ſe achára todo aquelle tempo, não ſó confortado em o corpo, mas ainda conſolado no eſpirito; olhavão para aquella parte, onde a caſa ficava, e com eſtarem ainda mui perto, não a vírão, nem lugar, onde pudeſſe haver eſtado. Fizerão algumas diligencias por verem ſe por ventura ſe enganavão, mas todas ſem effeito, donde entendêrão claramente, que o miſericordioſo Deos lhe déra milagroſamente gazalhado aquella noite. Depois que eſte ſanto Religioſo acabou o officio de Provincial, ſe recolheo ao noſſo Convento de Thomar, onde viveo ainda ſete annos, que gaſtou em ſe preparar para a morte. Neſtes continuou em ſeus coſtumados exercicios, ſem que afroxaſſe nada de ſeu rigor, atè que Deos o levou a deſcançar no Ceo por meio de huma eriſipéla, veſpera da Circumcisão, pelas quatro horas da tarde do anno de 1590.

3 Da meſma Caſa de Thomar paſſou a tomar poſſe do premio de ſua virtuoſa vida outro Religioſo de muita perfeição, chamado Fr. Sebaſtião de Leiria, Sacerdote, Varão de muito eſpirito, rigor notavel, abſtinencia perpetua, e huma extraordinaria ſingeleza. Frequentava tanto o ſanto exerci-

Fr. S[...] tião d[...] Leiria[...] Sacer[...]

cicio da oração, que depois de Matinas sempre ficava vigiando no Coro, atè que pela manhã, depois de se acabar Prima, hia dizer Missa mui devotamente, e tornando outra vez para o Coro, ouvia todas as Missas atè a do dia. Resplandeceo nelle em alto gráo a virtude da humildade, e recolhimento: tanto, que sendo jà velho, não havia para elle consolação, como deixarem-no fazer os officios mais humildes da casa, e depois que os fazia, rara vez o vião fóra da cella. Era tão amigo do silencio, que vindo das graças para a cozinha, em quanto a louça se lavava, tomava na boca huma bochecha de agua, depois de ditas as orações, que alli se rezão pelos defuntos, e por não fallar, a não deitava fóra, senão quando se recolhia para a cella.

4 Raras vezes o ouvirão fallar, fóra daquelles actos, que era precisamente necessario o não callar: estremada mortificação, e a mais opposta à liberdade, que mais ama o nosso natural, pois em sentir de hum Gentio politico, a ultima miseria, a que póde baixar o cativeiro humano, he quando se prohibe o commercio de ouvir, e fallar. A esta mortificação, e cativeiro se sujeitava o servo de Deos, e por levar adiante tão virtuosa resolução, atè das honestas conversações dos Religiosos fugia: que de fallar com os seculares, não era necessario fugir, o que a esse perigo estava como negado, pelo retiro, e recolhimento, com que vivia. Foi particular a devoção, que teve à Senhora Mãi de Deos, e não lhe chamava senão a minha Senhora: sabia de memoria algumas coplas suas, que continuamente lhe cantava em seus retiros. E se nos dias festivos, em que os Religiosos em santa conversação costumão communicar-se, o Guardião por festejar, e lhe dar prazer, lhe mandava, que as repetisse, o fazia com tanta devoção, e espirito, como se estivera diante de sua Senhora, fallando com ella.

5 O fervor da alma, com que o interior cantava os Hymnos, e Canticos espirituaes, que aconselha S. Paulo, [b] brotava em o exterior, e o punha às portas do Ceo, cantando à sua amada Senhora. Estes Cantores são os que vio Ezechiel em o atrio do Templo, [c] junto da porta interior, não dentro, porque ainda não havião entrado à vida eterna: mas estavão perto, porque ainda que estivesse a porta de permeio, fazião com os Coros dos Anjos agradavel consonancia a Deos. Teve este santo Reli-

[b] Ad Ephes. c. 5. n. 19.

[c] Ezech. c. 40. n. 29.

gioſo particular amizade com Fr. Pedro de Abrantes, e foi grande imitador de ſuas virtudes, e diſſe muitas vezes a alguns Religioſos, que pedia em ſuas orações a Deos, que o levaſſe deſta vida, quando a Fr. Pedro, porque à ſua ſombra participaſſe de ſeus merecimentos; pois tinha tanto conceito de ſua ſantidade, que por ella eſperava lhe faria Deos mercê, e lhe aproveitaria para o Ceo a boa amizade, que tinha com elle na terra. Concedeo-lhe o Senhor o deſpacho deſta petição, porque em hum dia deo ao velho Fr. Pedro huma enfermidade de eriſipéla, e no ſeguinte dia deo outra a Fr. Sebaſtião; e apparelhando-ſe qualquer delles para morrer, recebêrão os Sacramentos da Igreja, depois dos quaes foi noſſo Senhor ſervido levar para ſi a Fr. Pedro veſpera da Circumcisão, como temos dito.

6 Ficou Fr. Sebaſtião a juizo dos Medicos fóra de perigo; mas tão ſaudoſo de ſeu amigo morto, que ſe foi lançar na cama, em que morrêra, e à imitação de S. Lourenço, que vendo ir para o martyrio a S. Xyſto Papa, chorava, não porque ſe apartava delle para o Ceo, mas, como notou Santo Ambroſio, [d] porque o não levava comſigo, e o deixava cà na terra. E aſſim laſtimoſamente, e com grande ſentimento dizia, qual o invicto Martyr Heſpanhol, ao Santo Pontifice: *Meu bom velho, meu bom velho, porque me não levaſtes comvoſco? Para que me deixais cà ſem vós? Meu ſanto companheiro, compadecei-vos de mim, e levai-me a ſer participante de voſſos merecimentos.* Não foi a detença muita, nem ſe paſſárão trez dias, como na morte de S. Xyſto; porque aceitando Deos ſuas lagrymas, e bons deſejos, na tarde do ſeguinte dia, que era o da Circumcisão, do anno de 1591. o levou para ſi, vinte e quatro horas depois de ſeu amigo, ficando ſeu roſtro tão formoſo, e ſereno, que a todos cauſava eſpanto, e como indicio que gozava o ſervo de Deos juntamente com ſeu amigo no Ceo aquella gloria, pela qual juntamente trabalhárão cà na terra.

[d] D. Ambr. l. 1. Offic. cap. 41.

CAPITULO XX.

De outros Religioſos de vida exemplar, que falecêrão neſte tempo.

1 HE Fezes hum pequeno lugar no Reino de Galiza, donde foi natural hum perfeito Religioſo, chamado Fr. Domingos de Fezes, (a quem

Fr. Domingos Fezes Sacerd.

quem o Author do Agiologio Lusitano *a* chama erradamente Fr. Diogo) que no tempo do Ministro Provincial Fr. João de Evora do Convento antigo de Elvas passou a gozar o premio de suas virtuosas obras. Era este servo de Deos Sacerdote, officio, que exercitava com tanta pureza, que todos os mais tinhão por exemplar. Foi de alta contemplação, e este santo exercicio lhe levava todo o tempo, não julgando que empregava bem o que nelle não gastava. Donde nasceo aperfeiçoar-se tanto em todo o genero de virtude, como se na Profissão se obrigára a ser perfeito em todas. Da pureza, e candidez de sua consciencia lhe procedia passar a vida com tal alegria, e prazer, que nenhum trabalho, por maior que fosse, era bastante a perturballo. Doutrina he de S. João Chrysostomo, *b* e o mesmo disse Filo, *c* que o contentamento, e prazer na vida erão inseparaveis companheiros da virtude, assim como as tristezas do vicio; e hum dos frutos, diz S. Paulo, *d* que o Divino Espirito traz comsigo, quando entra nas almas, he o prazer, e alegria. Esta mostrava sempre Fr. Domingos, tanto, que com estar entrevado muitos annos, tolhido de pés, e mãos, feito o corpo huma viva chaga, causando-lhe intoleraveis dores, o visitavão os mais Religiosos, que se achavão melancolizados para se aliviarem, affirmando todos, que não havia melhor hora de passatempo, que a de sua santa conversação. Confirmou-se mais a opinião, que tinhão de sua santidade depois da morte, admirando a todos a grandeza de sua paciencia; porque querendo amortalhallo, cahírão de seu tisico cadaver hum espesso diluvio de bichos, que cubrírão toda a cama, os quaes forçosamente lhe havião de causar dores, sevando-se de sua carne; mas nem por isso o ouvírão nunca queixar, antes entoar sempre louvores Divinos na maior fragoa de suas tribulações. Foi seu placido transito na antiga Casa de Elvas em 27. de Abril de 1591. depois forão seus ossos trazidos para o Convento novo com os dos mais Religiosos, que no antigo falecêrão.

2 No seguinte anno de 1592. trocou a temporal pela eterna vida outro Religioso de profissão Leigo, chamado Fr. Francisco de Lagarinhos, de conversação Angelica, e simplicidade columbina. Para todos tinha summa caridade, só para si era aspero, e rigoroso; porque alèm das disciplinas costumadas, que na Provincia se fazem, todas as noites fazia elle

Fr. Francisco de Lagarinhos Leigo.

elle huma na cella por eſpaço de meia hora com tanto fervor, que ſe lavava em ſangue, de que lhe reſultava trazer ſempre o corpo feito huma chaga viva. Sendo jà muito velho, compadecendo-ſe delle os Prelados, lhe tomavão as diſciplinas, mas logo engenhava outras, ou ſe açoutava com varas. Orava de continuo, ou meditando, ou rezando pelas contas, que ſempre trazia nas mãos, e não havia tirar-lhas dellas. Só hum meio havia para que as largaſſe, e era a obediencia, em que elle foi tão prompto, que dizendo-lhe hum Coriſta, que delle tinha cuidado, por ſer jà muito velho, que o Guardião lhe mandava deixaſſe as contas, logo no meſmo inſtante o fazia. Dormia muito pouco, porque a maior parte da noite gaſtava em oração, e poſto em Cruz com os braços levantados no ar eſtava aſſim horas inteiras; e quando cançavão tanto, que lhe cahião, pegava-ſe nas grades da Capella, ſe eſtava na Igreja; e ſe na cella, tinha jà para eſſe effeito em diſtancia accommodada poſtos huns cordeis, nos quaes ſuſtentava os braços, para que ſempre eſtiveſſem em fórma de Cruz eſtendidos. De ajudar às Miſſas era tão devoto, que ſendo jà velho, quaſi decrepito, e mal diſpoſto, ſempre eſtava na Capella, ou Sacriſtia, eſperando que ſahiſſe a Miſſa para ajudalla; e ſe o não deixavão, deſconſolava-ſe grandemente. Aſſiſtia a eſte ſoberano ſacrificio com tanto eſpirito, e devoção, que a cauſava a todos os que o vião, por mais froxos, e tibios, que foſſem.

3 Por eſtas, e outras muitas virtudes, em que de continuo ſe exercitava, era tido por hum grande ſervo de Deos, aſſim dos Religioſos, que o tratavão, e conhecião, como dos ſeculares, que a virtude por mais que ſe encubra, dá de ſi tão ſuave fragrancia, que logo ſe manifeſta. Nem faltárão ſinaes, effeitos maravilhoſos de ſua oração, com que Deos dava a conhecer ao mundo a ſantidade deſte ſeu ſervo, ainda que elle procurava tanto o retiro. Morando em Santo Antonio de Aveiro, adoeceo no Lugar de Verdemilho não muito diſtante daquella Villa hum devoto dos Frades chamado Antonio Pinheiro. O Guardião o mandou viſitar, e foi hum dos companheiros Fr. Franciſco, com cuja viſta o enfermo ſe conſolou muito, porque tinha grande opinião de ſua virtude. Depois de breves, e eſpirituaes palavras, que Fr. Franciſco teve com o doente, ſe ſahio ſó para hum campo, que eſ-

eſtava perto, e ſe poz em oração em hum lugar eſcuſo, e ſecreto. Como nella ſe deteve bom eſpaço de tempo, foi a mulher do doente a buſcallo: achou-o de joelhos, e de quando em quando fazendo profundas reverencias, como que fallava com alguem, e tão tranſportado, que nenhuma fé dava de quem vinha, o que vendo a devota mulher, ſe retirou por não eſtorvallo. Acabada a ſua oração, recolheo-ſe Frei Franciſco para a caſa, onde eſtava o doente, e achando, antes de chegar a ella, ſinco, ou ſeis meninos filhos ſeus, lhes diſſe: *Não choreis, meninos, que voſſo pai não ha de morrer deſta.* E chegando ao enfermo o confortou, dizendo que não temeſſe, mas ſoubeſſe de certo que Deos noſſo Senhor lhe havia de dar ſaude. Recebeo aquelle homem as palavras do ſervo de Deos como profecia, pelo conhecimento, que tinha de ſua virtude, e o ſucceſſo moſtrou que o fora, porque em breve tempo convaleceo, e viveo depois muitos annos, venerando mais a ſantidade de Fr. Franciſco, com quem entendia que por ſua oração lhe havia Deos feito mercê tão ſinalada, como a da vida.

4 Outra vez a meſma mulher do enfermo lhe pedio que encommendaſſe a Deos hum campo, que tinha ſemeado de trigo, não lho deſtruiſſem os paſſaros, que lhe fazião grande perda. Fez elle oração a Deos por aquelle intento, e foi de tanta efficacia, que dalli por diante nenhum paſſaro entrou mais na ſeara, atè que de todo foi recolhida. Ficou a mulher aſsàs contente; e certificada mais do muito, que elle com Deos podia, lhe tornou a encommendar do meſmo modo a guarda de outro campo, ou do meſmo, que tinha com milho. Mas elle movido tambem da piedade, e compaixão das aves, lhe reſpondeo: *Dai, irmã, graças a noſſo Senhor de vos defender o voſſo trigo, e deixai agora comer os paſſarinhos ſua parte do milho, que tambem o criou o Senhor para elles.* Deſta Caſa de Aveiro o mudárão para a de Coimbra, o que aquelle povo ſentio tanto, que dizião era caſtigo, que Deos lhe dava, pois lhe tiravão dalli hum ſanto, em que tinhão fé, que por ſuas orações Deos os favorecia, e ajudava. No Convento de Coimbra carregado de annos, e muito mais de merecimentos acabou a vida temporal com grande fama de ſantidade. Depois de ſua morte repartírão os Frades entre ſi por reliquias as pobres, e penitentes alfaias, de que uſava.

5 Pou-

5 Pouco depois da morte de Fr. Francisco de Lagarinhos, passou tambem ao Senhor hum perfeito Religioso, por nome Fr. Francisco de Azurára Sacerdote. Foi de Angelica, e simplicissima conversação, e nesta mostrava logo a innocencia de sua alma. Nunca sahio de sua boca palavra de murmuração, porque como era de tanta candidez, e simplicidade, de nenhuma cousa, que via, julgava mal. Com tanto cuidado guardava o silencio, que nunca se lhe ouvio palavra, senão a que era precisa, e necessaria. Resplandecêrão nelle com excellencia maravilhosa as occupações das duas irmans Martha, e Maria; porque depois que, como esta, se occupava na contemplação das cousas do Ceo, todo o mais tempo, que lhe ficava, gastava, como aquella, no serviço da Casa. Por fugir à ociosidade, de que era inimicissimo, occupava-se em obras de carpinteria, como era fazer cadeiras para os Coros dos Conventos, onde morava, e outras semelhantes. Todos os dias havia de dizer Missa, por mais occupado que estivesse, e tinha nella tantos sentimentos de Deos, que causava grande devoção a quem o via. No trato de sua pessoa, e vestido foi grandemente pobre, o seu habito era sempre o mais velho, e remendado, e em tudo o mais parecia hum vivo retrato da pobreza. Quando se fallava em sua presença dos temores, que a morte traz comsigo, elle se ria, dizendo que não sabia a causa, que houvesse para se temer a morte, final mui evidente de sua innocencia, e santidade, pois sendo para todos amargo aquelle transe, elle o não temia. Depois de muitos annos de idade, e habito, chegou a ultima hora, em que bem claramente se vio que não fora vã a confiança, com que a esperava, porque com hum arranco tão placido, e quieto se apartou a alma do corpo, que mais parecia deixallo dormido, que morto.

Fr. Francisco de Azurára Sacerdote.

CAPITULO XXI.

Do vigesimo-quinto Ministro Provincial.

1 DEsejava Fr. João de Evora ver-se livre do 15
officio, em que o tinhão posto; porque alèm de querer antes obedecer, que mandar, esva-o chamando o socego, e retiro de sua cella, a que grandemente era affeiçoado. E supposto que depois de Provincial aceitou ser Commissario Geral neste Reino, foi obrigado pelo Padre Geral Fr. Francisco de

de Tolosa, e ainda assim teve tão pouco tempo aquelle cargo, que no anno seguinte depois de sua eleição o renunciou, como fica dito. Por esta causa fez com que o Padre Commissario Geral, que então era neste Reino Fr. Thomaz de Iturmendia, visitasse a Provincia ante tempo, e fizesse seu Capitulo trez mezes e meio antes de se acabar o triennio. Congregárão-se os Vogaes para a eleição do novo Ministro em o Convento de Santo Antonio de Evora, onde pelas Stigmatas de nosso Padre S. Francisco do anno de 1592. sahio eleito Fr. Pedro de Setuval, que foi o vigesimo-quinto Provincial em ordem, que a Provincia teve. Por Definidores sahírão Fr. Lopo do Sardoal, Fr. Antonio de Lisboa, Fr. Jorge de Goa, Fr. Estevão de Campo-maior; e por Custodio Fr. Simão de Aveiro. Presidio no Capitulo o sobredito Padre Commissario Geral, fez os gastos delle o Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança com aquella liberalidade, e abundancia, com que tinha feito os mais.

2 No seguinte anno de 1593. se havia de celebrar Capitulo Geral em Valhadolid pela festa do Pentecostes; a este forão o Ministro Provincial Fr. Pedro de Setuval, e o Custodio Fr. Simão de Aveiro: sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Padre Fr. Boaventura de Calatigirona, e Commissario Geral desta Familia Cismontana, o Padre Fr. Mattheus de Burgos. Huma das cousas, que mais encommendárão ao Ministro, e Custodio os Vogaes do Capitulo, em que sahírão eleitos, foi, que quando fossem à eleição do novo Geral em Valhadolid, houvessem delle huma Patente, em que se extinguissem os estudos, ainda que alguns Padres dos antigos, e erão os menos, procuravão conservallos. Obravão todos com santo zelo, ainda que encontrados nos pareceres, os que julgavão serem convenientes os estudos, querião que os houvesse; os que lhes parecia que não erão ajustados ao nosso modo, desejavão que se extinguissem. Passou o Geral huma Patente, que o Provincial, e Custodio trouxerão, em que mandava que não houvesse estudos na Provincia; porèm pouco depois passou outra em contrario em 29. de Julho do mesmo anno de 1593. com que se virão os Frades perturbados, que tal era o desejo, que tinhão de se conservarem no antigo costume, em que nossos primeiros Padres os tinhão criado, e esta era a razão, que por sua parte allegavão. Recorrêrão

novamente ao Geral por meio do Duque D. Theodoſio, ſegundo do nome, que os favoreceo neſta pertenção com ſuas cartas a diverſas peſſoas, em que moſtrava bem o amor, e devoção, que tinha a eſta Provincia, particularmente na que enviava ao Geral, que continha o ſeguinte.

3 ,, A grande devoção, e ,, amor, que os Senhores deſ- ,, ta Caſa tiverão ſempre aos ,, Padres da Provincia da Pie- ,, dade, por ſerem Padroeiros ,, della; e pelo exemplo de ſan- ,, tidade, e Religião, com que ,, vivem, me obrigão a mim ,, pelas meſmas razões a ter to- ,, dos os Frades della por fi- ,, lhos, e por irmãos, e a ha- ,, ver que quem lhes toca, ou ,, em ſuas couſas, me toca a ,, mim proprio, e nas minhas ,, mais particulares, porque ,, neſta conta, e no primeiro ,, lugar dellas tenho as deſta ,, Provincia. O Padre Fr. Fran- ,, ciſco de Toloſa, anteceſſor ,, de V. Paternidade, quiz em ,, ſeu tempo ordenar que hou- ,, veſſe nella eſtudos; e ainda ,, que o ſeu zelo ſeria bom, a ,, mais antiga parte de toda a ,, Provincia, e de mais pru- ,, dencia, e experiencia do In- ,, ſtituto, e coſtumes ſantos ,, della o reclamou logo, en- ,, tendendo que lhe não con- ,, vinha terem eſtudos, e que ,, ſe os houveſſe ſeria com no- ,, tavel damno, e diminuição ,, do rigor, e obſervancia, que ,, profeſſárão, e que de mais ,, de oitenta annos a eſta par- ,, te ſempre guardárão. Por eſ- ,, tas cauſas no ſeu Capitulo ,, Provincial feito em Evora no ,, anno paſſado de noventa e ,, dous aſſentárão todos no Ca- ,, pitulo Geral, que não ſe con- ,, ſentiſſem eſtudos na dita Pro- ,, vincia, e derão ordem ao ,, Miniſtro, e ao Cuſtodio del- ,, la, que nelle o pediſſem em ,, nome de toda a Provincia, ,, e com toda a inſtancia. In- ,, do eſtes Padres ao Capitulo ,, com eſta ſua pertenção, ain- ,, da que era proprio officio ,, meu ajudallos nella com mi- ,, nhas cartas, parece-me que ,, não pertendendo elles outra ,, couſa, ſenão mais rigor, e ,, mais reformação, era eſcu- ,, ſado encommendallos eu a ,, hum Capitulo Geral, em ,, que ſe não trata de outra ,, couſa tanto como deſtas, e ,, não me enganei niſto; por- ,, que os Padres Miniſtro, e ,, Cuſtodio trouxerão huma ,, Patente do Capitulo, e De- ,, finitorio, confirmada por V. ,, Paternidade, em que tirava ,, os eſtudos da Provincia, man- ,, dando que daqui por diante ,, os não houveſſe nella, e que ,, viveſſem conforme a ſua ſin- ,, ceridade, e louvavel coſtu-

,, me,

,, me, com que todos estes Religiosos se consolárão, e eu
,, recebi tanto prazer, quanto
,, dahi a mui poucos dias tive
,, de desprazer, sabendo que
,, tinha V. Paternidade passado
,, outra, em que manda que
,, se guarde hum estatuto do
,, Padre Fr. Francisco de Tolosa, pelo que ordenou que
,, tivessem os Padres algum numero de estudantes no seu
,, Convento de Santo Antonio
,, de Coimbra, deixando quanto ao mais a Patente do Definitorio em sua força, e vigor. E porque eu tenho tanta
,, communicação com os Frades, e tão particular conhecimento de suas cousas, que
,, o não tem ninguem maior,
,, e sei que não he possivel, senão for com milagre, conservarem-se no rigor, e aspereza de vida, e estremada pobreza, que atè aqui
,, guardão, se tiverem estudos,
,, e estudantes. Vendo isto, e
,, a sua grande desconsolação,
,, e que será esta novidade causa de se perder, e pelo menos de se diminuir muito a
,, devoção, que o povo lhes
,, tem, e a edificação, que se
,, segue de seu modo de viver,
,, não posso deixar de pedir a
,, V. Paternidade, que por serviço de Deos, e por me fazer a mim mercê, queira
,, mandar que se guarde em tudo inteiramente a Patente do
,, Definitorio, ordenando que
,, nem no Convento de Santo
,, Antonio de Coimbra, nem
,, em outro algum desta Provincia haja estudos. E se esta minha informação não
,, bastar para V. Paternidade
,, absolutamente fazer o que
,, peço, ao menos me ha V.
,, Paternidade fazer mercê de
,, mandar sobrestar neste negocio, e suspender os estudos
,, de todo atè V. Paternidade
,, o ver, e examinar plenariamente, e ouvir sobre elle outra vez a Provincia, que tornará a mandar o Ministro, e
,, Custodio a V. Paternidade,
,, para allegarem suas razões,
,, que todas são de serviço de
,, Deos, e mais rigorosa observancia, que querem ter,
,, fugindo da honra, e vaidades das letras, e das licenças, e liberdades, que são
,, necessarias a quem ha de estudar. Espero que V. Paternidade me mande sobre isto
,, outra Patente sua, pela qual
,, ou V. Paternidade confirme
,, em tudo a do Definitorio,
,, de que com esta envio a copia authentica, ou mande
,, ao Ministro da Provincia,
,, que de todo suspenda os estudos della, e ao Commissario Geral deste Reino, que
,, se não entremetta neste negocio, nem dê à execução

,, o que V. Paternidade mandava pela ſua Patente, de ,, que tambem envio outra copia em raſo, que foi paſſada ,, em Valhadolid a 27. de Julho deſte preſente anno, atè ,, V. Paternidade prover neſta ,, materia com inteira deliberação o que entender que ,, ſeja maior ſerviço de Deos. ,, Se V. Paternidade eſtiver ,, perto da Corte, ordeno a ,, hum Fidalgo de minha Caſa, que ora eſtá no Eſcorial ,, em negocios meus, que os ,, deixe todos, e vá ſobre eſte a V. Paternidade, e que ,, eſtando V. Paternidade longe, lhe deſpache ſobre iſſo ,, hum correio, pelo qual eſpero que V. Paternidade me ,, faça a mercê, que peço, e ,, que hei de ſervir ſempre em ,, tudo a V. Paternidade, e ,, eſpecialmente em ſer tão devoto deſta Provincia, e de ,, toda eſta Santa Ordem, como atè agora o fui. N. S. ,, a Reverendiſſima peſſoa de ,, V. Paternidade guarde, e ,, accreſcente. De Villa-Viçoſa a 28. de Agoſto de 1593.

Duque.

4 A' viſta deſta Carta do Duque, e das razões, que os noſſos Frades repreſentavão, mandou o Reverendiſſimo ſuſpender a execução da ſua Patente, deixando a reſolução do que neſta materia ſe havia de obrar ao Definitorio, e mais Padres graves da Provincia, congregados em junta. A eſte fim mandou ao Commiſſario Geral deſta Familia, que lhes tomaſſe os votos, o que elle dilatou atè o anno de 1594. porque queria achar-ſe na Congregação, que o noſſo Provincial havia de fazer no Convento do Bom Jeſus de Valverde pela feſta de *Corpus Chriſti*, que foi em 8. de Julho aquelle anno. Em effeito preſidio na dita Congregação: forão todos de parecer, excepto poucos, que não era conveniente haver eſtudos; e conhecendo o Commiſſario Geral, pelas razões, que para iſto allegavão, e então ſubſiſtião, o ſanto zelo, e ſinceridade, com que procedião, em confirmação paſſou huma Patente na fórma ſeguinte.

5 ,, Fr. Mattheus de Burgos, Commiſſario Geral de ,, toda a Familia Ciſmontana, ,, da Ordem de N. P. S. Franciſco, &c. Havendo mandado noſſo Padre Reverendiſſimo Fr. Boaventura de ,, Calatagirona, Miniſtro Geral de toda a Ordem, por ,, duas Patentes ſuas, que juntos em Congregação todos ,, os Padres do Definitorio deſta noſſa Provincia da Piedade ſe trataſſe, e determinaſſe o que melhor eſtiveſſe à ,, Pro-

,, Provincia àcerca dos eſtu-
,, dos. E havendo dilatado, e
,, differido a dita determina-
,, ção atè à Congregação pre-
,, ſente, celebrada neſte Con-
,, vento do Bom Jeſus de Val-
,, verde, na qual preſidindo
,, eu, e pondo em execução
,, o mandamento de N. Padre
,, Reverendiſſimo, tomados os
,, votos, e pareceres de todos
,, os Padres do Definitorio,
,, ſe determinou *nemine eorum*
,, *diſcrepante*, que em nenhu-
,, ma maneira houveſſe eſtu-
,, dos na dita Provincia, e que
,, ſe guardaſſe, como atè aqui,
,, o religioſo, e louvavel coſ-
,, tume, que de não os ter ſem-
,, pre ha tido. Deſejando acu-
,, dir a tão piedoſos, e affe-
,, ctuoſos deſejos dos que com
,, tantas veras, e eſpirito per-
,, tendem perſeverar no que os
,, criárão, e enſinárão ſeus pri-
,, meiros Padres, e Meſtres,
,, procurando conſervar-ſe na
,, guarda da humildade, e ſin-
,, ceridade de coração, que
,, tanto amão, pela preſente,
,, ſatisfazendo juntamente com
,, a obrigação de meu officio,
,, mando por ſanta Obedien-
,, cia, em virtude do Eſpirito
,, Santo, e ſob pena de ex-
,, communhão *latæ ſententiæ*,
,, que na dita Provincia da Pie-
,, dade ſe guarde inviolavel-
,, mente o antigo, e louvavel
,, coſtume, que atè aqui (deſ-
,, de ſeu primeiro principio)
,, ha havido de não ter eſtu-
,, dos, e a determinação, que
,, niſto tem feito o Definito-
,, rio. E mando debaixo da
,, meſma obediencia, e cen-
,, ſura, que nenhum inferior
,, meu, de qualquer qualida-
,, de, ou condição, que ſeja,
,, que não vá, nem contrave-
,, nha ao neſta Patente con-
,, teúdo, e ordenado com tan-
,, to acordo, e conſideração
,, do ſerviço de N. Senhor,
,, bem, e quietação da dita
,, Provincia. Dada neſte dito
,, noſſo Convento do Bom Je-
,, ſus de Valverde a 9. de Ju-
,, nho de 1594. ,,

Fr. Mattheus de Burgos,
Commiſſario Geral.

6 Ao tempo, que o Commiſſario Geral paſſou eſta Patente, tinhão jà os eſtudantes, que Fr João de Evora introduzio, dous annos de Theologia; e ſendo hum ſó anno o que lhe faltava para complemento do tempo de ſeu eſtudo, nem eſte quizerão continuaſſem; porque como o Definitorio ſómente eſperava eſta Patente para ſe extinguirem os eſtudos, apenas a conſeguírão, logo a derão à execução. No fim do triennio deſte Miniſtro Provincial Fr. Pedro de Setuval pelos annos de 1595. intentárão alguns Padres graves da Provincia de S. Joſé, que

as Provincias Descalças tivessem Vigario Geral à parte, que fosse de entre elles, eleito pelos Vogaes das mesmas Provincias, immediato à Sé Apostolica, ou ao Geral da Ordem, com algumas clausulas restrictivas de sua jurisdicção ordinaria. Não sortio effeito esta pertenção pelas cuidadosas diligencias, que para a impedir fez com o Rei de Castella o Padre Commissario Geral Fr. Mattheus de Burgos. Por outras duas vezes se tem intentado depois o mesmo, como referiremos a seu tempo. Do modo do governo do nosso Provincial diremos, quando historiarmos sua vida, porque pede esta que façamos della relação particular, como fazemos dos mais, que se assinaláráo em virtude, passemos agora a escrever dos que com esta fama falecêrão em seu triennio.

CAPITULO XXII.

Vida exemplar de Fr. Paulino de Villa-Viçosa.

1 NO devoto Convento do Bosque faz companhia a outros muitos Religiosos perfeitos Fr. Paulino de Villa-Viçosa, exemplar dos Prégadores Euangelicos de seu tempo. Foi observantissimo, e mui zeloso da maior pureza da Regra, e dos santos costumes, e louvaveis ceremonias do nosso Instituto. Tratava a seu corpo com rigida aspereza; porque não se contentando com as mortificações ordinarias da Communidade, ainda que não são poucas, nem pequenas, accrescentava outras extraordinarias de cilicios, disciplinas, e jejuns. Não comia mais que huma tijela de caldo cada dia com algumas hervas cozidas, se lhas davão, ou alguma fruta, se na meza a tinha. Nunca comeo carne, ou peixe, rigor, que guardou tão inviolavelmente por toda a vida, que nem ainda estando doente dispensou nelle, por mais que o importunárão. Na ultima enfermidade, que teve, mandou o Duque de Bragança, grande seu affeiçoado, o seu Medico, para que o curasse, e nunca este pode acabar com Fr. Paulino que comesse carne, por não affrouxar em nenhum tempo de sua ordinaria aspereza. Nem tão pouco consentio que na cama lhe deitassem roupa alguma da enfermaria; sempre esteve deitado entre duas mantas, sobre huma esteira de buinho, e hum saco de palha por cabeceira, cama ordinaria de todos os Religiosos desta Provincia.

2 Teve particular dom de la-

lagrymas, e em mais abundancia na Missa. Quando dizia esta erão tantos os suspiros, e soluços, que bem mostrava os muitos sentimentos, que Deos de si lhe communicava neste Divino Sacrificio. Testemunhou hum Religioso, que entrando a dizer Missa depois de Fr. Paulino; achava nas toalhas do Altar largas mostras da copia das lagrymas, que sobre ellas derramava. Por encubrir esta graça, que do Senhor tinha recebido, e fugir ao applauso, que daqui lhe podia resultar, hia dizer Missa tão cedo, que estava ainda a porta da Igreja fechada. Acabada esta, se recolhia para a cella com tanta devoção, que a fazia a quantos encontrava. Ardia em seu coração o fogo da caridade para com os proximos, pondo todos os meios, que lhe erão possiveis, para que todos se dessem à virtude, e se salvassem. Prégava frequentemente, e sempre com tão fervoroso espirito, que bem mostrava que a todos desejava ver, qual outro São Paulo, *a* por amor nas entranhas de Jesus Christo. Daqui nascia mover ordinariamente ao auditorio a devoção, e lagrymas, effeito, que causavão tambem suas conversações, e praticas particulares, com que fez maravilhosas conversões nos peccadores.

3 A oração era seu mais ordinario exercicio, para o qual escolhia o retirado, e occulto de sua cella, onde era tanto o que Deos de si lhe communicava, que fóra da cella o sabião os Religiosos, ainda que elle pelo encubrir, seguindo o conselho de Christo, fechado em seu cubiculo *b* orava ao Eterno Padre. Sabião os Religiosos os mimos, que Deos na oração lhe fazia, pelos muitos colloquios, que lhe ouvião ter com o mesmo Senhor, misturados com muitos suspiros, e versos do Psalmista, que repetia com tanta devoção, e ternura, que a fazia aos que o estavão ouvindo. Outras vezes buscava campo mais largo para desafogo da força do espirito, que reprimia no peito: entrava pelo mais espesso, e sombrio do bosque, e alli inflammado no Divino amor rompia em tão altos gritos, que causava grande espanto, e admiração ouvillos. Assim andava discorrendo pela mata do bosque, como alienado dos sentidos, repetindo alguns lugares da Escritura ao proposito do que em seu peito sentia, com tanto fervor exprimidos, que erão ouvidos pelas pessoas, que trabalhavão nas propriedades junto da cerca. Huma vez succedeo, andando neste seu ordinario exercicio, soltar tão des-

b Mattheus c. 6. n. 6.

deſacoſtumados brados, que eſtes trabalhadores ſe parárão a ouvillos, não ſabendo o que aquillo era. Por eſta razão o Guardião da Caſa, que tambem o ouvia, lhe mandou que ſe recolheſſe logo para a cella, o que elle aſſim fez, e nella lhe continuou ainda por muito eſpaço aquelle fervor, e união, em que no boſque com Deos andava, que não ſe aparta deſte Senhor, quem por ſeu amor o deixa para obedecer aos homens.

4 Era por extremo pobre, aſſim no trato de ſua peſſoa, como no habito, e tunica, que erão ſempre os mais velhos; de manto nunca uſou nem ainda na maior força do Inverno. Foi notavel ſeu recolhimento, e ſilencio, porque ſó era viſto em o Altar, e em o Coro, ou em outras aſſiſtencias da Communidade: todo o mais tempo gaſtava ou no retiro de ſua cella, ou no mais eſpeſſo do boſque, quando neſta Caſa eſteve morador. Ninguem lhe ouvio palavra fóra do preciſo: tal era ſeu recolhimento, e ſilencio. Era muito alheio de ſeculares, e tão contrario de lhes fallar, que rariſſimamente o vião com elles, ſalvo o lucro eſpiritual do proximo pedia outra couſa; mas que muito, ſe atè das praticas permittidas entre os termos da Religião fugia, e como ſe forão nocivas, as evitava? Huma vez veio ao Convento o Duque de Bragança, e ſuſpeitando Fr. Paulino que queria vello, e fallar-lhe, ſe foi eſconder em o mais occulto, e retirado do boſque. Não ſe enganou em ſeu penſamento, porque perguntando o Duque logo por elle, o mandou chamar: buſcárão-o, derão-lhe o recado, eſcuſou-ſe elle, allegando para não vir certo impedimento. Entendeo o Duque o fim da eſcuſa, e aſſim diſſe ao Religioſo, que lha trazia: *Tornai, e dizei a Fr. Paulino, que já que elle não quer vir aonde eu eſtou, que eu irei em buſca delle.* Foi forçoſo ao ſervo de Deos diſpenſar neſta occaſião em ſeu coſtumado retiro, e ſilencio, e aſſim vendo que o Duque porfiava em querer fallar-lhe, veio à ſua preſença, mas com tanta mortificação, humildade, e compoſição exterior, que ficou aquelle ſenhor grandemente edificado da cortezia, e boas palavras, com que ſe eſcuſou de não vir a primeira vez a ſeu recado. Muitas virtudes ſuppõe eſte retiro; pois hum Filoſofo c antigo Plut… apud Serm… reconheceo, quanto eſtudo, cuidado, e induſtria, e quantas victorias dos vicios cuſta chegar a viver em ſilencio, e recolhimento; porque quando os affectos contrarios deixão eſ-

estar a hum muito tempo recolhido, e callado, he sinal que estão elles mortificados, e vencidos.

5 Rara vez sahio fóra do Convento, tirando quando hia prégar, porque os Prelados, por lhe não darem esta pena, o não obrigavão, salvo sendo precisamente necessario. Do Bosque foi alguma vez a Villa-Viçosa, obrigado dos rogos de seus parentes: entre elles estava sómente dous dias, e quando muito trez; nestes guardava o mesmo rigor, que observava no Convento, os mesmos jejuns, e abstinencias, que em sentença de Chrysologo, [d] he a primeira medicina do homem, e deve preferir-se ao mais. As poucas palavras, que dizia, erão todas do Ceo, e tão altamente fallava de Deos, com tanto fervor, e espirito, que punha em admiração aos que o ouvião. Ao passo que se occupava nos exercicios referidos, se lhe augmentava mais o zelo, que tinha da salvação das almas: obrigado deste passou à India Oriental, onde com hum desvelo incançavel prégou a Fé àquelles Gentios, semeando por diversas partes a doutrina do Sagrado Euangelho, de que colheo copiosos frutos. Estando na India, lhe chegou huma Patente cà do Reino, pela qual servio de Commissario Geral naquellas partes sobre os Frades Menores, que nellas havia. Este cargo exercitou por espaço de trez annos, no fim dos quaes (tendo para isso alguns respeitos) se tornou outra vez para esta Provincia. Nella perseverou em seus louvaveis, e santos exercicios, sem que afrouxasse hum ponto do antigo rigor atè a morte, que profetizou muito antes de succeder, e foi, como no principio dissemos, no devoto Convento do Bosque no fim dos annos do Senhor 1592.

CAPITULO XXIII.

Virtuosa vida de Fr. Mattheus de Tortuzendo.

1 HE Tortuzendo lugar em o Bispado da Guarda, huma legua ao Ponente da Villa da Covilhã, onde nasceo Fr. Mattheus, hum dos Religiosos mais exemplares, que em seu tempo teve a Provincia. Foi Varão de admiravel santidade, severo inimigo de seu corpo, [a] Angelica, e columbina simplicidade, humildade profunda, extatica contemplação, abrazado amor de Deos, com outras estremadas virtudes, que muito o acreditavão Chamou-o Deos à Religião aos sincoenta annos de sua idade: estes gastou sempre

[a] Agiol. Lus. Fever. 24. liter. C.

em ferviço de Deos, porque ainda que fecular, trazia fempre na memoria as obrigações, que lhe tinha. Eftudou quando moço a Sagrada Theologia, depois fe ordenou Sacerdote, vivendo em fua terra com tanta edificação, e exemplo, que todos o recebião delle, e louvavão fua vida. Prégava por todo o Bifpado com tanto zelo da falvação das almas, que não pedia pelo trabalho dos Sermões coufa alguma, antes ficava tão alegre, quando lhe não davão nada, como fe tivera recebido muito.

2 Conta-fe delle, para mais clara noticia de fua virtude, que fendo jà Sacerdote, e Prégador, ouvindo lançar hum pregão, que todas as peffoas varreffem as ruas, porque havia de paffar huma Procifsão do Santiffimo Sacramento por ellas, elle fem mais efperar, tomando nas mãos huma vaçoura, fe poz publicamente a varrer a da fua porta: e dizendo-lhe algumas peffoas, que não fizeffe femelhante coufa, porque alèm de lhe não fer decente a feu eftado, o não obrigava o pregão, refpondeo, que tambem a Virgem Senhora noffa, e feu bendito Filho não erão obrigados a guardar a Lei, e com tudo iffo a guardárão. Refpofta fem dúvida de homem virtuofo, e coração humilde, que a não fer tal, não intentára fazer hum acto naquella fórma de tanta humildade; nem a muita, que a Senhora, e feu Unigenito Filho moftrárão em o cumprimento da Lei, lhe viera à memoria. Coufa muito ordinaria he nos Santos fazerem no ferviço de Deos mais do que parece eftão obrigados; porque fazermos o que Deos nos manda, he obrigação noffa; fazermos mais do que elle nos pede, he o que mais eftima. Dizei ao jufto que bom caminho leva, [b] porque virá tempo, que coma o fruto de fuas invenções, diffe Deos por Ifaías Profeta. As invenções, que os juftos fazem, são muitas obras de abatimento proprio, e defprezo, a que parece não eftão obrigados, e affim as julga o mundo por coufa de invenção, e eftas eftima Deos tanto, que dá titulo de jufto a quem as faz, e lhas manda agradecer pelo Profeta. E fendo affim, que invenção póde fer maior, que andar hum Sacerdote, infigne Letrado, varrendo publicamente a rua? Acção, que huns julgavão por indecente a feu eftado, outros por pouco fizo, como a affrontofa morte, que Chrifto padeceo em a Cruz, diz São Paulo, [c] que aos Judeos era efcandalo, e aos Gentios zombaria. Porèm ifto, que o mundo tem por zombaria, ef-

[b] Ifai. ... num.

[c] 1. ad C... c. 1. n.

eſtima Deos por grande acordo.

3 Neſtas, e outras muitas acções de humildade ſe exercitava Fr. Mattheus, ainda ſecular, com que jà naquelle eſtado merecia o nome de juſto. Quando andava eſtudando em a Univerſidade, tempo, em que os outros ſe dão a vicios, e paſſatempos proprios da juvenil idade, elle velava ſobremaneira ſobre a pureza da alma, e do corpo: o que ſe moſtra bem pelo que neſta idade lhe ſuccedeo. Vio-ſe combatido de huma importuna tentação carnal, para remedio deſta caſtigava rigoroſamente ſeu corpo com frequentes jejuns, vigilias ordinarias, continuas diſciplinas, ſem que nenhumas deſtas diligencias foſſe baſtante a livrallo daquelle moleſto, e porfiado combate. Affligia-ſe o caſto mancebo com aquellas repreſentações, ainda que lhe não dava algum conſentimento, atè que huma vez, quando mais fortemente perſeguido, ſe foi a hum pomar, onde eſtava hum poço cuberto de caramelo, e ſendo no maior rigor do Inverno, ſe metteo dentro nelle atè os braços, onde eſteve algumas horas. Aproveitou-lhe tanto eſta mortificação, e diligencia, que não ſó ficou livre daquella tentação, mas ainda em premio de tão aſſignalada obra, lhe concedeo Deos hum ſingular privilegio, e foi que nunca em toda ſua vida ſentio jà mais combate algum da ſenſualidade.

4 Finalmente reſolveo-ſe a deixar o mundo, ainda que os parentes procurárão diſſuadillo deſta ſanta reſolução, porque o vião favorecido aſſim do Biſpo da Guarda, como de outras peſſoas de muita qualidade, e que actualmente eſtava para tomar poſſe de huma Coneſia naquella Igreja, com eſperanças de maiores poſtos, de que elles eſperavão a melhor parte. Cortou pelas humanas pertenções de ſeus parentes, e veio tomar o habito de Religioſo neſta Provincia, dando aſſim principio à vida Apoſtolica com o ſanto aborrecimento do proprio ſangue, que no caminho da perfeição lhe procurava ſer impedimento, conforme o conſelho [d] de Chriſto. Aſſim ſe abraçou com a regular diſciplina, e ceremonias da Religião, como ſe de menino fora criado nella. Era na oração, e meditação muito continuo; buſcava de ordinario lugares apartados para ſe dar a ella; fugia a toda a converſação, ainda que foſſe de Religioſos, com os quaes fallava tão moderadamente, que nunca lhe ouvírão dizer palavra, que não foſſe neceſſaria, e preciſa. Senão era no

[d] Luc. c. 14. num. 26. D. Gregor. Hom. 37. in Euang.

Coro, no Altar, e Refeitorio, a ſuas horas, raramente parecia, pelo muito que ſe dava ao recolhimento. Guardou perfeitamente a pobreza, que a Deos em noſſa Regra promettemos, tanto, que nunca teve de ſeu uſo, mais que hum habito, Breviario, e hum cartapacio de mão, em que trazia algumas couſas eſpirituaes eſcritas.

5 Foi grande ſeguidor da Communidade, mui obſervante, e zeloſo dos ſantos coſtumes, e ceremonias deſta Provincia, tanto, que ſendo jà mui velho, e por tal o eſcuſavão do Coro, ſempre ſe levantava à meia noite a rezar Matinas na cella, ſem que foſſe baſtante o debilitado do corpo, para que as não paſſaſſe em pé; e perguntando-lhe hum Religioſo, que neſta fórma o víra rezar, porque ſe não aſſentava, ſendo tão fraco, reſpondeo que deſde a primeira vez, que o começára a rezar, o fizera ſempre aſſim. E tão devagar (accreſcentava eſte Religioſo em ſeu teſtemunho) que primeiro os Frades no Coro acabavão, que elle na cella. Nunca, em quanto pode, conſentio lhe lavaſſem a roupa, nem fizeſſem outro algum ſerviço, mas tudo fazia com ſuas mãos com muita conſolação de ſua alma, porque acompanhava eſtas obras com a conſideração da humildade de Chriſto. Nunca, nem ainda depois de velho, quiz trazer ſandalias por caſa, ſempre andou deſcalço, e procedendo-lhe daqui algumas dores de eſtomago, de que ſe via importunado muitas vezes, não queria que lhe applicaſſem algum remedio. Hum dia, que mais o moleſtavão eſtas dores, lhe pedio certo Religioſo conſentiſſe que lhe foſſe aquentar huma toalha, para que poſta na boca do eſtomago recebeſſe algum alivio, lho não permittio de nenhuma maneira, gloriando-ſe qual outro S. Paulo, *e* em as 2. a
enfermidades, para com ellas c. 1
aſſegurar a virtude. Finalmente ſeus exercicios, e procedimentos erão taes, que nos povos, onde morava, era tido de todos por hum raro exemplo de virtudes: dizia delle Fr. Bartholomeu dos Martyres, preclaro exemplo de Prelados, que nunca víra filho de S. Franciſco, que tanto ſe pareceſſe com ſeu pai. Quando em Braga morou, jà pela muita idade não podia prégar, e com tudo iſſo a devoção da gente o fazia ſahir algumas vezes a público, dizendo com muitas importunações, que não querião mais que vello no pulpito, porque aſſim ſem fallar palavra prégava.

6 Teve particular amizade com o Arcebiſpo de Braga Dom

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, (que os Santos tem huns com os outros natural ſimpathia) gaſtando em praticas do Ceo o tempo de ſua viſita. Hum caſo particular lhe aconteceo com o dito Arcebiſpo em huma deſtas viſitas, que elle attribuía à virtude daquelle Prelado, e eu à de ambos; foi, que como hum dia ſe detiveſſe por grande eſpaço de tempo na viſita, como quem a gaſtava em praticas tão ſaboroſas, quando ſe foi a deſpedir, lhe fez o Arcebiſpo inſtancia, que jantaſſe com elle aquelle dia. Eſcuſou-ſe Fr. Mattheus algumas vezes; porèm vendo que o Arcebiſpo porfiava, aceitou a offerta, mas com tal condição, diſſe elle, que havemos de ter lamprea à meza: pareceo-lhe iſto couſa impoſſivel, por ſer fóra do tempo, em que as coſtuma haver. A eſta condição, que lhe poz, ſe deteve o Arcebiſpo algum eſpaço, e ainda que entendeo que zombava o ſanto velho, lhe tornou a dizer: *Fique, Padre, que não faltará lamprea, ſendo Deos ſervido.* Aſſim foi, porque entre outras iguarias, que na meza ſe achárão, veio huma lamprea muito bem concertada. Não affirmamos que ſeria caſo milagroſo, mas realmente elle o parece, pois a ſantidade de hum, e outro nos permitte eſta conjectura; tal vez quereria Deos moſtrar a ambos com eſta maravilha o caſo, que devião fazer de ſua eſtreita amizade, e ſanta converſação. Chegou Fr. Mattheus aos oitenta annos de idade, dos quaes trinta foi Religioſo, e cançado deſtes, e muito mais das rigoroſas penitencias, que tinha feito, e duro tratamento de ſeu corpo, em o Convento de S. Fructuoſo, onde então morava, poz termo a ſeus dias, acclamando-o todos geralmente por Santo. Dahi a alguns annos, abrindo a ſua ſepultura, ſe achou ſeu corpo incorrupto, indicio manifeſto de ſua Angelica pureza.

CAPITULO XXIV.

De outros Religioſos deſte tempo.

1 ENtre os muitos Religioſos, que no triennio do Miniſtro Provincial Fr. Pedro de Setuval acabárão com fama de ſantidade, merece neſte Capitulo o primeiro lugar Fr. Antonio de Portalegre, Prégador ferventiſſimo, tanto pela pobreza de ſua peſſoa, como pelas muitas virtudes, em que reſplandeceo, pois foi em ſeu tempo hum raro exemplo de todas. Foi de geração mui illuſtre, e mui eſtimado delRei D. João III. que o tra-

Fr. Antonio de Portalegre, Prégador.

o trazia na Corte, e ſe ſervia delle em negocios de muita importancia. Era de galhardo parecer, de gentil, e bem proporcionado corpo, grandemente aviſado, e finalmente dotado de todas as partes, que o mundo requere em hum politico Cortezão, e por eſta cauſa andava nos olhos não ſó do Rei, mas de toda a Corte. Deſvanecia-ſe vendo-ſe tão eſtimado do Rei, e applaudido dos Cortezãos por favorecido da natureza, e fortuna, como elles dizião, e neſtas vaidades gaſtou o tempo dos primeiros annos de ſua mocidade, ſeguindo a Corte com ſuas demazias. Chegou-ſe o tempo de tomar eſtado, e conſultando comſigo qual ſeria, vendo (ajudado da graça do Divino Eſpirito) que o não ha na vida tão ſeguro, como o da Religião, determinou entrar nella.

2 Pedia tão heroica reſolução, que eſcolheſſe huma, que ſe aventajaſſe às mais no rigor da vida, para mais perfeitamente fazer penitencia das vaidades, em que gaſtára ſeus primeiros annos. Poz os olhos na Provincia da Piedade, e achando-a accommodada para o fim, que pertendia, pedio nella o habito, que logo lhe lançárão. Edificou grandemente à Corte eſta repentina mudança, porque a julgava difficultoſa em hum homem privado do Rei, e eſtimado de todos, como ſe a Divina graça não fora poderoſa para vencer ainda maiores embaraços que eſtes. Ajudado deſta fez profiſsão, e foi mui perfeito Religioſo em toda a ſua vida, guardando com muita pontualidade aſſim os votos, que a Deos na Regra tinha promettido, como as ceremonias, e louvaveis coſtumes, que ſeus Meſtres lhe havião enſinado. Foi notavelmente pobre, e cauſava grande edificação aos Religioſos eſtremar-ſe tanto na pobreza, quem no mundo vivêra tão rico. Seu mais ordinario exercicio era vacar ſempre à oração, onde aprendia huma profunda humildade, de que era dotado. Tratava ſeu corpo com grande rigor, mortificando-o com aſperas diſciplinas, e muitas outras penitencias, e finalmente tal era ſua vida, que aſſim Religioſos, como ſeculares, o tinhão em opinião de ſanto.

3 Chegou eſta fama a El-Rei, e como antes conhecia, e tinha experimentado ſeu talento, o chamou a ſi, e tendo-o comſigo, communicava, e deſpachava com elle os negocios de mais importancia. Por eſta cauſa ordinariamente eſtava Fr. Antonio no Paço; porèm tal graça tinha recebido do Senhor, que em tornando

a casa, e se punha em oração, tão esquecido se achava das cousas, que tinhão passado por suas mãos, e assim desembaraçava seu pensamento de todas ellas, que com a quietação de qualquer Padre do ermo perseverava orando muitas horas; e tão despegado sentia seu animo de qualquer affeição daquillo, que antes tanto estimára no mundo, que para elle a maior pena era ser chamado à Corte, ainda que em parte lhe modificava esta a obediencia dos Prelados, que à petição do Rei o obrigavão. São as cousas do mundo, como os peixes daquella fonte, que Plinio *a* põe na nossa Lusitania, os quaes em quanto andavão debaixo da agua parecião de ouro finissimo, mas tirados fóra, se via claramente ser engano, porque erão como os outros, sem terem mais formosura. Assim tambem quem dentro em as aguas do mundo vê as honras, riquezas, privanças, e mais cousas, que nelle se estimão, parecem-lhe formosissimas, e dignas de serem desejadas; mas os servos de Deos, que as olhão fóra dessas ondas turbulentas, conhecem claramente o engano, e que não tem cousa digna de parecer formosa a huma alma, antes as tem por merecedoras de todo o desprezo.

4 Taes as julgava Fr. Antonio, parecendo-lhe antes agradaveis: e tão esquecido se achava (vindo para o Convento) das cousas, que em a Corte lhe tinhão passado pelas mãos, como se não fora elle o mesmo, com quem se houvessem tratado. Neste exercicio continuou alguns annos, indo, e vindo do Paço, atè que ElRei D. João casou em Castella a Princeza Dona Maria sua filha com ElRei Dom Filippe II. com a qual Senhora mandou a Fr. Antonio por seu Confessor, e seu Conselheiro. Algum tempo esteve na Corte daquelle Reino, estimado dos Principes delle; mas sentindo-se com alguns achaques, desejoso de morrer entre seus irmãos nesta Provincia, e bastando para elle qualquer achaque para fugir da Corte, se veio della. O restante, que lhe ficou de vida, passou em grande perfeição, e virtude, atè que no triennio de Fr. Pedro de Setuval, pelos annos do Senhor de 1593. em o nosso Convento de Santo Antonio de Coimbra passou ao Senhor, deixando aquella fama de santidade, que sempre teve.

5 No seguinte anno de 1594. deixou as miserias desta vida outro perfeito Religioso, natural de Villa-Viçosa, chamado Fr. Antonio Godinho, de quem o descuido de nossos an-

antigos nos não deixou mais memoria que a voz commua, com que assim Religiosos, como seculares o veneravão por hum grande servo de Deos, e com esta opinião acabou seus dias. Só de hum caso, que lhe aconteceo, morando em Loulé, temos noticia, que por ser notavel, está pedindo que façamos delle memoria. Houve na sobredita Villa, pelos annos do Senhor de 1587. aos vinte e quatro dias do mez de Outubro, hum sabbado às duas horas depois do meio dia, huma inundação, causada de huma repentina chuva, tão extraordinaria, que no arrabalde, por onde passou, derribou cento e sete casas, com morte de muitas pessoas. Sentio maior damno a rua de S. Sebastião, por respeito de carregar alli mais a corrente de sua furia, fazendo nella lastimoso estrago. Morava na sobredita rua de São Sebastião hum Francisco Dias Collaço, recebedor da Irmandade do Santissimo Sacramento, e tinha em sua casa os ornamentos, e custodia da Confraria, o que tudo levou a inundação. Dous dias depois de passada esta, indo prégar à Igreja Matriz Fr. Antonio Godinho, ouvio gemer junto das ruínas da casa do dito Francisco dias Collaço, sem poder averiguar o que aquillo fosse. Publicou-o do pulpito, pedindo que acudissem a ver o que isto era: foi muita gente ao lugar signalado, onde cavárão trez dias, porque a opinião, que tinhão de Fr. Antonio, lhe fazia suspeitar algum mysterio. No ultimo delles se achou a Custodia do Santissimo Sacramento, debaixo de muitos moios de terra, pedras, e taipas sem que tivesse final, ou lesão alguma, mais que huma pequena fenda em huma das vidraças, nem se ouvio mais gemer dalli em diante. Semelhante inundação com igual estrago se vio tambem na mesma Villa pelo mez de Dezembro de 1692 que já esperavão os moradores de Loulé, por lhes ser profetizada, segundo dizem, por hum Religioso nosso, seria este tal vez Fr. Antonio Godinho, que se achou na primeira.

CAPITULO XXV.

Do humilde servo de Deos Frei Alvaro de Aljustrel.

1 FIca a pequena Villa de Aljustrel no Campo de Ourique, nella nasceo Frei Alvaro, tomou o habito em a nossa Provincia para Sacerdote, e depois de seguir alguns annos o Coro, querendo os Prelados mandallo tomar Ordens de Epistola, communicou-

cou-lhe Deos noſſo Senhor tal eſpirito de humildade, que propoz de buſcar a Jeſus Chriſto, com todas as forças de ſua alma por outro caminho mais humilde. A eſte fim fez todas as diligencias poſſiveis com os Prelados, para que o reduziſſem ao eſtado de Frade leigo. Tratárão alguns Religioſos diſſuadillo deſte intento, dizendo-lhe, que tambem ſendo Sacerdote podia ſer humilde, pois não encontrava à humildade eſte eſtado: mas não foi poſſivel acabar com elle, que deixaſſe a reſolução do que havia eſcolhido. Não deixa eſta mudança de ſer ſempre difficultoſa; mas vendo os Prelados a muita inſtancia, com que Fr. Alvaro a pedia, e por outra parte conhecendo nelle huma humildade de coração, deixárão-o caminhar por onde o guiava ſeu eſpirito. A experiencia moſtrou depois, que não procedêra de leviandade eſta mudança, porque foi tão verdadeiro humilde, que nem em obra, ſinal, ou palavra ſe lhe conheceo jà mais a menor repugnancia a eſta virtude, antes muitos effeitos de profunda humildade.

2 Não ſe póde encarecer o gozo eſpiritual, que o fiel ſervo do Senhor ſentio em ſua alma, quando ſe vio com a enxada na mão, cavando na horta, conſiderando que aos pequenos, e humildes chama Chriſto no Euangelho [a] irmãos ſeus. Por eſta cauſa ſe via nelle huma notavel alegria, depois que o reduzírão àquelle eſtado, irmanada porèm com grande compoſição, e modeſtia. Ninguem lhe ouvio palavra, não ſó ocioſa, (que não cabia ocioſidade em tão abrazado eſpirito) mas nem ainda indifferente, ſenão todas do ſerviço de Deos, e bem do proximo, ou as que preciſamente baſtavão para reſponder a alguma couſa, que lhe perguntavão. Quando em as noites de Inverno pelos dias feſtivaes vinhão os Religioſos ao fogo, e alli ſe communicavão em religioſas praticas, aſſiſtindo todos a eſtas collações, (que aſſim lhe chamavão os antigos Padres do ermo) Fr. Alvaro pedia ſempre licença para ſe não achar nellas. Perguntado por hum Religioſo a razão, que tinha para aſſim ſe retirar, reſpondeo: *Por me não acontecer o que a S. Pedro, que chegando-ſe ao fogo, em companhia* [b] *dos que a elle eſtavão, negou ſeu Divino Meſtre.* Dando niſto a entender que a converſação poderia ſer cauſa de lhe eſcapar alguma palavra, com que offendeſſe a Mageſtade Divina, ou ao proximo. Tanto vigiava ſobre a pureza de ſua alma, que atè de occaſiões tão leves fugia.

[a] Matth. c.23. n.40.

[b] Marc. c.14. n.67.

3 Foi Varão de muita abſtinencia, pobreza, e mortificação, e de tanta obediencia, que ainda para fazer ſuas abſtinencias no Refeitorio, pedia primeiro licença aos Prelados. De conſentimento deſtes jejuou ainda a ultima Quareſma, que teve de vida, a pão, e agua, e diſto tomava pouco, ſendo jà de ſetenta annos de idade, e ſincoenta de Religioſo. Pedia eſta licença, porque como vigiava tanto ſobre o aproveitamento de ſua alma, não deixava paſſar occaſião conducente a eſte fim, de que não lançaſſe mão, e deſta ſorte ajuntava ao merecimento do jejum o da obediencia. Sempre trouxe os pés totalmente deſcalços por terra; e quando o mudavão, ou fazia outra alguma jornada, levava huns chocolos de páo lançados às coſtas; e ſe lhe perguntavão para que os levava comſigo, ſe ſe não havia de aproveitar delles, reſpondia que para alguma neceſſidade, quando caminhaſſe por terra de caſcalho, ou outra ſemelhante; mas a verdade era, que com iſto queria encubrir aquella mortificação, que fazia, e accreſcentar novo trabalho ao do caminho com aquelle pezo. Todos os dias infallivelmente fazia huma rigoroſa diſciplina, alèm das que tomava com a Communidade. Tinha hum odio ſanto a ſeu corpo, e aſſim o tratava com tanto rigor, como a cruel inimigo, com que o trazia tão ſujeito ao eſpirito, que parecia não lhe fazer jà repugnancia. Com ſer tão rigoroſo para ſi, era grandemente caritativo para todos, virtudes, que commummente andão avinculadas.

4 Do amor, que tinha à ſanta pobreza, lhe naſcia huma particular affeição aos pobres: com elles tratava com muita affabilidade, quando os encontrava pelos caminhos, e ſoccorria no modo, que lhe era poſſivel. Sendo jà mui velho, e mui achacado de huns corrimentos, que o tinhão quaſi aleijado, com muito trabalho andava pela horta apanhando a fruta, que tinha cahido, e levando-a ao Porteiro, lhe pedia a quizeſſe dar aos pobres. Muita oração ſuppõe eſtas virtudes, pois he a fonte, donde dimanão todas, e ſem ella ou não ſe conſervão, ou ao menos não vivem ſeguras. Era neſta tão continuo Fr. Alvaro, que hum Religioſo, que com elle morou no Convento do Boſque, perguntado por obediencia, affirmou, que quaſi todo o dia, e toda a noite orava. Outros diſſerão que tinha por exercicio indiſpenſavel levantar-ſe às onze horas da noite, e dalli atè às quatro da manhã eſtava de

de joelhos, ou em pé diante do Santiſſimo Sacramento. Tinha particular graça de fallar de Deos, deixando por extremo conſolados a todos aquelles, que o ouvião, porque com tanta abundancia de altos conceitos provava o que dizia, que atè as peſſoas de muita authoridade, e letras ſe maravilhavão, e goſtavão muito de fallar com elle, venerando-o todos por ſanto. Por eſte reſpeito foi mui eſtimado de S. Alteza a Senhora Dona Catharina, e de ſeu filho o Senhor D. Theodoſio. A reverencia, e reſpeito, que noſſo Padre S. Franciſco encommenda em ſeu teſtamento ſe tenha aos Sacerdotes, obſervou tão pontualmente eſte ſervo de Deos, que nunca ſe aſſentou, nem cubrio diante de algum.

5 Finalmente toda ſua vida foi inculpavel, exercitada em actos de piedade, caridade, e mortificação, com que chegou ao cume da perfeição Euangelica. Sendo jà de ſetenta annos de idade, havendo ſincoenta, que ſervia a Deos na Religião, o chamou o Senhor a ſi por meio de huma leve enfermidade. Conheceo o ſervo de Deos ſer chegado o prazo de ſeus dias; e poſto que andaſſe ſempre apparelhado para eſta hora, então ſe preparou de novo com os Sacramentos da Igreja. Neſte tempo ſoube-o o Senhor D. Theodoſio, ſegundo do nome, e com os mais Senhores daquella Sereniſſima Caſa, ſeus irmãos, veio logo ao Boſque para ſe achar preſente à morte do celeſtial Varão. Succedeo naquelle tempo eſtar viſitando a Caſa, e fazer Capitulo o Padre Fr. Franciſco de Campos, que então viſitava a Provincia para o Capitulo futuro; e como todos os Religioſos aſſiſtião no Conventual, o Duque, e mais Senhores eſtiverão ſós vigiando o enfermo. Todos os quaes derramárão muitas lagrymas ~~de de~~voção, ouvindo-lhe dizer que de trinta e ſinco annos atè àquella hora, em que eſtava, não maculára ſua conſciencia com ſombra alguma de peccado. Chegou-ſe pois a hora, em que o ſanto Varão deixou a Babylonia do mundo pela celeſte Jeruſalem, teſtemunhando o corpo a gloria, que hia gozar a alma, porque ficou com huma tão notavel viveza, ſerenidade, e alegria de roſtro, como quem dormia, e repouſava. Foi ſepultado na clauſtra do dito Convento, onde eſpera a univerſal reſurreição, para participar do premio, que no Ceo goza ſua alma, pois na terra lhe foi tão fiel companheiro. Succedeo ſeu tranſito em vinte de Abril [c] do anno de 1595. no fim do triennio de Fr. Pedro de Setuval.

[c] Agiol. Luſ. tom. 2. Abril 20. liter. E.

CAPITULO XXVI.

Eleição do vigeſimo-ſexto Miniſtro Provincial: e de alguns Religioſos, que com fama de virtude acabárão em ſeu triennio.

1595 1 SIgnalou o Padre Commiſſario Geral Fr. Mattheus de Burgos por Viſitador deſta Provincia, e Preſidente do futuro Capitulo ao Padre Fr. Fernando de Campos da Provincia de Sant-Iago, Definidor Geral da Ordem, e actual Guardião de São Franciſco de Salamanca. Concluida a viſita, convocou os Vogaes para eleição de novo Miniſtro em o noſſo Convento de S. Franciſco de Elvas, onde com univerſal applauſo ſahio eleito a dezoito de Julho de 1595. Fr. Eſtevão de Campo-maior, que acabava de ſer Definidor. Sahírão por Definidores Fr. Jorge de Ourem, Fr. Gonſalo de Elvas, Fr. Antonio de Elvas, Fr. Luiz de Béja, Prégador, e por Cuſtodio Fr. Pedro de Guimarães. Fez os gaſtos do Capitulo com grande liberalidade Pero de Meſquita, Cavalleiro, e Commendador da Ordem de S. João de Malta. Teve o Provincial a ſua Congregação em Evora pela feſta da Epifania do anno de 1597. e governou com grande prudencia, e zelo todo o tempo de ſeu miniſterio. Em ſeu tempo morrêrão muitos, e mui eſſenciaes Religioſos, dos quaes poremos aqui as breves noticias, que nos deixárão.

Fr. Eſtevão de Campo-maior Provincial 26.

2 Foi o primeiro Fr. Martinho de Portalegre, Frade leigo, dotado de mui rara virtude, em eſpecial de ſanta oração, em cujo exercicio gaſtava não ſó a maior parte do dia, mas tambem da noite; porque deſde que os mais Religioſos ſe recolhião, perſeverava elle atè Matinas em o Coro. Depois deſtas ſe recolhia por hum breve tempo à cella, em que dava limitado repouſo a ſeu cançado corpo, para com mais fervor continuar ſeu coſtumado exercicio, e eſte eſtylo obſervou indiſpenſavelmente toda a vida, que forão mais de ſincoenta annos de habito, e de ſetenta de idade. Foi notavelmente exemplar, e na modeſtia de ſua peſſoa, e compoſição exterior dos ſentidos reluzia bem a pureza de ſua alma. Para todos mui caritativo, ſendo para ſi mui rigoroſo, e exercitando-ſe em diſciplinas, jejuns, e outras muitas aſperezas, com que macerava o corpo. Em toda a ſua vida andou ſempre totalmente deſcalço, aſſim em caſa, como quando caminhava, por compridas que as jornadas foſſem. Neſtas, e outras muitas

Fr. [...]nho Port[...] Frad[...] leigo[...]

tas virtudes perſeverou atè ſua morte, que foi lograr o premio dellas pelo fim do anno de 1595.

3 No principio do de 1596. fez o meſmo caminho outro Religioſo de não menor virtude, chamado Frei Gaſpar de Condexa Sacerdote. Todos os dias, por maiores que foſſem as occupações, havia de dizer Miſſa: era notavel a preparação, e reſpeito, com que chegava a eſte ſoberano myſterio. Para mais commodamente ſe diſpor, velava muito ſobre o recolhimento, porque mui raras vezes era viſto fóra do Coro, ou da cella, ſalvo determinava outra couſa a obediencia, em que era promptiſſimo. Teve graça eſpecial de converter a Deos os penitentes: foi mui zeloſo de ſeu aproveitamento, e aſſim era tão buſcado, que ordinariamente eſtava em o Confeſſionario, ſem que em nenhum tempo ſe poupaſſe a algum trabalho. Reluzírão nelle em grão ſubido a pobreza, humildade, rigor de vida, e outras muitas virtudes, em que perſeverou por ſeſſenta annos, pouco menos, que teve de habito. No fim deſtes adoeceo de huma grave enfermidade, que conheceo logo ſer a ultima, e ſoffreo ſuas moleſtias com tão maravilhoſa paciencia, que entoava os louvores Divinos na maior fragoa de ſuas dores. Hum dia antes de ſua morte, entrando hum Religioſo ſeu amigo, chamado Fr. Gonſalo de Braga, a viſitallo de tarde, lhe diſſe o enfermo: *Irmão, não me deſampareis, porque à manhã, antes da Miſſa de Terça, me vereis neſſa caſa amortalhado.* Aſſim aconteceo, porque ao outro dia pela manhã pedio a Santa Unção, (tinha jà recebido os Sacramentos da Penitencia, e Sagrada Eucariſtia) e reſpondendo nella com os mais a tudo, paſſou ao Senhor no tempo, que jà tinha dito, com grandes moſtras de ſantidade.

4 No meſmo anno trocou a tranſitoria vida pela permanente Fr. Antonio de Lisboa, Sacerdote de maravilhoſa pureza. Tomou, ſendo mancebo, o habito de noſſa Serafica Religião entre os Padres Conventuaes, onde viveo alguns annos, atè que com deſejo de maior perfeição, ſe encorporou neſta Provincia. Foi tão perfeito obſervante, e zeloſo de ſuas ceremonias, e louvaveis coſtumes, como ſe de pouca idade fora criado nella. Exercitou, em quanto neſta viveo, o officio de Confeſſor, e recebeo particular dom de Deos de compor inimizades. Coſtumava dizer que a virtude, que lhe parecia mais formoſa, era fazermos bem aos meſmos, que

Fr. Anton. de Lisboa, Sacerdote.

nos

nos tem feito mal: desta consideração lhe nascia o grande cuidado, com que procurava fazer amigos aos que sabia estarem encontrados. Na oração era mui continuo, grandemente pobre, humilde, e obediente, virtudes, que dourou com o desapego das cousas temporaes, ainda que precisamente necessarias, porque de tal modo se negou ao cuidado dellas, que tudo deixava à providencia Divina, que lhe não faltava a esta sua confiança, como não tem faltado aos que nella confião. Sendo Guardião em o nosso Convento da Vidigueira pelos annos do Senhor 1581. lhe foi dar recado o Porteiro, que era hum Fr. Francisco de Villa-Viçosa, em huma sexta feira, que não havia pão para pôr ao jantar no Refeitorio, salvo humas costas de biscouto; mas tão pouco, que repartido pelos Frades, não caberião dous bocados a cada hum delles. *Ponde esses aos Religiosos*, respondeo o Guardião com a sua costumada confiança na providencia Divina, *que Deos acudirá*. Chegadas as horas, tocárão ao Refeitorio, e apenas acabárão de dizer o *De profundis*, tangêrão à Portaria, onde acudindo o Porteiro, achou huma esmola de dous alqueires de pão cozido. Sabidas depois as circumstancias, como, e donde veio, ficárão entendendo os Frades, que fora a provisão milagrosa, com que Deos quiz acreditar a fé deste seu servo. Finalmente nestas, e outras virtudes perseverou Fr. Antonio, atè que veio morador para Valverde, onde as coroou todas com a paciencia, porque lhe deo huma enfermidade tão prolixa, que lhe durou quasi hum anno, soffrendo as molestias desta com grande jubilo, e alegria de sua alma, que desatada das prizões do corpo, foi lograr a Bemaventurança em o Ceo, pela qual tanto tinha trabalhado na terra.

5 Rematemos este Capitulo com a noticia de Fr. Pedro de Setuval, que acabou tambem quasi no mesmo tempo, que quando não tiveramos outra memoria de sua virtude, bastava para o conhecermos adornado desta, sabermos que foi Ministro Provincial em tempo, que a Provincia tinha tantos, e tão perfeitos Religiosos, fazendo-se sempre eleição do que mais se assignalava em perfeição de vida. Foi este Apostolico Varão de conversação tão Angelica, e singela, que representava o estado da innocencia em suas palavras, e modo de vida: a esta simplicidade de pomba ajuntava a prudencia de serpente, como Christo Senhor nosso aconselha-

Fr. de S Sace

lha-

lhava *a* a ſeus Apoſtolos no Euangelho. Foi grandemente rigoroſo para ſi, e caritativo para os outros: por extremo pobre, e como tal mui zeloſo da ſanta pobreza: teve dom eſpecial de lagrymas, que continuamente derramava em tanta copia, como ſe tivera ſido o maior peccador, mas por eſte o julgava ſua humildade.

6 A oração era ſeu principal emprego: nella gaſtava o mais do tempo, depois que à prima noite tomava o breve repouſo, para então orar no mais profundo della. Levantava-ſe às onze, e dahi atè tocarem a Matinas, fazia huma rigoroſa diſciplina com muitos ſuſpiros, e ſoluços; depois da qual ſe recolhia para a cella, e hia logo para o Coro detràs de todos os mais Frades, esfregando os olhos, como quem vinha de dormir, encubrindo com eſte fingimento ſuas vigilias. Largo campo nos offerecêrão para a hiſtoria os mimos, que de Deos recebia, ſe os não ſoubera tão bem occultar ſua humildade; mas ainda que era tal ſeu recato, por algumas vezes ſe vio a efficacia, e fervor de ſua oração. Quando os Frades, rezadas as Horas Diurnas, e Veſperas, ſe ſahião do Coro, ficava elle em alta contemplação occupado. Succedeo entrar huma vez hum Coriſta neſte tempo a dar-lhe certo recado, vio que eſtava de joelhos, os olhos no Ceo, o roſto abrazado, teſtemunha do fogo, que em ſeu peito ardia, e tão tranſportado, que o Coriſta de pavor, pelo ver naquella fórma, ſe ſahio do Coro, ſem ouſar de chegar a elle, que de nenhuma couſa deſtas deo razão.

7 Como andava continuamente com o penſamento em Deos, deſejava que os mais fizeſſem o meſmo, donde naſcia perguntar ordinariamente a qualquer Frade, que encontrava: *Que cuidais vós agora, Irmão?* Sendo Guardião em huma Caſa de noviços, andava hum deſtes combatido grandemente do demonio, que lhe perſuadia deixaſſe o habito, porque ainda que profeſſaſſe, o havião de lançar da Religião. Perturbava tanto eſta tentação ao noviço, que lhe tirava o comer, e o dormir, atè que huma noite determinou ſahir furtivamente do Convento, e tornar ao mundo, e para eſte effeito hia jà buſcar ſeus veſtidos ao lugar, onde ſabia que eſtavão. Sahio-lhe o ſanto Guardião ao encontro, e ou por revelação, que diſſo tiveſſe, (que he o mais certo) ou porque do noviço entendeſſe o intento, que levava, o abraçou, e conſolou com devotas palavras, de que

teve

teve graça particular, e o mandou para a cella, dizendo-lhe, que elle teria cuidado de o encommendar a Deos. O fucceſſo moſtrou logo o cumprimento da promeſſa, e efficacia de ſua oração, porque apenas o noviço ſe recolheo, adormecendo, vio dous Frades, que lhe dizião ſer noſſo Padre S. Franciſco, e Santo Antonio, que ambos lhe atavão ambos os pés com huma corda, dando-lhe huns nós de tal maneira, que parecia ao noviço, que não ſe poderião deſatar. O reſtante da corda, que ſahia dos pés, ſe eſtendeo, e muitos Frades em Procisſão pegavão nella com huma mão, e na outra huma véla acceza, e deſta ſorte o levavão cantando, dizendo-lhe muitas vezes os dous Santos: *Filho, aſſim como eſtes Frades te levão atado a eſta corda com tantos nós, aſſim depois que fizeres profisſão, ſe não deſatará eſſe nó, ſalvo por morte: pelo que perſevéra, que ficarás Frade como elles.* Acordou logo o noviço, e achou-ſe tão quieto, e conſolado, como ſe antes não tivera perturbação alguma; perſeverou na Provincia, e nella acabou com moſtras de perfeito Religioſo.

8 Eſtes erão os exercicios de Fr. Pedro de Setuval, antes que foſſe eleito em Miniſtro Provincial; depois de eleito continuou nos meſmos, ſem que as pensões, que comſigo traz aquelle officio, foſſem baſtantes, para que affrouxaſſe em algum delles. Foi exemplo, e regra de Prelados, ſe antes o tinha ſido de ſubditos, ſendo no governo affavel, e caritativo, e igualmente zeloſo da guarda dos eſtatutos, leis, e ſantos coſtumes, com que nos criárão noſſos primeiros Padres; como moſtrou nas diligencias, que fez, para que o Geral extinguiſſe os eſtudos, que de ſeu mandado ſe tinhão introduzido na Provincia, como em effeito ſe extinguírão na ſua congregação, como jà diſſemos. Acabado ſeu triennio, ſe recolheo a eſperar a morte, que o achou carregado de annos, e de merecimentos.

CAPITULO XXVII.

Do humilde ſervo de Deos Frei Diogo de Pernes.

1 TRez leguas para o Ponente de Santarem fica Pernes, pequeno lugar no termo da Villa de Alcanhede. Deſte foi natural Fr. Diogo, Frade leigo de profiſſão, claro por virtudes, e particularmente inimigo mortal da ocioſidade, mal de todos os males, e contraria a todos os bens. Daqui vinha que ſendo mui

mui velho (que paſſou de ſeſſenta annos de habito) com tanto cuidado acudia às couſas do ſerviço da caſa, e Religioſos, e a todos os officios de humildade, como ſe então começára, ſendo noviço, ſua vida, e tivera obrigação de os fazer todos. Iſto fazia a tempo, que não pudeſſe ſer viſto, para cujo fim buſcava ſempre as horas, em que os mais Frades eſtavão occupados ou em o Coro, ou outra qualquer parte: donde naſceo dizerem commummente os Frades, que Fr. Diogo furtava os officios de humildade aos outros. Teve tão particular graça de fallar de Deos, que edificava com ſuas devotas palavras aos humildes, e punha em admiração aos mais doutos. Sua obediencia era cega, porque em nenhum caſo ſe punha a examinar ſe era juſtificado o que ſe lhe mandava, cegamente obedecia como perfeito obediente, grangeando deſta ſorte a commodidade, que alguns ignorão, e que enſina S. Lourenço Juſtiniano, [a] dizendo que a propria vontade he carga, de que a obediencia alivia aos Religioſos, livrando-os o mandamento do Prelado da penſão, que tem os que vivem em ſua liberdade, em reſolverem, ſe he conveniente, ou não, o que lhes perſuade a vontade.

[a] ...t. ...de ...t.

2 Toda ſua vida foi hum continuo exercicio de aſpereza, e penitencia; porque alèm de ſeus extraordinarios jejuns, nunca em todo o anno comia carne, como affirmou no teſtemunho, que delle deo Frei Franciſco de Eſpoſende, outro grande ſervo de Deos, de quem eſcreveremos a ſeu tempo. Tão eſtremadamente guardava o ſilencio, e recolhimento, que no Convento parecia o Anacoreta mais ſolitario; não lhe ſahia de ſua boca palavra, ſenão a preciſa ou para a reſpoſta, ou para edificação, e proveito eſpiritual do proximo. Sentia grandemente o demonio ver tanta perfeição em Fr. Diogo, combatia-o com frequentes, e terriveis tentações, mas de nenhum effeito, antes ſervião de lhe augmentar o merecimento, com que de todas ſahia vencedor, ajudado da Divina graça. Em vingança do valor, com que o ſervo de Deos lhe reſiſtia, inſtigou o inimigo a huma mulher que puzeſſe nota em ſua pureza; tentação tão terrivel para o Apoſtolico Varão, que ainda que o não pode vencer, foi baſtante a perturballo. Por eſta cauſa lhe derão os Prelados alguns peſados desgoſtos, que elle offerecia à Paixão de Chriſto Senhor noſſo, em que, ſendo a meſma innocencia, fora reputado [b]

[b] Iſai. c. 53. num. 12.

com os mãos. Mas como Deos permitte ſemelhantes trabalhos em ſeus ſervos, para lhe apurar o merecimento, e trocar a tempeſtade em bonança, quando Fr. Diogo eſtava mais afflicto, o conſolou com hum mimo, e favor ſingular, que lhe fez, como diremos ao diante.

3 Foi ſingular ſua pobreza, igualmente humilde, e de tal ſorte ſe eſmerou na virtude, que foi hum perfeito aggregado de todas ellas. Amava muito o ſanto exercicio da oração, e nella gaſtava a maior parte das noites velando, e foi viſto muitas vezes em maravilhoſos raptos, a pezar de ſua humildade, que procurava muito encubrillos. No tempo, que os Inglezes abrazárão a Cidade de Faro no Algarve, vivendo os da Cidade de Lagos em grande afflicção, e temor de ſemelhante caſo, o ſanto Frei Diogo, que então morava no Convento, que ahi temos, não ceſſava de rogar ao Senhor continuamente com grandes ancias pelo perigo, que ameaçava àquelle povo. Com tanto fervor fazia a Deos ſua petição, a que o ajudava ſer grandemente compaſſivo, que huma das noites, que por eſta cauſa ficou em o Coro orando, foi achado dos Religioſos em extaſe mental, levantado da terra, e tão privado dos ſentidos, que nenhuma razão deo dos que eſtavão vendo aquelle devoto eſpectaculo. Nem foi ſem effeito ſua oração, porque os Inglezes depois de queimarem a Cidade de Faro, derão à véla, e deſapparecêrão, ſendo que forão mandados de Iſabel Rainha de Inglaterra, ſó a fim de fazerem quanto mal pudeſſem em as couſas de Heſpanha, em odio de Filippe ſeu cunhado, a quem então eſtava eſte Reino ſujeito; por onde nos fica baſtante fundamento para preſumir, que o não paſſar o furor dos Inglezes mais adiante fora effeito do ſanto Varão Fr. Diogo de Pernes, que com tanto fervor orava a Deos por eſta cauſa.

4 He commua em todos os ſervos de Deos a devoção a ſua Mãi Santiſſima: neſta ſe ſingularizou Fr. Diogo, venerando com ſummo acatamento ſuas ſantas Imagens, em particular huma, que eſtá no noſſo Convento de Villa-nova, conſagrada à Expectação da Senhora. Quando morou a primeira vez naquelle Convento, cobrou tanta affeição àquella Sagrada Imagem, que mudado dalli pelos Prelados, vinte annos continuos pedio à Senhora, que o levaſſe àquella Caſa a morrer, para que acabaſſe à ſua ſombra. Concedeolhe a Senhora a petição, por

via

via pouco uſada na Provincia, que foi mandallo o Miniſtro (ſendo jà velho, e mui gotoſo) por mar do Convento de Santo Antonio de Aveiro para o de S. Franciſco de Lagos, donde vindo para o de Villanova acabou ſua carreira, como veremos. Foi devotiſſimo das Chagas de noſſo Padre S. Franciſco; deſejava que as celebraſſem com a maior ſolemnidade poſſivel; deſvelava-ſe em ajudar aquelle dia, mais que em os outros, ao Sacriſtão no ornato da Igreja, perſuadindo aos Prégadores, que prégaſſem aquelle myſterio. Dava por razão, que conhecêra hum Religioſo deſta Provincia, ao qual noſſo Padre S. Franciſco apparecêra, e ſe lhe queixára de ſeus Frades não celebrarem aquella feſta com tanta ſolemnidade, e alegria, como devião. Aſſim por eſte dito, como por outros indicios, e pelo fervor, e alegria, com que Fr. Diogo o feſtejava, havia ſuſpeita, e corria fama entre os Frades, que elle era, a quem o Santo Padre apparecêra.

5 Iſto, que em ſua vida andava ſó em ſuſpeita, ſe veio a ſaber com certeza em ſua morte, na maneira ſeguinte. Sendo Guardião em o noſſo Convento de Villa-nova Fr. João do Porto, que depois foi Miniſtro Provincial, hum dos Prégadores, a quem o ſanto Frei Diogo, por vezes havia rogado que prégaſſe ſempre o dito dia das Chagas de noſſo Padre; o ſervo de Deos, que então ahi morava (pela occaſião aſſima dita) adoeceo de huma enfermidade mortal, de que o Senhor o levou deſta vida. Entendendo todos, e conhecendo elle tambem que morria, o Guardião lhe diſſe: *Irmão Fr. Diogo, bem vedes o eſtado, em que eſtais de caminhar para o Ceo: vós me diſſeſtes, que conhecieis hum Frade deſta Provincia, homem de verdade, a quem noſſo Serafico Padre São Franciſco apparecêra. E porque eu entendo que vós foſtes eſſe Frade, vos mando por ſanta obediencia, que me digais ſe he aſſim, ou não, e o modo como iſſo procedeo, para honra, e gloria de Deos, e maior louvor, e veneração do meſmo Padre Serafico. E ſe Deos noſſo Senhor for ſervido que eſcapeis deſta enfermidade, eu vos guardarei o ſegredo diſto em voſſa vida.* Obrigado Fr. Diogo do preceito da obediencia, reſpondeo ſer verdade, que elle fora aquelle Religioſo a que o Santo Padre apparecêra, e contou o modo, que foi eſte.

6 Morando elle, e ſendo Porteiro em o noſſo Convento de S. Franciſco de Elvas, foilhe dito que huma peſſoa, que

algumas vezes lhe chegava à Portaria pedir esmola, vivia mal, e escandalosamente: o que sabendo o servo de Deos, a reprehendeo asperamente de seu peccado, e lhe disse, que lhe não chegasse mais àquella porta. Indignada disto esta pessoa, e movida pelo demonio, fez queixa de Fr. Diogo a seu Prelado, impondo-lhe o mesmo, do que elle a tinha reprehendido. Sem que o Prelado averiguasse mais a verdade, levado do informe, reprehendeo a Fr. Diogo, penitenciando-o, e mandando-o recolher em huma cella. Nesta esteve o innocente Religioso algum tempo: e como huma noite se puzesse a considerar a conta, em que os Frades o terião, tanto se deixou levar deste pensamento, que tocado de huma terrivel tentação de ira, dor, e sentimento, quasi parecia desfalecer em a paciencia, e soffrimento daquella affronta. No meio desta tribulação, e espiritual angustia (acudindo-lhe o Senhor, que nas maiores não falta) vio subitamente huma formosa nuvem, clara, e resplandecente, a modo de globo redonda, que abrindo-se, appareceo nella nosso Padre São Francisco, [c] cheio de notavel resplandor, o qual lhe perguntou se o conhecia Fr. Diogo, que via sahir das mãos, pés, e peitos do Santo huns raios como de Sol, respondeo: *Ou sois meu Senhor Jesus Christo, ou meu Padre S. Francisco.* Então lhe disse o glorioso Patriarca: *Eu sou teu Padre S. Francisco: Sabes que dia he hoje? He* (diz Fr. Diogo) *o dia, em que Christo Senhor nosso vos imprimio suas Sagradas Chagas. Pois entende* (diz o Santo) *que estou enojado contra meus Frades; que sendo esta festa tão principal, e a em que o Senhor me fez tão singulares mercês, elles a celebrão tibiamente. No dia de minha morte deo-me o Senhor a gloria do Ceo, como dá aos outros Santos, mas neste dia, em que me honrou com suas Chagas, fez-me huma mercê singular, que não fez aos outros, que foi canonizar-me em vida.* Ouvindo isto Fr. Diogo, ficou quasi sem sentido, e o Santo pegando nelle, lhe disse: *Lembra-te daquellas palavras da Regra: Bemaventurado o que padece perseguição pela justiça, mas o que perseverar atè o fim, será salvo.* Dito isto, desappareceo, deixando ao servo de Deos mui confortado em seu animo, e cheio de maravilhosa consolação.

[c] Daça 4. p. l. 3. c. 65.

7 Daqui lhe devia de proceder a particular graça, que dizem que tinha, de consolar com suas palavras a qualquer pessoa, que estivesse em afflicção, triste, e desconsolada.

De-

Declarada finalmente por Frei Diogo a visão desta maneira, passou dahi a pouco da presente vida no lugar, que havia pedido a nossa Senhora, que foi a Casa de Villa-nova, como jà dissemos. Foi seu transito no anno de 1597. com mais de sessenta de habito, e oitenta de idade; jaz sepultado em a Capella Mór da Igreja à parte da Epistola. Logo que os de Villa-nova souberão de sua morte, acudírão todos a pedir por Reliquias as cousas de seu uso: Dona Maria Coutinha mulher do Governador daquelle Reino Rui Lourenço de Tavora, pela fé, que tinha em este servo de Deos, pedio sua corda, e a cingio a si, sentindo-se propinqua ao parto, que teve felicissimo, o que tudo attribuío aos merecimentos deste Apostolico Varão; tanto assim, que ao filho, que lhe nasceo, poz por nome Diogo, em gratificação do beneficio recebido.

CAPITULO XXVIII.

Vidas exemplares dos servos de Deos Fr. Anjo de Portalegre, e Fr. Manoel de Castro-Verde.

1 HE cousa tão ordinaria corresponderem as obras ao nome de cada hum, que diz a Glosa do antigo Digesto, que da qualidade do nome se collige, e argúe qual he a pessoa. Do Patriarca S. Bento escreve S. Gregorio [a] Magno, que foi bento no nome, e nas obras, para que se entenda que as obras correspondem aos nomes. Pela mesma razão do inclyto Martyr S. Vicente quer Santo Agostinho, [b] que o vencimento que alcançou do Tyranno, soffrendo tanta atrocidade de tormentos, fosse originado de seu proprio nome: pois que outra cousa significa Vicente, senão vencedor? E quando tão grandes Santos o não disserão, nem a experiencia o tivera mostrado em algumas pessoas, bastante prova tinhamos de Frei Anjo de Portalegre, chamado por alcunha o Contemplativo; nome tão adequado com o sujeito, e connaturalizado com as obras, que para virmos em conhecimento dellas, bastava sabermos-lhe o nome, quando não houvera outras provas mais evidentes de suas virtudes. Toda sua vida foi de Anjo na pureza de consciencia, com que viveo nesta Provincia, e no trato, e communicação, que tinha com os Religiosos, porque à dos seculares se tinha totalmente negado seu retiro. Com ser tal, não se fiava de si mesmo, nem deixava de castigar rigorosamente seu corpo, tra-

[a] D. Greg. Dialog. 2.

[b] D. August. Serm. de S. Vicent.

tratando-o como vil escravo, para o reduzir ao espirito, com excessiva penitencia.

2 Nunca em a Ordem comeo carne, peixe, ou bebeo vinho, e sobre tudo isto fazia outras abstinencias particulares, e jejuns estranhos. De tal sorte tinha sopeado o sono, que dormia mui pouco, e no breve repouso, que tomava, não tinha mais abrigo, por grandes que fossem os frios, que o de seu pobre, e lacerado manto. Todo o tempo da noite, e o que podia forrar do dia, gastava na oração mental, por cuja causa foi chamado o Contemplativo; mas era nella tão precatado, que ninguem alcançou seus segredos, nem houve nunca testemunha do que passava com Deos. Só hum rapto seu se conta nesta fórma. Estava Fr. Anjo, sendo morador na nossa Casa de Santo Antonio de Estremoz, orando hum dia na Capella Mór da Igreja a tempo que foi necessario ao Guardião, que então era Fr. Christovão de Abrantes, fallar com elle, mandou-o chamar por hum Corista. Deo-lhe este o recado, e cuidando que o ouvíra, se tornou; mas como Fr. Anjo não viesse ao chamado do Guardião, repetio este o recado pelo mesmo Corista, que indo segunda vez a buscallo, o achou do mesmo modo, que antes estava, em pé, e dando-lhe o recado, nenhum final fez de o haver ouvido, nem movimento para vir onde o chamavão. Pelo que chegando-se o Corista mais a elle, vio que estava todo elevado em extase, e puxando-lhe então fortemente pelo habito, despertou Fr. Anjo, como quem desperta de hum profundo sono, e acudio logo onde o chamava a obediencia. De muitos servos de Deos lemos, que estando em extase mental, tanto que lhes davão recado da parte dos Prelados, despertavão logo, e hião onde erão chamados: e em Fr. Anjo vimos, que foi necessario chamarem-o duas vezes para acudir ao Guardião. Mas huma, e outra cousa he ordenada por Deos: porque nos que logo despertão ao primeiro recado, quer Deos que se manifeste a virtude da obediencia: e em Fr. Anjo quiz que para credito de seu servo se manifestasse a graça de raptos, que lhe tinha concedido, pois elle tanto trabalhava occultalla. Exercitado em fim nestas, e outras muitas virtudes, passou a descançar em o Senhor, em o nosso Convento da Vidigueira, a quatro de Junho [c] de 1598. Tanto que foi sabida sua morte em aquella Villa, acudírão logo todos a beijar-lhe o habito, e pedir Reliquias com muito

[c] Agiol. L. tom. 3. Junho liter. E

to fervor, e devoção, acclamando-o geralmente por santo.

3 Poucos dias antes da morte deste servo de Deos acabou a peregrinação temporal outro Religioso com igual fama de virtude, chamado Fr. Manoel de Castro-Verde, Villa na Comarca de Ourique. Foi Sacerdote mui espiritual, e dotado de mui singulares virtudes; a noticia das quaes nos sepultou o tempo, ajudado da ommissão de nossos antigos Religiosos, conservando-se só em os presentes a fama da santidade deste servo de Deos. O qual, sendo morador em Coimbra, adoecendo de huma maligna, que foi a que poz prazo à sua vida, com tanto jubilo, e alegria estava padecendo o rigor della, que causava espanto, e admiração a quem o via. Trez dias antes de sua morte, assignou o tempo preciso della, affirmando que seria no dia da Santissima Trindade, pela singular devoção, que sempre tivera a este ineffavel Mysterio. E como tinha certeza disto, aparelhou-se para a jornada com a perfeição devida à sua muita virtude. Chegado o dia por elle signalado, entrando hum Religioso, particular amigo seu, a visitallo, cheio o enfermo de celestial alegria, lhe disse por vezes, não cabendo de prazer: *Que grandes cousas hei de ver hoje!* Com isto partio risonho para a Bemaventurança, onde veria logo na Essencia Divina, tudo quanto desejava, e anelava sua alma. Foi seu transito no sobredito Convento de Coimbra em vinte e hum de Maio de 1598. Faz delle honorifica memoria o Author do Agiologio [d] Lusitano.

[d] Cit. Maio 21. liter. E.

CAPITULO XXIX.

Vida, e milagres do Euangelico Varão Fr. André de Fezes.

1 NÃo muito longe da Villa de Chaves, porèm jà no Reino de Galiza, està hum pequeno lugar, que se chama Fezes, donde foi natural o perfeito Religioso Frei André. Criou-se desde menino em casa de hum Cardeal da Igreja do Bemaventurado Apostolo Sant-Iago de Compostella, na qual dizem que foi moço do Coro. E cobrando desde seus tenros annos grande devoção ao glorioso Apostolo, tomando depois o habito nesta Provincia, foi crescendo cada vez mais no ferventissimo amor, e devoção, com que o servia, e honrava summamente. Depois que recebeo entre nós o habito, tratou de servir a Deos com tanto cuidado, que logo em noviço, não só deo mostras do

do que ao depois havia de ser, mas ainda servia jà de exemplar a todos. Foi dotado de muitas virtudes: em especial de huma mui pura sinceridade, pelo qual julgava com olhos columbinos todas as cousas, que via, à boa parte, não se atrevendo a presumir mal de alguma pessoa, ainda que para isto lhe désse motivo. Na castidade, e modestia foi estremado, porque toda a pratica de mulheres, ainda que honestas, aborrecia, e tão senhor era de seus olhos, que quando por obediencia, ou necessidade fallava com alguma, nunca os levantava a ver-lhe o rosto, e derão testemunho muitos Religiosos, que o conversárão, que nunca a nenhuma dellas víra a face. Era mui caritativo, e mostrou bem esta virtude para com seus subditos algumas vezes, que foi Prelado.

2 Foi affavel, e humilde, e por este respeito folgava mais de tratar com gente plebea, e do campo, a quem fallava de Deos, e instruía nas cousas de sua salvação, que com a gente rica, e poderosa, cheia de presumpção, e vaidade do mundo. No exercicio destas, e outras muitas virtudes subio a tão alto gráo de perfeição, que o honrou Deos com milagres, ainda em sua vida. Todos estes obrava em nome do seu Apostolissimo; (que assim chamava sua grande devoção a Sant-Iago) trazia sempre comsigo huma pequena Imagem do Santo, e com algumas orações, e commemorações, que lhe fazia, alcançou de Deos esta virtude de obrar milagres. Sendo morador no Convento de S. Fructuoso de Braga, foi por mandado do Guardião visitar a Diogo de Barros, homem nobre da mesma Cidade, que estava enfermo à morte, com poucas esperanças de vida, Fr. André o consolou, fallando-lhe de Deos, como sempre fazia, e depois de lhe ter rezado hum Euangelho, e algumas commemorações, lhe disse, que tivesse fé no seu Apostolo Sant-Iago, e se se encommendasse a elle, alcançaria saude. O enfermo dando credito às palavras do santo Religioso, pela grande opinião, que delle tinha, disse, que se o Senhor lhe fizesse mercê da saude, que elle fiado nos merecimentos do glorioso Apostolo lhe promettia, fazia voto de em reconhecimento, e memoria della, dar todos os annos, que vivesse, de jantar aos Frades de S. Fructuoso no dia da festa do mesmo Apostolo. Feito o voto, foi milagrosamente são, e viveo muitos annos, em todos os quaes cumprio seu voto perfeitamente, dando esplendido jantar naquelle

le dia. Depois de sua morte foi sua mulher continuando com a mesma devoção atè morrer, e se com as vidas se acabou a esmola, não se acabou a memoria, e fama commua do milagre, que naquella Cidade durou depois por muito tempo.

3 No Lugar do Teixoso, termo da Villa da Covilhã, estava huma menina com hum olho quasi de todo sumido, e encovado por causa de huma grave enfermidade, que tivera nelle, e jà os Medicos a deixavão assim, por lhe não poderem dar remedio. Foi neste tempo o servo de Deos àquelle Lugar pedir esmola, e compadecendo-se da menina, que os pais com grande lastima lhe mostrárão, rezou-lhe o Euangelho, e commemorações costumadas, sendo isto à tarde, o outro dia pela manhã se levantou a menina com o olho perfeitamente são, claro, e formoso, como o outro, e posto em seu devido lugar, com admiração de todos, que louvavão ao Senhor pelo milagre, que naquelle povo foi público. Semelhante caso aconteceo, sendo morador em o nosso Convento de São Francisco de Chaves; porque estando naquella Villa huma moça donzella com huma nevoa em hum olho, indo huma vez ao Convento, pedio a este servo de Deos, pela fé, que nelle tinha, lhe dissesse hum Euangelho. Não foi necessario mais para alcançar a saude desejada, porque apenas Fr. André lhe acabou de dizer o Euangelho, se lhe desfez a nevoa totalmente, sem que lhe ficasse sinal della.

4 No caminho, que vai de Braga para a mesma Villa de Chaves, chegando a huma Aldea chamada Salomonde, achou hum menino mui enfermo de huma quebradura, e a seus pais determinados de o levarem a São Gonsalo de Amarante, a pedir-lhe saude para elle. Rezou-lhe o santo Varão hum Euangelho, e pondo-lhe suas mãos sobre a quebradura, desempenhou Christo a palavra, que deo a seus Apóstolos, [a] e a todos os Varões Apostolicos; porque mandando a seus pais, que o levassem à cama, ao outro dia appareceo o menino são de todo, com grande contentamento delles, assim pela saude do filho, como pelos livrar do trabalho, que havião de ter em o levarem a S. Gonsalo. Morando em o Bom Jesus de Barcellos, lhe fallou huma vez na Villa huma devota mulher casada, a qual lhe pedio que a encommendasse muito a Deos, porque andava pejada, e temia muito o successo do parto. Ao que elle respondeo: *Tende confiança, e não temais, porque*

[a] Marc. c. 16. num. 19.

com facilidade, e sem perigo haveis de parir hum filho, que ha de ser Frade nesta Provincia, e depois delle havereis ainda outros. Tudo assim succedeo, porque teve feliz parto, e o filho foi Frade nesta Provincia, e se chamou Fr. Jacome de Barcellos. Donde se vê o espirito de profecia, que Deos communicou a este seu fiel servo.

5 Em Abrantes foi huma vez Fr. André a casa de Pero Lopes o Toledano, devoto nosso, para acompanhar huma filha sua, que desconfiada dos Medicos estava à morte. O pai, que lhe queria muito, vendo em sua casa a Fr. André, de quem tinha grande opinião, pedio-lhe, que rezasse hum Euangelho à enferma, e as commemorações, que costumava em semelhantes casos. Fez o santo Varão o que lhe pedião, dito o Euangelho, e commemorações, ficou a enferma repentinamente sã. O que vendo Fr. André, e como o pai, e irmãos da doente, com muita outra gente, que se achou presente ao milagre com alvoroço o querião honrar, como a santo, chamando o companheiro, se tornárão o mais depressa que foi possivel para o Convento, fugindo àquella honra, que lhe querião dar.

6 A fama destes, e outros muitos milagres, que obrou Deos nosso Senhor pelos merecimentos deste seu servo chegou à noticia da Infante Dona Maria, filha delRei Dom Manoel, de gloriosa memoria, a qual por esta causa, e pelas muitas virtudes, que de Frei André ouvia contar, lhe ficou tão affeiçoada, e devota, que houve licença do nosso Ministro Provincial, para o poder chamar a Lisboa à sua presença. Fez esta jornada Fr. André obrigado da obediencia, e depois que a Infante o vio, e lhe fallou diversas vezes, ficou tão confirmada na opinião, que delle tinha, que lhe pedio quizesse fazer por ella huma romaria a Sant-Iago de Galiza, em que a encommendasse muito a Deos, porque por suas orações esperava alcançar muitas mercês de Deos, e de seu Apostolo sagrado. Desta romaria, que Fr. André fez a Sant-Iago em nome da Infante, trata o Padre Doutor Fr. Luiz dos Anjos, [b] Religioso, e Chronista da Sagrada Ordem de Santo Agostinho, no livro que fez, intitulado Jardim de Portugal, onde fallando da dita Infante, diz estas formaes palavras: *O que sempre trazia diante dos olhos, era sua salvação: pelo que em certo livro das memorias da Provincia da Piedade, tão estendida em Mosteiros, e tão cheia de Religiosos insignes em virtudes*

[b] Vida fol. 4

des, que nenhuma mais em nosso Portugal achamos, que sabendo esta Serenissima Infante havia nella hum Religioso, chamado Fr. André de Fezes, o qual tinha feito muitos milagres por intercessão do nosso Apostolo, e Padroeiro de Hespanha Sant-Iago Maior, do qual era devotissimo, não descançou, atè alcançar que fosse em romaria a este Apostolo por sua alma. O qual cumprio aquelle Religioso com muita devoção, indo a Compostella descalço, pobresinho, e cheio de altissimas contemplações.

7 Nestas passou o santo Religioso a vida atè a ultima velhice, em que o buscou a morte, para que fosse gozar o premio de suas virtudes. Morava elle no Convento de Santo Antonio de Penamacor, donde veio hum dia por causa de recreação à nossa Casa de Castello-branco: no caminho apartou-se de seu companheiro, e entrando em hum matto, tomou nelle huma rigorosa disciplina: no fim da qual lhe apparecêrão duas mulheres vestidas de branco, que o certificárão de sua morte. Não se soube quem estas mulheres fossem, nem a pratica, que com elle tiverão; collige-se porèm a sobredita revelação; porque chegando ao Convento de Castello-branco, e vindo o Guardião delle a recebello à Portaria com muita festa, lhe disse o santo Fr. André: *Irmão Guardião, jà não he tempo disso, eu venho-vos morrer a casa, e assim bem podeis encaminhar-me para a Enfermaria.* Forão-se para ella, onde o santo Religioso se deitou na cama jà enfermo, e recebendo os Sacramentos da Igreja, foi Deos servido levallo deste desterro no anno de 1598. para a patria de seus escolhidos.

CAPITULO XXX.

Eleição do vigesimo-setimo Ministro Provincial, e de alguns Religiosos de seu tempo.

1 GOvernou Fr. Estevão de Campo maior a Provincia com aquelle acerto, que promettia seu grande zelo, e virtude, e todos delle esperavão. No fim de seu triennio se celebrou Capitulo em o nosso Convento de Santo Antonio de Evora, cujos gastos fez o Arcebispo da mesma Cidade D. Theotonio de Bragança. Presidio nelle o Padre Fr. Mattheus de Burgos, Commissario Geral Cismontano, e sahio eleito em trinta de Maio de 1598. Fr. Jorge de Goa, Ministro vigesimo-setimo em ordem dos que a Provincia teve. Por Definidores sahírão Frei Lopo do Sardoal, Fr. Antonio da Covilhã, Fr. João de Elvas, 1598

Fr. Jorge de Goa, Provincial 27.

Fr. Simão de Aveiro, que juntamente foi Custodio. Fez o Provincial sua Congregação em Evora a vinte de Janeiro de 1600. e em todo tempo de seu governo mostrou bem as letras, prudencia, e particular virtude, de que foi dotado. Depois de acabar seu officio, foi Visitador da Santa Provincia dos Algarves: o que fez com universal satisfação, e agrado de todos aquelles Religiosos Padres.

2 Em seu triennio acabárão santamente muitos, e mui perfeitos Religiosos, dos quaes iremos tratando, e no presente Capitulo dos que não sabemos certamente o anno, em que morrêrão, ainda que sabemos foi seu transito no Provinciallado deste Ministro. [a] O primeiro foi Fr. Domingos da Taboa, Frade leigo, de admiravel virtude, que ainda que o particular desta encubrio o tempo, ajudado do descuido, com tudo não pode apagar a fama, que nos deixou sua santidade. Foi inimicissimo da ociosidade: para evitar esta, o tempo que lhe restava da oração, exercicio, em que gastava a maior parte delle, occupava em obras manuaes, e serviço do Convento, ainda que não estivessem a seu cuidado. Nunca se ouvio de sua boca palavra alguma de murmuração, porque era dotado de tanta singeleza, e simplicidade, que tudo quanto via, lançava à boa parte: nem se atrevia presumir mal de algum, ainda que para isto lhe dessem occasião. Estremou-se grandemente na abstinencia, porque o pouco, que comia, havia de ser sempre do mais grosseiro: por esta causa quando era Porteiro, punha em a sua ração sempre o pão mais duro, e bolorento que achava. Poucas vezes comeo carne, ou peixe, e ainda nestas poucas vezes, que tomava destes manjares, era com tanta parcimonia, que mais parecia enganar aos que o vião, que dar refeição ao corpo. Foi de rara humildade; e se alguma vez, sendo Porteiro, tomavão alguma pena os Coristas, por lhe não dar a seu tempo as cousas, que havião de fazer em a cozinha, pedia-lhes perdão, e prostrado por terra, importunamente lhes rogava, que lhe puzessem o pé na boca, pois lhes tinha sido occasião daquella molestia. Quando não havia de ir ao Coro, em tocando a elle, tinha cuidado de acudir à cozinha, e mandando aos Coristas que fossem rezar, ficava fazendo nella as cousas necessarias. Foi pobresinho sobre maneira, e perseverando nestas, e outras muitas virtudes, acabou com fama de Varão perfeito.

[a] Alcarapinha fol. 46.

Fr. Domingos da Taboa, Frade leigo.

3 Igual memoria deixou de si Fr. Jorge de Borba Sacerdote, que entre as muitas virtudes, de que adornou sua alma, teve subido lugar a paciencia; porque padecendo muito tempo a enfermidade de hidropezia, acompanhada de excessivas dores, em todas ellas sempre seu rosto esteve alegre, sem que jà mais dissesse huma palavra demonstradora de sentimento, antes na fragoa de suas maiores penas entoava canticos, e louvores Divinos. Não nos individuárão mais de sua virtude nossos antigos Padres, parecendo-lhes tal vez (alèm de seu ordinario descuido) que para no-lo darem a conhecer por virtuoso, bastava deixarem-nos escrita a paciencia, com que soffria seus males. E não se enganárão; porque, segundo S. João Chrysostomo, maior virtude mostrou o Santo Job só na paciencia, [b] que em seus males teve, do que tinha mostrado no exercicio de tão santas obras, como no tempo de sua prosperidade havia feito. Com a idade se hião augmentando mais as enfermidades a Fr. Jorge, e elle apurando-se mais na paciencia: chegou a estar entrevado, e tolhido em huma cama, sem por si só poder mover-se de huma a outra parte. Nella, segundo parece, lhe foi revelado o dia de sua ditosa morte, porque considerando o muito trabalho, que com elle tinha o Frade, que alli o servia, e curava, lhe disse: *Pague-vos Deos, Irmão, o bom cuidado, que tendes de mim, e o muito, que tendes feito; porèm bom animo, que jà vosso trabalho comigo não será muito, durará sòmente atè os Ramos: colhidos elles, se acabará tudo.* Passárão-se alguns dias, chegou a semana dos Ramos, no principio da qual lhe tornou a dizer as mesmas palavras: assim succedeo, como tinha predicto, porque no sabbado antes da Dominga de Ramos, dia, em que naquelle anno cahio a festa da Annunciação do Anjo à Senhora, depois que o Sacristão colheo os Ramos, que se havião de benzer ao Domingo, passou o servo de Deos do Convento do Bosque ao Senhor, recebidos primeiro todos os Sacramentos com tanta devoção, e espirito, como quem sabia que havia de morrer, e que o estava esperando o Remunerador Eterno, para o metter de posse de sua Gloria.

4 Em o Convento de Santo Antonio de Aveiro acabárão por este tempo sua carreira, com fama de virtude, dous Religiosos, Frei Antonio de Covilhã, e Frei Mattheus de Ferreira. Foi Fr. Antonio de Covilhã de muita oração, e pe- Fr. Anton. de Covilhã, Sacerdote.

penitencia ; para exercicio das quaes virtudes, alèm do tempo, que nelle gaſtava do dia, tomava grande parte da noite. Pelas onze horas hia para o Coro, e dahi atè eſpertarem a Matinas, eſtava orando ; depois de acabadas eſtas, ficava outra vez em o Coro no meſmo exercicio, no fim do qual fazia huma comprida, e rigoroſa diſciplina, penitencia, em que não diſpenſou nenhum dia, por mais ſolemne que foſſe. Neſtas tão ſantas obras perſeverou atè à ultima velhice, que viveo na Provincia, em que foi Definidor.

Fr. Matth. de Ferreira, Sacerdote.

5 Fr. Mattheus de Ferreira teve por officio a prégação do Sagrado Euangelho: miniſterio, em que fez tanto fruto, como quem moſtrava primeiro em ſi por exemplo o que aos outros prégava por palavra. Podemos dizer que não teve virtude particular, porque todas nelle erão commuas, ainda que tão ſingularmente reſplandecia em cada huma dellas, como ſe não tivera outra. Foi hum vivo retrato da pobreza mais eſtremada, da humildade mais profunda, da obediencia mais prompta, e finalmente grandemente cuidadoſo da perfeição de noſſo Inſtituto. Em o exercicio deſtas, e outras virtudes occupado o achou a ultima enfermidade em o Convento de Aveiro. Preparou-ſe para a morte com hum novo fervor de eſpirito, e parece teve della revelação : porque mandando hum dia o Guardião, que então era daquelle Convento, a hum Religioſo, que lhe aſſiſtiſſe, em quanto os outros eſtavão no Refeitorio, o enfermo lhe diſſe, que ſe foſſe para o Refeitorio, porque elle não havia de morrer ſenão à noite. Aſſim ſuccedeo como tinha dito, porque logo à prima noite morreo com grandes moſtras de ſantidade.

Fr. Ant. de Braga.

6 No meſmo tempo acabou tambem ſeus dias em Villa-nova Fr. Antonio de Braga, Frade leigo, Varão exercitado em todas as virtudes, em que reſplandeceo neſta Provincia, como huma das eſtrellas fixas no Firmamento. Porèm ſuppoſto de todas foi dotado, moſtrou-ſe mais nelle a virtude da paciencia, pelo muito que padeceo, ſem jà mais dizer palavra, em que moſtraſſe algum ſentimento. Quinze annos continuos foi enfermo de gota tão extraordinaria, que ſempre o eſtava atormentando com dores continuas, e exceſſivas, mas com tal paciencia as ſoffria todas, que em lugar de entriſtecer-ſe, eſtava ſempre eſpiritualmente alegre, podendo dizer com São Paulo : [b] *De boa vontade me gloriarei em minhas enfermidades, para que more em mim a vir-*

b 2. ad C. 12

virtude de Christo. A' virtude da paciencia chamou S. Cyrilo madrinha, por cuja conta corre prevenir as bodas espirituaes, em que Deos se junta com a alma, e ama que cria a esperança da vida eterna. No excesso das dores, e importuna continuação de suas enfermidades estava o maravilhoso soffrimento de Fr. Antonio alentando-lhe a esperança, que tinha de gozar a Deos em o Ceo. Finalmente rendido jà o debilitado corpo a tão continuo padecer, voou a alma a lograr o premio, que tão bem havia merecido, deixando de si mui suave cheiro de virtude.

CAPITULO XXXI.

De dous perfeitos Religiosos Fr. Francisco de Villa-Viçosa, e Fr. Gaspar do Porto.

1 NA peste, que houve neste Reino pelos annos do Senhor de 1598. alèm de outros Religiosos, que acabárão nella, terminárão seus dias dous perfeitissimos Varões, dotados de admiravel virtude. Foi o primeiro delles Fr. Francisco de Villa-Viçosa, a quem com propriedade podemos applicar aquellas palavras, que o Sabio Sirach [a] disse delRei Josias, que sua memoria era tão agradavel a todos, como a suavidade do ambar, misturado com os mais cheiros, e ouvir seu nome, de maior fragrancia que a mais acordada musica em os convites. Toda a sua vida gastou em actos de mortificação, e penitencia; [b] a continuação, e rigor dos quaes lhe tornárão o corpo tão seco, e macilento, que mais parecia cadaver, que animado. Foi muitas vezes Prelado nesta Provincia, estado, em que foi a Prelados exemplo, assim como no de subdito aos inferiores o tinha sido. Resplandeceo nelle em subido gráo a caridade, que he a que dá perfeição a nossas obras, pois sem esta pouco aproveita (como diz [c] S. Paulo) fazer todo quanto bem podem fazer os homens, entregar o corpo ao fogo, e a vida ao tormento, e por ella conforme Santo Agostinho, [d] se distinguem os filhos de salvação, dos filhos de perdição.

2 Obrigado desta Fr. Francisco, foi dos primeiros Religiosos, que em Coimbra, onde era actual Mestre de noviços, se offereceo para confessar, e sacramentar aos feridos da peste na maior terribilidade della, não se mostrando menos cuidadoso, e diligente na cura, e serviço corporal, que zeloso, e vigilante na espiritual, de que nenhum pagasse o commum tributo, sem primeiro receber os Sa-

a ... 1.

b Agiol. Lus. tom. 2. Abril 6. liter. D.

c 1. ad Cor. c. 13. n. 3.

d D. August. l. 15. de Trinit. cap. 18.

cramentos. Quasi sinco mezes servio com extraordinario desvelo neste ministerio; e cuidando elle vencer o trabalho insupportavel, e sopeallo com sua fervorosa caridade, como era fraco de compleição, e debilitado das muitas penitencias, que tinha feito, veio-se a render a tanto pezo, porque tocado daquelle contagioso mal, acabou seus dias, dando a vida por seus irmãos. Foi sepultado na Ermida de S. Sebastião, que era a Casa da Saude, onde elle faleceo a seis de Abril do anno de 1599. vê-se ainda hoje sua sepultura ao pé dos degráos da porta principal, pela parte de fóra, com epitafio jà tão gastado, que só o dia, e anno de seu transito se divisa. Depois de sua morte outros Religiosos da Provincia se offerecêrão ao mesmo sacrificio, em cujo piedoso ministerio se exercitárão successivamente todo o tempo, que durou o Divino açoute.

Fr Gaspar do Porto, Sacerdote.

3 O segundo foi Fr. Gaspar do Porto Sacerdote, Religioso de assignaladas virtudes, o qual para se dar mais livremente ao exercicio dellas, deixou a largueza da claustra, em que se criára, e vestíra o habito de nosso Padre S. Francisco, passando-se a esta Provincia, onde viveo muitos annos com notavel exemplo. Foi sua conversação singelissima, e inculpavel, parecia outro Nathanael, de quem disse [e] Christo, que era homem sem dobrez, nem engano. Com tanto cuidado procurou sempre a pura observancia da sua Regra, que em todo o tempo que viveo nesta Provincia, nunca se vio nelle cousa digna de reprehensão, nem que se lhe pudesse imputar a culpa na guarda della. Vigiava tanto sobre o silencio, [f] que não lhe sahia da boca palavra, que não fosse precisamente necessaria: nem era muito evitar as ociosas, quem atê das indifferentes fugia. Nunca se ouvio que murmurasse; que como era dotado de huns olhos columbinos, com que julgava quanto via à boa parte, faltava-lhe a causa deste vicio. Confundia a quantos o conhecião, com o profundo de sua humildade; nem admirava menos aos que o conversavão de mais perto, o grande de sua paciencia, porque nunca se vio nelle, nem ainda hum leve sinal, que faltasse a esta virtude, tendo occasiões, que menos serião bastantes para outros a perderem. Maltratava sempre o corpo com disciplinas, e abstinencias dessusadas: jejuava muitos dias, e às sextas feiras com maior aperto, em memoria da Paixão de Christo. Reluzírão nelle em grão subido a piedade, e cari-

Jo nu

f Ag tor M lit

ridade para com os enfermos, e necessitados, aos quaes dava quanto podia haver às mãos, de maneira que por estas virtudes era conhecido, e chamado commummente pai de pobres. Quando não podia remediar as necessidades de seus proximos, tornava-se às lagrymas, não cessando, atè alcançar o que pertendia da liberalidade Divina.

4 Muitas vezes se vio a efficacia destas, principalmente na peste, que sobreveio a este Reino no anno de 1599. que foi tão cruel na Villa de Aveiro, que não havia pessoa, que vendo padecer outra, quizesse acudir-lhe, pelo perigo grande, a que se expunha de acabar juntamente com ella. Lastimado, e condoído dos muitos, que morrião ao desamparo, sem as medicinas da alma, e do corpo, pertendeo sahir a campo na maior força do mal, com outros Religiosos, que do mesmo Convento para este ministerio se offerecêrão. O Prelado attendendo à sua muita idade, e ser o pezo do trabalho para outros hombros, o não consentio, com que ficou fóra do numero dos que acudírão a servir naquelle piedoso ministerio. Não perdeo com tudo o santo velho as esperanças, antes começou a derramar de novo tanta copia de lagrymas, que veio a conseguir de Deos, e do Prelado o que tão anciosamente desejava, que esta virtude tem as lagrymas, nem ha tão grande intercessor, diz Santo Antioco, *g* como ellas, para com a Magestade Divina. Adoeceo hum dos primeiros Frades, que sahírão a curar os apestados de maneira, que foi necessario substituir outro em seu lugar, e respeitando o Guardião a muita instancia, com que Fr. Gaspar pedia esta empreza, quiz fazer-lhe a vontade, nomeando-o seu substituto. Partio logo o santo velho tão alvoroçado, como se tivera revelação, que o chamava Deos para receber o premio por meio daquella caridade. Alguns dias andou occupado na cura dos enfermos, para cujo ministerio as entranhas de caridade, com que os servia, lhe davão as forças, que a idade lhe tinha gastado, atè que Deos (que se o chamára a esta obra santa, era para lhe dar o premio das muitas, em que se tinha occupado toda a vida) foi servido, que ferido de peste, deixasse o valle de lagrymas, e passasse à terra dos viventes, com grande opinião de santidade entre todos os que o tratavão.

g Antioc. Hom. 107.

CAPITULO XXXII.

Vida exemplar do ſanto Fr. Diogo de Hitta.

1 SItuada em o alto de hum outeiro fica a Villa de Hitta em Caſtella, entre Guadalaxára, e Siguença; della foi natural o inſigne Varão Fr. Diogo de Hitta, tão illuſtre em todo o genero de virtude, que em ſeu tempo não teve a Provincia Religioſo algum, que o excedeſſe, e bem puderamos dizer, que nem ainda houve outro, que o igualaſſe. Temos particular devoção a eſte ſervo de Deos pelo raro de ſuas virtudes, que contendião nelle à porfia, ſobre qual dellas havia de campear mais; por tanto nos deteremos mais em eſcrever ſua vida, ainda que não diremos couſa de novo, que não tenhão jà dito os Authores, [a] que à margem citamos. Os primeiros annos de ſua idade gaſtou o ſanto Fr. Diogo de Hitta em ſua patria, aprendendo os primeiros rudimentos: logo em ſua meninice ſe vio nelle huma propensão à virtude, indicio claro do que ao depois havia de ſer, quando de perfeita idade. Quando a teve para tomar eſtado, como as couſas do mundo nenhuma impreſsão tiveſſem feito em ſeu animo, porque deſde que teve uſo de razão as aborreceo, determinou deixallas de todo, e entrar na Religião, onde perfeitamente ſerviſſe a Deos.

[a] Fr. Artur. Martyrol. Minorit. a 20. de Agoſto. Daça 4. p. l. 3. c. 65. Cunha na Hiſtor. de Braga, 2. p. cap. 79. Agiol. Luſ. tom. 2. Abril 11. liter. D.

2 O primeiro voo, que deo no caminho da virtude, foi não ſó apartar-ſe da terra, onde naſceo, mas ainda do proprio Reino, e veio tomar o habito a eſta Provincia da Piedade; ou jà por ſe retirar à affeição dos parentes, ou pela fama de ſantidade, com que florecia. De maneira ſe portou, ſendo noviço, que parecia na virtude jà profeſſo; tinha a todos por exemplar, e ſervia jà de exemplo a todos: profeſſou a ſeu tempo, com grande ſatisfação da Communidade. E aſſim como por ſe deſapegar mais das affeições terrenas, e evitar toda a occaſião de ſer perturbado do repouſo do eſpirito por ſeus parentes, e amigos, buſcou a Religião diſtante da patria; aſſim perſeverou neſte ſanto propoſito atè o fim, não tornando mais a ella. Aconteceo depois de elle profeſſo muitos annos, que vindo Fr. Alvaro de Olivença noſſo Miniſtro Provincial, de hum Capitulo Geral, que ſe celebrou em Italia, paſſou por caſa dos pais de Fr. Diogo, onde foi por elles bem agazalhado, e lhe pedírão quizeſſe mandar lá ſeu filho, porque deſejavão vello, antes que morreſſem. O

Provincial, pelo que conhecia de Fr. Diogo, restringio a promessa, dizendo, que se elle quizesse ir vellos, promettia dar-lhe licença para isso; mas que senão quizesse ir por sua vontade, que o não havia de obrigar contra ella.

3 Tanto que veio a este Reino, contou a Fr. Diogo o desejo, que seus pais tinhão, e a petição, que lhe fizerão; por tanto que lhe rogava quizesse ir consolallos com sua vista, dando à sua velhice este gosto, pois havia tantos annos que o não vião. Piedosa cousa fora condescender com os desejos paternos, e bastante motivo para causar algum abalo ainda no maior desapego contra o proposito, que tinha feito, manifestando-se dos pais a ancia, e franqueando-se a licença; porèm como o servo de Deos estava tão despido dos affectos terrenos, ainda dos que se vestem com o sangue, deo ao Prelado resposta: *Irmão, se mandais que vá, farei tudo pela obediencia; mas se o fazeis por me dar gosto, será mui grande a caridade de me escusardes essa jornada: a meus pais basta-me encommendallos a Deos, como devo.* Não quiz o Provincial obrigallo, com que ficou livre Fr. Diogo de quebrar o santo proposito, que tinha feito.

4 Mas tornando ao principio de sua conversão, com tanto fervor de espirito começou, e proseguio o caminho da virtude, que em breve tempo chegou a subido gráo de perfeição. Sua abstinencia era admiravel, porque deixando à parte muitos jejuns, que fazia de pão, e agua, e algumas Quaresmas de devoção pelo decurso do anno, ainda no mais tempo, que parecia não jejuar, nunca comia carne, nem peixe, sustentando-se só em pão, hervas, frutas, e legumes, e disto tomava muito pouco. Por não parecer particular, mas que seguia a Communidade, e vida commua dos outros, tomava seu prato, como todos, parecendo-se assim com os mais, o que era singular entre elles. Comia algumas vezes hervas sómente, se hião misturadas no prato, e a tigela de caldo: à carne, ou peixe dava voltas de huma para outra parte, tirando-lhe alguns ossos, e espinhas, que lançava fóra, e assim fingia comer, sendo na verdade dobrada mortificação aquelle modo de abstinencia. Vinho totalmente não bebia, salvo algumas vezes, que pelas muitas indisposições, que tinha, causadas de sua muita penitencia, lhe mandavão beber algum pouco, como outro S. Paulo [b] a Timotheo.

[b] 1. Timot. cap. 5.

5 A cama, de que todos usão na Provincia, que ſómente conſta de huma eſteira ſobre humas taboas, com hum cabeçal de palha, elle a tinha por grande regalo, e por não dar eſte a ſeu corpo, nunca ſe quiz deitar nella. O cubrir-ſe com mantas em tempo frio tinha por couſa ſuperflua, e aſſim, ainda que tinha cama, não uſava della: a qualquer hora, que os Frades entravão na ſua cella, (que muitos entravão de propoſito) o achavão ſentado no chão ao cantinho, a cama compoſta, como quem nunca ſervia. Muitas vezes no tempo do Inverno, quando os frios erão mais rigoroſos, deixava abertas as portas da cella, e da janella, para eſtar mais deſabrigado: eſte era o regalo, com que tomava algum pouco de ſono. Succedeo paſſar algumas vezes hum Religioſo pelo dormitorio, onde Fr. Diogo tinha a cella, e vendo a porta aberta, lha fechava, cuidando que por deſcuido a deixára deſta maneira. Mas como viſſe que continuava, e leſſe depois na vida de S. Pedro de Alcantara que fazia o meſmo, entendeo que não era aquillo deſcuido em Fr. Diogo, mas que o fazia de intento. Na primeira vez, que depois diſto paſſou pelo dormitorio, chegando-ſe à porta do mortificado Varão, que eſtava na meſma fórma, diſſe ao ſervo de Deos com galantaria: *Entendido eſtais, Caſtelhano*; dando-lhe niſto a entender, que jà tinha alcançado a razão, por que deixava a porta, e janella abertas, que era por imitar ao Santo ſeu natural, naquelle modo de penitencia. Dalli por diante todo o tempo, que morou com aquelle Religioſo, ſempre fechou a porta da cella, porque o não tiveſſem por penitente, contentava-ſe com deixar aberta a da janella, que não podia ſer viſta. Com tanto cuidado como iſto procurava eſconder tudo aquillo, que lhe podia grangear opinião.

CAPITULO XXXIII.

De outras virtudes do ſanto Fr. Diogo de Hitta.

1 ERa tão grande o deſvelo, com que o Apoſtolico Varão Fr. Diogo de Hitta procurava exercitar-ſe em todo o genero de virtude, como ſe tivera eſpecial obrigação de ſer aſſignalado em todas. Sendo para os outros a meſma brandura, era para comſigo o meſmo rigor: continuamente trazia cingido hum aſpero, e rigoroſo cilicio: ſuas largas, e quotidianas diſciplinas erão mais do que promettião

tião forças humanas, e ſem particular auxilio, e Divino favor não fora poſſivel viver muito tempo, continuando tão rigoroſa vida. E aſſim era tão magro, e desfeito, que ninguem o via, que ſe não compadeceſſe delle: quando eſtava enfermo, então parecia mais bem diſpoſto, porque obrigado dos Prelados, obedecia no comer ao que lhe ordenavão os Medicos, com que cobrava mais forças, do que antes tinha: e aſſim pudéra dizer, não ſó quanto ás forças do eſpirito, mas tambem quanto ás do corpo, aquillo de S. Paulo, que quando enfermo, [a] então eſtava mais forte.

Cor. 1.10.

2 Com trazer a carne tão ſopeada, e ſujeita ao eſpirito, domador della, tão cioſo era de ſi meſmo, e zeloſo de ſua honeſtidade, e pureza, que fugia, como de aſpide, toda a pratica de mulheres, ainda que ſantas, e virtuoſas. Quando a neceſſidade, ou obediencia o obrigava a fallar com ellas, tão ſenhor era de ſeus olhos, que ſe não deſmandava nunca em olhallas, nem em toda a vida, depois de Frade, vio a alguma o roſtro. Huma vez lhe aconteceo, indo caminhando com outros Frades adiantar-ſe delles para chamar hum homem, que em huma caſa de campo lhe ficava perto, e indo de longe bradando por elle, para que ſe eſtiveſſe dentro lhe acudiſſe, por temer o que ao depois lhe ſuccedeo: ao tempo, que jà hia chegando, ſahio a mulher a ſaber quem era; porèm Fr. Diogo, tanto que a ouvio, tornou a voltar para os companheiros, com maior preſſa do que fora, e tão aſſombrado, como ſe o demonio lhe apparecêra. Na paciencia foi eſtremado, admirava a todos ſeu ſoffrimento: ſendo muitos annos enfermo do terrivèl achaque de gota, (affronta dos Medicos, e importuno tormento dos que a padecem) com ſerem as dores tão exceſſivas, que lhe tiravão o ſono, ſoffria-as com tão grande ſocego, e animo tão placido, que ſe compungião, e edificavão grandemente os Religioſos, que entravão a viſitallo, dando a Deos as graças por depoſitar em ſeu ſervo tão maravilhoſa paciencia. He verdade, como elle meſmo confeſſava, que ſe lhe mitigavão muito as dores cuidando em a Paixão de Chriſto, e aſſim quando eſtava em o accidente de gota, continuamente fallava deſte ſagrado Myſterio.

3 Na humildade foi profundo: quando hia fóra, ainda que com Frades mais novos, queria ir à ſua obediencia, porque eſtimava tambem em muito eſta virtude, e era inimigo de man-

mandar, ainda que por não difcrepar hum ponto della, teve o officio de Prelado algumas vezes. O qual officio exercitou com muita fatisfação de todos, porque tinha muita caridade, como fe verá em o remate de fua vida, fabendo a occafião, em que a perdeo. Da fanta pobreza era mui amigo, não tendo outra coufa de feu ufo, fenão os inftrumentos de fua penitencia: o habito, tunica, ou manto, que trazia, havião de fer os mais pobres, e velhos, que outro algum irmão tivefle. Guardou tão eftreito filencio, que mais que vivente, parecia eftatua de pedra; ninguem jà mais lhe ouvio palavra, que não foffe precifamente neceffaria, ou dirigida a louvor de Deos, e proveito do proximo. Quando tocavão à Communidade, em que os Religiofos fe occupão em obras manuaes, acudia elle promptamente, e fe era de coufa, que fe podia fazer na cella, como cozer os habitos, e outras femelhantes, a levava, fugindo affim a companhia, por não quebrar o feu coftumado filencio. Foi fingular no defprezo, e abatimento proprio: muitas vezes rogava a outros irmãos, que lhe puzeffem os pés na boca, deitando-fe para iffo em terra, o que alguns fazião de importunados, e por lhe darem efte gofto, que fabião o recebia grande.

4 Não ha ambiciofo, que com tanto affecto anele, e afpire a honras mundanas, nem avarento, que com tantas ancias apeteça riquezas da terra, como efte humildiffimo Religiofo procurava fer abatido, e defprezado. Vigiava tanto na pureza de fua confciencia, que confeffou elle mefmo a hum Religiofo efpiritual, e particular amigo feu, que em trinta annos, e mais que tinha de Frade (era ifto dous annos antes de fua morte) não lhe remordêra nunca a confciencia de materia de peccado mortal; mas accrefcentava logo aquellas palavras do Pfalmifta: *Ab occultis meis munda me Domine.* Ardeo em feu peito hum abrazado zelo da honra de Deos, e falvação das almas, por efta caufa defejou grandemente padecer martyrio: cujo defejo teve ao depois effeito em parte, porque acabou dando a vida por feus irmãos. Finalmente muitos Religiofos graves, que o conhecêrão, teftemunhárão, que não tinhão vifto Religiofo algum, em quem affim refplandeceffem todas as virtudes juntamente, cada huma a qual mais perfeita, como no fanto Fr. Diogo de Hitta.

CA-

CAPITULO XXXIV.

Da fervente oração do ſanto Fr. Diogo, e de alguns effeitos della.

1 A Virtude, que mais reſplandeceo em Fr. Diogo, como fonte, e origem, donde todas as mais procedião, foi a continua oração, e alta contemplação, em que de ordinario ſe occupava, parece que não vivia de outra couſa, mais que de andar ſempre orando, e contemplando; porque não ſó no Coro, e na cella, mas em todo o lugar, e tempo orava. Para melhor poder vàcar a eſte ſanto exercicio, punha tanto cuidado em ſeu recolhimento, que ſe não era em o Coro, ou em as Communidades, onde o levava a obrigação, não o vião fóra da cella. Quando eſtava em companhia de outros Religioſos nas Communidades trabalhando de mãos, e occupado em alguns exercicios corporaes, tinha ſeu coração tão intento em Deos, que não parecia eſtar alli, mas no meſmo tempo, como andorinha, que voando come, não relaxava ſeu invencivel eſpirito da contemplação, com os mais realmente eſtava, mas a ſua converſação era nos Ceos.

2 Com tanto fervor ardia em ſua oração, que querendo o Senhor dar a conhecer ao mundo a ſantidade deſte ſeu ſervo, jà que elle com tanto cuidado a encubria, renovou nelle o milagre dos fogos, com que parecia arder a Igreja de noſſa Senhora dos Anjos em Aſsís, quando nella eſtavão em oração noſſo [a] Padre S. Franciſco, e a bemaventurada Santa Clara; porque morando Frei Diogo na Caſa, que tem a meſma invocação de noſſa Senhora dos Anjos, junto a Azurára, huma noite das dez para as onze horas vírão algumas peſſoas arder ſobre a Igreja huns fogos; e parecendo-lhe naturaes, e que ſe abrazava o Convento, vierão com grande preſſa a elle, e dizendo ao Porteiro a cauſa, que os trazia, elle levou recado, e chamou o Guardião, que era Fr. Diogo de Guimarães. Acudírão logo todos à Capella, para ver o que paſſava, e dar remedio ao incendio; mas o fogo não era outro, ſenão o que ardia no abrazado peito de Fr. Diogo, que eſtava poſto em oração feito hum incendido Etna diante do Divino Sacramento. Aſſim meſmo no tempo, que elle era Guardião no Convento do Bom Jeſus de Barcellos, vinha algumas vezes àquella Caſa hum Fidalgo, Commendador de Fornellos, que morava ahi perto, e dizia aos Frades, que de noi-

[a] Chron. Ord. 1. p. l. 10. c. 4.

noite apparecião ſobre o telhado do Convento huns reſplandores como Eſtrellas. E viſto o que ſuccedeo manifeſtamente em Azurára, ſe entendeo ſerem effeitos da oração do ſanto Fr. Diogo, por conformar muito huma couſa com outra. Vio-ſe mais claro quanta era a efficacia da oração deſte ſervo de Deos, nas muitas mercês, que alcançava de Deos noſſo Senhor para aquelles, por quem rogava.

3 Huma mulher pobre de hum lugar chamado Verdemilho, meia legua da Villa de Aveiro, pario duas crianças de hum parto, e ſecando-ſe-lhe de todo o leite dahi a poucos dias, como ſe viſſe ſem remedio para criar os meninos, pela fama que tinha da ſantidade de Frei Diogo, que então morava naquelle Convento, veio à Portaria, e com grandes laſtimas diſſe ao Porteiro Fr. Manoel de Elvas, Frade leigo, que lhe fizeſſe caridade dizer a hum Frade ſanto, que naquella Caſa havia, quizeſſe encommendar-lhe a noſſo Senhor aquella neceſſidade, para que lhe déſſe algum remedio, pois por ſua muita pobreza carecia de todo o humano. Movido a piedade o Fr. Manoel, foi ter com Fr. Diogo, e lhe rogou, que encommendaſſe a noſſo Senhor a dita mulher, para que a ſoccorreſſe naquelle trabalho. No dia ſeguinte pela manhã, tornou ella mui alegre, e conſolada, dando graças a Deos, e agradecendo ao Porteiro a lembrança, que tivera de fazer o que lhe encommendára, contando-lhe, como às duas horas depois da meia noite ſentíra ſubitamente os peitos cheios de leite, com que dera de mamar aos filhos, com que tinha jà remedio para poder criallos. Não obſtante iſto, querendo o Porteiro tomar experiencia da oração do ſanto Fr. Diogo, ſe foi ter com elle, e com diſſimulação lhe fez queixa, dizendo: *Bem vos lembraſtes vós de encommendar a Deos a neceſſidade daquella mulher, que vos diſſe.* Reſpondeo o ſervo de Deos: *Sim lembrei, Irmão, que eſta noite depois de Matinas fiz oração por ella; mas como ſou peccador, não me ouviria o Senhor.* Donde ficou conhecendo claramente que na meſma hora, em que foi feita ſua oração, fez Deos mercê àquella mulher, de lhe dar milagroſamente o leite, que tinha ſeco, e havia miſter para remedio de ſuas crianças.

4 Morando no meſmo Convento de Aveiro, veio ahi huma mulher, que ſe queixou ao Porteiro, de que os paſſaros lhe comião hum campo, que tinha de milho, e ſegundo erão mui-

muitos, ſe continuárão daquella maneira, não colheria grão della. Pedio que encommendaſſem a Deos que lho guardaſſe, e que do meſmo milho traria ao Convento huma eſmola. O Porteiro compadècendo-ſe della, e entendendo onde eſtaria o remedio mais ſeguro, foi-ſe valer da oração de Fr. Diogo, propondo-lhe aquella neceſſidade, e pedindo-lhe rogaſſe a Deos por ella: e como para o tal exercicio de orar foſſem para elle neceſſarios poucos rogos, tomou logo à ſua conta o pedir a Deos por aquella neceſſidade. Foi couſa maravilhoſa, que comendo os paſſaros nos milhos de todos os campos vizinhos, no daquella mulher, que eſtava entre elles, não tocavão; mas como ſe tiveſſem alli a morte, ſe deſviavão delle. Recolhido o milho, veio a boa mulher mui contente, e agradecida, trazer delle ſua eſmola, como tinha promettido, e denunciar o milagre, e mercê, que Deos lhe fizera.

5 No meſmo Convento de Santo Antonio de Aveiro, ſendo ahi Guardião Fr. Diogo de Guimarães, adoeceo Frei Franciſco de Braga, o Vieira, de huma grave enfermidade, a qual mais cedo do que ſe eſperava, o privou de ſeu juizo, e lhe vierão frenesís, com que de todo alienado dizia mil diſparates, e fazia eſgares, que era laſtima vello. Compadeceo-ſe Fr. Diogo do enfermo, a quem amava muito, porque era mui bom Religioſo: pedio ao Guardião lhe déſſe licença para ir dizer Miſſa por elle, para que o Senhor o tornaſſe a ſeu juizo, porque a todos laſtimava ver que morria, ſem poder receber os Sacramentos. Acabada a Miſſa, o frenetico eſtava em ſeu juizo perfeito, havendo jà alguns dias que carecia delle; e mandando logo chamar a Fr. Diogo, que era o ſeu Confeſſor, ſe confeſſou, e recebeo os mais Sacramentos devotamente. Feito iſto, que era o que o ſervo de Deos pedíra a eſte Senhor, e todos deſejavão, lhe tornárão os frenesís, e depois acabou em paz.

CAPITULO XXXV.

Do eſpirito de profecia, que reſplandeceo em o ſervo de Deos: caſos milagroſos, que lhe ſuccedêrão em vida, e de ſua ditoſa morte.

1 ENtre as graças, que o Divino Eſpirito repartio liberalmente com eſte ſeu ſervo, pois as divide como quer, e a quem he ſervido, lhe communicou o eſpirito de profecia, como ſe vio em muitos caſos, dos quaes referiremos

aqui alguns, de que nos ficou mais inteira noticia. Indo Frei Diogo huma tarde com Fr. Manoel de Elvas, o jà nomeado, à Villa de Aveiro, e entrando em caſa de hum homem honrado, e devoto noſſo, o qual tinha hum menino ſeu filho, mui bem eſtreado, e parecido, o ſervo de Deos o chegou a ſi, e o tratou com tanta benevolencia, tomando-o nos braços, e outras caricias não coſtumadas, que os preſentes o tiverão por novidade: com eſta occaſião lhe perguntou o pai: *Padre Fr. Diogo, que lhe parece a Voſſa Reverencia, que ha de ſer deſte menino?* Reſpondeo elle allumiado por Deos, como o comprovou ao depois o effeito: *Eſte menino, Irmão, cedo ha de ſer hum Anjo do Ceo.* Aſſim foi, e por conhecer iſto lhe fazia tanta feſta, que dahi a pouco tempo enfermou o menino, e morreo. Paſſados alguns dias depois de ſua morte, tornando àquella Caſa Fr. Manoel, perguntou ao devoto: *Que he do ſeu menino, que o não vejo aqui?* Reſpondeo o pai: *Que havia de ſer delle, ſenão o que diſſe o Padre Fr. Diogo? Foi-ſe para o Ceo*, moſtrando neſtas palavras a fé, que tivera nas do ſervo de Deos, que jà ſe moſtrava haverem ſido profecia.

2 Sendo Guardião de Portalegre mandou viſitar por hum Fr. Vicente da Mexilhoeira a D. Fernando da Silva, Fidalgo principal de Elvas, que vindo àquella Cidade, adoeceo gravemente. Dona Brites, mulher do enfermo, pedio ao Religioſo da viſita rogaſſe da ſua parte ao Padre Guardião quizeſſe encommendar a Deos D. Fernando, que eſtava muito mal. Dado eſte recado ao ſanto Guardião, reſpondeo elle: *Não he iſſo nada, não ha de morrer deſta, logo neſta noite ſe acharà muito bem, e ſararà.* Aſſim foi, porque naquella meſma noite ſe vio livre da enfermidade, e convaleceo brevemente. Ao eſpirito de profecia ajuntou o Eſpirito Santo em Frei Diogo a graça de dar ſaude aos enfermos milagroſamente, tanto, que não morou em terra alguma, onde temos Convento, que eſta não viſſe ſuas maravilhas. Na meſma Cidade de Portalegre, andando huma tarde pedindo eſmola, entrou em caſa de hum homem, que tinha hum perigoſo inchaço, do tamanho de hum punho, na garganta, o qual lhe pedio, que lhe quizeſſe pôr ſuas mãos naquella poſtema. Fr. Diogo tirou huma conta benta, que trazia, e tocando-lhe com ella aquella parte enferma, lhe diſſe juntamente hum Euangelho: logo aquella noite ſe achou o homem perfeitamente são, e pu-

publicou ao outro dia a mercê, que Deos lhe fizera, e os merecimentos de ſeu ſervo Frei Diogo. Na meſma Cidade havia hum homem lunatico, e huma vez o apertou tanto hum accidente daquelle mal, que eſteve oito, ou dez dias de todo alienado de ſeu ſentido, nem queria de nenhuma maneira comer, nem beber alguma couſa em todo aquelle tempo, com que eſtava jà propinquo à morte de pura fraqueza. Os parentes, que erão devotos de noſſos Frades forão rogar ao Guardião quizeſſe mandar ao Padre Fr. Diogo de Hitta, que conhecião por ſanto, viſitar aquelle enfermo, que em tão miſeravel tranſe eſtava. Foi o ſanto Religioſo viſitallo: tanto que lhe fallou, e começou a tratar com elle, como ſe em ſuas palavras levaſſe a medicina, o fez logo mudar daquelle deſatino, em que eſtava, e comer o que lhe deo, ficando mui quieto, e conſolado, e juntamente alheio de ſeu furor, e todos os circumſtantes louvando a muita ſantidade do ſervo de Deos, e engrandecendo o milagre. Mas o que o fez mais illuſtre, foi, que não ſó curou ao lunatico daquelle accidente, que então tinha, ſenão tambem (como deo depois teſtemunho toda aquella familia) que ficou para ſempre livre daquella enfermidade, porque nunca mais lhe tornou, como coſtumava.

3 Andando outroſi pedindo eſmola pela meſma Cidade, e chegando para aquella parte do Convento de Santa Clara, à porta de huma viuva honrada, chamada Maria Mendes, vio ahi eſtar huma menina ſua doente, perguntou-lhe o ſervo de Deos: *Menina, que doença he a voſſa?* E como ella lhe reſpondeſſe, que maleitas, deo-lhe então hum ovo dos que trazia no ceſto da eſmola, dizendo: *Tomai eſte ovo, aſſai-o, e comei-o, que logo ſe vos irão as maleitas.* Recebendo-o a menina, ſua mãi lho tomou, e foi aſſar: deo-lho a comer, e logo ſe lhe forão, ſem lhe tornar mais a febre, ou cezão alguma. Muitas outras maravilhas obrou Deos noſſo Senhor por eſte ſeu ſervo, que deixo, por não ficar dellas tão clara noticia, e paſſar a dizer alguma couſa da fervente caridade deſte grande amigo de Deos, e como deſejava padecer por ſeu amor. E jà que não alcançaſſe do Senhor o padecer martyrio da mão de tyrannos, alcançou delle entregar a vida por ſeus irmãos, que he mui ſemelhante ao martyrio.

4 Cada vez que ſe lhe offerecia fallarem-lhe em vida, muito tempo antes de perdella, dizia que havia de morrer por

ſeus irmãos; o effeito moſtrou depois que o devia de ter por revelação. E para que lhe não pudeſſe fugir a occaſião, trouxe muitos annos comſigo, ſem os Frades o ſaberem, licença dos Prelados Geraes, para que pudeſſe ir curar os enfermos de peſte, onde quer que aconteceſſe havella. Sendo morador em Azurára, e tendo noticia que em Villa-nova do Porto erão muitos os enfermos, e feridos de peſte, veio com outro Religioſo velho a eſta Cidade offerecer-ſe ao Biſpo, e Camera della para curar os apeſtados. Neſte miniſterio andou com muito fervor occupado todo o tempo, que durou o rigor da Divina Juſtiça naquella Villa, ſem que elle, nem ſeu companheiro foſſem feridos, ſendo que forão muitos os que morrêrão. Depois levou-o noſſo Senhor onde pudeſſe cumprir ſeus deſejos, ſem andar muito caminho buſcando aquelle mal, porque deo na Cidade de Coimbra, eſtando ahi morador, o anno de 1599. e ordenando-ſe fóra della Caſa de Saude, não muito longe do noſſo Convento, junto à Ermida de S. Sebaſtião, que eſtá naquelles olivaes, Fr. Diogo ſe offereceo logo, e moſtrou a licença dos Prelados Geraes para ſahir a ella. E como quem ſabia jà que hia a morrer, pedio ao Guardião Fr. Antonio de Lamego, lhe concedeſſe por caridade o habito, que levava, em que como pobre ſe enterraſſe.

5 Depois diſto andou-ſe deſpedindo de todos os Religioſos, acção, que lhes deo a ſuſpeitar ſeria aquella a ultima deſpedida, e como o veneravão tanto, o forão acompanhando atè à Caſa da Saude, onde eſtava aparelhada para recolhimento ſeu, e de ſeu companheiro, que foi Fr. Franciſco de Villa-Viçoſa, que tambem morreo no meſmo miniſterio, como temos dito, huma caſa, que havia ſido curral de bois. Vendo o ſervo de Deos nella huma manjedoura, alegrando-ſe em eſpirito, diſſe, que alli havia de fazer ſua morada, à imitação de Chriſto Senhor noſſo, que naſcêra em outra como aquella, e que eſta era a maior conſolação, que lhe ficava. Entrados em o ſerviço dos enfermos, aſſim elle, como ſeu companheiro, com tanto fervor ſe occupavão naquelle miniſterio, a huns adminiſtrando os Sacramentos, e dando remedio para a alma, a outros ajudando-lhes a curar as feridas, e diſtribuindo-lhes as couſas neceſſarias para o corpo, e com tão pouco reſguardo de ſuas peſſoas, que parecia buſcavão a morte de propoſito. Não tardou muito que

que não fossem feridos, e como assim se sentio o servo de Deos Fr. Diogo, foi-se por todas as cabanas visitando os enfermos, repartindo-lhes quantos doces lhe havião mandado as pessoas devotas para a Casa da Saude, porque não quiz que lhe ficasse cousa alguma, em que pudesse ter regalo em sua necessidade.

6 Era o dia, em que aconteceo ferir-se, quarta feira da semana santa, à quinta feira da Cea recebeo o Santissimo Sacramento da mão de hum Religioso Padre da Companhia, que andava servindo no mesmo ministerio. Ao sabbado esteve todo o dia fallando com huma Imagem de nossa Senhora entre si, com rostro mui risonho, sereno, e alegre, e ao dia da Pascoa pela manhã repousou em o Senhor, deixando aos presentes mui edificados, e com grande conceito de sua santidade. Antes de morrer chegou a elle hum ferido da peste com trez inchaços mortaes, e lhe pedio sua benção, e que fizesse nelle o sinal da Cruz, o que o servo de Deos fez importunado, e o enfermo se achou ao outro dia são de todo. Ferindo-se tambem de peste hum daquelles enterradores, que alli andavão, se foi com muitas lagrymas ao lugar de sua sepultura, dizendo a grandes vozes: *Padre santo, vós me haveis de dar saude.* Não bradou em vão, como os Sacerdotes de Baal, quando offerecião o sacrificio, porque conforme sua fé, e devoção lhe succedeo: sarou logo, e continuou com o officio, que tinha, e viveo depois disto muitos annos. Foi a morte deste santo Religioso aos onze de Abril de 1599. Está seu corpo sepultado junto ao primeiro degrão do alpendre da dita Ermida de S. Sebastião; na sua sepultura, e na de Frei Francisco, seu companheiro, forão postas duas campas de pedra com seus epitafios por ordem dos Religiosos Padres da Companhia de Jesus do Collegio da mesma Cidade de Coimbra. Outras duas campas mandárão pôr sobre as sepulturas de dous Padres seus, que no mesmo ministerio acabárão santamente a vida.

CAPITULO XXXVI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Ourem.

1 HE Ourem huma Villa, e Condado dos Estados do Duque de Bragança no Bispado de Leiria: está situada em hum outeiro alto, cuja subida por todas as partes he difficultosa. Na meia ladeira deste outeiro, para 1600

ra a parte do norte, fica o noſſo Convento, não mui longe do povo, em hum ſitio de bons ares, freſco, e ſádio; tem competente cerca, bom pomar, e horta, o que tudo ſe rega com agua de huma copioſa fonte, que dentro na cerca fica. Outra vem de fóra por canos, e entrando ſecretamente por dentro do Convento, vai à cozinha, e lavatorio, onde com pouco trabalho os Frades de ſerviço ſe aproveitão della. Os meios, por onde ſe veio a edificar eſte Convento, parecem mais ordenados pela providencia Divina, que fundados em ſaber, e poder humano; porque não ſe moveo primeiramente a pedillo algum Principe, Senhor, Communidade, ou Républica, nem tão pouco os Religioſos o procurárão de algum delles; mas o Senhor, que com fracos, e humildes meios acaba grandes couſas, moveo os corações de huns homens humildes, e pouco poderoſos, para que emprendeſſem eſta obra.

2 Ha na Igreja principal deſta terra (que he das Collegiadas do Reino) huma antiga Confraria do Bemaventurado Santo Antonio, a qual, ſegundo a ordem do ſeu Compromiſſo, excluindo aos homens principaes, tinha por eſtatuto, que nella não pudeſſem ſervir de Mordomos, ſenão os mecanicos, e gente commua do povo, e freguezia. A eſtes Mordomos, menos poderoſos, e valídos na terra, moveo Deos os corações, para que intentaſſem fazer nella hum Convento de Religioſos da invocação do meſmo Santo, offerecendo-ſe a edificallo com os redditos, e eſmolas, que tinhão da Confraria, e outras, que de novo procurarião para a obra; mas achárão grande repugnancia, e contradição em noſſos Frades, para o haverem de aceitar; porque ſendo aquelle povo pequeno, temião não ſe poder alli ſuſtentar competente numero delles, ſem grande oppreſsão dos ſeculares, e ſem haver muitos diſcurſos, em ir buſcar fóra da Villa as couſas neceſſarias à ſuſtentação, inconveniente, que os antigos Padres deſta Provincia procurárão ſempre evitar. Entendendo iſto os Mordomos, valerão-ſe do Duque D. Theodoſio, ſegundo do nome, pedindo-lhe por mercê quizeſſe fazer com os noſſos Frades que aceitaſſem o Convento, que lhes offerecião naquella terra de S. Excellencia. Para quem, como foſſem neceſſarios poucos rogos em couſas, que pertencião ao augmento deſta ſua Provincia, e ſe lhe dava nova occaſião de moſtrar o amor, e affeição, que

que tinha aos Religiosos della, fez-lhe a saber que levaria gosto em que aceitassem alli Casa.

3 Houve no caso diversos, e contrarios pareceres de muitos Frades velhos, e graves, a que não parecia cousa conveniente, tanto, que determinando o Ministro Provincial Frei Estevão de Campo-maior, e Definidores na Congregação, que tiverão em o Convento de Santo Antonio de Evora dia da Epifania do anno do Senhor 1597. que fosse recebida, houve ainda depois disto tantas replicas, e objecções dos que não approvavão por boa tal recepção, que foi necessario deixar-se a resolução do negocio para o Capitulo seguinte, onde poria em votos da Communidade, a qual geralmente se praticava, que o não daria para este effeito. Chegado o Capitulo, que se celebrou no anno de 1598. o ultimo dia do mez de Maio, no mesmo Convento de Evora, e sahio eleito nelle em Ministro Provincial Fr. Jorge de Goa, vendo os Religiosos alli congregados a vontade de Sua Excellencia, e o gosto, que receberia em aceitarem aquelle Convento, segundo constava das instancias, que sobre isso fazia; e considerando a obrigação, que tinhão de lhe não faltarem a este em todo o possivel, e que recebendo-o por ordem, e mandamento seu, cessavão os maiores inconvenientes, que se temião; pois mandar este Principe que aceitassem a tal Casa por seu amor, e serviço, era huma tacita obrigação, que fazia de acudir aos Frades ahi moradores com o remedio das necessidades, em que se vissem, como o fez sempre em as mais Casas, que tinha em suas terras, e faz ainda hoje com todo o cuidado esta Serenissima Casa, derão finalmente, ordenando-o Deos assim, seu consentimento, e foi aceita por votos da Communidade Capitular.

4 Para se fazer a obra, a primeira esmola, que houve, foi a de humas computações, que o Duque havia de dar ao povo, das crescenças das medidas, as quaes os Mordomos pedírão aos freguezes, que todos derão o que lhes cabia, e veio a montar tudo mais de quatrocentos mil reis. Outras muitas mercês fez sempre Sua Excellencia pelo decurso da obra, e deixou se fizessem, como se fazem, todos os annos, para o sustento dos Religiosos moradores nesta Casa. Comprou-se o sitio, que sendo de diversos possuidores, alguns derão de graça o que lhes cabia, outros pedírão que lhe satisfizessem parte, outros finalmente tudo, e fez

isto

iſto de cuſto duzentos e quarenta mil reis. Deitou a primeira pedra neſte edificio o Senhor D. Filippe, irmão do Duque, no mez de Outubro do anno de 1600. e a vinte e oito de Abril de 1602. eſtando jà feita a Capella Mór, ſe diſſe a primeira Miſſa, e fez ſolemnidade de Dedicação da Igreja. Continuou-ſe a obra, e proſeguio-ſe atè o fim, principalmente com eſmolas do povo, procuradas pelos Mordomos, que pelo tempo na ſobredita Confraria ſuccedião. Os quaes forão continuos em as obras, trazendo carros, e gente de ſerviço neceſſaria, que convocavão para ellas, e fizerão tanto com ſua boa induſtria, como puderão fazer grandes Senhores com ſua bolſa. Ajudárão tambem muito os Reverendos Conegos, e Cabido daquella Igreja com ſuas eſmolas, que ainda hoje fazem aos Religioſos daquelle Convento. Moſtrou Deos em diverſos caſos milagroſos, quão aceita lhe era a fundação daquella Caſa; mas como todos eſtes cahião em a peſſoa de Fr. Thomaz de Santarem, Frade leigo, que aſſiſtia às obras, referillos-hemos quando hiſtoriarmos ſua vida.

CAPITULO XXXVII.

Do vigeſimo-oitavo Miniſtro Provincial, e de hum Religioſo de approvada vida, que floreceo em ſeu tempo.

1 COm ſatisfação de todos, e univerſal applauſo cumprio Fr. Jorge de Goa o triennio de ſeu governo; no fim do qual celebrou Capitulo Provincial em Santo Antonio de Evora aos vinte dias do mez de Maio do anno de 1601. Fez os gaſtos delle o tantas vezes nomeado Arcebiſpo de Evora D. Theotonio de Bragança, e foi o ultimo dos muitos que fez, porque ſuccedeo pouco depois ſua morte em a Corte de Valhadolid. Sahio eleito neſte Capitulo em Miniſtro Provincial Fr. João de Elvas, e foi em numero o vigeſimo-oitavo dos que a Provincia teve. Para Definidores ſe fez eleição de Fr. Jorge de Ourem, Fr. Luiz de Beja, Fr. Sebaſtião de Amarante, e Frei João do Porto, que depois foi Provincial, como ao diante veremos. Não ſe achárão em eſte Capitulo os Diſcretos das Caſas, como atè alli ſe coſtumava, mas ſómente os Guardiães, e Definidores, porque entre outras couſas, que ſe tinhão ordenado em o Capitulo Geral de Roma do anno de mil e ſeis-

Fr. J… de E… Prov… 28.

feiscentos, foi huma, que dalli em diante fe não elegeffem Difcretos dos Conventos para os Capitulos Provinciaes.

2 Em a nova eleição do noffo Miniftro prefidio o Reverendiffimo Padre Geral Frei Francifco de Soufa: reveo efte os Eftatutos da Provincia, como fe tinha feito aos Geraes em o fobredito Capitulo de Roma. Nenhuma coufa innovou nelles, excepto algumas poucas tocantes ao governo, antes ficou tão fatisfeito da vida commua da Provincia, e dos Eftatutos della, que por huma Patente fua, dada em Villa-Viçofa depois da expedição do Capitulo de Evora, encommendava muito ao Provincial procuraffe com grande cuidado confervar a Provincia em feus louvaveis coftumes, expreffando na Patente alguns, que lhe pareceo. Tratou-fe nefte Capitulo de fe mudar a Cafa de Abrantes para a Fonte do Ouro, como fica dito, efcrevendo daquella Cafa, porque as importunas enfermidades, que nelle os Frades padecião continuamente, eftavão pedindo compaixão. O mefmo fe determinou da Cafa da Piedade pelo mefmo refpeito; e affim em huma, como em outra foi a terceira edificação, como daquella vimos em feu lugar, e defta veremos, quando chegarmos ao tempo, em que fe começou a obra. Expedido o Provincial da celebração do Capitulo, e mais acções Capitulares, entendeo feu zelo no governo da Provincia, e a feu tempo, que foi no anno de 1602. fez fua Congregação, em que prefidio no mefmo Convento de Evora pelas Eftigmatas de noffo Padre.

3 Em feu triennio, e no mefmo anno de fua eleição, acabou fantamente a vida em o Convento de Santo Antonio de Aveiro hum Religiofo, chamado Fr. Francifco de Coimbra o Foreiro. Foi de notavel oração: para vacar a efta, fe levantava às onze horas da noite, e dahi atè que pelas doze tocavão a Matinas, eftava orando: depois dellas ficava no mefmo exercicio atè junto da alva; e quando tangião ao Pelde, fe recolhia hum pouco atè a Prima. Depois de rezada efta, ficava outra vez em o Coro, atè que hia dizer Miffa, que celebrava com tanta devoção, e efpirito, como prevenida com huma preparação tão dilatada. Efte exercicio guardou infallivelmente por toda a vida, falvo que algumas vezes o accrefcentava, porque algumas noites gaftava todas vigiando. Huma deftas, affiftindo com elle no mefmo exercicio outro grande fervo de Deos Fr. Francifco de Ef-

Fr. Francifco de Coimbra o Foreiro, Sacerdote.

Efpozende, cuja vida efcreveremos diffufamente, parecendo-lhe que Frei Francifco de Coimbra tinha neceffidade de ir tomar algum repoufo, porque alèm de achacado, era mui grande a vigia de huma noite fobre a maior parte de tantas, lhe pedio, compadecendo-fe delle, quizeffe ir tomar à cella algum repoufo. A ifto refpondeo o fervo de Deos, que jà que não dormíra antes de Matinas, não havia de dormir depois dellas, e affim ficou continuando atè pela manhã em feu exercicio.

4 Com muito fundamento podemos crer receberia grandes mimos de Deos na oração, quem nella era tão continuo; eftes nos encubrio o tempo, ajudado do defcuido commum de noffos Religiofos, e do cuidadofo recato defte fervo de Deos. Sendo de idade de oitenta annos, e eftando tão cego, que não podia ler, e por iffo efcufo jà pelos Prelados de rezar o Officio Divino, que lhe commutárão em o Officio dos leigos, nem por iffo deixava de ir ao Coro ouvir os outros, e dizer com elles o que fabia de memoria. Se alguma coufa faltava do Officio Divino, ou por não ouvir, ou por não chegar a tempo, pedia aos Frades que rezaffem outra vez com elle, o que fazião de boamente, pela grande confolação, que vião receber o fanto velho. Nunca depois de Religiofo comeo mais que huma vez no dia, e effa ao jantar com tanta moderação, que fe admiravão os Religiofos poder feu debilitado corpo com a rigorofa carga de penitencias, que lhe punha. Efta moderada refeição, que tomava, havia de fer fempre no Refeitorio em Communidade, em nenhuma maneira queria comer fóra della, tanto, que dando-lhe hum Commiffario licença, para que lhe trouxeffem o jantar à cella, refpeitando o quanto lhe cuftava defcer ao Refeitorio, por fua muita velhice, e achaques, elle a não quiz aceitar, dizendo que fempre havia de vir à Communidade, por maior trabalho que fentiffe.

5 Tinha odio particular ao vicio da ociofidade, e affim nunca deixava de fe occupar em alguma coufa o tempo, que lhe reftava de feus efpirituaes exercicios. Foi notavelmente recatado em fuas palavras, nunca fe lhe ouvio alguma, que tiveffe apparencia de ociofa, e menos que cheiraffe a murmuração: fómente fahião de fua boca as precifamente neceffarias. Sua paciencia foi efpanto, porque chegando a eftado, que tinha o corpo todo feito huma chaga viva, não fe lhe ou-

ouvio a menor queixa. Na caridade, que em sentença de S. Bernardo he medida, [a] por onde se conhece a grandeza da alma, foi estremado; a nenhum trabalho perdoou, se com elle podia soccorrer a seu proximo: era notavel a compaixão, que mostrava em qualquer penalidade, que padecião. Foi grandemente humilde: o seu trato era com os pequenos, e pobres, a quem fallava de Deos: queria mais obedecer, que mandar: por cuja causa querendo-o os Prelados por algumas vezes fazer Guardião, sempre se escusou com tanta humildade, que nunca foi possivel acabar com elle aceitasse nem ainda o ser Presidente. Gastada a vida toda, que forão oitenta annos de idade, e de habito sincoenta, nestas, e outras muitas virtudes, de que foi dotado, passou em paz ao Senhor no sobredito Convento de Aveiro. Quando se abrio a sepultura para o enterrarem, foi achado inteiro o corpo do servo de Deos Frei Antonio de Abrantes, havendo jà vinte e seis annos, pouco mais, ou menos, que alli fora enterrado, como dissemos escrevendo sua vida.

CAPITULO XXXVIII.

De D. Fr. Francisco de Villanova Bispo de S. Thomé.

1 EM a Costa de Africa, debaixo da Equinocial, e por isso clima nocivo, fica a Ilha de S. Thomé, sessenta leguas distante da terra firme, de cuja Igreja foi o setimo Prelado D. Fr. Francisco de Villa-nova de Portimão no Reino do Algarve, filho desta nossa Provincia da Piedade. Foi eleito por Filippe o Prudente no anno de 1590. o que elle aceitou com grande alvoroço, porque sabia que as rendas, que daqui havia de tirar, erão muitos trabalhos, e molestias continuas, que lhe fazia estimar o zelo, que tinha da salvação das almas. Sagrado em Lisboa, partio logo para aquella Ilha, onde a dignidade lhe não tirou os humildes exercicios, que na Provincia tinha aprendido, e observado. Foi incansavel o desvelo, com que trabalhou na conversão dos Gentios, e assim se propagou mysteriosamente a Fé por seu meio naquellas partes, reduzindo infinidade delles ao gremio da Igreja, a quem elle proprio baptizava, supposto não faltavão jà em seu tempo obreiros Euangelicos para este ministerio naquellas Ilhas. 1602

2 Obrou tanto neſta materia ſua boa diligencia, ajudada da Divina graça, que não tendo mais de ſete annos daquella Ilha, neſtes dilatou-ſe a Chriſtandade de maneira, que foi neceſſario deſmembrar a Igreja de Congo da de São Thomé, a quem havia muitos annos eſtava ſujeita, porque não era poſſivel hum ſó Prelado poder acudir a tanto. Erigio-ſe novo Biſpado em Bemba (Cidade chamada S. Salvador) na peſſoa de D. Frei Miguel Rangel, tambem Capucho da Religioſa Provincia de Santo Antonio, à inſtancia do meſmo Filippe, pelo Papa Clemente VIII. a treze de Junho do anno de 1597. Vendo-ſe D. Fr. Franciſco de Villanova livre de acudir ao dilatado Reino de Congo, applicou todo o cuidado, que antes trazia repartido, à ſua Ilha de São Thomé, e às mais vizinhas, que não foi para deſcançar aquella nova erecção, foi para mais ſe augmentar a noſſa Santa Fé naquellas terras.

4 Sobre negocios tocantes à ſua Igreja, e converſão dos Gentios lhe foi neceſſario vir à Corte deſte Reino: neſta andou ſempre a pé, e com pouco acompanhamento, e ſem mais calçado, que as ſandalias, de que nos obriga uſar a neceſſidade, quando fazemos jornadas, nem elle depois de Biſpo uſou de outro. Perſuadião-o certos Cortezãos, que andaſſe em outra fórma, porque aquella não era conveniente (dizião elles) à dignidade que tinha. Reſpondeo o ſanto Prelado, que ſe não era conforme à dignidade de Biſpo o andar daquella maneira, era mui ajuſtado à vida Apoſtolica, que profeſſára. Ordenados na fórma que pode os negocios, que à Corte o trouxerão, ſe voltou à ſua Igreja, onde foi continuando ſeu zelo no antigo fervor da converſão das almas, atè que Deos o chamou para receber o premio de ſeus trabalhos, no anno de 1602. havendo doze annos que tinha o governo daquella Igreja, que adminiſtrou com grande exemplo, e ſatisfação de todos. Succedeo-lhe no Biſpado Dom Fr. Antonio Valente, Religioſo do Patriarca São Domingos, ſujeito de muita virtude, e letras.

4 Acompanhárão a Dom Fr. Franciſco de Villa-nova alguns Religioſos mais deſta Provincia, e là acabárão ditoſamente ſeus dias na prégação do Santo Euangelho. Muitos annos antes, à inſtancia de ElRei D. João o III. Frei João de Sevilha, grande Letrado, e de igual virtude, eſpecialmente dotado de huma profunda

funda humildade, Fr. Antonio de Coimbra, Sacerdote, de mui excellente contemplação, e outros Frades desta Provincia passárão ao Reino de Congo prégar aos negros, onde depois de com muito trabalho ganharem muitas almas para Deos, acabárão neste santo exercicio. Dos successos, e cousas particulares dos quaes, e de muitos outros, que em diversas partes do mundo fizerão muitos serviços a nosso Senhor, trabalhando na conversão das almas, ou reformação de costumes, resplandecendo com virtudes, e exemplo de vida, não he muito que (pela pouca curiosidade, que sempre tiverão nossos Frades de as inquirir, notar, e escrever) tenhamos pouca noticia, pois ainda de muitos, que acabárão na mesma Provincia com fama de santidade, se contentárão os que puzerão em memoria por escrito as cousas daquelles tempos, ou perguntados derão seu testemunho, com dizerem delles, que se signalárão muito em virtudes, e resplandecêrão em santidade, sem individuarem cousa alguma de suas vidas; como se as obras, que fizerão, sem serem escritas, houvessem de ser manifestas, e sabidas dos futuros, como erão dos que nelles então fallavão, por havellos tratado, e conhecido, ou a memoria dellas estar ainda em fresco, por haver pouco que tinhão fallecido.

CAPITULO XXXIX.

Translação do Veneravel servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, e milagres, que o Senhor obrou nella.

1 DOs Juizes rectos, e virtuosos de Israel diz a Divina Escritura que seus ossos brotárão [a] como flores, não porque em a realidade florecessem, ou se visse nelles algum prodigio mais que natural, senão porque em a veneração delles se conservava o suave cheiro da fama daquellas almas, de cujos corpos forão parte. Com maiores demonstrações honrou Deos os ossos trasladados do santo Frei Antonio de Nebrixa; pois alèm da honra, que lhes fez a piedade Christã, mostrou a Magestade Divina nos muitos prodigios, que obrou, os merecimentos deste seu grande servo: querendo assim que tornasse a reflorecer na memoria. Como pois obrava Deos nosso Senhor continuas maravilhas por meio da terra da sepultura de seu fiel servo, esta veio a ser a causa de seus ossos serem trasladados a outro lugar, porque pa-

[a] Eccl. c. 46. num. 14.

parecia coufa decente, que quem o Senhor com tantos milagres honrava em o mundo, foffe collocado em alguma parte, onde eftiveffe com mais reverencia, e veneração. E affim no anno de 1602. fendo Miniftro Provincial Fr. João de Elvas, à inftancia do Bifpo do Algarve Dom Fernão Martins Mafcarenhas, particular devoto defte fanto Religiofo, forão feus offos tirados da primeira fepultura, onde havião eftado vinte e dous annos, e mettidos em huma caixa de madeira, a puzerão na parede do mefmo panno da clauftra junto ao Capitulo, onde eftava fua primeira fepultura. Na parede ficou fazendo face huma pedra, onde fe lê cujos são aquelles offos, e o anno, que alli forão collocados.

2 Affiftio a efta piedofa acção o fobredito Bifpo, Miniftro Provincial, e outras peffoas de authoridade, celebrando-a todos com devota, e luzida folemnidade. Alguns dos offos mais pequenos tomárão por Reliquias os Religiofos, que eftavão prefentes, e o devoto Bifpo houve para fi hum em grande eftima. Outros fe derão a algumas peffoas nobres, e devotas, que com devoção os pedírão, e com importunação os alcançárão, que os trazião comfigo com grande reverencia, e veneração, engaftados em ouro, e prata. Como com efta translação fe avivaffe a devoção, que os moradores de Loulé tinhão a efte fervo de Deos, tambem fe avivárão as maravilhas: por efte refpeito no anno de 1606. por authoridade do fobredito Bifpo, fe fez dellas nova inquirição em fórma de Direito. Depois no anno de quarenta, por não parecer efta no Arquivo do Bifpado daquelle Reino, onde fe guardava com outra, que fe tinha tirado primeiro no anno de 1583. (ainda que ao depois huma, e outra pareceo, e as temos hoje ambas em noffa mão,) foi forçofo tirar outro Inftrumento, para que fe não perdeffe a memoria defte fanto Religiofo. Começou-fe efta terceira a veriguação a quatorze de Maio do fobredito anno, a petição do irmão Fr. Antão de Guimarães, Miniftro Provincial, com authoridade do Bifpo do Algarve D. Francifco Barreto, que como tão devoto de noffos Frades, affiftio peffoalmente aos teftemunhos dos que jurárão. Dos muitos milagres, que Deos noffo Senhor obrou depois da translação do fanto Fr. Antonio, e fe authenticárão, referiremos alguns poucos, porque todos fora coufa mui prolixa, pois fó no dia, que foi trasladado obrou feffenta.

3 A primeira peſſoa, que neſte dia deo principio aos milagres, foi hum Religioſo leigo, chamado Fr. Manoel de Elvas, que então eſtava morador no ſobredito Convento de Loulé; o qual achando-ſe preſente à translação do ſanto Fr. Antonio, tomou hum oſſo delle, e o poz ſobre a carne de hum braço, que tinha doente de corrimentos, e frialdade, de tal maneira, que padecia graves dores, e não podia tomar algum pezo: ao contacto ficou logo são, e nunca mais ſentio differença de hum braço a outro para qualquer peço, ou trabalho que foſſe. A' fama deſte milagre acudio infinidade de enfermos da Villa de Loulé ao Convento, pedindo aos Frades Reliquias, e ao ſervo de Deos favor em ſeus trabalhos, e os mais delles cobrárão a deſejada ſaude. Os que ſe não pudérão achar à ſua translação, mandavão ao Convento buſcar terra da ſepultura, onde o ſervo de Deos eſtivera enterrado. Aſſim o fez Gaſpar da Silva Lavrador, e morador no Lugar de Paderne, o qual eſtando doente de humas importunas cezões, que havia muito tempo que o moleſtavão, indo-o viſitar hum Bartholomeu Netto, do meſmo Lugar, lhe diſſe, que ſe queria ſarar daquella enfermidade, mandaſſe buſcar à Villa de Loulé huma pouca de terra da ſepultura do ſanto Fr. Antonio, e que a bebeſſe em hum copo de agua. Mandou-a buſcar o enfermo, e no meſmo ponto, que o tomou, ſe lhe deſpedírão as cezões, ſem que lhe tornaſſe mais alguma. Com o beneficio recebido creſceo mais no enfermo a fé, e devoção aos merecimentos deſte ſervo de Deos: e aſſim paſſados alguns annos, adoecendo de huma febre maligna, que o poz no ultimo da vida, mandando buſcar da meſma terra, e tomando-a na maneira ſobredita, ficou livre do perigo, e convaleceo brevemente.

4 Manoel Machado morador em Valtilheiros, freguezia da Villa de Loulé, tendo huma filha por nome Catharina doente de cezões havia alguns mezes, eſtando a enferma com o frio, lhe deo a beber o pai em hum vaſo de agua a meſma terra, com que ſe lhe forão de todo as cezões, e ficou perfeitamente sã. Maria de Campos, mulher de Manoel Carvalho Almocreve, moradores na Villa de Loulé, eſtando trez dias de parto, e tão apertada, que por momentos eſperava a morte, tanto que tomou a terra da ſepultura deſte ſervo de Deos, no meſmo inſtante pario com muita facilidade. Suzana Bentes, mulher

lher de Pero Canellas, ambos naturaes de Villa-nova, houve hum osso dos do santo Fr. Antonio de Nebrixa em sua translação, por meio de hum seu filho, Frade da nossa Provincia, chamado Fr. Sebastião de Villa-nova; e como huma vez se visse mui attribulada de hum osso, que se lhe atravessou em a garganta, lembrando-se da Reliquia, que tinha, a lançou ao pescoço, invocando o favor deste servo de Deos, e pedindo aos de sua casa a ajudassem a rogar ao santo Religioso que a livrasse daquelle perigo, foi cousa maravilhosa, que apenas lançou a Reliquia, e fez sua deprecação subitamente lançou o osso fóra, e ficou livre. Com a mesma Reliquia sarárão por distinctas vezes trez filhas da dita Suzana Bentes de diversas enfermidades, como tambem ella por outra vez de hum accidente de colica, que a tinha posto em grande aperto.

5 Em o nosso Convento de Santo Antonio de Estremoz morava pelo tempo da translação deste servo de Deos hum Religioso chamado Fr. João de Alcarapinha, que estando esperando que o mudassem daquelle Convento, por ser em occasião de Capitulo, lhe derão humas febres tão rijas, que de todo o impossibilitárão de poder fazer a pé jornada. Vendo-se nestes termos, fez esta deprecação ao servo de Deos, como que fallava com elle: *Santo Fr. Antonio, de algumas vezes, que fui vosso companheiro, alcancei de vós, quão contrario fostes de andar a cavallo, o que eu tambem queria observar; por vossos merecimentos vos peço, e pela fé, que nelles sempre tive, que se for vontade desse Senhor, a quem vós servistes com tanta fidelidade, que eu desta enfermidade tenha saude, que vós ma alcanceis delle, para que eu possa cumprir com ella o que me ordenar a obediencia.* Feita a súpplica, não lhe deo mais cezão alguma, e celebrado o Capitulo, fez a jornada jà são perfeitamente. Julgamos escusado amontoar aqui tantos milagres, quantos puderamos escrever, principalmente os que obrou na Villa de Loulé, venturoso deposito de suas veneraveis Reliquias, porque naquella Villa os tem bem na memoria, ficando de avós a netos. Sómente advertirei hum continuo milagre, que se vê em sua sepultura, dando por testemunho a todo o Reino do Algarve, e he, que havendo jà oitenta e dous annos (tantos são do em que foi trasladado atè o presente) que tirão ordinariamente terra della, nunca se vio que minguasse, antes persevera sempre na mesma fórma.

CAPITULO XL.

Do vigesimo-nono Ministro Provincial, que esta Provincia teve.

4 1 POr ausencia do Reverendissimo Padre Geral Fr. Francisco de Sousa, que tinha partido de Hespanha para Italia a eleger Commissario Geral da Familia Ultramontana, por morte do que sahíra eleito em Capitulo, ficou por Commissario sobre as Provincias da Cismontana o Padre Fr. Pedro Gonsalves de Mendoça, que havia sido Provincial da Provincia de Castella, e Commissario Visitador da de Sant-Iago. A este Padre, como a Prelado, avisou o nosso Ministro Provincial Fr. João de Elvas no fim de seu triennio, como he costume, para a celebração do Capitulo, e eleição do novo Ministro. Destinou elle para este effeito o nosso Convento de S. Francisco de Elvas, onde de sua ordem se congregárão os Vogaes; e presidindo o sobredito Padre Commissario, sahio eleito em doze de Junho, dia da Santissima Trindade do anno de 1604. Fr. Simão de Aveiro, Prégador, e Mestre em Sagrada Theologia, e foi em numero dos que a Provincia teve, o Ministro vinte e nove. Sahírão por Definidores Fr. Pedro de Guimarães, Fr. Jorge de Goa, Fr. Estevão de Campo-maior, Fr. João da Guarda, Prégador, e por Custodio Fr. Pedro de Penalva. Fez os gastos deste Capitulo com muita devoção, e abundancia Rui Gomes de Azevedo, e Dona Margarida sua mulher, fidalgos principaes daquella Cidade, e particulares bemfeitores da nossa Provincia.

[...imão ...veiro, ...incial]

2 Celebrou este Ministro sua Congregação na *Dominica in Passione*, doze dias de Março do anno de 1606. em que presidio o Padre Fr. André de Placencia, que havia sido Provincial da Provincia de S. Gabriel, e por commissão do Reverendissimo Padre Geral Frei Francisco de Sousa veio presidir a todos os Capitulos, e Congregações [a] das Provincias deste Reino. Tinha sido Frei Simão de Aveiro alguns annos Custodio na Provincia, e depois sendo Guardião actual do Convento de Santo Antonio de Evora, por commissão do Commissario Geral da Familia Frei Mattheus de Burgos foi Visitador da Provincia de S. Gabriel, e presidio em seu Capitulo anno 1596. No tempo de seu Custodiato foi a Roma a hum Capitulo Geral, que nella se celebrou em o de 1600. es-

[a] Chron. da Prov. de S. Gabr. l. 3. c. 18.

teve là dous annos, por se dilatar o Capitulo, a respeito de que estando jà os Vogaes congregados, mandou o Summo Pontifice ao Geral por Legado seu a França, com que foi forçoso retardar o Capitulo. Em todo este tempo, que Fr. Simão esteve em Roma, deo sempre tão bom exemplo de sua pessoa, que atè o Summo Pontifice, que por esta causa o conhecia, ficou delle muito edificado. Huma vez (dizem) que foi ao Convento de *Ara-Cœli*, onde Fr. Simão estava hospedado, e sem fazer final algum à porta da cella, entrou dentro, porque era este o seu costume, para tomar de repente os Religiosos, e ver em que se occupavão. Entrou pois na cella de Fr. Simão, vio que estava em tunica, despido o habito, e perguntando-lhe que fazia, respondeo elle: *Beatissimo Padre, faço o que meu Padre S. Francisco diz na Regra, isto he, que possa cada hum com a benção do Senhor remendar o habito de sacco, e de outras peças.* Festejou o Summo Pontifice a occupação, e a resposta, e despedindo-se delle, foi dizendo: *Taes como este houverão de ser todos os filhos de S. Francisco.*

3 Não sómente da virtude de Fr. Simão estava o Pontifice satisfeito, senão que de suas letras tinha tão boa opinião, que lhe chamava o Mestre Simão quando o nomeava. Antes que viesse de Roma impetrou deste Summo Pontifice, que era Clemente VIII. dous Breves [b] para a Provincia: o primeiro foi expedido em oito de Novembro do anno de 1600. nono de seu Pontificado, que começa: *Militantis Ecclesiæ regimini, &c.* Nelle concede o Summo Pontifice, que só o Padre Geral, e Commissario Geral eleito, segundo a Bulla da união, e não outro Commissario Geral, ou especial da Observancia, possa visitar a Provincia, e presidir em seus Capitulos, nem exercitar nella outra alguma jurisdicção, mais que os dous sobreditos Prelados Geraes, em sua ausencia, deputarão para cumprimento deste ministerio Commissarios sempre das Provincias Descalças. Outros indultos concede nelle o Summo Pontifice, tocantes ao bom governo da Provincia. Sobre este Breve fez huma exposição doutissima o Padre Fr. Manoel Rodrigues nosso Lusitano, bem conhecido por seus escritos, consultado pelo Ministro Provincial desta Provincia, que então era Frei João de Elvas, a qual se guarda no Arquivo com o Breve, e Carta sua, escrita em Salamanca o primeiro de Janeiro de

Habe[...] in Ar[...] Provi[...]

de 1603. No outro Breve, que impetrou Fr. Simão de Aveiro, concedeo o Summo Pontifice, que nenhum Prelado dos Superiores possa obrigar aos Frades desta Provincia a terem estudos.

4 No mesmo anno de sua eleição, e poucos mezes depois della, sem que visitasse Casa alguma da Provincia, partio Fr. Simão de Aveiro para Valhadolid, Corte então dos Reis de Castella, onde se congregárão todos os Padres das Provincias Descalças de Hespanha. A causa desta Junta foi renovar-se a pertenção, que no anno de 1595. tiverão dous Religiosos graves da Provincia de S. José, chamados Frei José de Santa Maria, Provincial actual, e Fr. João de Santa Maria, que jà o tinha sido. Procurárão estes Padres se lhes désse por concessão Apostolica às Provincias Descalças de Hespanha hum Vigario Geral, que com plenaria authoridade as governasse, independente do Ministro Geral da Ordem, e só em trez, ou quatro cousas a elle sujeito. Não teve effeito o pertendido, porque se lhe oppoz o Commissario Geral desta Familia, Fr. Mattheus de Burgos, persuadindo a Filippe II. que a nova eleição deste Prelado seria de grande prejuizo à Religião. Depois no anno de 1604. morto Fr. José de Santa Maria, resuscitárão a mesma pertenção o sobredito Fr. João de Santa Maria com outros Religiosos graves das Provincias de S. João Baptista, e de São Paulo, patrocinados do Marquez de Denia, Duque de Lerma, privado de Filippe III. e grande affeiçoado à Descalcez.

5 Em cumprimento disto passou o Summo Pontifice Clemente VIII. hum Breve, dirigido ao Nuncio de Hespanha, Dominico Gymnasio, Arcebispo Sipontino, expedido em Roma a seis de Junho de 1604. Começa: *Exposcit debitum Pastoralis officii, &c.* Neste lhes concedia o novo Prelado, na fórma, que os Descalços lhe pedião; se o tal Superior parecesse conveniente à maior parte dos Padres das ditas Provincias Descalças. Para cujo effeito se congregárão (como dispunha o Breve) em Valhadolid, no Convento de S. Diogo da Provincia de S. Paulo, todos os Provinciaes, os Padres que o havião sido, e os Custodios das sete Provincias reformadas, aos vinte e oito de Setembro de 1604. Da nossa Provincia da Piedade foi o Provincial Fr. Simão de Aveiro, a quem acompanhárão Fr. Estevão de Campo-maior, Fr. Jorge de Goa, Fr. João de Elvas,

Padres, que o havião ſido, e Fr. Pedro de Penalva Cuſtodio. No dia ſignalado foi o Nuncio ao Convento de S. Diogo, onde congregados todos os Vogaes, mandou ler o Breve original de Sua Santidade, conforme o teor do qual lhes propoz, e mandou ante todas as couſas, que votaſſem, ſe lhes parecia, e querião que houveſſe, e ſe elegeſſe Vigario Geral, que foſſe Cabeça, e Superior das Provincias de ſua Deſcalcez.

6 Erão os Vogaes vinte e nove, e havendo todos dado ſeu voto, publicou o Nuncio o numero delles de huma, e outra parte, dizendo que os doze tinhão votado que houveſſe Vigario Geral, e que os demais, que erão dezeſete, erão de contrario parecer. Conforme iſto declarou logo, que ſe não devia, nem podia proceder à eleição de Vigario Geral, pois nem todos os votos, nem a maior parte delles tinhão convido em que o houveſſe: com o qual ſe diſſolveo aquella Congregação, e recolhendo-ſe os Religioſos della para as ſuas Provincias, ficárão as couſas como de antes eſtavão. Entendeo Fr. Simão no governo da Provincia, e procedeo tão ſanta, e prudentemente nelle, e em tudo o mais, que lhe encommendárão, que a Mageſtade de Filippe II. dos de Portugal, informado de ſuas letras, e virtudes, depois de haver ſido Provincial, no anno de 1627. o proveo no Biſpado de Lamego. Porèm foi Deos ſervido dar-lhe outra melhor Prelazia, antes que elle ſoubeſſe deſta, pois antes de chegar a nova à ſua noticia, morreo em Santo Antonio dos Olivaes de Coimbra cheio de merecimentos, e virtudes.

CAPITULO XLI.

Fundação do Convento de Santo Antonio da Villa do Redondo, e de hum Religioſo deſte tempo digno de memoria.

1 DEſejava grandemente o Conde do Redondo D. João Coutinho, que fizeſſem noſſos Frades naquella ſua terra hum Convento; e como muitas vezes para eſte effeito fizeſſe petição aos Miniſtros Provinciaes, e outros Religioſos graves, e Padres da Provincia, achou-os ſempre contrarios a ſeu deſejo, porque não ſó lhe não aceitavão a offerta, mas nem ainda lhe davão eſperança de a virem algum dia a receber. Fundavão-ſe elles em alguns inconvenientes, que havia para ſe edificar em aquella terra, aſſim por ſer 16

ſer pequena, como por não ſer a gente della muito rica, de que os Frades colligião, que nem o Convento ſe podia fazer, ſenão com muita difficuldade; e dado caſo que chegaſſe a eſtar feito, não ſe poderião commodamente ſuſtentar os moradores delle, ſem muitos diſcurſos em procurar as eſmolas, couſa, que prejudicava muito ao recolhimento, que profeſſavão. Vendo o Conde que com os Prelados maiores, e Padres da Provincia não podia acabar couſa alguma para cumprimento de ſeu deſejo, foi à Cidade de Evora a tempo, que nella eſtavão os Vogaes celebrando o Capitulo, em que ſahio eleito por Miniſtro Provincial Fr. João de Elvas. Fallou o Conde peſſoalmente com alguns delles a fim de os affeiçoar a ſeu intento; porèm achando todos de parecer contrario, valeo-ſe do Arcebiſpo D. Theotonio, como tão familiar da Provincia: mas pode tão pouco neſte particular, que lhe reſpondêrão todos o que ao Conde tinhão reſpondido. Não deſiſtírão elles de ſua pertenção, nem tambem ſe derão por aggravados, porque entendião que havia de noſſa parte baſtantes fundamentos. Porèm Deos, que ordenava todas aquellas couſas a ſeu ſerviço, deſcubriolhes hum meio mais facil de todos, e foi, que fallárão ambos com o Geral da Ordem Frei Franciſco de Souſa, que no Capitulo preſidia, e lhe pedírão quizeſſe uſar naquella occaſião de todos ſeus poderes, mandando por obediencia aos Frades, que eſtavão em Capitulo, aceitaſſem aquella Caſa, que ſe lhes fazia. Aſſim o fez o Padre Geral, porque de ſeu poder abſoluto, ſem pedir parecer aos Vogaes, mandou por ſanta obediencia ao Miniſtro enviaſſe fundar na dita Villa do Redondo huma Caſa com titulo, e vocação de Santo Antonio.

2 Obrigado aſſim pelo Prelado Geral, mandou logo o Miniſtro alguns Religioſos com o Conde, para que buſcaſſem, e eſcolheſſem ſitio, onde mais commodamente ficaſſe o Convento. O que melhor pareceo foi hum perto da Villa, para aquella parte, que fica deſcubrindo a Serra Doſſa: e porque logo mais abaixo havia huma horta com huma nora, que ficando dentro da cerca ſe podião os Frades ſervir della, o Conde a comprou para eſte effeito. Entrárão noſſos Frades na Villa do Redondo para effeito da fundação em o principio de Junho de 1601. e ſuppoſto forão logo quatro com ſeu Preſidente, onde aſſiſtírão ſempre dalli por diante, diligenciando as couſas ne-

necessarias para o edificio, com tudo não se lançou a primeira pedra senão no anno de 1605. a doze dias de Março. Neste dia veio o dito Conde, acompanhado de D. Francisco Coutinho seu filho promogenito, herdeiro da Casa, e poz a primeira pedra com seu nome escrito, sendo Ministro Provincial Fr. Simão de Aveiro. Forão-se as obras continuando com muita perfeição, e brevidade, correndo a maior parte dellas por conta do Conde, como a Padroeiro: não deixou tambem o povo de acudir no que podia, de maneira, que em poucos annos a Casa se acabou perfeitamente. Com isto, e com outras obras, que se fizerão, accrescentando-lhe algumas cellas, e outras officinas no anno de 1678. ficou hum dos mais perfeitos, e bem acabados Conventos, que tem a Provincia. He hoje Guardianía de quatorze atè dezeseis Frades, a quem o povo sustenta com suas esmolas, tão bem, como o fazem outras terras grandes, e com huma devoção, que se aventaja a muitas.

3 Neste anno de 1605. passou ao Senhor do Convento de nossa Senhora dos Anjos em Azurára Fr. Francisco do Dume, Sacerdote, dotado de muitas, e excellentes virtudes. Na conversação foi Angelico, e reluzia em todas suas palavras huma simplicidade tão columbina, que logo mostrava bem a virtude, e santidade, que tinha dentro em sua alma. Maravilhava aos Frades a promptidão de sua obediencia: nunca achou difficultoso o que lhe ordenava o Prelado, por mais trabalhoso que fosse: assim o dava com tanta brevidade à execução, que no mesmo tempo do mandamento se via o cumprimento delle. Foi grandemente inimigo da ociosidade: para evitar esta todo aquelle tempo, que lhe restava da oração, gastava em servir, e ajudar em todas as cousas, que erão necessarias para o serviço da Casa, ainda que estavão à conta de outros, em todas se achava sua boa diligencia. Macerava seu corpo com tão rigorosas, e repetidas disciplinas, como se fora de bronze, com que o trazia tão sujeito ao espirito, que parecia não lhe fazer repugnancia.

Fr. Francisco do Dume, Sacerdote.

4 Era notavel a attenção, e respeito, com que assistia aos Divinos Officios: quando rezava alguma hora fóra do Coro, havia de ser sempre de joelhos, e todo o officio Divino rezou nesta fórma em o Convento de Santo Antonio de Ourem, onde os Prelados o fizerão morador, no tempo, que se fundava. Vigiava a maior par-

parte da noite em oração diante do Santissimo Sacramento, e continuava de dia o mesmo exercicio recolhido em sua cella, fóra da qual não o vião, senão em as Communidades, e quando sua humildade o levava a servir, como temos dito, em as cousas necessarias do Convento; as quaes acabadas, com muita brevidade se recolhia. Seus jejuns erão continuos, e rigorosos: a Quaresma de 1605. que foi a ultima de sua vida, sendo jà muito velho, e achacado, jejuou toda quasi a pão, e agua, porque só huma tigela de caldo comia. Antes de sua morte teve revelação della; porque estando ainda são, se confessou geralmente, e no fim da confissão disse ao Religioso, que o ouvia: *Irmão, somos chamados do Senhor.* Vio-se a verdade da profecia poucos dias depois della; porque adoecendo brevemente, e recebidos com muita devoção os Sacramentos da Igreja, descançou em o Senhor, deixando de si grande fama de santidade.

CAPITULO XLII.

Edifica-se terceira vez a Casa da Piedade em outro sitio.

1 QUando se mudou a Casa da Piedade a primeira vez, 1606 foi para hum sitio baixo, e abafado, e mui pouco sádio, assim pela vizinhança de hum ribeiro, que nascendo na Villa, todo o anno corre por junto delle, como pelas aguas do monte, que descendo ao Convento, quando chovia, acontecia muitas vezes alagarem a Igreja, claustra, e mais officinas terreas. Tudo isto fazia aquelle sitio por extremo humido, de que o Sol tirando depois grossos vapores, causava muitas, e diversas enfermidades, com que os Religiosos algumas vezes chegavão a estado, que não havia bastantes para se rezar no Coro o Officio Divino. O que vendo a Senhora Dona Catharina Duqueza de Bragança, tratando-o primeiro com o Duque seu filho D. Theodosio, segundo deste nome dos daquella Real Casa, determinou mudar o Convento para outro sitio mais sádio. Este queria que fosse no Carrascal (hum assim chamado perto daquella Villa) junto do jardim, e horta de seu Paço; e verdadeiramente era a eleição mais

mais acertada, por fer aquelle fitio hum dos melhores, que fe acha em Villa-Viçofa. Porèm fuppofto que fez para efte fim muitas inftancias, não forão de effeito, porque os Frades não quizerão defiftir da eleição, que jà tinhão feito de outro fitio.

2 He efte, onde hoje fe vê o Convento, logo mais affima do primeiro na meia ladeira do outeiro, lavado dos ventos, que diffipão, e desbaratão os vapores groffos, que fazião o outro tão doentio. Ficou-lhe fervindo a mefma cerca antiga, com hum poço dentro, e he huma das melhores aguas, que ha não fó em Villa-Viçofa, mas ainda nos territorios vizinhos. Com a agua do ribeiro, que junto della corre, fe rega a horta, e cerca baftantemente povoada de arvoredo, que hum lhe dá o fruto, e outro o ornato. Eftava no lugar, onde fe fundou efte terceiro Convento, huma antiga Ermida de S. Lazaro; e porque pertencia à Ordem de Aviz, houve-fe para efte effeito por carta de Sua Mageftade, a quem convinha dálla, como Meftre das Ordens, e paffárão o Santo da fua para outra Ermida, que lhe fica vizinha, dedicada ao Apoftolo Sant-Iago. Logo aos vinte e feis de Julho, dia de Santa Anna do anno de 1606. fendo Miniftro Provincial Fr. Simão de Aveiro, e Guardião da Cafa Fr. Giraldo de Braga, fe lançou a primeira pedra com grande folemnidade, affiftindo o Duque D. Theodofio, acompanhado do Duque de Barcellos D. João feu filho, (menino então de pouca idade, e depois noffo Feliciffimo Rei de Portugal) e dos Senhores Dom Duarte, Marquez de Frechilha, e D. Filippe feus irmãos. Tomando pois o Duque huma pedra marmore, em que eftava efcrito feu nome, a lançou por fundamento daquella obra, com grandes moftras de alegria, e com a mefma veio depois à Dedicação da Igreja, e translação dos offos, que na Cafa velha tinhão fua fepultura, que foi o ultimo de Maio pela fefta do Pentecoftes do anno de 1610. Cantou a Miffa o Deão da fua Capella, Manoel Peçanha de Brito, e officiárão-a os Capellães da mefma. Forão as obras defta Cafa continuando com efmolas particulares, que para ellas fazia a Senhora Dona Catharina: com as quaes, e com as do Duque feu filho, fe acabárão em pouco mais de quatro annos, ficando o Convento tão perfeito, que he o mais bem acabado, abfolutamente fallando, que ha na Provincia.

3 Materia de aggravo, e razão de queixa feria para todos

dos

dos os Frades da Piedade, ſe tratando na Chronica deſta Provincia da devoção de algumas peſſoas particulares do Reino, deixaſſe de tratar, e me eſqueceſſe do que os Religioſos della devem à Senhora Dona Catharina, Duqueza de Bragança, pelos ſingulares mimos, favores grandes, e continuas caridades, que della recebêrão. Não houve nunca mãi, que tanto amor moſtraſſe a ſeus filhos, quanto eſta Senhora moſtrava a noſſos Religioſos, a quem honrava com eſte nome, chamando a todos filhos, e tratando-os com a meſma familiaridade, e affabilidade, como ſe o forão. E porque os mimos, e favores tanto são mais de eſtimar, quanto as peſſoas, que os fazem, são de mais eſtima, antes que chegue a referir, e individuar alguns dos muitos, que Sua Alteza, vivendo, nos fazia, ſerá neceſſario dizer primeiro quem era, para que os que não tem tanta noticia da Sereniſſima Caſa de Bragança (ſuppoſto he de todos bem conhecida) vejão com quanta razão fazemos aqui memoria deſta Senhora, e deixamos em lembrança a muita devoção, que a noſſos Religioſos teve.

4 Foi a Senhora Dona Catharina filha do Infante Dom Duarte, filho de ElRei Dom Manoel, e da Infante Dona Iſabel, filha do Duque Dom Jaime. Caſou, ſendo de pouca idade, com o Duque Dom João, primeiro do nome na Caſa de Bragança, filho do Duque Dom Theodoſio, tambem primeiro do nome deſta Real Caſa. E como por ſua mãi a Infante, que era devotiſſima de noſſos Frades, foſſe criada na meſma devoção, depois que foi Duqueza a moſtrou tanto, quanto ſe não póde encarecer, por muitas miudezas, que aqui eſcreva. Era Sua Alteza mulher naturalmente Senhora, e em qualquer lugar que eſtiveſſe, com gravidade repreſentava quem era, ſem faltar hum ponto em alguma das acções, que lhe convinhão; couſa, que ſegundo alguns diſſerão, lhe foi impedimento para a ſucceſsão do Reino. Com ſer tal, quando fallava a noſſos Frades, parecia outra na lhaneza, brandura, e affeição, com que os converſava. Mandava-os ſentar dentro do eſtrado, ou alcatifa, onde ſempre eſteve depois de viuva, e alli, como qualquer mãi faz a ſeus filhos, lhes perguntava por ſua vida, e lhes pedia conta de quantas orações rezavão, e exercicios eſpirituaes, que tinhão.

5 E para que ſe veja quanto era de eſtimar eſte favor, que a noſſos Frades fazia, referirei

o que hum dia aconteceo a certos Religiosos de huma Religião mui grave, que quizerão participar do mesmo. Estavão dous Frades nossos fallando com Sua Alteza, sentados sobre os pés, como tinhão de costume, dentro da mesma alcatifa, e dando-lhe neste tempo recado, que estavão alli dous Religiosos de certa Religião, mandou ella que entrassem: os quaes depois de feita a devida cortezia, forão mettendo os pés na alcatifa para se sentarem dentro della, como estavão os nossos Frades. Porèm Sua Alteza tanto que os entendeo, com a voz algum tanto levantada, disse: *Estai quedos, esperai: tragão alli cadeiras aos Padres, que dalli para dentro* (e apontou para a alcatifa) *não entra senão quem traz os pés descalços.* E assim em outra occasião, estando dous Frades fallando com esta Senhora na mesma fórma, disse Sua Alteza: *Este favor entendei que se não faz senão aos meus Frades.*

6 Este amor de mãi, e devoção, que a todos os da Provincia tinha, queria ella que todos os da sua Casa tivessem. Teve mui particular cuidado de acudir às necessidades de nossos Religiosos, e não soffria ouvir dizer que padecião alguma, por pequena que fosse. Por esta causa sabendo que a Casa de Santo Antonio de Loulé era mui pobre, lhe mandou fazer todos os annos esmolas particulares, para sustentação dos Religiosos. As mesmas fazia tambem pela mesma razão à Casa de S. Vicente do Cabo, e a todos nossos Conventos, que estavão em suas terras, provía com muita abundancia, fazendo-lhes, alèm da esmola ordinaria, outras muitas, tendo por grande alvitre, pedirem-lhe os Frades alguma cousa. Aos moradores na Piedade, e Bosque de Borba tinha tão mimosos, que para todos os dias de jejum de Advento, e Quaresma lhes mandava as collações, e algumas vezes por sua propria mão concertadas, e repartidas. Quando os Frades lhe levavão algumas flores da horta, ou alguma fruta, presentes, que ordinariamente lhe fazião, festejava-os com muito grandes demostrações de alegria, mandando a suas filhas a Senhora Dona Maria, e a Senhora Dona Serafina (que depois casou com o Duque de Escalona) fizessem o mesmo; e costumava dizer: (vendo que alguns Frades, que não tinhão tanta experiencia de sua muita devoção, ficavão como corridos, quando vião aos companheiros lhe offerecião tão poucas cousas) *Olhai, estimo tanto o que me trazeis, que me fa-*

reis

reis grande aggravo, se deixardes de fazelio. E com este contentamento, se o presente era de fruta, mettia logo alguma na boca, repartindo da outra com suas filhas.

7 Pudéra particularizar muitas obras de virtude, que fez, especialmente em o tempo de sua viuvez, em que perseverou depois da morte do Duque D. João seu marido: supposto que Filippe de Castella, tomando posse deste Reino, procurasse casar com esta Senhora, vendo a justiça, que tinha a elle, ella o não quiz aceitar, dizendo, que não trocava as memorias de hum João pelas vaidades de hum Filippe. Não refiro as sobreditas obras, porque alèm de pedirem estas mais tempo, não sou Chronista de todas ellas, senão da muita affeição, e devoção, que a nossos Religiosos tinha. Por respeito da qual nunca em toda sua vida quiz outros Confessores, senão os Frades desta Provincia, costume, que houve sempre em aquella Casa, pois desde que nossos Frades vierão a este Reino, todas as Senhoras Duquezas, e os mais dos Duques se confessárão com elles. Finalmente a devoção de Sua Alteza não se póde dizer com palavras, e assim bastará para remate desta dizer, que em quanto esteve enferma da ultima enfermidade, nunca consentio que outros Religiosos entrassem na Camera, onde estava, senão os nossos, que alli a estiverão acompanhando muitos dias, e noites, servindo-a no espiritual. Faleceo a quinze de Novembro do anno de 1614. e foi enterrada no nosso habito, como tambem foi o Duque D. João seu marido, e costumavão ir todos os Principes daquella Real Casa. Jaz no Coro debaixo, do Convento das Freiras das Chagas de Villa-Viçosa, onde as Senhoras Duquezas tem suas sepulturas.

8 A mesma razão, que tivemos para fallar, tratando da terceira fundação da Casa da Piedade, da Senhora Dona Catharina, temos tambem para dar noticia do Serenissimo Duque D. Theodosio seu filho; porque pondo em huma balança a devoção daquella Senhora, e a deste Principe, com difficuldade se poderá averiguar qual dellas exceda huma à outra. Foi o Duque Dom Theodosio, segundo do nome, e setimo dos que teve a Real Casa de Bragança, filho do Duque D. João, primeiro do nome, e da Senhora Dona Catharina, como dito he, e pelo conseguinte neto do Infante D. Duarte, e bisneto de El-Rei D. Manoel. Das virtudes

deste Sereniſſimo Principe, que forão muitas, veja-ſe Gaſpar Pinto Correa, no livro, que intitulou: *Lagrymas de Portugal em ſua morte*; que nós ſó referiremos o que toca a esta Hiſtoria; e ſe ainda aſſim parecer ao leitor que nos apartamos do fio della, por menor inconveniente teremos notarem-nos de faltarmos às leis de Hiſtoriador, que ao amor, e affeição, que devemos aos Senhores da Real Caſa de Bragança. Foi muito affeiçoado à gente virtuoſa, e aſſim reſpeitava tanto aos Religioſos, que mandando-os ſentar, quando o viſitavão, não lhes fallava, nem punha o chapeo na cabeça, atè que elles ſe cubrião. Aos desta Provincia teve tão particular amor, que diz o Author referido, que he incrivel a veneração, e benevolencia, com que os tratava. E aſſim lhe aconteceo algumas vezes na ſua Tapada, e em os noſſos Conventos ſervillos à meza com ſeus filhos, pondo-lhes nella as iguarias, e trinchando-lhas, couſa, que nunca fez, nem ainda a outros Religioſos. E prezava-ſe elle tanto desta devoção, que tinha aos ſeus Frades da Piedade, que encarecendo-a hum dia a certo Religioſo, e reſpondendo-lhe este, que não era muito que Sua Excellencia foſſe devoto noſſo, porque mamára esta devoção no leite: *Nos leites haveis de dizer* (replicou elle) *da Infante minha Senhora, e de Sua Alteza minha mãi, que me criárão na devoção de noſſos Frades: esta tiverão meus avós, e depreſente tenho eu, e meus filhos, e hão de ter todos os ſucceſſores desta Caſa.*

9 Em ſeu testamento huma das couſas, que mais encommendou ao Duque D. João ſeu filho, foi a Provincia da Piedade, o que elle bem cumprio, aſſim em quanto foi Duque, como depois ſendo Rei. Algumas vezes pelo decurſo do anno vinha jantar à noſſa Caſa da Piedade, ou ao Boſque de Borba, o que fazia na Communidade com todos os Religioſos, ſem conſentir que algum delles o ſerviſſe à meza, mandando para eſſe effeito ficar no Refeitorio hum de ſeus moços Fidalgos, e outro moço da Camera, que da cozinha lhe trouxeſſem os pratos. Nesta devoção ſe conſervou atè à morte, e mostrou-a mais na ultima enfermidade: aſſiſtio-lhe nesta os ultimos dezoito dias, que teve de vida, Fr. André de São Pedro do Sul, Provincial, que havia ſido da noſſa Provincia, a quem elle tinha rogado que o não deſamparaſſe naquelle tempo. Estando jà o Duque propinquo à morte, dizião alguns

guns que ainda tinha efperanças de vida: fe bem perfuadia o contrario a cuidadofa preparação, que tinha feito para efte tranfe; com tudo do que dizião tomou o fobredito Religiofo motivo para lhe dizer eftas palavras, eftando fó com elle: *Sereniffimo Senhor, já terá conhecido de mim Voffa Excellencia quanto eftimo os mimos, e mercês, que me tem feito, e que fatisfaço efta divida com particular amor, reconhecendo nelle o muito, que Voffa Excellencia me tem obrigado: em confiança do qual tomarei licença para lhe dizer o que os Medicos praticão. A enfermidade he perigofa, Voffa Excellencia eftá fraco:* daqui o não deixou paffar o Duque adiante, porque vendo-lhe correr as lagrymas, fem movimento de cores, nem alteração alguma, lhas quiz atalhar, e diffe: *Defde que me deitei nefta cama, tive por muito certo que me não havia de levantar della, e affim não faço conta da vida, nem fe me dá muito da morte: faça Deos noffo Senhor o que mais for feu fanto ferviço; porèm pois eftou neffes termos, lembro-lhe que nefte tempo fe vem os amigos, e affim lhe rogo me não defampare.*

10 Então lhe advertio o Religiofo que era tempo de lançar a benção ao Duque de Barcellos, feu primogenito, e aos mais Senhores, e defpedir-fe delles. Mandou-os chamar o Duque, e vendo-os diante de fi, lhes fallou nefta fórma: *Meus filhos, dizem que he tempo de me defpedir de vós, noffo Senhor fique comvofco: fempre vos amei como a meus filhos, e como de taes tratei de vós fempre, talvez não poderia mais, e fó Deos o fabe: elle vos dê aquella benção, que o Patriarca Jacob deo a feus filhos, e vos encha de fua graça. Servi a Deos, porque tendo a efte Senhor, nada vos faltará: onde eftiver, fempre me lembrarei de vós, e pedirei a Deos vos encaminhe, não por meus merecimentos, mas pelo que elle padeceo por nós, como vedes em aquella Cruz:* e apontou para hum Crucifixo de marfim, que pofto em hum Altar tinha diante. Lançou a benção ao Duque de Barcellos, e chegando logo o Senhor D. Duarte, filho fegundo, o Duque levantou os braços, e com elles a voz algum tanto lacrimofa, dizendo: *Meu Duarte, noffo Senhor te encaminhe por onde andares: Duque de Barcellos, encommendo-vos o meu Duarte.*

11 Depois do Duque lançar a benção aos dous fobreditos Senhores, e ao Senhor Dom Alexandre, terceiro filho, pondo os olhos no Guardião da Piedade, que junto de fi tinha, e então era Fr. Bento de Villa-

Vi-

Viçoſa, levantadas as mãos ao Ceo, diſſe eſtas formaes palavras: *Padre Guardião, peço-vos pelo amor de Deos me queirais dar hum habito de noſſo Padre São Franciſco, para meu corpo ſer amortalhado nelle, com que ſerei mui conſolado.* Grande deſengano de Eſtados, contentar-ſe com tão pouco em a morte, quem foi Senhor de tanto em a vida, e pedir agora hum pobre, e remendado habito, quem vindo Filippe a eſte Reino, e mandando-lhe, que pediſſe, reſpondeo, que tinhão os Reis ſeus avós repartido tão bem com a Caſa de Bragança, que lhe não ficava a elle couſa de novo que pedir. Chegou finalmente a morte, e foi couſa prodigioſa, que com a vida do Duque acabou huma véla benta, que tinha na mão, com que tinhão morrido os Duques de Bragança, ElRei Dom Manoel, o Infante D. Duarte, e a Senhora Dona Catharina. Tiverão-o então todos a fatal prognoſtico, e extinção daquella Caſa; porque eſtando ainda de baſtante grandeza, creſceo tanto a voracidade do fogo, que não deixou della nem ainda huma pequena reliquia. Foi ſua morte em vinte e nove de Novembro de 1630.

CAPITULO XLIII.

Elege-ſe o trigeſimo Miniſtro Provincial: favorece noſſo Padre S. Franciſco a hum ſeu devoto.

1 VInte dias, de mais dos trez annos, teve Fr. Simão de Aveiro o governo da Provincia, no fim dos quaes celebrou Capitulo Provincial em Santo Antonio dos Olivaes de Coimbra a quatorze dias de Agoſto, veſpera da Aſſumpção da Senhora do anno de 1607. Fez os gaſtos delle o Biſpo daquella Cidade D. Affonſo de Caſtello-branco, o qual, aſſim pela grande devoção, que nos tinha, como por ſua natural liberalidade, aſſiſtio a tudo com grande abundancia. Preſidio nelle o Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral Fr. Pedro Gonſalves de Mendoça: ſahio eleito em Miniſtro Provincial, que foi em ordem dos que a Provincia teve o trigeſimo, Fr. Pedro de Penalva, o mais famoſo Prégador que o Reino teve em ſeu tempo. Foi homem, em quem a natureza ſe eſmerou para o fazer perfeitiſſimo em eſta graça, e aſſim ninguem o via prégando, que lhe não ficaſſe grandemente affeiçoado. Huma Quareſma, que foi a do anno de 1612. que prégou em Coimbra,

16

Fr. P de Pe va, P vincia

bra, a Univerſidade ſe deſpovoava por ouvillo, e acontecia levantarem-ſe muitas peſſoas de madrugada no dia, em que elle havia de prégar, para irem tomar lugar na Igreja, porque quando amanhecia, jà todos com cadeiras eſtavão occupados. A meſma graça tinha fallando, e communicando com as peſſoas, e era tão prudente em ſuas praticas, e reprehensões, que caſtigando no tempo, que foi Miniſtro Provincial aos Religioſos, de quem ſabia alguns defeitos, por leves que foſſem, não houve algum, que ſe queixaſſe delle. Antes de ſer Provincial, ſendo actual Guardião do Boſque de Borba, e juntamente Cuſtodio da Provincia, foi por commiſsão de Fr. Pedro Gonçalves de Mendoça, Commiſſario Geral deſta Familia, viſitar a ſanta Provincia da Arrabida. Depois do ſeu Provincialato no anno de 1611. foi por Viſitador da ſanta Provincia de S. Gabriel, donde veio para Santo Antonio dos Olivaes de Coimbra, e alli faleceo aos vinte e trez de Abril de 1612. Neſte Capitulo, em que Fr. Pedro ſahio Miniſtro, ſahírão por Definidores Fr. Giraldo de Braga, Fr. Sebaſtião de Amarante, Fr. Franciſco de Villa-Real Fr. João do Porto, e por Cuſtodio Fr. João da Guarda, Prégador. Fez eſte Provincial a ſua Congregação no Sardoal a quatorze de Janeiro de 1608.

2 No tempo, que os Vogaes eſtavão congregados em Coimbra, fez Deos noſſo Senhor por merecimentos de noſſo Padre S. Franciſco duas ſignaladas mercês em Braga a hum ſingular devoto do Seraſico Patriarca. Era eſte hum Conego daquella Igreja, chamado Franciſco da Coſta, de quem jà fallamos neſta Hiſtoria, e fallaremos ao diante: o qual tinha huma ſobrinha no termo de Braga, a quem era mui afeiçoado: permittio o Senhor por ſeus ſecretos Juizos, que o demonio entraſſe nella, ainda que a não habitava de continuo. Vinha porèm muitas vezes, fazendo-lhe dizer couſas dignas de admiração; fazia nella grande eſtrago, porque a deixava mui atormentada, e afflicta, e nas couſas de ſua caſa grande damno, quebrando-lhe a louça, e tudo o mais que podia. Tardou algum tempo em huma occaſião, de maneira, que tiverão para ſi que a deixava, e com iſto a pobre mulher, e parentes, que de continuo a encommendavão a Deos, e fazião orações por ella, cuidando que Deos os ouvíra, eſtavão contentiſſimos, e alegres. Tornou o inimigo a entrar nella hum Domingo, fez-lhe todo o mal,

o mal, que coſtumava, e indo-ſe, lhe diſſe que não tornaria a vir ſenão na quinta feira ſeguinte. Ficou a mulher mui atormentada, e receoſa do que o demonio diſſera ao deſpedirſe, e logo hum irmão ſeu Sacerdote, que morava na meſma caſa, ſe partio para Braga cheio de deſgoſto, e ſentimento, ſignificando ao tio a triſteza, com que vinha, e o que lhe tinha acontecido.

3 O Conego na hora, que o ſobrinho chegou, eſtava ceando; e deixada a comida, a pé, ſem mais acompanhamento, com poucos criados, ſe veio a S. Fructuoſo, encarecendo aos Frades a affiicção, em que eſtava, pedindo ao Preſidente (que então era Fr. Manoel de Chaves, e governava a Caſa em auſencia do Guardião della Frei João do Porto, que eſtava em o Capitulo, que ſe celebrava em Coimbra, onde ſahio Definidor, como jà diſſemos) mandaſſe ao outro dia celebrar por ſua tenção, e encommendaſſe aos Coriſtas, e Noviços pediſſem a Deos por meio, e interceſsão de noſſo Serafico Padre S. Franciſco, houveſſe piedade daquella ſua creatura; e pois a criára para ſi, não permittiſſe que o inimigo tomaſſe poſſe della. Era jà tão tarde quando o Conego ſe foi, que não houve lugar para mais, que chamar o Preſidente ſeus diſcipulos, e mandallos diante do Santiſſimo Sacramento pedir o effeito deſte negocio, e ao Serafico Padre lhe valeſſe neſta neceſſidade, intercedendo pelo ſeu devoto. Feita eſta diligencia com o maior fervor, e devoção, que foi poſſivel, e encommendado o meſmo a toda a Communidade, que toda eſtava ſentida do deſgoſto do Conego, dita ao outro dia huma Miſſa por ſua tenção, o demonio, que tinha promettido que não tornaria ſenão à quinta feira ſeguinte, veio hum, ou dous dias antes. Tudo o que ſe havia paſſado em São Fructuoſo, que ninguem ſabia, ſenão Deos, e os Religioſos, relatou inteiramente, e que os Frades pedírão a Deos, que não permittiſſe ter elle poder naquella creatura ſua, e que o Senhor, ouvindo os rogos de ſeus ſervos, lhe mandava que ſe foſſe, e não tornaſſe mais. Accreſcentou o demonio, que o Conego ſoubera muito, que com o bocado na boca, e a pé, fora a S. Fructuoſo fazer aquella ſúpplica aos Frades. Ficou a pobre mulher livre daquelle tormento, não ceſſando de dar a Deos as graças por tão ſignalada mercê, e a noſſo Padre S. Franciſco, por cujos merecimentos, e interceſsão a tinha recebido.

4 Ou-

4 Outro caſo prodigioſo referiremos, que ſuccedeo ao meſmo Conego, para que ſe veja quão bem paga o Serafico Patriarca a ſeus devotos. Tinha elle em Roma negocios de muita importancia: mandava para expediente delles dinheiro por meio de hum Banqueiro do Porto, e para o levar a eſte, tinha hum homem ſeu conhecido, e familiar, a quem por larga experiencia julgava por mui fiel. Aconteceo mandallo chamar em huma noite, e encommendar-lhe que ſe fizeſſe preſtes para levar ao outro dia duzentos mil reis ao Porto. Fello elle aſſim, e havendo de tomar o caminho para o Porto, o tomou para Galliza, com intento de furtar o dinheiro, que lhe fora entregue. Andadas duas, ou trez leguas, não ſe podia mover, nem caminhar, e parecia-lhe que havia quem lhe impedia o caminho, e o não deixava ir a diante. Gaſtou neſta ſua determinação alguns trez dias, ſem ſe poder aventajar na jornada, de maneira, que jà o Conego entrava em deſconfiança, vendo que elle não vinha no tempo, que coſtumava. Em a noite ſeguinte repreſentou-ſe em ſonhos a hum Religioſo da Companhia, que hum devoto de noſſo Padre S. Franciſco padecia huma grande tribulação, por hum furto, que lhe fazião, e que o Santo Padre ſe punha diante do miſeravel homem, que hia fugindo, e com as mãos eſtendidas o detinha, dizendo-lhe: *Tem-te, tem-te.*

5 Deſperto o Religioſo, e cuidando no que ſonhára, conſiderou comſigo, que devoto poderia ſer aquelle: veio-lhe à memoria, que devia ſer o Conego Franciſco da Coſta, pois outro mais affeiçoado ao Santo, nem que mais ſe ſignalaſſe em ſeu ſerviço, não o havia naquella terra. Com eſte penſamento aviſou ao Conego do que paſſava, e a diligencia, que o Serafico Patriarca fazia, para o livrar daquella perda. Advertio então o Conego no que podia ſer, e entendendo o ſoccorro, que do Ceo lhe vinha, mandou no alcance do pobre, que ſe queria fazer rico à conta do dinheiro alheio, ao qual achárão andadas as leguas, que temos dito, gaſtados do dinheiro alguns poucos toſtões. Confeſſou ao depois que diante de ſi ſentia, quem lhe fazia notavel impedimento, e força; com que não pudéra ſeguir o effeito, que pertendia. Contava o Conego eſte ſucceſſo com grande goſto, fazendo muito caſo de haver quem houveſſe ſonhado, que elle era devoto de noſſo Serafico Padre S. Franciſco, julgando-ſe por indigno de

tão grande bem, e mercê do Ceo.

CAPITULO XLIV.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Beja.

1609 1 Está Beja (Cidade nobre, e antiga no Arcebispado de Evora) situada no alto de hum cabeço, tão falto de aguas, que em todo elle não ha fonte, que corra; por cuja causa a gente da Cidade se aproveita de alguns poços, que ficão fóra della. Por esta razão não acabavão nossos Frades de aceitarem huma Casa, que nesta Cidade se lhes offerecia: que como he inconveniente grande faltar a horta em a cerca de Religiosos, que tem a maior parte do anno de jejum, não era possivel haver esta, faltando agua, com que se regasse. Vinte annos havia que os moradores desta Cidade pedião a nossos Frades aceitassem a fundação, sem que em todo este tempo pudessem alcançar outra cousa mais, que mandar hum Provincial alguns Religiosos, que fossem àquella Cidade buscar sitio accommodado a nosso modo de viver. Forão elles, e com a informação, que derão, se poz por então silencio no que aquella devota Cidade procurava com grande instancia, e perseverança.

2 Mas como Deos para serviço seu queria satisfazer à devoção, e necessidade espiritual daquella gente, moveo-lhe de novo os corações, para que tornassem a fazer muito maior instancia. Foi isto em tempo, que era Ministro Provincial Frei Simão de Aveiro, o qual propondo a nova súpplica diante dos Definidores, e Padres da Provincia, que se ajuntárão na Congregação, que celebrou em o Convento de nosso Padre São Francisco da Cidade de Elvas, *Dominica in Passione*, aos doze dias do mez de Março do anno de 1606. todos forão de parecer, que se aceitasse. Em cumprimento do que se tinha assentado, mandou logo o dito Ministro alguns Religiosos, que fossem àquella Cidade, e tomassem posse do sitio, que melhor lhes parecesse, que assim o offerecião os moradores della. Estiverão dentro da Cidade recolhidos em humas casas particulares alguns tempos, atè se determinarem que sitio havião de tomar para o novo Convento, no qual se lançou a primeira pedra a quatorze de Junho, dia então celebre, pela festa da Santissima Trindade, que se solemnizava nelle, do anno de 1609. sendo Ministro Provincial Fr. Pedro de Penal-

va.

va. Ultimamente no anno de 1611. em o ultimo dia de Julho ſe celebrou a dedicação da Igreja, e primeira Miſſa, paſſando-ſe para o novo Convento os Religioſos das Caſas da Cidade, onde atè então eſtiverão.

3 Do ſitio do Convento nenhum bem ſe póde dizer, mais que dizerem os que o eſcolhêrão, que ſe não pode achar melhor, por não os haver bons na terra, que pela maior parte he ſeca, como temos dito. Fica eſte no meio da eſtrada, que vai para Evora, junto a huma Ermida de S. Sebaſtião, mui frequentada de gente, que alli vai em romaria, em cumprimento de votos, que fazem ao Euangeliſta S. Marcos, cuja Imagem eſtá nella reſplandecendo com muitos milagres, ainda que jà neſtes tempos a tibieza da devoção tem feito ao Santo apertar a mão nas muitas maravilhas, que alli fazia. Forão-ſe as obras continuando com eſmolas, que o povo offerecia, e outras, que de diverſas partes ſe applicavão para eſte effeito, como foi huma do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio, ſegundo do nome, de duzentos cruzados: outros duzentos deo Alvaro de Miranda, Fidalgo principal, e bemfeitor noſſo da Cidade de Evora. Para a Capella da Igreja, de que os fizerão Padroeiros, applicárão trezentos mil reis Pedro Affonſo de Aguiar, e ſua mulher Dona Maria de Almeida, Fidalgos principaes da meſma Cidade, promettendo dar os ornamentos neceſſarios, como ſempre fizerão em ſua vida, alèm de outras muitas, e grandes eſmolas, que fazião aos Religioſos. Para ſe remediar em parte a falta de agua, que no ſitio havia, ſe fez huma formoſa, e capaz ciſterna, para cuja obra deo a Camera duzentos cruzados, com Proviſão de Sua Mageſtade, e dá todos os annos certa eſmola para a veſtiaria, e ſuſtentação dos Religioſos alli moradores, que são ordinariamente dezeſeis atè dezoito.

CAPITULO XLV.

Eleição do trigeſimo-primo Miniſtro Provincial, e de hum Religioſo, que acabou em ſeu triennio com fama de ſantidade.

1 Concluido o triennio do Miniſtro Provincial Fr. Pedro de Penalva, celebrou-ſe Capitulo em a noſſa Caſa de Santo Antonio de Evora aos dez de Julho do anno de 1610. Fizerão os gaſtos delle com particular devoção, e abundancia D. Antonio 1610

de Mello, e ſua mulher Dona Franciſca, Fidalgos nobiliſſimos naquella Cidade, e particulares devotos deſta noſſa Provincia. Preſidio no Capitulo o Reverendiſſimo Padre Frei Diogo Ordones, que depois morreo Biſpo de Salamanca, e então era Vice-Commiſſario Geral da noſſa Ordem, por renuncia do Commiſſario Geral da Familia Fr. Pedro Gonçalves de Mendoça. Sahio eleito em Miniſtro Provincial Frei João do Porto, Prégador, que acabava de ſer Definidor, e foi o Miniſtro trinta e hum dos que eſta Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Gaſpar de Lisboa, Fr. Leão de Braga, Fr. Luiz de Covilhã, Prégador, e Fr. João da Guarda, Prégador, e por Cuſtodio para o futuro Capitulo Geral Fr. Pedro de Penalva, que acabava de Miniſtro. Tornou-ſe a receber neſte Capitulo a Caſa de Valverde, que noſſos Frades tinhão deixado em tempo do Senhor Dom Alexandre Arcebiſpo de Evora, e agora a petição do Arcebiſpo ſeu ſucceſſor Dom Diogo de Souſa, devotiſſimo particular deſta Provincia, ſe tornou a receber com tal condição, que o dito Arcebiſpo a mandaſſe reformar, aſſim de edificios, como de alfaias.

Fr. João do Porto, Prégador, Provincial 31.

2 Celebrou eſte Miniſtro Fr. João do Porto ſua Congregação na Piedade de Villa-Viçoſa aos vinte e hum dias de Outubro de 1611. em que preſidio o Padre Fr. Diogo Barraças, actual Guardião no Convento de Alcalá da ſanta Provincia de Caſtella, Commiſſario ſobre as Provincias deſte Reino pelo Padre Vice-Commiſſario Geral deſta Familia Ciſmontana. E porque em o anno ſeguinte depois deſta Congregação, que foi o de 1612. ſe havia de celebrar Capitulo Geral em Roma, a que havião de ir como Vogaes que erão, o Miniſtro, e Cuſtodio, fez-ſe eleição de Commiſſario Provincial em a peſſoa de Fr. João da Guarda Definidor. Porèm nenhuma deſtas couſas chegou a ter effeito, porque no tempo, que o Miniſtro, e Cuſtodio havião de partir para o Capitulo, enfermárão gravemente, de que o Cuſtodio morreo em breves dias, e o Miniſtro teve huma doença dilatada; mandou porèm em ſeu lugar a Roma Fr. Pedro de Lordello, que o acompanhava. Depois que acabou o officio de Provincial, foi Frei João do Porto Commiſſario Viſitador da ſanta Provincia da Arrabida, por commiſsão do Reverendiſſimo Padre Geral Fr. Antonio de Trejo, Vigario Geral da noſſa Ordem.

3 No triennio deſte Miniſtro Provincial deſcançou em o Se-

o Senhor Fr. Antonio de Eſtremoz, chamado o Manſo, por ſua muita brandura, e manſidão, tanto, que nunca jàmais o vírão agaſtado, nem lhe ouvírão palavra, em que o moſtraſſe: todas quantas dizia erão muito conſideradas, neceſſarias, e proveitoſas, porque todas ellas erão ordenadas, ou a couſas, que não podião deixar de dizer-ſe, ou a couſas eſpirituaes, de que elle tinha eſpecial graça. Tomou o habito de noſſo Padre S. Franciſco entre os Clauſtraes, onde fez profiſsão, e viveo alguns poucos annos, e quando de todo ſe extinguio a Cuſtodia, chamada do Porto, que neſte Reino, a diligencia do Reverendiſſimo Geral da Ordem, o Padre Gonzaga, pelos annos do Senhor 1580. veio Fr. Antonio para eſta Provincia, na qual viveo muitos annos com grande opinião de ſantidade. Nunca ſe vio em ſua boca palavra, que tocaſſe a murmuração, nem ſe via em ſuas obras couſa, que ſe pudeſſe imputar a culpa: e com ſer tão regulado, aſſim nas obras, como nas palavras, todos os dias ſe confeſſava, e não havia de offerecer a Deos o ſoberano ſacrificio da Miſſa, ſem que precedeſſe o Sacramento da Confiſsão. Nem he para eſquecer o agradecimento, que ao Confeſſor moſtrava, pelo trabalho, que com elle tinha, pois tanto que recebia o beneficio da abſolvição, indo o Confeſſor para ſe levantar, dizia: *Eſperai, irmão, que quero por voſſa tenção rezar huma Ave Maria*, e logo de joelhos, como eſtava, lha rezava em voz intelligivel mui devotamente.

4 Teve eſte ſervo de Deos hum zelo particular da ſalvação das almas; deſejava a eſte fim enſinar, e doutrinar a todos, e por eſta cauſa a quantas peſſoas encontrava fóra de caſa, ou dentro nella, principalmente andando caminhos, lhe mandava dizer as orações, e perguntava pela doutrina Chriſtã. Não reſpeitava neſte particular a grandes, nem a pequenos, ſabios, ou ignorantes, a todos geralmente tratava por hum modo, e com tanto eſpirito, e fervor lhe dizia: *Ponde-vos de joelhos, e dizei-me aqui as obrigações de Chriſtão*, que ninguem ouſava fazer o contrario, e todos lhe obedecião, e de boamente recebião ſua doutrina. Só hum caſo deſtes contarei, para que ſe veja o eſpirito, que moſtrava em os outros todos. No tempo, que eſte ſervo de Deos morava em Azurára, veio a eſta Villa hum Deſembargador de S. Mageſtade com alçada ſobre alguns caſos, que nella tinhão acon-

te-

tecido : ſuccedeo que ſahindo Fr. Antonio da Portaria para fóra, encontrou hum pouco alèm della o Deſembargador, acompanhado dos ſeus, e outra muita gente : e porque o não conhecia, chegando-ſe a elle, perguntou-lhe: *Sois vós o Deſembargador, que vindes a eſta terra por mandado de Sua Mageſtade?* E dizendo-lhe que ſim, continuou elle, mandando-o primeiro pôr de joelhos: *Pois adverti, Senhor, que de quantas couſas fizerdes haveis de dar a Deos eſtreita conta, porque vos ha de ſer pedida com rigor no dia do Juizo. E ſe o poder, que tendes do Rei da terra para devaçar, e caſtigar os malfeitores, vos dá licença que o façais de muitos, o que a Deos deveis, e a voſſa conſciencia vos obriga que façais tudo com muita conſideração, e juſtiça.* Finalmente com eſtas, e outras ſemelhantes palavras lhe fez hum breve ſermão, tal, qual naquella occaſião convinha, a que todos os ouvintes eſtavão admirados, e o meſmo Deſembargador ficou tão fóra de ſi, que chegando à Portaria, perguntou ao Porteiro, ſobreſaltado : *Padre, quem he aquelle Frade, que alli agora fallou comigo, que nunca vi homem ſemelhante : repreſentava-ſe-me que ouvia fallar hum Anjo, tal era ſeu eſpirito: e elle o deve ſer na vida, e pureza de conſciencia.* Dizia Laercio Filoſofo antigo, que são as palavras dos homens eſpelhos, em que os vemos, ſobre-eſcritos do coração, e roſtos pintados, por onde ſe conhecem : e na verdade diſſe bem, porque não ha ſinal mais certo para ſe conhecerem os homens, que ſuas palavras. Por eſtas conheceo o ſobredito Miniſtro a Fr. Antonio, julgando-o por Frade ſanto, ſem outra alguma noticia, que delle tiveſſe, mais que ouvillo fallar. Com eſta opinião paſſou da vida preſente em o Convento de noſſa Senhora dos Anjos da Villa de Azurára, padecendo primeiro huma grave enfermidade de hidropiſia, por meio da qual o chamou Deos para os prazeres da vida eterna, ouvindo-lhe dizer os Frades, antes que morreſſe, algumas palavras, de que ſe preſumio quão perfeitamente tinha guardado o voto de Caſtidade todos os dias de ſua vida.

CAPITULO XLVI.

Religioſa vida do ſervo de Deos Fr. Franciſco de Eſpoſende.

1 ENtre os muitos, e perfeitos Religioſos, que neſta Provincia florecêrão, tem eminente lugar Frei Franciſco de Eſpoſende, Frade lei-

leigo, claro por virtudes, maravilhoſo em penitencias, raro em vigilias, e oração mental, e finalmente ſingular em todo o genero de perfeição. Foi eſte Religioſo natural de Eſpoſende, Villa entre Douro, e Minho, trez leguas de Barcellos para a parte do mar, e ſituada muito perto delle: por cuja cauſa quaſi todos os naturaes daquella terra são mareantes, homens, cuja vida he andar no mar, fazendo ſuas navegações para diverſas partes. Aqui pois naſceo Fr. Franciſco, e ſe criou atè idade, em que pode aprender letras humanas. Deſejoſos ſeus pais de o verem verſado nellas, o mandárão eſtudar a Braga os primeiros principios da Latinidade: fello elle aſſim, e em pouco tempo ſe fez arrazoado Latino, entre todos os ſeus condiſcipulos. Com iſto pudéra o mancebo Franciſco paſſar mais adiante; mas como noſſa humana natureza ſempre ſe inclina mais às couſas da primeira criação, havendo-ſe Fr. Franciſco criado em o mar, o mar chamou por elle: deixou Braga, onde eſtudava, e voltou à ſua terra, e accommodando ſua vida aos trabalhos della, fezſe mareante, e começou a fazer ſuas jornadas.

2 Diſcorreo por diverſas terras, como coſtumão fazer os homens de ſemelhante vida, e trato; foi ao Brazil, eſteve em Angola, aportou em outras Ilhas diverſas, e eſtranhas. Porèm vendo quão pouco ſegura era aquella vida, aſſim para o corpo, como para a alma, reſolveo-ſe em deixar pelo trato do Ceo, o da terra; e como outro Pedro deixou barcos, e redes, e quanto tinha por ſeguir a Chriſto. Pareceo-lhe que neſta Provincia o podia fazer mais perfeitamente, pela noticia que tinha da perfeição, com que nella a Deos ſe ſerve. Pedio o habito; e ſuppoſto que pudéra ſer do Coro, e Sacerdote, por ſer, como jà diſſe, bom Latino, era tal o eſpirito de humildade, que trazia, e em que perſeverou atè a hora da morte, que não quiz ſenão ſer Frade leigo. Eſte humilde eſtado abraçou Fr. Franciſco com tão vivos, e efficazes deſejos de ſeguir a Jeſus Chriſto, que foi huma eſtampa viva, e hum retrato dos mais perfeitos Religioſos, que a Ordem teve. A todas as couſas da caſa, onde morava, acudia com grande promptidão, e diligencia, ainda àquellas, que eſtavão à conta alheia, como ſe à ſua eſtiverão todas. Quando actualmente não era Cozinheiro, nem por iſſo deixava de acudir às couſas de trabalho, que na cozinha havia, e principalmente nas oc-

occasiões, que o havia maior, onde elle para si o queria tomar todo. O mesmo costume tinha geralmente em fazer todos os officios de humildade: queria ser nelles sempre o primeiro, para que no merecimento lhe coubesse a maior parte.

3 No seu officio da horta era muito diligente, e curioso: toda a tinha ordinariamente cercada de diversas flores, e boninas, tão bellas, e formosas, que era para louvar a Deos, fim que o santo Fr. Francisco nisto pertendia. Nas festas principaes, em que he costume da Provincia (em lugár das armações de seda, que outros usão) ornar a Igreja com ramos, e flores, Fr. Francisco (tirando com esta diligencia ao Sacristão de cuidado) tomava à sua conta trazellos da cerca, e depois de os trazer para a Sacristia, se o não querião deixar fazer só tudo pelo menos havião de admittillo por companheiro, atè se dar fim de todo ao trabalho. Mas nem por se entregar tanto ao corporal, se descuidava hum só ponto do espirito, e oração mental, na qual foi tão continuo, e fervoroso, que por ella subio a mui alto gráo de vida contemplativa. Gastava ordinariamente neste exercicio a noite quasi toda, porque tomando della para repousar muito poucas horas, todo o mais tempo gastava contemplando os Divinos Mysterios, ou no Coro, ou na Igreja diante do Santissimo Sacramento. Nestes lugares, e no tempo, que os outros se recolhião, foi visto muitas vezes de alguns Frades, que o espreitavão, derramar muitas lagrymas, misturadas com huns gemidos, e suspiros tão saudosos, que causavão notavel devoção, e ternura de espirito a quem os ouvia. Em outras occasiões, e neste mesmo tempo o achavão de joelhos na Igreja, com as mãos levantadas, a cabeça hum pouco inclinada, tão quieto, suspenso, e elevado em Deos, que nem com os olhos fazia algum movimento, nem dava razão dos que entravão, e sahião: a tudo parecia que estava morto, ou em extase mental: tal era a quietação, com que orava, tal o fervor de seu grande espirito.

4 Para gozar desta graça de contemplação, que o misericordioso Deos lhe tinha communicado, pedia com muita humildade aos Prelados o escusassem do officio de Porteiro, por ser algum tanto occupado, o que elles facilmente concedião, conhecendo que tirar a Fr. Francisco da oração era tirallo de seu centro. Suas praticas com os Religiosos de

Ca-

Casa, sempre erão tocantes ao espirito, repetindo ordinariamente estas palavras: *Tudo se acaba, irmãos, tudo se acaba.* Era tão grande a força de espirito, com que as proferia, que os Religiosos ficavão compungidos, parecendo-lhes que as ouvião dizer a hum S. Paulo. Fallando com os seculares, a mesma graça tinha, e tão altamente lhes tratava de Deos, e das cousas, que pertencião à salvação de suas almas, que ainda aos muito doutos punha espanto. Por este respeito lhe foi mui affeiçoada a Senhora Dona Catharina Duqueza de Bragança, a qual como foi tão espiritual, solicita da salvação de sua alma, e inclinada a gente virtuosa, gostava tanto da conversação do santo Fr. Francisco, que muito a meudo fallava com elle horas inteiras, e a sua petição esteve seis annos morador em a Casa do Bosque, e na da Piedade de Villa-Viçosa.

CAPITULO XLVII.

Do grande zelo da honra de Deos, que teve Fr. Francisco.

1 TÃo annexo, e avinculado anda à virtude o zelo da honra de Deos, que nenhuma cousa atormenta mais aos virtuosos, que verem a Deos offendido, e blasfemado, devendo ser louvado, e servido. De si dizia S. Gregorio Nazianzeno, [a] que muitas vezes se via cheio de ira, e tristeza, vendo desprezado a seu Senhor Jesus Christo daquelles mesmos, que devião louvallo, e engrandecello. Commum he este zelo em os servos de Deos, e com particularidade resplandeceo em o nosso Fr. Francisco: não lhe soffria seu espirito afervorado ver offensas commettidas contra este Senhor, sem acudir pela honra, que lhe he tão devida, como lhe aconteceo por varias vezes em diversas partes, de que referirei as mais notorias.

[a] D. Gregor. Nazianz. Orat. 31.

2 Sendo morador em o Convento de nosso Padre São Francisco de Elvas, vierão a elle huma tarde alguns Fidalgos, naturaes da terra, por causa de recreação, como costumão, dos quaes huns tinhão o habito de Christo, e outros o de S. João de Malta. Discorrendo huns, e outros pela cerca, succedeo lançarem alguns juramentos: Fr. Francisco, que neste tempo estava na horta, occupado com as cousas de seu officio de hortelão, apenas os ouvio, encaminhou para elles, e com grande zelo, e igual brandura lhes disse estas palavras: *Se vossas mercês, que se honrão dessa Cruz,* (apontando

do para a que trazião no peito) *e mais particularmente tem por obrigação de ſeu habito, e profiſsão, pôr a vida pela honra deſta Cruz, e Fé de Jeſus Chriſto, são os que aſſim o arraſtrão por terra, e pizão com eſſes juramentos inconſiderados, que ſe póde eſperar que fação os outros? Ah Senhores, advirtão que quanto são mais nobres, e eſtão em lugar mais levantado, mais devem a Deos noſſo Senhor, e maior obrigação tem tambem de não offendello.* Ditas eſtas palavras, voltou com grande quietação, e ſoſſego a ſeu exercicio, e os Fidalgos ficárão convencidos, e edificados do zelo, que nellas moſtrára aquelle Religioſo, a quem dalli em diante tratárão com mais veneração, e reſpeito.

3 Indo outra vez caminho da meſma Cidade pedir eſmola, acaſo encontrou dous homens brigando, hum dos quaes ſe arremeçou apôs o outro com hum dardo feito para o matar. Foi-ſe a elle Fr. Franciſco, pedindo-lhe deſiſtiſſe de ſeu máo intento. E como o homem cego de colera não quizeſſe ceſſar de ſua furia, o ſervo de Deos ſe lhe atraveſſou diante, proſtrado todo com os braços eſtendidos, e boca por terra, dizendo: *Pelas Chagas de Jeſus crucificado te peço, irmão, não offendas a teu Creador, nem queiras tirar a vida a eſſe homem.* Tal efficacia poz Deos neſtas ſimplices palavras de ſeu ſervo, que o aggreſſor, eſtando feito hum Leão de paixão, e colera, deitou o dardo no chão, com que hia jà apontando para fazer tiro, e ſubitamente, como ſe fora hum cordeiro, diſſe com muita humildade a Fr. Franciſco: *Levante-ſe, Padre, que eu quero pelo amor de Deos perdoar a eſſe homem: jà não quero nada delle, eu lhe perdoo.* Neſta fórma moſtrava o ſervo de Deos o zelo, que de ſua honra tinha, acudindo a eſtorvar, quanto em ſi era, as offenſas, que os homens lhe fazião.

4 Em companhia do Guardião foi huma vez Fr. Franciſco na meſma Cidade a caſa de hum daquelles Fidalgos, que na horta tinha reprehendido dos juramentos, que lhe ouvíra: no diſcurſo da pratica fez o Fidalgo queixa ao Guardião do Prégador do Convento, dizendo que fallava mui ſolto em o pulpito, e era demaziado em reprehender, dando nota das peſſoas. O Guardião com brandura ſatisfez a eſta queixa, dizendo que aviſaria ao Prégador, e que no que foſſe demaziado haveria emenda. Frei Franciſco notou bem as palavras, e depois que o Guardião acabou de fazer ſua viſita, pedin-

dindo-lhe licença para dar àquelle Fidalgo huma palavra, apartando-se com elle, lhe disse: *Estou maravilhado, que vossa mercê dê queixas do Prégador em materia de seu officio, fazendo elle o que deve, e o que conforme Deos está obrigado. Eu venho muitas vezes aos Sermões em sua companhia, ouço o que diz, e vejo que he Prégador Apostolico, e verdadeiro: mas a verdade he, que vossas mercês querem viver como he seu gosto, e não querem que o Prégador faça seu officio, nem lhes diga o que he necessario para sua salvação.* Nesta conformidade lhe foi fazendo hum breve Sermão, que veio a ser de mais proveito ao Fidalgo, que quantos no pulpito tinha ouvido. Despedírão-se por então, e passados alguns dias, encontrando-se ambos, lhe disse o Fidalgo: *Padre Fr. Francisco, considerei naquellas palavras, que Vossa Reverencia me disse, e acho que tem muita razão: a verdade he, que eu, e os outros somos máos, e o Padre Prégador faz seu officio.* Igualmente reprehendia o servo de Deos a todos, sem que seu abrazado zelo fizesse excepção de pessoas; e como suas reprehensões vinhão sempre acompanhadas de huma natural brandura, de que foi dotado, ajudado da Divina graça, veio a fazer conversões maravilhosas.

CAPITULO XLVIII.

Como o demonio procura estorvar a Fr. Francisco de seus santos exercicios.

1 NÃo podia soffrer o demonio, como capital inimigo do genero humano, que em o humilde sujeito de Fr. Francisco de Espose nde estivesse depositada tanta santidade; procurava com todo o cuidado perseguillo, e estorvallo em seus virtuosos exercicios, principalmente no da oração, que erão as armas, com que lhe fazia maior guerra. Teve com elles muitos, e diversos encontros, mas de todos sahia vencedor o servo de Deos, ajudado da Divina graça. Destes nos não ficou individual noticia, mais que a que nos deixou o mesmo servo de Deos, contando-os de terceira pessoa para exemplo, e depois por evidentes conjecturas se veio a entender que a elle tinhão succedido. Achou huma vez Fr. Francisco a dous Religiosos mancebos na cozinha rindo, e zombando ociosamente; e como elle não sómente se abstivesse de fallar palavras ociosas, mas tambem lhe aborrecesse ouvillas, com sua costumada efficacia de espirito, e com modestia os reprehendeo, dizendo: *Bem certo he, irmãos,*

que vos não lembrais da estreita conta, que haveis de dar a Deos das palavras ociosas. Ah quão enganados nos havemos de achar em o outro mundo, quando diante do justo Juiz formos pelo inimigo accusados! Pois he certo que alli nos ha de fazer cargo das minimas palavras, que dizemos, que nenhuma dellas lhe cahe em o chão, que não tenha bem notada, e presente para nos accusar. Para prova do qual vos quero referir o que aconteceo não ha muito tempo a hum Religioso desta Provincia.

2 *Estava elle huma noite orando ao canto de huma Igreja das dez para as onze, quando de repente vê ante seus olhos dous mancebos, os quaes lhe disserão: Que fazes aqui? Vai-te para a cella, que não estás bem neste lugar a estas horas. Aonde posso eu estar melhor,* (lhe respondeo aquelle Religioso) *que diante de meu Senhor Jesus Christo. Mas vossas mercês, que assim me fallão, por onde entrárão em esta Igreja? Pela porta.* (disserão elles) *Jà que a porta ficou aberta,* (replicou o Religioso) *vou avisar ao Porteiro, para que a feche. Levantando-se para sahir dalli, disse hum daquelles mancebos para o outro. Demos-lhe a este muito açoute. Não lhe demos,* (disse o segundo) *mas deixai-me com elle. Lembra-te do que fizeste estando no mundo em tal parte, em tal lugar, e em tal tempo? E assim lhe foi descubrindo quantos peccados no mundo tinha feito.*

3 *Por remate de tudo converteo a pratica a materia de mulheres, trazendo-lhe algumas à memoria, e dizendo-lhe, que o ajudarião a poder haver quanto quizesse dellas. Depois que nisto se mostrou importuno, accrescentou, dizendo: Consentes nisto que te digo? E aquelle servo de Deos pasmado de ouvir taes cousas a pessoas, que não conhecia, sentindo a tentação, disse: Jesus, nome de Jesus, Deos me livre de vós-outros; e dizendo estas palavras, desapparecêrão os dous demonios, resolvendo-se em hum fumo de máo cheiro. O que vendo aquelle Religioso, ficou em terra amortecido, e alli esteve mais de meia hora naquella fórma; mas tornando depois a seu sentido, não vio ninguem: e querendo saber se estava aberta a porta da Igreja, por onde disserão, que tinhão entrado, a achou fechada, como sempre costuma estar a semelhantes horas. Deo logo muitas graças a Deos pelo haver livrado daquelle engano; e recolhendo-se para a cella, por ser jà perto das Matinas, encontrou hum Frade na varanda, que se tinha levantado para ir a ellas, o qual lhe disse: Donde vindes, irmão, que vin-*

vindes cheirando a chamuſco? A iſto não reſpondeo a propoſito o Religioſo, a quem o caſo referido aconteceo.

4 *Mas daqui podeis ver, irmãos, como os demonios noſſos inimigos tem cuidado de notarem os males, que fazemos, e os trazem na memoria todos para nos arguirem, e accuſarem delles.* Iſto diſſe Fr. Franciſco, e ficárão aquelles dous Frades, com quem fallava, entendendo, que a ſobredita hiſtoria lhe tinha ſuccedido a elle meſmo, porque o coſtume de orar àquellas horas, o lugar do canto da Igreja, (onde ſe punha para mais quietação) e outras circumſtancias o perſuadião. Coſtume ordinario he dos Santos, quando hão de contar couſas ſemelhantes, de que lhes póde reſultar algum louvor, porem o caſo em ſegunda peſſoa, como vemos que fez o Apoſtolo S. Paulo, quando houve de tratar das revelações, que recebêra. *Conheço* (diz elle) *hum homem, o qual menos ha de quatorze [a] annos, que foi levado ao terceiro Ceo, onde vio ſegredos de Deos maravilhoſos.*

a 2. Cor. 12. n. 2.

5 Não diz S. Paulo quem eſte homem era, porèm todos os Doutores entendem delle meſmo a viſão: e ainda não falta quem diga, [b] que em Damaſco lhe aconteceo, quando alli eſteve os trez dias cego. Couſa foi iſto tambem mui ordinaria no Euangeliſta S. João, como notou Santo Agoſtinho. Nem ſó o ſobredito ſucceſſo contou o noſſo Fr. Franciſco em terceira peſſoa, mas tambem pelos meſmos termos diſſe outra vez, que conhecia hum Religioſo neſta Provincia, a quem o demonio lhe apparecêra, eſtando em oração na cella, em figura de mulher, provocando-o a mal, e outras couſas notaveis, que lhe acontecião, a eſtas ſemelhantes, de que não temos inteira noticia, pelo grande recato, com que eſte ſervo de Deos as encubria, como tambem os mimos, e favores, que recebeo do Ceo, que he de crer ſerião muitos, em quem frequentava tanto o exercicio da ſanta oração.

b In ... locũ.

CAPITULO XLIX.

Do rigor, e aſpereza de vida de Fr. Franciſco, e de ſua ditoſa morte.

1 NOtavel foi o cuidado, com que o ſervo de Deos Fr. Franciſco de Eſpoſende procurou ſempre macerar o corpo para o ſujeitar à razão: de tal ſorte o tratava, que pudéra dizer com S. Gregorio Nazianzeno [a]: *Trato ſempre a meu corpo como a inimigo, tenho-o em conta de amigo falſo, e aſſim nunca me fio delle.*

a D. Gregor. Nazianz. Orat. 6.

delle. Todos os dias infallivelmente tomava huma cruel, e rigorosa disciplina, alèm de outras, que fazia com a Communidade, tanto, que nem ainda quando andava fóra do Convento dispensava neste rigor. Em huma occasião se achou em hum Convento de outra Provincia da Ordem, onde foi por companheiro de hum Religioso grave da nossa. Em sendo noite se apartou delle, e foi ao Coro a açoutar-se tão cruelmente, que o Guardião daquelle Convento, como assombrado de ouvillo, veio ao Religioso fazer queixa de Fr. Francisco, dizendo que não prestava aquillo para nada, que quando estivesse em sua casa, se açoutasse muito embora, mas que quando andava fóra della, era demazia. Nem porque os homens lhe estranhassem esta sua costumada aspereza, dispensava nella, antes dizia com S. Paulo, [b] que não seria servo de Deos, se procurára agradar aos homens.

[b] Ad Galat. l. 1. n. 10.

2 Nenhuma cousa de calçado, sandalias, nem chocolos levava pelo caminho, em que fosse a jornada comprida, mas com os pés totalmente por terra: nem menos queria levar comsigo alguma cousa de comer, mas apostolicamente caminhava, posta toda a confiança em a providencia Divina, que sempre lhe administrava o necessario para passar a vida. Usava ordinariamente de hum colete inteiro de aspero cilicio: sua abstinencia era estremada, porque jejuava todas as Quaresmas de nosso Padre S Francisco, e com tanta perfeição, como se forão todas de obrigação de peccado: alèm das quaes tinha muitos dias particulares do anno, em que jejuava a pão, e agua. Em a castidade foi perfeitissimo, e para mais firme guarda desta virtude, a nenhuma mulher olhava nunca o rosto. Finalmente o rigor, com que se tratava, e o aspecto de sua pessoa, davão indicios claros de quão santo era. Por tal era conhecido onde quer que estava; e nas terras onde a obediencia o fazia morador, as gentes se convidavão humas a outras, para verem o Frade santo, que com este nome o tratavão, quando elle passava pelas ruas.

3 Nem he muito de maravilhar, que o venerassem por santo os que delle tinhão alguma noticia, quando os estrangeiros, que nenhuma tinhão, nem ouvido nomear a Fr. Francisco de Esposende, em o vendo, logo formavão conceito de sua virtude, como aconteceo, sendo elle morador em o nosso Convento de S. Francisco de Elvas, em tempo, que por alli pas-

passava o Reverendissimo Padre Fr. Archanjo de Messina, benemerito Geral então da nossa Ordem. O qual como viesse ao nosso Convento, andando o seu Secretario, e companheiros vendo as officinas delle, ao tempo, que entrárão na cozinha, encontrárão com Frei Francisco, que andava nella ministrando, e sem dizerem cousa alguma, ficárão enlevados em o aspecto de seu rosto, e representação de sua pessoa, por espaço de tempo. Depois que sahírão para fóra, perguntárão aos nossos Frades, que lhes andavão mostrando as officinas, que Frade era aquelle, que tinha cara de santo. O mesmo Reverendissimo, que tambem foi Varão de grande espirito, acabado o Capitulo de correição, que fez aos Religiosos, havendo entre todos notado o semblante, e gesto do servo de Deos, despedindo aos mais, mandou que só elle alli ficasse, onde estiverão ambos conversando por largo espaço com mostras de grande affeição; que a santidade he a mais poderosa constellação, que póde haver para affeiçoar os animos, ainda dos que nunca se vírão, e parece que os Santos se conhecem huns aos outros pelos espiritos, assim como nos conhecemos pelos rostos, como lemos que aconteceo a nossos gloriosos Padres São Francisco, e S. Domingos, e a S. Francisco de Paula com S. Luiz Rei de França.

4 Neste rigor, e perfeição de vida perseverou Fr. Francisco atè à morte, com que Deos poz termo a suas asperezas, e premio a seus serviços. Desejava elle grandemente, e o pedia a Deos com muitas instancias em suas orações, acabar a vida em o nosso devoto Convento do Bosque, porque desde que alli morou, ficou mui affeiçoado a esta Casa, pelos muitos Religiosos insignes em santidade, que nella tem sua sepultura. Ouvio Deos as orações de seu servo, cumprindo-lhe seus desejos, ainda que por rodeios, e quando parece se podia menos esperar. Estava elle morador em o Convento de nosso Padre S. Francisco de Elvas, e succedeo que mudando o Ministro Provincial dalli hum Frade para Santo Antonio de Portalegre, mandárão a Fr. Francisco por seu companheiro: de Portalegre o enviárão tambem ao Convento de Santo Antonio da Villa do Redondo em companhia de outro. Voltando daquelle Convento para o de Elvas, onde era morador, passou pelo Bosque de Borba: alli esteve hum dia, consolando-se espiritualmente com os Frades, com tenção

ção de se partir ao outro dia logo de manhã. Mas Deos, que jà tinha determinado outra cousa de seu servo, ordenando-lhe outra melhor jornada, permittio lhe acudisse huma febre tão aguda a noite antes da manhã, em que determinava partir-se, que não lhe foi possivel levantar-se: tal era a malignidade della, que dalli a oito dias lhe tirou a vida.

5 Logo o servo de Deos conheceo que por aquella enfermidade o chamava a Magestade Divina, e pouco depois teve revelação do dia, e hora de sua morte, como predisse aos Frades. Nestes poucos dias, que esteve enfermo, como Cisne, que canta mais suavemente nos ultimos de sua vida, era muito para ver, e cousa, que grandemente edificava aos Religiosos, o novo fervor de espirito, com que se fez prestes para o caminho do Ceo; a grande alegria espiritual, que mostrava, e graças, que dava ao Senhor pela mercê, que lhe fazia em o querer levar para si, e em o lugar, que lhe havia pedido. Recebeo os Sacramentos da Igreja com grande devoção, e ternura, depois do qual entregou o espirito nas mãos de seu Creador hum Domingo, vespera da festa da Purificação da Senhora, do anno de 1610. deixando confirmado em a morte o nome, e opinião de santo, que suas virtuosas acções lhe ganhárão em a vida. Foi sepultado defronte da porta da Capella, junto do canto, e cunhal da claustra. Delle faz memoria o Author [c] do Agiologio Lusitano.

[c] Tom... Feve... liter...

CAPITULO L.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Tavira.

1 AInda que houvesse muito tempo, que os moradores de Tavira (Cidade no Reino do Algarve, situada na maritima costa do Oceano, quatro leguas da foz do Guadiana) desejassem ter hum Convento desta Provincia em sua Cidade, no anno de 1606. o procurárão com maior instancia, sendo Ministro Provincial Fr. Simão de Aveiro. Neste anno escrevêrão o Bispo daquelle Reino, D. Fernão Martins Mascarenhas, a Camera da Cidade, e Henrique Correa da Silva, Alcaide Mór, e Capitão Mór della, cada qual por si diversas cartas, em que pedião ao Provincial, Definidores, e mais Padres, quizessem aceitar a Casa, que se lhes offerecia naquella terra, cujo povo o desejava muito. Os Religiosos por satisfazerem a estes

tes defejos, e devoção, aceitárão a offerta na Congregação, que no mefmo anno celebrárão em o Convento de São Francifco de Elvas. Para fe pôr em effeito a fundação, impetrou o Miniftro licenças do Padre Geral, e de S. Mageftade, que mandando-fe primeiro por feus Officiaes informar da mefma Camera, e povo junto com folemnidade de campa tangida, e refpondendo todos, que affim o defejavão, e terião por grande mercê, a concedeo facilmente.

2 No feguinte anno de 1607. celebrando-fe Capitulo Provincial a 14. de Agofto no Convento de Santo Antonio dos Olivaes em Coimbra, nelle fe determinou novamente, que fe fundaffe Convento em Tavira. Mandou logo Fr. Pedro de Penalva, que então fahio por Miniftro, a Fr. Lionel de Coimbra, Commiffario que então era das Cafas, que temos no Algarve, e a Fr. Miguel da Guarda, eleito Prefidente *in Capite* da nova, que fe havia de fazer, foffem à dita Cidade tomar poffe do fitio, que fe lhes offereceffe. Efta lhe foi dada por authoridade de Juftiça, e do fobredito Bifpo, por hum Notario Apoftolico, em humas cafas, que eftão alèm da ponte, que une as duas partes da Cidade, que o rio corta pelo meyo.

3 Neftas fe ordenou logo huma Ermida, em que os Frades dizião Miffa, e celebravão os Divinos Officios em fórma de perfeita Communidade, com Coro, fino, e claufura. Affim eftiverão finco annos nas fobreditas cafas, que gratuitamente lhes offereceo Antonio Peres, nobre Cidadão daquella Cidade, ajudando-os demais difto com fuas efmolas. Tardou-fe tanto tempo em dar principio ao Convento pela indeterminação, e variedade, que houve em fe efcolher fitio para elle, e por refpeito de algumas Provisões, que foy neceffario alcançarem-fe de S. Mageftade para effe effeito; porque primeiramente fe houve huma Provisão, pela qual, e por ordem da Camera da Cidade fe tomou poffe da Ermida de N. Senhora da Efperança, do Efpinheiro, ou da Atalaya, (que todos eftes nomes tinha) pofta em hum recio naquella parte da Cidade, que he a principal, onde eftão as Igrejas Paroquiaes, e outros Conventos. Depois, affim por alguns inconvenientes, (ainda que de pouco momento) ou impedimentos, que fe reprefentavão para edificar naquelle fitio, como por importunações, e offerecimentos de ajudas de cufto para a obra, dos moradores da outra parte dalèm da ponte, que de-

ſejavão muito ter junto a ſi o Convento, por não haver là outro algum, perſuadindo-ſe alguns Religioſos noſſos ſer acerto fundar naquella parte, tratárão de haver para iſſo a Ermida de S. Braz, para o qual ſe pedio outra Provisão a Sua Mageſtade, em que a concedeſſe: e porque vinda ella, e lendo-ſe, ſe vio que por falta de quem informou o não fazer perfeitamente, não fazia menção de como a dita Ermida era da Ordem de Sant-Iago, nem S. Mageſtade a concedia como Meſtre daquella Ordem, ſe lhe tornou a pedir outra Provisão de novo, na qual com declaração de que o fazia como Meſtre, concedeo a dita Ermida para nella ſe fazer o Convento, e ſe deo poſſe juridica aos Frades, que começárão a apparelhar-ſe para as obras.

4 Neſtas diligencias, e tardança dos deſpachos das Provisões, e outros embaraços, que para taes negocios ſempre ſe offerecem, ſe paſsárão os ſinco annos, que diſſemos, atè que ultimamente vindo alli por Prelado hum Religioſo, a que nunca pareceo bem fazer-ſe o Convento em S. Braz, por ſer ſitio de viva pedra, e recife, onde não havia, nem podia haver huma arvore verde, ou hortaliça alguma, e tão ſeco, que nem para beber em todo aquelle bairro, alèm da ponte, ha fonte de agua doce, nem ainda para o ſerviço, e havia-ſe de ir buſcar hum bom eſpaço a outra parte da Cidade, o que he grande detrimento para qualquer Convento, principalmente para os noſſos: conſiderando tambem a grande ventagem, e differença de ſitio, e outras commodidades, que havia para ſe edificar no primeiro, que ſe tinha eſcolhido; e como a razão, que havia para ſe edificar o Convento naquella parte de S. Braz (iſto he, por ſer alli mais neceſſario para adminiſtrar os Sacramentos aos moradores) jà não militava tanto, por haver jà alli outro Convento dos Padres de São Paulo, que neſte meyo tempo ſe paſsárão de hum lugar do campo para aquelle bairro da Cidade, informou de todas eſtas razões ao Miniſtro Provincial, que jà então era Fr. João do Porto.

5 O qual conſideradas ellas, determinou ſe edificaſſe na dita Ermida de N. Senhora da Eſperança, de que para iſſo ſe havia primeiro tomado poſſe. Fez-ſe logo a cerca, e no alpendre della ſe ordenárão recolhimentos, em que ſe mettêrão os Religioſos, para com mayor commodidade poderem correr com as obras do Convento, do qual lançou a primeira pedra com grande ſolemni-

mnidade o mesmo Ministro, que indo fazendo a sua visita, se achou ahi a doze do mez de Dezembro de 1612. Parte do sitio deo a Cidade de hum recio publico, que alli havia: outra parte deo hum nobre varão, chamado Pedro de Sousa, de sua fazenda, e he o melhor, que se pode achar na terra, e perto do povo. Em respeito da Cidade fica à parte do Meyo dia, e do mar perto da praya, de que o divide hum fundo rio, que discorre dalli atè a Cidade de Faro, e serve como de muro, que defende dos assaltos, e incursos dos inimigos, que pela barra não entrem. Pela parte do Oriente ha outro rio, que he o da dita ponte, pelo qual subião, e descião todas as embarcações, que entravão naquelle porto.

6 A visinhança destes dous rios, com pouca distancia apartados do Convento, a espaçosa vista para o mar largo, e para a terra, fazem o sitio aprazivel; só lhe faltava para ser perfeito haver nelle alguma agua, que corresse, porque para beber lhe ficou dentro hum poço, que deo a mesma Cidade: esta falta porèm remediou depois Pero Mascarenhas, Fidalgo nobilissimo, dando licença para que de humas fontes, que logo mais assima da nossa cerca nascem, com que se rega huma fazenda sua, corra para nossa Casa em alguns dias agua bastante para se fazer pomar, e regar a horta, que huma, e outra são competentes. Forão-se as obras continuando com esmolas, que para ellas dava o povo, sinalando-se mais quem mais podia, como sempre fez Henrique Correa da Silva, Alcaide, e Capitão Mór da Cidade, que assim para as obras, como para a sustentação, e vestiaria dos Religiosos acudia com igual liberalidade a sua devoção. Ajudou tambem muito o sobredito Bispo D. Fernão Martins Mascarenhas, tão devoto desta Provincia, que dando-lhe naquella occasião carta de Confraternidade, a recebeo com tanto alvoroço, que disse publicamente, que mais estimava aquelle papel, do que se lhe viera nelle despacho de algum Arcebispado. Com tudo isto a Casa de Tavira, a quem se deo titulo, e vocação de Santo Antonio da Esperança, em razão da Senhora, que estava naquella Ermida, se acabou em breve tempo perfeitamente, como agora está.

CAPITULO LI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Fronteira: e memoria do humilde Varão Fr. Thomaz de Santarem.

1613 1 EM o Capitulo celebrado em o Convento de Santo Antonio de Evora pelo mez de Julho de 1610. onde sahio eleito em Ministro Provincial Fr. João do Porto, aceitárão os Vogaes delle hum Convento, que se offerecião fazer os moradores da Villa de Fronteira, por satisfazerem à instancia, e rogos, com que havia muitos annos o procuravão, sem o poderem conseguir, porque por algumas razões se escusavão os Prelados da tal fundação. Recebida finalmente a promessa, para effeito della juntando-se depois o dito Ministro com dous Definidores, Fr. Luiz da Covilhã, e Fr. João da Guarda, forão àquella Villa, onde congregados na Igreja os Nobres com Dom Lucas Portugal, illustre Fidalgo, e Commendador da mesma Villa de Fronteira, assentárão dar o sitio para a Casa onde por então pareceo melhor a todos, e os mesmos Frades tinhão escolhido, por respeito de hum poço do Conselho, que lhe ficava perto, e a Camera da Villa tambem deo, de que logo se fizerão escrituras. Estando assim todos, hum dos Nobres se levantou, e em nome dos mais pedio a D. Lucas quizesse aceitar o Padroado da Capella Mór do Convento, que se havia de edificar, o que elle agradeceo, e mostrou estimar muito, dizendo, que o tinha por particular mercê, e grande honra, e que para isso promettia dar sincoenta mil reis todos os annos, em quanto as obras durassem. E como depois disto vivesse pouco tempo, mandou a seu filho D. Francisco Portugal que continuasse com a dita esmola; e tanto que a Capella da Igreja fosse feita, levasse a ella a sepultar seu corpo, que por entretanto ficou depositado no Capitulo da nossa Casa de Santo Antonio de Estremoz.

2 O povo de Fronteira deo logo para habitação dos Religiosos a Igreja, e Casas da Santa Misericordia, onde vivêrão com titulo de Guardianía, em clausura, e fórma de Communidade, em quanto se não fizerão recolhimentos bastantes em o Convento novo, no qual foi lançada a primeira pedra pelo Bispo de Elvas, que então era D. Rui Pires da Veiga, a dezenove de Maio de 1613. na Dominga infra octava da Ascensão, achando-se presente o Ministro Provincial, e outros Religio-

ligioſos graves da Provincia, que para eſte effeito ſe ajuntárão com os que jà moravão nas ſobreditas caſas da Miſericordia. De eſmolas de peſſoas particulares ſe ajuntárão logo dous mil cruzados, com que ſe deo principio às obras, e ſe proſeguírão com as que fazia o povo, que nellas moſtrava bem o deſejo, que tinhão de verem acabado o Convento, que havia tantos annos procuravão. O Doutor Franciſco Gracia, natural da meſma Villa, e Deſembargador no Brazil, mandou de là toda a madeira neceſſaria para as portas, e janellas, cadeiras do Coro, grades da Igreja, e armarios da Sacriſtia. D. Franciſco Portugal não ſómente satisfez com o que por ſeu pai lhe foi mandado, mas tambem fez outras caridades, pelas quaes, e por cumprimento do que a ſeu pai ſe tinha offerecido, ſe lhe deo Patente do Padroado da dita Capella, que hoje logra ſeu filho D. Lucas Portugal. He o ſitio do Convento pouco ſadio, porèm o melhor, que ſe achou na terra, por reſpeito das poucas aguas, que nella ha; e alli ſe achárão para ſe fazer huma pequena de horta de hum pequeno ribeiro, que por ella corre. Habitão de ordinario eſte Convento quatorze atè quinze Religioſos, aos quaes aſſiſte a Villa com devoção, provendo-os baſtantemente.

3 Quaſi por eſte tempo deixou eſte deſterro, e caminhou para a patria dos Santos do Convento de S. Fructuoſo de Braga, onde era morador, hum Religioſo leigo, que deixou de ſi grande famá de ſantidade. Chamava-ſe elle Fr. Thomaz de Santarem, nome, que lhe foi impoſto por haver naſcido no dia deſte Sagrado Doutor: no meſmo fez profiſsão, e ultimamente nelle morreo. Myſterio eſtão arguindo ſucceſſos tão ajuſtados a hum meſmo dia, naſcimento, profiſsão, e morte; porque ſuppoſto que de Julio Ceſar, [a] e Octaviano Auguſto Emperadores ſe lê, que morrêrão o dia ſinalado, em que havião naſcido, neſtes póde ſer acaſo, ou diſpoſição de Deos para enſinar ao genero humano o parenteſco, que tem a vida com a morte, ou outro fim de ſeus inexcrutaveis juizos. Maior myſterio nos dá que ſuſpeitar a ſantidade de Fr. Thomaz, como ſe ſuſpeita (guardada a devida diſtancia) do naſcimento, e morte de S. Gregorio [b] o Grande, que tambem ſe correſpondêrão em os dias. Foi ſem dúvida eſpecial favor do Ceo naſcer, profeſſar, e morrer em dia do Angelico Doutor S. Thomaz.

[a] Sabellico lib 9. cap. 4. Alex. lib. 4. cap. 20.

[b] Joan. Diacon. in vit. S. Gregor.

4 Foi eſte veneravel Religio-

gioſo natural da Villa de ſeu nome, e dos principaes [c] della: paſſou à India em ſua mocidade, onde foi ſoldado muitos annos, e de grandes ſerviços: a riqueza, que della trouxe, foi o deſengano do mundo, com que, tanto que chegou ao Reino, procurou o habito de noſſo Padre S Franciſco em a noſſa Provincia da Piedade. Entrou jà nella de idade creſcida, mas, como bom jornaleiro do Euangelho, aventajou-ſe a muitos, que tinhão entrado primeiro na vinha do Senhor. Seu mais ordinario exercicio era o da ſanta oração, e conſideração da morte, donde naſcia compôr de ſorte a vida, que ſervia a todos de exemplo. Raras vezes era viſto fóra da cella: neſta eſtava ſempre recolhido contemplando ſentado no chão, ou poſto de joelhos diante de huma Imagem de noſſo Redemptor crucificado, que em ſeu pobre oratorio tinha ſómente com huma caveira de hum defunto, que lhe ſervia de eſpelho para compôr a vida, e de deſpertador para a morte. Foi eſtremado na abſtinencia, humildade, e pobreza, e tão penitente, que conſtando a ſua cama ſómente de huma taboa, ſem outra alguma couſa, mui poucas vezes ſe deitou nella, tendo-a ainda por mui branda, e mimoſa, e aſſim ordinariamente ſe deitava em a terra nua.

[c] D. Rodrig da Cunha, Hiſtor. de Braga 2. p. c. 73. n. 10.

5 Mandárão-no os Prelados para Ourem dar principio à Caſa, que o povo procurava edificar neſta Villa, onde eſteve todo o tempo, que durárão as obras, tendo cuidado dos que trabalhavão nellas. Tinhão-lhe todos muito reſpeito, aſſim pelo bom tratamento, que ſua abrazada caridade fazia a todos, como pela muita virtude, que nelle vião, em prova da qual ſuccedêrão alguns caſos dignos de memoria. Foi o primeiro, que andando hum Cavouqueiro na pedreira cortando pedra, indo Fr. Thomaz para concertar huma cunha, no tempo, que deſcia o golpe do marrão, o apanhou pela cabeça, e quando ſe eſperava em pedaços, não lhe fez damno algum, [d] como ſe dera na mais dura pedra. De ſorte, que quando o pobre homem fóra de ſi cuidava que o tinha morto, o ſervo de Deos para o animar lhe moſtrava a cabeça muitas vezes, e pondo nella as mãos, dizia: *Vedes aqui, irmão, não temais nada, que me não fizeſtes couſa alguma.*

[d] Agi tom Ma liter

6 Outra vez vinha Fr. Thomaz com humas carretas carregadas de pedra, e ao paſſar por huma ponte, que fica abaixo do Convento em hum ribeiro, quiz acudir depreſſa por en-

encaminhar os boys, que hião desviados, e de tal maneira se embaraçou entre elles, que cahio no chão, sem se poder levantar antes que huma das carretas lhe passasse por sima. Foi cousa maravilhosa, que com ser o pezo tal, o Religioso não recebeo damno algum, e assim se levantou logo, como se lhe não tivera nada acontecido, e foi guiando as carretas, como de antes. Depois deste successo, andando outra vez trabalhando junto de hum forno de cal ardendo, cahio nelle; e quando lhe acudírão os que alli se achárão, cuidando que não sahisse delle com vida, vírão-no logo são, e salvo, sem o fogo lhe chamuscar hum fio do habito. Ultimamente estando outro dia subido em huns andaimes muito altos, cahio delles com tão grande impeto, e furia, que dando entre humas pedras, que debaixo estavão, ficou ennovelado entre ellas, como se de proposito, e muito de vagar o estiverão alli mettendo, e encaixando. Acudírão os Frades, e homens das obras, imaginando que se tinha feito em pedaços, que não promettia menos a altura donde cahio; porèm ainda que não estava morto, achárão-no sem falla, privado de todos seus sentidos. Nesta fórma esteve dous dias, e curando delle alguns homens, que entendião de semelhantes curas, affirmárão todos, que não tinha osso algum quebrado, nem desconcertado; e com ser assim verdade, tornando Fr. Thomaz em si, achou-se coxo de huma perna, onde Deos parece lhe quiz mostrar o milagre de escapar com vida daquelle perigo, deixando final, e testemunho delle. Com este achaque viveo depois não muitos annos; porèm todos os que forão, com grande exemplo de virtude, gastados em seus antigos exercicios, atè que indo morador para o nosso Convento de S. Fructuoso de Braga, nelle morreo em sete de Março, deixando de si opinião de grande servo de Deos.

CAPITULO LII.

Eleição do trigesimo segundo Ministro Provincial: e de hum Religioso de approvada vida, que acabou em seu triennio.

1 DE mais dos trez annos teve Fr. João do Porto o governo da Provincia seis mezes, porque estando a Provincia visitada, como as mais deste Reino, esperando pelo Reverendissimo Padre Geral Fr. João del Hierro, que promettia achar-se nos Capitulos, vindo jà para este Reino morreo 1614

reo em Sevilha. Foi occaſião ſua morte de grandes controverſias, e queſtões em as Provincias deſte Reino ſobre ſe as havião de governar os Commiſſarios Viſitadores, aos quaes era acabado o tempo da juriſdição, que lhes dão os Eſtatutos geraes, e ſó ſe achava eſtarem prorogados por cartas do Geral, ou ſe havião de reger os proprios Provinciaes como Prelados ordinarios, ou ao menos Commiſſarios das Provincias, e huns, e outros mettião a mão no governo. Durárão eſtas dúvidas, e opiniões atè a vinda do novo Vigario Geral Fr. Antonio de Trejo, com que ſe compuzerão todas.

2 O primeiro Capitulo, que fez o ſobredito Padre neſte Reino, foi o noſſo da Piedade no Convento de Santo Antonio de Evora em dezenove de Janeiro de 1614. Sahio eleito em Miniſtro Provincial Frei Chriſtovão de Vouzela, e foi em numero o trigeſimo ſegundo Prelado, que a Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Giraldo de Braga, Fr. Leonel de Coimbra, Fr. Vicente de Abrantes, Fr. Diogo de Braga, o Cuſtodio Fr. Luiz de Liſboa. Os gaſtos do Capitulo fizerão com grande liberalidade D. Fernando de Caſtro, primeiro Conde de Baſto, e Dom Diogo de Caſtro ſeu filho, que dahi a trez, ou quatro dias ſuccedeo na Caſa, ſendo aquella obra de piedade a ultima, com que o dito Conde cerrou a bobada de ſua mui larga velhice, e devoção, que ſempre teve aos Frades deſta Provincia. Foi eſte Miniſtro Frei Chriſtovão mui inteiro em ſeu modo de governo, e mui exemplar aſſim em ſua peſſoa, como em ſuas obras. Sempre com particular cuidado, depois que foi Religioſo, tratou de ſua ſalvação, e de aperfeiçoar-ſe na virtude, guardando, e fazendo guardar mui pontualmente, quando Prelado, as ceremonias, e louvaveis coſtumes, com que eſta Provincia cria aos Religioſos della.

3 Sendo mancebo, e eſtudante na Univerſidade de Coimbra, procurou o habito de noſſo Padre S. Franciſco neſta noſſa Provincia da Piedade; e como lhe chegaſſe a Patente para o ir tomar, a tempo, que eſtava para fazer o acto de formatura em Canones, cuja ſciencia profeſſava, e porque ſe não preſumiſſe que o temia, ſem dar conta do que determinava fazer, formou-ſe com muita ſatisfação de todos os circumſtantes, dizendo no fim do acto eſtas palavras: *Liceat mihi ad meliorem gradum tranſmeare*; quer dizer: Seja-me licito paſſar a outro melhor grão; e ſup-

e ſuppoſto que muitos reparáráo nas palavras, nenhum entendeo o fim, porque as dizia. Não paſſou muito que não tiraſſe a todos da dúvida, em que os tinha poſto; porque ſahindo da Univerſidade com grande acompanhamento de parentes, e amigos, como he coſtume em ſemelhantes actos, que o levavão atè ſua caſa, elle tomando para a porta do Caſtello, que ficava em caminho differente, para a parte de Santo Antonio dos Olivaes, fez que atè alli vieſſem todos com elle, onde depois de lhes agradecer a honra, e aſſiſtencia, que lhe tinhão feito, ſe deſpedio, dizendo que hia tomar o habito de Santo Antonio. Ficárão todos maravilhados do ſucceſſo, e termos, de que uſára naquella deſpedida, que fazia do mundo, e compungidos de huma tal reſolução em tão poucos annos, o acompanhárão atè o Convente, onde recebeo o habito de Religioſo, em que perſeverou atè o fim da vida, moſtrando por obras na Religião, não ſe apartar nunca delle aquelle fervor, e eſpirito, com que a ella viera.

4 Fez eſte Provincial a ſua Congregação em Santo Antonio de Abrantes a treze de Junho de 1615. em que preſidio o Padre Fr. Ambroſio de Jeſus Definidor Geral, e Commiſſario neſte Reino para todas as Congregações delle, Provincial, que tinha ſido da ſanta Provincia de Portugal. Depois que Fr. Chriſtovão acabou ſeu triennio por commiſsão do Padre Commiſſario Geral Fr. João Venido, foi viſitar a ſanta Provincia da Arrabida; e eſcolhendo-o depois por ſeu Confeſſor o Duque de Bragança D. Theodoſio ſegundo do nome, eſteve em Villa-Viçoſa alguns tempos fazendo com muita ſatisfação eſte officio; mas como ſobre ſer jà velho, e cheio de achaques, lhe vieſſe tambem hum dos ouvidos, de que ficou quaſi ſurdo, por eſte reſpeito ſe deſpedio do Duque, e ſe foi para noſſa Caſa de Abrantes, e depois finalmente para o Convento, que temos em Azurára, onde cheio de virtudes, e merecimentos faleceo, e eſtá ſepultado.

5 Depois da Congregação deſte Miniſtro Provincial paſſou ao Senhor em a Caſa de Santo Antonio de Beja, onde era actual Guardião Fr. Antonio de Niza, Prégador dos mais eſpirituaes, e zeloſos da ſalvação das almas, que houve em ſeu tempo. Antes de ſer Frade, e vir à Provincia, jà era Sacerdote, Prégador tão eſtimado do povo, que toda a gente o eſtimava, e reſpeitava como a ſanto, e neſta opinião era Fr. Anton. de Niza, Prégador,

Nnnn tido

tido geralmente de todos, pelas obras exteriores, que nelle viáo. Rara vez ſahia de ſua caſa, ſalvo para a Igreja, onde tinha hum beneficio delRei, a cujas obrigações acudia pontualmente todos os dias. Alli dizia Miſſa, e eſtava confeſſando trez, e quatro horas ordinariamente, porque ſempre havia gente, que o buſcava. Depois ſe tornava a recolher, e não era viſto fóra de caſa, ſalvo conſtrangido de neceſſidade manifeſta. Prégava ao povo muitas vezes, e os mais dos Domingos, e dias Santos, que não prégava, fazia doutrinas, juntando-ſe o povo à tarde na Igreja. Neſtas, e outras ſemelhantes obras perſeverou depois de Sacerdote, que ſerião dez, ou doze annos, no fim dos quaes com deſejo de ſervir a Deos em vida mais perfeita, ſe reſolveo tomar o eſtado de Religioſo. Eſcolheo para eſte fim eſta noſſa Provincia da Piedade, onde viveo outros dez, ou onze annos com tão bom exemplo, que os Religioſos, que o conhecêrão, ſe confirmavão na opinião de ſanto, que trouxera do mundo. Teve graça particular de mover corações à penitencia, e de fazer amizades, e aſſim nas terras, onde prégou, ficou delle grande fama. E ſuppoſto que ſempre prégava com grande fervor, e eſpirito, com tudo muito mais depois que lhe ſuccedeo o caſo ſeguinte.

6 Eſtando eſte Religioſo morador em o Convento de S. Franciſco de Elvas pelo fim dos annos do Senhor 1614. teve huma enfermidade, de que jazia doente em ſua propria cella: e ſuppoſto que ſe confeſſou nella muitas vezes a meudo, hum dia pela tarde mandou chamar mui apreſſadamente a ſeu Confeſſor, o qual entrando na cella do enfermo, o achou algum tanto perturbado, pedindo-lhe que o ouviſſe de confiſsão. Pelo decurſo della lhe contou, que naquella cella, onde eſtava, havia pouco lhe tinhão apparecido no ar, ſem chegarem ao chão, noſſo Senhor Jeſus Chriſto, com a Virgem Santiſſima ſua Mãi à mão direita de joelhos, e à eſquerda noſſo Serafico Padre São Franciſco tambem na meſma fórma. Repreſentava-ſe o Senhor com o roſto irado, e ſua Mãi Santiſſima, e noſſo Padre, como quem lhe pedia miſericordia: perſeverou a visão algum eſpaço, em que elle a vio clara, e diſtinctamente, depois do qual deſappareceo, deixando-o grandemente confuſo, e perturbado. Perguntou-lhe o Confeſſor, que era o que julgava daquella visão; ao que elle reſpondeo, dizendo que eſtava Jeſus Chriſto irado contra os pec-

ca-

cadores, e lhe queria dar algum grave caſtigo, e que a Virgem ſua Mãi, e noſſo Padre lhe pedião piedade, e miſericordia. Convaleceo o doente daquella enfermidade, e infundio-lhe eſta visão hum novo fervor, e eſpirito, com que prégava, reprehendendo os vicios, e peccados, aviſando aos peccadores ſe guardaſſem da ira de Deos, e deixaſſem de offendello, ſe não querião experimentar o rigor de ſeu caſtigo. Não viveo Fr. Antonio muito tempo depois deſta visão, porque na Congregação de Frei Chriſtovão de Vouzela, que foi, como temos dito, em treze de Junho de 1615. ſahio por Guardião do Convento de Santo Antonio de Beja, onde faleceo antes de acabar o tempo de ſua Guardianía. Deixou naquella Cidade tão grande nome ſua virtude, que muitos annos depois de ſua morte, havendo de contar alguma couſa, que ſuccedêra em ſeu tempo, coſtumavão dizer, que acontecêra no tempo do Guardião ſanto.

CAPITULO LIII.

Elege-ſe o trigeſimo-terceiro Miniſtro Provincial: funda-ſe Convento em Alter do Chão.

17 1 Concluido o triennio do irmão Frei Chriſtovão de Vouzela, e havendo viſitado a Provincia Frei Fernando de Santa Maria, Religioſo mui penitente, e perfeito, filho da ſanta Provincia da Arrabida, ſe celebrou Capitulo Provincial em a noſſa Caſa de Santo Antonio de Evora aos vinte e hum do mez de Janeiro de 1617. para cujos gaſtos ſe offereceo, como fez com muita liberalidade, a devoção de D. Antonio de Mello, Fidalgo nobiliſſimo naquella Cidade. Preſidio nelle o Reverendiſſimo Padre Fr. Antonio de Trejo, Vigario Geral da noſſa Ordem; ſahio eleito em Miniſtro Provincial o irmão Fr. Gonſalo de Guimarães, e foi o trigeſimo-terceiro em numero. Para Definidores ſe fez eleição de Fr. Paulo do Porto, Fr. Jeronymo de Thomar, Frei Pedro de Lordello, Fr. Antonio de Sinde, Prégador: por Cuſtodio ficou Fr. Chriſtovão de Vouzela, que acabava de Miniſtro. No ſeguinte anno de 1618. ſe celebrou Capitulo Geral, pela feſta de Pentecoſtes 2. de Junho em Salamanca, nelle ſahio eleito em Miniſtro Geral de toda a Ordem o Reverendiſſimo Padre Fr. Begnino de Genova, e por Commiſſario Geral deſta noſſa Familia Ciſmontana o Reverendiſſimo Padre Fr. João Venido, Padre da Provincia da Conceição, e Commiſſario Geral de In-

Fr. Gonſalo de Guimarães, Provincial 33.

Indias. Neſte Capitulo ſe achou o noſſo Provincial, e delle trouxe licença para preſidir na ſua Congregação, que celebrou em o Convento de Santo Antonio de Portalegre no ultimo de Junho de 1618.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Alter.

2 Neſte meſmo anno nos incumbe dar noticia do Convento de Santo Antonio de Alter; porque ſuppoſto havia jà alguns annos, que noſſos Frades vivião neſta Villa em fórma de Communidade, comtudo como por eſte tempo ſe lançou a primeira pedra no Convento, onde agora vivemos, por eſta razão o differimos para eſte lugar. A cauſa, que houve para entrarmos na ſobredita Villa, foi pedirem os moradores della por mercê ao Duque de Bragança D. Theodoſio, ſegundo do nome, acabaſſe com os noſſos Frades quizeſſem ir povoar hum Convento, que os Padres Carmelitas Deſcalços naquella ſua Villa tinhão deſamparado, e ſuccedeo o caſo neſta fórma. Havia neſta Villa de Alter do Chão huma Igreja antiga da invocação do Eſpirito Santo, com humas caſas contiguas, feitas para Hoſpital, e gazalhado de pobres eſtrangeiros, e peregrinos, em cujo lugar os Padres [a] Carmelitas Deſcalços pelos annos do Senhor 1595. em vinte e quatro de Abril, treze, ou quatorze annos depois que entrárão neſte Reino, começárão a edificar alli Convento, ajudando-ſe da renda da Confraria, que havia na Igreja, e os moradores lhe davão.

[a] Fr. Belchior de S. Anna in Chron. l. 2. c. 23.

3 O ſervo de Deos Manoel do Rego, criado da Senhora Dona Catharina, fez muito neſta fundação, pedindo-lhe encarecidamente ſolicitaſſe licença do Geral, e do Biſpo de Elvas, em cuja Dieceſe cahia, atè que alcançada de ambos, ſe poz mão à obra. Para eſta fez a ſobredita Senhora algumas eſmolas, como tambem o Duque ſeu filho; nem forão menos conſideraveis as que fez o dito Manoel do Rego, que depois de diſpenſar para as obras com larga mão, ſe recolheo com os Padres para ſervir a noſſo Senhor em habito de Donado. Fizerão logo no primeiro anno hum dormitorio, com outras officinas, onde reſidírão atè o anno de 1599. continuando com as obras: mas como os mais delles adoeceſſem, e morreſſe hum, chamado Fr. Silveſtre da Circumciſão, ainda Coriſta, mas jà Religioſo perfeito, deixárão o Convento na fórma, em que eſtava, e voltárão para o de Evora, havendo ſómente quatro annos, que tinhão entrado no de Alter do Chão. Ficárão os deſte povo ſentidos, e aſſim recorrêrão ao Defini-

to-

torio com grandes inſtancias, para que mandaſſe habitar o Convento; a cujos rogos commovido o Geral, paſſou novo Decreto, para que tornaſſem os Padres, como em effeito vierão, povoando jà o Convento com doze, ou treze Religioſos. Paſſados ſinco annos, que deſta ſegunda vez alli eſtiverão, huma noite ſecretamente deſapparecêrão, não jà pelo ſitio ſer doentio, mas opprimidos das moleſtias, e vexações, com que quotidianamente erão tratados dos moradores daquelle povo. Couſa [b] que o ſobredito Manoel do Rego ſentio tanto, que por eſta cauſa deixou a patria, e foi morrer a Valhadolid, com grande fama de ſantidade.

4 Vendo-ſe neſta fórma os moradores de Alter, e conhecendo os mais zeloſos a muita neceſſidade, que tinha eſte povo de aſſiſtirem nelle Religioſos, pedírão com muita inſtancia ao Duque fizeſſe com os da Piedade foſſem povoar aquelle Convento. Muito foi neceſſario, para que noſſos Frades vieſſem neſta pertenção, e verdadeiramente era baſtante, para ſe não aceitar o Convento, ſaber a cauſa, por que o deixárão huns Padres tão Religioſos. Com tudo moſtrou niſto o Duque tão grande vontade, que por não deſgoſtallo, e muito mais pelo ſerviço de Deos, que ſe eſperava tirar da aſſiſtencia naquelle povo, ſe offerecêrão os Frades a romper por tudo, não obſtante as difficuldades, que com fundamento ſe lhes repreſentavão. Eſtimou tanto Sua Excellencia a boa reſpoſta, que os Frades lhe derão, trazendolhe a nova, que a Caſa de Alter no Capitulo, em que ſahíra o irmão Fr. João do Porto por Miniſtro, era recebida, que prometteo fazer em outro melhor ſitio hum novo Convento à ſua cuſta, de que queria ficar Padroeiro. Com iſto mandou o irmão Fr. João do Porto, depois de ſua Congregação, que foi pelo mez de Fevereiro de 1613. Frades, que foſſem povoar aquelle Convento em fórma de Communidade. E no Capitulo de Evora de 1614. ſe lhe deo à Caſa titulo de Guardianía, onde morão de ordinario treze atè quatorze Religioſos, a quem a Sereniſſima Caſa de Bragança faz eſmola ordinaria, para ajuda de ſua ſuſtentação, como às mais Caſas, que temos em ſeus Eſtados.

5 Dez, ou onze annos eſtiverão noſſos Frades naquella Caſa, que deixárão os Padres Carmelitas, experimentando muito à ſua cuſta a primeira cauſa, que elles tiverão para deixalla, porque em vindo o Verão, muito poucos eſcapa-

vão

vão de largas enfermidades; pelo que procurárão logo quanto lhes foi poſſivel, buſcar novo ſitio, em que edificaſſem. Achárão para iſto hum mui conveniente, freſco, e de bons ares, no alto de hum cabeço, que fica perto da Villa, chamado o do Alcaide. Para as obras applicou o ſobredito Duque as rendas de hum matto do Conſelho, que ha no termo daquella Villa, mandando ſe vendeſſe todos os annos o montado delle; e montou tanto, que ſó com os rendimentos, e boa diligencia, que punhão os Frades, não ſe paſſarão muitos annos, que a Caſa não chegaſſe à perfeição devida. Nella deitou a primeira pedra o Duque, que ſó por eſte reſpeito tinha ido de Villa Viçoſa a Alter; e para mais ſolemnidade lançou tambem a ſegunda o Senhor D. João ſeu filho, Duque de Barcellos, o que tudo ſe fez aos oito dias do mez de Outubro de 1617. Eſtavão junto do cabeço, onde ſe fez a Caſa, algumas hortas de diverſos poſſuidores, mui freſcas pelas muitas arvores de eſpinho, e outras diverſas, que havia nellas, as quaes ſe comprárão por preço de trezentos mil reis, para ſe metterem dentro em a cerca, com as quaes fica a Caſa com horta baſtante, e fruta de eſpinho maravilhoſa.

CAPITULO LIV.

Eleição do trigeſimo-quarto Miniſtro Provincial, e fundação do Convento de Faro.

1 DEpois que o irmão Frei Gonſalo de Guimarães acabou o tempo de ſeu miniſterio, que não forão ainda perfeitos trez annos, celebrou-ſe Capitulo Provincial em noſſa Senhora da Piedade de Villa-Viçoſa aos dezeſete dias do mez de Dezembro de 1619. Fez os gaſtos delle o Sereniſſimo Duque D. Theodoſio II. dizendo, que todos os mais Capitulos da Provincia queria elle fazer na meſma Caſa da Piedade, como ſempre fez em ſua vida. Preſidio nelle o Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral Fr. João Venido, e ſahio eleito em Miniſtro Provincial Fr. Pedro de Lordello, cuja eleição foi tão applaudida de todos, como merecião as muitas prendas de que o eleito era dotado. Satisfez elle bem em ſeu governo ao applauſo, com que foi feſtejada ſua eleição, porque obrou nelle com grande prudencia, inteireza, e acerto. Sahírão por Definidores Fr. Vicente de Abrantes, Fr. Diogo de Braga, Fr. Fabião do Sardoal, Fr. Antonio do Seixo Prégador, e por Cuſtodio Fr. Pantaleão do Porto Pré-

Fr. P… de Lo… Prov… 34.

Prégador. Achou-se este Provincial em a Congregação Geral, que em seu tempo se celebrou em Segovia a vinte e nove de Maio de 1621. onde sahio por Commissario Geral desta Familia Cismontana o Reverendissimo Padre Fr Bernardino de Sena, da Provincia de Portugal. Pouco depois de vir della, celebrou a sua Congregação na Piedade de Villa-Viçosa aos dez dias do mez de Agosto do mesmo anno, presidindo nella o mesmo Reverendissimo. Neste tempo mostrárão os moradores de Faro o desejo, que tinhão de nos terem em sua terra.

2 Nenhuma Cidade deste Reino mostrou tanto a devoção, que tinha à nossa Provincia, como a de Faro no do Algarve, porque por trez vezes em differentes tempos procurou fazer-nos alli Casa. Huma nos edificou, em que vivemos alguns annos, depois dos quaes entrárão nella os Padres Observantes, que ainda hoje a habitão, a quem a largámos pela occasião, que jà deixamos dito; e quando a pouca subsistencia, que nesta Cidade tivemos, pudéra resfriar a devoção dos moradores della, servio de mais a avivar, porque desde o instante, que sahimos daquelle primeiro Convento, continuárão sempre em a pertenção de que fundassemos outro de novo. Houve para isto alguns inconvenientes, e assim não teve effeito seu bom desejo, atè que no Capitulo, em que sahio Ministro Provincial o irmão Frei Gonsalo de Guimarães, se propoz, e sem falta então se recebêra, se o Vigario Geral, que nelle presidio, dera seu voto. Porèm como estava enfadado de algumas cousas, que não tinhão sahido conforme sua opinião, satisfez sua queixa em não consentir que esta Casa se recebesse, nem querer fazer os Prégadores, que a Provincia lhe apontava. Com tudo, como aquella piedosa pertenção vinha ordenada por Deos, elle lhe deo o remedio, e assim antes que o irmão Fr. Gonsalo acabasse de ser Provincial, a Casa foi recebida, e mandados Frades, que fossem edificalla.

3 Houve naquella Cidade dous bons casados, cujos nomes erão o do marido Francisco Martins, e o da mulher Branca Raloa: erão de limpa geração, e nobres por seus bons procedimentos. Tinhão dos bens do mundo abundancia para seu estado, e não tendo filhos, a quem os deixar, determinárão applicallos a alguma obra pia. E como neste tempo se fallasse na pertenção, que havia de irem nossos Frades para aquella terra, pareceo-lhes aos dous casa-

ſados, que nas obras do novo Convento ficarião ſeus bens bem empregados. Para iſto fizerão ambos hum teſtamento, em que logo davão humas formoſas caſas, que com huma grande, e proveitoſa horta, junto com a meſma Cidade, em huma ponta della tinhão. Com iſto deixárão outras terras, para que ſe vendeſſem para as obras, de que não querião outro humano intereſſe, mais que a Capella Mór da Igreja, para nella ſer dada a ſeus corpos ſepultura. Feito o teſtamento, morreo pouco depois Franciſco Martins, ficando a mulher com tão grandes deſejos de effeituar o que ambos tinhão ordenado, que aviſou logo a noſſos Frades do que eſtava feito, e pedio-lhes quizeſſem ir edificar aquella Caſa, que ella lhes daria para as obras todos os bens, que à ſua parte lhe ficárão, alèm do que de conſentimento de ambos ficava no teſtamento.

4 Viſta a occaſião tão accommodada para ſatisfazer à vontade de todos os moradores daquella Cidade, mandou o Miniſtro Provincial Frades, que foſſem a Faro; os quaes, havidas todas as licenças neceſſarias, ſe mettêrão de poſſe das ditas caſas, que para iſſo deixára Franciſco Martins, onde fizerão ſeu recolhimento, e clauſura, por ſerem capazes para tudo. E tratando logo de pôr as mãos na obra, traçárão a Igreja no meio de huma eſtrada, que paſſava junto dellas, em que ſe deitou a primeira pedra pelo Biſpo do Algarve, que era então D. João Coutinho, que como tão affeiçoado a eſta Provincia, quiz acharſe preſente, e fazer o officio, aos quinze de Outubro de 1620. Forão-ſe as obras continuando com mais algumas eſmolas, que o povo fazia, e outras, que de partes diverſas os Provinciaes para ellas applicavão, de maneira, que em poucos annos ficou o Convento acabado, e he hoje hum dos mais perfeitos que temos. Ficou ſervindo de cerca a horta, que alli eſtava, com huma nora de agua dentro, com que tudo ſe rega. Viveo Branca Raloa depois de noſſos Frades irem para Faro, alguns poucos annos, com tanta conſolação, e alegria eſpiritual, pelo que tinha feito, que ſó niſſo fallava, nem tratava de outra couſa mais, que de communicar mui eſpiritualmente noſſos Religioſos, deſpendendo com elles em abundancia, aſſim para ajuda das obras, como para ſua ſuſtentação. Morreo, e foi ſepultada na Capella da Igreja com os oſſos de ſeu marido, que para ella forão trasladados do lugar de ſua primeira ſepultura.

CA-

CAPITULO LV.

Como neste tempo se intentou que as Provincias Descalças tivessem Vigario Geral à parte.

1 POr duas vezes se tinha jà intentado dar Vigario Geral às Provincias Descalças de Hespanha, e de nenhuma dellas teve effeito a pertenção, porque os mesmos, a quem tocava promovella, a contrariárão em huma Congregação, que para isso se ajuntou em Valhadolid, como fica dito. Terceira vez em tempo do triennio do nosso Ministro Provincial Fr. Pedro de Lordello, quando parecia estar de todo esquecida esta pertenção, se intentou o mesmo com maior efficacia, pois com effeito esteve nomeado Vigario Geral para as Provincias Descalças de Hespanha, e Indias de Castella, e para as mais do mesmo Instituto, que ao diante se lhe aggregassem, como jà se lhe aggregavão duas, que novamente se erigião, a saber, a Recoleição da Provincia de Catalunha, e a Custodia da Madre de Deos de S. Thomé, nas nossas Indias Orientaes. Foi o caso, que expedio o Papa Gregorio XV. hum Breve, que começa: *Ex injuncto nobis desuper*, a vinte e quatro de Novembro de 1621. e primeiro de seu Pontificado, em o qual motu proprio, e de certa sciencia, e com madura deliberação sua, instituia, e nomeava a Frei João de Santa Maria, Padre da Provincia de S. José, Confessor da Infante Dona Maria, filha de Filippe III. em Commissario Apostolico, para que governasse como legitimo Superior, e Prelado de todas as Provincias Descalças de Hespanha, e das Indias, atè o Capitulo Geral, que se havia de celebrar em a festa de Pentecostes do seguinte anno de 1622. para eleger Vigario Geral pelos Ministros Provinciaes, e Custodios das mesmas Provincias, em cuja eleição havia de presidir o mesmo Commissario Apostolico. No mesmo Breve põe o Summo Pontifice algumas cousas tocantes ao modo do governo, que havião de ter, expressando tambem alguns casos, em que subordinava o novo Vigario Geral dos Descalços ao Ministro Geral de toda a Ordem.

2 Tanto que o Padre Frei João de Santa Maria recebeo o Breve, começou a exercitar seu officio de Commissario Apostolico de nossa Descalcez, e para que constasse a todas as Provincias Descalças o novamente ordenado pelo Summo Pontifice, despachou a todos seus Ministros Provinciaes hu-

ma Patente ſua dada em Madrid no Convento Real de São Gil, a treze de Janeiro de 1622. e juntamente huma copia autentica do dito Breve. Governava então eſta Familia Ciſmontana o Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral Fr. Bernardino de Sena, o qual com outros Padres graves della, informou por ſua parte, e em ſeu favor ao Rei de Caſtella. Ordenou eſte ao Nuncio Apoſtolico, que em ſua Corte reſidia, mandaſſe ſuſpender aquelle novo governo, em quanto não vinha reſpoſta de humas cartas ſuas, que ſobre iſto havia eſcrito. E porque tudo o que àcerca deſte particular houve, conſta de huma carta, que o Padre Commiſſario Geral eſcreveo ao noſſo Provincial, me pareceo trasladalla aqui de *verbo ad verbum*, que he na maneira ſeguinte.

3 ,, Como eſſa Provincia ,, eſtá tão derramada por todo ,, o Reino, e V. Paternidade ,, anda ſempre em eſſa roda viva de ſua peregrinação, attribuo a iſſo o não ter reſpoſta das que tenho eſcrito a Voſſa Paternidade, havendo paſſado tanto tempo, pois o aviſei de Badajoz, quando vinha para eſtas partes, e agora o fiz ha poucos dias por via do Conde da Vidigueira. V. Paternidade por minhas cartas, ou por outra via, ,, ſerá jà ſabedor da novidade, ,, que paſſa neſta Corte, onde ,, o Padre Fr. João de Santa ,, Maria tornou a levantar couſa, que parece eſtava jà de ,, todo eſquecida, e que por ,, diverſas vezes em tempos ,, paſſados foi de todos tão ,, contradita, de dar às Provincias Deſcalças Vigario Geral ,, à parte: e aſſim S. Santidade, que ſegundo ſe crê, teve mui falſas informações, ,, mandou ao Padre Fr. João ,, de Santa Maria Breve, que ,, me dizem jà por là anda, para que ajuntaſſem pela feſta ,, de Pentecoſtes proxima vindoura todos os Padres das ,, Provincias de Heſpanha, e ,, elegeſſem Vigario Geral, ſendo elle Preſidente, e que entretanto elle foſſe Vigario Geral, e governaſſe. Mas como iſto antes de chegar o ,, Breve tinha parecido tão mal ,, a todos os privados, e Senhores da Corte, mandou ,, S. Mageſtade a ſeu Confeſſor conſultaſſe o que niſto ,, mais convinha, pela novidade, que em ſi trazia alterar ,, o governo da noſſa Ordem, ,, em tempo, que ella eſtava ,, tão reformada, em tanta paz, ,, e quietação: e aſſim mandou ,, ao Padre Fr. João de Santa ,, Maria, que ſe lhe vieſſe algum Breve de S. Santidade,

,, o não

„ o não déſſe à execução, ſem „ primeiro lhe dar parte. E „ tambem mandou ao Nuncio, „ que ſe o Breve vieſſe dirigido a elle, o detiveſſe, porque iſto ameaçava grandes revoluções, e eſcandalos, como logo ſe vírão. Mas o Padre Fr. João de Santa Maria, que pertendia mais ſer intruzo na poſſe do governo, que evitar eſtas diſcordias, ſem ter reſpeito ao que Sua Mageſtade lhe mandava, tanto que o Breve lhe foi dado, ſem dar parte a ElRei, huma noite publicou o Breve no Convento de S. Gil, e ſe fez reconhecer por Prelado, ſem que para iſſo precedeſſem as ordens do Direito, ou o Breve me foſſe intimado, ou outra alguma ſolemnidade juridica, nem ainda de cortezia, as quaes me erão devidas, pois o não podião metter de poſſe do tal governo, ſem ſer eu notificado, para que déſſe lugar, em que elle havia de entrar, esbulhando-me a mim, e lançando-me fóra; nem atè hoje me foi notificado o Breve, couſa contra todas as Leis de Direito Divino, e humano. Eſte termino, e acções do Padre Fr. João de Santa Maria deixárão mui eſcandalizados os privados de S. Mageſtade, e Senhores deſta Corte, aſſim pela deſcortezia, como pelas moſtras, que dava, ou ſe podião collegir de deſejos não tão deſpidos, e deſcalços de ambição, como convinha, (o que não ſerá, nem eu o quero crer, poſto que elles o ſuſpeitem) e aſſim o mandárão chamar, e reprehendêrão, e ainda lhe mandárão algumas couſas, de que (ſegundo dizem) não ficou mui contente. E logo S. Mageſtade mandou por ſeu Confeſſor ao Nuncio, que ſuſpendeſſe o Breve, e ao Padre Santa Maria mandaſſe que não governaſſe, como ſe fez: e ſe por là anda o Breve, e elle eſcreve que eſtá de poſſe, he deſta maneira que digo, nem póde governar, pois eſtá ſuſpendido. E logo S. Mageſtade, que mandou ver mui de propoſito, e conſiderar o que convinha, e as razões, que ſe lhe apreſentárão, eſcreveo por hum treſordinario a S. Santidade do que tinha feito, e como por ordem ſua o Nuncio havia ſuſpendido o Breve, e a Fr. João, e que S. Santidade não havia de innovar couſa alguma, atè não ouvir as razões, que havia para não dar lugar a tal pertenção. E tràs iſto tornou logo pelo ordinario de Roma reſcrever ao Papa claramente,

,, te , que tal não convinha,
,, nem se devia fazer em Hes-
,, panha pelos muitos escan-
,, dalos , perturbações , e no-
,, vidades , que levantavão , e
,, outros maiores, que ao dian-
,, te promettia este governo,
,, sendo as Provincias Descal-
,, ças as que mais interessavão
,, em estar debaixo da obedien-
,, cia de hum só Prelado Ge-
,, ral, que em Hespanha fosse
,, Superior absoluto de Refor-
,, mados, e Observantes. Des-
,, tas segundas cartas me derão
,, parte , mas ainda o não sei
,, de certo atè que o Correio
,, parta, e saibamos se as leva,
,, como jà forão as primeiras.
,, Depois de ter posto aqui is-
,, to, sei de certo que S. Ma-
,, gestade escreve a segunda vez
,, mui apertadamente, e estão
,, as cartas jà feitas. Neste es-
,, tado estão as cousas, do qual
,, dou relação a V. Paternida-
,, de tão larga , para que sai-
,, ba a verdade de tudo, e lhe
,, não escrevão là outras men-
,, tiras. Estas cousas, e as clau-
,, sulas do Breve começárão a
,, perturbar logo os animos dos
,, Religiosos Descalços , assim
,, pelo damno , e ruina , que
,, isto ameaçava em seu esta-
,, do , como por parecer-lhes
,, que não convem aceitar Bre-
,, ve, ou Prelado, com o qual
,, ficão despensados em dous
,, preceitos tão conhecidos , e
,, essenciaes, sentindo o nome,
,, com que jà por aqui os tra-
,, tão de dispensados. E tem
,, por certo muita razão de se
,, queixar, vendo que sem ha-
,, ver Provincia , nem Frade,
,, que tal peça, senão he o Pa-
,, dre Fr. João, e alguns pou-
,, cos seus aliados , quer Sua
,, Santidade sob pretexto de
,, maior reformação despensal-
,, los naquillo, que a Deos vo-
,, tárão, e promettêrão, o que
,, fica tão claro, que mal se pó-
,, de palear por alguma via.
,, Porque primeiramente a obe-
,, diencia do Geral , a que es-
,, tamos obrigados pela Regra
,, *in omnibus quæ non sunt con-*
,, *traria animæ*, & *Regulæ nos-*
,, *træ* , fica pelo Breve tão li-
,, mitada, que só em dous ca-
,, sos , e estes taes, que nunca
,, acontecem em toda a vida,
,, se póde recorrer a elle por
,, via de appellação, sem que
,, o Geral possa mudar hum
,, Frade, nem mandar-lhe hum
,, Commissario, ainda que seja
,, Descalço. Outro he tambem
,, conhecido, pois são obriga-
,, dos os Ministros , e Custo-
,, dios ir a Capitulo Geral , e
,, o Breve os absolve deste pre-
,, ceito. Por onde verá V. Pa-
,, ternidade quanta razão tem;
,, e assim a Provincia de São
,, Paulo me mandou papel fir-
,, mado por todo o Definitorio,
,, que elles não havião pedido

,, tal,

,, tal, nem consentirião, dei-
,, xando-o em seus votos, na
,, tal eleição. O mesmo me
,, escreveo a Provincia de São
,, Gabriel, o Custodio da de
,, S. Diogo, os Padres Provin-
,, ciaes da Arrabida, e Santo
,, Antonio, e desta Provincia
,, de S. José, e S. João Bap-
,, tista os mais graves, e que
,, hão sido Provinciaes, me de-
,, rão papeis firmados, em que
,, confessão não convir à Des-
,, calcez tal modo de governo:
,, e se não he V. Paternidade,
,, e os Padres dessa Provincia,
,, de todos os mais tenho rece-
,, bido cartas, em que cada
,, hum declara o que sente, por-
,, que o Breve não tira isto,
,, nem põe pena alguma a quem
,, disser o que sente no caso, se-
,, gundo Deos. E assim V. Pater-
,, nidade deve com muita pressa
,, responder-me, mandando-me
,, seu parecer, e dos Definido-
,, res, e Padres, que estiverem
,, à mão, e entretanto carta sua,
,, pela qual me signifique seu
,, pensamento, que de pessoa
,, tão observante, e religiosa
,, será qual convem a Provin-
,, cial de tão grave Provincia,
,, e que entre as mais floreceo
,, sempre em aspereza, rigor,
,, e virtude, e que foi a que
,, mais contradisse nos tempos
,, passados esta pertenção, co-
,, mo aqui o vemos pelos pa-
,, peis, e sentença da Junta em
,, Valhadolid. Nem eu ponho
,, nisto alguma dúvida, que co-
,, nheço aos Religiosos da Pie-
,, dade, e fio mais delles, e de
,, seu zelo, que de todos os
,, outros, e delles me determi-
,, no valer para ajuda do que
,, pertendemos, e a todos nos
,, está bem, que he conservar-
,, mo-nos como atè agora, e
,, deixar a Ordem como a achei,
,, e ma entregárão, e confio em
,, Deos que em melhor estado.
,, E quando as Provincias de
,, Castella tanto me ajudão, ve-
,, ja agora V. Paternidade o
,, que eu me prometterei das
,, de Portugal, e principalmen-
,, te dessa, que he a primeira
,, de todas as Descalças, não
,, só em tempo, senão em vir-
,, tude, e observancia. E para
,, que V. Paternidade veja que
,, começo a valer-me mais dos
,, Religiosos dessa Provincia,
,, que outra, e convem que
,, não obstante que o Padre Frei
,, Antonio de Sinde he Guar-
,, dião, pondo V. Paternidade
,, em seu lugar hum Presiden-
,, te, o mande com Patente sua
,, a esta Corte, por ser Reli-
,, gioso, de quem eu tenho mui-
,, to boa informação, assim de
,, suas letras, como de seu bom
,, procedimento, e virtude, pa-
,, ra que me ajude delle nos ne-
,, gocios, de que tiver necessi-
,, dade, por serem estes de mui-
,, to pezo, e credito de toda a
,, Re-

,, Religião. E se o Padre Frei
,, Christovão de Vouzela está
,, em estado, que se possa pôr
,, a caminho, estimarei muito
,, a ver cà dous Religiosos dessa
,, Provincia tão honrados,
,, e de tanta satisfação, e quando
,, não, V. Paternidade buscará
,, outro, que venha por
,, companheiro, e nos ajude:
,, nesta occasião tudo he necessario.
,, E tendo nas Provincias
,, de Portugal quem póde acudir
,, a isto, não será bem que
,, eu tire esta gloria à nossa nação,
,, e a essa Provincia. Vossa
,, Paternidade o faça assim
,, sem dilação alguma, e os
,, mande logo a esta Corte, e
,, com toda a brevidade me responda,
,, que importa muito,
,, e faça nessa Provincia encommendar
,, a Deos mui estreitamente
,, o bom successo destas
,, cousas, e que elle ordene só
,, aquillo, que he mais serviço
,, seu, e honra de seu santo
,, nome. E advirto a V. Paternidade,
,, que à Madre Luiza
,, lhe parece muito mal isto, que
,, intentão estes Padres, e me
,, escreveo por trez cartas, que
,, tenha bom animo que Deos
,, acudirá, e que ella pede a
,, Deos alumee aos Padres Descalços,
,, para que vejão o mal
,, que fazem. E assim tenho
,, muita confiança que Deos o
,, ha de guiar a seu serviço.
,, Elle guarde a V. Paternida-
,, de como desejo, &c. Madrid
,, oito de Fevereiro de
,, *1622.* ,,

Fr. Bernardino de Sena,
Commissario Geral.

4 Tanto que o irmão Ministro Fr. Pedro de Lordello recebeo esta carta do Padre Commissario Geral, fez junta dos Definidores, e Custodio da Provincia em Santo Antonio de Estremoz, onde se tratou àcerca da materia, e se resolveo não convinha o tal modo de governo, de que se mandou papel firmado como o Reverendissimo pedia. Finalmente como as mais das Provincias mandárão papeis na mesma fórma, forão estes causa de que o Summo Pontifice remettesse a pertenção a votos dos Definidores das mesmas Provincias Descalças, os quaes contradizendo-a novamente, revocou S. Santidade o que àcerca della tinha mandado, por onde as cousas ficárão como de antes, pondo-se silencio no passado.

CAPITULO LVI.

Eleição do trigesimo-quinto Ministro Provincial, que a Provincia teve, e de hum Religioso de seu tempo.

1 DE mais dos trez annos teve o governo da Provincia o irmão Fr. Pedro 16[illegible]

dro de Lordello ſinco mezes, por auſencia do Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral Fr. Bernardino de Sena, que ſe queria achar preſente na eleição do futuro Miniſtro. No fim deſtes celebrou-ſe Capitulo Provincial em a Piedade de Villa-Viçoſa na *Dominica infra octava* da Aſcensão, vinte e ſinco de Maio, anno de 1623. cujos gaſtos com Real magnificencia fez o Senhor D. Theoſio ſegundo do nome. Preſidio nelle, como tinha promettido, o ſobredito Padre Commiſſario Geral, e ſahio eleito em Miniſtro Provincial o irmão Fr. Antonio do Seixo Prégador, que foi em numero o trigeſimo-quinto dos que a Provincia teve. Sahírão por Definidores Fr. Antonio de Elvas, Fr. Jeronymo de Eſtremoz o Sande, Fr. Alexandre de Viſeu, Fr. Franciſco de Elvas Prégador, e por Cuſtodio Fr. Sebaſtião de Liſboa. Fez eſte Miniſtro a ſua Congregação em o meſmo Convento da Piedade de Villa-Viçoſa a dezeſete de Outubro de 1624. em que preſidio Fr. André de Guimarães, Padre da Santa Provincia de Portugal, e Commiſſario Geral deſte Reino.

2 Tinha jà chegado a citatoria para o Capitulo Geral, que o ſeguinte anno ſe havia de celebrar em Roma, por cuja cauſa o noſſo Miniſtro Provincial logo em ſua Congregação elegeo Commiſſario, que em ſua auſencia governaſſe a Provincia, e foi eleito o irmão Frei Antonio de Elvas actual Definidor. No principio do ſobredito anno, que foi o de 1625. partírão o Miniſtro, e Cuſtodio para Roma, onde pela feſta de Pentecoſtes do meſmo anno ſahio por Miniſtro Geral de toda a Ordem o Reverendiſſimo Padre Fr. Bernardino de Sena, que acabava de ſer Commiſſario Geral deſta Familia Ciſmontana, cuja eleição foi applaudida de todos pela ſatisfação, que jà tinhão do ſeu governo. De Roma, por commiſsão do novo Geral, veio o noſſo Cuſtodio por Viſitador da Santa Provincia de S. Paulo, cuja viſita fez com grande ſatisfação de todos os Padres, e Religioſos della.

3 No fim do anno de 1625. paſſou ao Senhor da Caſa de Santo Antonio de Eſtremoz hum Religioſo Sacerdote, chamodo Fr. Diogo de Niza, em quem Adão parecia não haver peccado. Era de boa, e ſingela natureza, e tão amigo de tratar verdade, que nem zombando (ainda em materias leves) dizia couſa, que o não foſſe, ſenão ſempre o que ſe lhe entendia. Depois que na Provincia profeſſou foi muito enfermo de di-

diversos achaques, os quaes soffria com tão maravilhosa paciencia, que nunca se lhe ouvio palavra, nem vio acção, em que a não mostrasse, nem sinal algum de queixa, cousa, que aos Religiosos punha em espanto, por saberem o muito, que padecia. Tratou sempre mui de proposito de sua salvação, fugindo todas as occasiões, por pequenas que fossem, que podião em algum modo impedir-lha, ou estorvar-lha, e por esta causa vivia com tanta pureza de consciencia, que para nas confissões dar materia de absolvição recorria à vida passada, confessando-se ordinariamente de alguma culpa do tempo de secular. Na obediencia foi estremado, não esperava o mandamento para obedecer, quando por alguma via lhe constava a vontade do Prelado.

4 Nestas, e outras muitas virtudes se exercitou todo seu tempo de Religioso, atè que na Congregação do irmão Fr. Antonio do Seixo, foi morador para a nossa Casa de Santo Antonio de Estremoz, onde Deos nosso Senhor tinha ordenado dar-lhe o premio de suas santas obras. Tanto que entrou nesta Casa, se lhe aggravárão mais os achaques, atè que rendido ao pezo delles cahio enfermo, e desconfiado o Medico de sua saude, mandou que lhe dessem os Sacramentos hum dia à tarde, porque lhe pareceo não poderia durar muito tempo. Chegou hum Religioso, com quem Fr. Diogo se confessava, a dar-lhe a nova, por entender quanto havia de estimalla, porque depois que lhe deo aquella enfermidade, desconsolava-se grandemente, se lhe dizião que havia de escapar della; tal era o desejo, que tinha de se ver livre, e solto das prizões do corpo, qual outro S. Paulo, por se achar com Christo. Pedia com grande ternura, e encarecimento aos Religiosos rogassem a nosso Senhor o levasse da presente vida. E assim quando lhe disse aquelle Religioso seu Confessor o parecer do Medico, e que o Guardião determinava dar-lhe aquella tarde o Sacramento da Eucaristia, nem se perturbou, nem recebeo alteração alguma, respondeo-lhe com muita quietação, e serenidade: *Faça o irmão Guardião o que lhe parecer; porèm póde estar seguro, que não hei de morrer tão cedo, primeiro ha de passar o dia oitavo da Conceição da Senhora*; (era isto então depois do seu dia no mez de Dezembro) e assim foi sem falta, donde parece que teve revelação de sua morte.

5 Todos os mais dias, que viveo atè chegar o oitavo, foi passando com terriveis dores de hu-

huma perna, que lhe retalhárão, por lhe haver dado nella herpes, o que tudo soffria com a sua costumada paciencia. Entrou huma manhã o Religioso seu Confessor a visitallo, e perguntando-lhe como se achava, respondeo-lhe: *Não sabeis, irmão, o que cà foi esta noite: entrárão nesta cella muitos meninos, huns vestidos de negro, outros de branco: os de negro arremettêrão a mim para espancar-me; e os de branco, tendo mão delles, dizião: Estai quedos, não a Fr. Diogo. Devieis estar dormindo,* (lhe disse aquelle Religioso, por se certificar mais do successo) *porque essas cousas parecem de sonho. Dormindo,* (tornou elle) *não por certo, tão acordado como agora.* Ficou então entendendo aquelle Religioso, que os Anjos bons, e máos lhe apparecêrão naquella fórma, querendo huns atemorizallo, e outros animallo, e defendello.

6 O dia, que morreo, que foi logo o seguinte depois daquelle Oitavario, como elle antes predisse, entrando o mesmo Religioso na sua cella, das sete horas da manhã para as oito, o achou só, melancolizado, e triste. Disse-lhe então, vendo-o naquella fórma: *Irmão Fr. Diogo, levantai os olhos ao Ceo, e alegrai-vos no Senhor, que quem está de caminho para ir gozallo (se o entendimento lhe não falta) ha de estar alegre. Isso prégais vós là em o mundo às gentes?* perguntou o enfermo ao Religioso: (era Prégador por officio) *Isto;* (respondeo elle) *porque se hum homem estiver de caminho para ir tomar posse de hum Reino, não teria razão de entristecer-se: e pois vós estais para ir tomar posse do da Gloria, vede quanta razão tendes de estar contente. Ora pergunto-vos,* (tornou o enfermo) *jà que com razões quereis vencer-me: Se eu nesta hora seguisse a Jesus Christo, iria bem encaminhado? Sim por certo,* (disse elle) *porque nenhum dos que o seguem erra o caminho. Pois bem sabeis vós, irmão,* (prosseguio Fr. Diogo) *que Jesus Christo antes de morrer se entristeceo.* Entendeo então aquelle Religioso que estava Fr. Diogo meditando em a Paixão de Christo Senhor nosso, e pelo não divertir de meditação tão proveitosa, o deixou só, como antes estava. Nesta fórma esteve todo o tempo, que dalli lhe ficou atè às onze horas do dia, em que entrou no artigo da morte, com tanta quietação, como se dormíra; finalmente pela huma depois do meio dia, dezeseis de Dezembro de 1625. foi a descançar com o Senhor, segundo se póde colligir de sua religiosa vida.

CAPITULO LVII.

Eleições do trigesimo-sexto, e setimo Ministros Provinciaes.

1626 1 LOuvavelmente concluio o irmão Frei Antonio do Seixo o seu triennio, no fim do qual para eleição do futuro Ministro se congregárão os Vogaes em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa a quatro de Julho de 1626. pela festa da Rainha Santa, havendo visitado a Provincia Fr. Jacome Peregrino, Padre da Provincia da Arrabida. Fez os gastos do Capitulo o Serenissimo Duque D. Theodosio: nelle presidio o Reverendissimo Padre Geral Fr. Bernardino de Sena, e sahio eleito em Ministro Provincial, com geral aceitação o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul, sendo actual Guardião do Convento de Santo Antonio de Evora. Sahírão por Definidores os irmãos Frei Mattheus de Celorico, Fr. Antonio de Covilhã, Fr. Custodio da Guarda, Fr. Antonio de Pinhel, e por Custodio Fr. Antão de Guimarães; o qual no triennio de seu Custodiato foi visitar a santa Provincia de Santo Antonio, por commissão do sobredito Padre Geral Fr. Bernardino de Sena. Fez este Provincial a sua Congregação na Piedade de Villa-Viçosa em o 1. de Janeiro de 1628. em que presidio o Padre Fr. André de Guimarães, Padre da Provincia de Portugal, e Commissario do Reino. Todo o tempo de seu governo procedeo o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul com grande prudencia, e inteireza, como dotado de tanta virtude, que disse hum Escritor de seu tempo, que em todo o genero della fora assignalado.

Fr. André de S. Pedro do Sul, Provincial 36.

2 Por este tempo, segundo nossa conjectura, que não pudémos averiguallo com certeza, passou ao Senhor do Convento de S. Fructuoso de Braga hum perfeito Religioso, de profissão leigo, chamado Frei Manoel de Guimarães, natural da mesma Villa. Tomou sendo mancebo o habito na nossa Provincia, em que fez profissão com grande satisfação dos Religiosos, por verem nelle jà em noviço huns sinaes do que havia de ser ao diante. Depois de professo tratou mui de proposito de exercitar-se nas virtudes, e principalmente na caridade, de que foi hum vivo exemplar, e retrato. Suas penitencias erão mais para o espanto, que para a imitação, pois parecia não serem bastantes forças humanas a soffrer o rigor, com que se tratava. Sem piedade, sendo para os outros mui compassivo, castigava seu debi-

Fr. M[anoel] d[e] Guim[arães] Frade leigo.

bilitado corpo, com que o trazia ſujeito, e rendido ao imperio do eſpirito. Na paciencia foi maravilhoſo; com tanta quietação de animo ſoffria quaeſquer trabalhos, e adverſidades, como ſe fora inſenſivel. Neſtas, e outras muitas virtudes, a que ajuntava a da continua oração (ſem a qual nenhuma perſevera) perſeverou Fr. Manoel atè o fim da vida, deixando em todas as terras, onde morou, opinião de ſanto.

3 Em a Cidade de Braga creſceo mais eſta opinião, que delle tinhão, por alguns ſucceſſos, que nella forão notorios, dos quaes contaremos hum, de que nos ficou mais inteira noticia. Havia naquella Cidade hum Conego chamado Franciſco da Coſta, (de quem jà fallamos diverſas vezes neſta hiſtoria) inſigne bemfeitor noſſo: morreo eſte, ſendo Fr. Manoel morador no Convento de São Fructuoſo da meſma Cidade, e na meſma noite, que paſſou da preſente vida, o Deão daquella Cathedral, que então era D. Balthazar Vaz Fagundes, ſonhou, (como elle depois contava) ou com effeito lhe appareceo em ſonhos o meſmo Fr. Manoel, e lhe diſſera: *Jà, Senhor, he morto o Conego Franciſco da Coſta, noſſo grande bemfeitor, vós agora haveis de ficar em ſeu lugar, e fazernos as eſmolas, que elle nos fazia*; o que elle aceitava, e cumprio depois melhor. Paſſado o reſtante da noite, eſpertando-o pela manhã hum ſeu pagem, antes de outras palavras, lhe diſſe eſtas: *Eſta noite morreo o Conego Franciſco da Coſta. Como ſentirão perdello, pelas eſmolas, que lhes fazia, os Religioſos de S. Fructuoſo.* Contou-lhe então o Deão o ſonho, que tivera, accreſcentando, que para aquellas, e outras ſemelhantes neceſſidades lhe dera Deos renda, e boa vontade para a deſpender no remedio dellas. O que bem moſtrou ao depois por obra, ficando em realidade, como promettêra em ſonhos, no lugar do ſobredito Conego. Pouco depois deſte ſucceſſo paſſou Fr. Manoel ao Senhor, a receber o premio de ſeus ſerviços, em o meſmo Convento de S. Fructuoſo de Braga.

4 Trez annos, e ſinco mezes governou a Provincia o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul. Procedeo eſta dilação de querer o Reverendiſſimo Padre Geral aſſiſtir ao Capitulo, como aſſiſtio a todos, que no tempo, em que governou a Ordem, ſe fizerão na Provincia, pela afeição, que lhe tinha; e como no preſente ſe achaſſe occupado em Caſtella, não pode vir a ſeu tempo. Tanto porèm que ſe achou deſimpedido, aviſou ao 1629

Visitador, que era Fr. Lourenço da Madre de Deos da Provincia da Arrabida, convocasse os Vogaes em o anno de 1629. para o primeiro de Novembro, em que a Igreja celebra festa a todos os Santos, para celebração do futuro Capitulo, que havia de ser em a piedade de Villa-Viçosa. Os gastos delle com particular magnificencia fez o Serenissimo Duque D. Theodosio segundo do nome, e foi este o ultimo dos muitos, que fez, porque no seguinte anno morreo. Presidio o mesmo Reverendissimo Padre Geral Fr. Bernardino de Sena, sendo jà Bispo eleito da Cidade de Viseu, e sahio por MinistroProvincial o irmão Frei Custodio da Guarda, e foi o trigesimo-setimo dos que a Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Francisco da Guarda, Fr Gaspar de Aveiro, Fr. Francisco de Portel, Fr. Manoel de Castello de Vide, e Custodio Fr. Amaro de Elvas, Prégador.

Fr. Custodio da Guarda, Provincial 37.

5 Para celebrar a sua Congregação avisou o irmão Provincial ao Padre Commissario do Reino, o jà nomeado, Frei André de Guimarães, o qual, por ser jà velho, e não poder vir tão facilmente de Lisboa, onde estava, a Villa-Viçosa, se escusou por huma carta sua ao Serenissimo Duque D. João, segundo deste nome, (depois felicissimo Rei de Portugal) em que resolutamente dizia, que por não estar em disposição para ir a Villa-Viçosa, determinava fazer a Congregação da Provincia da Piedade em Abrantes. Porèm o Duque, que assim como tinha herdado do Senhor D. Theodosio seu pai os Estados, herdou tambem a devoção, levou tanto a mal quererem-o privar do gosto, que tinha em se fazer a Congregação na Piedade, que com muito maior resolução lhe respondeo, que não consentiria de nenhuma sorte tal cousa, como aquella: e que se S. Paternidade não estava para vir no tempo determinado, se esperaria atè quando pudesse, ou se buscaria o remedio mais conveniente. Não pode o Padre Commissario fazer outra cousa, e assim veio a Villa-Viçosa presidir na Congregação, que se celebrou em vinte e nove de Junho de 1631.

6 A esta Congregação veio o irmão Fr. Pedro de Lordello, por ser Padre mais digno da Provincia, e haver falecido no Sardoal, pouco tempo antes, o Definidor Fr. Gaspar de Aveiro, em cujo lugar veio o dito Padre. No Capitulo, em que sahio o irmão Fr. Custodio da Guarda, se recopilárão os Estatutos, que andavão dispersos, em hum volume, e es-

eſtes ſão os que hoje ſe guardão, excepto alguns, que a variação dos tempos fez variar, e accreſcentar outros de novo. Determinou-ſe tambem que a Caſa de Chaves ſe mudaſſe, porque ameaçava total ruina, como pouco depois ſe mudou, para junto da Villa, onde hoje eſtá, dentro de hum Forte, que alli depois por occaſião das guerras ſe fez, cortando parte da cerca do Convento para eſte effeito. Não temos mais noticia de couſa alguma, que ſuccedeſſe no triennio deſte Miniſtro, ſenão o lançar-ſe a primeira pedra no Convento de Santo Antonio da Idanha, cuja fundação referiremos no ſeguinte Capitulo.

CAPITULO LVIII.

Fundação do Convento de Santo Antonio da Idanha.

30 1 DEpois que os Religioſos deſta Provincia tiverão baſtantes Conventos para ſe conſervarem, com muita difficuldade aceitavão outro algum, que ſe lhe offerecia, porque temião tanto o multiplicallos, quanto outros podião deſejar o eſtendellos; e os que depois diſto aceitárão, foi ſempre em as terras, onde a neceſſidade de Miniſtros para a frequencia dos Sacramentos, e palavra Euangelica eſtava clamando; de que o leitor tem muitos exemplos neſta Hiſtoria, e de preſente nos offerece hum a Villa da Idanha a Nova no Biſpado da Guarda, para aquella parte, que chamão o Campo, não muito longe do Rio-Tejo. Havia muitos annos, que os moradores deſta Villa pertendião que os noſſos Frades aceitaſſem naquella ſua terra hum Convento, de que elles tinhão muita neceſſidade, por ſer o povo grande, e os Sacerdotes poucos em comparação da muita gente, que por ſua devoção queria receber os Sacramentos da Penitencia, e Eucariſtia pelo decurſo do anno. E ſuppoſto que outros Religioſos procuravão fazer Convento naquella Villa, nunca o povo quiz dar conſentimento, ſalvo para noſſos Frades.

2 Com eſte requerimento mandou a Camera ſeus Procuradores, que para iſſo fez particulares, ao Capitulo, em que ſahio eleito Fr. Pedro de Lordello, em dezeſete de Novembro de 1619. os quaes em nome daquella Villa fizerão ſua petição, allegando muitas razões para o deſpacho della. O que levárão do Capitulo, foi, que o irmão Miniſtro, quando foſſe viſitando, chegaria àquella terra, onde veria o ſitio, e capacidade della, conforme ao

qual

qual ſe lhe reſponderia : onde vio devagar o ſitio mais accommodado para a Caſa , e ouvio as razões, que a gente lhe dava : e ou foſſe porque nenhuma couſa de todas lhe ſatisfez, ou porque no Capitulo ſeguinte não houve quem niſſo fallaſſe, ficou por então em ſilencio a pertenção da Idanha. Soube-ſe depois que entre os do governo houve alguma divisão , ſobre quaes delles havião de vir ao Capitulo, o que foi baſtante para deixarem de mandar a elle , ſendo que muito o deſejavão. Pelo que o irmão Frei Antonio do Seixo , ſendo Miniſtro Provincial , e vindo de hum Capitulo Geral, que ſe havia celebrado em Roma no anno de 1625. chegou à Idanha, onde vio os ſitios , e lugares, que na terra havia, em que ſe podia fazer Convento : e por lhe parecer mui neceſſario para o bem das almas hum Convento naquella Villa , por ſer de muita gente, com muito largo termo , além de outras terras, Villas, e Lugares , que lhe ficão vizinhos por aquelle campo ; todos os quaes padecem a meſma neceſſidade eſpiritual , pois não ha outros Religioſos ſenão os noſſos , que ficão em Penamacor , e em Caſtellobranco, que todos os mais lhe ficão muito longe : quando acabou ſeu officio , propoz todas eſtas razões em o Definitorio, e Diſcretorio, e forão tão bem ouvidas, que todos para a dita fundação derão ſeus votos.

3 Achárão-ſe neſte Capitulo, em que ſahio por Miniſtro Provincial o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul, os Procuradores da Idanha , que de novo tinhão vindo com ſeu requerimento, e tornando-ſe contentes com tão bom deſpacho, eſperárão que o irmão Miniſtro na primeira viſita foſſe ver o ſitio, e aſſentar com elles o mais que para fazer o Convento era neceſſario. Foi elle à Idanha, e juntando-ſe o governo da Villa, e principaes da Republica, tratárão todos àcerca da Caſa, promettendo elles de fazella com ajuda da Camera, e eſmolas do povo, que com alvoroço eſperava a noſſos Frades. Para eſtes ſe preparárão logo as caſas da Miſericordia, onde eſtiverão, em quanto no ſitio, que havião eſcolhido, ſe fizerão recolhimentos baſtantes, e capazes de ſe poderem paſſar a elles.

4 Eſtá a Villa da Idanha ſituada quaſi no alto de huma meia ſerra, que fica para a parte de hum rio chamado Ponçul, abundante de peſcado, que em ſi cria. E como a terra ſeja falta de agua, não ſendo poſſivel edificar-ſe Convento, onde houveſſe alguma , eſcolhêrão noſ-

ſos

ſos Frades ſitio mais occaſionado a não faltar nelle ſaude. Eſte ſe achou para a parte do Sul, não muito longe da Villa, com boa viſta para o rio, e para muitas terras, que dalli ſe deſcobrem. Foi nelle lançada a primeira pedra pelo irmão Provincial Fr. Cuſtodio da Guarda, em a ſua primeira viſita a dous dias do mez de Setembro do anno de 1630. Ordenou-ſe para eſte effeito huma ſolemne Prociſsão dos Clerigos da Villa, Confrarias, e Irmandades, que nella havia: e moſtrou bem o povo o contentamento, com que dava principio àquella obra, com as differentes danças, e inſtrumentos muſicos, que para o dia buſcou. Sahírão os Frades das caſas da Miſericordia, onde eſtavão recolhidos, e forão todos ao lugar deſtinado para o Convento, e fizerão nelle a ſolemnidade da primeira pedra. Forão-ſe as obras continuando, e brevemente chegou a ter o Convento a perfeição devida, porque foi grande o fervor, com que a devoção da gente daquella Villa ſe applicava, cada hum com o que podia.

5 Cerremos o triennio do irmão Fr. Cuſtodio da Guarda com a memoria de hum milagre, que Deos noſſo Senhor obrou por merecimentos de noſſo Padre S. Franciſco em hum ſeu devoto. Morava em Villa-Viçoſa, naquella parte, que chamão o Caſtello, pelos annos do Senhor 1630. hum homem caſado, por nome João Fernandes. Eſte por huma occaſião de deſgoſto veio a perder o juizo, e a padecer certos achaques, dos quaes eſteve ſeis, ou ſete ſemanas mui enfermo. Em todo eſte tempo raras vezes queria comer; e quando o fazia, era por lhe dizerem que o mandava o Guardião de São Franciſco, com quem elle não tinha nenhum conhecimento; porèm tal devoção a noſſo Serafico Padre, que ſó em nome ſeu, ou de ſeus Frades, fazia tudo o que lhe pedião, ou mandavão. Dizia grandes diſparates, e eſtava ordinariamente furioſo; mas tanto que da parte de S. Franciſco o mandavão quietar, logo ficava ſocegado. Vendo ſua mulher eſta devoção, que o enfermo tinha com o Santo Padre, e communicando-a com algumas vizinhas ſuas, huma lhe moſtrou huma Imagem do Serafico Patriarca, pintada em huma meia folha de papel de marca grande, recebendo as Chagas. Com ella lhe moſtrárão outro papel, onde eſtava a Imagem de Chriſto crucificado, com a Senhora, e S. João de cada parte.

6 Tomou-as o enfermo, e feſtejando muito a de noſſo

[...]e de Pa[...]o [...]ſco.

Pa-

Padre S. Franciſco, as metteo ambas no ſeio entre a camiza, e a carne. Logo dalli por diante começou a ter alguma melhoria; e trazendo os dous papeis comſigo em aquella fórma, ao fim de quatro, ou ſinco dias, que alli os trouxe, o de noſſo Padre S. Franciſco foi achado tão limpo de huma, e de outra parte, como ſe em nenhuma dellas houvera tido pintura. Foi o papel reconhecido pela vizinhança, que antes tinha viſto nelle a Imagem do Santo Padre, e reconhecendo todos que era o meſmo, lhes não cauſou pequena maravilha ver que de todo deſapparecêra o Santo. Porèm o enfermo, que jà experimentava a cauſa de tão grande prodigio, ſentindo-ſe com ſaude perfeita, aſſim no juizo, como em os outros achaques, reſpondia, que S. Franciſco não deſapparecêra; ſenão que ſe lhe fora pôr no coração, onde o tinha. Vírão alguns Religioſos noſſos os dous papeis, e ſuppoſto que o da Imagem de Chriſto Senhor noſſo eſtava mal tratado, a pintura eſtàva muito clara, e mui formóſa; porèm a de noſſo Padre S Franciſco tão limpa, que nenhum ſinal tinha de haver alli eſtado pintura. E diſſe a mulher do dito enfermo, que em outra couſa mais entendêra quantos erão os merecimentos do Padre S. Franciſco; porque ſendo ſeu marido, antes que eſte caſo ſuccedeſſe, homem de groſſeiro entendimento; depois que daquelle mal alcançára ſaude, o juizo, que perdido tinha, ficára com elle tão perfeito, que affirmava alcançára não ſó o que tinha dantes, ſenão tambem a perfeição, que nunca tivera. Com eſta mercê, que recebêrão de Deos noſſo Senhor eſtes dous caſados por merecimentos de noſſo Santo Padre, ficárão tanto mais devotos ſeus, quanto moſtrárão pelas obras, em quanto lhes durou a vida; fazendo no que podião algumas caridades, e vindo todos os Domingos, e dias Santos à noſſa Caſa dar as graças ao Santo pela mercê recebida.

CAPITULO LIX.

Eleição do trigeſimo-oitavo Miniſtro Provincial.

1 HAvendo jà viſitado a Provincia o Padre Fr. Pedro de S. Miguel, 16
Cuſtodio da Santa Provincia de S. Joſé em Caſtella, para eleição do futuro Miniſtro, e celebração do Capitulo, aviſou o Reverendiſſimo Padre Vigario Geral Fr. Antonio Henriques, que então governava a Ordem em lugar do Reverendiſſimo Padre Geral Fr. Bernar-

nardino de Sena, promovido jà ao Bispado de Viseu, ao nosso Ministro Provincial Fr. Custodio da Guarda, para que em quatorze de Fevereiro de 1633. estivessem os Vogaes congregados em a Piedade de Villa-Viçosa. Neste dia, presidindo no Capitulo o sobredito Padre Vigario Geral, sahio eleito em Ministro Provincial o irmão Fr. Pedro de Lordello, havendo-o jà sido outra vez havia nove annos, com que foi o trinta e quatro, e o trinta e oito em numero dos que a Provincia teve. Sahírão por Definidores o irmão Fr. Alexandre de Viseu, Fr. Antonio de Pinhel, havendo-o jà sido ambos, Fr. Filippe de Evora, Fr. Francisco de Villa-Viçosa, e por Custodio o irmão Fr. Antonio do Seixo, Prégador, e Padre da Provincia. Fez os gastos deste Capitulo o Sereníssimo Duque Dom João, segundo do nome, com tanta abundancia, e liberalidade, que não forão bastantes os muitos gastos, e despezas, que havia feito no seu recebimento com a Senhora Dona Luiza Francisca de Gusmão, filha do Duque de Medina-Sidonia, para que o nosso Capitulo deixasse de ser em tudo abundante. E mandou o dito Senhor no meio de suas occupações ao seu Escrivão da cozinha, que assistisse na Piedade, para que tudo estivesse a ponto, e não houvesse alguma falta.

2 Pouco depois de sua eleição enfermou o irmão Ministro pelo que chamando a Villa-Viçosa a Meza da Definição, elegêrão ao irmão Frei Antão de Guimarães, para que fosse Pro-Ministro ao Capitulo Geral, que se havia de celebrar em Toledo a quatorze de Maio do mesmo anno de 1633. como foi juntamente com o irmão Custodio Fr. Antonio do Seixo, e nelle sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Padre Fr. João Baptista Campanha. Convaleceo o irmão Fr. Pedro de Lordello daquella enfermidade, que lhe impedio a jornada ao Capitulo Geral, e logo se poz a caminho a visitar a Provincia. Concluio a primeira visita, e chegou com a segunda a Braga, onde cançado de hum trabalho tão grande, como era correr a pé huma Provincia por todo o Reino, faleceo em São Fructuoso. De sua vida, e maravilhosas obras de virtude tiveramos muito que escrever, a não ser tão pouca a curiosidade de nossos Religiosos para no-las deixarem em lembrança: desculpar-nos-ha tão grande descuido o succinto da narrativa.

3 Foi o irmão Fr. Pedro de Lordello natural do limitado lugarinho de seu appellido

no Arcebiſpado de Braga : eſtudou neſta Cidade a Latinidade, e affeiçoando-ſe nella ao modo de noſſos Religioſos, que em S. Fructuoſo via, determinou tomar entre elles o habito de noſſo Padre S. Franciſco. Eſte lhe lançárão em Azurára, onde a ſeu tempo com ſatisfação não pequena de toda aquella Communidade, que reconhecia em o noviço huma propenſão à virtude, fez profiſsão em vinte de Novembro de 1585. Depois de profeſſo procurou ſempre com todo o cuidado eſmerar-ſe em todo o genero de virtude; rara vez era viſto fóra da cella, alèm das occaſiões preciſas, em que lhe era forçoſo fazer o contrario, as quaes acabadas, com muita diligencia ſe tornava a recolher a ſeu cubiculo, onde o achavão ou lendo, ou meditando, ſem eſtar hum momento ocioſo. Logo no principio de ſua vida Religioſa foi ſingular a devoção, que tomou ao Santiſſimo Sacramento, e à Virgem Senhora noſſa : creſceo eſta com a idade de maneira, que he inexplicavel o fervor, e acatamento, com que em ſua preſença aſſiſtia. Foi muitas vezes Prelado neſta Provincia, e duas Provincial, portando-ſe em ſubdito, e ſuperior de ſorte, que ſe não podia diſcernir em qual dos eſtados dava maior exemplo. As leis, e louvaveis coſtumes da Provincia guardava ſubdito com miudeza, e Prelado fazia guardar com nimiedade, indo ſempre em todas as couſas diante de ſeus ſubditos com exemplo.

4 Foi homem de grave preſença, moſtrava o roſtro ſempre alegre, nenhumas adverſidades [a] o alteravão, moſtrando ſempre nos cargos públicos notavel valor, e brio, e nos inferiores admiravel humildade, e ſujeição. E era extremado o rigor, com que ſe tratava, e com ſer aſperrimo para comſigo, era a meſma brandura para os ſubditos : ſingularizando-ſe na vigilancia, e cuidado dos enfermos, viſitando-os nas afflições das dores, e nunca o achárão menos, nem nos maiores riſcos das doenças, nem nas convalecenças, aſſiſtindolhes a todos com grande amor, e caridade; finalmente do principio da doença, atè Deos os levar para ſi, ou de todo convalecerem, ſempre os acompanhava. A oração era ſeu quotidiano exercicio : nella recebeo muitos mimos, e favores do Senhor, que ſabia ſua humildade tanto encubrir, que ſó por conjecturas ſe podião alcançar. Sómente de hum nos ficou mais clara noticia, porque foi patente, e não pode encubrillo ſua cautela.

[a] D. Ro... da Cu... Hiſtor... Braga cap. 7

5 Sen-

5 Sendo Guardião em o Convento de S. Fructuoso de Braga, como hum dia estivesse neste seu quotidiano exercicio, lhe revelou o Senhor que hum homem daquella Cidade, desesperado por hum trabalho, que lhe succedêra, sahia da Cidade ao campo resoluto a enforcar-se. Affligio-se o santo Religioso grandemente com esta noticia, doendo-se da alma daquelle pobre homem; sentio hum afervorado desejo de o poder livrar daquelle perigo; quando repentinamente foi logo levado por virtude Divina ao lugar, onde estava o tentado a ponto de pôr em execução o intento, com que alli viera. Dissuadio-o daquella culpa, consolou-o em sua afflicção, mandando-lhe que ao outro dia fosse ao Convento confessar-se com elle. Assim o fez o homem: chega no seguinte dia ao Convento de S. Fructuoso, pergunta ao Religioso Porteiro pelo Frade, que em tal lugar com elle estivera o dia de antes, que vinha alli confessar-se com elle, como lhe mandára. Ficou o Porteiro suspenso, porque no dia de antes não tinha sahido Religioso algum pela porta fóra. Contou-lhe então o penitente o caso; eisque neste tempo succedeo ir passando o Guardião, e conhecendo-o o homem, disse então para o Religioso, com quem fallava: *Aquelle he o Frade, que eu procuro.* Ficou o Porteiro entendendo o que o dia de antes tinha succedido.

6 Outro caso lhe aconteceo sendo ainda Guardião em S. Fructuoso, em que mostrou o quanto procurava esconder a santidade, por fugir a todo o vão applauso do mundo: e foi, que abrindo-se a cova de hum Religioso falecido havia sete annos, para se enterrar nella outro, que de novo falecêra, se achou seu corpo inteiro, e que de si despedia hum cheiro suavissimo, mandou logo o Guardião fechar a cova, avisando aos Frades não communicassem nada aos seculares. Em ambas as vezes que foi Provincial, não contente com visitar a Provincia a pé, como os mais Prelados, sendo elle jà mui velho, e quebrado, trazia pelos caminhos cilicio perpetuo, nem provisão alguma levava em suas jornadas, entregue totalmente à providencia Divina. A tudo o que podia ser alivio, e divertimento, ainda que honesto, fugia, porque só das occasiões de mortificação se contentava.

7 Andando em visita, foi huma vez visitar o Arcebispo de Braga, que então estava em Vianna de Caminha; rogou-lhe o Arcebispo quizesse ver humas

festas, que os naturaes daquella Villa tinhão preparado para receberem ao dito Arcebispo: não condescendeo elle a seus rogos, por fazer à sua mortificação aquelle obsequio. Caminhando para Ourem visitar aquelle Convento em hum anno invernoso, como em huns barros lhe ficassem as sandalias atoladas, ficou elle assàs contente, por ver-se obrigado a caminhar totalmente a pé descalço. Todas estas, e outras virtudes fundava, e estabelecia em huma profunda humildade, com que se tratava. Depois de haver jà sido Provincial, como hum dia se assentasse junto de hum Frade leigo, e este por respeito, e reverencia se levantasse para se ir dalli, lhe pegou pelo habito, dizendo: *Deixai-vos estar, irmão, não vos vades, que tambem sois Frade como eu.* No exercicio destas virtudes o achou em Braga a ultima enfermidade, onde recebendo com grande devoção os Sacramentos da Igreja, e recitando com os Religiosos os Psalmos Penitenciaes, entregou seu espirito a Deos em vinte e dous de Março de 1634. com sincoenta annos de habito, e setenta e sete de idade. Faz delle honorifica memoria o Agiologio [b] Lusitano.

[b] Tom. 2. Março 18. liter. G.

CAPITULO LX.

Acções virtuosas do irmão Frei Bartholomeu de Braga.

1 NO mesmo anno, que do Convento de Braga passou a melhor vida o irmão Fr. Pedro de Lordello, rematou tambem em o de nossa Senhora da Caridade, na Villa do Sardoal, a feliz carreira de seus muitos annos o irmão Fr. Bartholomeu de Braga, natural da Cidade de seu nome. Nella nasceo de pais ricos, o que lhe foi occasião para se entregar a divertimentos, gastando em continuos passatempos os dias de sua mocidade. Era tão inclinado a cantar à viola, que nisto lhe levava muitas horas; mas tocado da Divina graça, estando ainda em flor, por não vir a dar máo fruto, suspendeo para sempre o seu musico instrumento nos salgueiros melancolicos desta triste Babylonia, trocando-o pela mortificação, e penitencia da Cruz de Christo.

2 A primeira acção, que fez, depois que se resolveo seguir a Christo pelo desprezo dos alegres passatempos, e vaidades, que antes estimava, foi despojar-se das galas, de que vestia, trocando-as por huns vestidos vís, e hum chapeo tão velho, e çujo, que servisse para o lu-

o ludibrio, e zombaria; e aſſim começou a paſſear pela meſma Cidade de Braga o novo deſprezador do mundo. Depois de andar alguns dias neſta fórma, partio no meſmo traje a Compoſtella a viſitar o corpo de Sant-Iago: voltando deſta peregrinação, pedio o habito em a noſſa Provincia, que lhe foi negado, tal vez porque duvidaſſem os Prelados da perſeverança, em quem havia tão pouco tinha deixado as vaidades. Solicitou-o então nos Conventuaes, entre os quaes viveo com opinião de virtude atè o anno de 1568. em que elles ſe reformárão neſte Reino, [a] admittindo a Obſervancia; e como a tal reformação o achaſſe no Convento de S. Franciſco da Covilhã, e andaſſem franqueadas as licenças, teve elle occaſião para paſſar à noſſa Provincia da Piedade, para onde havia ſido ſua primeira vocação. Em quanto viveo entre nós, nunca uſou de tunica, ſómente veſtia hum habito, o qual era ſempre pobre, e remendado, e a meſma pobreza reluzia em todas as mais couſas de ſeu uſo. Sua vida era hum perpetuo jejum, porque ordinariamente era quadrageſimal eſſe pouco mantimento, que tomava, para ſuſtentar o debilitado corpo.

3 Vivia tão entregue à providencia Divina, que quando fazia jornadas, não ſómente não levava couſa alguma para o caminho, mas nem ainda conſentia que companheiro ſeu a levaſſe. Indo mudado com hum Coriſta, e achando haver feito eſte alguma provisão para a jornada, lha mandou dar a hum pobre, dizendo, que confiaſſe em Deos, que elle proveria: e foi o Senhor ſervido deſempenhar a palavra de ſeu ſervo, porque na meſma jornada, vendo-ſe ambos neceſſitados, os proveo milagroſamente. Em outra occaſião, buſcando-o huns ſoldados, por verem ſe levava algumas cartas, ſe admirárão, porque ſómente lhe achárão o Breviario, e diſciplinas. Amava tanto a pureza, que não ſó fugia toda a pratica de mulheres, por mais honeſtas que foſſem, mas nem ainda queria ver a nenhuma o roſtro; neſta materia qualquer palavra de leviandade eſtranhava tanto, como ſe fora a maior offenſa. A oração era o ſeu total emprego; eſte exercicio lhe levava muitas horas, donde naſcia viver tão recolhido, que não ſó ſe retirava a toda a pratica de ſeculares, mas ainda à dos Religioſos.

4 Da preſença de Deos, em que andava frequentemente, tirou a maravilhoſa paciencia, com que ſoffria ſem queixa muitas occaſiões, que teve de ſenti-

timento; a profunda humildade, com que se sujeitava a todos; a severa penitencia, com que macerava seu corpo em asperas, e repetidas disciplinas; e em fim outras virtudes, com que subio a estado tão alto da vida Religiosa, que lhe chamavão os Frades hum jardim de todas. Com estas o achou a ultima enfermidade, que esteve tão longe de causar asco, que quinze dias antes que sahisse deste mundo, pelos annos de 1634. procuravão os Religiosos chegar-se a elle pelo suave cheiro, que de seu corpo sahia. Teve revelação da hora de sua morte, porque visitando-o hum Religioso na enfermaria, onde estava, e despedindo-se delle para ir dizer Missa, lhe disse o enfermo: *Meu irmão, esperai hum pouco, e direis Missa por minha alma, porque logo hei de morrer.* Assim foi, que naquella manhã morreo, e teve lugar aquelle Religioso de lhe dizer a Missa, e fazer o Officio da sepultura. Depois de seu transito ficárão seus membros tão trataveis, que parecião vivos, e a sua cella por muitos dias respirava hum suavissimo cheiro, indicio de que sua alma fora transplantada entre as flores perpetuas do Paraiso.

CAPITULO LXI.

Eleição do trigesimo-nono Ministro Provincial.

1 EM doze de Março de 1634. (como deixamos escrito) [a] morreo o irmão Fr. Pedro de Lordello em Braga, chegando àquella Casa com a segunda visita. Para governar o restante, que faltava do triennio, fez o Definitorio eleição de Vigario Provincial em o Convento de Santo Antonio de Estremoz a vinte e quatro de Abril do mesmo anno. Nesta Junta presidio o Irmão Fr. Antonio do Seixo, Padre da Provincia mais antiga, e Custodio actualmente della, e sahio eleito o Irmão Fr. João de Fronteira, Guardião actual do Convento de Santo Antonio de Aveiro. Durou com tudo pouco tempo no officio, porque passados sinco mezes de sua eleição, o buscou a morte em Villa-Viçosa a vinte e nove de Setembro, dia, em que a Igreja festeja ao Archanjo S. Miguel, do mesmo anno de 1634. Logo aos sinco dias do mez de Outubro se congregou o Definitorio; e presidindo o mesmo Fr. Antonio do Seixo, elegêrão em a Piedade de Villa-Viçosa em segundo Vigario Provincial o Irmão Frei Francisco de Villa-Viçosa, Defi-

[a] Sup. num.

finidor actual que então era.

2 Jà neste tempo tinha o Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Pedro Urbina, assignalado o dia para fazer a Congregação desta Provincia, por passar jà de anno e meio depois da celebração do Capitulo; e assim em vinte do mesmo mez de Outubro do dito anno de 1634. se fez a Congregação, assistindo nella, como Vigario Provincial, Fr. Francisco de Villa-Viçosa, e presidindo o sobredito Padre Urbina. Foi esta a unica Congregação, que se fez na Provincia da Piedade, em que não sahisse algum apontamento, ou estatuto; porque o Irmão Frei Francisco de Villa-Viçosa tratava mais de imprimir nos seus subditos a perfeição regular, à força do bom exemplo em sua pessoa, que de leis, e estatutos nos outros, e nisto poz sempre particular cuidado. O acerto, e geral applauso, com que governou a Provincia, o tempo, que teve o officio de Vigario Provincial, diremos quando historiarmos sua vida, com a qual havemos de dar principio ao seguinte livro. Em seu tempo se mudou o Convento de S. Francisco de Chaves para outro lugar mais sádio, cuja nova edificação se fez com esmolas do povo, e outras, com que acudio a Real Casa de Bragança, como Padroeira daquelle Convento, para onde se trasladárão do antigo os ossos do seu primeiro Duque D. Affonso.

3 Cerrado com os dous Vigarios Provinciaes o triennio do Irmão Fr. Pedro de Lordello, e chegado jà o tempo de se fazer eleição de novo Prelado, avisou o Irmão Fr. Francisco de Villa-Viçosa ao Padre Commissario Geral Fr. Pedro Urbina, pedindo-lhe Visitador para a Provincia, que elle nomeou logo em a pessoa de Frei Francisco de Lisboa, Padre da Provincia de Santo Antonio, promettendo achar-se em o Capitulo. Visitada pelo nomeado Commissario a Provincia, convocou a Capitulo para dous de Março do anno de 1636. em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa, em o qual presidio o sobredito Padre Commissario Geral da Familia, como tinha promettido, indo jà de volta deste Reino para o de Castella, fazer o Capitulo da Provincia de S. Gabriel, como fez em Broças a oito do mesmo mez, por cuja causa se deteve pouco em Villa-Viçosa depois da eleição. Achavão-se neste Capitulo muitos sujeitos de relevantes prendas, e benemeritos do Provincialato, por cuja causa vacilavão os Vogaes na eleição, sem se resolverem a quem escolherião: dividírão-se nos pareceres

res ; ſe bem todos punhão os olhos em Religioſos, que o merecião. Vendo eſta irreſolução o Commiſſario Viſitador, buſcou ao Vigario Provincial Frei Franciſco de Villa-Viçoſa para que acudiſſe a compor a indeterminação dos Vogaes; achou-o no Coro em oração, e como lhe diſſeſſe o que paſſava, ficou elle com o meſmo ſocego, que antes eſtava, dizendo-lhe, que deixaſſe a eleição a Deos, por cuja conta corria.

4 O effeito moſtrou que daquella eleição fora Deos o Author, porque ſahio com todos os votos o Irmão Fr. Antonio do Seixo, Cuſtodio, que então era, havendo jà ſido trigeſimo-quinto Miniſtro dos que a Provincia teve. Em Cuſtodio ſahio eleito o Irmão Fr. Antonio de Guimarães, e em Definidores os Irmãos Fr. Antonio de Covilhã, Fr. Jorge de Covilhã, Fr. Franciſco de Serpa, e Fr. Sebaſtião da Feira. Fez o Irmão Fr. Antonio do Seixo a ſua Congregação em o meſmo Convento da Piedade de Villa-Viçoſa a dous de Dezembro de 1637. preſidindo nella o Reverendiſſimo Padre Frei Diogo Bravo, Padre, e Cuſtodio da ſanta Provincia dos Anjos, Preſidente das Congregações deſte Reino *cum plenitudine poteſtatis* por noſſo Reverendiſſimo Padre Miniſtro Geral Fr. João Baptiſta Campanha. Governou o novo Miniſtro todo o tempo deſte ſeu ſegundo triennio com aquelle acerto, e madureza, com que tinha governado o primeiro; porque foi dotado de huma ſingular prudencia, e famoſo Theologo dos de ſeu tempo. Quando em Coimbra no eſtado ſecular eſtudava, tendo acabado ſeus eſtudos, fez huma oppoſição, e ſahio della excluido; e conhecendo deſte ſucceſſo quão vans são as eſperanças do mundo, ſe reſolveo a tomar o habito de noſſo Padre em a noſſa Provincia da Piedade, na qual foi ornado de tantas virtudes, que antes de tempo foi feito Guardião, Definidor, Cuſtodio, Qualificador do Santo Officio, e duas vezes Miniſtro Provincial, como temos viſto. Morreo com fama de virtude em o anno de 1640. pouco depois de acabar o ſegundo Provincialato. Eſtá ſepultado em o noſſo Convento de Santo Antonio de Evora.

Fr. Anton. do Seixo, Provincial 39.

CHRO-

CHRONICA
DA
PROVINCIA
DA
PIEDADE.

LIVRO QUINTO.

Referem-ſe as eleições dos mais Miniſtros Provinciaes, que atè o preſente tem havido: fundações de Conventos: memorias de Religioſos, que acabárão com opinião de virtude: e outros ſucceſſos dignos de noſſa lembrança.

CAPITULO I.

Religioſa vida do Veneravel ſervo de Deos Fr. Franciſco de Villa-Viçoſa, e primeiramente de ſeu naſcimento, e creação no mundo.

I COM muita razão diſſe o Author do Agiologio [a] Luſitano, que ſe ſe houverão de contar as muitas virtudes, que toda a vida campeárão em o Veneravel Religioſo Fr. Franciſco de Villa-Viçoſa, limitado fora o maior volume; porque o dotou de tantas a poderoſa mão daquelle Senhor, que não depende de tempo para fazer grandes Santos, que jà em a idade de menino era ſignaladamente virtuoſo, ſervindo a muitos de exemplo ſua vida. Eſta nos deixou defuſamente eſcrita ſeu Confeſſor Fr. Pedro de Elvas, que ainda hoje, ſem ver a luz da eſtampa, ſe conſerva nas

[a] ...Luſ. ...28. ...i. ...mm.

mãos de muitos; porèm nós, que eſcrevemos de todos deſta Provincia, renovaremos aqui por maior ſua feliz memoria. Foi eſte Veneravel Religioſo natural da Villa de ſeu ſobrenome: chamárão-ſe ſeus pais Franciſco Coelho, e Ignez Rodrigues. Não forão dos primeiros daquella Villa, mas nem tambem dos ultimos della, ſenão da gente do meio: erão porèm honeſtos, e virtuoſos. Naſceo em o anno de 1581. dia de noſſo Padre S. Franciſco, por cujo reſpeito lhe puzerão ſeu nome, o qual elle teve mais por profecia de ſua vida, que por differença de ſua peſſoa; porque ſe teve do Serafico Padre o dia, e o nome, tambem teve do meſmo Patriarca a imitação da vida.

2 Antes parece quiz Deos naſceſſe na terra no meſmo dia, que o Santo naſceo para o Ceo, para reformar na terra o eſquecimento de ſua vida, e debuxar nelle a ſua, fazendo-o hum retrato, e vivo eſpelho ſeu, no qual quem o via, logo via a noſſo Padre, ſua pobreza, e humildade, ſua paciencia, e obediencia. Eſte bom Religioſo deſde ſeu baptiſmo foi eſpelho do nome, que nelle lhe puzerão, e retrato do Patriarca com cujo nome o baptizárão. Faltárão-lhe ſeus pais de muito pequena idade; diſpoſição da Divina providencia, tal vez para que não conhecendo outro pai na terra, ſerviſſe melhor ao do Ceo. Eſte ordenou que o recolheſſe a ſi hum ſeu tio Clerigo, por nome André Gomes, conhecido em Villa-Viçoſa por homem de grandes virtudes, para que hum menino creado por Deos para o Ceo, foſſe creado por hum homem delle, e por hum homem da Igreja, quem naſcia para ella, para que de tenra idade ſe creaſſe logo nas couſas do Templo, como o menino Samuel. Eſte Clerigo pois, que entre todos os de Villa-Viçoſa não tinha opinião commua, ſenão mui ſingular, e era hum Sol entre todos os de ſeu eſtado, recolheo a ſi o pequeno menino, e o creou com grande amor, e cuidado.

2 Tanto que chegou à idade competente, o enviou à Univerſidade de Evora, onde aprendeo Grammatica, que ſoube muito bem; e ſobre tudo não ſe diſtrahio com a communicação dos outros moços, entre os quaes elle permaneceo immovel nos bons coſtumes, e doutrina, que tinha bebido da boca de ſeu tio, como columna de bom exemplo. Eſte recebião delle todos os mais eſtudantes, aſſim por palavra, como por obra, por ſer brando nas palavras, virtuoſo na converſação, que

com

com nenhum eſtudante tinha particular; compoſto em ſua peſſoa, honeſto em ſuas acções vergonhoſo em ſuas palavras, recolhido em ſuas obras, e mui exemplar em tudo. No tempo, que os Meſtres davão para repetir, repetia elle comſigo couſas mais altas; porque a ſua repetição era a virtude da oração, que aquella turba de moços lhe não perturbava alguma couſa; e apartando-ſe para hum canto da claſſe, onde eſtava, alli tirava das Horas de noſſa Senhora, e por ellas rezava, e fallava com Deos, quando os moços ſe não entendião comſigo proprios. De tal maneira ſe havia entre elles, como quem caminha para outra parte, e não faz algum caſo dos deſconcertos de gente louca, que às vezes ſe acha nos caminhos.

4 Como a ſua converſação era do Ceo, não fazia caſo das da terra; e quando os outros eſtudantes eſtavão mais empregados na converſação, que entre a repetição ſe tem, elle eſtava converſando pelas ſuas Horas, porque quem anda com Deos, ſempre tem hora para fallar com elle, por mais occupado que eſteja, e de hum quarto tão perturbado, qual he o da repetição dos moços do eſtudo, faz horas mui copioſas para fallar com Deos: donde bem ſe verifica o dito [b] de Seneca, que não temos a vida curta, ſe não a empregamos mal. De tal modo eſtudou eſte bom Religioſo, e com tal honeſtidade, e compoſição, que parecia não eſtudar ſenão pelo livro da vida, e a ſua era livro para todos os mais eſtudantes, que nelle lião lições de grande aproveitamento, cada hum conforme ao penſamento, com que o olhava. Jà neſte tempo, quando ainda a idade não permitte uſar comſigo aſperezas, elle frequentava as penitencias, continuando os jejuns, e deixando ordinariamente a cama por huma cortiça, onde muitas vezes o achava a compaixão, ou curioſidade dos domeſticos, que o ſuſpeitava. Para encubrir eſta virtuoſa acção, quando o deſpertavão, e achava que era viſto naquelle lugar, levantava-ſe com muita preſſa, e como admirado de ver onde eſtava: querendo aſſim dar a entender, que da cama com o ſono cahíra na cortiça, e não que o fazia de intento. Aſſim veio a ſer puro na puericia, velho na mocidade, e aparelhado na vida para a ter ſantiſſima na maior idade.

[b] ...ca in ...Epiſt.

CAPITULO II.

Da sua entrada na Religião, e mostras de perfeição, que logo deo nella.

1 O Maior mal dos moços he serem como a fruta, que de ordinario se perde em flor: e o maior louvor da fruta he nascer de huma flor debil, sujeita a tantos desastres. Assim deste Religioso foi grande louvor não se perder na flor de sua idade, antes dar nella fruto de muitas virtudes, que por serem temporans, forão mais saborosas, e por lampas mais festejadas: posto que não forão tantas, nem de tanta consideração, quanto as que depois deo na Religião, cujas virtudes comparadas com as que se tem no mundo, são como a fruta do Outono comparada com a da Primavera: huma pouca, e arriscada, outra muita, e mais segura. Este Veneravel Religioso guardou na Religião o que costumava no mundo, posto que no mundo por costume, e boa inclinação, e na Religião por profissão, e Regra: na qual como todos os exercicios são santos, e meritorios, muito cresceo com elles este santo Religioso, crescendo muito com todos, porque todos fazia com muito espirito.

2 Foi noviço em a mui devota, e recolhida Casa do Bosque, junto à Villa de Borba, onde os altos carvalhos lhe servirão de Mestres, como a São Bernardo: a solidão daquelle Bosque de despertador da alma: a boa ordem das arvores de ordenadora da consciencia: as aguas de suas fontes de provocadoras de lagrymas: a grande altura das arvores de guia da contemplação, e monstradoras do Ceo: e o exemplo finalmente de muitos Religiosos santos, que alli estão enterrados (sendo aquelle Convento mais Reliquiario de mortos, que Casa de vivos) de o fazerem semelhante à vida de todos elles, que não ha lição como a dos exemplos. Com isto começou a sua vida a ser muito melhor, do que era no mundo; porque a disciplina de seu Mestre, as reprehensões do seu Guardião, a imitação de seus companheiros, a vehemencia da boa lição, o exercicio da santa Oração, e penitencias da vida religiosa o lavrárão em pouco tempo como a preciosa pedra, que por fóra he tosca naturalmente, e roçada aquella casca da natureza, começa a resplandecer de dentro a graça, de que Deos a enriqueceo, como alma da mesma pedra. Tudo isto vio em si este Veneravel Religioso com a entrada

na

na Religião, porque com os exercicios della parecia outro, ainda que no mundo foi o que temos dito.

3 Acabado o anno de noviciado com univerſal ſatisfação de todos os Religioſos da Communidade, lhe derão a profiſſão em oito de Maio, em cujo dia cahio a feſta da glorioſa Aſcensão de Chriſto Senhor noſſo, do anno de 1603. Com as obrigações do novo eſtado começou logo a fama de ſuas virtudes a dar tão grande cheiro entre todos os Religioſos deſta Provincia, que todos corrião jà à fragrancia dos unguentos, que Deos nelle tinha poſto, e dos dons, que lhe tinha communicado. Nem era muito cheirar ſua vida tanto, que ſe quebrado o alabaſtro de huma alma peccadora, cheirou toda
12. a caſa, [a] não foi muito que quebrado o alabaſtro do innocente corpo deſte Religioſo com rigoroſas diſciplinas, e aſperrimas penitencias (como diremos em ſeu lugar) a toda a Provincia cheiraſſe, e em toda ſe derramaſſe a fragrancia de ſuas virtudes. Todos fallavão delle, todos olhavão para elle, e ſe admiravão, de verem hum Religioſo tão maduro, ſendo na Religião tão moderno: pelo que os que governavão, puzerão logo os olhos nelle para os officios, que começou muito cedo, e não acabou ſenão com a morte, fazendo-os todos com perfeição, e aceitação eſtranha.

4 Só elle neſte tempo, que todos aſſim o olhavão, ſe não via a ſi meſmo, ſalvo cheio de defeitos para mais creſcer em virtudes; olhando para a alteza, e baixeza de ſeu coração, para Deos ficar levantado, o qual ainda que em ſi não póde creſcer, creſce em nós, quando conſideramos o pouco que ſomos, e os beneficios, que delle recebemos. De fazer de continuo eſtas deſcidas a ſeu coração, veio a fazer tão admiraveis ſubidas, que ſe cumprio nelle aquillo do Varão juſto, que poz aſcensões [b] em ſeu coração, porque quanto mais deſcia no abatimento proprio, tanto mais ſubia no conhecimento de Deos. As quaes aſcensões do coração forão tão verdadeiras neſte ſervo de Deos, que as confirmou o Senhor com hum ſucceſſo digno de advertencia, e que nas vidas dos Santos ſe não lança em eſquecimento, quando lhes ſuccede o meſmo: como foi fazer profiſſão dia da Aſcensão de Chriſto, dizer a primeira Miſſa em outro dia da Aſcensão, e a ultima, que diſſe, foi tambem em dia da Aſcensão, andando jà doente de ſua ultima enfermidade, de que Deos o levou para ſi no dia oitavo da meſma feſta. Dando-nos o Senhor

[b] Pſalm. 83. verſ. 6.

nhor nisto a entender, sem dúvida, quanto este seu servo fora sempre subindo na vida, e quantas ascensões fizera no decurso della. De sorte que se de S. Bernardino se diz [c] que nasceo dia de nossa Senhora, e em dia de nossa Senhora nasceo na Religião, e fez profissão, disse a primeira Missa, prégou o primeiro Sermão, para o Ceo dar a entender quão devoto fora da mesma Senhora; não he menor indicio deste Veneravel Religioso fazer quasi tantas cousas em dia da Ascensão, para Deos dar a entender quanto subio na vida, e quão santo foi nella.

[c] Fr. Marcos 3. p. l. 2. c. 3.

CAPITULO III.

Das penitencias, que o servo de Deos Fr. Francisco fez sempre por todo o decurso de sua vida.

1 DE huma de duas maneiras se salvão os homens, ou por innocencia, ou por penitencia: as quaes são as duas Náos de S. Pedro, e S. João, em que os homens se salvão do mundo, e fóra destas duas Náos não ha salvação. Porèm este nosso Religioso salvou-se em ambas em a Náo da innocencia, por ser muito verosimil, que nunca commetteo peccado mortal, como se dirá ao diante tratando de sua castidade, e assim se salvou em a Náo da innocencia, que receбeo no Baptismo: salvou-se demais disto em a da penitencia, por fazer tanta, como se tivera muitos peccados, e como se estivera mui longe de Deos, e da salvação, quem na verdade estava mui perto de huma, e outra cousa. Quer S. Boaventura que a penitencia seja continuada por toda a vida, e que não seja bastante a que em alguma hora diz basta, senão que acabe na vida com as dores, e as dores com a vida; e que seja finalmente como as arvores [a] do Paraiso, que sempre houverão de ter fruto.

[a] Apoc. c. 12.

2 Tal foi a penitencia deste santo Religioso, como arvore criada para o Paraiso do Ceo; mal se podem dizer as suas penitencias, por serem tão asperas, e continuas, que se admiravão os que o vião poder corpo humano com o rigor tão austero, com que se tratava. Nunca em quanto foi Religioso, comeo carne, nem peixe, nem bebeo vinho: jejuava o Advento, a que o obrigava a Regra, que são quasi dous mezes, desde dia de todos os Santos atè o Natal, e a Quaresma da Igreja, sempre a pão, e agua, do qual modo de pão, e agua, sem mais outra cousa, jejuava tambem as segundas, quar-

quartas, ſextas feiras, e ſabbados de todo o anno. Nos mais dias contentava-ſe com huma tigela de caldo, ou com huma laranja, ou caſcas de limão, ou com humas folhas de funcho, que para as enfermidades grangeadas com as ſuas abſtinencias, lhe fazião bem, ſem tratar de outra couſa para ſeus continuos achaques, que o laſtimavão muito: lembrado por ventura do que diz S. Bernardo [b] contra os Religioſos melindroſos, e amigos de medicinas, que ſe lembrem de continuo que são Monacos, e não Medicos, e que não tratem da compleição, ſenão de ſua profiſsão.

3 Jejuava mais eſte Religioſo as ſete Quareſmas de noſſo Padre S. Franciſco, ainda que para melhor dizer, ſó huma Quareſma jejuava, porque todo o anno era huma Quareſma para elle, naſcendo-lhe deſta continua abſtinencia muitas doenças, e achaques, que padecia. Combatião-o de continuo muitos vagados da cabeça, muitas fraquezas do eſtomago, e outras muitas moleſtias, que o atormentavão em todo o corpo, pelo tratar tão mal, e com mantimentos tão groſſeiros, e poucos: por onde algumas vezes lhe aconteceo cahir no Coro com fraqueza, e às vezes ſe ſahia delle, por não dar nota de ſi, e que fallar com ſua abſtinencia: na qual o que mais eſpanta, era a alegria, com que a fazia, ſendo tão alegre em ſuas abſtinencias, que parecia, que a alegria era a de que ſe ſuſtentava. O ſeu dormir era em huma cama, acompanhada de tão pouca roupa, que ou dormia em a taboa, ou em alguma manta, que a cubria, mais para encubrir com iſto o rigor da cama, que pela ter como os outros. No mundo, ſendo ainda mancebo, e de mui pouca idade, como jà diſſemos, uſava ſemelhante mortificação, paſſando-ſe da cama, depois de recolhidos os de caſa, para huma cortiça, que junto della tinha, encubrindo, quando neſta o achavão, com o disfarce de hum acaſo, o que na realidade tinha ſido eleição de ſua penitencia.

4 Depois de Religioſo era mui pouco o ſono, que tomava; porque recolhendo-ſe às dez horas, ſe levantava pela meia noite, para rezar Matinas com os mais, as quaes acabadas, ſe ficava ſempre no Coro em pé, ou de joelhos atè à madrugada, em que ſe tornava a recolher, por ſe não moſtrar tão ſingular. Fazia todas as noites huma diſciplina muito comprida, e o cilicio he veroſimil que ſempre o trazia; porque lançando-lhe humas vento-

tosas na ultima enfermidade, pasmou o Barbeiro da negridão de sua cintura, que logo mostrava ser de continuo cilicio. Todas as mais penitencias deste servo de Deos erão iguaes a estas; e o que mais admira era o disfarce, que lhe dava, o muito que as desestimava, e o nada, em que as tinha, e sobretudo o que desejava parecer hum dos Frades da Communidade, alegrando-se com os outros, rindo com elles, e conversando com todos, quando o Prelado dava festa, e achando-se sempre com os mais nos exercicios da Religião, ou por saber que Deos não se acha nos cantos, senão no meio dos Irmãos, como S. Bernardo diz [c] com graça do Apostolo São Thomé, ou por se humilhar em tudo: cousa, que à primeira vista não parecia pequena penitencia, ser tão singular na vida, e tão commum nas mostras della: apartar-se da Communidade para mais se chegar a Deos, e cuidar que só tinha a Deos, quando estava na Communidade: ser mais digno que os outros na vida, que fazia, e terse por mais indigno que elles, por remissos que fossem.

[c] D. Bern. Serm. 6. in Ascens. Domini.

CAPITULO IV.

Das virtudes deste Veneravel Religioso.

1 DAs penitencias são filhas legitimas as virtudes, [a] por isso cahem aqui bem as virtudes do servo de Deos Fr. Francisco, depois de suas penitencias. A primeira virtude dos Religiosos he a obediencia, e esta teve este Religioso tão à risca aos Prelados, como se não tivesse vontade propria, ou a daquelles fosse a sua, e assim nunca fazia a sua vontade, senão quando fazia a de seus Prelados. Estranhava grandemente a quem tinha vontade propria; nenhum vicio estranhava tanto nos Religiosos como a pouca obediencia: tanto assim, que sendo mansissimo naturalmente, e nada julgador das vidas alheias, todos os vicios desculpava, por grandes que fossem, e só a desobediencia estranhava; indicio não pequeno de quão perfeito fosse nesta virtude. Na pobreza póde ser testemunha sua grande abstinencia, que quem era tão pobre no comer, quanto o seria no mais? He a abstinencia pobreza de dentro, e quando a de dentro era nelle tão grande, claro está que a de fóra havia de ser mui notavel.

[a] Chrys. tom. 5 Hom. poenit.

2 O seu habito era pobrissimo,

ſimo, e remendado, mas mui limpo: o mais que tinha, nada, porque nenhuma couſa tinha de ſeu uſo, ainda daquellas, que os Frades tem: ſó em contas, cilicios, e diſciplinas fazia ſeu emprego, tendo variedade deſtas ſagradas alfaias, para ſegundo ſua devoção uſar dellas com mais goſto. De regiſtos, e eſtampas de Flandes, trazia alguns poucos mui finos, e devotos, que incitavão não pouco à devoção, e contemplação, como eſcolhidos por quem era tão dado a ella, e Religioſo tão devoto: os quaes elle armava nas cellas, para onde hia, com tanta limpeza, ordem, e bom concerto, aſſim de outros papelinhos, que aos regiſtos accreſcentava, para os fazer mais reverentes, e bem concertados, como na reverencia, que guardava na ordem dos meſmos regiſtos, que parecia que a meſma contemplação os tinha poſtos naquella fórma. E elles com não ſerem muitos, nem muito ricos, parecião hum Santuario, por ventura mais devoto, e mais cheio de eſpirito, e cheiro do Ceo (ſenão foſſe de força, e arrebatamento para elle) do que os Santuarios, que em muitas Igrejas ſe põem com muito cuſto, e ſe armão com grande pompa.

3 Segue-ſe a caſtidade, de que ſó direi duas couſas, vencedoras de outras muitas: huma que a deſte Religioſo era igual à ſua vida, ſem nunca no decurſo della haver quem o notaſſe, nem ainda da menor falta neſta parte. Grande admiração, quando nem o Sol, nem a Lua, dous Planetas tão formoſos, que Deos creou para luminarias da fabrica do mundo, e olhos de tal corpo, deixão no decurſo do anno de ſe eclipſar algumas vezes: não porque eſtes Planetas não ſejão ſempre formoſos na ſubſtancia de ſeus corpos, ſenão porque ſe põe alguma couſa entre elles, e noſſos olhos; que baſta oppor-ſe qualquer couſa aos olhos dos homens, para fazerem eclipſados ao Sol, e Lua: e não haver alguem que eclipſaſſe a eſte Religioſo, nem ainda com a menor ſombra, grande prova de ſua pureza. A ſegunda he, que eſtando elle para morrer, diſſe ao ſeu Confeſſor, que nunca commettêra peccado contra a caſtidade: as palavras, com que o diſſe são muito devotas, mas deixo-as para o Capitulo de ſua morte, onde cabem melhor.

4 Da caſtidade são vizinhas a humildade, e prudencia; por cuja falta as Virgens loucas, ſe não perdêrão o ſerem Virgens, perdêrão [b] o premio de o ſerem; mas não eſte ſervo de Deos, a quem a humildade ſer- Matt. c. 25. num. 12.

via de alicerce da virgindade, e a prudencia de reſguardo, não havendo quem foſſe mais humilde que elle, nem mais prudente, e acautelado. A manſidão, e paciencia erão eſtranhas nelle, porque a ſua manſidão era de cordeiro, e virtude, que parecia não haver nelle outra, por lhe ter occupado todas ſuas acções, aſſim por palavra, como por obra, ſem haver quem alguma hora o viſſe deſentoado, por qualquer occaſião que foſſe, nem perturbado na paciencia. Era eſta nelle de bronze, ou para melhor dizer do Ceo: que o bronze tambem ſe quebra, e funde, ainda que com trabalho; mas ſó a materia do Ceo he incorruptivel por natureza: e do Ceo era ſem dúvida huma paciencia tão inteira, não lhe faltando occaſiões, em que ſe lhe pudéra corromper. Mas nem as marteladas continuas de ſuas doenças, nem as mortificações da Religião, o pudérão amolgar, nem ſahir em todas eſtas couſas com huma ſó palavra, ou com hum ai de ſentimento, nem (o que he mais eſpanto) com huma moſtra de máo roſtro: antes o que aos mais faz chorar, o fazia a elle rir, porque ſempre eſtava riſonho nos trabalhos, que tinha, e então mais riſonho, quando tinha mais trabalhos.

5 Entre os ſeus corporaes, não foi pequeno o de hum lobinho, que na teſta lhe naſceo, onde o trouxe muitos annos, atè que ſendo em Evora Meſtre de noviços, lho tirou hum famoſo Medico de ſeu tempo; mettendo-lhe pelo lobinho dous eſpinhos alváres, atraveſſados em Cruz, que o crucificárão não pouco, e andando alguns dias com hum pano na cabeça, em quanto trouxe os eſpinhos, nunca ſe lhe ouvio hum ſó ai, nem ao metter dos eſpinhos, nem ao trazer delles. Com a meſma paciencia ſoffreo muitas enfermidades, e a ultima, que ainda que não foi de muitos dias, foi muito aguda, e penetrante. Da paciencia naſce o ſilencio, do qual eſte Religioſo parece não merece ſer muito louvado, pelo ter por natureza, ainda que não he pequeno louvor ſer natural tão grande bem; o ſeu era andar calado, ſeſudo, mui compoſto quando ſahia fóra da cella, e o eſtar ſempre nella, era o mais proprio ſeu, ſe os officios o não tirárão como por força para fóra.

6 E porque o ſilencio he companheiro perpetuo da oração, e hum impulſo a ella, como diz S. Bernardo, [c] quanto o ſeu ſilencio era mais de mudo, tanto ſua oração era mais fervoroſa: ſem vozes clamava a Deos, porque como outro David, [d] clamava em ſeu coração

[c] D. Ber[n.] Epiſt. 3[...]

[d] Pſal. 1[...] verſ. 14

ção. He a oração de duas maneiras, vocal, e mental, e ambas efte fervo de Deos fazia perfeitamente: a vocal do Officio Divino com tanta devoção, que às vezes rezava com lagrymas, dom, em que a mão Divina o desbrochava muitas vezes, e com muita facilidade, pela brandura da natureza, que nelle vivia, juntamente com muito da Divina graça; e dando a graça em tal natureza, tirava muitas lagrymas. Quando rezava fóra do Coro, era fempre de joelhos, e era para elle a reza tão doce, que querendo-lhe o feu Prefidente na fua ultima enfermidade tirar o Breviario, por a doença f r maligna, que o moleftava muito, elle lhe diffe: *Deixai-me, irmão Prefidente, eftar o Breviario, que nunca em minha vida tive tão grande confolação, como quando rezava o Officio Divino, e as fuas palavras erão para mim mais doces, que o mel.* Re-
103. quebro, que David [e] dizia a Deos, fallando de fuas Divinas palavras. E affim lhe não pudérão tirar o Breviario, atè que o Arcebifpo de Evora D. João Coutinho, indo-o vifitar, lho tirou, e mandou que não rezaffe.

7 Era grande a devoção, com que entoava no Coro, e cantava no Altar; porque como tinha a voz muito clara, e fonora, e fahia de hum peito tão cheio de fervor, vinha vibrando efpirito, penetrando com compunção, e incitando aos remiffos a louvarem melhor a Deos ao fom daquella voz, que era orgão do Ceo. Da oração vocal fe póde tirar a devoção, que teria na mental, que por fer mais fecreta, nos dá menos que dizer: fe por ventura era fecreta a virtude, que nefte Religiofo fazia taes effeitos, pois todos os virtuofos procedem da oração mental, como dizem os que della efcrevem, e fabem os que a experimentão. Nefta era efte fervo de Deos tão continuo, que nella o achavão fempre occupado os que o bufcavão na cella; de noite atè às dez horas gaftava no Coro, ou Capella, e depois de Matinas atè à madrugada eftava vacando a efte exercicio. Os mimos, e revelações, que nelle teve, foube-os fua cautela de forte encubrir, que nos não deixou que efcrever: hum extafe, que teve em fua morte, e duas apparições no mefmo tempo, referiremos quando tratarmos della.

CAPITULO V.

De outras virtudes do ſervo de Deos Fr. Franciſco.

a 1. ad Cor. c. 13. n. 2.

1 SEm caridade, como diz S. Paulo, *a* pouco importa os maiores prodigios; e aſſim pouco importa ſer a vida do ſervo de Deos Frei Franciſco tão prodigioſa, ſe não coroára todas as mais virtudes com a caridade. Era eſta nelle tanta, que foi tão caritativo para com os outros, quanto rigoroſo para ſi: ſendo tão rigoroſo no comer, e beber, como temos viſto, queria que aos Frades ſe lhes déſſe o neceſſario, e ſe lhes fizeſſem muitos mimos, quanto a Religião póde ſoffrer. Os meſmos queria ſe fizeſſem aos doentes; e quando elle era Prelado, os fazia à riſca a doentes, e sãos: propriedade dos Santos, que quanto mais rigoroſos são para comſigo, tanto mais brandos são para com os outros. Contra nenhum ſe indignava, ainda que o viſſe defeituoſo, antes deſculpava o defeito; e tanto ſe compadecia de qualquer moleſtia, que via em ſeu proximo, como ſe a elle meſmo tocaſſe: effeito, ſegundo S. Bernardo, *b* de huma caridade verdadeira. Em todo o tempo moſtrava a todos o roſtro riſonho, e tão alegre, que logo moſtrava a paz, e ſocego interior, por ſer a alegria em os ſervos de Deos huma clara figura dos effeitos, que faz a graça em huma alma.

b D. Bern. tract. de grad. humilit.

2 Elle meſmo procurava as feſtas, e pedia aos Prelados as deſſem aos Frades, para fallarem huns com os outros, e ſe alegrarem em o Senhor, e nos dias, em que ſe davão, elle era o primeiro em aſſiſtir a ellas, em converſar com os Frades com muita alegria, e em jogar a laranginha, que são os divertimentos, que ſó em ſemelhantes dias a Religião permitte. E o que mais he, que aſſiſtia a eſtas couſas, como ſe elle na verdade não tivera outros penſamentos, andando os ſeus tão occupados em outro jogo tão differente, que era couſa de admiração poder-ſe occupar naquelle, e applicar o ſentido a couſas tão baixas, quem o trazia ſempre empregado em tão altas couſas. Finalmente taes erão as virtudes deſte ſervo de Deos, que todos os ſeculares, e Religioſos o tinhão por ſanto: eſtimação, de que ſe não deve fazer pouco caſo, para prova de ſua virtude, ſendo couſa impoſſivel enganar-ſe tantos olhos. E porque não paſſemos em geral hum teſtemunho tão particular, quero pôr aqui dous de dous Religioſos deſta meſma Provincia, que ſouberão delle muito, nos quaes ficão incluidos

dos

dos os de todos os outros, porque todos ſentião o meſmo. O primeiro he de Fr. Pedro de Elvas Confeſſor, o qual foi ſeu condiſcipulo no eſtudo, e ſeu companheiro em o noviciado, e muito ſeu amigo pelo decurſo de ſua vida, e ſobre tudo ſeu Preſidente, quando Deos o levou della, no qual tempo era ſeu Confeſſor, e o confeſſou geralmente: eſte affirmava ſer Fr. Franciſco hum dos mais perfeitos Religioſos, que conhecêra, ſem em ſua vida ver couſa, nem ſendo eſtudante, nem Religioſo, que lhe pareceſſe peccado. Sendo aſſim que tinha viſto muitos Religioſos, por ſer de idade, em que já tinha ſido Guardião algumas vezes na Provincia, e tinha vindo para ella da Companhia de Jeſus, aonde eſteve alguns annos, e o conhecimento de muitos Religioſos, e muito perfeitos, que tinha viſto, fazia eſte teſtemunho mais qualificado.

3 O ſegundo teſtemunho he de Fr. Antonio de Serpa, Prégador, Religioſo da meſma Provincia, que vindo nella a ſer diſcipulo de Fr. Franciſco, o media muitas vezes em todas ſuas acções, e ſe eſpantava dellas, dizendo comſigo, e com outros Religioſos: *Se eſte homem não he ſanto, e não faz ainda milagres, ſerá maior admiração, que viver como vive, porque a ſua penitencia, e abſtinencia he rara, ſua oração unica, ſua devoção grande, o ſeu dizer Miſſa admiravel, e que mette muito por dentro aos que a ouvem: o ſeu ſilencio muito, a ſua manſidão notavel, as palavras, que aos diſcipulos dizia, e as praticas eſpirituaes, que lhes fazia, com não ſerem de homem muito viſto em letras, erão tão cheias de lugares da Eſcritura, e de fogo de devoção, que os diſcipulos, como os de Emaús,* [c] *ſe abrazavão nos corações com as palavras de ſeu Meſtre.* Eſtas, e outras muitas couſas dizia eſta teſtemunha do ſervo de Deos Fr. Franciſco, e delle faz menção na ſua Chronologia [d] Eucariſtica. Por remate deſte Capitulo poremos outro notavel teſtemunho, que he huma carta, que o Conde do Vimioſo D. Affonſo de Portugal, eſcreveo a certo Religioſo deſta Provincia, que lhe rogava diſſeſſe o que entendia deſte ſervo de Deos: traslado-a aqui, para que ſe veja o voto, que dava nas couſas deſte Varão ſanto, quem o teve em todas, aſſim eſpirituaes, como politicas.

4 „ Manda-me V. Pater-
„ nidade que lhe refira as cou-
„ ſas, que ſei do Veneravel
„ Padre Fr. Franciſco de Villa-
„ Viçoſa. O que me occorre he
„ menos da opinião, que delle

[c] Luc. c. 24. num. 32.

[d] Chronol. Euchar. Enarrat. 27. f. 773.

„ tinha, mas nem por iſto fica „ a opinião diminuida, nem „ terei em menos veneração „ humas diſciplinas, que forão „ de ſeu uſo, e alcancei quan- „ do Deos o levou para ſi. Foi „ couſa publica, que as peſſoas, „ que delle tinhão qualquer no- „ ticia, procurárão haver as „ couſas, de que ſe ſervia, co- „ mo Reliquias: eu lhe tinha „ particular veneração, e no- „ tava nelle, que ſuas palavras „ erão graves, e tão medidas, „ que não excedião, nem fal- „ tavão no que ſe tratava, e „ parecia que tinha niſto par- „ ticular cuidado. Era ſuaviſ- „ ſimo no ſeu trato, e igual- „ mente humilde. Ouvi dizer „ a varios Religioſos da ſua „ Provincia, que antes de ſer- „ vir de Vigario Provincial, „ havia muitos annos que não „ comia carne, nem peixe, nem „ ovos, nem lacticinios, paſ- „ ſando com hum pouco de pão, „ e às vezes humas hervas ou „ cruas, ou cozidas, ſem be- „ ber vinho, e que quando ſer- „ via de Provincial comia hu- „ ma pouca de carne, que não „ excedia de huma, ou duas „ onças, e iſto me edifica mais, „ porque moſtrava que para o „ trabalho dos caminhos ſe aju- „ dava com tão limitado ſoc- „ corro, que pelo habito da „ abſtinencia não podia ſer „ maior. Tambem ouvi a va- „ rios Religioſos, que no meſ- „ mo tempo de ſeu Provincia- „ lato, ainda que chegaſſe aos „ Conventos tarde, cançado, „ ou molhado, não faltava a „ Matinas, nem depois dellas „ de ſe ficar no Coro atè à Pri- „ ma. Tinha-o por mui adver- „ tido, particularmente em oc- „ cultar ſuas couſas: eu me con- „ feſſei com elle, eſtando do- „ ente da enfermidade, de que „ Deos o levou para ſi, e o „ achei com huma paz extraor- „ dinaria; e perguntando-lhe „ como eſtava, me reſpondeo, „ que bem: devia dizer em ſen- „ tido differente, porque to- „ mando-lhe o pulſo, lho achei „ mui deſconcertado, com mui- „ tas intercadencias. Naquella „ occaſião ouvi a Religioſos de „ credito, que por duas vezes „ ſentírão na ſua cella, que lhe „ fallavão, e elle reſpondia, „ ſendo aſſim que eſtava ſem „ companhia da terra. Tam- „ bem ouvi, que recebendo o „ Santiſſimo Sacramento por „ Viatico, ficára arrebatado por „ hum eſpaço, e que quando „ o ſepultárão, os que ſe achá- „ rão preſentes, lhe cortárão o „ habito para Reliquias. Co- „ mo elle era tão recatado em „ ſuas couſas, duvido que ſe „ achem muitas; mas Deos as „ deſcubrirá para honra de ſeu „ ſervo: elle ſe lembre de mim „ diante de Deos, &c. „

5 Baſ-

5 Baſtante teſtemunho era eſte, por ſer de huma peſſoa tão prudente, e qualificada, para ſe ter opinião deſte Religioſo, que era perfeitiſſimo. A meſma tinha o Arcebiſpo de Evora D. João Coutinho, que diſſe quando Deos o levou para ſi, que o tinha pelo mais ſanto, e grave Varão que víra em ſeus tempos. O Marquez de Ferreira Dom Franciſco de Mello, e ſeu irmão D. Rodrigo de Mello, o tratárão ſempre com eſte reſpeito, e devoção, que lhe tinhão, moſtrando ſentimento de ſe não acharem à ſua morte, por eſtarem auſentes da Cidade, na ſua quinta de Agua de peixes.

CAPITULO VI.

Dos officios, que eſte Religioſo fez na Provincia.

1 TOdas as virtudes são ſuſpeitoſas, ſe não são confirmadas em quem as exercita com a adminiſtração dos cargos; porque como as honras tal vez mudão os coſtumes, ſó aquelles são verdadeiros, que as honras não deſluſtrão, e que os cargos não pervertem, por onde vem a ſer as dignidades huns eſpelhos, em que ſe vem o que são os homens. Neſte eſpelho pois das honras, quaes são os officios, ſe moſtrou eſte ſervo de Deos como quem era: fez todos os da Religião, por verem os que governavão a Provincia, quão digno era do governo hum Religioſo tão perfeito: que como quer que o primeiro premio da virtude he a honra, ſempre eſtas ſe devem dar aos mais virtuoſos.

2 Fez o officio de Porteiro, que he o primeiro, que ſe faz neſta Provincia, e às vezes o ultimo nas caſas mais graves, onde não põe Porteiros, ſenão Religioſos jà de idade, que tem ſido Guardiães; poſto que eſte noſſo Religioſo, pela ſatisfação, que ſe tinha delle, foi, antes de ſer Guardião, Porteiro das melhores Caſas, qual he a de Coimbra, Porto, e Aveiro. Em cuja adminiſtração não achei couſa particular, que lhe ſuccedeſſe, mas ſei que a porta importa muito para o credito dos Conventos: muito importarião para credito daquelles trez, as portarias, que fez nelles, e que aſſim neſtes, como em todos os mais, em que exercitou eſte officio, ſe poderia dizer delle aquelle louvor, que Salamão dá a huma alma [a] forte: *Laudent eam in portis opera ejus.* [a] Prov. c. 31. num. 31. As ſuas obras erão louvadas nas ſuas portas: os pobres o louvavão de muito caritativo, e todos os que vinhão à portaria, levavão muito que contar, e lou-

louvar do muito que nelle viáo de ſantidade.

3 Das portarias paſſou logo ao officio das Preſidencias, que elle fez como as portarias, não aproveitando tanto para preſidir, quanto preſidindo para aproveitar, como eſcreveo São Bernardo [b] ao Papa Eugenio. Das preſidencias ſubio às Meſtrias de Noviços, de que fez muitas, e na verdade que ſe elle fizera ſó eſte officio, muito mais proveito fizera à Religião: porque ainda que todos os officios fez como quem era, quem tinha tão grande eſpirito, não ſe havia de occupar ſenão em crear Noviços, que como eſtes são filhos eſpirituaes, ſó quem tem os peitos cheios de eſpirito, os póde bem crear. Erão ſuas palavras mui eſpirituaes, por hum modo tão apartado do entender commum, que cada huma dellas erão muitas ſettas, com que Deos penetrava o coração de quem o ouvia. Os exercicios, que dava aos ſeus diſcipulos, não erão exercicios, ſenão favos de mel, como teſtemunhárão os que os provavão; e para me deſdizer com verdade, erão verdadeiros exercicios, por ſerem exercitados por elle, e não lhes dizer nelles palavra, que lhes não enſinaſſe primeiro com muitas obras, as quaes, como bem diſſe Seneca, [c] são o compendio do enſinar. Das Meſtrias de Noviços ſubio às Guardianias; de Guardião a Definidor, e deſte officio ao de Vigario Provincial, ſubſtituido [d] no lugar do Provincial Fr. Pedro de Lordello, que morreo no ſeu officio, antes de chegar ao anno e meio, e aſſim ficou ſervindo de Vigario Provincial outro largo anno e meio: nos quaes officios todos, que tinhão alguma couſa de honra, elle não tomou para ſi outra, mais que a de ſer ſervo de todos, porque a todos conſolou com tão geral aceitação, que o ſeu governo pareceo monſtruo em huma Provincia envelhecida a ſer governada com todo o rigor, e aſpereza, onde o Provincial mais rigoroſo deixava melhor nome: elle a todos conſolou, acudio, e remediou como verdadeiro pai, que de todos ſe compadecia com iguaes entranhas, deſde o velho mais neceſſitado, atè o Coriſta mais novo.

4 Sómente de ſi ſe não compadecia, porque não ſó ſendo Guardião, mas tambem Vigario Provincial, (officio aſsàs difficultoſo nos muitos caminhos que anda a pé) nenhuma couſa diminuio nos rigores paſſados, e cahindo com fraqueza andou tantos caminhos, o que cauſou grande admiração. Nem por mais cançado que chegaſſe, ou molhado (o que lhe ſuccedeo mui-

[b] D. Bern. liv. 3. de Conſider. in princ.

[c] Senec. l. 1. Epiſt. 16.

[d] Sup. [...] cap. 6[...]

muitas vezes, por ſer o tempo do ſeu governo muito invernoſo) aos Conventos, deixava de ir com os mais rezar Matinas à meia noite, ficando depois dellas em o Coro atè à madrugada, como tinha de coſtume. Por onde ſe póde dizer, que foi Athlante deſta Provincia, trazendo-a a ſeus hombros com ſeu exemplo, e guardando em ſi todos os rigores da Provincia antigos, e modernos. A eſtimação de Prelado nunca nelle foi menos, que quando o foi Superior, e Vigario Provincial, no qual ſe vio bem cumprida a
32. ſentença de Salamão: [e] *Puzerão-vos por Reitor, não vos queirais levantar, mas ſede nos voſſos ſubditos, como ſe foſſeis hum delles: tende cuidado delles, e aſſim tratai de ſuas couſas, que vos alegreis por elles, e recebais a coroa de graça, e o premio de lhes fazer bem.*

5 Tal foi no ſeu governo eſte ſervo de Deos, não ſó como cada hum dos ſeus ſubditos, ſenão como menor de todos: ninguem foi mais humilde mais manſo, nem mais caritativo, por onde por tão humilde, foi tão rigoroſo para comſigo, e por tão manſo não poz alguma obediencia, o que de Miniſtro da Piedade ſe não ouvio atè agora, tratando mais de fazer cumprir as couſas a poder de bom exemplo em ſua peſſoa, que de preceitos em os outros; e na verdade as obediencias ſervem algumas vezes de maior ruina. Era notavel o fervor, e extraordinaria a ſubmiſsão, com que ſervia quinta feira de Endoenças no Refeitorio aos Frades, em quanto foi Prelado, lembrado daquelle Senhor, que veio a ſervir, e não a ſer [f] ſer- [f] Matt. c. 20.
vido, em eſpecial naquelle dia. num. 28.
Finalmente ninguem ſe houve toda ſua vida com mais exemplo nos officios, os quaes nem procurava, nem engeitava, que he huma eſpecial maneira de ſacrificio para Deos, e de exemplo para os homens.

CAPITULO VII.

De alguns milagres, que obrou em ſua vida o Veneravel ſervo de Deos Fr. Franciſco.

1 AInda que os milagres são commummente teſtemunhas da ſantidade, com tudo não são entre ſi tão annexos, que ſe não ache ſantidade ſem milagres, como tambem milagres ſem ſantidade. Não fez o Baptiſta milagres, com ſer tão grande Santo; ſendo aſſim que ſe podem achar eſtes em homens, que eſtão actualmente em peccado mortal, [a] 1. ad Cor.
ſegundo doutrina de S. Paulo, c. 13.
[a] ſeguida por São [b] Thomaz, [b] D. Thom.
e por todos os Theologos. Con- 2. 2. q. 178. art. 2.

forme isto, não ficará diminuida a opinião da virtude do servo de Deos Fr. Francisco na pouca noticia, que temos dos milagres, que Deos por elle obrou: se bem he verdade que nos não faltára que escrever, se assim como Fr. Paulo de Lordello (Religioso desta Provincia, e Prégador nella) teve cuidado de os notar, [c] não morrêra entre os Gentios em Guiné, onde estes escritos com outros mais acabárão. Referiremos porèm aqui alguns poucos, de que nos ficou mais clara noticia, e suppra o milagroso de sua vida a falta de milagres.

[c] Agiol Lus. cit. supr.

2 Vindo este servo de Deos huma occasião a Villa-Viçosa, foi dizer por sua devoção hum dia Missa a S. Bento, Ermida, que está extra-muros, pouco assima da porta, que chamão do Nó; lavou as mãos depois de acabar, como he costume, para as purificarem com aquelle lavatorio do sacrificio, que tratárão: e como depois de lavadas não achasse em que as alimpar (o que succede não poucas vezes em as Igrejas do campo) enxugou-as em huma toalha, com que alli viera cuberto hum menino da mesma Villa, filho de huma Mecia Gomes, o qual tinha a cabeça toda podre, tal, que não havia quem a pudesse ver; e tornando-o a cubrir com ella, começou-lhe a cabeça a fumigar, e em poucos dias de todo sarou della, não tendo esperança alguma de saude, o que a mesma Mecia Gomes, mãi do menino, teve por milagre deste servo de Deos Fr. Francisco, cujas virtudes ella conhecia bem.

3 Não foi obra inferior à deste successo, senão antes superior, por conter em si dom de profecia, o que lhe succedeo, indo da Villa do Redondo com outros Guardiães ao seu Capitulo, que em Villa-Viçosa se havia de celebrar. Tinha elle naquella Villa huma prima, com a qual se tinha creado, a quem amava como a irmã, e como taes se querião: succedeo pois que esta sua prima, tendo hum menino filho seu, chamado André, o mandou que fosse à entrada da Villa, aonde chamão o Carrascal, esperar seu tio, para lhe tomar a benção, e lhe levar novas delle, em quanto ella as não hia buscar em pessoa ao Convento da Piedade. Foi o menino ao Carrascal, e por se metter em huma Igreja, que alli está, e se descuidar dentro della com esquecimento de menino, passárão os Guardiães, sem que désse fé delles, e foi à noite para casa sem levar à mãi novas de seu tio; ella que o amava muito, e por isso sentio tan-

to esta falta, antepondo o amor de seu santo primo ao de seu descuidado filho, o açoutou rigorosamente. Ao seguinte dia, logo de manhã, foi visitar Frei Francisco a sua prima, ou pelo amor, que lhe tinha, ou pela reprehender do que fizera, e a primeira palavra, que lhe disse, entrando em casa, foi esta: *O que hontem fizestes, só o fizera huma louca: haveis de açoutar hum innocente por se metter na Igreja?* Todos os de casa ficárão admirados, entendendo que elle o soubera por revelação, e assim dizia ella muitas vezes comsigo: *Não quero fazer isto, porque meu irmão o ha de adevinhar.* O mesmo dizião suas filhas, quando era cousa, que não querião que lha soubessem, como por muitas vezes me certificou huma dellas, que ainda hoje vive, e com tão bom procedimento, e exemplo, que bem mostra ser sobrinha deste tio.

4 Quando este Religioso foi Vigario Provincial, e correo todo o Reino de Portugal, pelo qual estava naquelle tempo a Provincia da Piedade estendida, lhe succedêrão nesta jornada tantas cousas miraculosas, que só dellas se pudéra fazer hum livro, como disse seu companheiro Fr. Paulo de Monção. Em cuja eleição de companheiro (para que digamos isto de passagem) se vio tambem o espirito deste santo Religioso, porque na verdade escolheo hum sujeito ornado de muitas partes; sendo assim que lhe não era mui vizinho na patria, senão muito desviado; mas se desviados na patria, erão muitos chegados nos costumes. Este Religioso pois, que entre as mais partes tinha o ser pelo mundo tão nobre, que os Reis de Portugal havião fiado de seu sangue a sua Secretaria de Estado, e por tudo isto era obrigado a fallar verdade, costumava dizer, que das cousas miraculosas, que lhe succedêrão no tempo, em que acompanhára ao Irmão Fr. Francisco de Villa-Viçosa, se pudéra fazer hum grande volume. Particularmente disse, que indo elles do Cabo de S. Vicente para Lisboa, ainda no Bispado do Algarve, lhe anoiteceo no caminho entre Aljezur, e o de Seixas, dous lugares, que entre si tinhão duas leguas muito grandes, e obrigados da necessidade, se determinárão recolher em hum monte, que vião estar algum tanto apartado do caminho. Chegados a elle, achárão-o despovoado sem gente, e com tanta agua, que parecia hum rio, por estar tambem destelhado, e o anno ser mui invernoso, qual foi o de 1635. e o fim do precedente,

em que a agua foi muita; tanto, que logo a Portugal se seguírão muitas fomes, causadas das grandes chuvas, e outras muitas calamidades, em que naquelle tempo se via o Reino. Neste anno pois tão invernoso, e de tantas inundações, e diluvios, foi a jornada do nosso Religioso, quando no monte se achou sem gente, e sem telhado, nem haver nelle outra cousa, mais que hum estradozinho, que alli ficára junto a huma chaminé, tudo mui cheio de agua.

5 Ferio logo fogo o companheiro; e ainda que por alli não havia outra lenha, senão verde, e muito molhada, que elle andou ajuntando com hum moço, que comsigo levavão, ardeo como candeas: colheo hum braçado de junco, lançárão-o em o estradozinho, e dormírão aquella noite, o Vigario Provincial sentado no estradozinho, e encostado à parede; seu companheiro sentado junto delle, e encostado aos alforges de seu officio, em que levão as cousas, que a elle pertencem, e papeis de importancia. Sendo a cama tão desabrida, e deitando-se sem cea, de tal maneira dormírão, que não acordárão senão dia claro: sendo assim, que confessava seu companheiro não poder tomar o sono, nem hum quarto de hora, senão conforme ao costume ordinario da natureza, com o corpo estendido; e então sentado, com os pés encolhidos, dormio toda a noite, sendo no Inverno em o mez de Fevereiro, e a pousada tão desaccommodada, como está dito. Em amanhecendo rezárão o Officio Divino no mesmo lugar, onde dormírão, porque ainda que sempre o rezavão de noite atè hora de Noa, o sono os fez aquelle dia rezar com Sol. Depois de rezarem, se partírão; e em sahindo daquelle pardieiro, achárão os caminhos, e mattos, correndo agua, como que toda a noite chovêra. Chegando ao de Seixas, e sabendo algumas pessoas daquelle lugar o máo gasalhado, que tiverão, se compadecêrão delles, dizendo-lhes, que toda aquella noite estivera a chover, e não podião elles deixar de padecer muito com tão grande agua, a qual elles tiverão por muito certa, vistos os caminhos, que parecião ribeiros. Com tudo a elles não lhes choveo, nem interrompeo o sono o trabalho da pousada, nem o rigor do tempo, e chuva da noite: maravilha, que o companheiro do nosso Vigario Provincial julgou por milagre, feito por Deos em tal ermo, pelos merecimentos de seu servo Fr. Francisco. E ainda costumava dizer, quando contava este

te ſucceſſo, que juraria que nunca em toda a ſua vida dormíra noite mais conſolado.

CAPITULO VIII.

Da morte do ſervo de Deos Frei Franciſco.

1 ACabado o officio de Vigario Provincial, e trabalho, que nelle teve eſte Veneravel Religioſo, porque a ſua vida foi feita ao compaſſo, e levada de Deos a prumo, ordenou o meſmo Senhor, que por todos os officios leváraa eſte ſeu ſervo, leva-lo para ſi no fim do ultimo officio, para elle poder dizer com o Apoſtolo: [a] *Boa batalha pelejei, meu curſo conſumei, e a fé, que devia a meu Deos guardei: no mais elle me terá guardada a coroa de gloria, que dá a todos os ſeus.* Acabado o Capitulo, em que largou o officio de Vigario Provincial, o fizerão Guardião do Convento de Santo Antonio de Evora, onde continuou os rigores paſſados, e por ventura muito maiores, que o movimento no fim he muito mais apreſſado, como dizem os Filoſofos. Continuando o rigor de ſuas penitencias chegou o anno de 1637. em que Deos o levou para ſi em vinte e oito de Maio, no dia oitavo da Aſcensão: diſſe ſua ultima Miſſa no dia da Aſcensão, eſtando jà doente; acabada a hora de Noa, em que eſteve jà mui fraco, mas muito devoto, ſe foi para a cella, e della não ſahio ſenão para o Ceo. Começou a febre maligna a levantar ſeu fogo, e abrazar ao ſanto Religioſo, que entre as chammas dellas eſtava tão pacifico, como ſempre fora, final, de que em hum fogo tão contrario à natureza, a agua era ſó da graça, a que o tinha tão ſereno.

2 Foi logo a ſua doença ſabida na Cidade, e não ſó ſabida, mas tambem temida, que como era muito amado de todos, a todos cauſou a nova temor, e receio. Vierão logo todos os Senhores daquella Cidade viſitallo, a ſaber, o Arcebiſpo D. João Coutinho, o Marquez de Ferreira D. Franciſco de Mello, o Conde do Vimioſo D. Affonſo de Portugal, e o Conde de Baſto Dom Diogo de Caſtro. O primeiro, que o viſitou foi o Conde do Vimioſo, e a ultima peſſoa, que elle confeſſou, porque por ſua conſolação ſe quiz confeſſar com elle, eſtando jà na cama: o ultimo, que o viſitou, foi o Arcebiſpo, o qual achando-o muito entrado na enfermidade, lhe mandou tirar o Breviario, e que lhe tiraſſem o habito, o que elle não conſentio, pedindo pelo amor de Deos, que lhe

[a] ... 4.

lhe deixassem estar o habito, se lhe desejavão a vida, porque no ponto, que lho tirassem havia de morrer. Vendo o Arcebispo sua santa porfia, mandou que, pelo menos, lhe vestissem outro mais leve, por ser aquelle mui pesado, aspero, e intractavel, como he todo o burel de entre Douro, e Minho, do qual este Veneravel Religioso procurava sempre vestir-se, por fazer em tudo penitencia. Mudado em outro habito, não se lhe mudou a doença, antes como era maligna, lhe hia crescendo por momentos; e entendendo elle que era chegada a sua hora, tratou de se confessar geralmente.

3 Chamou o seu Presidente, que era hum Fr. Pedro de Elvas, com quem se confessou de toda sua vida; e chegando ao sexto mandamento, em que os homens tem tantos trabalhos, e os Santos tantos temores, disse, que no mundo não tinha offendido a Deos naquelle mandamento, nem ainda por pensamento; e adiantando-se o Presidente, perguntando-lhe se na Religião tivera algum escrupulo naquella materia, elle lhe respondeo: *Bemdito seja Deos, nenhuma cousa devo a meu Padre S. Francisco no voto da Castidade.* Por esta razão o enterrou o Presidente com huma Capella de acucenas, e huma palma na mão, em figura da virgindade, que toda a vida guardára, ou da palma, com que he de crer, entrava no Ceo entre o Coro dos Santos Virgens. Feita a sua confissão, levárão-lhe o Viatico à cella, por estar muito fraco: tanto que entrou o Sacerdote com o Santissimo Sacramento, elle se levantou da cama com tanto esforço, como se estivera são, e posto de joelhos para receber o Rei da Gloria, fez antes de commungar huma pratica espiritual, quaes costumavão ser as suas, a que o espirito daquella hora deo mais espirito, a morte mais temor, a presença do corpo de Christo mais reverencia, e o sahir por huma boca tão cheia de devoção grandissima suavidade, com que todos os presentes se desfazião em lagrymas, e testemunhavão com os olhos, o que tinhão no coração.

4 E porque o recebimento do Corpo de Christo requere unico aparelho, naquella unica hora, entre as ultimas palavras de sua pratica, pedio perdão aos Frades, assim presentes, como ausentes, ainda que o não molestava sua consciencia de ter feito aggravo a algum Religioso, em algum dos officios, que tivera. Feita esta ceremonia, inviolavel nesta Provincia, recebeo o Senhor com tanta de-

vo-

voção, que acabado de o receber, levantou a cabeça, e olhos ao Ceo, ficando tão virado ſobre ſuas coſtas, que naturalmente ſe não pudéra ter nos joelhos, ſe Deos o não ſuſtentára; e não ſó tão virado, mas tão alienado, que pegando-lhe o Preſidente, que lhe dava o Viatico, duas vezes do braço, não tornou em ſi, ſenão à terceira, e então lhe deo o lavatorio. Naquelle dia à noite lhe pedio o meſmo Preſidente, que como amigo lhe diſſeſſe, que jornada fora a que fizera aquelle dia, depois de receber o Santiſſimo Sacramento. A eſta pergunta, levantando ao Ceo as mãos, e olhos cheios de lagrymas, reſpondeo com aquellas palavras de S. Paulo: [b] *Nec oculus vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis aſcendit.*

5 Forcejavão jà com elle as ancias da morte, nas quaes elle ſe moſtrou o meſmo que na vida, que eſtes dous contrarios não o ſão em tudo, antes como ſe o não forão, ſe honrão algumas vezes, e aſſegurão hum ao outro. Derão-lhe a Extrema-Unção, que elle recebeo com o eſpirito, que atè alli tinha moſtrado, e recebido eſte Sacramento, forão os Frades todos tomar-lhe a benção, e beijar-lhe a mão, a cada hum dos quaes elle fez ſua pratica
49. em particular, como Jacob [c] a cada hum dos filhos. Elles como filhos, vendo o amor de tal pai, não lhe negavão o ſentimento, que nas mortes dos taes ſe moſtra, antes como ſe nos olhos tiverão fontes, as fazião de lagrymas em ſua deſpedida, e raſgados os olhos ſe desfazião em tantas, que não ſó parecião de amor, ſenão tambem de inveja: e razão era que a moſtraſſem com lagrymas tão vivas, de huma alma, que hia gozar da fonte viva de Deos, [d]
de quem o Pſalmiſta [d] como Pſalm. 41.
cervo tinha inſaciavel ſede. verſ. 1.
Pouco depois diſto com grande paz, e ſerenidade, entregou o eſpirito em as mãos do ſeu Creador.

6 Tanto que eſte ſervo de Deos paſſou deſta vida, mandárão logo os Senhores da Cidade de Evora pedir as ſuas pobres alfaias, hum as contas, outro as diſciplinas, outro a corda, e outros, que ſe achárão preſentes à ſua ſepultura, lhe cortavão parte do habito para guardarem por Reliquias. Concorreo muita gente da Cidade, aſſim nobres, como do povo, com deſejos de verem o corpo, em que havia morado huma alma, que certo tinhão eſtava gozando de Deos, e para lhe beijarem os pés, ou levarem, ſe pudeſſem, alguma Reliquia ſua. Tanta era a devoção, que aquella Cidade tinha

nha a efte Veneravel Religiofo, que muitos dias depois fe não fallou em outra coufa, fenão na fua fantidade, como balfamo, que derramado da vafilha, onde eftava, diffundio feu cheiro por muito efpaço, affim de lugar, como de tempo: tal cheiro deixou aquella virtuofa alma, quando da vafilha de feu corpo fe derramou para a Gloria; que para fima fe derrama a fonte da graça, da qual diz noffo Redemptor, que falta [e] atè à vida eterna.

[e] Joan. c. 4. num. 14.

7 Nem he indigno de confideração, que havendo no Convento hum Religiofo jà velho muito temerofo de affiftir com mortos, e peffoas morientes, nenhum medo teve de tratar com efte fervo de Deos, affim quando eftava para morrer, como depois de morto; e eftando efpirando no ultimo tranfe, não havia apartallo delle, beijando-lhe as mãos, e pés muitas vezes, e depois de morto, e compofto no efquife; elle foi o primeiro, que lhe beijou os pés publicamente na Igreja, como quem entendia, que naquelle corpo não eftava a morte, fenão a vida, como corpo de tal peffoa, que morta reinava viva, e tendo a carne na mortalha, tinha o efpirito na Gloria, de cujo lume procedião àquelle Religiofo timido tantas razões de confiança naquelle corpo morto, e tantos modos de reverencia. Coufa, que tambem confeffou de fi o Arcebifpo D. João Coutinho, que eftando elle jà mal, entrou na fua cella, dizendo, que na fua mão não eftava entrar, onde eftiveffe alguma peffoa morrendo, mas que a fantidade daquelle Religiofo lhe tirava todo o temor.

8 Tambem fe notou em Evora morrer dalli a hum anno no mefmo dia o Conde de Bafto D. Diogo de Caftro, efpecial devoto do fervo de Deos Fr. Francifco, a quem mandou como tal, todos os dias de fua doença, o comer feito de fua cafa, que fóra outros regalos proprios de doentes, era huma pucara de galinha cozida com ouro para o confortar, o qual caldo aurifero elle não bebia, mas mandava-o dar com outros mimos a alguns noviços, que eftavão então doentes; e fazendo-lhe os Frades força, que tomaffe aquelles confortativos, que o Conde lhe mandava, elle profetizando a fua morte, diffe, que havia de morrer, e que não era jà neceffario. O qual Deos por feus merecimentos parece que pagou àquelle Conde feu devoto, e amigo, levando-o dalli a hum anno, no mefmo dia, em que elle deo fua alma a Deos, para moftrar ao mundo o final de

fua

ſua ſalvação, e o merecimento das boas obras. Foi eſte Veneravel Religioſo ſepultado no ſobredito Convento de Santo Antonio de Evora em a primeira ſepultura, que eſtá ſahindo da Capella para o clauſtro.

CAPITULO IX.

De alguns ſucceſſos milagroſos depois da morte do ſervo de Deos Fr. Franciſco.

1 DEpois da morte deſte Veneravel Religioſo obrou Deos por ſeus merecimentos alguns prodigios, em prova da gloria, que no Ceo gozava, e em teſtemunho da ſantidade, que elle com tanto cuidado recatou ſempre dos olhos do mundo. He conſtante tradição, não ſó entre os Religioſos deſta Provincia, mas ainda entre algumas peſſoas ſeculares, que em o noſſo Convento de Santo Antonio de Evora naſcia em huma ſepultura todos os ſabbados hum lirio, e no meſmo dia acabava. Continuou eſte prodigio alguns ſabbados, atè que vindo em viſita àquelle Convento o Miniſtro Provincial Fr. Antonio do Seixo, como os Frades lhe foſſem moſtrar o lirio na ſepultura, o mandou arrancar, por fugir ao louvor, que podia reſultar deſta maravilha, e deſde aquelle dia, não tornou o lirio a naſcer. Não nos diz mais a tradição, nem de quem foſſe a ſepultura, por onde ſuſpeitamos, que ſeria a deſte ſervo de Deos Fr. Franciſco: querendo Deos dar com iſto teſtemunho da Angelica pureza, com que viveo no mundo, ſendo homem, por ſer o lirio [a] o mais proprio jeroglyfico dos Anjos. Mas como iſto he ſó conjectura, paſſemos ao certo, e que nos ficou mais autentico.

[a] Pier. Val. lib. 55. hieroglific. de lilio.

2 Affirmou o Padre Manſos, natural de Villa-Viçoſa, Clerigo do habito de S. Pedro, e peſſoa de boa vida, reputado no tal povo por homem exemplar, e que havia ſido companheiro de Fr. Franciſco, quando em Evora eſtudava a Latinidade, que eſtando elle dito Padre doente de huma enfermidade mui apertada, ſem alguma eſperança de ſaude, e tendo grande ſentimento de ſua morte, não por duvidar teria o premio, que pela Divina piedade na vida eterna eſtá guardado para os bons em recompenſa de tão boa vida, e obras, das quaes tinha dado a Deos, e ao mundo inteira ſatisfação, ſe encommendou a eſte Veneravel Religioſo jà defunto, pedindo-lhe como amigo, que tinha ſido ſeu na vida, quizeſſe ſer terceiro para com o Senhor, o livraſſe daquelle tranſe, em que

que eſtava. Fr. Franciſco lhe appareceo huma noite, e lhe diſſe, que não temeſſe, que o Senhor lhe dilatava a vida para amparo das virtuoſas irmans. Aſſim ſuccedeo, que em pouco eſpaço de tempo ſe levantou da cama, em que eſtava, melhorou da enfermidade, que padecia, e viveo muitos annos, fazendo muitos ſerviços a Deos. Eſte milagre teſtemunhárão o dito Padre, e ſuas irmans, e outras muitas couſas, de que derão noticia, como quem tinha delle tão antigo conhecimento, como o de creação.

3 No Capitulo precedente fica dito, que quando na Cidade de Evora ſe ſoube da morte deſte ſervo de Deos, procurárão algumas peſſoas della haver por Reliquias as couſas de ſeu uſo: entre as que ſe dividírão por peſſoas devotas, coube a tunica, e a véla, com que o ſervo de Deos eſpirou, a huma devota matrona daquella Cidade, ſingular bemfeitora do Convento. Eſta a guardou para nella ſe amortalhar quando morreſſe, e ſuppoſto paſſárão depois diſto não poucos annos, ſempre a tunica ſe conſervou sã, ſem que o tempo fizeſſe nella aquelle eſtrago, que coſtuma fazer na mais roupa. Morreo em fim aquella devota mulher, aſſiſtida de dous Religioſos noſſos, hum dos quaes, ſabendo de quem a tunica era, lhe cortou huns pedaços, que por Reliquias enviou a huns ſeus parentes, que depois affirmárão, que as Reliquias obravão muitos prodigios; dando ſaude a muitos, principalmente febricitantes, que com fé as recebião.

4 Sendo Provincial o Irmão Fr. Franciſco de Serpa, pelos annos do Senhor 1663. morreo em o Convento de Evora hum Religioſo de mui regular, e obſervante vida, chamado Fr. André de Vianna, Prégador, que havia ſido Noviço do Irmão Fr. Franciſco de Villa-Viçoſa; eſte eſtando propinquo à morte, pedio ao Guardião daquelle Convento, que lhe mandaſſe abrir a ſepultura junto à de ſeu Meſtre, porque por ſeus merecimentos eſperava alcançar de Deos miſericordia para ſuas culpas. Condeſcendeo o Prelado a ſeus rogos: abrio-ſe a ſepultura huma tarde, para na manhã do ſeguinte dia ſe enterrar o defunto. Succedeo naquella noite, que huns Religioſos mancebos alli moradores, e outros hoſpedes, que naquella occaſião ſe achárão preſentes, intentárão ver o corpo do ſervo de Deos Frei Franciſco, porque ſe perſuadião, com a voz commua da Provincia, que eſtaria inteiro hum corpo, que havia ſido depo-

posito de huma alma de singular pureza. Achavão que era accommodada a occasião da sepultura, que se tinha aberto, contigua à do servo de Deos, porque cavando por aquelle lado, que as dividia, (dizião elles) podião ver como o corpo estava, sem que tocassem na superficie da sepultura: recato necessario para não deixarem sinal de sua devoção, ou curiosidade. Descêrão no alto da noite com esta resolução ao claustro, e ao primeiro golpe, que derão na sepultura, cahio a enxada para huma parte, e o Religioso, que a tinha na mão para outra: aviso, segundo podemos presumir, com que Deos lhes mostrava desistissem daquella diligencia. Com a furia de moços não reparárão no aviso; emprendeo outro o mesmo, repetio o golpe, e foi tão grande o terremoto, que parecia cahir todo o Convento sobre elles, com que ficárão tão atemorizados, que não só desistírão do intento, mas tambem fugírão para sima a toda a pressa: tal foi o terror, que se lhes infundio, o que elles attribuírão a prodigio, entendendo lhes mostrava Deos não ser sua vontade que tocassem na sepultura de seu servo.

5 Nem sómente nesta occasião mostrou Deos não querer que tocassem na sobredita sepultura, mas tambem em outra, de que eu fui testemunha de vista. Achava-me morador naquelle Convento de Evora, jà com a occupação desta Chronica, que os Prelados me tinhão encommendado; e pela noticia, que tinha das virtudes, e exemplar vida deste santo Religioso, tive o mesmo desejo de ver como seu corpo estava, porque me persuadia que ou estaria incorrupto, ou acharia na sua sepultura algum sinal de sua santidade, como de cheiro suave, ou outra alguma cousa, com que Deos costuma mostrar ao mundo depois da morte a virtude dos que fielmente o servírão na vida. Bem he verdade que me lembrava o successo referido, mas tambem discorria, que aquelle desejo fora curiosidade, e o meu terminava-se a maior louvor de Deos em seus servos, como quem hávia de pôr a vida deste em Historia. Com este conceito, que formava, pedi a dous Ministros Provinciaes, que successivamente forão àquelle Convento em Visita, em quanto nelle estive, que mandassem abrir a sepultura; escusavão-se elles sempre com promessas de futuro, sem que déssem alguma cousa à execução. Com isto me hia jà persuadindo, que era vontade de Deos conhecida sem dúvida na repugnancia, que achava na

dos Prelados, que se não tocasse na sepultura, com que algum tanto se me esfriava o desejo, que antes tinha, não porém que de todo desistisse delle.

6 Succedeo hum dia no tempo, que eu vacillava se desistiria, ou não de meu intento, fazer-me queixa huma sobrinha de Fr. Francisco de Villa-Viçosa, que o Religioso Porteiro do Convento lhe não queria deixar ver a sepultura de seu tio, como costumava ir ver, olhando da porta da Capella da Igreja para o claustro, onde estava. Seguia-se dahi a poucos dias a festa da Purificação de nossa Senhora, em que as pessoas seculares entrão nos nossos claustros, por respeito da Procissão das Candeas, que por elles fazemos, pelo que lhe disse, que neste dia fosse ao Convento, e que em quanto a Procissão discorria pelo claustro, podia ver à sua vontade a sepultura de seu tio. Fello assim, sentou-se junto della, quiz tirar huma pouca de terra para levar por Reliquia, segundo sua fé; mas estão os ladrilhos tão unidos, que lhe não foi possivel tiralla de entre elles: recorreo então ao letreito, que está na sepultura, declarando cuja he, e com hum dedo ajuntou do cavado das letras alguma pouca de terra, que alli estava conglutinada; recolheo-a na toalha, que levava na cabeça, entre duas dobras, que lhe fez, e dous nós, que sobre ellas deo. Chegou a casa, convidou com alvoroço a gente della, que viessem ver a terra, que trazia da sepultura de seu tio: cousa maravilhosa! Para lha mostrar, soltou os nós, desfez as dobras, porèm dentro não achou a terra, se bem que estava a toalha na mesma fórma, em que a tinha deixado, quando nella a recolheo. Ficou grandemente admirada deste successo, porque naturalmente não era possivel faltar a terra, ficando a toalha como ficou: cresceo mais a admiração, porque no seguinte dia amanheceo solapado o dedo, com que ajuntou a terra das letras da sepultura, por cuja causa esteve nas mãos de Cirurgião alguns dias.

7 Nesta occasião indo-a visitar, depois de me referir o successo, rogou ao Religioso meu companheiro, fosse à sepultura de seu tio, em recolhendo-se ao Convento, e em seu nome lhe pedisse perdão do que fizera, porque o successo parece estava mostrando, que o desagradára. Fello assim o Religioso, e depois da súpplica, não foi mais a enfermidade por diante, antes com muita brevidade sarou de todo. Deste caso, assentando sobre os mais,

que neſte Capitulo tenho referido, ſuſpeitando myſterio tocante ao intento, que trazia, tomei motivo para deſiſtir delle, perſuadindo-me que tudo iſto moſtrava ſer vontade de Deos, que não tocaſſem naquella ſepultura, com que ainda hoje ſe conſerva na meſma fórma, ſendo muitos os que deſejão que ſe abriſſe. Nem he tambem indigno de reparo que eſtando gaſtados os ladrilhos dos mais pannos do clauſtro, ſendo aſſim, que forão jà renovados algumas vezes, ſó os da ſepultura do ſervo de Deos Frei Franciſco ſe conſervão, tanto em ſeu ſer, como ſe forão de pouco tempo, havendo jà ſincoenta e ſeis annos, que alli ſe puzerão: nelles ſe vê o letreiro, que contém o nome deſte ſervo de Deos, ſem mais outra memoria.

CAPITULO X.

Eleição do quadrageſimo Miniſtro Provincial.

9 1 VIſitada a Provincia no fim do triennio do Irmão Fr. Antonio do Seixo pelo Padre Fr. Miguel de Jeſus, que tinha acabado de Provincial na de S. Paulo, e era actual Definidor nella, convocou a Capitulo em o Convento da Piedade de Villa-Viçoſa, no qual preſidio o Padre Fr. Diogo Bravo, Provincial, que havia ſido, e actual Cuſtodio da Provincia dos Anjos; deputado Commiſſario Preſidente dos Capitulos deſte Reino. Celebrou-ſe o noſſo em trinta de Janeiro de 1639. e ſahio eleito em Miniſtro Provincial o Irmão Fr. Antão de Guimarães: em Definidores o Irmão Fr. Antonio do Seixo, que acabava de Provincial, Fr. Amaro de Chaves Prégador, Fr. Jeronymo do Sardoal, Fr. Manoel de Braga, e em Cuſtodio Fr. Balthezar da Guarda. Promulgárão-ſe neſte Capitulo, e aceitárão-ſe por todo o Definitorio, e Diſcretorio huns Eſtatutos, que o Irmão Fr. Antonio do Seixo tinha ordenado, e reformado dos antigos, por compromiſsão, que nelle todo o Capitulo paſſado havia feito. Poucos dias depois do Capitulo partio para Roma o Irmão Cuſtodio Fr. Balthezar da Guarda, e em lugar do Irmão Miniſtro, que eſtava impoſſibilitado por ſua idade, e achaques, para fazer jornada tão comprida, foi Fr. Franciſco de Lisboa para ſe acharem no Capitulo Geral, que ſe celebrou em *Ara-Cæli*, onde em onze de Junho na Vigilia de Pentecoſtes de 1639. ſahio eleito em Miniſtro Geral de toda a Ordem o Reverendiſſimo Padre Frei

Fr. João Merinero, Provincial da Provincia de Castella. Era o dito Padre igualmente reformado, que douto; cuja eleição, supposto que foi mui approvada dos mais zelosos, foi tambem tanto do desagrado dos muitos emulos, que tinha, que forão bastantes a suspenderem por algum tempo as ordens de sua prelasia.

2 Quando o Pro-Ministro Fr. Francisco de Lisboa, e o Custodio Fr. Balthezar da Guarda partírão para Roma, commetteo-lhes o Capitulo Provincial authoridade, para que pudessem procurar do Summo Pontifice confirmação de hum Breve, que tinha passado Clemente VIII. à instancia de Fr. Simão de Aveiro, em que nos isentava da guarda dos Estatutos geraes, no que julgassemos que erão contrarios a nossos costumes, e modo de viver, como já atràs fica escrito: [a] e juntamente que nenhum Commissario da Observancia, excepto o Reverendissimo Padre Commissario Geral da Familia, eleito conforme à Bulla da União, pudesse exercitar jurisdição alguma na Provincia, senão que fosse este sempre dos Descalços, com mais outros alguns privilegios. A razão, que houve para se procurar a confirmação do sobredito Breve, foi duvidar-se se os privilegios, principalmente os dous referidos, que o Pontifice nos concede, estavão em pé: porque como sempre a Provincia, desde que o impetrou atè àquelle tempo, se sujeitou em tudo aos Estatutos, e Ordenações geraes, e admittio Commissarios da Observancia, como de facto o era o do presente Capitulo, estes actos contrarios ao privilegio parecião huma tacita renunciação delle; e supposto que os mais erão de parecer, que no tocante aos actos futuros podiamos usar dos ditos privilegios, isto he, dalli em diante, porque não tinhão acabado, não obstante os actos em contrario, e he a opinião mais conforme a Direito: [b] com tudo para mais segurança se procurou confirmação do dito Breve.

3 Logo que os dous Vogaes chegárão a Roma fizerão súpplica à Santidade de Urbano VIII. que logo passou hum Breve, em o qual vinha inserto, e confirmado o de Clemente VIII. Foi sua data em Roma *apud Sanctam Mariam Maiorem sub annulo Piscatoris*, a dezoito de Junho do anno de 1639. e decimo-sexto de seu Pontificado; começa: *Nuper pro parte dilectorum filiorum*, *&c.* cujas forças são as seguintes. Concede que os Frades desta Provincia não sejão obrigados aos Estatutos, e Ordena-

[a] Sup. l. 4. c. 40. n. 3.

[b] Collig ex Gi Lop. i 42. tit. p. 3 gl pro q citat num, Salice L. Vol Cod. d cusat. & Barr glos. i 2. Cod his qui te mun subeun lib. 10 in L. de pri veterai Collig etiam Suario Legib. c. 34. &

na-

nações geraes, ſendo julgados na dita Provincia, e em ſeus Capitulos não ſerem conformes aos Eſtatutos particulares, coſtumes, e modo de viver della; ſalvo ſe nos tres Eſtatutos da Ordem ſe fizer eſpecial menção deſta Provincia. Que nenhum Prelado da Ordem, nem ainda o Senhor Cardeal Protector da meſma, que pelo tempo foſſem, poſsão dar licença a algum Frade deſta Provincia para ſe encorporar em outras, ſalvo forem das Deſcalças, havendo para iſto juſta cauſa, e com o beneplacito do Provincial da Piedade. Que ſe alguns Frades das outras Provincias ſe paſſarem a eſta noſſa, e nella forem encorporados, os taes fiquem obrigados à pura obſervancia da Regra, Conſtituições, e coſtumes da Provincia, como ſe nella houveſſem profeſſado, nem ſe poſsão della tornar às outras, ſenão com as clauſulas aſſima poſtas.

4 Que nenhum Commiſſario, aſſim eſpecial, como geral, poſſa executar commiſsão, ou juriſdicção alguma neſta Provincia, excepto o da Familia, eleito, ſegundo a Bulla da União, não ſendo das Provincias Deſcalças, ainda que o tal venha com authoridade Apoſtolica, ſalvo ſe no indulto ſe fizer eſpecial derogação deſte. Que o Provincial, e ainda o Cuſtodio, poſsão receber Noviços no Capitulo, com conſelho de trez, ou quatro Frades dos mais antigos daquella Caſa, onde os taes hão de ſer recebidos.

5 Chegados os noſſos Vogaes de Roma, fez logo junta o Irmão Miniſtro Fr. Antão de Guimarães em o Convento de Santo Antonio de Portalegre, a vinte e trez de Outubro de 1639. para prover de Superiores algumas Guardianias, que tinhão vagado, por morte dos eleitos em Capitulo. Neſta Junta ſe aceitou o Breve de Clemente VIII. confirmado novamente por Urbano VIII. excepto aquelle privilegio, que concedia ao Cuſtodio poder aceitar Noviços; mas em lugar deſte ſe aceitou huma Patente do Reverendiſſimo Padre Merinero, em que dava authoridade ao Irmão Miniſtro, para que pudeſſe commetter aos Guardiães nas trez Cidades, Coimbra, Evora, e Braga, por reſpeito dos eſtudos, que nellas ha, ſeus poderes para receberem Noviços. Em o ſeguinte anno de 1640. no primeiro de Agoſto fez o Irmão Provincial a ſua Congregação em a Piedade de Villa-Viçoſa, onde ſe ordenárão muitas couſas concernentes ao bom governo da Provincia, em que reluzia bem o zelo, de que o Provincial era dotado.

6 Por este tempo succedeo a feliz restauração de Portugal, depois de sessenta annos de rigorosa, e dura sujeição, amanhecendo este desejado dia em o segundo de Dezembro de 1640. em o qual dia cahio naquelle anno a primeira Dominga do Advento, em que a Igreja canta nas Vesperas, e Laudes aquella Capitula, que tomou de S. Paulo, onde o Apostolo exhorta aos Romanos, dizendo-lhes que jà era hora para despertarem do sono. Com esta voz parece despertárão os Portuguezes daquelle letargo, em que estava seu valor como dormido, restituindo o Reino a seu legitimo Senhor, com a acclamação, que fizerão do Excellentissimo Duque de Bragança D. João em Rei de Portugal. Cumprindo-se tambem o que por zombaria dizião os Castelhanos, quando vendo a Portugal tão atenuado das forças, que lhe tiravão, costumavão dizer, que jà não levantaria cabeça senão no dia do Juizo: assim foi, porque no dia, em que a Igreja representa o do Juizo, levantou Portugal sua legitima, e verdadeira cabeça.

CAPITULO XI.

Memoria de dous perfeitos Religiosos, Fr. Manoel do Beco, e Fr. Thomé de Aveiro.

1 NO triennio do Irmão Provincial Fr. Antão de Guimarães, passárão ao Senhor dous perfeitos Religiosos desta Provincia. Chamava-se o primeiro Fr. Manoel do Beco, pequeno Lugar no Bispado de Coimbra, Sacerdote de grande perfeição, e virtude. Logo na mocidade seguio o caminho della, e desde que entrou na Religião, sendo extraordinaria a alegria espiritual, com que andava. Ainda no estado de Corista, quando a idade não dá tanto lugar a estas attenções, jà se não contentava com a vida commua, posto que aspera, aspirava a singularizar-se; muitas noites inteiras se não deitava na pobre cama, gastando-as na oração, e contemplação das cousas Divinas, diante do tabernaculo do Santissimo Sacramento. Foi rara sua humildade, e incrivel a caridade, com que assistia aos doentes, não só quando era Enfermeiro, mas ainda quando não tinha por obrigação este officio. No exercicio destas, e outras virtudes passou a vida, atè que no fim della o quiz Deos provar com huma penosa enfer-

fermidade, padecendo por vinte dias continuos terriveis dores, que todas soffria sua paciencia com maravilhosa constancia.

2 Nesta ultima enfermidade predisse algumas cousas, que depois succederão; entre as quaes foi huma assignalar aos Frades o dia de sua morte. A's dores lhe sobrevierão huns vomitos, e soluços, que lhe impedião receber o Sagrado Viatico; o que vendo o enfermo, disse hum dia ao Guardião: *Já que por respeito dos vomitos, e soluços não posso receber a Sagrada Eucharistia, seja-me concedido o Sacramento da Unção; porque hoje he o ultimo dia de minha vida.* Trazida a Extrema-Unção, o Medico, que presente estava, dizia que lha applicassem sem ceremonias, porque o doente estava já sem pulso; porèm o enfermo pedia que lha administrassem com todas as ceremonias, que elle esperaria. Administrada a Santa Unção, pedio que o puzessem na terra, para nella morrer com os braços abertos, assim como na Cruz o Redemptor do mundo; mas negando-lhe esta consolação extrema, se conformou com a vontade do Prelado, que lha impedia. Pedio então aos Religiosos, que lhe assistião, lhe rezassem huma Ave Maria; depois da qual disse a todos: *Ficai com Deos, Irmãos, que eu me parto para o Ceo.* Tinha elle neste tempo os braços sobre o peito, e ditas estas palavras de despedida, compoz com suas proprias mãos os olhos, e beiços, e tornando a pôr os braços em Cruz sobre o peito, como estavão antes, suavissimamente espirou aos dezenove de Julho de 1639. em o Convento do Sardoal, onde tem sua sepultura.

3 O segundo Religioso, que neste tempo solto das prizões da carne passou a melhor vida, foi Fr. Thomé de Aveiro, natural da Villa de seu nome, Confessor dignissimo de mui alta perfeição. Era homem mais do Ceo que da terra, porque a sua conversação era sempre das cousas celestes, por isso fallava poucas vezes, senão de cousas pertencentes ao espirito, tirando de tudo o que via, e ouvia motivos para louvar a Deos. Foi grandemente mortificado, e esse pouco, que comia para sustentar a natureza, era borrifado com a consideração do fel, e vinagre, que derão na Cruz a nosso Salvador. Hum dia de festa, em que abundou a meza dos pobres, dizendo-lhe o Guardião que comesse alguma cousa das que lhe punhão diante, respondeo o mortificado, e contemplativo Religioso: *Irmão, como serão sabo-*

rosas estas iguarias a quem o fel, e vinagre do meu Jesus he o pão de cada dia? Para mortificar o appetite, no maior rigor do Verão, quando os outros buscão a agua mais fria para remedio da sede, elle a bebia sempre quente, para que em tudo tivesse occasião de mortificar-se. Foi infatigavel Ministro das confissões; e posto que velho, e cheio de achaques, hia com muita diligencia ao Confessionario em toda a hora, que lhe davão recado para isso.

4 Era mui pio no sacrificio da Missa, que celebrava com extraordinario fervor, e devoção, e todos os dias depois de rezar o Officio Divino, não só rezava o menor da Senhora, mas tambem o do Espirito Santo, da Santa Cruz, e o de S. José. Tinha particular devoção com as almas do Purgatorio, applicando-lhes muitas indulgencias, suffragios, e orações, que cada dia offerecia por ellas, para as aliviar, e tirar das penas. Foi grande amante da pureza, por cuja causa aconselhava a todos que fugissem a conversação de mulheres, por mais honestas que fossem, e elle tinha particular cuidado de fazer o que aconselhava. Nada trazia tanto diante dos olhos, como a guarda da santissima Pobreza; tanto assim que esta lhe deo o nome, porque pelo muito que resplandecia nesta virtude, regularmente todos lhe chamavão Fr. Thomé Pobre. Só queria para seu uso o que não tinha nenhuma estimação, e era jà deixado dos outros Religiosos; por dezoito annos se servio sómente de hum habito aspero, velho, pobre, e muito remendado; de cuja limpeza não tratava, como outro Santo Hilarião, para que atè no gasto da agua fosse pobre, como seu Serafico Patriarca.

5 Daquelles pedaços de burel, que ficavão das vestiarias, e de outros remendos, que podia haver à mão, fazia carapucinhas para dar a pobres. Na ultima enfermidade pedio os Sacramentos; e reparando o Guardião em lhos dar, por lhe não parecer mortal a doença, disse o enfermo: *Irmão Guardião, bem conheço que jà vem chegando a hora de mim muito desejada para ir ver ao meu Senhor Jesus, e assim que me deveis conceder o que com muita razão pedi.* Donde parece que teve revelação de sua morte. Ouvindo isto o Guardião, lhe mandou logo dar os Sacramentos, e depois de recebidos, pegou o enfermo em huma Imagem de Christo crucificado, e confessando a Fé Catholica, foi ver na Bemaventurança o que na terra confessava. Foi seu ditoso transito no Convento do

Por-

Porto em dez de Janeiro de 1640. com ſincoenta de Religião, e mais de ſetenta de idade.

CAPITULO XII.

Vida exemplar de Fr. João de Semeice, e primeiramente de ſua criação no mundo, e entrada na Religião.

1 ENtramos a eſcrever as virtuoſas acções de hum Religioſo tão regular, e reformado, que ainda em ſua vida, e depois de ſua morte, quando neſta Provincia querião louvar a algum de perfeito, coſtumavão dizer, que era outro Semeice. Notou ſua vida, e deixou-nos della huma lembrança outro ſervo de Deos, que tambem acabou na Provincia com grande fama de virtude, como ainda hoje teſtemunhão muitos, que o conhecêrão. Chamava-ſe elle Fr. Balthazar de Barcellos, muito familiar de Fr. João de Semeice, porque o meſmo eſpirito os unio em mui perfeita amizade. He porèm tão diminuta, que achando-a em o Convento dos Olivaes, para onde no anno de 1655. foi Guardião o Irmão Fr. Antonio de Serpa, Author da Chronologia Euchariſtica, Qualificador do Santo Officio, e depois Biſpo eleito de Cochim, deo della eſte teſtemunho, que por ſer de varão tão notavel, quiz aqui referir por ſuas formaes palavras.,, Eſta vida de Fr. João de Semeice eſcreveo por ſua devoção Fr. Balthazar de Barcellos o mais velho, filho de Franciſco Velho, e irmão de João de Faria Machado, gente bem conhecida naquella Villa. O meſmo Fr. Balthazar, Religioſo bem devoto, eſcrupuloſo, e temente a N. Senhor, o qual paſſando por eſta Caſa de Santo Antonio dos Olivaes, ao tempo, que a noſſa Provincia queria que eu fizeſſe a Chronica della, me diſſe que a eſcrevêra. Tudo o que nella diz he dito com muita verdade, e com igual ſingeleza, e ſimplicidade de eſcrever: e eu Fr. Antonio de Serpa, que aqui ponho iſto, o poſſo affirmar, e confirmar tudo, ainda que nem tudo viſſe; porque morando eu com ambos elles em eſta Caſa dos Olivaes de Coimbra a primeira vez, de que eſta relação muitas vezes falla; e ſendo grande amigo de ambos (ainda que recem profeſſo) pelos annos do Senhor 1622. muito notava, e conſiderava a vida do dito Fr. João, com quem alternativamente fiz a cozinha muito tempo, por naquelle não haver Noviços, e elle, ainda que Sacerdote, por não acabar de dizer

,, Miffa, a fazia, pelo peniten- ,, ciarem os Prelados a que a fi- ,, zeffe. E não fó confiderava a ,, fua vida mui fingular, fenão ,, que me admirava não pouco ,, della, affim em Cafa, como ,, na Cidade, à qual fui com el- ,, le à efmola algumas vezes; e ,, particularmente muito nota- ,, va, que todas fuas fingularida- ,, des; variedades, e defigual- ,, dades, de que fó era notado ,, o dito Fr. João, paffando mui- ,, tas vezes de hum extremo a ,, outro, como por exemplo, ,, de não fallar nada, a outro ,, de fallar muito; todas eftas ,, defigualdades de fua vida não ,, declinavão nunca para algum ,, mal, por minimo que foffe, ,, fenão todas fe encaminhavão ,, para louvar, e fervir a Deos, ,, e para não offender o proxi- ,, mo, de quem jà mais foube ,, queixar-fe, nem murmurar ,, huma fó palavra. E por vir a ,, primeira muda, que tive na ,, Provincia, defta Cafa dos Oli- ,, vaes, onde fui Noviço, para ,, a do Bofque de Borba, o tive ,, por companheiro atè a Cafa ,, de Alter, onde elle ficou mo- ,, rador, e eu paffei ao Bof- ,, que: nefta viagem foube ainda ,, muito mais do feu efpirito, ,, do que pudéra dizer muito, ,, fe efte pouco o permittíra; e ,, pudera-fe defte Religiofo ef- ,, crever outra vida bem diffe- ,, rente, fe houvera quem a ef- ,, crevêra. Efta achei nefta Ca- ,, fa na cella dos Guardiães, ,, quando paffados trinta e trez ,, annos, voltei a ella a fer ,, Guardião no anno de 1655. ,, E eu lhe faço efta addição, ,, para conftar do que fe diz nel- ,, la, ainda que efcrita mui fin- ,, gelamente; e pudéra affirmar ,, tudo debaixo do juramento ,, de Revedor. ,,

2 Defte teftemunho tiramos duas coufas, o verdadeiro da relação, e o diminuto della; e affim como o teftemunhante inculcou o primeiro, tambem lhe fora facil remediar o fegundo, pois como affirma, pudéra dizer muito; poz-fe porèm fua omifsão da parte daquelle primeiro defcuido, para nos deixar efta mágoa. Com ella feguiremos a fobredita relação, que nos defcontará o diminuto com o verdadeiro. He Semeice hum pequeno Lugar na Serra da Eftrella, nelle nafceo o fervo de Deos Fr. João, de pais nobres, e ricos, que cuidadofos de fua melhor educação, o mandárão a Coimbra de mui tenra idade para cafa de hum feu tio Inquifidor naquella Cidade, e Prefidente aos mais. Nella começou a eftudar Latinidade, que foube com fatisfação; mas não foi baftante a creação, que lhe dava hum tão honrado tio, para que deixaffe de feguir as inclinações de

de moço, fomentadas com o trato, que tinha com outros de ſua idade, que não querendo perder as occaſiões de goſto, colhião as roſas, coroando-ſe 2. [a] com ellas, primeiro que ſe murchaſſem.

3 Não forão porèm os vicios, em que deo, dos mais feios, e que de ordinario coſtumão arraſtar a juvenil idade: ſómente ſe entregava aos paſſatempos, e jogo, e a eſte com tanta propensão, que ſem differença alguma jogava com todo o genero de peſſoas; vicio, que nas Univerſidades arraſta os ſujeitos, e conſome o tempo, que devião dar ao eſtudo. Sentia-o grandemente o Inquiſidor, não ſe eſquecia porèm do ſobrinho, antes como ſeu intento era fazer nelle caſa, tratou de o caſar com huma peſſoa nobre, e rica. Bem contrario penſamento a eſte ſe hia jà creando em Fr. João, prevenido da Divina graça, porque affeiçoado ao modo, que via em os noſſos Frades de Santo Antonio dos Olivaes, propoz em ſua vontade ſer hum delles: jà o entaſtiavão os divertimentos do mundo, jà frequentava a miudo o Convento, atè que ultimamente pedio nelle o habito. Deſta reſolução tiverão noticia ſeus pais, e pelo divertirem, o mandárão logo buſcar para a terra, onde eſperavão que faltando-lhe a viſta daquelles, a cuja vida ſe moſtrava affeiçoado, e queria ſeguir, mudaria facilmente ſeu intento. Porèm como com eſta diligencia ſenão diminuiſſe em Fr. João aquella primeira vontade, veio com elle a mãi a concertos, perſuadindo-lhe que jà que queria ſer Religioſo, o foſſe em a Ordem de São Bernardo, ou em alguma das Monachaes, e não em huma Provincia, onde ſe profeſſava tanto rigor, e aſpereza; que tomaſſe exemplo em certo mancebo viſinho ſeu, que havia pouco ſe tinha ſahido della, por não poder ſoffrer tanta mortificação, e penitencia. A eſtas ajuntava outras razões, que em ſemelhantes caſos enſina o amor materno, com que não poucas vezes deſerdão aos filhos do melhor patrimonio, que lhes podião dar, mas a todas reſpondia elle, que queria deixar o mundo de veras, e entrar em Religião, onde pudeſſe ſeguir ſeus intentos, que erão viver penitente, e deſcalço.

4 Não ſe eſquecia Deos do ſanto mancebo, nem o deixava ſó em tão forte batalha, como erão as perſuações da mãi, antes como Pai de miſericordias lhe aſſiſtia com os auxilios interiores, e exteriormente para o meſmo fim podemos preſumir permittio o caſo ſeguinte,

te. Andava Fr. João à caça, quiz fazer tiro, e para isto, por lhe ficar mais acommodado, se poz sobre huma ponte de páo, alta, e estreita; (que na Beira, e entre Douro, e Minho são tão usadas, como perigosas) fez pontaria, ao disparar rebentou a espingarda, e queimou-lhe a polvora o rostro: com tudo guardou-o Deos que nem o cano o offendesse, nem cahisse da ponte abaixo. Curárão-o de fogo, e ficou-lhe o rostro salpicado de preto com os grãos da polvora, para que assim em todo o decurso de sua vida se lembrasse do favor, e mercê, que Deos lhe havia feito. Conheceo elle o beneficio, e servio-lhe de lhe esporear mais o desejo, que tinha de se dedicar a Deos em Religião: voltou a Coimbra contra vontade de seus pais, que neste caso o não aborrecellos fora privar-se da escola [b] de Christo: pedio o habito com grande instancia, e finalmente lho derão no mesmo Convento dos Olivaes. Grandes progressos promettia esta galharda resolução, e assim se virão logo em seu noviciado; porque não contente jà neste tempo com o rigor ordinario da Provincia, acrescentava seu fervor outro de novo. A cama, de que usamos, que consta de huma taboa, estreita, e humas pobres mantas, lhe parecia a elle muito mimosa, por cuja razão a deixava, e dormia em terra. O comer era tão pouco, e mortificado, que imaginar se póde: e em tudo o mais se portava de sorte, que tendo-o alguns Religiosos por excessos, como os não temperasse advertido, o notavão de voluntario, com que chegou a ponto de o quererem despedir, e foi muita occasião para o não fazerem ser sobrinho de huma pessoa de tanta authoridade. Outros melhor advertidos o desculpão, dizendo, que erão fervores de noviço, com que acabado o anno de noviciado, lhe derão a profissão em 30. de Março de 1614.

[b] Luc. c. 14. num. 16.

CAPITULO XIII.

Da humildade, e penitencia do servo de Deos Fr. João.

1 PRofesso Fr. João de Semeice, não afrouxou nada do fervor, que tinha mostrado em Noviço, antes o continuou com mais ventagens. Nas jornadas, que fez em Corista a tomar as ordens, ou mudado de hum Convento a outro, caminhava Apostolicamente, sem levar cousa alguma de provisão, por minima que fosse, entregando-se totalmente à Divina providencia, estylo, que observou toda a vida. Ordeca-

nou-ſe Sacerdote, e ſem ſabermos a cauſa, que para iſſo tiveſſe, erão raras as vezes, que dizia Miſſa. São differentes os caminhos, por onde Deos leva a ſeus ſervos. De S. Boaventu-
arc. ra lemos, *a* que ſe abſtinha ſua
.c.2. humildade muitos dias de receber o Santiſſimo Corpo do Senhor, temendo que ſe o commungaſſe indignamente, o receberia em juizo, como diz São
Cor. Paulo; *b* atè que o meſmo Se-
.29. nhor, por lhe tirar os temores, o communguou miraculoſamente por mão de hum Anjo. O meſmo dictame podia ter Frei João em não frequentar o tremendo ſacrificio; aſſim no lo dá a ſuſpeitar ſua profunda humildade, em que foi tão eſtremado, que nunca pudérão acabar com elle aceitaſſe officio algum de honra, e numa occaſião, que conſtrangido por preceito, entrou numa Preſidendencia, pedio lhe deſſem tempo para eſtudar, por haver de ſer nella Confeſſor de Frades; e houve-ſe niſto com tantos vagares, que o Provincial ſe reſolveo em tirar-lhe a Preſidencia, dando-lhe primeiro quatro ou ſeis diſciplinas, de que Frei João eſteve tão longe de ſe queixar, que antes dizia ſer o tal Prelado digno de louvor, e que naquillo fizera ſua obrigação.

2 Suppoſto que louvava muito o exercicio do Confeſſionario, dizendo que nelle ſe ganhavão almas para Deos, nunca quiz ſer Confeſſor, nem ainda de Frades: das Guardianias fugio ſempre como quem deſejava viver a todos ſujeito, e de nenhum obedecido. Por eſta cauſa ſe retirava tambem dos Frades graves, e velhos, que lhe poderião ſer parte para o occuparem com alguma Prelaſia, como ſe vio, alèm de outras vezes, em huma occaſião, que paſſando pela caſa, onde elle morava, hum dos Capitulares mais velhos, a quem a voz commua fazia Provincial, e buſcando-o para lhe fallar, Fr. João ſe eſcondeo de maneira que não foi poſſivel deſcubrillo. As poucas vezes, que fallava, era com os Coriſtas, e Frades leigos; humilhando-ſe a eſtes de ſorte, que quando hia fóra com elles, para beber huma pouca de agua, lhes pedia primeiro licença. Deſta humildade lhe naſcia hum deſprezo de ſi meſmo, avaliando-ſe pelo menor, e mais inutil de todos; aſſim o queria tambem parecer, para que todos aſſim o trataſſem. Daqui vinha affectar o deſprezivel no trato de ſua peſſoa, principalmente no veſtuario, que alèm de lacerado, e pobre, o trazia ſem ordem, nem concerto; o manto tinha ſempre huma ponta mais alta que a outra, e aſſim no mais, de que uſava: por onde huns di-

diziaõ que era louco, outros que naõ tinha modo comſigo, nem era para delle ſe fazer caſo; objecto, que o ſervo de Deos buſcava em ſeu deſprezo. Tendo parentes mui authorizados, naõ queria que lhe fallaſſem nelles: ſuas imperfeições, e faltas confeſſava com facilidade, as virtudes encubria ſobre maneira, dizendo que naõ tinha nenhuma; mas no meſmo que as encubria, mais as radicava.

3 Sómente no cuidado grande, com que as procurava adquirir, nos poderia dar a entender que as naõ tinha; pois ſendo mui dado à liçaõ dos livros eſpirituaes, e de excellente memoria, com que ſe fazia ſenhor do que lia, naõ encontrava nenhuma, que naõ procuraſſe logo exercitar-ſe nella; donde procedeo ſer hum aggregado de todas. Nos principios de ſua entrada na Religiaõ aſſentou logo comſigo com hum firmiſſimo propoſito agradar a Deos, e naõ o offender mortal, nem ainda venialmente, quanto o permittiſſe a fragilidade humana; para o que ſe conſiderava ſempre na preſença de Deos, vigiando com cautela ſobre a pureza de ſua conſciencia. Para aſſegurar eſta ſe exercitava em differentes mortificações, e penitencias; ſabendo que huma conſciencia perfeita difficultoſamente ſe conſerva ſem huma vida mortificada: ſeus jejuns eraõ continuos, e muita parte do anno de paõ, e agua: vinho nunca o bebeo, e algumas poucas vezes, que comeo carne, que foi em ſeus principios, nunca paſſava de duas onças; depois, como cada vez hia creſcendo mais na abſtinencia, atè deſta limitada porçaõ ſe privou. As ſete Quareſmas de noſſo Padre jejuava à imitaçaõ ſua: na do Advento os trez dias ſegunda feira, quarta, e ſexta levava a paõ, e agua, os mais dias tomava alguma couſa de peixe, ainda que pouco, e o meſmo uſava na da Igreja. Em a dos Bemditos paſſava ſómente com huma tigela de caldo, que tirava da panela dos pobres, e com eſta ſe dava por contente. Nas outras tomava a meſma tigela, com alguma fruta, ſe lha punhaõ, excepto a da Aſſumpçaõ da Senhora, em que ſómente comia paõ, e agua.

4 Nos trez dias ultimos da ſemana Santa o tempo, que lhe reſtava dos Officios Divinos, gaſtava em a Capella Mór, e nelles naõ tomava nada, atè que no ſabbado o obrigavaõ os Prelados a comer alguma couſa. Neſtas ſuas Quareſmas, era ſua compoſiçaõ mais eſtremada, ſeu recolhimento maior, e o ſilencio mais eſtreito; fim, a que as mor-

mortificações se ordenão, e sem o qual lhes faltára o principal aproveitamento. Algumas vezes succedeo, vendo os Prelados que sómente comia da fruta, mandarem aos Porteiros lhe puzessem algumas mais que aos outros; mas tanto que elle o advertia, não tocava em nenhuma, em quanto o não tornavão a igualar aos mais. Outras vezes da primeira, que lhe punhão, se abstinha, para assim ter o pobre Euangelico, que consagrar a Deos em primicias. Da agua não tomava quanta lhe pedia a vontade, que atè nisto mortificava tambem o natural appetite; e assim numa occasião queixando-se-lhe certo Religioso, que sentia grandes sedes, respondeo Fr. João: *Todos as padecemos.* Finalmente foi sua abstinencia tão rara que não só tinha perdido o gosto, mas tambem o tirava aos Religiosos, que ficavão junto delle no Refeitorio; porque vendo o quanto elle se mortificava, com tal exemplo vião-se obrigados a fazer o mesmo. As disciplinas, que tomava, pedião hum corpo de bronze: humas fazia de noite no Coro, e Capella, outras de dia nas Ermidas, e retiros da cerca, que a devoção, e variedade dos lugares lha fazia continuar com mais gosto.

CAPITULO XIV.

De outras virtudes de Fr. João de Semeice.

1 DO firme proposito de não offender a Deos, nem ainda levemente, antes agradallo em tudo, com que Fr. João se armou logo nos principios de Religioso, se póde inferir o amor deste Senhor, que em seu peito ardia. Este mostrava em hum fervoroso desejo, que tinha, de que todos o servissem, e nenhum o offendesse; e juntamente no respeito, e acatamento, com que tratava as cousas Divinas. Tinha huma reliquia do sagrado Lenho, em que nosso Redemptor deo por nós a vida, e quando a havia de mostrar a alguns Religiosos, por lho pedirem, era sempre de joelhos na Capella, ou em o Coro, com summa reverencia, e sumissão; outro qualquer lugar julgava por indecente. Todos os dias visitava as Imagens da Igreja, e Sacristia, alimpando-as com curiosidade; e no tempo que havia flores, as hia colher, para ornar com ellas seus Altares, mostrando neste particular maior cuidado para com o Tabernaculo, onde se conserva o suavissimo pão dos escolhidos, esmerando-se mais em seu ornato, e asseio. Quando entrava

nas Ermidas da cerca, ou em as do campo, ſentia muito o não achallas limpas, e aſſim com grande devoção as varria logo, obrigando com ſeu exemplo aos companheiros fazerem o meſmo.

2 Do amor de Deos deſcia ao do proximo, e dava a eſte tanto lugar em ſeu coração, que não duvidaria entregar-ſe por elles à morte, ſe neceſſario foſſe, como moſtrou morando em Faro em occaſião, que temendo-ſe os da Cidade de peſte, por arder em Malega eſte contagio, Fr. João deo a entender muitas vezes a hum Religioſo ſeu familiar, e do meſmo eſpirito, que permittindo Deos aquelle açoute, havia de ſahir a miniſtrar aos feridos. Qualquer miſeria alheia lhe raſgava ſeu compaſſivo peito, particularmente ſe compadecia dos pobres, ponderava ſeus trabalhos, dizendo, que huns andavão em duas muletas, outros totalmente de raſto, outros rotos por frios, e calmas, padecendo muitas miſerias: o que referia com tanta compaixão, e ternura, que cauſava nos ouvintes os meſmos ſentimentos. No verão hia pela cerca, e recolhendo alguma fruta, que achava, a trazia ao Porteiro, pedindo-lhe que a diſtribuiſſe aos pobres: outras vezes dizia-lhe que elle deixaria de comer algumas couſas, que lhe punhão no Refeitorio, com tanto que as déſſe aos meſmos. Em huma caſa achou hum Porteiro tão accommodado a eſte ſeu genio, que lho louvava muito; e aſſim continuava com eſta obra muito a miudo, atè que compadecido hum Religioſo de ver que tirava Fr. João a ſi o preciſo, pelo dar aos pobres, aviſou ao Guardião, para que lhe puzeſſe o remedio. Alguma vez que ficava em lugar do Porteiro, parecia-lhe pouco quanto havia na caſa para lhes dar; tanto, que jà os Guardiães tinhão cuidado de o não deixarem com as chaves.

3 Todas eſtas virtudes, que temos dito, e outras, que referiremos, fomentava com a ſanta oração, em cujo exercicio era tão continuo, que parecia andar ſempre abſorto: donde naſcia dizerem os Frades que Fr. João nunca ſabia onde eſtava, nem que horas erão. Algum tempo foi mui dado à vocal, mas dez, ou doze annos antes de ſua morte, paſſou deſta a tão ſubido grão de contemplação, que o trazia de ſi totalmente alienado, e de tudo o mais eſquecido. Para goſtar deſte nectar ſuaviſſimo todas as noites antes de Matinas ſe recolhia do Coro para a ſua cella, ao menos huma hora depois que os mais; e depois dellas fazia o meſ-

o meſmo. Era notavel a attenção, com que aſſiſtia no Officio Divino, tanto que da grande applicação, com que o rezava, naſcia romper em alguns ſinaes exteriores, que a huns ſervião de motivo para a devoção, e a outros de materia para a cenſura, ſegundo diverſos juizos, que fazião delles. Quando rezava na Capella pelos defuntos, e na cozinha pelos bemfeitores, era com a meſma devoção, ſem que lha diminuiſſe o ſaber que não era tão obrigatorio como o Officio Divino. As poucas vezes que dizia Miſſa, aſſombrava aos mais Religioſos a preparação, com que ſe diſpunha: toda a manhã, levantando-ſe para iſto mais cedo, gaſtava em ſantos exercicios, e depois para dar as graças, lhe parecia pouco o tempo, que lhe ficava atè entrar no Refeitorio; o mais reſtante do dia paſſava em tão profundo ſilencio, que ſendo nelle ſempre perfeito, conhecidamente era mais avultado o deſtes dias. Naquelles, em que não celebrava, ajudava a trez Miſſas, que aſſim lho mandavão, como em penitencia os Prelados; para cumprimento do qual, logo depois de Prima deſcia à Sacriſtia, onde eſperava os Sacerdotes, e lhes adminiſtrava com grande ſumiſsão, e eſpirito.

4 Com a Senhora Mãi de Deos teve ſingular devoção, principalmente ao myſterio de ſua glorioſa Aſſumpção ao Ceo: jejuava-lhe, como temos dito, a ſua Quareſma a pão, e agua, principiando no dia ſeguinte depois da feſta dos Apoſtolos São Pedro, e S. Paulo, atè 14. de Agoſto, vigilia da meſma Senhora. Todos os dias havia de deſcer à Capella a viſitar de perto alguma de ſuas Imagens; e com ſer naturalmente melancolico, era notavel a alegria, que moſtrava em quanto aſſiſtia em ſua preſença. Eſtudou de memoria humas coplas, que lhe cantava com tanto fervor, e ſingeleza, que nos Religioſos deſpertava a ſaudade dos primitivos, e ditoſos tempos da Ordem. Pelos caminhos ſempre hia apartado de ſeus companheiros em eſpaço competente, para que atè pelas eſtradas pudeſſe vacar a Deos ſem divertimento. Nos Conventos cauſava ſeu recolhimento eſpanto: rariſſima vez era viſto fóra da cella, Coro, ou Refeitorio: tanto aſſim, que vendo-o huma occaſião certo Religioſo andar na varanda do clauſtro, como de huma grande novidade ſe admirou, dizendo: *Que he iſto? Fr. João anda alli na varanda, couſa nova!* Ainda quando aſſiſtia nas Communidades, era tal o recolhimento interior, e exterior compoſição, que mais

parecia morto que vivo: e costumava dizer muitas vezes, que se o homem interior não andasse recolhido, pouco aproveitaria a cella: por onde fugia com todo o cuidado de ouvir algumas novas, de qualquer qualidade que fossem, porque com estas, dizia elle, se enchia a alma de figuras, e imagens, que depois inquietavão na oração. Algumas horas, que gastava na lição dos livros, erão estes sempre espirituaes, particularmente os do Padre Fr. Luiz de Granada: e queixando-se-lhe hum dia o jà nomeado Frei Balthazar de Barcellos, que se achava seco na oração, depois que havia lido huma Gazeta, respondeo Fr. João: *Pois vós ledes Gazetas, que querieis que vos succedesse?* Desta cautela, com que vivia, lhe vinha a quietação, e sossego, que lograva.

5 O silencio guardava tão estreitamente, que muitas vezes se explicava por acenos, e em dando a entender o que queria, cessava. Dos seculares fugia como de inimigos; e nem ainda com os Religiosos conversava: sómente a Fr. Balthazar de Barcellos tinha dito que quando quizesse praticar com elle, o chamasse; e como debaixo desta palavra, o buscasse huma sexta feira para lhe fallar, Fr. João o não admittio, dizendo: *Idevos embora, não vedes que he hoje sexta feira?* Atè aquelle pequeno alivio não queria ter em hum dia, que lhe representava o em que o Author da vida padeceo a morte por nosso resgate. As vezes, que a Communidade se ajuntava para alguma obra de mãos, e trabalho corporal, elle se apartava dos mais, e alli fazia o que lhe tocava; e como hum dos Guardiães, que teve, lhe não quizesse consentir este seu retiro, mandando-lhe que assistisse juntamente com os outros, prevenio-se de sorte que levava os ouvidos tapados para não ouvir; que para não fallar o habito, que tinha adquirido, o assegurava. Com este seu retiro, e silencio, se habilitava para continuar em qualquer parte, ou lugar, que se achasse, o exercicio da oração; que o tempo, que neste não gastava, o avaliava por perdido. Nelle recebeo muitas consolações de Deos, mas soube-as tambem recatar, que não temos que referir: não pode porèm fugir às suspeitas, que disto tinhão os mais attentos; e assim conhecendo estas por indicios o Religioso seu familiar, por muitas vezes o importunou que lhas declarasse, fiado na amizade, que com elle tinha, mas o mais que delle alcançou sua instancia, foi romper naquellas palavras de Isaias: *Secretum*

meum

meum mihi, que vem a dizer: O meu ſegredo he ſó para mim.

6 Como aſſim vivia ao eterno tão entregue, claro eſtá que havia de andar do temporal mui apartado, e neſta virtude foi admiravel ſeu eſpirito: tão deſpido foi ſempre das paixões naturaes, que parecia não ter carne, nem ſangue. Para fallar aos parentes, que o buſcavão, aſſim ſeculares, como Religioſos, era neceſſario mandalo o Prelado por obediencia; e jà que ſe via obrigado a fazello, era com tanta brevidade, que não paſſava da primeira ſaudação. Morando em Coimbra, o foi viſitar hum Religioſo ſeu primo, com quem ſe tinha criado no mundo; e como neſta occaſião ſe não pôde livrar de ſe deter mais alguma couſa na pratica, não obſtante ſer eſta de Religioſos, foi depois pedir ao Guardião que o eſcuſaſſe de viſitas, porque dellas não tirava mais que eſcrupulos.

7 Atè da propria mãi não queria aceitar as cartas, que lhe vinhão; e ſabendo que eſtava entrevada em huma cama, nunca a quiz ir ver, perſuadindo-o os Frades por muitas vezes, e offerecendo-lhe os Prelados a licença; antes numa occaſião de mudas, dizendo-lhe hum Religioſo, cuja obediencia os fazia companheiros, por ver como o aceitava, que nella lhe mandava o Provincial paſſaſſe pela ſua terra, e viſitaſſe ſua mãi; elle ſentio tanto ver-ſe obrigado, ſegundo lhe dizião, a entrar no ſeu natural, contra o propoſito, que tinha feito, como ſentiria outro algum ver-ſe do ſeu deſterrado. Os dias, que alli eſteve naquelle Convento, em quanto não fez jornada, gaſtava a maior parte delles em andar na Igreja de hum Altar a outro, gemendo, e ſuſpirando; principalmente diante de huma Imagem da Aſſumpção, como quem trazia entre mãos negocio de muita tribulação, e anguſtia; atè que por ultimo buſcou ao Guardião, pedindo-lhe ſe haveria remedio, para que, ſem faltar à obediencia, o eſcuſaſſe daquella jornada. O Guardião depois de o reprehender, o deſenganou: com que elle ficou tão contente, como antes eſtava deſconſolado. Pagou-lhe Deos eſte deſapego, com que por ſeu amor cortava pelo proprio ſangue; porque eſtando ſua mãi entrevada, e por ſua muita idade ſem eſperança de melhoria, poucos dias depois diſto cobrou ſaude baſtante a poder ir à Igreja aſſiſtir aos Divinos Officios, por modo que todos julgárão miraculoſo. Neſta meſma occaſião de mudas, indo elle de Coimbra para Penamacor com mais dous companheiros, agazalhando-ſe to-

dos

dos em hum certo lugar em casa de hum Irmão nosso, cuja mulher era parenta do mesmo Fr. João, como esta perguntasse por elle, e onde estava morador, Fr. João se adiantou a dar a resposta, primeiro que outro a désse, dizendo: *Esse Frade jà he morto*; entendendo esta morte ao mundo: e porque não fosse conhecido, de manhã muito cedo fez com os companheiros que continuassem sua jornada. Finalmente não houve Religioso em seu tempo das paixões naturaes tão apartado, e de todo o temporal tão abstrahido.

CAPITULO XV.

Da pontualidade, com que o servo de Deos Fr. João observava os trez votos.

1 QUem punha tanto cuidado em adquirir as virtudes, e exercitar-se nas que achava pela lição dos livros espirituaes, como o fazia Fr. João de Semeice, bem se infere não havia de pôr menos diligencia na guarda dos trez votos, em que se estriba essencialmente o estado da vida monastica, e perfeição religiosa. Nesta materia nos deixou grandes exemplos sua vigilancia; e mais particularmente no voto da pobreza, a quem louvava muito, referindo muitas cousas das Chronicas da Ordem à cerca della, ponderando o quanto a estimava nosso Padre S. Francisco. Daqui vinha amalla sobre maneira, e procurar alcançalla com tanta miudeza, que parecião extremos. Algum tempo, nem ainda Breviario quiz ter de seu uso, dando por razão, que nos Conventos não lhe era necessario, pois rezava com os mais no Coro, e pelo caminho bastava o do companheiro. Tambem julgava por escusado o manto, de que todos usamos, e assim não o trazia, nem em casa, nem pelos caminhos; atè que obrigando-o os Prelados com preceito, lhe foi preciso usar delle. Nunca porèm o quiz novo, aproveitava-se do mais velho, que os outros Religiosos deixavão; e chegou a trazer hum tão lacerado, que vendo-o hum Religioso, lhe disse que aquelle manto era deshonra da Ordem; a que o amante da pobreza respondeo: *Honra-me elle muito a mim.*

2 No habito reluzia a mesma pobreza; depois que foi Sacerdote sómente hum vestio, que fosse novo, a impulsos tambem da obediencia: os mais, de que usou, erão dos que aos outros Religiosos jà não servião, que reparava com remendos tambem da mesma vileza, achados

dos pelos cantos da casa; e para este ministerio não tinha de seu uso dedal, nem huma agulha, pedia-a emprestada, e acabada a obra, logo a restituia. Numa occasião chegou o habito a ser tão gastado, vil, e miudo em remendos, que o Guardião o mandou desfazer, reprehendendo-o de que estava tão pegado àquelles farrapos, como se forão alguma peça boa: e na verdade que para Fr. João não era de pequeno valor, como quem tinha a pobreza pela melhor joia. Em fim que todo o habito, de que usou, sempre foi tal que mais servia de tegumento, com que a modestia se cubria, que de vestuario, de que a necessidade se amparasse; e com isto, como outro S. Paulo,[a] se dava por contente. Nunca teve sandalias de seu uso; quando adoecia tomava humas velhas, que achava na Roupparia, e muitas vezes succedeo serem ambas de hum mesmo pé: os chocolos depois de abertos por gastados enliava com huns arames, e assim se remediava. As pobres alfaias, que tinha, em quanto as não trazia em si, estavão postas na varanda, para que quem quizesse pudesse usar dellas à sua vontade, desejando que tudo fosse commum, sem cheiro algum de particularidade. A corda, com que se cingia, trazia remendada de couro, e em diversas partes atada com linhas, porque não acabasse de quebrar; e como em huma occasião visse a hum Religioso com huma corda nova, que o Guardião lhe havia dado, chegando-se a elle, lhe disse: *Quem traz huma corda como esta, não cuida que ha de morrer este anno.* Vendo-o hum dia o seu Guardião em Faro molestado com huma grande dor de cabeça, lhe dava hum pano de manga, para que a apertasse; mas não foi possivel aceitallo, dando por razão, que com elle viria a ter huma peça de mais, sem a qual podia passar. No mesmo Convento padeceo na vista consideravel falta, e para se remediar, não podia acabar comsigo procurar oculos; por onde quando lhe erão necessarios para fazer no Coro os officios de Hebdomadario, e Cantor, os pedia emprestados a algum Religioso, atè que vendo lhe erão precisos, aceitou huns jà mui gastados, que elle mesmo concertou, lançando-lhe hum arame, para os poder sustentar. Tão miudo como isto era na vileza daquellas cousas, que houvessem de servir a seu uso.

3 Como amava tanto a pobreza, era tão zeloso, que não sabendo estranhar cousa alguma do que via, nesta materia o tinhão por nimio os menos es-

[a] Fi-[...] .6.

escrupulosos: quaesquer obras, que se fazião nos Conventos, por pouco que excedessem do necessario, as levava tanto a mal, que nem queria olhar para ellas, e assim lhe voltava o rostro Quando algum Guardião hia para Convento de obras, todo o cuidado de Frei João era pedir-lhe repetidas vezes, e com muitos encarecimentos que as fizesse de sorte que não tivesse ao depois de que dar conta. Morando em Faro no tempo, em que ainda se trabalhava no Convento novo, não excedendo a fabrica delle os limites da Capuchez, ao espirito de Fr. João parecia grande; e assim costumava dizer a seu amigo Fr. Balthazar: *Olhai que Conventaço aqui fizerão.* Perguntando-lhe o Religioso como queria elle que fosse: para lhe dar a resposta desceo Fr. João à leitoria do Refeitorio, trouxe a primeira parte das Chronicas [b] da Ordem, leo-lhe o Capitulo vinte e hum do segundo livro, onde nosso Padre S. Francisco dá regra para a fundação dos Conventos, e concluio dizendo: *Vedes aqui como eu queria que fizessem todos.*

[b] Fr. Marc. 1. p. l. 2. c. 21.

4 O mesmo zelo mostrava nas esmolas, que houvessemos de receber, querendo que sempre estas fossem mendigadas, e como as dos pobres, que de porta em porta as procurão. Indo no Algarve por mandado do Guardião visitar com outro Religioso o Bispo daquelle Reino D. Francisco Barreto, primeiro deste nome, depois de este o receber com grande agazalho, significando-lhe o muito que o estimava, assim pelo conhecimento, que tinha de seus parentes, como pela opinião, em que estava de sua virtude, lhe encommendou na despedida, dissesse da sua parte ao Guardião lhe estava em huma divida; porque em todo o tempo de sua ausencia lhe não tinha feito esmola alguma, para satisfação do qual intentava fazer-lhe huma, que fosse aventajada. Destas palavras do Bispo entendeo Fr. João queria fazer-nos alguma esmola ordinaria, por modo de legado: e o que atè alli havia calado, sem dizer palavra alguma em toda a visita, a isto acudio, dizendo: *Senhor, faça-nos V. Senhoria huma esmola como a qualquer pobre, sem apparencias algumas de rendas.*

5 Isto, que zelava no commum, queria tambem ver no particular, e exemplificava em si; por onde havendo de fazer jornada por occasião de mudas, ou outro algum respeito, quando os mais se preparavão em fazer alguma pobre, e limitada provisão para o caminho, elle

ſe gaſtava o tempo em ſe deſpedir das Imagens, que havia na Igreja, e Capitulo. O que mais he, que nem ainda do que levavão ſeus companheiros queria comer: para ſoccorrer ſua neceſſidade chegava a qualquer monte, pedia huma fatia de pão, como outro qualquer pobre, e com eſta paſſava, lembrado daquelle Senhor, que por nós ſe fez pobre no mundo. Era tanta a ſumiſsão, e humildade, com que pedia a eſmola, que logo ſe eſtava vendo neſta a conſideração, com que o fazia. Com eſta reſignação, com que todo ſe entregava à providencia Divina, obrigava ao meſmo Senhor tiveſſe delle cuidado, não ſó com o ſuſtento neceſſario para paſſar a humana vida, mas tambem guizado a ſeu goſto. Aſſim ſe attribuio o que lhe ſuccedeo em Moncarapaxo, pequeno lugar no Reino do Algarve, trez leguas diſtante de Faro contra Tavira, indo com ſeu familiar Fr. Balthazar de Barcellos viſitar o Santo Chriſto, que alli eſtá em huma Igreja, celebre por milagres, e venerado com continuas romarias de todo aquelle Reino. Foi o caſo, que como ao entrarem no dito lugar, déſſe razão delles hum Clerigo, que havia ſido Noviço noſſo, e agazalhava com muita devoção, e caridade a todos noſſos Religioſos, que por alli paſſavão; tanto que os vio, recolheo-ſe a caſa, ordenou o jantar, como quem fazia conta de os ter por hoſpedes. Depois que elles diſſerão Miſſa, e rezárão o Officio Divino, forão buſcar a caſa do devoto, recebeo-os com muito amor, ſentarão-ſe à meza, e conſtou o jantar de ſardinhas, e alguma fruta. Eſtava o Clerigo como envergonhado, e alheio de ſi, em ver a pobreza, com que agazalhava aos dous Religioſos, bem differente do eſtylo, com que hoſpedava aos mais; e como ſe elle não fora o meſmo, que aſſim o tivera ordenado, confuſo repetia muitas vezes: *Que jantar eſte para agazalhar aos Frades da Piedade, a quem eu tenho tanto amor, e devoção?* Fr. Balthazar, que attribuio iſto a myſterio, perſuadia ao Clerigo que não tomaſſe pena, porque o jantar fora ordenado por impulſo ſuperior, querendo Deos confortar, e recrear a ſeu ſervo do trabalho do caminho; que a ſer de carne, por nenhum caſo Frei João a havia de comer, e ſó paſſaria com pão, e agua. Não ſe deo porèm com eſta razão o Clerigo por ſatisfeito, antes contava por muitas vezes a noſſos Frades, o que com Fr. João lhe tinha acontecido, fazendo galantaria do ſucceſſo, como

de eſtranha novidade em ſua caſa. Aſſim cuidava Deos de ſeu ſervo ainda em couſas tão miudas; que o deſcuido, com que elle ſe havia comſigo, empenhava a Divina Providencia.

6 Na obſervancia da obediencia não foi menos pontual: não ſó aos Prelados, mas tambem aos iguaes, e inferiores obedecia; pois como jà diſſemos, quando com eſtes hia fóra, por mais novos que foſſem na Religião, nem huma pouca de agua bebia, ſem lhes pedir licença primeiro. Sendo tal ſua obediencia, dos menos attentos foi notado de voluntario, hum dos principios, donde naſceo padecer muitas mortificações, e moleſtias, como depois diremos. Fundavão eſta preſumpção em verem que o ſervo de Deos diſſimulava algumas vezes com o que lhe mandavão os Prelados, eſperando, ou que repetiſſem o mandamento, ou lho intimaſſem por preceito. Mas como eſtas diſpoſições dos Superiores erão ſempre em ſeu favor, pois ſe ordenavão a que modificaſſe ſuas mortificações, e penitencias, que julgavão exceſſos, entendia Fr. João que não era offender a obediencia o diſſimular com ellas, atè o Prelado lhe expreſſar mais ſua vontade. Neſtas materias ſe toda a reſiſtencia fora culpavel, condenariamos a de S. Pedro no Cenaculo, [c] e a do Baptiſta no Jordão. [d] Em outros quaeſquer caſos baſtava o menor aſſeno do Prelado para obedecer, e aſſim dizia hum dos Guardiães, que teve, que ninguem com tanta promptidão lhe obedecia, nem fazia melhor o que lhe ordenava.

[c] Joan. c. n. 8.
[d] Matth. c. n. 14.

7 Da caſtidade foi tão amante, que não contente com as extraordinarias mortificações, com que macerava o corpo, e lhe quebrava os brios, accreſcentava a eſtas hum ſingular recato, com que ſe havia em todas as occaſiões. Preſume-ſe que nunca jà mais vio a mulher o roſtro; quando era preciſo fallar com alguma, que forão mui poucas vezes, eſtava ſempre com os olhos em terra, e ainda aſſiſtindo no Coro ao tempo das Miſſas, ſuccedendo irem eſtas commungar, quando deſcião da Meza, voltava elle o roſtro, por lhes não ver a face; tambem nos ultimos tempos chegou a não lhes conſentir beijarem-lhe a manga do habito, por mais que o importunaſſe a devoção. Morando em Coimbra, deſejou vello huma Senhora devota do Convento, pelo que delle os outros Frades lhe contavão, pedio ao Guardião lho enviaſſe a ſua caſa; foi Fr. João ſem entender o fim, a que o manda-

davão, e como aquella Senhora confiada em sua qualidade, velhice, e devoção lhe mostrasse alguma familiaridade, procurando com instancia que lhe fallasse, e a visse, não só não pode acabar com elle que lhe dissesse alguma palavra, ou levantasse os olhos da terra, senão que despedindo-se brevemente, lhe não tornou a entrar em casa. Esta vigilancia, com que se recatava, lhe adquirio huma maravilhosa paz, e sossego, com que nesta materia vivia.

CAPITULO XVI.

De sua admiravel paciencia, e venturosa morte.

1 SAõ os trabalhos, e adversidades o caminho mais ordinario, por onde Deos leva a seus servos, ou para lhes augmentar o merecimento, ou para os purificar de alguma materialidade; como pedras a golpes os vai polindo, para collocallas bem lavradas em o Templo da Celestial Jerusalem, como o contemplou S. Lourenço Justiniano. [a] Não faltárão estes golpes ao servo de Deos Fr. João de Semeice, porque desde o dia, em que tomou o habito, atè os ultimos de sua vida, caminhou por huma continua cruz de trabalhos; já lidando com enfermidades prolixas, já perseguido dos Prelados, e mais Religiosos. Huns, e outros tomavão motivo para o molestarem do mesmo que lhe devia conciliar estimações; ás suas penitencias, recolhimento, e silencio chamavão excessos; o não modificallas advertido, indicio voluntario, com que huns, e outros o perseguião, como se todos fossem seus Prelados. Huns lhe chamavão doudo, e que por tal não merecia que delle se fizesse caso; outros dizião que vivia enganado, e todos, que o dizer poucas vezes Missa era boa prova de não ser seu espirito verdadeiro. Estas cousas representava o demonio aos Religiosos tão feias, permittindo-o assim Deos para maior coroa de seu servo, que todos o molestavão, como se o perseguillo fosse virtude. Atè seus mais affeiçoados, e que sentião bem de seus exercicios, fazião o mesmo: de si confessava Frei Balthazar de Barcellos, que lhe augmentára muito a coroa, porque sem querer, nem saber o que dizia, o reprehendia asperamente, de que ao depois ficava admirado, e confuso. Muitas forão as contradicções, que teve; mas foi tal o soffrimento, com que em todas ellas se portava, que ainda os que não julgavão bem de suas vir-

[a] Just. pa- c. 6.

tudes, lhe confeſſavão a da paciencia.

2 A conformidade, com que vivia à Divina vontade, fazia calar os ſentimentos do corpo de tal ſorte, que padecendo tanto, parecia inſenſivel; e aſſim dizia hum Religioſo, maravilhado de ſeu ſoffrimento: *He poſſivel que a eſte nenhuma couſa lhe ha de dar pena?* Por maiores que foſſem os aggravos, que lhe fizeſſem, nunca ſoube queixar-ſe, nem proferir a menor palavra de murmuração, antes eſtranhava tanto eſte vicio, que coſtumava dizer que o murmurador ſómente a ſi ſe fazia o dano. Não queria que o defendeſſem em ſuas couſas, por onde dizendo-lhe hum Religioſo que acudia por elle, quando os outros o notavão de ſeus exceſſos, lhe pedio Fr. João que nunca mais o defendeſſe, porque era lançar lenha no fogo, e que ſó ſe apagava com a humildade, e paciencia. Nem os primeiros motos, em que naturalmente rompe o ſentimento, quando aggravado, queria ter; queixava-ſe de ſi, quando à viſta das tribulações, que lhe fazião, ſentia alguns; ſendo que nunca eſtes erão taes, que ſahiſſem ao exterior, nem ainda com o menor indicio: e huma vez que moſtrou ſeu ſentimento numa palavra, logo a emendou de ſorte que o aggreſſor ficou tão edificado, como confuſo. Foi o caſo, que como Fr. Balthazar de Barcellos, pela eſtreita amizade, que com elle tinha, ſe compadeceſſe mais que todos, em ver que o ſervo de Deos não queria afrouxar em doente o rigor, com que ſe tratava em são, o reprehendeo tão aſpera, e ſeveramente por eſta cauſa, que ſendo Fr. João tão ſoffrido, rompeo o ſentimento neſtas palavras: *Parece que jà baſta de reprehensão.* Advertio Fr. Balthazar na razão, que o enfermo tinha, ceſſou de reprehendello, e deſpedio-ſe; porèm elle conſiderando logo no que tinha dito, como ſe tivera feito a Deos, e ao proximo alguma grande offenſa, foi dar a eſte ſatisfação; levantou-ſe da cama, buſcou-o na cella, e lançando-ſe-lhe aos pés, lhe pedio perdão com muita ſumiſsão, e humildade.

3 Tão mortificado, e ſujeito queria trazer ao ſenſivel, que nem em hum atomo diſcrepaſſe do racional. Sendo as moleſtias, que os Prelados, e mais Religioſos lhe davão, eſtes com a reprehensão, aquelles com a penitencia, baſtantes a darem que fazer à mais qualificada paciencia, a de Fr. João não ſe dava com ellas por ſatisfeita, porque o grande de-

ſe-

ſejo, que tinha de padecer por amor de Deos, lhe faz a procurar outras de novo. Por eſta cauſa quando adoecia, não queria admittir curas humanas, nem comia ſenão de dous em dous dias, e neſte tempo muito pouco; e vindo o Medico viſitar outros enfermos, elle lhe não queria dar o pulſo, repetindo muitas vezes aquellas palavras de Santa Agueda a S. Pedro, que ſervia a hum Deos tão poderoſo, que em hum inſtante o podia ſarar. Aſſim ſe entregava todo na Providencia Divina, que atè da ſaude não tratava; cuidava porèm Deos de ſeu ſervo ſarando-o, ſegundo ſua confiança, milagroſamente. Padecia elle humas dores habituaes de eſtomago, que o viſitavão muito a miudo, e como hum Religioſo lhe diſſeſſe que tinha obrigação de peccado mortal a ſe curar, reſpondeo Fr. João que não erão tão perigoſas, que o obrigaſſem a tanto; e aſſim que queria padecer por amor de Deos aquella pena. Paſſado algum tempo, perguntando-lhe o meſmo Religioſo como ſe achava daquellas dores, que coſtumava ter, lhe affirmou que Deos lhe tinha feito mercê de lhas haver tirado, e que ſe achava dellas de todo livre.

4 Quando os Religioſos cuidavão que elle eſtava na enfermaria doente, apparecia no Coro, e mais exercicios da vida Religioſa, como ſe não houveſſe tido nada. Adoecendo em Coimhra de huma enfermidade, de que na Cidade ſe queixavão muitos, perguntando-lhe porque não queria aceitar as medicinas, a razão, que deo, foi, que quando todo o mundo padecia, não era muito que padeceſſe tambem elle; e quando menos ſe imaginava, appareceo com os mais no Coro. Deſte grande deſejo, que tinha de padecer por amor de Deos, lhe naſceo hum particular affecto, e ſingular devoção, que cobrou a Santa Tereſa, louvando-a muito, e repetindo muitas vezes aquellas ſuas admiraveis palavras: *Ou morrer, ou padecer*. Nas occaſiões, em que ſe via mais atribulado, e perſeguido, não ſó, como jà diſſemos, ſe não queixava, mas tambem ſuccedendo querello algum Religioſo conſolar, compadecido de ſua pena, elle o não queria ouvir, como ſe o alivio, que lhe déſſe, lhe diminuiſſe o merecimento. Neſta perfeição de vida perſeverou atè o fim della, com que veio a alcançar entre todos tão grande opinião de ſantidade, que eſſas poucas vezes, que hia aos Povos, ſahindo a gente às portas, e janellas, ſe convidavão huns a outros para verem o Fra-

o Frade ſanto ; e hum Religioſo provecto, que notava bem ſua vida, coſtumava dizer que tarde teriamos outro Fr. João de Semeice.

5 Chegado o tempo, em que Deos tinha decretado pagar a ſeu ſervo, que tão fielmente o havia ſervido, o mandou a obediencia morador para o noſſo Convento de Beja: aqui ſe offereceo mais dilatado campo à ſua paciencia, porque aqui encontrou as contradicções mais creſcidas, que como elle conhecendo tal vez que eſtava em o fim, continuaſſe mais fervoroſamente os ſeus, que chamavão exceſſos, avivaſſe mais nos Religioſos a cenſura, e com ella as occaſiões para o ſoffrimento. Ajuntou-ſe a iſto por-ſe Deos da parte dos Religioſos, provando a Fr. João neſte ultimo tempo com prolixas, e penoſas enfermidades; entre ellas padeceo huma ſurdez tão grande, que totalmente lhe tirou o poder tratar com os mais Frades; ficava porèm mais apto para tratar ſó com Deos, como elle fazia. Huns accidentes de gotta coral lhe repetião com tanta força, e tão a miudo, que era laſtima vello; tudo ſoffria com aquella paciencia, que ſempre teve, que era mais para o eſpanto, que para o exemplo.

6 A' continuação deſtes achaques não pode reſiſtir o debilitado corpo, gaſtado das penitencias. Mandou-o o Guardião para a Enfermaria, para que ſe curaſſe; que a não ſer a obediencia, tinha tenção, como coſtumava, curar-ſe no cantinho da ſua cella, como pobre mendigo. Recebeo logo com grande devoção os Sacramentos, e parece teve revelação de ſua morte; porque aſſiſtindo-lhe todos os Religioſos, e rezando-lhe o Officio da Agonia, lhes diſſe Fr. João: *Irmãos, não vos canceis hoje, à manhã a tal hora me fareis caridade.* Aſſim foi, porque ao outro dia, na hora, que tinha ſinalado, com grande paz, e ſocego, entregou o eſpirito a ſeu Creador: não nos diz o anno de ſua morte a relação, que atèqui ſeguimos; porèm dizendo-nos que morrêra com trinta annos de habito, profeſſando elle no de 1613. como jà diſſemos, vem a correſponder ſeu tranſito ao de 1642. Onze annos depois de ſua morte ſe abrio ſua ſepultura, para nella enterrarem outro Religioſo: achou-ſe ſeu corpo não ſó inteiro, mas ainda tractavel, e ſó gaſtado alguma couſa em hum hombro: tornárão-o a recolher na meſma ſepultura, e provavelmente lhe lançarião mais quantidade de cal, para que ſe gaſtaſſe; que he o que a ſanta

ta simplicidade tem feito em semelhantes casos muitas vezes, com que não poucas obriga tal vez a que Deos suspenda o milagre.

CAPITULO XVII.

Eleição do quadragesimo-primeiro Ministro Provincial, e memoria de dous perfeitos Religiosos, Fr. Diogo de Leiria, e Fr. João de Barcellos.

1 CHegava-se o tempo de se celebrarem os Capitulos das Provincias do Reino, não se podia recorrer ao Reverendissimo Padre Geral, por respeito das guerras, que havia entre Portugal, e Castella, com que se virão os Prelados assàs perplexos em seu governo. Convierão todos que se pedisse ao Vice-Colleitor instituisse hum Commissario Geral sobre todas as Provincias, que no Reino havia, o qual presidisse em seus Capitulos, e dispuzesse tudo o mais, que lhe parecesse necessario a seu bom governo. Fez-se a supplica, e em cumprimento della instituio logo o Vice-Colleitor por Commissario ao Padre Fr. Simão da Resurreição, Provincial que havia sido da Provincia dos Algarves. Nomeou logo este por Visitador da nossa Provincia ao Padre Fr. Constantino da Cruz, Guardião do Convento de S. José de Ribamar da Santa Provincia da Arrabida, e a Fr. João de Jesus Definidor da mesma, com outros Delegados, que fizerão, para mais depressa a visitarem. Concluida a visita, se congregárão os Vogaes em o nosso Convento da Piedade de Villa-Viçosa, onde aos 18. de Janeiro de 1642. presidindo o sobredito Padre Commissario, sahio eleito em Ministro o Irmão Frei Jeronymo do Sardoal: em Definidores os Irmãos Fr. Luiz de Villa-Viçosa, Fr. Francisco de S. Pedro do Sul, Fr. Boaventura de Villa-Real, Fr. Paulo de Monção, e em Custodio Fr. Pedro de Celorico. Pouco depois de feitos os Capitulos, se levantárão algumas duvidas sobre elles; porque como o Commissario, que presidio a todos, foi instituido pelo Vice-Colleitor, dizião os mais que elle não tinha authoridade bastante para semelhante instituição; e por tanto que assim esta, como tudo o mais, que della se seguíra, era nullo, e de nenhum valor.

2 Chegou o caso a Roma, expedio o Summo Pontifice, que então era Urbano VIII. hum motu proprio em dous de Dezembro de 1642. e vigesimo de seu Pontificado, que começa: *Cum sicut accepimus*, *&c.*

&c. dirigido a Francifco Barbirino, Cardeal do titulo de S Lourenço in Damafum, Protector da noffa Ordem. Nefte, depois de dar por nulla, e de nenhum valor, affim a eleição, que fez o Vice-Colleitor do Padre Fr. Simão da Refurreição em Commiffario, como as eleições, que fe fizerão em os Capitulos, e tudo o mais que nelles fe obrou, por falta de baftantes poderes, committe ao dito Cardeal authoridade para poder nomear Prelados deftas Provincias, ou aos mefmos, que havião fido eleitos, ou outros, que melhor lhe parecesse. Paffou o Cardeal fuas letras a doze de Dezembro do mefmo anno, onde vinha inferto o motu proprio, e conforme ao teor delle, nomeava novamente por Prelados, atè o futuro Capitulo, os que no proximo paffado forão eleitos, com tudo o mais que nelle fe ordenára; dando tambem authoridade, fegundo lhe era concedido, para que a feu tempo pudeffem os Provinciaes fazer a fua Congregação. A noffa fe teve no mefmo dia, que fe aprefentou o Breve, que foi em os vinte e nove de Julho de 1643. Profeguio o Irmão Frei Jeronymo do Sardoal em feu officio o tempo, que lhe reftava, moftrando em feu governo grande zelo, e igual difcrição, fendo para todos affavel, e não menos caritativo.

3 Em feu triennio paffou a melhor vida, deixando a prefente, hum Religiofo com fama de virtude: chamava-fe elle Fr. Diogo de Leiria, que depois de graduado em Coimbra, trocou as mundanas efperanças pelo penitente habito de noffo Padre S. Francifco, em efta Provincia da Piedade. Nella fe portou toda a vida humilde, caritativo, fincero, e fem dolo, e por iffo reputado por todos como fanto. A fua mais continua affiftencia era no Coro, facrificava com tanta reverencia, e devoção, que a infundia ao mais tibio, e divertido. Todas fuas praticas, e converfação erão do Ceo, e mui poucas palavras fe lhe ouvião, que não foffem dirigidas a efte alvo. Pela recommendação de noffo Serafico Padre S. Francifco em feu teftamento, vendo os fantos nomes, e palavras eftarem em lugar não conveniente, as levantava, collocando-as em lugar decente. Foi muitas vezes Prelado nefta Provincia, e nas melhores Cafas della, dando igual exemplo no eftado de Superior, como no de fubdito. Sendo actual Guardião em Villa-Viçofa, o efcolheo por feu Confeffor a Senhora Dona Luiza de Gufmão, Duqueza de Bragan-

gança; e fuccedendo no principio de Dezembro de 1640. a feliz acclamação do Duque feu marido em Rei de Portugal, o levou comfigo para Lisboa com o mefmo officio, onde como foffe notado que deixava fazer à Rainha algumas penitencias, e mortificações, refpondeo ao Rei, que lho advertia: *Se me for concedida licença de meus Prelados, tão depreffa tornarei para a minha Provincia, que nem ainda irei ao Convento, onde eftou hofpedado.*

4 Com tanta independencia, e ifenção fe havia o fervo de Deos em a Corte, que indo hum feu cunhado a Lisboa a defpachar-fe, e tratar de alguns negocios, podendo Frei Diogo acabar tudo facilmente, como tão aceito que era, e de tanta opinião para com as Sereniffimas Mageftades, nem huma fó palavra fallou em feu favor. Eftava violento naquella occupação, fufpirando pelo retiro, e focego da fua Provincia, e anhelando declinar a eftimação, em que fe via de Confeffor da Rainha; porque amava tanto os defprezos, como lhe defagradavão os refpeitos. Dizendo-lhe huma vez a Rainha que havia de fer Bifpo, refpondeo o verdadeiro amante da humildade: *Sim, Senhora, hei de de fer bis-pó, duas vezes pó; pó na vida, e pó na morte*; repetindo após ifto as palavras da Igreja: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Finalmente cheio de boas obras, pelos annos do Senhor de 1643. acabou a vida temporal em o Convento de Santo Antonio de Lisboa, onde tem fua fepultura.

5 No feguinte anno de 1644. paffou a tomar poffe da Gloria, fegundo perfuade fua virtuofa vida, Fr. João de Barcellos Frade leigo, que refplandeceo com ventagens entre os de fua profifsão. Foi efte Religiofo mui fincero, fimples, e devoto, perfeito obfervante de fua Regra. Refplandeceo nelle muito a virtude da paciencia, pois tendo no officio de Porteiro, que muitas vezes fez na Provincia, eftimulos para a perder, fempre fe portou com admiravel conftancia. Era mui devoto de ouvir Miffa, contemplando os foberanos myfterios, que nella fe reprefentão; por iffo ajudava todos os dias a finco, e a feis, por mais occupações, que tiveffe. Amava cordealmente a todos, mas com efpecialidade aos pobrezinhos: a eftes fazia carapucinhas dos retalhos, que pedia aos Alfaiates, e de outros de burel, que ajuntava pela cafa: quando morreo, fe lhe achárão feitas quantidade dellas; que eftes forão os legados pios defte Religio-

ſo; e alguns affirmárão que com eſtas alfaias fizera milagres. O tempo, que lhe ficava, fóra do que gaſtava na oração, occupava-o em o trabalho corporal, ſem haver momento, em que o viſſem ocioſo, tanto aſſim fugia à ocioſidade, que prohibindo-lhe o Provincial a horta, reſpeitando ſua muita idade, começou a chorar amargamente, com cujas lagrymas movido o Provincial, lhe aſſignou certa parte de terra, para que ſó nella trabalhaſſe.

6 Foi muito amigo da contemplação, e ſoledade, pelo que ſe abſtrahia ainda da converſação dos Religioſos; e ſe o Guardião nas horas de Matinas, e de Veſperas o mandava do Coro, elle deſcia à Capella, onde diante do Tabernaculo do Santiſſimo Sacramento eſtava em fervoroſas contemplações. Tinha ſingular reverencia aos Sacerdotes, a quem chamava ſeus Senhores, e eſtava com tanto reſpeito em ſua preſença, que em nenhum caſo ſe havia de ſentar diante delles. Foi por extremo devotiſſimo do mellifluo myſterio do Naſcimento do Senhor: tomou de memoria hum Dialogo paſtoril, e no tempo, que a Igreja celebra eſta feſta, elle o repreſentava aos Religioſos com muita devoção, e graça, vendo-ſe nelle hum tal fervor de eſpirito, e conſolação, como ſe tivera preſente ao Menino Deos recem naſcido. Dotou-o a poderoſa mão do Altiſſimo com o dom de copioſas lagrymas, tanto, que todas as vezes que diante delle ſe fallava de Deos, ou de couſas eſpirituaes, logo terniſſimamente chorava. Aprendeo tanto na eſcola da oração, que encontrando-o na horta occupado na cultura della hum Religioſo de outra Religião, taes couſas lhe ouvio, que o teve por grande Letrado, ſendo hum Frade leigo, e ſimples. Como verdadeiro humilde fugia a tudo o que era eſtimação, e buſcava os exercicios de maior humildade; por cuja cauſa era perpetuo cozinheiro; porque não ſó fazia a ſua ſemana de cozinha, quando lhe tocava, mas tambem a dos outros. Sendo jà velho, como a calva, que lhe deixou o tempo, pareceſſe coroa, e por eſta cauſa ſe lhe déſſe em hum dia de feſta hum dos primeiros lugares em o Refeitorio de outros Padres, publicamente confeſſou que era Frade leigo, para ficar em lugar mais humilde: dalli por diante dizia aos que o barbeavão que lhe cortaſſem os cabellos de ſorte, que pareceſſe Frade leigo.

7 Tinha particular cuidado de macerar o corpo, e ſujeitallo ao eſpirito; para o que fa-

fazia todos os dias huma rigorosa disciplina; e quando jà a idade lhe não permittia ir ao Coro, na cella a tomava. Alèm dos dias de obrigação jejuava todos os sabbados, e nas vesperas de muitos Santos de sua devoção; sendo nos mais dias seu comer quotidiano huma tigela de caldo, porque de carne pouco, ou nada comia. Vindo algumas vezes da horta tomar com os mais Religiosos a corporal refeição, como o corpo debilitado, assim pela velhice, como da penitencia, se não pudesse em si sustentar, nem dar passo, o reprehendia, dizendo: *Anda para diante, pois ainda vás para o Refeitorio.* No exercicio da oração o commetteo a ultima enfermidade: preparou-se elle logo para a morte com os Sacramentos da Igreja; e parece que della teve revelação, porque no ultimo dia que teve de vida, repetio muitas vezes aquellas palavras do Psalmo: *A' custodia matutina usque ad noctem*; chegada a noite, se ausentou para o eterno dia, em dezoito de Agosto do sobredito anno, com oitenta de idade, ficando seu rostro depois de morto tão alegre, que parecia vivo. Tem sua sepultura em o Convento de Santo Antonio do Porto.

CAPITULO XVIII.

Elege-se o quadragesimo-segundo Ministro Provincial: ministrão nossos Frades na peste do Algarve: fundamos Convento em Barcellos

1 NO Capitulo precedente deixamos escrito, como o Commissario, que instituio o Vice-Colleitor, dera por nullo a Santidade de Urbano VIII. Para prover pois de remedio na falta, em que se vião todas as Provincias do Reino, não podendo recorrer ao Reverendissimo Padre Geral, por causa das guerras, de authoridade Apostolica, commettida ao Cardeal Protector da Ordem Francisco Barbarino, foi instituido Commissario Geral o Padre Fr. Martinho do Rosario, que havia sido Provincial da Arrabida. A primeira Provincia, que lhe obedeceo, quando logo veio nomeado de Roma, foi a da Piedade, o que elle mostrou agradecer, visitando-a toda por sua propria pessoa, e presidindo em seu Capitulo, que se celebrou na Piedade de Villa-Viçosa em vinte e dous de Outubro de 1645. Nelle sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Pedro de Celorico, Custodio actual, que então era: em Definidores os Irmãos Fr. Antão de Gui- 1645

marães, Padre da Provincia, Fr. Francisco da Idanha, Frei Lucas de Castello Mendo, Frei Jeronymo de Coimbra Prégador; e em Custodio Fr. Antonio de Peranhos Prégador. Os gastos do Capitulo fez a Serenissima Magestade delRei D. João o Quarto, que não perdeo em o sceptro o affecto, e grande devoção, que sempre teve à sua Provincia da Piedade.

2 Por este tempo, seis annos depois que Portugal lançou de si o jugo de Castella, para que não lograsse a felicidade da justa acclamação, sem o contrapezo, com que a sorte costuma entretecer as ditas, se vio o Reino commettido de huma peste, que fez no do Algarve tanto estrago, que ainda hoje se não vê de todo reparada tão lamentavel ruina. Veio este terrivel açoute de Africa, em hum navio de courama, que na era de 1646. aportou em Tavira, onde se accendeo de sorte, que alèm dos innumeraveis feridos, que recebêrão saude, morrêrão sinco mil pessoas. *a* Logo que começou a peste em Tavira, sahírão Religiosos do Convento, que temos naquella Cidade a assistir aos feridos, não só tendo cuidado delles quanto à cura das almas, administrando-lhes os Sacramentos, mas tambem quanto à saude dos corpos, applicando-lhes os remedios: huns assistião na Casa da Saude, outros andavão pela Cidade, dando sinal de si com huma campainha, aos que estavão em suas casas. Dos que se occupárão neste caritativo ministerio morrêrão sinco: foi o primeiro o Guardião do Convento Fr. Luiz de Bringel Prégador, Theologo de nome, e Religioso em toda a sua vida mui solicito de sua salvação: Fr. André de Cernache Confessor, e o mais velho do Convento, varão, em quem tinha resplandecido a virtude da caridade para com todos, que muito mais mostrou na morte: Fr. Manoel de Estremoz Confessor: Fr. Basilio da Pedreira, e Fr. Luiz de Villa de Frades Irmão leigo, offerecendo todos estes a vida por seus irmãos: caridade canonizada pela maior por boca do mesmo Christo no Euangelho.

a Serpens. Eucharist. Chron. Enarrat. 27. à n. 41.

3 Com a morte destes sinco Religiosos ficárão os de Tavira afflictos, receando que succedesse o mesmo a outros poucos mais, que vivião em o Convento, e lhes faltasse aos feridos quem curasse delles; e manifestando este seu receio aos Religiosos, elles os consolárão, dizendo que em quanto houvesse Provincia da Piedade, não havião de faltar Frades seus em Tavira: assim succedeo; porque

que quando a morte de huns podia fazer esfriar a caridade dos outros, ſuccedeo tanto pelo contrario, que antes a avivava mais; de ſorte que deſde que principiou o contagio, atè que totalmente ſe extinguio, ſempre os de Tavira achárão junto a ſi os Religioſos deſta Provincia. Foi grande o trabalho, que tiverão, porque ſendo tantos os feridos, erão noſſos Frades ſós na cura delles; que ſuppoſto havia naquella Cidade mais trez Conventos de Religioſos, todos os deſamparárão, fugindo à peſte, e ſó hum Frade leigo ficou em hum dos Conventos: donde veio a dizer ElRei D. João: *Os meus Frades* (aſſim chamava ſempre aos da Piedade) *são bons Religioſos, eſperão a morte a pé quedo, e não deſamparão ſeus Conventos.*

4 Naquelle anno de 1646. em que a peſte principiou em Tavira, alli acabou, nem ſe eſtendeo aos mais povos, como ſe receava; porèm nos ſeguintes annos ſe ateou pelo Algarve de maneira, que fez em todos ſeus lugares o eſtrago, que tinha feito em Tavira. Em todos elles aſſiſtírão noſſos Frades no meſmo miniſterio, em que tambem acabárão alguns a vida; em Faro dous, outros tantos em Loulé; e ainda em Lagos, Cidade principal daquelle Reino, alèm dos que morrêrão, como jà diſſemos tratando da fundação daquelle Convento, houve hum Religioſo, que abrindo-o duas vezes, para o curarem da peſte, que o tinha ferido no exercicio de curar os enfermos, tanto que ſe achava são, hia continuar o meſmo exercicio; levando às coſtas os apeſtados para a Caſa da ſaude, onde lhes aſſiſtio atè o fim. Sómente em Villa Nova de Portimão não deo o contagio, o que vendo os noſſos Frades, que vivião no Convento da Eſperança, que temos naquella Villa, o querião deſamparar, por irem acudir aonde eſte mal ardia. Entendendo eſta reſolução os principaes do povo, acudírão a fazer ſeus requerimentos, pedindo aos Religioſos que os não deixaſſem; porque ſuppoſto eſtavão atè àquelle tempo livres do contagio, eſperavão tambem por elle, pelo verem tão vizinho; e que não era juſto, tendo-os alli moradores, deixarem-os a elles, por acudirem a outros, a quem devião menos. Forçoſa era a razão, ſe a neceſſidade de muitos lugares, onde não havia Religioſos, não dera vozes; e ſe actualmente os de Villa Nova não eſtiverão livres, ainda que com receio bem fundado; porèm como eſte era de futuro, e aquella de pre-

prefente, infiftião os Religiofos em lhes irem acudir, não obftantes as inftancias, que em contrario fe lhes fazião. Vendo a gente de Villa Nova efta determinação, fe refolvêrão a impedir por força, o que por rogos não podião: cercárão de guardas todo o Convento de forte, que não pudeffe fahir delle algum Religiofo; e defte modo os detiverão alli, ainda que ao depois lhes não forão neceffarios.

5 Grande foi a mortandade, que houve por todo o Reino do Algarve, e ainda fora muito maior, a não fer o folicito cuidado, com que a piedade de ElRei D. João fe applicou ao remedio dos feridos, enviando de Lisboa Cirurgiões eftrangeiros, e peritos na cura de femelhantes contagios, e boticas com tudo o mais neceffario para remedio dos apeftados. Tudo ifto vinha remettido ao Guardião do noffo Convento de Villa Nova, que elle diftribuia pelos povos, onde era neceffario. Finalmente acabou a pefte no Algarve, fem fe eftender às mais partes do Reino; que foi huma grande mifericordia de Deos, porque a dar no Alentejo, como era no principio da acclamação, e nefta Provincia a força das guerras, mal fe poderia humanamente confervar o Reino em a liberdade, que tinha appellidada, fe fe víra opprimido naquella parte com efte rigorofo açoute.

6 Cerrou feu triennio o Irmão Fr. Pedro de Celorico com a fundação do Convento de noffo Padre S. Francifco em a Villa de Barcellos. No termo defta Villa temos hum Convento, que como jà differmos, nos derão os Padres Conventuaes, quando logo entrámos nefte Reino; mas como eftá meia legua da Villa, defejavão os moradores della ter-nos mais perto, para que com mais commodidade, e frequencia fe aproveitaffem de nós em as confiffões. Por efta caufa fe offerecião fazer hum Convento perto dos muros: andárão com efta pertenção muitos annos, porque achavão noffos Frades fer inconveniente terem dous Conventos em hum termo de hum mefmo povo, e em fó diftancia de meia legua; porèm inftárão tanto os moradores, que jà na Congregação, que fez o Irmão Fr. Pedro de Cerolico, no mefmo Convento do Bom Jefus do Monte, em doze de Junho de 1647. teve fua pertenção effeito Efcolheo-fe fitio, e foi perto da Villa para a parte do Oriente, junto daquelle campo, onde a trez de Maio fe vê todos os annos o celebre milagre das Cruzes, que tanto en-

Fundação do Convento de Barcellos

ennobrece a esta Villa. Lançou-se a primeira pedra no anno de 1649. e em quanto não houve commodos para os Religiosos habitarem nelle, vivião em huma Ermida de Santa Martha, que alli fica perto do sitio, em que se fundava. Trabalhou-se com tanto cuidado nas obras, correndo estas por conta do povo, que no anno de 1652. puzerão já Communidade plena em o novo Convento, ficando o antigo do Monte com sete Frades, reduzido a Vigairaria. Está o moderno em hum lugar accommodado, e sádio, com bastante agua, e cerca, que se compõe de boa horta, dous pomares, e huma matta não pequena de altos, e vistosos pinheiros.

CAPITULO XIX.

Dos servos de Deos Fr. Francisco da Bagoeira, e Fr. Claudio de Aquitania.

1 EM o Convento de Chaves, sendo actualmente Guardião, rematou seus dias em nove de Novembro de 1647. o Irmão Fr. Francisco da Bagoeira, Religioso de muito approvada vida. Nasceo em huma quinta de seu sobrenome, junto da Villa de Barcellos, de pais nobres, e ricos, que cuidadosos de sua boa creação, logo em sua mocidade o mandárão estudar a Coimbra; mas affeiçoado em breve tempo ao modo dos nossos Frades, que naquella Cidade via, determinou deixar o estudo das letras por outro melhor estudo, consagrando-se a Deos na Provincia da Piedade. Com esta resolução pedio o habito, que lhe foi lançado no Convento de Santo Antonio dos Olivaes, dando logo mostras no noviciado de que havia de ser perfeito Religioso; porque entre os mais noviços, era o que acudia com maior promptidão ao Coro, e officios de humildade, e o que com mais fervor assistia aos exercicios da Religião. Depois de professo mostrárão bem suas obras, que não fora vão o conceito, que tinhão formado delle quando noviço; porque resplandeceo em muitas, e assignaladas virtudes: pelas quaes mereceo ser muitas vezes Prelado, e quatro Mestre de noviços, a quem creava perfeitamente, praticando-lhes de sorte a oração, que os fazia contemplativos.

2 Quando era Guardião, a seu exemplo se exercitavão os Religiosos seus subditos em algumas asperezas, alèm do rigor da Provincia, e elle o dava de si tão bom, que por suas excellentes virtudes era chamado de todos o Guardião Santo.

to. Pela grandeza de sua caridade lhe chamavão tambem pai de todos, principalmente mostrava esta para com os pobrezinhos: compadecia-se delles ternissimamente, dando-lhes tudo o que podia. Muitas vezes se tirava a si o de que necessitava, para remediar ao pobre, que via: vendo hum pobre roto, e desabrigado, tirou hum remendo, que tinha lançado em seu lacerado habito para abrigo do frio, e deo-lho logo compassivo. Sendo Prelado, vestia os subditos, e elle ficava sem habito; e andando mui enfermo, chegou a despir a camiza, e levando-a com suas proprias mãos, a deo a hum Corista, que conheceo andar achacado. A caridade, que mostrava para com os pobres, tinha ainda em grão mais perfeito com os enfermos, aos quaes assistia em toda a hora; e como perguntasse hum dia a hum noviço doente, como estava, e elle respondesse que sentia grandes dores, então disse o caritativo Prelado, que hia pedir a Deos o seu alivio; e entrando no Coro, tomou huma rigorosa disciplina; e tornando a vêr como estava o enfermo, achando-o aliviado, lhe disse com grande ternura: *Ora dormi, e descançai agora.*

3 Foi muito penitente: ordinariamente dormia sobre huma taboa sem mais abrigo, não só nos Conventos, mas ainda nos caminhos, jejuava os sabbados de nossa Senhora; e nas vesperas de suas festas era o jejum mais rigoroso, porque só pão comia, e sendo algumas vezes persuadido pelos amigos, e parentes, que por huma vez ao menos comesse alguma cousa, não foi possivel acabarem com elle a quebrar seu proposito. Os quarenta dias depois da Epifania jejuava, por alcançar a benção promettida de nosso Padre; além destes jejuns fazia outras muitas mortificações, e penitencias. Era benigno, e affavel para com todos, porque assim a Religiosos, como a seculares honrava muito, e de todos era muito louvada sua benignidade, e cortezia. Com particular animo de compaixão consolava em suas oppressões aos afflictos: a todos prégava da brevidade da vida, e todas suas praticas encaminhava ao aproveitamento, e edificação do proximo. Foi dotado de huma profunda humildade, e quando era Mestre de noviços, para radicar nelles com seu exemplo esta admiravel virtude, fundamento das mais, se prostrava debaixo dos pés dos mesmos noviços, mandando-lhes que o açoutassem.

4 Dava-se muito ao exercicio da santa oração; e no nosso

so Convento de Abrantes, sahindo deste santo exercicio depois de Noa, se lhe vio o rostro resplandecente, como outro Moysés, quando desceo do monte, da pratica, que teve com Deos. Ordinariamente depois de Matinas não se recolhia à cella, antes descendo do Coro à Igreja, depois de se dar muitas bofetadas, trazia ao hombro huma pedra mui pezada em memoria da Paixão do Senhor; e assim discorria com ella por largo tempo, meditando os mysterios de nossa Redempção. A suas orações ajuntava copiosas lagrymas, que derramava tão continuamente, como se houvera sido o maior peccador do mundo. Finalmente sendo Guardião no Convento de Chaves, lhe deo huma prolixa enfermidade, que foi a ultima; e mandando-o o Provincial para o Convento de Braga, por ser mais sádio, antes quiz morrer que desamparar seus subditos, que no mesmo tempo padecião tambem grandes enfermidades. Aggravou-se mais sua doença; e conhecendo que estava jà da morte mui vizinho, se preparou com os Sacramentos para a jornada, fazendo actos de contrição, e protestando a Fé Catholica: e como nesse tempo visse na mão do Presidente hum livrinho, disse: *Tirai là o livro morto, e daime o livro da Vida, em o qual ponho toda minha esperança para alcançar hum fim ditoso*; e abraçando a Imagem de hum Crucifixo, dando em suas Chagas devotissimos osculos, chorando com saudades da eterna Bemaventurança, entre actos de amor Divino faleceo santissimamente; depois de enterrado sete annos, he fama que foi achado seu corpo incorrupto.

5 A este tempo, que nos não foi possivel averiguar fixamente o anno, pertence hum Veneravel Religioso chamado Fr. Claudio, Francez de nação, filho da Provincia de Aquitania, que pela fama, que ouvia da perfeição de vida, e rigor, com que se tratavão os filhos da Provincia da Piedade, veio de França buscar esta Provincia, para viver nella. Morou alguns annos em o Convento, que temos em Elvas, e era notavel a devoção, que lhe tinha a gente daquella Cidade pela virtude, que nelle via; encommendavão-lhe lhes fosse fazer alguns Sermões, de que elle se escusava, porque a lingua se não accommodava à pronunciação Portugueza; com tudo não podia livrar-se de suas instancias, porque o convencião, dizendo, que só querião que apparecesse no pulpito, que isto lhes bastava por Sermão. Tinha particular cuidado de se ac-

commodar com as ceremonias, e creação desta Provincia, e parecer hum dos Frades della; pelo que fazendo por vezes algumas cousas, a que se não conhecia o fim, por que as obrava, quando lho perguntavão, respondia, que fazia aquillo por se parecer com os outros Frades. Teve algumas praticas com hum Embaixador, que de Suecia veio a este Reino no principio de sua acclamação; e nestas o reduzio à Fé Catholica, estando antes inficionado com os erros de Luthero: tomou depois o habito de nosso Padre, e ha poucos annos vivia em o Convento de Ara Cæli em Roma com grande opinião, e exemplo. Com o Embaixador assim reduzido passou Fr. Claudio a Jerusalem visitar os Lugares Santos, onde Christo obrou os mysterios de nossa Redempção; porque se ao visitar aquelles Lugares Santos chamou S. Jeronymo [a] parte da Fé, talvez pelo que a fomenta, para fomentar nella ao novo converso, alèm da devoção, que o moveria, o levou Fr. Claudio visitar aquella Cidade Santa de Jerusalem, que foi o theatro da Paixão, e afrontas do Rei da Gloria. Nesta Cidade, estando huma sexta feira em oração no lugar do Santo Sepulchro, acabou suavissimamente a vida: venturoso dia para morrer ao mundo, grande lugar para resuscitar à Gloria.

[a] D. Hier. Epist ad Desid.

CAPITULO XX.

Do quadragesimo-tercio Ministro Provincial, e de alguns Religiosos de seu tempo.

1 NO fim do triennio do Irmão Fr. Pedro de Celorico, de commissão do Reverendissimo Padre Fr. Martinho do Rosario, Commissario Apostolico neste Reino, veio visitar a Provincia o Padre Fr. João de Villa-Real, da Santa Provincia de Santo Antonio, onde era Definidor. Concluida a visita, se congregárão os Vogaes em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa para a celebração do Capitulo, onde em dezesete de Abril do anno de 1649. presidindo o sobredito Padre Commissario Apostolico, sahio eleito em Provincial o Irmão Fr. Lucas de Castello Mendo; em definidores os Irmãos Fr. Balthazar da Guarda, Frei Jeronymo de Estremoz, Fr. Pedro de Sima do Douro, Frei Francisco de Lisboa; e em Custodio Fr. Manoel de Braga. A seu tempo, na mesma Casa da Piedade em sinco de Novembro do seguinte anno de 1650. fez o Irmão Ministro a sua Congregação, presidindo nella; e go-

1649

Fr. Lucas de Castello Mendo Provincial 43.

governou ſeu triennio louvavelmente, como Religioſo mui regular que era.

2 Acabado ſeu triennio, ficou morador na Piedade de Villa-Viçoſa, onde continuou, livre jà das penſões do officio, que não deixão de levar muito tempo, ſua exemplar vida: era grande a pontualidade, com que aſſiſtia ao Coro, ſendo aſſim que a idade eſtava pedindo neſte miniſterio alguma diſpenſa. De hum achaque, que lhe ſobreveio, ficou ſurdo, e por eſta cauſa, como não ouviſſe aos que rezavão do outro Coro, cà fóra rezava todo o Officio Divino: levantava-ſe todas as noites pelas onze horas, rezava na cella Matinas; e ſuppoſto que as tinha rezado, quando a Communidade hia à meia noite ao Coro, elle infallivelmente aſſiſtia com os mais naquelle tempo, ſe algum achaque lho não impedia. Moſtrava notavel brandura, e entranhas de caridade aos noviços: muitas vezes depois das Horas Diurnas ſe ficava com elles em o Coro, e alli os conſolava, e confortava na perſeverança, enſinando-lhes as ceremonias com tanta affabilidade, e lhaneza, como ſe fora hum delles. Em ſantos, e piedoſos exercicios perſeverou atè à morte, de que parece teve conhecimento; porque ſendo Vigario Provincial o Irmão Fr. João de Eſtremoz, indo elle com outros Religioſos graves de Villa-Viçoſa àquella terra aſſiſtir à trasladação do Santiſſimo Sacramento, que com ſolemnidade ſe fazia da Igreja do Convento antigo para a do novo, que então ſe fundava, convidando-o que os acompanhaſſe, elle que devia jà ſaber de outra jornada, a que eſtava propinquo, ainda que naquelle tempo ſe achava bem diſpoſto, a reſpoſta, que lhes deo, foi pedir-lhes, que quando vieſſem de Eſtremoz lhe rezaſſem hum Reſponſo na ſua ſepultura. O ſucceſſo moſtrou que não fora dito a caſo; porque vindo o Vigario Provincial com os mais de Eſtremoz, para Villa-Viçoſa, o achárão jà enterrado, e lembrados do que lhes pedíra, lhe diſſerão na ſepultura o Reſponſo.

3 Por eſte tempo florecêrão muitos Religioſos com fama de virtude, dos quaes ſuppoſto tenhamos pouca noticia do que obrárão, poremos aqui com tudo o pouco, que delles ſabemos, para que de todo ſe não perca ſua memoria. He o primeiro hum Fr. Franciſco de Braga Confeſſor devotiſſimo, de quem ſó tiverão cuidado os de ſeu tempo de deixar-nos em lembrança ſua exemplar morte; mas deſta podemos conjecturar a ſua ſanta, e religioſa vida;

Fr. Franc. de Braga Sacerdote.

Bbbbb ii que

que estes dous contrarios não o são em tudo, antes ordinariamente se corresponde hum ao outro como eco. Commettido da ultima enfermidade, conformando-se com a vontade Divina, soffreo com tão grande paciencia as molestias, que deixou a todos admirados sua constancia, e resignação no beneplacito Divino. Trazendolhe à Enfermaria o soberano Viatico para a jornada, atou huma corda ao pescoço, e com humas varas, que tinha jà preparadas para este effeito, começou a castigar seu corpo rigorosamente, e com hum rio de lagrymas pedio perdão aos Religiosos de seus erros, e máo exemplo, que lhes tivesse dado. Recebido o Santissimo Sacramento, pedio ao Guardião que depois de morto, mandando-lhe atar huma pedra ao pescoço, o lançassem em hum muladar, porque se julgava indigno de sepultura Ecclesiastica: e no ultimo symptoma se prostrou na terra a exemplo de nosso Serafico Patriarca, e com grande paz, e quietação em o Convento do Sardoal entregou a alma a seu Creador em vinte e sinco de Novembro de 1649.

Fr. Diogo de Coimbra Sacerd.

4 No seguinte anno de 1650. fez a mesma jornada o Irmão Fr. Diogo de Coimbra Prégador, Religioso mui regular, e penitente. Resplandeceo muito na virtude da paciencia, que mostrou bem nas grandes dores, que padecia da gota, que o aleijárão de pés, e mãos; mas nem com tudo isto deixava de frequentar o pulpito, e confessionario, ainda que à custa de grande trabalho seu. Semeava em hum lugar, como Lavrador Euangelico, porque prégava com muito fervor, para colher no outro, em que teve particular graça do Senhor; porque de tal sorte encaminhava aos penitentes, e taes conselhos lhes dava, que ficavão cheios de consolação, e espirito. Foi profunda sua humildade, e por ella mereceo ainda nesta vida a exaltação, que Christo promette no Euangelho; [a] porque indo a Vizeu tomar Ordens, perguntando-lhe o Bispo donde era natural, como lhe respondesse que de Coimbra, lhe disse então o Bispo que elle estivera muitos annos em Coimbra, e que não podia deixar de conhecer a seu pai; ao que respondeo o verdadeiro humilde: *Vossa Illustrissima não conheceo meu pai, porque era hum pobrezinho alfaiate, que morava em tal rua.* Com esta resposta, assim o Bispo, como muitos, que estavão presentes, formárão delle grande conceito, e o Bispo foi dalli em diante seu particular affeiçoado; e lo-

[a] Luc. c. 14. n. 11. e c. 18. n. 14.

logo alli diante de todos o louvou com ampliſſimas palavras, dizendo que era Religioſo perfeito, e verdadeiro filho de São Franciſco. Sobre eſta primeira pedra da humildade levantou o edificio das mais virtudes, que rematou em huma morte mui venturoſa, depois de receber todos os Sacramentos, em o Convento de Aveiro, onde tem ſua ſepultura.

oel n- erd. 5 No meſmo Convento paſſou ao Senhor, no meſmo anno, Fr. Manoel de Coimbra Religioſo obſervantiſſimo, mui dado à oração, e tão zeloſo da ſalvação das almas, que por eſte reſpeito aſſiſtia continuamente no confeſſionario. Algumas vezes foi Guardião; mas como era muito humilde, não aceitou outras Prelaſias, que ſe lhe offerecêrão. Ultimamente acabou ſeus dias com fama de ſantidade, que creſceo mais, quando depois de dez annos paſſados, abrindo-ſe a ſua ſepultura, ſe achou a carne branca como a neve, ſem genero algum de corrupção.

CAPITULO XXI.

Memoria do ſervo de Deos Frei Boaventura de Fronteira.

1 MAior he a fama, e opinião de ſantidade, que nos deixou o Irmão Fr. Boaventura de Fronteira, do que a noticia, que temos de ſuas grandes virtudes. Ainda hoje ſão vivos alguns dos que o conhecêrão; e quando os inquirimos neſta materia, reſpondem-nos com generalidade, dizendo que com perfeição ſe exercitava em todas, particularmente em a da oração, que continuou com tanto fervor, e eſpirito, que veio a alcançar o nome de Extatico entre os Religioſos de ſeu tempo. Huma breve memoria nos veio à mão, em que tambem achamos acclamações genericas, com muito pouco particularizado: eſcreveremos aqui eſta, e não ſe perderá de todo a lembrança deſte Veneravel Religioſo.

2 Foi elle natural da Villa de ſeu nome, e ſeus pais das primeiras familias della: tomou o habito em o noſſo Convento de Santo Antonio de Portalegre, onde acabado o anno do noviciado, profeſſou em trinta de Julho de 1617. Ordenado Sacerdote, celebrava com muita devoção todos os dias, que não era impedido com doença, ou outro urgente eſtorvo; e depois ſubindo ao Coro, ouvia todas as mais Miſſas, que na Igreja ſe dizião. Poz tão particular cuidado em macerar o corpo com jejuns, e abſtinencias, para que aſſim o tornaſſe mais apto para ſervir ao eſpiri-

rito, que alèm dos jejuns de obrigação, que passava com grande rigor, muita parte do anno sómente tomava pão, e azeitonas, ou alguma fruta; mas disto sempre com tanta medida, que furtava ao corpo grande parte do necessario. Estranhava grandemente fallarem nos defeitos do proximo, por leves que fossem; nem de sua boca se ouvio palavra de murmuração: para o que o ajudava muito o natural candido, e singelo, lançando tudo sempre a melhor parte. A oração era seu total emprego, nella gastava todo o tempo, que podia tirar aos exercicios da Religião, e parecia andar sempre em continua contemplação das cousas Divinas. Muitas vezes succedeo, particularmente sendo Guardião, em que forçosamente por causa do officio havia de ser mais buscado dos Religiosos, acharem-o como alienado, sem fallar a proposito do que se lhe dizia: outras, chegando a responder, era como quem se levantava de hum profundo, e pezado sono.

3 De crer he que quem continuava com tanto fervor este santo exercicio, receberia nelle muitos favores do Ceo, e consolações Divinas; mas nenhuma noticia nos ficou dellas, ou por falta de curiosidade de quem as notasse, ou pela vigilancia, com que elle se recataria; que os servos de Deos, para que as tenhão seguras, e lhes sejão continuadas, seguem aquelle documento de Jeremias: [a] que he bom esperar com silencio as saudaveis visitas de Deos. Do amor, que tinha a este Senhor, e ao proximo, era bom testemunho a grande paciencia, com que ainda depois de velho, e muito achacado, ouvia as confissões dos maiores peccadores, desejando summamente apartallos de offenderem a Deos; para o que no fim dellas lhes fazia suas praticas com tanto zelo, espirito, e fervor, que os obrigava a compunção por mais empedernidos que fossem, levantando-se de seus pés com grandes protestos de não offenderem mais a seu Creador. Sómente duas vezes o fizerão Guardião; porque na anticipação, com que lhe sobrevierão os achaques, teve sua humildade com que se escusar das Prelasias: e não carece de mysterio, que não sendo mais que duas vezes Prelado, o fosse de duas casas, que se intitulão do Nome de Jesus, como he o Convento do Bom Jesus de Barcellos, e o do Bom Jesus de Valverde, não havendo outra em toda a Provincia, que tenha tal Orago: parece foi disposição Divina, pela singular devoção, que elle tinha

[a] Jerem. c. 3. n. 26.

a es-

a este Santissimo Nome. Estas Guardianias fez com muito zelo da Religião, e exemplo de sua pessoa, sendo nas Communidades o primeiro, e nos jejuns, e mais exercicios de mortificação o mais austero, e rigoroso.

4 Nem com ser deste modo para si, era carregado aos subditos, antes os communicava com muita brandura, e affabilidade, tendo-se em todas as acções por menos que todos; o que lhe procedia de ser dotado de huma profunda humildade, fundamento de todas as virtudes. Assim foi passando huma innocente vida, cheia de enfermidades, e achaques, que se lhe augmentárão com a idade, e de que padeceo, mas com admiravel paciencia, terribilissimas dores; convem a saber, pedra, mal de ourina, e ultimamente lhe deo o ar duas vezes, que lhe tolheo a mão esquerda de tal modo, que se não podia della ajudar para serviço algum, e toda aquella parte sentia lesa; e assim se ajudava de huma muleta, porque não podia andar sem muito trabalho. Poz termo a este com huma placida morte, que o achou em o Convento de Santo Antonio da Villa do Redondo, disposto para ella com os Sacramentos da Igreja, em fin de Dezembro de 1649. Seu corpo foi sepultado em o commum Cemeterio dos Religiosos, na quarta sepultura das que estão divididas com lages pretas, em o pano, que vem da porta da Capella para o Capitulo; e sua alma foi lograr no Ceo o premio, como piedosamente cremos, que sua religiosa vida mereceo em a terra.

CAPITULO XXII.

De outros Religiosos de seu tempo.

1 EM o Convento do Bom Jesus do Monte, meia legua da Villa de Barcellos, descançou em o Senhor o Irmão Fr. Gonsalo de Guimarães, que na flor de sua idade tomou o habito nesta Provincia, na qual foi muitas vezes Guardião, e depois Provincial, e em todas as occasiões se mostrou espelho de bom exemplo, e outro Elias no zelo da Religião. Acabado o triennio de seu Provincialato, se retirou para este solitario Convento, onde viveo trinta annos continuos, entregando-se em todos estes com grande cuidado à oração, vigilias, jejuns, e mais obras de penitencia. Na contemplação dos Divinos Mysterios assistia de dia, e de noite, e no Coro a todas as Missas, que na Igreja se dizião. Celebrava com

Fr. Gonsalo de Guimarães Sacerdote.

com grande piedade, e com muita devoção, e lagrymas tratava o Diviniſſimo Sacramento, que erão mais copioſas quando commungava. Amava grandemente o ſilencio, por cujo reſpeito eſcolheo morar tanto tempo no ſobredito Convento, por ſer apartado da communicação, e trato dos ſeculares; e não ſó com eſtes, mas ainda com os Religioſos raramente fallava: por eſte reſpeito procurava ſempre vieſſem para aquella caſa Frades os mais regulares, e dados ao exercicio da oração. Muito de madrugada hia para o Coro, e como em preparação para orar ſe diſciplinava rigoroſamente: tinha trez differenças de diſciplinas, para uſar dellas ſegundo ſua devoção, e depois que jà não podia por ſua muita velhice, levantar-ſe da cama, ſe diſciplinava com humas de corda de viola. Todas ſuas deprecações acompanhava com lagrymas, em que ſe desbrochava facilmente por dom do Altiſſimo; ſuccedendo muitas vezes quando deſcia à cerca, que he naquelle Convento eſpaçoſa, e ſolitaria, ſer tal o fervor de eſpirito, que ſe abraçava com as arvores, lançando ao Ceo muitos ſuſpiros, e ordinariamente tão altos, que ſe ouvião no Convento. Mais por exercicio da virtude, que por neceſſidade frequentava o Sacramento da Penitencia com grande humildade, e ſumiſsão.

2 Era muito abſtinente; não comia mais que o que era preciſamente neceſſario para paſſar a humana vida; e muitas vezes deixando intacta a ração, que lhe punhão diante, pedia ao Porteiro que a déſſe aos pobres; e tendo elle eſte officio em o noſſo Convento do Porto, paſſou huma Quareſma totalmente deſcalço, e ſó com pão, e laranjas: e ſe alguma couſa de regalo lhe mandavão ſeus parentes, tudo dava aos pobres. Não lhe faltárão tribulações em ſua vida, as quaes levava com muito ſoffrimento, levantando as mãos para o Ceo, e dando a Deos as graças. Quando Provincial, nem huma fatia de pão levava pelos caminhos, entregue totalmente à providencia Divina: e ſuccedendo fazer noite em algum Convento de outra Provincia, calava o officio, que tinha, para que o não trataſſem com reſpeito; porque ſempre andava buſcando occaſiões, em que exercitar a humildade. Pelo grande zelo, que tinha da Religião, e eſplendor da Provincia, a todos os Capitulos mandava muitas folhas de papel cheias de advertencias, concernentes ao bom governo, e augmento da Regular obſer-

van-

vancia. Depois de paſſadas muitas mortificações, vigilias, e penitencias, em que ſe exercitou mais de ſeſſenta annos, ſem querer gozar das poucas, e limitadas izenções, que ſe concedem na Provincia aos de ſua dignidade, e velhice, chegou ao fim da vida, ſendo de oitenta annos; e recebidos os Sacramentos da Igreja, faleceo no de 1650. Seu roſtro, que em quanto vivo eſtava cheio de rugas, depois de morto ficou formoſiſſimo. Tanto que ſe ſoube de ſua morte na Villa de Barcellos, vierão logo muitos dos principaes ao Convento, e ſe voltárão, levando das unhas, e dos cabellos do cercilio do ſervo de Deos, eſtimando iſto por reliquias; e pela fé, que tinhão nellas, hum deſtes as applicou a hum menino, que eſtava moribundo, e logo ſarou, e foi folgar com os outros de ſua idade.

3 No meſmo anno paſſou ao Senhor o Irmão Fr. Pedro do Roſmaninhal, Lugar em o Biſpado da Guarda, Prégador dotado de muitas virtudes, e do zelo da ſalvação dos homens, que quando no mundo eſtava mais favorecido de ſuas eſperanças, ſe ſahio delle, e tomou o habito em a noſſa Provincia. Foi devotiſſimo da Virgem Senhora noſſa: nunca deixou de rezar o ſeu Officio menor, com outras devoções, por mais occupações, que tiveſſe. Com muitas, e graves enfermidades o provou o Senhor, nas quaes, como outro S. Paulo, ſe gloriava, ſoffrendo-as com maravilhoſa paciencia. Foi mui ſincero, manſo, e humilde; e com a oração, em que foi eſtremado, e mais exercicios de penitencia, fez caminho para o Ceo em hum dia conhecido antes por elle; porque cahindo em cama o ſegundo de Março de 1650. perguntou o enfermo de quem ſe rezava dahi a oito dias; e como lhe reſpondeſſe que de Santa Franciſca Romana, diſſe o doente, que naquelle dia havia de entregar a alma a ſeu Creador. Aſſim ſuccedeo: paſſou elle aquelle oitavario muito alegre; e perguntando-lhe neſte tempo hum Religioſo, ſe tinha algum eſcrupulo que confeſſar, reſpondeo-lhe com eſtas palavras: *Com meu Deos tenho jà rematado contas.* Abraçou-ſe então com huma Imagem de Chriſto crucificado, e pedindo-lhe perdão de ſeus erros, entre amoroſos colloquios acabou a vida. Tem ſua ſepultura em o Convento de Santo Antonio de Aveiro.

4 Igual opinião de virtude deixou tambem de ſi o Irmão Fr Nicoláo de Villacova, Villa no Biſpado de Coimbra, Sacerdote digniſſimo, que na flor Fr. Nicoláo de Villacova Sacerdote.

de ſua idade, não forão poderoſas as cadeas das riquezas, de que a fortuna dotou liberalmente a ſeus pais, para o prenderem; antes ſoltando-ſe de tudo o que lhe podia ſervir de embaraço, veio buſcar a Deos na Provincia da Piedade. Pouco tempo depois que tomou o habito, morreo a ſeus pais huma ſó filha, que lhes ficára; e vendo-ſe ſem filhos, da caſa, em que moravão, fizerão hum Hoſpital para os pobres, e tomando o habito da Terceira Ordem de noſſo Padre S. Franciſco, reſplandecêrão em humildade, e deſprezo do mundo; e alli ſervindo aos pobres, morrêrão ſantamente com grande exemplo, e edificação de todos. Na meſma caſa, antes de Hoſpital, vivia tambem com elles hum ſeu parente, o qual a exemplo de Fr. Nicoláo, tomou o habito neſta Provincia: de todas as quaes couſas ſe alegrava grandemente o ſanto Religioſo, dando a Deos as graças por eſtas conversões. E como por amor das celeſtiaes riquezas tinha deixado os bens temporaes, foi mui deſejoſo da ſantiſſima pobreza. Por qualquer defeito derramava muitas lagrymas, como ſe fora a maior culpa; virtude, que tirava da oração, em que ſe occupava grande parte do dia, e da noite. Aſſim foi paſſando huma perfeita, e innocente vida, atè que o buſcou a morte com huma grande enfermidade, acompanhada de terriveis dores, que elle ſoffreo com pacifico, e tranquillo animo, reſignado na vontade Divina, e dando-lhe as graças, pelos beneficios, que lhe tinha feito; o que acabado de pronunciar, paſſou ao Senhor, havendo recebido devotamente os Sacramentos. Foi ſeu tranſito em o anno de 1651. no Convento de S. Fructuoſo de Braga, onde tem ſua ſepultura.

CAPITULO XXIII.

Do quadrageſimo-quarto Miniſtro Provincial: e de alguns Religioſos de ſeu triennio.

1 ACabado o triennio do Irmão Fr. Lucas de Caſtello Mendo, havendo viſitado a Provincia o Padre Fr. João de Jeſus Prégador, Cuſtodio, que havia ſido da Santa Provincia da Arrabida, e Vigario actualmente do Hoſpital Real em Lisboa, ſe congregárão os Vogaes na Piedade de Villa-Viçoſa, onde preſidindo o ſobredito Padre Viſitador de commiſsão de noſſo Reverendiſſimo Padre Geral Fr. Pedro Manero, em doze de Maio de 1652. ſahio eleito em Miniſtro Provincial o Irmão 1653

mão Fr. Paulo de Evora, que acabava de ser Secretario do Provincial antecedente. Elegêrão-se em Definidores os Irmãos Fr. Manoel de Portalegre, Fr. Antonio de Viseu, Fr. Agostinho de Fragaso, Frei Diogo de Lagos, em Custodio Fr. Paulo de Monção. Teve o Irmão Ministro a sua Congregação em o mesmo Convento da Piedade a vinte e dous do mez de Outubro do anno de 1653. em que elle presidio, achando-se nella sómente os Definidores, e Custodio congregados; porque supposto atè aquelle tempo se achavão em todas as eleições o Padre immediato, e o mais antigo, com tudo apresentou-se hum motu proprio na Meza da Definição do Papa Urbano VIII. que começa: *Alias pro felici, &c.* sua data em Roma *apud Sanctam Mariam Maiorem* a trinta de Julho de 1642. no decimo-nono anno de seu Pontificado, no qual mandava que nas Provincias Descalças, assim de Hespanha, como da India, não votassem os Padres nas eleições. Ainda que este motu proprio foi passado no anno de 1642. com tudo não se teve noticia delle cà no Reino, senão alguns annos depois de sua data, e na nossa Provincia em a presente Congregação; porque como os Prelados Geraes, que no-lo havião de communicar, não exercitavão sua jurisdição nas Provincias deste Reino, por respeito das guerras, que havia entre elle, e o de Castella, essa foi a causa de passarem dez annos, sem que viesse à nossa noticia. Em cumprimento pois do sobredito Breve não votárão os dous Padres, com que procedeo só o Provincial com os Definidores, e Custodio às eleições dos Guardiães.

2 Governou Fr. Paulo de Evora o seu triennio com huma inteireza, e prudencia, de que foi dotado; e supposto que achacado, e doente, ainda assim visitou todas as trez vezes a Provincia a pé, sendo tão dilatada. Em seu tempo se lançou a primeira pedra em o Convento novo de Estremoz, como fica dito, quando delle tratámos. Tambem na Piedade antiga, chamado hoje aquelle sitio da gente de Villa-Viçosa commummente S. Francisco o Velho, reedificou a Ermida, que alli havião deixado nossos Religiosos, quando daquelle lugar passárão a primeira vez para mais perto da Villa, pela occasião, que deixamos dito; e em huma pedra, que está sobre a porta da dita Ermida, se vê gravado este letreiro: *A Provincia da Piedade, primeira Capucha de toda a Ordem de nos-*

noſſo Padre S. Franciſco, fez o primeiro Convento neſte lugar no anno de 1500. *com os favores, e mercês do Sereniſſimo Senhor Dom Jaime, quarto Duque de Bragança. Mudando-ſe depois o Convento, ficou aqui huma Ermida, a qual arruinada com os tempos, foi reedificada pela meſma Provincia com titulo de noſſa Senhora dos Anjos, reinando ElRei noſſo Senhor D. João o IV. no anno de* 1654. Ficou a Ermida novamente reedificada pequena, mas de eſtremado aſſeio, como ainda hoje ſe conſerva; o tecto brincado com variedade de pinturas, e as paredes muita parte de azulejos, que não pouco a ornão, tendo os noſſos Religioſos cuidado de ſua limpeza. He mui frequentada em certos tempos do anno dos moradores de Villa-Viçoſa; e verdadeiramente que o entrar nella eſtá infundindo eſpirito; porque aquellas paredes, e todo aquelle ſitio eſtão ainda hoje cheirando a ſantidade.

3 No anno primeiro do Provincialato do Irmão Fr. Paulo de Evora deixou a preſente por outra melhor vida em o Convento de Santo Antonio de Abrantes em vinte e ſinco de Novembro o Irmão Fr. Amaro de Chaves, natural da Villa de ſeu nome em a Provincia de Tralosmontes. Foi eſte Veneravel ſervo de Deos hum Prégador fervoroſiſſimo, e zeloſo da ſalvação das almas, a eſte fim dirigia ſeu trabalho, e encaminhava ſua doutrina. Era muito exemplar, recolecto, e mortificado, pelas quaes virtudes foi muitas vezes Guardião, Definidor, Cuſtodio, e Viſitador da Santa Provincia da Arrabida; nas quaes Prelaſias ſe moſtrava como ſe fora ſubdito com muita ſubmiſsão, e humildade. Era muito amigo da ſolidão; continuamente trazia diante dos olhos os Noviſſimos do homem, e em memoria da morte trazia dous cordeis pendurados da corda, com que ſe cingia, hum para lhe atarem as mãos depois morto, e outro os pés; e como os dous cordeis atados pareção quatro, dizia que erão os ſeus quatro noviſſimos: grande conſideração para fugir à culpa, maravilhoſo modo para ajuſtar a vida. Era mui frequente no ſanto exercicio da oração, onde recebeo muitos mimos de Deos, e teve muitos extaſes; mas tudo iſto ſabia bem encubrir ſua cautela.

Fr. Amaro de Chaves Sacerdote.

4 Morando em o Convento do Boſque, junto à Villa de Borba, foi huma tarde hum homem dos principaes daquella Villa, e particular ſeu devoto, procurar por elle para lhe fallar. Tinha neſte tempo o ſervo de

de Deos entrado para o Capitulo, que he como huma Capella, que fica no clauſtro, a cuja porta diſſe àquelle homem o Porteiro que eſperaſſe ſahiſſe de dentro, e que então lhe fallaria. Fello aſſim aquelle devoto; mas como viſſe que Frei Amaro ſe detinha, chegou-ſe mais à porta, olhou para dentro do Capitulo, vio que eſtava o ſervo de Deos levantado da terra diante de hum Crucifixo mui devoto, e as mãos, e olhos ao Ceo, e que repetia com grande fervor eſtas palavras: *a Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te?* São ellas do ſegundo livro dos Reis, expreſſivas da ancia, que tinha David de dar a vida por amor de Abſalão ſeu filho; e em Frei Amaro naſcidas ſem duvida de hum affervorado deſejo de padecer martyrio pela Fé de Chriſto ſeu Deos. Vendo aquelle devoto a Fr. Amaro neſta fórma, com os olhos cheios de lagrymas, naſcidas de devoção, ſe retirou para fóra, deixando ao ſervo de Deos lograr aquella união, em que com Deos eſtava. Teve particular devoção com Santa Catharina de Alexandria, e pagou-lha mui bem eſta prodigioſa Santa, como paga a todos os que buſcão affectuoſos ſeu patrocinio, alcançando-lhe de Deos a ſalvação, prerogativa ſingular, que lhe concedeo o Ceo em dia de ſeu martyrio, reſpondendo a huma breve oração, que por ſeus devotos *b* fez a Santa. Buſcou-o a ultima enfermidade no mez de Novembro, e dizendo-lhe hum dia o Medico que eſtava da morte mui perto, recebeo a nova com grande conſolação, como quem deſejava tanto ver-ſe ſolto das prizões da carne, e eſtar com Chriſto. Diſpoz-ſe com os Sacramentos da Igreja; e na hora da morte, como candido Ciſne cantando alegremente huns devotos verſos a Santa Catharina, em ſeu meſmo dia na roda da vida humana poz hum cravo, para que ſe começaſſe a voltar a roda feliz da eternidade.

m
33.

b Doctor Diſcip. Serm. de S. Cath.

5 Em o ſeguinte anno de 1653. em o Convento de Santo Antonio dos Olivaes acabou ſeus dias hum Coriſta chamado Fr. Pedro da Guarda, que foi filho de pais nobiliſſimos, que ſolicitos de ſeu augmento o mandárão eſtudar a Coimbra, onde ſe dava mais à virtude, que às letras, e era notavel a caridade, que uſava com os pobres, dando-lhe quanto podia. Quando ſeus contemporaneos ſe entregavão aos divertimentos de moços, que coſtumão reinar nas Univerſidades, e perverter boas indoles, elle ſe entregava a Deos, frequentando os Sacramentos com hum

Fr. Pedro da Guarda Coriſta.

Pa-

Padre da Companhia, que coſtumava dizer: *Eſte eſtudante he ſanto.* Neſte tempo foi eleito Theſoureiro Mór da Sé de Lamego; porèm não foi poderoſa eſta dignidade alcançada na idade juvenil, para que ſe não dedicaſſe livremente ao ſerviço de Deos, antes para o poder fazer com mais perfeição, quando todos cuidavão foſſe com alvoroço tomar poſſe, elle com admiração da Univerſidade fugio para o noſſo Convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde lhe lançárão o penitente habito da noſſa Provincia.

6 No anno de noviciado com tanta honeſtidade, e virtude ſe portou, que parecia templo do Eſpirito Santo. Diſpondo Deos dar-lhe jà o premio, pois em pouco tempo tinha adquirido muito, provou-o primeiro com grandes doenças, dores, e cauterios; o que tudo o ſanto Noviço, jà profeſſo na paciencia, ſoffria com grande animo, e ſocego, que parecia impaſſivel: o que vendo hum Religioſo, lhe perguntou, ſe ſentia aquelles cauterios, a que elle reſpondeo: *Sim ſinto, mas pacientemente os ſoffro por amor de Deos.* Acabado o noviciado fez a Profiſsão jà doente, recebeo os Sacramentos, e huma noite depois de Matinas mandou chamar os Noviços ſeus companheiros, de quem, prognoſticando-lhe primeiro a ſua morte, ſe deſpedio. Quando jà mais propinquo à morte, lançou os olhos pela Enfermaria, e diſſe aos que eſtavão preſentes: *Chamem ao Irmão Guardião, que venha agazalhar eſtes dous Frades, que entrão pela Enfermaria, que são Frades de reſpeito;* depois diſſe, que via huma veneravel matrona, donde os Religioſos inferírão que tivera algumas viſitas do Ceo. Ultimamente pedio huma Imagem de Chriſto crucificado, e abraçando-ſe com ella o ſanto Coriſta, foi para o Coro dos Santos a cantar eternas Laudes a Deos com os Anjos.

7 Em as Ilhas dos Aſſores, na Cidade de Angra, ſe auſentou da terra para o Ceo hum veneravel velho, chamado Frei Jeronymo do Sardoal; foi dotado de muitas virtudes, e pelos ſingulares dotes de ſeu animo, e inteireza de vida, foi eleito em Miniſtro Provincial, o qual officio adminiſtrou com grande ſatisfação, e acerto. Acabado ſeu miniſterio, ſe retirou para o Convento da Annunciação de Thomar, para deſcançar do trabalho paſſado, e mais livremente vacar a Deos. Durou-lhe porèm pouco eſte ſocego; porque levantando-ſe algumas duvidas na Provincia das Ilhas dos Aſſores, por peti-

Fr. Jeronymo do Sardoal Sacerdote.

tição dos Religiosos da mesma Provincia foi nomeado pelo Summo Pontifice Ministro Provincial della, para illustrar os principios de sua reformação. O que sabido por elle, começou a escusar-se, dizendo, que era velho, e impedido de hum habitual achaque; mas no tempo, que dava esta escusa, se achou repentinamente são de huma quebradura, que era o impedimento, que allegava, e que havia muito tempo que o opprimia. Conheceo neste milagre que era vontade do Ceo fizesse aquella jornada, pois lhe tinha tirado o que julgava impedimento; navegou logo para aquellas Ilhas, onde em quanto viveo governou aquella Provincia com grande edificação, caridade, prudencia, e justiça. Mas que muito, se em toda sua vida havia sido muito humilde, paciente, benigno, e affavel para todos? Foi tão amigo da santa pobreza, que sendo Guardião no Convento de Ourem, sendo visitado de sua mãi com dadivas de caridade, querendo-lhe corresponder com alguns mimos, ainda que de pouco valor, o não fez, sem que primeiro pedisse para isso licença a todos os Frades da Communidade. Estando em fim na sobredita Provincia das Ilhas dos Assores, adoeceo de huma enfermidade mortal, e quando o Medico lhe disse que estava propinquo à morte, elle a aceitou com aquellas palavras do Psalmista: *Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi*; e recebendo os Divinos Sacramentos, se partio para os gozos eternos, pelos annos do Senhor 1654. Seu corpo foi honrosamente sepultado na Cidade de Angra, no Convento de nossa Senhora da Guia, cabeça daquella Provincia, em huma Capella consagrada à Annunciação da Virgem Senhora: e com razão; porque para Prelado daquella Provincia, sahio este veneravel velho do nosso Convento de Thomar, que he tambem dedicado a este soberano mysterio.

CAPITULO XXIV.

Do quadragesimo-quinto Ministro Provincial: e de alguns Religiosos, que acabárão em seu tempo com fama de santidade.

1 POr commissão de nosso Reverendissimo Padre Fr. Pedro Manero, nos fins do triennio do Irmão Provincial Fr. Paulo de Evora, entrou a visitar a Provincia o muito Reverendo Padre Fr. Pedro do Espirito Santo Prégador, Religioso da santa Provincia da Arrabida, Guardião do Covento de S. José, e Custo- 1655

todio, que havia fido. Depois de concluida a vifita, congregou o Capitulo em o Convento da Piedade de Villa-Viçofa, onde em dezefeis de Maio de 1655. prefidindo o dito Padre *cum plenitudine poteftatis*, fahio eleito em Miniftro Provincial o Irmão Fr. Diogo de Lagos; em Definidóres os Irmãos Frei Manoel de Eftremoz, Fr. Pedro de Vianna Prégador, Frei Paulo de Beja, Fr. Manoel da Bempofta; e em Cuftodio Frei Pedro Vianna Prégador. Fez o Irmão Provincial a fua Congregação, em que prefidio, na Piedade de Villa-Viçofa, a vinte e nove do mez de Outubro de 1656. e indo depois della na ultima vifita, e juntamente na da Provincia dos Algarves, de que fora eleito Vifitador Apoftolico, adoceo gravemente no noffo Convento de Villa-Nova, onde morreo em doze de Abril de 1657. Foi grandemente fentida fua morte em ambas as Provincias; na noffa por perder hum fujeito dotado de muita prudencia, e zelo, benigno, e affavel para todos; na dos Algarves, por verem a madureza, com que procedia na vifita, a fatisfação de todos aquelles Padres.

Fr. Diogo de Lagos Provincial 45.

2 Por fua morte congregado o Definitorio em Villa-Viçofa, elegêrão a vinte e fete de Abril do mefmo anno em Vigario Provincial atè o futuro Capitulo ao Irmão Fr. João de Eftremoz, Guardião, que actualmente era do Convento de Santo Antonio de Evora. Nefte triennio paſsárão ao Senhor alguns Religiofos de approvada vida; entre os quaes pelo tempo tem primeiro lugar hum fanto Corifta, chamado Fr. Manoel de Salvaterra, Villa do Bifpado da Guarda em a Provincia da Beira; que affim como foi dado pelo Ceo a feus pais, affim forão fuas inclinações mui defpegadas da terra. Defejavão muito feus pais ter hum filho, porque tudo lhe nafcião filhas; em ordem a efte fim forão em romaria a noffa Senhora de Penha de França em Caftella; promettendo, que fe lhes déffe hum filho, que o confagrarião a feu ferviço, tomando o habito de noffo Padre S. Francifco em a Provincia da Piedade. Ouvio a Senhora fua petição, e aceitou feu voto, e logo do primeiro parto lhes nafceo efte filho, a quem forão creando na lembrança do voto, que tinhão feito, e elle affeiçoando-fe à Provincia, a que o tinhão promettido; porèm depois de ter idade competente para pagar à Senhora o voto, que feus pais por elle fizerão, vendo-fe elles fem mais filho que efte, procurárão diffuadillo de feu intento; mas nunca

Fr. Manoel de Salvaterra Corifta.

ca pudérão acabar com elle, que não tomasse o habito na nossa Provincia. Acabado o anno de noviciado, professou com satisfação de todos; não viveo porèm muitos annos, pois só sinco teve na Religião; porque vindo morador para Fronteira, lhe deo a ultima enfermidade, de que morreo. Pareceo a doença de pouco perigo, porque erão humas terçans ordinarias; porèm pelo decurso della veio o enfermo a estado, que se não podia voltar para nenhuma parte, se o Enfermeiro o não meneava; ainda que no mais nunca deo sinal algum de mortal a doença. Entrando hum dia a visitallo hum Religioso, lhe disse Frei Manoel, que havia de morrer dia de nosso Padre S. Francisco, sendo isto hum mez antes daquelle dia; e accrescentou mais, que sua mãi havia de mandar hum moço a Evora a certo negocio que lhe havia de escrever; mas que jà a carta o não havia de achar vivo: que lhe pedia a abrisse, e respondesse a sua mãi, consolando-a no sentimento de sua morte.

3 Chegou o dia de nosso Padre, entrou de manhã o Enfermeiro a visitar o doente, elle lhe pedio que fosse chamar ao Guardião, e mais Religiosos, que queria morrer; o que o Enfermeiro teve por delirio, por julgar não estava ainda tão perto daquella hora, pois o não mostrava a doença; com tudo deo o recado ao Guardião. Veio elle com os mais Religiosos à Enfermaria, perguntou a Frei Manoel se queria morrer; a que respondeo: *Sim quero, mande-me o Irmão Guardião dar o Sacramento da Extrema-Unção* (tinha jà recebido os mais) *e juntamente que me rezem os Religiosos o Officio da Agonia.* Tudo assim se fez, como o doente pedia, não sem repugnancia de alguns, que lhes parecia não ser ainda tempo: despedio-se o enfermo dos Religiosos, pedindo-lhes perdão de algum máo exemplo, que lhes tivesse dado, e a Deos de seus peccados, e de tudo o que tinha delinquido contra a Regra, que professava. Tornou então o Guardião a perguntar-lhe, se queria morrer, e respondendo que estava pelo dito, chamou o Enfermeiro, a quem pedio lhe compuzesse os pés, enfronhasse as mãos, e puzesse o capello na cabeça, como se estivera jà defunto: o que tudo fez o Enfermeiro rindo-se, e perguntando-lhe se ficava a seu gosto, porque a todos parecia ser aquillo tresvalio da doença. Perguntou-lhe terceira vez o Guardião, se queria ainda morrer, e respondendo o mesmo que antes, cerrou os olhos: o

que vendo o Guardião, chamou por elle; porèm Fr. Manoel eſtava jà na outra vida.

4 Não houve dos circumſtantes quem ſe não desfizeſſe em lagrymas, invejando tão ſanta, e placida morte; que foi no ſobredito dia de noſſo Padre, profetizado por Fr. Manoel hum mez antes, no anno de 1655. com ſeis de Religião, e vinte e dous de idade. Levarão-o à Capella, para lhe fazerem os Officios funeraes, a cujo tempo chegou hum criado da mãi do defunto, que lhe trazia huma carta, e paſſava a Evora, o que tudo Fr. Manoel tinha predito antes. No tempo, que iſto ſuccedia em Fronteira, ſe virão tambem notaveis effeitos em Salvaterra; porque na noite antecedente ao dia de noſſo Padre S. Franciſco, em que Fr. Manoel morreo, muito de madrugada, começou a cantar a mãi por largo eſpaço; o que advertindo huma filha ſua, lho eſtranhou muito, dizendo que ſe depois de viuva ninguem a víra ſenão chorar, que diria quem paſſaſſe pela rua, ſenão que aquillo era treſvalio. Ao que a mãi reſpondeo, que a deixaſſe cantar, que não podia vencer o impulſo, que a iſto a incitava; e levantando-ſe muito de manhã, foi à Igreja, mandando dizer huma Miſſa dos Anjos, por particular moção, que a iſto a impellia; a qual acabada voltou para caſa, e eſteve chorando dous, ou trez dias, ſem ſaber a cauſa, que para iſto tiveſſe, atè que veio o moço, que tinha enviado a Evora, com a nova da morte do filho.

5 Floreceo outroſi neſte triennio o Irmão Fr. Boaventura de Villa Real no Arcebiſpado de Braga, Religioſo em cujo coração ardia para com Deos hum amor muito grande, e para com os proximos huma caridade mui ardente. Continuamente trazia na boca eſtas palavras: *Benedictus Deus*: e para mais aſſiſtir na Divina preſença, dormia muito pouco; porque depois de Matinas, quando os outros Religioſos ſe recolhião a deſcançar, elle ficava velando no Coro na contemplação dos Divinos Myſterios. Diſpunha-ſe primeiro para eſta com huma larga diſciplina; exercicio, que ſempre obſervou, ainda que foſſe de jornada, e por mais cançado que chegaſſe do caminho. Convidado por hum Conego de Braga, para ir a huma ſua quinta com mais alguns Religioſos; depois da noite, recolhendo-ſe todos, elle eſteve trez horas proſtrado em oração; e como o Conego, que o eſpreitava, o viſſe naquella fórma, o teve dalli por diante em ma-

Fr. Boavent. de Villa Re[al] Sacerdo[te]

maiòr estimação, e o venerava como a Religioso Santo. Era grande a devoção, que tinha com as almas do Purgatorio, ajudando-as com muitos suffragios, e orações; todos os dias rezava o Officio de defuntos, e ainda pelos caminhos; demais deste, dizia tambem o Nocturno do mesmo Officio, que costumamos rezar em os nossos Conventos, quando sahimos do Refeitorio à Capella. Foi inimigo da ociosidade; em todo o tempo estava occupado, porque ou orava, lia, ou ouvia confissões, e no mais que restava destes espirituaes exercicios, muitas vezes cortava lenha, que trazia às costas para os cozinheiros.

6 Era mui manso, e a todos tratava benignamente; e posto que Guardião, e Definidor, sempre foi o mesmo, servindo a todos em tudo o que podia. Quando Guardião, as vezes, que o Corista não tangia pela pela madrugada ao pelde, elle o fazia; depois do qual descendo com grande pressa à cozinha, accendia fogo, fazendo o mais, que estava à obrigação do cozinheiro, e escondidamente sahia da cozinha, por não ser visto. Como amava tanto esta virtude da humildade, sempre se occupava nos officios mais baixos da casa; assistia com grande cuidado aos doentes; e posto que Prelado, hia-lhe despejar os vasos mais immundos. No tempo do silencio meridiano, para que o Sacristão descançasse, elle lhe punha os frontaes, e concertava os Altares. Não podia o demonio soffrer tanta virtude, e humildade; e assim sendo este servo de Deos Guardião em o Convento de Azurára, o tratou pezadamente o principe da soberba; porèm nem com isto desistio de seus virtuosos exercicios; nos quaes perseverando, e sendo Guardião em o Convento de Santo Antonio dos Olivaes, cheio de annos, e merecimentos passou ao Senhor no anno de 1657.

7 No mesmo anno, em o Convento de nossa Senhora do Seixo, junto ao Fundão foi lograr o premio de suas virtuosas obras o Irmão Fr Luiz de Sousa, Lugar no Bispado de Coimbra, Prégador verdadeiramente Apostolico, por mui zeloso da salvação das almas. Em sua mocidade se deo às letras, e assim na Theologia, como no Direito Canonico sahio mui perito; mas quando todos cuidavão colhesse no seculo o fruto de seus estudos, elle deixando o mundo com suas promessas, tomou o penitente, e remendado habito da nossa Provincia. Foi incansavel ministro do Euangelho, de extremada paciencia, rara humildade, e

Fr. Luiz de Sousa Sacerdote.

ſingular deſprezo de ſi meſmo. No dia, em que prégava, não ſó dizia Miſſa, mas tambem era acolito de outra. Nunca aſſentado, ſenão em pé, ou de joelhos rezava o Officio Divino, e ſem alguma interrupção, ainda que algum Religioſo entraſſe na ſua cella, quando o rezava. Era tão amigo da oração, que para que ſempre tiveſſe deſpertador para ella à viſta, tinha ſempre ſobre a ſua cama huma Imagem de Chriſto crucificado, em cuja preſença eſtava fervoroſamente orando. Foi mui abſtinente, e na tigela de caldo, que lhe punhão, lançava cinza, com que lhe tiraſſe algum goſto, que tiveſſe, e a tornaſſe deſabrida, alèm de outras mortificações deſte genero, que pela ſua muita cautela não forão conhecidas. Nunca ſahio de ſua boca nem ainda huma minima palavra de murmuração; porque todas dirigia, ou a louvor de Deos, ou a proveito do proximo, e niſto punha particular cuidado. Eleito Guardião, começou a chorar; mas inclinando a cabeça, partio para a Guardiania, na qual fazia obſervar com grande rigor os louvaveis coſtumes da Provincia. Finalmente paſſando aſſim huma innocente vida, lhe deo huma aguda febre, com cuja força lhe ſobrevierão frenezis, e nelles o que fazia era levantar-ſe, e pôr-ſe de joelhos diante do Oratorio; mas recuperado em breve o juizo, devotiſſimamente recebeo os Sacramentos; e conhecendo os ultimos termos da vida, affirmava que eſtava mui vizinho da morte, e encommendando-ſe a Deos neſte conflicto, acabou ditoſamente ſeus dias em o Convento de noſſa Senhora do Seixo, onde tem ſua ſepultura.

8 A eſte tempo, por não ſabermos o anno fixo, reduzimos outro veneravel Religioſo chamado Fr. Domingos de Lisboa, que ſuppoſto veio tarde à vinha do Senhor, levou o premio dos primeiros jornaleiros. Sendo Corregedor na Cidade de Beja, ouvindo Miſſa em o Convento, que em aquella Cidade temos, lhe appareceo o Menino Jeſus em a Hoſtia; e como que entendeſſe daqui que o chamava para a noſſa Provincia, ſendo depois Corregedor em Coimbra, e jà velho, deixou o mundo, e foi tomar o habito no noſſo Convento dos Olivaes. Sendo Miniſtro, ſatisfazia tão bem ao ſeu officio, que vindo para receber o habito, encontrando no caminho hum criminoſo, o levou à cadea, e depois veio tomar o habito; e perguntando-lhe hum Religioſo, porque fizera aquillo, reſpondeo, porque ainda tinha a vara de El-

Fr. D[illegible] mingo[illegible] Lisbo[illegible] cerdot[illegible]

Rei

Rei na mão. Reluzio nelle muito a virtude da paciencia; porque penitenciando-o o Guardião com mais alguma aſpereza que os outros noviços, ou para provar ſeu eſpirito, ou por particular impulſo do Ceo, que como havia de viver pouco, o queria aperfeiçoar com o merecimento, elle ſobre paciente levava alegre as penitencias. Não lhe impedia a velhice o aſſiſtir com os mais noviços a todo o trabalho, antes ſe achava neſte com tanta promptidão, e diligencia, como ſe fora moço. Quando fallava com os noviços ſeus companheiros, a ſua converſação era do Ceo, louvores de Deos, e de ſua Mãi Santiſſima, cuja devoção ardia em ſeu peito fervoroſa. Profeſſou ultimamente; e mudado do Convento dos Olivaes para o de noſſa Senhora do Seixo, à ſua ſombra morreo, recebidos todos os Sacramentos, e por hum triennio de ſerviço mereceria ver eternamente a Deos hum em eſſencia, e trino em Peſſoas.

CAPITULO XXV.

Fundação do Convento de noſſa Senhora da Piedade em Cabo-Verde.

57 1 DA parte mais Occidental de Africa, que chamão Guiné, ſahe huma grande ponta de terra ao mar, a que puzerão por nome Cabo-Verde, que para o Ponente faz roſtro a humas dez Ilhas, que lhe ficão afaſtadas cem leguas, a quem por eſta cauſa dá o nome, chamando-ſe as Ilhas de Cabo-Verde. He a principal, e cabeça de todas a de Sant-Iago, aſſim chamada, porque foi deſcuberta em o primeiro dia de Maio do anno de 1640. em que a Igreja celebra juntamente com S. Filippe a eſte Sagrado Apoſtolo. Fica ella em quatorze gráos, e dous terços do Septentrião: he mui fragoſa, e de grandes penedias: comprehende ſeu Inverno os mezes de Setembro, e Outubro, nos quaes ſómente chove; pelo que he ſeu clima pouco ſádio, principalmente na Cidade, por eſtar fundada em ſitio deſconveniente, qual he o ficar entre dous ſerros, que lhe eſtão imminentes quaſi a pique, em altura de cem braças: e ſuccede muitas vezes, pelo tempo das aguas, deſpedirem-ſe grandes pedras do mais alto delles, que fazem grandes eſtragos nas caſas da Cidade.

2 No meſmo anno, em que ſe deſcubrírão eſtas Ilhas, teve cuidado o Pai de Familias enviar operarios a eſta nova vinha, eſcolhendo para plantarem nella a verdadeira Fé os primeiros Miſſionarios da Religião

gião Serafica ; qual foi hum Fr. Rogerio , Francez de nação, com outro Religioso, que o acompanhava ; ambos infatigaveis Ministros do Euangelho. E como o principal intento dos piedosos Reis de Portugal em seus descubrimentos, e conquistas, era amplificar a gloria de Christo, e dilatar os limites da Igreja Catholica, em todo o tempo cuidárão com particular attenção enviar Missionarios a estas Ilhas, para a conversão daquella gentilidade, e propagação do Sagrado Euangelho. Com este cuidado brevemente se dilatou nellas a Fé, atè que no anno de 1643. se erigio Cathedral na Cidade de Sant-Iago, com que foi correndo aquella Christandade com prospero successo, que durou atè nossos tempos, em que se vio com alguma falta ; porque como alguns annos depois da feliz acclamação de ElRei D. João o IV. morresse o Bispo daquellas Ilhas, e o Summo Pontifice não quizesse dar Bispos a este Reino, e suas Conquistas, à instancia do Rei novamente acclamado, por requerimento, que sobre isto fazia o de Castella ; com a falta de Pastor faltou tambem quem lhes administrasse o pasto espiritual, o que não fez naquella Christandade pouco dano.

3 Para melhor remedio delle determinou o Catholico, e piedoso Rei edificar na Ilha de Sant-Iago hum Convento, donde sahissem a administrar a palavra de Deos, e os Sacramentos nas mais Ilhas : e como pelo antigo trato, e experiencia, que tinha dos nossos Religiosos da Piedade, conhecesse a isenção, com que obravão, o que he grande ajuda para o bom successo das Missões, della os escolheo para o habitarem. Fez a saber esta sua resolução ao Provincial, que então era Fr. Diogo de Lagos ; o qual na sua Congregação, que celebrou em Villa-Viçosa a vinte e nove de Outubro de 1656. enviou para este effeito, e Missão oito Religiosos, que voluntariamente se offerecêrão ; e por Prelado do novo Convento, que se havia de fundar, a hum Fr. Boaventura de Villa Real. Chegárão estes a Lisboa a tempo, que o Rei estava mortalmente enfermo, e jà sem alguma esperança de vida : recebeo-os elle com aquelle agrado, que sempre nos mostrou, teve-os comsigo todo o tempo da doença ; e vendo se lhe chegava a morte, pedio a hum dos Religiosos despisse o habito, que trazia vestido, e lho désse para nelle ser amortalhado ; que como tinha herdado de seus Serenissimos Avós, os Duques de Bragança, a particular devoção, que sempre tive-

verão a esta Provincia, quiz tambem seguillos na honra, que todos lhe fizerão, em levarem seu habito à sepultura.

4 Huma das cousas, que o Rei deixou mais encommendada à Rainha, e Principe, foi esta Missão de Cabo-Verde; e assim supposto que por sua doença, e morte, se retardou alguns dias, não forão muitos; porque em Dezembro do sobredito anno de 1656. partírão os oito Religiosos para Cabo-Verde, e em dez do seguinte Janeiro, aportárão com feliz successo à de Sant-Iago. A primeira cousa, em que entendêrão, e o estado, em que achárão a Christandade daquellas Ilhas, consta de huma carta do Governador dellas, que então era Pedro Ferraz Barreto, para o nosso Provincial Fr. Diogo de Lagos, escrita de Sant-Iago em dous de Maio de 1657. na qual se lê o seguinte.

5 „ Particular providencia
„ do Ceo foi esta Missão, e o
„ deixalla ElRei nosso Senhor,
„ que Deos tem, e Principe
„ tão encommendada a ElRei
„ nosso Senhor, e Rainha nos-
„ sa Senhora, que com tanto
„ affecto me encommenda a
„ a estes Religiosos; e a Jun-
„ ta da propagação da Fé, em
„ que o Senhor Bispo Capel-
„ lão Mór assiste, e eu lhe es-
„ crevo com relação de tudo.
„ Pareceo-me dizer a vossa Pa-
„ ternidade o quão necessario
„ he o virem outros tantos Re-
„ ligiosos, pelo muito que es-
„ ta vinha do Senhor depois
„ de começada a cultivar, o
„ tempo, e frieza dos Minis-
„ tros da Igreja a forão desam-
„ parando, em falta de Bispos
„ em tantos annos. O Padre
„ Presidente Fr. Antonio de
„ Braga foi o primeiro, que
„ logo se embarcou para estas
„ Ilhas vizinhas, e foi causa
„ de não correr todas, pela
„ embarcação, em que hia, se
„ vir retirando ao inimigo. Lo-
„ go o Padre Guardião Fr. Boa-
„ ventura de Villa Real, sen-
„ do advertido por mim do des-
„ amparo das confissões, que
„ estavão por fazer nesta Ilha,
„ em as nove Freguezias, que
„ ha nella, na semana da Pas-
„ coela se partio com o Padre
„ Prégador Fr. Manoel de Bor-
„ ba; ao qual lhe derão duas
„ cezões, e por essa causa só-
„ mente a trez Freguezias che-
„ gárão; mas logo o Padre
„ Guardião tornou a mandar
„ continuar com o Padre Frei
„ Domingos de Braga, e là
„ andão atè correrem todas as
„ Freguezias, nas quaes ha
„ grande desamparo, pelo Cle-
„ ro querer encubrir suas fal-
„ tas, e descuidos; que ha Fre-
„ guezia, que ha quatro an-
„ nos, que eu governo, e não
„ te-

,, teve Vigario nunca aſſiſten-
,, te, e falecem os morado-
,, res Chriſtãos ſem Sacramen-
,, tos. Mas que muito? em eſ-
,, ta Cidade, com os ſinco Con-
,, feſſores, que ha deſtes Re-
,, ligioſos, confeſſarem em to-
,, da a Quareſma muitas mil
,, almas, ainda hoje no mez
,, de Maio eſtão fazendo mui-
,, tas confiſsões pela obrigação
,, da Quareſma; e aſſim torno
,, a pedir a Voſſa Paternidade,
,, que por ſerviço de noſſo Se-
,, nhor venhão mais Religio-
,, ſos, &c. ,,

6 Tão grande falta como iſto tinha a Chriſtandade de Cabo-Verde, de quem lhes adminiſtraſſe os Sacramentos, e praticaſſe os myſterios de noſſa ſanta Fé; razão, que obrigou aos oito Religioſos, tanto que aportárão àquellas Ilhas, diſcorrerem logo por todas. Alguns poucos, que ficárão na de Sant-Iago, começárão a entender na fundação do Convento, para cujo principio tinha applicado Sua Mageſtade quatro mil cruzados, que eſtavão em Cabo-Verde, do Fiſco Real. Eſcolhêrão o ſitio o mais accommodado, que naquella Cidade havia, que foi huma horta de hum Morgado, que chamão dos Moſquitos: em lugar da qual, lhe applicou S. Mageſtade outra igual na renda, que eſtava pouco mais abaixo, e pertencia à Fazenda Real; onde ſe havião agazalhado os Religioſos Padres da Companhia hum tempo, que aſſiſtírão em Cabo-Verde, por cuja cauſa lhe chamavão ainda o Collegio. Lançou-ſe a primeira pedra nos principios do anno de 1657. e moſtrou bem o povo o goſto, com que recebia a noſſos Religioſos, no grande fervor, com que todos acudião às obras; porque alèm de muitos homens ricos pedirem ſemanas inteiras para aſſiſtirem com ſeus eſcravos, era tão notavel a promptidão, e alegria, com que ſe achávão as mulheres, e meninos de eſcola em todo o tempo ao carrego dos materiaes, que dizião os que niſſo reparavão, que bem moſtrava Deos ſer a obra ſua, pois atè os innocentes movia a ella.

7 Outras algumas couſas tem ſuccedido, que os moradores avaliárão por miraculoſas: foi huma, que não havendo na terra materiaes para ſe principiar, e proſeguir o Convento, veio naquella occaſião huma caravela do Mondego carregada de madeira, e juntamente outra de Lisboa, que trazia cal, e telha, e de huma, e outra ſe lhe tomou o neceſſario para dar principios à obra. Eſtá hoje o Convento em boa fórma, mas não de todo acabado; que como todos os ma-

te-

teriaes hão de ir do Reino, pelos não haver naquella Ilha, não póde ser sem muita dilação. He bastante a cerca, povoada de muitas, e varias arvores de frutas proprias daquelle clima, e terreno, com algumas parreiras, que com pouco beneficio, que lhe fação, tem fruto todo o anno. Tem dentro de si sinco fontes, que lanção agua não só bastante para regar huma competente horta, mas tambem para dar à Cidade, que a toma a hum canto da cerca, em bica para isso feita na parede della: sendo entre estas a mais celebre huma, que de alta rocha cahe em lagrymas, em tanta abundancia, que logo no principio fórma hum copioso regato. Alguns annos depois se lhe ampliou a cerca com huma horta vizinha, que lhe aggregárão; não tanto pela dilatarem, como por tirarem a occasião de ser devaçado o Convento pelos moradores della, que lhe ficava contigua. Hoje pertence este Convento à Provincia da Soledade; que ao tempo de dividir-se da nossa, o levou na sua folha de partilhas.

CAPITULO XXVI.

Da primeira Missão dos Religiosos de Cabo-Verde à terra firme de Guiné, e o que nella obrárão.

1 Reduzida a melhor fórma de vida a Christandade, que habitava as Ilhas de Cabo-Verde, e destruidos alguns abusos, em que vivião seus moradores por falta de Ministros, no que gastárão nossos Religiosos algum tempo, padecendo não poucos trabalhos na continua lida de humas a outras, determinárão passar à terra firme de Guiné; porque a caridade os não deixava socegar, em quanto se não occupavão na conversão daquelles gentios. Os primeiros, que naquella terra entrárão, forão os Irmãos Fr. Paulo de Lordello Prégador, e Fr. Sebastião de S. Vicente, que o acompanhava, e ambos trabalhárão com incançavel disvelo na conversão dos Gentios, e com prospero successo; porque forão muitos os que convertêrão. E porque tudo o que nesta Missão se obrou, foi por direcção do dito Irmão Fr. Paulo, como principal sujeito della, será bem darmos primeiro huma breve noticia deste Religioso, e da vida, que teve entre nós, antes que passasse a Cabo-Verde.

2 Nafceo elle no pequeno Lugar de feu nome, em o Arcebifpado de Braga; tomou o habito em a noffa Provincia da Piedade, e logo em feus principios efcolheo hum modo de viver mui regular, e reformado, e igualmente penitente; porque jà em Corifta trazia hum afpero, e continuo cilicio à raiz da carne. Alèm dos mais jejuns do anno, jejuava a Quarefma de noffo Padre S. Francifco, que começa na Epifania, com tanta exacção, como fe fora de preceito. Entregava-fe com fervor à oração, que para mais commodamente fe occupar nefte exercicio, era muito recolhido. Depois de Matinas, quando os mais Religiofos fe recolhião para as cellas, elle ficava no Coro continuando em a oração; gaftando nella grande parte da noite. A cama, em que havia de dar repouzo ao corpo debilitado com as penitencias, e vigilias, era por extremo penitente; nem admittia nella outra alguma coufa por cabeceira mais que huma pedra. Com eftes exercicios crefcia em o amor de Deos, e juntamente em o dos proximos, abrazado nefte defejava que todos fe falvaffem; e como nefte tempo fe offereceffe a fundação do Convento em Cabo-Verde, foi hum dos primeiros, que là paffárão. Ao embarcar-fe em Lisboa, era tão pouca a prevenção, que tinha feito para a jornada, que hum Religiofo grave defta Provincia, que conduzia a elle, e aos mais àquella Corte, tomando o feu fatinho em as mãos, e levando-o em o ar, rompeo neftas palavras: *Bemdito feja Deos, efta he a matalotagem, com que fe embarca hum filho da Piedade.*

3 De Cabo-Verde, na fórma, em que temos dito, fe embarcou para Guiné; e para que os Religiofos, que continuaffem aquella Mifsão, o pudeffem fazer com mais commodidade, a primeira coufa, com que entendeo, foi fundar hum Hofpicio para dous Religiofos, que chamou Hofpicio da Piedade, em a Colonia de Cacheu, que he huma pequena fortaleza, que tem os noffos Portuguezes em a terra firme. E na verdade, que foi efta huma mui importante obra, porque ainda hoje continuão os Religiofos do Convento de Cabo-Verde a Mifsão de Guiné; o que não pudérão fazer tão bem, a não terem em Cacheu o fobredito Hofpicio. Nefte efteve o Irmão Fr. Paulo com feu companheiro alguns mezes adminiftrando os Sacramentos aos Catholicos, affim Portuguezes, que alli vivem por razão do contrato, como dos convertidos moradores da terra; continuamen-

men-

mente lhes fazia ſaudaveis praticas, de que bem neceſſitavão ainda os meſmos Portuguezes, por viverem alguns como Gentios na liberdade, em que ſe achavão. Eſte eſtylo obſervou ſempre em todo o tempo de ſua Miſsão, que chegando a alguma povoação, ou aldea, onde havia Chriſtãos, primeiro tratava da reforma deſtes, que entendeſſe na conversão dos Gentios, ſegundo a ſentença de Chriſto no Euangelho, que primeiro ſe devia ſatisfazer aos
rc. filhos; *a* porque não era conve-
n. 27. niente tirar o pão a eſtes, pelo repartir aos eſtranhos. Aſſim eſte Religioſo primeiro alimentava aos Chriſtãos com a palavra Divina, que não he menos ſuſtento da alma, como lhe cha-
h. c. 4. mou o meſmo Senhor, *b* que o pão do corpo, e depois paſſava à conversão da Gentilidade.

4 Neſta foi incanſavel, porque não reparava em algum trabalho ſeu zelo; e ſendo aſſim que ordinariamente andava achacado, e enfermo pela malignidade daquelle clima, depois que entrou neſta Miſsão, em que gaſtou mais de ſeis annos, diſcorrendo por toda a Serra Leoa, e Ilhas adjacentes, não era iſto baſtante para deixar de continualla, ainda que à cuſta de muitas penalidades, e moleſtias. Todas ſoffria com invencivel animo, e não ſe poupava a alguma, que entendia podia ſer meio para a conversão das almas; donde veio ſerem quaſi innumeraveis as que tirou da ſujeição do demonio, trazendo-as ao conhecimento da verdadeira Lei. Em algumas partes, onde prégou, e lhe pareceo conveniente, fundou algumas Igrejas, onde concorreſſem os Chriſtãos a ouvir a palavra Divina, e receber os Sacramentos; e cathequizaſſe os Gentios, que querião receber o Baptiſmo. No rio dos Banhús em o porto de Quingim edificou huma com duas cellas, para nella ſe agazalharem os Miſſionarios, que alli chegaſſem: outra em o Reino dos Caſſangas, ſitio de Caboi; e pode bem conſervar huma, e outra, pelos Reis daquellas terras ſerem por elle convertidos. Deſta ſahia a diſcorrer pelas povoações, aldeas, e ainda pelos Reinos vizinhos, e a ſeus tempos determinados, ſe recolhia às ditas Igrejas viſitar os novos Chriſtãos, que nellas tinha deixado.

5 Em huma deſtas Ilhas achou eſte Religioſo hum velho de cem annos, o qual como ouviſſe a prégação Euangelica, guardou a reſpoſta para o ſeguinte dia; nelle logo de manhã veio buſcar ao Religioſo exceſſivamente alegre, di-

zendo que vira aquella noite em ſonhos hum poço de agua mui cryſtallina, do qual ſe levantava huma arvore, que chegava atè o Ceo, e que lhe parecia que ſubia por ella. Explicou-lhe o Religioſo a visão, dizendo-lhe, que o poço de agua cryſtallina era a do Baptiſmo: e que ſe queria ſubir ao Ceo por aquella arvore, que vira, havia de ſer recebendo eſte ſaudavel Sacramento, e vivendo na Lei, que os Chriſtãos profeſsão. Propoz-lhe os myſterios de noſſa ſanta Fé, que havia de crer, o que tudo o velho aceitava como tão favorecido da Divina graça. Recebeo logo o Baptiſmo com grande vontade; e examinada depois ſua vida, ſe achou que a tinha paſſado guardando a lei da natureza; com que mereceo que o juſto, e miſericordioſo Deos lhe moſtraſſe o poço de aguas vivas, para que foſſe baptizado, e do numero dos eſcolhidos. Converteo o Rei da Matta, e no Reino de Baçarel não ſó ao Rei, mas tambem aos principaes de ſeu Reino lavou com agua do Baptiſmo: o meſmo fez no Reino de Jamo, onde não ſó o Rei delle deixou os erros, e ſuperſtições da Gentilidade, mas tambem grande numero de ſeus vaſſallos, que eſtes ordinariamente a exemplo dos Reis compõem a vida.

6 Em a Serra Leoa reduzio a outro Rei o mais poderoſo dos daquella terra, chamado Granfarma, depois de haver vivido cento e vinte annos nos erros gentilicos; e enfermando gravemente poucos dias depois do Baptiſmo, para que lhe aſſiſtiſſe à ſua morte quem o tinha poſto no caminho da verdadeira vida, mandou chamar a eſte Religioſo, que ſe apartava jà para humas aldeas vizinhas a continuar ſua Miſsão. Voltou logo para o enfermo, aſſiſtio-lhe todo o tempo de ſua doença, que não forão muitos dias, dando-lhe ſaudaveis conſelhos importantes para aquella hora; e alli entre ſuas mãos, com moſtras de verdadeiro Catholico, e não pequena conſolação do Religioſo, entregou a ſeu Creador o eſpirito; que vindo tão tarde à vinha do Senhor, mereceo levar, como piedoſamente cremos, a meſma paga, que os antigos jornaleiros. Outras muitas converſões maravilhoſas fez Deos por meio deſte Religioſo naquelle vaſto, e dilatado campo de Guiné, que a termos dellas noticia mais clara, forão baſtantes a compôr hum grande volume; porque alèm do muito eſpirito, com que obrava, que he o principal, que deve ter o Miſſionario, para colher de ſeu trabalho o deſejado fru-

to, era continuo o disvelo, com que de huma a outra parte discorria: prégou por todas as povoações, e rios de Guiné, passou à Serra Leoa, e desta voltou toda a costa de Guiné do Norte a Sul, e do Sul ao Norte.

7 Das terras, que andou, e de tudo o que nellas obrava na conversão das almas; fez huma relação de lhano, mas bem ordenado estylo, só a fim de mover aos Religiosos de Cabo-Verde, e mais Missionarios a emprenderem semelhante Missão, mostrando-lhes aos olhos, quanto necessitavão de Ministros Euangelicos aquelles Reinos, e quanto serviço se podia nelles fazer a Deos. Muito tiveramos em que estender a pena, se nos viera à mão esta relação; mas por mais diligencias, que fizemos, não vimos della mais que humas pequenas reliquias, que ficárão sem duvida para nos accrescentarem mais a magua. Finalmente voltando este Religioso ao Reino dos Banhús a visitar os muitos, que alli tinha convertido, a pouco tempo de sua assistencia, morreo em o anno de 1664. não sem suspeita de peçonha, porque alèm de assim o mostrarem evidentemente os effeitos, he cousa mui praticada no Gentio; mas se a malicia pode darlhe a morte, não lhe pode tirar o premio, que lhe daria Deos pelos muitos serviços, que lhe fez em a vida. Seus ossos forão dalli levados a Cabo-Verde, onde em o anno de 1666. lhe derão sepultura em o nosso Convento, assistindo todo o Cabido, e muita gente da Cidade, pela devoção, que lhe tinhão.

CAPITULO XXVII.

Da segunda Missão dos Religiosos de Cabo-Verde à terra firme de Guiné, e do que obrárão nas primeiras entradas, que nella fizerão.

1 POr cartas, que vinhão de Cabo-Verde dos Religiosos, que là estavão, sabião os nossos da Piedade do muito fruto, que fazião na conversão das almas os Missionarios em Guiné, e quão necessarios erão estes para cultivar aquelle vasto campo. Moveo isto tanto aos Religiosos, que muitos se offerecêrão ao Provincial, que então era o Irmão Fr. Francisco de Serpa, para passarem a Cabo-Verde, donde pudesse ir a Guiné ajudar os Missionarios, que là andavão. E supposto que a relação da sua ida, e do que em a Missão obrárão pertencia mais propriamente, segundo a ordem, que seguimos nesta Chronica,

ao anno de 1662. em que se embarcárão, com tudo por não apartarmos do Convento de Cabo-Verde o que lhe toca, não dilatamos a noticia presente para aquelle anno. Dos muitos, que se offerecião ao Provincial, como temos dito, escolheo doze, que em vinte e sete de Maio do sobredito anno embarcárão em Lisboa, e com feliz successo, em onze de Junho do mesmo anno chegárão à Ilha de Sant-Iago, não gastando na jornada mais que quinze dias. He mui digno de reparo, em que Deos parece mostrar ser muito de seu agrado esta Missão, que fossem os Religiosos da Piedade a Cabo-Verde, que nenhuma embarcação, em que vá algum delles tenha perigado, ou fosse cativa de Mouros atè o presente; sendo assim, que antes de continuarmos aquella carreira, frequentemente se vião em huma, e outra desgraça: observação que os marinheiros tem feito de sorte, que todos procurão trazer, ou levar Religiosos em seu navio, offerecendo-lho com grandes instancias; e quando lhes faltão, não vão contentes, dando-se com os trazerem em sua companhia por seguros de todo o risco, segundo a observação, que tem feito.

2 Tanto que chegárão às Ilhas os Religiosos desta segunda Missão, apalpando-os o clima da terra, adoecêrão gravemente; por cuja causa não partio nenhum para a terra firme de Guiné no mesmo anno; porèm logo no seguinte, que era o de 1663. em nove de Março, se embarcárão dous delles para Cacheu, a saber; Fr. André de Faro, e Fr. Salvador Taveiro. Nesta povoação estiverão os dias, que lhes parecêrão necessarios, administrando os Sacramentos aos Christãos, assim Portuguezes, que alli assistião por amor do contrato, como aos de novo convertidos pelos primeiros Missionarios. Embarcárão para o Reino de Banhús, onde actualmente em o porto de Quingim estava o Irmão Fr. Paulo de Lordello, edificando a Igreja de que atrás fallámos; e neste Reino os quiz Deos provar, logo com os trabalhos, ensaiando-os assim para os que havião de padecer no decurso de sua Missão. Foi o caso, que estando os dous Religiosos novamente vindos, juntamente com o que là estava, agazalhados em casa de hum Christão, se levantárão huma noite os Gentios contra dous Mercadores Portuguezes, que na sua povoação estavão, sobre duvidas que tiverão; e cahírão tantas frechas, e zagaias sobre elles, que lastimosamente acabarião, a não serem

rem os trez Religiosos, que entendendo o que era, acudírão aos gritos. Por livrarem aos Portuguezes do perigo, em que os vião, se mettêrão nelle: em fim socegárão aos Gentios, mas não tanto a seu salvo, que não sahissem feridos dous delles.

3 Os Portuguezes receando o que depois succedeo, deixando as casas, em que tinhão suas fazendas, se recolhêrão onde estavão os Religiosos; mas não tardou muito que alli os viesse buscar a furia dos Barbaros, promettendo não os deixar com vida; arrependidos jà de condescenderem tão facilmente aos rogos dos Religiosos. Neste transe se virão os Frades em grande perigo; porque os Gentios com a nova resolução, que tinhão tomado, vinhão mais furiosos: recorrêrão a Deos, que era só quem os podia livrar naquelle aperto: poz-se hum delles de joelhos diante de huma Imagem de Christo crucificado, e de nossa Senhora, que trazião comsigo, pedindo-lhe pacificassem os animos daquelles Gentios; e mostrou bem o effeito quão fervorosa foi a oração, porque logo quebrárão a furia, e de todo se socegárão, não por meio algum humano, mas por virtude Divina. Livres deste trabalho, logo em amanhecendo forão visitar o Rei daquellas terras, que estava huma legua dalli distante: chamava-se elle D. Diogo, nome, que lhe poz o Irmão Fr. Paulo de Lordello, quando na primeira Missão o baptizou, e a seus irmãos, e parentes: recebeo-os com agrado, e mostrou nos agazalhos, que lhe fez, o gosto, que tinha de os ver em seu Reino.

4 Propuzerão-lhe sua pratica por Chalona, que para isso levavão, que assim chamão aos interpretes naquelles Reinos; e na despedida lhe fizerão duas petições: a primeira, que lhes havia de mandar tirar huma solemne China, que estava perto da Igreja, que elles edificavão no porto, e sitio de Quingim; porque não era bem que junto de huma Igreja, onde se reverenciava o verdadeiro Deos, se tributassem adorações ao demonio. Chinas chamão em Guiné aos idolos: a adoração, que lhes costumão fazer neste Reino, he deitarem-se diante delles todo o corpo estendido debruços em terra; apresentando-lhes em panelas, e testos sangue de galinha, e de outros animaes, com farinha de arroz, vinho de palma, e outras ceremonias, e superstições, de que usa sua cegueira. A segunda petição ordenava-se ao mesmo, que era pedirem licença para derribarem huma casa, que estava pegada à so-

à sobredita Igreja, porque não viesse morar nella algum Gentio. A isto respondeo o Rei que ao dono da casa dessem alguma cousa por ella, mas que fosse huma barra de ferro, e que a derribassem logo: o que os Religiosos puzerão em execução, sem algum impedimento. Quanto à China se desculpava de estar ainda naquelle sitio, dizendo que era cousa dos Gentios seus vassallos, moradores nelle; mas que pela manhã mandaria aos Fidalgos de sua casa, e sua gente com ordem aos moradores daquelle lugar, onde a China estava, para que a tirassem logo dalli fóra.

5 Com este despacho se recolhêrão os Religiosos assàs contentes para a casa, onde se agazalhavão, que ficava perto da Igreja. No seguinte dia, em cumprimento da palavra, que tinha dado, mandou o Rei seus Fidalgos, com alguma gente armada, e ordem aos moradores, onde estava a China, para que logo a tirassem. Achárão nisto grande resistencia; porque naquelle lugar vivia hum homem poderoso, por nome Chaçograba, por cujo conselho, e direcção se governavão os moradores delle; este os induzio, e amotinou, que não consentissem em semelhante cousa, sendo tanto em affronta de suas Chinas. Fez tanta impressão no animo dos Gentios com estas palavras, que se puzerão todos em armas, resolutos a defenderem a China, e protestando que se dalli a tirassem, nos Frades havião de tomar vingança; porque nenhum havia de ficar com vida, por serem a causa da affronta, que se lhes fazia. Era tal sua furia, que temendo-a a gente mandada pelo Rei, supposto que vinhão armados, se não atrevêrão a executar seu mandamento; com que se tornárão sem algum effeito a darlhe conta do succedido. Instárão segunda vez os Religiosos ao Rei com sua pertenção: nem foi necessario muito para persuadillo, porque sentido da resistencia, que os moradores do lugar tinhão feito às suas ordens, prometteo mandar no seguinte dia mais gente, de sorte que não ficaria em pé o idolo.

6 Persevei avão os Gentios na resolução, que tinhão tomado; e era tal a inquietação, e estrondo, que os dous Mercadores Portuguezes, que alli estavão, temendo que se o intento tivesse effeito, tambem sobre elles havia de cahir a vingança, andavão dizendo aos Gentios, que elles não intervinhão cousa alguma naquella determinação dos Religiosos; e a estes pedião desistissem daquella per-

pertenção, que não havia de ſer de algum fruto, ſegundo a contumacia, que vião nos Gentios, e não quizeſſem ſer cauſa de que elles perdeſſem ſuas fazendas. Nem o temor, que infundia a furia dos Barbaros, nem os rogos dos dous Portuguezes, forão baſtantes, para que os Religioſos deſiſtiſſem da reſolução, que tinhão tomado: o que vendo os dous Mercadores, mandárão lançar canôas em o mar, onde mais a ſeu ſalvo eſperaſſem o ſucceſſo. Chegou no dia ſeguinte a gente, que o Rei mandava, e os moradores de Quingim, que antes eſtavão amotinados com ſua cabeça Chaçograba, temendo o poder, ſe quietárão: não faltárão porèm gritos, e vozerias, principalmente das mulheres, que feitas todas num corpo, ſe queixavão de lhe tirarem ſua China; porèm ſem mais alguma alteração que eſta, lançou a gente do Rei o idolo fóra do lugar, em que eſtava.

7 Com eſta facilidade ſe acabou huma obra, que prometia ruinas; mas iſſo tem as que ſe ordenão ao ſerviço de Deos: parecem difficultoſas nos principios, e experimentão-ſe muito faceis em os fins; ſó dependem de huma reſolução, e eſpirito, que com eſte quanto mais difficultoſas parecem, tanto mais facilmente ſe executão. Tirada a China do lugar, onde eſtava, congregárão os Religioſos todos os Chriſtãos, que naquelle lugar havia, que jà erão muitos; e ordenando delles huma Procisſão, chegárão ao lugar, onde o idolo eſteve, e benzendo-o primeiro conforme as ceremonias da Igreja, puzerão nelle huma Cruz, que todos logo de dous em dous adorárão, com grande conſolação dos Religioſos, e dos novamente convertidos. Acabada eſta diligencia, vendo os Miſſionarios que erão mui dilatados aquelles Reinos, por cuja cauſa convinha o dividirem-ſe, aſſentárão aſſim de o fazer: em cumprimento do qual, ficando o Irmão Fr. Paulo proſeguindo a obra da Igreja neſte Reino dos Banhús, e porto do Quingim, os outros dous Religioſos ſe voltárão para Cacheu, onde ſe embarcaſſem para diverſas partes, conforme a occaſião, que ſe lhes offereceſſe.

CAPITULO XXVIII.

De como os dous Religioſos ſe embarcárão de Cacheu para as partes do Sul, e do que obrárão em alguns Reinos, por onde paſſárão, atè chegarem à Serra Leoa.

1 CHegando a Cacheu os dous Religioſos, achárão logo embarcação para as

partes do Sul, em que ſe embarcárão, e a quatro dias de jornada, lançárão ferro em a Ilha do Biſſao. Sahírão em terra, onde os Chriſtãos, que nella havia, que erão jà muitos, os vierão receber com grande alvoroço, por verem quem lhes podia miniſtrar os Sacramentos, de que muito neceſſitavão; por haver jà alguns annos, que alli não aportava Sacerdote. Comprehende eſta Ilha em ſi hum dilatado Reino, e são os moradores delle dos mais ſuperſticioſos Gentios dos de Guiné; huma das barbaras ſuperſtições, que tem, he que quando morre o Rei, matão todas ſuas mulheres, Fidalgos, e validos, que ſempre paſsão do numero de quarenta, e todos enterrão no meſmo dia, com outras mais couſas, que cà na vida usão, dando por razão que tudo he neceſſario para ſervirem ao Rei là na outra. Junto ao mar tem huma China geral, poſta debaixo de huma grande arvore, cuberta com huma pequena cabana, onde vão fazer ſua adoração em certos dias do anno: e não póde ninguem ſemear arroz, ſem primeiro offerecer a eſta China o ſeu arado, e fazer huns tantos regos de fronte em offerta; ſendo o Rei o primeiro, que vai fazer eſta ceremonia, e dá licença aos outros que a façāo. De fronte deſta China, diſtancia de meia legua ao mar, fica outra igualmente ſolemne entre aquelle Gentio, em hum Ilheo cheio de altos mattos, que occupa eſpaço de outra meia legua, no qual fazem certo dia do anno ſua junta, e ſynagoga, onde concorre no tal dia a maior parte da gente do Reino: por cuja cauſa são tantas as canôas carregadas de gente, que ſempre naquelle dia ſe virão muitas, affogando-ſe miſeravelmente muitos Gentios.

2 O Rei he o primeiro, que vai numa canôa com toda ſua gente, e leva comſigo huma negra, que no caminho lança ao mar, fazendo della offerta ao demonio, para que o mar eſteja quieto. Entrados todos no dito Ilheo, depois de feitos ſeus banquetes, e pagodes, vão fazer adoração à China, e por arte do diabo eſtão vendo hum ferro pouco a pouco ſahir da terra, e alli lhes diz o diabo, conforme o ferro ſahe, ſe ha de haver aquelle anno muito arroz, e mais mantimentos da terra. Com tudo iſto, ainda que o Gentio deſta Ilha he tão ſuperſticioſo, he mui capaz de receber noſſa ſanta Fé, por ſer de hum natural brando, e pacifico; aſſim naquelle Reino forão mais os obreiros Euangelicos, como a terra he accommodada para abundantes frutos. Tanto

to que os dous Religiofos entrárão nefta Ilha, forão logo vifitar ao Rei della, que os recebeo com os mais fubidos cumprimentos, que jà mais em algum dos Gentios tinhão achado; procurárão perfuadillo a que fe fizeffe Chriftão, efcufou-fe de o pôr por obra, dizendo que ficaffe a determinação para outro tempo; mas que não impedia a ninguem de feu Reino que recebeffe a Lei dos Chriftãos. Pedirão-lhe então licença para baptizar a fua mulher, que jà tinhão cathequizado; e não fó a deo, mas ainda accrefcentou que fe todos de fua cafa quizeffem receber o Baptifmo, a nenhum eftorvaria.

3 Com efta licença fe recolhêrão para huma Igreja, que alli eftava, onde no feguinte dia adminiftrárão o Sacramento da Penitencia, e Communhão a cento e trinta peffoas, que os Religiofos da primeira Mifsão tinhão baptizado: de novo cathequizárão treze, que recebêrão a agua do fagrado Baptifmo. Muitos mais ferião os reduzidos à Fé, a poderem os Religiofos deter-fe mais tempo nefta Ilha; mas como a embarcação, em que vinhão não podia dilatar-fe, por não perder viagem, foi-lhes forçofo partirem, deixando aos novamente convertidos encommendados à direcção, e doutrina de hum Religiofo Capucho, de nação Caftelhano, chamado Fr. João de Peralta, que alli affiftia; ainda que tão impoffibilitado para exercitar feu officio de Miffionario, que eftava tolhido de pés, e mãos. Daqui fizerão viagem para o rio do Nuno, onde refidírão ambos alguns mezes, gaftando-os em reformar a vida dos Chriftãos, que alli achárão; huns, que vivião por razão do contrato naquellas terras, outros naturaes dellas; nem era menor o fruto, que fazião nos Gentios, cathequizando, e baptizando muitos. Mas como o intento, com que o Irmão Fr. André de Faro fahio de Cabo-Verde, era difcorrer pela Serra Leoa, porque fegundo noticia tinha dos primeiros Miffionarios, que nella entrárão, erão jà muitos os Chriftãos, que na dita Serra havia; e eftes tão faltos de quem lhes adminiftraffe os Sacramentos, e palavra Divina, que em muitos annos não vião Sacerdote algum: deixando feu companheiro Fr. Salvador Taveiro affiftindo aos Chriftãos do rio do Nuno, e convertendo outros de novo, paffou àquella Serra. Foi coufa digna de reparo, que tanto que entrou nella, fe achou logo são, e livre de muitos achaques, que tinha adquirido pela deftemperança

de climas tão diverſos ; e foi-lhe bem neceſſaria neſte tempo a ſaude para poder levar os muitos trabalhos, que em toda eſta Serra padeceo, e perigos, em que ſe vio.

4 O primeiro porto, em que deſembarçou, foi no da Tumba, que fica huma legua antes do da Serra Leoa, terra do Reino da Coja : daqui fez a primeira ſahida a huma aldea, que eſtava duas leguas daquelle porto pelo rio dentro, onde morava hum Fidalgo jà Chriſtão, cujo nome antes de ſe baptizar era Congo, por cujo reſpeito ſe chamava ainda de Congo a aldea. Recebeo-o o Fidalgo com grande amor, e devoção ; mandou-o agazalhar aquella noite em huma caſa da dita aldea, que era de hum Gentio, que eſtava então auſente : e como o Religioſo viſſe na caſa algumas Chinas, que o ſenhor della adorava, levado de hum fervoroſo zelo, que não podia ſoffrer ſe déſſe a adoração ao diabo, que ſó a Deos ſe devia, as lançou todas em terra, e lhes poz o fogo, com que brevemente forão reduzidas a cinza. Sentírão os vizinhos da caſa o que hia nella ; e como eſtes tem por ponto de honra defender as caſas dos vizinhos auſentes, determinárão tomar vingança daquella affronta, que a hum auſente ſe fazia. Derão aviſo huns aos outros, e rodeando o apoſento, onde o Religioſo eſtava, promettião dar-lhe a morte. Não ſe alterou elle com o eſtrondo, antes com grande ſocego, e quietação ſe diſpunha para dar por ſeu Creador a vida ; mas diſpoz elle outra couſa, ou para aproveitamento de muitas almas, que depois diſto converteo, ou por outro algum ſegredo, reſervado ſó a ſeus inexcrutaveis juizos.

5 Foi o caſo, que no tempo, que eſtava mettido no maior perigo, teve noticia o Fidalgo Chriſtão daquella aldea, do que nella paſſava ; ſahio logo com alguma gente ſua a livrar o Religioſo, o que pode fazer facilmente : que como era reſpeitado daquelles Gentios, com ſua preſença applacárão a furia, ficando porèm com grande odio contra o Religioſo por lhe queimar ſeus idolos. Com tudo não deixou de aſſiſtir aqui algum tempo neſte ſitio, e porto da Tumba ; antes por dous mezes e meio continuou ſeu officio de Miſſionario, cathequizando, e baptizando muitos Gentios, e adminiſtrando os Sacramentos aos Chriſtãos em huma Igreja, que os primeiros Miſſionarios havião deixado naquelle porto. No fim dos quaes, ſentido o demonio do fruto, que eſte Religioſo fazia na conver-

versão das almas, e das muitas, que lhe tirava de seu poder, instigou àquelles Gentios o lançassem fóra de suas terras; como em effeito fizerão, mettendo-o com violencia numa canoa, que hia para hum Ilheo distante do porto de Tumba, que chamão Taço, onde assistião os Inglezes em huma pequena fortaleza, que alli tem, da qual sahem a contratar com este Gentio, levando-lhe de suas terras muito marfim, a troco de outras mercadorias, que por elle lhes deixão. Neste Ilheo esteve o Religioso como prezo algum tempo, por não ter occasião para sahir delle; o que não pouco o desconsolava, por ver o perdia alli, quando havia tanto, em que aproveitallo.

CAPITULO XXIX.

Do mais, que este Religioso obrou na Serra Leoa.

1 REmediou Deos a afflicção, em que o Irmão Fr. André de Faro estava, vendo-se prezo no Ilheo dos Inglezes, sem poder executar seu officio; porque quando menos o esperava, chegou ao porto huma canôa com gente do Rei de Boilões, em que se embarcou logo para aquelle Reino. He este Reino hum dos muitos, que comprehende a Serra Leoa, cuja gente he a de entendimento mais claro de toda a que habita aquella Serra: seu Rei era jà Christão, chamava-se D. Miguel, sendo que quando entrou este Religioso, poucos de seus vassallos o erão. A pouco tempo depois de sua chegada o vierão buscar huma noite à casa, onde se recolhia, dous Gentios dos mais graves, e principaes entre elles; que depois de terem com elle palavras de cortezia a seu modo, lhe disserão que desejavão muito receber a Lei dos Christãos, com suas mulheres, filhos, e todos seus parentes; mas que não ousavão pôr em effeito esta vontade, que tinhão, por medo de hum Fidalgo seu parente, a quem chamavão Bexari; o qual como era poderoso, e elles todos vivião a seu amparo, não se atrevião fazer cousa alguma sem seu consentimento. Exhortou-os o Religioso, que perseverassem no intento, que tinhão de se fazerem Christãos; promettendo-lhes que ao outro dia iria visitar aquelle Fidalgo seu parente, e que esperava em Deos lhe alumiasse o entendimento, para que conhecesse o engano, em que estava, e o bem, que ganharia em se fazer Christão. Com esta promessa, que lhes fez, e esperanças, que lhes deo, se voltárão contentes para suas casas, e o

Re-

Religioſo ficou gaſtando grande parte da noite em oração com Deos, pedindo-lhe com inſtancia pela conversão daquelle Gentio, da qual pendia a de muitos.

2 Em amanhecendo, acompanhado de dous interpretes, foi viſitar ao Bexari, que morava pouco eſpaço fóra da aldea; o qual o recebeo com tanta aſpereza, que não quiz ſe aſſentaſſe; em pé com ſemblante carregado, e palavras deſabridas lhe tomou a viſita, inſtigado do demonio, que preſentia jà o damno, que ſe lhe ſeguiria, ſe aquelle ſe converteſſe. Propoz-lhe o Religioſo o fim, que o trazia a ſua caſa, que era tirallo do engano, em que vivia, e cegueira, em que eſtava, adorando Chinas, e outras diabolicas invenções, com que o demonio procurava ſua perdição: que, ſe ſe baptizaſſe, conſeguiria aſſim toda a felicidade, adorando o verdadeiro Deos, que os Chriſtãos adorão. Apenas o Gentio entendeo que o perſuadia a ſer Chriſtão, indignou-ſe grandemente contra os interpretes, por terem levado o Religioſo a ſua caſa: a eſte deo trez empuxões, com que o deitou fóra della, e cerrou logo a porta, dizendo a grandes vozes, que ſe lhe tornaſſe a ir a caſa, lhe havia de tirar a vida, e a quantos com elle foſſem. Deo o Religioſo lugar àquella paixão, mas não deſiſtio de ſeu intento: em o ſeguinte dia foi ver-ſe com o Rei, a quem deo conta do que tinha paſſado com o Bexari; de que ficou o Rei tão ſentido, que mandou logo trez Fidalgos de ſua Caſa em companhia do Religioſo à daquelle Fidalgo, para que da ſua parte lhe diſſeſſem, que elle não obrigava a nenhum dos ſeus vaſſallos a ſer Chriſtão; porèm que aquelle Religioſo era hoſpede no ſeu Reino, e ſabendo ſe lhe fazia algum aggravo, não havia de ficar ſem caſtigo: que o ouviſſe, e déſſe a ſuas palavras a reſpoſta, que lhe pareceſſe.

3 Com o recado do Rei ſe abrandou o Bexari de tal ſorte, que elle meſmo foi fallar ao Religioſo com muita affabilidade, eſtiverão praticando toda a tarde. No diſcurſo da pratica, pelo differente modo, com que fallava, ſe conhecia jà que o Eſpirito Santo com ſua graça o hia alumiando; o que entendendo o Religioſo, começou a catequizallo, praticando-lhe os myſterios de noſſa ſanta Fé, e perſuadindo-o a que ſe fizeſſe Chriſtão, e deixaſſe os erros, com que o demonio o enganava. Niſto ſe gaſtou toda a tarde: a reſpoſta, que deo, foi dizer, que tinha ouvido tudo muito bem; mas que não de-

deferia logo a ſuas palavras; porque alèm de eſtarem preſentes os Fidalgos, que era tambem a viſita ſua, queria fallar com elle ſó, porque folgára muito de o ouvir, que elle o iria buſcar a ſua caſa. Com iſto ſe deſpedírão todos, o Bexari jà muito mudado, e o Religioſo não pouco contente, por ver hia jà Deos diſpondo aquelle Gentio para receber ſua ſanta Lei. No dia ſeguinte foi elle dar ſatisfação de ſi ao Rei, e taes praticas paſsárão entre ambos, que acabada a viſita foi Bexari buſcar ao Religioſo à caſa, onde eſtava, jà a horas de noite, dizendo que ſe tinha deliberado a ſer Chriſtão, e daquella hora cria, e confeſſava a Santa Fé Catholica, e nella queria viver, e morrer, e aſſim confeſſava a Jeſus Chriſto por Rei, e Senhor da Gloria, e que nelle eſperava ſalvar ſua alma, e gozar de ſua viſta eternamente.

4 A maior parte daquella noite gaſtou o Religioſo com Bexari, cathequizando-o, e inſtruindo-o nos Myſterios de noſſa Fé, e das obrigações da vida, que eſcolhia, e tudo o Gentio aceitava com grande vontade: ficou de pela manhã vir receber o Baptiſmo, e que o Rei havia de ſer ſeu padrinho, para effeito do qual lhe tinha jà fallado. Pela manhã veio logo à aldea veſtido de feſta ao uſo de ſua terra, e com grande acompanhamento foi buſcar o Rei a ſua caſa, em companhia do qual vierão à Igreja com grande alegria tocando inſtrumentos feſtivos, de que usão. Diſſe-lhe então o Religioſo, que ſe elle queria receber o ſanto Baptiſmo, como pedia, convinha primeiro lançar fóra todos os Idolos, Chinas, e outras ſuperſtições, que adorava, porque de outra maneira ſe não podia fazer Chriſtão. Ao que elle reſpondeo mui alegre, que não ſó ſe queria apartar daquellas couſas, mas que tambem todas lhas queria entregar, para que fizeſſe dellas o que melhor lhe pareceſſe. Entregou-lhe logo tudo, quanto elle mais eſtimava, que erão varias caſtas de nóminas, e bolſas de couro, que trazia ao peſcoço, do tamanho de huma mão, e outras de trez cantos muito bem feitas, e muitos chifres com muitos lavores, e depois de lhe entregar tudo, o baptizou, pondo-lhe por nome Boaventura.

5 Pouco depois vierão buſcar a eſte Religioſo à caſa, onde ſe recolhião os dous Gentios, parentes do Fidalgo, que ſe tinha baptizado, dizendo, que querião executar a vontade, e deſejos grandes, que tinhão de ſe fazerem Chriſtãos com toda a gente de ſuas caſas.

Em

Em prefença deftes, e de outros Gentios, que alli eftavão, foi o Religiofo quebrando os Idolos, e Chinas do Fidalgo, e com huma faca foi cortando as nominas, e bolfas, que ao pefcoço trazia, como os Chriftãos trazem Reliquias: em humas tinha varias caftas de unguentos, em outras papeis efcritos com regras às aveffas, que os Mandigas lhe tinhão dado, que são huma cafta de negros feiticeiros, que elles reverenceão por feus Padres. Dentro nos chifres eftavão huns pannos com fangue tão frefco, como fe o tiverão pofto alli aquella hora, de dentro dos quaes confeffou elle, que o diabo lhe fallava; e havendo mifter alguma coufa, logo hia fallar com aquelles chifres, e lhe refpondião. Os Gentios, que eftavão prefentes, vendo como o Religiofo defpedaçava aquellas Chinas, e invenções diabolicas, dizião huns aos outros, que aquella noite havia de morrer, e que os diabos o havião de vir bufcar; mas elle, que ifto ouvia, vendo a confiança, com que fallavão, poz tudo no fogo diante delles. Não deixou efta acção de fervir de defengano a muitos, por verem ficára com vida, porque daqui inferião, que aquellas coufas não tinhão força, ou poder para nada, e os que fe querião baptizar ficárão mui contentes, e em feus intentos mais confirmados. Servio efta conversão de meio para muitas; porque vendo os Gentios, que aquelle Fidalgo, entre elles tão principal, e poderofo, fe fizera Chriftão, muitos a feu exemplo vinhão procurar o Baptifmo, e antes de o receberem entregavão as Chinas, que adoravão, onde feria relação prolixa referir a quantidade de Chinas, que fe queimárão.

6 Occupado andava o Irmão Fr. André de Faro no exercicio de feu minifterio, baptizando a huns, e cathequizando a outros, quando lhe chegárão novas, que o Fidalgo Boaventura era morto de huma doença, que lhe dera, com que ficou o Religiofo mui confolado em ver que oito dias, depois de fe fazer Chriftão aquelle Fidalgo, lhe dera Deos aquella morte para o levar para fi. Foi logo a fua cafa com alguns Chriftãos, que o acompanhárão, amortalhou o corpo, trouxe-o à Igreja, e nella lhe deo fepultura na fórma, que fe ufa entre os Catholicos, de que não ficárão pouco edificados, affim os novos converfos, como os Gentios, de verem a piedade, com que entre os Chriftãos enterrão aos mortos. Paffado ifto, deixando o Religiofo fufficientemente inftruidos

dos

dos os novamente converſos nos Myſterios da Fé, e obrigação da vida, que eſcolhêrão, ſe reſolveo a entrar mais dentro pela Serra Leoa. No tempo, que reſolvia iſto comſigo, chegou ao porto huma canoa com gente do mais intimo daquella Serra, onde vinhão dous Chriſtãos, que ſabendo do Religioſo a vontade, que tinha, não ſó ſe offerecêrão para o levarem, mas tambem o perſuadião com inſtancia puzeſſe logo em execução aquelle ſeu intento. Embarcou elle na canoa pelo rio aſſima, que corre pela Serra Leoa: tomárão porto em hum ſitio, junto do qual eſtavão humas poucas caſas de Gentios, lançárão em terra, e em hum inſtante ſe vio o Religioſo rodeado de muitos delles, que admirados concorrião a vello por novidade. Perguntavão aos que o acompanhavão: Quem era, e ao que lhe reſpondião ficavão paſmados, dizendo, que lhes vinha fazer algum grande mal, e que alguma ruina grande havia de ſucceder na ſua terra aquelle anno, que lhes havia de faltar o mantimento, e havião de morrer de fome. Punhão os olhos no habito de burel, e dizião huns aos outros, que não lhes parecia Portuguez no trajo, nem elles ſabião de que nação pudeſſe ſer, que o levaſſem de ſuas terras, ſenão que todos infallivelmente alli morrerião. Embarcárão outra vez na canoa, e ſeguindo ſua derrota por junto da Serra, ſahírão em outro porto não muito diſtante, onde os dous Chriſtãos moravão, que era hum lugar, que ſe compunha de ſinco, ou ſeis caſas; e diſcorrendo o Religioſo por elle com ſeus interpretes, que levava, ſe vio com grande pena, por achar aquelle Gentio tão barbaro, que lhe tirava a eſperança de poder fazer nelle algum fruto.

7 Neſte tempo ſe chegou a elle hum homem mui riſonho, e contente, que lhe perguntou: *Padre, quem o trouxe a eſte lugar?* E não foi pequeno alivio para o Religioſo, que tão perplexo eſtava, ouvir quem lhe fallava na lingua Portugueza. Foi-ſe com eſte homem a ſua caſa, deo-lhe elle conta de ſua vida, dizendo, que era Portuguez de nação, e que por varios ſucceſſos da fortuna viera parar àquellas terras, onde vivia paſſava jà de vinte annos, ſem que no decurſo de todo eſte tempo tiveſſe algum Confeſſor, a quem confeſſar ſuas culpas, que jà que Deos lho trouxera, quando elle menos o eſperava, queria fazer huma Confiſsão geral de toda a ſua vida. Quando dizia iſto, moſtrava no roſtro huma alegria tão extraor-

ordinaria, que era baſtante teſtemunha da muita, que no coração lhe aſſiſtia: deo-lhe o Religioſo tempo para examinar a ſua conſciencia, no fim do qual o ouvio de Confiſsão. Depois de feita, armou o Religioſo huma caſa de madeira, forrada de eſteiras, que as fazem naquellas terras muito boas, e bem lavradas, diſſe nella Miſſa, deo-lhe a Communhão, e no meſmo dia à tarde eſcolheo huma das mulheres, que tinha para ſe receber com ella, a quem o Religioſo baptizou, e poz por nome Maria. Não cabia em ſi o Portuguez de alegria, deſabafava em continuas lagrymas: pedio-lhe que ſe dilataſſe alguns dias em ſua caſa, ao que o Religioſo condeſcendeo, gaſtando nella dezenove, no decurſo dos quaes cathequizou toda a ſua gente, que por todas forão vinte e ſete peſſoas. Mas como pelo conhecimento, que neſte tempo tomou da terra, alcançaſſe que aquelle Gentio por barbaro era incapaz de receber doutrina, aſſentou comſigo não paſſar adiante, e aſſim determinou recolher-ſe outra vez, diſcorrendo pelos Reinos, por onde jà tinha andado. E para que veja o Leitor quão incapaz he eſta gente de poder fazer nella impreſsão alguma doutrina, daremos aqui huma breve noticia deſta Serra. Principia ella em huma barra, junto da qual corre huma ribeira de agua doce, que chamão a Aguada, em razão de que todas as náos, que paſsão para a Mina, e India Oriental fazem aqui aguada: deſta barra entrão pela terra dentro muitos rios, que repartidos em muitos braços, rodeão por muitas leguas aquella Serra. He toda melancolizada, e ſombria pela muita obſcuridade, que alli ha, cauſada das continuas nevoas proprias daquelle clima. Abunda porèm de muito arvoredo frutifero, no qual são mais celebres, aſſim pela excellencia do fruto, como pela quantidade, que ha, humas figueiras, que chamão bananeiras, a cujo fruto chamão banana, e outros pomo do Paraiſo, tendo para ſi ſer eſte o que foi vedado a noſſos primeiros pais. E na verdade, que não tem pouco fundamento eſta opinião, porque o fruto he formoſo à viſta, e ſaboroſo ao goſto, qualidades, que tinha o do Paraiſo. [a] Demais, que baſtão duas folhas deſta arvore para cubrirem a hum homem, e he o que diz o Texto do Geneſis, [b] que ajuntárão folhas de figueira, e cubrírão-ſe com ellas.

[a] Geneſ. c. num. 6.

[b] Ibi num.

8 Não dão no anno mais que huma pinha de pomos, que pouco mais, ou menos terá oitenta pegados em huma groſſa

haſ-

haſte, em cujo remate naſce huma flor roxa: em o fruto amadurando, logo ſe ſeca a figueira, mas do pé della naſce logo outra, ſem que lhe fação algum beneficio. O mais particular deſta arvore he, que o ſeu fruto, como uniformemente dizem os que o experimentárão, cortando-o de alto a baixo, quantas talhadas fazem, ſe vê em cada huma dellas huma Cruz com a imagem de Chriſto crucificado. No mais interior da Serra he mais denſo o mato, por entre o qual vive o Gentio, ſem ter trato, ou communicação com nação alguma; em tudo o que propriamente he Serra não ha povoação, quando muito ſe vem juntas quatro, ou ſinco caſas, que são de folha de palma, e eſtas no mais eſpeſſo do boſque; e para que ninguem ſaiba delles, tem cuidado de tapar os caminhos: aſſim vivem no interior daquella Serra, como brutos. Com eſte ſeu retiro, e modo de viver impoſſibilitão ſua converſão, por cuja cauſa o Irmão Fr. André de Faro não paſſou adiante, como intentava, tanto que tomou conhecimento da terra.

CAPITULO XXX.

Do que obrou o Irmão Fr. André de Faro na volta, que fez da Serra Leoa a Cabo-Verde.

1 RESoluto Fr. André de Faro a voltar-ſe, por não ter eſperanças, que pudeſſem ſer de effeito a diſcorrer pelo interior da Serra, ſe embarcou para os Rios dos Cazeres, onde achou ſete navios Portuguezes, que das partes de Cacheu tinhão vindo àquelles rios, em razão do contrato; com que não ficou pouco contente, porque ſeguindo ſua derrota, podia fazer algumas entradas nas aldeas daquelles rios, em quanto os navios ſe detinhão em fazer carga. Depois de adminiſtrar os Sacramentos a ſeiscentos Chriſtãos, que nelles vinhão, fez a primeira entrada no porto de Canchimpim, onde achou huma Igreja feita; alèm dos muitos Chriſtãos, naturaes da terra, que nella confeſſou, ſó nos primeiros dias forão ſincoenta os que ſe baptizárão. Em quatro mezes, que os navios ſe deliverão neſtes Rios dos Cazeres, diſcorreo ſem ſocego, nem hora de deſcanço pelas mais das povoações, e aldeas delles: os que converteo à noſſa Santa Fé, em varias entradas, que fez, en-

chêrão o numero de duzentos, alèm do trabalho, que teve em reformar a vida de alguns Portuguezes, que assim nestas, como em outras partes vivem entre os Gentios tão descuidados de sua salvação, como se qualquer fora hum delles.

2 No fim do dito tempo, como os navios tivessem carga, foi forçoso vir-se com elles: embarcou em hum, que demandava o Rio Grande, porque tinha aviso daquellas partes dos muitos, que o esperavão para se fazerem Christãos. Depois de oito dias de jornada avistárão as Ilhas, a que chamão os Idolos, ou as Trez Irmans, no qual porto deitárão ferro, onde de huma náo Ingleza, que estava defronte ancorada, vierão buscar ao Religioso por parte de hum Inglez Catholico Romano, que estava à morte, e lhe pedia o visitasse. Chegou elle à náo, recolheo-se a hum camarote, onde o enfermo estava, e alli lhe ouvio huma Confissão geral de toda a sua vida, depois da qual mandou logo o enfermo chamar o Capitão, a quem com muita humildade pedio perdão, e aos mais navegantes, que com elle hião. Depois desta acção, que fez de verdadeiro Catholico, se declarou com o Capitão, dizendo-lhe que o era, e que se lhe não dava que os mais Inglezes o soubessem; antes que a sua maior gloria seria, que todos por tal o conhecessem.

3 Não ficou o Capitão mui contente, nem olhava jà ao Religioso com aquelle agrado, com que o recebêra ao entrar de seu navio; porèm elle hia por extremo satisfeito com o fruto, que tinha tirado de sua jornada, que não foi só o referido, mas tambem que depois de acabada a Confissão, em huma pratica, que teve com hum Inglez, assistente ao enfermo, o tirou de seu erro, reduzindo-o a que se baptizasse, o que elle logo fez, pedindo segredo ao Religioso, e que o não soubesse o Capitão do navio atè elle poder sahir em terra. Recolheo-se o Irmão Fr. André de Faro para o seu navio, que para fazer jornada não esperava mais, e depois de vinte e sinco dias de viagem chegou ao Rio Grande, aportou no sitio de Ginalda, onde logo o Religioso sahio em terra. Tanto que souberão de sua vinda, forão muitos os que concorrêrão, huns a pedir o Baptismo, outros, que erão jà Christãos, a receber os Sacramentos da Penitencia, e Eucharistia; e ainda alguns, que por falta de Sacerdote estavão só desposados, recebêrão o do Matrimonio.

4 Não he possivel dizer-se o grande fruto, que fez neste Rio

Rio Grande; porque como o Rei era Christão, e muito amigo dos Portuguezes, todos o imitavão, com que forão innumeraveis os que se convertêrão. Aqui se deteve, atè que chegando-se o tempo de se achar com seu companheiro Fr. Salvador de Taveiro em Cacheu, que assim o tinhão ordenado, fez viagem para aquella povoação, onde poucos dias depois de sua chegada aportou tambem o companheiro. Não tinha este trabalhado menos na conversão das almas, assim no Rio do Nuno, onde tinha ficado, quando se apartárão, como nas partes da de Ponga, para onde se embarcou, que são huns rios, que ficão do Rio Nuno ao Sul, porque assim em hum, como nos outros foi grande a conversão dos Gentios. Huma das mais celebres que fez, foi no mesmo Rio do Nuno, em hum lugar, em que assistia o Rei daquella terra; porque tendo noticia de hum Fidalgo rico, e poderoso, que alli vivia, e trazia sempre comsigo sessenta homens de sua guarda, entre criados, e cativos, com os quaes se tinha feito salteador, não tendo outro officio mais, que andar pelos caminhos apanhando negros para os vender aos brancos, intrepidamente o foi buscar, e com tanta efficacia lhe estranhou a vida, que fazia, que movido o Gentio da reprehensão, pedio com muita humildade o Baptismo. Cathequizou-o o Religioso, e depois de sufficientemente instruido nos principaes Mysterios de nossa Santa Fé, lhe deo o Baptismo, pondo-lhe por nome Francisco, o qual dalli em diante viveo tão differentemente, que atè os mesmos Gentios se admiravão, e muitos a seu exemplo vinhão baptizar-se, movidos de huma mudança tão grande.

5 Juntos em fim os dous Religiosos no Hospicio da Piedade, da povoação de Cacheu, se recolhêrão para o Convento de Cabo-Verde, depois de haverem gastados dous annos na terra firme de Guiné, quaes forão os de 1663. e o de 64. No decurso destes forão innumeraveis os trabalhos, que padecêrão, assim pelo mar, como pela terra; mas não intimidão estes aos Religiosos de Cabo-Verde, porque atropellão todos por continuarem este ministerio: tanto assim, que em se recolhendo dous, logo sahem outros continuar a Missão, com que poucas vezes se vê Guiné sem Missionarios do Convento de Cabo-Verde. Os dous, de que escrevemos atè agora, de Cabo-Verde voltárão ao Reino, e na Provincia acabárão louvavelmente, o Irmão Frei An-

André de Faro no nosso Convento de Béja no anno de 1678.

CAPITULO XXXI.

De dous Ministros Provinciaes, que consecutivamente teve a Provincia.

1658 1 POr morte do Irmão Fr. Diogo de Lagos, que succedeo em Villa-Nova aos 12. de Abril de 1657. elegêrão os Vogaes em Vigario Provincial, para complemento do triennio, ao Irmão Fr. João de Estremoz, que em pouco mais de hum anno, que governou a Provincia, mostrou tanto zelo, e madureza unida a huma affabilidade, que fora bastante a aliviar a saudade, que tinha deixado o Provincial, a quem substituio, a não ser sua morte tão sentida. No fim do triennio visitou a Provincia o Irmão Frei Antonio da Purificação, Provincial da Santa Provincia da Arrabida, com authoridade para presidir no Capitulo *cum plenitudine potestatis* pelo Eminentissimo Senhor Francisco Barberino, Cardeal Protector da nossa Religião Serafica. Concluida em breve a Visita, convocou os Vogaes para o nosso Convento da Piedade, onde no primeiro de Junho de 1658. sahio eleito, com geral approvação de todos, o Irmão Fr. Pedro de Vianna, Prégador, e hum dos que mais frequentárão em seu tempo o pulpito com maior applauso. Por Definidores sahírão os Irmãos Frei Manoel de Evora, Fr. Manoel de Moura, Prégadores, Frei Antonio de Lagos, Fr. Francisco de Lisboa, e por Custodio Fr. João de Estremoz, que acabava de Vigario Provincial.

Fr. Pedro de Vianna Provincial 46.

2 Dilatou se neste triennio a Congregação, porque o Irmão Provincial Fr. Pedro de Vianna, indo na segunda Visita, adoeceo no Algarve no nosso Convento de Villa-Nova, onde esteve assim enfermo desde Novembro atè o mez de Março. Depois que convaleceo, e pode acabar a segunda Visita, celebrou a sua Congregação em Villa-Viçosa a 3. de Abril de 1660. De seu tempo não temos cousa digna de memoria, sabemos porèm que governou com tanto acerto, prudencia, e agrado de todos os Religiosos, que ainda hoje vive seu nome muito na lembrança, nem acabará na Provincia tão facilmente. Concluido seu governo aos 30. de Julho de 1661. se celebrou Capitulo Provincial na Piedade de Villa-Viçosa, havendo visitado a Provincia o carissimo Irmão Fr. Vicente do Espirito Santo, Vigario do Hospital Real, e Enfermaria de Lisboa, Custodio, que

que havia ſido da Provincia da Arrabida: preſidio nelle o dito Padre, por auctoridade do Cardeal Protector. Neſte Capitulo ſómente ſe achárão dous Religioſos dos que no Capitulo paſſado tinhão ſido eleitos para a Meza: convem a ſaber, o Provincial Fr. Pedro de Vianna, e o Definidor mais moço Fr. Antonio de Lagos; os outros trez Definidores, e Cuſtodio havião falecido antes de ſe acabar o triennio, por cuja morte para votarem em Capitulo vierão quatro ſubrogados. Sahio eleito em Miniſtro Provincial o Irmão Fr. Franciſco de Serpa Prégador; em Definidores os Irmãos Fr. Daniel de Portalegre, Fr. João de Chaves, Fr. Paulo de Arraiolos, e em Cuſtodio o Irmão Fr. Nuno de Fronteira Prégador.

nc. a cial

3 Concluidas as Actas Capitulares, ſe recolhia o Irmão Fr. Vicente do Eſpirito Santo para a ſua Provincia, levando o agrado geralmente dos Religioſos da Piedade; porque em todas as ſuas diſpoſições, e modo de proceder foi mui aceito. Chegando ao noſſo Convento de Santo Antonio de Evora, enfermou gravemente; e cedendo ao pezo da doença, foi receber o premio de ſeu trabalho, e religioſo procedimento: cuja morte foi mui ſentida de toda eſta Provincia; que como levava de todos o agrado, claro eſtá que a todos havia de deixar ſua morte ſentimento. No tempo, que ſe celebrou eſte Capitulo, ſe achava a Provincia mui falta de Prégadores, por cuja cauſa todos os Vogaes uniformemente pedírão ao Provincial metteſſe hum Curſo de Artes: o que ſe poz em execução a 9. de Outubro de 1662. deputando-ſe para Caſa do eſtudo a de Valverde, por mais retirada; mas como he tão doentia, proſeguírão os eſtudantes em o Convento de noſſo Padre S. Franciſco de Elvas, tendo por Meſtre ao Padre Fr. Domingos dos Prazeres da Santa Provincia dos Algarves. Fez a ſua Congregação o Irmão Fr. Franciſco de Serpa, em que preſidio por authoridade do Cardeal Protector a 3. de Março de 1663. em a Piedade de Villa-Viçoſa. Em ſeu tempo ſe aceitárão duas Caſas, ſendo a Arrifana a primeira dellas.

Fundação do Convẽto de Santo Antonio de Arrifana.

4 Deſejavão muito os moradores da Arrifana (Lugar rico no territorio do Porto) ter hum Convento da noſſa Provincia; e ſabendo ſe celebrava Capitulo em Villa-Viçoſa, eſcreveo a Camera huma carta, em que vinha aſſinada a principal nobreza: pedindo aos Vogaes quizeſſem aceitar na ſua terra hum Convento; que ſeria nella mui importante, por ſer mui po-

povoada, e não haver outro, onde pudeſſem frequentar os Sacramentos, como deſejavão. Offerecião ſitio, onde quer que o eſcolheſſem os Religioſos, que para iſſo deputaſſe a Provincia, promettendo todos concorrerem para a fundação, de ſorte que em breve tempo ſe acabaſſe; e juntamente conſignárão logo eſmola ordinaria para ajuda da ſuſtentação dos Religioſos nelle moradores. Aceitárão os Vogaes a offerta, e determinou-ſe, que indo o Irmão Provincial em viſita, chegaria a Arrifana a eſcolher ſitio, e deixaria logo Religioſos, que deſſem principio à fundação. Aſſim ſe fez; porque chegando o Irmão Frei Franciſco de Serpa em a ſua primeira viſita ao Porto, dalli paſſou a Arrifana, e eſcolheo o ſitio, que lhe pareceo mais accommodado, que deo Ignacio de Andrade e Abreu, morador daquella Villa, e hum dos principaes della; e não ſómente deo o ſitio, mas tambem foi dos que mais concorrêrão com ſuas eſmolas para a fundação. Suppoſto porèm que tudo iſto paſſou no anno de 1661. não ſe lançou a primeira pedra ſenão em o de 1663. gaſtando-ſe todo eſte tempo em ſe tirarem as licenças neceſſarias para a nova fundação, e em ſe ajuntarem os materiaes para a obra: eſtá com tudo hoje o Convento perfeitamente acabado com excellente cerca para alivio, e divertimento de treze atè quatorze Religioſos, que o habitão, a quem o povo ſuſtenta liberalmente. He nelle o Orago Santo Antonio: o Padroado da Capella mór deo-ſe a Dom Franciſco de Ataíde, que por eſſe effeito o dotou, conſignando eſmola de todos os annos para ſeu ornato.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Guimarães.

5 No meſmo anno, que lançárão a primeira pedra em o Convento da Arrifana, a lançárão tambem em outro Convento, que temos em Guimarães, Villa principal do Reino em o Arcebiſpado de Braga; cujos moradores, não obſtante terem jà na dita Villa dous Conventos de Religioſos, hum de noſſo Padre São Franciſco da Santa Provincia de Portugal, e outro de noſſo Padre S. Domingos, pedírão em o Capitulo, em que ſahio em Provincial o Irmão Fr. Franciſco de Serpa, quizeſſemos ir fundar naquella ſua Villa. Fundou-ſe eſte junto dos muros da Villa; e no dia, em que ſe lançou a primeira pedra, moſtrou bem o povo o goſto, e vontade, com que nos recebia; porque em huma Procisſão, que ordenárão da Villa ao ſitio deputado para o Convento, hião variedade de danças, e outras invenções feſtivas.

tivas. Não tem o Convento Padroeiro particular; foi edificado com eſmolas do povo, que em poucos annos o aperfeiçoou: he dedicado a Santo Antonio, e acode com grande pontualidade o povo com todo o neceſſario para a ſuſtentação de quinze, ou dezeſeis Religioſos, que commummente vivem nelle.

CAPITULO XXXII.

De alguns Religioſos de approvada vida, que florecêrão neſte tempo.

1 NO tempo do Irmão Provincial Fr. Franciſco de Serpa acabárão com fama de approvada ſantidade muitos Religioſos, que a florecerem em outra parte, onde ſe cuida mais deixar em memoria as acções heroicas de virtude, não faltára materia para a eſcritura, e maravilhoſos exemplos para os vindouros; compomonos porèm com eſta mágoa, pois he irremediavel, por mais que a choremos. Entre eſtes tem primeiro lugar, quanto ao tempo, o Irmão Fr. João de Atouguia (que he hum pequeno lugar no Biſpado de Leiria) Frade leigo, e tão perfeito, que jà no eſtado de ſecular ſervia a todos de exemplo. Da pureza era tão vigilante, que eſtando ainda em o mundo, ſe pelo caminho ſe encontrava com alguma mulher, ſe apartava da eſtrada, querendo antes ir pelos tojos que ter encontro ſemelhante; e depois na Religião, para melhor guardar eſta virtude, ſe mortificava com continuos jejuns, e extraordinarias diſciplinas. Era profundamente humilde, donde lhe naſcia hum grande deſejo, que tinha de ſe ver de todos deſprezado: trazia ſempre o habito mais vil, e remendado, e ainda deſte ſe julgava indigno. A eſta virtude da humildade ajuntava huma notavel reverencia, que tinha aos Sacerdotes, diante dos quaes não ſó não fallava, mas quando reſpondia, era conſtrangido.

ão de
guia
lei-

2 Foi tão extremado na obediencia, que fazia diligencias por conhecer a vontade do Prelado; donde vinha não ſer neceſſario mandallo para obedecer, porque ſó baſtava conhecella, para pôr logo em execução o que o Prelado queria. O mais do tempo vacava à oração, e contemplação das couſas celeſtiaes, pelo que em huma noſſa cerca poz debaixo de huma lapa huma Imagem de noſſo Serafico Padre S. Franciſco, tão devota, e ſolitaria, que infundia devoção, e hum grande deſejo da ſoledade: aqui gaſtava todo o tempo, que podia furtar às obrigações de ſeu eſtado, a que não faltava, an-

tes com grande pontualidade as cumpria. Era tão inimigo da ociosidade, que o tempo, que lhe sobejava da oração, à imitação dos antigos Padres do Ermo, gastava em fazer cestinhos, o que tambem fazia pelo tempo do silencio meridiano, quando os outros Religiosos repousavão; nem houve algum, que o visse ocioso. Poz sempre particular cuidado em a guarda da lingua, sabendo que esta, como diz o Apostolo Sant-Iago, he huma universidade de maldades; sómente fallava aquellas palavras, que erão necessariamente precisas, e as que fallava depois de constrangido erão tão advertidas, que dizião admirados os que o ouvião, que logo mostravão serem palavras de homem santo.

3 Os seus jejuns erão continuos, porque alèm do Advento, e Quaresma maior, jejuava as Quaresmas da Ascensão do Senhor, dos Anjos, e da Epifania, e nesta passava só com huma tigela de caldo; e ainda que fizesse jornadas compridas, não deixava de jejuar, antes em casa dos seculares era seu jejum mais rigoroso, que como não tinha outra cousa, passava só com pão; e quando muito, com alguma fruta mais, se a havia, fugindo a tudo o que podia ser regalo. Finalmente esta era a sua vida, servir a todos, ouvir Missas, assistir no Coro, e contemplar em Deos. Em a occupação destes santos exercicios o achou a ultima enfermidade, e logo o servo de Deos conheceo que era a ultima, pedio perdão aos Religiosos de suas culpas com tanta humildade, e submissão, como se na verdade lhes tivera sido na vida escandalo, quem fez huma vida, que assim em hum, como outro estado, tinha servido a todos de exemplo. Recebeo com grande devoção os Sacramentos, depois do qual tendo na mão direita huma Imagem de Christo crucificado, e na esquerda hum livrinho, que continha a Regra, e sempre trazia comsigo, sem embargo de que tinha, quando são, algum embaraço na lingua, com huma expedita, e alta voz começou a fallar com o Santo Christo com palavras de muita ternura, pedindo-lhe perdão de todos os defeitos, que tinha commettido contra aquella Regra, que professára: o que disse com tanta força, e vehemencia de espirito, que deixou aos circumstantes admirados, e igualmente compungidos. Pouco depois deste devoto colloquio, que teve com Deos, partio do desterro para a celeste patria, anno do Senhor 1662. em o nosso Convento de Thomar, onde tem sua sepultura.

4 Em

4 Em o ſeguinte anno de 1663. no Convento de Santo Antonio do Porto trocou a preſente pela melhor vida o Irmão Fr. Pedro de Sima do Douro, natural de S. João das Caldas, Biſpado de Lamego, hum dos mais perfeitos Religioſos, que florecêrão neſtes ultimos tempos. Poz particular cuidado toda a ſua vida em adquirir as virtudes, e trabalhou niſto tanto, que alcançou muitas em grão ſubido: era ardente ſua caridade, aſſim para com Deos, como para o proximo, eſtremada ſua pobreza, na obediencia prompto, e na mortificação ſingular. O ſeu mais frequentado exercicio era a oração, e contemplação, neſte gaſtava todos os dias doze horas; para cujo effeito quando os mais Religioſos ſe recolhião depois de Matinas, elle ſe ficava no Coro, onde perſeverava de joelhos atè ir dizer Miſſa, que ſempre era a ultima, e depois de ter ouvido as de todos. Quando era Guardião, que o foi muitas vezes, não queria que ſe diſſeſſem duas Miſſas a hum meſmo tempo: tinha ordenado que não entraſſe huma, ſem que primeiro ſahiſſe outra; então no fim entrava elle; o que tudo fazia por ouvir todas as Miſſas, que ſe diſſeſſem. Finalmente deſde Matinas, atè que com os Religioſos entrava no Refeitorio, não faltava em o Coro, mais que aquelle tempo, que eſtava em o Altar dizendo Miſſa. Aſſiſtia com grande devoção, e ternura neſte altiſſimo Sacrificio, a que era tão propenſo, que eſtando hum tempo com huma grande chaga em mãos de Cirurgião, e bem debilitado nas forças, acabada a cura, levantava-ſe da cama, e hia ao Coro ouvir Miſſa; ſómente no dia, em que morreo, deixou de a ouvir, rezou porèm todo o Officio Divino.

edro / ia do / Sa / e.

5 Os favores, que recebia de Deos na oração, ſabia-os tão bem encubrir, que ainda que ſe ſuſpeitavão, não ſe podião alcançar: ordinariamente, quando eſtava orando, e chegavão os Religioſos a fallar-lhe, notavão elles, que nunca jà mais reſpondia a propoſito do que lhe dizião; como homem alienado de ſeus ſentidos. Toda ſua vida foi huma extraordinaria abſtinencia; porque nunca comeo carne, nem peixe, nem bebeo vinho: e para diſſimular eſta ſua mortificação, tomava o prato como os mais Religioſos; detinha-ſe com a couve, que nelle hia, ou outras algumas hervas, ſe as levava, e não tocava na carne; dava-lhe voltas em o prato, tirando-lhe alguns oſſos, para moſtrar aſſim que comia. Soccorria ſua neceſſidade com pão, e agua,

e alguma fruta; mas disto tomava tão pouco para sustento do corpo, que mais parecia enganallo, que soccorrello; e supposto que ficava assim jejuando todo o anno, tinha com tudo alguns jejuns particulares, em que se tratava com mais rigor; como era a Quaresma da Epifania, e nesta abstinencia perseverou atè à morte. Sendo para si tão rigoroso, para os outros era muito brando, e benigno, folgava que tivessem o necessario, e quando era Prelado, lhes fazia alguns mimos; e assim neste officio, como no de Porteiro, qualquer cousa, que lhe mandavão, fazia que chegasse a todos, assim leigos, como noviços; que algumas vezes, por ser limitada, não se duvida que na repartição interviesse milagre.

6 Sendo Prelado, fazia mui pouca diligencia pelo sustento dos Frades, assim pela confiança, que tinha na Providencia Divina, que nem ao mais vil bichinho falta, como tambem por se não divertir da oração; porque só nesta lhe parecia approveitava o tempo. Tinha porèm Deos cuidado de tal sorte de lhe mandar todo o necessario a casa, que os Conventos, onde foi Guardião, forão sempre os mais abundantes. Aos jejuns continuos ajuntava rigorosas disciplinas, e outras penitencias; o pouco sono, que tomava antes de Matinas, que depois dellas nenhum tomava, como temos dito, era sobre huma cortiça; e depois de velho, e enfermo, para trazer sandalias foi necessario obrigallo o Prelado por obediencia. Por humilde não podia acabar comsigo ser Guardião, tendo-se por indigno; e algumas vezes, que o foi, e Definidor, obrigavão-o com todo seu poder os Prelados maiores: sentindo nesta fórma de si, differentemente sentia dos outros; porque tudo o que nelles via, lhe parecia bem, desculpando sempre alheios defeitos. Era notavel seu recolhimento, porque rara vez sahia do Convento, salvo o amor do proximo o obrigava, buscando-o alguns para lhes patrocinar suas petições, especialmente em quanto viveo no Porto, por conhecerem a devoção, que lhe tinha o Governador daquella Cidade D. Alvaro de Abranches, pelo grande conceito, que formava de sua virtude.

7 Nunca esteve ocioso, porque na cella gastava o tempo ou lendo, ou meditando: sendo Guardião, velho, e enfermo, não consentio nunca que os Coristas lhe lavassem a sua roupa, elle mesmo a lavava. Hum caso lhe succedeo, que os Religiosos, que o virão, o tiverão por milagre, e por tal o escre-

crevemos : foi elle, que vindo de Villa-Viçofa, onde tinha ido votar a Capitulo no anno de 1655. em que fahio eleito em Miniftro Provincial o Irmão Fr. Diogo de Lagos, e elle acabava de Guardião do Porto, chegou ao noffo Convento de Thomar, de caminho para o de Coimbra, para dahi paffar ao do Porto, onde o fazião morador; e querendo fazer jornada na vefpera do Corpo de Deos, os Religiofos o diffuadião, dizendo-lhe que não era bem que ficaffe em hum dia tão folemne fóra do Convento. A ifto refpondeo o fervo de Deos que o dia de Corpus Chrifti havia de ter em o Convento de Coimbra, e que Deos o havia de ajudar, para que naquelle dia pudeffe vencer toda a jornada. Partio em fim, como determinava, mas fem que os Religiofos fe perfuadiffem que chegaffe naquelle dia ao Convento dos Olivaes, por ferem de Thomar a Coimbra doze legoas, jornada, que não faz nenhum Religiofo em hum dia, por mais robufto, que feja, quanto mais quem andava tão debilitado, e macilento das continuas, e rigorofas penitencias, que fazia. Depois da fefta do Corpo de Deos partírão dous Religiofos do mefmo Convento de Thomar para o de Coimbra, onde a obediencia os fazia moradores, forão inquirindo pelo caminho, por verem fe achavão alguem, que lhes déffe noticias, que paffaffe por alli algum Religiofo; não encontrárão quem déffe razão delle, mais que em huma quinta junto a Coimbra, onde fe tinha detido algum tempo, e achárão depois no Convento que tinha chegado a mui boas horas, de que ficárão grandemente admirados, attribuindo-o a milagre; porque confiderada a qualidade do fujeito, e diftancia do lugar, lhes pareceo que não podia aquillo fer naturalmente.

8 De Coimbra foi morador para o Porto, onde viveo alguns annos, e neftes continuava mais feus fantos exercicios: todos os dias de tarde hia à cerca; jornada que o obrigava a fazer huma particular devoção, que tinha à Virgem Maria Senhora noffa, e em huma Hermida, que ainda hoje perfevera naquella cerca, gaftava a maior parte da tarde em foberanos colloquios diante de huma Imagem, que alli eftava, da Senhora. Na vefpera de fua morte, indo fazer efta fua coftumada vifita, vendo-o hum Religiofo, e compadecendo-fe de fua fraqueza, lhe perguntou para onde hia, a que o fervo de Deos refpondeo: *Vou dar o ultimo vale à minha Senhora,*

por-

porque a não hei de ver mais neste mundo. Assim foi, porque no dia seguinte pedio o Viatico, que recebeo com grande devoção de joelhos fóra do leito, e da mesma sorte o Sacramento da Extrema-Unção, rezando com os Frades os Psalmos Penitenciaes, e affirmando que brevemente havia de morrer, dahi a poucas horas entregou a alma nas mãos de seu Creador. As cousas de seu uso, não só depois de morto, mas ainda em vida, erão dos seculares pedidas, e como reliquias veneradas.

CAPITULO XXXIII.

De mais alguns Religiosos deste tempo.

1 QUasi pelo mesmo tempo resplandeceo em grande perfeição de vida o Irmão Fr. Pedro de Louza, Confessor, ministerio, que exercitava com tanta devoção, e espirito, que obrou Deos por seu meio grandes conversões em os penitentes; e supposto que não houve em seu tempo quem frequentasse mais o Confessionario, não lhe tirava este trabalho a assistencia no Coro, porque se achava a todas as horas. Foi amicissimo da santa oração, onde suspirava a Deos; hia para o Coro às dez horas, e ahi estava orando atè à meia noite, que os Religiosos entravão a rezar Matinas, às quaes sempre assistia com grande devoção; e fóra deste tempo, o que mais podia furtar às occupações de seu officio, e às assistencias das Communidades, gastava neste santo exercicio, que todo para elle lhe parecia pouco. Os seus jejuns de pão, e agua, que tinha por todo o decurso do anno, erão mui continuos, e rigorosos, e muito mais às segundas, quartas, e sextas feiras do Advento, e Quaresma. Era de prompta obediencia, profunda humildade, estremada pobreza, e de outras muitas virtudes, que constituem hum perfeito Religioso.

Fr. Pedro de Louza Sacerdote.

2 Sendo Guardião em Faro no Reino do Algarve, confirmou Deos com hum milagre, que obrou por meio deste Religioso a opinião, que delle tinhão em aquella Cidade; e foi, que como obrigado dos Frades fosse huma tarde visitar Maria Coelha, grande bemfeitora do Convento, a achou mui afflicta, porque naquella hora tinha sahido de sua casa o Cirurgião resoluto a lhe cortar hum braço, em que tinha erpes, na visita, que lhe fizesse de manhã. Compadeceo-se o santo Religioso da afflicção, em que a via, tanto por considerar que havia de ficar sem hum braço, como pe-

lo

lo horror, que lhe fazia a dor; que ſentiria em lho cortarem. Fez-lhe o ſinal da Cruz ſobre elle, e naquella noite melhorou de ſorte, que vindo de manhã o Cirurgião, e achando aquella melhoria repentina, quando vinha preparado para lhe cortar o braço, lhe perguntou que lhe fizera. Ao que reſpondeo a enferma que nenhuma couſa, e que ſó o Guardião de Santo Antonio lhe fizera huma Cruz ſobre elle. Ficou o Cirurgião admirado, julgando que aquella melhoria tão repentina não podia ſer ſem milagre. Neſta opinião perſeverou eſte Religioſo, atè que carregado de annos, e merecimentos, o levou Deos lograr o premio de ſeus trabalhos.

3 Em o Convento de Santo Antonio de Evora, outro Religioſo, Confeſſor tambem por officio, acabou ſeus dias, não com menor fama de ſantidade. Chamava-ſe elle Fr. Gaſpar de Caſtello Mendo, Villa no Biſpado da Guarda; foi mui auſtero, e penitente, o ſeu comer era muito pouco, os jejuns mui continuos, e na Quareſma da Epifania, que ſempre jejuou, ſe ſuſtentava ſómente com huma tigela de caldo, que tirava da panela, que neſta Provincia coſtumão os cozinheiros fazer para os pobres, nem queria outra alguma couſa. Todas as noites fazia duas rigoroſas diſciplinas, huma à prima noite antes de ſe recolher, outra depois que ſahia de Matinas, alèm das que fazia com os mais Religioſos na Communidade; com o que trazia o corpo tão debilitado, e fraco, que ſe via bem o rigor, com que o tratava. Era mui benigno, brando, e ſincero, eſpiritual, e devoto, por cuja razão o fizerão muitas vezes Meſtre de noviços, que creou com toda a vigilancia, ſervindo ſua vida, e exemplo de reprehensão aos frouxos, e ſuas praticas eſpirituaes de fogo, com que encendia aos tibios. O ſeu exercicio mais quotidiano, e o que mais praticava aos noviços, era o da ſanta oração, neſte gaſtava todo o tempo, que podia tirar a ſuas occupações preciſas, e o que de noite podia furtar ao ſono; porque depois que aſſiſtia a Matinas com os mais Religioſos, recolhendo-ſe os outros para as cellas, elle ſe ficava em o Coro atè pela manhã orando. Com tanto fervor vacava a Deos, que o achárão muitas vezes ſem ſentidos. Sendo Meſtre de noviços em Villa-Viçoſa, o mandou chamar em huma occaſião o Guardião do Convento por hum delles; entrou o noviço no Coro, onde achou ao Meſtre orando, deo-lhe o recado; e cuidando que ouvíra, ſe ſahio

aſpar ſtello lo dote.

hio fóra. Eſperava o Guardião que vieſſe ; mas como vio que ſe detinha, enviou ſegunda vez o meſmo noviço, que o chamaſſe, o qual como viſſe que não fazia o Meſtre movimento algum ao recado, que lhe dava, chegou-ſe mais perto, e achou que eſtava totalmente ſuſpenſo, ſem dar razão do que paſſava : então pegando-lhe o noviço de hum braço, o deſpertou, e tornando em ſi, veio logo com toda a pontualidade, onde a obediencia o chamava.

4 Outra vez morando em o Convento de Santo Antonio de Evora, quando os Caſtelhanos no anno de 1663. vierão ſitiar eſta Cidade, como em effeito a entrárão, apparecendo o exercito à viſta della, o mandou chamar o Guardião para tomar com elle parecer ſobre ſe havião de deixar o Convento, por eſtar mettido em hum forte ; e entrando na ſua cella o Religioſo, que lhe levava o recado, o achou em extaſe diante de hum Crucifixo, que tinha no Oratorio, e levantado por hum grande eſpaço da terra. Eſte era o fervor, com que orava, e neſte continuou o pouco tempo, que depois diſto viveo ; porque vindo o noſſo exercito reſtaurar Evora, coube o combate do forte aos Inglezes, que pela noſſa parte militavão, que entrando-o brevemente, como fizeſſem o meſmo pelo interior do Convento, diſparando contra os inimigos tiros de moſquete, encontrou huma bala a eſte Religioſo, que o ferio em hum braço, de cuja ferida dahi a alguns dias morreo em o mez de Julho do ſobredito anno de 1663. recebidos primeiro com grande devoção os Sacramentos.

5 Em o ſeguinte anno de 1664. paſſou tambem a lograr o premio de ſeus trabalhos, que tinha bem merecido em muitos annos, outro perfeito Religioſo chamado Fr. Gaſpar de Arrifana, Lugar em o Biſpado do Porto. Foi dotado de huma ſimplicidade columbina, alicerce, e fundamento, onde aſſentavão outras muitas virtudes, de que o dotou a poderoſa mão do Altiſſimo. Na humildade era profundo, donde lhe naſcia occupar-ſe nos officios mais baixos do Convento, de tal ſorte, que quando os hião fazer os Coriſtas, a cuja conta eſtavão, já lhes tinha ganhado de mão ſua diligencia : ainda ſendo muito velho, e debilitado, hia à cerca, e fazendo feiches dos chamiços, que nella ajuntava os trazia às coſtas ao cozinheiro. Ao paſſo que nelle creſcia o amor de Deos, creſcia tambem o do proximo ; donde lhe procedia deſejar a todos, como outro S. Paulo, [a] nas entranhas de

Fr. Gaſ[par] da Arrifa[na] Sacer[dote]

[a] Ad Philip. c. 1. n. 8.

de Jesus Christo; por onde a todos, que encontrava, ou fosse secular, ou Religioso, costumava dizer estas palavras: *Deos vos alumee essa alma, para que se não perca*; o que pronunciava com tanto fervor de espirito, que quem o ouvia ficava compungido. Sendo morador em o nosso Convento do Porto, sahindo huma tarde do Convento para a Cidade, encontrou no caminho, pouco alèm da portaria, hum Ministro de Justiça, e como dissesse a este as palavras, que costumava dizer a todos, lhe fizerão tanto abalo, que ficou tremendo; e chegando à portaria, perguntou ao Porteiro, que Frade era aquelle, que lhe parecêra santo na efficacia das palavras.

6 Maravilhoso foi o caso, que lhe succedeo vindo de Abrantes para Alter; como no caminho perdesse a estrada junto das Ave Marias, vendo-se entre hum espesso matto sem saber para onde havia de tomar, começou a bradar por alguem, que o guiasse: neste tempo, sem que ninguem lhe respondesse, se achou junto de huma arvore com hum homem, que como admirado lhe perguntou, quem o trouxera alli. Ao qual respondeo o Religioso que perdêra o caminho, que vinha buscar quem lho ensinasse. Essa perda, replicou o homem, foi para meu ganho: então lhe contou como por certa occasião de desgosto, que tivera, entrára em desconfiança, e desesperação, e que sahíra de casa com tenção de se enforcar em aquella arvore, onde tendo jà lançado o baraço para effeituar seu intento, o ouvíra bradar; com o que cuidando era alguem, que o via, suspendêra a execução daquella temeridade, a que se resolvêra; mas jà que Deos o trouxera àquelle lugar a tempo, que menos se podia presumir, para livrar sua alma do perigo, em que estava, se queria confessar de sua culpa. Recolhêrão-se ambos aquella noite para a casa do dito homem, onde o Religioso o ouvio de confissão, e com saudaveis conselhos o consolou na sua pena.

7 O mais tempo, que depois disto restou a este Religioso de vida, foi continuando em seus costumados exercicios, que nunca deixou; atè que indo morador para o Convento de nossa Senhora de Azurára, onde Deos tinha determinado dar-lhe o premio de seus serviços, o levou para si por meio de huma placida, e invejada morte em dia de Santo Antonio. Tinha elle assistido à festa do Santo com grande devoção, e espirito; e vindo os Religiosos depois do Refeitorio à cozinha lavar a louça, como he costume, acabada a Commu-

munidade, perguntou aos mais, se queria algum delles para o Ceo alguma cousa. Tiverão o dito por galantaria, porque estavão mui longe de suspeitar o que depois virão com seus olhos. Recolhêrão-se todos, e com elles o santo velho; a Vesperas reparou o Guardião que faltava no Coro, o que logo estranhou, porque ninguem com mais pontualidade o seguia; com tudo não o mandou chamar, por lhe parecer que o não vir a Vesperas seria por estar cansado das confissões, que naquella manhã tinha ouvido. Mas como tambem faltasse a Completas, e depois dellas na Communidade do Refeitorio, perguntou o Guardião aos Religiosos se o vira algum delles naquella tarde. Não houve quem désse razão delle; por onde lembrado do que o santo velho tinha dito depois de jantar, e fazendo já mysterio do que antes tinha feito galantaria, mandou que fossem ver se estava na cella. Entrou nella hum Religioso, achou o corpo morto de joelhos diante do Oratorio com as mãos levantadas ao Ceo, para onde a alma tinha caminhado. Com aquella vista, e postura ficou suspenso por hum grande espaço, depois do qual avisou ao Guardião do que vira. Acudirão todos, que achando-o na mesma fórma, envejavão aquella morte tão socegada, e com tantos sinaes do premio, que já o santo velho em o Ceo lograria.

CAPITULO XXXIV.

Do quadragesimo-oitavo Ministro Provincial: e acções virtuosas de Fr. João de Merida, Frade leigo.

1 CUmprido o triennio do Irmão Fr. Francisco de Serpa, que o governou com grande acerto, e satisfação, como dotado que era de huma particular prudencia, e madureza, entrou visitando a Provincia, por especial Patente do Cardeal Protector Francisco Barberino, o Irmão Frei Antonio da Purificação, Padre, e Custodio actual da Provincia da Arrabida. No fim da Visita convocou os Vogaes para o Convento da Piedade em Villa-Viçosa, onde em dez de Janeiro de 1665. procedendo à eleição de Provincial, sahio eleito o Irmão Fr. Paulo de Arraiolos: em Definidores os Irmãos Fr. Filippe do Fundão, Fr. Bernardino de Evora, Frei João de Loulé, Fr. Manoel do Sardoal Prégador: e em Custodio o Irmão Fr. Alexandre de Portel Prégador. Fez o Irmão Fr. Paulo de Arraiolos a sua Congregação, em que presi-

1665

Fr. Paulo de Arraiolos Provincial 48.

ſidio, pelo mez de Agoſto de 1666. no ſobredito Convento da Piedade. Em ſeu governo foi notado de aſpero, e que fazia guardar as Leis, e coſtumes da Provincia com nimiedade; ſe bem que como era mui regular, e reformado, não deixava razão de queixa, em tratar aos outros com a aſpereza, com que a ſi ſe tratava.

2 Entre os Religioſos, que em ſeu triennio, havendo eſcapado, ſem perigar na virtude, das tormentas deſta vida, tomárão porto ſeguro nas enſeadas da Gloria, foi hum delles o Irmão Fr. João de Merida, Frade leigo. Era eſte Religioſo Caſtelhano de nação, natural de huma pequena Villa, chamada Montanches, onde naſceo em trez de Novembro de 1605. como conſta da inquirição, que ſe tirou, quando pertendeo o habito neſta Provincia: e ſuppoſto que ſempre ſe chamou de Merida, não foi porque nella naſceſſe; ſerião tal vez ſeus pais naturaes deſta Cidade, de quem Montanches não fica mui diſtante. Sendo mancebo, veio a Lisboa em companhia de hum Fidalgo Caſtelhano, em cuja caſa eſteve neſta Corte alguns annos; mas como lhe pareceſſem mal as couſas do mundo, procurou deixallo; para cujo effeito pertendeo o habito de noſſo Padre S. Franciſco em a noſſa Provincia da Piedade. Lançarão-lhe eſte no Convento de Portalegre, pelos annos do Senhor 1625. e moſtrou logo no anno do noviciado huma como natural propenſão a tudo o que era virtude; aſſiſtindo com grande promptidão, e diligencia aos exercicios, aſſim da vida activa, como da contemplativa, com que a Religião coſtuma crear os noviços. Levou ſeu procedimento o agrado dos Religioſos; pelo que acabado o anno do noviciado lhe derão a profiſsão com ſatisfação de todos. Depois de profeſſo tratou devéras aſpirar à perfeição, trabalhando por adquirir as virtudes neceſſarias a conſtituir hum perfeito Religioſo.

3 Era tão humilde, que reprehendendo-o qualquer Religioſo, ſem que foſſe ſeu Prelado, ainda de couſas, em que eſtava innocente, não ſó ſe não deſculpava, mas tambem ſe não dava por offendido: tudo ſoffria com animo tranquillo, e ſocegado. Não lhe faltárão occaſiões para merecer, porque não ſó alguns Religioſos, mas ainda os moços do Convento, lhe davão motivos para inquietar-ſe, permittindo-o aſſim Deos, para provar a paciencia de ſeu ſervo, e lhe accreſcentar o merecimento; mas em todas ellas ſe moſtrou ſua conſtancia dia-

mantina. Olhava a ſeus proximos com huns olhos columbinos, donde procedia não lhe parecer mal couſa nenhuma, que viſſe nelles; nem jà mais houve quem o ouviſſe murmurar, antes deſculpava os defeitos alheios, como ſe o não forão. Era muito amigo do recolhimento, e ſolidão, e por eſta cauſa morou muitos annos no Convento de S. Vicente, que he o mais retirado, e ſolitario entre todos os que tem eſta Provincia; e conſentião os Prelados que moraſſe tanto tempo nelle, por conſolarem a inclinação, que lhe conhecião ao retiro.

4 Todas ſuas acções acompanhava com o louvor de Deos; pelo que morando neſta caſa de S. Vicente quando hia a peſcar (o que fazem os Religioſos moradores neſte Convento, não tanto por divertimento, como para ſe ſuſtentarem do que peſcão, por ſer a caſa muito pobre) em apanhando algum peixe, que não erão poucos os que peſcava, que à ſantidade tudo obedece, logo ſe punha de joelhos, levantava as mãos ao Ceo, e lhe dava as graças; nenhum tirava que não agradeceſſe logo com eſte rendimento. Tambem ſe obſervou, que vivendo neſte Convento tantos annos, e continuando a peſcaria para ajudar a ſuſtentação dos mais, nunca ſe vio em perigo, nem ainda houve onda, que lhe chegaſſe a molhar os pés, ſendo aſſim, que o peſqueiro, onde hia, era tão perigoſo, que nenhum outro Religioſo ſe atreveo nunca deſcer a elle, por ſe haver de baixar por huma rocha a pique ao mar, quaſi em altura de oitenta braças. Acudia às Miſſas com tanta promptidão, que ſuccedendo tocar a ellas a tempo, que levava agua para a cozinha, deixava as vaſilhas no meſmo lugar, onde ouvia a campainha da Sacriſtia, atè que depois de ajudar à Miſſa as levava para o miniſterio, que era neceſſario. Com tanto fervor de eſpirito aſſiſtia à celebração deſte altiſſimo Sacrificio, que deſde que o Sacerdote entrava em o Canon, atè commungar, e muitas vezes atè o Euangelho de S. João, ficava ſuſpenſo na contemplação dos myſterios, que nelle ſe repreſentão, e tão alienado dos ſentidos que não reſpondia ao Sacerdote.

5 Em o exercicio deſtas, e outras virtudes perſeverou atè o anno de 1665. em que Deos tinha diſpoſto dar o premio a ſeu merecimento. Enfermou gravemente em o ſobredito Convento; para ſer curado o levárão ao de Lagos, como aos mais, que adoecem no de S. Vicente, onde não ha capacidade para ſe curarem, por eſtar em hum

hum deserto; e he muito digno de memoria o que passou no caminho, porque do successo se vê claramente tinha Deos communicado a seu servo o espirito de profecia. Acompanhava-o hum moço Castelhano tambem de nação, que em huma entrada, que o exercito de Castella tinha feito neste Reino, onde foi derrotado, se ficou nelle, e accommodou em o nosso Convento de S. Vicente: em huma pratica pois, que com este teve no caminho, que todo o mais tempo foi mui contemplativo, como quem tal vez sabia de outra jornada, que dahi a poucos dias havia de fazer, lhe disse, que ainda havia de ser Frade nesta Provincia; porque dalli a dous annos se farião as pazes entre os dous Reinos de Portugal, e Castella, com que haveria lugar para lhe tirarem as inquirições. Tudo succedeo como o servo de Deos predisse; porque sendo feita esta profecia no fim do anno de 1665. no principio do de 68. se fizerão as pazes, e com ellas teve opportunidade aquelle moço, para ser Frade leigo nesta Provincia, e ainda hoje vive nella. Chegou o servo de Deos ao Convento de Lagos, jà com a enfermidade mui entrada, caminhou para a Enfermaria, onde depois de recebidos logo os Sacramentos, os Religiosos, que lhe assistião o virão notavelmente inquieto, repetindo por muitas vezes esta palavra: *Credo*; donde collegírão lidava contra alguma persuasão do inimigo; dahi a hum espaço, ficou tão socegado, como se nada tivera passado por elle, e neste socego deo a alma a seu Creador.

CAPITULO XXXV.

De outros perfeitos Religiosos deste tempo.

1 DE tal sorte cuida Deos da salvação dos homens, que por mais descuidado que algum viva, nunca sua misericordia o deixa, antes sempre o acompanha atè nos mesmos divertimentos: verdade, que conheceo Santo Agostinho, depois de alumeado, dizendo no livro de suas Confissões, que a misericordia Divina o rodeava, quando mais divertido vivia. Entre os divertimentos, a que se dava em sua mocidade, buscou Deos a hum mancebo para o trazer a esta Provincia da Piedade, que nella se chamou Fr. Francisco da Idanha, Villa bem conhecida no Bispado da Guarda. Erão seus pais da principal gente daquelle povo, abundantemente favorecidos dos bens da fortuna: e foi isto occasião, para que o filho seguisse Fr. Franc. da Idanha Sacerdote.

se

ſe a vaidade: via-ſe nobre, rico, e por tal eſtimado na ſua terra; grandes motivos para ſe precipitar hum mancebo. Eſtando huma noite entregue a ſeus juvenís divertimentos, ſem que ſoubeſſe donde naſcêra, ouvio huma voz, que lhe diſſe: *Buſca a Deos.* Fez nelle tanta impreſsão, que daquella hora em diante lhe não parecêrão bem as couſas do mundo, que antes lhe levavão todo o agrado. Os poucos dias, que no ſeculo eſteve, revolvia comſigo onde buſcaria a Deos, que melhor o ſerviſſe: o que reſolveo, foi tomar o habito em a noſſa Provincia da Piedade: procurou-o com grande diligencia, e importunação, e negando-ſe-lhe muitas vezes, nunca deſiſtio de ſeu intento, antes repetia mais as inſtancias.

2 Ultimamente em o Convento de Caſtello Branco, ouvindo a reſpoſta do Provincial, que lhe negava o deſpacho de ſua pertenção, diſſe com grande fervor de eſpirito: *Oh fatal couſa, que buſco a Deos, e não o poſſo achar.* Ao ſahir aſſim deſpedido do Convento, chegou a huma parte, onde ſe ajuntavão algumas eſtradas, começou a andar às voltas, dizendo que para onde cahiſſe, eſſe caminho havia de tomar. Succedeo cahir contra o Fundão, foi ter ao Convento, que alli temos, onde eſperou que o Provincial chegaſſe; o qual vendo ſua perſeverança, o aceitou. Depois de Frade tal foi a ſua vida, que os que antes o conhecêrão dizião que aquella mudança viera da mão poderoſa de Deos; porque os ſeus jejuns erão continuos, e muitos dias paſſava ſómente com pão, e agua; a oração frequente, extraordinaria a aſpereza, com que ſe tratava; e tão pobre que o ſeu habito era ſempre o mais aſpero, vil, e remendado. Foi tão humilde, que ſendo Prelado, ſe tratava como ſubdito; ſuccedia muitas vezes deſcer à cerca, onde ajuntava alguns feiches de lenha, que trazia às coſtas ao cozinheiro. O ſeu exercicio mais ordinario era a contemplação; e tanto ſe apoderou delle eſta virtude, que não havia quem o pudeſſe apartar della: paſſava na Capella muitas noites em vigia, diante do tabernaculo do ſoberano myſterio do Altar, de quem era devotiſſimo: outras andava diſcorrendo pelos clauſtros, dando enternecidos ſuſpiros, com deſejo, e ſaudade do Ceo.

3 Eſta ternura, e doçura de eſpirito, de que a vida contemplativa ſe alimenta, não ſó a lograva em ſi, mas tambem fazia que chegaſſe aos outros; porque quando eſtava na cella, erão tão ardentes, e ſaudoſas

as jaculatorias, que a Deos dizia, que os Religiosos vizinhos se sentião provocados a lagrymas de devoção. Como era tão contemplativo, foi muito amigo da soledade; por cuja causa gostava de morar em o nosso Convento do Bom Jesus do Monte, junto de Barcellos; onde descendo muitas vezes à cerca, entre sua matta, com suspiros, envoltos em lagrymas, desabafava o ethna do fogo do amor de Deos, que no peito lhe ardia. Foi devotissimo do mellifluo mysterio do Nascimento do Menino Deos, e de suas chagas Santissimas: humas vezes, religiosamente alegre, cantava festivos versos à Natividade de Christo; outras entoava huns tristes, e sentidos a sua Paixão Sagrada. Com a Senhora Mãi de Deos teve especialissima devoção; venerava muito aos Santos Anjos, principalmente ao Principe destes celestiaes Espiritos, o Arcanjo S. Miguel.

4 Alèm de outros officios, que teve, foi Mestre de noviços, aos quaes creava tão bem, como quem era tão espiritual, e devoto: foi muitas vezes Guardião, e ultimamente Definidor; e supposto que não sabia letras, mais que a Grammatica, tanto aprendeo no estudo da santa oração, que assim os noviços Letrados, como os Doutores da Universidade, se admiravão de suas praticas, porque suas palavras, alèm de serem inflammativas, erão muito medidas, e reguladas. Nas jornadas, que fazia, hia totalmente entregue à Providencia Divina, sem que se provesse de viatico algum para o caminho; mas Deos, em cuja providencia confiava, tinha cuidado de seu sustento, como se vio numa occasião, que hia do Alentejo para a Beira, que vendo-se sem ter com que remediar sua necessidade, disse com grande fé a seu companheiro: *Confia, que o Senhor terá de nós cuidado.* Não andárão muito que não vissem diante de si hum mancebo, o qual lhe poz meza no deserto, e deo refeição ao cansado corpo. O companheiro, respeitando as circumstáncias, teve a provisão por milagrosa.

5 Em toda a parte, onde morava, alcançou para com todos fama de santidade: o Conde de Villa-For D. Sancho Manoel, o venerava como a hum Oraculo, e a elle recorria em todo o negocio de importancia. Morando este servo de Deos em o nosso Convento de Penamacor, foi chamado pelo mesmo Conde, cuja mulher estava mortalmente enferma, e jà desconfiada dos Medicos: entrou Fr. Francisco a visitalla, e depois de fazer oração retirado em huma Capella, con-

consolou ao Conde, dizendo que não havia de morrer a Condeça daquella enfermidade: assim succedeo, porque brevemente cobrou a saude. Outra vez sendo o mesmo Conde Governador de hum exercito, e vendo-se obrigado a dar batalha, se achava algum tanto receoso do successo, por ser mui desigual o partido; porèm o servo de Deos lhe disse que não temesse, porque certamente havia de vencer: assim o vio o Conde, alcançando naquella occasião huma victoria mui assignalada. Não só em os casos referidos, mas em outros muitos, mostrou o servo de Deos lhe tinha communicado o Altissimo o dom de profecia; porque muitas cousas prognosticou, que depois assim succedêrão. Vindo da Beira sobrogado em lugar de hum Definidor, que havia falecido, votar a Capitulo, que se celebrava em Villa-Viçosa em trinta de Julho de 1661. perguntando-lhe o sobredito Conde aonde hia, respondeo que votar a hum Capitulo, em que havia de ser eleito por Provincial hum seu discipulo: assim foi, porque elegêrão ao Irmão Fr. Francisco de Serpa, que tinha sido seu noviço.

6 Finalmente o bemaventurado velho, não tendo já mais que a pelle, e os ossos, porque a carne tinha gastado com vigilias, jejuns, disciplinas, e outras mui asperas penitencias, veio morador para o Convento do Fundão no fim de sua vida, para que alli morresse, onde o tinhão recebido ao habito. Está na cerca deste Convento em huma Capellinha huma milagrosa Imagem de nossa Senhora, que por apparecer sobre hum seicho, delle tomou o nome, dando-o tambem ao Convento: tanto que a elle chegou Fr. Francisco, logo disse que alli havia de morrer; porque sempre havia pedido à Senhora este beneficio. Assim succedeo; porque dando-lhe huma enfermidade, e recebendo devotissimamente os Sacramentos da Igreja, poz termo a seus dias em o anno de 1666. tendo de habito perto de sessenta e quasi oitenta de idade.

7 Em o mesmo anno trocou a presente pela eterna vida em o Convento do Bom Jesus do Monte outro perfeito Religioso, chamado Fr. Agostinho de Fragoso, Freguezia no Arcebispado de Braga, que tomando para si a aspereza, que inculca seu nome, sendo só para si fragoso, deixava para os outros o brando, e suave de sua caridade; porque para todos foi benigno. Desde seus principios se deo no seculo ao estudo das letras, e depois na Re- Fr. Agost. de Fragoso Sacerd.

li-

ligião exercitou com satisfação de todos o officio de Prégador; ardendo tanto em seu peito o fogo da caridade, e desejo da salvação das almas; que em seus Sermões reprehensivos parecia que lhe sahião abrazadas chammas pela boca. Nunca se ouvio da sua boca palavra ociosa; as poucas, que dizia, por ser mui amigo do silencio, erão tão reguladas pela razão, que nenhuma dellas, nem ainda levemente offendia a modestia religiosa. Do recolhimento interior he prova a exterior composição; porque o exterior composto, argúe interior recolhido: e segundo isto era grande o recolhimento interior, com que este Religioso andava; porque a sua composição, e honestidade era tanta, que inclinava à virtude a quem o via, e conversava.

8 Foi tão puro, que se affirmava que toda a sua vida foi virgem, e para conservar esta sua inteireza, se vio huma vez em perigo. Fazia elle huma jornada, em que lhe foi forçoso pernoitar no caminho; e como fosse de agradavel presença, se lhe affeiçoou desordenadamente huma filha do hospede, que o agazalhava: instigada pelo demonio o buscou de noite em o aposento, onde se recolheo; porèm elle lhe fugio por huma janella com perigo de vida; com cuja acção ella ficou confundida, e se metteo Religiosa. O tempo, que podia tirar às mais occupações, gastava em oração, e por melhor vacar a este celestial exercicio, amava muito a soledade; causa, que o levou para o Convento do Bom Jesus do Monte, como mais apartado do trato, e communicação dos homens. Neste viveo alguns annos santissimamente, todo entregue à oração, abstinencias, e officios de caridade. Foi muitas vezes Guardião, e huma Definidor, e estando feito Visitador da Provincia de Santo Antonio, deo algumas escusas para não aceitar esta commissão, que lhe forão admittidas pelos Prelados. A todos punha espanto a admiravel paciencia, com que soffria os trabalhos, e graves enfermidades, que teve: na ultima, vendo que se lhe chegava o fim da vida, pedio aos Religiosos o levassem à Capella, onde lhes fez huma pratica, a quem o lugar deo mais espirito, e o tempo mais attenção. Nella os exhortou à perfeição religiosa, com mui fervorosas, e efficazes palavras. Tornando à cella, como se lhe aggravasse a enfermidade, perguntou hum dia de que Santo era; e respondendo-se-lhe que de Santo André, então disse: *Esse Apostolo de Christo me ha hoje de introduzir na*

ſua Gloria. Recebeo logo os Sacramentos, e no meſmo dia, como tinha dito, tomou o caminho da eternidade em o anno de *1666.* com quarenta e ſete de habito: tem ſua ſepultura no Convento do Bom Jeſus do Monte, onde faleceo.

CAPITULO XXXVI.

Eleições do quadrageſimo-nono, e quinquageſimo Miniſtros Provinciaes: e erecção da Provincia da Soledade.

1668 1 NO fim do triennio do Irmão Fr. Paulo de Arraiolos entrou viſitando a Provincia com authoridade Apoſtolica, para preſidir no futuro Capitulo, o Irmão Fr. Pedro de Jeſus, que havia ſido Provincial da Provincia da Arrabida, o qual acabada a viſita, convocou aos Vogaes em a Piedade de Villa-Viçoſa, onde em ſete de Janeiro de *1668.* foi eleito em Miniſtro Provincial o Irmão Fr. Alexandre de Portel Prégador. Sahírão por Definidores os Irmãos Fr. Martinho de Coruche, Fr. Lopo do Sardoal, Fr. Antonio de Monte-Mór, Fr. Boaventura de Portalegre; e por Cuſtodio Fr. Gaſpar de Serpa. A ſua Congregação, em que preſidio, fez o Irmão Fr. Alexandre em Villa-Viçoſa, dia de S. Boaventura quatorze de Julho de *1669.* depois da qual, como no ſeguinte anno de *1670.* ſe celebraſſe pela feſta de Pentecoſtes Capitulo Geral em Valhadolid, achando-ſe o dito Irmão Provincial legitimamente impedido, em ſeu lugar foi Pro-Miniſtro o Irmão Fr. Boaventura de Portalegre, actual Definidor, que com o Irmão Cuſtodio Fr. Gaſpar de Serpa ſe achou naquelle Capitulo; onde a 24. de Maio do ſobredito anno ſahio eleito em Miniſtro Geral de toda a Ordem o Reverendiſſimo Padre Fr. Franciſco Maria Rhini de Policio, e em Commiſſario Geral deſta Familia Ciſmontana o Reverendiſſimo Padre Fr. Joſé Ximenes Samaniego.

Fr. Alexandre de Portel Provincial 49.

2 Concluido o triennio do Irmão Fr. Alexandre de Portel, ſe teve Capitulo em a Piedade de Villa-Viçoſa, preſidindo nelle o ſobredito Padre Commiſſario Geral, havendo viſitado a Provincia de ordem ſua, o Irmão Fr. Franciſco da Viſitação, Cuſtodio actual da de Santo Antonio; ainda que primeiro que elle principiou a viſitalla o Irmão Fr. Miguel de Jeſus, Padre da meſma Provincia, que adoecendo em a Cidade do Porto, ſe retirou para o ſeu Convento de Santo Antonio de Lisboa, onde morreo, e veio em ſeu lugar o ſo-

ſobredito Padre. De unanime conſentimento em nove de Maio de 1671. ſahio eleito em Miniſtro Provincial o Irmão Fr. Boaventura de Portalegre, que acabava de Definidor: forão eleitos em Definidores os Irmãos Fr. Antonio de Niza, Fr. Antonio do Crato, Fr. Gonſalo de Portalegre, e Fr. Pedro de Loulé; e em Cuſtodio Frei Franciſco das Galveas Prégador. Fez o Irmão Provincial a ſua Congregação em Villa-Viçoſa a treze de Novembro de 1672. em que preſidio o Reverendiſſimo Padre Fr. Joſé Ximenes Samaniego: nella ſe poz termo à pertenção, que trazião, havia jà annos, os Religioſos da Beira, e entre Douro, e Minho.

oa- de legre ncial

3 Logo que o Irmão Frei Paulo de Evora ſahio eleito Miniſtro Provincial, officio, em que ſuccedeo ao Irmão Fr. Lucas de Caſtello Mendo, procurárão os ſobreditos Religioſos que a Provincia ſe dividiſſe, erigindo-ſe outra de novo, a que ſe applicaſſem os Conventos, que tinhão naquellas terras: a razão de conveniencia, que para iſto davão, era o ſer a Provincia tão dilatada, que ficava ſendo inſuportavel o trabalho dos Provinciaes em a viſitarem toda cada hum dos trez annos do ſeu governo; nem era couſa menos rigoroſa haverem de ir mudados os Religioſos, como ordinariamente ſuccedia, deſde os Conventos ſitos no Reino dos Algarves atè a Provincia de Traloſmontes. Outros inconvenientes propunhão, que ſubſiſtião deſde os principios da Provincia, por todos os quaes tinhão paſſado os antigos, ſem lhes parecerem tão urgentes, como agora ſe repreſentavão. Chegou eſta pertenção ao anno de 1661. em que celebrando-ſe Capitulo Provincial no Convento de Villa-Viçoſa, ſe propoz com maior inſtancia: em effeito ſahio hum aſſento do Definitorio, e Diſcretorio, que a Provincia ſe dividiſſe. Deo-ſe delle parte a ElRei D. Affonſo, como Padroeiro, que era da Provincia, o qual por carta ſua não ſó o não conſentio, mas ainda o eſtranhou; com tudo os que approvavão a diviſão a puzerão tanto na praça, levantando-ſe com os Conventos, que tinhão nas ſuas terras, que foi forçoſo, por ſe atalhar maior publicidade, virem nella os de contrario parecer.

4 Por onde na ſobredita Congregação, em a qual alèm dos Padres da Provincia, e do Definitorio, que com o Reverendiſſimo ſe achárão nella, aſſiſtírão tambem dous Religioſos da parte da Beira, como Procuradores dos mais, e aſ-

ſentando-ſe entre todos, aſſinados em hum inſtrumento, que para iſto ſe fez, que a Provincia ſe dividiſſe em duas, huma, que tiveſſe todos os Conventos, que eſtão do Tejo a eſta parte, e outra, que tiveſſe os que eſtão do Tejo alèm, e que aſſim ſe pediſſe a S. Santidade em nome do noſſo Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral, e da meſma Provincia, juntamente determinou que a diviſão ſe fizeſſe com as condições ſeguintes. Primeiramente que os termos, e limites, por onde as duas Provincias ſe dividiſſem entre ſi, foſſe o Rio Tejo, de ſorte que os dezenove Conventos, que eſtão no Tejo a eſta parte, foſſem deſta Provincia, e os dezenove, que eſtão do Tejo à outra parte, foſſem da outra; e nem a Provincia, que fica do Tejo a eſta parte, poſſa fundar Conventos da outra parte do Tejo, nem a que fica do Tejo para alèm poſſa fundar deſta parte, ſenão que ſempre o Rio Tejo ſeja a raia das duas Provincias, e cada huma poſſa fundar Conventos de novo em ſeu diſtrito; porèm o Convento, que a dita Provincia tem em Cabo-Verde, fica pela parte do Tejo para alèm, e ſeja da Provincia novamente erecta.

5 Segundo, que a Provincia, que fica do Tejo para cà, e eſtá principalmente em eſta parte, que chamão Alentejo, e comprehende eſte Convento de noſſa Senhora da Piedade de Villa-Viçoſa, que he, e ſempre foi cabeça da Provincia, ſe fique abſoluta, e plenamente com o titulo de Provincia da Piedade, e com a antiguidade, e mais prerogativas, que a dita Provincia tem entre as mais Provincias da Ordem, e com o ſello, que tem, e atè agora ha tido, ſem variação, nem limitação alguma: e que a outra Provincia do Tejo para alèm, que cahe em a Beira, e entre Douro, e Minho, principalmente ſeja Provincia novamente erecta, tomando diſtincto nome, e ſello, e tendo em a Ordem ſó a antiguidade deſde a ſeparação deſta, que ſerá ſua nova erecção, e ſempre reconheça a eſta por ſua mãi, donde ſahe. Terceiro, que a Sereniſſima Caſa de Bragança, e o poſſuidor, que he, ou for de ſeu Ducado, ſeja Padroeiro não ſó da Provincia antiga da Piedade, que fica, ſenão tambem da que de novo ſe levantar, de ſorte que tenha o meſmo direito do Padroado com as meſmas preeminencias em as duas Provincias ſeparadas, e em cada huma dellas, que tem, e ha tido em a preſente Provincia da Piedade em ſua integridade, e antes de dividir-ſe.

6 Quarto, que todos os Frades,

des, que ao tempo da divisão, e erecção da nossa Provincia se achar estar em encorporados, e ser filhos desta Provincia da Piedade, quando passarem desta vida, se lhes fação os Officios, e celebrem as Missas, que a Provincia costuma, em ambas as Provincias, como se se não tivera feito divisão; porèm aos que depois da separação tomarem o habito, ou se encorporarem em alguma das duas Provincias, só se lhe farão os Officios, e celebrarão as Missas em a Provincia donde for filho; e o mesmo se entenda dos Officios, que hão de fazer pelos Irmãos, que ao tempo da divisão tiverem confraternidade em a dita Provincia. Quinto, que a cada hum dos Frades desta Provincia da Piedade lhe seja licito dentro de dous mezes, desde o dia da separação, ou erecção da nova Provincia, escolher em qual das duas quer viver, e de qual quer ser filho; e em a que escolher terá sua antiguidade, e todas as preeminencias, que por officios, ou por outra razão tinha na Provincia antes da separação: e havendo passado os ditos dous mezes, cada hum se ficará na Provincia, que tiver escolhido, ou aonde morar, sem poder passar para a outra, senão com as faculdades, e condições, que geralmente está concedido possa passar Religioso de huma Provincia para outra.

7 Pactada com estas condições a divisão, em nome do Reverendissimo Padre Commissario Geral, e da mesma Provincia se fez súpplica a S. Santidade, para que tivesse effeito. Expedio o Summo Pontifice, que então era Clemente X. hum Breve em onze de Junho do anno de 1673. do qual Breve veio por Juiz executor Fr. Vicente de S. Josè, da Provincia de Santo Antonio, o qual mandou celebrar a divisão com o Senhor exposto, Missa, e Sermão em todos os Conventos em vinte e seis de Outubro do dito anno de 1673. ficando a dita Provincia com titulo da Soledade, e celebrou seu primeiro Capitulo em quatro de Março do seguinte anno de 1674. e no Capitulo Geral, que se celebrou em Ara-Cœli a vinte e trez de Maio de 1676. foi admittida entre as mais Provincias da Ordem. Com isto ficou satisfeita a ansia, com que os Religiosos da Beira procurárão Provincia à parte, e a da Piedade se vio com esta nova filha em sua velhice; mas como os partos na maior idade ordinariamente são trabalhosos, com este perdeo a singularidade, que lograva entre as mais Provincias da Ordem, de se conservar tantos annos unida.

8 Cen-

8 Cento e ſetenta e trez annos tinha de ſua fundação, ſem que em todo eſte tempo ſahiſſe della outra alguma Provincia, ſendo aſſim que a muitas ajudou em os principios de ſuas fundações: dava às mais o auxilio, de que neceſſitavão, ficando ella em ſua integridade. Muitos Religioſos da Beira ficárão na Provincia do Alen ejo; e outros naquelles dous mezes, que, ſegundo o concerto, ſe lhes derão para elegerem a parte, onde quizeſſem ficar, ſe paſsárão à meſma, que a todos honrou com ſuas Prelaſias, e dignidades, como de muitos póde ver o leitor deſta Hiſtoria pelo diſcurſo della. Alguns tempos depois da divisão ſe fazião em huma, e outra Provincia os ſuffragios pelos Religioſos defuntos, ſegundo o pactado em o quarto concerto; mas como em razão da diſtancia huns aviſos ſe retardavão, outros nos caminhos perecião, ſe julgou por mais acertado dobrarem-ſe em a propria Provincia, onde o Religioſo faleceſſe, como ainda hoje ſe executa. Com vinte Conventos ficou a Provincia novamente erecta, numerando entre elles o de Cabo-Verde, e a mãi com dezenove, dotando tão liberalmente a eſta filha, que lhe deo mais de ametade dos que tinha, entre os quaes ſe vê hoje mui ampliado o do Porto, como deputado para a celebração das Congregações, e Capitulos.

CAPITULO XXXVII.

Eleição do quinquageſimo-primeiro Miniſtro Provincial.

1 CErrou o triennio do Irmão Fr. Boaventura de Portalegre, com a viſita de reſidencia, o Padre Fr. Paulo de Santa Catharina, Padre mais digno da Provincia de Santo Antonio, e com authoridade do Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral Fr. Diogo Fernandes de Angulo preſidio no Capitulo, que ſe celebrou na Piedade de Villa-Viçoſa, onde em ſete de Julho de 1674. ſahio eleito em Miniſtro Provincial o Irmão Fr. Manoel de Alter Prégador. Para Definidores ſe fez eleição dos Irmãos Fr. André de Borba, Frei Rodrigo de Loulé, Fr. Salvador de Fronteira, e Fr. João de Monte-Mór Prégador; em Cuſtodio foi eleito o Irmão Frei Antonio de Coimbra Prégador. Achava-ſe neſte tempo a Provincia muito falta de Prégadores, e com poucas eſperanças de ſe poder melhorar, por quanto lhe faltava pela divisão o Convento, que tinha em a Univerſidade de Coimbra, donde ſe provia de alguns Theologos, e Ca-

1674

Fr. Manoel de Alter Provincial 51.

e Canoniſtas, que deſenganados do mundo, procuravão o habito no Convento dos Olivaes. Ao que attendendo o Irmão Provincial, que foi Religioſo dotado de particular talento, e capacidade para o governo, por acudir a eſta falta, logo no Capitulo, em que ſahio eleito, propoz aos Vogaes a neceſſidade, que havia de eſtudos: alguns forão de contrario parecer, levados do antigo coſtume, e louvavel eſtylo, com que a Provincia ſe tinha creado, e depois trabalhado tanto com os Prelados Geraes, que a iſſo a obrigavão, pelos não admittir.

2 Mas como a falta era tão patente, concordou a maior parte dos Capitulares, que ſe metteſſe hum Curſo de Artes em a Piedade de Villa-Viçoſa, para cujo effeito o Irmão Provincial pedio ao da Provincia de S. Gabriel do Reino de Caſtella Meſtre, que o leſſe; não ſem queixa dos vizinhos, que ſentião irmos buſcar a Reino eſtranho o que tinhamos à porta em o natural; attendeo-ſe porèm na eſcolha ſer o Religioſo, que ſe buſcava, do meſmo inſtituto Deſcalço, e filho de huma Provincia tão chegada a eſta, que ambas forão huma meſma couſa em ſua primeira fundação. Mandou aquella ſanta Provincia hum Religioſo por nome Fr. Joſé de Banhos, digno da eleição, que delle fizerão; porque tinha todos os requiſitos, que conſtituem hum grande Meſtre, tão douto, e Religioſo, que não era facil o diſtinguir, ſe avultava mais nas letras, ou na virtude. Tomou poſſe da Cadeira, e começou a ler a vinte e quatro eſtudantes dia de Santa Agatha 5. de Fevereiro de 1675. e continuou os ſeus annos com tanta ſatisfação, e exemplo, que a toda a Provincia levou os olhos: conformava-ſe de ſorte com os ſeus eſtylos, e ceremonias, como ſe nella fora creado; e agradavão-lhe tanto, que não ſó louvava a noſſa creação, e modo de viver, mas tambem moſtrou na deſpedida a vontade, que tinha de ficar nella, ſe não forão alguns reſpeitos, que o obrigárão a voltar à ſua. Para o acompanhar na Theologia veio da meſma Provincia o Padre Fr. Franciſco Urbina, Religioſo tambem de muitas prendas. Leo com muita ſatisfação dous annos, no fim dos quaes foi chamado de ſeus Prelados para hum Curſo de Artes na ſua Provincia: cerrou o terceiro o Irmão Fr. Miguel da Chamuſca filho da noſſa da Piedade.

3 Sahírão deſte Curſo muito bons eſtudantes; entre elles ſe fez eleição de trez, que avul-

vultárão mais, e hoje tem lido com opinião, e credito. Com isto ficou a Provincia remediada na falta, que padecia; e para evitar a que podia ter de futuro, vai continuando o mesmo estudo na fórma, em que este Ministro Provincial o introduzio, conservando sempre hum Curso de dez atè doze estudantes, com que acode a prover os Conventos de Prégadores; e não se defrauda com tão pequeno numero dos sujeitos necessarios para as portarias, e presidencias, inconveniente, que dos estudos se receava.

4 Neste tempo ameaçava ruina o Convento de Santo Antonio de Loulé; porque alèm de ter cento e trinta annos de duração, era tão pobre, e limitado, como forão todos aquelles, que edificavão nossos primitivos Padres, os quaes não olhando ao futuro, só lhes levava toda a attenção a pobreza. Para nova fundação procurou o Irmão Provincial hum sitio perto do antigo, que liberalmente offereceo André de Ataíde, natural da mesma Villa: nelle lançou com grande solemnidade a primeira pedra em 11. de Agosto de 1675. o Senhor Bispo do Algarve Dom Francisco Barreto, segundo do nome, singular devoto, e bemfeitor desta Provincia. Contribuião para as obras os mais Conventos, assim do Algarve, como do Alemtejo, cada hum segundo sua possibilidade; porque a Villa de Loulé por pobre, ainda que devota, não podia acudir a tudo. Hoje está já o Convento em estado, que vivem nelle os Religiosos, servindo-lhe de cerca a do primeiro, como diremos mais miudamente a seu tempo.

5 Entrava nesta occasião o Reverendissimo Padre Commissario Geral sobredito em o Reino para celebração dos Capitulos, e Congregações das Provincias delle: com que foi necessario ao Irmão Provincial apressar a sua segunda Visita, em respeito de que na sua Congregação assistisse o Reverendissimo, como assistio, vindo de Lisboa recolhendo-se para Castella: celebrou-se ella em Villa-Viçosa a 14. de Dezembro de 1675. No seguinte anno de setenta e seis se havia de ter Capitulo Geral em o Convento de Ara Cœli, pelo que a seu tempo convocou o Irmão Provincial o Definitorio para eleição de Commissario, que em sua ausencia governasse a Provincia, e sahio eleito o Irmão Fr. André de Borba, Definidor mais velho. Achárão-se naquella Curia, assim o Provincial, como o Custodio, onde no sobredito Convento em 23. de Maio, vigilia de Pente-

tecoſtes, com univerſal applauſo ſahio eleito em Miniſtro Geral de toda a Ordem o Reverendiſſimo Padre Fr. Joſé Ximenes Samaniego, hoje digniſſimo Biſpo de Placencia, e o dito Miniſtro Fr. Manoel de Alter foi feito Definidor Geral. Com proſpero ſucceſſo voltou para a Provincia, entendendo no reſtante de ſeu triennio em o governo della com a ſatisfação, e agrado, que tinha levado no principio.

CAPITULO XXXVIII.

Eleições de dous Miniſtros Provinciaes quinquageſimo ſegundo, e terceiro.

1677 1 AOs ultimos mezes do triennio do Irmão Provincial Fr. Manoel de Alter entrou viſitando a Provincia o Irmão Fr. Franciſco da Viſitação, Cuſtodio habitual da de Santo Antonio. No fim da Viſita convocou a Capitulo em a Piedade de Villa-Viçoſa, onde preſidindo com authoridade do Reverendiſſimo Padre Geral, procedeo à eleição de Miniſtro Provincial, que ſe fez em a peſſoa do Irmão Fr. João de Montemór Prégador a quatro de Setembro de 1677. Em Cuſtodio foi eleito o Irmão Fr. Antonio de Fronteira, e em Definidores os Irmãos Fr. Manoel de Caſtelejo, Fr. Manoel de Portalegre, Confeſſores, Fr. Thomaz de Leomil, e Fr. Miguel do Redondo, Prégadores. Paſſado anno e meio depois de ſua eleição, teve a Congregação o Irmão Fr. João de Montemór em o meſmo Convento da Piedade, no primeiro de Maio de 1679. em que preſidio por authoridade do Reverendiſſimo Samaniego. Nella, de mais das eleições Capitulares, que ſe fizerão por mandado do Reverendiſſimo, ſe taxou o numero de Religioſos, que commodamente podia ſuſtentar cada hum dos Conventos deſta Provincia, para que dahi em diante não excedeſſem o numero da taxa. Aſſim ſe fez, e achou-ſe que a maior parte dos Conventos podia ſuſtentar ainda mais Religioſos dos que tinhão, porque os Provinciaes em as recepções, que fazem de Noviços, ſempre levão eſta attenção, por evitarem os diſcurſos inevitaveis, quando o numero dos Religioſos excede a capacidade dos Conventos. Deſte triennio não nos ficou mais couſa alguma digna de memoria, ſenão que pelo decurſo de todo elle convocou o Irmão Provincial muitas vezes o Definitorio para eleição de Guardiães, que havião fallecido huns, e renunciado outros por cauſa de achaques, que os

João Mon[temó]r, [Pro]vincial

impoſſibilitavão para o ſequito da vida commua.

2 Para a celebração do futuro Capitulo, e Viſita da Provincia deputou o Reverendiſſimo por ſeu Commiſſario ao Irmão Fr. Antonio das Neves, Definidor habitual da Provincia de Santo Antonio, e actual Guardião do Collegio da Pedreira em Coimbra. Acabada de viſitar a Provincia, lançou o Padre Commiſſario o Capitulo para quatro de Janeiro de 1681. que ſe havia de celebrar em Villa-Viçoſa. No dia ſignalado ſe acharão todos os Vogaes, e de commum conſentimento ſahio eleito em Miniſtro Provincial o Irmão Fr. Antonio de Fronteira, que acabava de Cuſtodio. Eſte officio ſe proveo em o Irmão Fr. Luiz de Chaves Prégador, e o de Definidores em os Irmãos Fr. Franciſco de Eſtremoz, Fr. Lourenço de Villa de Rei Prégadores, Fr. Manoel de Caſtello de Vide, e Fr. Gaſpar de Niza.

Fr. Antonio de Fronteira, Provincial 53.

3 Depois que o Irmão Provincial viſitou duas vezes a Provincia, convocou o Definitorio em o primeiro de Abril de 1682. no Convento da Piedade de Villa-Viçoſa, para eleger Commiſſario Provincial, que em ſeu lugar governaſſe a Provincia na auſencia, que havia de fazer, della, em razão de aſſiſtir em o Capitulo Geral, que no ſeguinte mez de Maio ſe havia de celebrar em Toledo. Foi eleito com todos os votos o Irmão Fr. Antonio de Coimbra, Prégador, e Cuſtodio habitual, e ficou governando a Provincia, em quanto o Irmão Miniſtro não voltou a ella. Feita em Toledo a 17. de Maio do ſobredito anno de 1682. eleição de Miniſtro Geral na peſſoa do Reverendiſſimo Padre Fr. Pedro Sormano, e de Commiſſario Geral da Familia na do Reverendiſſimo Padre Fr. Marcos Zarçoſa, de là trouxe logo o Irmão Miniſtro licença para a ſeu tempo fazer a ſua Congregação, e preſidir nella. Tanto que chegou à Provincia, e ſe recolheo ao Convento da Piedade de Villa-Viçoſa, citou os Definidores para ter a ſobredita Congregação no meſmo Convento, para o que ſinalava o dia 10. de Agoſto; mas como neſte meio tempo começaſſe a ſentir os effeitos das grandes calmas, que paſſou da volta de Toledo para eſte Reino, adoecendo gravemente, foi-lhe preciſo, eſtando jà os Definidores congregados, dilatalla para dahi a hum mez, que ſe cerrava em 10. de Setembro: neſte dia a celebrou, eſtando ainda bem enfermo. Com o trabalho, e lida da Congregação lhe creſceo a gravidade da doença, com que cedendo

do ao pezo della, acabou a esta temporal vida em 12. de Outubro, dia oitavo de nosso Padre S. Francisco do mesmo anno de 1682. depois de haver recebido com grande devoção os Sacramentos. Entre outras cousas, que fez em seu tempo, ordenou se entendesse nesta Historia, e Chronica da Provincia, recolhendo varios memoriaes, que estavão espalhados pelos Conventos della; e ainda que no principio se poz mão à obra com calor, cortou-se-lhe alguns annos o fio com outras occupações, e ministerios.

4 Por morte do Irmão Fr. Antonio de Fronteira convocou ao Definitorio no Convento de Santo Antonio de Estremoz o Irmão Fr. Manoel de Alter, Padre mais digno, por haver sido Definidor Geral da Ordem; e procedendo à eleição de Vigario Provincial, sahio eleito no 1. de Novembro do sobredito anno de 1682. o mesmo Fr. Manoel de Alter, Provincial quinquagesimo primeiro que tinha sido. Começou o novo Prelado a entender na terceira Visita, que faltava para complemento daquelle triennio; e dando-lhe principio no Reino do Algarve, adoeceo mortalmente no Convento de Santo Antonio de Faro, onde depois de huma doença dilatada acabou seus dias a 20. de Julho de 1683. com grande sentimento da Provincia, a quem o sobredito Vigario Provincial no tempo de seu Provincialato havia jà mostrado a capacidade, e prudencia para o governo. Veio o Secretario entregar os sellos ao Irmão Fr. Alexandre de Portel, Padre mais antigo, o qual chamando logo a Meza de Definição para o Convento do Bosque, junto da Villa de Borba, em 14. de Agosto do mesmo anno elegêrão em Vigario Provincial ao Irmão Fr. Miguel da Chamusca, que vierão buscar ao Convento da Piedade de Villa-Viçosa, onde estava lendo hum Curso de Artes. Com que foi necessario a eleição successiva de trez Prelados para se cerrar este triennio.

CAPITULO XXXIX.

Eleição do quinquagesimo nono Ministro Provincial.

1 QUando no Bosque se fez eleição do Irmão Fr. Miguel da Chamusca em Vigario Provincial, estavão ainda por visitar a terceira vez quasi todos os Conventos da Provincia, não faltando mais que quatro mezes e meio para se cerrar o triennio: ajuntava-se a isto estar o Reverendissimo em vesperas de entrar no Reino a celebrar as Con- 1683

gregações, e Capitulos das Provincias delle, com os quaes havia de entrar tambem o da nossa. Para dar lugar ao Visitador, e tempo à ultima Visita da Residencia, foi necessario ao Irmão Vigario Provincial Fr. Miguel da Chamusca fazer a que lhe faltava com toda a pressa; e como o tempo era tão pouco, lhe não foi possivel ir ao Algarve, com que commetteo a visita de quatro Casas, que naquelle Reino restavão, ao Commissario, que là assiste para estas, e semelhantes occasiões, visitando elle as que lhe faltavão do Alentejo. Logo que se recolheo a Villa-Viçosa, avisou ao Reverendissimo Padre Commissario Geral, que estava visitada a Provincia: deputou elle por seu Commissario Visitador ao Padre Fr. Luiz da Purificação, Definidor habitual da Provincia de Santo Antonio, e actual Guardião do Collegio da Pedreira.

2 Tomou posse o sobredito Padre do governo da Provincia no Convento de Santo Antonio de Béja; e despedindo dahi o seu Delegado para o Algarve, elle principiou com a visita nos Conventos do Alentejo: chegou com ella ao de Santo Antonio da Villa do Redondo, onde adoecendo, foi trazido ao de Villa-Viçosa para ahi se curar com mais commodidade, assim em razão dos Medicos, como do mais necessario para a cura dos enfermos. Prolongou-se algum tanto a doença, cobrando sempre maiores forças, atè que lhe poz termo à vida, pouco antes do Capitulo, pelo fim do mez de Dezembro, deixando a Provincia tão sentida de sua morte, como edificada da disposição, com que se preparou para ella. Pensativa se achava a Provincia com estes successos, e verdadeiramente que erão dignas de advertencia as mortes successivas de hum Provincial, pouco depois de sua Congregação, de hum Vigario Provincial, antes de acabar o triennio, e de hum Visitador na mesma Visita. Fez mais ponderativo o successo huma voz, que se espalhou em Evora, nascida de huma beata, Terceira de N. Padre S. Francisco, que naquella Cidade vivia com opinião de virtuosa, que ouvindo fallar da morte dos dous Prelados, disse que ainda havia de morrer outro antes do Capitulo, o qual principiaria a Visita, mas não lhe daria o fim, como em effeito o vimos no Padre Visitador. Acasos podião ser estes, mas nos Religiosos solicitavão attenções de mysterios para recorrerem a Deos com mais fervor.

3 Avisou o Irmão Fr. Miguel da Chamusca da morte do Pa-

Padre Commiſſario ao Reverendiſſimo Zarçoſa, que ſe achava em Thomar no Capitulo da Provincia da Soledade, e jà quaſi de caminho para Villa-Viçoſa à celebração do noſſo: mandou elle logo ordem, para que o Delegado, que ſe tinha jà recolhido do Algarve, viſitaſſe a Caſa Capitular, que era a unica, que por morte do Padre Viſitador tinha ficado ſem Viſita. Fez a diligencia o Padre Delegado Fr. João da Piedade, e logo; de ordem do Reverendiſſimo, lançou o Capitulo para 23. de Dezembro de 1683. Aviſárão-ſe os Vogaes para o dia ſinalado, que jà ſe achavão nos Conventos vizinhos do Capitular, por mandato, que para iſſo tinhão tido, nem tinhão paſſado pequeno trabalho, por reſpeito de ſer aquelle anno muito invernoſo. Partio de Thomar para Villa-Viçoſa o ſobredito Padre Commiſſario Geral: chegou ao noſſo Convento de Alter, onde ſe lhe aggravou hum achaque, que padecia, com o qual vendo-ſe impedido para aſſiſtir no Capitulo no dia, que eſtava aſſinalado, mandou preſidir nelle ao ſeu Secretario o Padre Fr. Joſé Valverde, Lente Jubilado, e Padre da Provincia de Granada. Algum impedimento pudéra pôr a Provincia à Preſidencia do dito Padre pelo Breve, que tinha de Clemente VIII. paſſado por ſupplica do Cuſtodio Fr. Simão de Aveiro, e depois confirmado por Urbano tambem VIII. à inſtancia de Fr. Balthazar da Guarda, onde ſe nos concede, que nenhum Commiſſario, aſſim eſpecial, como Geral, que não ſeja das Provincias Deſcalças, excepto o que foſſe eleito, ſegundo a Bulla da União, poſſa exercitar commiſsão, ou juriſdicção alguma neſta Provincia, como em ſeu lugar fica dito; mas como a Provincia ſe achava mortificada com as mortes de trez Prelados, e jà congregada para eleição de novo, por evitar as demoras, que forçoſamente ſe havião de ſeguir, ſe impediſſem ao Padre Secretario a Preſidencia, diſſimulou neſte ponto por aquella vez.

4 Entrárão à eleição no dia deputado, e votárão todos no Irmão Fr. Miguel da Chamuſca, Vigario Provincial, que era: ſahio eleito em Cuſtodio o Irmão Fr. Agoſtinho de Villa-Viçoſa, e em Definidores os Irmãos Fr. Antonio de Portalegre, Fr. João de Campo-Maior, Confeſſores, Fr. Mattheus de Evora, e Fr. João de Terena, Prégadores. No ſeguinte dia depois da eleição chegou o Reverendiſſimo Zarçoſa a Villa-Viçoſa, melhorado do achaque, que o deteve em Alter,

Fr. Miguel da Chamuſca Provincial 54.

ter, e confirmou tudo o que no Capitulo o ſeu Secretario havia obrado. Deteve-ſe comnoſco huns poucos dias, dizendo nelles algumas vezes, que à Provincia da Piedade vinha deſcançar do trabalho, que nas mais tivera; com eſte affecto a olhava, não ſó o triennio, que foi Commiſſario Geral da Familia, mas tambem todo o tempo, que ao depois teve de Geral da Ordem. De Villa-Viçoſa deſpedio pela Provincia huma Patente àcerca da oração, ſilencio, e recolhimento, que ſe havia de ter, e outras couſas ſemelhantes, as quaes ainda que conduzião à reformação, não innovavão nella couſa alguma, porque na meſma materia tinha leis, e ordenações mais apertadas.

5 Começou o novo Miniſtro a entender no governo da Provincia, mandando algumas leis, e apontamentos, que ſe obſervaſſem em ſeu tempo, naſcidas todas do zelo, e religião, que ſempre moſtrou em ſua vida. Dous mezes antes de cumprido o anno e meio depois de ſua eleição, teve a Congregação Capitular na Piedade de Villa-Viçoſa em vinte e oito de Abril de 1685. Anticipou-ſe eſta o tempo ſobredito, porque o Reverendiſſimo Zarçoſa promettia achar-ſe nella, quando ſe recolheſſe de Caſtella para Lisboa, onde ſegunda vez tinha entrado para aſſiſtir nas Congregações, e Capitulos das Provincias do Reino; porèm como ſe viſſe obrigado a ſahir delle, antes do que eſperava, não pode achar-ſe em a noſſa Congregação, como promettêra; deixou porèm licença ao Irmão Provincial, que a celebraſſe, e preſidiſſe. Continuou o Irmão Fr. Miguel ſeu officio obrando tudo com muito zelo, religião, e prudencia, porque de mais de ſer douto, era humilde em ſeu trato, e reformado em ſua peſſoa. Acabado ſeu Provincialato, por Patente do Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral Fr. Julião Chumillas, foi viſitar a Provincia da Arrabida: chegando a Lisboa, achou que o eſperava o Nuncio deſte Reino para o enviar às Ilhas Terceiras, compôr certas differenças, que havia naquella Provincia, e eſtando jà para dar principio à Viſita, a que hia, e livre da Miſsão, que o Nuncio lhe encommendava, foi noſſo Senhor ſervido levallo para ſi em os principios de Outubro de 1688. Do Hoſpital Real, onde morreo, foi a ſepultar em o Convento de S. Joſé de Ribamar; no Capitulo do meſmo Convento eſpera a univerſal reſurreição. Foi ſua morte ſentida não ſó dos Religioſos daquella

Pro-

Provincia, màs tambem da Corte, onde era bem conhecido; e ainda disse nesta occasião o Arcebispo de Evora, que então là se achava, D. Fr. Domingos de Gusmão, que nelle perdia a Ordem hum dos mais graves capellos, que havia nella.

CAPITULO XL.

Fundação do Convento de Santo Antonio na Villa de Moura.

684 1 SUpposto que o Irmão Fr. Antonio de Fronteira no tempo de seu Provincialato aceitou em a Villa de Moura hum Convento, com tudo a noticia de sua fundação pertence mais propriamente ao triennio, em que estamos, do Irmão Fr. Miguel da Chamusca, por se lançar nelle a primeira pedra; por isto a guardamos para este lugar. He a notavel Villa de Moura huma das principaes do Alentejo, assim na grandeza, como na fertilidade de todo o necessario para se passar a humana vida: fica no Arcebispado de Evora, meia legua alèm do rio Guadiana, por cuja causa pertencia antigamente à Bethica com o nome de Aradućta, ou Aruccitana. No tempo de ElRei D. Affonso Henriques deixou este nome pelo que agora tem, tomando-o da Moura, que o senhoreava ao tempo que o seu Castello foi entrado pelos Catholicos.

2 Por diversas vezes nos offerecêrão Convento nesta Villa, sem que o aceitassem os Prelados da Provincia, como tambem não condescendêrão aos rogos, que outras nobres Villas do Alentejo repetião para o mesmo fim, e pertenção. A primeira vez no-la offerecia o Arcebispo de Evora D. José de Mello, e com tão pouco trabalho da Provincia, que promettia dar o Convento perfeitamente acabado, sem que là apparecessem Religiosos, senão quando fossem tomar posse para morarem nelle; e como nem ainda com esta condição se lhe aceitasse, fundou então em Evora o Convento dos Religiosos Padres Carmelitas Descalços. A segunda instancia nos fez hum nobre, natural, e morador daquella Villa, cuja devoção experimentamos ainda hoje mui viva em seus descendentes, queixando-se algumas vezes de lhe estorvarmos a gloria, que terião, se naquelle tempo aceitaramos a offerta. Quando esta repugnancia, que em nós achavão, parece havia de esfriar os moradores de Moura na pertenção, que tinhão, foi tanto pelo contrario, que no Capitulo, em que sahio eleito o Irmão Fr. Antonio de Fronteira, se leo huma carta, em que a repetião

petião com mais inſtancia. Nella vinhão aſſinados os da Camera, e todos os mais da principal nobreza da Villa, excepto alguns poucos, que dizem não forão daquelle parecer, lembrados talvez do paſſado; mas depois que là aſſiſtimos, e nos conversárão, são os mais devotos.

3 Para Fundadores, e Padroeiros do novo Convento ſe offerecião dous irmãos, naturaes da Villa de Portel, e moradores na de Moura, Pero Ferreira de Moraes, e o Capitão Antonio Ferreira de Moraes. Paſſou-ſe algum tempo em ſe tirarem as licenças neceſſarias, aſſim de S. Mageſtade, como das Religiões, que naquella Villa tem Conventos; e ſuppoſto que iſto ſe fez com brevidade, com tudo como naquelle tempo ſe achava a Provincia magoada com a morte de tantos Prelados, como fica dito, não ſe entendeo em ſe lançar a primeira pedra, ſenão em o triennio ſeguinte, ſendo jà Provincial o Irmão Fr. Miguel da Chamuſca. Chegando elle a Moura na ſua primeira Viſita, teve algumas dúvidas àcerca do ſitio, em que ſe havia de fundar o novo Convento: os Padroeiros querião que foſſe em humas caſas ſuas, que eſtão em huma ponta da Villa, onde havia toda a commodidade para a fundação, o que lhe não aceitou, por ſer contra o eſtylo, que ſempre tivemos em não fundarmos dentro dos povos. Outros o eſcolhião em huma horta, que fica pouco alèm da Villa, junto da Ermida de S. Sebaſtião, e em effeito ſe aſſentou que aſſim foſſe. Não agradou porèm ao Irmão Provincial por alguns inconvenientes, que nelle conſiderava, como erão o perigo de o arrazarem ſe ſuccedeſſe haver guerras entre Portugal, e Caſtella, por ficar em parte, que podia ſervir à Villa de padraſto; de mais que como por eſta vizinhança havia preciſamente de ficar a cerca inferior aos muros da Villa, ficava toda devaſſada, e grande parte do Convento. Por eſtes reſpeitos, e outros, que prudentemente ſe previão, qualquer delles muito conſideravel, ſe reſolveo que o Convento ſe fundaſſe em huma horta chamada da Pipa, que era dos Padroeiros. Fica eſta apartada da Villa ao Poente em competente diſtancia, por onde nem o longe nos ficará ſendo demaziadamente moleſto para haver o neceſſario da Villa, nem a viſinhança importuna à quietação do Convento.

4 Nem carece de myſterio aſſentar-ſe, depois de tantos pareceres, que eſte foſſe o ſitio, antes parece eſtava jà de Deos eſco-

escolhido pelas razões, que lhe são presentes, e só elle sabe; porque nas duas vezes, que para esta Villa nos chamavão, na fórma, que temos dito, o lugar, que sempre apontárão para a fundação do Convento, era a mesma horta. Destinada tambem na occasião presente, se ajuntárão na Ermida de São Sebastião as duas Communidades de Religiosos, que ha na Villa, os Padres Carmelitas, e Observantes, com o Clero das duas Igrejas Paroquiaes, São João, e Santo Agostinho, e formando alli huma Procissão com a nossa Communidade, para o que o Irmão Provincial tinha convocado a Meza da Definição, e outros Religiosos Prelados, e subditos dos Conventos vizinhos, caminhárão para o lugar, em que se havia de fazer o novo Convento. No fim della hia o Illustrissimo Senhor D. Fr. Domingos de Gusmão, Arcebispo de Evora, vestido em Pontifical, e com toda a solemnidade benzeo, e lançou a primeira pedra da Igreja com o titulo, e invocação de Santo Antonio, em dezoito de Junho de 1684. assistindo nesta função toda a nobreza do povo com a gente de guerra, que nelle havia.

5 Começou-se a trabalhar nas obras, e pudérão jà hoje estar mais accrescentadas do que se achão ao presente, se tiverão mais alguma applicação, por algumas conveniencias, que no sitio se achárão, como foi o firme para os alicerses à flor da terra, e os materiaes em mui pouca distancia. Sómente de cal havia alguma falta, em razão de que no mesmo tempo se fazião de novo as muralhas da Villa, e toda se tomava para esta obra: porèm a isto acodio Deos não sem milagre, na opinião dos officiaes; porque sendo a cal pouca, com ella cresceo a obra em altura, que demandava dobrada, dizião os mesmos com admiração. Achase hoje o Convento acabado no que toca às paredes, e abobadas, entende-se agora em o emmadeirar, e cobrir; mas a difficuldade, com que àquella terra vai a madeira, promette alguma dilação. A qualidade do sitio mostrará a experiencia: alguns o receão doentio, por ficar entre os olivaes; com tudo bem poderá ser que não passe de receios; porque em razão de estar algum tanto levantado, fica dominando todos para o Norte, e Poente com dilatada vista, e conveniencia de ser lavado destes dous ventos. A horta he muito boa, e com bastante campo para huma competente cerca: dentro em si tem huma fonte de agua, que não podemos chamar boa, mas he das me-

melhores, que tem a terra: de fóra se lhe póde trazer outra com pouco custo para beneficio da cerca, que sem ella padecerá muito damno, e lhe faltará aquelle asseio, e ornato, que commummente temos nas outras.

6 Quando se lançou a primeira pedra, jà havia anno e meio que os Religiosos assistião em Moura em fórma de Communidade, servindo de Hospicio, com bastante conveniencia, as casas dos Padroeiros, que por esta razão no-las deixárão livres: nellas perseverão ainda hoje dez atè onze Frades com seu Vigario, a que obedecem, o qual tem voto em Capitulo. O primeiro Religioso, que entrou na Villa, quando nos chamárão para a fundação, foi o Irmão Fr. Antonio de Coimbra com mais dous companheiros; e com seu exemplo, e Sermões a deixou tão edificada, que se não perderá tão facilmente sua memoria. Na pequena Capella do Hospicio se frequentão os Sacramentos de tal sorte, que apenas ha dia, em que os Religiosos se não vejão occupados na administração delles; e em fim do grande aproveitamento espiritual, que, mediante a Divina graça, tem tirado o povo da nossa assistencia nelle, temos qualificadas testemunhas em seus moradores. Dos Padroeiros o mais velho, Pero Ferreira de Moraes, faleceo no anno de 1688. pelo mez de Janeiro, tempo, em que jà tinha feito na Capella da Igreja nova sua sepultura: nella foi por nossos Frades enterrado com solemnes exequias: seu irmão continúa as obras, e as tem na altura, que temos dito.

CAPITULO XLI.

Do quinquagesimo quinto Ministro Provincial.

1 NO fim de seu triennio avisou o Irmão Frei Miguel da Chamusca ao Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Julião Chumillas, para que lhe enviasse Visitador: nomeou elle ao Padre Fr. Manoel de S. Boaventura, Custodio actual da Santa Provincia da Arrabida. Este Padre Visitador fez mui exactamente a diligencia da Visita, e não pouca tambem em ordem a fazer Provincial de sua inclinação, e agrado; não teve porèm execução seu intento, porque acudírão os votos a outra parte: bem he verdade que não perdeo por falta de sua boa diligencia; mas contra esta prevaleceo a justiça. Chegado o termo sinalado pelas convocatorias, e juntos os Capitulares no Convento da Piedade de Villa-Viçosa, em 4. de 1687

de Janeiro do anno 1687. foi eleito em Provincial quinquageſimo quinto em numero o Irmão Fr. Antonio de Coimbra Prégador, que havia ſido Cuſtodio, e era ao preſente actualmente Guardião do meſmo Convento da Piedade. Sahio por Cuſtodio o Irmão Fr. Manoel de Caſtello de Vide, e por Definidores os Irmãos Fr. Antonio do Redondo, Fr. Mathias de Evora, Fr. Pedro da Vera Cruz Confeſſores, e Fr. Manoel de Fronteira Prégador. Aſſiſtio neſte Capitulo o Reverendiſſimo Padre Commiſſario Geral da Familia Fr. Julião Chumillas, que ſe recolhia de Lisboa, onde tinha celebrado os Capitulos, e Congregações das Provincias deſte Reino para os de Caſtella.

Anton. Coimb. incial

2 No ſeguinte anno, depois da eleição do Irmão Provincial Fr. Antonio de Coimbra, ſe havia de ter Capitulo Geral no Convento de Ara Cœli em Roma: para diſpôr a jornada a eſte Capitulo, fez huma Junta no Convento da Piedade em 17. de Fevereiro de 1688. e porque ſe achava por ſeus annos, e achaques impedido para jornada tão comprida, inſtituio Pro-Miniſtro, que levaſſe o ſeu voto, ao Irmão Fr. Antonio de Portalegre, Definidor habitual. Partio elle deſte Reino, e juntamente o Irmão Cuſtodio Fr. Manoel de Caſtello de Vide; embarcárão em Lisboa com os mais Vogaes das outras Provincias Capuchas, e com proſpera viagem chegárão a Roma, onde na Vigilia de Pentecoſtes ſe achárão à eleição de Miniſtro Geral, que ſe fez na peſſoa do Reverendiſſimo Padre Fr. Marcos Zarçoſa, que havia ſido Commiſſario Geral deſta Familia.

3 Diſſolto aquelle Capitulo, voltárão os noſſos dous Vogaes com a meſma proſperidade para a Provincia, entrando neſte Reino pela Villa de Moura; e como foſſe jà a tempo de ſe fazer a Congregação della, por haver paſſado o anno e meio depois do Capitulo Provincial, convocou o Irmão Fr. Antonio de Coimbra ao Definitorio para o Convento da Piedade, onde em 2. de Outubro do meſmo anno de 1688. teve a dita Congregação, em que preſidio, para o que os dous Vogaes trazião licença do Reverendiſſimo novamente eleito. O mais tempo, que lhe reſtava de ſeu governo, continuou o Irmão Provincial com muito acerto, e inteireza; porque alèm de ſer dotado de muita prudencia, religião, e zelo, era de igual experiencia, adquirida não ſómente nas Prelazias, que teve na Provincia, mas tambem nas que obteve nas alheas, viſitando em

diverſos tempos as duas Capuchas deſte Reino, Arrabida, e Santo Antonio.

4 No fim de ſeu triennio procurou Viſitador ao Reverendiſſimo Zarçoſa. Nomeou elle ao Padre Fr. Chryſoſtomo de Santo Antonio, Padre da Provincia da Arrabida; mas achando-ſe eſte impoſſibilitado por ſeus achaques para poder viſitar a pé a Provincia, ſe eſcuſou da commiſsão. Foi neceſſario recorrer novamente ao Geral, a tempo que eſtava gravemente enfermo em Madrid, onde morreo pelo mez de Janeiro do anno de 1690. em o Convento de noſſo Padre São Franciſco. No meſmo ſe elegeo no ſeguinte Fevereiro por Vigario Geral da Ordem o Reverendiſſimo Padre Fr. João Alvin, cuja eleição confirmou o noſſo Santiſſimo Padre Alexandre VIII. por Breve ſeu expedido em Roma em 29. de Abril do meſmo anno; e quatro mezes depois lhe deo por outro o titulo de Miniſtro Geral. Antes da morte do Reverendiſſimo Zarçoſa tinha elle feito nomeação, e enviado Patente de Viſitador ao cariſſimo Irmão Fr José de Thora, Ex-Definidor da Santa Provincia da Soledade; mas como vieſſe a nova de que o Reverendiſſimo era falecido, antes do dito Viſitador tomar poſſe da ſua commiſsão de Lisboa, onde já ſe achava, voltou para a ſua Provincia a eſperar a diſpoſição do Vigario Geral, que ſe elegeſſe. Com eſtas detenças ſe dilatou tanto o triennio, que ſe vio em perigo o Capitulo de ficar devoluto a Roma, em razão de ſe irem concluindo os ſeis mezes de mais dos trez annos, cuidado, em que nos acompanhou neſte Reino a Provincia da Soledade, vendo-ſe neſte ponto ainda em maior aperto; remediou-ſe porèm tudo com as boas diligencias, que ſe fizerão. O noſſo Viſitador, confirmado pelo Prelado Geral novamente eleito, entrou pelo Convento de Alter viſitando a Provincia, e em todas ſuas acções moſtrou que trazia mui vivo na memoria que era filho della, porque a olhou ſempre como a mãi.

CAPITULO XLII.

Elege-ſe o ultimo Provincial: paſsão os Religioſos do Convento antigo de Loulé para o novo.

1 COm alguma preſſa, pela razão, que eſcrevemos no Capitulo precedente, fez o Irmão Fr. Joſé de Thora a ſua Viſita. Concluida ella, convocou os Vogaes para a Piedade de Villa-Viçoſa, onde procedendo à eleição, em que preſidio

ſidio em 4. de Julho de 1690. ſahio eleito em Miniſtro Provincial o Irmão Fr. Manoel de Caſtello de Vide, que acabava de Cuſtodio. Eſte officio ſe proveo em o Irmão Fr. Joſé de Monforte: ſahírão por Definidores os Irmãos Fr. Manoel de Caſtello de Vide, Fr. Manoel de Portalegre, Fr. Bento do Redondo Prégadores, Fr. Manoel de Eſtremoz Confeſſor. A ſua Congregação fez o Irmão Provincial, preſidindo nella no meſmo Convento de Villa-Viçoſa o ſegundo dia de Janeiro de 1692.

anoel ſtello de ncial

2 No Capitulo trinta e ſete deſte Livro nos penhoramos a dar mais meudamente relação do Convento de Loulé novamente reedificado; e ſuppondo o que alli diſſemos, aſſim no tocante à doação gratuita, que fez André de Ataide, do ſitio, como tambem ao diſpendio das obras, que correo por conta da Provincia, como eſta he tão pobre, ainda que com todo o calor ſe applicou à reedificação, forão-lhe neceſſarios dezeſeis annos para a pôr em eſtado, que pudeſſe ſer habitada. Na quarta Dominga depois de Pentecoſtes, vinte e dous de Junho de 1691. ſe ordenou a translação, ſahindo os Religioſos em Procisſão do Convento antigo para o novo, acompanhados do Irmão Provincial, que nella aſſiſtio, e de muita gente nobre da Villa. Fica hoje a cerca mais eſpaçoſa, ainda que nem por iſſo com mais commodidade: o Convento velho logo ſe poz por terra, para o que não foi neceſſario muito trabalho; porque alèm de ſer antigo, erão as paredes mui fracas. Delle não ficou mais ſinal que a Capella Mór da Igreja, reduzida a Ermida, por reſpeito da Divina Mageſtade, que aſſiſtio nella, e para retiro dos Religioſos eſpirituaes, e devotos. Em o ſeguinte dia depois da translação dos vivos para o Convento novo, ſe fez tambem a dos mortos, para cujo effeito ſe abrírão todas as ſepulturas do commum Cemeterio dos Frades, e ajuntando os oſſos, que nellas eſtavão, os depoſitárão todos em huma, com letreiro, que o declara.

3 Entre elles ſe achárão os de hum Religioſo, que naquelle Convento acabou ſeus dias com grande opinião de virtude, ainda que deſta não temos mais noticia que a acclamação commua, que noſſos antigos nos deixárão, e ainda hoje entre nós ſe conſerva; e verdadeiramente que parece couſa inſoffrivel tantos deſcuidos, como temos encontrado a cada paſſo. Chamava-ſe elle Fr. João de Eſtremoz o Sunica, appellido de huma nobre familia daquel- Fr. João de Eſtremoz Sacerdote.

la

la Villa, ſendo aſſim nomeado por differença de outros do meſmo nome, que em ſeu tempo havia. Achamos que profeſſou no devoto Convento do Boſque em 29. de Novembro de 1594. paſſou a vida no exercicio de muitas virtudes, e particularmente campeou nelle a da paciencia, porque ſendo notavelmente perſeguido, ſempre ſe moſtrou como inſenſivel à cruz dos trabalhos, e mortificações, por onde Deos o levava. Muitos annos depois de ſua morte renovou o Senhor a memoria deſte ſeu fiel ſervo, dando evidente teſtemunho de ſua ſantidade; que ſe olha muito que pereça do mundo a lembrança dos máos, como diſſe David, [a] não cuida menos que a dos bons ſe conſerve, para a imitação, e exemplo.

[a] Pſalm. 33. verſ. 17.

4 Foi o caſo, que abrindo-ſe ſua ſepultura por occaſião de ſe enterrar nella outro Religioſo, ſe achou ſeu corpo não ſó incorrupto, mas tambem tractavel; e não ha muitos annos vivia em Loulé hum devoto noſſo, natural da meſma Villa, que teſtemunhava ver neſta occaſião o corpo defunto em pé, arrimado a hum canto do clauſtro, junto do Capitulo, ſem genero algum de leſão, nem effeito da corruptibilidade. Porèm a quem perdoou a corrupção natural dos corpos, não perdoou a ſimplicidade; porque recolhendo-o outra vez na meſma ſepultura, lhe lançárão em ſima tanta cal, que pela continuação do tempo, amparada do corpo para a fórma, e ajudada da humidade da terra para a união (ſe não he que foſſe por milagre) formou huma abobada, que ſervia como de pavimento aos oſſos do ſervo de Deos jà deſorganizados, mas ſolidos, e inteiros, o que tudo aſſim ſe achou eſta ſegunda vez, que os tirárão da ſepultura para os levarem com os mais ao Convento novo. Via-ſe em todos elles huma cor, como ſe houverão ſido oleados; como dos de S. Pedro de Alcantara [b] ſe refere: mandou o Irmão Provincial ſe puzeſſem à parte em lugar decente, mas por inadvertencia daquelles, a quem ficou encommendada eſta diligencia, ſe depoſitárão juntamente com os mais na ſobredita ſepultura.

[b] Daça p. 4. liv. 3. c. 54

5 Recolhidos os oſſos de todos os Religioſos, que no Convento antigo eſtavão ſepultados, ſó faltava trasladarem-ſe os do Veneravel ſervo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, illuſtre em virtudes, e claro por milagres, o que ſe differio para o ſeguinte anno de 1692. Neſte chegando o ſobredito Irmão Provincial em ſua terceira Viſita ao Convento de Loulé, huma

ma manhã, dezeſeis de Junho, acompanhado de hum Religioſo, mandou romper por dous officiaes a parede do Capitulo do Convento velho, onde pela parte do clauſtro, pouco aſſima da ſepultura do ſervo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, ſe via a pedra, que declarava eſtarem alli ſeus oſſos. Aberta a dita parede, ſe achou hum caixilho de madeira, pregado por todos os lados, que o Irmão Provincial mandou levar logo para a ſua cella; e abrindo-ſe, preſentes todos os Religioſos do Convento, ſe vírão os oſſos do ſervo de Deos envoltos em huma toalha. Eſtavão elles brancos, ſolidos, e inteiros, ſem lesão, ou podridão alguma: a cabeça tinha ainda todos os dentes do queixo ſuperior, e com alguns menos no debaixo, que na primeira translação feita no anno de 1602. da ſepultura para a ſobredita parede, havião ſido repartidos por peſſoas principaes, e devotas, que pela opinião, que tinhão do ſervo de Deos, procuravão com inſtancia ſuas reliquias.

6 O que pareceo maior milagre foi a toalha, em que eſtavão envoltos; porque havendo noventa annos, que alli fora poſta, que tantos correm da era de 1602. em que ſe ordenou a primeira translação, atè a de 1692. em que ſe fez eſta ſegunda, eſtava tão alva, ſã, e inteira, como o poderia eſtar o primeiro dia, que alli a mettêrão. Alguns dos oſſos mais pequenos repartio o Irmão Provincial pelos Religioſos daquelle Convento, e por alguns outros da Provincia: a mim me coube boa parte de huma coſta: a eſtimação, em que a tenho, he igual à devoção, com que a eſte ſervo de Deos venero. Os mais ſe repartírão em dous caixilhos de madeira, que para eſte effeito ſe fizerão, chapeados, e com ſua chave, hum dos quaes ſe collocou logo em o novo Capitulo do Convento de Loulé em a parede, que fica à parte eſquerda, entrando pela porta. O outro caixilho trouxe comſigo o Irmão Provincial para o Convento da Piedade de Villa-Viçoſa, em que vinha, de mais de outros oſſos, a cabeça do ſervo de Deos, e foi mettido no Capitulo do meſmo Convento tambem na parede, que correſponde ao lado eſquerdo dos que entrão. A meſma toalha, em que eſtavão envoltos, ſe dividio em duas, ficando em cada hum dos caixilhos huma parte. Fez-ſe em Villa-Viçoſa a collocação das ditas reliquias dia de São Bernardo 20. de Agoſto de 1692. deixando na face da parede huma pedra, em que ſe declara como forão trazidas para aquelle

le lugar do Convento antigo de Loulé.

7 Estas são as noticias, que pude descubrir para formar a Historia, e Chronica da Provincia da Piedade, trabalho, a que me sujeitei mais a imperios da obediencia, que a impulsos da vontade. Muito pouco he a respeito do que se pudéra dizer de huma Provincia tão santa, senão fora a omissão, que sempre tiverão seus Religiosos de notar, e pôr em escrito cousas, que bem o merecião, e pudérão agora servir para nossa edificação, e exemplo; mas como seu descuido foi nesta materia tão grande, custou pouco trabalho ao tempo sepultallas, e consumillas no abysmo do esquecimento, que este he todo o seu estudo, e cuidado. Tudo o que nella se contém desde o principio atè o fim protesto que vai escrito em conformidade do que mandou o Summo Pontifice Urbano VIII. por seus Decretos, sem usurpar mais authoridade que a humana; e o sujeito com o devido rendimento a toda a censura superior, e com desejo de que em seus servos seja glorificada a Divina Magestade.

LAUS DEO,

Virginique Matri, Sanctissimo Patri Francisco, ac B. Catharinæ, candidissimæ Virgini, & inclytæ Martyri.

IN-

INDEX

Das cousas mais notaveis, que se contém nesta Chronica.

O primeiro numero mostra a pagina: o segundo o numero della, e onde a materia he mais difusa, se denota com a palavra, &c.

A

FREI Affonso de Portalegre, foi de Angelica pureza, 436. 3.
Nunca vio a mulher o rostro, ibid.
Era singular sua abstinencia, ibid. 4.
Muito dado à oração, ibid.
Nella teve muitos extases, 437. 5.
A' imitação de nosso Padre S. Francisco quiz morrer na terra nua, ibid. 6.
Fr. Affonso de Vianna, foi notavel sua pobreza, 273. 4.
Profundo na humildade, ib.
Fr. Aleixo de Braga, foi imitador de Fr. Francisco da Gata, e discipulo de seu espirito, 532. 3.
A's Missas assistia com grande fervor, e devoção, ibid.
Era tão amigo da solidão, que morou trinta annos no retirado Convento de S. Vicente, ibid. 4.
Quando recitava a Paixão de Christo, escrita por S. João, soltava enternecidos gemidos, ibid.
Cheio de virtudes o achou a morte em Braga, 534. 4.
Dom Alvaro, tio do Duque D. Jaime, favoreceo em Castella aos Capuchos, 45. 7.
Alvaro Fernandes Presbytero, natural de Villa-Viçosa, fez vida heremitica no sitio, onde edificámos o primeiro Convento, 142. 1. &c.
Referem-se suas virtudes, ib.
Fr. Alvaro de Aljustrel, tomando o habito para Frade do Coro, se reduzio ao estado de leigo, 561. 1.
Amou muito a virtude da humildade, ibid.
Não menos procurava o silencio, e retiro, ibid. 2.
Era muito penitente, 562. 3.
Occultava com disfarces suas mortificações, ibid.
Quasi todo o dia, e toda a noite orava, ibid. 4.

Nunca se sentou diante dos Sacerdotes, 563.

Quiz achar-se à sua morte o Duque D. Theodosio, ibid. 5.

Depois della ficou seu corpo com extraordinaria viveza, e formosura, ibid.

Fr. Amaro de Chaves, foi mui regular, e observante, 756. 3.

Trazia continuamente na lembrança os novissimos do homem, e despertador para a memoria delles, ibid.

Teve na oração alguns extases, ibid. 4.

Com Santa Catharina de Alexandria teve particular devoção, 757.

Morreo no seu dia, ibid.

D. André de Noronha, Bispo de Portalegre, ajudou muito as obras do Convento, que temos nesta Cidade, 250. 6.

De Plasencia, onde morreo, foi trazido seu corpo à Igreja do dito Convento, ibid.

Fr. André de Fezes, dotou-o o Senhor de huma natural sinceridade, 575. 1.

Sobre esta assentou primorosas virtudes, ibid.

Nunca vio a face a mulher, 576.

Obrou Deos por elle muitos milagres, ibid. 2.

Estes fazia Fr. André em nome de Sant-Iago, de quem foi mui devoto, ibid.

Referem-se alguns, ib. 2. 3. 4. 5.

Teve espirito de profecia, 577. 4.

Chamado da Infante Dona Maria, fez por ella romaria a Sant-Iago, 578. 6.

Foi-lhe revelada sua morte, 579. 7.

Santo Antonio de Portalegre, em que sitio fundámos o primeiro Convento, 248. 1.

Provê nossa Senhora de sustento aos Frades em huma necessidade, em que se vírão, 249. 3.

Mudámos este Convento para outro lugar, e porque razão, idid. 4.

Descreve-se este segundo sitio, 250. 5.

Quem concorreo para as obras, ibid.

Abrindo-se huma sepultura, acha-se hum Religioso inteiro. 251. 7.

Livra Deos a Communidade de hum perigo, por meio de seu Prelado, ibid. 8.

Santo Antonio de Aveiro, quando fundámos este Convento, 254. 1.

Reparou-se em parte diversas vezes, ibid.

He agradavel seu sitio, e aprazivel sua cerca, 254. 2.

Tem-nos o povo notavel devoção, ibid.

Deste Convento sahírão diversas vezes os Religiosos ministrar aos apestados, 257. 5.

San-

Santo Antonio de Abrantes, em que sitio tivemos o primeiro Convento, 268. 1.

Quem foi seu Padroeiro, ibid.

Em quanto durárão as obras se recolhião nossos Frades em huma Ermida, onde hum deixou prodigioso sinal de sua assistencia, ibid.

Traslada-se o Convento para outro sitio, ibid. 2.

A quem passou o do primeiro Convento, ibid.

A quem se deo o Padroado do segundo, ibid.

Muda-se terceira vez o Convento, 269. 3.

Quem concorreo para suas obras, ibid.

Nesta terceira fundação melhorámos muito de sitio, 270. 3.

Mostrou estrondosamente o Inferno, que sentia esta mudança, ibid. 5.

Com hum prodigio mostrou o Ceo, que era de seu agrado, 271. 6.

Santo Antonio de Faro, para fundarmos este Convento nos chamou a Camera da Villa, 276. 3. 4.

Em que anno se principiou, 277. 5.

A quem se deo o Padroado delle, ibid.

Não quizemos tomar a nosso cuidado o governo das Freiras Capuchas, 278. 6.

Por esta occasião deixámos o Convento, 329. 1.

Chamados outra vez, fundámos segundo, 655. 2. &c.

Santo Antonio de Estremoz, em que tempo fundámos este Convento, 314. 2. 3.

Quem concorreo ás obras, ibid. 3.

ElRei D. João III. deo para ellas huma grande esmola, ibid.

A quem se deo o Padroado da Capella Mór, ibid.

Ficou o Convento pequeno, e Capucho, ibid. 4.

Mudámos o Convento para outro sitio, 315. 4.

Santo Antonio de Coimbra, he Convento mui devoto, e accommodado ao espirito, 318. 1.

Sua primeira fundação foi em vida de nosso Padre, ibid. 2.

Nelle se agazalhárão os Martyres de Marrocos, quando forão padecer martyrio, 319. 3.

No mesmo foi noviço, e fez profissão Santo Antonio, ibid.

Muitos annos depois de arruinado, ordenou Deos que o renovassemos, não sem mostras de que esta era sua Divina vontade, ibid. 4.

Quando se deo principio a esta reedificação, 320. 5.

Porque razão se chama Santo Antonio dos Olivaes o novo Convento, ibid.

Mostra-se que foi o primeiro, que teve a Ordem de nosso

Padre S. Francifco nefte Reino, 321. 1. &c.

Provê Deos milagrofamente os Religiofos ahi moradores, 324. 1.

Livra Santo Antonio a feus devotos, 325. 3. &c.

Convertem-fe dous peccadores ouvindo tocar a Matinas o fino defte Convento, 328. 7.

Notavel prodigio, que vírão depois da refolução, que tomárão, ibid.

S. Antonio de Loulé, quem nos fundou o Convento, 348. 1.

Occafião, que para iffo teve, ibid.

Em que anno fe principiárão as obras, 349. 3.

Dúvidas, que houve nefta fundação, ibid. 4.

Pleitea-fe a caufa, e dá-fe contra nós a fentença, ibid.

Recorre o Padroeiro ao Nuncio, que nos obriga a habitallo, ibid.

Começou em Oratorio, depois foi Guardianía, 350. 4.

Provião-o com muito cuidado feus Fundadores, 351. 5.

He feu fitio mui ameno, ibid.

Tem fua Igreja muitas, e notaveis Reliquias, ibid. 6.

Quem lhas deo, e donde vierão, ibid.

Mudámos o Convento para outro fitio, 816. 3. 843. 2.

Santo Antonio da Covilhã, dá-fe noticia do fitio do Convento, 391. 1.

Tem graciofa vifta, ibid. 2.

Occafião, por que foi fundado, ibid.

Concorrêrão muitos milagres em fua fundação, 392. 3.

Entre elles foi mais celebre o de huns meninos, 393. 4.

He grande a devoção, que nos tem os moradores da Villa, ibid. 5.

Santo Antonio de Caftellobranco, defcreve-fe o fitio defte Convento, 432. 1.

Foi feu Fundador D. Fernando de Menezes, ibid. 2.

Quando fe lançou a primeira pedra, ibid.

Tem-nos a gente muita devoção, 433. 3.

Duas vezes no anno ha nefte Convento Indulgencia em fórma de Jubileo, ibid.

Eftá no mefmo veneralmente collocada a Cabeça de huma das onze mil Virgens, 434. 4.

Santo Antonio do Porto, quem nos fundou efte Convento, 450. 1.

Quando fe principiárão as obras delle, ibid.

Defcreve-fe o feu fitio, 451. 2.

Que nome tinha antes, e como fe chama agora, ibid.

Eftá nefte Convento huma formofa Reliquia do Santo Lenho, 452. 4.

Por diverfas vezes fahírão delle Religiofos miniftrar na pefte, ibid. 5.

San-

Santo Antonio de Penamacor, dá-fe noticia do fitio do Convento, 460. 1.
Razão, que nos obrigou a fundar-mos nefta Villa, ibid. 2.
Seguio-fe-lhe grande aproveitamento de noffa affiftencia, ibid. 3.
Muda Deos a vontade de quem contrariava a fundação, 462. 4.
Correm as obras por conta da Villa, ibid.
Obra Santo Antonio hum notavel milagre, ibid. 5.
Vê-fe a efficacia de noffo Padre S. Francifco em hum cafo eftranho, 463. 6. &c.
Santo Antonio de Evora, defcreve-fe o fitio do Convento, 473. 1.
Porque occafião foi fundado, 474. 2.
Deo-lhe principio o Cardeal Infante, ibid. 3.
Sua morte o deixou imperfeito, ibid.
Poz-lhe o ultimo complemento o Arcebifpo D. Theodofio de Bragança, 475. 4.
Teve-nos efte grande Prelado huma fingular devoção, ibid. 5.
Referem-fe algumas acções demonftradoras della, ibid. e 6.
Tem no mefmo Convento fua fepultura, 477. 7.
He nefta Cidade Santo Antonio Senhor do coração de todos, ibid.
Grangea efte com feus continuos milagres, ibid.
Referem-fe dous mui celebres, 478. 2. &c.
Santo Antonio de Ourem, dá-fe noticia do Convento, 597. 1.
Quem folicitou fua fundação, ibid. 2.
Achou muita repugnancia em noffos Frades, ibid.
Em que a fundavão, ibid.
Finalmente confentírão nella, 599. 3.
Quando fe poz mão às obras, ibid. 4.
Moftrou Deos em diverfos cafos quão aceita lhe era efta fundação, ibid.
Santo Antonio da Villa do Redondo, porque razão não querião noffos Frades aceitar Convento nefta Villa, 612. 1.
Obrigados do Geral o fundámos, ibid.
Quando entrárão na Villa noffos Frades, 613. 2.
Em que tempo fe deo principio às obras, ibid.
Por cuja conta corrêrão, ibid.
He grande a devoção do povo, ibid.
Santo Antonio de Beja, quanto procurárão os moradores defta Cidade que fundaffemos nella Convento, 626. 1.
Efcufavão-fe noffos Frades, ibid.
Depois de muitas inftancias o aceitárão, ibid. 2.

Quan-

Quando ſe lançou a primeira pedra, ibid.

He o ſitio muito falto de agua, 627. 3.

Santo Antonio de Tavira, procurão os moradores deſta Cidade com inſtancia a fundação do Convento, 640. 1.

Houve grande variedade na eleição do ſitio, 641. 2. 3. 4.

Quando ſe lançou nelle a primeira pedra, 642. 5.

Dá-ſe noticia do aprazivel do ſitio, 643. 6.

Signalou-ſe nas eſmolas para as obras do Alcaide Mór da Cidade, ibid.

Santo Antonio de Fronteira, entrão noſſos Frades a fundar eſte Convento, 644. 1.

Quem aceitou o Padroado da Capella Mór, ibid.

Onde ſe recolhêrão os Religioſos Fundadores em quanto durárão as obras, ibid 2.

Lançou a primeira pedra D. Rui Pires da Veiga, Biſpo de Elvas, ibid.

Em que tempo, ibid.

Nomeão-ſe alguns, que mais concorrêrão para as obras, ibid.

Santo Antonio de Alter, antes de fundarmos eſte Convento, vivemos junto da Villa em fórma de Communidade, 652. 2.

No ſitio, onde aſſiſtimos tinhão jà principiado Convento os Padres Carmelitas Deſcalços, ibid.

Deixárão-o por duas vezes, ibid. 3.

A rogos do Duque entrámos em ſeu lugar, 653. 4.

Mudámos o Convento para outro ſitio, ibid. 5.

He mui freſco, e ſádio, ibid.

Acode-lhe a Caſa de Bragança com eſmola ordinaria, ib.

Santo Antonio da Idanha, procurão os moradores deſta Villa a fundação do Convento, 669. 1.

Diverte-ſe eſta, e porque razão, ibid. 2.

Aceita-ſe ſegunda vez, e põe-ſe mão à obra, 670. 3.

Acaba-ſe eſta com brevidade, ibid. 4.

Dá-ſe razão do ſitio, ibid.

Santo Antonio de Arrifana, quando fundámos eſte Convento, 791. 4.

A quem ſe deo o Padroado, ib.

No meſmo anno fundámos outro em Guimarães, 792. 5.

Santo Antonio de Moura, por vezes procurárão os moradores deſta Villa a fundação do Convento, 823. 2.

Dous irmãos a tomárão por ſua conta, 824. 3.

Houve algumas dúvidas ſobre a eleição do ſitio, ibid.

Eſcolhe-ſe hum, não ſem myſterio, ibid. 4.

Quem lançou nelle a primeira pedra, ibid.

Quando ſe principiárão as obras, 825. 5.

Em

Em que estado está hoje o Convento, ibid.
Vivemos naquella Villa em hum Hospicio, 826. 6.
Aproveitamento espiritual, que tira o povo de nossa assistencia, ibid.
Fr. Antonio de Toledo, foi Religioso mui perfeito, 272. 2.
Na oração era continuo, ib.
Por muito tempo ficou sua sombra impressa na parede de huma Capella, onde orava, 273. 3.
Onde tem sua sepultura, e para onde foi trasladado, ibid.
Por meio da terra de sua sepultura obrou Deos muitos milagres, ibid.
Fr. Antonio do Porto, foi insigne Prégador, e Religioso mui perfeito, 411. 2.
Com quatro companheiros, filhos tambem desta Provincia, passou à India, ibid.
Forão innumeraveis os que converteo, e os idolos, e templos, que destruio, 411. 3. &c.
Fundou Seminarios, e Conventos, ibid.
Foi o primeiro, que na Ilha de Salcete cortou os abrolhos da Gentilidade, ibid.
Dedicou hum Collegio a nossa Senhora da Piedade, em memoria da Provincia, de que era filho, 412. 5.
No ministerio da salvação das almas acabou seus dias, 413. 6.
Fr. Antonio de Silves, acabou a vida ministrando aos apestados, 523. 5.
Apontão-se suas virtudes, ibid.
Fr. Antonio de Aveiro, foi Religioso de exemplar vida, 452. 5.
Morreo no Porto ministrando na peste, ibid.
Fr. Antonio de Aveiro, foi Prégador verdadeiramente Apostolico, 470. 3.
Exercitava-se em muitas virtudes, 471. 4.
Teve revelação de sua morte, 472. 5.
Concorrêrão a ella muitos, que o veneravão por santo, ibid.
Fr. Antonio de Abrantes, toda a sua vida foi hum continuo jejum, 480. 1.
Na oração velava a maior parte da noite, 481. 2.
Nella recebeo muitas consolações de Deos, ibid.
Teve particular devoção com a Senhora Mãi de Deos, ibid. 3.
Crê-se que a Senhora lhe revelou o tempo de sua morte, ibid.
Notaveis circumstancias della, 482. 4. 5.
Vinte e seis annos depois de morto foi achado seu corpo inteiro, ibid.
O Veneravel Fr. Antonio de Nebrixa tomou o habito, e fez profissão na Provincia de Andaluzia, 483. 1.

Della com defejo de mais perfeição paffou à noffa da Piedade, ibid. 2.

Nefta viveo quarenta annos, 484. 3.

Em tódo efte tempo não comeo carne, ou peixe, nem bebeo vinho, ibid. 4.

Foi fua vida hum continuado jejum, 485. 5.

Para os proximos foi mui caritativo, e brando, particularmente para com os enfermos, 486. 6.

Ufava de hum cilicio, que o trazia fempre chagado, ibid.

Alguma vez, que fallava com mulheres, era com admiravel recato, ibid. 7.

Maravilhofo exemplo, que nos deixou nefta materia, ibid.

Foi amiciffimo da pobreza, 487. 1.

Nos caminhos fe entregava totalmente à providencia Divina, ibid. 2.

A Senhora o provêo milagrofamente em huma jornada, ibid. 3.

Obrou em vida muitos milagres, 489. 1. &c.

Com maçãs verdes deo faude a muitos, 490. 2.

Dava-fe tanto à oração, que parecia andar fempre com o penfamento em Deos, 492. 1.

O myfterio, que mais frequentemente contemplava, era o da Sagrada Paixão de Chrifto, ibid.

Ainda pelos caminhos hia orando, 493. 2.

Por muitas vezes foi achado em extafe, ibid. 3. &c.

Affiftindo fempre ao officio Divino em o Coro, commummente o rezava cà fóra, porque aos primeiros verfos ficava alienado, 494. 4.

Maravilhofos effeitos de fua oração, 495. 6. &c.

Communicou-lhe Deos o dom de profecia, 496. 1.

Referem-fe varios fucceffos, em que a moftrou, 497. 2. &c.

Teve revelação de fua morte, 500. 3.

Preparou-fe para ella com extraordinario fervor, ibid.

Quiz morrer na terra nua à imitação de noffo Padre São Francifco, ibid. 4.

Conformou-fe com a vontade do Prelado, que lho não confentio, ibid.

Não cabia na Igreja a gente, que concorreo ao officio funeral, 501. 5.

Por meia legua fe diffundio a fragrancia, que defpedia feu corpo, ibid.

Começou logo a refplandecer com muitos milagres, 503. 1. &c.

Continuou-os por diverfas terras defte Reino, 510. 1. &c.

De todo o Algarve acudião a vifitar feu fepulchro, ibid.

Sua translação, e milagres, 605. 1. &c.

He

He trasladado segunda vez para outro lugar, 830. 5. &c.
Fr. Antonio de Portalegre, foi mui estimado de ElRei Dom João III. 557. 1.
Deixou a Corte, e tomou o habito desta Provincia, ibid.
Nella se exercitou em muitas virtudes, ibid.
Orava com singular socego, 559. 3.
Assistio na Corte de Castella com officio de Confessor da Princeza Dona Maria, ibid. 4.
Saudoso do retiro de sua cela deixou a Corte, ibid.
Morreo em Coimbra com grande opinião de Santo, ibid.
Fr. Antonio Godinho, foi Religioso de assignalada virtude, 563. 5.
Memoravel caso, que lhe aconteceo, ibid.
Fr. Antonio de Lisboa, dourou as muitas virtudes, que teve, com o desapego das cousas do mundo, 565. 4.
Favoreceo a Divina providencia a confiança, que nella punha, ibid.
Fr. Antonio da Covilhã, continuou muito o exercicio da oração, 581. 4.
Fr. Antonio de Estremoz, foi de grande brandura, e mansidão, 629. 3.
Dos Claustraes passou à nossa Provincia, ibid.
Teve particular zelo da salvação das almas, 629. 4.
Morreo com opinião de Santo, ibid.
Fr. Antonio de Niza, Prégador mui zeloso da salvação das almas, 649. 5.
Jà quando veio à Religião trazia opinião de Santo, ibid.
Cresceo mais esta depois de Religioso, ibid.
Maravilhosa visão, que teve, morando em Elvas, 650. 6.
Morreo em Béja, onde deixou grande nome sua virtude, ibid.
Fr. Anjo de Valhadolid, foi hum dos nossos Fundadores, 282. 1.
Tomou o habito na Provincia de Sant-Iago, ibid. 2.
Sendo famoso em as letras, o foi mais em as virtudes, ibid.
Foi como Anjo da Guarda, que defendeo a reforma Capucha das opposições, que teve, 283. 3.
Foi admiravel sua constancia, 284. 4.
Onde morreo, ibid. 5.
Fr. Anjo de Portalegre, foi Anjo em a vida, 573. 1.
Castigava seu corpo com excessiva penitencia, ibid. 2.
Mui devoto, e contemplativo, ibid.
Teve em a oração muitos raptos, ibid.
Em sua morte pedião os seculares por Reliquias as cousas de seu uso, ibid.

Fr. Agoſtinho de Fragoſo, foi regular, e reformado, 808. 7.

Prodigioſo effeito de ſua caſtidade, 809. 8.

O amor, que tinha à oração, o fazia amar tambem a ſoledade, ibid.

Deixou por ſua morte grande opinião de virtuoſo, ibid.

Fr. Agoſtinho de Lisboa, foi de maravilhoſa pureza, 530. 5.

Sahio a curar aos apeſtados, ibid.

B

FR. Balthazar de Alcacere, tomou o habito em a Provincia de Portugal, 442. 1.

Della paſſou à noſſa Provincia, ibid.

Exercitou-ſe em muita penitencia, ibid.

Frequentava muito a ſanta oração, ibid. 2.

Nella recebeo de Deos muitos mimos, ibid.

Trinta annos o combateo o demonio com hum penſamento torpe, 443. 3.

Nunca porèm venceo ſua conſtancia, ibid.

Teve eſpirito de profecia, ibid. 4.

Foi-lhe revelado o dia de ſua morte, ibid.

Myſterioſas circumſtancias della, 444. 5.

Fr. Bartholomeu do Canhaveral, recebeo do Altiſſimo dom de lagrymas, 274. 5.

Erão mais copioſas quando dizia Miſſa, ibid.

Foi muitas vezes achado em extaſe, ibid.

Tem ſua ſepultura no Convento do Boſque, ibid.

Fr. Bartholomeu de Bragança, tomou o habito entre os Conventuaes, 430. 2.

Com deſejo de mais perfeição paſſou à noſſa Provincia, ibid.

Foi dotado de huma ſimplicidade columbina, ibid.

Na oração gaſtava a maior parte do dia, e da noite, 431. 3.

Foi mui perſeguido do demonio, ibid.

Chegou o ſervo de Deos a fazer tão pouco caſo do demonio, que achando-o deitado na ſua cama, ſe deitava juntamente com elle, ibid.

Sentia o demonio grandemente eſte deſprezo, mas não deſiſtia de tentallo, 431. 4.

Procurava divertillo na oração, ibid.

Morreo em o Convento do Boſque, ibid.

Fr. Bartholomeu de Setuval, foi Prégador verdadeiramente Euangelico, 528. 2.

Antes de prégar ſe prevenia com prolongada oração, ibid.

Teve particular graça de compor inimizades, ibid.

Pedia a Deos morte repentina, e porque, ibid. 3.

Ouvio Deos ſua petição, ib.

Frei

Fr. Bartholomeu de Braga, em sua mocidade seguio as vaidades do mundo, 676. 1.

Deixou-as, dando primeiro de si hum notavel exemplo de desprezo, ibid. 2.

Tomou o habito entre os Conventuaes, donde se passou à nossa Provincia, ibid.

Nesta resplandeceo em muitas, e admiraveis virtudes, 677. 3.

Foi-lhe revelada sua morte, ibid. 4.

Muitos dias depois della respirava sua cella suavissimo cheiro, ibid.

S. Bernardino, donde nasceo a singular devoção, que lhe tem os moradores da Villa, e Comarca de Chaves, 163. 5.

Fr. Boaventura de Fronteira, alcançou o nome de extatico, 749. 1.

Punha particular cuidado em macerar seu corpo, ibid. 2.

Achava-se nelle em gráo subido o amor de Deos, e do proximo, 750. 3.

Foi admiravel sua paciencia, 751. 4.

Particularmente a mostrou na ultima enfermidade, ibid.

Fr. Boaventura de Villa Real, ardia em seu peito o amor de Deos, e do proximo, 762. 5.

Tinha grande devoção com as almas do Purgatorio, ibid.

Foi de profunda humildade, 763. 6.

Sentido desta o tratava o demonio pezadamente, ibid.

Braga, os primeiros Religiosos, que teve depois da entrada dos Mouros em Hespanha, forão os da Piedade, 240. 4.

C

SAnta Catharina Virgem, e Martyr, as suas rodas tomou por armas o Cardeal Dom Jorge da Costa, 62. 6.

Temos huma Reliquia sua no Convento da Vidigueira, 345. 3.

Outra no Convento de Loulé, 351. 6.

Em seu martyrio fez oração a Deos por seus devotos, 756. 4.

A Senhora Dona Catharina Duqueza de Bragança, favorecia nosso Convento de S. Vicente, 201. 6.

Foi singular a devoção, que teve a nossos Frades, 617. 3.

Era mulher naturalmente senhora, ibid. 4.

Não soffria ouvir dizer que em algum Convento padeciamos necessidade, 618. 6.

Notavel resposta, que deo a Filippe II. fazendo-lhe visita, 619. 7.

Todos os Confessores, que teve, forão Frades desta Provincia, ibid.

Foi mui solicita da salvação de sua alma, 632. 4.

Alcançou por Reliquia o manto do Veneravel ſervo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, 502. 6.

Chagas, Convento de Religioſas de Santa Clara em Villa-Viçoſa, quando foi fundado, 316. 2. 3.

Obrigados do Padre Geral, aceitámos eſte Convento à noſſa obediencia, 317. 4.

Poucos dias depois nos eximimos deſte cuidado, ibid.

Guarda-ſe neſte Convento o cilicio do Veneravel ſervo de Deos Fr. Franciſco da Gata, 363. 4.

Por meio delle tem obrado Deos muitas maravilhas, ibid.

Fr. Chriſtovão de Abrantes, no Capitulo, em que ſahio eleito em Provincial, fez que os Vogaes deixaſſem a hum canto as ſandalias, e foſſem deſcalços, 427. 3.

Foi Religioſo mui regular, e perfeito, 466. 1.

Tinha eſcola de oração, ibid. 2.

Notavel exemplo de ſeu recato, ibid.

Depois que tomou o habito, nunca mais tornou à ſua terra, ibid. 3.

Foi Commiſſario Geral ſobre as Provincias do Reino, 468. 4.

Fr. Claudio, da Provincia de Aquitania em França, paſſou à Piedade, 745. 5.

Foi Religioſo mui reformado, ibid.

Morreo em Jeruſalem huma ſexta feira, eſtando em oração no Santo Sepulchro, ibid.

Clauſtraes, que principio teve eſte nome, 3. 4.

D

Dom Diogo de Souſa, Arcebiſpo de Braga, fundou-nos Convento neſta Cidade, 240. 4. 5.

D. Fr. Diogo da Silva, quem foi no mundo, 333. 1.

Que officios occupou no ſeculo, 334. 2.

Chama-o Deos do mundo com huma visão eſtranha, ib. 3.

Tomou o habito em a noſſa Provincia, ibid. 4.

Exercitou-ſe em muitas virtudes, 335. 1.

Sentido deſtas, o maltratava o demonio, ibid. 2.

Notavel exemplo de ſua humildade, ibid. 3.

Foi o primeiro Inquiſidor Geral, que houve neſte Reino, 337. 4. 5.

Renunciou eſte officio, e foi provído no Arcebiſpado de Braga, 338. 6.

Quando foi tomar poſſe, moſtrou o Rei quanto o eſtimava na recommendação, que delle fez, ibid.

Pouco depois morreo, 338. 7.

Ca-

Cafo myfteriofo depois de fua morte, ibid.

Fr. Diogo de Villa-Viçofa, frequentava a oração, 449. 6.

Muitas vezes foi achado fem fentidos, ibid.

Deixou opinião de virtuofo, ibid.

Fr. Diogo de Pernes, inimiciffimo da ociofidade, 568. 1.

Teve particular graça para fallar de Deos, ibid.

Foi rigorofa fua penitencia, 569. 2.

Sentia o demonio fua perfeição, ibid.

Muitas vezes foi vifto em maravilhofos raptos, 570. 3.

Singularizou-fe na devoção da Senhora, 580. 4.

Teve tambem grande devoção às Chagas de noffo Padre S. Francifco, ibid.

Teve do Serafico Patriarca hum maravilhofo apparecimento, 571. 6.

Tinha particular graça de confolar os afflictos, 572. 7.

Em fua morte acudio grande concurfo do povo a fuas exequias, ibid.

Meftre Diogo de Borba, foi tocha do Oriente, 399. 3.

Defde fua infancia fe creou com os Religiofos da Piedade, ibid.

Com hum delles paffou à India, ibid.

Fundou em Goa o Collegio de Santa Fé, ibid.

Fr. Diogo da Pederneira, era mui penitente, e contemplativo, 472. 6.

Perfeverou atè à morte no exercicio de muitas virtudes, ib.

Fr. Diogo da Beira, refplandeceo com excellencia em muita perfeição, 530. 6.

Experimentou muitas perfeguições dos demonios, ibid.

Em premio do valor, com que lhes refiftia, gozava muitas confolações de Deos, ibid.

A confideração da Paixão de Chrifto o fazia romper em lagrymas, ibid. 6.

Muitas vezes foi vifto arrebatado, ibid.

Fr. Diogo de Hitta, não houve em feu tempo na Provincia quem na virtude o excedeffe, 586. 1.

Defde menino moftrou inclinação a ella, ibid.

Deixou o Reino de Caftella, de que era natural, e tomou o habito nefta Provincia, ibid. 2.

Nunca mais tornou à fua patria, ibid.

Pofto no caminho da perfeição, em breve tempo fubio a alto grão della, 587. 4.

Sua abftinencia foi admiravel, ibid.

Disfarce, com que a encobria, ibid.

De inverno deixava abertas as portas da cella, e janella, para affim padecer mais o frio, 588. 5.

Ma-

Macerava o corpo com cilicio, e continuas diſciplinas, ibid. 1.

Depois de Frade nunca vio a mulher o roſtro, 589. 2.

Notavel exemplo deſte ſeu recato, ibid.

Mitigava as terriveis dores de gota, que padecia, com a conſideração da Paixão de noſſo Redemptor, ibid.

Foi dotado de huma profunda humildade, ibid. 3.

Era notavel a pureza de ſua conſciencia, 590. 4.

Em todo o lugar continuava a oração, 591. 1.

Muitas vezes orando na Igreja, ſe vírão ſobre ella fogos, como que ſe abrazava, 593. 4.

Outros milagroſos effeitos de ſua oração, 592. 3. &c.

Teve eſpirito de profecia, 594. 1.

Referem-ſe alguns caſos, em que a moſtrou, ibid. &c.

Ao eſpirito de profecia ſe lhe ajuntou a graça das curações, 594. 2. &c.

Deſejou muito padecer martyrio, 595. 3.

Morreo miniſtrando na peſte, 596. 5. &c.

Milagres, que obrou nos feridos deſte contagio, 597. 6.

Fr Diogo de Niza, foi de natural brando, e ſingelo, 663. 3.

Nos muitos achaques, que padeceo, moſtrou ſempre admiravel paciencia, ibid.

Para nas confiſsões dar materia, recorria à vida paſſada, ib.

Na ultima enfermidade deſconſolava-ſe muito ſe lhe dizião que havia de morrer della, 664. 4.

Foi-lhe revelada ſua morte, ibid.

Teve huma visão antes della, 665. 5.

Fr. Diogo de Leiria, foi Religioſo de approvada vida, 736. 3.

A Rainha Dona Luzia o eſcolheo por ſeu Confeſſor, ibid.

Houve-ſe neſte officio com grande independencia, ibid.

Notavel reſpoſta, que deo à Rainha, dizendo-lhe que ainda havia de ſer Biſpo, 737. 4.

Fr. Diogo de Coimbra, foi Prégador mui zeloſo da ſalvação das almas, 748. 4.

Sobre a humildade aſſentou outras muitas virtudes, ibid.

Fr. Domingos de Fezes, ſubio a alto gráo de perfeição, 541. 1.

Moſtrava ſempre huma particular alegria, ibid.

Foi admiravel ſua paciencia, ibid.

Fr. Domingos da Taboa, logrou muitas virtudes, 580. 2.

Com importunos rogos alcançava dos outros ſua humildade, lhe puzeſſem o pé na boca, ibid.

Acabou com fama de virtude, ibid.

Era,

E

ERa, a de Cesar, quando, e quem a mudou em Portugal na do Nascimento de Christo, 170. 4.

Como se ajusta pela do Nascimento, ibid.

F

DOm Fernando Coutinho Bispo do Algarve, devoção, que tinha a nossos Religiosos, 213. 1. &c.

Fez doação a ElRei Dom Manoel de trez Conventos, que nos fundou, para que de sua mão os recebessemos, ibid.

Razão, que para isso teve, 217.

D. Fr. Fernando Vaqueiro, Bispo Aurense, foi filho da Provincia da Piedade, 397. 6.

Quando passou à India, ib. 7.

Onde morreo, 398. 7.

Nosso Padre S. Francisco, mostra-lhe Deos em huma maravilhosa visão o futuro estado de sua Ordem, 1. 1.

Entrou o Serafico Patriarca neste Reino, indo para Galiza, 321. 1. 2.

Quer que lhe festejem as suas Chagas, 572. 6.

Não consentia andar hum Frade só entre seculares, 321. 2.

O considerar que alguem se podia perder, o fazia chorar, 394. 1.

Prodigioso successo na India, 413. 6.

S. Francisco de Chaves, onde esteve o primeiro Convento, que tivemos nesta Villa, 158. 2.

De quem, e em que tempo o recebemos, 159. 3.

Sua muita antiguidade, ibid.

Em sua Igreja está sepultado o primeiro Duque de Bragança, 160. 5.

Favorece Deos a hum devoto, que por soccorrer aos Frades se poz a perigo, 161. 2. &c.

Donde, e por quem foi trazida a este Convento huma devota Imagem de Christo crucificado, que nelle se venera, 164. 2.

Prodigiosa maravilha, que obrou em o Navio, onde a trazião, ibid. 3. 4.

Porque razão deixámos este sitio, e reedificámos em outro, 166. 1.

Trasladárão-se para o segundo Convento os ossos do Duque D. Affonso, que estavão no primeiro, ibid. 2.

Nesta reedificação melhorámos algum tanto de sitio, mas não como se esperava, ibid. 3.

Prepara Deos milagrosamente no deserto gazalho a dous Frades, que sahírão deste Convento, 167. 4.

Depois de solta das prizões da carne, vem huma alma sujei-

jei-

jeitar ao Sacramento da Penitencia algumas culpas, de que ſe não havia confeſſado na vida, ibid. 5.

S. Franciſco de Lagos, quando fundámos eſte Convento, 202. 1. 2.

Por doentio o paſſámos a outro ſitio, 204. 3.

De quem recebemos o primeiro, ibid.

Que invocação teve, ibid.

Porque ſe lhe mudou no ſegundo, ibid.

Com milagres grangea noſſo Padre a devoção dos moradores de Lagos, ibid. 1.

Creſce eſta particularmente nos peſcadores com hum prodigio, 205. 2.

S. Franciſco de Elvas, quando, e em que ſitio fundámos eſte Convento, 221. 2.

Ajudou às obras com groſſas eſmolas o Duque D. Jaime, 222. 3.

A quem ſe deo o Padroado, ibid.

Provê Deos milagroſamente os Religioſos ahi moradores, ibid. 4.

Traslada-ſe para outro ſitio, e porque cauſa, 223. 1. 2.

Dúvidas, que houve ſobre o Padroado do Convento novo, 224. 3. 4.

A quem ſe deo o da Capella Mór, ibid. 5.

Porque razão ſahio na fabrica mais avultado, que outro algum da Provincia, 225. 6.

S. Franciſco de Portel, fundou-ſe eſte Convento em cumprimento de hum voto a noſſo Padre, 355. 1.

Quando ſe principiárão ſuas obras, ibid. 2.

He capucho, e mui reformado, ibid.

Ainda hoje perſevera na fórma, em que foi fundado, ibid.

Nelle obrou a Divina piedade a conversão de hum peccador, 356. 3.

Della moſtrou ſentimento o demonio, ibid.

Franciſco da Coſta, Conego de Braga, particular devoto noſſo, 338. 7.

Deixadas as Armas de ſeus aſcendentes, mandou eſculpir por orla na ſua ſepultura o cordão de noſſo Padre, ibid.

Caſo notavel, que lhe aconteceo com eſta Sagrada inſignia, ibid.

Milagres, com que o favoreceo o Serafico Patriarca, 623. 2. &c.

Fr. Franciſco de Azurára, na converſação moſtrava logo a innocencia da alma, 544. 5.

Com excellencia maravilhoſa ſe exercitou em ambas as vidas, activa, e contemplativa, ibid.

Ria-ſe quando ouvia fallar dos temores da morte, ibid.

Moſtrou naquella hora, que não fora vã ſua confiança, ibid.

Fr.

Fr. Francisco de Villa-Viçosa, as muitas penitencias, com que se tratava, o fazião parecer cadaver, 583. 1.

Deo a vida por seus irmãos servindo na peste, ibid. 2.

Fr. Francisco de Coimbra, vigiava muito na oração, 601. 3.

Sendo jà cego por sua muita idade, hia sempre ao Coro rezar com os outros o que sabia de memoria, 602. 4.

Toda a sua vida seguio pontualmente as Communidades, ibid.

Estando feito huma chaga viva, nunca deo mostras do menor sentimento, ibid.

Por sua muita humildade, nunca acabárão com elle, que fosse Prelado, ibid.

Cheio de muitas virtudes o achou a morte, ibid.

D. Fr. Francisco de Villanova, foi tomado para Bispo de S. Thomé, 603. 1.

Dilatou grandemente naquellas terras a Christandade, 604. 2.

Foi Varão verdadeiramente Apostolico, ibid. 3.

Acompanhárão-o outros Religiosos desta Provincia, 605. 4.

Fr. Francisco do Dume, foi de Angelica conversação, 614. 3.

Castigava rigorosamente seu corpo, ibid.

A maior parte da noite velava em oração, ibid. 4.

Teve revelação de sua morte, ibid.

Fr. Francisco de Esposende, foi Religioso de signalada virtude, 631. 1.

Sua creação no mundo, e varios successos della, ibid. 2.

Resplandeceo muito na virtude da humildade, ibid.

Na oração foi mui continuo, e fervoroso, ibid.

Tão altamente tratava das cousas do Ceo, que a todos punha espanto, 632. 4.

Ardia nelle hum grande zelo da honra de Deos, 631. 1. &c.

Procurava o demonio estorvallo com seus exercicios, 635. 1. &c.

Tratava-se com grande rigor e aspereza, 637. 1.

Macerava seu corpo com crueis disciplinas, ibid.

Nunca usou de genero algum de calçado, nem ainda pelos caminhos, 638. 2.

Usava de hum colete inteiro de aspero cilicio, ibid.

Os seus jejuns erão continuos, ibid.

Todos os que o vião, o avaliavão logo por virtuoso, ib. 3.

Pedia a Deos que o levasse a morrer no Convento do Bosque, 639. 4.

Satisfez Deos a sua petição, ibid.

Teve revelação do dia, e hora de sua morte, 640. 5.

Fr. Franciſco de Villa-Viçoſa, jà na idade de menino era ſignaladamente virtuoſo, 682. 1.

Sua creação em o mundo, e louvaveis exercicios, que tinha, ibid. &c.

Tomou o habito no Convento do Boſque, onde deo logo moſtras da futura ſantidade, 686. 1. &c.

Foi admiravel ſua abſtinencia, ibid. 2.

Era notavel a alegria, com que a fazia, 687. 3.

Sendo ſuas penitencias mui rigoroſas, tinha em nada ſuas penitencias, ibid. 4.

Amava muito a obediencia, e eſtranhava ſobre tudo a vontade propria, 688. 1.

De ſeu uſo ſó tinha cilicios, e diſciplinas, ibid.

Da caſtidade foi perfeitiſſimo exemplo, 689. 3.

A ſua manſidão era de cordeiro, ibid. 4.

Em todos os trabalhos moſtrou huma eſtremada paciencia, 690. 5.

Em ambas as orações foi perfeito, 691. 6.

Com lagrymas rezava o Officio Divino, ibid.

A mental continuava com fervor, 691. 7.

Todas eſtas virtudes coroou com a caridade, 692. 1. &c.

Foi perfeito em outras muitas, ibid. 2. &c.

Paſſou por todos os officios da Provincia com maravilhoſa ſatisfação, 695. 1. &c.

Por mais cançado, ou molhado que chegaſſe, ſendo Vigario Provincial, nunca deixava de ir a Matinas, 696. 4.

Referem-ſe alguns milagres, que obrou em vida, 698. 1. &c.

Em toda a ſua vida, nem ainda por penſamento maculou a virtude da caſtidade, 702.

Maravilhoſas circumſtancias de ſua morte, ibid. 4. &c.

Succeſſos milagroſos depois della, 705. 1. &c.

Fr. Franciſco da Gata, com hum milagre o chamou Deos à Religião, 361. 1.

Depois que foi Religioſo, nunca mais tornou à ſua terra, 362. 2.

Em quarenta annos, que viveo neſta Provincia, não comeo carne, nem peixe, ou bebeo vinho, ibid.

Em a tijela de caldo, que algumas vezes tomava, lançava loſna, ou cinza, ibid.

Foi eſpantoſa a penitencia, que fazia, e rigor, com que ſe tratava, 363. 4.

Mettião horror os cilicios, de que uſava, ibid.

Sentia cordealmente ver a Deos offendido, 364. 5.

No exercicio da oração era continuo, 365. 1.

Em o Boſque, eſtando em oração, vinhão os paſſarinhos pôr-

pôr-se-lhe sobre a cabeça, hombros, e braços, 366. 2.

Logrou nella prodigiosos extases, e raptos, ibid. 2. 3.

Alcançou no mesmo exercicio muitos mimos, e favores de Deos, ibid. 3. 4.

Sentido de sua perfeição o demonio lhe fazia muitas zombarias, 367. 4. 5.

De todas se livrou sua singeleza, intimando-lhe huma obediencia do Guardião, ibid.

Em muitos casos mostrou o espirito de profecia, que Deos lhe tinha communicado, 368. 1. &c.

Profetizou a tomada de Tunes, 371. 5.

Teve luz do estado interior, em que cada hum andava, 372. 6.

Repentinamente deo a huma enferma saude, 373. 2.

Em signal de sua pureza despedia seu habito extraordinaria fragrancia, 374. 3.

Teve revelação de sua morte, ibid.

Depois de morto lançava seu corpo suavissimo cheiro, ibid. 4.

Foi sepultado no Convento do Bosque, 374. 4.

Da sepultura faltárão seus ossos, sem se saber quem os tirou della, 375.

Obrou Deos por elle muitos milagres, 377. 1. &c.

Fr. Francisco de Thomar, logo em seus principios teve com o demonio guerra descuberta, 438. 1.

Sendo noviço, procurou o tentador que deixasse o habito, ibid. 2.

Ao mandamento do servo de Deos ficou o demonio prezo, 439. 3.

Varios combates, que com elle teve, 440. 4. &c.

Anima a hum Religioso contra as tentações do demonio, ibid. 5.

Acode a outro, a quem o mesmo inimigo maltratava com pancadas, 441. 6.

Em o Convento de Lagos põe termo à sua vida, ibid.

Fr. Francisco da Villa do Conde, foi Prégador mui zeloso da salvação das almas, 517. 3.

Foi tão mortificado, que nem ainda de agua satisfez a sede, ibid.

Teve grande devoção à Senhora, ibid. 4.

Foi-lhe revelada sua morte, 518. 5.

Notaveis circumstancias a acompanhárão, 519. 6. 7.

Fr. Francisco de Lagarinhos, foi de conversação Angelica, e simplicidade columbina, 541. 2.

Disciplinava-se rigorosamente, 542.

Quando os Prelados, por ser já velho, lhe tomavão as disciplinas, açoutava-se com varas, ibid.

Da continuação della trazia o corpo feito huma chaga viva, ibid.

Teve eſpirito de profecia, 542. 3.

Maravilhoſos effeitos de ſua oração, 543. 4.

As alfaias, de que uſava, repartírão entre ſi por Reliquias os Frades depois de ſua morte, ibid.

S. Franciſco de Barcellos, quando fundámos eſte Convento, 742. 6.

Occaſião, que para iſſo houve, ibid.

Fr. Franciſco da Bagoeira, em noviço moſtrou logo que havia de ſer perfeito, 743. 1.

Foi de eſtremada caridade, ibid. 2.

Sua penitencia era rigoroſa, 744. 3.

A oração fervoroſa, e continua, 745. 4.

Della ſahia com roſtro reſplandecente, ibid.

Sete annos depois de ſua morte foi achado ſeu corpo incorrupto, ibid.

Fr. Franciſco de Braga, foi de mui perfeita vida, 747. 3.

Profunda humildade, com que recebeo o Viatico na ultima doença, ibid.

Tendo-ſe por indigno de ſepultura Eccleſiaſtica, pedio ao Guardião o mandaſſe ſepultar em hum muladar, ibid.

Fr. Franciſco da Idanha, huma voz milagroſamente articulada o chamou à Religião, 805. 1.

Aſpirou com muito cuidado às virtudes, 806. 2.

Notavel exemplo de ſua humildade ſendo Prelado, ibid.

Continuava a oração com grande doçura de eſpirito, 807. 5.

Deſabafava com gemidos, e gritos a chamma do amor de Deos, ibid.

Milagroſamente o provêo Deos em huma jornada, ibid. 4.

Teve dom de profecia, ib. 5.

Gaſtado o corpo com penitencias, paſſou o eſpirito a lograr o premio dellas, 808. 6.

S. Fructuoſo de Braga, he Convento mui devoto, 229. 2.

De que Ordem foſſe o Santo, 229. 3. 4.

Foi Biſpo de Dume, e depois Arcebiſpo de Braga, 230. 5.

Fundou eſte Convento ſendo Arcebiſpo, ibid. 5.

Quando o fundava lhe foi revelado o tempo de ſua morte, 231. 6.

Para eſperar a hora deſta ſe mandou levar à Igreja do Convento, ibid.

Nella tem ſua ſepultura, ib.

Prova-ſe ſer S. Fructuoſo Fundador deſte Convento, ib. 7.

A ſua Igreja foi obra dos Romanos, 232. 1.

Moſ-

Mostra-se isto com muitas razões, 233. 2. &c.
Foi dedicada a Esculapio, 234. 4. &c.
Varias fortunas, que correo ao Convento, 238. 1. 2.
Como, e para onde foi levado o corpo de S. Fructuoso, 239. 2.
Ficou porèm na Igreja huma formosa Reliquia, 240. 3.
Quem, e quando nos fundou alli Convento, ibid. 4. 5.
Muitas, e diversas Reliquias que ha nelle, 243. 7.
Casos differentes, que acontecêrão nesta Casa a dous noviços, 244. 1. &c.
Confessa o demonio que os Religiosos de S. Fructuoso lhe fazem guerra com as Matinas, 247. 6.
Remunera Deos com hum milagre a paciencia de hum noviço, ibid. 5.

G

FR. Gaspar de Braga, recebia de Deos muitos mimos no exercicio da oração, 529. 4.
Nella gastava grande parte do dia, e da noite, ibid.
A força do espirito o fazia romper em gritos, ibid.
Com difficuldade podia acabar o sacrificio da Missa, ibid.
Fr. Gaspar da Condexa, nenhuma occupação, fóra de doença, lhe impedia o celebrar todos os dias, 565. 3.
Era notavel a preparação, com que se dispunha, ibid.
Teve graça particular para converter os penitentes, ibid.
Foi-lhe revelada sua morte, ibid.
Na maior fragoa de suas dores entoava louvores Divinos, ibid.
Fr. Gaspar do Porto, dos Claustraes passou à nossa Provincia, 584. 3.
Era notavel sua singeleza, ibid.
Nunca sahio de sua boca palavra ociosa, ibid.
Quando não podia remediar as necessidades dos proximos, tornava-se às lagrymas, ibid.
Com estas alcançou do Prelado o permittisse ministrar aos feridos de peste, 585. 4.
Neste exercicio morreo, ib.
Fr. Gaspar de Castello-Mendo, esmerou-se muito na mortificação, e penitencia, 799. 3.
Na oração foi achado muitas vezes sem sentidos, 800. 4.
Fr. Gaspar de Arrifana, foi de natural candido, e singelo, ibid. 5.
Pintou-se com admiraveis virtudes, ibid.
Maravilhoso caso, que lhe succedeo em huma jornada, 801. 6.
Teve prodigiosa morte, ib. 7.
Goa, quando foi erigido seu Bispado, 397. 7.

Quem

Quem foi ſeu primeiro Biſpo, ibid.

O primeiro, que teve de propriedade, foi filho deſta Provincia, 399. 2.

Fr. Gonſalo de Guimarães, continuava muito a oração, e vigilias, 751. 1.

Teve dom de lagrymas, ib.

Foi grande ſua abſtinencia, 752. 2.

Levava as muitas tribulações, que teve, com maravilhoſo ſoffrimento, ibid.

Depois de morto ficou ſeu roſtro com notavel formoſura, ibid.

Applicadas ſuas Reliquias a hum menino moribundo, foi logo são, ibid.

Goſtos, no mundo pouco duraveis, 99. 1.

Trazem apenſionado o ſerem vigilias de triſtezas, ibid.

Fr. Gil de Alvito, foi Religioſo mui perfeito, 431. 5.

Por ſe entregar de todo a Deos, não quiz aceitar algum officio, ibid.

Fr. Gregorio de Viſeu, foi de ſingular ſingeleza, 413. 1.

Paſſou à India, e porque occaſião, ibid.

Foi grande ſua humildade, 414. 2.

Galantes exemplos de ſua ſimplicidade ſanta, ibid. 3. &c.

Não movia com eſta a zombaria, mas a edificação, 415. 4.

Por onde paſſava deixava regos de ſangue das diſciplinas, que fazia, 416. 2.

Sendo tão ſimples, alcançava os apices de ſua obrigação, e regra, 416. 6.

Foi mui venerado na morte, 417. 7.

H

HEnrique de Souſa Conde de Miranda, foi particular devoto noſſo, 255. 3. 4.

Hercules Libyco, fundou no ſacro Promontorio hum templo, 185. 5.

Nelle foi ſepultado, ibid.

Humildade, he mui agradavel a Deos, 6. 3.

He virtude de Principes, 30. 4.

I

DOm Jaime Duque de Bragança toma os Capuchos à ſua conta, 27. 1. &c.

Funda-lhes o primeiro Convento em Villa-Viçoſa, 29. 1. &c.

Neſte acompanhava aos Frades nas penitencias, e officios de humildade, 30. 4.

Aſſiſtia com os enfermos a Matinas, ibid.

Intenta ſer Religioſo entre nós, 31. 6.

Como o impedio ElRei Dom Manoel ſeu tio, 32. 1. &c.

Foi

Foi jurado Principe herdeiro deste Reino. 144. 1.
Sua benevolencia, e outras virtudes pessoaes, 145. 2.
Teve grande affeição aos virtuosos, ibid. 3.
Foi revelado ao Veneravel servo de Deos Fr. Francisco da Gata, que na outra vida lhe aproveitára muito fazer esmolas, e guardar justiça, 370. 4.
O Bom Jesus do Monte em Barcellos, he Convento mui devoto, e accommodado à contemplação, 169. 1.
Em seu sitio habitárão primeiro dous Ermitães pobres da vida pobre, ibid. 1. 2. 3.
Depois fundárão alli os Padres Claustraes hum Oratorio, 170. 4. 5.
Destes o aceitárão nossos Frades, 171. 6.
Depois de alguns annos o reduzírão a fórma de Convento, ibid. 7.
Fizerão o gasto a Villa de Barcellos, e lugares vizinhos, 172. 8.
Tem-lhe estes notavel devoção, 175. 9.
Provê Deos milagrosamente muitas vezes os Religiosos deste Convento, 173. 2. 3. 5. 7.
O Bom Jesus de Val-verde, quem nos fundou este Convento, 340. 2.
Quando se lhe deo principio, ibid.
He sua Igreja huma maravilha, ibid.
Como a tal quiz ver Filippe II. entrando neste Reino, 439. 3.
Della, e de todo o Convento, mandou tirar huma planta, ibid.
Neste Convento tratava aos Frades com muita familiaridade o Cardeal Infante, ibid.
Não consentia que os seus moços Fidalgos entrassem no interior delle, ibid.
Tem muito cuidado do sustento dos Religiosos, que ahi habitão, os Senhores Arcebispos de Evora, ibid. 4.
No tempo do Senhor Dom Alexandre o deixámos, e porque razão, ibid.
Sentem os de Evora esta ausencia, ibid.
Accrescenta-lhe a saudade de nossos Frades hum prodigio repetido no Convento, 342. 5.
Chamados do Arcebispo D. Diogo de Sousa, primeiro do nome, tornámos a habitallo, ibid.
Fr. Jeronymo do Sardoal, foi dotado de muitas virtudes, 758. 7.
Passou às Ilhas dos Assores, onde morreo santamente, ibid.
D. João III. Rei, teve-nos particular devoção, 410. 1.
Fez huma grande esmola para a fundação do Convento do Seixo, 261. 5.

Fo-

Fomentou com outra a fundação de Estremoz, 314. 3.

Quiz que em Faro tivessemos cuidado das Capuchas, 329. 1.

D. João IV. Rei, foi singular a devoção, que nos teve, 669. 5. 673. 1.

Aos Religiosos da Piedade chamava os seus Frades, 740. 3.

Levou o nosso habito à sepultura, 766. 3.

D. João primeiro Duque de Bragança, nasceo por hum voto feito a nosso Padre S. Francisco, 355. 1.

Fr. João de Guadalupe, intenta fundar huma reformação na Ordem, 4. 6.

Com jejuns, e penitencias procura saber nesta materia a vontade de Deos, ibid.

Antes de lhe dar principio se ensaia para os trabalhos, que prevê se lhe hão de offerecer, 5. 1. &c.

Singulares acções de desprezo proprio, que a este fim fazia, 6. 2.

Determina principialla em Granada, e com este intento passa a este Reino, 11. 1. &c.

Não tem effeito, e porque, 3. 6. &c.

Primeira opposição, que teve voltando de Granada, 15. 1. &c.

Como se ajuntou com Frei Pedro de Melgar, para darem principio à Reformação, 22. 6. &c.

Qual foi a primeira Casa, que edificárão, 25. 5. 6.

Em que anno morreo, 72. 6. &c.

Resumem-se suas virtudes, 150. 1. &c.

Fr. João da Veiga, porque occasião passou à nova Hespanha, 309. 1.

Foi singular Prégador de seu tempo, 310. 2.

Teve grande caridade, particularmente para com os enfermos, ibid. 3.

Assignalou-se muito na mortificação, e desprezo de si mesmo, ibid.

Não poz menos cuidado na paciencia, 310. 4.

Notavel consideração, que fazia sua humildade, 311. 5.

Em huma enfermidade o visita a Senhora, e lhe dá saude, 312. 6.

Acabou a vida com o Cantico de Simeão na boca, 312. 8.

Fr. João de Attaíde, Religioso da Provincia de Portugal, morou no Convento da Piedade, 149. 5.

Nelle morreo, ibid.

Foi trasladado para o de São Bernardino de Atouguia, 150. 6.

A terra de sua sepultura fazia milagres, ibid.

Fr.

Fr. João de Zuaco, foi filho da Provincia da Conceição em Castella, 286. 2.

Discorreo por muitas Provincias reformadas, ibid. 3.

Em a nossa da Piedade viveo sete annos, ibid.

Passou à Cidade santa a visitar os Lugares Sagrados, ibid.

No Cairo do Egypto prégou a Fé aos Mouros, 286. 4.

Dous dias inteiros esteve no patibulo prégando, ibid. 5.

Depois de degolado, a cabeça, apartada do corpo, esteve prégando todo hum dia, ibid.

Venera-se esta em Veneza, e obra Deos por ella muitos milagres, ibid.

Fr. João Pascoal, foi hum dos primeiros Religiosos da nossa Provincia, 385. 2.

Tomou o habito em o Convento da Piedade, ibid.

Desta sahio com Fr. Anjo para a de S. Gabriel em Castella, ibid.

Passou a fundar a Provincia de S. José no mesmo Reino, ibid.

Continuava muito a oração, 388. 6.

Quando entrava nos povos buscava logo os Hospitaes para servir os enfermos, ibid.

Nem ainda estando doente tirou o cilicio, 389. 7.

Beijava os pés a quem o injuriava, ibid.

Converteo a hum Prelado com huma acção semelhante, ibid. 8.

Notavel exemplo de sua honestidade, ibid. 8.

Morreo santamente na Arrifana, Villa de Portugal, 390. 9.

D. Fr. João de Albuquerque, foi duas vezes Provincial, 398. 1.

Foi o primeiro Bispo de propriedade, que passou à India, 399. 2.

Quando chegou a Goa, ib.

Entendeo logo na reforma dos Portuguezes, ibid. 3.

Forão muitos os Gentios, que converteo, ibid. 3.

Teve particular amizade com o Santo Xavier, ibid. 4.

Governou santamente seu Bispado, 402. 7.

Não quiz deixar suas ovelhas, ibid.

Entre ellas morreo, ibid.

Onde tem sua sepultura, ibid.

Fr. João de Semeice, deo testemunho de sua virtude o Bispo eleito de Cochim Fr. Antonio de Serpa, 715. 1.

Sua creação em o mundo, ibid. &c.

Não lhe pudérão impedir os pais a resolução, que tomou, de ser Religioso, 717. 3.

Logo em noviço deo grande exemplo de penitencia, ibid. 4.

Era tão humilde, que nunca quiz aceitar officio algum de honra, 718. 1. &c.

Todo o ſeu cuidado poz em adquirir as virtudes, 720. 3.

A ſua abſtinencia parecia exceſſo, ibid.

Reſplandeceo no amor de Deos, e do proximo, 721. 1. &c.

Qualquer miſeria alheia lhe raſgava o coração, 722. 2.

Terniſſimamente ſe condoía dos pobres, ibid.

Na oração era tão continuo, que parecia andar ſempre abſorto, ibid. 3.

Teve ſingular devoção com a Senhora Mãi de Deos, 723. 4.

Foi tão amigo do ſilencio, que muitas vezes ſe explicava por acenos, 724. 5.

Era notavel o recato, com que encubria o que alcançava na oração, ibid.

Extraordinario deſapego, com que tratava todo o temporal, 725. 6. &c.

Na pontualidade, com que obſervava os trez votos, foi raro exemplo a todos, 726. 1. &c.

Nas grandes adverſidades, que teve, moſtrou ſempre huma paciencia invencivel, 731. 1. &c.

Quando adoecia, todo entregue à Divina providencia, não queria admittir medicinas, 732. 3.

Muitas vezes apparecia no Coro, quando o preſumião mais doente, ibid. 4.

Teve revelação de ſua morte, 734. 6.

Onze annos depois de ſepultado achárão ſeu corpo inteiro, ibid.

Fr. João de Barcellos, foi Varão mui ſincero, ſimples, e devoto, 737. 5.

Amava muito a ſoledade, 738. 6.

Aos Sacerdotes chamava ſeus Senhores, ibid.

Reluzia nelle huma humildade profunda, ibid.

Foi muito penitente, 739. 7.

Crê-ſe que teve revelação de ſua morte, ibid.

Fr. João de Atouguia, jà no eſtado de ſecular ſervia a todos de exemplo, 793. 1.

Ainda naquelle eſtado era muito amante da pureza, ibid.

Na Religião creſceo em primoroſas virtudes, ibid. 2.

Os ſeus jejuns erão continuos, 794. 3.

Fr. João de Merida, foi nelle como natural a propensão à virtude, 803. 2.

Ornou-ſe de huma profunda humildade, ibid. 3.

Era tão candido, que nenhuma couſa, que viſſe lhe parecia mal, ibid.

Aſſiſtia com tanto eſpirito ao ſacrificio da Miſſa, que ordi-

dinariamente ficava suspenso, 804. 4.

Communicou-lhe o Altissimo o dom de profecia, ibid. 5.

Com notavel socego acabou a vida, tendo-se visto pouco antes inquieto, ibid.

Fr. João de Estremoz, entre muitas virtudes teve em subido grão a da paciencia, 829. 3.

Depois de sua morte foi achado inteiro, ibid. 4.

Abrio-se segunda vez sua sepultura, ibid.

Inquisidor, o primeiro dos Geraes, que teve Portugal, foi filho da Provincia da Piedade, 337. 4. 5.

O Cardeal D. Jorge da Costa, quem foi, e porque se ausentou de Portugal, 62. 6.

Favoreceo em Roma aos Capuchos, ibid.

Fr. Jorge de Borba, entre outras virtudes, que teve, deo subido lugar à penitencia, 581. 3.

Foi-lhe revelada sua morte, ibid.

Juramento falso, por hum foi condenada huma alma ao Inferno, 530. 6.

L

Loios, vide Villar de Frades.

Fr. Luiz do Torrão, poz o sello a suas muitas virtudes com a da caridade, que o levou a servir aos apestados, 524. 6.

Antes de sahir a este ministerio, signalou sepultura, que pedio ao Guardião, ibid.

Nelle acabou a vida, ibid.

Fr. Luiz de Sousa, foi Prégador de grande espirito, 763. 7.

Entregava-se muito à oração, ibid.

Para tirar o gosto ao que comia, lhe misturava cinza, ibid.

M

Malaca, povoão nossos Frades, e acabão nesta Cidade hum Convento, 417. 1. &c.

Sahem delle em Missão, de que colhem copioso fruto, 420. 1. &c.

Quem forão estes Missionarios, ibid. 1.

Porque Lugares discorrêrão, 421. 2.

Foi grande meio para a conversão, que fizerão de muitos, o desinteresse, com que se portavão, ibid.

Forão notaveis as conversões, que fizerão, 422. 3.

Fr. Manoel de Estremoz, foi incontrastavel sua paciencia, 381. 2.

Teve revelação do dia, e hora de sua morte, ibid. 2.

Morreo em hum sabbado depois de lhe rezarem a *Magnificat* da Senhora, de quem foi especial devoto, ibid.

Tem sua sepultura no Convento de S. Francisco de Evora, ibid.

Fr. Manoel de Guimarães, era sua penitencia mais para o espanto, que para o exemplo, 666. 2.

Foi de maravilhosa paciencia, ibid.

Ornou-se de muitas outras virtudes, e acabou santamente, ibid.

Fr. Manoel do Beco, logo na mocidade seguio o caminho da virtude, 712. 1.

Gastava noites inteiras no exercicio da santa oração, ibid.

Foi-lhe revelada sua morte, 713. 2.

Teve esta suavissima, ibid.

Fr. Manoel de Salvaterra, foi dado a seus pais por intercessão da Virgem nossa Senhora, 760. 2.

Contra vontade delles tomou o habito em a nossa Provincia, ibid.

Exercitou-se em muitas virtudes, ibid.

Predisse sua morte, ibid.

Maravilhosas circumstancias della, 761. 3. 4.

Fr. Manoel de Aveiro, foi Religioso mui devoto, e contemplativo, 525. 1.

Obrigado da caridade sahio diversas vezes a servir na peste, ibid. 2.

Neste ministerio acabou a vida, 526. 3.

Despedindo-se dos Frades, lhes declarou que hia a morrer, ibid.

Da cabana, onde morreo, e de sua sepultura, sahia extraordinaria fragrancia, ibid.

Por ella foi dar com a sepultura huma enferma, e cobrou saude, 527. 4.

Fr. Manoel de Castro-Verde, foi dotado de singulares virtudes, 575. 3.

Faz-se memoria de algumas, ibid.

Trez dias antes de sua morte signalou o tempo preciso della, ibid.

Fr. Marcos de Portalegre, sendo simples, alcançou muito nas materias de espirito, 455. 4.

Toda a sua vida foi hum continuo acto de penitencia, ibid.

Foi muitas vezes achado em extase diante do tabernaculo do Santissimo Sacramento, ibid.

Na oração recebeo muitos mimos de nosso Padre S. Francisco, ibid.

Referem-se alguns, 456. 5. 6.

Foi-lhe muitos annos antes revelado, que a sua morte havia de ser na hora da Ascensão, 457. 7.

Por esta razão repetia continuamente a Antifona, que canta a Igreja naquella hora, ibid.

O Ar-

O Arcebispo D. Theodosio de Bragança lhe levou parte de suas sandalias por Reliquias, ibid.

O Santo Fr. Martinho de Valença, na Piedade de Villa-Viçosa se exercitou nas virtudes, com que depois alumiou o novo mundo, 287. 1.

Desde menino foi à virtude inclinado, ibid.

Tomou o habito de nosso Padre na Provincia de Sant-Iago, ibid.

Presentindo o demonio sua futura santidade, o perseguia em noviço importunamente, 288. 2.

A fama de santidade, com que florecia a nossa Provincia, o trouxe a ella em seus principios, ibid. 2. 3.

Obrigado dos rogos do Mestre, que lhe lançou o habito, voltou para Castella, 289. 4.

Foi Varão de notavel santidade, e rara humildade, notavel desprezo do mundo, ibid. 1. &c.

Erão muitas, e rigorosas suas penitencias, 292. 1. &c.

Temperava com cinza o comer, que havia de tomar, ibid. 1.

Nunca quiz admittir Medico em suas enfermidades, ib. 2.

Com capa de virtude o tentava o demonio, 293. 3. &c.

Continuava muito a oração, 295. 1. 2.

Neste exercicio o certificárão de sua salvação nosso Padre S. Francisco, e Santo Antonio, ibid. 2.

Teve nella maravilhosos extases, 296. 3. &c.

Em muitas, e diversas visões lhe mostrou Deos os Gentios, que por seu meio se havião de converter, 297. 1. &c.

Passa ao novo mundo à conversão do Gentio, 300. 7.

Copioso fruto, que colheo, 301. 1. &c.

Padecem martyrio dous meninos discipulos do Santo Frei Martinho, 303. 4. &c.

Maravilhosa morte do Santo Fr. Martinho, 306. 1. &c.

Ainda depois della mostrou sua humildade, 307. 3.

Obrou Deos por seu servo muitos milagres, 308. 5.

Fr. Martinho de Portalegre, vigiava muito na oração, 564. 2.

Foi mui penitente, e caritativo, ibid

Por mais compridas que fossem as jornadas, sempre andou descalço, ibid.

Martyres de Marrocos, devoção, que lhes tem os moradores de Chaves, 162. 4.

Alguns milagres, que Deos obrou em seus devotos, ibid.

Matinas à meia noite, com ellas se tem reduzido muitos peccadores, 328. 7.

Fazem guerra ao Inferno, 247. 6.

Fr. Mattheus de Trotusando, foi Varão de admiravel santidade, 553. 1.
Já quando veio à Religião trazia nome de Santo, ibid.
Era de profunda humildade, ibid. 2.
Notavel exemplo de sua pureza, 555. 3.
Pelo valor, com que resistio a huma tentação sensual, lhe concedeo o Senhor não ser tentado mais nesta materia, ibid.
Dava-se continuamente à oração, ibid. 4.
Na pobreza servia aos mais de espelho, ibid.
Deo testemunho de sua santidade D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, 556. 5.
Maravilhoso caso, que lhe aconteceo com elle, 557. 6.
Alguns annos depois de sua morte se achou seu corpo incorrupto, ibid. 6.
Fr. Mattheus de Ferreira, assim resplandeceo em cada huma das virtudes, como se não tivera outra, 582. 5.
Mundo, não durão nelle os gostos mais de hum dia, 99. 1.
Seus bens são como os peixes de huma fonte, de que escreve Plinio, 558. 3.

N

NOssa Senhora dos Anjos em Azurára, não ha memoria certa da fundação deste Convento, 225. 1.
De quem o recebemos, 226. 3.
Foi depois reedificado, e reduzido à pobreza Capucha, ibid.
Está em sitio mui alegre, e sádio, 229. 3.
He mui accommodado para a contemplação, ibid. 4.
Nossa Senhora da Annunciada, para a fundação deste Convento deo huma nobre matrona huma quinta, 279. 1.
Fez della doação a ElRei D. João III. para da sua mão a recebermos, ibid. 2.
Da fórma das palavras, com que o Rei doou esta Casa, se levanta entre os Frades escrupulo, e como se remediou, 280. 3.
Procura o povo levar-nos para mais perto, e acha resistencia em os Frades, ibid. 4.
Obrigados depois da necessidade, mudámos de sitio, 281. 5.
Em o primeiro Convento declara ao Guardião hum defunto sua ultima vontade àcerca de hum testamento, sobre que pleiteavão os parentes, ibid. 6.
Nossa Senhora da Assumpção da Vidigueira, em que sitio fundámos este Convento, 344. 1.
Experimentámos sempre singular devoção em os Condes, e Senhores desta Villa, 345. 2.

Tem este Convento muitas, e notaveis Reliquias, ibid. 3.
Foi prodigiosa sua invenção, 346. 4. &c.
Tem Deos obrado por ellas muitos milagres, 348. 7.
Nossa Senhora da Caridade do Sardoal, porque occasião se fundou este Convento, 457. 1.
Edificou-se em huma Ermida, que lhe deo o nome, ib. 2.
Qual seja seu sitio, ibid.
Foi fundado com esmolas do povo, 458. 3.
Aventajou-se muito nellas D. Duarte de Almeida Conde de Abrantes, ibid.
Refere-se hum milagre em favor da esmola, 459 4.
Nossa Senhora da Esperança de Villa-nova, aceitámos este Convento pelo de Faro, que deixámos, 329. 1.
Quem deo o sitio, ibid. 2.
Para quem o fundava, ibid.
Quem he o Padroeiro da Capella Mór, 330. 3.
O que dispoz a Padroeira àcerca delle, ibid.
Do Convento são Padroeiros os Condes de Villa-nova, ibid. 4.
A vizinhança do Rio faz o sitio mui aprazivel, 331. 5. 6.
Nossa Senhora do Paraiso, em Silves, em que sitio fundámos este Convento, 208. 2.
A occasião, por que o deixámos, ibid. 3. 4.
Hoje o habitão os Padres Terceiros, ibid.
Provê Deos milagrosamente a Communidade quando ahi viviamos, 210. 1. 2. 3.
Raro prodigio de hum Religioso, que estava em oração, 211. 4. 5.
Nossa Senhora da Piedade de Villa-Viçosa, foi o pimeiro Convento, que fundámos no Reino, 29. 1.
Achámos jà ahi huma Ermida da Senhora, 30. 2.
Ficou o edificio hum retrato da pobreza, ibid. 3.
Quanta esta fosse se vê no que fez de custo, ibid.
Descreve-se o sitio, onde tivemos este primeiro Convento, 139. 1. &c.
Ampliou-se sua cerca, 142. 1. &c.
Experimentou esta Casa varias mudanças, 143. 5.
Para onde fizemos a primeira, 353. 3.
Segunda vez o mudámos a outro sitio 615. 1. &c.
Quando se lançou nelle a primeira pedra, 616. 2.
Nossa Senhora da Piedade em Cabo-Verde, dá-se noticia destas Ilhas, 765. 1.
Quando entrou nellas a prégação do Euangelho, ibid. 2.
Porque occasião fundámos na de Sant-Iago Convento, 766. 3.
Necessitavão muito delle os moradores das Ilhas, 767. 5.
O mui-

O muito, que lhes aproveitou a noſſa aſſiſtencia, 768. 6.

Em que ſitio ſe fundou o Convento, ibid.

Do que obrárão os Religioſos delle na primeira Miſsão, que fizerão à terra firme de Guiné, 769. 1. &c.

Entrão ſegunda vez na meſma terra, e he maravilhoſo o fruto, que colhem, 773. 1. &c.

Noſſa Senhora do Seixo, foi eſte o primeiro Convento, que tivemos na Beira, 259. 1.

Era celebre o ſitio jà antes de termos alli Convento, ibid.

Por quem ſe diligenciou a fundação, ibid. 2.

Quando ſe deo principio ás obras, 261. 4.

Quem concorreo para ellas, ibid. 5.

Foi mudado para outro ſitio ibid.

Maravilhoſa converſão de huma peccadora por interceſsão da Senhora do Seixo, 262. 1. &c.

Dá falla a hum mudo a meſma Senhora, 264. 3.

Noſſa Senhora da Conſolação do Boſque de Borba, quando foi fundado eſte devoto, e religioſo Convento, 176. 1.

Era antes Boſque, onde ſe hia recrear o Duque D. Jaime, ibid.

Deſcreve-ſe diffuſamente ſua matta, e freſcura, 177. 3. &c.

Sendo tão eſpeſſo, não cria em ſi bicho algum peçonhento, ibid. 4.

Pelo damno, que os coelhos lhe fazião na horta, os deſterrou dalli a oração de hum Religioſo leigo, ibid.

Tem muitas, e devótas Ermidas em ſua cerca, 179. 8.

He o Relicario da Provincia, pelos muitos Religioſos de virtude, que ahi eſtão enterrados, 180. 9.

Particular devoção, que lhe tinhão os Duques de Bragança, ibid.

Ameaçando ruina, foi reedificado no meſmo ſitio, 181. 1.

Ouvírão-ſe nelle os Anjos cantar Matinas à meia noite, ibid. 2.

Com hum inſtrumento muſico regalou Deos a hum Religioſo, que andava triſte, 182. 3.

Reedifica-ſe ſegunda vez o Convento, 181. 1.

Fr. Nicoláo de Villa-Cova, aſſignalou-ſe muito na innocencia da vida, 754. 4.

Fr. Nicoláo Pobreza, Religioſo Terceiro, tem ſua ſepultura em o noſſo Convento de Villa-nova, 332. 7.

Foi Religioſo de muita caridade, e de outras virtudes, ibid.

O

OBservantes, foráo chamados Frades das Ermidas, e porque, 4. 5.
Onde, e por quem lhes foi estabelecido o nome de Observantes, ibid.

P

FR. Paulino de Villa-Viçosa, em toda a sua vida nunca comeo carne, nem peixe, 550. 1.
O mesmo estylo observava quando doente, ibid.
No sacrificio da Missa eráo tantas as lagrymas, que derramava, que deixava sinal dellas nas toalhas do Altar, 551. 2.
Não podendo soffrer a força de espirito, com que o Senhor o visitava, rompia em gritos, ibid. 3.
Amava muito a soledade, e retiro, 552. 4.
O zelo da salvação das almas o levou à India, 553. 5.
Depois de alguns annos voltou para a Provincia, onde morreo com fama de santidade, ibid.
D. Pedro II. Rei, e Senhor, que Deos guarde, consignou esmola ordinaria ao Convento de S. Vicente do Cabo, 201. 6.
Fr. Pedro de Melgar, hum de nossos primeiros Fundadores, e o que mais trabalhou em a fundação da Provincia, 153. 1.
Inclinou-se em sua primeira idade ao exercicio das armas, ibid. 2.
Caso maravilhoso, que lhe succedeo em Portugal estando prezo, 154. 3.
Suas admiraveis virtudes, ibid. 3. &c.
Os muitos trabalhos, que padeceo em fundar esta Provincia, por todo o primeiro Livro.
Morreo em o Convento do Bosque, 157. 9.
A terra de sua sepultura dava saude a enfermos, ibid.
Fr. Pedro de Setuval, em suas palavras representava o estado da innocencia, 566. 5.
O mais do tempo gastava em oração, 567. 6.
Sahia-lhe ao rostro o fogo do amor de Deos, que em seu peito ardia, ibid.
Maravilhoso caso, que lhe succedeo com hum noviço, 567. 7.
Foi exemplar de Prelados, e modelo de subditos, 568. 8.
Fr. Pedro de Lordello, procurou com todo o cuidado esmerar-se em todo o genero de virtude, 674. 3.
Teve inexplicavel devoção com a Senhora Mãi de Deos, ibid.
Era estremado o rigor, com que se tratava a si, e incrivel a ca-

a caridade, com que assistia aos outros, ibid. 4.
Na oração lhe revelava Deos muitas cousas, 675. 5.
Por virtude Divina foi levado a soccorrer hum afflicto, ibid.
Foi dotado de profunda humildade, 676. 7.
Acabou santamente em Braga, ibid.
Fr. Pedro do Rosmaninhal, floreceo em muitas, e signaladas virtudes, 753. 3.
Fr. Pedro de Coimbra, seguio na mocidade as armas, 382. 4.
Deixou o mundo, e tomou o habito nesta Provincia, ibid.
Foi de admiravel pureza, ib.
Teve revelação de sua morte, 383. 5.
Depois della appareceo a huma pessoa virtuosa, solicitando suas orações, ibid. 6.
Declarou-lhe que pela aspereza, com que reprehendia aos Religiosos por qualquer defeito, padecêra no Purgatorio terriveis penas, ibid.
Purificado nestas passou à Gloria, ibid.
Fr. Pedro de Abrantes, foi Religioso verdadeiramente humilde, 537. 1.
Era notavel sua mortificação, e penitencia, ibid. 2.
Sendo Provincial lhe preparou Deos milagrosamente no deserto gazalhado, ibid.
Foi grandemente pobre, ib.
Em o Convento de Thomar tem sua sepultura, ibid.
Fr. Pedro da Guarda, depois de huma vida innocente, teve huma morte maravilhosa, 757. 5. 6.
Fr. Pedro de sima do Douro, teve muitas virtudes em grão subido, 795. 4. &c.
Na oração gastava todos os dias doze horas, ibid.
Ordinariamente, por andar absorto, não respondia a proposito do que se lhe fallava, ibid. 5.
Nunca comeo carne, ou peixe, nem bebeo vinho, ibid.
Foi-lhe revelada sua morte, 797. 8.
As cousas de seu uso, não só em sua morte, mas ainda em vida, erão veneradas por Reliquias, ibid.
Fr. Pedro de Lousa, foi amicissimo da oração, 798. 1.
Ornou-se de outras muitas virtudes, ibid.
Deo milagrosamente saude a huma enferma, ibid. 2.
Peste no Algarve no anno de 1646. ministrárão nella nossos Religiosos, 740. 2. &c.
Quantos morrêrão neste exercicio, ibid.
A morte de huns não esfriava a caridade dos outros, ibid. 3. &c.
Pobres da vida pobre, quem fossem, 169. 2.

Provincia da Piedade, quem forão seus primeiros Fundadores, 2. 3.
Os trabalhos, que padecêrão em sua fundação, por todo o primeiro Livro.
Quando foi instituida Custodia, 107. 5.
Sua erecção em Provincia, 120. 1. &c.
Logra muitas, e notaveis excellencias, 126. 1. &c.
He a primeira entre todas as Capuchas da Ordem, 127. 1. &c.
Descreve-se o sitio, por onde se dilata, 136. 1.
Sello, que tomou, quando foi instituida, 138. 4.
As mais das Capuchas trazem della sua dependencia, e origem, 120. 1. &c.
Religiosos seus ajudárão a fundação da Provincia de São Thomé na India, 395. 4.
O mesmo adjutorio derão tambem à da Madre de Deos nos mesmos Estados.
Quando se dividio della a da Soledade, 811. 3. &c.
Provincia de S. Josê em Castella, foi seu Fundador Fr. João Pascoal, filho da nossa, 385. 2.
O primeiro Prelado, que teve, quando foi Custodia, foi tambem filho da Piedade, ibid.

R

REligião Serafica, representa Deos em huma estatua a nosso Padre S. Francisco seu estado futuro, 1. 1.
Promette-lhe que sempre haveria nella Varões zelosos de sua perfeição, 2. 2.
Em huma peste geral afroxou muito de seu rigor, 4. 4.
Quando entrou neste Reino, 318. 2.
Qual seja o primeiro Convento, que teve nelle, 321. 1. &c.
Fundou-a nosso Padre São Francisco para a conversão das almas, 394. 1.
Fr. Rodrigo de Chaves, foi hum Arquivo de virtudes, 449. 7.
Assentava estas sobre huma profunda humildade, ibid.
Acompanhou ao Duque Dom Jaime na jornada de Azamor, ibid.
Rematou seus dias, ministrando na peste, ibid.

S

SAlcete, dá-se noticia desta Ilha, 411. 3.
Os primeiros Frades, que nella prégárão, forão filhos da Provincia da Piedade, ibid.
A primeira Igreja, que nella houve, foi dedicada a nossa Senhora da Piedade, 412. 5.

ElRei D. Sebaſtião aſſiſtia alguns tempos em o Convento de S. Vicente do Cabo, 200. 3.

Ampliou nelle humas caſas, onde ſe apoſentava, ibid.

Communicava com os Frades familiarmente, ibid.

Segredo, difficultoſamente ſe guarda, 32. 2.

Serra Doſſa, donde tomou o nome, 56. 3.

Nella eſtiverão os noſſos Capuchos alguns dias, ibid. 4.

Foi em todo o tempo a Thebaida de Portugal, 57. 1.

Silves, Cidade no Reino do Algarve, vê-ſe hoje deſtruida, 207. 1.

A cauſa de ſua ruina foi a maldição de hum Santo Biſpo, 208. 2.

Fr. Sebaſtião de Thomar, foi dotado de huma candida ſingeleza, 538. 3.

Depois de Matinas ficava no Coro em oração atè a Prima, ibid.

A ſua maior conſolação era occupar-ſe nos officios mais humildes, ibid.

Raro exemplo de ſeu ſilencio, ibid.

Teve particular devoção à Senhora, ibid.

Maravilhoſas circumſtancias de ſua morte, 539. 5. 6.

Silvas, em quem teve principio eſta illuſtre geração, 333. 1.

Fr. Simão de Aveiro, quem foi no mundo, 447. 3.

Depois de velho tomou o habito para Frade leigo na noſſa Provincia, ibid. 4.

Reſplandeceo em profunda humildade, ibid.

Exercitou-ſe em outras muitas virtudes, 448. 5.

Singeleza, he meio caminho andado para a virtude, 413. 1.

Santa Sita, quando, e de quem recebemos eſte Convento, 69. 1. &c.

Porque razão o deixámos, 527. 5.

T

Dom Theodoſio primeiro, Duque de Bragança, teve-nos particular devoção, 353. 3.

Rezava, e cantava com os Frades no Coro, ibid. 4.

Tomava-lhes os perdões de joelhos, ibid.

Para todos era benigno, e affavel, ibid.

Mudou-nos para outro ſitio o Convento da Piedade, ibid.

Fundou-nos o Convento de Portel, 355. 1. &c.

Reedificou o de Borba, 181. 1.

Achou-o a morte com huma Imagem de noſſo Padre S. Franciſco em os braços, 354. 5.

Fundou o Convento das Chagas em Villa-Viçoſa, ibid. 4.

Inſ-

Inſtituio na meſma Villa a ſua Capella Real, ibid.

Applicou rendas para hum eſtudo de Grammatica, ibid.

Affirmou-ſe que a terra de ſua ſepultura dava ſaude a enfermos, ibid. 5.

D. Theodoſio II, Duque de Bragança, ſingularizou-ſe muito na devoção a eſta Provincia, 546. 3.

He incrivel a benevolencia, com que tratava os Religioſos della, 619. 8.

Prezava-ſe muito deſta devoção, que nos tinha, ibid.

Huma das couſas, que mais encommendou em ſeu teſtamento, foi a Provincia da Piedade, 620. 9.

Notavel prodigio em ſua morte, 621. 11.

Fr. Thomé de Portalegre, foi Prégador de grande zelo, 425. 3.

Entregava-ſe com tanto fervor à oração, que muitas vezes o trazião para a cella ſem ſentidos, ibid.

Entre os noviços, de que era Meſtre, ficava frequentemente abſorto, ibid.

O rigor, com que ſe tratava, lhe tirava a ſaude, 425. 4.

Tem ſua ſepultura no Convento de Portalegre, ibid.

Fr. Thomé de Aveiro, ſua converſação era do Ceo, 713. 3.

Quando comia, tinha ſempre na conſideração o fel, e vinagre, que derão a Chriſto na Cruz, ibid.

Pelo muito que amava a pobreza, lhe chamavão commummente Fr. Thomé Pobre, 726. 4.

Logrou outras muitas virtudes, 714. 5.

S. Thomé, na repartição, que fizerão os Apoſtolos do mundo, coube-lhe a India, 403. 2.

Qual foi a primeira terra, onde prégou, ibid.

Em Meliapor padeceo martyrio, 403. 2.

Notavel profecia, que deixou neſta Cidade, ibid.

Cumprio-ſe eſta com a entrada dos Portuguezes na India, ibid.

Fr. Thomaz de Santarem, foi mui devoto do Santo de ſeu nome, 645. 3.

Naſceo, profeſſou, e morreo no dia deſte Sagrado Doutor, ibid.

Em ſua mocidade ſeguio as armas na India, 646. 4.

A riqueza, que trouxe, foi o deſengano do mundo, ibid.

Tomou o habito em a noſſa Provincia, ibid.

Huma caveira lhe ſervia de eſpelho para compor a vida, ibid.

Milagroſos caſos, que lhe ſuccedêrão, ibid. 5. &c.

Mor-

Morreo com grande opinião de virtuoso, ibid.

V

SÃo Vicente do Cabo, descreve-se o sitio, onde temos Convento, 183. 1.

He maravilhosa a temperança de seus ares, 184. 2.

Tem alli os olhos aprazivel vista, ibid. 3. 4.

Foi sempre este lugar famoso em o mundo, 185. 5.

Edificou nelle hum celebre Templo, em que se mandou sepultar Hercules Libyco, ibid.

Era mui frequentado, e venerado dos Gentios, ibid.

Foi tudo huma sombra de que havia de ser verdadeiramente venerado, como o he agora pelas Reliquias do Martyr São Vicente, 186. 6.

Seu corpo foi trazido pelos Christãos a este sacro Promontorio, 186. 1. &c.

Do sacro Promontorio foi trasladado a Lisboa, 188. 4.

Milagres, que se virão nesta translação, 189. 5.

Em que dia, e anno foi collocado na Sé de Lisboa, ibid. 5.

Mostra-se sua primeira translação de Valença ao sacro Promontorio, 190. 1. &c.

Assistem neste lugar continuamente dous corvos, 191. 3. 4.

Nelle edificou o Infante Dom Pedro huma Ermida, em que recolheo a sepultura do Santo, 194. 1.

Junto della fundou depois D. Fernando Coutinho, Bispo do Algarve, hum Convento aos Padres Jeronymos, ibid. 2.

Pelo deixarem estes, o forão habitar nossos Religiosos, ibid. 2.

Temos neste Convento huma Reliquia do Santo Martyr, ibid. 3. 4.

Vê-se hum continuo milagre na sepultura do glorioso Martyr, ibid. 4.

Varios encontros, que tiverão os Religiosos alli moradores com inimigos, 196. 1. &c.

Desampárão nossos Frades este Convento, e porque causa, 199. 1. &c.

Tornámos a habitallo, 200. 4. 5.

Fr. Vicente de Lagos, foi Religioso mui espiritual, e devoto, 403. 1.

Passou à India com o primeiro Bispo de Goa, ibid.

Em que estado achou os Christãos de S. Thomé, 404. 3.

Reduzio-os ao gremio da Igreja, ibid.

Fundou no Malabar hum Collegio para creação dos meninos, filhos da terra, ibid.

Nelle se agazalhou muitas vezes o Santo Xavier, 405. 4.

Te-

Teve o Santo com Fr. Vicente intima amizade, ibid.
Testemunho, que o Santo Xavier deo delle, e do Collegio, que fundára, ibid.
Aprazivel caso, que succedeo a Fr. Vicente com os meninos, que doutrinava, ibid. 5.
Converte o Rei, e Rainha de Tanor, 406. 1.
Morreo, e foi sepultado no seu Collegio, 410. 7.
Vicente o pobre, sahio do Porto a fazer vida eremitica no monte de Barcellos, 169. 1. 2.
Tem sua sepultura na Igreja do Convento, que depois alli fundámos, 171. 7.
Villar de Frades, foi primeiro Convento de Bentos, 175. 6.
Depois veio a poder dos Padres Loios, que de presente o habitão, ibid.
Experimentamos nestes Padres particular devoção, e em especial os moradores do Convento do Bom Jesus do Monte, ibid. 6. 7.
Virtude, he de si amavel, 10. 5.

X

Xarandilha, Villa em Castella dos Condes de Oropesa, 7. 4.

Z

Zelo, que tinha nosso Padre S. Francisco da salvação das almas, 394. 1.
Obrigado deste discorria por diversos Reinos, ibid.
Neste o imitárão os Religiosos da Piedade, ibid. 2.

F I M.

14 - 184

Fer.

CA751
M294c
1-SIZE

Chle